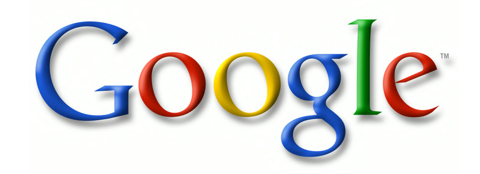
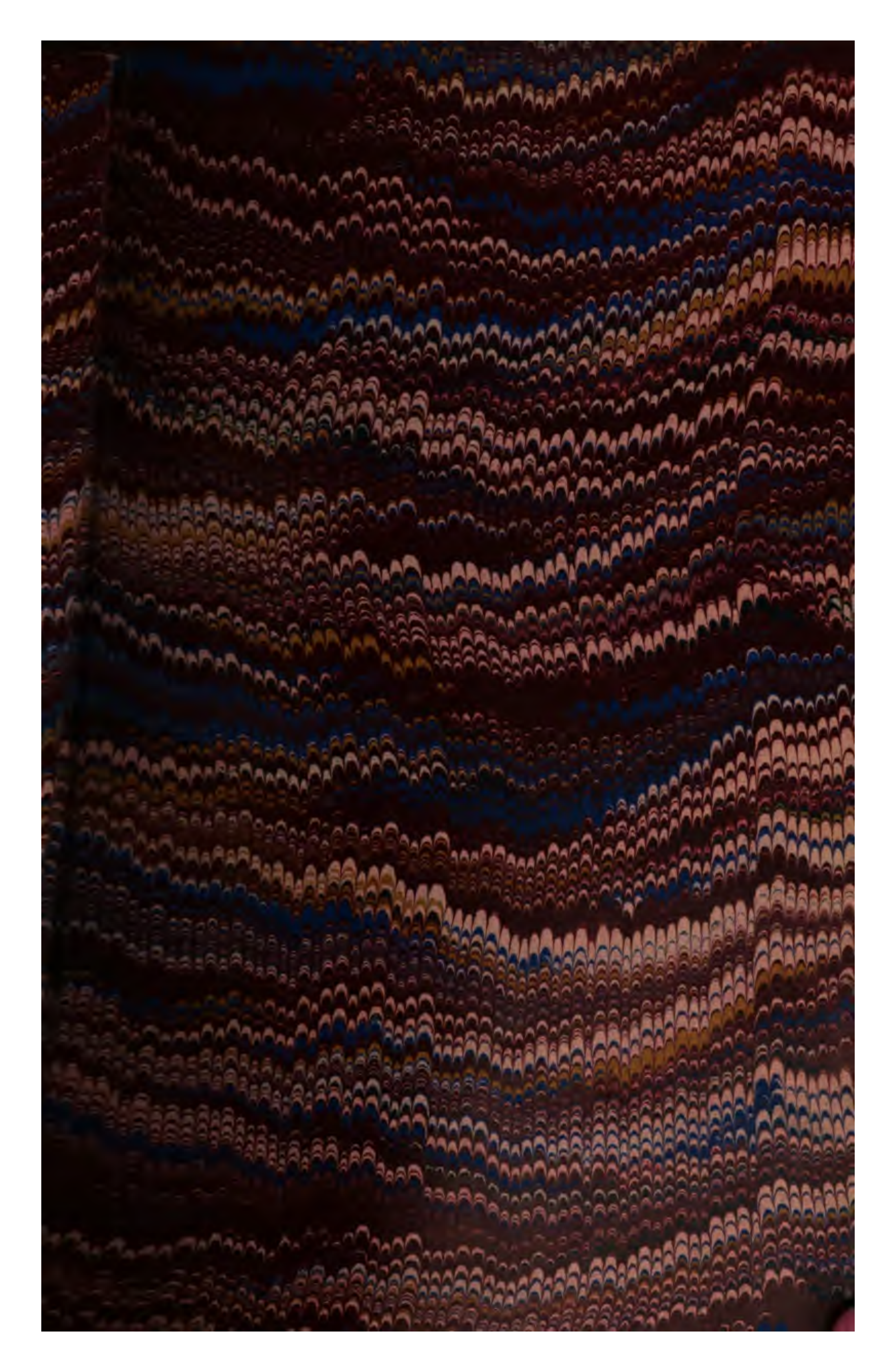




106 f 8
DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA
Taylor Institution.
VET. PORT. III B. 123
CPT 893 A.1





Verdadeiro retrato de Francisco de Saa de Miranda.

POESIAS

DE

FRANCISCO DE SÂ DE MIRANDA

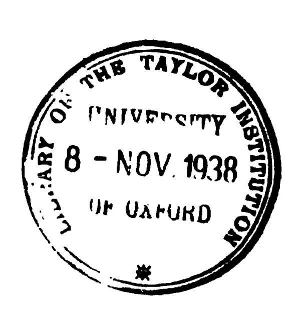
EDIÇÃO
FEITA SOBRE CINCO MANUSCRIPTOS INEDITOS
E TODAS AS EDIÇÕES IMPRESSAS

ACOMPANHADA DE UM ESTUDO SOBRE O POETA,
VARIANTES, NOTAS, GLOSSARIO
E UM RETRATO

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

HALLE.
MAX NIEMEYER.
1885.


LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
8 - NOV. 1938
OF OXFORD

Indice Geral.

[1]) Os numeros arabigos entre ( ) servem de chamada ao Indice das Poesias por Ordem Alphabetica.

*

---

[1]) Advertimos que em a numeração das *Cantigas* foi omittida, por engano, a cifra XVIII. — A cifra XXXIV foi repetida. — Ha tambem duas *Trovas* marcadas com a cifra III.

Pag.

Parte Quarta: Poesias de Sâ de Miranda não incluidas no MS. D i. é que não mandou ao Principe D. João.

A. Poesias de Sâ de Miranda colligidas de textos já impressos em outra parte.

B. Poesias de Sâ de Miranda incluidas nas tres primeiras partes, mas em redacção diversa.

Parte Quinta: Poesias dedicadas a Sâ de Miranda.

Indice das Poesias por Ordem Alphabetica.

(As poesias marcadas com * não são de Miranda. — As maiusculas collocadas entre ( ) servem para designar os differentes manuscriptos e impressos de que nos servimos. — Os numeros arabigos entre ( ) servem para distinguir as poesias menores, intercaladas nas composições de maior vulto.)

Vida de Sâ de Miranda.[1])

D. João II, o Principe Perfeito, ou simplesmente „o Homem", como lhe chamava Isabel a Catholica, morrera. O movimento

[1]) Antes d'este nosso estudo escreveram sobre Sâ de Miranda e a sua influencia na litteratura peninsular, os seguintes autores, devendo considerar-se como mais importantes os que vão marcados com os Nos 1. 7. 8. 9. 17 e 20.

1) Um quinhentista anonymo na „*Vida do Doutor Francisco de Sa de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecêrão e tratarão & dos livros das gerações d'este Reyno*". Accompanha a segunda ed. das suas obras, 1614, e é o mais valioso de todos os subsidios de que nos aproveitámos.
2) Nicolas Antonio, Bibl. Nov. I p. 359. (1672).
3) Barbosa Machado, Bibl. Lus. II p. 251. (1741).
4) J. J. Sedano, Parnaso Español. Madr. 1768—1778, vol. VIII.
5) F. Diaz Gomes, Analyse etc. do estylo de Sâ de Miranda nas Mem. de Litt. port. Lisb. 1793, vol. IV p. 26—305.
6) A. das Neves Pereira Ensaio sobre a Fil. Port. nas Memorias de Litt. Lisb. 1793, vol. V p. 1—152.
7) Bouterwek, Histoire de la Littérature Espagnole. Paris 1812, vol. I p. 284—286.
8) F. Denis, Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal. Paris 1826, p. 47—59.
9) Sismondi, De la littérature du Midi de l'Europe. Paris 1829, vol. III p. 309—310 e vol. IV p. 293—299.
10) F. A. Varnhagen no Panorama de 1841 p. 252—271.
11) E. Brinckmeier, Abriss einer dokumentirten Geschichte der span. Nationallitteratur. Leipzig 1844, p. 159.
12) H. Schäfer, Geschichte Portugals. Hamburg 1850, Bd. IV p. 312.
13) Julius Ticknor, Geschichte der span. Litteratur Bd. II p. 177 [Bd. III p. 215 da trad. hesp.] (1852).
14) J. M. Costa e Silva, Ensaio biographico critico. 10 vol. Lisboa 1850—59, vol. II p. 8—74.
15) Adolfo de Castro, nos Prologos aos „Poemas Lyricos dos siglos XV e XVI". Rivad. Md. 1854—1857, vol. 42 p. 37.
16) Dohm, Span. Nationallitteratur. Berlin 1867, p. 212.
17) Th. Braga, Historia dos Quinhentistas. Porto 1871. Vida de Sa de Miranda e sua eschola.
18) J. M. de Andrade Ferreira, Curso de Litteratura port. Lisboa 1875, vol. I p. 350.
19) Julio de Castilho, Antonio Ferreira. Rio 1875, vol. I p. 158—162.
20) C. C. Branco, Hist. e Sentimentalismo. Porto 1881.

das conquistas tinha attingido quasi o ponto culminante. A nação portugueza, dous milhões escassos, reduzidos a uma estreita faixa de terra no litoral da Peninsula, occupára em curto espaço de tempo as Ilhas do Atlantico, Porto Santo, Madeira, o gruppo dos Açores com Santa Maria, S. Miguel e Terceira, e o gruppo da Guinea com Fernando-Pó e S. Thomé; a costa da Mina era nossa; Tanger, Ceuta, Arzilla, Alcacer-Ceguer e Azamor rendéram-se, e do Algarve olhava-se para o outro lado — *além mar* — na esperança de um novo imperio na Africa septentrional. No mar corriam as galés á volta do Cabo que o rei baptizára *„da boa esperança"*, não lhe querendo deixar o nome *„tormentoso"*. Emquanto Bartolomeu Diaz se immortalizava no oceano, Pero da Covilhã e Affonso de Paiva marchavam por terra em busca do Preste-João e do seu fabuloso imperio, e remettiam para Lisboa a boa nova desejada: que a via maritima encetada era a verdadeira, e hia dar á India, torneando-se o cabo para o Oriente. No reino paz completa; a nobreza já não protestava desde a ultima e tremenda lição que recebera em Evora; as relações com o visinho reino eram cordiaes, e tinham-se estreitado com os annos e successivos casamentos, a ponto de haver quem cuidasse de uma união proxima dos dous estados, sem protesto. Já não era uma chimera, nem se considerava um crime. As vagas aspirações de „Monarchia Universal" hiam tomando corpo, e ambas as casas reinantes procuravam n'este sentido uma solução. A ideia hispanica rebentava de madura, como a granada que os Reis Catholicos tinham accrescentado havia pouco ao seu escudo.

D. Manoel subia ao throno a 27 de Outubro de 1495, depois da morte ter arrumado com seis pretendentes. O Rei venturoso hia abrir a edade de ouro, colhendo os fructos que outros haviam desde largo tempo semeado. Por um caminho de rosas, inebriado pelos *perfumes e fumos indianos*, entrou elle no jardim do Oriente, colhendo os pomos de ouro, espalhando os louros, e combinando as emprezas fabulosas, que as armas fizeram depois verdadeiras. No meio da alegria do banquete, que parecia não ter fim, e quando o fructo de tanto esforço lhe cahia no regaço, o rei olvidava o pequeno verme que já roía a medulla da maravilhosa arvore. É n'esta epoca, chamada o *seculo aureo* da nossa historia, que o poeta Sâ de Miranda se revela. Nasce precisamente no dia em que D. Manoel sobe ao throno[1]), abrindo por sua parte uma epoca litteraria não

[1]) O velho biographo anonymo de Miranda, autor da Vida que accompanha a 2ª edição das suas poesias, e que a opinião geral diz ser D. Gonçalo Coutinho, conta que o poeta nasceu no mesmo dia em que el rei D. Manoel tomou posse do governo de Portugal. Este dia foi

menos memoravel, o capitulo mais brilhante da historia da poesia portugueza, que Camões fecha com chave de ouro. Sâ de Miranda nasce quando o throno de D. Manoel se levanta, e Camões expira quando elle desaba, *morrendo na patria e com ella.*

Miranda nasceu em Coimbra, da antiga geração dos Sâs, que deu a Portugal muitos filhos illustres, cavalleiros, prelados e escriptores de nome. Do tronco principal havia-se apartado o ramo dos Sâs de Coimbra, que tinha fama de mâ indole e ruins entranhas, com algum motivo. O nosso poeta não participou, felizmente, d'esses defeitos, vingando n'elle só as boas qualidades dos seus ascendentes. O pae era um clerigo, Gonçalo Mendes de Sâ, conego de Coimbra, que deixou numerosa prole, caso muito corrente na epoca, e que em nada prejudicava o brilho do nome historico aos olhos dos contemporaneos; a mãe não é conhecida. Na casa paterna chegou a haver cinco irmãos e tres irmãs, que não viveriam sempre em muito boa harmonia. A criança parece ter passado os primeiros annos perto de Coimbra, nas poeticas margens do Mondego, talvez n'alguma quinta nas visinhanças de Buarcos, onde residiam seus avós, João Gonçalvez de Miranda e D. Filippa de Sâ.[1])

Quaes foram as suas primeiras impressões? qual a base da sua educação? quaes os progressos dos seus estudos ulteriores? Nada se sabe d'isso ao certo. O estudo das humanidades n'algum collegio de Coimbra é provavel, mas ignoramos quaes foram os seus mestres de grego, de latim, e de philosophia; quem foram os homens doutos que lhe revelaram as maravilhas de Homero e Vergilio, de Theocrito e Tibullo, de Pindaro e Horacio. O caracter do poeta accentua-se rapidamente. Ainda novo em annos, talvez ferido pelas settas de chumbo do deos do amor, retira-se para o campo, pensativo, scismador, a fronte coberta de sombras; no rosto desenham-se as linhas severamente e o cabello encanece de prompto, creando-se assim n'um retiro campestre um typo nacional, um genuino representante da alma melancolica portugueza. Estas feições já se descobrem quando elle, moço entre quinze e dezoito annos apenas, lança no papel as suas primeiras inspirações.

Em 1513 Miranda apparece na côrte pela primeira vez. O nome de Sâ franqueava-lhe a entrada no paço; comtudo não

---

fixado por uns em 27 de Outubro, o que é exacto, e por muitos outros falsamente em 24 do mesmo mez. D. João II falleceu na villa de Alvor, no Algarve, a 25 de Outubro de 1495, D. Manoel sobe pois ao throno no mesmo dia, mas só no dia 27 é que foi acclamado Rei na Villa de Alcacer. — V. Souza III 139 e 166.

[1]) V. a Tab. Gen. a p. 749.

acceitou emprego algum, pois não o encontramos nas listas dos *Moradores da Casa Real.* Os serões, os amores, e os estudos absorvem-n'o. A sua musa inspira-lhe ahi alguns versos mimosos, repassados quasi sempre de saudades e queixumes que elle communica aos amigos. O gruppo em que o vemos, é formado dos fidalgos mais nobres, dos poetas mais celebres do tempo: João Rodriguez de Sâ e Menezes, seu parente, D. João de Menezes o heroe de Azamor, Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, seus amigos, e outros; andando todos, mais ou menos, sob o imperio de uma dama de grande fermosura e raros dotes, a briosa e esquiva D. Lianor de Mascarenhas. Em 1516 Miranda já usa do titulo de Doutor (em Leis), devendo ter, por tanto, concluido os seus estudos da Universidade. Este estabelecimento, que mudára varias vezes de residencia, achava-se novamente em *Lisboa* desde 1377, e ahi ficou até 1537.[1]) É pois forçoso suppôr que o poeta foi obrigado por seus estudos a fixar a sua morada na capital, por alguns annos, demorando-se ahi de 1513 até 21, e dividindo o seu tempo entre as aulas das Escholas Geraes de Alfama, e as salas do Paço da Ribeira, ora envolvido nas festas da côrte, ora preso ao estudo das leis. N'essa epoca andou com elle, ao que parece, Mem de Sâ, o unico de seus irmãos, que se distinguiu na historia, e que é lembrado nas suas poesias, com visivel e carinhoso interesse [No. 107].[2])

Sâ de Miranda accompanhou na côrte as successivas transformações de scena do reinado de D. Manoel, tão rapidas que quasi não davam tempo para se poder fixar a impressão fugitiva no papel: viu as grandes esperanças, as grandes fortunas; sentiu os desastres e as desgraças que entrecortáram ás vezes o pomposo triumpho do monarcha. Mas nos serões esquecía-se tudo; o rei promovia as festas para que a noite passasse mais depressa, e o dia lhe descobrisse de novo o mar, as ondas e os seus galeões, carregados de thesouros e de cartas da India. *As muitas e grandes cousas que naquelles dias passaram, as novas novidades, os grandes acontecimentos, e as desvairadas mudanças de vidas e de costumes,* tudo isto se reflectiu no animo dos portuguezes d'aquelle tempo, e mórmente na alma de um artista tão sensivel a todas as manifestações do esforço e da gloria da sua nação.

[1]) Enganam-se todos os numerosos escriptores, antigos e modernos, que fazem estudar o poeta em Coimbra. — Esteve a universidade de 1290—1307 em Lisboa; de 1307—1338 em Coimbra; de 1338—1354 em Lisboa; de 1354—1377 em Coimbra; de 1377—1537 em Lisboa; de 1537 até hoje em Coimbra.

[2]) Mem de Sâ estudou tambem direito, e foi provido mais tarde no logar de Desembargador do Paço.

Pelo mesmo motivo foi elle tambem um dos primeiros que pressentiu o perigo e apontou, propheticamente, para a origem do mal futuro. Os successos mais espantosos atordoavam os outros cortesãos.

Emquanto Miranda passa da primeira meninice á mocidade, e da mocidade á edade viril, regista a historia os maiores feitos do reinado de D. Manoel: Vasco da Gama chega a Calicut e descobre o Eldorado. Já temos a India! Duarte Pacheco, Francisco d'Almeida, e Albuquerque fazem o impossivel: a bandeira portugueza levanta-se em toda a parte; das costas da Africa, passa ás da Asia; Goa, Ormuz, Malacca capitulam, e a posse das Moluccas assegura-nos o commercio das drogas mais preciosas. Um embaixador especial vae até á China, e pouco depois conseguem os nossos alli a fundação de prosperas colonias. A fama do nome portuguez dá a volta ao mundo e vem reflectir-se augmentada sobre o velho continente. O poder islamitico pára na sua marcha sobre o centro da Europa, sentindo-se ferido nas costas e assiste, a pequena distancia, ás successivas derrotas dos reis de Fez, de Mequinez e de Marrocos, que debalde tentam recuperar as praças de Africa, perdendo ainda encima Safi (1508). Do lado opposto Pedro Alvares Cabral descobre o Brazil, um novo dominio sem limites. Os dous milhões de portuguezes multiplicam-se como por encanto, enchendo as armadas que sahem de Lisboa para as conquistas. É um sahir e entrar de navios, uma actividade febril que aturde; e ainda que muitos não voltem, os que regressam, alimentam a febre e inundam a Casa da India com as riquezas das novas terras descobertas. As especiarias tão falladas, a pimenta, o cravo, a canella, a massa, e a noz moscada, o gengibre e o cardamomo, o ouro de Sofala, os rubis do Pegú, os diamantes de Narsinga, as saphiras de Ceylão, as esmeraldas de Babylonia, as perolas e aljofares de Manaar, as sedas e alcatifas da Persia, os tecidos finissimos de Bengala, as porcelanas da China e do Japão, o marfim de Moçambique, o benjoim de Sumatra, o ambar das ilhas malayas, os perfumes e as fructas, tudo fica tributario. Lisboa já não é nossa! A pequena capital portugueza transforma-se no emporio do commercio europeu. Chega a noticia da descoberta da „*Ilha do Ouro*“, e uma nova onda de gente se precipita sobre as naus, uma emigração collossal. Dizem os chronistas da epoca que as riquezas eram tantas que os feitores da casa da India já não tinham vagar para contar o dinheiro que os mercadores alli levavam. Todas as ambições, todos os enthusiasmos, todos os odios e todos os amores da Europa se concentraram em Lisboa — por um momento! A nova fortuna chamou atraz de si milhares de aventureiros que

andavam perdidos pelo mundo, e attrahiu reis, principes, embaixadores e enviados, agentes e consules de todas as nações. Os fidalgos restauraram os antigos paços, o clero reformou o seu estado, as ordens duplicaram o numero dos seus conventos e á beira do Tejo ergueu-se o sumptuoso mosteiro dos frades Jeronymos, em cujo altar El-Rei D. Manoel depositou a Custodia de Belem, fabricada com as *pareas* de Quiloa, o primeiro ouro enviado das conquistas.

Ao passo que o monarcha perpetuava em um monumento religioso a lembrança dos novos feitos, cedendo o primeiro lugar ao culto, procurava tambem dar aos seus hospedes a ideia mais grandiosa do seu poder. Queria ser principe com todo o esplendor, e combinar o fausto oriental com as formas cultas das sociedades do Occidente. De dia triumphos na rua, á noute as festas no Tejo ou os saraus no paço, cuja magnificencia ecchoou por toda a Europa. Em torno do rei agrupava-se uma familia numerosa, fructo de tres casamentos; treze infantes e infantas[1]) garantiam a duração da casa e formavam outros tantos centros de attracção, outras tantas pequenas côrtes; e postoque a morte levasse muitos em tenra idade, ainda lhe sobreviveram oito, esperançosos e cheios de talento. As festas de familia, naturalmente numerosas, os baptizados, os casamentos, os anniversarios, os menores incidentes, tomavam vulto entre pessoas que viviam dos mesmos interesses. Não faltavam os pretextos externos, as missões e embaixadas. As sahidas das frotas (33 nos 25 annos do seu governo), os triumphos dos capitães, as relações dos governadores e missionarios, as ceremonias das ordens de cavalleria, os torneios, as grandes festas religiosas, os combates de animaes exoticos, passavam diante dos olhos do poeta como visões de um conto de fadas. Pelo meio das ruas de Lisboa andava, fluctuante, uma colonia illustre, composta de principes indios, de potentados africanos, de embaixadores asiaticos, esperando despacho favoravel dos seus negocios, sellados muitas vezes com a conversão do negociador. Hoje era o enviado de Cananor, amanhã o principe de Manicongo, depois os embaixadores do Preste-João e emfim os do Rei de Ormuz e do Samorim. O povo assistiu, primeiro, deslumbrado a este espectaculo e tomou depois parte, francamente, na folia, offerecendo ao observador attento assumpto para novos

[1]) De D. Isabel, † em 1498, nasceu D. Miguel da Paz 1498—1500; de D. Maria nasceram, de 1500 até 1517, dez filhos: D. João III 1502—57; D. Isabel 1503—38; D. Brites 1504—38; D. Luiz 1506—55; D. Fernando 1507—34; D. Affonso 1509—40; D. Henrique 1512—78; D. Duarte 1515—40 e mais dous D. Maria † 1513 e D. Antonio † 1516, que morreram em criança. D. Leonor teve a D. Maria 1521—77 e a D. Carlos 1520—21.

estudos de costumes. D'este meio sahiram as intrigas para as farças e autos, a materia para as conversas da côrte, as inspirações para as futis poesias do dia, para os momos e bailes de costumes, tão favoritos de todas as classes. A mascarada andava diariamente na rua na forma mais original e authentica, sempre variada, inexgotavel nos seus recursos. D. Manoel sabia bem o que lhe convinha, offerecendo ao povo o combate do rhinoceronte e do elephante, e mandando a Leão X — *faustus fausto* — a famosa embaixada de Tristão da Cunha, entre cujos tributos foram um elephante de Ceylão, coberto de xaireis preciosos; um cavallo persa montado por um caçador de Ormuz, levando nas ancas uma onça domesticada; um rhinoceronte, dous leopardos e hum pontifical, *a cousa mais rica de sua qualidade que de memoria de homens nunca se vira.* Era o annuncio mais proprio, mais ostentoso de todos os seus feitos; e ainda lhe ficava para segunda enviatura outro rhinoceronte que Francisco I veiu admirar, de proposito, a Marselha e foi ao fundo com outro presente quasi tão rico. Para o povo de Lisboa ainda tinha de reserva 4 elephantes! Diante d'estes espectaculos não era possivel ficar indifferente. A fortuna parecia estar presa das bandeiras portuguezas; ninguem desconfiou da sorte, e o proprio Miranda, fascinado, esperou ser um dia o Homero ou Vergilio do Rei venturoso e de seus filhos, o cantor dos heroes do seculo, como elle mesmo o confessa varias vezes (No. 112, Dedic. 2 e 33—34. Cfr. No. 115, 14—19). Ainda muito tempo depois, quando os fumos se tinham desfeito, quando a visão da Monarchia Universal desapparecêra, quando o poeta tinha reconhecido que nem o Rei era um Alexandre, nem elle hum Homero para o celebrar, ainda então a lembrança do bom tempo passado (1513—1521) arrancavalhe fundas saudades:

> Os momos, os serões de Portugal
> Tam fallados no mundo, onde são idos?
> Es as graças temperadas de seu sal?

O seu contentamento não era, porém, intimo e absoluto, nem no tempo das mais fervorosas illusões. Uma nota melancholica já ressoa, como dissemos, atravez de quasi todas as suas poesias juvenis. Já então se apartaria frequentemente da côrte; no meio das festas surgia a duvida, e por entre os amigos da côrte passava o pensativo companheiro com a fronte annuviada. Os seus trabalhos na Universidade, o trato com a mocidade estudiosa, a leccionação que começára depois dos estudos concluidos, não conseguiram distrahil-o das suas tristes reflexões. Seguira a carreira das leis, mais em obsequio ao gosto do pae do que por

inclinação que tivesse áquelle modo de vida. Sahíra das aulas transformado n'um bom lettrado e conseguíra até reger alguma cadeira da faculdade que cursára; e postoque esta regencia fosse „*sómente de sobstituição*“ (segundo diz uma velha genealogia), foram-lhe offerecidos muitas vezes logares do Desembargo do Paço. Nenhuma das offertas o tentou; o estudo do direito não fôra acceite senão como expediente, e logo que o pae morre, abandona-o „*conhecendo os perigos que o uso desta sciencia traz consigo em materia de julgar*, engeitando todos os offerecimentos, e *ficando só consumando-se no estudo da philosophia moral e estoica a que sua natureza o inclinava*“, e na arte poetica. O que sentiria o poeta? o que lhe faltaria então quando elle ainda acreditava na fortuna da patria? Seria com effeito algum amor mal correspondido, a dór de ter perdido a sua Celia (V. Nos. 112, 115 e 191), que o impelliu a uma longa viagem? Seria alguma intriga palaciana? a participação n'algum escandalo da côrte? Sâ de Miranda pertencia, provavelmente, ao numero dos amigos dedicados do Principe D. João (III), e não devia assistir com animo tranquillo ás peripecias do ultimo casamento d'El-Rei com a Infanta D. Leonor de Castella. Esta questão ou outra parecida, entre o Marquez de Torres-Novas (Duque de Aveiro) e o Infante D. Fernando, provocariam a indignação do poeta-philosopho? O Rei roubara a noiva ao filho; o Infante fizera o mesmo ao Duque (V. No. 113). Seriam estas as luctas que o desgostaram, ou haveria apenas um motivo vago, o seu *desprezo de todas as cousas de cá*, segundo diz o velho biographo? Não acceitamos nenhuma d'estas supposições, que nos parecem insufficientes.

A sua viagem á Italia explica-se de outro modo. Foi a curiosidade do poeta, o desejo de estudar a arte, de pôr em concordancia a elevação do pensamento com a heroicidade das acções portuguezas que o expatriou. Notára com desgosto e espanto que tão grandes feitos ainda não tivessem produzido o eco mais debil na poesia. Apesar das enormes riquezas, da fama já universal, a nação continuava na sua modesta posição intellectual. Trazer de fóra novas formas de arte, alimentadas com novas concepções ideaes, eis o seu intento, o fim com que emprehendeu a viagem. A occasião era propicia; a morte de seu pae restituiu-lhe a liberdade cerca de 1520. A data certa do fallecimento não é conhecida; sabemos porém que Sâ de Miranda estava em Coimbra a 16 de Julho d'esse anno, assistindo á exhumação dos ossos de D. Affonso Henriquez; e despedindo-se talvez de seus irmãos, cobertos de luto como elle. Eil-o caminho da Italia, dizendo adeus ás pandectas!

Ha quem affirme[1]) que o impulso estava dado, que os filhos d'El-Rei D. João I abrindo as portas da nação á cultura da Renascença, chamando sabios, viajando, formando bibliothecas, tinham lançado á dura terra do velho Portugal as sementes italianas; que D. João II já nascera italianizado, com todos os vicios e virtudes da cultura da Renascença, que a sua côrte era um retrato das pequenas côrtes de Italia e o principe como um italiano, cheio de perfidias e ambições, de lucidez e de manha, de instinctos sanguinarios e fortes decisões. Isto é exacto até certo ponto. No campo intellectual, porém, no campo das artes e das sciencias, os vestigios da influencia italiana eram quasi insensiveis até 1520. A verdadeira, a fina cultura de espirito não existia; o humanismo nas ideias era uma qualidade preciosa, mas inutil quando toda a vida se concentrava nas acções externas. A admiração meramente superficial de algum modelo antigo, a leitura passageira e mais ou menos consciente de alguns autores, a traducção de certas poesias consagradas, mui frequentes citações de nomes historicos, soffrivelmente estropiados, do latim e do grego; allusões mythologicas a cada passo: tudo isso são fragmentos, motivos soltos, postos aqui e alli, não uma composição seguida, um plano methodico de adaptação. São enfeites, e muitas vezes fóra do seu logar, escolhidos com a importancia que se dá a uma novidade que vem de longe, sem instrucções previas e sem programma. Demais, a communicação não era immediata, os modelos eram apreciados só atravez das imitações hespanholas. As relações directas com a Italia reduziam-se á permutação de productos commerciaes, á importação de manufacturas em troca das especiarias. Iamos á Italia mercadejar, ou receber nas Universidades de Bolonha e Padua a tradição dos jurisconsultos romanos. João das Regras e João Teixeira trouxeram a Portugal o conhecimento de Baldo, de Bartolo e de Cino da Pistoja, e nada mais. A verdadeira gloria d'esse paiz incommodava-nos pouco; a sua elevada cultura intellectual, o seu estudo profundo da antiguidade, a sua erudição, o sentimento da bella forma, a originalidade das concepções, as engenhosas e variadissimas combinações do metro, e da linha, pondo em realce os menores incidentes, mas sempre com discrição, com calculo profundo, em summa, a harmonia da obra litteraria e do monumento d'arte, representavam o esforço continuado e persistente de muitas gerações. Nós viamos a obra completa e perfeita, de repente, sem conhecer o seu organismo. Na imitação da poesia e obra d'arte tentámos, por isso o mesmo, o processo exterior de copiar, contentando-nos com certos traços secundarios.

---

[1]) Oliveira Martins na sua *Historia de Portugal.*

Os poucos artistas italianos que vieram a Portugal no reinado de D. João II conseguiram tão pouco abrir-nos os olhos como os arremedos litterarios que importámos pela fronteira de Hespanha; e ainda mesmo os nossos patricios, que para lá foram, conseguiram unicamente dar-nos um pallido e tardío reflexo da grande arte italiana.

Sustentamos, pois, que até a viagem de Miranda o grande phenomeno da civilisação moderna, chamado Renascença, foi em Portugal apenas um vago crepusculo; que até 1520 não ha verdadeira intelligencia da poesia italiana, e nenhuma imitação directa.

Nos principios do seculo XVI apparecera o primeiro Cancioneiro hespanhol, o de F. Constantina; em 1511 sahira o de Castilho. Devemos suppôr, provadas as intimas relações das duas coroas, que os principes de Portugal conheceram logo as duas obras, e que os fidalgos as pediram com empenho, porque todos versejavam mais ou menos em castelhano. Alguns, como D. João de Menezes e D. Antonio de Velasco tinham até contribuido para o novo florilegio. Não tardou muito que se publicasse em Portugal o Cancioneiro Geral de Resende, em 1516, o que é a prova mais evidente da sensação produzida pelas anteriores collecções castelhanas. O grosso volume portuguez offerece-nos um quadro completo do estado da *Arte de trovar* até aquella epoca.

O joven Sâ de Miranda foi decerto um dos que o leram com maior attenção, se elle até fora honrado pelo collector, e viu ahi os seus primeiros versos em tão illustre e numerosa companhia! Mas, examinando bem o producto de um seculo inteiro de trabalho ahi armazenado, parece-nos que devia sentir profundamente o grande atraso em que nos achavamos. O Cancioneiro representava a flor da poesia palaciana desde os dias do Infante D. Pedro (1429): o que havia de melhor e mais perfeito, o ideal artistico dos nossos trovadores, estava ahi fixado. Podia-se analysar, discutir, comparar! Afinal, fechou o livro, descontente, e poz-se a sonhar. No horizonte surgia uma visão luminosa, o novo ideal que antevira. O seu Homero[1]) lá estava sobre a mesa, evocando diante de seus olhos a terra da promissão. Quem lia hoje os grandes modelos classicos no original, e se inspirava amanhã nos „livros divinos"[2]); quem tinha

---

[1]) Em 1584 Gonçalo da Fonseca de Castro, fidalgo de Lamego, possuia o Homero de Sâ, com notas gregas á margem, da mão do poeta.

[2]) Na Bibliotheca dos Bispos de Lamego existia ainda no principio d'este seculo um codice antiquissimo, contendo uma traducção do Velho Testamento (14. saec.), o qual pertencera a Sâ de Miranda. Boav. II p. VIII. — Hoje está perdido ou extraviado.

temperado o seu espirito nas poesias de Vergilio e de Horacio, nas prosas de Platão e Seneca; nas comedias de Plauto e Terencio, e possuia ainda a Divina Comedia de Dante e as Rimas de Petrarca, não podia inteirar-se da compilação do seu camarada, o gordo e jovial Garcia de Resende, sem reparar no extraordinario contraste. Até no aspecto externo se accentuava a differença: d'uma parte os gothicos caracteres do pesado in-folio de Germam de Campos, e da outra o primor das impressões aldinas! O collector que com muito amor e trabalho tinha juntado milhares de coplas *para que não se perdesse a memoria de tanta cousa de folgar e de tantas gentilezas*, não fizera mais do que um inventario, precioso, mas *archaïco* das joyas e galanterias do bom tempo *passado.*

O poeta avaliou todas as peças. Mas que achava? O que lhe agradava mais, era

Um vilancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invençois, motes ás damas,
Hũa pergunta escura, esparsa triste!

Não era isto o que lhe convinha; passava adiante, com um gesto melancholico:

Tudo bom; quem o nega? mas porque
Se algum descobre mais, se lhe resiste?

As suas proprias poesias, que tinha escripto com sangue e lagrimas, como uma confissão verdadeira do seu coração, e os raros versos dos seus amigos Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, que recordavam successos tão profundamente tragicos, tinham todos uma physiognomia tão indifferente, um ar de parentesco tão pronunciado, que se confundiam no meio das producções triviaes e futis de uns 300 trovadores. Pouco importava que Miranda tivesse tido diante dos olhos os melhores modelos peninsulares, que as suas lyricas procurassem imitar o sabor das cantigas e dos romances populares, ou seguissem as mais genuinas inspirações de Garci Sanchez e Jorge Manrique. Seguindo atraz da corrente litteraria, fôra arrastado com os outros, não lhe valendo o sincero esforço que empregára para sahir de uma situação que lhe parecia menos acceitavel; afeiçoára todas as ideias, apertára todos os sentimentos nos versos faceis e fluentes de seis e oito syllabas ou no monotono dodecasyllabo de arte maior; sujeitára-se, emfim, á phraseologia convencional, uniforme, da galanteria antiga e á metaphysica amorosa dos trovadores portuguezes. Era por isso que a sua individualidade poetica, que elle julgava ter accentuado claramente nas suas obras, não se distinguia bem: tal era a influencia niveladora do meio em que as tinha collocado.

Agora via claro: a inferioridade da poesia nacional estava patente; as formas estrophicas pareciam velhas e gastas pelo uso secular, lembrando os tempos de D. Affonso V e D. João II. Os heroes de Arzilla e Azamor poetizavam n'uma linguagem trivial, semeada de lugares communs, que cheirava a mofo medieval: os mesmos cavalleiros que sabiam discursar com tanta energia n'uma prosa viril, condigna de seus feitos briosos, apresentavam-se no Cancioneiro com umas cantigas deslavadas e mellifluas. A uniformidade da estructura metrica, a stereotypia das phrases, o ar palaciano, superficial, que toca as raias da banalidade, o respeito absoluto de todos os elementos tradicionaes (consagrados pelo longo uso) degenerado em superstição; a insignificancia, e frequentes vezes, a desbragada desenvoltura da satyra nas *Trovas de folgar*, devia causar tão justo reparo como os themas futilissimos que as inspiravam: uma *carapuça de solía*, umas *ceroylas de chamalote*, um *pelote de veludo*, umas *grandes barbas*, um *macho ruço* etc. E no genero das poesias grandes, *didacticas*, não havia senão banalidades, realçadas, quando muito, com um apparato pretencioso, umas citações eruditas, applicadas mal a proposito, umas tristes imitações das allegorias dantescas etc. A's parcas obras de devoção não se póde passar melhor attestado, falta-lhes a sinceridade, a emoção; valem tanto como os elogios dos principes ou os louvores das damas, que se applicam, indifferentemente, com uma simples mudança de rotulo; ou como os peditorios descarados, os insultos grosseiros, e até obscenos nas trovas de maldizer. Tudo isto devia enojar um poeta que levantára um altar á poesia, e não estava disposto a enfileirar-se com uns sectarios, que haviam feito da arte um mero passatempo de côrte. Mesmo aquellas cantigas com feição nacional, vasadas em formas genuinamente populares, que ainda hoje nos encantam, como p. ex.:

Tango-os, el mi pandero,
Tango-os y pienso en al

não podiam ser devidamente apreciadas pelo poeta, n'esta epoca de crise. Eram productos espontaneos da alma popular, mas já muito conhecidos, e não satisfaziam um espirito que pretendia *innovar*, e estava fazendo as suas contas com o passado.

Sâ de Miranda convenceu-se da necessidade de uma revolução. Julgou que a transformação se faria rapidamente, logo que as formas antigas fossem substituidas; que o sangue circularia com vigor, depois de libertado das antigas peias; e que o espirito ideal que elle queria encarnar em o novo corpo, exigia necessariamente uma forma classica. Em Portugal não havia modelos classicos, nem em a vizinha Hespanha. Rodrigo Cota, Juan del Enzina, Gil Vicente e Lucas Fernandez, as celebridades

mais modernas, em cujas obras um lyrismo culto anda de mistura com a phraseologia grosseira do povo e com facecias rusticas, não lhe offereciam os elementos que tanto procurava. Os portuguezes Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro seguiam outro rumo. O primeiro dava livre curso á sua inspiração, descuidado como a philomela dos bosques, desafogando as suas dôres n'uma melopeia simples, ingenua, e desenhando a figura da sua namorada com o pincel sereno e casto de um Giotto. O segundo, não menos sincero na expressão dos seus sentimentos, feria nos seus Idyllios, profundamente, as cordas do coração humano e hombreava com o antecedente em fama e gloria. A influencia de ambos sobre o talento de Sâ de Miranda foi incontestavel, mas isso não bastava. Nenhum d'elles dispunha da forma desejada, que podesse aproximal-o dos autores antigos e modernos, que escolhera como modelos primordiaes. Forçoso foi sahir do reino, e uma vez passada a fronteira, o caminho á *Italia* era o mais natural e o mais seguro para chegar ao termo desejado. *Italia*, o jardim do mundo, o berço da antiguidade, o paiz classico da poesia e da arte, a patria de Dante e Petrarcha, na qual viviam então Ariosto, Sanazzaro, Bembo e Vittoria Colonna! A sociedade italiana já tinha a fama de ser a mais culta; a sua cortezia e a fina cultura do espirito attrahiam as attenções da Europa; a sua litteratura, porém, ainda não havia conquistado entre as nações romanicas a posição dominante que teve depois, e que foi consagrada por um triumpho completo.

Por lá andou o poeta uns cinco a seis annos, desde o outono de 1521 até 1526 *„em tempo de Hespanhoes e de Franceses"*. Visitou Milão, Veneza, Florença, Roma, Napoles e a Sicilia, *com vagar e curiosidade*. Percorreu pois a peninsula do Norte ao Sul, augmentando os seus conhecimentos da lingua e litteratura. Sabemos que teve relações intimas com homens celebres, como Gioviano Pontano, Giovanni Rucellai, Lattanzio Tolommei e o bom velho Sanazzaro. Floreciam ainda cerca de 1525 Bernardo Tasso, Machiavelli, Aretino, Molza, Berni, Alemanni, Trissino e Guicciardini, que o poeta talvez conheceu. Nos templos e palacios encontrava as incomparaveis obras de Raphael e Michelangelo; e nos silenciosos jardins de Napoles e Ischia saudou a illustre Vittoria Colonna e o Marquez de Pescara, que attrahiam a sua casa os genios mais salientes, um Bembo, um Castiglione, um Ariosto. Sâ de Miranda não entrava indifferente no palacio dos Marquezes. A linha principal dos Sâs — dictos *Coluneses* — recordou sempre pela *columna* do seu escudo o parentesco com a illustre familia italiana. O poeta podia lembrar, sem receio, a antiga alliança, agora, que o nome portuguez enchia o mundo. A's distracções das festas, á convivencia nos

palacios, ao estudo dos livros e dos monumentos, vinha juntar-se o renascimento do theatro italiano e uma especie nova, o dilettantismo musical. Nas scenas brilhava a comedia classica em prosa, germen novo, cuja importancia não escapou ao poeta. Em quanto á musica, diz-se que tangia com primor a viola d'arco.[1]) Lembremo-nos finalmente das questões politicas e religiosas que agitavam a Italia e teremos um conjuncto de circumstancias excepcionaes, dignas de absorverem a attenção de um espirito philosophico. A Reforma abalava a egreja nos seus fundamentos e embora a côrte de Roma, a metropole do catholicismo, não quizesse confessar que tremia, havia muitos e, por signal, os mais convictos e fieis, que deram a cidade como perdida. Sâ de Miranda confessa que *tudo o de lá* (i. é de Portugal) *lhe parecia estado de graça,* comparado com a dissolução dos costumes italianos; e ainda muito tempo depois falla, com horror, nas suas comedias e nas poesias das *pastoras do Tibre mais que devem soltas.*

Em 1526 regressava a Portugal: já tinha passado os trinta annos. Era outro homem, com caracter firme e seguro, dotado de qualidades raras; um espirito enriquecido com preciosos conhecimentos. Os seus planos estavam traçados. Tratava-se de abrir novas sendas ás lettras patrias; de estimular os poetas com o exemplo; de provar a possibilidade de um aperfeiçoamento ou antes renovamento fundamental da poetica portugueza; de fazer emfim a transplantação dos metros italianos. E tudo isto conseguiu, depois de uma lucta tenaz e prolongada, oppondo ás duvidas as obras.

Os versos que então escreveu não são perfeitos, nem se pódem dizer de primeira ordem, porque não são de um *genio,* como os de Garcilaso e Camões; mas ninguem póde negar que Sâ de Miranda quebrou o antigo encanto, rompendo com a poesia palaciana da Edade Media. As velhas formas, gastas, do Cancioneiro de Resende foram definitivamente abandonadas e com ellas cahiram os exemplos tão admirados, as imitações que se haviam feito segundo o genero catalão-provençal da Gaya Sciencia, ou segundo a receita dos longos poemas didacticos de João de Mena e do Marques de Santilhana. Mas Miranda nem por isso desprezou completamente o elemento *nacional,* os versos de arte commum, i. é a *redondilha maior e menor,* o delicioso metro peninsular, e suas formas estrophicas, representadas

[1]) O quartetto de cordas *a quattro viole d'arco* era a combinação favorita dos *filarmonicos.* Na capella pontifical predominava o elemento hespanhol. Vid. E. Schelle, Die päpstliche Sängerschule in Rom, p. 258—265.

em Vilancetes, Cantigas, Esparsas e Glosas, e ainda menos o gruppo das singelas Quintilhas e Decimas, adoptadas com seguro instincto artistico por Ribeiro e Falcão nas suas mimosas Bucolicas. Antes pelo contrario: estes rhytmos foram não só aproveitados, mas levados até á maior perfeição nas suas celebres *Satyras* (Cartas No. 104—108; Egl. 102. 116. 117. 163). Em terceiro logar provou ainda que a lingua portugueza é capaz de se elevar até ás concepções mais bellas do lyrismo moderno, como o Soneto e a Canção de Petrarca, os tercetos de Dante, enlaçados em Elegias e Capitulos segundo o estylo de Bembo, a oitava rima de Policiano, Boccaccio e Ariosto, e as Eglogas de Sanazzaro com os seus *versos encadeados* e variação melodica dos rhytmos. Introduziu finalmente o *hendecasyllabo jambico italiano*, abrindo emfim uma nova era, o terceiro periodo da poesia portugueza, que havia de attingir em 1572 o ponto culminante com o poema da nacionalidade e da gloria portugueza, os *Lusiadas* de Camões.

É forçoso accentuarmos este facto: que o nosso poeta *não* engeitou *de todo* os antigos metros nacionaes (como fez mais tarde o seu maior discipulo Antonio Ferreira), porque ainda depois da sua romagem artistica voltou sempre de novo ás Redondilhas, e até ás Esparsas, Vilancetes e Trovas, n'uma saudação graciosa a um amigo ou n'uma improvisação ligeira. Até em Italia escreveu uma Cantiga, assignada nos *Campos de Roma*, na qual julgamos ouvir um echo dos amores juvenis que deixára na patria.

Depois do seu regresso, em 1526, ou com maior certeza em 1527, assentou a sua residencia em Coimbra, ou nos seus arredores, ficando alli até 1530 ou 32. A cidade natal merecia-lhe especial sympathia, e foi por elle celebrada varias vezes (V. No. 106, 31—35; 111, estr. 4); memorias saudosas de outros tempos, o amor de Celia talvez, prendiam-n'o a esta terra. Durante sua estada appareceu de passagem El-Rei D. João III, a Rainha com os infantes, e toda a côrte, fugindo da peste, que despovoava Lisboa. Sabe-se que um Francisco de Sá leu o Discurso gratulatorio na entrada do monarcha. É possivel que fosse o poeta; mas o que não nos parece provavel é que o fizesse em posição official, como *Vereador da Cidade* (V. No. 154 p. 861). Em todo o caso, com esta viagem d'El-Rei restabeleceram-se facilmente, com vontade ou sem ella, as antigas relações entre o poeta e a familia reinante. D. João III recebeu-o com deferencia, os Infantes D. Luiz, D. Duarte, D. Affonso e D. Henrique trataram-n'o com sympathia; só um, o Infante D. Fernando, foi esquecido pelo poeta, ostensivamente, e talvez mesmo hostilizado. A desgraçada questão d'este principe com o Duque de Aveiro, que começára em 1521, ainda durava. Na opinião de Miranda

D. Guiomar Coutinho era a legitima, mas fementida esposa do Duque.

Atraz da familia real inscreveram-se em o numero dos seus admiradores os grandes fidalgos; a alguns mais privilegiados, seus amigos, João Rodriguez de Sâ e Menezes, e seus filhos Antonio e Francisco, D. Manoel de Portugal, D. Luiz da Silveira, Pero Carvalho, etc., contaria de certo com enthusiasmo e ainda sob a influencia das ultimas impressões, muita cousa das maravilhas da cidade eterna, que elle deixára em todo o esplendor e que acabava de soffrer o terrivel sacco de 1527, o primeiro castigo de seus peccados. Os nomes de Ariosto, Bembo, Dante, Petrarca, Boccaccio, Sanazzaro eram repetidos a todos os companheiros; mostrava-lhes as obras que trouxera; emprestava um volume a este, outro áquelle; insistia, estimulando a curiosidade dos espiritos mais finos, pugnando pelo triumpho dos grandes mestres de Italia, e preparando assim o terreno para as suas proprias emprezas, para a futura reforma. Com o mesmo ardor, e a mesma forte convicção condemnava os erros das obras nacionaes; com a mesma coragem decidida attacou os vicios da sociedade portugueza, usando uma *verdade secca e breve*, á maneira de D. João de Castro.

Gil Vicente representava então os seus autos, fructo de um talento dramatico genial, mas pouco culto, e provocava os bons ditos e remoques de Miranda, que foi dizendo sempre o seu folego, traçando um parallelo não muito lisonjeiro entre as inspirações populares do seu patricio e os modelos classicos italianos. O forte humor dos autos e das farças, um tanto grotescas, enfeitadas de muitas lentejoulas, de rimas soantes e toantes, saturadas de louvores cortezãos aos fidalgos presentes, ou armadas de allusões bastante grosseiras e picarescas, pareciالhe de um merito muito equivoco, comparado com as intrigas originaes e com o fino dialogo das comedias em prosa da scena italiana. É mais que provavel que os amigos e os antagonistas o convidassem com unanimidade a apresentar, ao menos, uma amostra do novo estylo, a exhibir o effeito que fariam a poesia e a lingua portugueza, depois de revestidas das novas formas, gabadas com tanto enthusiasmo! Miranda accede a estes desejos.

Já em 1527—28 appresenta com inexcedivel graça os seus „*Estrangeiros*" [1]), a primeira comedia portugueza em prosa, composta sobre os moldes classicos do theatro romano de Terencio

[1]) Em nossa opinião a Comedia „*Os Estrangeiros*" é anterior á „*Eufrosina*", composta pouco depois de 1527 por Jorge Ferreira de Vasconcellos, cuja primeira obra é. A Eufrosina depende de Miranda unicamente no que diz respeito ao emprego da linguagem em prosa. A imitação não vae mais longe.

e Plauto, modificados algum tantos pelos escriptores dramaticos da Italia. Foi acolhida com admiração geral; uns applaudiam, dizendo da comedia que o seu estylo *sentencioso, muy limado e novo, a tudo excedia em brevidade, grandeza e decoro, e que guardava as regras da arte com summa perfeição*; outros, os partidarios de Gil Vicente e do *Auto popular*, zombavam, cobrindo a novidade de ridiculo. Achavam-se feridos pelos violentos ataques contra o theatro nacional, envolvidos por Miranda nos gracejos do Prologo.[1]) De 1528—29 apparece a primeira tentativa de supplantar os velhos metros por metros novos: a bella „*Fabula do Mondego*" em forma de *Canção*, uma poesia de grande vulto, infelizmente escripta em hespanhol. Foi mais um desafio lançado contra Gil Vicente, o qual pouco antes inventára e representára na mesma Coimbra o seu auto sobre a „*Divisa da Cidade*", diante do mesmo auditorio, a que Miranda se dirigia. O contraste das duas creações artisticas devia impressionar singularmente. — Depois, cerca de 1532, compõe a Egloga *Aleixo*, a qual provavelmente serviu para o mesmo fim como as obras anteriores, o de recrear e animar a côrte no exilio conimbricense. Parece inspirada por João del Enzina e Bernardim Ribeiro; e é escripta em redondilhas, mas ornada com alguns hendecasyllabos, *as primeiras oitavas rimas portuguezas*. Emfim varios *Sonetos* ha que pertencem a este periodo, dedicados a alguns amigos que os espalhariam nos serões ou lá os leriam pessoalmente. Foi assim que Sâ de Miranda assentou os primeiros alicerces da *Eschola nova italiana*, restaurando tambem o vetusto e fragil edificio da *Eschola velha nacional*, cujos sectarios, chamados mais uma vez a campo, fizeram d'ahi em diante um supremo esforço, entrando em um novo periodo de producção fecundo senão quantitativa, ao menos qualitativamente.

A reputação de Miranda crescia visivelmente; n'estes annos *foi, senão o maior, hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo*;

[1]) N'este prologo, recitado por uma personificação da Comedia, o autor queixa-se dos barbaros haverem mudado o nome de *comedia* em *auto*; e, dirigindo-se ao publico, no qual figuraria Gil Vicente, accrescenta com riso ironico: *dos vossos versos vos faço graça, que são forçados d'aquelles seus consoantes.* — Na Carta Dedicatoria ao Infante D. Henrique (ou D. Duarte), que accompanha a comedia, declara que *em Portugal escrevem poucos; n'esta maneira de escrever, ninguem*, e confessa com aquella summa probidade que o characterisa, que elle conhecia as comedias de *Ariosto, natural de Ferrara, homem nobre e de muitas lettras e muito engenho*, e que se inspirára n'ellas. Até recommenda aos „Estrangeiros" que nunca se desculpassem de querer *a lugares arremedar Plauto e Terencio; antes a quem lhe tanta honra fizesse, sempre o agradecesse muito e tomasse em lugar de grande louvor.*

mas tambem cresceria a inveja e a opposição dos antagonistas litterarios, combinada com o rancor dos enemigos pessoaes. Até 1532, pouco mais ou menos, andou sustentando as relações com a côrte, que andava em romaria por Evora, Almeirim, Santarem e Lisboa. Parece-nos, comtudo, que os annos de trato mais intimo se reduzem ao periodo da assistencia da côrte em Coimbra. Não perdeu ahi o seu tempo, porque, alem dos trabalhos poeticos, estudou os costumes dos principes e aulicos, avaliou o que podia esperar d'elles para a realisação do seu ideal, reconhecendo que a realidade era dura e pouco propicia ás suas esperanças.

Passáram já os annos descuidados, o impeto juvenil; e o temor de futuras difficuldades turvava o seu animo, e o de mais alguns que viam longe. A India não dera a Portugal a felicidade que todos esperáram ao principio. As muitas almas que se haviam salvado, os muitos baptismos de infieis não illudiam os mais perspicazes, que contavam tambem as almas christãs, perdidas na grande tragedia da India. A perversão dos costumes, a cubiça universal, os massacres e incendios, os morticinios e naufragios, as piraterias, roubos e depredações, tudo isto pervertia os caracteres e fazia da nova terra de promissão a *mãe de villões ruins e madrasta de homens honrados*. Nem mesmo os tres capitães que levantáram a gloria da bandeira portugueza á maior altura, D. Francisco d'Almeida, Albuquerque e Castro conseguiram restaurar a virtude: apenas lhes foi dado detêr a onda da corrupção. Apparentemente a importancia das conquistas augmentára; as naus vinham repletas, carregadas com as preciosas drogas; as minas pareciam inexgotaveis, a julgar pelos tributos dos reis indigenas em ouro, perolas, e joias rutilantes. A India remettia as suas immensas riquezas, mas pedia em troco um sangue ainda mais precioso. As rendas não cobriam os gastos, e aos feitores de Flandres hia faltando o dinheiro para o pagamento das lettras da corôa. A pobreza era evidente no interior do reino. A população baixára de metade, e a emigração continuava, porque não havia pão; os campos jaziam incultos, e o preço do trigo triplicára. Só em caso extremo, de verdadeira fome, é que se recorria a Antuerpia. As industrias ainda davam menos do que as terras, exceptuando alguns tecidos grosseiros para a gente pobre e algumas artes industriaes que o luxo das classes nobres alimentava; o resto pouco ou nada rendia. Era mais commodo importar, contando-se sempre com a receita da India para saldar tudo. Os officios mechanicos, soffrivelmente organisados no sec. XV e tidos em muita consideração por D. João I, já não eram occupação bastante honrada para a gente das cidades; tratavam-se com desdem, e tudo o mais, d'ahi para

baixo, era trabalho para escravos, de que a côrte se achava sempre bem provida, quer estivesse na capital, quer em Evora, Coimbra, Santarem ou outra parte. Uma estatistica manuscripta de 1557 assegura que a oitava parte da população de Lisboa se compunha de escravos, e Damião de Goes calcula a importação annual d'elles em 10—12,000. Os portuguezes, *mortos de fome, vivos na cobiça,* mas convencidissimos, uns que descendiam de Viriato, outros que de Ulysses, só queriam ir para o torneio da India, vencer batalhas e juntar pardaos. Hia-se como plebeu e voltava-se em poucos annos fidalgo — e rico:

Mercadejar
por baixeza se havia,
em alteza se tornou!

Com effeito, o rei era o primeiro homem de negocio; dava o exemplo. A India ficava longe, e com tanto que se voltasse com um bom sacco de cruzados, ninguem perguntava pelo estado da consciencia; os peccados descarregavam-se em fundações pias, que hiam alimentar ainda mais a ociosidade e despovoar as terras circumvisinhas pela facilidade das esmolas. Dos costumes nem é bom fallar; a devassidão era completa; tinha-se aperfeiçoada na India (Linschott); Venus corria as estradas, segundo diz Clenardo no estylo crú, flamengo das suas Epistolas.

Faltava só mais uma desgraça para coroar a obra, a Santa Inquisição, cujas ceremonias funebres vieram depois substituir os serões do paço, transformando os heroes de Ceuta e Arzilla em familiares do Santo Officio. O clarão do primeiro Auto-da-Fé ainda não havia illuminado o paiz. Alguns symptomas já denunciavam em 1530 uma mudança de regimen; eram ideias soltas, intolerantes, conselhos extranhos, nuvens passageiras, que não conseguiram acabar de todo com as festas. O abandono das praças d'Africa, a primeira confissão official de fraqueza, ainda vinha longe. No paço ainda se dançava á volta do Rei, no meio dos esplendores accumulados durante o governo anterior. Começava-se agora a examinar, por miudo, todas as magnificencias da casa, peça por peça, o que fazia crescer naturalmente a inveja, „*a cobiça da boca aberta*". Sá de Miranda via n'esta sêde os effeitos da *clara peçonha* dos *mimos indianos.* Não lhes poupa as verdades, a esses cavalleiros da „*ousada avareza*"; corre ás naus da India e arranca-lhes ahi a mascara:

Escravos mais que os escravos!
por rezão e por justiça,
deixai-vos dos vossos gabos!
que vos vendeu a cobiça
a mar bravo e a ventos bravos!

De balde procura o remedio:

Lançou-nos a perder engenhos mil
e mil este interesse que haja mal,
que tudo o mais fez vil, sendo ele vil.

Remava contra a maré; a onda da emigração continuava avançando sobre Lisboa;

que o cheiro d'esta canella
o reino nos despovôa!

A poesia mais sublime, a inspiração mais energica nada podia remediar n'uma epoca toda de batalha. Tudo era acção; ninguem ou quasi ninguem dispunha de tempo nem de vontade para ouvir um poeta moralista, que dizia cousas tão estranhas! Quem tinha vagar para ler versos, quanto mais para os escrever? D'este modo a poesia continuava a ser uma simples distracção palaciana.

Sâ de Miranda diz adeus á côrte, e retira-se para o campo, desilludido, indignado. Ahi, n'uma vida idyllica, recolhido com os seus pastores, não iriam os aulicos importunál-o e indagar da sua vida, dedicada d'ora avante só ao nobre ocio das lettras e das musas. Este novo plano era o mais proprio e consoante o seu temperamento melancholico. Ahi, no campo, tinha gente sincera e simples, e em torno da quinta alguns amigos com quem podesse desafogar as saudades; esses ouviriam as suas severas sentenças sem escandalo, porque nem a verdade nem a franqueza cabiam no paço. Já em 1527 Pero de Carvalho e toda a sociedade da côrte lhe ouviram amargas censuras, por o terem obrigado *a ir enjoado assi ó tom por onde os mais andão.* Por ultimo declarou-o ao proprio monarcha n'uma famosa epistola (No. 104) na qual corta, de uma vez para sempre, todos os fios, toda a possibilidade de uma transacção que o possa ligar ao serviço d'El-Rei ou dos Infantes:

Homem de um só parecer,
de um só rosto, e d'ũa fé,
d'antes quebrar que torcer,
elle tudo pode ser,
homem de côrte não é.

Como podia elle servir no paço, na companhia de palaciegos hypocritas, sem sacrificar a rica liberdade *que é mandada sómente da rezão e da verdade?* A sua consciencia protestava contra muitos abusos que tinha de condemnar como homem honrado, como patriota, como philosopho e como jurisconsulto; custava-lhe muito a não descobrir todo o seu peito. O numero dos seus enemigos não devia ser pequeno, por isso mesmo que havia

poucos que fossem do seu parecer; uns riam-se da sua modesta existencia, da sua isempção, do seu animo incorruptivel, parecendo-lhes que fugia dos empregos por uma vã ociosidade; outros intrigavam na sombra, feridos pelos seus bons ditos agudos e comparações pouco lisongeiras de „papagaios, bugios, gatos de Algalia“, e de apodos como o seguinte:

> de fora mansos cordeiros,
> de dentro lobos robazes.

É possivel que as familias dos Carvalhos (e Carneiros?), que haviam soffrido com os epigrammas da Carta No. 105 lhe pagassem com usura. Gil Vicente, cujos autos geniaes eram apenas „pasquinadas“ e palhaçadas grotescas aos olhos de Miranda, tinha odio a este *homem de bom saber* com as suas velleidades classicas, com o seu paladar aristocratico, tão sensivel á crua realidade dos versos nacionaes, adversario figadal das expansões de uma musa desbragada. O antagonismo do partido culto e do partido popular foi crescendo sempre, pagando o velho poeta as satyras de Miranda com chufas theatraes.[1]) Na côrte os escandalos multiplicavam-se. Primeiro foi ferido na sua consciencia de legista e na sua sensibilidade de parente de dois homens, iniquamente esbulhados de seus haveres, primos, amigos e companheiros seus de infancia, Simão de Miranda Henriques e Gonçalo de Miranda da Silva (C. C. Branco p. 35—37); logo depois assistiu á infame sentença, dada contra o Marquez de Torres Novas, mal recompensado depois com o titulo de Duque de Aveiro dos aggravos feitos á sua honra. Estes e outros successos (a morte de sua amantissima Celia?) decidiram-n'o a abandonar a vida turbulenta da côrte, onde tinha levantado, por ultimo, uma questão, a que allude repetidas vezes nas suas poesias, e que não passou desapercebida ao seu biographo. Eis a historia que teve tão serias consequencias.

Na Egloga *Aleixo*, composta e representada, segundo as apparencias, cerca de 1530 (V. Nota 102 p. 763 e 766), Miranda lançou algumas phrases allusivas ao exilio do seu amigo Bernardim Ribeiro, defendendo-o. A allusão era franca, mas digna, e entendia-se com um fidalgo, D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, valido d'El-Rei, que abusava frequentemente do seu prestigio, como, de certo, faria no caso presente. Esta pessoa

---

[1]) No auto do *„Clerigo da Beira“*, Gil Vicente allude a um filho de clerigo, de nome Francisco, mexeriqueiro, de más manhas e peor lingua, com costella de lavrador e pretensões de cortezão. Tendo esta farça a data de 1526, a allusão só poderá ser referida a Sá de Miranda (como quer C. Ç. Branco, Hist. e Sent. I p. 33), caso elle tivesse regressado a Portugal já n'este anno, o que será difficil de provar.

muito poderosa, em desprazer da qual a inveja interpretava maliciosamente o trecho incriminado (No. 101, 402—5) não levou a bem a intervenção do poeta. Ignoram-se as consequencias d'este conflicto, mas na *Canção á Virgem*, escripta n'esta epoca de crise, falla-se em prisões e ferros (No. 100, 84—86). O velho biographo declara muito positivamente que o poeta soffrera com desgosto a errada e malevola interpretação do *Aleixo*, e que *não querendo declarar-se melhor, nem esperar á vista os effeitos da ira declarada,* preferiu retirar-se voluntariamente da scena.[1])

Por este mesmo tempo fez-lhe El-Rei mercê de uma commenda da Ordem de Christo.

Não pudémos averiguar se este favor do monarcha é anterior ao perigoso conflicto, e fôra uma prova de consideração pelos seus serviços, ou se occorrera depois, para garantir a retirada e satisfazer as modestas aspirações do poeta-philosopho, que apenas desejava recolher-se a um asylo pacifico, apartado do bulicio e das intrigas dos pretendentes. A commenda de *Santa Maria das Duas Igrejas* existia desde 1319 e era uma das 414 da Ordem de Christo; ficava, deveras, longe de qualquer dos logares que a côrte costumava frequentar, situada como está na região do Norte, perto da fronteira da Galliza, proximo de Pico de Regalados, na margen esquerda do rio *Neiva*, que o poeta tornou tão celebre. Hoje pertence ao concelho de Villaverde, comarca tambem de Villaverde, Arcebispado e districto administrativo de Braga. A deliciosa paisagem do Minho, os montes cobertos de verdura, os ribeiros crystallinos correndo por entre prados uberrimos, a frescura dos bosques, povoados de contos e de feitiços, e a veia poetica dos minhotos, valiam para Miranda mais do que a maior renda. A commenda dava (em 1592) uns 180000 reis annuaes[2]); era pequena, porque as havia até tres contos, mas o poeta não tinha grandes necessidades; viveu sempre, para fallarmos com o biographo, *em todas as cousas do mundo quasi abstrahido do mesmo mundo*; e como, alem da mercê real, ainda devia ter alguma cousa de seu, postoque não fosse rico no dizer dos contemporaneos, soube governar-se.

A pouca distancia da Commenda existia a *Casa da Tapada*, com quinta e bosque, amena por natureza e arte, pertencente á região do rio Homem (affluente do Cavado) na freguezia de Fiscal, a meia hora do castello do Crasto, concelho d'Amares,

---

[1]) A palavra *ostracismo*, de que nos servimos algumas vezes no Commentario, com relação ao desterro apparentemente *voluntario* do poeta, é pois mal cabida.

[2]) V. Figueiredo Falcão, Livro de toda a fazenda p. 213.

antigamente d' Entre-Homem-e-Cavado.[1]) Esta propriedade foi adquirida por Sâ de Miranda entre 1532 e 34, ou em 1536, se é que elle se demorou primeiro n'uma sua casa de Duas Igrejas, esperando talvez a conclusão das obras na quinta? Em todo o caso é certo que lá estava, no Minho, na Casa da Tapada, em 1536, anno do seu casamento. Tinha achado finalmente o abrigo e escondedouro tão desejado, que nunca mais abandonou! Ahi se recolheu á sombra dos bosques, aos quarenta annos, em boa condição de saude, mas já encanecido. A esposa, D. Briolanja d'Azevedo, era irmã do seu visinho e amigo Manoel Machado de Azevedo, senhor d'Entre-Homem-e-Cavado, fidalgo de uma das familias mais nobres e illustres do Minho, ascendente dos marquezes de Montebello e dos condes da Figueira. Muito mais do que a sua nobre procedencia valiam as qualidades moraes d'esta senhora, o seu animo levantado, o seu forte coração e carinho pela familia.

A tradição refere que já não era nova, pouco fermosa e não rica de dote, mas que fôra o proprio D. João III que intercedera pelo poeta, influindo n'este delicado assumpto e provando assim, até ao ultimo momento, o empenho especial que tinha na realisação dos seus pedidos.

A Quinta da Tapada ficou, pois, sendo o templo das musas, cujos oraculos e revelações eram escutados com o maior respeito pelos poetas mais distinctos da nova geração, templo, do centro do

---

[1]) A situação topographica da Quinta foi, em geral, tão mal fixada que alguns a collocaram ao pé de Ponte de Lima, e outros simplesmente nos arredores de Braga. — O que ainda não pudémos averiguar é se a Quinta da Tapada pertencia á Commenda das Duas Igrejas, ou ás Terras d'Entre-Homem-e-Cavado, fazendo ahi parte integrante da casa do Crasto e entrando, n'este caso, no dote de D. Briolanja. Póde ainda ser muito bem que o poeta comprasse a Quinta com os seus proprios recursos para ficar pouco distante da commenda e perto da familia de sua mulher; ou finalmente (o que é de todos os casos o menos provavel) que elle a possuisse antes da mercê, e que D. João III escolhesse a commenda das Duas Igrejas como a mais proxima do retiro que o poeta havia preferido. O biographo contemporaneo diz: „tendo lhe el-Rey dado hũa Comenda no mestrado de Christo que chamão as duas igrejas, no Arcebispado de Braga, junto a Ponte de Lima (!), recolheo-se a hũa quinta que tambem tinha ahi perto, chamada a Tapada". Ha ainda duas velhas genealogias manuscriptas que asseguram *„fez a Quinta da Tapada"*, e a outra: *„Fundou a casa e quinta da Tapada"*. — Um facto, não ponderado até hoje, leva-nos a crêr que a Quinta não fazia parte da Commenda, e é: o acharmos uma outra familia na posse de Duas Igrejas já em 1592, os Mendes de Vasconcellos, familia nobilissima que teve o seu solar n'estes mesmos sitios, no concelho d'Amares (citação de 1605 em Figueiredo Falcão). A quinta porém continuou, e continua na posse dos descendentes do poeta: os Azevedos de S. João de Rei, como solar. — V. C. C. Branco, Hist. e Sent. p. 38; Th. Braga, Quinh. p. 80; Pinho Leal II 123, 487; III 200; IV 615; IX 788; Chorographia II 243, 244, 247.

qual partiram os exemplos e os impulsos que brevemente determinaram a nova renascença da poesia portugueza. Não faltou, é verdade, quem censurasse frequentes vezes o modo de vida de Sâ de Miranda, o seu exilio voluntario, o seu isolamento, e affirmasse até que elle estava „cansado, desenganado, e meio indifferente[1]); que escolhera a vida da Quinta da Tapada para se subtrahir a trabalhos, e descansar sobre os louros adquiridos; e que a sua quasi inteira retirada do mundo lhe furtou, com a convivencia, os estimulos para se entregar em cheio á reforma, a que só de longe e quasi a medo presidia." Isto não é exacto. Foi precisamente no seu esconderijo serrano que elle desenvolveu a maior actividade. Muito embora tivesse lançado o seu programma já nas festas de Coimbra, não foi ahi, mas na Quinta, que se decidiu a victoria, trabalhando o poeta com vigor na reforma. Aos mais impacientes e maldizentes respondeu, dignamente, com a sua habitual serenidade:

O nome da ociosidade
soa mal; mas se ela é sã,
bem empregada em vontade,
Socrates da liberdade
sempre lhe chamou irmã.

Os primeiros annos da sua vida campestre no Minho passaram rapidamente entre poeticas distracções, que seriam para elle completa novidade: passeios pelos bosques e prados, montarias aos lobos e javalis nos bravios que circumdavam a Quinta e o Solar do Crasto e nos pittorescos montes do Gerez; pescarias etc. Começou então a apreciar a valia dos seus proprios esforços e estudos: o vinho que fazia na sua adega, as perdizes que ajuntava nas corridas venatorias, os salmões e as trutas apanhadas nas inquietas ondas do turbulento Homem, ou nas crystallinas aguas do Neiva, no „pego" do Cavado, tudo sabia bem melhor do que as peças mais ricas, compradas ao almocreve. A senhora D. Briolanja fazia as honras da casa com arte consummada. Os fusos não paravam um instante nos serões bem governados; as arcas enchiam-se de meadas, e as meadas transformavam-se em teias de alvo linho, fazendo honra á terra que dera o fructo, e ás mãos diligentes das minhotas que o haviam apurado. O solar dos Machados era perto, e como seu cunhado era homem de grande coração, jovial, generoso, amigo de momos e saraus, muito bem visto pelo Rei e pelos Infantes, não faltavam festas caseiras, representações de comedias impro-

---

[1]) Por exemplo o Snr. Julio Castilho no seu bello estudo sobre Antonio Ferreira, vol. I p. 117 e 160.

visadas etc., festas memoraveis, que até foram um dia honradas com a presença dos Infantes D. Luiz e D. Henrique[1]), quando Manoel Machado de Azevedo os convidou a assistirem ao baptizado do primogenito.

Quem estudar attentamente as obras de Sâ de Miranda achará noticias abundantes, provas mais que sufficientes da sua actividade intellectual. — As preguntas e respostas poeticas cruzavam-se a cada momento; nos intervallos jogava o xadrez ou fazia cantar a sua viola d'arco; e como, além de ser bom visinho, era pessoa tão prendada, não faltavam os convites dos amigos. Notaremos os seguintes, que tiveram, ao que parece, mais de uma vez a honra de o hospedar: Nunalvarez e Antonio Pereira Marramaque, senhores de Cabeceiras de Bastos (concelho e comarca de Celorico do Basto). V. No. 103 e 108. Estes fidalgos sabiam contentál-o sobremodo com a bella agua da fonte da Barroca, a cachaça, a rica fruta da sua quinta, e com umas tantas iguarias favoritas, á moda do campo, que o sobrio e austero philosopho gabava em extremo, reprovando as golodices da côrte, impregnadas de custosas drogas. — Nunca se enjoou d'estas „*cêas do paraiso*". Mas além de bons manjares tinham esses amigos outros segredos: optimos livros, por exemplo. Liam com elle as composições mais primorosas da litteratura italiana, o *Orlando* d'Ariosto, a *Arcadia* de Sanazzaro, os *Asolani* de Bembo etc.; depois da leitura commentava-se o texto, discutiam-se as suas bellezas, ou então encetava-se uma disputa profunda sobre materia religiosa, pesando-se as consequencias da reforma.

Nem todos os visinhos eram, porém, do agrado de Miranda; os *de fronte*, os Abreus de Pico de Regalados, nunca o tiveram em casa; eram *maus lobos*, como lhe chamava o poeta. A sua propria quinta estava franca e aberta aos hospedes „que indifferentemente agasalhava com gosto particular". Visitantes distinctos não faltariam de certo. É possivel p. ex. que recebesse ahi o sabio Nicolao Clenardo, quando este, no regresso de Compostella, em 1537, percorria as principaes terras do Minho, Ponte de Lima, Barcellos, Guimarães, e o Mosteiro da Costa. O Senhor D. Duarte, filho bastardo de D. João III, sobre cujo desenvolvimento Sâ de Miranda exerceu, em nosso parecer, visivel influencia, vivia perto. Francisco d'Hollanda, o notavel artista e amigo de Miguel-Angelo, andou pelo Norte com o Infante D. Luiz, e não deixaria de levar

[1]) As fontes dizem que D. Henrique, o qual já occupava então a sede archiepiscopal em Braga, veio, de proposito, com toda a sua capella, e administrou em pessoa o baptismo; e que os Infantes D. Luiz e D. Fernando serviram de padrinhos, vindo expressamente de Lisboa. Isto é impossivel. D. Henrique começou a exercer o seu logar em 1537, tres annos depois da morte de D. Fernando.

ao poeta lembranças da Italia, e de lhe mostrar o seu livro de desenhos; outros, como Diogo Bernardes, appareceram mais tarde, escutando preciosos conselhos. Foi Miranda que iniciou o autor do Lima na carreira das lettras. A educação dos filhos roubava tambem muito tempo; queria fazer d'elles uns cavalleiros perfeitos, inspirar-lhes os principios mais elevados, e estimulal-os com os exemplos mais sublimes de dedicação á patria. As extraordinarias esperanças que elle punha no seu primogenito Gonçalo, conhecem-se no canto funebre que lhe dedicou em 1553 (V. No. 147). Mas é crivel que estas occupações preenchessem todas as suas horas, e absorvessem completamente toda a sua attenção? Que embotassem a sua penna?

Não; sobejou-lhe ainda tempo para lêr, para estudar e produzir. As obras dos poetas contemporaneos mereciam a sua consideração e estimulavam-n'o a poetar tambem, como se prova, irrefutavelmente, por muitas poesias feitas depois de 1532 e escriptas evidentemente no seu retiro campestre.

Co que li, co qu'escrevi,
inda me não enfadei

diz elle a um amigo, e dirigindo-se a outro:

A essas letras que sigo,
devo que nunca me enfado.

A sorte da nação não lhe era indifferente. De longe seguia com interesse os menores incidentes politicos. Os favores e as desgraças, que assignalavam a existencia dos homens que tinham entre as mãos os destinos do paiz, commoviam-n'o profundamente e talvez com maior intensidade do que aquelles que, collocados no meio do redomoinho das intrigas, tomavam parte, pessoalmente, na lucta. As suas Satyras sobre os negocios da côrte e as ambições dos aulicos, destinadas a accordar as consciencias e a arrancar os fidalgos de uma vida capuana, cheia de perigos e deleites, provam pelo seu extraordinario vigor, pela forte convicção que as inspira, a vigilancia do patriota. A'quelles que exigiam maiores sacrificios, que, por amor á sua patria tomasse parte na acção, respondia o poeta com o exemplo de Anaxagoras, apontando para o ceu, e dando-lhes a entender que bem lhe lembrava a verdadeira bemaventurança da sua terra (107, 140).

Os successos ainda não eram então absolutamente desfavoraveis. Alguns factos ultimamente occorridos faziam até reviver a esperança. Nicolau Clenardo fôra chamado em 1534 de Salamanca, e fixára a sua residencia em Evora, dirigindo ahi os estudos do Infante D. Henrique. Em 1537 D. João III decretára a reforma da Universidade, transferindo-a definitivamente para

Coimbra. Fabricio, Teive, Buchanam, Gouveia haviam entrado no professorado; todos esperavam, com razão, um brilhante renascimento dos estudos. Na côrte os symptomas eram igualmente promettedores: as boas lettras, a poesia, os estudos classicos, prosperavam, patrocinados pela familia reinante. Bastará recordar o circulo que se formou em torno da Infanta D. Maria, e que se compunha de senhoras de muita distincção, como Angela e Luiza Sigêa, Publia Hortensia de Castro, D. Leonor de Noronha, Joanna Vaz e Paula Vicente. João de Barros, que em 1521, quando Miranda partiu para a Italia, aparára a penna, escrevendo o Clarimundo, publicava agora as suas celebres *Decadas*; Damião de Goes regressava de Flandres em 1545, chamado para servir de mestre de lettras ao joven Principe D. João, — garantia illusoria de futura tolerancia! As victorias de Africa, onde o Infante D. Luiz ajudára tão efficazmente á empreza de Tunes, os combates heroicos do primeiro cerco de Diu, tinham erguido a fama do valor portuguez á maior altura. O nosso poeta inspirava-se n'estes acontecimentos, que pareciam abrir com effeito uma nova éra, e invocava a sua musa.

Vejamos pois as obras que escreveu de 1532 em diante, em seguida á grave crise que apontámos na sua vida. É natural encontrarmos n'ellas uma certa agitação, o esforço de um homem que passa da vida activa á vida contemplativa. As duas almas que, segundo Goethe, residem no peito humano, tinham de equilibrar-se apoz uma lida dolorosa. Era preciso justificar a sua resolução perante os amigos, e tranquilizar a propria consciencia; e tudo isto fez logo, com franqueza, naturalmente, sem grande artificio nem reservas, na forma nacional, em redondilhas simples e desaffectadas que lhe corriam da penna. N'este estado de espirito compoz — talvez em casa do seu amigo Pereira Marramaque — a Egloga *Basto* (No. 103), entre todas as suas poesias bucolicas a que tem o cunho pessoal mais pronunciado. É n'ella que se entrega simplesmente á inspiração do seu genio, acertando no tom genuinamente popular e traçando episodios puramente minhotos, i. é *agallegados* d'uma candura encantadora. A forma de *Dialogo pastoril* foi escolhida como a mais apropriada, e que já tentára com vantagem na outra Egloga *Aleixo*. Uma unica circumstancia recorda as famosas coplas de Mingo Revulgo, e alguns autos de João del Enzina, e é: a allegorisação das figuras de Gil e Bento, que representam a sociabilidade urbana e a insociabilidade rustica, ou a vida palaciana e a do campo, declarando quaes as convicções do poeta, qual o seu credo ethico. Esta Egloga continuou occupando-o toda a sua vida: só assim é que se explica a existencia de numerosissimas variantes; conhecemos nada menos de

quatorze redacções d'ella, todas differentes (Vid. No. 103. 116. 117. 164).

N'esta mesma epoca, aproximadamente, compõe Miranda ainda a carta já citada a ElRei D. João III (No. 104) embebida das mesmas ideias; outra (No. 105) que enviou ao seu velho amigo e parente João Rodriguez de Sâ e Menezes (No. 105), que tinha em grande estimação pelas suas qualidades de caracter e fino criterio; e finalmente a carta a Antonio Pereira (No. 108), todas as tres escriptas n'uma forma peculiar, sentenciosa, eriçada de ditos certeiros, n'aquellas quintilhas que elle torneava como ninguem e que já empregára com tanta sorte na carta a Pero Carvalho. *Facit indignatio versum.* As composições satyricas — a Egloga Basto e as Cartas — representam o que ha de mais original e de mais valioso entre todas as poesias de Miranda, e são ainda hoje as que attrahem mais a attenção. Durante tres seculos serviram de modelo a muitos engenhos; os poetas mais notaveis de Portugal imitaram-n'as: p. ex. D. Francisco de Portugal, Francisco Rodriguez Lobo e D. Francisco Manuel de Mello.[1])

Este gruppo de poesias pertence, em nosso parecer, como já indicamos, ao curto espaço de tempo que medeia entre a retirada da côrte e o casamento com D. Briolanja em 1536. É o periodo do „*Sturm und Drang*" do nosso poeta.

Segue depois um periodo breve de descanço, no qual Miranda se assimilou novos elementos, como veremos, preparando-se para ulteriores creações. Durante uma visita, que fizera a Antonio Pereira, ainda antes de 1536, o seu culto hospedeiro presenteou-o com um manuscripto precioso; eram as poesias de Garcilaso e Boscan, os dous poetas mais celebres do visinho reino e fundadores da eschola italiana em Castella, escriptas de 1526 até então. Ambos, principalmente o divino Garcilaso, tinham acertado logo de um modo tão singular com o novissimo estylo; os seus bellos versos tinham sido saudados com tanto enthusiasmo, apesar da guerra aberta do partido popular, que facil foi accender de novo a inspiração do nosso poeta com semelhantes exemplos. Sâ de Miranda resolveu-se a continuar a obra da reforma, iniciada em Coimbra em 1527 sem resultado visivel. Principiou d'esta vez com *Eglogas em metro hendecasyllabo,*

---

[1]) Ainda hoje podemos repetir o que em 1614 affirmava um dos seus admiradores: „*Foi tam particular mestre do trato da nossa côrte, do nosso modo de conversar, dos termos com que entre nós se declarão os que milhor sabem declarar-se, que passando ha tantos annos, ainda hoje os bem lidos nelle se valem de sua doutrina como de apothegmas argutissimos em toda a variedade de materiaes tocantes a estilos de corte e costumes politicos, e ainda os pregadores no pulpito.*"

de que conhecemos cinco, mas só uma em portuguez, e as restantes em hespanhol. Porque é que Miranda escolheu este idioma? Talvez por entender que o superior encanto das poesias melodiosas de Garcilaso resultava da maior euphonia da lingua castelhana. Nas cinco eglogas ao modo italiano a influencia do principe dos poetas hespanhoes é evidente: o iniciador portuguez serve-se das mesmas formas metricas, dos mesmos artificios de Garcilaso, empregando ora só a Outava Rima, ora semeando entre os Tercetos que formam a base de algums idyllios, varias Canções e versos com rima encadeada. Outras vezes intercala até redondilhas, á feição de coplas cantadas, no meio dos versos de onze syllabas, o que Garcilaso e Boscan nunca ousáram. Theocrito e Vergilio, que foram lidos e estudados novamente com amor, reapparecem reflectidos nas bucolicas de Miranda, como tambem as poesias pastoris dos arcades de Sanazzaro.

Entre 1535 e 38 foi que escreveu a Egloga *Celia*, dedicada ao Infante D. Luiz; a Egloga *Andrés*, offerecida ao Duque d'Aveiro; o *Epitalamio Pastoril* a Antonio de Sâ e Menezes; o *Encantamento* a D. Manoel de Portugal, e no outono de 1537 a Egloga *Nemoroso*, destinada a commemorar o primeiro anniversario da morte de Garcilaso, cujo discipulo se confessa modestamente. Na dedicatoria inscreve, em signal de reconhecimento o nome do illustre amigo, que lhe communicára o precioso manuscripto.

Não durou muito que Miranda ouvisse o primeiro echo do seu novo canto, repercutido na região da Extremadura; começaram a apparecer os primeiros proselytos, já animados pela adhesão da Hespanha á grande reforma litteraria. Alguns sequazes distinctos, D. Manoel de Portugal, Francisco de Sâ e Menezes, Pero de Andrade Caminha procuram imitál-o e seguem no caminho novamente aberto, mas não de todo alizado (cfr. No. 91. 97. 150). O movimento transmitte-se á côrte; os partidarios erguem a nova bandeira e attrahem a attenção dos poderosos sobre as obras do mestre, reanimando os antigos admiradores, que o suppunham mudo.

Em 1538 apresenta o poeta a segunda comedia classica, „*Os Vilhalpandos*", escripta em prosa, como a primeira (Os Estrangeiros), e como a Eufrosina, Ulysippo e Aulegraphia de Jorge Ferreira de Vasconcellos. O Infante D. Henrique que fôra a Braga em 1537, para fundar a nova escola latina, encarregada a Nicolao Clenardo e Vaseu, *não só lhas mandou pedir, pera as fazer, como fez, representar diante de si por pessoas que despois foram gravissimos ministros .... senão pouco despois de Francisco de Sâ morto, porque se ellas não perdessem, as fez imprimir ambas*

em Coimbra na forma em que andam; & as tinha e lia muitas vezes.

A esta segunda comedia segue em 1543 uma carta em redondilhas (No. 107), dirigida a seu irmão Mem de Sá.

E depois emmudece durante 10 annos! Pertencem a este longo periodo (1543—53) apenas algumas pequenas poesias de occasião, cartas a seu cunhado, infelizmente perdidas, alguns sonetos, duas elegias, e é tudo. Não escreve nenhuma composição de maior vulto, nenhuma obra profundamente pensada, como as que caracterizam os annos anteriores. N'esses pequenos trabalhos que apontámos e na revisão de obras antigas, sobretudo da famosa Egloga Basto, gasta o seu tempo; emenda e altera, lima, e apura sem descanso, segundo o seu costume.

Estava esgotada a sua inspiração? ou receava maior perigo, não podendo já fallar como d'antes, de bofes lavados? Seria o espectro da Inquisição, cuja crueldade o enchia cada vez mais de tristeza, abalando a sua fé no futuro da patria? D. João III havia já alcançado a bulla de 23 de maio de 1536, que instituiu a Inquisição, depois de repetidas e urgentissimas instancias; em 1539, 22 de junho, era o Infante D. Henrique nomeado Inquisidor-adjuncto, e logo no anno seguinte (20 de septembro) assistia o povo, aterrado, ao primeiro auto-da-fé, poucos mezes depois da entrada dos Jesuitas. As penitencias publicas, promovidas em 1542 em Coimbra, Porto e outras terras pelos novos padres da Companhia eram as primeiras revistas funebres em um hospital de gente enferma. As nuvens encastellavam-se rapidamente, annunciando a tormenta. Abafava-se; uma apagada e vil tristeza entrou nos animos. Com que espanto não receberia Miranda a noticia das novas funcções do Cardeal, que avançava em 1547 ao posto absoluto de Inquisidor-Geral? Para que esses castigos a ferro e fogo? No anno em que os cortezãos acudiam ás funebres penitencias, abandonava El-Rei Safi e Azamor, e em 1549 Arzilla e Alcacer. Justificava-se este acto de fraqueza com razões economicas. As drogas da India valiam mais do que os bastiões das praças africanas, baptizadas com o sangue de milhares de portuguezes! Não havia ahi nem ouro, nem rubins, nem cravo, nem pimenta; só a memoria de D. João I e do Infante Santo. Depois — as novas da Universidade! Sâ de Miranda não as entendia. Os mestres, ultimamente nomeados, e que já tinham provado em tão pouco tempo a sua rara capacidade para o ensino, começavam a inquietar-se; rumores vagos de suspeitas e denuncias por todos os lados! A acção de um poder occulto era manifesta. Se as pessoas mais qualificadas, com as quaes o poeta antes se entendera, se El-Rei e a Rainha, se os Infantes D. Luiz e D. Henrique se offereciam aos Jesuitas e á Inquisição,

se até o Duque de Aveiro, que não duvidára acceitar e lêr obras hereticas, receiava; se todos aquelles com os quaes era licito contar para novos planos, em virtude de antigas amizades, se retrahiam para gastarem os seus dias nas praticas de Simão Rodriguez e São Francisco Xavier, para festejarem autos-da-fé e promoverem penitencias publicas, então era escusado gastar mais tinta e papel. Nenhum d'elles podia ter já interesse em escutar a queixa rude do pobre „*guardacabras*"; o clamor da alma popular não seria ouvido, embora apparecesse vestido em formoso traje poetico. A voz do eremita da Tapada, que só prestava culto á verdade e á razão, era demais no concerto de ladainhas que se entoava em Lisboa. Emmudeceu. E cuidou apenas na educação de seus filhos. „*E com a magoa do que lhe revelava o espirito dos infortunios da sua terra* — [e talvez, do futuro de seus filhos?[1])] — *se affligia tanto que muitas vezes se suspendia, e derramava lagrimas sem o sentir.*" Gostava de conversar com hospedes, *porque o tiravam de si.*

Calou-se, e deixou fallar outros, menos perspicazes e sensiveis, ou menos sinceros do que elle. Muitos seguiam já pelo caminho que Miranda abrira, salvando todas as apparencias, isto é: adoptando as novas formas metricas introduzidas por elle; limando e polindo a lingua portugueza, e enriquecendo-a com tal abundancia de termos poeticos que já ninguem podia contestar em 1550 o completo triumpho da Eschola classica italiana, inaugurada em 1527. Por este tempo já Luiz de Camões escrevia, na volta de Africa, os seus admiraveis sonetos, as suas canções e elegias immoredouras!

Estamos chegados ao ultimo periodo (1550—1558). O poeta exalta-se mais uma vez e lança mão da penna, porque successos extraordinarios o ferem profundamente nas suas affeições. Um cyclo de poesias muito formosas marca esta epoca, provocadas directa- ou indirectamente pelo principe D. João, o joven herdeiro do throno portuguez, amante das lettras e sobretudo da poesia, (talvez por influencia de seus mentores, Sâ de Menezes e D. Manoel de Portugal), o qual inspirava pelos seus talentos precoces nova confiança a todos os patriotas (V. No. 1 e No. 146). Em 1550 e 1551, depois do Principe visitar a universidade de Coimbra, tinha chegado á Quinta da Tapada uma

---

[1]) O filho segundo e herdeiro do poeta, Jeronymo de Sâ, parece ter herdado a má natureza dos Sâs de Coimbra. Sobre a sua perversidade, o triplice assassinato da sua mulher, da mulher de Francisco Machado seu primo coirmão, e do commendador de Rendufe, D. Henrique de Sousa v. o „Nobiliario del Conde D. Pedro", Madrid 1646, ed. Manoel de Faria e Sousa, p. 552—555 das Notas do Marquez de Montebello (ed. de Roma 1640 p. 8 das Notas), e C. C. Branco p. 47.

mensagem sua, na qual pedia a Sâ de Miranda uma collecção das suas poesias. Toda a côrte gabára sempre as obras do poeta, o rei, o Infante D. Luiz, os melhores engenhos entre a nobreza. O pedido era pois natural, mas nem por isso deixava de ser uma honra para o mestre, e uma boa prova do interesse do Principe pelas lettras. Sâ de Miranda promette enviar o manuscripto, e eil-o avivando a lembrança de tempos esquecidos, revolvendo os velhos papeis, abandonados

á traça e pó da aldeia e sua baixeza

e

entre teias de aranhas encantados.

Primeiro copia os antigos manuscriptos de 1513—1521, depois ajunta-lhes alguns papeis mais novos, mas já tambem cobertos de poeira; por tres vezes remette para Lisboa fragmentos das suas obras, accompanhados de 3 Sonetos dedicatorios. Novos *capitulos*, cheios de louvores, de Antonio Ferreira, Jorge de Montemor, Diogo Bernardes, André Falcão de Resende, confirmam a vitalidade da sua escola, estimulam o seu estro e provocam-n'o a novos trabalhos. A fonte, que parecia exhausta, renasce (Nos. 141—148). Mas no meio d'estes trabalhos sobrevem uma nova desgraça; seu filho primogenito morre em Ceuta, no primeiro passo de armas (1553); e como se este golpe não fôra bastante, morre no anno seguinte o Principe D. João, e em 1555 D. Briolanja, *com o que Miranda começou a morrer logo tambem, pera todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios.* A estes tristes casos succedem outros encadeados, a morte do Infante D. Luiz, no mesmo anno que lhe havia roubado a consorte; depois a de ElRei D. João III em 1557. Não tardou muito o poeta; passados oito mezes fechou os olhos no dia 15 de março de 1558.[1]) Foi levado á sepultura na modestissima igreja do lugar proximo, Sam Martinho de Carrazedo, de que era donatorio Manoel Machado de Azevedo, na qual já dormia a mulher, sua companheira de 19 annos, que elle chorára com extremos de sentimento.

Assim desappareceu o maior vulto litterario do seu tempo, o chefe incontestado da Eschola italiana, o introductor e propugnador do theatro classico. O paiz não deplorou só a morte de um raro engenho e de um innovador feliz; perdeu um dos typos nacionaes mais sympathicos. A sua sã philosophia, a sua probidade exemplar, a pureza dos seus costumes tinham-lhe

[1]) O biographo diz que faltando-lhe D. Briolanja, faltou elle brevemente entre excessos de sentimento (Vide p. 845 No. 143).

conquistado a estima dos contemporaneos. E como as suas poesias — a confissão immortal do seu genio — são o espelho fiel do seu pensamento, a revelação do homem interior, ninguem lhe recusou depois os louvores que recebera em vida; pelo contrario, os posteros confirmaram em tudo a sentença dos criticos do seculo XVI.

Em Sâ de Miranda a concordancia entre o pensamento e a acção é perfeita, a palavra clara e persuasiva, porque parte sempre de uma convicção profunda. Estudem-se as suas composições mais salientes, em todas se descobre uma intenção positiva, uma nota dominante que vem do fundo de uma nobre alma, afinada sob a influencia do sentimento do dever, rigoroso, inabalavel. Miranda não se entrega exclusivamente ao culto da forma; pelo contrario, trata-a frequentes vezes com menos cuidado; as suas poesias não hão de ser um mero passatempo, servir só de distracção agradavel: o seu fim é outro,

Et prodesse volunt et delectare poetae;

as suas satyras hão de instruir e morigerar, melhorar os costumes, fundadas no conhecimento intimo da vida, cheias de preciosos conselhos. Mas o que o poeta aconselha é o que elle pratica; só proclama e recommenda aquillo que sentiu, aquillo que apurou na sua consciencia. É isto que o torna grande; são estas qualidades que enchem as suas obras de luz e de encanto.

Não existe, com certeza, poeta portuguez (exceptuando Camões, como epico) que fosse mais lido nos seculos XVII e XVIII.[1]) Nenhum foi mais vezes citado e imitado, estabelecendo-se com os annos uma tradição ininterrupta de louvores enthusiasticos do „bom Sâ[2]); do gram Sâ de Miranda, do grave e docto Sâ, daquelle grande poeta portuguez, do nosso poeta philosopho, do nosso bom portuguez Sâ de Miranda, do sentencioso e engenhoso cortezão, do insigne, do famoso, do excellente e discreto poeta, do Horacio, do Seneca, do Vergilio, do Plauto, do Terencio e do Platão lusitano", como antono-

---

[1]) Contam-se varias anecdotas sobre o caso, p. ex.: D. Diogo de Noronha, Conde de Villaverde em uma doença que teve, fazia que Tolentino lhe lesse á cabeceira as cartas de Sâ. — Fernão Lopes de Castanheda se justifica com Sâ para escrever a Chronica do descobrimento da India em portuguez.

[2]) A lista dos autores que lhe fizeram elogios não se encontra completa nem em Barb. Machado, nem no Catalogo do Diccionario da Academia; mesmo juntando-se estas fontes, ficariam ainda bastantes nomes de fóra.

masticamente o chamáram.[1]) As suas sentenças graves e profundas, os seus apothegmas argutissimos ficáram sendo proverbios que todo o homem instruido respeitava como evangelhos familiares; e — caso singular — muito poucas maximas foram extrahidas das rimas á moda italiana (escriptas em grande parte em castelhano); quasi todas sahiram das suas *satyras*, i. é das cartas e da Egloga *Basto*, escriptas como já antes notámos, em portuguez castiço e no metro da Eschola Velha nacional, cuja poetica, gasta e extenuada, Miranda viera combater como reformador e arauto do novo estylo italiano. O mesmo instincto natural que levára o poeta a moldar os seus pensamentos mais espontaneos na forma tradicional das redondilhas, annos depois do seu regresso da Italia, determinou o juizo da posteridade, a qual declarou, unanimemente, serem essas *Satyras* as poesias mais originaes, mais ricas de profundas ideias, mais perfeitas na forma e mais caracteristicamente portuguezas na essencia e na linguagem, n'uma palavra: as mais formosas de Miranda; juizo em que se pode reconhecer um desforço levemente ironico da sorte. É esta tambem a nossa opinião.

As Églogas em hendecasyllabos hespanhoes não agradarão a todos, postoque encerrem muitas passagens deliciosas, cheias de doçura e sentimento; póde-se reparar talvez na transição abrupta de certos dialogos em estylo simples, popular, á moda de Theocrito, para canções de um idealismo romantico, de uma divagação platonica; na fluctuação immotivada, embora rara, entre as formas cultas italianas e os metros da velha eschola peninsular (V. Aleixo; Encantamento; Epitalamio); na mistura de uma philosophia ideal com uma serie de traços realisticos, tirados da vida dos pastores portuguezes, e promulgados n'um tom intencionalmente rude e energico. Uns farão simples reparo n'isto; a outros parecerá ridiculo. Entre os Sonetos, duros e pouco melodiosos em geral, só poucos ha que possam rivalizar com os mais bellos de Camões. Os *Vilancetes* e as *Cantigas* passarão em julgado, como peças de pequena monta, comquanto

---

[1]) Ha um unico poeta seiscentista, o satyrico e faceto Diogo Camacho de Souza, o qual beliscou na fama do poeta por uma infeliz „travessura de bargante" (Mello, Hosp. 313), apellidando-o joco-seriamente

poeta até o embigo, os baixos prosa

na sua „Jornada que Diogo Camacho fez ás Cortes do Parnaso em que Apollo o laureou" (impressa na Fenix Renascida vol. V p. 26 e 48), Satyra na qual, é verdade, attentou contra os maiores ingenhos peninsulares, ridicularizando-os; e entre elles

hum Luiz de Camoens, poeta torto,
que era em cousas de mar este mui visto
e já comera muita marmelada
desde o polo antarctico a Calisto. (!)

se encontrem ahi perolas de singular brilho e flores de delicioso perfume. As suas *Comedias* mesmo, não acharão hoje juizes muito benevolos, ainda que os antigos as applaudissem como espelho de graça e cortesanía, como modelos de um estylo comico togato; conceder-lhes-hão apenas o valor relativo de uma tentativa historica, sem relação com o meio, considerando-as como uma planta estranha ao solo portuguez, nunca bem acclimatada e por tanto sem resistencia. Tudo isto poderá ser apoiado com certas provas e razões, mas o que ninguem negará é o merito excepcional das *Satyras*. Ainda hoje se leem com a mesma admiração com que fôram saudadas ha tres seculos; e crêmos que nunca poderão envelhecer.

Um escriptor moderno, fino conhecedor das lettras patrias, disse, ha pouco, que hoje só algumas pessoas extremamente curiosas tem lido tres até quatro paginas de Miranda. Parece-nos haver n'isto algum exagero; eu, pela honra da nação, assim o creio.[1]) De resto, não é difficil encontrar ainda nos autores mais modernos e na conversação com pessoas de fina cultura intellectual frequentes citações de versos de Miranda, reproducções de uma sentença moral, uma maxima energica, accompanhadas de louvores.

No anno em que Miranda falleceu, já estava Camões na India; e em 1527, quando o nosso poeta se demorou em Coimbra, Camões tinha apenas quatro annos. Depois, quando Miranda vivia na Quinta da Tapada, retirado e já velho, o joven Camões andava na côrte (1546), confundido no meio de um gruppo de poetas aulicos, rivalizando com elles em certamens poeticos no estylo antigo das *voltas* e *glosas*. Não é pois provavel que os dous poetas se relacionassem: nem o turbulento moço, accostumado ás aventuras da côrte, podia ter vontade de interromper os seus divertimentos para ir em romaria á uma aldeia do Minho saudar o velho patriarcha e chefe da eschola classica. Quando muito teria este noticias indirectas de Camões por algum amigo, em carta, ou por algum hospede da Tapada recem-chegado da côrte. O genial Camões, sentindo-se forte, não procurava mestres; seguia serenamente o seu caminho ao encontro de uma nova estrella. Depois, nas tragicas peripecias da sua vida, n'uma epoca mais brilhante, não se julgou obrigado a louvar obras ás quaes não reconhecia um merito transcendente, nem uma influencia preponderante sobre o seu espirito. Cremos piamente que se algum dos amigos de Miranda lhe

---

[1]) Em outro logar o mesmo Snr., Camillo Castello Branco, cita a antiga charada bem conhecida sobre o nome de Sá, com que se brinca em familia: *Sou poeta portuguez* 1. — *Poeta portuguez? uma?* — *É Sá.*

houvesse mostrado depois de 1550 as esplendidas poesias lyricas que Luis de Camões escreveu na jornada de Africa, não faltaria o jubilo do mestre. O velho poeta, amigo dedicado e protector natural de todos os bons engenhos, saudava de certo a nova aguia e levaria uma esperança para o tumulo. Não succedeu assim. Despediu-se sem a doce consolação de haver avistado, ao longe sequer, a terra da promissão; sem poder assistir ao mais brilhante periodo da litteratura patria, á coroação da poesia portugueza, que elle havia nobilitado; — porque sem Miranda não tinhamos um Bernardes; sem Miranda não havia um Ferreira, um Caminha; sem Miranda não floresccia um Camões!

[1]) Faria e Sousa „o facil receptador de todas as fabulas que andão na nossa historia" diz no Commentario ás Rimas de Camões, que Sá de Miranda mofava do poeta com palavras e acções, sem indicar onde achou esta noticia! Nas obras, que nos restam, não se encontra referencia alguma, hostil ou sympathica, a Camões. — Vid. p. 873.

Additamentos á Vida.

I. Carrazedo do Bouro. II. Quinta da Tapada. III. Solar do Crasto.

I.

Ninguem entre as poucas pessoas que ainda leem os escriptos de Miranda, se lembrára até hoje de fazer uma piedosa romaria ao jazigo e á vivenda do poeta e de visitar no caminho o castello do cunhado, onde passára dias tão festivos. Julgámos do nosso dever irmos saudar estes tres sitios, consagrados por tantas recordações historicas, antes de concluir este trabalho, com o fim de averiguarmos uma serie de noticias evidentemente erroneas, divulgadas pela tradição e repetidas atravez de seculos, mas que devia ser facil rectificar nos proprios logares a que se referiam.

Por uma bella manhã de primavera (1883) chegámos ás antigas terras d'Entre Homem e Cavado. Visitámos primeiro S. Martinho de Carrazedo, que se alcança de Braga em duas horas de caminho (9 kil. NE.) por uma boa estrada que conduz a Villaverde, Pico de Regalados etc. Entrando na freguezia avista-se logo á direita a igreja matriz, em sitio plano. É uma modesta construcção de estylo *rococo*, da primeira metade do seculo XVIII. Sobre a porta principal vê-se um nicho (sem vulto), collocado entre duas janellas, e á esquerda a torre dos sinos com entrada separada, na frente. Uma mulher do logar abriu-nos a porta lateral da igreja e immediatamente afrontámos no lado opposto a celebre inscripção tumular, sobre duas pedras de eguaes dimensões, unidas com cal e embebidas na parede. Terão juntas 1.80 de cumprimento sobre 1.15 de altura[1]) e podem encobrir muito bem dous caixões.

A egreja tem actualmente, além do altar-môr, só duas capellas, da parte do Evangelho; a primeira, immediata á capella-môr é de Sta Margarida, ainda armada e ornada, com altar;

---

[1]) Não as pudemos medir exactamente por estar fechada a capella, e ausente o abbade, depositario da chave.

a outra ao pé, completamente desguarnecida, apresentando um vão de cinco a seis metros quadrados, encerra o jazigo do poeta. A entrada está vedada por uma grade alta de madeira, pintada de preto, guarnecida de oito tridentes de ferro; as paredes nuas, sem ornato algum, simplesmente caiadas de branco, mas ennegrecidas pela humidade; apenas na do fundo, que é a propria parede mestra da egreja, se distinguem as duas lapides citadas, sem moldura, nem emblema, nem escudo, nem mais uma palavra, que fosse accrescentada ao elogio conhecido. E diz:

EPITAPHIVM FRANCISCI DE SA DE MIRANDA.

RVSTICA QVÆ FVERAT SOLIS VIX COGNITA SYLVIS
AVLICA MIRANDÆ CARMINE MVSA FVIT
MATVROSQVE IOCOS ET LVDRICA SERIA LVDENS
DIVINA HVMANVM MISCVIT ARTE MELOS
CVM POSSET GLADIO TRANSCENDERE NOMEN AVORVM
MALVIT ARGVTI MILITIAM CALAMI.
OMNIA MIRANDVS MIRANDVS PVLVERE IN IPSO EST
PVLVERE IN HOC PATRIÆ GLORIA SCRIPTA MANET.

DECLARA SE EM PORTOGVES.

A MVSA PASTORIL AINDA NOS MATOS MAL CONHECIDA
TORNOV FRANCISCO DE SA MVI CORTESAM.
DIZENDO GRAÇAS MADVRAS, E GALANTERIAS SISVDAS,
AIVNTOV POESIA HVMANA CÕ SVAVIDADE DIVINA.
PODENDO CÕ SVA ESPADA PASSAR A HONRA DE SEOS AVOS
QVIS SOMENTE PELEIAR CÕ A PENA DA POESIA.
EM TVDO MIRANDA E NA MORTE TÃBEM FOI MIRAVEL
EM SVAS CINZAS ESTA ESCRITA A GLORIA DE SVA PATRIA.

Por cima da lapide ha uma janella, muito pequena, quadrada, de quatro vidraças, que alumia o humilde recinto. O tecto é formado por um taboleiro de madeira, liso, e caiado, que não será muito antigo. O chão não tem lageamento; é só de terra! Se não fôra a grade, cuja ornamentação de madeira entalhada e cujos ferros denunciam o seculo XVII, não haveria nenhum indicio que nos ajudasse a determinar uma epoca qualquer com relação a esta capella sepulcral de Miranda, dicta *da Tapada*, porque pertence ainda hoje aos descendentes do poeta, os Azevedos da Tapada.[1])

[1]) A capella de Santa Margarida é hoje dos Condes da Figueira, descendentes dos Machados, os actuaes proprietarios do solar do Crasto; e tem suas armas, á direita.

É evidente, porém, que as duas capellas são muito anteriores á actual egreja, reformada, ou melhor, reconstruida quasi totalmente no meado do seculo passado. A inscripção deve datar do fim do seculo XVI ou principios do XVII: em todo o caso foi composta e collocada no tumulo antes de 1614, porque na preciosa „Vida" de Miranda, impressa n'este anno por Domingos Fernandez já se lê a passagem seguinte, final:

„está enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo (Arcebispado de Braga), com sua molher e cunhados na capella de sancta Margarida."

„E Martim Gonçalvez da Camara (varam gravissimo, filho do Capitam da Ilha da Madeira, do Conselho de estado del Rey, grande vallido de dom Sebastiam o primeiro, e muy estimado de sua magestade que deos guarde, avendo resistido ás dignidades ecclesiasticas que lhe foram offerecidas, e retirado-se no fim da idade a viver privadamente cos Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa), não lhe pareceo que encontrava os intentos, com que se alli fora, nem as calidades e circunstancias que nelle concorriam, em tratar da honra que se devia á memoria de tam grande homem; e assi se occupou os ultimos mezes da sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura e pôr este epitaphio em lingoa latina; polla qual obra será sempre tão louvado dos bons espiritos, como he rezam que o seja de todos os homens pollo zelo da justiça e bem publico que mostrou em todos os estados e fortunas."

Segue o lettreiro latim, que d'ahi passou ás edições posteriores, á „*Domus Sadica*" de Macedo, á Bibliotheca de Barbosa Machado e a esta nossa edição (No. 212)[1]), n'uma forma provavelmente original, primitiva, a qual offerece, como o leitor pode verificar, algumas divergencias, e tem até duas linhas a maior (entre 6 e 7), omittidas talvez no acto da inscripção, por não caberem na pedra. É pois claro, que D. Gonçalo Coutinho, o presupposto auctor da biographia e primeiro divulgador do Epitaphio, que, comtudo, indica mal o sitio do jazigo de Miranda, não visitou pessoalmente a egreja de Carrazedo. Póde-se concluir, até ao contrario, que repetiu apenas o que ouvira dizer ao proprio Martim Gonçalves da Camara, e que trasladou a poesia latina d'um manuscripto, subministrado por este seu amigo e companheiro no conselho d'estado de Filippe III. Ambos tinham já concorrido de mãos dadas para outra obra, egualmente generosa e dignissima de louvor; tinham dado honrada sepultura a outro

---

[1]) O snr. Pinho Leal é o unico que parece ter copiado o Epitaphio sobre a pedra tumular, cuja lição reproduz, ainda assim com alguns pequenos erros.

poeta portuguez — a Camões. É sabido que D. Gonçalo Coutinho, em tempos Governador do Algarve, mandára em 1594 gravar ao Principe dos Poetas uma singela, mas expressiva inscripção n'uma campa de marmore; á qual Gonçalvez da Camara, accrescentou, com licença do amigo, na mesma pedra, um elogio latim algum tanto diffuso e hyperbolico, não obstante a tradição dizer que em vida de Camões lhe fôra adverso (Jur. I p. 151). A ideia de ornar tambem a deserta campa do cenobita da Tapada, seria como que uma repercussão do patriotico impulso de D. Gonçalo Coutinho, que se traduziria em acto entre os annos de 1594 e 1614.

O epitaphio não é, porém, obra individual de Martim Gonçalvez da Camara, como primeiro julgámos. Elle encommendára o elogio de Camões ao padre Matheus Cardoso, da Companhia de Jesus; e o de Miranda a outro jesuita, um certo João Freyre, conforme a asserção de Macedo.[1]

Mas voltemos á Egreja de Sam Martinho. O Padre Luiz Cardoso (Dicc. Geogr. II p. 458 s. v. Carrazedo) falla de duas capellas que ella tivera, uma de Sta. Margarida, outra de N. S. da Apresentação. Esta ultima já não existe. Seria o altar da capella da Tapada destruido? E quando? É crivel que ella estivesse sempre no estado de nudez em que actualmente se encontra? Ainda que nunca houvesse uma *sepultura sumptuosa*, como assevera Barbosa Machado, é natural suppôr que os „melhoramentos" feitos por Martim Gonçalvez da Camara não se restringissem á lapide e á grade.

Dos altares collateraes, citados por Cardoso, N. S. do Rosario e S. Antonio, só existe tambem o primeiro, em frente da capella

---

[1]) Copio a passagem, que é interessante: *Alter Franciscus Sá Miranda (an Mirandus?) celeberrimus ob ingenii acumen et judicii pondus, et scientiarum varietatem morumque integritatem, qui primus Lusitani styli nexum produxit et togatas satyras in aulam induxit soccosque cothurnis miscuit feliciter, et illud pastoritio carmine consecutus est, ut*

sylvae consule dignae

fierent: ultra fabulas poëta, imo et sui temporis gratus Momus, et futuri vates quemadmodum ejus scripta demonstrant. Certe nemo melius eo et aptius jocos seriis ac seria jocis distinxit. Cujus viri quod multa obiter et multa (quod ad transversam lineam pertinet) ex instituto facienda est mentio, celebrare memoriam volo, adscripto hic Epigrammate in ejus Epitaphium a Patre Joanne Freyre Societatis Jesu, divinarum humanarumque literarum scientissimo: quod, quia elegantissimum est, ejus Sepulcro Illustrissimus vir Martinus Gonzalvez a Camera, vir ad omnia Politices munera natus, incidi curavit (Domus Sadica p. 16). — Ha amplas noticias sobre M. G. da Camera, o omnipotente valido de D. Sebastião, em todas as Chronicas do infeliz Rey; e tambem nas Saudades da Terra de Gaspar Fructuoso.

de Sta. Margarida. Já houve portanto mudança, depois que o autor do *Diccionario Geographico* escreveu (1751).

Em todo o caso, na *capella da Tapada* não ha senão uma sepultura, a do poeta (e talvez, junta, a de D. Briolanja), cujos restos devem estar collocados na parede, que é de consideravel grossura. Tendo desapparecido o lageamento da capella, é impossivel decidir se havia n'ella mais alguma inscripção, com datas, quer fosse relativa ao poeta, quer á mulher. Na capella de Sta Margarida[1]) na qual procurámos, conforme as indicações fidedignas do 1º Marquez de Montebello, o sepulcro do seu bisneto, Manoel Machado, irmão de D. Briolanja e cunhado do grande poeta, não ha hoje nenhuma sepultura, salvo se estiver encuberta pelo altar ou pelo retavolo da santa.[2])

II.

O caminho de São Martinho de Carrazedo á Quinta da Tapada (na freguezia proxima de Fiscal) é mau, e só accessivel a carros de bois. A pé não se gasta menos de tres quartos de hora, no verão, porque na estação invernosa deve ser intransitavel. A situação é idyllica, e reina alli o mais profundo silencio. A casa de habitação, collocada na encosta de uma collina, e com vistas desafogadas, é bastante vasta, de um andar, com cocheiras e adegas no rez de chão. A ala direita, que forma angulo recto com a frente, parece-nos ser a parte mais antiga, do meado do sec. XVIII; mas já ameaça ruina. Falta-lhe a ala esquerda; em seu logar vê-se a capella, em posição mais elevada do que a casa, subindo-se a ella por uma boa escadaria de pedra.

É a capella uma construcção solida, muito simples, de granito, como todas as outras casas, mas sem torre. Sobre a entrada avista-se o brazão da familia, escudo esquartelado: 1º os cinco machados em aspa (Machados); 2º a aguia dos Azevedos; 3º cinco arroelas dos Castros; 4º os escaques dos Sâs; e sobre o elmo um leão rompente (Silvas). Na verga da porta lê-se a seguinte inscripção, aberta no granito, n'uma só linha:

ESTA CAPELA MANDOV FAZER FRCº DE SAA DE MENEZES 1615.

---

[1]) Vida de Ml. Machado etc. p. 137: Su cuerpo fue sepultado como estava dispuesto en su Capilla de S. Margarida en la Parroquia de S. Martin de Carrezedo y alli debajo de una losa humilde cupo un cortesano tan grande en una sepultura rasa con el suelo que todos sus vasallos pisaron con los pies, el mismo que todos havian traido en la cabeza.

[2]) A asserção erronea de D. Gonçalo Coutinho sobre esta pequenissima capella em que estariam enterrados o poeta, sua mulher e os cunhados passou á Bibl. de Barb. Machado, ao *Dicc. Chorographico* de Almeida (p. 236), aos *Quinhentistas* de Th. Braga (p. 130) etc. etc.

Trata-se pois do primeiro neto do poeta, filho de Jeronymo de Sâ d'Azevedo (e de sua mulher D. Maria da Silva e Menezes), o qual jaz defronte do altar-mór, debaixo de uma grande lapide, cujo lettreiro diz:

SEPVLTVRA DE FRCº | DE SAA DE MENEZES | ANNO 1633.[1])

Além do altar-mór tem a capella dous collateraes, o do lado do Evangelho com o Senhor crucificado, e o da Epistola com uma *Pietà*, nos competentes retavolos de talha pintada, e brazões abertos na mesma talha: o escudo do segundo é egual ao da porta da entrada e o outro um pouco differente (1. cinco arroelas; 2. e 3. aguia; 4. cinco estrellas dos Coutinhos). Aos pés do altar do lado da epistola, jaz o ultimo proprietario da quinta da Tapada, D. Rodrigo de Azevedo de Sâ Coutinho, fallecido em 1881. Sahindo da egreja, que não encerra mais nada digno de nota, voltámos ao vasto terreiro diante do palacete, do qual se gosa uma formosa vista sobre os campos e collinas fronteiras, porque a posição da quinta é bastante elevada.

De balde procurámos a inscripção na fonte rustica, de que o visconde Julio de Castilho teve noticia.[2]) Em compensação descubrimos, guiados pelas indicações do senhor D. Antonio de Sâ Coutinho, o seguinte. Torneando a ala direita da casa, a que já nos referimos, encontra-se junto ao muro de vedação um grande tanque, alimentado por um jorro d'agua que sahe de uma carranca de pedra no estylo do sec. XVIII, e á direita do tanque, a pequena distancia, ha uma esculptura grosseira, em granito, de cerca de um metro de altura, encostada á parede. Representa um cavalleiro, de espada erguida, esmagando dous homens debaixo das patas do cavallo. É Santiago, em lucta com os mouros, como se conhece pela vieira, posta no chapeu. O nosso amavel guia, que nos accompanhou durante todo este passeio, ouvindo o nome de Santiago, referiu esta esculptura a uma antiga fonte, que ficava para a frente do tanque e um pouco á direita n'uma depressão do terreno, debaixo de uma nogueira alta e ramalhuda. Outr'ora havia alli alguns salgueiros. A fonte ao pé da qual o poeta, segundo conta a tradição, imaginou grande parte das suas poesias[3]), arruinou-se, vendo-

---

[1]) Vide a Tab. Geneal. a p. 749.

[2]) Livraria Classica XII p. 166: De edificação contemporanea do grande poeta pouco ou nada subsiste hoje, segundo nos informam, a não ser uma fonte rustiça no meio da quinta, onde se leem esculpidos, não sabemos que versos do antigo senhor d'aquella casa que por tantos motivos é historica.

[3]) Existe um Soneto de Miranda No. 86, que leva a rubrica *A hũa sua fonte,* e na Egloga 115, 72 falla o poeta tambem *da sua fonte.*

se hoje em seu logar só uma cova, cuberta de silvas. A esculptura pertenceu á fonte, segundo ouvimos, com outras que se perderam. É um trabalho muitissimo tosco, o cavalleiro, o cavallo e os dous mouros, tudo disforme, com um caracter muito archaico; á primeira vista julgar-se-hia ver uma obra do sec. XII ou XIII, quando ella não é anterior ao meado do sec. XVII.[1])

Para que esta noticia seja completa, diremos ainda que no terreiro do palacete existe outra fonte, que brota da parede em que assenta a escadaria da capella.

Nada do que temos descripto é contemporaneo de Sâ de Miranda, nem em toda a quinta pudemos achar construcção inteira ou fragmento do seculo XVI. A obra mais antiga é a da capella, construida, ainda assim, só em 1615, cincoenta e sette annos depois da morte do poeta.

III.

O solar do *Crasto* ou *Castro* com a sua alta torre quadrada avista-se da estrada, dez minutos antes de se chegar a São Martinho de Carrazedo. Dista da egreja uns quinze minutos, cortando-se por um atalho atravez dos campos, e da quinta da Tapada boa meia hora. As casarias levantam-se sobre uma collina e apoiam-se já muito arruinadas á torre que as domina. O aspecto do solar — em 1537 e 40 scenario de esplendidas festas em honra dos filhos de D. Manoel e tambem scenario da tragica morte de D. Maria da Silva e do commendador de Rendufe em 1566 — devia ser muito notavel, ainda ha meio seculo, não só pelas suas dimensões, mas pela fortaleza da fabrica, construida em grande apparelho. Era cercado de altas muralhas, flanqueadas de torreões, dos quaes apenas resta um, em ruinas, que serviu de prisão, segundo dizem. Transpondo-se a solida e massiça entrada, que resistiu a todos os insultos do tempo, entra-se no circuito interior: uma escadaria conduz ao pavimento nobre. A direita da entrada ha um pequeno escudo dos Machados (5 machados em aspa), de lavor archaico.

A divisão das salas ainda é a antiga; poucos, mas grandes aposentos. Uma unica sala, quadrada, que em seguida descreveremos, conserva vestigios de ornamentação, todas as outras casas estão nuas, n'uma pobreza extrema, cobertas de telha vã

[1]) Quem conhecer o caracter da esculptura em granito no norte do paiz durante a epoca da decadencia Seiscentista, não poderá duvidar da nossa classificação. Na figura do santo reconhece-se, posto que mal caracterizada e gasta pelo tempo, a moda da epoca de D. João IV. A pedra, sobre a qual a figura foi esculpida em alto relevo, apresenta alem d'isso uns recortes caracteristicos do sec. XVII. — J. de V.

tendo desapparecido quasi todos os apainelamentos de madeira de castanho, nos tectos e paredes.

A Torre, que é de consideravel altura (14 m. 66), tem tres pavimentos, mais ou menos arruinados; para se subir á plataforma, é preciso recorrer á uma escada de mão, velha e podre, mas o trabalho é compensado pela esplendida vista que se disfruta lá em cima: terras e montes admiravelmente cultivados, cheios de casaes e logares, que alvejam por entre a verdura; por toda a parte os signaes de uma grande fecundidade, de uma vida activa.[1])

No rez de chão das casas e no pavimento inferior da torre ha celleiros, adegas etc. com grande commodidade, e ainda em torno da habitação espaçosos alpendres encostados aos restos da muralha. A parte mais antiga é sem duvida a torre quadrada, *de grande apparelho,* e coroada de ameias, das quaes já faltam bastantes. Na frente, do lado da sua maior altura, existe a seguinte inscripção:

ESTA TORRE MANDOV | REFORMAR ANTONIO E LUIZA[2]) SVA MOLHER | SENHORES E DONATA RIOS DESTE CONC.º | ANNO DE 1699.

Por cima está esculpido um brazão: escudo esquartelado, tendo no 1º e 4º cinco machados em aspa, no 2º e 3º dous leões contrapostos (Silvas), cercados de cruzes de Santo André. A coroa de marquez, que ficava superior ao escudo, está quebrada.

O *grande apparelho* é hoje raro nas outras partes do edificio, variando apenas entre o *pequeno* e o *medio,* o que parece indicar que são posteriores á torre, a qual seria construida talvez no meado do sec. XV,. á julgar por um friso ornamentado que se avista bem da janella do ultimo pavimento, um pouco abaixo da plataforma. São tambem de grande apparelho as ruinas da Torre chamada da prisão, e alguns restos da muralha. Provavelmente, as casas do Castello abrangiam maior superficie do que a actual e avançavam talvez até a muralha, cobrindo os patios em que estão os alpendres. Recorde-se o leitor que Manoel Machado de Azevedo hospedou os Infantes D. Luiz e D. Henrique durante as magnificas festas do baptizado do seu primogenito! Ainda assim, mesmo no estado actual, o conjuncto das construcções occupa uma area consideravel, como se

[1]) Ha noticias muito curiosas sobre as que se fizeram no solar do Crasto perto de 1530 na „Vida de Manoel Machado", pelo Marquez de Montebello e outras sobre a „*Torre*" no Nobiliario do Conde D. Pedro Ed. de 1646 p. 522—29 das Notas do mesmo Marquez.

[2]) Isto é Antonio Felix Machado da Sylva e Castro, 2º Marquez de Montebello e Conde de Amares em Portugal por mercê de Felipe IV; e D. Luiza de Mendoça sua mulher, filha de Manoel de Souza e Silva.

reconhece subindo á plataforma da torre. O effeito em baixo é antes mesquinho, á primeira vista, porque os aposentos estão completamente nús, n'um estado tristissimo.

Apenas uma sala quadrada, a que já nos referímos, conserva uns vestigios de antiga grandeza. As paredes, que seriam revestidas de obra de talha, estão nuas, de pedra e cal, como nas demais salas; mas ainda lá existe uma parte do tecto apainelado de castanho, já podre, cahindo aos pedaços. Em pouco tempo terá desapparecido este resto. Este tecto em outros tempos era todo coberto de pinturas a oleo de bastante merecimento, ainda visiveis, mas tão deterioradas pela chuva, que é impossivel descrevel-as exactamente, porque, faltando grandes pedaços e estando outros quasi apagados, seria necessario apear as madeiras para as examinar á luz do dia, que agora entra só por uma porta; ou construir um andaime e aluminar vivamente todo o tecto, sem olhar ao tempo nem a despezas. Infelizmente, nós tinhamos apenas um dia disponivel para visitar tres logares memoraveis; mas ainda assim julgámos reconhecer que as pinturas se referem ás sumptuosas festas dadas aos Infantes de Portugal cerca de 1540. Lá está a torre do solar, e o paço annexo, illuminado, o rio artificial, e a ponte, as caravellas nadando sobre as aguas; o sarau de damas e cavalleiros vestindo á portugueza, á moda de D. João III: em fim os episodios de que falla o Marquez de Montebello. Por debaixo das pinturas corre um entavolamento com frisos dourados. Um velho armario (sec. XVII) notavel trabalho, mas muito estragado, está a um canto da sala como unica reliquia do antigo mobiliario.[1])

São actuaes senhores do solar e da quinta (que ainda rende 30 carros de pão nas mãos de caseiros) os Condes da Figueira, descendentes dos Machados. É grande lastima que abandonem esta preciosa reliquia de tempos antigos a caseiros indifferentes e ignaros.

---

[1] O aposento devia chamar-se *a sala das quatro estações do dia*, porque nos quatro cantos veem-se claramente quatro bustos com lettreiros que ainda pudemos decifrar, depois de varridas grossas teias de aranha: *Aurora, Meridies, Vespera, Nox*. Uma figura feminina com a lũa sobre a cabeça (Diana) representa a *Vespera*, e um Apollo barbado, com corôa de louros, a cabeça cercada de uma aureola, symboliza o *Meio dia*. De todos os bustos era este o mais notavel.

Obras de Francisco de Sâ de Miranda.

Fontes d'esta Edição.

Tivemos a fortuna de descobrir e de utilizar para esta edição nada menos de cinco ou seis manuscriptos das poesias de Sâ de Miranda, uns completos, outros em fragmento. Marcámol-os com as Iniciaes **DPEFJ** (e **Misc. J**). Alem d'isso aproveitámos as edições impressas (**ABCS**).

Em seguida offerecemos uma descripção minuciosa de cada uma d'estas fontes, determinando o seu valor pela sua procedencia, pela analyse das poesias que encerram etc.; e expomos o modo como foram por nós exploradas.

I. Manuscriptos.

1º **O ms. D.** É, em nossa opinião, a fonte mais importante, tanto dos manuscriptos como dos impressos que consultámos. É certo que as duas edições fundamentaes **AB** são mais abundantes do que o ms. **D**; é possivel que o texto seja n'ellas mais apurado emquanto á forma (o que é ainda um merecimento do ms. **J**); comtudo o valor especial do ms. **D** subsiste pelas seguintes razões. Pomos de parte a circumstancia de não ter sido ainda explorado, o que o collocaria em condições superiores ás edições **A** e **B**, mais vulgarizadas ainda pelas reimpressões de 1804 e 1784. As razões são outras, porém: 1º) O ms. **D** é o unico completo que conhecemos, sem lacunas, e pertence ainda ao sec. XVI; 2º) é a unica collecção que nos habilita a conhecer quaes foram as poesias, ou melhor ainda, quaes foram os gruppos de poesias, os mss. separados, que Sâ de Miranda enviou ao Principe D. João por tres differentes vezes. A esta razão liga-se uma terceira e ultima, a mais importante talvez, e é 3º) que o ms. **D** representa, em espelho fiel, uma redacção primitiva, original, feita com cuidado e com o intuito da offerta; d'ahi uma coordenação subordinada a certos principios e que denuncia a propria mão do poeta. Pouco importa n'este caso, (que está para nós provado) que o modelo, que serviu ao copista do ms., fosse o primeiro borrão, pouco calligraphico, escripto á

pressa (supposição a que nos inclinamos mais), ou o exemplar que Sâ de Miranda enviou á côrte, nitido, e com apurada lettra, do seu proprio punho, ou de algum diligente ajudante, cujo trabalho o poeta fiscalisaria.

O ms. **D** pertence desde 1838 a Mr. Ferdinand Denis, pessoa que tantos e tão grandes serviços tem prestado ás lettras patrias e que teve a fortuna de salvar o precioso codice, perdido entre os alfarrabios de um velho *bouquiniste* da *Rue de l'Arcade Colbert*, o qual, não tendo esperanças de se desfazer da singular reliquia, a vendeu por 5 francos ao nosso illustre amigo. Mais adiante explicaremos o modo como tivemos conhecimento do codice.

Não foi possivel averiguar cousa alguma a respeito de sua procedencia, dos seus antigos possuidores, da viagem que fez até Paris, etc.: nenhuma indicação, nenhuma nota, nenhum signal em todo o volume, que ajude a reconstruir a sua historia!

O volume compõe-se de duas partes: a primeira contém as poesias de Sâ de Miranda. A segunda é uma miscellanea em prosa que nada tem que vêr com a outra metade; é de lettra mui differente; apenas o papel é o mesmo.

Esta miscellanea compõe-se de documentos em portuguez, hespanhol e italiano, uma mistura de notas genealogicas, cartas regias, extractos de obras impressas etc.[1]), em que figura a mão de varios escribas de profissão; uma outra lettra, pessima, quasi indecifravel de um qualquer *grandseigneur* serpenteia por entre

---

[1]) Contém p. ex.: 1. *Copias de Cartas de mucha edificacion para desengaño de las honras del mundo, dirigidas al Doctor D. Alvaro de Villegas, Canonigo Magistral de la santa iglesia de Toledo, por D. Matheo Vasquez de Leiça* (Leza) *Arcediano de Carmona y Canonigo de Sevilla.* Impresa en Sevilla por Diogo Perez, año 1627. — 2. Extracto de uma chronica hespanhola sobre certo desafio de tres fidalgos portuguezes com cavalleiros francezes; noticias sobre Villandrando, Almada e João de Melo ou Merlo; desafio com Pierre de Beaufremont. — 3. Noticias genealogicas sobre Sâ de Miranda, Bernardim de Machado etc. — 4. Memorias da familia dos Lobos, cop. de doc. da Torre do Tombo. — 5. Pereiras da Taipa, conforme as doações de Cabeceiras de Basto de que forão senhores *e hoje tem o Marquez de Castelrodrigo meu senhor.* — 6. Pereiras de Britiande junto a Ponte de Lima, seg. consta na Torre do Tombo nos livros de Além-Douro. — 7. Cartas do Conde de Oñate ao Papa, de Carlos Carrafa, Nuncio do Papa, na corte do Emper.; do Emp. Ferdinando, do Cardeal Ludovico etc. — 8. Memorial dado pelo Barão Dighi ao Inf. das Hespanhas; — Resolução do Inf. ao Memorial do Barão Dighi. — 9. Instruccion segun la qual ElRey D. Carlos nuestro señor se havia de haver en su llegada a España para tomar el govierno de sus reinos, embiada por el Cardenal fray Frco Ximenes, Arçobispo de Toledo, a Adriano, Arcebispo de Tortosa, primer consejero del emp. Carlos V (1556). — 10. Listas dos Mosteiros de S. Bento, e dos Gerais de S. Bernardo. — 11. Uma serie de alvarás muitissimo interessantes de D. João III (1549. 1554); D. Catharina, D. Sebastião e D. Philippe etc. etc.

essa varia calligraphia, cobrindo as folhas brancas de notas, ou copiando algum documento que nem sequer acabou, deixando o resto ao secretario. Parece-nos ser uma especie de „memorial“ ou livro de apontamentos de hum Grande portuguez, ou hespanhol, talvez de algum embaixador na côrte de França. A data mais moderna que alli encontramos é 1657, porque no fim d'esta segunda metade do codice, que contem 193 folhas de paginação separada, lê-se:

Este livro tem cento e noventa e tres meas folhas com esta; em doze de Agosto de 1657,

formulario que alias se costumava inscrever na pagina final (é forçoso declarál-o), já no acto da costuração de um maço de papeis em branco.

Como dissemos, o ms. de Poesias de Sâ de Miranda forma a primeira parte do grosso in-folio, resguardado apenas por uma modesta capa de papelão cinzento com papel azul nas costas, que é trabalho moderno. Mr. F. Denis escreveu nas costas *Saa de Miranda,* e no verso da unica folha de guarda, a lapis: *Œuvres poëtiques de Saa de Miranda.* — Seguem logo as poesias na folha primeira. O texto está escripto sempre em duas columnas, tanto nas Redondilhas como nos Hendecasyllabos, ficando n'este caso a lettra muito apertada; em cada pagina ha 24—30 linhas, sendo as dimensões do papel $29^1/_2$ Cent. por $20^1/_2$. Esta parte do codice tem 87 folhas, distribuidas em quadernos de 4 folhas inteiras, de quatro paginas cada uma. Esta disposição, porém, não é sempre a mesma, porque ha quadernos de tres folhas inteiras, e $3^1/_2$, sem que por isso se note falta alguma. A paginação, escripta entre as columnas de 1 a 87 é da nossa lettra. Ha outra, a primitiva, feita com a tinta amarellada do escriba, no canto superior, externo, das folhas; segue de 1—82, repetindo porém o algarismo 15 duas vezes, e não contando as ultimas quatro folhas, que representam o dialogo em prosa, impresso n'esta edição sob o No. 127.

A lettra do codice, comquanto não seja apurada, é comtudo bastante clara e lê-se com facilidade. O original que o copista teve á mão, devia ser, pelo contrario, bastante confuso e de difficil leitura, como já indicámos; ou então devemos suppôr que era pessoa inexperiente, porque os erros de leitura são frequentissimos e evidentes, reconhecendo-se logo, que o escriba não entendeu numerosas passagens dos versos escuros de Miranda, *escriptos em estylo vernaculo e tão serrado portugues que nenhum estrangeiro e poucos portuguezes podem entendel-os!* Mais de uma das phrases mirandescas, mais de um vocabulo raro, mais de uma locução menos usual, foi mal decifrada. É justo,

porém, declarar que o copista se esforçou por seguir o ms. original com a maior fidelidade (— e isto é o essencial —), copiando até lettra por lettra as passagens ou palavras que não entendeu. D'um lado não achamos nenhum dos signaes que accusam o desleixo n'uma copia. Procura-se de balde uma omissão, ou saltos de linhas, uma divisão errada das estrophes, uma fraccionação de poesias, ou fusão de varias peças n'uma só.[1]) Tambem nunca se atreveu a fazer uma emenda por sua conta; nunca se tentou com a ideia de melhorar ou embellezar o original, o que é caso digno de nota e realça o valor d'este treslado. Quem o tresladou, foi um artifice cuidadoso e diligente, mas imperito, nem mais, nem menos.

E este copista era portuguez, como se reconhece, comparando as poesias portuguezas do ms. com as hespanholas, que são muitissimo incorrectas, o que succede sempre, e em todas as poesias hespanholas do sec. XVI, compostas e copiadas em Portugal. De um lado temos uma serie interminavel de *lusitanismos*, do outro uma grande abundancia de *hyper-hispanholismos*, particularidades de que trataremos adiante. Ainda que carreguemos os proprios poetas com alguns d'estes erros e idiotismos, o maior numero pertence sem duvida aos copistas que, lidando com as formas de uma lingua estranha, embora intelligivel, transportam insensivelmente para ella as formas e sons da lingua materna. Palavras portuguezas transvertidas, i. é hispanizadas não occorrem no ms. D, o que exclue qualquer hypothese de um copista hespanhol, contraria á nossa.

O codice partilha ainda de outros defeitos, communs a quasi todos os manuscriptos portuguezes do sec. XVI, e que o collocam, debaixo do ponto de vista especial da orthographia, no mesmo nivel de todos os outros. A orthographia, a divisão e ligação das palavras é completamente arbitraria; o copista não se importa nem com a ponctuação (que não existe), nem estabelece regra alguma para o uso das lettras maiusculas, de sorte que o texto não se entende sem algum trabalho e cuidadosa leitura. Com relação á orthographia ha a notar que as primeiras folhas, cheias ainda de poesias do Cancioneiro de Resende (1516), se apresentam com um caracter archaïco[2]);

---

[1]) Em todo o codice descobrimos apenas um unico d'estes erros, uma transposição de trechos, a qual se deve explicar por desordem nas folhas do original, que talvez estivessem soltas. Deu-se o caso nas folhas 67v a 70: isto é na Dedicatoria e nos primeiros 190 versos da Egloga No. 115. — A folha 67v apresenta: as linhas 24—79; a 68: as linhas 80—131; 68v: 132—149 e 1—36 da Ded.; 69: 37—79 da Ded. e 1—5 da Egl.; 69v: 6—23 e 150—189.

[2]) Vide p. 742.

mais adiante, entrando-se pelo volume, o texto está ainda mal orthographado e semi-barbaro, segundo as modernas exigencias, cheio de contradições e irregularidades, mas nota-se n'elle uma certa tendencia, traços fundamentaes d'um systema orthographico. O uso simultaneo de duas linguas, na mesma côrte, que era geral entre as pessoas illustradas e amantes das lettras, levava necessariamente a um compromisso entre a orthographia hespanhola, simples, parcimoniosa, contraria á adopção de consoantes duplas e surdas, por as julgar superfluas, e a portugueza, exuberante e complicada, correndo em direcção opposta. Em Portugal escrevia-se então *grrossa* (orthographia do ms. **D** na folha 1) *carrta irrmão Ssaa obrras ttormente Jorrge Mamrrique rrazão*, mas tambem se simplificava em outras palavras: *falar calar ano dano escrito* etc. O impulso instinctivo e caracteristico do copista, que podemos comprovar miudamente, por tabella estatistica, levou-o a inclinar-se para a orthographia castelhana, mais phonetica, mais sobria, abandonando as superfluidades etymologicas do portuguez, ainda hoje tanto em voga em Portugal. Nós seguímos a mesma tendencia (V. o paragrapho, relativo á Orthographia).

Falta dizermos algumas palavras ácerca do modo como tivemos conhecimento do codice.

Estando em 1876 em Paris, de passagem para Portugal, foi-nos mostrado o precioso ms. por Mr. Ferdinand Denis, em sua propria casa. O nosso illustre amigo, que o teve sempre guardado com a maior estimação, não só fez o sacrificio de separar-se d'elle, enviando-o por mão segura a Portugal (1878) mas permittiu até que o conservassemos durante longos annos, até hoje, para tirarmos d'elle todo o proveito. A nossa primeira ideia foi publical-o diplomaticamente, com a maior fidelidade, mas á proporção que fomos estudando as obras do poeta, reconhecemos cada vez mais a necessidade de substituir as edições conhecidas e muito defeituosas por uma edição normal. D'ahi nasceu o novo plano, actual, mais vasto e difficil, que reune todas as obras poeticas, accompanhadas do material critico que é necessario para a plena comprehensão das obras difficeis de Sâ de Miranda.

A publicação do Codice **D** já fora planeada mais de uma vez: o proprietario e dous portuguezes distinctos, os Srs. Visconde de Juromenha e José do Canto, bibliophilo muito instruido e versado na litteratura patria, e em especial do *Cinquecento*, tiveram essa intenção, e examinaram o codice para esse fim. O senhor Visconde liga grande importancia ao ms. e julga que se póde dizer *contemporaneo da vida do autor*. O senhor José do Canto tambem lhe attribue alto merecimento, mas declara:

„a valia d'aquelle codice na minha opinião estava muito diminuida pela impericia do copista", e este reparo tem seu fundamento, como já vimos. Entretanto o Snr. José do Canto principiou os trabalhos de exploração do codice, que deixou nas mãos de Mr. F. Denis quando se retirou de Paris. Tendo conhecimento d'elles, julgámos dever nosso exanimal-os, e favorecer o publico com estudos que a todos eram necessarios em assumpto tão difficil. O autor deu promptamente, com a maior amabilidade, todas as licenças, allegando sempre com excessiva modestia o pouco valor dos seus trabalhos de cotejação.

As notas do Snr. J. do Canto, que vieram de Paris, enchem quatro paginas em quarto, cobertas de lettra miuda e clara, e tem o seguinte titulo: „*Indice remissivo das obras de Sâ de Miranda que se encontrão no MS. do Exmo Snr. Ferdinand Denis, no MS. No.* 60 *da Bibliotheca Imperial de Pariz, e nas edições de* 1595 *e* 1614".

O autor toma para base de seu Indice as poesias do cod. **D** pela ordem da copia, e lança á margem a paginação correspondente das mesmas poesias nas outras tres fontes, verificando assim a comparação; uma serie de notas (treze ao todo) indicam ora variantes da primeira linha de cada poesia, ora a falta, ora o accrescimo de alguma nas quatro fontes. Como n'esta nossa edição as fontes de cada poesia são minuciosamente apontadas em notas por baixo do texto, e se acham repetidas no Indice alphabetico, em resumo, julgamos desnecessario reimprimir aqui o Indice do Snr. José do Canto, cuja utilidade tivemos occasião de apreciar particularmente, porque, tendo chegado ás nossas mãos bastante tempo antes da copia do codice **P**, que haviamos encommendado em Paris, nos serviu para determinar o contheudo, as dimensões, e o valor relativamente consideravel do dito codice. Por este motivo, e ainda pelo vivo interesse com que o Snr. José do Canto accompanhou sempre o andamento d'esta edição, lhe devemos aqui um publico tributo do nosso reconhecimento.

O contheudo do ms. **D** está representado em o nosso texto pelos Nos. 1—127, i. é pelas primeiras tres partes d'este volume. É reproducção integral, fiel, livre de restaurações e renovações arbitrarias, mas emendada onde havia erros visiveis e indubitaveis; foi systematicamente orthographado, em harmonia com os principios do escriba, com alguma, mas parca ponctuação, pouquissimos accentos e resolução de todas as abbreviaturas. Os Nos. 1—117 são authenticos, como se reconhecerá pelas notas; o No. 127 póde ser authentico, mas os Nos. 118—126 são provavelmente apocryphos, isto é de outro poeta quinhentista: o hespanhol Felippe de Aguilar (Vide as Notas).

2⁰ **O ms. P.** Já em 1730 se sabia que a Bibliotheca Nacional de Paris estava de posse de um ms. das obras do nosso poeta, mas até hoje ainda nenhum homem de lettras portuguez, entendido na materia, o examinou seriamente e com toda a attenção; a prova está nas noticias incompletas, erroneas e contradictorias que tem sido dadas a este respeito. Aproveitamos pois esta occasião para dar a primeira descripção exacta e completa do codice, rectificando as noticias menos verdadeiras que se tem espalhado por uma serie de livros modernos.

1⁰) O primeiro auctor que citou o ms. foi o sabio benedictino e antiquario francez Bernard de Montfaucon (1655—1741) na sua *Bibliotheca bibliothecarum manuscriptorum nova* (2 vol., fol., Paris 1739, e não 1730 como se-lê em Larousse etc.), que alias não é um Catalogo completo, mas sómente uma collecção de extractos de varios catalogos. Ahi se diz (vol. II p. 796 col. 1) a proposito da Bibl. Nac. de Paris, laconicamente:

„8294 *Obras de Francisco de Gaa* (sic) *de Miranda*".

É claro que o *Gaa de Miranda* foi considerado sempre por todo e qualquer portuguez instruido como um lapso, por *Saa de Miranda.* Não podia ser outro, porque *Gaa* nunca foi nome proprio portuguez.

2⁰) Em 1747, dezoito annos depois, Barbosa Machado, referindo-se na sua *Bibliotheca Lusitana* II p. 254 col. II a este ms., na biographia que dedica ao poeta, cita com relação a Montfaucon, o seguinte: *Obras do Doutor Francisco de Sa de Miranda que MS. se conserva na Bibl. Real de Pariz, num.* 8292, *como escreve Montfaucon.* Como se vê o numero de ordem do ms. está errado, ou por engano de Machado, ou por descuido do typographo.

3⁰) Em 1820 Adamson, seguindo as pisadas de Barbosa Machado, vae um pouco mais longe do que elle, affirmando positivamente que o ms. de Paris é o proprio original do poeta (*Memoirs on the life and writings of Luis de Camoens,* vol. I p. 46 not.).

4⁰) Segue-se logo em 1821 o Visconde de Santarem, sabio illustre, que deu então uma noticia, baseada simplesmente sobre a citação do proprio Catalogo da Bibliotheca de Paris, a qual não continha mais do que já fora communicado por Montfaucon. A 15 de Fevereiro de 1821 mandou o Visconde de Santarem a dita noticia, n'uma Carta, á redacção da revista *„Annaes das Sciencias, das Artes, e das Lettras publicados por uma Sociedade de Portuguezes residentes em Paris"* (P. 1818—1822, 16 voll.) juntando varias communicações sobre outros mss. portuguezes existentes em França (Annaes vol. XII p. 22). A noticia diz sómente que o ms. 8294 *é uma copia antiga estimavel, a julgar pela orthographia do nome Saa.*

Pouco tempo depois examinou o codice, pessoalmente, e chegou á seguinte conclusão nova, muito estrânha e singular, que o ms. não era mais que huma copia moderna de obras impressas do poeta ou, citando as suas proprias palavras „*uma boa copia de letra moderna, que não merece hum exame severo e que não podia interessar a litteratura nem corrigir as edições que tem visto a luz publica.*" — (sic)!

Esta descoberta foi participada ao publico portuguez no vol. XV dos *Annaes* (p^e 2^a p. 5 ss.), e repetida em 1827 n'um volume que a Academia Real das Sciencias imprimiu e que representa a noticia sobre os mss. portuguezes existentes em França, muito mais augmentada.[1]) Ahi dá a cifra do codice, o titulo, numero de folhas e a rubrica final, tudo exacto, e cita tambem a data 1564, que em realidade determina a idade do ms., mas que elle classifica como data do original, entregue ao filho de D. João III. No fim diz, a p. 49: *O Codice das Obras d'este Poeta que Barboza cita na sua Bibl. Lus. como existente nesta Bibl. conforme a noticia que achou na Bibl. de Montfaucon, he o Codice* 8292 *que não examinei; e o mesmo Barboza no artigo que dedica a este poeta diz que as suas obras foram impressas em Lisboa por Manoel de Lyra em* 1595, *isto he* 31 *annos depois do mesmo poeta ter offerecido ao Principe as do Codice* 8294, phrases que induzem a novos erros, fazendo suppôr que em 1564 Miranda e o Principe D. João estavam vivos; que a data da copia é a data do manuscripto original; e em terceiro logar, que em Paris existem dous codices differentes das obras de Sâ de Miranda: os Nos. 8292 e 8294.

5⁰) Em 1841 F. A. Varnhagen, partindo da hypothese que não podia haver senão *um só* ms. original das obras do poeta, suppõe que o ms. de Paris é esse unico, pelo qual o editor de 1614 se regulou, emendando livremente. „*É notavel* — diz elle — *o facto que se conta do seu genro* (sic), *para que no dote da mulher entrasse o original de Sá de Miranda, que, segundo se vê de Montfaucon, deve ser o mesmo que passou depois á Bibl. Real de Paris, aonde ainda hoje se conservará.*" (Panorama de 1841 p. 254), supposição completamente gratuita, que se repete a p. 278 do Panorama.

Mais tarde, na sua obra *Da litteratura dos livros de cavallaria* p. 64 reconhece o mesmo escriptor, depois de ter examinado pessoalmente o manuscripto 8294, que este não é um original, mas uma simples copia, digna porém de toda a fé.

6⁰) Theophilo Braga tambem se refere ao ms., de passagem,

---

[1]) Noticia dos manuscriptos pertencentes ao direito publico externo diplomatico de Portugal e á historia e litteratura do mesmo paiz, que existem na Bibl. Real de Paris e outras (etc.). Lisboa 1827.

no seu estudo sobre o poeta (Quinhentistas p. 102), dizendo em uma nota: *As obras manuscriptas de Sâ de Miranda vem citadas no catalogo dos manuscriptos da Bibl. Real de Paris* (sic), *tomo II p.* 796 *No.* 8296 (*e não* 8294, *como diz Barboza*). *No citado Catalogo em logar de Sâ vem Gaa.* Th. Braga reparou, como se vê, na variante de numero do codice entre Montfaucon e Barbosa Machado, e tentou rectifical-a, cahindo, porém, em outro erro. Leia-se no primeiro caso 8294, no segundo 8292.

Depois de apontadas todas as referencias (não conhecemos mais nenhuma até hoje impressa)[1]), e antes de passarmos ao exame do ms., diremos que nem o No. 8292, nem o No. 8296 da Bibl. de Paris tem nada que ver com Sâ de Miranda. O primeiro contem um tratado italiano sobre astrologia, e o segundo uma *Instructio orthographica ad scribendos characteres germanicos.*

O numero certo é 8294, fique isto assentado de vez, e não ha outro que contenha obras do poeta, nem nunca o houve. A numeração actual do ms. é *No.* 60 *du Fonds portugais*; a velha cifra existe porém ainda, na primeira folha, que é a do titulo da obra. O codice, que é pouco volumoso, representa 54 folhas em 4⁰ (e não em 8⁰ como diz o Visconde de Santarem, segundo Montfaucon), sendo 49 do texto, uma do titulo, e as restantes do Indice. O titulo exacto é:

Obras
de Francisco de Saa de Mirãda
Dirigidas ao Principe Nosso Señor que lhas
mandou pedir
4
MB
1564.

A cruz, as iniciaes MB ligadas e o anno 1564 constituem, provavelmente, a rubrica do copista. Não se póde tratar de um original, porque Miranda já morrera em 1558, e o Principe D. João, ao qual dirigiu as suas poesias, em 1554. — A inscripção final diz: *Fim da Primeira Parte das Obras de Francisco de Sá.*

O contheudo restringe-se á nossa Primeira Parte, ás 100 poesias que o ms. **D** abrange tambem debaixo da rubrica „*Primeira Parte*". Estão exactamente na mesma ordem, com as mesmas notas, com uma orthographia geralmente concordante e com variantes de pequena importancia. Não póde haver duvida, portanto, que ambos os mss. se referem a uma fonte original, com-

---

[1]) Do exame do ms. que modernamente fez o Snr. José do Canto e do seu Indice remissivo já fallámos.

mum, que vem a ser o proprio autographo enviado por Sâ de Miranda ao Principe.

Não é possivel decidir se a 2ª e 3ª Parte das Poesias do poeta, que originalmente deviam andar soltas e separadas, foram reproduzidas pelo copista do ms. de Paris; e se andaram algum dia ligadas ás da 1ª. É certo que o ms. **P** já existia no estado actual, na epoca em que entrou para a Bibliotheca, então Real, de Paris, o que foi em 1668 quando entravam para aquelle estabelecimento as collecções do cardeal Mazarin, o antigo proprietario do codice portuguez. Não pudemos averiguar mais nada, e será difficil ir mais longe, porque os nossos informadores, os Snres F. Denis e A. Morel-Fatio, auctor do Catalogo dos mss. hespanhoes e portuguezes da Bibliotheca, são os mais competentes. O primeiro teve a fineza de encarregar ao habil paleographo Mr. Hygin Furcy a copia que mandámos tirar, e o segundo quiz ter o trabalho de conferir o treslado, feito cuidadosa e esmeradamente, com o modello, rectificando alguns pequenos erros e juntando algumas notas. Examinou ainda os Nos. 8292 e 8296, acabando com a deploravel confusão das citações. Por tudo lhe damos aqui os nossos sinceros agradecimentos.

As pouquissimas variantes d'este ms. que merecem consideração, foram indicadas sob o texto, prestando-se especial attenção ás rubricas iniciaes, tão importantes e tão significativas.

3º **O ms. J.**

4º **A miscell. J.** Estes dois manuscriptos formam um unico volume, que pertence, ha 30—40 annos, ao Snr. Visconde de Juromenha, o benemerito editor de Camões, que o comprou a um livreiro de Lisboa por pequena quantia. Sª Eª teve a bondade de o pôr á nossa disposição, assim como outros materiaes (vid. **F** e **S**), concedendo-nos com a maior benevolencia o direito de copiar, fazer copiar e publicar o que entendessemos.

Em primeiro logar descreveremos todo o volume, passando depois ao exame especial de cada um dos mss., totalmente distinctos, que o encadernador reduziu arbitrariamente a um só corpo.

O volume não é inteiramente desconhecido, porque já, ha cerca de 20 annos, o proprietario extrahiu da Miscellanea abundantes materiaes para a sua bella edição das Obras de Camões. No vol. II d'esta edição diz a p. XVI—XVII:

„*Outro ms. que possuimos do sec. XVII nos forneceu algumas poesias ineditas, e o poder completar algumas já impressas que não estão inteiras, e variantes, tornando-se entre estas notavel uma á elegia II. Este ms. ou antes manuscriptos, porque são dois encader-*

nados na mesma capa, e que infelizmente não estão completos por lhe faltar o principio e o fim, e deverem por isso ter-se perdido algumas poesias de Camões, comprehende, a primeira parte, poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, D. Manuel de Portugal, Jorge Fernandez, vulgo o frade da rainha (D. Catharina); e a segunda parte, que é em letra diferente, pertence exclusivamente a Francisco de Sa de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas."

Esta passagem tem sido reproduzida varias vezes, p. ex. por Theophilo Braga, Hist. de Cam. II p. 95.[1]) Como, porém, a noticia é muito summaria e envolve, além d'isso, uma affirmação errada, somos obrigados a dar indicações mais completas.

O volume é um in-4⁰ de mediana grossura, com as seguintes dimensões: 19 cm. e 13,4; está resguardado por uma encadernação de carneira com douraduras segundo o estylo da 1ª metade do seculo passado; a capa de carneira é de côr castanho escuro, mosqueada de preto. O dorso está dividido em cinco secções, separadas por linhas salientes, que accusam as costuras da obra, sendo a ultima secção duas vezes maior do que as outras, e tendo todas uma ornamentação de ferros dourados, bastante sobria, de bem-me-queres e linhas transversaes ondeadas. Na segunda divisão acha-se impressa, n'um rotulo de carneira vermelha: *MS. ANT.* | *DE CAM. SÁ M.* | *E OVTROS.* | Na face interior da capa lê-se: *Ex libris Fr. Bernardi a Spe.* | *MB*[2]), e a lapis, por cima, 800. Abaixo do *ex libris* ha ainda uma inscripção com lettra do Snr. Visconde, que diz: *Collecção de Poesias de Camões, Bernardes, Caminha, Sá de Miranda e outros Poetas. Letra de* 1600. O volume não tem frontispicio, nem guardas, nem indices; as folhas foram muito aparadas pelo encadernador, não havendo porém perjuizo maior no texto. Notámos bastantes signaes de traça e nodoas de agua.

A *Miscellanea* occupa a primeira metade da obra e contem 129 poesias em 127 folhas, cuja numeração incompleta e salteada talvez nunca fosse seguida. Verdadeiramente, deveriamos dizer em logar de *Miscellanea*, um gruppo de differentes fragmentos soltos, reunidos posteriormente. O papel, a tinta e a disposição calligraphica variam frequentes vezes, e ha signaes de folhas cortadas; o caracter da lettra é porém o mesmo, sendo apenas desigual na qualidade, podendo esta differença explicar-se pelos progressivos additamentos. A lettra é mediocre, des-

---

[1]) Cfr. tambem I 335—336 onde se diz, por erro de imprensa, serem *completos* (em logar de *incompletos*) os manuscriptos do snr. visconde, e II 179.

[2]) É singular que estas mesmas iniciaes se encontrem no frontispicio do ms. P.

cuidada e semeada de emendas que difficultam a leitura. Nàs poesias de Camões encontrámos muitas rubricas, de duas pennas differentes, sendo uma do Snr. Visconde de Juromenha que escreveu bastantes notas como: *de Camoens, impresso*; ou *mui diversa da que anda impressa*; ou *impressa com diversidade.*

A Miscellanea não offerece poesia alguma de *Caminha,* ao contrario do que a rubrica do possuidor affirma; de Miranda achámos só tres: duas talvez apocryphas e uma unica de authenticidade innegavel:

No. 70 a fl. 42 (antigamente 54) Elegia em louvor da vida rustica.
Buelve, Filis hermosa a este llano. — O nosso No. 171.
No. 71 a fl. 43 v. (ant. fl. 55 v.) Soneto.
Mil veses entre sueños tu figura. — Vide p. 869.
No. 72 a fl. 44 (ant. fl. 56) Otro Soneto de Frᶜᵒ de Saa.
Quien dará a los mis ojos una fuente. — O nosso No. 84.

E com isto terminaremos a noticia sobre a Miscellanea, que será concluida em outra parte, onde aproveitaremos todos os seus Ineditos.[1])

A segunda metade do volume encerra o *Cancioneiro* de Sâ de Miranda, que marcámos n'esta edição com a lettra J. Não tem relação alguma com a primeira, a não ser o estar ligada pelo encadernador. A lettra parece pertencer ao fim do sec. XVI e é corrente, de mão adestrada em boa calligraphia; ha uma columna em cada pagina, com grandes margens brancas, sobre as quaes o proprio copista inscreveu algumas poucas emendas. É pena que este bello codice esteja mutilado no principio, meio e no fim! Tambem ha algumas inadvertencias na coordenação das folhas. Não tem titulo algum, e por isso tambem falta qualquer indicação a respeito da origem e dos antigos donos da obra. O snr. Visconde rubricou a primeira folha duas vezes, no alto com as palavras *He Sá Miranda,* e transversalmente, do lado de dentro, onde escreveu *Este manuscripto he de Sá Miranda.* Em todas as folhas se lê uma paginação bastante antiga, que não é, porém, a primitiva, como se conhece pela tinta que é bem differente da do texto. Temos razões para suppôr que foi feita antes da encadernação, n'uma epoca em que o volume estava menos incompleto do que hoje (mas já mutilado, em tres partes). E como a fl. 102. encontramos uma inscripção:

„De Franᶜᵒ Roiz de Carvalho desta Villareal"

escripta com a mesma tinta amarellada da paginação, devemos concluir que ella é obra do citado cavalleiro, um dos antigos possuidores do volume.

---

[1]) Zeitschrift für romanische Philologie Band VIII.

A 1ª folha do codice está marcada 105; seguem 101—111; depois fl. 2—103, e por aqui se conhece que o encadernador não reparou no que fazia, mudando as ultimas sete folhas para o principio. A fª 8 tambem deu logar a outro engano, sendo collocada ás avessas, o rosto como verso. Depois da paginação de Carvalho que abrangia as folhas 1—111 perderam-se, pois, as folhas 1 e 104, com tudo o mais que haveria depois de 111. Não se póde avaliar quanto fosse. Tambem não é possivel dizer se, anteriormente, a folha 1 era precedida de alguma cousa: quando o codice veio ás mãos do paginador já estava truncado, circunstancia que parece ter escapado ao seu criterio, porque não apontou as tres lacunas que ha no meio do ms.

São: a 1ª entre as fol. 9 e 10. A folha 9 termina com a linha 9ª do nosso No. 54 *daquelas florestas* e a folha 10 começa com a linha 8ª do nosso No. 50: *por vós no duelen dolores.*

2ª entre folhas 13 e 14. A folha 13 termina com a linha 9ª do No. 58 *con los ojos no os veo,* á qual segue ainda a rubrica da estrophe seguinte: *Francisco de Saa de Miranda*; e a folha 14ª começa com a linha 14ª do No. 66 *crescio ansi andando encubierto.*

3ª entre folhas 16 e 17. A folha 16ª termina com a rubrica *Este Vilancete velho*; e a 17ª começa com a linha 4ª do No. 34 *Los mis pensamientos faltos.*[1])

Tambem n'este codice démos com algumas notas marginaes, as quaes parecem ser da mesma mão que sublinhou na Miscellanea as poesias de Camões. Referem-se unicamente aos Sonetos e a uma Egloga, e denunciam um exame especial comparativo, com uma serie de conclusões que não são sempre exactas, como demonstramos em seguida. O annotador, Snr. Visconde de Juromenha, numerou os Sonetos de 1—32, indicando *brevi manu* se eram ineditos ou impressos, pondo-lhe o nome do poeta, talvez porque na occasião ainda não descobrira que esta 2ª metade do volume pertencia toda a Sâ de Miranda. E diz:

1:	No. 79	De Sâ Miranda; impresso com diferença.
2	78	Inedito. (Erro.)
3	86	De S. M. Impresso com pouca diferença.
4	90	Em S. Inedito. (Erro.)
5	89 e 162	De S. M. Com diferença.
6	89	Do mesmo, como está impresso.
7	91	Impresso.
8	92	Impresso com alguma diferença.
9 •	94	Inedito. (Erro.)

[1]) É possivel que esta terceira lacuna não seja effectiva, podendo dar-se o caso que as primeiras tres linhas fossem cortadas, o que com tudo não parece provavel, á vista do ms.

10: No.	93	Impresso com diferença.
11	138	Impresso com diferença.
12	182	Inedito.
13	181	Inedito.
14	183	Inedito.
15	184	Inedito.
16	110	Impresso com pouca diferença.
17	200	Impresso.
18	140	Impresso com algũa diferença.
19	139	Impresso com diferença.
20	80	Inedito. (Erro.)
21	81	Variante.
22	82	Inedito. (Erro.)
23	83	Variante.
24	96	S. de S. M.
25	97	S. de S. M.

Os Sonetos 26—32, correspondentes aos Nos. 85. 88 e 185—188, d'esta edição, não mereceram nota, comquanto os cinco ultimos sejam ineditos.

Sobre o contheudo do codice temos que dizer o seguinte: comprehende 103 poesias, isto é toda a nossa 1ª Parte, menos 25 versos menores, que estariam — como se deve presumir — inclusos, em parte, nas folhas que faltam[1]); além d'isso encerra sete numeros, pertencentes á nossa 2ª e 3ª Parte [102. 103 e 110—113. 115], e oito impressos com onze Ineditos da 4ª Parte [133—140 e 145; 162 e 181—190]. Em quanto aos generos, subdividem-se estas poesias, segundo o seu caracter metrico, em tres gruppos, abrangendo o primeiro 64 numeros em verso de redondilha; o segundo 32 Sonetos; o terceiro 6 Eglogas.

As Cartas e Elegias, que talvez formassem um quarto gruppo nas folhas perdidas no fim, faltam no estado actual do codice **J**. Elle apresenta pois uma coordenação diametralmente opposta á dos codices **D** e **P** (que se baseiam, como já dissemos, no original enviado ao Principe), aproximando-se da disposição seguida nas edições impressas, nas quaes as poesias estão simplesmente classificadas segundo a sua respectiva forma metrica. Ha ainda outras concordancias com essas edições, sendo communs ás tres fontes os Nos. 133—140 e 145 que **DP** não offerecem; mas nem por isso se póde deixar de reconhecer, que o ms. **J** existe sobre si, com um caracter original, sem dependencia nem dos codices **D** e **P**, nem das edições **A** e **B**. É evidente para nós que elle procede de outras fontes, porque alem dos

---

[1]) E são os Nos. 1. 2. 7. 12. 13. 16. 17. 19. 22. 24. 33. 34. 39. 40. 42. 65. 69. 76. 87. 95. 98. 99. 100.

seus onze Ineditos, além das 8 poesias que sómente se conheciam pelos Impressos, ha n'elle numerosas variantes, summamente caracteristicas, quasi em cada linha dos numeros, que são communs a **J**, **A** e **B**.[1]) E não se julgue que são arrebiques banaes, enfeites postiços de mão profana, mas sim emendas e substituições, concebidas naturalmente, segundo o espirito genuino de Sâ de Miranda e que teem o cunho de uma legitimidade indiscutivel. As rubricas explicativas, que são algumas vezes similhantes ás de **D** e **P**, são mais um argumento a favor d'este ms., que consideramos digno de toda a fe e de grande valor.

Não occultaremos que o exame minucioso dos *ineditos* nos suscitou algumas ligeiras duvidas. Resolvem-se talvez, attribuindo a outro Francisco de Sâ (o de Menezes) tres poesias que não parecem absolutamente authenticas.[2]) O modo como ellas se introduziram no ms. parece-nos facil de explicar. É provavel que algum Mecenas, admirador do poeta, colleccionasse para seu uso particular tudo o que achou com a marca de *Francisco de Sâ* nos innumeros „cancioneirinhos de mão" que andavam por todas as casas fidalgas, enganando-se em certas poesias, isto é: attribuindo a Francisco de Sâ *de Miranda* o que era propriedade de Francisco de Sâ *de Menezes*.

O aspecto exterior não contradiz estas nossas supposições, porque a boa lettra, a limpeza e relativa elegancia de todo o codice, a notavel correcção do texto, com emendas cuidadosas, lançadas á margem, a boa orthographia, tudo isto faz crêr que o treslado foi confiado a algum copista adestrado, sob a direcção de um collector entendido.

O snr. Visconde de Juromenha teve a bondade, como já dissemos, de nos confiar durante varios annos este precioso codice, completamente inexplorado na parte relativa a Sâ de Miranda. Infelizmente chegou-nos á mão muito tarde, depois de havermos entregado o nosso texto á imprensa: d'ahi a necessidade de formar um Appendice (p. 679—736) no qual entraram todas as variantes d'esta fonte. Ainda pudemos intercalar, com a ajuda do nosso amavel editor, á ultima hora, as necessarias referencias no proprio texto, e incluir n'elle os ineditos.

5⁰ **O ms. F.** Não é um manuscripto especial do nosso poeta, mas sim um grande Cancioneiro de poesias quinhentistas, colleccionado por Luis Franco, companheiro de armas de Camões e um dos seus maiores admiradores. Acha-se na Bibliotheca

---

[1]) Vide o Appendice.
[2]) Vide as notas que dizem respeito aos Nos. 181, 184 e 187.

Nacional de Lisboa, estabelecimento para onde entrou em 1840, por diligencias do Bibliothecario-mór, Visconde de Balsemão; foi pago pela quantia de 48,000 reis, conforme diz uma nota do Bibliothecario Andrade na guarda da capa.

É um in-folio, marca No. 565, com encadernação de cordovão, tendo na lombada o distico: *Elegias de Camões*. A encadernação data do fim do sec. XVI, ou principio do XVII. O frontispicio diz:

„*Cancioneiro | em que uão obras dos milhores poe | tas de meu tempo ainda não empre | sas e tresladadas de papeis da | letra dos mesmos que as com | poserão, comessado na | india a* 15 *de janeiro de* | 1557 *e acabado em Lx*[a] | *em* 1589 | *per luis franco correa compa | nheiro em o estado da india | e muito amigo de luis de | Camoens.*“

Este titulo acha-se dentro de alguns lavores calligraphicos que formam uma especie de tarja. Seguem-se 295 folhas de texto, uma branca e duas de indice (297 e 298).

Não se póde reputar autographo, porque dizendo-se começado na India e acabado em Lisboa, nem por isso se encontra differença no papel, nem ainda na tinta, como é natural suppôr se o livro fosse compilado pouco a pouco durante o largo espaço de tempo de 32 annos, e em logares tão remotos entre si. Accresce a circumstancia de estar cheio de notaveis omissões, de erros grosseiros, metricos e grammaticaes, que por vezes transtornam completamente a interpretação das composições. Todos estes defeitos só pódem attribuir-se a um copista ignorante, e de modo algum a Luis Franco, o qual além de poeta, tinha estudo sufficiente da lingua materna e mesmo d'algumas estranhas, as quaes manejava com bastante facilidade.[1])

A letra, porém, mostra ser do seculo XVI, e por isso o manuscripto póde dizer-se em todo o caso uma copia contemporanea dos originaes, feita antes da primeira edição das Poesias de Miranda, Camões etc. (1595) e, a acreditarmos na asserção do collecionador, sobre *autographos* d'estes poetas.

O ms. esteve, de certo, muito bem guardado, porque nenhum editor de Camões, nem mesmo Faria e Sousa o conheceu, até que o Snr. Visconde de Juromenha o explorou em 1860, dando uma breve descripção d'elle e accentuando o seu valor.[2]) Nada se póde dizer, ao certo, sobre o seu paradouro anterior, sobre o antigo proprietario etc.; as supposições aventadas a este respeito não tem o menor fundamento. Depois do Snr. Visconde, foi o ms. examinado por Th. Braga, que tambem extrahiu d'elle varios

---

1) Vide Barbosa Machado.
2) Juromenha II p. XII—XVI.

ineditos, deixando porém ainda muitos outros, não menos valiosos, por aproveitar. Ambos tiveram em vista sobretudo os textos de Camões, que occupam o maior quinhão[1]) do ms. e constituem, sem duvida, o seu maior ornamento. Ninguem se lembrou ainda de accentuar a parte relativa a Miranda; e mesmo o snr. Th. Braga, que prestou bastante attenção aos textos dos outros poetas menores que se agrupam em volta de Camões, insertando varias amostras na sua Hist. de Camões[2]), não deu mais do que uma Egloga de Sâ de Miranda.[3])

Já o Snr. Visconde de Juromenha notou que o Cancioneiro contém varias poesias de Camões, bem conhecidas por suas, sem qualquer rubrica primitiva, da propria mão do copista, que indique o seu nome. Tambem notou que muitas outras rubricas com nome do autor, são de lettra relativamente moderna, e escriptas por pessoa versada em litteratura, a qual parece ter examinado ainda outros mss., porquanto nos fez o serviço de indigitar de quem seja esta ou aquella obra, que anda anonyma no volume. Com relação ás poesias de Sâ de Miranda que incluimos n'esta edição, — porque só estas podemos aqui considerar — devemos relevar o mesmo facto: algumas das attribuições e referencias de nome são de mão differente d'aquella que escreveu o texto. Parece-nos até que ha alli tres annotadores diversos, que distinguiremos com as lettras **a b c** na lista seguinte. O autor das notas **a**, que são as mais consideraveis, confrontou os textos do ms. com a edição de 1614 (ou com alguma das suas reproducções).

Do ms. **F** extractámos as seguintes Poesias de Miranda:

1) f. 71v. *Soneto ao principe nosso senhor por Francisco de Saa. Inda que em vossa alteza.*
Nota: Sa Miranda. 2º pouco mudado (**a**).[4])

2) f. 71v.—81. *Egloga de Frco de Saa de muitos pastores, e o que falla primeiro, he hũ moço por nome Alexo.*
N.: S. Miranda 7ª (**a**).

---

[1]) O cancioneiro contém 85 Sonetos de Camões, dos quaes 44 eram completamente desconhecidos até 1860; 9 poesias em tercetos (Elegias, Capitulos ou Epistolas); 4 Eglogas, 9 Canções, 1 Octava, 1 Ode, 2 Sextinas; a comedia Filodemo e o primeiro canto das Lusiadas. Além d'isso offerece varias poesias de D. Manoel de Portugal, Francisco de Sâ e Menezes, Jorge de Montemôr, Diogo de Mendoza, Simão da Silveira, Gonçalo Coutinho etc.

[2]) Hist. de Cam. II p. 140, 171 etc.; Bibl. Camoniana p. 114; Parnaso de Luiz de Camões I p. XXVII.

[3]) Antologia No. 143. Vide o nosso No. 117 e p. 731.

[4]) A interpretação d'esta nota he facil. Significa: O Frco de Sâ, de que se trata, he Sâ de Miranda. Na impressão **B** o Soneto tem o 2º logar. Offerece algumas poucas variantes.

3) f. 81. *A Nunalvarez Pereira. Epistola.*
N.: S. Miranda 8ª (**a**).
f. 81—84. *Pastores da Egloga: Bieito Gil.*
N.: 8 (**a**).

4) f. 84v.—85v. *Elegia do mesmo.*
Olvidado de ti por este llano.
N.: não está nos impressos (**a**); he de Sâ Miranda[1]) (**b**); **Miranda** (**c**).

5) f. 85v.—86v. *Elegia de Frco de Saa.*
Buelve Filis hermosa a este llano.
N.: Sa Miranda[1]) (**b**); não está (**a**); **Miranda** (**c**).

6) f. 91—95. *Dialogo de dous pastores, Gil e Bento, por Francisquo de Sa de Miranda.*
N.: Sa Miranda 6 (**b**); não anda (**a**).

7) f. 95—97v. *Egloga. Do mesmo. Silvestre e Montano interlocutores.*
N.: Não anda e he de Sa Miranda (**a**).

8) f. 97v. *Soneto.*
Antre Sesto e Abido el mar estrecho.
N.: Sa Miranda 17 (**a**).

9) f. 100—102. *Epistola de Montemaior a Francisquo de Sa de Miranda.*
N.: De Miranda[1]) (**b**); não anda (**a**).

10) f. 102v.—105. *Resposta do doutor Frco de Sa de Miranda.*
N.: Sa Miranda, Carta 8ª (**a**).

11) f. 106—112.[2]) *Egloga de Andres, de Francisco de Saa de Miranda.*
N.: Saa Miranda 3ª (**a**).

---

[1]) A rubrica *Miranda* foi riscada posteriormente, o que, nos primeiros d'estes tres casos, induziu outro (terceiro) interpretador a tornar a pôr o mesmo nome *Miranda.*

[2]) A folha 112v., antecedendo os sonetos, acha-se, sem nome de autor e sem rubrica alguma, uma pequena poesia, que não ousei attribuir a Miranda, introduzindo-a n'esta edição, por me parecer apocrypha e incompleta: um fragmento de soneto ou de outra obra de mais alento, e em tercetos. Diz:

Ia el tiempo, adonde viene a consumir-se
Quanto debajo de cielo aora se encierra,
Todo ha de acabar, en destruir-se
No porná paz, ni fin a esta guerra,
Antes la enciende mas, porque el me haze
Desear ver-me bivo so la tierra.
La salud se consume y se deshaze;
Mil señales parecen de la muerte,
Mas nunca ha de venir, porque me plaze
Mucho mas que bivir aca sin ver-te.

12) f. 113. *Outro Soneto.*
Com soloços profundos y gemidos.
N.: de Sa Miranda (a).
13) f. 113. *Soneto.*
No sé que desventura, que destino.
N.: Sa Miranda (a).
14) f. 113v. *Sem rubrica alguma.*
Queriendo la pintora dar pintura.
N.: Sa Miranda (a).
15) f. 114v. *Soneto.*
Señora mia, ya no está en mi mano.
N.: Sa Miranda (a).
16) f. 115v. *Soneto.*
Nunca se vio en el mundo que una rama.
N.: S. Mir. (a).
17) f. 116v. *Soneto.*
Ay de quan ricas esperanzas vengo.
N.: S. Mir. (a).
18) f. 116v. *Soneto.*
Traida en sacrificio Policena.
N.: S. M. 18' (a).
19) f. 117. *Soneto.*
De que vitoria combatiente humano.
N.: S. M. (a).
20) f. 117v. *Soneto.*
Alma que fica por fazerdes hoje.
N.: Sa Miranda 10 (a).
21) f. 117v. *Soneto.*
Aquelas esperanças que eu metido.
N.: Sa Miranda 7 (a).
22) f. 118v. *Soneto.*
El avariento guarda su riqueza.
N.: S. Mir. (a).
23) f. 142. *Soneto.*
Aquel que las culebras niño tierno.
N.: Não anda; F. S. M. (a).
24) f. 292—292v. *Esta que he a 1ª carta de Sá Miranda não está inteira porque lhe tirarão algumàs folhas ao principio.*
25) f. 293—295. *Segunda carta de Sá Miranda a Pero Carvalho.*

Estas 26 poesias correspondem aos nossos Nos. 79. 81. 90. 94. 101. 102. 103. 104. 106. 113. 116. 117. 146. 170—181 e 200. São todas completas, menos as duas ultimas; e uma (9) não é de Sâ de Miranda, mas sim a elle offerecida.

Peças ineditas, não impressas nas edições **A B**, são os Nos. 116. 170—181 e, com alguma restricção, o No. 117, constituindo 2 Eglogas, 2 Elegias e 9 Sonetos. As Eglogas e Elegias ainda foram confrontadas com outras fontes, as primeiras com o ms. **D**, e as ultimas com o ms. **E** e a Miscell. **J**; os Sonetos, porém, não existem senão no Cancioneiro de Luis Franco, onde, como a lista o demonstra claramente, não tinham primitivamente indicação alguma sobre o seu autor. É comtudo provavel que já Luis Franco considerasse os Sonetos, e as 2 Elegias, como legitima propriedade de Sâ de Miranda; alias não os misturaria com outros versos, positivamente attribuidos ao poeta, desde a data da compilação primitiva, e que são d'elle, sem a menor duvida. Temos razões para suppôr (como se acha exposto nas Notas), que os Sonetos e as Elegias pertencem a Francisco de Sâ de Menezes.

Além da nossa copia, tivemos ainda á nossa disposição outra mais antiga do Snr. Visconde de Juromenha, na qual S. E. incluiu apenas o que, em tempos, considerou inedito. Não obstante, os textos de **F** continuam a ser defeituosos, e só podem acceitar-se depois de cuidadosas emendas, feitas com intimo conhecimento da individualidade do Poeta.

6º **O ms. E.** Existe na Bibliotheca Publica Eborense com a marca $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$. O „*Catalogo dos Manuscriptos*“ [1]) d'este estabelecimento cita-o duas vezes, a p. 79 e 113, laconicamente, com as formulas

Poesias de Francisco de Sá de Miranda [sc. port.]
Cod. $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$ a fl.... [*sic*]
Poesias de Francisco de Sá de Miranda [sc. hesp.]
Cod. $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$ a fl. 54, fl. 57, fl. 121 etc.

sem apontar quaes as poesias que contém, e se são ineditas ou não. O snr. Th. Braga assegurou em 1874, fundando-se n'uma informação do Snr. Gabriel Pereira, que o volumoso ms. contém as Eglogas de Miranda [2]), e obteve copia de algumas poesias de outros autores quinhentistas, que publicou.

Ninguem deu até hoje uma descripção exacta de este codice, que é um in-folio com capa de pergaminho, de 238, ou antes 239 folhas, porque o numero 127 está repetido. A lettra é de

---

[1]) Cat. dos Mss. da Bibl. Publ. Eborense, ordenado com as descripções e notas do bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e com outras proprias por J. A. de Sousa Telles de Matos. — Tomo II que comprehende a litteratura. — Lisb. 1869.

[2]) Hist. de Camões II p. 307.

uma só mão, quasi até o fim, e pertence ao principio do sec. XVII; as ultimas cinco folhas são de outro copista. No interior da capa, sobre a guarda lê-se: „*Este livro he de dona Guimar de Castro m[a] s[ra]*" (minha senhora).

O codice, que não tem frontispicio, nem titulo algum, nem indice, póde considerar-se um vasto Cancioneiro de varios autores portuguezes e hespanhoes, muitos dos quaes pertencem ainda aos primeiros decennios do sec. XVI, enfileirando-se na *Eschola velha*, emquanto outros datão da segunda metade do sec. e são adeptos da *Eschola nova*, italiana. Alguns poucos entram já no sec. XVII, de sorte que o Cancioneiro abrange um largo periodo desde Garcisanchez de Badajoz até Cervantes e Gongora.[1])

As poesias de Sâ de Miranda tem o maior quinhão no codice, occupando as primeiras 61 folhas, e depois algumas salteadas (114. 121. 124. 140. 166); e esta circunstancia parece ter dado na vista, e determinado, por assim dizer, o valor do codice, porquanto uma nota de um dos redactores do Catalogo diz: *Varia da edição de* 1614 (a nossa ed. **B**) e *Parece têr custado* 28,000 *reis*[2]) *por ser reputado então como original.*

A copia é muito irregular, e em partes textualmente crivada de erros, mais grosseiros do que os dos ms. **D P J** e até de **F**, talvez porque o colleccionador se serviu de differentes manuscriptos de maior ou menor valor, pertencentes a varias epocas e desiguaes na lettra, resultando d'ahi o pouco esmero e pouca intelligencia que houve em geral n'este treslado. O copista errou milhares de vezes por ignorancia, mas abstrahiu felizmente de quaesquer emendas, que poderiam fazer suppôr a tenção de aformosear as poesias, ou tornal-as mais claras e intelligiveis. Não póde pois haver duvidas a respeito da authenticidade do texto, embora lastimemos as condições infelizes em que o ms. foi executado.

Aproveitámos todas as variantes, até mesmo algumas, que são evidentemente resultado de má leitura e viciação do texto, para que o leitor possa formar um juizo proprio e independente sobre o valor do ms. Uma lição errada, confrontada com outras mais ou menos differentes e deturpadas, contribue ás

---

1) Eis alguns dos nomes mais salientes: Garcisanchez; Jorge Manrique; Costana; D. Francisco de Portugal, 1º Conde do Vimioso; o Duque de Sesa; o Conde de Villanova; D. Diogo da Silva; Conde de Salinas; D. Alvaro de Luna; D. Alvaro de Abranches; Bernardo da Mota; Simão de Sousa; Gaspar Dias Cardoso; Boscan; Garcilaso; Mendoza; Camões; Francisco de Sâ de Menezes; o Duque de Aveiro; Luiz da Silveira, Conde da Sortelha; o Marquez de Astorga; Dr. Aires Pinel; Martim de Castro; D. Manoel de Portugal; Jorge da Silva; Cervantes; Gongora etc. etc.

2) Alias: *seis moedas*, o que indica talvez uma nota mais antiga, que serviu aos redactores.

vezes até para se achar o verdadeiro sentido e o theor original de uma passagem obscura. Algumas poesias, principalmente as Eglogas Celia e Basto, differem na redacção **E** de um modo tão notavel de todas as restantes fontes, que nos pareceram dignas de figurarem como numeros separados. A lição de Basto (No. 164) tem grande importancia, e está felizmente assaz correcta. Entre as poesias menores ha 6 em redondilhas, que devem proceder de textos originaes muito antigos, anteriores a 1516. Outros versos mostram, pela sua redacção, certa affinidade do Cancioneiro **E** com o Cancioneiro de Luis Franco.

O contheudo do ms. abrange 75 poesias de Miranda, ou a elle dirigidas. Dividem-se em: 5 Eglogas, 8 Esparsas, 25 Cantigas, 9 Cantares velhos, 19 Vilancetes, 2 Glosas, 2 Trovas; uma poesia intitulada „Septima“, e outra composta „em nomo alheio“: isto é em 5 obras na maneira italiana, e 67 no gosto da velha Eschola nacional. Juntem-se ainda 1°) uma Elegia, talvez apocrypha, mas attribuida a Sâ de Miranda, 2°) uma Egloga, 3°) com o respectivo Soneto dedicatorio, que lhe foi offerecida.[1])

D'estas poesias eram desconhecidas apenas quatro; outras eram raras, p. ex. a Elegia (que se encontra só aqui e no Cancioneiro **F**) e quatro redondilhas, conservadas unicamente no Canc. de Resende. As restantes encontram-se em differentes mss. e edições impressas, mas offerecem, ainda assim, variantes bastante notaveis.

Eis o Indice das poesias:

1°)	fl.	1—8 v.	Egloga	*Basto.*
2°)	„	9—17.	„	*Andres.*
3°)	„	17 v—27.	„	*Celia.*
4°)	„	27 v—37 v.	„	*Aleixo.*
5°)	„	38—48.	„	*Nemoroso.*
6°)	„	48 v.	Esparsa I.	Tornou-se tudo em vento.
7°)	„	„	„ II.	Quando nos meus erros cuido.
8°)	„	„	„ III.	Porque podera abafar.
9°)	„	„	„ IV.	Como não quereis que seja.
10°)	„	„	„ V.	Do passado arrependido.
11°)	„	„	„ VI.	Não vejo o rosto a ninguem.
12°)	„	„	„ VII.	Todas as cousas tem cabo.
13°)	„	49.	Cantiga I.	Quanto mal me era ordenado.
14°)	„	„	„ II.	Señora oid la mi suerte.
15°)	„	„	„ III.	Puede-se esta llamar vida.
16°)	„	„	„ IV.	Toda esperança é perdida.

[1]) São os nossos n°s 2 (155). 3. 4. 5. 7. 8. 9 (161). 11. 12. 14. 17—31. 34—38. 40—45. 49—50. 53—70. 72—73. 77. 91. 102. 112 (165). 113. 115. 128—131. 164. 166—170. 192.

17º) fl. 49 v. Cantiga V. Até quando me tereis.
18º) „ „ „ VI. Uma morte hei de morrer.
19º) „ „ „ VII. Comigo me desavim.
20º) „ „ „ VIII. Que remedio tomarei.
21º) „ 50. „ IX. A que vida tam esquiva.
22º) „ „ „ X. Entre temor e desejo.
23º) „ „ „ XI. Pois meu mal com quanto é.
24º) „ „ „ XII. Sortes e venturas são.
25º) „ 50 v. „ XIII. El agravio que recibo.
26º) „ „ „ XIV. Nada que ves é assi.
27º) „ „ „ XV. Tudo passa como um vento.
28º) „ „ „ XVI. Ledo em meus males sem cura.
29º) „ 51. „ XVII. Cego d'este meu desejo.
30º) „ „ „ XVIII. Triste de mi desdichado.
31º) „ „ „ XIX. Ya agora tiempo seria.
32º) „ „ „ XX. Se me este cuidado atura.
33º) „ „ „ XXI. Huye el tiempo, está el mal quedo.
34º) „ 51 v. „ XXII. Alma tão sem assossego.
35º) „ „ „ XXIII. La que io tengo no es prision.
36º) „ „ „ XXIV. Como no se desespera.
37º) „ „ „ XXV. Ai que el alma se me sale.
38º) „ 52. Cantar velho I. Todos vienen de la vela.
39º) „ „ „ „ II. Naquela alta serra.
40º) „ 52 v. „ „ III. Por malos embolvedores.
41º) „ „ „ „ IV. Serrana onde jouvestes.
42º) „ „ „ „ V. Naquelle longo desterro.
43º) „ 53. *Sem rubrica alguma:* En mi corazon vos tengo. (Vilancete XIX).
44º) „ „ Cantar velho VI. Sola me dejaste.
45º) „ 53 v. „ „ VII. Saudade minha.
46º) „ „ „ „ VIII. Doña bella mal maridada.
47º) „ „ „ „ IX. Taño-os yo mi pandero.
48º) „ „ Esparsa VIII. Mandar em tal tempo luvas.
49º) „ 54. Vilancete I. Esperanças mal tomadas.
50º) „ „ „ II. Em pago d'aquella dor.
51º) „ „ „ III. Deixai-me as minhas tristezas.
52º) „ „ „ IV. O meu mal pude o sofrer.
53º) „ 54 v. „ V. Os meus castelos de vento.
54º) „ „ „ VI. Acustumei-me a meus males.
55º) „ „ „ VII. Estes meus olhos que assi.
56º) „ 55. „ VIII. Se meu tormento me desse.
57º) „ „ „ IX. Pusiera los mis amores.
58º) „ „ „ X. Secaron-me los pesares.
59º) „ „ „ XI. En las tierras de do vine.
60º) „ „ „ XII. Pois os meus olhos são vossos.

61°) fl. 55 v. Vilancete XIII. Que vos farei meu cuidado.
62°) „ „ „ XIV. Desenganei um cuidado.
63°) „ „ „ XV. Este mal que agora sinto.
64°) „ „ „ XVI. Quem cuidar e quem disser.
65°) „ 56. „ XVII. Polo bem mal me quisestes.
66°) „ „ „ XVIII. Tu presencia deseada.
67°) „ 57. Glosa I. No sé porque me fatigo.
68°) „ 58. „ II. Pues veo de mi huir.
69°) „ 59—60. Trova I. Al son de los vientos que van murmurando.
70°) „ 60 v. Septima I. Que cosas se pueden contar tan estrañas.
71°) „ „ Trova II. Amor e fortuna são.
72°) „ 61—61 v. *Carta ao Infante D. Duarte mandando-lhe a Comedia dos Vilhalpandos.*
73°) „ 114. *Egloga de D. Manuel de Portugal:*
Dejando los ganados rumiando
Francisco de Saa de Miranda.
74°) „ 121. *En nombre ajeno:* Si puede mas el amor.
75°) „ 124. *Soneto de D. Manoel de Portugal a Frco de Saa de Miranda:* Soem ás vezes ser mais estimadas.
76°) „ 140. Elegia: Olvidado de ti por este llano.

No. 72, a Carta em prosa, que pertence á Comedia dos Vilhalpandos, não podia ter logar n'esta edição.

A Bibliotheca Eborense possue, como se vê pelo Catalogo dos manuscriptos a p. 79 e 113, ainda outro codice com poesias de um Francisco de Sâ. É o No. $\frac{CIV}{1-4}$d (a fl. 217 e seguintes), o qual contém com efeito 66 Sonetos, hespanhoes e portuguezes, de bastante merecimento em parte. Os redactores do catalogo consideram-os como obras de *Miranda*; declaram expressamente que „não andam na collecção impressa", passagem que não se póde referir a outro autor, não existindo edição alguma de poesias lyricas de outro Francisco de Sâ, que não seja o nosso poeta. Veremos agora o fundamento d'esta attribuição.

O codice $\frac{CIV}{1-4}$d é um 4° de 305 folhas com capa de pergaminho; e representa uma miscellanea de varios tratados em prosa, escriptos com differentes lettras do sec. XVII, p. ex. um „Tratado da Esphera", outro sobre „Fogos artificiaes" etc. A encadernação deve ter sido feita depois de 1649, porque abrange tambem uma folha volante, impressa n'este anno: *Commemoratio pro fuganda peste* (Lisboa, Ant. Alvares 1649), a qual de resto

não figura no antigo Indice dos differentes tratados manuscriptos, incorporados no volume. N'este indice, caracterisado com a rubrica „*Contheudo neste livro*", lê-se na 7ª linha:

66 *Sonetos de Franco de Saa p.* 207—239.

O nome *Miranda* não apparece aqui citado, nem em parte alguma do ms. A linguagem, os pensamentos, em summa todo o estylo, é completamente differente da individualidade poetica de Sâ de Miranda. Os versos, amorosos, rezam de uma certa Filis e denunciam por este e por outros motivos intrinsecos, litterarios, a musa branda e doce de Francisco de Sâ de Menezes (Vide No. 68 Nota).

Não os incluimos, portanto, n'esta edição, reservando a nossa copia para outra occasião. Apenas sirva de amostra o Soneto 1º, que forma uma especie de introducção aos 65 restantes:

De agradable dolor partos nacidos,
No mas que por la causa siempre amados,
Con suspiros y lagrimas criados,
Vozes dadas al aire, ecos perdidos,

Aunque haveis sido siempre mal oidos,
Siendo unico remedio a mis cuidados,
Hoy os vereis al viento publicados,
Pues solo dél bien fuistes recebidos!

No temais parecer por no ingeniosos,
Faltos de erudicion y de concetos!
Sin recelo llegad entre la gente!

Porque son muchas vezes mas preciosos
De un encendido amor limpios afetos
Que la curiosidad del eloquente.

II. Edições impressas.

As Obras de Miranda foram publicadas posthumas, não constando que por ordem sua se imprimisse cousa alguma, em quanto viveu, quer fosse em forma de livro, quer em folha avulsa.

As edições das Poesias que existem, são: a primeira de 1595 (e não de 1594 como ainda se repete hoje) reproduzida em 1804; a segunda de 1614 (e não de 1616), reimpressa em 1632 e 1651 com algums accrescentos, e repetida sem estes, em 1677 e 1784; a terceira, incompleta, pois offerece unicamente as Cartas e Eglogas em redondilha, de 1626.

Não ha vestigio de outras. A hypothese de Varnhagen e a referencia do Indice dos Livros Prohibidos[1]), que alludem á impressões avulsas, anteriores á primeira edição, e feitas ainda em vida do poeta, não têm fundamento. Varnhagen imagina ainda certas edições publicadas em Hespanha, além das portuguezas. Os poetas lusitanos que escreveram só em castelhano, como Gregorio Silvestre, Jorge de Montemôr ou, parcialmente, como Miranda, Bernardes etc., longe de grangearem as sympathias dos dous paizes, como talvez esperassem, são hoje tratados com a maior indifferença por ambos: nenhuma das duas nações se julga devedora de algum signal de gratidão para com esses poetas luso-castelhanos, representantes de uma alliança intellectual hoje abandonada.

São tambem erroneas as indicações de Nicolas Antonio, Sedano, Ad. de Castro, Brinckmeyer[2]) etc., que fallam de uma 2ª edição de 1605, que nunca existiu. Calculariam talvez, que terminado o privilegio da 1ª edição n'esse anno, fosse renovado e produzisse uma nova edição.

1. **Ed. A.**

AS OBRAS | DO CELEBRADO | LVSITANO, | O doutor Frãcisco de Sà de Mirãda. | Collegidas por Manoel de Lyra. | *Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Je- | ronymo de Castro &c.*

Segue-se o escudo dos Castros com seis arroelas.

Impressas com licença do supremo Conselho da santa | Geral Inquisição, & Ordinario. | Anno de 1595. | *Com priuilegio Real por dez annos.*

O formato é in 4º, de IV (inn.) e 189 folhas numeradas na frente.

As folhas inn. contêm o seguinte: a 1ª o frontispicio; 1ᵛ em branco; a 2ª as licenças, datadas de Lisboa, 10 de agosto de 1589 e 2 de sept. de 1594, a primeira das quaes vem assignada por um proximo parente do poeta, o desembargador do paço Jeronymo Pereira de Sà; 2ᵛ o privilegio real por tempo de dez annos, contados desde 7 de janeiro de 1595; a 3ª o Prologo de Manoel de Lyra que em seguida reproduzimos; 3ᵛ Um Soneto de Jeronymo de Morais a D. Jeronymo de Castro, e duas poesias em latim; a 4ª o Soneto laudatario de D. Manoel de Portugal ás obras de Miranda; 4ᵛ em branco.

---

[1]) Index de 1622 p. 588 „Outra edição mais antiga que a de 1595." É verdade que o Index só falla das Comedias, referindo-se talvez ás edições de 1560 e 1569.

[2]) Bibl. Nova I 359; Parnaso Esp. vol. VIII p. XXII; Rivad. vol. 42 p. XXXVIII; Brinckmeyer, Abriss p. 159.

As paginas do texto contêm: 1º os tres Sonetos ao Principe dom João; 2º a canção á Virgem; 3º vinte e seis Sonetos; 4º as 5 cartas em redondilhas a ElRei, a João Rodriguez, a Pero Carvalho, a Mem de Sâ, e a Antonio Pereira; 5º os Tercetos: a Fernando de Menezes; a hũa senhora; a Elegia de Ferreira; a resposta de Miranda; a Epistola de Montemór com a resposta; 6º as 8 Eglogas: Mondego, Aleixo, Basto, Celia, Andres, Nemoroso, Encantamento, Epitalamio; 7º as Glosas, Cantigas, Vilancetes, Esparsas e Trovas: em summa 123 poesias proprias e 5 alheias [1]), das quaes só quinze não foram incluidas nas tres remessas ao Principe. Faltam, porém, entre estas 128 poesias algumas das que foram mandadas ao Principe [2]), e ainda as seguintes nossas: 128—132. 137. 142—145. 148—149. 152. 157—196. 198—199. 202—209. 212.

As poesias acabam na fl. 162, cujo verso representa o colophon do editor e impressor Manoel de Lyra, em gravura tosca, i. é um Apollo tocando viola d'arco, com a inscripção: *Non vi sed ingenio et arte.* De fl. 163 a 184 vem incorporada a Comedia dos Estrangeiros (e não a dos Vilhalpandos, como diz Barbosa Machado). No fim segue-se uma lista de Erratas, um Indice (em que faltão tres numeros) e um Auto de approvação d'estas obras, que é de alta importancia.

Para o leitor formar juizo proprio sobre a authenticidade inquestionavel d'esta primeira impressão, bastará que leia os dous documentos subsequentes, que fallam claro, mas aos quaes nem por isso se ligou até hoje importancia, porque nenhum dos criticos nem dos bibliographos que discutiram o valor da edição **A**, se deu ao cuidado de lançar um olhar mais demorado sobre estes documentos. Quem os ler, não póde duvidar que a ed. **A** é uma impressão cuidadosa de um original manuscripto, já bastante maltratado em 1595, mas escripto da mão e letra do proprio Sâ de Miranda.

Documento 1º.

Ao muito illustre Senhor | Dom Jeronymo de Castro
Manoel de Lyra | Impressor
S. P. D.

Costume foi dos Gregos e Romanos, muito illustre senhor, e d'outras nações ja d'antes, offrecer e dedicar seus estudos e trabalhos aos illustres de sua idade, para que, ajudados e favorecidos d'elles, tivessem mais largo caminho para sua gloria e mór emparo contra as injurias do tempo. Co' este meo florescerão tantos insignes varões

---

[1]) 133—136. 140—144. 146—147. 150—151. 197 e 200.
[2]) 17—18. 39. 75—77. 116—127.

como as historias celebrão em Homeros, Aennios, Virgilios, Sallustios, Suetonios e Livios que, fazendo memoravel a gloria de seus nomes, fizerão gloriosa a memoria de seus tempos. Não conheço eu menor causa, antes cõfesso ter môr divida de vos offrescer a vos, honra dos Castros, flor de nossa idade, Mecenas dos ingenhos, a grandeza desta obra, se nella tivera mais que o serviço da impressão, pois estando ella ja desconhecida, trocado & quasi perdido o esmalte com que foi composta, vós a tornais á primeira verdade & segurais do segundo naufragio. Não fez mais Diodoro Siculo que, por dar credito a sua historia, correo Europa e Asia a ver a verdade della. E vos, porque esta tevesse o preço que lhe o autor deu, passais de reino a reino a ver na primeira lamina a letra do proprio autor. Por onde desaccreditados os erros que enlevavão esta obra, e accreditadas as verdades que vos em seus originais alcançastes, fica ella cõ o credito que convem a quem a fez, & vos com a gloria de dar remedio a tão commum desejo, & nossa idade rica & envejada.

Documento 2º.

Auto da approvação d'estas obras.

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de mil & quinhentos noventa & cinco annos, ao primeiro dia do mes de janeiro do dito anno, em a mui antiga, augusta, nobre e sempre leal cidade de Braga, no Campo da Vinha, nas pousadas do senhor doutor Pero Carvalho, Juiz ordinario nesta dita cidade & seu termo, pello illustrissimo senhor dõ frei Agostinho de Jesus, per merce de deos e da sancta See apostolica arcebispo & senhor de Braga, primas das Espanhas, nosso senhor etc., estando elle juiz ahi presente, per ante elle pareceo Manoel de Carvalhais, criado do senhor dom Jeronymo de Castro e lhe apresentou um livro encadernado em purgaminho branco ja velho das obras que fez o doutor Francisco de Saa de Miranda, comendador que foi da comenda de Santa Maria de Duas Igrejas deste arcebispado de Braga, juntamente com este transumpto & treslado que delle fora tirado, dizendo a elle juiz que a elle lhe era necessario justificar em como era verdade que o dito livro era escrito da mão do dito doutor Francisco de Saa de Miranda & aquella era a sua propria letra, para que constando lhe ser assi elle juiz lhe interposesse a este transumpto sua autoridade judicial. O que visto por elle juiz mandou per ante si vir testemunhas fidedignas per cujos ditos e testemunhos (que judicialmente lhe farão tomados) lhe constou a letra do dito livro ser escrita da mão & letra do dito doutor Francisco de Saa de Miranda, donde este transumpto e treslado se tirara e concertara, e por ser carecente de vicio e suspeição como delle consta, elle juiz interpos a este sua autoridade judicial e

mandou que lhe fosse dado tanta fee e credito como ao proprio, se exibido e mostrado fora, de que mandou fazer este auto de reconhecimento & aprovação.

E eu Manoel de Lemos tabellião que o escrevi e assinei de meu publico sinal aos dous dias do dito mes e anno.

O rosto do livro não declara o logar onde foi impresso; presume-se porém, geralmente, que fosse em Lisboa (e não em Coimbra, como ja alguem quiz asseverar), pois não ha memoria, de que Manoel de Lyra tivesse jamais typographia n'esta ultima cidade.

2. **Ed. B.**

AS | OBRAS | DO DOCTOR | FRANCISCO DE SAA | De Miranda. | *Agora de nouo impressas com a Rela- | ção de sua calidade & vida.* | — | *Com todas as licenças necessarias.* | Por Vicente Aluarez. Anno de 1614. | *Com Priuilegio Real por dez annos.* | *Domingos Fernandez liureiro.* | Tayxadas a 160. reis em papel.

O logar da impressão não se indica, mas he Lisboa.

Formato in-4⁰, de XII folh. inn. e 160, numeradas na frente.

As folhas inn. contêm o seguinte: a 1ª o frontispicio; 1ᵛ em branco; a 2ª as licenças datadas de Lisboa, 6 e 21 de agosto de 1613, 7 de julho e 7 de nov. de 1614; a 2ᵛ uma lista de erratas; a 3ª e 3ᵛ um Prologo de Domingos Fernandez livreiro que em seguida reimprimimos; a 4ª o Soneto de D. Manoel de Portugal; 4ᵛ em branco; a 5ª—9ª a „*Vida do Doutor Francisco de Sa de Miranda collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão & tratarão & dos liuros das gerações deste Reyno.*“ Esta vida, muito bem escripta, com um sabor quinhentista, foi attribuida a D. Gonçalo Coutinho por Barbosa Machado e todos os posteros. A fol. 9 está ainda o Epitaphio latim de Miranda; a 9ᵛ a Taboada.

No Prologo o editor-livreiro falla das fontes que explorou, e da variedade dos seus textos, comparados com os que já haviam sido impressos em 1595. Eil-o:

Domingos Fernandez livreiro.
Prologo.

Entre as Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda, que se imprimirão o anno de 1595, & estas que agora imprimimos, sendo as mesmas, ha tamanha differença que parece forçado dar algũa rezão desta dessemelhança & variedade, constando particularmente que se tresladarão aquellas do proprio cartapacio escrito da mão & letra de Francisco de Sà, mas posto que nem faltão muitas, nem eu as julgo por desnecessarias de todo, acomodando-me aos gostos deste tempo que so polo nome condenão os Prologos, não darei mais que duas naturais & faceis com que acabaremos este.

Bem se mostra polos primeiros tres Sonetos destes papeis que o Principe Dom João filho del Rey Dom João o III os mandou pedir a seu autor por outras tantas vezes & que elle lhos mandou assi diuididos (quais de cada hũa não pude alcançar) & sendo assi, natural cousa parecerá a todos que primeiro limou, pollio, & purificou o que mandava a hum Principe mancebo & curioso & a hũs cortesãos, de cujas envejas, calumnias e murmurações nessas mesmas obras tã engenhosamente se queixa.

Pequena maravilha he logo, que diffirão estes papeis que são as copias daquelles dos (?) que tresladarão do primeiro original que nem se mostrava a alguem nem ainda se pode bem ler, segundo está de riscado, entrelinhado & marginado em muitas folhas, e com esta palavra latina, polas mais das entrelinhas e margens vel vel *que mostra bem que até a seu proprio dono era duvidosa a escolha.*

A outra rezão seja em contrario desta, & digamos que alcançando Francisco de Sâ em vida ao Principe por tempo de quatro annos (morreo hum em Janeiro de 1554 *e o outro no de* 58) *aquellas entrelinhas, riscas & margens que no seu cartapacio se vêm (o qual está em Salvaterra de Galiza em poder de Dom Fernando Cores* (sic) *Sotomayor) forão emmendas que lhe elle fez depois que com melhor discurso vio, ponderou, riscou & se arrependeo do que tinha mandado & que esta & não a outra he a causa da desconformidade que suas obras entre si tem.*

E postas assi estas duas rezões, por cada hum dos textos, o juizo deixo aos curiosos que os quiserem conferir, aos quais offereço o trabalho que tive em recolher de muitos, que por varias mãos andavão espalhados este que aqui lhes presento.

Domingos Fernandez livreiro.

Esta linguagem não é clara, e fica muito aquem da explicação positiva, clara e judicialmente attestada de Manoel de Lyra. É pois natural que desse logar a equivocos. Alguns criticos suppoem que o editor se serviu unicamente do original autographo de Salvaterra; outros affirmam que elle não consultara *nenhum* autographo, mas sim que emendara os textos da ed. 1595 a seu bel-prazer. A verdade parece-nos poder traduzir-se do seguinte modo: A ed. **B** refere-se, com effeito, a um original que é em ultima instancia aquelle que a neta do poeta (não a filha), D. Antonia de Menezes, levou para Salvaterra de Galiza como parte de seu dote, quando casou com D. Fernando Osores Sotomayor. Esse original seria o grande livro dos apontamentos poeticos, um borrão, cheio de emendas de toda a sorte e quasi indecifravel, um cartapacio velho, cheio de entrelinhas, riscas, notas marginaes e variantes, de que o poeta se aproveitaria

para tirar as copias mais apuradas que offereceu aos seus amigos e protectores. Este cartapacio continha em germen todos os outros manuscriptos. O editor Domingos Fernandez não consultou, porém, este ms. original, directamente; parece até que elle nem o viu, tendo sómente uma vaga noticia do precioso autographo, maltratado do tempo, e já gasto em vida do poeta pelo uso quotidiano. Guardava-se a reliquia com certo ciume, e não se mostrava a ninguem. D. Gonçalo Coutinho, ou quem quer que fosse o autor da „Vida" do poeta, seria o informador de Domingos Fernandez. Lá se encontra ao menos na sua biographia uma nota sobre esse Livro original de poesias, asseverando que a neta do poeta o tinha na devida estimação. Em nossa opinião o editor apenas pôde alcançar uma copia do original; se em 2ª ou em terceira mão, não é facil decidil-o. As palavras: *Pequena maravilha* até *marginado* parecem confirmar esta hypothese. Ninguem hoje é capaz de documentar o maior ou menor valor do treslado, mas quemquer que fosse o copista, por maior que fosse a sua destreza e a sua experiencia professional, havia de tropeçar com serias difficuldades perante o ms. de Salvaterra. Póde-se affirmar *a priori* que elle entendeu mal varias passagens do complicado autographo; que emendaria frequentes vezes arbitrariamente, valendo-se das suas hypotheses. É escusado recordar, finalmente, que o seu processo de escolha, que a sua critica do texto, perante innumeras variantes, não podia deixar de ser arbitraria e immotivada.

Note-se ainda que Domingos Fernandez se serviu de outros manuscriptos além do treslado do codice de Salvaterra, porque elle falla do trabalho que teve em recolher de muitos que por varias mãos andavam espalhados, o que apresenta. Ignora-se e ignorar-se-ha sempre se elle queria dizer que extrahiu de outros codices sómente as poesias que faltavam no grande cartapacio, ou se se serviu d'elles para emendar o texto do ms. de Salvaterra.

Em todo o caso, o texto da ed. **B**, que apresenta variantes tão extraordinarias sobre a ed. **A**, deveria ter sido acolhido com maior reserva e menos credulidade, prestando-se mais credito á ed. de 1595. Succedeu, porém, exactamente o contrario, por motivos faceis de comprehender. A ed. **B** é mais rica do que a outra; tem além d'isso a biographia de D. Gonçalo Coutinho, que é um subsidio precioso, e apresenta uma redacção mais corrente, mais limada, uma phraseologia mais intelligivel, em varias partes, um sentido mais verosimil nas passagens difficultosas. Foi isto o que lhe attrahiu as sympathias do publico, que logo a declarou superior á primeira, sem reflectir se a maior clareza e superior elegancia de phrase póde ser com effeito

argumento decisivo *pro* ou *contra* a authenticidade de uma obra. Não se reparou sequer que a ed. **B** offerece ás vezes passagens muito mais incorrectas e exquisitas do que **A**, e outras, que se podem até dizer adulteradas, viciadas e semeadas de erros. Finalmente, não devia passar desapercebido que a ed. **B** contém muitas vezes estrophes em duplicado, que representam as substituições propostas pelo poeta, as quaes o redactor Domingos Fernandez não reconheceu, imprimindo-as todas juntas. Esta ultima circumstancia é alias, seja dicto entre parenthesis, um indicio em favor da procedencia do borrão de Salvaterra.

O contheudo da ed. **B** é o seguinte:

1) 31 *Sonetos*, figurando á frente os tres dedicados ao Principe, mas sem rubrica alguma.
2) 8 *Eglogas*: Mondego, Celia, Andres, Encantamento (sem indicação d'este titulo), Nemoroso, Epitalamio e depois as duas em redondilhas: *Aleixo* e *Basto*.
3) 10 *Cartas:* cinco em Redondilhas, a ElRey, a Antonio Pereira, a Mem de Sâ, a João Rodriguez, a Pero Carvalho; e outras cinco em tercetos a Fernando de Menezes; a hũa senhora; a Jorge de Montemayor; ao doutor Antonio Ferreira, e a Elegia á morte do principe dom João.
4) 2 *Canções* á nossa senhora e 1 *Trova* á mesma.
5) 1 *Sextina*, 11 *Esparsas*, 33 *Cantigas*, 31 *Vilancetes*, 2 *Epitaphios*, 2 *Trovas* e 1 *Glossa*;

o que em summa perfaz: 31+8+10+3+81 = 133, com mais 2 poesias, uma dedicada a Miranda por D. Manoel de Portugal, e a outra, o epitaphio latim = 135, que correspondem aos nossos numeros 1—127, i. é a todo o contheudo do ms. **D**, — exceptuando os nºˢ 51, 52 e 98 que foram omittidos, segundo todas as probabilidades por esquecimento do editor, — e 116—127, dos quaes o primeiro é simplesmente variante de 103, sendo os restantes talvez apocryphos.

Além d'estas 112 poesias (127 menos 15) **B** offerece mais 23 ou 24, contando como numero independente a Ded. da Egloga Aleixo (o nosso No. 145).

O que vae accrescentado n'esta segunda impressão, conforme as indicações do proprio editor, é o seguinte:

1. *Hũa Elegia ao Principe dom Joam de Portugal* [148]
   O principe dom Joam de Portugal. †
2. *Canção* [149]
   Dia gracioso e claro. †

3—5. *Sonetos* [142—144]
   Aquelle espirto. †
   Este retrato. †
   Neste começo d'anno. †

6—8. *Esparsas* [39. 77. 132]
A vossa bula de amor.
Mandar em tal tempo luvas.
Serra a serpente os ouvidos.

9—10. *Cantigas* [18. 131]
Até quando me tereis.
Entre temor e deseo.[1])

11—12. *Vilanceles* [14. 137]
Em pago de tanta dor.
No pergunteis a mis males.[2])

13—14. *Redondilhas soltas* [75. 76]
Partio Francisco e Florido.
Inda que me eu ria e cale.

15. *O principio da Egloga de Aleixo* [145].

Em compensação faltam na ed. **B** sette poesias da ed. **A**, sendo só 3 de Miranda [Os dialogos No. 51 e 52 e a Trova 98], 2 offerecidas ao poeta por Jorge de Montemôr e Ferreira, e 2 latinas (Nos. 198. 197 e 210 e 211).

Das quinze peças que se encontram a mais na ed. **B**, apenas 5, que já marcamos typographicamente na lista supra (por †), lhe pertencem exclusivamente; as restantes encontram-se ainda em outras fontes. As 5 poesias, escriptas nos ultimos annos da vida do poeta (1554—58), e que não podiam figurar por isso no ms. **D**, têm um cunho perfeitamente authentico.

Já dissemos que o publico illustrado deu a preferencia á ed. **B**, gastando quatro reimpressões d'ella, e só uma da ed. **A**. Alguns criticos mais entendidos preferiram, porém, as formas mais agrestes da ed. 1595, cahindo porém no excesso contrario, e condemnando com demasiada severidade a de 1614, como estultissima, mutilada e deturpada. Não podemos deixar de insistir sobre esta ultima circunstancia para que os criticos nacionaes não supponham que desprezamos o parecer de homens eruditos e vantajosamente conhecidos na litteratura portugueza e que não o julgamos digno de ser discutido. Ainda temos outro motivo para sondar este problema e é a sua importancia capital sob o ponto de vista d'esta nossa edição.

Ouçamos primeiro os defensores da ed. **B**. Barbosa Machado classifica-a como emendada pelo original do Autor. O Padre José da Fonseca vae mais longe, porque nem sequer cita a primeira, desprezando-a completamente e preferindo, em nome da Aca-

---

[1]) Não são 3, como affirma o editor. A cantiga „*Como no se desespera*" já apparecera na 1ª edição, embora faltasse no indice.

[2]) Não são 3, como disse o editor, induzido em erro pela mesma circumstancia.

demia de Lisboa, a posterior *pelos motivos que no prologo de Domingos Fernandes se achão declarados* (!). A. Luis de Seabra julga que as variantes de **B** são pela maior parte preferiveis, e Innocencio da Silva contenta-se com as razões (?) produzidas por Fonseca e Seabra, quanto a elle, do maior peso[1]), de maneira que todos quatro se firmam apenas na sabedoria do livreiro-editor Domingos Fernandez. Seguem autores estrangeiros, que não adiantam nada: Ticknor[2]) chama a ed. **B** a melhor de todas; Salvá dil-a a mais correcta, Velasquez e Dieze e Brinckmeyer a melhor e mais completa; Adamson julga-a melhorada sobre o original, Barrera y Leirado, corregida pelo manuscripto original etc. etc.

Estas fastidiosas repetições, que não produzem um unico argumento novo, provocaram a replica dos admiradores da 1ª edição.

Temos: 1º) o Snr. A. Maria de Souza-Lobo o qual desabafou n'uma nota intima, marginal, de um exemplar do Diccionario da Academia, que lhe pertencia e está hoje em poder do Snr. José do Canto, a quem devemos a interessante communicação. E diz: „*A 2ª edição (e as posteriores que todas a seguirão, por sua desgraça e a nossa) alterou a 1ª de modo que se póde dizer que em alguns logares compoz por sua conta e risco. Entendeo para si o Editor que fazia maravilhas, traduzindo a linguagem pura e estylo chão e energico de Sá de Miranda em o 16º seculo, para as doçuras e trocadilhos do seculo XVII. Fez de Miranda um Bernardes, que apenas lá transparece envergonhado o Sá de Miranda por se ver tam enramalhetado e peravilho. Deos lhe perdoe, que eu não. Admira-me que o seguissem os senhores do Parnasso. Não se cansárão em procurar a 1ª edição. Contentárão-se com a 2ª e copiárão-lhe até os erros. Carece-se de uma nova edição que resuscite o grande poeta, tal como o fez a natureza, pois que a 1ª é rarissima e estultissima a 2ª, mau grado de todos os sabichões que têm fallado n'ella até agora. Depois que comparei umas com outras, não dou a de* 1595 *por* 3 *ou* 4 *moedas.*“ [3])

2º) Francisco Ad. de Varnhagen[4]), á quem só a injustamente despreciada edição de 1595 e a reimpressão de 1804

---

1) Barb. Mach. II 254b; Fonseca, Catalogo dos autores e obras que se lerão e de que se tomarão as autoridades para a composição do Dicc. da Lingua portugueza p. CLXXIX; Seabra, Satyras e Epistolas de Horacio II p. 144; Innoc. III p. 54 etc.

2) Ticknor (ed. all.) II 177; Salvá, Cat. No. 925; Adamson, Memoir I 46; Brinckmeier p. 159 etc.

3) Esta nota foi a origem de outra parecida, publicada no Tomo V da Revista Litteraria do Porto p. 184.

4) Panorama de 1841 p. 278.

merecem algum conceito. Todas ou quasi todas as variantes lhe denunciam por si mesmas serem de penna mui differente da de Sâ de Miranda, e causa-lhe repugnancia attribuil-as á energia e simplicidade verdadeira do autor. Segundo elle, as chamadas emendas, se não foram obra do editor, que as fez por especulação, tiverão origem no nimio zêlo de algum descendente pela memoria de seu parente, que quiz polir e formosear as obras d'este, á maneira de quem nos velhos retratos dos seus antepassados faz ou manda fazer retoques por inhabil pincel, que apaga todos os traços physiognomicos, levando só a mira de appresentar os quadros com vivo e bonito colorido, ou do que, ultrajando a antiguidade veneranda das escuras muralhas do castello solar dos seus antepassados, manda lavar as cantarias com agua vitriolada, e aperfeiçoar de gesso e estuque pintado as pardacentas alvenarias da idade media.

3º) Theophilo Braga. Declara deturpadas e mutiladas todas as edições, menos a primeira, cujas concepções verdadeiramente bellas foram transformadas posteriormente em versos mediocres.

Aqui temos pois o juizo de tres auctores de incontestavel competencia, que leram e admiraram as poesias do Seneca portuguez, estremando o joio do trigo com seguro criterio litterario e admiravel perspicacidade. Não podemos deixar de applaudir o seu parecer, que é tambem o nosso, — com uma reserva porém: não assignamos a condemnação absoluta com que fulminaram a edição de 1614. Entre as variantes que elles julgam detestaveis, ridiculas e absurdas, ha algumas centenas, dignas de nota, perfeitamente authenticas, porque são confirmadas em manuscriptos fidedignos, que derivam de outras fontes mui distantes d'aquellas que se guardavam em Salvaterra e longe do solar do Castro.

É verdade que esses manuscriptos não foram explorados por nenhum dos tres escriptores; mas o que qualquer d'elles poderia e deveria ter feito, era confrontar simplesmente os documentos, impressos n'essas edições de 1595 e 1614 tão discutidas. Referimo-nos aos prologos de Manoel de Lyra e Domingos Fernandez, reimpressos por nós. Sendo o auto de approvação do primeiro claro, perfeitamente authentico e officialmente garantido, e o prologo do outro confuso e não garantido, era natural que os criticos pezassem bem os seus argumentos em face de attestados tão eloquentes, em logar de se cansarem em affirmações puramente subjectivas sobre o estylo ou a belleza d'esta ou d'aquelloutra poesia, que valem pouco perante a verdadeira critica.

É certo que o temperamento poetico de Sâ de Miranda é aspero e desigual, mas isto não autorisa a duvidar de toda e

qualquer tentativa, só porque n'ella se manifesta uma tendencia nova, a de revestir as suas ideias n'uma forma mais fluente e elegante, n'uma linguagem mais harmoniosa. Não é natural até suppôr essas tentativas, e acreditar nos esforços que o poeta fez, para transpôr os limites naturaes do seu genio poetico, porque sentia serem um obstaculo ás suas aspirações? Aquillo que a nós nos parece contrario á sua natureza, não seria precisamente um ensaio infeliz da sua parte em querer produzir effeitos, totalmente differentes d'aquelles que a sua musa lhe podia inspirar? Não havia pois, em nossa opinião, motivo urgente para regeitar como apocrypho tudo quanto ha na ed. **B** de valia superior, de trabalho mais limado e mais fino, e para deixar subsistir só o que era chão, simples e desengraçado. A edição **A** já tinha algumas poesias perfeitas, emquanto á harmonia e doçura da forma; se até alguns dos Sonetos passaram para as obras de Camões! Hoje já não póde haver mais duvidas, em face das abundantissimas variantes das nossas fontes **DPJFE**; já não é licito condemnal-as arbitrariamente, por motivos pessoaes, só porque tal verso ou tal poesia nos desagrada, ou não se conforma com o typo abstracto mirandesco.

3. **Ed. C.**

OBRAS DO | DOVTOR | FRANCISCO | DE SAA DE | Miranda. | *A DOM FRANCISCO* | *de Sà de Menezes Conde de* | *Penaguiam Camareiro* | *Mòr de S. Mages-* | *tade &c.* | — | Com todas as licenças necessarias. | EM LISBOA. | Por Pedro Craesbeeck Impressor | del Rey. Anno 1632. | A custa de Paulo Craesbeeck | mercádor de liuros.

1 vol. pequenissimo em 32º (9 cm. de alto e 4 de largo) de XI (inn.) e 173 folhas.

As inn. contêm: a 1ª o frontispicio; 1ᵛ e 2ª as licenças, de 1631 e 32; a 2ª o Soneto de dom Manoel de Portugal ás Obras de Francisco de Sà; 2ᵛ a dedicatoria de Paulo Craesbeeck que acaba na 3ª; 3ᵛ o Prologo ao Leitor; 4ª—9ª a Vida; 10ª e 11ª a Taboada.[1])

Esta edição, de formato muito pequeno (de algibeira, tão preferido no sec. XVII) foi feita exactamente segundo a de 1614, como já mostra a reimpressão da biographia do poeta, o contheudo do volume, a ordem das poesias, as rubricas, a divisão estrophica, e até, em parte, os erros de impressão, estando corrigidos os mais grosseiros. Só no fim é que encontramos dous

---

[1]) As indicações de Salvá são pouco exactas, como quasi tudo o que nos diz ácerca de edições portuguezas, ou de obras hespanholas impressas em Portugal. O seu exemplar estava evidentemente truncado.

numeros novos, que são redacções differentes de poesias já publicadas em **A** e **B**. São a fol. 162ᵛ a *Carta a ElRey D. Joãm III, por outra versão*, e a f. 170ᵛ a *Cançam á Virgem, por outra versão* tambem. Intercalámol-as como variantes da redacção **D** no respectivo logar (Nos. 100 e 104).

A dedicatoria diz o seguinte:

A Dom Francisco de Saa e Menezes Conde de Penaguião, Camareiro mòr delRey nosso Senhor, Capitão geral & Alcaide mòr da Cidade do Porto, &c.[1])

Todos os liuros que pretendem sair a luz neste Reino, devem buscar naturalmente a V. Senhoria para consagrarem seu nome à immortalidade, mas este de Francisco de Sá de Miranda tem conhecidas rezões de conveniencia: porque, alem de ser justo que livro de tão grande autor, tenha protector tão grande & que as obras de Francisco de Sà ao Conde Francisco de Sà se dediquem, parece que o mesmo Francisco de Sà, com aquelle seu grande spirito destinou para si este favor da protêcção de V. Senhoria, quando, escrevendo ao grande João Rodriguez de Sà, visavò de V. Senhoria (a quem este Reino & a nobreza delle devem todas as boas letras) & conhecendo aquella Casa por cabeça & tronco antiguo deste nobilissimo appellido, entre os ramos illustres de outras inclytas familias, disse:

Dos nossos Sàs Coloneses
grão tronco, nobre coluña.

E assi vem jà a ser religião & voto a obrigação desta dedicatoria que se deve ás obras de Francisco de Sà & à caza de V. Senhoria, & eu desculpado de empenhar a V. S. neste auxilio, dignamente officioso na honra dos mortos que merecem estatuas, & memorias eternas.

Deos guarde a pessoa de V. S. & prospere com todas as felicidades.

De Lisboa. Em o primeiro de Ianeiro 1632 *annos.*

Paulo Craesbeeck.

O Prologo „Ao Leitor“ diz:

Inconsiderada cousa me pareceo sempre hauer se dado nesta letra, para se ajuntar ao nosso Principe dos Poetas, Camões, a Siluia de Lisardo; Figueroa; & Garcilasso; sem se fazer ategora caso do nosso muy douto Francisco de Sà de Miranda, que só merecia andar ombro por ombro com elle. Porêm ainda que Garcilasso seja tido por hũ tão excellente Poeta, não era nosso natural para nos honrarmos delle, & os dous (sendo hum tambem estrangeiro) tem tão pouco de bello, que nenhum agrauo se lhes fazia em os deixar de fora. Pello que tiue por muy acertado dallo nesta forma pequena aos coriosos,

[1]) É o 2º conde de Penaguião 1598—1647, camareiro de D. João IV. Vide Souza XII 26 e 1144.

para que todos o possão trazer cõsigo de persi, ou em companhia dos outros que assi se tem impresso, porque todos com muita razão nos podemos honrar delle: & nesta impressão se apurou com muito cuidado; tanto que vindo-me despois de toda acabada á mão a Carta a elRey Dom Ioão, & a Canção a nossa Senhora, Virgem fermosa, a fiz imprimir no cabo para que assi viesse à noticia de todos: o que tudo se deue ao senhor Conde de Penaguião meu illustrissimo Mecenas, com cujo fauor & amparo, confio em Deos de ainda tirar do esquecimento muitos engenhos illustres de nossa patria, que merecem ser conseruados em a perpetua memoria das gentes. Vale & ama.

A edição **C** encontra-se hoje quasi sempre junta a outras impressões da typographia de Craesbeeck, feitas no mesmo commodo formato (Camões, Garcilaso, Figueroa, e a Sylvia de Lisardo, obras ás quaes o Prologo allude). O exemplar de que nos servímos, e que faz parte da Bibliotheca do Porto, andava ligado com „*O Lyma*“ de Bernardes, a *Sylvia de Lisardo* e as *Obras de Garcilaso*, todas do mesmo anno de 1632. Dom Francisco Manoel de Mello achou as Poesias de Miranda juntas com as Rimas de Camões, Obras de Garcilaso e a Sylvia, na sua famosa Visita ao „Hospital das Lettras“.[1])

4. **Ed. 1651.**

OBRAS DO | DOVTOR | FRANCISCO | DE SAA DE | Miranda. | *AO SENHOR DOM* | *Francisco de Sà de Menezes filho* | *herdeiro do Senhor D. Ioão de* | *Sà de Menezes Conde de Pena* | *guiam Camareiro mòr de S.* | *Magestade &c.* | — | Com todas as licenças necessarias. | EM LISBOA. | Por Paulo Craesbeeck, 1651.

1 vol. in 32⁰ de XII folh. inn. de preliminares e 181 de texto, numeradas na frente, com mais tres inn. de indice no fim.

---

1) Dialogos Apologaes No. IV p. 309. 312. 314: „*Se lhe doe todavia alguma cousa ao Senhor Luis de Camões? — Sim, Senhor; tem huma fermosa dor de ilharga. — Qual? — Que com pouca consciencia se atrevão algums livreiros malvados a encadernar suas obras juntas com a Sylvia de Lisardo. .... E essoutro que está junto de Camoens que por acenos parece que se queixa igoalmente, quem diremos que he? — Aquelle he o nosso Francisco de Saa de Miranda que em sua vida & escritos encerrou toda a moral filosofia. .... Quem mais lhe faz companhia neste tomo a Camoens e Francisco de Saa & essoutra meretrix da Sylvia de Lisardo? — Parece-me que he hum Castelhano. — Acabay de dizelo, êm que vos pès, não he menos que o grande Garcilaso, Rey dos Liricos.*“ — Comparem-se tambem no Catalogo de Salvá os Nos. 504. 506. 1136. 1137. 703. 465 etc., artigos em que o bibliographo hespanhol mistura verdades e erros, que se pódem facilmente emendar á vista das nossas informações.

As folhas inn. contêm: a 1ª o frontispicio; 1ᵛ em branco; 2ª—3ª a dedicatoria; 3ᵛ as licenças; 4ª—12ª a Vida.[1])

Esta edição é uma reproducção fiel e cuidadosa da antecedente. Omittiu-se apenas o Prologo ao Leitor; a Dedicatoria do livreiro-editor a Francisco de Sà de Menezes, 2º Conde de Penaguião, foi substituida por outra, dirigida ao joven neto do 3º Conde, seu homonymo (mais tarde 4º Conde de Penaguião, 1º Marques de Fontes, e Camareiro-mór de D. Affonso VI, que morreu em 1677). Esta dedicatoria é obra de D. Francisco Manoel de Mello, circumstancia que descubrimos nas „Cartas Familiares", ed. 1752, Cent. I Carta 23.

5. **Ed. 1677.**

AS | OBRAS | DO DOVTOR | FRANCISCO DE SAA | de Miranda. | *Agora de nouo impressas.* | — | LISBOA. | A custa de ANTONIO LEITE. | Mercador de Liuros, na rua noua. | — | M. DC. LXXVII. | *Com todas as licenças necessarias.*

1 vol. in 12º de XVI folh. inn. de preliminares, e 346 paginas de texto.

As folhas inn. contêm: a 1ª o frontispicio; 1ᵛ em branco; 2ª—3ª uma dedicatoria insignificante ao Exmo Senhor D. Joam da Sylva, Marquez de Gouvea, Conde de Portalegre etc., pelo editor Antonio Leite Pereira; 3ᵛ, 4ª e 4ᵛ licenças de 1671, 1675 e 1677; 5ª—13ª a Vida; 14ª o Epitaphio em latim; 14ª—16 uma taboada com as 133 poesias de Miranda, que compõem o texto. O Soneto de D. Manoel de Portugal falta.

Esta edição, que Varnhagen datou erradamente de 1676, não é mais do que uma reimpressão da segunda (**B**), com todos os erros d'esta, e accrescentada ainda com grandissimo numero de erros novos! É, em nossa opinião, a peor de todas, e tem pouquissimo valor.[2])

6. **Ed. 1784.**

OBRAS | DO DOCTOR | FRANCISCO DE SÁ | DE MIRANDA. | *NOVA EDIÇÃO CORRECTA, EMENDADA,* | *E augmentada com as suas Comedias.* | LISBOA. | Na Typographia Rollandiana. | 1784. | Com Licença da Real Meza Censoria.

2 voll. in 8º de XXXII-292 pag. o primeiro, e de 291 o segundo.

---

[1]) As folhas de texto offerecem de 1 a 175 as poesias da ed. **B**; de 175—181v as duas accrescentadas por **C**.

[2]) As indicações que Barréra y Leirado dá sobre as edições de 1614, 1632, 1651 e 1677 são pouco exactas. Affirma p. ex. que todas ellas incluem a Comedia dos Estrangeiros!

Figura á frente um prologo um tanto rhetorico, escripto em nome do editor-livreiro Rolland. É anonymo, e pertence talvez a Antonio Lourenço Caminha. N'elle deplora-se a escassez dos famosissimos escritos, que a avareza e o odio escondiam, privando a nação do lustre e esplendor que lhes resultava da sua continua lição, depois de se lastimar que as Obras poeticas de Miranda, que deviam ser familiares a todo o homem letrado, sejam quasi desconhecidas. Prova a necessidade de uma reimpressão, elogiando o esforço do editor, e assegura que elle ajuntou todas as obras do autor, incluindo as suas Comedias, ainda mais raras que as suas poesias, como tambem a sua „Vida“. Não indica porém as suas fontes. A ultima d'estas asserções é um pouco arriscada, porque o editor Rolland não fez mais do que reimprimir a ed. de 1614, incluindo a „Vida“ e o „Epitaphio“; omittiu unicamente o Soneto de D. Manoel de Portugal (seguindo n'esta omissão o exemplo do editor de 1677). Não fez nenhum caso da primeira impressão, cujas rubricas explicativas fazem grande falta. Copiou tudo, até, com singular escrupulo, os erros menos salientes do seu modelo, conformando-se tambem com a má orthographia, ponctuação defeituosissima, e applicação desarrazoada de maiusculos e minusculos no texto: tudo lhe convém, e tudo adopta sem o menor vislumbre de critica propria.

Só uma serie de erros (que a ed. de 1614 já assignalára como taes, n'uma lista de erratas, com mais alguns, que a edição cuidadosa de 1632 corrigira) foram emendados; mas, em compensação, Rolland conservou quasi todos os que escaparam nas antigas revisões de Domingos Fernandez e Craesbeeck e apresenta ainda outros novos. Apontamos em nota alguns exemplos.[1])

---

[1]) 1º Emendas sobre a ed. 1614:

vol. I p. 1, 8	*logo*	por	*longo*	20, 2	*mil*	por	*mal*
4, 2	*guerra*	„	*por guerra*	26, 19	*rindio-se*	„	*riendo-se*
4, 9	*espia*	„	*spia*	66, 7	*causó*	„	*cansó*
5, 16	*mais*	„	*mas*	73, 16	*Porem*	„	*E porem*
6, 15	*com a calma*	„	*com*	74, 30	*somia-se*	„	*soma-se*
9, 13	*fria*	„	*frio*	251, 11	*das*	„	*des*

etc. etc.

2º Repetição de antigos erros:

vol. I p. 4, 13	*captiva*	em rima com	*vida*	52, 15	*van*	por	*va*
5 ult.	*como*	por	*como o*	55, 24	*boyes*	„	*bueis*
10, 12	*troca*	„	*trocá*	56, 22	*reyes*	„	*reis*
13, 3	*nossa*	„	*vossa*	97, 22	*toda a parte*		*toda parte*
19, 27	*tantas las*	„	*tantas*	213, 20	*francas*	„	*fracas*
31, 20	*a casa*	„	*a caso*	234, 5	*alumia*	„	*alumea*
33, 13	*corvo*	„	*como*	241, 12	*maior*	„	*melhor*
34, 17	*se quier*	„	*siquier*	254, 5	*de mi*	„	*de em mi*
50, 20	*de la vida*	„	*de vida*	288, 12	*mundo*	„	*mudo*

etc. etc.

O volume I apresenta os 31 Sonetos, as 8 Eglogas, as 8 Cartas e 2 Elegias, isto é: copia as primeiras 137 folhas da edição **B**; o vol. II contém as Canções e as Redondilhas, isto é as folhas 138—160 de **B**, e no fim as duas comedias. O unico merecimento especial d'esta edição é portanto a reimpressão das Comedias que eram rarissimas; mas até n'este ponto o editor foi infeliz, porque, em logar de recorrer aos originaes de 1560 e 1569 se contentou apenas com a reproducção do texto de 1622, estropeado pela Inquisição.

7. **Ed. 1804.**

As | Obras | do celebrado Lusitano | o doctor | Francisco de Sá de Miranda. | Lisboa | na Imp. Regia | 1804.

1 vol. in 8⁰ de uma folha inn., isto é a do titulo, 500 pag. de texto, e mais uma inn. no fim, com as erratas.

Para esta edição serviu de modello a de 1595, como se vê pelo teor e disposição do titulo. Não tem Introducção alguma, nem Prologo, nem Indice etc.; falta em fim todo e qualquer trabalho de editor; é uma simples reimpressão, crivada de erros, que são novos, em parte, e em parte já se acham no modello.

As paginas 1—427 contêm as Poesias; as de 428—500 a Comedia dos Estrangeiros.

Consultámos, portanto, *sete* edições impressas, das quaes as quatro primeiras são muito raras, e que reunimos só, graças ao nosso trabalho e despezas, e á obsequiosa intervenção de alguns amigos das lettras patrias.

Ha ainda uma outra, que representa as Cartas e Eglogas em Redondilhas portuguezas, reunidas em um volume, com o titulo commum de *Satyras*. Foram baldados todos os nossos esforços por descubrir um exemplar d'esta rarissima obra; esperámos até o ultimo momento por uma informação favoravel, que não chegou, infelizmente. A edição das *Satyras* não existe em nenhuma das grandes bibliothecas publicas de Portugal, nem

---

3⁰ Erros accrescentados de novo:

vol. I p. 28, 2	*en fio*	por	*en fin*	178, 26	*repartias*	por	*departias*
61, 26	*mundos*	„	*muchos*	179, 20	*Lá*	„	*ia*
80, 29	*o gano*	„	*ogano*	181, 13	*ao malho*	„	*almalho*
132, 10	*penetro*	„	*pescudo*	215, 22	*algum*	„	*alguem*
133, 17	*que llorará*	„	*quellotrará*	226, 5	*stè*	„	*cee* (*see sê*)
149, 10	*Vi de*	„	*Vide*	251, 10	*cordel*	„	*coldre*
154, 15	*dos*	„	*los*	268, 18	*ca quedo*	„	*quedo*
172, 4	*malos*	„	*me los*	271, 30	*bronco*	„	*branco*
177, 13	*mania tal*	„	*tal mania*	289, 9	*agora*	„	*agoa*
178, 5	*tontos*	„	*tantos*		etc. etc.		

do estrangeiro, e falta tambem nas collecções dos bibliophilos mais distinctos do paiz, como verificámos, particularmente e por um annuncio publico no prospecto d'esta edição, distribuido no dia 10 de Junho de 1880 (Centenario de Camões). Theophilo Braga mesmo, que dedicou um volume da sua Historia da Litteratura portugueza a Sâ de Miranda e sua Eschola, e que conhece perfeitamente o paradouro dos livros raros portuguezes, não viu até hoje o volumesinho das Satyras, nem sabe onde achál-o, segundo nos confessa em carta. Podemos pois affiançar que a obra é *introuvable*.

E, comtudo, ainda em 1850 havia dous exemplares em Portugal que talvez existam em qualquer canto, esquecidos, e *do pó da aldeia maltratados*. Um d'elles pertencia então a J. J. de Saldanha Machado; o outro ao advogado Rego Abranches, e passou depois para a livraria do Dr. Joaquim Pereira da Costa. A collecção d'este bibliophilo foi vendida em leilão em 1873, mas debalde procurámos as *Satyras* no respectivo Catalogo [1]), e debalde foi o trabalho, a que procedemos, para indagar o caminho que levariam tanto um como outro exemplar.

Innocencio da Silva serviu-se do exemplar de Saldanha Machado, antes de 1861, para a noticia bastante extensa que deu no seu Diccionario Bibliographico (III p. 54 e 55). Foi elle o primeiro que denunciou a existencia de *ineditos* nas Satyras, nas seguintes palavras: *que não todo o conteudo do mesmo livro já anda incluido nas edições anteriores de Miranda.* O exemplar de Pereira da Costa foi visto pelo Visconde de Juromenha, o qual tirou nota do seu contheudo, copiando os *ineditos*, isto é as poesias que faltam nas edições de 1595 e 1614, e poz á nossa disposição os seus apontamentos, com a sua proverbial generosidade.

Bluteau explorou em 1712 a rarissima edição, largamente, com muito acerto, extrahindo d'ella um grande numero de passagens para documentar palavras e phrases peculiares de Sâ de Miranda. Contamos nada menos de 171 citações que são muitas vezes extensas. Barbosa Machado e Varnhagen [2]) indicam

[1]) Catalogo dos Livros Antigos Raros e Classicos que compõem a magnifica e mui conhecida livraria do fallecido Exmo Joaquim Pereira da Costa, hoje pertencente a seu filho, o Exmo Sr. Visconde de Pereira etc. e que hão de ser vendidos em leilão no dia 3 de abril de 1873. — Lisboa, 1873. — Consta-nos que muitos volumes raros e preciosos da Livraria foram vendidos, particularmente, antes do leilão pelo Snr. Visconde, herdeiro indigno das riquezas accumuladas por seu pae.

[2]) É certo que Varnhagen conheceu o retrato que sahiu com este volume, como adiante mostraremos; e diz o Dr. Ramiz Galvão (Annaes da Bibl. Nacional do Rio de Janeiro, vol. I p. 30) que Barbosa Machado possuira tambem o retrato, e uma edição das *Obras poeticas* de Miranda

apenas o titulo do volume, mas tão resumido que parece apenas copiado do *Catalogo dos Auctores portuguezes*, inserido no Diccionario de Bluteau (p. XXXX).

Com estes recursos, isto é: com as noticias de Innocencio da Silva, com as notas manuscriptas do Visconde de Juromenha, emfim com as breves indicações de Raphael Bluteau, cujo Diccionario foi lido com o maior cuidado, é que formámos o nosso juizo sobre as Satyras. Não podemos, é claro, garantir a absoluta exactidão da nossa analyse, tratando-se de uma obra que não vimos pessoalmente, e que conhecemos só por informações alheias, e além d'isso pouco explicitas. Accresce ainda haver entre ellas uma contradição sensivel. Innocencio da Silva falla só de 7 poesias: 5 Eglogas e 2 Eglogas; o Visconde de Juromenha de 8 (uma Egloga a mais), o que parece concordar com Bluteau.[1])

Esperemos que um acaso feliz traga as *Satyras* novamente á luz, e que possam ser aproveitadas por pessoa competente, para uma relação mais completá do que a nossa.

Temos que repetir o que já dissemos com respeito ao ms. **J**: todo o material que o Snr. Visconde de Juromenha poz á nossa disposição, incluindo a copia das duas Eglogas ineditas de **S**, chegou ás nossas mãos depois de concluida a redacção do

---

de Lisboa 1622 in-4°, edição absolutamente desconhecida. Em 1622 appareceram só as Comedias, separadamente; o titulo *Obras poeticas* compete, porém, unicamente á edição de 1614. O que nos parece menos provavel, é que haja engano por 1626 e que se trate de um exemplar das *Satyras*.

[1]) A unica edição de Sâ de Miranda que Bluteau explorou, é, circumstancia notavel, a das *Satyras*, que lhe pareceu, sem duvida, a collecção mais caracteristica emquanto á linguagem portugueza do poeta. Nos differentes vocabulos indica, naturalmente, apenas as rubricas especiaes de cada poesia, como *Satyra I, Satyra II, III, IV* ou *V* quando trata das Cartas; e *Egloga I, Egloga a Nunalvares Pereira, Egl. II, Dialogo, Uma Egloga ou Satyra a João Rodriguez de Sâ, Egl. III,* quando trata das Eglogas. Temos pois aqui seis titulos diversos, que não correspondem, entretanto, a seis Eglogas distinctas. Pelas passagens, que colligimos com grande trabalho e cuidado, agrupando-as segundo a sua affinidade, e comparando-as com os trechos similhantes dos Nos. 103. 116. 117. 164 averiguámos que se trata realmente de *tres* Eglogas (e não de *duas*, como quer Inn. da Silva). Em conclusão: as citações de Bluteau devem entender-se do seguinte modo: *Egl. I* e *Egl. a Nunalvarez Pereira* correspondem ao nosso No. 103 e 164; o *Dialogo* ao nosso No. 116; a *Egl. II, Egl. III* e *Egl.* ou *Satyra a João Rodriguez* ao nosso No. 117. — Entre os 171 vocabulos, extrahidos para o Diccionario, e que d'ahi passaram para outros diccionarios modernos, só dous é que não procedem das *Satyras*: 1° *coitado* da Canção á Virgem, e 2° *encartado,* que pertence ás Trovas No. 78. Mas ambos os vocabulos não foram recolhidos das verdadeiras fontes **A** e **B**; Bluteau apenas os conhece por uma citação das *„Prisões e Solturas“* de D. Francisco de Portugal, attribuindo-os, por engano, a este ultimo autor.

manuscripto, de sorte que só pudemos aproveital-o no *Appendice* e cital-o n'este logar.

8. **Ed. S.**

Satyras de Francisco de Sà de Miranda, Impressas no Porto por João Rodriguez. 1626.

1 vol. in 8º de IV-240 pag. com um retrato do poeta, grosseiramente gravado em cobre.

Traz no principio um prologo ou breve preambulo, em que o editor diz que o *original*, donde se tiráram as Cartas, estava marcado com o titulo de *Satyras*, sendo este, a seu ver, o titulo que melhor lhes cabia, o que trata de demonstrar, fazendo huma pequena dissertação sobre a etymologia e verdadeiro sentido da palavra *Satyra*.

Seguem depois, com a denominação de Satyra 1ª a 5ª as Cartas:

1ª A ElRei,
2ª A João Rodriguez,
3ª A Antonio Pereira,
4ª A Pero Carvalho,
5ª A Mem de Sâ.

Em 6º logar vem uma Egloga (l) dedicada a Nunalvares Pereira e que começa

Polas ribeiras de huns rios.

É, segundo todas as probabilidades, o No. 103, a Egloga *Basto*. Juromenha não a copiou, e Inn. da Silva cita-a sem nota alguma, o que parece indicar que não variava muito dos textos geralmente conhecidos **A** e **B**. É fora de duvida, porém, que encerra variantes, como reconhecemos pelas passagens de Bluteau, as quaes servem para demonstrar que a redacção de **S** se approxima de **B**, contendo todavia algumas particularidades de **J**, outras de **E**, e bastantes lições novas.

No fim da Egloga segue uma declaração do editor (vide adiante p. 729), na qual se diz que, em poder da condessa de Linhares, D. Brites de Sâ, filha de Mem de Sâ (sobrinha do poeta), se encontrou o *Dialogo entre Gil e Bieito*, entre papeis, em que andavam escritas de mão as obras do poeta. Segue o proprio *Dialogo entre Gil e Bieito*, a Egloga II, que é o numero 7º das Satyras. Faltava então em todas as edições das Obras de Miranda; appareceu-nos porém nos manuscriptos **D** e **F** com a rubrica „*É a mesma que Frco de Sâ mandou a Nuno Alvarez Pereira, mas emendada em muitas partes*". Damol-a impressa em o No. 116. Começa nas Satyras com o verso:

Que he isto, Gil, que andas triste,

isto é, abre com a estrophe 20 do No. 116, faltando-lhe a 1ª—19ª que formam a Introducção do *Representador*. A copia do Visconde de Juromenha está completa, em 48 estancias, faltando-lhe unicamente as estrophes 4—7 e os dous ultimos versos da 3ª, por estar defeituoso o exemplar do Dr. Pereira da Costa (falto de uma folha). Innocencio não cita a Egloga; talvez por engano? ou por haver tambem qualquer lacuna no exemplar de Saldanha Machado?

Segue a p. 218 a 8ª e ultima poesia, a *Egloga III* ou *Dialogo entre Bieito e Montano*, que corresponde ao nosso No. 117 e começa:

Que é isto, Montano amigo.

Não appareceu na edição das Obras de 1614, nem na de 1595, razão porque o Snr. Visconde a copiou. Infelizmente extraviaram-se-lhe, no decurso dos annos, as ultimas folhas do seu treslado, de sorte que a sua copia chega hoje apenas até a estrophe 12 (alias 15), em logar de contêr as 32 de que ella se compõe, a julgarmos pelos excerptos de Bluteau e pela analogia com as redacções dos codices **D** e **F**, que nos forneceram o nosso No. 117. Nas Satyras é precedida de uma nota explicativa, que communicamos a p. 731, na qual o editor conta, como a encontrou no Porto, n'um cartapacio velho (talvez dos Sâs e Menezes?). Offerece ali a maior tres estrophes dedicatorias, dirigidas a João Rodriguez de Sâ e Menezes, ineditas, e que não achámos em manuscripto algum. Principiam

Por essas verdes florestas

(Vid. No. 152 p. 675).

As poesias „*ineditas*" da edição das Satyras entraram pois n'esta impressão. O que resta por explorar, são simples variantes de uma Egloga e das cinco Cartas, que terão de ser accrescentadas um dia. As Cartas parecem differir consideravelmente das ed. **A** e **B**, approximando-se frequentes vezes do ms. **D**, e em outras partes do Cancioneiro **F**, mostrando porém particularidades muito curiosas que augmentam o meu pezar de não ter podido recorrer directamente a esta fonte.

III. Fontes Varias.

Assim como entre as fontes manuscriptas de Miranda ha subsidios mais ou menos importantes, avultando entre elles os preciosos Cancioneiros especiaes, cheios de poesias só do autor, e por isso muito preferiveis ás Miscellaneas, que só conteem uma ou outra producção sua, isolada, tambem ha entre as fontes impressas, umas que são collecções privativas do poeta, e outras que apresentam um mosaico de varios autores, não

inserindo senão algumas poucas obras de Sâ de Miranda. Já tratamos das primeiras; fallemos agora das Miscellaneas.

Quando estas compilações impressas são mais antigas do que as edições especiaes, e se referem portanto a fontes manuscriptas, assumem uma grande importancia e merecem um exame cuidadoso; o mesmo diremos das compilações modernas, mas não é facil encontral-as nas condições citadas. Conhecemos apenas dous casos, de que adiante fallaremos, a „Collecção“ de Estevam Rodriguez de Castro e a „Antologia“ de Theophilo Braga. Meras reimpressões de **A** e **B**, como se encontram n'algums Florilegios hespanhoes, no „*Parnaso Español*“ de D. Juan José Sedano (Madr. 1768—78); na „*Coleccion de poesias castellanas por el Conde D. Juan Bautista Conti*“ (Madr. 1782—90); na „*Floresta de Rimas Antiguas Castellanas* de Böhl de Faber (Hamburg 1827); no „*Cancionero*“ de Duran (Madr. 1829), ou tambem no „*Parnasso Lusitano*“[1]) (Paris 1826), não podiam entrar em conta n'esta obra: as variantes que ahi encontramos, são resultado de alterações arbitrarias dos respectivos criticos, que entenderam dever embellezar o texto de Sâ de Miranda, que lhes pareceu muito parco e archaico, pouco joeirado e até inintelligivel, por vezes.

Entre a serie de Miscellaneas, Antologias, Parnassos e Cancioneiros que encerram poesias de Miranda, conhecemos apenas tres, anteriores á edição de 1595: o Cancioneiro de Resende, as Obras de Christovam Falcão e o Comentario de Herrera ás Poesias de Garcilaso.

9. **CR** ou **R**.

Cancioneiro de Resende 1516. Ed. Kausler, isto é os volumes XV, XVII e XXVI da Associação Litteraria de Stuttgart. Vol. II p. 316—325 *Do Doutor Francisco de Saa.*

Comquanto o nome *de Miranda* não seja citado, não póde haver duvida sobre a identidade do Dr. Francisco de Saa, ao qual são attribuidas 13 poesias: duas Glosas, 3 Esparsas e 8 Cantigas, os nossos numeros 2. 4. 5. 6. 8. 9. 11. 37 e 128—132. Todas se encontram ainda em outras fontes, em manuscriptos e em edições impressas, cuja authenticidade não póde ser contestada; quasi todas são comprovadas seis e sete vezes, em codices completamente differentes, e acham-se entre os textos enviados ao Principe (**D** e **P**). Só cinco carecem d'este cunho de legitimidade, mas estão, ainda assim, bem garantidas.

---

[1]) Esta collecção offerece no vol. II p. 260 a Egloga *Basto*; no vol. III p. 1 um Soneto e a p. 155 a Canção *Psique*, extractada da Egloga Encantamento; no vol. V p. 1 a Carta a ElRei.

O Cancioneiro de Resende apresenta essas poesias em lição bastante differente dos textos publicados em **AB**, e algumas vezes com variantes tão consideraveis que julgámos dever communicál-as como redacções novas. Nada d'isto admira, agora que já conhecemos o poeta e o seu processo de trabalho; deveriamos, pelo contrario, estranhar muito, se Sâ de Miranda na edade madura, quando ía mandar as suas poesias ao Principe, julgasse boa uma serie de redondilhas nascidas tantos annos antes, quando ainda andava filiado na Eschola velha dos Poetas Palacianos.

Não é possivel decidir, se Garcia de Resende imprimiu as 13 poesias, escriptas na côrte de D. Manoel, com licença do poeta ou sem ella; é natural suppôr, comtudo, que o moço cortesão não seria, antes dos 20 annos, tão reservado como o foi depois, quando velho e estoico eremita, e que o dictado *nonumque prematur in annum* não foi tomado então á risca.

10. **Cr** ou **CrF.**

Obras de Christovam Falcão. Edição critica, reproduzida da edição de Colonia de 1559. — Porto 1871.

A edição de Colonia, a que este titulo se refere, é a da „*Menina e Moça*" ou das „*Saudades*" de Bernardim Ribeiro, que Arnold Birckmann publicou. No fim tem annexa a Egloga de Christovam Falcão, chamada *Crisfal*, a Carta de Crisfal, e umas Cantigas do mesmo autor (fl. CXXX—CLXXI).

Entre as cantigas de Christovam Falcão, publicadas em 1559 pela primeira vez, segundo parece, ha duas que pertencem a Sâ de Miranda (e tres que o Cancioneiro de Resende attribue a Bernardim Ribeiro), e são os nossos Nos. 6 (158) e 11. Nas notas d'este volume lembrei a possibilidade de Bernardim Ribeiro ter juntado ao manuscripto de suas obras, essas poucas poesias de seus intimos amigos, como lembrança dos alegres annos da juventude, passados entre festas e saudades na faustuosa côrte d'ElRei D. Manoel. Falcão como poeta mais mimoso e de inspiração mais rica e mais amavel do que o joven Miranda, seria naturalmente o preferido de Bernardim Ribeiro. Mais tarde o autor da Menina e Moça entregaria a sua colleção á imprensa, confundindo as poesias de Miranda no meio das obras de Christovam Falcão.

11. Obras de Garcilaso de la Vega, con anotaciones de Fernando de *Herrera*. Sevilla, Alonso de la Barrera, 1580.

Salvá diz no seu Catalogo, No. 706, que esta obra, apreciable por sua rareza e por seu merito literario, e „*rica en trozos mui escogidos y algunos ineditos*" contém poesias de Saa de Miranda,

É claro que seria muito importante saber-se, quaes foram os manuscriptos do poeta que existiam em 1580 em Hespanha, porque é provavel que ainda por lá haja materiaes não aproveitados.

Examinámos, na Bibliotheca do Porto, o Commentario de Herrera, averiguando que ha n'elle apenas uma *unica* poesia de Miranda, o Soneto á Morte de Leandro, o qual vem reproduzido por inteiro, em lição muito pura e bella, a p. 205 com a rubrica: *El dotor Francisco de Saa de Miranda.* O texto offerece seis variantes, talvez peculiares do ms. que Herrera viu, ou provenientes de alterações, por elle feitas no original do poeta portuguez.[1]

São muito raras, naturalmente, as collecções de poesias e de outras quaesquer obras posteriores a 1595 e 1614, que extrahiram versos de Miranda de fontes manuscriptas. Conhecemos apenas quatro, que offerecem outros tantos numeros, entre poesias e prosas. São:

12. *Obras de Estevam Rodriguez de Castro. Florença,* 1623, reimpressas por *Lourenço Caminha, Lisboa* 1792 no volume II das „*Obras Ineditas*".

A p. 172 da nova edição encontra-se um Soneto de Miranda, escripto em 1555, o nosso No. 142, que só conheciamos da fonte B, a qual o offerecia, porém, em forma mais correcta.

13. *Memorial del Marques de Montebello, Felix Machado da Silva Castro Vasconcellos.* Año MDCXLII.

1 vol. in 4⁰ de VI-298 pp.[2])

N'este raro e curioso volume ha uma Carta de Sà de Miranda, escripta a seu cunhado Manoel Machado de Azevedo (p. 248). Foi copiada pelo snr. Fernandes Thomas Pippa e publicada no Boletim de Bibliographia Portugueza (Coimbra 1879; vol. I p. 3—7). É o nosso No. 153.[3])

14. *Innocencio da Silva, Dicc. Bibl. Portuguez, Tomo IX, Supplemento.* Lisb. 1870.

Ahi se encontra a p. 372 a oração em prosa (No. 154), que um Francisco de Sâ recitou em 1527 em Coimbra, diante d'El Rei D. João III e da Rainha D. Catharina. O ms. original d'esta

---

[1]) Eil-as variantes: 1 *en mar estrecho* 2 *Luchando* 3 *en noche alta Leandro prueva el ruego* 6 *al bravo mar* 7 *oh amor ciego* 8 *que tanta crueldad* (AF) 11 *alli* (D) 14 *pues iré muerto.*

[2]) Sem logar da impressão, que seria Madrid. Vid. Barb. Mach. II p. 6.

[3]) C. C. Branco tenta esclarecer algumas allusões da carta na sua obra: *Narcoticos* vol. II p. 57.

oração existia em tempo de Barbosa Machado (II 247) na Bibliotheca dos Marquezes de Abrantes, descendentes da familia Sâ de Menezes; guarda-se hoje no Museo Britannico.[1]) Innocencio da Silva aproveitou-se de uma copia, mandada tirar em Londres por J. Ignacio de Brito Rebello, a qual serviu tambem a Theophilo Braga, que publicou a oração pela mesma epoca, aproximadamente.[2]) A paternidade de Sâ de Miranda não está bem provada para nós. Notaremos sempre que em 1527 não havia Universidade em Coimbra; portanto não podia haver lá Reitor, que fosse incumbido de pronunciar um discurso diante de Suas Magestades.

15. *Antologia Portugueza* por Th. Braga. Porto 1876.

Em o No. 143 d'este volume encontramos, como já temos dito varias vezes, a Egloga *Silvestre e Montano,* correspondente ao nosso No. 117, a qual foi extrahida do Cancioneiro de Luis Franco, isto é: de uma fonte ms. então inedita. Th. Braga considerava-a desconhecida e publicou-a como tal, de boa fé, ignorando que a Egloga já se imprimira em 1626 nas Satyras.

Obras de Miranda não incluidas n'esta Edição.

Além das poesias de Miranda, que publicamos n'este volume, ha mais algumas obras que lhe são attribuidas. Não as publicamos por varias razões: umas por não entrarem no nosso plano (1º); outras por serem inaccessiveis (2º); e ainda outras por não offerecem garantía sufficiente de authenticidade (3º).

1º As Comedias.

Excluimol-as porque o codice **D** (cuja publicação era o fim immediato d'este nosso trabalho), não as contem, e porque não as encontramos em nenhum dos outros manuscriptos, de que nos servimos.[3]) De resto, duas comedias em prosa, de cinco actos cada uma, encheriam boas duzentas paginas e não poderiam entrar n'esta volumosa edição da *Lyrica* de Miranda.[4]) São, porém, dignas de uma reimpressão, muito embora as classifiquem hoje como meras tentativas, menos felizes, de transplantar

---

[1]) Com a cifra 15, 188. I, 1, segundo Figanière.

[2]) Historia dos Quinhentistas, Porto 1871 p. 59.

[3]) O unico trecho manuscripto, de que nos poderiamos ter aproveitado, é uma Carta Dedicatoria ao Infante D. Duarte que accompanha a comedia *Os Estrangeiros,* conservada em Evora, e que já mencionámos duas vezes (p. XVII e LXIX).

[4]) Dous trechos em prosa que incluimos, por excepção, n'esta edição Nos 127 e 153, occupam apenas umas 20 paginas.

a comedia classica togata para Portugal, em cujo solo o velho auto nacional, em verso de redondilha, estava profundamente arraigado. Ao principio *Os Estrangeiros* e *Os Vilhalpandos* causaram certa sensação, pela novidade: foi, como já dissemos[1]) o Cardeal-Infante D. Henrique quem não sómente as mandou pedir ao poeta, para as fazer representar na sua presença, mas tambem o Mecenas quem as mandou imprimir pouco depois da morte de Sá de Miranda. As comedias tinham sido dedicadas ao Cardeal-Infante, ou a seu irmão D. Duarte; na mão de um d'estes principes existiriam, pois, os originaes autographos que talvez servissem para as primeiras impressões:

Os Vilhalpandos.[2]) Coimbra, Antonio de Mariz, 1560, in 12º.
Os Estrangeiros.[3]) Coimbra, João de Bareira, 1569, in 8º.

A ultima foi reeditata em 1595[4]), incorporada na primeira edição das Poesias [v. p. LXXII]; e ambas sahiram outra vez em 1622 com as de Antonio Ferreira:

Comedias | famosas | portuguezas | dos Doctores Francisco de Saa de Mirãda | e Antonio Ferreira. | Dedicadas a Gaspar Severim de Faria. — Em Lisboa com todas as licenças e approvações necessarias, por Antonio Alvares, impressor e mercador de liuros, e feitas a sua custa. Anno 1622. 1 vol. in 4º de IV-154 f. num. na frente.

Estas antigas impressões são, porém, de summa raridade, sendo accessivel unicamente a moderna de 1784, feita sobre a de 1622, e dos *Estrangeiros* tambem a de 1804 [v. p. LXXXIV a LXXXVI].

Não se conservou manuscripto algum das obras do theatro, de sorte que é impossivel decidir hoje, se a *editio princeps* representa a forma genuina em que o poeta concebeu as suas creações dramaticas, ou se a censura rigorosa do Cardeal-Infante falsificou desde logo o estylo comico do poeta, que os contemporeanos diziam „licencioso."

Emquanto á reimpressão de 1622, sabe-se que foi *expurgada*, soffrendo bastantes mutilações, ainda que estas cahissem unicamente sobre passagens relativas ao estado ecclesiastico. Os córtes que soffreram, comtudo ainda não satisfizeram completamente o zelo religioso da Inquisição, a qual collocou, em

---

[1]) Vide p. XVI e XXIX e cfr. Th. Braga, Historia do Theatro Portuguez vol. II: A comedia classica e a Tragicomedia. Porto 1870 (Cap. III).

[2]) *Os Vilhalpandos*, e não *Os Vilhalandos*, nem *Os Villalpandios*, como escrevem certos criticos.

[3]) *Os Estrangeiros*, e não *Os extrangerios*, nem *Os extrangericos*.

[4]) Barrera y Leirado que segue Barb. Mach. engana-se, dizendo que foram os *Vilhalpandos* e não os *Estrangeiros*, a comedia que appareceu na primeira edição das *Obras*.

1624 as Comedias no *Indice dos Livros prohibidos e por expurgar*, declarando que precisavam ser submettidos a novo exame as edições de 1595 e 1622 e „todas as outras mais antigas que houvesse" (p. 588).

A um editor futuro fica, pois, reservado o trabalho de restituir as Comedias a uma redacção mais fiel e fidedigna, conforme ás primeiras impressões de 1560 e 69, se não for possivel recorrer a uma lição mais pura de qualquer ms. inedito.

2º As obras de Miranda que não entraram n'este volume por serem inaccessiveis são

a) *Duas Elegias em tercetos*, de que falla Barbosa Machado (II p. 254) e que parecem perdidas. Começam

Oh bom Jesu, e porque me não vejo

e

A Magdalena o seu esposo busca.

Faziam parte, antigamente, do Cancioneiro manuscripto, dito do Padre Pedro Ribeiro, colligido em 1577 e conservado primeiro na Bibliotheca do Cardeal de Sousa e mais tarde na collecção do Duque de Lafoens, cuja riquissima livraria pereceu, infelizmente, no terremoto. Não foram encontradas em outros manuscriptos com o nome de Miranda, sendo por isso desconhecidas.

Em todo o caso é forçoso dizermos aqui, que existe hoje uma *Elegia em tercetos* sobre S. Magdalena, a qual principia exactamente como a que Barbosa Machado attribue a Sâ de Miranda. Conservou-se em dous manuscriptos eborenses ($\frac{CXIV}{2-2}$ fl. 27, e $\frac{CXIV}{1-17}$), como obra do celebre Jorge da Silva, e já foi publicada duas vezes, por Th. Braga na Hist. de Camões II 307, e, posteriormente, por V. E. Hardung no Cancioneiro d'Evora, No. 56.[1]) É certo que a concordancia da primeira linha nada decide, mas, como as noticias, que Barbosa Machado espalhou na sua *Bibliotheca* sobre o contheudo do Cancioneiro do P. Ribeiro e de outras collecções manuscriptas, são muitissimo inexactas, acontecendo-lhe mais de uma vez attribuir uma unica poesia a tres ou quattro autores differentes, ha motivo para suspeitar que n'este caso aconteceu o mesmo, e que a poesia, que B. M. cita entre as obras de Miranda, é precisamente esta de Jorge da Silva.[2])

---

1) Ha tres edições antigas, quinhentistas, de um *Tratado religioso* do autor sobre a *Paixão de Christo*, que leva no fim *duas Elegias á bemaventurada Magdalena*. — É muito possivel que uma d'ellas seja a que começa: *A Magdalena o seu esposo busca.*

2) Cfr. Ztschr. f. rom. Phil. VII p. 99.

Ha ainda a notar que houve mais duas Elegias a S. Magdalena, uma de Simão da Silveira[1]), impressa em uma obrinha rarissima, e outra de Francisco de Sá de Menezes, cujo paradouro se ignora.[2]) Só depois de descobertas, e comparadas entre si se poderá dizer, se todas as quatro são concordantes e de um unico autor, ou obras differentes de varios poetas.

Inaccessivel, por se achar sequestrada, ficou tambem a poesia intitulada

b) *Vida de Santa Maria Egypciaca.*

E um volume em 4º, com 188 pag., encadernado em couro e de lettra do principio do sec. XVII. Contém a vida da santa, escripta em redondilhas, mas sem divisão ou separação de cantos, toda em discurso seguido, e totalmente diversa do que sobre o assumpto escreveu e imprimiu Leonel da Costa. Guardava-se em 1747 na livraria dos Condes de Redondo, como escreve Barb. Machado, e existia em 1860 em poder de Innocencio da Silva, por compra que d'ella fez, annos antes, aos srs. Campos, livreiros de Lisboa. Hoje está, com outras raridades bibliographicas, entre as mãos de um snr. Merello, bibliophilo de Lisboa, que o arrematou no leilão publico das obras de Innocencio da Silva, e que o estima tanto *„que não o vende, nem o mostra a pessoa alguma"*, como respondeu a quem fez tentativas de o ver, allegando o fim util e nacional para que era pedido. Foi a unica pessoa em Portugal que se negou a auxiliar este nosso trabalho.

3º As obras que não incluimos, por não offerecerem bastante garantia de authenticidade, são

a) Os 66 *Sonetos ineditos* de Francisco de Saa do Codice Eborense No. $\frac{CXIV}{2-2}$, de que já fallámos e que julgamos serem obra de Francisco de Sâ e Menezes.

b) *Dous Sonetos* que andam nas Rimas de Camões, mas que foram attribuidos a Sâ de Miranda em codices, hoje perdidos. São os Nºs 184 e 255 da edição Th. Braga, e começam

Horas breves do meu contentamento

e

Mil vezes entre sueños tu figura.

Foi Faria e Sousa quem os encontrou com o nome de Miranda, sem acreditar comtudo que fossem verdadeiramente

[1]) É Barb. Mach. III 722 quem falla de duas elegias, compostas por S. S., uma ao bom ladrão, e outra a Magdalena, impressas em Lisboa por Marcos Borges, em 1567, em 4º. — Cfr. porém Innoc. VII 285.

[2]) Cfr. Soneto No. 97 e a nota correspondente, a p. 760.

obra do seu ingenio.[1]) O primeiro, um dos sonetos camonianos que tiveram mais voga, pertence, segundo a nossa opinião, a Diogo Bernardez, poeta que o publicou entre as suas „*Flores do Lima*".[2]) O segundo, ao qual um Francisco de Sâ tem pretensões justificadissimas, será antes obra do Menezes, do que de Miranda. Communicamol-o na Nota 187 (p. 868).[3])

Termina aqui o catalogo de todas as Obras que, até hoje, têm sido attribuidas a Miranda, quer seja com razão, ou sem ella, e a lista das que aproveitámos ou regeitámos.

Publicamos 189 trechos de Miranda. O resto dos 217 números d'este volume compõe-se de poesias, a elle dirigidas, ou dedicadas á sua memoria[4]) [os N°s 91 e 191—212].

Estas 189 poesias, de que vimos 608 apographos, estão representadas, termo medio, por tres versões cada uma: 153 são inquestionavelmente de Miranda [1—117, menos 91; 128—153 e 155—156], isto é mais vinte do que tem a edição B, a mais completa das que se publicaram. Das 36 poesias restantes, cuja authenticidade não está superior a toda a duvida, são provavelmente do poeta os N°s 154 e 166—169; e talvez os N°s 127 e 170—190. Os menos authenticos são os N°s 118—126. Nenhuma d'ellas entrára nas anteriores edições das Poesias de Miranda.

---

[1]) Rimas II p. 329 Son. XVII c, e II p. 289 Son. LXXX b, onde diz: *Finalmente es tan cierto que no es suyo* (i. é de Diogo Bernardes) *que en otro manuscrito le hallé en nombre de Francisco de Sa y Miranda, que no menos que el Ber. fue impotente para engendrar tales hijos. .... El Mir. no lo pudo poner en su nombre porque murió muchos años antes* [antes da composição do manuscripto], *y es muy creible que despues de su muerte le escribio mi Poeta. Fue equivocacion de copiadores.*

[2]) Cfr. Ztschr. f. rom. Phil. V p. 131.

[3]) Nas Obras de Camões ha mais tres sonetos que apparecem tambem com o nome de Miranda. Dous, os nossos N°s 80 e 84, são indubitavelmente do eremita da Tapada, ao qual Faria e Sousa e Th. Braga os disputaram sem razão; e o terceiro, No. 187, que recolhemos do fidedigno codice J, tem muito mais similhança com o estylo de Miranda, do que com o das obras de Camões.

[4]) Nota final: Podiamos ter accrescentado ainda uma pequena poesia em latim, nossa conhecida de ha muito pouco tempo. É de Antonio Figueira Durão e anda no Corp. Poet. Lusit. vol. V p. 443.

O Texto e as Variantes.

Pela descripção das fontes litterarias terá o leitor reconhecido uma circumstancia, que aliás se revela immediatamente por uma vista d'olhos, lançada sobre o texto ou sobre o appendice, e vem a ser: que as obras de Miranda offerecem uma quantidade extraordinaria de variantes, muito superior á que nos apresentam as obras de todos os poetas nacionaes, não exceptuando mesmo Camões. Essas variantes são tanto mais dignas de attenção, que ninguem as poderia suppôr em tão grande numero, ao comparar as duas edições mais antigas.

A confrontação d'ellas, o facto de divergirem sensivelmente entre si, já provocára, comtudo, durante seculos, um espanto geral, e alimentára o receio de que n'um dos casos se tratasse de uma falsificação audaciosa, receio justificado até certo ponto!

Os grandes poetas costumam confiar as suas obras ao publico, só depois de completamente elaboradas e limadas até o ultimo extremo; escondem cuidadosamente os esboços e ensaios; quebram os moldes; destruem todos os fructos mal sazonados; n'uma palavra, dissimulam, levados por um sentimento esthetico e um orgulho instinctivo, os esforços da laboriosa gestação intellectual. Um poeta que lega á posteridade unicamente borrões, deixando-lhe o encargo de dar a ultima mão na obra, e de escolher entre muitas redacções a que mais lhe agrade, é, felizmente uma excepção, *avis rara*. Esta excepção existe, porém, e chama-se Miranda.

Como explicar esta circumstancia? Um estudo demorado das obras do poeta, do seu caracter individual, do seu tempo e das peripecias da sua vida, sob o ponto de vista da sua actividade como *innovador* e revolucionario, leva-nos á descoberta do enigma.

Em primeiro logar Miranda não é um *genio*, como Garcilaso, Camões e Petrarca. Considerado como reformador da *Eschola Velha* póde passar por um grande poeta: as redondilhas nacionaes corriam-lhe da penna simples, desaffectadas, populares e sempre characteristicas. Mas como chefe da *Eschola Nova* não

é um lyrico de primeira ordem. Não é um d'aquelles vates, bafejados por um sopro divino, cuja lyra accompanha sempre sonorosa, os canticos variados que brotam, de um jacto, do seu coração. As suas poesias não nascem espontaneamente; são filhas de um esforço, violento ás vezes, e trazem o cunho de um arduo trabalho. Custou-lhe immenso accomodar a lingua materna, aquelle portuguez velho e relho dos heroes da Africa e da India que ouvira e fallara na sua juventude, ás finas e profundas ideias novas, e aos metros estrangeiros, que tentou introduzir.

O proprio poeta reconheceu esta difficuldade e confessa-a mais de uma vez, em phrases soltas e suspiros mal dissimulados. *Emendo muito. Eu risco e risco, vou me de anno em anno. Ando cos meus papeis em differença. Nunca acabo de os lamber, como ussa os filhos mal proporcionados.* — O codice autographo de Salvaterra comprova a veracidade d'estas confissões (Vide p. LXXV), e todos os criticos, apesar de respeitarem o caracter integro e de gabarem os altos conceitos do poeta, são concordes em certos reparos: a secura do estylo, o laconismo das sentenças, a pouca clareza dos versos e a falta de harmonia dos rhytmos.

A segunda circumstancia, a que temos de attender, como resultado e consequencia da primeira, é que Miranda, descontente com as suas producções até a ultima hora da sua vida, nunca se resolveu a publicál-as, nem deixou manuscripto algum, prompto para a impressão, no qual, como n'um testamento poetico, mostrasse aos numerosos adeptos quaes as lições que preferia, quaes as suas ideias definitivas acerca da lingua, da prosodia, das licenças metricas; emfim, no qual deixasse consignado o seu credo de poeta. Exagerando os preceptos de Horacio

— *Não posso em al, sigo-o em apparenças* —

virou e revirou os seus cartapacios durante tres decennios, mudando, riscando e pulindo sempre, accumulando emenda sobre emenda, sem dar nada á luz. Só de vez em quando dirigia alguma obra a qualquer dos Principes e Grandes da côrte, e repartia assim, no decurso dos annos, redacções sempre variadas de poesias soltas entre os discipulos e amigos, os quaes pela sua parte, as multiplicariam e divulgariam *ad libitum*.

E depois da sua morte decorreram mais *trinta e sette* annos, até que um dos seus admiradores se atreveu a dar ao prelo uma collecção das poesias do venerando mestre (1595). Duas gerações manusearam-n'as, pois, servindo-se só de copias manuscriptas, espalhando pelo paiz numerosos exemplares, em parte tirados sobre os autographos, e em parte translações de 2ª, 3ª, ou 4ª mão. Se entre os autographos não havia dois

completamente iguaes, quanto mais deviam differenciar-se os apographos!

É certo que entre 1550 e 52 Miranda extractou dos seus borrões, para o Principe D. João, o texto que publicamos, e o qual representa sem duvida alguma, a redacção que era então preferida pelo proprio autor. Nos ultimos oito annos subsequentes sobrou-lhe, porém, tempo e ocio para transformar de novo todas as suas composições, de sorte que não devemos acceitar exclusivamente e sem discussão previa, as lições de D como as unicas boas e seguras, desprezando as variantes das outras fontes.

Em ultimo logar — *last not least* — devemos accentuar a actividade do poeta como innovador e introductor de novos metros e novas formas estrophicas. O *hendecasyllabo italiano* transformou o caracter da lingoagem poetica de Portugal [e de Hespanha], approximando-a da italiana, substituindo muitissimas formas populares, peculiares do idioma nacional, por outras tantas eruditas, de feição puramente latina.

É verdade que a accentuação e o bello rhytmo do verso chamado *hendecasyllabo italiano* está em harmonia com a prosodia das linguas romanicas. Mas nem por isso o conjuncto das leis, pelas quaes o metro italiano se regia, era applicavel na sua totalidade ás linguas peninsulares, que, apesar de serem filhas da mesma mãe e conservarem o mesmo typo de familia, teem physiognomias bem distinctas. São, por exemplo, riquissimas em palavras *agudas*, com consoante final, que a meiga lingua italiana (em que as vogaes prevalecem sobre as consoantes) não conhece.

Dedicamos mais adiante um capitulo a este ponto essencial.

Só depois de uma lucta porfiada é que a rude phraseologia do Cancioneiro de Resende se podia transformar n'aquella formosa linguagem que admiramos nos Lusiadas e na Lyrica camoniana. Entre Resende e Camões está Miranda — eis a explicação da relativa penuria, das imperfeições e desprimores dos seus versos, durissimos sim, mas populares e archinacionaes emquanto á estructura metrica, archinacionaes tambem emquanto á vernaculidade da locução poetica; — eis tambem a explicação das muitas variantes, nascidas entre as mil e uma experiencias, a que o poeta sujeitou o seu esquivo e duro material, pouco ou nada apropriado a manipulações poeticas, transformações audaciosas e agrupamentos artisticos. Vemol-o trabalhando sempre, á procura de palavras adequadas á sua esthetica de poeta culto.

A existencia das variantes não deve pois ser estranhada. Restava-nos, comtudo, decidir em cada um dos casos particu-

lares, se as variantes dos manuscriptos existentes pódem ser consideradas authenticas, ou se são apocryphas, filhas de erros grosseiros de leitura ou de imprensa, ou resultado de interpretações arbitrarias, ou ainda aperfeiçoamentos feitos de proposito pela mão de copistas e editores; restava-nos decidir sobre a maior ou menor authoridade dos codices.

Já deslindamos este ultimo ponto na minuciosa descripção das fontes, acima referidas, distinguindo os codices **D** e **P** como os mais valiosos e fidedignos, procedentes de uma redacção original da mão de Miranda. Basta repetir que o texto reproduz com fidelidade e integralmente, sem cortes e accrescentos, o codice **D** (v. p. LI).

E e **F** não ficariam muito longe da redacção apurada em 1550, se não fossem deturpados por abundantes erros de copistas ignorantes. De resto são incompletos.

J occupa um logar áparte, offerecendo um texto elegante, superior aos outros, e que se póde datar dos ultimos annos da vida de Miranda. Afasta-se bastante de **DPEF**, approximando-se da importante impressão **S** nas partes que são communs a ambas as fontes. Infelizmente está truncado.

Emquanto ás edições impressas, provámos que **A** é um treslado fiel de um original da mão e lettra de Miranda, achado no seu espolio, e que o editor de **B** recorreu tambem a manuscriptos antigos, entre os quaes sobresahia um grande cartapacio — o de Salvaterra — todo do punho do autor, mal legivel por estar semeado de entrelinhas, emendas e notas marginaes. O editor não o teve sempre presente; talvez até nunca o visse, servindo-se sómente de uma copia de mão mercenaria, a qual foi depois conferida com outros codices incompletos. Entre as differentes lições dos codices e da copia foi o editor escolhendo aquellas que o contentavam mais. A redacção final que apresentou ao publico, e cujas lições se encontram confirmadas em grande parte por outros manuscriptos, não se póde dizer uma *falsificação*, é antes uma *selecção*. Tem pouquissimas alterações, inventadas *ad hoc* pelo editor, mas tem lacunas, transposições e centenas de erros; palavras antiquadas foram substituidas por outras mais modernas, escolhidas nos proprios textos do poeta (*aunque* por *maguer*; *mas* por *sonque*; *desamparo* por *desmamparo* etc. etc.).

Os dous ineditos de **C**, provenientes de originaes, guardados na familia Sá e Menezes, merecem confiança, como tambem os textos das *Satyras*.

A maior parte das variantes **ABCEFJS**, que accompanham o texto, pagina a pagina, e foram completadas no *Appendice* e ainda nas *Notas*, serão pois legitimas. Isto não significa que a

critica as acceitará todas, antes qualificará bastantes como impossiveis, absurdas e inacceitaveis. A nós, que as colligimos e ajuntámos pela primeira vez, não nos era licito *supprimir* simplesmente o que julgavamos apocrypho, fazendo arbitrariamente a escolha do que nos parecesse mais bello e mais authentico. Publicamos, pois, *todas as variantes*, mas sem pedantismo pueril, porque excluimos as que são puramente orthographicas e as differenças linguisticas de pouca importancia (formas duplas com leves variações de pronuncia).[1] Sublinhamos tudo o que não comprehendemos, e proposemos cortes, substituições e emendas, emfim melhoramentos, que não serão sempre felizes (como tivemos occasião de reconhecer) mas que desafiarão ao menos o criterio e a perspicacia de quem lêr. A comparação das variantes é muito instructiva, porque nos elucida sobre a *genesis* do metro hendecasyllabico e o laborioso processo, por que passou o seu desenvolvimento.

Esta edição não é *diplomatica*, porque desfizemos todas as numerosissimas abbreviaturas dos codices, transformámos a orthographia, systematisando-a; marcamos a ponctuação, regularizando tambem o emprego de maiusculas; separamos os conglomerados irracionaes de palavras; emendamos os erros manifestos, dando, porém, conta das nossas alterações e motivando-as; eliminámos p. ex. os lusitanismos dos textos castelhanos. É uma edição *critica*, mas não é *definitiva*. O abundante material, que recolhemos só pouco a pouco, e com grande difficuldade, conhecendo tarde e imperfeitamente alguns subsidios de muita importancia, obrigou-nos a accrescentos e correcções, que difficultam o estudo d'este volume. Se recomeçassemos hoje a nossa tarefa, talvez

---

[1]) P. ex.: Não indicamos se um dos manuscriptos tem *absconde* onde outros teem *esconde*; *antiguo* ou *antigo*; *antre* ou *entre*; *áquela* ou *a aquela*; *assi* ou *assim*; *asi* ou *ansi*; *ayer* ou *er*; *blasfemar* ou *brasfemar*; *ca* ou *que*; *cabdáloso cabdeloso caudaloso* ou *caudeloso*; *cibdad* ou *ciudad*; *clines* ou *crines*; *continuo* ou *contino*; *comiensa* ou *comieza*; *cudar* ou *cuidar*; *destinto* ou *distinto*; *disi* ou *desid*; *exemplo* ou *enjemplo*; *foge* ou *fuge*; *fozil* ou *fusil*; *grota* ou *gruta*; *herir* ou *ferir*; *huego* ou *fuego*; *huir* ou *fuir*; *ifante* ou *infante*; *incubrir* ou *encobrir*; *levantar* ou *llevantar*; *lealtad* ou *lealdad*; *manhã* ou *menhã*; *marmor* ou *marmol*; *medecina* ou *medicina*; *noite* ou *noute*; *obscuro* ou *escuro*; *ora aora* ou *agora*; *peor peior* ou *pior*; *pera* ou *para*; *piadoso* ou *piedoso*; *Perineo* ou Pirineo; *polo* e *pelo*; *prisa* ou *priesa*; *prefecion* ou *perfecion*; *pozoña* ou *ponzoña*; *razon* ou *rezon*; *selvage* ou *salvage*; *tesouro* ou *tisouro*; *traendo* ou *trayendo*; *trasformar* ou *transformar*; *trasandar* ou *tresandar*. Só em certos casos importantes relevamos variantes d'este genero. O texto de per si, na forma em que o apresentamos, ja offerece bastantes exemplos de todas estas formas parallelas, alias conhecidissimas. O ms. D prefere em geral as palavras de feição archaïca e popular, bem desviadas do typo latim, que hoje são condemnadas como vulgares e viciadas.

a obra nos contentasse mais, satisfazendo todas as exigencias da critica!

Em Portugal haverá amigos e admiradores do poeta, dispostos a censurar o nosso methodo, e que prefeririam que tivessemos tido a ousadia de fazer uma escolha por entre a riquissima messe de flores, formando só com as mais bellas uma coroa elegante, conforme o gosto moderno; emfim, que publicassemos uma edição *modernisada*, que os menos eruditos podessem lêr sem trabalho.

Esperamos satisfazer mais tarde este desejo, como um lavor secundario, mas ainda assim bem melindroso, que só se torna possivel depois de concluido este nosso trabalho preliminar, ingrato, mas indispensavel.

A Orthographia.

Temos que dizer algumas palavras sobre o methodo que adoptamos porque, infelizmente, ainda não se estabeleceu um bom systema, que se podesse empregar em todas as edições e reimpressões de textos antigos, pertencentes ao periodo aureo da litteratura portugueza, cuja orthographia merece plenamente a censura de anomala e incoherente.

Ha quem amoderne completamente a linguagem, a ponctuação e a orthographia dos velhos livros (adoptando aquella que a maioria dos escriptores emprega hoje em dia) *„remendando-os n'essas faltas que sem macularem o merito real do escripto, offenderiam a sensibilidade dos olhos do leitor; despindo-os dos trajos antigos, das formulas archaïcas, tirando-lhes, sem desfalque dos erros geniaes (mas ás vezes divertidos) da syntaxe os desaires da palavra absurdamente escripta, desfigurada e fastidiosa para a maioria dos que desejam saber.“* [1])

Ha quem uniformise tambem a orthographia conforme o uso actual, evitando porém o emprego de todas as lettras que não se justificam nem pela etymologia nem pela pronuncia.[2])

Emfim, outros não alteram absolutamente nada, fazendo edições diplomaticas, não só de monumentos archaïcos que merecem ficar intactos pelo seu alto valor philologico [p. ex. os *Portugalliæ Monumenta historica*, o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Leal Conselheiro de D. Duarte* etc.] mas tambem, de textos relativamente modernos, quinhentistas, impressos uma ou mais vezes. Entendem dever conservar até todos os erros que deturpam as

---

[1]) Camillo Castello-Branco, nas Poesias de Soropita; Innocencio da Silva no Guia de Casados de Frco Ml de Mello, e na Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade; Castilho nas Rimas de Ferreira; Tito de Noronha nos Autos de A. Prestes etc.

[2]) Ad. Coelho nos Lusiadas.

velhas edições portuguezas, em geral posthumas e feitas com pouco escrupulo.[1])

Nenhum d'estes processos convinha ao nosso proposito e ás condições particulares d'esta edição; o nosso modo de ver devia ser outro, em face do variadissimo material que tinhamos a explorar. Uma impressão *inalterada* do ms. D com todas as suas inconsequencias, barbaras adulterações, lusitanismos etc. seria empresa tão impropria como a modernisação de poesias, cujo sabor archaïco não se deve perder. Addicionando a uma copia diplomatica de D, os trechos que tiramos de outras fontes, em treslados feitos igualmente com escrupulosa fidelidade, teriamos apresentado ao publico um texto inintelligivel e extravagante. Seguimos por isso o termo medio, estabelecendo uma orthographia relativamente methodica, e uniformisada, não conforme ao uso moderno, mas correspondente á pronuncia do seculo XVI (cerca de 1550), tal como ella se manifesta nos numerosos Cancioneiros de mão d'esta época, e particularmente nas fontes que aproveitamos.

Partindo da orthographia adoptada no codice original do Cancioneiro da Ajuda, i. é *no mais antigo monumento poetico da lingua portugueza*, reconhecemos que o collector dos cantares de D. Diniz, dos seus proceres e juglares, transcreveu todas as palavras como então se pronunciavam, sem se preoccupar com normas classicas e etymologicas. A sua orthographia é parca e sobria, e carece de todos os *h* mudos, de todos os *ct*, *gn*, *mn* e não abusa das lettras geminadas. Sem ser perfeita, é comtudo superior á do Cancioneiro de Resende, e muito mais nacional do que a que resulta do moderno compromisso com a etymologia.

No seculo XVI já se nota a tendencia contraria, de recordar pela escripta a origem latina do idioma, e todos os seus elementos perdidos. O Canc. de Resende emprega profusamente as lettras duplicadas e inuteis. Os copistas dos mss. de Miranda obedecem ás duas correntes, inclinando-se ora para um, ora para outro lado. A tendencia phonetica, favorecida em todas as poesias castelhanas, é, comtudo, preponderante: encontramos muitas mais vezes *dano dino ano falar calar sofrer santo* do que *damno digno anno fallar callar soffrer sancto*, e não descubrimos um unico *y* por *i*. Generalizámos este principio, substituindo *rriquo antiguoo Manrrique tall quall* por *rico antigo Manrique tal*

[1]) Tito de Noronha no *Espelho de Casados* do Dr. João de Barros, na *Grammatica* de João de Barros; Th. Braga nas *Obras* de Christovam Falcão e nos Ineditos da sua *Antologia*; o Visconde de Azevedo na *Rhopica pneuma*; o editor da *Segunda Tavola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos etc. etc.

qual. Supprimimos todos os *h* inetymologicos (*he* por *é*, *hi* por *i*, *ha* por *a*, *honde* por *onde*, *hordenar* por *ordenar*, *ũa* por *hũa*), trocando *c* contra *ç* antes de *e* e *i*, simplificando em todos os casos onde não podia haver duvida alguma sobre a pronuncia (*nt* por *mt*, *nd* por *mt*, *co go* por *quo guo*), Conservámos, porém, escrupulosamente a escripta, atravez da qual transluz a verdadeira pronuncia nacional e antiga. Por exemplo não trocámos *meo receo* contra *meio receio*, e *dai tais rezões* contra *dae taes rezões*, deixando intactos os archaïsmos e vulgarismos *antre antaño fruito ifante mestura fegura som saberês dereito vertude dezer milhor pior bivo soberva ũa nenhũa ó* (*ao*) *ós* (*aos*) etc., registrados aliás, no Glossario. Introduzimos os signaes hespanhoes *ñ* e *ll*, substituidos pelos nossos copistas portuguezes por *nh* e *lh*, e trocámos a final *ão*, immotivada nos textos castelhanos, contra *-an*, separando as vogaes *u* e *i* das consoantes *v* e *j*.

Emquanto á separação das palavras procedemos do seguinte modo: Em vista da irracional agglomeração de tres e quattro palavras n'um unico corpo [v. g. *apraça* = *a praça*, *queremquelle* = *querem que elle*], e da barbara desagregação de palavras em syllabas [*em ve ia* = *enveja*, *em cão tado* = *encantado*], favorecidas pelos antigos manuscriptos (e ainda hoje pela escripta do vulgo), resolvemo-nos a destrinçar todos os vocabulos, escrevendo cada um sobre si, não excluindo os monosyllabos sem accento proprio, e dependentes por indole. Exceptuámos unicamente aquelles encliticos que se encorporam na palavra dominante, a que o sentido os associa, modificando a sua configuração, como em *ouvi-lo* por *ouvir-(l)o*, *no* por *em-no em-(l)o*, *não-no* por *não-(l)o*, *pelo* por *per(l)o*, *nolo* por *nos(l)o*, *fê-lo* = *fez-(l)o* etc.

Confessamos com franqueza que este processo de separar os elementos de formulas que têm um unico accento, não nos satisfaz completamente (apesar dos antigos textos, tanto manuscriptos como impressos, separarem não poucas vezes os pronomes do verbo) [*deu me*] e que duvidamos do assentimento dos criticos. —

Guiando-nos pelo sentido que reconhecemos nas phrases, introduzimos pontos e virgulas, que faltavam absolutamente, procedendo, porém, com uma certa parcimonia, contraria á ponctuação moderna que corta as phrases em particulas diminutas. Adoptamos tambem poucos accentos, com o fim de differenciar palavras iguaes, na escripta, mas differentes pela pronuncia, pela etymologia e pela significação.[1])

---

[1]) Distinguimos entre *e* (et) e *é* (est); entre *o* e *ó* (ao); *os* e *ós* (aos); *as* e *ás* (aas); entre *se* e *sê*; *de* e *dê*; *da* e *dá*; *esta* e *está*; *este* e *estê*; *te* e *tê*; *ma* (m'a) e *mâ*; *mas* e *mâs*; *so* (sub) e *sô* (soo = solus); *no* e *nô*; *por* e *pôr*; *vem* e *vêm*; *tem* e *têm*; *tomárão* e *tomarão*; *saia* e *sala*

O Hendecasyllabo.

Miranda abre o terceiro periodo da litteratura portugueza. Foi elle que iniciou a *Eschola nova italiana*, introduzindo o *hendecasyllabo*, ensinando a estructura do *Soneto*, dos *Capitulos* (ou *Elegias*) em tercetos, as formas fundamentaes da *Canção* e a *Oitava rima* italiana, e mostrando tambem como estas tres formas estrophicas se pódem combinar na *Egloga*. Póde-se estar em desaccordo sobre o seu merecimento poetico, mas não se póde pôr em duvida a sua iniciativa emquanto ao emprego das novas formulas e a introducção do espirito novo da Renascença.

Seria escusado repetirmos novamente estes factos, já analysados na *Vida* e no *Commentario*, se não existissem ainda hoje bastantes historiadores das lettras patrias, os quaes affirmam afoutamente, „*que os mesmos metros que se dizem italianos e introduzidos por Miranda, já eram conhecidos na peninsula do uso dos provençaes que os imitaram dos arabes* (!); *e que no tocante a artificio metrico e variedade rhytmica, nada se póde produzir que não fosse adoptado já por aquelles poetas*.[1])

Faria e Sousa, facil receptador e promulgador de quantos contos fantasticos se inventaram sobre a poesia e historia portugueza, e auctor de muita fabula nova, foi o primeiro que negou a actividade e influencia de Miranda como innovador. Ridiculariza-o a cada momento, rindo-se das suas pretenções[2]) e asseverando que muito antes d'elle se compozeram versos de medida grande. Atreveu-se até a dizer que os Portuguezes foram evidentemente os verdadeiros inventores e que os Italianos seguiram simplesmente o trilho dos poetas portuguezes[3]) — sentenças estas que os posteros repetiram piamente e ainda repetem hoje em dia![4])

(sahia); *cairão* e *cairão* e nos versos hespanhoes entre *se* e *sé*; *dejo* e *dejó*; *deje* e *dejé*; *osára* e *osard*; *huid* e *huia* etc. Deviamos ter differenciado ainda *nos* (em os), *nos* (nos e nobis), *nós* (nosoutros) e *nôs* (pl. de *nó* = nodus); *fóra* e *fôra*; *em* e *êm* (ainda).

[1]) Longe de nós a ideia de querer negar a origem commum do *decasyllabo* limosino e do *hendecasyllabo* italiano, ou antes a relação de dependencia do segundo para com o primeiro. Em vista da pouca clareza, com que os dous metros são classificados em Portugal, é, porém forçoso, accentuar a sua *differença*. Parece-nos por isso improprio confundil-os (como faz Th. Braga na sua Antologia), e designar o verso italiano simplesmente como forma mais moderna do antigo metro limosino, sem indicação clara das particularidades que o distinguem.

[2]) Vejam-se p. ex. Rimas var. vol. I p. 45 e 142 e II 289 e 329.

[3]) V. *Fuente de Aganipe o Rimas Varias*, Parte VI, *Prologo ou Discurso de los Sonetos* No. 4, II 13; e *Europa Portuguesa* vol. III p. 371.

[4]) Varnhagen, Innocencio da Silva, Salvá, Bouterweck, Gomez Diaz, J. M. de Andrade Ferreira (p. 353 do Curso de Litt. port., vol. I).

Segundo elles foi o Infante D. Pedro, o infeliz vencido de Alfarrobeira, o das „sette partidas" (1392—1420) quem escreveu os primeiros Sonetos, i. é aquelles dous opusculos bem conhecidos, sobre Amadis, encontrados em 1598 (!) no espolio do Doutor Antonio Ferreira, e por elle compostos em linguagem antiga (em nome do Infante D. Affonso, filho de D. Diniz), os quaes tem dado azo a largos e enfadonhos commentarios.[1]) Segundo elles ha hendecasyllabos e septenarios italianos, como tambem muitissimas oitavas rimas, não sómente no Cancioneiro de Resende, em Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, mas até no Poema do Cid, no de Alexandre e em infinitas coplas dos Cancioneiros da Vaticana, Collocci Brancuti e de Ajuda.

Esta deploravel confusão nasceu da falta de methodo no contar e medir das syllabas, e da falta de clareza na terminologia dos versos portuguezes. Uns, partindo dos versos *agudos*, contam por syllabas de um metro as que n'elle se proferem até á ultima aguda (metrica), ou seja pausa, e não fazem caso da uma ou das duas breves que ainda possam seguir-se. Outros, tomando por norma do verso portuguez o *grave* ou *inteiro*, contam as syllabas não accentuadas (grammaticaes) além da pausa. Uns chamaram por isso *hendecasyllabo* ou de onze syllabas o verso que outros denominaram *decasyllabo*[2]) *jambico limosino*, inventado pelos trobadores da Provença e imitado em Italia, Catalunha, Castella e Galliza (Canc. da Ajuda, da Vat. e Coll. Branc.), com incisão monotona depois da syllaba 4ª ou 5ª, e com accentos principaes na 3ª ou 4ª, e 10ª. Exemplos:

Qui no es trist ‖ de mos dictats no cúr
Porque no múndo ‖ mengou a verdáde.

Não distinguem este metro do variadissimo e sonoro *hendecasyllabo italiano*, com pausa constante na syllaba 6ª (4ª ou 8ª), que os partidarios dos agudos apellidam *decasyllabo* ou *heroico*. Exemplo:

Estavas linda Ignéz ‖ posta em socégo.

Ainda outros chamáram hendecasyllabos os versos *de arte maior*, de origem nacional, de dez até quatorze syllabos, denominados geralmente *dodecasyllabos*, com accentos predominantes na 2ª syllaba, na 5ª, na 8ª e na 11ª, e pausa depois da 6ª.[3])
Exemplo:

Da sérra de Cíntra ‖ por déus enviádo.

---

[1]) Cfr. Castilho II p. 45. — Varnhagen, Da Litteratura dos Livros de Cavallaria p. 61—72 e 212. — Andrade Ferreira p. 212. — Braunfels, Kritischer Versuch über den Amadis, Leipzig 1876, p. 118.

[2]) De *dez* syllabas quando termina em agudos, e de *onze* quando em graves.

[3]) Compõe-se de dous hemistychios, dos quaes cada um é uma redondilha menor a qual póde ser aguda, grave ou esdruxula contendo ou cinco, ou seis ou sette syllabas. Os graves predominam, naturalmente.

Emfim, chamaram hendecasyllabo até os *alexandrinos* com hemistychios agudos!

Não distinguiram entre os metros trochaïcos peninsulares, as *redondilhas menores*, ou *quebradas* das endechas, de 6 ou 7 syllabas, como

Saudáde mínha

e o Septenario jambico italiano:

Remédio a tanta míngua.

Alguns designam tambem a *Redondilha maior* de 7 ou 8 syllabas, o verso do romance,

Não posso tornar os olhos

ou

Dia de mayo choveu

com o nome de *Septenario*.

As *oitavas rimas*, que os mesmos criticos descobriram na antiga poesia portugueza, são, em realidade, estrophes de *oito* linhas ou oitavas, mas estas estrophes ou se compõem de duas quadras peninsulares, como

A tristeza e o tormento
sempre vi em mim sobejo
e não vi contentamento
que não viesse a desejo.
Como a vida não é segura
e dura pouco o prazer,
isso me dá ter ventura
como deixál-a de têr.

ou são oitavas hespanholas em *versos de arte mayor* [abba baab; abba abba; abba acac; abab bcbc; abab bccb], como:

Oh armas divinas, que aqui sereis dadas,
dadas por Christo por mais perfeição,
ter-vos-hão todos tal veneração
quanto com obras sereis exalçadas.
Porque pelas terras ireis espalhadas,
banhadas em sangue de vossa victoria,
cobrando de imigos tão grande memoria
que sobre todas sereis collocadas;

mas nunca são iguaes ás bellas *estanças* de Ariosto e Camões [abababcc]. A *oitava rima*, o *Soneto*, a *Elegia em tercetos*, e a *Canção italiana* não existiam, pois, em Portugal, nem poesia alguma se compozera em *hendecasyllabos e septenarios, com accentos fixados á maneira toscana*, quando Sá de Miranda partiu em 1521 para Italia.[1])

[1]) Gomes Diaz, Memorias IV p. 65 approxima-se da verdade nas suas affirmações sobre a actividade de Miranda como iniciador.

É verdade que na peninsula, o Marquez de Santilhana já escrevera antes de 1458 alguns Sonetos[1]); que outros poetas metrificaram em tercetos, como p. ex. Pedro Fernandez de Villegas, traduzindo o *Inferno* de Dante; e que o Genoves Francisco Imperial imitara no seu *Dezir a las siete virtudes*[2]) o verso de onze syllabas, o qual o Petrarca catalão, *Ausias March*, já antes d'elle tentara arremedar; mas estas innovações vieram em má hora; não encontraram preparado o terreno em que podiam fructificar, e não ha prova alguma de que fossem conhecidas em Portugal. Se até em Hespanha cairam logo em esquecimento e nunca chegaram a ser moda! O pouco que se sabia *em Portugal* dos Italianos ainda em 1521, limitava-se a um vago conhecimento da escola dantesca, inaugurada por Imperial e em que se enfileiraram João de Mena, o Marquez de Santilhana e D. Fadrique de Vilhena. O unico effeito que os imitadores dos Italianos tinham produzido sobre os rimadores do Cancioneiro Geral resume-se apenas em uma tendencia para o symbolismo e a allegoría, n'um gosto erudito escholastico, e n'uma forte inclinação para o insipido genero didactico.

Miranda bebeu na fonte original, inspirando-se na propria Italia, donde voltou, ao que parece, em 1526, exactamente no anno em que em Hespanha Andrea Navagiero, o illustrado embaixador veneziano, incitava João Boscão a ensaiar-se nos novos metros italianos, *„a probar en lengua castellana Sonetos y otras artes de trovas, usadas por los buenos autores de Italia"*. Aventámos n'uma nota do Commentario a questão sobre se Miranda assistiu ás memoraveis conferencias dos dous homens illustres nos jardins de Granada, mas não sabemos dar reposta decisiva, que satisfaça. E ainda que o facto fosse historico, nem por isso é menos verdade que foram as conversas continuadas com Sannazzaro, Ruscellai e Tolommei e o estudo aprofundado de Dante, Petrarca e Boccaccio, as causas que acenderam no peito de Francisco de Sâ o desejo de reformar a poetica portugueza, desejo que a leitura de Ariosto e Bembo e as gloriosas tentativas de Boscão e Garcilaso alimentaram e avivaram!

Fixámos as datas das primeiras composições hendecasyllabicas, approximadamente, datando a *Canção á Virgem* de entre 1527 e 28, a Egloga *Aleixo* entre 27 e 30, a *Fabula do Mondego* entre 27 e 32. As Eglogas *Celia*, *Encantamento* e *Epitalamio* são de 1535, *Nemoroso* é de 1537, *Andres* de 1538, as tres *Elegias* melhores, Nos 145—147, dos annos 1553, 54 e 55.

---

[1]) O primeiro começa
Lexos de vós e cerca de cuidado.

[2]) Baena I p. 240.

Quando Miranda elaborava as tres primeiras poesias, e bastantes Sonetos, ignorava ainda os esforços dos campeões castelhanos; quando limava as ultimas, já os conhecia, e a influencia que elles exerceram sobre a sua musa, é bem notavel.

Novas formas metricas que vingassem e florescessem, não foram inventadas por Miranda, como por exemplo pelo divino Garcilaso, o creador das *Lyras*. O innovador portuguez estudou os modellos estrangeiros, imitando-os, em geral, escrupulosamente emquanto á estructura das estrophes, e abstrahindo até da faculdade que tinha de variar os typos, por meio de leves modificações no encadeamento da rima e no agrupamento dos Septenarios na *Canção*. Reservou-se, comtudo, uma perfeita liberdade e originalidade emquanto aos assumptos e á linguagem das poesias. Nas poucas innovações que fez e que assignalámos na lista *infra*, não foi muito feliz.

Eis os schemas metricos, usados por Miranda:

METROS PENINSULARES, DE MEDIDA VELHA.

A. Versos de arte menor.

REDONDILHAS MAIORES (de 7 ou 8 syll.) e MENORES (de 5 ou 6 syll.).

1º *Esparsas*

de 7 linhas: abba | cdc No. 16 **A** (?)
de 8 linhas: abab | cddc No. 4. 22. 27. 38. 77
abba | cddc No. 16. 156 (cfr. Res. II 498)
abba | cdcd No. 39 **B**. 43 (cfr. Res. II 467)
de 9 linhas: abba | cdccd No. 31. 47 (Epitaphio). 132
de 10 linhas: aabba | cdcdc No. 8
abba | cddccd No. 39
de 11 linhas: aabba | ccdcdc No. 160
de 12 linhas: abcabc | defdef No. 169 (Trovas) (cfr. Res. III 342).

A ordem das rimas é nova em quasi todas as Esparsas.

2º *Cantigas*

de 4—7 linhas: *a*a ‖ cdcd | daa No. 54 (cfr. Res. II 153)
de 4—8 linhas: abba ‖ cddc | abba No. 7. 10. 18. 19. 25. 32. 33. 34. 35. 45 (?). 131. 159 (cfr. Res. I 284 e 392)
abba ‖ cddc | eaea No. 126
abba ‖ cdçd | abba No. 5. 11. 19 **AB**. 21. 24. 25 **B**. 45 (1 **AB**). 55. 63. 64. 65. 69. 118 (1. 3. 5) (cfr. Res. I 234)
abba ‖ cddc | baba No. 157
abba ‖ cdcd | abab No. 40

abba ‖ cdcd | baba No. 118 (2. 4)
abab ‖ cddc | abab No. 3. 6. 46. 102 65—80.
102 296—307 (cfr. Res. I 201)
abab ‖ cddc | baab No. 3 B (cfr. Res. I 201)
abab ‖ cdcd | abab No. 12. 23. 28 B. 73.
158. 102 782—830. 150 175—202
abab ‖ cddc | abba No. 13 B
de 4—9 linhas: abba ‖ cdccd | abba No. 45 (1) (cfr. Res. I
abab ‖ cddcd | abba No. 13. 21 A [200)
de 5—8 linhas: ababa ‖ cdcd | abba No. 9
de 5—9 linhas: ababa ‖ cdcd | ababa No. 9 A (cfr. Res. I
abaab ‖ cdcd | abaab No. 28 [470)
abaab ‖ cddc | abaab No. 30
abbba ‖ cddc | abbba No. 161 (cfr. Res. I
de 5 e 10 linhas: ababa ‖ cdcdc | ababa No. 9 B [380)
abaab ‖ cddcd | abaab No. 20 [127)
abaab ‖ cdccd | abaab No. 129 (cfr. Res. I
abbab ‖ cdccd | abbab No. 37 (cfr. Res. I
ababa ‖ cdccd | ababa No. 133. [134)

A ordem das rimas é typica em 11, e nova em 12 casos.

3⁰ *Vilancetes*

de 2 e 7 linhas: aa ‖ bcbc | caa No. 29. 30. 58 (2). 59. 72
*a ‖ bccb | baa No. 26. 58 (1)
de 3 e 7 linhas: *aa ‖ bcbc | caa No. 14. 15 (2). 42. 49. 66.
68 (2—4). 70. 102 659—677. 135 (2—3)
(cfr. Res. I 128)
*aa ‖ bcbc | baa No. 34
*aa ‖ bccb | baa No. 15. 17. 36. 42 AB.
53. 56. 57. 60. 61. 62. 67. 68 (1). 71.
135 (1). 137. 109. 102 616—634 (cfr.
Res. I 125)
abb ‖ cddc | abb No. 41 (2). 44
abb ‖ cdcd | abb No. 41 (1). 50
a*a ‖ cddc | caa No. 134 (1. 3. 4)
a*a ‖ cdcd | daa No. 134 (2)
de 4 e 12 linhas: abab ‖ cdcd | efef | abab No. 136.

A linda poesia, que leva este numero, não merece o nome de *vilancete*, porque não entra em nenhuma das classificações stereotypicas: parece ser antes a espontanea inspiração de um momento feliz.[1])

---

[1]) As composições 54. 59. 60 e 136 são em versos menores. — Nos Nos 58. 66. 77. 137. 190 e 102 114, 238 os quebrados andam de mistura com as redondilhas maiores.

4º *Redondilhas*, coordenadas em estrophes de 5 linhas: *Quintilhas*:
abbab No. 153
ababa No. 102 935—954.

5º *Redondilhas*, coordenadas em estrophes de 6 linhas: *Sextilhas* (com rimas repetidas)
abcdef No. 51. 52.

6º *Redondilhas*, compostas de 8 versos: *oitavas hespanholas de arte menor*, designadas ás vezes com o titulo de *Trovas*:
abba cddc No. 119. 164 pass. 102 1—112 e 863—934 (cfr. Res. I 166)
abba acca No. 102 240—379
abba cdcd No. 116 pass.
abab cdcd No. 76. 121 (?). 102 847—854 (cfr. Res. I 32)
abab cddc No. 120. 116 pass. 164 pass. 102 838—846 e 855—862.
abab cddc[1]) No. 102 536—725, 536—725, 758—781 e 831—838.

7º *Redondilhas* de 9 linhas (das quaes uma póde ser *quebrada*:
ababa | cdcd No. 105 (cfr. Res. I 13)
abba | ccdcd[1]) No. 102 114—239.

8º *Redondilhas* de 10 versos: *Decimas*, formadas de duas quintilhas independentes, chamadas *Glossas*, *Trovas* ou simplesmente *Redondilhas*:
abbab | cdcdc No. 117 pass. 166
abbab | cddcd No. 117 pass. 75
abbab | cdccd No. 98. 99. 108
abaab | cdccd No. 2. 107. 128. 155 (cfr. Res. I 354)
abaab | cdcdc No. 104 (cfr. Res. I 6)
ababa | cdccd No. 103. 106 (cfr. Res. I 23).

9º *Redondilhas* de 11 versos:
abbab | cdcdcd No. 102 380—445.

B. Versos de arte maior.

10º *Oitavas castelhanas*
abba acca No. 48. 167. 168.[2])

Ha duas composições de Miranda que merecem peculiar attenção, porque occupam um logar áparte, entre os metros

---

[1]) A linha 6 é de verso quebrado.
[2]) Cfr. o que dissemos a p. 864 sobre os Nos 167 e 168. A ultima linha d'estas oitavas é identica á primeira, de sorte a formarem uma especie de *canção redonda* ou *cobla recordativa*.

de medida velha e os de medida nova. Formam uma especie de compromisso entre o gosto nacional e o estrangeiro, e demonstrão claramente a sincera aspiração de reformar a poetica portugueza sem servilismo, valendo-se para isso de uma imitação livre.

Uma das poesias introduz uma forma estrophica, nova em Portugal, mas conserva o rhytmo peninsular e é:

11⁰ *A Sextina* No. 74,

de que fallámos a p. 751. O encadeamento das rimas apresenta-se como de rigor:

abcdef
faebdc
cfdabe
ecbfad
deacfb
bdfeca

A outra recorda, pelo contrario, uma antiga forma estrophica, do fundo nacional, a da *oitava castelhana*, trocando porém a medida velha pela nova, i. é substituindo os 8 versos de arte maior por outros tantos hendecasyllabos. Mas o poeta, que pretendia innovar ostensivamente n'esta poesia, intercala ainda entre as duas metades um Septenario italiano, levantando assim sobre uma base nacional uma construcção completamente nova, ideada por elle, mas executada com elementos italianos, e adornada ainda com uns enfeites provençaes: os artificios do *Leixa-prem* (v. p. 771). O effeito é singular e surprehende, mas não se póde dizer que seja bello. Referimo-nos ao

12⁰ No. 102 446—490

abba a* cddc.

II. Metros italianos, de medida nova.

13⁰ *Sonetos*

abba abba cdc dcd No. 1. 78. 80—82. 84—87. 90. 93—97. 110. 143. 144. 172—176. 178. 179. 182. 187 (cfr. Petrarca 7, Garcilaso 4. 7. 10. 13. 14)
abab abab cdc dcd No. 79
abba abba cde ced No. 83 (Garc. 16)
abba abba cde cde No. 88. 89. 101. (122—124). 138—140. 142. 162. 177. 180. 183. 184. 189 (Petr. 1. 2, Garc. 2. 3, Bosc. 56)
abba abba cde dce No. 91. 92. (125?). 141. 181. 185. 186. 188 (Petr. 3. 4, Garc. 11. 18, Bosc. 2. 3).

14º *Canções*

** ** **** *
abc | abc | cdeedff No. 149. 151 215—321. 151 347—453. 115 1—79 Intr., 115 401—533 (cfr. Petr. X. XII. XIII[a])

* ** * **
abc | abc cdedeeff No. 150 336—510

*** *
abc | bac | cddeefef No. 111 (Petr. IV Vita)

** *
abc | bac | cddceffe No. 100. 163 (Petr. VIII Morte).

15º *Tercetos* (Capitulos, Elegias e Eglogas)

109. 114. 115 1—99. 155—193. 254—400
146. 147. 148. 150 1—106. 147—174. 202—224. 263—335
151 1—214. 322—346. 454—475.

16º *Oitavas Rimas*

abababcc No. 102 726—757. 112. 113. 145. 150 1—40 Intr. 107—146. 151 1—32 Intr. 476—555.[1]) 165.

Accrescentaremos ainda que ha rimas encadeadas nas seguintes passagens: No. 115 100—154. 194—253. 150 225—262.

Fallemos agora das particularidades dos rhytmos de Miranda (utilizados tambem pelo seu mais notavel discipulo, Antonio Ferreira, e em menor grau ainda por Bernardes, Camões etc.), e da physiognomia agreste dos seus versos. Quem, encantado da lyrica de Camões[2]), e versado nas rimas de Garcilaso, Herrera e Leon, e nas dos grandes mestres italianos, pegar pela primeira vez nas obras de Miranda[3]), cuidará que entre elle e o cantor dos Lusiadas ha a distancia de um seculo. Não perceberá sempre o rhytmo, o movimento binario dos versos que lhe parecerão pura prosa, porque a accentuação metrica não está em harmonia com a accentuação ordinaria, e porque de todas as leis que regulam o metro italiano, só duas, fundamentaes, são observadas: não ha n'este nosso volume um unico verso com accento predominante na syllaba 9ª, nem tãopouco linhas com elisão ou synerese entre 9 e 10. Todas as outras leis são menosprezadas. Encontrará versos *atulhados*, e por isso durissimos, que só com abbreviações variadas e pouco formosas — *elisão*, *apherese*, *syncope*, *apocope*, *synerese* e *synalephe* — se pódem reduzir ás dez ou onze syllabas obrigatorias. Notará outros, curtos em demasía, nos quaes é forçoso empregar *dierese*, *prothese*, *paragoge* e muitissimas vezes o *hiato*, que faz o rhytmo

---

[1]) Cada estrophe é seguida de um estribilho de duas linhas.
[2]) De Camões, tal qual elle se apresenta nas edições modernas de Faria e Sousa, Thomas de Aquino, Barreto Feio, Juromenha ou Braga.
[3]) Nos 109. 114 etc.

languido e frouxo. Versos ha tambem que erram as pausas; versos que não se pódem enunciar, sem que o leitor tome a liberdade de se desembaraçar de um *m nazal* no remate das palavras, elidindo-o *á romana* na vogal seguinte; versos com rimas impuras ou com final agudo, cujo som rude e aspero fere desagradavelmente o ouvido delicado e melindroso dos vates modernos — centenas de versos, emfim, que não correspondem, nem de longe, ao ideal do hendecasyllabo, á regularidade, á pureza e á harmonia musical dos seguintes versos, que não incluem nenhuma das numerosas *licenças poeticas*, empregadas profusamente por Miranda:

Alma minha gentil que te partiste (Camões)

e

La bocca sollevó dal fiero pasto (Dante)

e

El dulce lamentar de dos pastores (Garcilaso).

Compare-se a singeleza e melodia d'estes metros com o desalinho, a falta de vigor, a trivialidade e o barbarismo dos seguintes exemplos, escolhidos nas Obras de Miranda e de Ferreira. São doze, mas seria facil centuplical-os:

Moveste-me a alma e os olhos

Ïania, saüdade dos pastores

Amo-o, honro-o e sigo-o, o inculto e fero

Obedecendo ao imperio e aos acenos

Quem me desse a tal magoa assí iguaes prantos

E eu som o que as só vejo, outrem ninguem

Quantas vezes mal é o que bem parece

Abre-me, diz, quem quer que és que aqui moras

Mostraste-te úgora tão esquecido

Não póde um ingenho, já, musas, ser vosso

Com ter de mim em minha alma bom conceito

Com seu furor que tu com teu amor brando.[1])

---

[1]) É escusado dizer que Miranda produziu muitos e muitos versos grandes, perfeitamente bem torneados e correctos, como:

Podiamos responder laconicamente a todas as queixas sobre as imperfeições metricas de Miranda com as palavras em que D. Gonçalo Coutinho resume o que acabamos de demonstrar: que o nosso poeta *„foi o primeiro que compoz versos grandes neste reyno — bastante desculpa das miudezas que se tachão em alguns seus d'esta medida (pera aquelles homens ao menos que, attendendo ao que se diz, não curão do modo)"*, mas os posteros não acceitaram esta apologia, porque não acreditaram na iniciativa, de sorte que temos que amplificar um pouco a brevissima declaração do defensor de Miranda, reforçando-a com novos argumentos. Os limites que nos impuzemos n'este estudo obrigamnos a reduzir a exposição dos resultados que apurámos sobre o processo de trabalho do reformador, e a dar um simples extracto de uma analyse mais extensa, destinada a illustrar a historia da metrificação e phonologia syntactica dos Quinhentistas hispanicos.[1])

O que nos parece estar fóra de duvida é que as muitas singularidades, que se notam na estructura dos primeiros hendecasyllabos, não são defeitos e erros, causados pela falta de capacidade ou pela precipitação dos velhos autores, mas antes signaes caracteristicos, por elles introduzidos voluntaria ou involuntariamente com o fim de pôr em relevo o genio peculiar da lingua materna. Os innovadores não adoptaram todas as leis do codice poetico italiano, logo á primeira, sem recorrer a variadas experiencias. Tentáram vestil-o com o verdadeiro traje nacional, adaptando-lhe todas as licenças, permittidas e consagradas na redondilha peninsular. Só mais tarde, e em face dos primeiros ensaios menos felizes, é que os theoricos intransigentes e archicultistas se conformaram rigorosamente com as leis italianas, culpando de erros grosseiros as liberdades da época de transição, e expurgando-as cuidadosamente das edições mais modernas

---

Prueva lagrimas tristes sin provecho
ou
A principe tamanho, cujo rogo
ou
Nascan flores aqui, nasca la grana.

Será tambem quasi inutil recordar que uma serie ininterrupta de linhas de cadencia sempre regular, com boas, mas identicas pausas e accentos nos mesmos logares, seria fastidiosa e monotona! O principal encanto do hendecasyllabo, do verso *por excellencia*, no qual a poesia peninsular ostenta desde 1550 toda a sua bizarria, consiste justamente na sua grande variação e flexibilidade. Os accentos principaes pódem ter o seu logar nas syllabas 2. 4. 8. 10, ou 2. 6. 10, ou 3. 6. 10, ou 4. 8. 10, ou 4. 10 etc.

[1]) J. Cornu publicou ultimamente um trabalho muito notavel sobre a prosodia do Canc. de Res., Romania vol. XII.

dos Lyricos castelhanos e portuguezes. [Faria e Sousa retocou por exemplo as Rimas de Camões.]

A syncope de consoantes latinas, isoladas, *g d b v n l*, dotou a lingua portugueza com muitas palavras, compostas de uma unica consoante, seguida de duas vogaes immediatas, que ora formam ditongo, ora não [*mao pao ceu deu veo veu eu viu* etc.], e com palavras monosyllabicas que rematam em vogal accentuada [*má pá dá*; *só pó mó dó nó*; *pé fé sé*; *vou sou dou* etc.]. Estas palavras de pequenissima medida, em que as vogaes prevalecem sobre as consoantes, e, ao mesmo tempo, o uso constante e inevitavel dos artigos e pronomes *a* e *o*, dão ao portuguez a singular brandura e suavidade que o distingue, formando uma das suas bellezas, mas tambem um dos defeitos que se notam nos versos nacionaes.

Só no portuguez é que se encontram innumeros versos que peccam pela introducção de quatro e mais hiatos entre onze syllabas:

Moveste-me a alma e os olhos;

ou pela absorpção, sempre difficillima, de um som nazal na vogal seguinte, como em:

Com ter de mim em minha alma bom conceito,

ou

Alta nobreza em ti tam bem empregada!

ou por uma barbara contracção de tres, quattro e até cinco vogaes em uma só syllaba, como em:

Obedecendo ao imperio e aos acenos

No primeiro periodo da poesia portugueza, duas vogaes, concorrentes dentro da mesma palavra, e que procediam de duas syllabas, originariamente distinctas, continuam a contar-se por duas, mesmo quando pela sua natureza possam formar ditongo [*soe doe cae* = *solet dolet cadit*], e até quando são identicas [*soo doo*]. O velho trovador portuguez pronuncia e conta *só-e dó-e cá-e dó-o só-o a-a ve-er se-er vi-ir po-er cre-o ni-un ví-u di-a ce-o* etc., formando ditongos unicamente em algumas palavrinhas atonas, de uso muito frequente, como *eu meu teu seu mia* e *deus*. A mesma regra sobre a contagem das vogaes se applica nos casos em que uma d'ellas está no final de palavra e a outra no principio da dicção seguinte, e ainda nos casos em que cada vogal é uma palavra inteira. O trovador pronunciava quasi sempre *que o*, *se o*, *que ha*, *ha i*, *e o*, absorvendo ou elidindo (ou antes omittindo completamente) só o *e* surdo dos pronomes *me te se* na vogal inicial da palavra immediata (*mespanta* = *me espanta*), e reunindo algumas vezes, em certos casos, duas syllabas em uma só, conservando-lhes porém os sons distinctos, como em *mio* = *me o*.

No segundo periodo, os dictos vocabulos já tendem a transformar-se em monosyllabos, por contracção, como *soo doo* etc. ou por ditongação, como *mao ceo,* e contam por duas syllabas ou por uma, conforme o arbitrio dos poetas. *O hiato ficou permittido em todas as partes.* Nota-se comtudo, principalmente nas obras vulgares, nos Autos, nos Romances, e na Cantiga popular, uma forte tendencia para contracções mais ou menos violentas, ditongos syntacticos, crases e elisões multiplices etc., usos e licenças que só muito tarde foram abandonadas nas obras classicas (ou antes nas edições classicas dos poetas da edade aurea).

As poesias de Miranda, as quaes teem em tudo um sabor archaïco bem pronunciado que as assemelha ás composições dos Cancioneiros Geraes, conservam este caracter emquanto á contagem das syllabas. O poeta emprega, como todos os versificadores portuguezes, bastantes vezes o hiato, onde bem lhe parece, e não despreza completamente a dierese.[1]) Mas não se

---

[1]) **ae**: é monosyllabico em *Pasiphae* 113, 329, bisyllabico em *tra-e-rá* 113, 225; **áe**: mon. em *cae caem saes trae,* bis. em *ca-en* 112, 18 e 22; **aė**: bis. *ca-er* 112, 17.

ai: é mon. *vaidade airado,* bis. *va-i-dade sa-i-rá*; **ái**: mon. *cãis guardais iguais Lais sinais tais*; **aí**: mon. *ainda rainha saistes* 108, 27, bis. *a-i-na a-inda Ca-im ca-ida ra-inha ra-is sa-indo.*

áo: mon. *ao mao vao seraos solaos.*

au: mon. *saudoso saudade,* bis. *sa-u-dade*; **áu**: mon. *sause* 151, 194; **aú**: mon. *aun.*

ea: mon. *aldeahuela* 115, 36 *Beatris lealdade peleare,* bis. *ame-a-çada le-aldade salte-a-dores*; **éa**: mon. *sea,* bis. *alde-as fe-as lisonge-as te-as ve-as*; **eá**: mon. *paseando* 115, 65 *peleando* 112, 331 *receava sea,* bis. *ame-a-ça desenfre-a-da dese-ando le-al nome-avão re-al rode-a-do.*

ei: mon. *treições*: **éi**: mon. *deis manteis.*

éo: mon. *ceo deseo* 112, 158 *meo veo,* bis. *alhe-o che-o cre-o cente-o este-o*; *mausole-o trofe-o ve-o*; **eó**: bis. *Le-on pe-or.*

éu: mon. *deu eu deus meu seu teu veu metteu* etc., bis. *jude-u* 153, 23 *sande-u se-us* 164, 604 (?) *nasce-u* 122, 1 (?).

ia: mon. *aguia Briareu liviandade negociações piadoso resfriarán* 113, 175, bis. *cri-a-tura di-a-dema pi-a-doso* 112, 113; **ía**: mon. *dia desafia* 113, 251 *envian* 113, 204 *havia* 114, 88 *podião* 149, 484 *seria* 113, 177. 115, 300 *solia* 113, 208 *todavia* 113, 5, bis. *di-a mi-a fri-a gui-a todavi-a*; **iá**: mon. *cingial diante desconfiança enviaste lidiar meridiano trosquiar,* bis. *confi-anza cri-ado celesti-al di-ante glori-ar li-ança parci-al tresvali-ando vi-anda* 164, 720.

ie: mon. *piedade piedoso* 112, 29. 114, 53, bis. *confi-es Esequi-el fi-el* 112, 176 *fri-eldade ori-ente qui-eto vi-emos vi-esse*; **iė**: mon. *fiel infiel viere* 112, 45 *infieles* 113, 29.

io: mon. *Guiomar ociosidade*; **ío**: bis. *confi-o*; **ió**: mon. *pior question vicioso,* bis. *bi-ocos Cipi-ones* 112, 32 *gi-olhos glori-oso gui-on mi-olo pi-or porfi-oso* 112, 117 *preci-oso* 113, 165 *religi-oso* 112, 369 *sequi-oso turbi-on* 115, 34 *vi-ola Vimi-oso* 115, 34.

iú: mon. *ciume miudo triunfo,* bis. *ami-u-da ci-ume Di-u* 113, 30 *fi-u-za* 112, 273 *tri-umpho.*

oa: mon. *agoa fragoa magoa nevoa nodoa taboa*; **óa**: mon. *boa*

serve das outras figuras que prolongam versos e palavras, abandonando as protheses (*atambor* por *tambor*) e paragoges (*martyre* por *martyr*). Aproveita, ao contrario, todas as occasiões, em que póde encurtar e cercear as palavras, de sorte a poder incluir o maior número possivel na medida prescripta. Escolhe entre as formas duplas de uma dicção sempre a mais concisa; emprega crase, ditongação, e synerese de duas até quattro vogaes[1]), e supprime lettras, mutilando as palavras no principio, no meio e no fim etc.

E isto em todos os logares do verso, até nos pontos em que as pausas ou accentos fortes, a independencia de palavras formadas só de vogal ou ditongo, ou um *h* inicial que substitue um *f* antigo (*huir herir* por *fuir ferir* etc.)[2]), deviam excluir a elisão. Offerece, em summa, pouquissimos versos frouxos, curtos e parcos de sons e palavras, e dá muitissimos demasiadamente cheios, concisos e compactos, com cadencias desagra-

---

coa, bis. *bo-a co-a coro-a mago-a perdo-a pesso-a so-a vo-a*; **oá**: mon. *Joana Pascoala sodrão*, bis. *coro-a-da ento-á-rão Jo-a-ne Pasco-al povo-a-dos vo-ando.*

oe: mon. *proençais*; **óe**: mon. *heroe pôem sôem*, bis. *perdo-em só-em*; **oé**: mon. *coelho Manoel poeta*, bis. *co-elho Mano-el po-eta do-ença jo-elho mo-endo almo-eda.*

oi: mon. *Moisés*; **ói**: mon. *coraçois hespanhois negociaçõis rezois sois* (*oigan* 112, 249); **oí**: mon. *soía*, bis. *arro-ído o-id o-ir o-ido o-iste so-ía.*

ua: mon. *agua estatua fragua Mantua* 112, 2 *Juanilla* 113, 393; **uá**: mon. *Juan* 113, 66 *Pascuala*, bis. *su-ave effeitu-ar su-ar*; **úa**: mon. *tua sua duas*, bis. *tu-a su-a du-as.*

ue: mon. *crueldad*, bis. *cru-eldad*; **ué**: mon. *cruel Samuel Manuel*, bis. *cru-el.*

ui: bis. *fu-i-dizo* 115, 150; **úi**: bis. *Lu-is* 112, 28; **uí**: mon. *fuir huir* 113, 183 e 236 *juizo* 164, 149 *concluir ruim*, bis. *ju-í-zo* 112, 33 *fu-í-do* 112, 18 *ju-is ru-im destru-i-do argu-ir huir restitu-í huí.*

uo: mon. *perpétuo*; **uó**: mon. *presuntuoso impetuoso* 113, 243, bis. *su-ores.*

eái: bis. *cre-dis re-dis le-dis.*

iái: bis. *andurri-dis.*

iéi: mon. *Bieito* 164, 494 e 744, bis. *Bi-eito* 164, 704 *fi-eis* 112, 189.

iói: mon. *occasiõis* 114, 6, bis. *Scipi-õis* 153, 3.

uéi: mon. *crueis*, bis. *cru-éis.*

oão: mon. *João*, bis. *João.*

uié: mon. *atribuiesen* 112, 135? Talvez seja preciso emendar *tribuiesen.*

uõi: mon. *Juõis.*

ião: bis. *Sebásti-ão li-ão.*

eã: mon. *meã.*

eão: mon. *camaleão*, bis. *Gede-ão me-ão alde-ão.*

[1]) P. ex. *Austria outro, grande e assi, porto e emparo, vejo a alma, como a aguia, pareça a humanidade, varia a outra, monte i heis, teu amor* etc. etc.

[2]) Veja-se 112, 308. 226. 363; 113, 10. 84. 85 etc.

daveis, difficeis de pronunciar, e em que o caracter binario da medida apenas se reconhece.

Além dos phenomenos já apontados, ha ainda outros, filhos tambem da tendencia de fazer entrar nos versos a maior porção possivel de syllabas. E é:

1⁰ o costume de contar os pluraes castelhanos de *lei rei grei* como uma unica syllaba (V. Glossario e p. 766);

2⁰ o habito de ver nos iniciaes castelhanos *ie ia io* um simples ditongo, que póde formar syllaba com uma vogal precedente; conta por exemplo *d(e) ierva* por duas syllabas, e *qu(e) ia* por uma só, em contradicção com Garcilaso, que pronuncia siempre *la yedra, verde yerba.*[1])

3⁰ a liberdade de absorver o som nazal, com que terminam tantas dicções portuguezas, na vogal com que principia o vocabulo seguinte, e isto não sómente em portuguez, mas até nas palavras correspondentes da lingua castelhana, em que não ha nazal, mas simplesmente um *n.*[2]) —

O que, porém, difficulta a leitura das poesias de Miranda mais do que todas as particularidades referidas, é talvez o facto d'elle não indicar por signaes graphicos o modo como pronunciava e queria que se pronunciassem e medissem os seus versos.

Os velhos trovadores omittiam, em geral, as lettras que não contavam, ligando aquellas que haviam de formar ditongo [*mio, mia* = *mi o, mi a*]. Lemos no Cancioneiro da Ajuda *quem* por *que m(e)*, *mentreu* por *mentr(e) eu, sempreu, quanteu* etc., e no Cancioneiro Geral escreve-se constantemente *nos* por *no os, que* por *que hé* ou *que é*, etc. O nosso poeta, porém, escreve quasi sempre *me he, que he* ainda nos logares onde valem por uma syllaba, não omittindo os sons que se devem elidir.

Só em poucas fórmulas notámos a completa elisão, p. ex. do artigo *a* diante de substantivos que principiam com outro *a*

---

[1]) Fallamos dos versos seguintes 111, 306 e 572; 112, 12. 71. 107. 202. 250. 253. 326. 386; 113, 4. 40 (p. 722). 189. 210. 224; 115, 78 Intr. 219. 239. 378; 151, 486 B; 164, 41 e 123; 165, 243 etc.; 177, 14; 184, 2; (192, 142).

[2]) Exemplos, em redondilhas portuguezas: 103, 670—671; 107, 201 e 253; 108, 50 e 347; 117, 49 e 147; 153, 38; 164, 587; em hendecasyllabos portuguezes: 81, 3; 147, 10; 148, 83; 150, 139. 156. 320 (e 503?); 199, 85 e 116; exemplos, em hendecas. castelhanos: 112, 21. 141. 314. 318 e 343; 113, 84 e 248; 115, 451 (?). Esta absorpção da nazal não foi introduzida, como dizem todos os portuguezes, pelo classicista Ferreira, á imitação do costume latino; nasceu espontaneamente em Portugal, como se conhece pela litteratura trobadoresca e pela poesia popular portugueza. N'uma lingua, em que havia e ha palavras com formas duplas, nasalizadas e sem nazal, que se empregavam indistinctamente [como *mi mim, assi assim, home homem, boo bo* e *boom bom, co com, soo soom som* etc.] o costume de abandonar e reassumir a nazalisação *ad libitum,* conforme as necessidades do metrificador, devia nascer naturalmente.

[109, 157 *alma* por *a alma*], e de *o* quando segue um adjectivo ou verbo, que remata com outro *o*, no qual fica envolvido[1]) [164, 558 *certo perigo* por *certo o perigo*; 164, 598 *tudo* por *tudo o*; 116, 376 *todo dia* por *todo o dia*; 109, 159 *fazendo* por *fazendo o*. — Cfr. 197, 131 *todo mundo* por *todo o mundo*].

Não põe trema onde quer desligar uma vogal da immediata, com que costuma formar ditongo [*quiëto suäve juïz saüdoso*]; não indica onde empregou apherese [*(e)stá (e)spirito (e)scuro*] ou syncope [*p(e)ra c(o)roa*] ou apocope [*quer(e) vien(e)*], e menos ainda a ethlipse, a não ser de vez em quando em *com* [*co coa cos coas*]. E se nos manuscriptos não houvesse alguns poucos exemplos d'estas liberdades, se não encontrassemos em 186, 9 *Guimar* por *Guiomar*; 185, 7 *spirto* por *espirito*; 185, 12 *pra* por *para*; 171, 28 *temré* por *temeré*; 164, 404 *si* por *assi*; 164, 355 *espermentares* por *experimentares*; 150, 348 *ofrece* por *offerece*; 115, 445 *spesas* por *espesas*; 115, 355 *spesos*; 115, 210 *sobrano*; 113, 173 *nel*, talvez não nos atrevessemos a lêr em 192, 375 *sparziendo* por *esparziendo*; 114, 26 *esprito* por *espirito*; 112, 47 *sprito*; 115, 504 *stranjero* por *estranjero*; 114, 32 *speriencia* ou *espriencia* por *experiencia*; 192, 355 *no* por *em o*; 108, 65 B *nũa* por *em ũa*; 115, 251 *descap'lir* por *descapulir*; 115, 94 *Alvrez* por *Alvarez*; 108, 62 *q'reis* por *quereis*; 113, 157 *q'rer* por *querer*; 163, 93 *c'roada* por *coroada*; 111, 598 *Prineos* por *Perineos*; 112, 86 *esp'rança*; 150, 81 *hav'rá*; 150, 91 *ofrecidas*; 109, 80 *coa*; 192, 61 *si* por *ansi*; 112, 318 *vien* por *vienen*, *tien* por *tiene*; em 113, 103 (p. 722) *halcon* por *falcon*; 113, 155 (p. 723) *co' un* por *con un*.

E quem não estiver familiarizado, pela leitura de Gil Vicente, Antonio Prestes etc. com todas as licenças dos poetas populares, nem assim mesmo estará disposto a alterar em 181, 5, pondo *Sazio* em logar de *Salicio*; 192, 181 *cá* por *cada*; 164, 604 *madres* por *mais*. Duvidamos ainda se será licito substituir em 113, 84. 112, 314 e 343 *hizieran tuvieran* e *quisieran* por formas contrahidas bisyllabicas *hizian tuvian quisian* ou *hizan tuvan quisan*, que corresponderiam ao vulgar e obsoleto *puson plugon tuvon*, admittidos por Miranda, p. ex. 111, 548. 151, 460 e 112, 314?[2]) —

A palavra proparoxytona (ou esdruxula) *lágrimas* conta por duas syllabas nos N°s 167 e 168, 12. 33 e 40 no fim do primeiro hemistychio do verso de arte maior, como era costume, mas tambem no hendecasyllabo do No. 113 (p. 725).

---

[1]) Esta elisão occorre frequentes vezes nas *Rimas* de Bernardes, Andrade Caminha etc.; ha editores que eliminam consequentemente os artigos *a* e *o*, quando estão em contacto immediato com outro *a* e *o*.

[2]) Valdivielso p. 317 tem *quijon* por *quijieron quisieron*. Cfr. Tirso de Molina p. 250 *dijoren* por *dijieron*, e *acompañoren* por *acompañaron*.

Miranda não foi o unico autor que adoptou estes expedientes; houve muitos outros, antes e depois d'elle, que os utilizaram. Temos visto versos, cuja medida só fica certa por meio da desfiguração de uma sua palavra por accrescentos, suppressões, mudanças ou substituições, i. é pondo *qués* por *queres* ou *quies* por *quieres*; *fers* por *feres*; *tivers* por *tiveres*; *temrei havrei podrá valrá assolvrá* por *temerei haverei poderá valerá assolverá*; *qu'rer* por *querer*; *querrá* por *quererá*; *esprança espriencia espremenlar esprito espritual camra estrilidade Preira praïso cermonias corgidor* por *esperança experiencia experimentar espirito espiritual camara esterilidade Pereira*[1]) *paraiso cerimonias corregidor*; *Guimar* e *Lenor* por *Guiomar* e *Leonor*; *môr* por *maior*; *madre* e *padre* por *mãe* e *pae*; *faes* por *fazes*, *faen* por *fazem*; *home* por *homem*; *qui* e *si* por *aqui* e *assi*; *sabês passês* por *sabedes passedes*; *comprender reprender* por *comprehender reprehender*; *escuchá* por *escuchad*; *atan atanto* por *tan* e *tanto*; *mia* por *minha*; *ora* por *aora* e *agora*[2]); *som* por *senão*; *huir herir* por *fuir ferir*; *segum aquem* por *segundo aquende*; *imigo* por *enemigo* e viceversa.

Mas o que parece natural e acceitavel na *Cantiga* e no *Auto* popular, causa reparo nas formas cultas e no rhytmo mais elevado do *Soneto* e da *Canção*. Os posteros, ao menos, assim o julgaram, banindo do hendecasyllabo todos estes vulgarismos. Era pois necessario advertirmos o leitor.

Quanto ás emendas, com que se poderiam melhorar muitos versos, achamos inutil e improprio aventurál-as. Apresentamos as poesias taes quaes o seu autor as legou á posteridade, com todas as suas „*singularidades*", que respeitámos, por as acharmos muito interessantes e instructivas.[3])

A maioría dos vocabulos portuguezes — dous terços aproximadamente — são *graves* ou *inteiros*, de sorte que a maioría dos versos devia ser grave tambem.

---

[1]) V. Cornu, Rom. XIII p. 57, l. 2. Póde e deve-se lêr *Preira* no Canc. de Res. I 82.

[2]) V. ibid. p. 53. Cornu propõe a substituição de *agora* por *agor*. Não se deverá lêr antes *ora* ou *aora*? (Res. I 464).

[3]) Além dos versos, falsos na apparencia, mas que se pódem reduzir á medida prescripta, por meio de leves alterações permittidas e licenças poeticas, restam alguns que não se pódem melhorar. E são: 115, 243 e 495. 116, 181. 146, 177 (e 194, 59 e 143). Propomos lêr em 115, 243 (com o Ms. E)

A la traidora sigue otra mas blanda;

em 115, 495, com o mesmo codice

Mas, de los naturales;

em 116, 189

Não sei que seja ou não seja;

É, porém, absolutamente falso que os versos inteiros tenham preponderado desde tempos immemoriaes, estando de posse de todos os generos nobres, admittidos em poesia.

Na primeira época da litteratura portugueza, em que a lingua materna imperava exclusivamente, os versos *agudos* são muitissimo mais numerosos do que os *graves*, em todos os generos poeticos, sem excepção — na proporção de 11 : 1! Das 6131 linhas, de que o Cancioneiro da Ajuda se compõe, 5509 são *agudas* e só 622 *graves*, proporção estranha, que deverá causar o espanto de todo moderno purista, e que não agradará a ninguem! As rimas monotonas e triviaes em *ar er ir* (infinitivos), *á é í aí eí eu ou iu*[1]) ou *am om* (formas verbaes), e em *or al el az ez em im eus*, enfiadas aos centos, são de um effeito extremamente pobre e seriam insoffriveis, se não fossem interrompidas 622 vezes por palavras que rematam em *ía ado ada edes asse esse*.

Na segunda época estas proporções já estão alteradas, a favor dos *graves*, em parte por influencia do idioma castelhano[3]), que se tornára a lingua favorita da côrte e dos poetas palacianos. De 2621 linhas do Cancioneiro Geral, 844[4]) têm rimas *agudas*, i. é de 3 : 1. Em vão se procura uma poesia só em *agudos* — que em 1500 já passaria por inaudita —, mas de balde seria tambem, se quizessemos descobrir uma unica poesia, de que os agudos fossem excluidos!

Que milagre pois que o nosso Sá de Miranda, nascido cerca de 1500, acceitasse os agudos (exactamente como o seu contemporaneo, o innovador castelhano Boscão), misturando intencional-

---

em 146, 177, com **B** e **F**

De toda parte, i como que se cuaja;

em 194, 59

Que pastor pobre em neve, chuva e vento;

e em 194, 143

Não ja mais cantar posso e estou ja rouco

ou

Não posso mais cantar.

[1]) Averiguamos, ultimamente, que o povo pronuncia, em algumas partes de Portugal, *vĭu lĕu ouvĭu* etc. de sorte que se ouvem distinctamente as duas vogaes. O uso geral considera, pórem, as desinencias *eu iu* como monosyllabicas e agudas.

[2]) O Diccionario de Rimas dos velhos trovadores era muito restricto: nas 6131 linhas do Cancioneiro não ha senão 700 consonancias differentes, que se repetem, pois, termo medio, 8—9 vezes!

[3]) Muitas palavras, oxytonas em portuguez, são paroxytonas em castelhano. A's desinencias *ão ã* (am) pl. *ãos ans* (ãs), *ais eis ois uis ões* correspondem em castelhano *ano ana anos anas ales eles oles ules ones* etc.

[4]) As primeiras 100 pag. do vol. II da ed. de Stuttgart. Comparemse tambem os Cantos do poeta catalão *Ausias March* e as traducções de Jorge de Montemór.

mente *duro* e *molle* (*maior* e *menor*), introduzindo a seu belprazer os remates „barbaros“ em todas as suas poesias, quer fossem em metros peninsulares, quer em rhytmos estrangeiros[1]), e entremeiando-os até com alguns raros esdruxulos?[2]) Que milagre, que o fino conhecedor da lingua patria compozesse um soneto inteiro em *agudos*? Os dous introductores do hendecasyllabo não tinham ainda o precioso melindre dos posteros, que censuraram, e censuram ainda hoje em ambos os paizes, em unisono, o modo secco e estalado, a falta de elasticidade e vibração dos versos *masculinos*, ingratos e desapraziveis, segundo elles, ao ouvido, e proprios só para assumptos jocosos, satyricos e extravagantes ou para effeitos onomatopicos.[3]) Abandonaram e proscreveram esta maneira de rimar unicamente porque a lingua italiana, mais favorecida do que as linguas hispanicas em harmonia natural e em bellas consonancias, e dotada meramente de palavras *graves* e *esdruxulas*, se vira impossibilitada de empregar *agudos*! Elevaram em *dogma ficticio* o que lá era um lei natural e legitima.

Em geral não se acceita o veredicto de estrangeiros sobre a harmonia d'uma lingua — motivo porque não citamos a opinião de Sismondi e Bouterweck, que sublinharam o soneto *agudo* de Miranda (No. 89) como um dos mais bellos, em contradicção com os criticos nacionaes, cujo ouvido afinado reconhece n'elle só dissonancias e versos claudicantes e mudos. Apontaremos, porém, o facto muito singular de um dos adversarios mais acerrimos dos *agudos*, o poeta nacional Costa e Silva, gabar o Soneto Camoniano No. 25[4]), (cujos versos rematam em *er or ou* e *i*!) *como um grito de desesperação solto contra a desven-*

---

[1]) Contamos só tres Sonetos portuguezes como exemplos de agudos, e são os Nos 79 (122) e 143. Entre os Sonetos hespanhoes ha muitos mais, inteiramente em graves, os Nos 84—88. 90. 93—95. 138—139, e toda a serie que abrange as composições 172—189. — Das poesias mais extensas, nenhuma evitou as consonancias „nacionaes“, a não serem as Elegias Nos 170 e 171, que consideramos apocryphas, por esta e por varias outras razões.

[2]) V. No. 116, 122. 164, 153. 184, 10 (e 192, 358).

[3]) D. Adolfo de Castro (Bibl. Riv. vol. XXXIII p. XXXVIII) diz, referendo-se á *Fabula do Mondego*, do nosso poeta, que tem a mesma *incorrecção* e *frouxidade* das obras de Boscan „*y hasta algunos consonantes agudos que tan mal sientan en el verso endecasilabo, á menos que no se usen al tratar asuntos festivos, ó que un don Pedro Calderon de la Barca los engrandezca con su vigorosa entonacion!*“ — É interessante relêr as passagens, em que D. Frco Manoel de Mello trata dos versos agudos. Veja-se p. ex. nas Cartas Familiares a XCa da Centuria II, em que se formula um Juizo sobre as Obras Poeticas de D. Francisco de Portugal.

[4]) Começa: *Que poderei do mundo já querer.* — As rimas são: *querer ser viver ver, amor desfavor dor maior, assegurou ensinou ficou, perdi vi nasci.* — Comparem-se ainda os Sonetos 132 e 207 de Camões, que rematam tambem em agudos (*or ão er im* e *er ar or em i*).

tura[1]), pondo em luz, por esta contradicção involuntaria, a insignificancia e futilidade de toda a questão.

Diremos tambem que Faria e Sousa[2]) qualifica a guerra feita ás rimas masculinas, como um escrupulo impertinente, e que Rengifo não as desapprova.

As rimas de Miranda são *consoantes* por regra, e *toantes* ou *assoantes* só por excepção, em algumas poucas redondilhas, p. ex. em 103, 9 *calma chama*; 116, 518 *perlonga sombra*; 116, 381 *ouvida liga*; 126, 2 *Domingas, digas*. Nos numeros 55. 58. 59. 60 não são obra do poeta, porque pertencem a Motes populares, recolhidos por elle da tradição oral.

As *consoantes* são boas, puras e castiças quasi sempre. Notámos, porém, rimas identicas em 67. 103, 83. 103, 614. 116, 334. 116, 353. 105, 142 onde as palavras *dana deu vemos d'elles homens temo*[3]) foram simplesmente repetidas. Ha repetição ainda em outros casos (164, 613 e 101 *parte*, 78 *culpa*, 28 *conta*, 82 *guia*, 83 *magoa*, 103, 32 Intr. *troca*, 150, 171 *mas*, 164, 550 *contrairo*, 164, 34 *alcanço*) mas com a differença, das palavras terem uma significação levemente variada. Ás vezes a significação e a etymologia divergem, em quanto a pronuncia e orthographia são iguaes, p. ex. em 38 *são*, 41 *queda*, 46 *penas*, 97 *vão*, 103, 379 *fundo*, 193, 325 *sua*, 103, 440 *si*. Temos o mesmo som aproximadamente, mas uma orthographia diversa nas rimas *era hera* 116, 309; *ceo entendeu* 164, 414; *ceo entendeu venceu* 100, 71; *veu receo* 16; *perdeu ceo* 100, 107; *ceo creu* 104, 10; *seo seu* e *deu* 116, 145; em *dignos peregrinos* 150, 34 da Intr.; *indigna desatina* 149, 47, e em *canse vâm-se* 14. Em 116, 29 onde *perunteis* e *pés* rimam, póde-se melhorar facilmente, introduzindo a forma vulgar *peis*; e em 96 se poderá substituir *mudaveis* por *mudaves*, para ficar em consonancia com *aves graves naves*. São imperfeitas as rimas *agravos cabos* 15; *cabo agravo* 31; *recibo bivo* 24[4]); *arriba cativa* 33; *escravos gabos bravos* 106, 111; *palavras cabras* 104, 381 e 103, 574; e impuras as seguintes *rógo fôgo afógo lógo* 1; *lógo fôgo* 62; *rógo fôgo* 103, 345 e 106, 180; *maióres dôres* 8 e 29; *mór dôr* 21 e 40; *piór fôr* 21; *óra fôra* 32; *óra fóra fôra* 61; *agóra fôra* 77; *senhôra óra* 100, 112; — *estranha serrana* 55; *desertos secretos* 117, 77; *discretos certos* 117, 142; *largos tragos cargos* 151, 50; *mãi pai* 149, 74 e *cai mãi*[5]) *sai*

---

[1]) V. Ensaio II 19 e III 139.

[2]) Rimas varias 178b.

[3]) A emenda *tremo* por *temo*, conforme a lição de AB, é facil, mas desnecessaria.

[4]) Em 104, 105 temos *deve* e *beve* (por *bebe*).

[5]) A forma provincial *mae* ou *mai* existe.

150, 306[1]); *nua* e *ũa* 108, 133. — A differença entre *apreção* e *pareçam* (108, 357) não é senão apparente porque o som que provinha de um *-ant* latim era antigamente sempre o mesmo.

Temos rimas evidentemente adulteradas, mas que se pódem emendar com facildade em 100, 107, onde se deverá ler *enflo-receu* por *enflorece* (cfr. 163, 108), e em 165, 287, onde teremos as rimas *grande ande*. A restituição é um pouco mais custosa em 186, 9, onde o texto trocou um nome feminino em *-ana* (*Silvana*? *Mariana*?) por *Guimar*; em 121, 10 (*questão* e *doi*), 125, 11 e 14 (*pés* e *causardes*) e em 165, 311 (*cargando* e *sumergiendo*). Ponha-se: *cubriendo*.[2])

Obras em Castelhano.

Muitissimo se tem escripto e discutido sobre a moda funesta que levou, no seculo XVI e XVII, todos os poetas portuguezes menos um (*o bom Ferreira, da lingua àmigo*), a escreverem, em parte, ou exclusivamente, em castelhano — moda que cerceou a litteratura portugueza, roubando-lhe muitas obras boas e algumas de primeira ordem e de fama europea, como a *Diana* de Montemór, e enriquecendo a nação vizinha.

Esta moda não se devia, comtudo, censurar e condemnar asperamente, como é costume, sem que ao mesmo tempo se apontasse outra corrente, que arrastou poetas castelhanos como o Rei Affonso o Sabio, no seculo XIV, em sentido opposto, i. é a metrificarem em *portuguez* (ou seja em *gallego*).

Miranda, apesar das feições accentuadamente portuguezas das suas creações litterarias, obedeceu á moda da epocha e cedeu á corrente. Não desdenhou nem poz de parte o idioma patrio: tornamos a repetir que o conhecia e manejava destramente, e que todas as suas prosas, i. é as comedias são em portuguez legitimo e vernaculo[3]), mas não o achou prompto e apto para todos os effeitos *poeticos* que queria produzir. Reconheceu com magoa que, longe de poder hombrear em harmonia e doçura com a canora lingua italiana, o portuguez nem mesmo iguala o magestoso castelhano emquanto á sonoridade.

---

[1]) É possivel que haja *ua* ao lado de *uma ũa e unha*.

[2]) Na Introducção ao No. 115 o verso 76 foi repartido em dous, por descuido. Leia-se:

La soberuia amenaza o el ruego blando.

[3]) „*Sá de Miranda distingue-se por uma tal abundancia de locuções populares, que se não sabe, se aquella é a sua linguagem natural, se um effeito artistico aproveitado com um delicadissimo gosto. Com esta linguagem, a sua expressão sentenciosa toma uma magestade secular, os seus quadros pastoris uma frescura de realidade, a sua tristeza deixa de ser um mal estar pessoal, mas o sentimento da vida como as cousas o despertam.*" Th. Braga, Manual p. 272.

Combatte-se hoje o preconceito arraigado entre os proprios portuguezes de que a lingua de Camões se não possa accomodar ás exigencias do canto, e isto com toda a razão.[1]) Longe de nós negarmos as qualidades da branda e suave falla lusitana. Mas não se póde contestar que ella tem os seus palpaveis senões (p. ex. a abundancia de nazaes); e menos ainda se deve esquecer o que já foi dicto: que, quando Sâ de Miranda começou a sua campanha em pró da litteratura nacional, a bella lingua de Camões ainda não existia!

Entre as 189 obras de Miranda que este volume encerra, 75 são castelhanas e 115 portuguezas. Das 74 castelhanas, 37[2]) são composições hendecasyllabicas que se subdividem em 27 *Sonetos*, 1 *Oitava Rima*, 3 *Elegias* e 6 *Eglogas* (em tercetos, canções e oitavas). Estas ultimas são as creações artisticas que lhe conquistaram reputação europea. Das 115 composições portuguezas só 33 se apresentam no novo traje italiano, pertencendo aos *Sonetos* 25, 4 aos *Capitulos* ou *Elegias*, 3 ás *Canções* e ás *Eglogas* 1 unica. Em face de 37[3]) *Redondilhas* na lingua estranha, ha a oppôr 80 na lingua patria, e entre ellas as cinco *Cartas* ou *Satyras* e as 8 *Eglogas* rusticas, de sublime aspereza, phraseologia castiça e natural, que o collocam n'um dos primeiros logares do Parnasso lusitano.

Temos, em summa, em hespanhol 4024 versos hendecasyllabicos e 1650 em redondilha; em portuguez, porém, só 1853 dos primeiros, mas 5010 dos ultimos. É pois licito affirmar:

1º Que o poeta empregava sempre, com predilecção a lingua materna, quando as suas ideias se conformavam com o giro rapido, desembaraçado e gracioso do metro peninsular, deixando-se attrahir e vencer, comtudo, muitas vezes pela moda, predominante entre os aulicos, de se servir da lingua irmã, favorecida por tres princezas hespanholas que successivamente occuparam o throno portuguez. Refere-se isto sobretudo, como é natural, ao periodo que passou na côrte.

2º Que recorria, como que instinctivamente, ao idioma estranho, quando as difficuldades do novo metro que tencionava introduzir, embaraçavam o seu estro poetico. Combatteu, porém, energicamente este impulso, luctando para amoldar o portuguez a todas as combinações harmonicas dos rhytmos novos, e pugnando assim em favor da litteratura e lingua nacional que aperfeiçoou

---

[1]) A. F. de Castilho, *Lyra portugueza* e Salvini, na 1ª e 2ª edição do seu *Romanceiro musical*.

[2]) São 38, se contarmos o trecho intercalado no No. 102 v. 446—535, o *leixapren* em metro italiano.

[3]) Mais exacto é dizer (em logar de *Redondilhas*) 37 *poesias hespanholas á maneira velha da Eschola nacional*, porque duas, os Nos 167 e 168, são *Trovas de arte maior*.

e enriqueceu, menos pela introducção de neologismos emprestados ás linguas classicas, do que com phrases e locuções descobertas no thesouro popular.

Os estrangeiros[1]) que escreveram sobre litteratura hespanhola dão a Miranda um logar mui distincto, „*envidiable*", ao lado de Boscão e Garcilaso, elogiando o seu castelhano *puro e castiço*, e sustentam que da omissão do nome de Sâ resultaria uma lacuna. Estamos de accordo com a ultima affirmação: o seu castelhano, porém, não merece tão altos louvores; é bom apenas relativamente, como o de todos os Quinhentistas, mas não é exemplar e livre de muitos erros.

Poesias curtas e singelas, como as verdadeiras creações da alma popular — cantigas, vilancetes e alguns poucos sonetos, sem phraseologia complicada, — sahiram-lhe da penna fluidas e elegantes, sem macula. Ha tres, em especial, que ganharam renome e brilham em todas as Antologias hespanholas, originaes e traduzidas. São

Quien viese aquel dia

e

Sola me dejaste

e

Tango os yo mi pandero.

Nas obras maiores, porém, o seu estro cansa de pressa; encontram-se alli trechos frouxos e incolores, outros artificiosos; ha n'ellas tambem phrases obsoletas que destoam nas rimas modernas, bastantes irregularidades, e muitissimos lusitanismos.

Grande parte dos lusitanismos, que notamos nas obras castelhanas de Miranda, Camões, Gil Vicente etc. deverão ser attribuidos aos copistas e editores. É natural que boccas e pennas portuguezas troquem muitas vezes, por engano, um *quiere*,

[1]) Ticknor, Bouterweck, Sismondi, Puymaygre etc. Os criticos castelhanos e alguns portuguezes (Faria e Sousa e D. Fr^co^ M^l^ de Mello) reconheceram, como é natural, os fracos e desprimores de quasi todos os versos hespanhoes, escriptos por poetas portuguezes. — Em uma das suas Cartas familiares (No. 67 da Cent. V) Mello diz a hum amigo poeta, tornando-lhe um livro de versos, que lhe havia dado a ver: „*V. m. he tão bom portugues que se lhe não fará a face vermelha quando no castelhano haja algum descuidinho de abana-mosca!*" — Parece até que já os contemporaneos de Miranda acharam que criticar nas suas *Eglogas*. O seu primeiro biographo defende-o contra os ataques dos adversarios, dizendo que não é pequena desculpa *pera os muy observantes da lingua castelhana* (*se, no que compos nella, acharem que calumniar em rezam de palavras*), *haver escrito em tempo que os Portugueses se não entendiam tam bem com ella como com elles. E* — accrescenta — *as linguas vulgares que não pendem de preceitos coartadamente, nunca se sabem bem senão co uso contino e trato civil; e sempre os estrangeiros que as nom tiverem praticado muito, fallaram e escreveram com grande perigo nellas* etc.

um *si*, um *bien*, *poco*, *no* pelas formas correspondentes, analogas e parecidissimas da lingua materna: *quer*, *se*, *bem*, *pouco*, *não*; mas seria ridiculo querer sustentar que uma pessoa culta, conhecedora do castelhano, não saiba distinguir perfeitamente entre estas formas, e que um poeta não estaria no caso de emendar na impressão todos os lapsos d'esta sorte, que escaparam na primeira elaboração manuscripta. Intencionalmente, e de proposito, ninguem escreverá *dous* por *dos*, *maneira* por *manera*; e a critica regeitaria, de certo, com justa indignação um texto mascavado, em que se misturasse, a cada passo, idiotismos castelhanos e portuguezes, como succede nos manuscriptos antigos, dos quaes nenhum será exempto de taes *senões*. Certas edições feitas d'este modo, levianamente, foram sempre censuradas por causa das suas innumeras *erratas*.

Corrigimos pois os erros d'esta natureza[1]), regulando-nos, como era justo, pelo estado do idioma castelhano no sec. XVI, e em especial, pelas formas empregadas por Miranda. Se ainda assim deixamos escapar um ou outro lusitanismo, foi por lapso, involuntariamente.[2])

Os lusitanismos pódem-se dividir em duas cathegorias. A primeira abrange todas as palavras castelhanas, trajadas á portugueza, como:

abrindo	por	*abriendo*
baixo	„	*bajo*
brason	„	*blason*
custume	„	*costumbre*
concepção	„	*concepcion*
dano	„	*daño*
fiei	„	*fié*
fugir	„	*fuir*
maneira	„	*manera*
(*h*)*ouvera*	„	*hubiera*
manifesto	„	*manifiesto*
nolo	„	*nos lo*
oje	„	*hoy*
outro	„	*otro*
peito	„	*pecho*
prazer	„	*plazer*
pola	„	*por la*
quen	„	*quien*
pouco	„	*poco*

[1]) Muitos são emendados nos proprios manuscriptos, em notas marginaes e entrelinhas.

[2]) P. ex. 113, 163 p. 723 *Praia* por *plaia*.

primeiro	por	*primero*
renda	„	*rienda*
sinal	„	*señal*
tudo	„	*todo* etc. etc.

Na segunda, que é menos rica de exemplos, mas de maior interesse, entram palavras que o poeta portuguez sujeitou a leis phoneticas validas no hespanhol, em casos onde não têm alcançe. Substituiu p. ex. um *o* portuguez (lat.) por *ue* onde não convinha, um *e* por *ie*, *pr br* por *pl bl*, *l* por *lh* (ll), pondo

suelo	em	logar	de	*solo*
pueco	„	„	„	*poco*
nueche	„	„	„	*noche*
aguera	„	„	„	*agora*
cielos	„	„	„	*zelos*
guierra	„	„	„	*guerra*
sierpiente	„	„	„	*serpente*
acidiente	„	„	„	*acidente*
momiento	„	„	„	*momento*
piensamiento	„	„	„	*piensamento*
pesadumble	„	„	„	*pesadumbre*
costumble	„	„	„	*costumbre*
plo	„	„	„	*pro*
nomblar	„	„	„	*nombrar*
alumblado	„	„	„	*alumbrado*
calhe	„	„	„	*cale.*

Do conjuncto de todos estes erros (cuja lista formámos), não se colhe, comtudo, resultado novo, differente do que aqui indicamos. Conservando-os escrupulosamente, creavamos um texto deturpadissimo, desagradavel a todos, portuguezes, hespanhoes e estrangeiros.

Além dos *lusitanismos* e *hyper-hespanholismos* ha outras particularidades que entram no dominio da prosodia, da morphologia e da syntaxe, e que não podiam ser eliminados sem prejuizo maior. O poeta serve-se p. ex. em castelhano do Infinitivo *variavel* (v. Glossario)[1]), usa, como dissemos no capitulo antecedente, da etclipse nas dicções que têm a final *n* (*an en in on* = port. nazal *ão em im om* etc.)[2]); introduz o plural *-és* por *-eles* (port. ant. *ées* e *és*, mod. *eis*)[3]), contrahe *con el* em *col* (port. *co*); emprega a crase de *a aquel* em *áquel*; substitue *bueyes greyes*

---

[1]) 3, 12. 102, 176. 111, 39 Intr. 111, 272 e 431. 112, 285. 113, 62. 128, 48. 171, 9. 184, 6.
[2]) Ut supra a p. CXXI.
[3]) *Rabés* por *rabeles* 151, 446; *col* 183, 3. 4 e 172, 9; *aquel* 113, 481.

leyes reyes pelo plural monosyllabico *bueis greis leis reis*[1]; põe *venado* por *ciervo* e *vera* por *ribera*[2]; *vien* (port. *veem* ou *vêm*) por *vienen*; *veran* (port. *virão*) por *vendran* 115, 308.

Temos duvidas em fazer alterações nos seguintes casos, substituindo em 165, 276 *bienes* por *biens* (*bems*); 115, 86 *tenemos* por *temos* 112, 370 A e 165, 370 *por venir* por *por vir*; 112, 244 B *en la* por *na*.

O Commentario.

Miranda compoz a maior parte das suas obras lyricas e pastoris „*sobre casos particulares que succederam na côrte, em seu tempo, introduzindo pessoas, conhecidas d'aquelles que então viviam (de que ainda temos algumas tradições e vestigios, derivados a nós dos contemporaneos que o venceram em dias). E se houvera algum que fizera uma anotação d'isto, por ventura, que fôra bem agradavel historia, porque não ficariamos só pendentes cada hum de seu juizo na especulação d'estas cousas! ainda que o engenho e artefício poetico com que as elle dispos, é bastante materia pera occupar e deleitar a toda a curiosidade.*

Se um escriptor, quasi coevo do poeta, que tratára com proximos parentes e amigos intimos d'elle, se queixou d'esta maneira da pouca transparencia de certas allusões a successos contemporaneos, as quaes se escondem nas Eglogas de Miranda, e dos altos mysterios que encerram, os criticos dos seculos seguintes tinham dobrada razão para lamentarem o escuro sentido, a difficuldade de interpretação de poesias, censuradas ainda, como se sabe, pelo desalinho, incorrecção e secura do seu estylo hespanhol, e pelo „*cerrado*" do seu portuguez.

O desejo formulado em 1614 por D. Gonçalo Coutinho, já se comprira antes de 1630, porque n'esta data o Dr. Luiz da Silva Brito († 1630)[3]) terminara um *Comento ás Poesias de Sá de Miranda*, do qual Barbosa Machado teve noticia, mas que nunca chegou a publicar-se. Está extraviado, como tantas outras preciosidades bibliographicas, sem têr prestado serviço algum á nação portugueza.

Cerca de 1660, outro escriptor notabilissimo, um dos admiradores mais enthusiasticos do estylo sentencioso e da locução popular de Miranda e seu imitador, o grande D. Francisco Manoel de Mello, planeou umas *Annotaciones á las Epistolas de Francisco de Sá*, como se vê pelo Catalogo das suas *Obras não*

---

[1]) Glossario sub voc. *bueis* etc.

[2]) *Venado* 112, 363; *vera* 113, 181; *vien* 112, 6. 238 e 318 A. 146, 20.

[3]) Vide Juromenha vol. I p. 314—15; Barb. Mach. III 137, e o Extracto da lista dos manuscriptos do Conde de Vimioso, dado á Academia de Historia pelo Conde da Ericeira no anno de 1724, No. 62 (e não 70 e 72).

estampadas, imperfeitas.[1]) Ninguem, que saibamos, chegou a ver os rudimentos d'esta obra que, escripta por tal mestre, devia ser de summo interesse.

Não temos noticia de mais nenhum trabalho exegetico sobre Miranda, porque não podemos contar como trabalho especial as raras notas soltas que Theophilo Braga e C. Castello-Branco deram, casualmente, um na sua *Historia dos Quinhentistas*, passim, e o outro nos seus *Narcoticos* I 55. 90. II 165—89 e na Obra *Historia e Sentimentalismo* I 29—35. Achámo-nos, pois, sem subsidios auxiliares, em face de um problema extremamente complicado.

O que fizemos no Commentario é o seguinte: Indicamos as fontes, ás vezes bem occultas, de que Miranda tirou os seus conhecimentos, formando assim o catalogo das obras antigas e modernas, que o poeta tinha sempre á mão, e que constituiam a sua bibliotheca. De outro lado assignalámos as imitações dos posteros, reminiscencias mais ou menos vagas, citações litterarias e textuaes, emprestimos de maior ou menor vulto, demonstrando *ad oculos* a influencia, que a Lyrica mirandesca exerceu, durante tres seculos consecutivos, sobre a poesia portugueza. Discutimos as datas das composições e os successos que as provocaram, com o fim de estabelecermos a lista chronologica dos poemas maiores em metro novo. Ponderámos as razões que fallam pró ou contra a authenticidade de certas poesias, interpretando tambem as allusões a historietas e anecdotas, e explicando nomes historicos e mythologicos. Caracterizámos os personagens a que Miranda dedicou suas obras, e os individuos que feriu nas suas Satyras, esboçando d'esta maneira o quadro das relações que o estoico poeta sustentou com a sociedade aulica — emfim, accumulámos tudo o que podia auxiliar o leitor na intelligencia de elementos complexos, como eram o caracter de Miranda, o seu gosto poetico, o espirito do seu tempo, a sua dependencia ou independencia da corrente, que no seculo XVI envolveu todas as nações europeas, fazendo-as entrar no grande movimento da Renascença italiana.[2])

Tivemos em vista em as nossas Annotações não só o publico nacional, mas tambem o estrangeiro; ao primeiro offerecemos as notas sobre historia e mythologia antiga, ao segundo os esclarecimentos sobre as pessoas que constituiam a numerosa côrte portugueza, e a uns e outros os apontamentos sobre costumes e superstições populares, difficuldades linguisticas etc.

---

[1]) Obras Morales, Roma 1664 a fol. 12 (innum.) dos Preliminares.

[2]) Rectificámos tambem, em as Notas, bastantes erratas, inevitaveis, infelizmente, n'uma edição feita no estrangeiro, e da qual vimos uma *unica* prova.

Evitámos cautelosamente um defeito de muitos commentadores: o de formular sentenças auctoritarias sobre o valor das poesias, de diluir bons versos em prosa trivial e semsaborona, apregoando-lhes as bellezas e sublinhando todas as sentenças e maximas conceituosas. Tambem julgámos futil fazer reparo das cacophonias, dos versos rudes e inharmoniosos, dos termos pouco usuaes etc. Estes ultimos (archaïsmos, neologismos, estrangeirismos e vulgarismos) foram elucidados, summariamente, no *Glossario*, em quel differenciamos o peculio hespanhol do lusitano por uma particularidade da impressão, a qual é *espaçada* para as palavras castelhanas.

O Retrato.

„Foi homem grosso de corpo; de meã estatura, muito alvo de mãos e rosto; com pouca côr nelle; o cabello preto e corredio; a barba muito povoada e de seu natural crecida; os olhos verdes, bem assombrados; o nariz comprido mas com cavallo; grave na pessoa, melancholico na apparencia, mas facil e humano na conversação, engraçado nella, com bom tom de falla, e menos parco em fallar que em rir.“

Eis o retrato de Miranda, como o delineou D. Gonçalo Coutinho († 1634), o qual, comtudo, não conhecera pessoalmente o eremita da Tapada. Fica-se pois em duvida, se nos descreveu a physiognomia do poeta, conforme a caracterizavam os seus informadores [Gomes Machado de Azevedo, e Jeronymo Pereira de Sâ, seus sobrinhos; Henrique de Sousa, o Commendador de Rendufe; Diogo Bernardes e D. Manoel de Portugal, seus intimos amigos e discipulos, que lhe sobreviveram de meio seculo], ou se o esboçou diante de um retrato qualquer, conservado na Quinta da Tapada. É muito possivel que se servisse de ambos os meios de informação, i. é: que as conversas com os amigos illustrassem e reavivassem os traços de uma velha pintura, rejuvenescendo a physiognomia. Em todo o caso a descripção que D. Gonçalo Coutinho esboçou, tem apparencias de fidedigna e não discorda muito de uma gravura moderna, de mediocre valor, que Varnhagen mandou abrir, em 1841, para o Panorama (p. 252).[1]

Lá vemos o cabello preto e crescido, as barbas muito bastas, o nariz aquilino, os olhos grandes, a apparencia melancholica! Mas o que não encontramos, é a indispensavel declaração sobre a origem e procedencia da gravura, que ficou sendo, até hoje, a unica conhecida e que teriamos reproduzido, n'esta edição, se não encontrassemos outra mais antiga.

---

[1]) No *„Catalogo dos Livros de J. Gomes Monteiro“*, Porto 1880, achamos citado um *„retrato de Miranda á penna“* [No. 1766], mas não podemos descobrir quem o arrematou no leilão da livraria.

Estudámos a questão do retrato, e felizmente não procurámos de balde.

As notas bibliographicas de Innocencio da Silva sobre as edições de Miranda, asseveram, como o leitor sabe, que a rarissima edição das *Satyras* (1626) contém um retrato do poeta, grosseiramente gravado em chapa de metal — noticia que o Snr. Visconde de Juromenha nos confirmou. Mas as Satyras não appareciam! Restava-nos, porém, a esperança de encontrarmos a gravura, avulsa, n'uma das grandes collecções iconographicas, do paiz ou das bibliothecas estrangeiras.

Tres circumstancias fortaleciam esta supposição. Em primeiro logar sabiamos que o Snr. Visconde vira em tempos um exemplar das Comedias (de 1622), accompanhado do mesmo retrato. Em segundo logar, presumímos que Varnhagen, *o qual nunca conheceu as Satyras*, encontrára a gravura solta. Em terceiro logar notámos que o poeta, que os contemporaneos diziam „grosso de corpo" apparecia na gravura do Panorama muito reduzido na sua estructura, magro e extremamente estreito de hombros — incongruencia que podia ter uma explicação nas dimensões apertadas do volume das Satyras. O editor mandaria accomodar o formato do retrato ao formato da edição, e um gravador menos perito executaria mal a reducção.

Examinámos bastantes colecções iconographicas existentes no paiz, e o snr. Ferdinand Denis teve a fineza de percorrer as de Pariz, na parte relativa a Portugal — sem resultado. Afinal lembrámo-nos da collecção Barbosa-Machado, offerecida pelo proprietario a El Rei D. José, e conservada hoje na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Consultámos o artigo que Innocencio da Silva (VII p. 84) consagra aos „715 *Retratos de Varões Portuguezes insignes em Santidade, Litteratura, Sciencia militar e politica*", e logo no principio debaixo do No. 1 demos com o retrato de Sâ de Miranda.[1])

É á complacencia do snr. Dr. B. Franklin Ramiz Galvão, antigo e dignissimo chefe da Bibliotheca do Rio de Janeiro, e hoje preceptor dos Principes Imperiaes, que Portugal deve o achado da velha gravura. N'uma carta particular recebemos uma descripção exacta do retrato, e mais tarde uma „*fidelissima reproducção photographica que não descrepa senão pequena cousa do original emquanto ás dimensões.*" Esta photographia, dadiva valiosa do feliz descobridor[2]), foi entregue pelo nosso prestante editor á afamada casa Bruchmann, de Munich, que se incumbiu da

[1]) V. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, vol. I p. 34 (Rio 1876).

[2]) Um exemplar foi offerecido pelo snr. Ramiz Galvão á Bibliotheca Nacional de Lisboa.

phototypia. A copia, tirada no Brazil sobre uma gravura antiga e já gasta, não permittiu á celebre officina fornecer uma obra mais perfeita e apurada — mas ainda assim será, de certo, bem vindo, aos admiradores do poeta o

„Verdadeiro Retrato de Francisco de Sâ de Miranda."

Sobre a procedencia da gravura da collecção Barbosa Machado (cujo auctor ficou incognito, porque não assignou), nada se sabe ao certo. O original tem $0^m,067$ de largura e $0^m,125$ de altura. Estas dimensões tão acanhadas predispõem em favor da hypothese já enunciada que a gravura fosse extrahida das Satyras, cujo formato typographico relembra. Seria pois identica á que Varnhagen viu e aproveitou.

As differenças que se notam entre a gravura Barbosa Machado, e a xylographia do Panorama são, comtudo, numerosas, ainda que de pouca importancia. As proporções foram levemente modificadas pelo gravador moderno, o qual cortou a parte inferior até ao contorno do braço direito, que está preso ao collar e segura um rolo de papel, emblema do escriptor, em logar de um par de luvas, que caracterizam o velho fidalgo. Prolongou, ao contrario, a linha dos hombros, arredondando o busto e amputando a mão esquerda. No collar, indicativo da Commenda da Ordem de Christo — cuja aste se destaca sobre o estofo do pelote — trocou o gravador do Panorama os anneis grossos e ovaes por outros mais delgados e angulosos.

O vestuario tambem soffreu leves alterações: o original antigo deixa reconhecer um gibão abotoado até ao pescoço, com collarinho estreito e manga justa, e por cima um pelote folgado e aberto adiante, de cabeção teso e largo e meia sobremanga golpeada. Varnhagen faz do gibão e do pelote uma unica peça, formando a abotoadura sobre a golla d'este ultimo, e recorta caprichosamente a sobremanga. Emquanto ás feições, os retoques que soffreram são bastantes; as barbas e o cabello apparecem lisas em vez de encrespadas nas pontas, etc. etc. N'uma palavra: o gravador remoçou e vulgarisou a physiognomia, tirando-lhe todos os traços caracteristicos da fina modelação, visivel na gravura original.

Parte Primeira.

Poesias que Sâ de Miranda mandou ao Principe Dom João

pela primeira vez.

O nosso MS. principia: Obras do doutor Sâ de Miranda Ao principe nosso senhor que lhas mandou pedir. — P *diz:* Obras de Francisco de Sâ de Miranda Dirigidas ao principe nosso senhor que lhas mandou pedir.

1.

Soneto I.

Ao principe nosso senhor.

1. A principe tamanho cujo rogo,
E mais aos seus, inda é mais que mandar,
Que posso i al fazer se não passar
Pola augua, polo ferro e pelo fogo?
2. Se firo, se queimo, se me afogo,
Se dou de mim ó mundo em que falar,
Levemente se pode desprezar
Tal dano! e inda mal que não foi logo!
3. Era ja tudo como encomendado
A' traça e pô da aldea e sua baixeza,
Entre teas de aranhas encantado:
4. Ja 'gora, gram senhor, tudo despreza
Quem sai á praça por vosso mandado.
Abasta o nome sô de vossa alteza.

P f. 2. A f. 1 Ao principe dom João nosso senhor quando lhe mandou pedir estas suas obras. — B f. 1 *Sem rubrica.* — 3 B Q. p. eu al. - 5 A Se me firo, se me queimo. B Se me firo ou me queimo ou se m' afogo. P Se me firo, se queimo, se me afogo. — 7 B Facilmente. — 9 A Mas era quasi tudo encomendado. — 10 A Aa traça e a não sei que com tal presteza. B A' traça, ao pô d' aldea e sua rudeza. — 11 A Com que ja quasi em pô tudo é tornado. B Entre teas de aranhas sepultado. — 14 B Basta lhe o nome s. d. v. a.

Glosas. Cantigas. Vilancetes. Esparsas. Sextinas. Redondilhas. Dialogos. Epitafios.

O nosso MS. diz: Cantigas Vilancetes Esparsas e Sonetos.

P Cantigas, Vilancetes, Esparsas, Cançõis e Sonetos. Que arremedando Horatio tudo pode passar por odas.

A *reune as cantigas etc. de* f. 148 v — 162 v *sob a rubrica:* Glosas Cantigas e Chistes ao modo italiano. De Fr. d. S. de M.

B *traz a* f. 144 *as Esparsas; a* f. 145 *as Cantigas; a* f. 152 *os Vilancetes, sem os ajuntar sob uma rubrica geral. Os Sonetos ocupão tanto em* A *como em* B *as primeiras folhas dos volumes* (A f. 5 — 16 v. — B f. 1 — 8 v).

2.

Glosa I a esta Cantiga

DE DOM JORGE MANRIQUE.

1. *No sé por que me fatigo*
Pues con razon me venci,
No siendo nadie comigo
I vos i io contra mi;

2. *Io por haver vos querido*
I vos a mi desamado,
Con vuestra fuerza i mi grado
Havemos a mi vencido.
I pues fui mi inimigo
En me dar como me di,
Quien osará ser amigo
Del enemigo de si?

Glosa.

3. Del tormento enajenado
No sé que consejo sigo:

---

1 *O* MS. *e* P f. 2v *trazem em rubrica as unicas palavras:* de dom Jorge Manrique. A f. 148v *e* B f. 159v *dizem:* Glosa como se naquele tempo costumava a esta cantiga de dom Jorge Manrique. *O* Canc. de Rez. *insere a* f. 109 *a* (Ed. Kausler II p. 316) *uma primeira redacção d' esta glosa mas que differe das posteriores tanto que vai como nova na nossa* P IV *No.* 155. *A mesma encontra se repetida no* MS. E f. 57—58. — 12—13 *O MS. diz:* Grosa de Francisco de Sâ como se aquelle tempo acustumava. AB Glosa ao custume daquelles tempos. P Glosa de Francisco de Sâ como se naquelle tempo muito acostumava. — 13 AB D. t. fatigado.

Voi me de cuidado en cuidado,
Mas, ia algo en mi tornado,
f. 1 v. *No sé por que me fatigo.*
Haze lo que suele el pesar
Desatinando me ansi,
Mas como os buelvo a pensar,
No sé de que me quejar
Pues con rezon me venci.

4. En aquella mi agonia
La verdade sea el testigo:
Triste! quien me aiudaria,
Quando io me a vos rendia,
No siendo nadie comigo?
I con esto no abastó,
(Harto mal era ello en si)
Que a mi me faltase io!
Mas no fui comigo, no,
I vos i io contra mi.

5. En verdade, cruel concierto,
(I tal nombre le es devido)
Que antrambos me haiamos muerto,
Vos por que no sé por cierto
Io por haver os querido.
Triste i como lo sabré?
Que en aquel punto ordenado
Que a vos mis ojos alzé,
A mi desamado me he,
I vos a mi desamado.

---

16 AB Mas despues en mi tornado. — 18 P Haz. — 20 AB Mas bolviendo a en vos pensar. — 23 P verdad. — 24—26 AB Ia no me quejo mas digo: Quando fué la prision mia Quien aiudar me podria? — 26 *Falta em* P. — 28 ABP I aun esto no abastó. — 29 AB Que harto mal era por si. P Que harto mal era ello en si. — 31 AB No fui comigo alli, no. — 32 *Falta no MS.* — 33 P verdad. — 33—36 AB Que dirán a tal concierto Sin mas dilacion cumplido? Entramos me havemos muerto, Vos porque no sé, mas cierto. — 34 P Si. — 35 P entramos. — 39 AB Lo mas como lo sabré. — 40 AB los ojos.

6. En el mal quando acontece,
Consuela algo el ser forzado;
Esto tambien me falece
Que el corazon se esmorece
Con vuestra fuerza i mi grado.
No digo que lo quesistes,
Quien de mi nada ha querido,
Pero vos me vencistes,
Vos i los mis ojos tristes
Havemos a mi vencido.

7. Qui lagrimas ni qui ruegos
Me ancanzaron un abrigo
En tantos desasosiegos
Pues me jugué tales juegos
I pues fui mi inimigo.
Que la razon natural,
Va derecha por aqui,
Que a los otros seré tal
Quando a mi me he hecho mal
En me dar como me di.

8. Todos andan al porvecho,
Io que a mis daños me obligo,
Bivo comigo en despecho.
De tan duro i cruel pecho
f. 2. *Quien osará ser amigo?*

44—46 AB Es consuelo el ser forzado; Tambien esto aqui fallece, Que juntamente parece. — 48—51 AB Fuerza en que no consentistes, Mas vuestro poder sabido En que venceis quanto vistes El i los mis ojos tristes. — 49 *O MS. escreve:* nadie. P, *mais correcto, escreve:* nada. — 53—54 AB Que lagrimas i que ruegos Alcanzarán un abrigo. P Que lagrimas ni que ruegos Me alcanzarán un abrigo. — 56 AB Pues acendi los mis fuegos. — 58 AB Es la razon natural. — 59 A Cada uno ansi por si. B Que cada uno sea por si. — 60—62 B Que a los otros seré qual Para mi fui se hize mal En dar me como me di. — 61 A Quando a mi mismo hize mal. — 63 P provecho. — 63—65 A Todos van al su provecho Io que a mis males me obligo, Ando comigo en despecho. — 63—66 B Todos andan a su provecho, Io solo a mi mal me obligo Por maior que es el despecho Pero de tan crudo pecho.

Mas por que digo *osará?*
I no digo antes ansi:
Qual peligro deterná
Aquel que fuiendo va
Del inimigo de si?

---

68 AB Mas que digo io: osará. — 69 A I no mucho antes ansi. B Mejor lo dijera ansi.

8.

Cantiga I.

1. Quanto mal era ordenado!
Los bienes con que naci,
Los unos me han desechado,
Otros son ia contra mi!

2. De la mi alma no sé,
No sé de mi corazon.
A la fuerza no ha i razon!
Cada uno tras vos se fue,
Vida, memoria i cuidado.
Sentidos que a vos erji,
Estos nunca me han dejado
Por seren mas contra mi!

P f. 4. J f. 22. A f. 149. B f. 148v. E f. 49. — 1 AEP me era o. B me han o. — 2—4 AB Las cosas con que naci, Algunas me han desechado, Alcanzé otras contra mi. — 4 E Los otros s. i. c. m. — 6 A Que es d' ella i mi corazon. — 10 E subi. — 12 B *acrecenta mais uma estrophe que diz:*

Dejó me mi libertad
I el amor que me tenia!
Dejó me mi alegria,
Dejó me mi voluntad!
Los ojos con que io os vi,
Vida, memoria i cuidado,
Estos nunca me han dejado
Por seren mas contra mi.

4.

Esparsa I.

Porque podera abafar
Ouvindo o que nace mudo
Com desejos de falar,
Antes se lhe nega tudo.
Ora havendo de nacer
De ouvir de ver tal desejo,
Por que ouvi, se vos não vejo
Nem vos espero de ver?

P f. 4v. J f. 22. A f. 149v. B f. 144. E f. 48v *e em redacção completamente differente (que seria a primeira) no* C. de R. f. 109 f. (K. II 322). *V.* P IV. No. 156. — 4 B negou. — 6 AB De ouvir de vos tal desejo.

5.

Cantiga II.

1. Señora, oid la mi suerte,
Ved la vuestra crueldad:
Por no pedir os piedad,
Antes la pido a la muerte!

2. Es mi corazon caido
En tanta cuita i desmaio!
Pues que nunca os ha movido,
Antre la muerte lo traio.
Mas no sé como concierte
Tan grande contrariedad
Que me hazeis pedir piedad
Contra la muerte a la muerte.

P f. 4v. J f. 24v. A f. 149. B f. 148 (142 Err.). E f. 49 *e no* C. de R. f. 111 a (K. II 323) *em redacção completamente differente. V.* P IV. No. 157. — 2 AB I de vuestra crueldad. — 5 ABEP El mi c. c. — 8 ABEP Ante. — 10 ABE desigualdad. P Tan grave contrariedad, — 11 *Em* P *falta:* pedir.

6.

Cantiga III.

1. Ja 'gora quem me dirá
Que é de mim? se não estou,
Como ouvi que dizeis, la
E eu ca comigo não vou?

f. 2 v. 2. Inda que me eu ca não via,
Passava indo a boa lei,
Crendo que, onde vos deixei,
A vos e a mim me acharia.
Agora quem me dará
Novas de mim onde estou
Pois dizeis que não sou la
E eu ca comigo não vou?

P f. 5. J f. 23 v. A f. 149 v. B f. 145. *A redacção dos textos* AB *é igual entre si mas completamente differente da supra citada e de outra que se encontra no* C. de R. f. 109 f. (K. II 323) *e que vem repetida e atribuida a Christovão Falcão nas Obras d' este autor.* *V.* P IV. No. 158 *e* 159. — 4 vou *falta no MS.*

7.

Cantiga IV.

1. Puede se esta llamar vida
A la qual se entra llorando,
Que se pasa sospirando,
Por la muerte es la salida?

2. Por lo qual io sin ventura
Con gran cuita he deseado
Que huviera sido llevado
Del parto a la sepultura.

P f. 5 v. A f. 149 v. B f. 148 v. E f. 48 v. — 3 B I se p. s. — 4 AB La muerte es la su salida. — 8 *O MS. escrevera:* puerto.

Por esta noche complida
No viendo, mas apalpando
Voi me asi devaneando
Entre la muerte i la vida.

9—10 A Tal esperanza perdida Io no sé tras que ando B Toda esperanza perdida Io no sé loco tras que ando. *Os dous versos do MS. estão transpostos em* E.

8.

Esparsa II.

Tornou se me tudo em vento
Em fim de muito tormento
Que eu passei cuidando em al!
Vejo que foi cedo o mal
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganado
Vejo vir males maiores.
Oh tempo! a que são chegado!
Que posso doer ás dores
E dar cuidado ao cuidado.

P f. 5v. J f. 6. A f. 149v. B f. 144v. E f. 48v *e no* C. de R. f. 110b (K. II 325) *em redacção completamente differente. V.* P IV. No. 160. — 1 E T. se tudo e. v. — 2 ABE Apos tormento e tormento. — 4 ABE Em fim veio (*i. e.* veo *ou* vejo?) cedo o mal. — 8 BE O tempo em q. sou ch.

9.

Cantiga V.

1. Mal de que me eu contentei,
Ja a conta por feita está;
Agora desançarei.
Se me segue, matar me ha,
Se me deixa, matar me hei.

P f. 6. J f. 23v. A f. 150 (140 Err.). B f. 149. *Outra redacção completamente differente encontra se em* E f. 49v *e no* C. de R. f. 109e (K. II 321). *V.* P IV. No. 161. — 2 A Contas rematadas ja. B A conta feita está ja. — 4—5 A Esta dôr me matará, Se não eu me matarei.

2. Nas cousas que não têm meo
É escusado cansar mais,
Ir d' esperança em receo
E de sinais em sinais.
Em vão ca e la cansei,
Tudo me é tomado ja;
Esta dôr me matará,
Sem ela não vivirei.

---

6 AB não ha meo. — 7 B Escusado é. — 8 AB Ir de receo em receo. — 8—9 B *intercala:* Espreitando o bem alheo. — 12 AB Agora descansarei. — 13 A Ou me este mal matará. B Que este mal me matará. AB *acrecentão:* Se não eu me matarei.

10.

f. 3.

Cantiga VI.

1. Nacido e criado em meo
De dôres, fez se a dôr tal
Que pode chegar o mal
Onde não pode o receo.

2. Que se eu podera algũa ora
Em tanto tempo esperrar
De ver tamanho pesar,
Podera o sofrer agora.
Mas, que farei se a ser veu
Crecendo sempre a dôr tal
Que passou muito o sinal
Que antes posera o receo?

P f. 6. J f. 21. A f. 150. B f. 145 v. — 1 A Criado sempre no meo. — 6 AB cuidar. — 9—10 B M. q. f. se a dôr veu Crecendo a fazer se tal. — 10 A Crecendo a dôr a ser tal. — 11 AB Que pos avante o sinal. — 12 A Donde o posera o receo.

11.

Cantiga VII.

1. Comigo me desavim,
No estremo som do perigo;
Não posso aturar comigo
Nem posso fugir de mim.

2. Com dôr da gente fugia
Antes que esta assi crecesse;
Agora ja fugiria
De mim se de mim pudesse.
Que meo espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo
Se trago a mim comigo,
Tamanho imigo de mim?

P f. 6v. J f. 21v. A f. 150. B f. 145v. E f. 49v. C. de R. f. 109e (K. II 320) *e nas Obras de Crisfal atrib. a Christovão Falcão.* — 2 AB Sou posto em todo perigo. ERC Vejo m' em grande perigo. — 3 ABRC Não posso viver comigo. — 5—6 ERC Antes que este mal tivesse Da outra gente fugia. — 9—11 ERC Que cabo (C Que gloria) espero ou que fim D' este cuidado que sigo Pois trago a mim comigo. — 11 A Pois que trago a mim comigo. B Pois me levo a m. c.

12.

Cantiga VIII.

1. A esperança é perdida,
Tudo veu a falecer,
E o que fica da vida
Ficou pera me eu perder.

2. Aquela esperança minha
Assim fraca e vã como era,
Cos olhos que n'ela tinha
Mil anos me sostivera.

P f. 7. A f. 152v. B f. 147. E f. 49. — 1 AB Toda esperança é p. — 3 B E o que inda f. d. v. — 4 B Ficou para mais p. — 6 A falsa. E Asi fraca e como era. — 7 AB que eu n. t. — 8 AB A todo mal me atrevera.

Ei-la de todo perdida!
Far me hão mui asinha crer
Que i não ha mais n'esta vida
Se não nacer e morrer.

---

9 A Ora ela é toda perdida. B Ora ela está ja perdida. — 10—11 AB Mas não me hão de fazer crer Que não ha m. n. v. — 11 E Que ahi não ha m. n. v.

13.

Cantiga IX.

f. 3v. 1. Por estes campos sem fim,
Em que a vista assi se estende,
Que verei, triste de mim,
Pois ver vos se me defende?

2. Todos estes campos cheos
São de dôr e de pesar
Que vem pera me matar
Debaixo de ceos alheos
Em terra estranha e mar.
Mal sem meo e mal sem fim,
Dôr que ninguem não entende,
Atê quam longe se estende
O vosso poder em mim!

P f. 7. A f. 152v. Cantiga feita nos grandes campos de Roma. B f. 147. — 6 AB São de saudade e pesar. — 9 AP e em mar. *O verso falta em* B. — 10 B M. s. m. mal s. f. — 11 B não na entende.

14.

Vilancete I.

1. Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarei
Tam mal como vos tomei.

P f. 7v. J f. 21v. A f. 150. B f. 152. E f. 54.

2\. Que vida ha de ser a minha
Por tempos nem por mudanças
Que possão vir? que não tinha
Mais bem que estas esperanças.
Agora ás desconfianças
E sospeitas que farei?
Com que lhas defenderei?

3\. Trabalhos desenganados,
O tempo ó menos vos canse!
Partão cuidadas e vâm se!
E porem, oh que cuidados!
Mas deixem me erros pesados,
Em que eu por meu mal entrei
E por meu mal sairei!

6 *O MS. escreve:* possa. B Q. p. v. pois não tinha. — 9 BEP Ás sospeitas. — 10 B Como me d. — 11 AB Conselhos mal atinados. — 14 B Mas porem. — 15 AP passados. B Deixemos erros passados. E Mas deixemos erros passados.

15.

Vilancete II.

1\. Que mal avindos cuidados
Me tomárão antre si!
Nunca tais cuidados vi!

2\. A minha alma não repousa
Nem de noite nem de dia;
Dentro n'ela contraria
Toda cousa a toda a cousa;
O cuidado, que mais ousa
E que mais confia em si,
Ora é assi, ora assi.

P f. 8. J f. 22v. A f. 150v. B f. 152. — 6 B Dentro d'ela. — 10 A e ora asi.

3. Que me quer este receo
Sobre tantos meus agravos?
Tem me tomados os cabos
E os males meus não têm meo.
Ja não confio nem creo,
E ja confiei e ja cri:
Mal assi e mal assi.

f. 4. 4. Se esperanças inda i houvesse
(Que por tempos se faria)
Que ũa ora me não temesse,
Isto me sastifaria.
Mas eu não sei por que via
Se possa fazer que assi
Não moura como vivi.

---

11 AB Inda sobre meus agravos. — 13 AB Não tendo meus males meo. — 16 ABP Ja c. — 18 AB Inda se isto ser podesse. — 19 ABP tempo. — 21 ABP descansaria. — 22 AB Mas não vejo por que via.

16.

Esparsa III.

Que la mi vida se asuele
Sin razon que ansi lo quiera!
Io me pene, io me muera!
Que nadie no me consuele,
Ni porque ansi me acontece
Ninguno me lo demande!
Que en toda cosa mui grande
Toda razon desfalece.

P f. 8v. A f. 153. B f. 145. — 2—3 B Razon es que ansi lo quiera I que pene i que me muera. — 5 A I porque. B I el porque esto acontece. — 7 *Falta em* A. — 7—8 B Que si el mal parecer grande, Gran causa no le fallece.

17.

Vilancete III.

1. Em pago de tanta dor,
Se verei inda algum dia
Que não vo-lo merecia?

2. A vos, senhora, aprouvesse
De haver esta minha fe
Ũa ora sô antes que
Morresse! e despois morresse!
Quem por isso olhos tivesse,
Com todo mal poderia
Esperando aquele dia.

P f. 9. *Falta em* A. B f. 152 v. E f. 54. — 1—3 B Em pago d'aquela dor Que eu tam mal vos merecia, Se verei inda algum dia? — 2—3 P Se vereis inda algum dia Que não vo-la merecia. — 4 B Se vos s. a. — 5 BEP De ver. — 6 E Ũa sô ora a. q. — 7 BE Morresse, despois m. — 8 EP olho. — 8—10 B Quem tal esperar pudesse Com todo o mal poderia Cos olhos n'aquele dia.

18.

Cantiga X.

1. Até quando me tereis
N'esta dor que por vos quis?
Os serviços que vos fiz
Quando mos perdoareis?

2. Não ser vosso não é em mim.
Isto quereis mo acoimar?
Que perdão posso esperar
Pera a alma, vossa sem fim?
Se me tanto mal fazeis
Por serviços que vos fiz,
O bem que vos quero e quis,
Quando mo perdoareis?

P f. 9. J f. 21. *Falta em* A. B f. 151 v. E f. 49. — 8 BE Se esta alma é vossa sem fim.

19.

Cantiga XI

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *La que tengo no es prision,*
Vos sois prision verdadera:
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis mi corazon.

f. 4v. 2. De la gente que aqui viene
A ver me, de risa muero;
Rio me del carcelero
Que piensa que aqui me tiene.
Ven i miran la prision,
Ven los fierros por de fuera,
No ven caduno que ende era
Donde era su corazon.

P f. 9v. A f. 153 A esta cantiga velha. B f. 149 Alhea. E f. 51v Cantiga. — 1 AB io tengo. — 3 *O MS. escreve:* Esto. — 5 *A rubrica de* A *diz:* Por don Fernando de Lima *e atribue a Sâ outra estrophe que falta no nosso MS.* — B *não tem rubrica alguma, o que quer dizer que aceita as duas estrophes como sendo de Sâ.* — *O MS. e* E *dizem ser a primeira estrophe de Sâ e não trazem outra.* — 6—7 A Entre mi de risa muero I del ciego carcelero. — 8 E piense. — 9—10 A Solamente la prision I hierros ven como quiera. B Viene i mira la prision Ve los hierros p. d. f. E Ve i mira la prision Ve los hierros como quiera. — 10 P Ven los fierros como quiera. — 11 P que onde era. B Mas no ve que cada uno era. E No ven cadaun quien era *Todas as tres licões parecem corruptas.* — 12 AB *têm mais uma estrophe que diz*

Toda vista, por mas clara
Que sea, ha por torcida
Sea remo o sea vara,
Si está en el agua metida.
(B O remo sea, o sea vara,
Si está en el agua metida,
Qualquiera vista, por clara
Que sea, la ha por torcida.)
No os engañe mi prision!
Aunque el cuerpo aqui se muera,
Buscad me alli (B alla) por de fuera
Por donde anda el corazon.

20.

Cantiga XII.

1. Ũa morte hei de morrer;
Que faz mais assi que assi?
Isto não posso sofrer
Haverem se de perder
Os olhos com que vos vi.

2. Os olhos por quem passárão
Os vossos ao coração
Onde pera sempre estão,
Que me sómente ficárão,
Me fora alto quinhão!
Mas se inda os hei de perder
Alem de quanto perdi,
Acabarei de morrer,
Acabarei de saber
Pera quanto mal naci.

P f. 10. J f. 24v. A f. 153. B f. 149. E f. 49v. — 6 ABE por que p. — 9—10 A Sós estes que me ficárão Fora a minha salvação. B São estes que me ficárão Para minha salvação. — 10 P forão. — 12 AB Afora quanto perdi.

21.

Cantiga XIII.

1. Pois meu mal, com quanto é,
Vossa crueldade é môr,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fe de tal fe.

2. Vistes passar tantos anos,
Durou sempre este cuidado;
Não estranheis desenganos
Em homem tão enganado.

P f. 10. J f. 2. A f. 153v. B f. 147. E f. 50. — 2 AB Inda a cr. é m. — 5 E tantos de anos. — 6—7 A *intercala* Que nunca se viu mudado. — 7—8 B Mas de homem desenganado Nunca e. d.

Assi sem causa ou porque,
Tras um mal outro pior!
Mas de mim seja o que for
E ao menos salve se a fe.

---

9 BE Que sem causa e sem porque. — 9—10 A Sem causa, assi sem porque Traz um mal outro mal môr. — 10 B Tras um mal outro mal môr. EP Traz um mal outro maior. — 12 A Lembre que foi pola fe. B Lembre sô que é pola fe. E Ao menos s. s. a f.

22.

Esparsa IV.

Como não quereis que seja
Meu perigo em todo estremo
Se minha alma assi deseja
Tudo o de que me eu mais temo?
E pera môr meu tormento
Cego, triste e enlheado,
De quanto tinha roubado,
Ficou me o conhecimento.

P f. 10v. A f. 153. B f. 144v. E f. 48v. — 4 A *Falta:* eu. — 6—7 A Assi cego, assi enlheado De tudo o al foi roubado. — 6—8 B Assi cego, assi alheado De tudo o al fui roubado Se não do conhecimento.

23.

Cantiga XIV.

f. 5. 1. Sortes e venturas são
Nos males que me fazeis;
Se tendes porque, se não,
Sô sois a que o sabeis.

P f. 11. J f. 24. A f. 150v. B f. 145v. E f. 50. — 2—3 A No mal que me assi fazeis; Se tendes causa ou não. B Os males q. m. f. Se tendes rezão, se não. — 4 AB Senhora, vos o sabeis.

2. Por isso, quanto padeço
E o mais (que inda mais espero),
Quero o, se o mereço,
E se não, tambem o quero.
E que agora o não cuideis,
Dias e anos farão
Que o que sem rezão fazeis,
Inda julgueis por rezão.

5—7 B Posto que eu quanto padeço C'o mais que de vos espero Quero o se vo-lo mereço. — 6 A E o mais que de vos espero. — 9 A Que agora mal o cuideis. — 10 AB Anos e tempos farão. — 11—12 B Que o que por rezão haveis Inda hajais por sem rezão.

24.

Cantiga XV.

1. El agravio que recibo
De quien io menos diviera,
Dejad que llore siquiera,
Ia que pera mas no bivo.

2. Alivio sea o salida
Al dolor; esto que os cuesta
Que no pase a la otra vida
Con tanta querella d'esta?
Mientras de mal tan esquivo
Mas mal no quiere que muera,
Dejad me llorar siquiera
Por que tenga algo de bivo.

P f. 11. A f. 150v. B f. 148v. E f. 50v. — 3 AB Dejad me llorar siquiera (B Deja. *Leia se* Deja). — 7 A al otra v. — 9 P De un mal. — 11 B Deja me ll. s. — 12 AB Terné (B Tendré) solo esto de bivo.

25.

Cantiga XVI.

1\. Ja 'gora tempo seria
Que visse tal vaidade
Aquela cega vontade
Que tão cegamente guia.

2\. Estando ás contas comigo,
Boa é de ver a rezão:
Por mimos do coração,
Inda tudo pior sigo.
Vou me assi de dia em dia
Olhos de longe á verdade,
Entretanto esta vontade,
Minha guia cega, guia.

P f. 11 v. J f. 4. A f. 150v. B f. 146. E f. 51. — 1—2 AB Rezão e tempo seria De ver sua vaidade. — 2 *O MS. escreve:* verdade. — 5—6 AB Que (B Se) podera um grande imigo Fazer mais? certo é que não. — 7—8 *Andam transpostos em* B. — 8 ABP tudo o pior s. E De tudo o pior s. — 12 AB Assi cega guia guia. E Minha guia sege (*sic*) a guia.

26.

Vilancete IV.

A ESTE CANTAR VEHLO:

1\. *Todos vienen de la vela*
I no viene Domenga.

2\. Toda persona bolvió,
Que parado he mientes bien;
Una falta, i es por quien,
Quanto a mi, nadie tornó.

P f. 12. J f. 4v. A f. 151 A este vilancete velho. B f. 152v Vilancete alheo. E f. 52 A este c. v. — 1 AB villa. — 2 AP No viene Domenga. B Solo n. v. D. — 3 A Quanta zagala tornó. B Toda persona tornó. — 4 A Ahotas que io las vi bien. — 6 AB bolvió.

Que me haré cuitado io
Con que la vida sostenga
Hasta que mi vida venga?

8 A defenda. — 9 B H. q. Domenga venga.

27.

f. 5v. **Esparsa V.**

Do passado arrependido,
Seguro de outro erro tal,
Seja o perdido perdido
E do mal o menos mal.
Faça se o que vos mandais,
Não nos ouça mais ninguem,
Que do mal vosso e do bem
Não sei qual quisesse mais.

P f. 12. J f. 4v. A f. 151. B f. 144v. E f. 48v. — 6 P vos.

28.

Cantiga XVII.

1. Nada do que ves é assi,
Tras os olhos não te abales,
Olha que não es em ti.
Tudo é: tirem me d'aqui
Matem me n'essoutros vales.

2. Isto que te assi parece
Pôr ti ha em fatiga vã,
Que de fora resplandece,
Dentro não ha cousa sã.

P f. 12v. J f. 2. A f. 151v. B f. 146. E f. 50v. — 3 *Falta em* AB. — 4 A Tudo é: mudem me d'aqui. — 6—8 AB Posto que al te assi pareça D'este sonho e mostra vã, Por defora resplandece.

Cuidado cego, apos ti
Corri montes, corri vales.
Que ganhei triste ou que vi?
Deixa me acabar ja assi,
Não me mandes ver mais males.

10—11 *Estão transpostos em* AB. — 10 B Cego cuidado. — 12 *Falta em* AB. — 13 AB Deixa me morrer ja assi (B aqui). E Deixai me a. j. a. — 14 E Não me mandeis.

29.

Vilancete V.

A ESTE CANTAR VELHO:

1\. *Por malos embolvedores*
Perco triste meus amores.

2\. A um descanso que eu tinha,
Ũa sô triste esperança,
Donde veu tam azinha
Ũa tamanha mudança?
Que se fez da confiança
Com que nos males maiores
Eu passava as minhas dores?

3\. Males que eu tanto estimava
Quem se nos meteu no meo
Em tempo que eu mais andava
Sem sospeita e sem receo?
Oh engano e oh enlheo!
Que engeitão os servidores
E querem antes senhores.

P f. 12v. J f. 3v. A f. 151 A estoutro vilancete tambem velho. B f. 153 Vilancete alheo. E f. 52v A este cantar velho. — 2 AB Pierdo. triste mis amores. — 3—4 AB A um sô descanso q. e t. E (B: A) uma sô esperança. — 6 A Assi t. m. — 8—9 AB tormentos môres Eu sufria a. m. d. — 9—10 AB *têm as estrophes 2 e 3 transpostas.* — 13 E sospeitas. — 14 B Que grand' engano, que enleo ?

4. Se havia o ser de ser tal,
O milhor fora o não ser,
Houvesse me enveja ó mal
Que outrem não podia sofrer!
E eu vejo vir a correr
Sobre mim os matadores
E fugir os valedores.

---

18 ABE Milhor f. antes n. s. P O milhor fora n. s. — 20 A pode. P podrá. B Que ao bem mal pudera ser. E Que o. mal podera sofrer. — 21 B Ja vejo. — 22 AB meus matadores. — 23 E aos valedores.

30.

f. 6.

Vilancete VI.

FEITO POR OUTRO VELHO QUE DIZIA:

1. *Coração onde estivestes*
Que tam maa noite me destes?

2. Toda a noite pelejei
Eu que ja mais não podia;
Busquei vos, não vos achei.
Sem vos eu sô que faria?
Destes me dores de dia:
Pelo que assi me fizestes
De noite dores me destes.

P f. 13v. J f. 5 Vilancete por outro velho que diz: Serrana etc. A f. 151 v. Vilancete por outro que diz: „Serrana onde jouveste" feito meo dormindo. B f. 153 Vilancete. E f. 52v. A este cantar velho: „Serrana, onde jouvestes." — 1 AB Coração onde jouvestes. — 1 E jouveste. — 2 E deste.

31.

Esparsa VI.

Todas as cousas têm cabo,
Seja paz, quer seja guerra.
Olhai que brada da terra
O meu sangue e o meu agravo.

P f. 13v. J f. 5v. A f. 152. B f. 144v. E f. 48v. — 2 B ou seja g.

Cada ora em tudo ha mudança;
Virá apos esta outra tal
Fazer justiça e vingança.
Negra da minha esperança
Que me doi mais que meu mal!

9 B o meu mal.

32.

Cantiga XIX.

1. Foi me grande agravo feito!
Ser me hia ora mao de crer.
Quem o fez, pode o fazer
Ou a torto ou a dereito.

2. Estava ordenada ũa ora,
Veu e não houve i tardança,
E levou me ũa esperança
Que, se não fora, eu não fora.
Que remedio ao ja feito?
Feze o quem tinha o poder.
Eu que posso i al fazer
Que gemer dentro em meu peito?

P f. 14. J f. 5 v. A f. 151 v. B f. 146. — 2 A mal. — 2 AB Quem mo fez. — 6 B Veo, não h. i t. — 7 A E levou ũa e. — 9—10 AB ao que é ja feito? Quem o fez, tinha o poder. — 11—12 B Eu ja que posso fazer Mais que gemer em meu feito? — 12 A Se não gemer em meu peito?

33.

Cantiga XX.

1. O coração que vos ve
Aos olhos que vos não vêm
Não-nos culpem, que não têm
Algũa rezão por que.

P f. 14. A f. 152 v. B f. 146 v. — 3 A Não m'os culpe. P Não vos culpem.

2. Cada ora estes olhos canso
Por estes montes arriba
Que á vista curta e cativa
Tolhem todo seu descanso.
f. 6v. Deixem-nos cegar, que têm
Olhando rezão por que:
O coração que la é
Os tristes chorão d'aquem.

---

10 AB Chorando. — 11 AB Buscou vos a alma e la é. — 12 B Eles ca chorão d'aquem.

34.

Vilancete VII.

1. Deixai me minha tristeza
Que ja 'gora outra alegria
De môr perigo seria.

2. Os males acustumados
O mesmo custume os cura.
Bens tão vãmente esperados,
Quem os sofre? quem atura
Se não desapaixonados?
Criei me com meus cuidados,
Ja 'gora não saberia
Tomar outra companhia.

P f. 14v. A f. 152v. B f. 153v. E f. 54. — 1 AB as minhas tristezas. E P a m. t. — 3 AB Maior perigo seria. — 4 A Aos males. — 5 A é cura. — 7 A e quem atura. B quem os atura. — 8 *Falta em* B. — 11 AB Andar n'outra companhia.

35.

Cantiga XXI.

1. Tudo passa n'um momento,
Vive sempre este cuidado
Que o meu coração coitado
Câ ora põi a tormento.

P f. 15. J f. 3. A f. 153v. B f. 147v. E f. 50v. — 1—4 AB Tudo passa como um vento Um mal sempre me é presente Que ó coração inocente Cada ora põi a tormento.

2. Ás voltas com as sospeitas,
Contas fiz, contas desfiz;
Estas, despois que as fiz,
Forão pera sempre feitas:
Jaz alto seu fundamento!
De mãos e de pês atado,
Por um coração culpado
Moura um sem culpa a tormento!

5 A Aas voltas coas sospeitas. B c'umas s. — 7 B Mas estas. — 10—12 AB N'este bravo fogo ardente Por quem culpado se sente (B culpa d'oje sente *lição corrupta! Leia se:* culpado se sente) Moura o s. c. a t.

36.

Vilancete VIII.

1. O meu mal pude o sofrer;
Este, por que todo é vosso,
Que vos não doa, não posso.

2. Vos passai-lo alegremente;
Mal hajão os maos sinais.
Que então são eles mortais
Quando homem seu mal não sente.
Não sentis ainda ao presente
Quanto vos custa este vosso:
Assi quero, e assi posso?

3. Mas se ahi ha peso e medida
Nem de todo é tudo vento,
Tambem o meu sentimento
Deve ser sinal de vida.
Mas esperança comprida
Por que? eu esperar não posso,
Não por mim, mas polo vosso!

P f. 15. J f. 2v. A f. 153v. B f. 154. E f. 54. — 2 A Com este que todo é vosso. — 6 *O MS. escreve:* serão. — 8 A Vos não sentis ó presente. BE Nada sentis ao presente. — 11 AP Mas se i. — 12 AE tudo é vento. — 14 B Pode ser s. d. v. — 15—16 AB Oh esp. c. Que eu sômente polo vosso. — 17 A Tanto esperá-la não posso. B Esperar tanto não posso.

87.

Cantiga XXII.

f. 7. 1. Ja ledo em males sem cura,
Dos desejos trasportado,
Querendo e sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado.

2. Assi me têm repartido
Estremos que não entendo;
De toda parte corrido,
De todas desacorrido,
De nenhũa me defendo.
A vida está mal segura,
Eu tenho outro môr cuidado:
Que mal em tanto estimado
Que n'esta desaventura
Me faz bemaventurado!

P f. 15v. J f. 8. A f. 154v. B 149v. E f. 50v. C. de R. f. 110b (K. II 325). — 1—2 AB Ledo em meus males sem cura, E nos descansos cansado R Ledo em minha tristura, Em meus descansos cansado. — 3 E Querendo, sendo forçado. — 5 ABPR Ora me mata cuidado. — 7—8 BE Estremos que não me entendo. De toda a parte corrido. — 8 R De todas partes corrido. — 9 A desocorrido. BEP De toda desacorrido. — 10 BE Em nenhũa me defendo. — 11 R A vida não está segura. — 12 B Mas eu quero este cuidado. — 13 AB Que mal tam bem estimado. R O mal tam bem estimado. — 14 B Em tanta desaventura. R Que em tanta desaventura.

88.

Esparsa VII.

Não vejo o rosto a ninguem,
Cuidais que são, e não são.
Sombras que não vão nem vêm
Parece que avante vão.

P f. 16. J f. 5. A f. 152. B f. 144v. E f. 48v. — 1 E N. v. rostro a. n. — 3 AB Homens que.

Antre o doente e o são
Mente cada ora a espia;
No meo do craro dia
Andais antre lobo e cão.

5—8 B Entre o doente, entre o são Mente cada passo a espia E ás oras do meo dia Andais entre o lobo e o cão. — 7 A Na meta do meo dia.

39.

Esparsa VIII.

A ũa obra intitulada „Bula de amor".

A vossa bula de amor
Não é pera toda a gente:
Perdoa a culpa sômente,
A pena não, nem a dor.
E assi faz amor com ela,
Que com esperança incerta
Traz ó mar e morte certa
Leandro, e Hero â janela,
Assi que de amor e d'ela
Mais se abarca que se aperta.

P f. 16v A ũa obra intitulada da Bula d'amor. *Falta em* A. B f. 144 *sem rubrica. Compõe se de sô* 8 *linhas.* — 1 B A nossa bula do amor. — 5 P com' ela. — 5—8 B Assi faz amor com ela Que com ũa esperança incerta A Leandro Hero á genela Tras o mal, é a morte certa (*Sic! Leia se:* Traz ó mal e á m. c.). — 10 P abraça.

40.

Cantiga XXIII.

1. Cego d'este meu desejo,
Mal dos males, môr dos môres,
Que não daria estas dores
Por quantos prazeres vejo.

P f. 16v. A f. 152. B f. 146v. E f. 51. — 3 A Quem.

2. Meu mal tudo tem por si:
Tam cegamente deseja
Que inda no mundo não vi
Cousa de que houvesse enveja:
Teve o meu mal os seus meos
De aprazerem suas dores;
Porem trago os olhos cheos,
Que hei de ver inda outros môres.

7 A Quem. — 7—12 AB Que inda não vejo nem vi Cousa que me faça enveja. Teve este mal os seus meos Com que aprouve a sua dor, Mas trago inda os olhos cheos, Que hei de ver cedo outro môr. — 9 E Teve o meu mal seus meos. — 12 E Que hei de ver cedo outros môres.

41.

f. 7v.

Vilancete IX.

1. Os meus castelos de vento
Que me em tal cuita pusestes,
Como desaparecestes!

2. Armei castelos erguidos,
Esteve a fortuna queda,
E disse: gostos perdidos,
Como is a dar tam gram queda!
Mas, oh cego entendimento,
Em que parte vos pusestes,
Que então não me socorrestes!

3. Caírão me tam azinha,
Caírão me as esperanças;
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha.
Castelos sem fundamento,
Quanto que me prometestes!
Quanto que me falecestes!

P f. 17. J f. 6v. A f. 152. B f. 153v. E f. 54v. — 2 AB Que em t. c. me posestes. — 3 AB Como me (B Como ja) vos desfizestes! — 3—4 *As duas estrophes estão transpostas em* B. — 5 E Esteve f. q. — 8 AB fraco ent. — 10 ABE me não. — 11—12 AB Caistes me tam azinha, Cairão as esp. — 13 E E isto. — 16—17 P Quanto me prometestes, Quanto me falecestes!

42.

Vilancete X.

1. Acustumei me a meus males:
E eu assi acustumado a eles,
Andão por me apartar d'eles.

2. Não ha a furtuna vergonha
Do mal que me assi fazia;
Ha medo de ũa pezonha
De que eu ja agora bebia.
Quando os meus males sentia,
Quando me queixava d'eles,
Deixava me jazer n'eles.

3. Agora que o custume
(Que al não) mos tinha abrandado,
Vírão me andar sem queixume,
Provão me no meu cuidado.
Que bem é de acustumado
O's males, calar com eles!
E assim me matem por eles!

P f. 17v. A f. 160v Vilancete seu. B f. 157v Vilancete alheo. E f. 54v. — 1 *No nosso MS. falta:* me. P ós meus males. — 1—2 A Ac. me aos meus males Eu assi ac. e eles. — 2 B E ja a. — 4 P Não ha f. v. — 4—6 AB Ah que cruel tirania! Não sei que nome lhe ponha; Não me doi de ũa peçonha. — 6 P Ha me dóo. — 7 A De que ja 'gora vivia. BP De que eu ja 'gora vivia. — 8 B meus males. — 10 AB Lá me aviesse com eles. — 11—12 A Despois que se ía mais brando Fazendo o mal por custume. B Mas despois que ja mais brando Sentia o mal por custume. — 14 AB Matão me remedios dando. P Prova me. — 15—17 AB Tudo se vai revezando, Males que tremia ante eles, (B eu d'eles) Mouro de (B com) saudade d'eles. — 15 E Que bem que é custumado. — 17 EP Que assi me afrontão per (P por) eles.

43.

Esparsa IX.

Quando nos meus erros cuido,
No meu craro e longo engano,
Levemente passo o dano
A par de tanto descuido,
Passando a força de braços
Por ums e outros empeços.
Quam mal por estes espaços
Dizem as fins cos começos!

P f. 18. J f. 3. A f. 153v. B f. 145. E f. 48v. — 6 AB Por ums, por outros empeços. — 7 AB Q. m. que n'estes espaços. — 8 BE os fins.

44.

Vilancete XI.

f. 8. 1. Estes meus olhos que assi
Lisonjeão de vontade,
Se me falarão verdade?

2. Medo hei que ma não falem,
Não me fio do que vejo,
Que são segredos do desejo
Contra quem olhos não valem.
Não são pera mais que assi
Andar ao som da vontade,
Chorar á necessidade.

P f. 18. J f. 3v. A f. 154. B f. 154. E f. 54v. — 2 A a vontade. B á v. — 3 B lhe. — 4 AB Hei medo. — 5 ABE no que vejo. — 6 A cousas do desejo. BEP São s. d. d. — 10 B Chorando a necessidade.

45.

Cantiga XXIV.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Como no se desespera*
Quien se ve como me veo?
Tan lejos de do deseo,
Tan cerca do no quisiera!

2. Triste, que ha de ser de mi?
Como bivo sola una ora
Cansado i corrido ansi
De lo que me veo aqui,
I lo que he visto alguna ora?
Mi esperanza lisonjera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis? que no veo
Por que ia la vida quiera.

DE PEDRAZA:

3. *Los males de los ausentes*
Sanan cosas de presencia;
Mas a mi, enfermo de ausencia,
Matan me cosas presentes.
Pues estoi do no diviera
I lejos de do deseo,
No llegara a do me veo,
O nunca de alla partiera!

P f. 18v. J f. 7 Cantiga de João Crú fidalgo galego. A f. 154 Cantiga de João Cru. B f. 149v Cantiga alhea. E f. 51v C. A. — 2 B como io me veo. — *As estrophes* 2 *e* 3 *estão transpostas em* A: *e estão com as rubricas seguintes:* ajuda do dito Pedraza *e* ajuda de Fr. de Sâ. — BE *andam faltos da ajuda de Pedraza.* — 7 *Falta em* AB. — 8—9 B Viendo qual me veo aqui I qual me he visto alguna ora. — 11 *Falta no nosso MS.* — 13 AB Por que la vida ia quiera. E Por que a la vida quiera. — 13—14 *O nosso MS. e* P *têm aqui a rubrica seguinte:* Ajudou Pedraza que no Cancioneiro Geral se chama Costancio. E foi a milhor de todas ao menos a primeira parte.

46.

Cantiga XXV.

1. Olhai a camanha estreita,
Senhora, minha alma é vinda:
Na vida ha infinda sospeita,
Na morte suidade infinda!

2. Quem me dará novas penas,
Inda que tudo me tolha,
Com que voe, e que me acolha
Do meo de tantas penas?
Mao sopê e mâ dereita
Causão tanta ida e vinda:
Da vida lança á sospeita,
Da morte suidade infinda.

P f. 19. A f. 154v. B f. 147v. — 2 A S. é minha alma vinda. — 3 A Na vida tanta sospeita. B Na vida infinda sospeita. *O MS. escreve:* vinda, *em lugar de:* vida. — 4 AB saudade. — 6 A me tudo. B Inda que o mais tudo tolha. — 9 AB A saida agra e estreita. P ereita. — 10 B Causárão tanta ida e vinda.

47.

Epitaphio I.

A' sepultura de Pedraza de que acima é dito.

f. 8v. Alma que en tan pocos dias
Tal nombre i tal fama has dado
Al cuerpo aqui sepultado,
Que a otra parte rejias,
Aqui la carne pesada,
la tierra, espera por ti.
Alma bien aventurada,
Esto no te cumple nada.
Los hombres piensan que si!

P f. 19v. J f. 6v A' sepultura de Pedrasa. A f. 154. B f. 158. AB Na sepultura de Pedraza que no Cancioneiro geral (A: de Castella) se chama Constancio. — 1 AB breves dias. — 8 AB En esto no te va nada.

48.

Epitaphio II.

A outra sepultura. D'ũa dama.

De tam pouca terra satisfeita jaz
A quem toda ela não merecia
Aquela que triste ou leda como ía
Assi punha tudo em guerra ou em paz.
Levou no-la a morte cruel, que desfaz
As melhores cousas com maior presteza.
Ah morte! oh mundo! a tua riqueza,
De quam pouca terra satisfeita jaz!

P f. 19v. J f. 7v Na sepultura de ũa dama. A f. 154v. B f. 158v. *Ambos dizem:* A' sepultura de ũa dama. — 1 ABP quam. — 2 *O MS. escreve:* ele. ABP A que. A a não. B não-na. P não a. — 3 B ou como ía. — 4 A ou em guerra ou e. p. — 5 *O MS. escreve:* nela; *em lugar de:* no-la. — 6 AB As maiores cousas. — 7 AB Ah morte! ah mundo! B ah tua riqueza.

49.

Vilancete XII.

1. Se meu tormento me desse
Lugar pera cuidar n'ele,
Não me queixaria d'ele.

2. Foi me dado um sô momento!
Des ali pude eu cuidar
Que não fora ele tormento
Se me dera algum vagar.
Não mo quiserão mais dar,
E a que podera com ele
Ser vida, é morte sem ele.

P f. 20. J f. 6. A f. 151v. B f. 153v. E f. 55. — 2 A Vagar. — 5 AB Des (B Desde) então pude atinar. — 7 AB este vagar. — 9—10 B Porque pudera com ele Têr vida e mouro sem ele.

50.

Vilancete XIII.

VELHO:

1. *Pusiera io mis amores*
En un tan alto lugar
Que no los puedo olvidar.

2. Al mi mal tan mal crecido,
Dolor sin fin i sin medio,
Remedio le era olvido,
Io olvidé me el remedio.
Por vos no duelen dolores,
Por vos no pesa el pesar.
Como os podré olvidar?

3. Por vos el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oió?)
Antre la muerte i tormiento
Lugar pera si halló;
I en medio de mis dolores
Que andan pera me matar
A plazer se puede estar.

P f. 20. J f. 10. A f. 155v A este vilancete velho. B f. 158 Alheo. E f. 55 A este vilancete velho. — 1 AB Pusiera los mis amores. — 3 *O nosso MS. escreve:* pudo. — 4 ABEP creido. — 5 A Sin fin, comienzo ni medio. — 6 A El remedio era el olvido. B El remedio era olvido. E Remedio le èra el olvido. — 7 E I olvidé me el remedio. — 14 A falló. — 15 BEP mil dolores.

51.

Dialogo I.

f. 9. **Ás damas**
Estando ahi dona Lianor Mascarenhas.

DE BERNALDIM RIBEIRO:

1. *Ũa cousa cuidava eu,*
Causa de outras muitas cousas;
Rezão tinha de o cuidar

P f. 20v. J f. 8v Dialogo ás damas. A f. 154v Dialogo que mandárão os fidalgos ás damas. *Falta em* B. — *A rubrica* „de B. R.“ *falta em* A. — 3 A Razão tinha de a cuidar.

Dão me sem rezão cuidado,
E inda hei de pedir a outrem
Das suas culpas perdão.

Respondeu ella:

2. *Ũa cousa vos digo eu:*
Que não são pera essas cousas!
Rezão fora não cuidar
Em tam sem rezão cuidado,
Pois hei de sofrer a outrem
Culpas que não têm perdão?

Tornárão lhe a mandar ainda estoutro:

3. A mim me hei de tornar eu
Pera vingar muitas cousas,
Que não são pera cuidar,
Forão pera dar cuidado.
Seja minha a culpa de outrem
Que assi val mais que o perdão.

4 A Da me. — 5 A Inda hei de. — 6—7 A Respondeu a senhora Dona Lianor Mascarenhas. — 7 A cuidava eu. — 8 AB Que não sou. AP p. estas c. — 10 AB cuidados. — 12—13 A Replicou Bernaldim Ribeiro. P Tornárão lhe a mandar inda essoutro.

52.

Outro Dialogo (II).

de Frco de Sâ tambem a ella:

1. Vi sinais: o mal é grande,
Vi os no ceo, vi na terra,
Houve se de achar caminho
Pera se tudo perder.
Desejos demasiados
Não são desejos de vida.

P f. 21. J f. 9 Outro dialogo âs damas. P *e o nosso MS.* (a f. 9v.) *acrecentam no fim a nota seguinte:* polo d'ela que é cousa rara pus aqui isto por que se veja que tambem Portugal teve a sua marqueza de Pescara. A f. 155 Outro dialogo que lhes tornamos a mandar. — *Falta* em B. — 3 P Houvesse.

TORNOU ELA A RESPONDER:

2. *Outro mal ha muito grande*
N'este mundo e n'esta terra
Em que não vejo caminho
Pera me n'ela perder.
Desejos meus e cuidados
Não são postos n'esta vida.

INDA A IMPORTUNÁRÃO MAIS:

3. Cavarei, e o meu mal grande
Em gritos direi á terra:
Da alma hei dô, que é em caminho
Posta pera se perder.
Quem acabasse os cuidados
Quando se acabasse a vida!

6—7 P Tornou ela a responder isto. — 8 A N' esta vida. — 11 A meus desejos. — 12—13 A: Francisco de Sâ de Miranda. — 16 A Claro para se perder. — 17 A Quem ja a. o. c. P Que acabassen.

53.

Vilancete XIV.

DE GRACI SANCHES:

f. 9v. 1. *Secaron me los pesares*
Los ojos i el corazon
Que no puedo llorar, non.

2. I de quedar qual io quedo
No sé como pudo ser;
Si otros lloran con plazer
Io con tristeza no puedo.
Pues, quando un corazon ledo
Puede llorar, como non
Llora un triste corazon?

P f. 22. J f. 10 A estoutro. A f. 156 A este vilancete de Garci Sanchez de Badajoz. B f. 157v De G. S. E f. 55 Vil. de G. S. — 1 AB Secáran. E Sacaron. — 4 AB Quedar qual esta alma queda. — 5 AB pueda. — 7—8 Que ella de triste no pueda; Quando una persona leda. — 10 AB Puede un triste corazon?

54.

Cantiga XXVI. Em Dialogo.

A ESTE CANTAR DAS MOÇAS AO ADUFE:

1. *N'aquela serra*
Quero ir a morar;
Quem me bem quiser,
La me irá buscar.

2. N'estes povoados
Tudo são requestas;
Deixai me os cuidados,
Que eu vos deixo as festas.
D'aquelas florestas
Verei longe o mar:
Pôr me hei a cuidar.

RESPONDE-LHE OUTRA COMPANHEIRA D'OUTRA OPINIAO:

3. Sombras e auguas frias,
Cantar de aves bem!
Quando as tardes vêm
Por ca bradarias.
Ves que pressa os dias
Levão sem cansar?
Nunca hão de tornar.

A PRIMEIRA:

4. Não julgue ninguem
Nunca outrem por si!
Mais d'um bem que vi
A vida não tem.

P f. 22. J f. 9v A esta cantiga. A f. 155 A esta cantiga que cantão polas ruas em dialogo. B f. 151 Alhea. *Anda falto de todas las rubricas.* E f. 52 A este cantar velho das moças do adufe. — 1 BE N'aquela alta serra. — 2 A Me ir quero a morar. B Me quero ir morar. E quero ir morar. — 3 AB Quem me quiser bem Quem me bem quiser. E Quem me bem quiser (*bis*). — 8 B em vos. — 12—13 A Responde a parceira. — 14—15 AB Quando o sol mais arde Despois sobre a tarde. — 16 E Por quem bradarias. — 17 E ums dias. – 20 P Outrem nunca. — 21 A que eu vi. B que ouvi.

Não deixa este bem
Onde se ele achar
Mais que desejar.

A OUTRA:

f. 10. 5. Deixa as vaidades,
Que da mão á boca
O sabor se troca;
Trocão se as vontades,
São essas suidades
Armadas no ar:
Não podem durar.

A PRIMEIRA:

6. N'aquela espessura
Me hei de ir esconder;
Venha o que vier,
Achar me ha segura.
Se tal bem não dura,
Ao seu passar
Tudo ha de acabar.

25—26 A A parceira. E A segunda. — 28 B O prazer se troca. — 30 AB Essas vãs saudades. — 32 AB Que podem durar? — 32—33 *Em* A *falta esta rubrica.* — 38 B Ao seu trespassar. E Ao seu pezar.

55.

Cantiga XXVII.

A'QUELE CANTAR VELHO:

1. *En toda la trasmontana*
Nunca vi cosa mejor
Que era la esposa de Anton,
Vaquerizo de Morana.

P f. 23 v. J f. 10 v A esta cantiga velha. A f. 156 A'quela cantiga velha. B f. 150 Cantiga Alhea. E f. 52 v A este cantar velho. — 1 A En toda la q̃ (*Err.*) Tramontana. — „Tramontana" *tambem em* BE. — 4 *Falta no nosso MS. em* P *e em* E.

2. N'aquele longo desterro
Que eu por vontade segui,
(Quer fosse rezão, quer erro,
Quis o coração assi),
Vi ũa visão estranha.
(A's vezes cuido que não)
Fosse verdade, ou visão,
Pareceu me ela serrana.

3. Não era o coração quedo,
I'a e tornava a miude
Ora o pesar, ora o medo:
Tive me o milhor que pude.
Quantos bens mâ sorte dana!
Brada quem o ve em vão.
Sospirava por Antão,
Um vaqueiro de Morana.

4. Olhos que tais olhos vistes,
Vivei bem aventurados.
E porem, ouvidos tristes,
Pera tanto mal guardados,
Que é isto que assi engana
E assi despreza a razão?
Que sospira por Antão
Quem não tem nada de humana?

---

6 B escolhi. — 9 AB visão ufana. — 12 AB I'a em trajo (B trajos) de serrana. — 14 *O* o *falta no MS.* AB Indo e tornando a miude. — 15 ABE Ora ó prazer, ora ó medo *sem signal algum de pontuação.* — 16 E Tive o milhor que pude. — 17 B me a sorte dana. — 18 *O MS. escreve* ouve *em lugar de* o ve. — 19 AB Tal como era, era de Antão. — 25 B assi me engana. — 26 AB Que assi etc. — 27 AB Suspirava por Antão. P Que suspire.

56.
Vilancete XV.

Alheo:

1. *De las tierras donde vine,*
Vi mas bien que pude ver;
Alla me quiero bolver.

f. 10v. 2. Pero mientras devaneo
Pensando a quanto alla vi,
Forzado i tinido aqui,
Llevado alla del deseo,
Mientras debato i peleo,
Si me piensan detener,
El alma havrá de bolver.

P f. 24. J f. 11 A este vilancete alheo. A f. 156 A este vilancete alheo. B f. 154 Alheo. E f. 55 Vilancete do embaixador Lopo Furtado. — 1 AB En. — 2 *O nosso MS. escreve:* pudo. AB Vi quanto se puede ver. E Vi mas bien que puede haver. P Vi mas bien que puede ser. — 5 BE en quanto. — 6 B Forzado he. — 9 A de tener. B Si la vida fallecer. E Si me pensais de tener.

57.
Vilancete XVI.

De Manoel d'Oliveira:

1. *Pois os meus olhos são vossos,*
Que faço eu
Em dar a seu dono o seu?

2. Quantos conselhos se dão
O's olhos com que vos vi
Um diz assim, outro assi,
Rezões que não vêm nem vão.
Vão se depos o coração
Que vos ja deu
Quanto soía a ser seu.

P f. 24v. J f. 12 A este vilancete de Manoel d'Oliveira Do Infante Cardeal. A f. 156v A este vilancete de Manoel de Leiva. B f. 154v Alheo. E f. 55 Outro vilancete alheo. — 8 ABE Vou me apos o c. P Vão se apos o c. — 10 *O MS. escreve:* quando. A Quando soía têr de seu. P Q. s. de ser seu.

3. Tudo é em vosso poder;
Livre que eu aqui vim,
Não deixastes nada em mim
Nem olhos que al possão ver.
E como podia ser
Ver vos eu,
E têr mais olhos de meu?

10—11 B Alheo. — 12 ABE De livre. — 15 BE Mas como p. s. *O MS.* E *escreve:* e como; *despois riscaram o:* e *e puseram:* mas *no seu lugar.* — 17 AB mais nada de meu.

58.

Vilancete XVII.

Alheo:

1. *En mi corazon vos tengo:*
Por las gentes no os veo.

O conde dom J° da Silveira:

2. *Voi como loco sin tiento*
Con los ojos a buscar os,
I de no poder mirar os,
Dios sabe lo que io siento.
Veo os en el pensamiento,
En el alma, en el deseo:
Con los ojos no os veo.

Francisco de Sâ:

3. Por lo qual ufano i lleno
De quanto bien del confio,
El mi corazon ajeno
Bolvió de nuevo ser mio.

P f. 24v. J f. 13v Cantar velho. A f. 157 A este vilancete que se canta. B f. 155v Alheo. E f. 153 Vilancete alheo *collocado entre os cantares velhos V e VI.* — 1 B os. — 2—3 AEP *têm a rubrica:* O Conde Luis da Silveira. — 2—8 B *anda falto de esta estrophe.* — 5—6 E I despues de no hallar os, Sabe dios lo que io siento. — 10—11 AB Por lo qual vuelto a mi seno Por quanto bien. — 11 *O MS. escreve:* desconfio. — 12 P En mi. — 13 ABEP a ser mio.

De otra parte io sandio
Engañado del deseo,
Con los ojos devaneo.

59.

Vilancete XVIII.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Suidade minha,*
Quando vos veria?

f. 11. 2. Por terra ja assi
Tudo em tal mudança,
Que faz ainda aqui
Minha esperança?
A minha lembrança,
A minha perfia,
Que mais aperfia?

3. Que faz um desejo
Tam desenganado?
Que faz o sobejo
D'este meu cuidado,
Comigo apartado,
Quando anoutecia,
Quando amanhecia?

4. Suidade e sospeitas,
A torto ou a dereito,
Não sereis desfeitas
Quando eu for desfeito.
Inda o frio peito,
Inda a lingua fria
Por vos bradaria.

P f. 25. **J** f. 11 A este vilancete velho. **A** f. 156v A este vilancete velho. **B** f. 154v Alheo. **E** f. 53 A este cantar velho. — 1 **ABE** Saudade. — 3 **E** Tudo acaba assi. — 5 **AE** inda. **B** vida (*Err.*). — 8 **ABEP** Nenhũa esperança (**P** Nhũa). — 16 **B** aferrado. — 20 **AB** e a dereito. **P** ou dereito. — 21 **B** Inda frio o peito. **E** E inda o frio peito. — *21 e 22 O MS. escreve:* fero fera. — 22 **E** E inda a lingua fria.

60.

Vilancete XIX.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Sola me dejaste*
En aquel iermo,
Villano, malo, gallego!

2. Do te me escondiste?
Corro i no sé donde.
El valle responde,
Tu no respondiste!
Moza, sola i triste!
Que llorando ciego
Has lo burla i juego.

3. En iermos ajenos
Lloro i grito en vano,
Gallego, villano!
Que esperava menos?
Ojos de agua llenos
Que aciende mi fuego,
Donde havran sosiego?

P f. 26. J f. 12 A este vilancete velho. A f. 156v A este vilancete velho. B f. 155 Alheo. E f. 53 A este cantar velho. — 1 A dejastes. — 3 E i gallego. — 4—5 A A do te fuiste? Voi i no sé a donde. B Voi me a do te fuiste, Voi me no sé a donde. — 5 EP a donde. — 8 B ai triste. — 10 A Passaste lo en juego. B Tu passas lo en juego. EP Has lo a b. i j. — 11 AB Por iermos ajenos. — 13 ABEP Gallego i villano. — 14 B Que esperava io menos? — 16 A El pecho de fuego. B Vos pecho de fuego. EP Que acienden mi fuego. — 17 AB Quando.

61.

Vilancete XX.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Que vos farei, meu cuidado?*
Onde vos trarei metido
Que não sejais entendido?

P f. 26v. J f. 12v A este vilancete velho. A f. 157 A este vilancete alheo. B f. 155 Alheo. E f. 55v Vilancete alheo.

f. 11 v. 2. Descobris me cada ora,
Cuidei que era á minha mingua,
Mas em quanto velo a lingua
Saís polos olhos fora.
E não cuidais que me fora,
Sendo me tal entendido,
Milhor nunca ser nacido!

4 AP Descobrieis me cada ora. B Descobris vos cada ora. E Descobri me cada ora. — 6 ABE vedo. — 8 E cuideis. — 9 A Sendo meu mal entendido. — 9—10 B Milhor nunca ser nacido Que ser meu mal entendido.

62.

Vilancete XXI.

A ESTE VILANCETE TAMBEM ALHEO:

1. *Desenganei um cuidado*
E mais o meu coração
C'ũa desesperação.

2. Tenho minha conta chea:
O que ha de ser, seja logo,
Pelo ferro e pelo fogo;
Que não é a morte tam fea.
Vivi á vontade alhea
E moura á minha, e quando não,
A pesar do coração.

P f. 26v. J f. 13 A este alheo tambem. A f. 157 A estoutro tambem alheo. B f. 155 Alheo. E f. 55v Vilancete alheo. — 2 AB De parte do coração. — 4 AB Tenho a conta feita e chea. — 9 ABE Moura a minha. — 10 *O MS. repete:* do.

63.

Cantiga XXVIII.

1. Se me este cuidado atura,
Que me persegue e que eu sigo,
A vida está em perigo
E a alma pola ventura.

P f. 27. J f. 13. A f. 157 Cantiga sua. B f. 147v. E f. 51.

2. Bem sei tudo o que ha de ser,
Mas é de tanto pesar
Que hei medo de o dizer
E medo de o cuidar.
Não vejo cousa segura:
Seguro é sô o perigo!
E o que agora não digo,
Deixai fazer á ventura!

---

12 *O nosso MS. escreve:* Deixar.

64.

Cantiga XXIX.

1. Fuie el tiempo, está el mal quedo;
Pensé morir me .. i no muero;
Puedo engañar me .. i no quiero;
Quando ia quiero, no puedo.

2. Todo se me va en antojos,
La cruel carcer es escura.
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura!
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo i no quiero,
De lo que quiero i no puedo.

P f. 27. J f. 14. A f. 158. B f. 150v. E f. 51. — 3 AB Desengañarme no quiero. — 6 AB En esta prision oscura.

65.

Cantiga XXX.

A ESTE CANTAR VELHO:
Doña bella.

f. 12. 1. Asi que aquella hermosura
Jamas vista sin espanto;

P f. 27. A f. 157v A'quela cantiga velha: Doña bella mal maridada etc. B f. 150v A la bella mal maridada. E f. 53v A este cantar velho: Doña bella. — 2 AB Nunca v. s. e.

La gracia i desemboltura,
Todo se es mudado en llanto.
Suerte tan presto mudada
Tan imbidiosa de si!
Donzella ditosa ansi,
I dueña tan desdichada.

2. No sé que me diga, o a quien
Culpemos en mal tamaño?
No se ajunta tanto bien
Si no pera tanto daño.
En todo tan acabada,
(Dije io luego que os vi)
No nacistes vos ansi
Pera ser bien empleada.

4 A se es tornado. B se ha tornado. — 5—6 AB Fortuna tan mal mirada Que envidia tiene de si. — 7 ABEP dichosa. — 8 P Dona. — 9 ABE que diga. — 11 A ayunta.

66.

Vilancete XXI.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Este mal que agora siento*
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

2. Por demas es que me vele,
Que me tema i que me guarde,
Que el sol que mas tarde suele
Descobrir, rezio mas arde.
Aunque ia tarde,
Abriendo los ojos, vi
Que otro mal no duele ansi.

P f. 28. A f. 157v. B f. 155v Alheo. E f. 53v Vil. alheo. — 1 *Em* ABEP *a primeira linha compõe se unicamente das duas palavras:* Este mal. — 4 *As estrophes estão transpostas em* AB. — 6 *O nosso MS. escreve:* tardo. — 6—7 A Que el sol que mas tarde, suele Salir mas recio i mas arde. BE mas rezio arde. P Descubrir rezio i mas arde. — 8 AB Aunque tarde. — 9 B Abri los ojos i vi.

3. Este es el fuego por cierto,
Si del todo no soi loco,
Que me quemó poco a poco:
Creció andando encubierto,
No fué muerto
Como diviera; io si,
Io soi el que me perdi.

---

12 BE estoi. — 13 BE abrasó. — 17 ABE Que no se parte de mi.

67.

Vilancete XXII.

VILANCETE ALHEO:

1. *Quem cuidar e quem disser*
Que de matar sois servida,
Não sabe que cousa é vida.

2. Não é dano o que não dana:
Té morte da vossa mão
Não é morte, é nome vão
Que á primeira face dana.
Onde não ha cousa humana,
Tudo espirito e tudo é vida,
Mal jará a morte escondida.

3. Fica se porem julgando
Antre a ũa e outra sorte,
f. 12 v. Se dais vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A fe que vai embicando
Não ve dos olhos tal vida
Nem julga porque duvida.

P f. 28 v. J f. 14 v A este vilancete velho. A f. 158 A este vilancete alheo. B f. 155 v Alheo. E f. 55 v Outro v. a. — 5 A de v. m. B A morte de v. m. E Té a morte d. v. m. — 7 ABP engana. — 9 AB e tudo vida. — 12 A Antre ũa e a o. s. B Entre ũa, entre o. s. E Entre ũa e a o. s. — 14 *O MS. escreve com erro manifesto:* a morte dando. — 16 *O MS. escreve:* des olhos. — 17 A So mente p. d. BP Sômente p. d.

68.

Vilancete XXIII.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Tu presencia deseada,*
Zagala desconocida,
Di, porque la has escondida?

FRCO DE SÂ DE MENEZES:

2. *El cielo niega el rocio,*
El ganado se nos pierde,
El campo ia no es verde,
Ni corre tan claro el rio,
Secó se el valle sombrio
Con la tu triste partida,
Zagala desconocida.

FRCO DE SÂ DE MIRANDA:

3. Has la tierra asolada,
Que eras toda su riqueza.
Nacida en ella i criada
Pudiste hazer tal crueza?
En miseria i en pobreza
La dejaste en tu partida,
I a mi, cuitado, en tal vida.

4. Oidos que ensordecistes
A sospiros i a los ruegos,

P f. 29. J f. 14v Vilancete de dom Simão da Silveira. A f. 158 A este vilancete de dom Simão da Silveira. B f. 156 De dom Simão da Silveira. E f. 53 Vilancete alheo. — 4 *As voltas de* Sâ de Menezes *faltam em* B. — 11 ABEP la tu tierra. — 15 ABE Que en tal miseria i pobreza. — 16 A Dejaste con tu p. BE Puesto la has con tu p. P Ja d. — 17—18 *As estrophes* 3 *e* 4 *faltam em* E *que põe no seu lugar o seguinte:*

RESPONDE JUAN PASTOR.

Quise huir de la gente
Si no que me huve a mí miedo;
Traía el corazon (*Leia se:* el rostro) de ledo,
El corazon de doliente.

Que veran los ojos tristes
Aqui dejados tan ciegos?
Vascos i desasosiegos
Nos son en lugar de vida,
Tras los tus ojos fuida!

5. Las sombras, las aguas frias,
Flores i iervas que has pisado,
Quanto te via i tu vias
Todo queda avelenado!
Un triste, un ciego, un cuitado,
Un loco, en la tu partida
Pasmado pierde la vida.

Mas quien sabe i no siente
De que fuerza podria (*Leia se:* podrian) ser;
Muestras falsas de plazer.

Parece nos que esta estrophe não devia andar aqui, porque pertence ao Vilancete XXV. —

20 B mis ojos. — 22 B Vascas. — 23 A Son en lugar de la vida. — 23—24 B Quedan en mi por la vida Que es tras tus ojos huida. — 25 A Iervas por las sombras frias. B Las iervas, las sombras frias. — 26 AB I las flores que h. p. — 31 ABP Pasmando.

69.

Cantiga XXXI.

ALHEA:

1. *Ai que el alma se me sale!*
Lo por que siento perdel-la,
Es porque estais vos en ella,
Que la vida poco vale.

3. Loco de mi que pensava
Podel-la aqui detener
Comigo, una alma que estava
Ufana en vuestro poder!

P f. 30. A f. 157v A esta Cantiga alhea. B f. 150 Alhea. E f. 51 v. 2 B I el por que-siento perdel-la. E I porque lo siento perdel-la. — 6 B Poder aqui detener.

f. 13. Quien quereis que esto le iguale?
Estava rico con ella,
Siendo vos señora d'ella;
Que lo mas todo, que vale?

9 AB Que quereis que a esto iguale. — 10—11 AB Siendo vos señora d'ella? Està es toda mi querella. — 11 EP en ella.

70.

Vilancete XXIV.

Alheo:

1. *Polo bem mal me quisestes!*
E eu nunca tenha prazer
Se vos mal posso querer!

2. Fora ela razão igual!
Mas vede as leis que Amor tem:
Que em vez de vos querer mal,
Assi vos quero môr bem.
E passo tanto inda alem
Do que esta dor soi fazer
Que me vim a aborrecer.

P f. 30. J f. 15v Vilancete de Antonio d'Azevedo. A f. 158v A este vilancete de Antonio de Azevedo. B f. 156 Alheo. E f. 56 Vilancete alheo. — 3 BE Se mal vos p. q. — 7 *O MS. escreve:* maior bem. E Então vos q. môr b. — 8 E E p. inda tanto a. — 9 AB este mal. — 10 A Que me venho a ab. B Que me venho ab. E Que me vim ab.

71.

Vilancete XXV.

De Juan del Enzina:

1. *Quien te hizo, Juan pastor,*
Sin gazajo i sin plazer?
Que alegre solias a ser.

P f. 30. J f. 19v Vilancete de João de Lensina. A f. 158v Vilancete de João del Enzina. B f. 156 Alheo. — 3 AB Que tu al. s. s. P Que al. s. s.

2. Un ierro, i mas en zagal
No es caso que mucho espante,
Mas seguir iendo adelante,
Que es mal, si esto no es mal?
Pesa me de ver te tal;
Pesa me, Juan, de saber
Lo que puede acontecer.

RESPONDE JUAN PASTOR:

3. Quise fuir de la gente
Si no que me huve a mí miedo.
Traía el rosto de ledo,
El corazon de doliente.
Mas quien no sabe i no siente
De que fuerzas pueden ser
Muestras falsas de plazer?

3—4 *A intercala uma Volta de Frco de Sâ de Meneses que diz:*
Ese plazer que me viste,
Todo fue vano i de viento,
Mostrava contentamiento.
Por me dejaren ser triste.
Mas pues que lo entendiste,
No te lo quiero esconder:
Io nunca tuve plazer!

4 *O MS. escreve:* un zagal. — 5 AB cosa. — 6 AB Mas seguir siempre adelante. — 7 AB este. — 8 A de te veer tal. — 9 P de entender. — 9—10 A Huie el gazajo a correr, Nunca pasa el desplazer. B Que huie el gazajo a correr I no pasa el desplazer. — 11—17 *Faltam em* AB. *Veja se a lição de* E *mais atras no Vil. XXIV.*

72.

Vilancete XXVI.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Taño os io, mi pandero,*
Taño os i pienso en al.

P f. 31. J f. 18. A f. 160 A este vilancete que se canta. B f. 157 Alheo. E f. 53v A este cantar velho. — 2 ABEP Taño os io i p. e. a.

2. Mientra el fuego arde i destruie,
Busco con que el tiempo engañe;
A desora el alma huie,
Que no sé, triste, quien tañe.
f. 13v. Deja aqui que me compañe
La mi cuita tanta i tal,
I aun va pensando a mas mal.

3. De Amor, por cierto villano,
Fié me como sandia;
Puso mi pandero en mano,
I llevó me el alma mia.
I en la postrera agonia
De la mi ansia mortal
Ni muere, ni mata el mal.

3 AB el mal arde. — 6 AB Que no sé quasi q. t. — 7 *O nosso MS. escreve:* quien. — 8 A tanta cuita. B Esta mi cuita mortal. — 9 AB I va pensando en mas mal. E Que aun v. p. mas mal. — 10 E Do amor. — 11 ABEP Puso me el p. e. m. — 12 A Fue se me con la a. m. B Fue se con el a. m. — 14 A En esta tanta a. B En esta triste a. EP En la postrera a. — 15 AB De mi cuita desigual. — 16 E Ni muero.

73.

Cantiga XXXII.

1. Alma tam sem assossego
Que nem d'este ar me farto!
Donde co' um queixume chego,
Com mil queixumes me parto.

2. Vos, meus segredos medonhos,
Em que a alma cada ora empeça
Os ventos, a nevoa, os sonhos
Que não têm pês nem cabeça!

P f. 31v. J f. 16. A f. 159 Cantiga sua. B f. 148. E f. 51v. — 2 AP me não farto. — 3 E com queixume. AB *têm as estrophes transpostas. Seguindo a ordem do MS. deve lêr se* 3. 2. 1. *A terceira falta em* E. — 4 A Com cem mil d'eles me parto. — 5 AB Os meus perigos m. — 7 B nevoas.

O que com a lingua nego
Por muitos sinais reparto
Em poder d'aquele cego
Nunca de lagrimas farto.

3. Mal as noites, mal os dias
Com medos e com sospeitas,
Fazendo contas baldias
Como tormentas desfeitas,
D'este meu desassossego.
(Que ora dou volta, ora parto)
D'este ver tanto, de ser cego,
Todos do que encubro farto.

4. Nas cousas que ja algũa ora
Esperava algum repouso,
Triste de mim, que ja agora
Nem cuidar n'elas não ouso.
A que fraquezas que chego?
Em quantas partes me parto
Por este coração cego
Nunca de seus males farto?

---

12 AB De cujo poder não parto. — 16—18 AB Que asinha serão desfeitas. Com muito desassossego Com que chego e com que parto, Com ver tanto e ser tam cego (B e com ser cego). — 19 P e ser cego. — 21 AB em que al. o. — 22 AB Esperei de têr repouso. — 24 AB Sômente cuidar não ouso. — 25 B fraqueza.

74.

Sextina I.

1. Não posso tornar os olhos
Onde mos leva a rezão.
Quem porá lei á vontade

A rubrica do nosso MS. (*que é a mesma de* P) *diz:* Ũa maneira de canção italiana a que chamão sextina porem no nosso é medida. — P f. 32. J f. 20 Sextina á Italiana na nossa medida. A f. 160 Sextina á maneira italiana. B f. 143v Sextina. — 2 ABP Donde os não l. a. r.

Confirmada do custume,
Vontade que as suas leis
Manda defender por força?

2. Isto que al é se não força
Que me fazem os meus olhos,
Quebrantadores das leis?
Brada apos mim a rezão!
Mas que val contra o custume
Em que está posta a vontade?

f. 14. 3. Conselhos, contra a vontade
Fracos e de pouca força,
Que não podeis do custume
Tirar ũa ora estes olhos,
Tendo por vos a rezão
Que faz e desfaz as leis!

4. Que tirania de leis!
Que dureza de vontade!
Ah gram mingua de rezão!
Queira ou não queira, é por força
Que se me vão estes olhos
Onde mos leva o custume!

5. Não valem leis sem custume,
Val o custume sem leis;
Tanto pode ele e estes olhos,
Seguidores de vontade.
O tempo a tornou em força,
Em desprezo da rezão.

---

6 B obedecer. — 12 A Que senhorea a vontade? — 13—17 AB Conselhos vãos á vontade Que sô pode e sô tem força, Ajudada do custume, Vos não podeis estes olhos Alzar (B Erguer) um pouco á rezão. — 19—21 A Amor tais são tuas leis, Tal dureza a da vontade A g. m. da rezão. — 24 A Onde se vão por custume. — 27 AB Ai escravos dos meus olhos. — 28 A Mandados da vã vontade. B Governados da vontade. P S. da v. — 29 AB A que (B quem) destes tanta força.

6. Onde devera a rezão
Vencer vontade e custume,
Que farei á maior força?
Hajão piadade as leis
De quem, entregue á vontade,
Vai preso apos os seus olhos!

7. Olhos apo-la vontade,
As leis apo-lo custume,
Apos a força a rezão!

---

31 AB É morta ou dorme a razão? — 32 P Vencem. A Não sente ja por custume. B Ou não sente por custume? — 37 AB apos a. — 38 ABP apos o. — *O nosso MS. e* P *têm no fim a nota seguinte:* Esta composição das seistinas é a de mais arteficio de (P que) quantas em Italia se usão, e pois que tudo ha de ir.

75.

Redondilhas I.

A Antonio de Sâ na fugida de ums seus criados.

1. Partiu Francisco e Florido!
As mâs novas logo soão.
As aves mudadas voão,
Criados mudão vestido,
E mais quando armadas toão.
Diz o pai de Salamão
(Que é homem pera alegar.
Se vos lembra em que cantar?):
Quem me comia o meu pão,
Tratava de me enganar.

2. Que graça me ja o cantárão
Ha dias d'um castelhano,
A quem criados tal dano

P f. 33. J f. 25 A Antonio de Sâ alcaide mór do Porto na fugida de ums seus criados. *Falta em* A. B f. 159v A Antonio de Sâ fugindo lhe ums seus moços. — 1 B Partiu Francisco florido. P e Frorido. — 4 P muda os v. — 5 B E mais se armadas atroão. — 8 B em que lugar.

Por vezes lhe assi tratárão
Do seu pão e do seu pano.
Veu o seu dia e achou
Moços de novo empenados.
Estes bem abeberados,
Os vestidos lhes furtou
E fugiu aos seus criados!

14 B causárão. — 18 B Como os viu adormentados. — 19 B lhe.

76.

Redondilhas II.

Sobre a prisão d'um seu galego.
A seu cunhado Manoel Machado
Senhor da terra d'antre Homem e Cavado.

f. 14v. 1. Inda que eu ria e me cale,
Que me eu faça surdo e cego,
Bem vejo eu por que o da Vale
Correu tanto ao meu galego!
Como c'um lião fez festa!
Mas inda mal, ala fe,
Porque um escrito na testa
Não traz cada um de quem é.

2. Antre craros e escuros,
Ladrõis de seiscentas côres
Andão por aqui seguros,
Não lhe saem tais corredores.
Apos quem torna por si
E primeiro mata ou morre,
Não corre o da Vale assi!
Que apos um tolo assi corre.

P f. 34. *Falta em* A. B f. 158v Na prisão de um seu Galego. — 1 BP Inda que me eu ria e (me) cale. — 2 B E me faça. — 3 B Bem sei eu porque o do vale. — 5 BP com ladrão. — 9 B Entre claros, entre escuros. — 10 B Homems. — 12 B Não lhe saem corredores. — 15 B o do vale. — 16 B Apos.

3. Bom matador, bom ladrão
Que fugindo arma entretanto,
Deixou acolher bastião,
Que pica e não rende tanto!
Vive pola tua pena,
Outrem prenda, outrem condene
Não me toques no da pena
Em que te as barbas depene.

4. Escreves polo Ribeiro,
Anda apos o mais proveito.
Has de pagar a dinheiro,
Ganhão a torto ou a dereito.
Deixa andar os encartados,
Deixa os, que têm os caminhos
De palhetos ouriçados
Que andão como porcos espinhos.

5. Come e bebe, pois te presta,
Não cures das assoadas
Que se vêm juntas a festa
E vos têm todos em nadas.
Onde vires um coitado
Que em te vendo perde a côr,
Dá apos ele, homem ousado!
Não se vâ tal malfeitor!

6. Eixecutores da lei,
Havei vergonha algum dia!
Este chama: aqui del rei!
Estoutro chama: a valia!

---

19 B Deixa. P Deixo. — 21 *O nosso MS. escreve:* Vivi. — 23 B Nunca toques. — 25 B pelo ribeiro. — 26 B Anda sô ao que é proveito. — 27 B pagar lhe. — 28 B Ganhe se a torto e a dereito. P Ganhas a torto e a dereito. — 30 B Que têm cheos os caminhos. — 31 B De virotões. P palhetas. *O MS. escreve:* ou riquados. — 32 B Que são quais porcos espinhos. P porquespinhos. — 35 B Com que vem juntos á festa. — 36 B Tendo vos todos em nadas. — 37 B E onde. — 39 B Ferra d'ele. — 40 B maofeitor.

Outro chama: Portugal!
De varas não ha i mingua.
Desata a bolsa, que val.
Traze sempre atada a lingua.

45 B O outro diz: Em Portugal De etc. — 48 P Trazem.

77.

Esparsa X.

A Pero Carvalho.

Mandar por tais calmas luvas,
Serviço era ele escusado!
f. 15. Outra cousa forão uvas!
Outra vinagre rosado!
Certo que outra cousa fora,
Mas porem
Ninguem da o que não tem,
E nem do que tem ja agora.

O MS. e P dizem: A P. C. mandando lhe um presente de luvas nos dias caniculares de Evora antes (P ante) da agua da prata. P f. 35. J f. 25v A Pero Carvalho mandando ũas luvas em Evora ardendo em calmas. *Falta em* A. B f. 145 A Pero Carvalho. E f. 53v Francisco de Sâ a Pero Carvalho mandando lhe ũas luvas nos caniculares em Evora. — 1 B Mandar em tal tempo luvas. — 7 EP do que não tem.

Sonetos. Trovas. Canções.

O nosso MS. e P *dizem:* Os Sonetos.

78.

Soneto II.

1. Em pena tam cruel, tal sofrimento,
Em dor tamanha, dor que nunca aliva,
Chamar a morte sempre, e que inda viva,
Como se fosse vida este tormento!

2. E ver no mal (que todo entendimento
Naturalmente foge) estranha e esquiva
Jazer tam de vagar a alma cativa:
A quem não fará crer que é tudo vento?

3. Bem sei ums olhos que têm toda a culpa,
E são os meus que a toda parte vêm
Apos o que andão sempre, e os desculpa.

4. Oh minhas visõis altas! meu sô bem!
Quem vos a vos não ve, esse me culpa,
E eu som o que as sô vejo, outrem ninguem.

P f. 35 v. J f. 26 Soneto primeiro do mesmo Froo de Sá emendado. A f. 9. B f. 2. — 1 A Em tormentos crueis tal sofrimento. — 2 A Em tam continua dor que n. a. — 3 A e que ella altiva. — 4 A Se ria dos meus rogos no tormento. B fora. — 6—7 A Naturalmente foge, e quanto aviva A dor mais, o vagar da alma cativa. — 8 AB um vento. — 11 A Apos o que vem sempre. B E aquillo que vem sempre isso os desculpa. — 13 B Esse vos culpa. — 14 A E eu sou o sô que as vejo, o. n. B E eu sou sô quem vos ve, o. n. P sou *e* outro.

79.

Soneto III.

1. Alma que fica por fazerdes hoje
Na vida mais, se é vã minha esperança
Que sempre sigo, que me sempre foge?
Ja quanto a vista alcança, a não alcança.

2. Fortuna, que fará? Roube e despoje,
Prometa de outra parte, em abastança,
Que tem, ou que me alegre, ou que me anoje?
Quantos pesos tiver, lance á balança!

3. Chorei dias e noites, chorei anos
E fui de longe ouvido, polo escuro,
Gritando, acrecentar muito em meus danos.

4. Agora que farei? por Amor juro
De tornar a cantar ja sem enganos,
E, por ser muito o mal, posto em seguro.

P f. 35v. J f. 25v. A f. 7. B f. 3v. F f. 117v. — 1 AB des-d'hoje. — 2 ABFP se a vã. — 3 B Que sempre sigo mais, sempre me foge. — 4 B Por onde a vista alcança e não alcança. — 5 AFP Roube, despoje. — 7 A Que tem com que m'alegre ou com que anoje? B Que ja não ha que me alegre ou que me enoje. — 8 A Tanto tempo ha que dei mão á balança. — 10 A E fui ouvido ao longe, pelo escuro. — 11 B Gritando acrecentei sempre em meus danos. — 13 AB fora d'enganos. — 14 A E por muito do mal, p. e. s. B E por muito, do mal. F E por ser muito mal.

80.

Soneto IV.

1. Amor bravo e rezão dentro em meu peito
Têm guerra desigual. Amor, que jaz
I ja de muito tempo, manda e faz
Tudo o que quer a torto ou a dereito.

P f. 36. J f. 32. A f. 9v. B f. 2v. — 1 AB Desarrezoado amor dentro em meu peito. — 2 AB Tem guerra coa razão. — 3 A de muitos dias. — 4 A e a direito.

2. Não espera rezão; tudo é despeito,
Tudo soberba e força; faz e desfaz
Sem respeito nenhum; nunca está em paz;
Quando cuidais que sim, tudo é desfeito.

3. De outra parte a rezão tempos espia
Aqueles, quando traz de tarde em tarde
Força de sem rezão e milhor dia.

4. Não tem Amor lugar certo onde aguarde:
Antão trata treiçõis nesta agonia.
Triste, que farei eu quando tudo arde?

---

5 A Não espera razõis. B Não admite rezõis. — 6 ABP faz, desfaz. — 7—8 AB S. r. n., e quando em paz Cuidais que sois, então tudo é desfeito. — 9 *O MS. escreve:* tempo. — 10 AB Espia (B E espia) occasiõis de tarde em tarde. P quando os traz. — 12 AB Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia. P sem rezõis. — 12 AB Então não tem lugar certo onde aguarde (B em que aguarde). — 13 A Amor trata treiçõis que não confia. B Amor e treiçõis trata que não fia. — 14 AB Nem dos seus; que farei quando tudo arde?

81.

Soneto V.

1. Aquelas esperanças que eu, metido
A tormento, lancei fora por vãs,
f. 15 v. Que fazem ainda aqui com aquelas sãs
Contas, feito em pô ja tudo bebido?

2. E será Amor tam cego e sem sentido,
Será tam bravo, que não veja as chãs
E rezõis craras? não veja estas cãs?
Tempo lançado a longe e não vivido!

P f. 36v. J f. 32v. A f. 10. B f. 2v. F f. 117v. — 3 A Q. f. inda 'qui? coas mais sãs. B Que fazem ainda aqui coas minhas sãs. — 4 ABP e bebido. — 5—7 AB Como, e serã tam cego, e sem sentido Amor que ũas razõis claras, tam chãs, Não ouça? e que não veja tantas cãs. — 7 F Rezõis claras. — 8 B Tanto tempo baldado: e não vivido.

3. Esta alma tantas vezes enganada
Não hav'rá de si dô, não fará conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?

4. Mas ai! que eu vi ja alguem que, em quanto conta
Que nadando escapou ao mar sem nada,
Põi se ũa e outra vez á mesma afronta!

---

10 AB Não tornará por si? não fará conta. — 11 B Coa despesa, co sol. B Coa despesa, co Sol e coa jornada. — 12—14 AB Quem do mar escapou, quanto mal conta! Que perigos sem fim! e (B mas) logo brada Outra vez ós da nao: na terra afronta.

82.

Soneto VI.

1. Mas que não pode Amor? Fez me engeitar
Tam levemente a mim por quem me engeita.
Castelos de esperança e de sospeita
Faz, e não sei que faz! é tudo um ar.

2. Fez me pedras colher, fez mas lançar.
A alma, apertando as mãos, toda encolheita,
A' força que fará e á lei estreita
Que em fim, queira ou não queira, ha de passar?

3. Como, e tão cego era eu que da vontade
Fiei tudo, que tudo a traves guia,
Tam gram contraira minha e da verdade?

4. Que al se podia esperar d'ũa tal guia?
Cai onde ora jaço; oh crueldade!
Não sei quando é noite ou quando é dia.

P f. 36v. J f. 33. A f. 10v. B f. 3. — 1 AB Amor que não fará? — 2 P porque. — 4 A tudo no ar. B tudo é no ar. — 6 AB Aperta se a alma triste em si encolheita. — 8 AB Queira ou não queira em fim ha de passar. P E em fim. — 9 A Tam cego e tanto era eu. B Ora tam cego era eu. — 10 AB Tudo fiei. — 11 A Tam grande imiga minha. B Tamanha imiga minha. — 14 ABP Não sei quando é de noite.

83.

Soneto VII.

1. Aquela fe tam limpa e verdadeira,
Ũa vontade sempre tam sem magoa,
Tantas vezes provada em fogo a fragoa
E como ouro apurada e sempre enteira,

2. Aquela presunção que achou maneira
De encher de fogo o peito, e os olhos de augua,
Por que eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa minha primeira e derradeira,

3. De que me aproveitou tudo? por certo
Não de al que de um nome ledo e vão
Custoso á alma, custoso á vida.

4. Dei de mim que falar ó longe e ó perto:
E ja assi se consola a alma corrida.
Se não achar piedade, ache perdão.

P f. 37. J f. 33. A f. 7v. B f. 2. — 1 *A palavra:* fe *falta no MS.* — 2 A tam clara. B tam pura. — 2 A B A vontade tam limpa e tam s. m. — 3 P em fogo e fragua. — 3—4 A B T. v. p. em viva fragoa De fogo, i (B e i) apurada e s. e. — 5 A Aquela confiança de maneira. B Aquela perfeição q. a. m. — 6 A Que encheu de fogo o peito, os o. d. a. B D'encher de fogo o peito, os o. d. a. — 7 B Por quem ledo eu p. — 8 A C. primeira minha. — 9 A B D. q. m. a.? não de al por certo. — 10—11 A Que d'um sô nome tam leve e tam vão Custoso ao rosto, tam custoso á vida. — 10—12 B Que d'um nome sômente leve e vão Custoso ao rostro e mais custoso á vida. Dei que falar em mi ao longe e ao perto. — 13 A Ria (*Err.*) assi se consola a alma perdida. — 13—14 B Consolara se ja alma captiva (*N. M.* arrependida) [Pois piedade nam acha] achar perdão. (*sic.*)

84.

Soneto VIII.

1. Quien dará a los mis ojos una fuente
De lagrimas que mane noche i dia?
Respirará siquiera esta alma mia
Llorando ora el pasado, ora el presente?

P f. 37v. J f. 56 da Miscellanea: Otro soneto de Froo de Sá. A f. 8. B f. 4. — 2 A manen. — 3 B el alma mia.

2. Quien me dará, apartado de la gente,
Sospiros que en la mi luenga porfia
Hagan que sienta fuego aquella fria
Causa de que nació tanto acidente?

3. Quien me dará palabras con que iguale
Quejando me, del mal que Amor me ha hecho,
Pues que tan poco el sofrimiento vale?

4. Quien me abrirá por medio este mi pecho
Do iaze este secreto que no sale
En grande cuita mia i mi despecho?

6 A agonia. — 7—8 A Me valgan que el afan tanto encubria Siguió se me despues tanto accidente. — 9 *O MS. escreve:* igual. — 10 A A tanto agravio quanto Amor me ha hecho? B Q. m. al mal que amor me ha hecho? — 12 B Quien abrirá. — 13 A Do iaze tanto mal? donde no sale. B A do iaze el secreto que no sale. — 14 A A tanta cuita mia i mi despecho? B Con tanta cuita mia i mi despecho?

85.

Soneto IX.

f. 16. 1. Del Tibre embuelto al nuestro Tajo, ufano
De sus arenas de oro i rica plaia,
Enchi todo de quejas, venga o vaia,
Llorando por la muerte surda en vano.

2. Fragoa de fuego, que no pecho humano,
Quantas de torres, quanta de atalaia
Alzas cada ora a fin que todo caia
Por tierra i metan todo a sacomano!

3. Que Sisifo quereis mas embevido
En sus trabajos i loca porfia?
Heis lo arribado al monte! i heis lo caido!

P f. 38. J f. 34. A f. 8v. B f. 4v. — 3—4 A Todo lo enchi de lagrimas, que vaia Dando al mundo señal del dolor vano. — 4 BP Llamando por la muerte sorda en vano. — 5 AB Fragua, no corazon, no pecho humano. — 6 B Quanta de torre. — 7 A Alzais. — 10 B En su trabajo vano, en su porfia. — 11 AB eis lo bolvido.

4. Noche tras noche va, dia tras dia,
Ia no pido merced, remedio pido,
Bolver me he a loquear como solia.

12 A Noches tras noches van. — 13—14 A No pido a Amor piedad, consejo pido Manda me loquear como solia. — 13 B No pido amor piedad, remedio pido. — 14 *O nosso MS. escreve:* Bolver me a lo que era como solia.

86.

Soneto X.

1. Io no entiendo bien que, mas esta fuente
Habla comigo, i ora se me antoja,
De tantas quejas mias que se enoja,
Oras que me consuela i que las siente.

2. Amor que aqui me trajo, no consiente
Que io vaia a otra parte donde me acoja
D'estes sueños en que ando, juzgue i escoja:
I es verguënza tardar tan luengamente.

3. Grande fuerza se ha hecho a los mis ojos,
Grande al entendimiento, andando aqui
De veras ocupado en mis antojos.

4. Con ellos me ando, o devaneo ansi?
Quien puso tal sabor a mis enojos
A pesar, (que es peor,) tanto de mi?

P f. 38. J f. 26v A ũa fonte. A f. 5v. B f. 4v. — P *tem a rubrica:* a ũa sua fonte. — 1 A Io no la entiendo bien, mas esta fuente. — 2 AB oras. — 3 A (Como de tantas quejas) que se enoja. — 4 P Ora. — 5 A Trujo me aqui un cuidado, i no consiente. B Amor que, aqui me trujo. — 6 A Que me vaia a otra parte i que m'acoja. B Que io me vaia a otra parte i que me acoja. P do me acoja. — 7 AB De los sueños. *O MS. escreve:* es olha. — 8 A Ia vergüenza es t. B Si es verguenza el t. P I es vergüenza el t. — 9 A Gran fuerza se me ha hecho. — 10 AB andando asi. — 12 AB No sé lo que me vi, ni que no vi. — 13 AB en mis enojos. — 14 AB soncas de mi.

87.

Soneto XI.

1. Aquella presurada rueda biva
De sobresaltos, que mudan tan presto,
Tantas vezes cada ora este mi gesto,
Nunca la voluntad presa i cativa;

2. La mi llama cruel, la pena esquiva
Que no reposa, sol nacido i puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, i desdeñosa, altiva;

3. Si no me dejan (como digo) el dia
I no la noche, todo me es tormento,
I de otra crueldad: que culpa mia?

4. El tiempo pasa en vano: ha hecho asiento
En el alma abrasada i luego fria
Tal ser que es menos ser cada momento.

P f. 38v. A f. 11. B f. 5. — 1 A A. apresurada i r. b. BP apresurada r. b. — 4 B Nunca la voluntad tanto ha captiva. — 5 AB Esta llama cruel. — 8 AB desdeñosa i altiva. — 10 AB antes mes tormento. — 11 A I agora crueldad. B Contino, i crueldad. — 13 AB mi alma. — 14 B Un ser.

88.

Soneto XII.

Em dialogo.

1. Cabe una fuente, a voz alta i sin tino,
Se queja el buen Salicio, atormentado
De un mas que vano amor. Zagal coitado,
A que remedio de sus males vino!

O nosso MS. e P *têm a rubrica seguinte:* Em dialogo do Amor c'um (P com um) pastor a que chama Salicio a quem o amor responde em Eco. — P f. 39. J f. 34v. A f. 11v Em Eco e em Dialogo. B f. 6v *Sem rubrica.* — 1 A alta sin tino. B en voz. — 3 A mas que nuevo amor, vano cuidado. — 4 A A tal remedio. B Ved de su mal a que remedio vino.

2. Amor que nunca va por su camino
Acaso ende pasava a vuelo alzado;
O fuese el llanto que despedazado
Del monte respondia alto i vizino:

3. S. Quien dió principio a mis cordojos? — A. Ojos.
S. Cierto crueles! i a mi destierro? — A. Ierro.
S. Deseos a que fin llevanos? — A. Vanos.

4. S. A lagrimas, enojos? — A. Mas enojos.
S. Pues que remedio a tanto de ierro? — A. Hierro.
S. Que muera asi a mis manos? — A. I a mis manos.

---

5 A por buen camino. — 6 A Iva volando por el despoblado. P onde. — 7 B Oió el llanto. — 8 B El monte repetia alli vezino. — 12 AB i enojos.

89.

f. 16v.

Soneto XIII.

1. Não sei que em vos mais vejo e não sei que
Mais ouço e sinto ao rir vosso e falar;
Não sei que vejo mais tê no calar
Nem, quando vos não vejo, a alma que ve?

2. Que lhe aparece, onde quer que ela esté,
Que olhe o ceo, que a terra, o vento, o mar?
E triste aquele vosso sospirar
Em quanto mais vai, que direi que é?

3. Certamente não sei: nem isto que anda
Antre nos, se é ele ar como parece,
Se fogo d'outra sorte e d'outra lei.

P f. 39v. J f. 27v O mesmo Soneto mais antigo. *Precede o outra redacção do mesmo soneto que se verá so No.* 162. A f. 12. B f. 3. — 1 *O MS. escreve:* em que. A Não sei qu'em vos mais vejo; não sei que. — 2 PB Mas. *N. M. de* B: Mais. — 3 AB Não sei que entendo mais. — 5 AB em qual parte qu'estê. — 6 AB Olhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar. — 8 AB Em que tanto mais vai. — 9 A Em verdade não sei, nem isto que anda. B Em verdade não sei que é isto que anda. — 10 AB E. n. ou se é ar como parece. — 11 B Ou fogo.

4. Em que ando? de que vivo? e nunca abranda
Por ventura se á vista resprandece?
Ora o que eu sei tam mal, como direi?

---

12 A e de que vivo. — 13 AB que á vista r. — 14 AP como o direi.

90.

Soneto XIV.

A' morte de Leandro.

1. Entre Sesto i Abido, el mar estrecho
Lidiando con las ondas sin sosiego,
Noche alta el buen Leandro prueva el ruego,
Prueva lagrimas tristes sin provecho.

2. Viendo que es todo en vano, pone el pecho
De nuevo al mar airado, ojos al fuego
Que en la torre alta luze. Ai Amor ciego
Que tanta de crueldad has visto i hecho!

3. Nadava mientras pudo házia la plaia
De Sesto, deseado i dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caia.

4. En fin, ondas, venceis, (dijo cubierto
Ia d'ellas,) mas no hareis que alla no vaia:
Bivo no quereis vos, mas iré muerto.

P f. 39v. J f. 26v A la muerte de Leandro. A f. 13 A la muerte de Leandro. B f. 5 *Sem rubrica.* F f. 97v. — 1 AFP al mar estrecho. — 3 A el fuego. — 4 A I lagrimas que corren sin provecho. — 5—6 A buelve el pecho De nuevo a aquel mar bravo. — 6 BF mar irado. — 7 A Que luze en la alta torre. F reluzia. Oh amor ciego. — 8 A Que tanta crueldad has visto i has hecho. B Quanta de crueldad. F Que tanta crueldad. — 9 *O MS. escreve:* asi. P hasta. — 10 F deseando el dulce puerto. — 11 B alla. — 12 F vencereis. — 14 B querreis.

91.

Soneto XV.

De Dom Manoel de Portugal a Frco de Sâ.

1. *Soem ás vezes ser mais estimadas*
As palidas espigas, puramente
Ofrecidas, que o ouro reluzente
Descuberto por veas soterradas.

2. *Por isso ante vos vão confiadas,*
Rarissimo Francisco excelente,
A rudeza do estilo diferente
E estancias incultas, desordenadas.

3. *O que brotou de si a natureza,*
De artefício nem de arte ajudada,
Colhido sem sazão, senhor, ofreço.

3. *A vontade de vos seja estimada,*
Que (em tam baixo tempo em que pureza,
Em que obras não ha) deve ter preço.

O nosso MS. e P *têm a rubrica seguinte:* De d. M. de P. a Frco de Sâ mandando lhe ũa egloga que fizera a (P fizera) n'esta arte italiana. P f. 40. J f. 28 Soneto de dom Manoel de Portugal a Frco de Sâ mandando lhe ũa Egloga. A f. 6 Dom Manoel de Portugal a Frco de Sâ mandando lhe ũa Egloga. B f. 8v De D. M. de P. E f. 124. — 3 B refulgente. — 5 B vão tam confiadas. — 6 AB e excelente. — 8 AB E as incultas estanças desornadas. E Estancias ocultas e desordenadas. — 10 AB D'arte nem d'arteficio ajudada. — 13 B Porque.

92.

Soneto XVI.

Resposta de Frco de Sâ.

1. Tantas mercês tam desacustumadas,
Como as servirei eu devidamente?

O nosso MS. e P *têm a rubrica seguinte:* De (P Reposta de) Frco de Sâ polos (P pelos) consoantes seguindo o Petrarca tambem nas suas rezõis (P repostas). — P f. 40. J f. 28 Reposta de Frco de Sâ polos consoantes como as do Petrarca. A f. 6v Reposta de Francisco de Sâ pelos mesmos consoantes como fez o Petrarca. B f. 8v *Sem rubrica alguma.* — 2 B Como as posso eu servir devidamente?

Farei o que ja fez um inocente,
Um rustico pastor d'antre as manadas,

2. Que da augua ofereceu em mãos lavadas
A Xerxes: bebeu ele, e santamente
f. 17. Jurou que não bebera tê o presente
Com tal sabor por copas de ouro obradas.

3. Senhor dom Manoel, se a crareza
D'um peito aberto, fe pura e lavada
Muito merece, muito vos mereço.

4. A pedraria vãmente estimada,
Os ricos cristalinos de Veneza
La se achão: eu ós meus palmos me meço.

---

3 AB Farei como ja fez. — 8 *O MS. escreve:* labradas, *palavra que viciaria a medida do verso.* — 9 AB a sô clareza. — 10 A D'um peito aberto, puro e fe lavada. B D'um peito aberto e limpo e fe lavada. — 13 B Os vasos cristalinos.

93.

Soneto XVII.

1. Ah! que diré? Que es esto que ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
Tan al contrario en todo lo que suele
De acontecer en quanto ofende i daña.

2. El mal crece i en el mal crece la saña;
Quanto en tierra se mueva, o en aire vuele,
Engañado, por fuerza es que se vele
I aun en seguro puesto de arte i maña.

P f. 41. J f. 29. A f. 13v. B f. 5v. — 3 A En contrario del todo a lo que suele. B Tan en contrario a todo l. q. s. — 4 A en lo que ofende. — 5 P El mal crece, en. — 5—7 AB Vemos (i es cosa clara) que se ensaña Quanto se mueve en tierra i al (B o en) aire vuele Una vez engañado i que se vele. — 8 A Nunca seguro o del caso o de maña. B Aun puesto en seguro de arte i maña. P I aun en seguro, lema (?) de arte i maña.

3. Ora este corazon tan ofendido,
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone ansi presto en olvido?

4. Quanto al hado se dió, quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido;
Viendo una vez, morri; mil buelvo a ver te.

---

9 B corazon mio ofendido. — 11 AB todo en olvido. P pones. — 14 AB Por ver te soi io tal i buelvo a verte. *O MS. escreve:* bivendo, *em lugar de* viendo.

94.

Soneto XVIII.

A' morte de Policena.

1. Traida en sacrificio Policena
Al sepulcro de Achiles, ia que vido
De Pirrho el cruel brazo en alto erjido
Por la ferir, bolvió toda serena,

2. Diziendo: a quanto mal i a quanta pena
Pornás fin luego, oh golpe bien venido,
Dejando el cuerpo frio aqui tendido
En estraña, pero vezina arena.

3. I luego, la real cara animosa
Bolviendo a todos mas clara que el dia,
Aun de ese cuerpo muerto recelosa:

4. Trocad me a lloros de la madre mia,
Les dijo, con sus hijos desditosa,
Que a oro os los compró quando podia!

P f. 41 v. J f. 28 v. A f. 13 v. B f. 5 v. F f. 116 v A' morte de Policena. — 1 B Llevada. — 3 A brazo erguido. — 5 A Diziendo descansada: A quanta pena. B I dijo: a quanto mal i a quanta pena. — 7 B el cuerpo muerto. — 8 A Cabe Troia, su nombre solo apena. B En desierta pero vezina arena. F En estraña e provezina. — 11 A despues recelosa. B su cuerpo. — 13 *O MS. escreve:* destidosa. — 13—14 A Les dijo que ia no le queda otra cosa I qu'a oro nos remió quando podia.

95.

Soneto XIX.

Nisa e Filis.

Nisa.

1. Que es esto Filis? que estás tan turbada
Aqui, asi sola, tan sin color?
Ves esta fuente? El merlo? El ruiseñor?
Oie esta avezilla enamorada.

2. Si lo que ves i que oies no te agrada,
Que te puede agradar? Ves quanta flor?
Ves quanta diferencia de color
De que la tierra está como esmaltada?

f. 17v. Filis.

3. Oh Nisa, Nisa, leda i deseosa
De cazar, vine a la verde ribera:
Todo olvidé por esta fuente hermosa.

4. No soi la Filis, no, que de antes era:
Salteó me un cuidado asi pensosa
A tal allegué que aina me muriera!

P f. 41 v Em dialogo de ũas ninfas. A f. 12v Em dialogo de duas ninfas. B f. 6v. — 2 A Sola, demudada i sin color. B Tan sola, demudada i s. c. P Asi aqui sola toda sin color. — 3—4 AB Cabe esta fuente tanto ruiseñor I tanta otra avezilla enamorada. — 4 *O MS. escreve com erro manifesto:* oj estava avezilha. P Oies tanta. — 6—7 AB ni dar sabor Ves tanta diferencia i tanta flor. — 9 B Oh Nise Nise. — 10 A vine a la fresca ribera. B vine aqui a esta ribera. — 11 B Todo me hizo olvidar la fuente hermosa. — 12 A la Nisa (*Err. Leia se:* la Filis). B i a que d'antes era. — 13 AB Salteó me aqui un cuidado; ah flaca cosa (B ah falsa cosa). — 14 A La vida mui aina aqui muriera! B Quan presto esta mi vida se perdiera! P llegué.

96.

Soneto XX.

1. O sol é grande, caem com calma as aves
Em tal sazão que soía de ser fria.
Esta agua que cai de alto acordar me hia
De sono não, mas de cuidados graves.

2. Oh cousas todas vãs, todas mudaveis,
Qual é o coração que em vos confia?
E passa um dia assi, passa outro dia,
Incertos muito mais que ó vento as naves?

3. Eu vira ja aqui sombras, vira flores,
Eu vira fruita ja, verde e madura;
Ensordecia o cantar dos ruiseñores!

4. Agora tudo é seco e de mistura:
Tambem mudando me eu, fiz outras côres.
E tudo o mais renova: isto é sem cura.

P f. 42. J f. 33v. A f. 14. B f. 3v. — 1 A coa calma. — 2 AB Do tempo em tal sazão que soi ser fria. — 3 AB que d'alto cai. — 4 B Do. — 5 A mudaves. — 6 A tal coração. — 7 A Passão os tempos, vai dia tras dia. B Passando um dia vai, passa outro dia. — 8 B Incertos todos mais. — 9—11 B Eu vi ja por aqui sombras e flores, Vi aguas, e vi fontes, vi verdura, As aves vi cantar todas d'amores. — 10—11 Vi tantas aguas, vi tanta verdura, As aves todas cantavão d'amores. — 12—13 A Tudo é seco e mudo e de mestura T. m. m' eu fiz d' outras côres. B Mudo e seco é ja tudo e d. m. Tambem fazendo me eu fui d' outras côres.

97.

Soneto XXI.

A ũa Elegia ou Capitulo de Frco de Sâ de Menezes.

1. A' vossa verdadeira penitente
Quam bem que lhe guardais pontos devidos:

A Rubrica do nosso MS. (*que é a mesma de* P) *continua depois de Menezes:* que lhe mandou a mostrar seu irmão Antonio de Sâ; e era o capitulo sobre a „Madanela", a maneira de Italia (P: Magdalena). — P f. 42v. J f. 34 A Frco de Sâ de Menezes sobre ũa elegia que fez da Magdalena. A f. 5 A um capitulo da maneira italiana que fez Frco de Sâ de Menezes á Madanela, *e repetido* a f. 161: Soneto de Fr. de Sâ de Miranda á Madanela. B f. 7 A Frco de Sâ de Menezes. — 1 *O MS. escreve por engano:* penitencia. — 2 A Quam bem guardastes seus p. d.

Do sepulcro os apostolos partidos,
Ela não parte: vede o que ali sente!

2. E assi mereceu ver primeiramente
Quem viu que fosse em habitos fingidos.
Tudo amor vence! Altissimos sentidos
De a quem tal hortelão sempre é presente!

3. Gregorio a faz sempre ũa, outros doutores
A fazem tres; apos Gregorio vão
Despois os mais com todos os pintores.

4. Aqueles, diria eu, senhor, que são
Aqueles, (outra vez,) que são amores:
Tantos sospiros! um sô nunca em vão!

---

3 A Os apostolos erão ja partidos. — 6 A Deus em terra em h. f. B A deus que f. e. h. f. — 8 AB A quem tal hortelão se faz (B: fez) presente. — 9 AB G. a põi por ũa, o. d. — 10 A Fazem as tres. B Fazem-na tres. — 12 AB direi eu. — 14 A Dos tais sospiros um sô n. e. v. B Tantos sospiros e um sô n. e. v.

98.

Trovas I.

Feitas á Conceição de nossa Senhora em Alcalá.

1. Principio, medio ni cabo
Hallo, Virgen singular,
Para poder os loar,
Porque, si mucho os alabo,
Mas es lo que he de ignorar.
f. 18. I puesto que se aiuntasen
Todos quantos hizo Dios
I siempre en vos se ocupasen,
Un punto, dudo, alcanzasen
De lo mucho que ha i en vos.

A rubrica do nosso MS. (igual á de P) *diz:* em Alcalá onde então estavão os infantes; e porque estas levárão o preço, que foi um crucifixo de ouro, forão ca enviadas. — P f. 43. A f. 161 Trovas que em Alcalá de Henares levárão o preço que foi um crucifixo de ouro. Sobre a conceição de nossa senhora. *Falta em* B. — 6 P juntasen. — 7 A crió.

2. Madre de nuestro consuelo,
Dechado de prefecion,
Con divida permision
Vistes vos aca en el suelo
Perservada en concepcion.
E tuvistes entre nos
Tan alta palma i vitoria
Que concebistes a dios,
I antes concebió el a vos
Mentalmente eu su memoria.

3. De do nos consta sentir
Que no solo no pecastes,
Pero pecar no pensastes,
Porque en vuestro concebir
De toda gracia abundastes.
I en vuestro vientre iocundo
Vemos que pudo caber
Por misterio mui profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprender.

4. Hizo os dios tan limpia i pura
Por acuerdo de los tres,
I en vos tal merecer es
Que la anjelica natura
Teneis debajo a los pies.
I en tan supremo lugar
Os quiso dios sostener,
Que no pudistes pecar,
Porque, do havia de encarnar,
Sin pecado havia de ser.

5. Ved que misterio excelente
Vuestra concepcion obró!
Que por vos se reparó

11 A fuente. — 13 A Con divina p. P Por divina p. — 14 AP Fuistes. — 23 A Pero ni pecar pensastes. — 30 *O MS. escreve:* puedo. — 35 A debajo los pies.

El daño de la serpiente
Que a nuestro padre engañó!
I quiso i permitió dios
Por su decreto divino
Por vos tuviesemos nos
De congruo lo que vos
Merecistes de condino.

6. Quando dios os dió la silla
Que está segunda en el cielo,
Limpia os hizo i sin recelo,
Concebida sin manzilla
Por la mejor d'este suelo.
Porque quando os fabricó
En el vientre maternal,
Al punto os predestinó
E de alli os eximió
Del pecado original.

59 A Desde alli. — 60 A *tem no fim uma nota que se refere em parte a estas trovas, em parte ás outras que seguem immediatamente. Diz:* Forão mandadas estas trovas atras de Castela ao senhor Dom Duarte. Fez lhe Freo de Sâ outras tantas (*v. no.* 99) na mesma sorte de trova.

99.

Trovas II.

f. 18v. **Neste mesmo proposito e na mesma sorte de versos.**

1. Ha i razon que tal consienta?
Pensamiento altivo, ufano!
Que se atreva un pecho humano
En poner en tal afrenta
Su lengua ni la su mano?
Madre biendita, si a vos
No llamamos, no ha i remedio

P f. 44v. A f. 162. B f. 143 A nossa senhora. — 4 ABP A poner. — 5 *O MS. escreve:* Na lengua. P La lengua. — 7 AB No acudimos.

Que ado desmaiamos nos
Del todo, comieza dios
Sin fin, comiezo ni medio.

2. Si al sol los ojos alzamòs,
(Que alguna vez acontece)
La vista nos desfalece
De manera, si tardamos,
Que a toda parte escurece.
Si ante los maiores fuegos
No van los menos a cuento,
Que nonadas i que juegos
Ante vos son ojos ciegos
De tan flaco entendimiento!

3. Seso, no te sobresaltas,
No turbas, no alteras todo,
Del inmenso amor sin modo?
Quien hizo cosas tan altas
Cobrirse de nuestro lodo?
Virgen i madre sin par,
Alzad lo que abato io;
En vos se vino ad encarnar
Dios que no cabe en lugar:
Vuestro pecho lo crió!

4. El que en principio ia era,
Como no tenga comiezo,
De la cadena al pescuezo
Que el pecado nos pusiera,
Os salvó ante el destruezo.

8 A Onde. B Que onde. — 9 AB Comienzan obras de dios. — 10 B Sin fin, principio ni medio. — 12—15 AB Como alguna ora acontece, La vista luego enflaquece De suerte si aporfiamos (B porfiamos) Que a toda (B a) parte anochece. — 19 AB Son a vos los o. c. — 22 AB i alteras t. — 24 B De quien hizo obras t. a. — 27 AB abajo. — 28 AB a encerrar. P vino encarnar. — 31—35 AB Madre i virgen juntamente (Quien nunca tal cosa oiera?) El que en principio ia era, Del golpe de la serpiente Preservada os hubo (B hizo) entera?

Esto, como pudo ser?
Que contradize la edad!
Quien todo lo puede hazer,
Como dios tuvo poder?
Como hijo voluntad?

5. Fuente, donde gracia mana,
Siempre clara i toda ajena.
Del turbio, digan que suena
Quando a boca llena os llama
El anjel de gracia llena;
Virgen, divino sacrario,
No tuvo poder alguno
Contra vos nuestro adversario,
Que no puede el un contrario
Con otro estar de consuno.

f. 19. 6. Al que antes llamava errado,
Bolví me al mismo camino!
Madre del verbo divino,
A tal resplandor alzado,
Quien terná seso? quien tino?
Claro espejo de la fe
Escurecido jamas,
Ai, señora, ai que diré?
Ai que soy niño, i no sé
Que haga o que diga mas.

---

36 AB puede. — 39 B tuvo el poder. — 40 B la voluntad. 42 AB clara, limpia i ajena. — 44—45 AB Quando por cosa tan llana Os llaman de g. ll. — 48 A pudo. — 51—52 AB Bolvia al camino errado De en ti hablar, señora, indino. — 53 *O MS. escreve:* der. — 54—56 AB De tal claridad turbado Como atinaré sin tino? Limpio espejo de la fe. — 58 *e* 59 AB Ah. — 60 B Lo que haga o q. d. m.

100.

Canção.

A nossa senhora.

1\. Virgem fermosa que achastes a graça
Perdida antes por Eva, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fe.
Coitada d'esta nossa vista cega
Que anda apalpando pela nevoa baça
E busca o que, ante si tendo, não ve!
Sem saber atinar como ou por que
Entrei polos perigos,
Rodeado de imigos:
Por piedade a vos venho, e por mercê;
Vos que nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingua,
Me dareis lingua e coração seguro.

2\. Virgem toda sem magoa, inteira e pura,
Sem sombra nem d'aquela culpa errada
Por todos até o fim des o começo,
Craridade do sol nunca turbada,
Santissima e perfeita criatura,
Ante quem de mim fujo e me aborreço,
Hei medo a quanto fiz, sei que mereço!
Dos meus erros me espanto
Que me aprouverão tanto,
E agora á sô lembrança desfaleço,
Mas lembra me porem que vos fizestes
Paz antre deus e nos,
E a quem por vos chamou sempre a mão destes.

P f. 46 *A rubrica do MS. (igual á de P) continua:* Feita por aquela do Petrarca: „Virgine bella". A f. 2v Canção a nossa senhora seguindo ao Petrarca na composição d'aquela: „vergene bella". B f. 138 A nossa senhora. Canção. C f. 179 *em redacção completamente differente* V. P. IV. No. 163. — 15—16 AB herdada Por todos nos, tê o fim desde o começo. — 23 ABC Agora.

3. Virgem, seguro porto e emparo e abrigo
A's môres tempestades; ah que tinha
O's ventos esta vida encomendada
Sem olhar a que parte ía ou vinha,
Vãmente descuidado do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada,
Não vos seja em despreço ũa coitada
Alma que ante vos vem,
Por rezões que tem,
De imigos grandes mal ameaçada.
E que eu tam pecador e errado seja,
Vença vossa piedade
Minha maldade grande e assi sobeja.

4. Virgem, do mar estrela, neste lago
E nesta noite um faro que nos guia,
Pera o porto seguro um certo norte;
f. 19v. Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sômente os olhos vendo o estrago
Que atras olhando deixa feito a morte?
Quem proa me daria com que corte
Por tam brava tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo feo e forte.
Mas tudo que será? coa vossa ajuda
Nevoa que foge ao vento
Que num momento s'alevanta e muda.

5. Virgem, e do sacrario santo
Porta que Ezequiel cerrada via
A' parte que responde ao oriente;
Silvado inteiro que todo ele ardia

27 ABP V. s. p. emparo e abrigo. — 28 *O MS. escreve:* tenpetade. — 30 AB Sem olhar ja a q. p. — 31 AB Descuidado de mim e do perigo. — 32 P tenho. — 33 AB esta coitada. — 35 AB Cos receos q. t. P Por receos q. t. — 38 AB bondade. — 40 AB e neste lago. — 42 AB Pera o porto, antes claro e certo norte. — 46 AB Quem me daria proa. — 51—52 AB Nevoa da lagoa, Que ao vento voa e num momento a muda. — 52 P se levanta. — 53 AB Virgem perfeita e d. s. s. — 56 AB Alto silvado.

Sem ofendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente;
Vello de Gideão, divinamente
Dado em alto sinal
De orvalho celestial
Que estava tudo enxuto e ele sô sente:
Senhora, que podeis, em tal afronta
Restituí-me a mim
Antes da fim, que o sol vai se e transmonta.

6. Virgem e madre juntamente, quem
Tal nunca ouviu nem d'antes nem despois
Se não em vos? quem foi o que o entendeu?
Vos madre e filha, vos esposa sois
D'aquele que apertado ó peito tem
Os vossos braços santos, outro ceo?
Na vossa alta humildade se venceu
O soberbo tirano
Que com enveja e engano
Nos fez tam perigosa e longa guerra:
Em molher começou tal dano nosso;
Quem nos restituiu,
De vos saiu, senhora: o preço é vosso!

7. Virgem, nossa esperança, um alto poço
De vivas aguas, donde a graça corre
Em que se matão pera sempre as sedes;
Não de Nembrot, mas de David a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tam perseguido como vedes,
D'antre tam altas, tam grossas paredes,
De ferro carregado,
Um coração coitado

59 *O MS. e* P *escrevem:* verlo. — 60 AB E divino sinal. — 61 ABP Do orvalho. — 62 AB Que tudo o mais enxuto, ele sô sente. P Que estando tudo enxuto ele sô sente. — 68 AB Sômente em vos então quem o entendeu. — 71 AB Vossos braços, o que não pode o ceo. — 76 AB Por molher se causou t. d. n. — 80 AB que contino corre (B correm *Err.*).

Chama por vos envolto em bastas redes.
Esse que eu som, sinais inda algums tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

8. Virgem do sol vestida, e dos seus raios
Toda cuberta e ainda coroada
De estrelas, e debaixo o sol, a lũa,
São vindas minhas culpas d'assuada
Sobre mim tantas; valei-me ós meus desmaios!
De tantas que possa ir chorando algũa!
Não me deixárão desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos;
Levárão me os desejos
f. 20. O milhor das idades ũa e ũa.
Quem tromenta passou por toda a praia
Cos ventos contrastando,
Saia nadando, ja coa vida, e saia.

9. Virgem, horto cercado, alto e defeso,
Rico ramo do tronco de Jessé
Que milagrosamente enflorece,
Custodia preciosissima da fe
Que toda junta tivestes em peso
Quando um e o outro sol sua luz perdeu;
Rompão os meus sospiros o alto ceo,

---

89 AB Ũas sobre outras; porem sinais tenho. — 92 A nos seus raios. — 93—94 AB Claros envolta toda e das estrellas Çoroada e debaixo os pes a lũa. — 95 AB culpas e querelas. — 96 AB aos desmaios. — 97 AB De muitas. — 101 AB Tantas occasiõis, indo, ũa e ũa. — 104 B com vida. — *Estrophes* 9—11 AB:

9. Virgem, horto precioso, alto e defeso
Rico ramo do tronco de Jessé
Que floreceu tam (tam *falta em* A) milagrosamente,
Custodia preciosissima da fe
Que vos sô toda tivestes em peso,
(B Que vos tivestes sô de todo em peso)
Tendo um e o outro (B e outro) sol sua luz ausente;
A alma que os seus enganos tarde sente

E a vos cheguem, senhora,
Que assi vou de ora em ora
Envolto n'este cego e basto veo;
De dia em dia, vou me de ano em ano,
A minha fim chegando
Dessimulando a vergonha e o dano.

10. Virgem celestial ja andando aqui
E em corpo trespassada ao ceo impirio
Sem ser ca vista mais de olhos humanos,
Espelho craro, purissimo lirio
Que tam suave odor lança de si,
Dada por sô remedio ós nossos danos;
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura,
Esperança segura;
Contra tais forças, contra tais enganos
Com vosso esforço por terra e por mar
Não digo eu haver medo
Mas sair ledo ao campo e pelejar.

Altissima senhora,
Por vos sospira e chora.
Hontem minino, sou velho ao presente
De dia em dia vou me, (B: V. m. d. d. e d.) d'ano em ano
A' minha fim chegando
Dissimulando a vergonha e o dano.

10. Virgem, andando aqui ja celestial
E em corpo assi levada ao ceo empireo
Sem ser vista mais ca de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos vales lirio
Que nunca teve nem terá igual,
Dada por sô remedio a nossos danos
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura;
Esperança segura,
Tais forças contra tais mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra e por mar
Não digo eu haver medo
Mas sair (B ir) ao campo ledo e pelejar.

11. Virgem das virgems, como o tempo voa!
Quem sabe quanto avança
Nossa certa esperança!
Quanto sospiro a toda parte soa,
Quantas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos,
A vos os olhos: tudo o mais são nadas.

---

11. Virgem das virgems, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda a parte soa!
Quantas lagrimas são mal derramadas!
Mas posto (B postos) de giolhos
A (B Em) vos os olhos: tudo o mais são nadas.

136 P Mal posto. — *O MS. P. acaba aqui com a rubrica seguinte:* Fim da primeira parte das obras de Francisco de Sâ.

Parte Segunda.

Poesias que Sâ de Miranda mandou ao Principe Dom João

pela segunda vez.

O nosso MS. diz: Outra parte de Obras de Francisco de Sâ que tambem mandou ao principe.

101.

Soneto XXII.

Ao principe.

1. Inda que em vossa alteza a menos parte
(Em quem deus repartiu tantas e tais)
Seja esta, todavia antre as reais
Se contou ela sempre em toda parte.

2. Dar favor aos engenhos, e a toda arte
Das boas, faz os reis aqui imortais
Por fama, e passando avante mais,
Ums fez deuses em todo, outros em parte.

3. A' guerra leva o môr Cipião consigo
As musas brandas de seu natural
Que assi sem armas são de altas ajudas,

4. E ainda cantão d'aquele tempo antigo.
Caírão as estatuas de metal!
Que se podia esperar de cousas mudas?

A f. 1 v A segunda vez que lhe mandou mais papeis (*V. Son. I.*). B f. 1 v *Sem rubrica.* F f. 71 v. *N. M.:* pouco mudada. — 1 B menor. — 2 ABF Em que (BF quem) deus ajuntou. — 3 B Ja se ela contou sempre em toda a parte. — 7 A Por fama; inda p. a. m. BF P. f. e passando inda a. m. — 8 AB de todo. — 9 *O MS. escreve:* capitão *em lugar de* Cipião. *Ainda que o sentido ficasse o mesmo, não succederia outro tanto com o metro e por isso substituimos* Cipião *por* capitão. — 12 A Ainda nos cantão do bom tempo antigo. B Elas nos contão do bom t. a. F Ainda cantão d'aq. t. a. — 14 AB Que al s. p. e.

Egloga I.

Alejo.

102.

Egloga I.

Pastores de la Egloga: Alejo zagal; Sancho viejo; Ninfa de la fuente; Juan pastor; Anton; Toribio, i Pelaio.

Alejo.

f. 20 v. 1. Io vengo como pasmado
I no sé lo que me diga,
Que el mi corazon letiga
Entre cuidado i cuidado!
Valas me, dios, que pecado
Fue el mio atan estraño?
Io no soi el que era antaño:
Han me como barajado!

2. Dias ha que no me entiendo,
No percundo este mal mio:
Al sol muero me de frio,
A la sombra estoi me ardiendo!

O MS. diz: Egloga de muitos pastores e o primeiro que nela fala é um moço a que chamão Aleixo. — J f. 68 v. A f. 81 Alexo. Egloga (I) en que hablan los siguientes pastores: Alexo Zagal; Sancho Viejo; Ninfa de la Fuente; Juan Pastor; Anton; Toribio; i Pelaio: Pastores. B f. 77 v A Antonio Pereira senhor do Basto. Egloga VII. *Anda precedida (como tambem* J) *de uma Epistola dedicatoria que se vera na* P IV No. 145. Pastores da Egloga: Alexo; Sancho; Juan; Anton; Toribio; Pelaio; Ninfa de la fuente. — E f. 27 v—37 v Egloga (IV) de muitos pastores e o primeiro que fala é um moço chamado Aleixo. — F f. 71 v—81 Egloga (I) de muitos pastores e o primeiro é um moço por nome Alexo. — *N. M.:* Sâ Miranda 7ª. — 3 A Que mi corazon l. — 5 E Valgas me. — 6 AB Pudo ser mio tamaño. E Fue el mio tan estraño. F Fue esto mio atan estraño. — 7 A quien me era antaño. — 8 E abargado. — 10 B pescudo. — 11 AB Al sol muriendo de frio. — 12 AB A la sombra en fuego ardiendo. E A la sombra estoi ardiendo.

En ninguna parte atiendo
Que pueda pensar que fuese?
Como si de otren fuiese,
Ansi de mi voi fuiendo.

3. É me aborrecido el hato,
Los apriscos i majadas;
Ando tras unas nonadas,
Que no sé que ende me cato.
Quiebran se me a cada rato
Los pies, las manos i aliento.
Voi me como niebla al viento
Que ella lleva en desbarato.

4. Quiza de los mis cabellos
Debajo de mi portal
Me los pusieron, por tal
Que pasase ende sobre ellos;
Embolver me hían con ellos
Del pan de los mis bocados;
O pasé sobre finados,
No hize oracion por ellos.

5. Acaso de tal dolor
Que en lei de razon no cabe,
La benzedera que sabe
Lo quellotrará mejor?

---

13 *Falta no MS.* B A n. p. a. EF E (*i. e.* I) en n. p. a. — 14 AB No sé dar con lo que fuese. — 15 AF otro. — 17 E Ha me. — 19 ABF unos. — 21—24 AB Que buena ganancia i trato Sospirar noches i dias! Vanas esperanzas mias Que me engañan cada rato. — 24 *O MS. escreve:* Que lha leva. E el desbarato. — 26 AB Debajo del. E debajo de uno. — 27 BE pusieran. — 28 AB Que huviese a pasar por ellos. E Que pasase ende por ellos. *O MS. escreve:* endo. — 29 AB I embolver. — 33 A Si acaso. E La causa. — 34 AB Que en buen juizio no cabe. — 35 B si sabe. — 36 F quillotrará. *As edições posteriores feitas sobre a de* 1614 *mudárão esta palavra que não comprehenderão em:* que llorara (1632, 1651 *e* 1784) quello trará (1677). E *escreve:* Lo quello sera.

Mas vamos a lo peor
(No sé que se me afigura):
Quiza puede ser locura,
Quiza puede ser amor.

6. Soncas si he sido asombrado
De los cuerpos huidizos?
O me dieron bevedizos
Que todo me han trastornado.
O quiza fue mal de ojado
Quando cantava i tañia
En las bodas de mi tia:
Buelve ca pastor cansado.

7. Mas, porque ansi me acordé
De aquel dia i aquel cantar,
Quiero lo ora aqui cantar,
I el tiempo me pasaré,
Dias ha que no canté:
Con el corazon no puedo.
Antonces cantara ledo,
Ora, como cantaré?

f. 21. 8. Que fantesia tan loca?
Bienes de zagal perdido!
El tino ado lo i sentido?
Do la voz cansada i roca?

---

37 A Ando como al derredor. — 38 *O MS. escreve:* o que. — 39 A Soncas si fue asombramiento. — 43 BF dieran. — 44 A Con que voi beviendo el viento. — 45—48 A No sé pero mal me siento De quando esposó Guiomar Que dije aquel mi cantar: *Buelve aca pastor sin tiento.* B O quiza si fue aojado En las bodas de mi tia. Quando cantava i tañia: *Buelve aca pastor cansado.* EF O quiza fue mal de aojado (F ojado) Quando cantava i tañia En las bodas de mi tia: *Buelve aca pastor cuitado.* — 49 B Pero pues que me acordé. — 50—52 AB De aquel dia de plazer, Quiero a cantal-lo bolver, Quiza que descansaré. — 55 AEF Estonces. B Entonces cantava. — 57—64 *Faltão em* A. — 59 BF i el sentido? — 60 *O MS. escreve:* lǫca.

Ai la mi ventura poca
En poder todo de enojos!
Quando ansi lloran los ojos,
Como cantará la boca?

Canta:

9. Buelve aca, pastor cansado,
Buelve! A que peligro vas?
Corres tan desatinado!
Sabe que te perderás.

10. Porque ansi te acucias, di,
Las mentes enajenadas?
Cata que a pocas pasadas
No havrá memoria de ti.

41—64 F *tem em lugar d'estas tres estrophes quatro. A primeira começa:*

Empero si esto es amor,
Mal es que no tiene cura,
Tambien si fuese locura:
Uno mal i otro peor.

e continua com as variantes das linhas do texto 41—44 *que ja se indicárão. A estrophe segunda corresponde ás linhas* 45—52; *a terceira ás* 53—60, *(tudo isso com as variantes ja indicadàs); a quarta começa com as linhas* 61—64 *e continua:*

Esta voz de llorar roca
I el corazon ado lo?
Pera cantar, pera solo,
Aunque mal, la fruta es poca.

65—68 A Buelve aca pastor sin tiento Buelve! a que corriendo vas? No te engañe el pensamiento Sino que te perderás. — 66 B que a peligro vas! — 68 B Que aina te perderás. — BF *têm mais uma estrophe intercalada entre* 68 *e* 69 *que diz:*

De quien huies? o porque?
Buelve aca, buelve al rebaño.
Oie, si no ves tu daño,
Quien te avisa i quien lo ve!
No te acuerdas del ganado,
Ni de ti: si ansi te das
Tal priesa, soncas priado
A la tu fin llegarás.

69 E Porque ansi te acoseas de ti?

Buelve, buelve, a porfiado,
Que si no buelves atras,
Solo en ver a do has llegado,
De miedo te morirás.

Buelve aca pastor cansado!
Buelve! A que peligro vas?
Corres tan desatinado!
Sabe que te perderás.

11. Estonces aun era sano.
Fue — si me acuerdo — por maio.
Luché, corri como un raio;
Davan me todos la mano;
Despues me vino un afano
Que a pocas muerto me tiene.
Bien dizen que el mal se viene
Soncas de suio a la mano.

12. Si aqui estuviera mi hermana,
— Que me la llevó su esposo —
Con ella huviera reposo
Esta mi cuita villana
Que tantas vezes liviana
Me altera i muda tan presto,
De la mañana al sol puesto,
Del sol puesto a la mañana.

13. Quantas vezes me dezia:
No me parece mi hermano.
Que es hablar cosa de sano
Tanto d'esto noche i dia.

73 A ah perdimiento. E Buelve, buelve profiado. — 75 A Solo en ver tu atrevimiento. — 76 E De miedo sé que mor(i)rás. — 77—80 *i. e. a repetição de* 65—68 *falta em* A B *e* E. — 81 Aun estonces io era sano. B Iva aquel dia lozano. — 82 A Era (me acuerdo) por maio. — 83 *O MS. escreve:* Luchi. — 84 A Iva contento i lozano. B Era mozo rezio i sano. — 85 B Luego etc. — 87 A Dizen que el mal se vos viene. — 89 A B Como de suio a la mano. — 89—104 *Faltão em* A. — 90 B Que nos la llevó s. e. EF Me t. l. ll. s. e. — 94 BEF Se altera.

No sé que contado havia,
Ciertas zagalas loando,
Io boquiabierto escuchando
Siempre alli bolver queria.

14. Ai que locura pensé!
Quanto aquel cuento me plugo!
Ora ia atado al iugo
Arar, o rebentaré.
Mas oh que fuente! Echar me he
Cabe ella en ierva tan fresca:
Puede ser que me adormezca,
Sino, que descansaré.

f. 21 v. **Sancho (pastor), el viejo.**

15. En vano el viejo afanó:
Ha quanto que me parece
Que el mi mozo no aparece!

---

103 BE boca abierta. — 104 B querria. — 105 A Ai que locura he pensado. BE Ai que locuras pensé. — 106 A aquel ierro. — 107 A Agora. BE Aora. — 108 A Tirar, no saltar al prado! BE Araré o rebentaré. — 105—108 *Em lugar d'esta estrophe,* F *tem duas que dizem:*

Lo que entonces no sabia,
Saber por mi mal buscava.
Con que sabor lo contava,
Con que sabor lo oía!
Aquel remedio faltó;
I en partiendo d'esta tierra
Por el valle i por la sierra
Todo se me escureció.

El corazon me caió
Luego en tanto desespero
Que a pensar ratos me paro
Si soi io o si no soi io.
Ah que locura pensé!
Quanto me plugo aquel ierro
Del qual sin fuego i hin hierro
Nunca m'escabulliré!
Mas oh etc.

109—112 A Que buena fuente he hallado! Que sabrosa, fria i fresca! Puede ser que me adormezca A la sombra aqui abrigado. — 110 F En ella en tierra tan fresca. — 114—115 AB Sancho viejo. — 115 A Soncas lo que me parece. B La vista se me esvanece. — 116 B El muchacho no parece.

Antes desapareció.
Quantas vezes sin provecho
Que esto he hecho!
Aqui va, por alli va,
Des que he corrido un buen trecho
Otro lo vido aculla!

16. Con el hijo juntamente
Te nace cuita i fatiga:
Pero costume es antiga
Que ande tras su mal la gente.
Buen descanso me fue dado
Del mi hado
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos que he engendrado,
Mal con los hijos ajenos.

17. Un lunes por suerte estraña
(Niembra-me que lluviscava)
Io mi ganado urriava
Por el pie de la montaña.
Ende de una breña escura
A ventura
Una mi cabra perdida
Vi fuir a la espesura:
Tras ella di de corrida.

118—119 A Quantas vezes que esto he hecho Sin provecho. — 119 B Que esto hecho. (*Err.*). — 121 A Ia cansado sin provecho. — 123—127 A Juntamente con el hijo Te nacen muchos enojos No nos deja abrir los ojos Uno i otro regozijo. Que descanso me fue dado. — 123—128 B Con el hijo juntamente Nacen cuidado i fatiga, Pero costumbre es antiga Andar tras su mal la gente. Buena vida en vejez fue Par mi fe. — 128 *Falta em* A. — 130 B que engendré. — 133 AB Aun no me deja aquel dia. — 134 A De la noche me acogia. B De la lluvia me acogia. — 136 A brava breña. B espesa breña. — 137 AB Zahareña. — 138—140 AB Una cabra que perdiera Por el hueco de una peña Vide que se me acogiera. — 140—141 F *intercala:*

Io, que bien la conocí,
Doi con ella en una cueva
Do vi la cosa mas nueva
Que en toda mi vida vi!

18. Que criava ende un mozuelo
Mas, que digo? un niño tierno;
I, aunque ia no era invierno,
Ateri me como un ielo.
Pero que havia de hazer
Sino ver
El cabo a los embarazos?
Era niño al parecer;
Saqué lo fuera en mis brazos.

19. Vi lo envuelto en tales paños
(I cierto el niño era tal)

Ia desde fora se oía
Que plañia
Un cabritillo la dentro,
Por lo qual, como venia
Ansi tras mi cabra entro.

141—149 AB Fui me alla, vi que plañia Un niño tierno mas dentro (B alla dentro) Por do tras mi cabra entro (B Por lo que tras ella me entro) Que contra si me fue guia. Que mas me havia (B io) d'estar Si no entrar? Como iva por ver lo que era, No pude alla divisar Saqué lo en los brazos fuera. — 149 EF Saqué lo al claro en mis brazos. — 149—150 A *intercala aqui uma estrophe,* B *duas cuja primeira é igual á de* A.

AB: Cierto que es cosa devida
Tener al ganado amor
I que aventure el pastor
Por el mil vezes la vida;
Que el su buen entendimiento
Es sin cuento.
Pasa ansi — i es caso estraño —!
Tras mi la mi cabra siento
Recelosa de mas daño,

B *continua:* Mas piadosa que el padre,
Mas que deudo ni pariente,
(No hablo de la otra gente)
I aun quiza mas que la madre.
Digo os en mi conciencia
Huve verguënza,
En una causa tan digna
De piedad que nos venza
Una cabra montesina.

150 B Era envuelto en ricos paños. — 151 A El por cierto era se tal. B El niño i todo era tal.

Que harto alli dezian mal;
I esto ha sus diez i nueve años.
Quien del tiempo no se vela,
Como vuela!
Parece que fue esto aier!
Uno puja, otro se asuela,
Nunca deja de correr.

20. Llevé el mozo a mi Taresa.
(Ella fue siempre qual es.)
Veis lo que anda en quatro pies;
Veis que en dos se erje a la mesa;
Veis que a maiores alcanza
En crianza
En saber i ser lozano.
Ai! de una vana esperanza
Al fin que queda en la mano?

f. 22. 21. Era locura pensar
Cosas que aun niño dezia.
Despues cantava i tañia
El caramillo sin par.
Sabia mas que el jurado
Bien jurado,
Aiudava a misa al crego .....
Aunque este es mal mui usado
Seres con tu hijo ciego.

22. Pero en esto no me engaño.
(Aunque es hijo en el amor)

---

152 A iazia mal. BE dezia. — 153 ABF Esto ha (BF I esto ha) sus dezisiete años. E dezanueve. — 157—158 AB Dando se como d'espuela Que prisa lleva a correr! — 159 A Traje lo a mi Teresa. B Truje el niño a mi Teresa. F Llevé el niño a mi Teresa. — 160 AB Que podria ser de un mes. — 162 AB Veis lo que se ergue a la mesa. — 163 A Luego a maiores alcanza. B Veis los maiores alcanza. — 165 AB I en costumbres (B En) i en saber. — 166 A Ved de tamaña esperanza. B Ved de tan grande esp. EF Ai de una gran esp. — 167 AB Lo que queda al recoger? E Al fin que quede en la mano? — 169—171 AB Sus donaires i los (B sus) sesos. Ante tiempo aquellos pesos En esto van (B vienen) a parar. — 172 EF Sabia mas que un jurado. — 177—185 *Faltão em* A.

Mal crerán que un tal pastor
Ande tras el mi rebaño.
Io dije *ande,* antes *andó,*
Triste io!
Que aora ia medio loco
Del ganado descuidó
I aun de si le cale poco.

23. Que lo vieron por aqui
Me dijo uno que lo vido.
Perdido tras el perdido
Se puede dezir por mi.
Ando cansado i soi viejo.
Que consejo
Tomaré? o que camino?
Veis el mi perro vermejo:
A la fe, tras mi se vino;

24. I tu hijo, andas fuiendo
De mi de val en collado!
Que mal camino has tomado!
El porque io no lo entiendo.
Sigues antojos livianos,
No los sanos
Consejos del viejo padre;
No te miembran tus hermanos,
Ni la vieja de tu madre!

179—181 B Que el no parece pastor. Aunque guarda, mi rebaño: Dije *guarda*, antes *guardó*. — 179 E Mal querrán. — 181 E Io dije *anda*. — 185 B de si cale p. E A el i a mi perdi ha poco. — 186 E Diz que vino por aqui. — 186—189 A Dijo me uno que lo vido Aun agora por aqui. Que es d'el? Bien dirán por mi Perdido tras el perdido. B Dijo me uno d'esa banda D'alla que lo viera aqui. Bien pueden dezir por mi Un perdido tras otro anda. — 190 B Soi ia cansado, i soi viejo. — 192 A Tomaré del mi camino? — 193 EF Veo el. — 197 B mal consejo. — 199 AB No se te acuerda d'hermanos. — 203 AEF No. — 203—204 F *intercala:*

Ai Alejo! ai mi Alejo!
Ia no mio, antes ajeno,
Al tu viejo i padre bueno
Dejaste, io no te dejo.

25. Ha me dicho un escolar
Que sabe de aquestos males
Que siete rios caudales
Te conviene de pasar,
I bañar te en la laguna
Con la luna
Nueva; i buscar siete fuentes
Perenales; i en cada una
Lavarte i cobrar las mentes.

26. Ha i quien tenga tal sospecha,
Ha i quien otras: dicho me han
Muchas, i muchas dirán.
Mas sin ti que me aprovecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa,
Niñez sin entendimiento,
Mocedad tan peligrosa
Que no escapa uno de ciento.

27. Este cuerpo flaco cansa,
De andar todo me despeo,
Mas puede tanto el deseo
Que algo el corazon descansa.
f. 22 v. Quiero dar vuelta al lugar;
Quiero dar
Gritos por el por do fuere;
Todo lo quiero provar
Antes que me desespere.

Quiero tornar me al lugar,
Quiero dar
Gritos tras el por do fuere;
Todo lo quiero provar
Antes que me desespere.

205 A Que sabe de encantar males. — 208 A I nadar por la laguna. — 209 B A la luna. — 210 *O MS. escreve:* Nueve. — 213—214 BF Unos tienen tal sospecha, Otros otra i dicho me han. — 219 A Niñez sin distinto alguno. — 221 A de ciento uno. — 222 A flaco cuerpo. — 227 B I quiero dar. — 228 AB Vozes si por aqui fuere.

28. Ai Alejo! el buen zagal!
Quiza si de mi te escondes?
Dí me, por que no respondes
Al tu viejo que anda tal?
Ai Alejo! aquel tu viejo
Que, parejo
A qualquier loco gritando,
No quellotras de buen rejo
Sino te duele qual ando.

La Ninfa de la Fuente.

29. Duerme el hermoso donzel,
No zagal, no pastor, no.
Mientras al sueño se dió,
Mi alma dió se le a el.
El sol es alto, i con el
Es del dia ido un buen trecho,
No sé que de mi se es hecho,
Será lo que fuere d'el.

30. Loca de mi que a mirar
Me paré i dije tal viendo:
Quien tanto aplaze durmiendo,
Despierto, que es de pensar?
Quise me luego apartar,
No sé quien me buelve aqui;
Ai (mas tarde lo entendí,)
Que peligro es comenzar!

31. Mientras pensando esmagino,
Sin bien pensal-lo primero,

---

231 AB Ai Alejo, ai hijo Alejo. — 233 A Dí me que no me respondes. — 234—237 AB Que por tí (B Si io por ti) todo atras dejo. Alejo, aquel viejo loco A que tan poco De consejo i vida queda. — 238 A Pues ando cansado i ro(n)co. B De llamarte está tan roco. EF No te lhoras (*sic!*) de buen rejo. — 239 AB Que no sé como mas pueda. — 245 E dió se a el. — 246 ABE Del dia es ido un buen trecho. — 247 B se ha hecho. — 249 ABEF Me puse. F i dije tremiendo. — 250 F Quien ansi plaze dormiendo. — 254 A Quan tarde que lo entendí. B Ah quan tarde que entendí. — 256 BE imagino. — 257 A Sin examinal-lo primero. B Sin rumial-lo primero.

Amor, falso consejero
Con sus razones me vino:
Tornar se ha por su camino
El mozo como despierte.
Que harás tu? Que es la tu suerte
Estar te aqui de contino.

32. Luego mi fuente encanté.
Pero quando la encantava,
Quien las palavras guiava?
(El me es testigo) Amor fue.
Agora que mas pensé,
Es me otra cuita mortal:
Pudiera sufrir mi mal,
El suio como podré?

33. I quando el mio quiza
No pudiera sufrir io,
Pagara aquel que pecó,
Que la razon ansi va.
D'esto quien me absolverá,
De la pena i de la culpa?
Su beldad no me desculpa,
Antes mas culpa me da.

258—261 A Amor cruel consejero Mostrando me aquel camino Alto, i quiso me dezir El donzel se querrá ir. — 262 B Que has de hazer tu? Que es tu suerte. — 263 A Luego que cobre su tino. — 264 A Pero mi f. e. — 265 A Mas quando me la e. — 269 AB Fue la mi cuita mortal. — 274 A aqui el. — 276—277 AB Qual otra alguna valdrá Que me quite d'esta culpa? — BF *intercalão entre* 279 *e* 280 *outra estrophe que diz:*

Fuerza fue, que io la senti,
I miedo de mas enojos;
Baste al fin (F Basta de) cerrar los ojos
Diziendo (F Dezir): amor manda asi
Quantas cosas que io me oí
Contar de (F De) su gran poder,
Que podia io ende hazer,
Donzella flaca, de mi?

f. 23. 34. Una hermosura ufana,
Que en la viendo desatina,
Que parece mas divina,
Mucho mas digo que humana,
Cruel por cierto i villana,
Pudieron dezir por mi,
Trael-lo encantado aqui,
Si lo fiziera mas sana?

35. Ora los ojos, dejeis
Pagar a Amor su derecho,
Salgan sospiros del pecho!
Llorad, que ge lo deveis.
Aves, que ansi os sabeis
Cantando quiza aliviar;
Mientras me entiendo quejar,
Ruego vos que me aiudeis.

Canta:

36. De Amor bien dizen que es ciego,
Niño, i liviano, i cruel.
Si en mi fuente encendió fuego,
Quien podrá valer se d'el?

280—287 *Faltão em* A. — 280 *O MS. escreve:* hermosa. — 281 B Que a quien la ve, desatina. — 284 E Cruel por cierto liviana. — 285 B Pudieran. — 286 B Tenel-lo encantado aqui. — 287—288 BF *têm aqui mais uma estrophe que diz:*

Tal fuerza esta agua tendrá (F terná)
De hoi mais (F Hoi mais) que luego en la viendo
Toda persona corriendo
Por bever d'ella arderá.
Aquella sed matará,
I a otra nueva pasando,
Nunca el cuidado mudando
Por este bosque andará.

288 B mis ojos. — 289 A Pagara (*Leia-se:* Pagar) a Amor su tributo. B Pagar Amor su tr. E Pagar al amor derecho. F Pagar Amor su derecho. — 290 AB No quede aqui nada enjuto. — 291 B que bien lo deveis. — 292 AB que os ansi s. — 293 A Quiza quejando aliviar. — 295 AB acompañeis. — 297 ABEF Niño liviano i cruel. — 298 E acendido fuego. — 299 B librar se del.

Poderoso amor altivo,
Quien razon dar me sabria
Si en la mi fuente bivia,
Como agora en fuego bivo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo brevajes de hiel,
Todo guerra a sangre i fuego
Tal se es el, tal dizen del.

Alejo.

37. He dormido. Ora que atiendo?
Quiero pasar la montaña:
Quiza que en la parte estraña
Me estará el bien atendiendo.
Eia! que a dios me encomiendo,
Que en esta tierra, zagal,
Dias ha que me va mal,
Mal despierto, i mal dormiendo.

38. Io soñava que me via
Entre unas cerradas breñas;
De una parte i de otra peñas
Do nunca el sol descobria.
Quando no me aparecia
Socorro de parte alguna,
Quejoso de la fortuna,
En llantos me deshazia.

39. I mientras que asi me quejo
La muerte sola esperando,
Parece de quando en quando
Que oía llamar *Alejo*.

---

301 AB Si mi vida era agua fria. EF Si en la mi agua bivia. — 306 B guerra, sangre i fuego. — 307 AB Tal es el. — 307—308 F Alejo despierta. — 314 ABEF te va mal. — 316 A que me fuera. — 318 A Por. — 319 A Que n. e. s. descubriera. — 320—321 A No viendo via o manera De esperanza en parte alguna. — 323 A En lloros me deshiziera. EF En lloros me deshazia. — 324 E I enmientras que asi me quejo. — 324—325 A Entretanto que me quejo La sola muerte esperando. B Mientras que lloro i me quejo Solo la muerte esperando. — 326 AB Oía de quando en quando. — 327 A A gritos llamar Alejo. B Que llamavan por Alejo.

Si es quiza que si me alejo
De aqui que me irá mejor?
En cortesia de amor
I de ventura lo dejo.

f. 23v. 40. Semejava la voz que era
Como del buen viejo mio.
Abajo espumava un rio
Que nunca puente sufriera.
Io, que aina me muriera
En tan grande angustia puesto,
Desperté i fui de presto
Del miedo i del sueño fuera.

41. Mi fe, lo que fuere, sea!
Mal parece i mal será;
El corazon me lo da
Ni sé que otra cosa crea.
Un mal siempre otro acarrea.
De quien quereis que me fie?
Amor me lleva, el me guie,
El despierta esta pelea.

42. Que el corazon se me encierra
I no quiere oir consejos.
Adios mi tierra i mis viejos,
Gran mal de vos me destierra.

328—329 B Quiza si d'aqui me alejo Alla que me irá mejor. — 330—331 A En aventura de amor I cortesia lo dejo. — 332—333 AB Semejava ciertamente La voz del buen viejo mio. — 335—336 AB Q. n. sofriera puente Veía (B Via) la muerte presente. — 336 E Io que a pocas me muriera. — 337 A En tan fiera a. p. — 338 A Desperté me i fui d. p. — 339 A Fuera d'aquel accidente. B Libre d'aquel accidente. — 340 AB Mi fe, sea lo que fuere. — 341 B Que el corazon me lo da. — 343—347 AB Haga dios lo que quisiere, Huertemiente me requiere, Soledad grande i deseo De quanto desde aqui veo. Sufriré lo que podiere. — 344 F carrea. — 347 EF El desparta esta pelea. — 348 E se me cierra. — 348—349 A La voluntad se me encierra, No es tiempo de mas consejos. — 349 B A todos otros consejos.

Si muriere en otra tierra,
Aqui los huesos me traian!
Que mundos piensas que vaian
Alla tras aquella sierra?

43. No cale tiempo perder,
Mas del perdido, que es mengua
A devanear la lengua,
Las lagrimas a correr?
Lo que se ha de acometer,
De que aprovecha el tardar?
De los niños es dudar,
De los zagales hazer.

44. Mataré en la fuente fria
Primero esta sed que tengo.
Con que cuita ora a ti vengo,
Fuente de la tierra mia!
Si veré aun aquel dia
Que, bolviendo por aqui,
Beva mas alegre en ti
De lo que aora bevia?

---

352 A Si io moriere. — 353 *O MS. escreve:* osos *e* traigan. — 354 B pensais. E piensan. — *Entre* 353 *e* 354 BF *intercalão uma estrophe que diz:*

En fin dada es la sentencia;
Sea simpleza o locura,
Provaré la mi ventura
Pues me aqueja tal dolencia.
Provaré por experiencia
Si este mal otro aire enciende
(F Si el mal d'este aire reciende)
Si no (B Si con) mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

358 EF cabe. — 358—359 AB Palabras vanas la lengua Los ojos a (B *sem:* a) aguas correr. — 361 A Para que es mas dilatar? B De que sirve el dilatar? — 362 AB De los viejos. — 364—371 A Matar me he la sed de nuevo I gran secura que tengo. Con que cuita ora a ti vengo, Fuente que en mi alma llevo. Si a bevir tanto me atrevo Quando verné por aqui Que beva mas ledo en ti De lo que agora en ti bevo? — 368 B Si vendrá aun algun dia. EF Si viere aun aq. d.

Bevido que ha, encantado dize:

45. No veo al monte salida;
La vista se me esvanece;
Por toda parte aparece,
Nunca viene esta mi vida.
A la fe que se me olvida;
Soncas queria dezir:
Io era el pera fuir,
Vos no para ser fuida.

Anton i Juan pastor.

Anton.

46. Sospirado has, compañero.

Juan.

No sé como no llorava.
Sabes porque sospirava?
Porque aqui cantó Ribero,
f. 24. Aqui nuestro amo escuchava,
Rodeavan lo pastores,
Colgados de la su boca
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca
Que le dió tantos loores,
I aora ge los apoca!

Anton.

47. Eso falta, Juan pastor!
Soncas, porque sospirar?
I a que se pueden alzar
Ia los ojos sin dolor?
Ni a que se pueden bajar

371—372 A Ia encantado. B Encantado (1784 Fala como encantado). E Bivió i quedó encantado i dize. F Bevido que ha queda encantado i dize. — 372 ABEF bosque. — 374 AB escurece. — 375 AB Mal se ordena esta partida. — 376—378 B Parece que se me olvida Esto que le iva a dezir Io era para huir. — 379—380 E Anton i Juan pastor. — 380 *O MS. escreve:* sospirando, *erro que se encontra repetido em* E. — 389 F tantos de loores. — 390 BE se los. — 391 A Esto. — 393 A A que etc. B A que puedes tu alzar. E A que se pueden a. — 395 AB I a que los puedes bajar. F abajar.

Donde los pornás enjutos?
Adelante, o cara atras?
Las tierras niegan sus frutos:
El sembrar es por demas,
Los aires andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

48. De aquel gran pino a la sombra . . .
la ves quanto que ensanchó!
Que el prado i zarzas cobrió,
I los vezinos asombra.
No ha i pero mucho, no,
Vine por Ribero ver,
Como otras vezes solia,
(Quan presto fuie el plazer!)
Pasastes pieza del dia
A cantar i a tañer
Mientras la siesta caía.

49. Rebuelvo en el pensamiento
Lo que cantastes i sé lo . . .
Mas a fe que olvidado he lo,
Del ton me acuerdo i del tiento,
Las palabras van se a vuelo,
Mas atinemos al ton.
Amigo, que juro a mi
Este era el tiempo i sazon,
El lugar este era aqui:
Las palabras tales son,
Ellas se vernán por si.

---

398 A La tierra niega. B Las plantas niegan. — 399 *O MS. escreve:* Sospirar e. p. d., *erro que tambem se encontra repetido em* E. — 402 A A la sombra de aquel pino. — 403 AB Que a tal dicha se plantó. — 404—406 No lia (*sic*) por mucho no Que todo el campo vezino, De la su rama asombró. — 406 B No ha p. m. n. — 409 B que huie. — 410 AB Consigo aqui te tenia. E Pasaste presto el dia. — 414 AB Lo que cantastes estando. E Lo que cantastes i hé lo. — 415 AB Mi fe, fue se me olvidando. — 416 A i del cuento. BEF Del son me acuerdo i del cuento. — 417 AB En busca del cantar ando. — 418 A Ora a. a. t. — 419 EF juriami. — 420 EF Que este. — 422 AB Las palabras de rondon. EF Las palavras tras el son. — 423 B vendrán. E verán.

Juan pastor.

50. Porque ese cantar fué llanto,
Como del cisne se cuenta
Quando la su muerte aventa,
Io te aiudaré, con quanto
Es cantar en la tormenta.
No ves que mundos son estos
Nunca tales fueron, creo,
En las mudanzas tan prestos.
Truecan se a cada oteo:
Vide aqui mil buenos gestos,
Quando miro, uno no veo.

f. 24 v. 51. Mas las quejas a departe.
A lo que mandas, vengamos,
Al cantar que aqui cantámos:
Fue (sabes) de estraña parte
Donde un tiempo ambos andamos
I dir te he como pasó:
Acertó se que io tañese
Aquel modo, i el cantó;
Rogó me que respondiese.

Anton.

Ia, ia ia comienzo io
Como si Ribero fuese:

Canta:

52. Amor burlando va, muerto me deja!
Tiene de que por cierto; a su merced,
Como de señor, vine; agora ved
Si es justa su razon, si la mi queja.

---

424 B contar. — 425 A De cisne (como se cuenta. — 426 A B En su postrimera afrenta.) — 428 A como en tormenta. — 429 A B Bien ves. — 430 B fueran. — 432 A B Truecan se te. — 437 A B El cantar que aqui cantámos. E Que el c. — 439 *Falta em* E. — 439—443 A Donde anduvimos, entramos. Io le llevava el descante, El se entonava primero Con el su triste semblante Al modo i son estranjero. — 443—444 A *Falta a rubrica:* Anton. *que se encontra só á frente da linha* 445. — 444—445 A Ia ia ia voi me adelante Como si fuese Ribero. — 447 E su merced. — 448 F Como de amor. — 449 A Quanta de razon tengo en la mi queja.

I lo que mas me aqueja
Que estás leda, gozosa i aun plaziente
I aun ufana. Que es esto? El que venció
Luchando pierde? Gana el que caió?
Ciego i cruel amor que tal consiente!

Juan pastor.

53. Ciego i cruel amor que tal consiente
I ado la razon buena i la verdad?
De hoi mas traia la noche claridad!
El sol venga a nacer de házia poniente!
Con un mozo un valiente
I buen pastor cantava en cuenta estrecha
Del canto, i la su voz blanda entonava,
Dió se el precio al mochacho que asilvava.
Ved! razon ante amor de que aprovecha?

Anton.

54. Ved! razon ante amor de que aprovecha!
Un ciego, un sospechoso, un voluntario,
Al maior servidor maior contrario,
Antojadizo, lleno de sospecha,
Este por que cohecha,
Por atrevido estotro. I mal mirado,
Aquel por no sé que, veis lo adelante.
Quien se pone a pensar que no se encante
Sin ventura que hará quien lo ha provado?

450—452 A Cada ora mas se aleja De mi mucho cruel; quien me desmiente? Ah que lo saben todos: quien ganó El precio de la lucha, ese perdió. — 451 B Que está ledo gozoso i aplaziente. — 452 B i aun ufano. — 452 B i gana. — 454 AB Enemigo señor q. t. c. — 454 *e* 455 EF Ciego i cruel señor q. t. c. — 455—463 AB Enemigo señor q. t. c. Mas antes favorece tal maldad, Todo se rije por la voluntad, I si esto fue alguna ora, es al presente Un pastor inocente La zampoña tañia en regla estrecha, Del cierto i buen tañer i asi cantava, Plugo mas un zagal que alto silvava, Ved etc. — 462 EF que silvava. — 464 E entre amor que aprovecha. — 465 A Mozuelo antojadizo voluntario. — 467—471 A Volando aca i alla, siempre en sospecha, Uno por que cohecha, Otro por atrevido i mal criado, Otro por no sé que mejor atina, Quien lo piensa, enloquece, i se esmagina. — 470 B Otro por n. s. q. — 470 B no se espante.

Juan pastor.

55. Sin ventura que hará quien lo ha provado
I lo prueva cada ora? Oh suerte fiera
Que biva en el cuerpo d'otren i en el suio muera!
De otren cuidoso, de si descuidado!
Todo me han trastornado
Ante de los mis dias viejo i cano.
No dejó en su ser cosa este acidente,
I pienso enternecer una serpiente,
Llamando noche i dia un nombre en vano?

Anton.

56. Llamando noche i dia un nombre en vano
Con ansia tanta de las mis entrañas
Antes enterneci las alimañas
Pasando d'ellas seguro cercano.
Ia ia que alzó la mano
Zagala hermosa pero fementida,
En tantas partes que estos ojos fieres,

472—473 F *intercala aqui tres estrophes (como pertencentes a Toribio); mas o seu verdadeiro lugar é entre as estrophes* 79 *e* 81. *Uma nota do MS. dizendo:* Adiante a fª ... na trova que prosegue João Pastor ha de começar Toribio o seguinte *mostra que o copista reparara no seu erro.* — A *faz das duas estrophes* 55 *e* 56 *uma unica que diz:*

Juan Pastor.

Sin ventura que hará quien lo ha provado
I lo prueva cada hora (estraña suerte)!
Puede haver quien asi corra a la muerte
D'otro cuidoso, de si descuidado?
Amor cruel te ha dado
(Zagala hermosa, pero fementida)
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata mujer de las mujeres
Quien el alma llevó lleve la vida.

474—475 B estraña suerte! Puede haver quien asi corra, a la muerte. — 476 BF Cuidoso d'otro i de si descuidado? — 478 *A palavra:* dias *falta no MS.* — 479 B No deja. E d'este accidente. — 480 B Pudiera enternecer u. s. — 483—484 B Fue tanta el ansia de las mis entrañas Que enternecidas vi las alimañas. — 485 BEF Pasando d'ellas seguro i cercano. — 486 EF Ai ai etc. — 486—488 B I solo fue liviano Aquella fiera humana i fementida A quien amor ha dado sus poderes.

f. 25. Mas ingrata mujer de las mujeres
Quien todo lo llevó, lleve la vida!

Juan pastor.

57. Di me, zagala, como puedes ver
El sol que has perjurado i las estrellas?
De dia viendo a él, de noche a ellas,
Quando puedes dormir? quando comer?
Que cuidas al tremer
De tierra como hogaño? o si arde el cielo,
Piensas que es burla? o que? no pienses tal,
Que si fue vano un raio, otro hizo mal;
I donde el no caió, caie el recelo.

Anton.

58. Aquellos ojos tuios que al pasar
No sé lo que callados me dezian,
Aquellos ojos que el alma embaian
Un tiempo a mi plazer, otro al pesar;
El blando murmurar
Con las amigas, mudar la color
Una i aun otra vez en un momento,
Todo has soltado, olvidadiza, al viento,
I bives. Muero io. Sufre lo Amor.

---

490 *O MS. escreve:* lho lheuo leue la vida. — 491 AB i como puedes. — *Em* A *é a Anton que pertence esta estrophe.* — 492 A El sol en paz en quien juraste i estrellas. BE El sol por que has (E: ha) jurado i las estrellas. F El sol por que has perjurado etc. — 494 A Como puedes dormir? Como comer? — 495 AB Que piensas. — 496 *O MS. escreve em lugar de:* como hogaño: como como ajeno. A: si arde. — 498 E Que si no fue vano. B Que si un raio fue vano. — 499 B caia el recelo. — 500 A *É J. p. quem continua.* — 501 ABE callando. — 502 A Aquellos falsos que esta a. e. B Aquellos que la mi a. e. E Aquellos ojos que en (*sic*) alma mia e. *O MS. escreve:* enbaron. — 503—505 AB otro a pesar, El dulce murmurar Con la tu compañia, i de color. — 506 A Mil vezes trastrocar te en un m. B Mudar te a cada paso en un m. E Una i otras vezes en un m. — 507 A Todo soltaste. B Soltaste todo.

Juan pastor.

59. Hasta quando seré tan ciego io? hasta
Quando tan sin razon i sin sentido?
I el tiempo i la razon piden olvido,
Amor solo no quiere, i solo el basta.
Que ceguedad tan basta!
Viendo tan claramante lo mejor
Tomé a la mano esquierda i esa sigo,
Los oidos cerrando al buen castigo
De amor desengañado i desamor?

Anton.

60. Zagala altiva con los tus poderes,
Qual fue nunca el señor tan fiero i bravo
Que nunca tal dijese: eres mi esclavo,
Io no soi tu señor, ni sé quien te eres?
Parecen las mujeres
Mas piedosas. Di, sobervia es esta
Que se pueda sufrir tan desigual?
No basta tanto agravio? i tanto mal?
Mas tal (aun sobre todo) la respuesta?

Juan pastor.

61. Quando luego te vi, vi te piedosa;
Despues por te querer i te adorar
Supitamente te senti mudar.

---

509 A *É Anton quem continua:* H. q. s. t. loco io? — 510 AF sin juizio i s. s. — 511 ABEF El tiempo. — 512 A solo el basta. — 513—514 AB Quien asi me contrasta Que viendo claramente lo mas cierto. — 515—516 A Tomo el camino avieso i ese sigo Tambien oidos cerrando al castigo. — 515 EF Tome la mano. — 516 B Los oidos tambien cierro al castigo. EF Los oidos cerrados al buen castigo. — 517 AB Con mis cuidados vanos de concierto. — 518—526 AB (A: Juan pastor.) Mas dejadas un poco las peleas Di me: qual (B i qual) señor fue nunca tan bravo Que tal (B Qual que) dijese? enfin (B ansi) eres mi esclavo? Io no soi tu señor ni sé quien seas. A palabras tan feas Te trae el tu rancor? Sobervia es esta Que se pueda sufrir en dicho o en hecho? A que somos venidos, tiempo estrecho! Asaz bastara (B bastava) el mal sin la respuesta. — 521 EF quien eres. — 525 E tanto mal. — 528 AB por te adorar. — 529 AB Subitamente.

Que es esto? Es bien amar tan mala cosa?
Quien es el que amar osa?
Ora se vaia el carro ante los bueies
Vengan los pejes poblar los currales!
f. 25 v. Pazca el ganado los rios cabdales!
Oido havia amor d'estas tus leies!

Anton.

62. No siguió Ribero mas.
Antes, como era cuidoso,
(Pienso que te acordarás,)
Estuvo un rato pensoso.
Buen pastor, en tu mal ciego,
Como lo es
Cada uno, pero despues
Mas en dar te a palaciego!

Toribio pastor.

63. No pensastes d'esta vez,
Pastores, de ser sentidos,
Mas enfin, juri a diez,
Parte cupo a mis oidos.
Digo os, que aqui me estuviera
Todavia

---

530 AEF es bien querer. B es querer bien. — 531 AB Ai (B Ah) vida dolorosa. — 533 A Los peces a pacer los montes vaian. B Los peces retozar vengan al prado. — 534 A Los ganados cubiertos d'agua vaian. B A los rios pacer vaia el ganado. — 535 B Oí oí d'amor estas sus leies. EF Oido havia amor estas tus leies. — 536 A *É J. p. quem fala.* E No siguió Ribero tal (*Err.*). — 537 B como trasportado. — 538—543 A Estuvo un rato en reposo Pienso que te acordarás. Hablava a tiempo i lugar, Pero despacio. Ai buen pastor si al palacio No te dejaras cazar. B Estuvo un rato callado Pienso que te acordarás. Hablava el poco i despacio Mas siempre a tiempo i lugar. Ah buen pastor si cazar No se dejara al palacio! — 540 F con tu mal ciego. — 543 E Mas es etc. — 544—547 A No es mucho quien tan bien supo Negociar, jure a diez, Si ganase d'esta vez. Que la mi parte me cupo. B No pensastes d'esta vez Que nadie os huviese oido Cantar, pero juro a diez Que mi parte me ha cabido. — 545 EF Pastores de ser oidos. — 548 A asi me est.

Hasta que pasado el dia
La noche nos despartiera.

64. Sigui os desde ha buen cacho
Que os vi venir paseando,
Dejé el ganado al muchacho,
Vengo tras vos acechando,
I luego en mi lo pensé:
Estos que van
Ansi solos, cantarán.
Oh si tal fuese! I tal fué!

Anton.

65. Toribio, vengas en paz,
Mejor zagal del aldea;
Llega te, haiamos solaz,
Que en ti todo bien se emplea.
I por que eres verdadero
Te pergunto:
Como pareció te apunto
El cantar nuestro estranjero?

Toribio.

66. Anton, a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras:

---

550 E pasando el dia. — 551 A vos. B os. — 552 B desde ha buen rato. — 554 *e* 555 *estão transpostos em* A. — 555 B Dejé al mozo mi hato. *O MS. escreve:* al ganado. — 555 B I tras vos vine acechando. — 556 AB Luego entre mi lo pensé. EF I luego entre mi. — 558 AB Solos, quiza cantarán (B contarán). — 559—560 BF *têm mais uma estrophe que diz:*

Puse me aqui a escuchar
Tras esta zarza escondido
El son i el canto (F cuento) a notar:
Estoi como embevecido!
Harto de tiempo pasó
Que en esto andava,
Lo que tanto deseava,
Acaso se me ofreció.

561 AB Todo el bien de nuestra aldea. EF Mejor zagal de aldea. — 562—563 A Que en ora buena tal sea, Llegate, haiamos solaz. — 567 A Nuestro cantar estr.

Gran bien es la claridad,
Nunca supe hablar a escuras:
Pera mi cierto es sin par
I aun para todos,
Son que en esto de los modos
Cada uno quiere juzgar.

67. Una vez io fui en villa
(Que es menester mas palabras),
Dieron me ende una escudilla
De unos como pies de cabras.
Io dudava de comel-los,
Mas despues
Comi uno, i dos, i tres,
Comi las manos tras ellos!

f. 26. Anton.

68. A ti todo se te entiende,
Que has hecho d'ello mil pruevas;
De muchos otros porende
Se alaban las cosas nuevas.

570—571 A Nunca supe hablar a escuras, Voi me por la claridad. — 571 B No te pienso hablar a escuras. — 572—575 AB Quanto a mi, no soi mas de uno, Quanto a todos, Digote que d'estos modos (B Digo que en lo de los modos) Se quiere juzgar cada uno. — 574 E Lo es que en esto de modos. — 576—577 *Estão transpostos em* A. — 576 A me fuera. — 578 B Dieran. E en u. e. — 580 A Io no podia comel-los. — 583—584 F *intercala:*

Por lo qual deves dudar
Por que hai algunos pastores
Que ansi son en el juzgar
Como ciegos en colores.
Todo quiere experiencia
Mal i bien
I todo quiere tambien
Adobo de paciencia.

584 AE A ti en todo se te entiende. — 584—587 F A ti en todo se te entiende Que eres zagal avisado, De muchos otros por ende Lo nuevo es mas alabado. — 585—586 A Empero las cosas nuevas Alaban todos por ende. B Mas muchos otros por ende (*e* E) Alaban las cosas nuevas.

Toribio.

Si, mas, con tu paz, concluio
Que no luego.
Primero se asopla el fuego,
Despues el arde de suio.

Juan pastor.

69. Andar contra la costumbre
Es nadar contra la vena.
Forzado es que se deslumbre
Aunque tenga buena lena
I mas en tierra do tanto
El uso vale.
Si alguno del hilo sale,
Encomiende se a buen santo!

Anton.

70. Alguno ha de comezar!
Mas bien o mal ia cantámos,

---

590 BF se sopla. — 591 ABF El despues a. d. s. — 592 A Contraria a las costumbres. — 594—595 A Aunque tengas grande lena Forzado es que te deslumbres. B F. é que te deslumbre Aunque tengas buena lena. — 596 A ado. — 597 AB Envidia vale. — 600—607 *Faltão* em E. A *tem em lugar d'esta estrophe outra que diz:*

Anton.

Ora el murmurar dejemos
Que es mal que mucho se apega,
De cantar tambien te plega
Bien o mal, cantado havemos.

Juan pastor.

No haia aqui mas rodeos,
Que tambien
Sabemos que cantas bien:
No nos mates a deseos.

B *principia:*

Toribio.

Un raposo dió mil saltos
Por alcanzar los parrales;
Nunca pudo, que eran altos:
Dijo de las uvas males
Que eran verdes! mal bocado!
Mi fe, amigo,
Claramente te lo digo
Hablas como lastimado.

Tu tambien has de cantar,
Que unos de otros no riamos.
Soncas, digamos lo todo,
Tu tambien,
Sabemos que cantas bien
Sea qual se fuera el modo.

Toribio.

71. No lo digo por que quiera
Mas palabras ni mas ruegos,
Mas porque en toda manera
Io me veo antre dos fuegos;
No cantar crianza es mala
I cantar mal
El se lo dize que es mal:
Vuestra mesura me vala!

Segue a estrophe supra citada de A „Ora“ *até* „deseos“, *mas como pertencendo a Anton, e depois a nossa* 71 *como pertencendo a Juan; vem porem com tantas variantes que a repetimos:*

Alguno ha de comenzar:
Nos,bien o mal, ia cantámos,
Tu tambien has de cantar.
Unos de otros nos riamos.
El ganado sesteará
Por la calor,
Aunque al cantar de amor
Quien corriendo no vendrá?

610—611 AB Mas porque ardo entre dos fuegos Que mucho escusar quisiera. — 615 *O MS. escreve:* vale. — 615—616 BF *intercalão aqui duas estrophes do teor seguinte:*

Juan.

BF No te aprovechan escusas,
Io lo juro, este (B esto) lo jura,
El lugar es de las musas:
Sombras, aguas i verdura!
B No te puedes escusar
Ni es razon:
Mira que te escucha Anton.
Empieza, amigo, a cantar.
F El ganado encestará
La calor
Aunque que cae; canta d'amor
Que el lo reconocerá.

Canta:

72. Del mi tormiento vencido,
Lo que sé, lo que no sé
Quanto mandardes diré.

Mas mirad que si dijese
Lo que io nunca pensara,
Esa crueldad es clara.
No pensé que en vos la huviese.
Quereis saber lo que fuese.
De tal manera a la fe
Sabreis lo que nunca fue
De mi tormiento vencido etc.

Toribio.

BF Haviendo de cantar io
Ante vos, aunque me atrevo
A mucho, de que si no
D'amor cantar puedo i devo?
B Dioses, luna, sol i vientos
Todo manda.
Qual diré? *Amor en que anda?*
No! mas la *de mis tormentos.*
F Que los nuestros pensamientos
Todos manda.
Que dije? *Amor en que anda?*
No, mas que? *por mis tormientos?*

A *intercala só uma estrophe que corresponde á ultima das ja citadas de* BF:

Aunque a mucho me atrevo
Cantando, si a cantar he
Delante de vos, de que
Si no de Amor puedo i devo.
Amor que este pensamiento
Rije i manda?
Qual dire? *Amor en que anda?*
No, mas la *De mi tormento.*

616 A De mi tormento v. — 619—625 A Pero pensad si despues Digo lo que no pensara, Esta crueldad es clara Que os saldrá mucho al reves. Andais a saber lo que es. D'esa manera a la fe Sabreis lo que nunca fue. — 619—620 B Aquello que no pensara Que esa crueldad tan clara. — 622 EF No cuidé. — 623 B I d'ese modo a la fe. — 625 E Sabereis lo que no fue. — 626 *A repetição do mote falta em* ABE.

73. En pena que a tanto obliga,
Que no me deja ni me avaga,
Haré, que mandais que haga,
Diré, que mandais que diga.
Lo que siguiere se siga!
Que en tal tormiento a la fe
Lo que haga o diga no sé.
De mi tormiento vencido etc.

f. 26v. Anton.

74. No te quiero dar loores,
Amigo, ni dezir mas
Si no que con tus amores
De amores muerto nos has.
Hablo ansi como lo entiendo,
Hable el maestro.

Juan pastor.

Si callando no lo muestro,
Menos mostraré diziendo.

Anton.

75. Pues io quanto a mi, de presto
Ge lo digo aqui delante:
Que he de ser villano en esto
Porfiando a que mas cante.
Aiuda me ora a rogal-lo,
Juan, te ruego,
Quando no bastare el ruego,
Aiuda me ora a forzal-lo.

627 BE tanto. — 628 ABF ni avaga. E ni alarga. — 631 AE Lo que se siguiere siga. — 633 AF Lo que me digo no sé. — 636 AB Toribio, n. d. m. — 638 A muertos. E muerto me has. — 639 A Io hablo como l. e. — 642 A Mal lo mostraré diziendo. B No lo m. d. — 643 A Antes que se esfrie, presto. — 644 AE Ge lo digo ansi delante. B Te lo digo aqui delante. — 645—646 A He lo de forzar que cante Mas, i ser villano en esto. E Que he de ser villano honesto (*Err.*) Porfiando a que mas cante. — 646 B Porfiando que mas cante. — 649 A I si no nos basta el ruego. B I si no bastare el ruego. — 650 E Aiudar me has a forzal-lo.

Juan pastor.

76. De los sus cantares buenos,
A quanto por prueva veo,
Viene ser la culpa menos
Que nos causa este deseo.

Toribio.

Fuerza es esta, a la fe mia;
Soi tomado:
Bastára vuestro mandado,
Quanto mas tal cortesia.

Canta:

77. Mientras io tanto a los ojos
Todo me obligo engañado,
Ved amor qual me ha parado!

En la verdad que soi muerto:
No pensé que era el mal tanto!
Han me tenido en concierto;
Soltó se todo en mas llanto;
Descuidé me i entretanto
Que amor me vió descuidado,
Vió tiempo i tuvo cuidado.
Mientras io tanto a los ojos etc.

78. Trastornaron me el mi pecho
Sin dejar cosa en su ser,
Es suio, pueden lo hazer,
Mas gran crueldad han hecho.

651—654 A Por los sus cantares buenos De que nace este deseo, Si porfio i si peleo, Viene a ser la culpa menos. B No faltaré de mi parte A lo menos al rogar; Con quien dios tan bien reparte, No se deve de negar. — 653 E Viene a ser. — 655 A F. e. c. todavia. — 657 E Bastaria. — 659—660 A Mientras tanto a los mis ojos Me obligo, i doi me al cuidado. B Mientras que tanto a los ojos Me obligo i tanto al cuidado. — 662 AB Para que es mas? io soi muerto. — 664 ABEF traido en concierto. — 666 A Descudé me algo, entretanto. — 668 *Falta em* E. — 669 F *diz:* Ved amor qual me ha parado! — 670 A Han me trastornado el pecho. B Ha me trastornado. — 672 *Falta em* A. — B pudo lo hazer. — 673 BEF ha hecho.

Io tal, i de que aprovecho?
Cruelmente lo han pensado
Que mejor fuera acabado.
Mientras io tanto a los ojos etc.

Juan pastor.

79. Si muchos tales pastores
Huviese por la montaña,
No se irian los loores
Todos pera tierra estraña.
f. 27. Aqui buenos naturales
Suele haver

---

674 A B Io ansi de q. a. *Falta em* E. — 675 B ha. — 677—678 B *tem aqui a mais as duas estrophes seguintes.* F *uma, igual á* 1ª *de* B:

Toribio.

BF Amigos, ia (F io) cantado he,
Hize lo que me mandastes,
Por el vuestro amor canté,
I vos (F Lo que) por mi no cantastes.
Perdonad me si me atrevo
En tal razon,
Que en verdad es mi opinion (F en la tencion)
Que en (F En) lo uno i otro os devo.

Juan.

B Mucho te lo agradecemos
I d'estos i otros cantares
Mil vezes te cantaremos
Si tu mil vezes mandares.

Toribio.

Tambien io de ser villano
Tengas miedo
Como dizen: dá le el dedo
I tomará te la mano.

679 A Llevasen nuestras montañas. B Huviese en nuestras montañas. — 681 A B Todos a tierras estrañas. — 682—685 *Em* B, *é Anton quem continua.* — 682—685 A

I aunque alla los merecian
Bien i bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dejarian.

Segue se mais uma estrophe que diz:

Mas vezos sin aprender
Nos dañan nuestros zagales.

80. A risa mas que a pesar
No sé como defender me,
Que se quiere avantajar
El que duerme al que no duerme.
I despues medio durmiente
Como iaze,
Dezir: esto no me plaze,
Le es razon mui suficiente.

Quantos buenos naturales
Ha i por aqui, si aprendiesen!
Mas, delicados zagales
En plazeres se enternecen.
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano, quando suda,
Quando tiembla, en el invierno.

684 BF Mas juzgar sin aprender. E Mas vozes s. a. F Mas vezes (*Nota:* juzgar) s. a. — 685 BF daña. — 686 A A risa ia que no digo al. — 689 A Que se quiere hazer igual. — 690—691 A ansi dormiente Qual se iaze. — 686—693 B *tem duas estrophes em lugar d'esta unica, que pertencem a Juan Pastor; e dizem:*

A risa mas que a pesar
No sé como defenderme,
Que se le quiere igualar
El que duerme al que no duerme;
Trabaja con cuerpo i esprito
Noche i dia;
La caza mata porfia
I a buen bocado, buen grito.

Viene el delicado i tierno
Que pasó su tiempo en vano,
Tendido al sol en invierno,
Por la sombra en el verano;
Entónces, medio dormiente
Como jaze,
Dezir solo: no me plaze,
Es razon mui suficiente.

F *concorda com o nosso texto. Mas ja encontrámos mais atras* (472—473) *tres estrophes de* F *fora do seu lugar, das quaes então dissemos que*

Anton.

81. Es lo que dizes sin falla:
Mas cada uno alla lo vea.
Aunque Toribio se calla,
Dios sabe que el mas desea;
De cantares estranjeros
Gran sed muestra;
Seria esta deuda nuestra
Pagal-la! i mas sin dineros.

---

deviam entrar entre 79 *e* 81. — *Uma N. M. referindo se a outra anterior, ja copiada, diz:* Nota atras a fª . . . sobre este paso. *As tres estrophes são do teor seguinte:*

Es cierto, de haver pesar,
Juan, que no puedo tener me.
Que se le quiere igualar
El que duerme al que no duerme.
Trabajo de cuerpo i esprito
Noche i dia;
La caza mata porfia
I a buen bocado buen grito.

Viene el delicado i tierno
Que pasó el tiempo en vano;
Tendido al fuego en invierno,
Por las sombras en verano,
Este tal, medio durmiente
Des que iaze,
Dezir solo: no me plaze
Es razon mui concluiente.

Si se ha de ir tras las orejas,
En general, soncas que
A las nuestras zagalejas
Grite la gaita i rabé,
Manda el callar las vihuelas
I arremetas! (*mal legivel*)
Oian se las zapatetas
I aviven las castañuelas!

693—701 BF Juan. — 694 B dezis. — 695—696 A Cada uno alla se lo vea Pero Toribio aunque calla. — 697 A D. s. lo que desea. B D. s. lo que el desea. E D. s. que mas desea. — 700—701 B Si la deuda acaso es nuestra Pagar la hemos sin dineros.

Juan pastor.

82\. Qualquiera cosa se avenga
Que Toribio de mi mande,
Por más que cierta la tenga,
I antes que pequeña grande,
Sea como se acertare,
Malo o bueno,
Que hurtaré de lo ajeno
Si lo mio no bastare.

83\. Con deseo de ver tierras,
Huve de pasar los puertos;
Puse me a las blancas sierras,
Rios del hielo cubiertos.
Alla que pastores vi!
Quan enseñados
A cantar versos rimados!
Que plazer que ende senti!

84\. Vino un dia un viejo cano,
Convidamos lo a cantar,
Tomó la zampoña en mano,
Tocó, bolvió la a posar.
Todos, sobre todo io
Deseando

702—709 *Em* B *é Anton quem fala.*

A Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el demande
Puede estar seguro i crea
Que holgaré d'antes ser grande.
Porque querria que fuese
El cantar bueno,
Diré ora de lo ajeno
I despues quanto el quisiese.

702 B Qualquiera cosa que venga. — 703 E madre (*Err.*). — 705 E pequeñas. — 708 E Que hurtar te he. — 708—709 B Que hurtaré io de lo ajeno Quando el mio no bastare. — 710 *Em* B *é Juan quem fala.* A Deseoso d. v. t. — 713 A Por caminos poco abiertos. B R. de ielo c. — 715 BEF Tan enseñados. — 716 A En cantar. — 717 A a tañer. — 721 A a poner. B a dejar. — 722 ABEF sobre todos io.

De oir mas, i porfiando,
El buen viejo asi cantó.

Canta:

85. Los manjares de Amor son corazones;
Humanos ojos son sus claras fuentes
En que el mata la sed; sus dulces sones
Son los sospiros de los inocentes,
Que el trata cruelmente en sus prizones,
Todos enajenados de las mentes,
Celos, cuidados, cuitas: d'esto os da.
Lo que no tiene Amor, como os dará?

f. 27 v. 86. No veis que va desnudo? i que no lleva
Si no con que haga mal, i bien ninguno?
Fuego, arco i saetas con que os prueva?
Hartos del mal, del bien siempre en ajuno,
Unos a otros is dando os la nueva
Que es falso, que es sin fe, que es importuno.
Que es esto, me dezid, hombres perdidos?
Ia que ojos no teneis, tened oidos!

87. I tu que enfengimiento es este tuio,
Un niño en cueros sin vergüenza i ciego,
Mui esforzado si te he miedo i huio,
Si el rosto buelvo a ti, vencido luego?

---

724 A Que cantase, porfiando. — 725—726 F *Canção do velho. Em estancias a modo italiano.* — 727—728 A Beve de nuestros ojos, las sus fuentes Sabrosas, las musicas i sones. — 727 B las claras fuentes. — 730 A Que cruelmente trata en sus prisiones. — 732 B Cuidados, celos, cuitas: esto os da. — 735 E Sino lo que haga mal. — 736 A Fuego, arco i las sus flechas. B Saetas, arco, i fuego. — 737—738 AB Con todos los tormentos uno a uno. Vos uno a uno os is dando la nueva. E Harto de mal, de bien siempre aiuno Unos a otros is dando la nueva. — 739—740 A Que es falso, que es cruel, que es importuno Sin que nada aproveche: hombres perdidos. — 736—740 F Fuego, arco, las saetas con que os prueva Quasi todos de plomo (*Nota:* pagadores) i de oro alguno Unos a otros is dando os la nueva Que es falso, que es sin fé, que es importuno. Dezid me que aprovecha, hombres perdidos. — 742 B fingimiento. — 743 A Un niño (ah que vergüenza nuestra) i ciego. BF Niño desnudo, desarmado i ciego. — 744 ABF Huies si voi a ti, sigues quando (BF buelves si) huio. E si he miedo. — 745 A Vencedor i vencido, luego i luego. BF Aora vencedor, vencido luego.

Ah que no tiene Amor cosa de suio!
Nos las flechas le damos, nos el fuego!
Quereis su divindad ver tan alzada?
Abrid los ojos, i no vereis nada.

88. No os pongan miedo sus espantos vanos!
Bolvé por vos: vereis como esvanece,
Un cuerpo de aire, sin fuerzas, sin manos
A quien osado en campo se le ofrece;
Un engaño comun de los humanos,
Un como encantamiento que enloquece,
Ora leon, ora dragon, en la garganta
Fuego con que otros si niños espanta!

89. Cantado que el buen viejo huvo,
Toda aquella nuestra gente
Como personaje estuvo,
Io tambien por consiguiente.
En fin que licencia toma
I adivino
Que era pastor peregrino
Que iva en romaria a Roma.

746 A Veis que no tiene Amor nada de suio. F nada de suio. — 747 A Nos los tiros le damos, nos el fuego. B Nos las armas le damos, nos el fuego. F Vos las armas le dais i vos el fuego. — 748 A Quereis la su deidad ver tan loada? BF Quereis su (F la) divindad ver tan loada? — 749 ABEF Abrid los ojos bien, no vereis nada. — 750—757 F Bolved por vos, vereis como enflaquece, No os espanten sus miedos todos vanos; A quien osado en campo le aparece Todo un nonada, un cuerpo en fin sin manos Que en el su nombre solo os enloquece, Ierro, engaño cruel comun de los humanos Con los fieros, i amenaza tanta Simples i como si niños espanta. — 751—753 A No sus triunfos, que todo esvanece Perdelde el miedo, que es cuerpo sin manos A quien en campo osado le aparece. — 752 B sin fuerza i sin manos. — 756—757 A Niebla con un asoplo se levánta, Niño que como a si niños espanta. B Niebla que solo un soplo la llevanta Niño que otros, como el niños, espanta. — 757 E Fuego con que otrosi fuegos espanta. — 759 F Toda aquella compañia. — 761 E por conceito (*Err.*). — 761—765 F Que ni el ojo no movia. Una mas os diré Allende al modo Cantando declaran todo, No como aca: be be be! — 762—763 A El viejo licencia toma. Io adevino. — 763 E Ia a. — 764 E pelengrino.

90. Mas no es bien que pase asi,
I que solo Anton se quede
Sin cantar que, juri a mi,
Si quiere que sabe i puede.
Si no que nos quejaremos
Al jurado.
El rabé presto ha tomado,
Amigo, bien lo tenemos.

Anton.

91. Haveis tan corteses sido
Uno luego, otro despues
Que aunque haia de quedar corrido,
Sea antes que descortes.
No espereis cancion estraña,
Bien lo digo;
Que no me atrevo comigo;
Ia bien fuese a fuer de España.

766—769 A Mas no es bien que esto ansi pase I que de nos solo Anton, quede Riendo se si no cantase De lo que el sabe i que puede. — 766 F Mas no es bien que esto pase ansi. — 768—773 F

Por cantar, despues burlar se
I demas quien sabe i puede
Sino que nos quejaremos,
En concejo.

Toribio.

Cantar te he que eras mas viejo,
Nos porque no cantaremos?

771—773 AB Al maioral; Mas la zampoña, zagal, Tomado ha, bien lo tenemos. — 772 *O MS. escreve:* han. — 774 *Em* B *é Juan quem falla e canta; porem só pode ser erro de imprensa.* — 774—781 A Haveis tan corteses sido En quanto se os ha rogado, Uno i luego otro despues, Que, aunque haia quedar corrido, Sea antes que descortes. La mi musica aldeana Que os dirá? Diga os un cantar de aca D'estos de la tierra llana. F Haveis tan corteses sido Que no sé quien no se venza, Aunque vaia e quede corrido, Antes pague la vergüenza. Avenga lo que aviniere, Sabido era No fui a parte estranjera, Diré de lo que supiere. — 776 B haia quedar.. — 778—781 B Mas la zampoña aldeana No os dirá Si no un cantar de aca D'estos de la tierra llana. — 781 E Ia bien fuese oir (?) de España.

Canta:

92. Quando tanto alabas, Clara,
Blas que a luchar se desnuda,
La mortal de lá mi cara
Que frios sudores suda!

Ora alabas tal blancor
Discorriendo pieza a pieza,
Que no queda sin loor
De los pies a la cabeza.
Quien de tal mundo pensara,
Aunque cada ora se muda?
f. 28. Ver te contra ti tan clara,
Ver te contra mi tan cruda?
Quando tanto alabas, Clara etc.

93. Llamas las madejas de oro,
El hablar blando i suave,
Las fuerzas de un bravo toro,
La ligereza de una ave.
Comigo el alma no para
Fuiendo a su cuita aguda,
Quando tu aficion dispara
I al gesto sale desnuda.
Quando tanto alabas, Clara etc.

94. Tambien de los mis cordojos,
De los mis vasques i fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que los ven hasta los ciegos,

---

784 A La triste de la mi cara. — 786—791 A Ora alabas el alvura I dizes del blanco pecho Con toda aquella hermosura Del su cuerpo alto i derecho. Quien de tal nunca pensara (Cruel mi suerte i sañuda). — 790 B Quien tal del mundo pensara. — 793 E tan dura (*Err. Leia-se* ruda). — 794 *Falta em* F. — 795—797 A Dizes sus madejas d'oro, El mirar manso i suave, Las fuerzas como de un toro. — 795 B Llamas le madejas d'oro. — 799—803 A Todo esto te es cosa clara, Busca a tus oios aiuda, La vista tan turbia aclara I verás quien d'ello duda. — 804 B enojos. AE los mis vascos. B las mis vascas. — 807 A Que lo ven. E Que no le ven. — 804—812 *Faltão em* F.

Las mudánzas de mi cara,
El mi pecho que amenuda,
Mi mal todo lo declara;
Sola la mi lengua es muda.
Quando tanto alabas, Clara etc.

95. Triste! i en lucha tan estrecha,
A brazos con los sentidos,
Que Blas caia, que aprovecha
A quien tiene ojos i oidos?
Maguer de grado dudara,
No dejes lugar de duda
A quien de tus ojos, Clara,
Nunca los sus ojos muda.
Quando tanto alabas, Clara etc.

96. Entre dos males tamaños
Que no sé, triste, qual venza,
Grandes fuegos de mis daños,
Grandes de la tu verguënza,
Si del todo me pasmara,
Como lo pensé sin duda,
Mucho el mi mal me aiudara
Que en todo me desaiuda.
Quando tanto alabas, Clara etc.

Toribio.

97. Mejor es que el hombre se calle
Que hablar poco en tus loores.

---

810 AB Los mis secretos declara. — 811 B Sola mi lengua está muda. — 813—821 *Faltão em* A. — 813 E Triste, en l. t. e. — 817 B I aunque io d'ello dubdara. — 818 BF No dejas. — 823 A Que no sé qual d'ellos venza. BF Que no sé d'ellos qual venza. — 824 B Grandes miedos de mis daños. — 825—829 F Grandes de la mi verguënza. El corazon se declara En la su cuita tan cruda. Ve se todo en la mi cara, Solo la mi lengua es muda. — 827 AB Que era de pasmar sin dubda. — 828 A El mal mucho me aiudara. B El seso al mal aiudara. — 829 B Que aora me desaiuda. E Que en todo me da aiuda. — 831 ABEF que hombre.

Mas biendito sea el valle
Que lleva tales pastores!

Juan pastor.

Ni fue como el mio robo.
Todo tiene,
Mas quien corriendo aca viene?
En la conseja es el lobo.

Pelaio pastor.

98. Amigo, vengo pasmado
Juan amigo, i no poco,
Que anda aqui cerca emboscado
f. 28v. Un zagal, dad lo por loco.

831—838 A Juan pastor.
Mejor es que hombre se calle,
Mas en mi verdad diria
Que resonava el valle
Como que te respondia.

Toribio.
Esta rassea, (*sic*) esta pareja
A lo estranjero.
Quien viene alla compañero?
El lobo es en la conseja.

835—838 B Anton.
Io me estava como un bobo.
Ansi escuchando
Mas quien viene alla trotando?
En la conseja es el lobo?

E Juan pastor.
Mi fe, como el mio, robo.
Todo tiene.
Mas quien corriendo aca viene?
El en la conseja es el lobo.

839—842 A Io vengo fuera de mi,
Mis amigos, i no poco,
Que en el bosque un zagal vi
Solo, que parece loco.

839—840 BEF Amigos, vengo pasmado I aun medroso i no poco.

Mas porque son mui diversos
Los modos de enloquecer,
Digo os que a mi parecer
Que anda componiendo versos.

Juan pastor.

99. Daldo por mal remediado
Si tal dolencia es qual dizes;
Comer se ha de arrabiado
Las manos como perdizes.
Quando arden todas tus venas,
I luego tiemblan de frio,
Pera todo ha i cosas buenas,
A ese mal todo es baldio.

---

843 B I aunque son m. d. — 845 A En verdad este a mi veer. — 845—846 B A quanto pude entender Anda c. v. — 847 A Da lo. B Da le. — 848—854 A Si tal es la su dolencia. Comer se ha como arrabiado Sin ninguna paciencia. Destempladas las tus venas Que arden o tiemblan sin medio, Para todo ha i cosas buenas, Ese mal es sin remedio. — 849 B Comer se ha engolosinado. E C. s. h. arrabiado. — 851—854 F Deja lo iazer hermano, No pienses que el mal es poco: Puede se curar un loco. Ese tal? trabajo es vano. E *continua acrecentando uma estrophe que diz:*

Quando arden todas tus venas,
Las tus entrañas i el pecho,
Buscan medicinas buenas
Que te llevanten del lecho.
D'ese morir se han de risa
Todos de el en su persona
Quando el sus versos entona
I el está se un rei en Frisa.

E *intercala tambem entre* 854 *e* 855 *uma estrophe muito parecida á acrecentada de* F:

Anton.

D'ese morir se han de risa
Todos del en su persona
Quando sus versos entona
I el se está un rei en Frisa.
Deja le, Pelaio hermano,
Que puesto que el mal no es poco,
El querer curar un loco
Es trabajar siempre en vano.

EF *continuão:*

Pelaio.

Cosa es que os espantará:
El camino no es tan luengo

Pelaio.

100. Venid, que vos lo podreis
Ver i juzgar quanto abonde,
Mas no sienta que lo veis
Si no que luego se esconde.
A la fe io dije i hize!
Veis que en la frente se hiere;
Está como que hablar quiere,
Ora escuchemos que dize.

Alejo I.

101. Los mis deseos sandios
Que adrede a su mal se dieron!
Para vos, que nunca vieron,
Guardan estos ojos mios.

Juan pastor.

Si la vista no me embrusca
(Miro lo de luengo en ancho)

Si quereis, vamos alla,
I si no, visto lo tengo.

Toribio.

Vamos, andad, abalemos
(F Vamos, dad aca, abalemos)
Que gana tengo de oil-lo
Lleguemos (F Lleva nos) alla, carillo,
Que harto de tiempo tenemos.

855—858 A Venid i ved si dubdais Io os guiaré por donde, Callad que si mucho hablais Como siente alguien se esconde. — 855 B Venid que bien lo podreis. — 857 E Mas no sienta quanto veis. — 858 B Porque al momento se esconde. — 855—858 F Venid! i ninguno sea Que mas hable! id sin ruido! No nos sienta ni nos vea Son que es trabajo perdido. — 860 A Con la mano la frente hiere. — 861—862 B Semeja me que hablar quiere Escuchad bien lo que dize. — 863—866 *Faltão em* A. — 864 B dieran. — 865 B vieran. — 867 EF no es ia brusca. — 867—870 *A estas quatro linhas correspondem as seguintes de* A:

Si ia la vista no se embrusca
(Fui me alzando el sobrecejo)
I este es el hijo que el viejo
Sancho nuestro ha dias busca.

Estão porem collocadas em outro lugar. — 868 E de medio en ancho.

Este es Alejo el de Sancho
De que el viejo se anda en busca.

Anton.

102. Quiza, si es asombramiento?
No entiendo que otro ser pudo,
Que no se via entre ciento
Otro zagal tan sesudo.

Juan pastor.

Mozo pera dar consejo,
No es maña mucho segura,
Mas asiento haze locura
En la cabeza del viejo.

Alejo 2.

103. Este mi mal tan estraño
Si os viese, i aunque maior,
Nunca seria dolor
Por mucho que fuese el daño.

Toribio.

O bien de mi i que bueno!
No veis que cosas se deja
Dezir? quien tan bien se queja,
No está de si mui ajeno.

f. 29. 104. Ai con que ansia sospira
Que hermoso i que bien dispuesto!
Veis lo alla vuelto tan presto,
Veis que otra vez aca mira!

---

869 EF I este es etc. — 870 B De quien el viejo anda en busca. — 871 F Quizas. — 873 EF Ni entiendo. B Ni veo. — 871—874 *Faltão em* A. — 876 A No es cosa de mucha tura. B No es cosa mui segura. — 877 BEF Mal asiento. — 879—882 *Faltão em* A. — 880—881 B Esta mi cuita si os viese No puede ser que doliese. — 883 B Oh buen de mi. — 884 A Mil cosas d'estas se deja. — 884—885 BF Que cosas dezir se deja. Quien del mal tan bien se queja. — 887 AB No veis con que ansia suspira. — 888 BE Que hermoso! que bien dispuesto! — 890 AB Veis lo que vuelto aca mira.

Alejo 3.

A todas partes, pensando
Ver te, miro i no te veo;
Si no muere este deseo,
Morir me he io deseando.

Juan pastor.

105. Segun suenan sus palabras,
Amigos de este mochacho,
Es que da le amor empacho
Ni el aqui busca otras cabras.
Amor malvado, i no tal
Por cierto como el se nombra,
No lo deja a sol ni a sombra;
Haze, como suele, mal.

Alejo 4.

106. El mi corazon liviano
Fue se me, no sé tras quien;
Van buscando el su bien
Tras el los ojos en vano.

Anton.

Ora ved que me he pensado
En eso que vi (que es poco),
Empero nunca vi loco
Que no fuese enamorado.

---

891 A A toda parte. — 895 BEF las palabras. — 896—898 A Io os digo d'este muchacho Da le Amor (parece) empacho I el no guarda aqui otras cabras. — 897 Es que Amor le da empacho. — 898 EF Ni el no busca aqui o. c. B Ni el busca aqui o. c. — 899 – 900 A Amor cruel i no tal Como el de falso se nombra. — 900 B Como del dizen i se nombra. E Por cierto como se nombra. — 902 *O MS. escreve:* Hazer. — 903—906 A El mi corazon malsano Fue se me, no sé tras quien. Eso se buscan tambien Los ojos tristes en vano. — 905 BEF este su bien. — 907—910 A Io no sé que d'esto crea Mas con el mi saber poco; Nunca por nunca vi loco Que enamorado no sea. — 907—908 B Ora ved lo que he pensado En esto que vi, que es poco. — 907—910 F Muchos se lo han pensado. I io vi del mundo algun poco, Mas nunca conoci loco Que no fuese enamorado.

Alejo 5.

107. Aquel cuidado por medio
Que el mi corazon abrió,
De quantos males me dió,
No me dió solo un remedio.

Toribio.

Catad, catad, mis pastores!
A otas! bien lo entendistes!
Juan, quando luego dijistes
Que este mal era de amores.

Alejo 6.

108. Por un bosque tan sombrio
I puertos tan mal seguros,
Entre inimigos tan duros,
Que descuido es este mio?

Pelaio.

No se puede quillotrar,
Mas ello en fin no es buen juego.
Vamos a buscar el crego
Que lo venga a esconjurar.

911—914 A Aquel gran golpe por medio Que el mi pecho tierno abrió . A quantos males me dió, No me dió solo un remedio. B Aquel cuidado que en medio De mi pecho el alma abrió A quantos etc. — 912 E Que mi corazon abrió. F Que mi pecho i alma abrió. — 915—918 A Cata, cata Juan pastor! A otas! bien lo entendiste; Viendo lo luego dijiste Que el su mal era de amor! — 916—918 B Por cierto bien lo entendiste Juan, quando luego dijiste Que su mal era de amores. — 915—918 *Faltão em* E. F Cata cata, Juan pastor A otas bien la entendiste Lo que en llegando dijiste; Confessado ha que es amor. — 919 A Por el bosque tan sombrio. — 920 AB Por puertos. — 919—922 *Faltão em* F. — 933 E *escreve:* aqui llorar *como o nosso MS.,* F: quello trar. *A velha palavra:* aquillotrar *costuma aparecer mutilada em todas as edições e codices.* — 923—925 A Pelaio. Vamos su padre a llamar. Juan pastor. Antes, carillo, te ruego, Vamos a buscar un crego Que lo venga a esconjurar. *Faltão em* A. B No se puede mas burlar Que a la fe, que no es buen juego, Vamos a buscar un crego Que l. v. a esc.

Toribio.

109. No es tiempo de otra respuesta
Son que a la fuente te espero.

Anton.

f. 29v. Tambien correis, compañero,
Parece que es sobre apuesta.

Juan pastor.

Io tambien que alla me voi,
A la fuente me atended.
Que si no mato esta sed,
Mi fe por muerto me doi.

927—930 *Pertencem em* A *a Pelaio.* — 929—930 A Ansi corres compañero Como que va sobre apuesta. BF Pelaio. Tu tambien corres Anton, No veis la (F que) priesa que lleva. Anton. No me ternán que (F a que) no beva Quantos en el mundo son. — 929 E Tambien corres compañero. — 931—934 A Todos nos vamos alla Que nunca tuve tal sed. Si no la mato, sabed Que ella a mi matará. B Io tambien alla me iré, Que nunca tuve tal sed. Si no la mato, sabed Que muerto d'ella seré. *Faltão em* F. — *Até aqui só indicámos as variantes das estrophes comuns ao nosso MS. e a um ou outro dos textos; as differenças na ordem d'ellas e nas pessoas a que se attribuem são porem tantas que nos pareceu melhor reimprimo-las aqui em extenso. Só* E (*e* F *até estr.* 11) *andão concordes com o nosso texto, tendo de menos uma unica estrophe* (14 Catad); *dos outros textos* ABF *têm a mais duas estrophes* (A 14 *e* 13 = B 22 *e* 15 *e* F 18 *e* 14). BF *quatro* (B 14. 19. 23. 26 = F 12. 20. 19. 22). AB *uma* (AB 1). B *uma* (7). A *duas* (15 *e* 19). — *O que ha de novo vai impresso em grifo.*

A

1. Alejo 1.

Engaña me el mal estraño,
Pensé coitado que os veia,
Mas bien, que no mal seria.
Durase solo el engaño!

2. Toribio.

Oh bien de mi, i que bueno!
Mil cosas d'estas se deja
Dezir! Quien tan bien se queja,
No está de si mui ajeno.

B

1. Alejo 1.

Engañó me el mal estraño,
Pensé cuitado que os via
Mas bien, que no mal seria
A durar solo el engaño.
(= A 1.)

2. Juan.

Si la vista no me embrusca,
(Miro lo de luengo en ancho)
Este es Alejo el de Sancho
De quien el viejo anda en busca.

F

1. Alejo 1.

Los mis deseos sandios
Que adrede a su mal se dieron!
Para vos que nunca viero
Guardan estos ojos mios.

2. Juan pastor.

Si la vista no es ia brus
(Miro lo de luengo en anc
I este es Alejo el de San
De que el viejo se anda busca.

Todos encantados.

Anton.

110. Viste jurar Violante,
Viste que fue por demas:
Como quies, pastor, que cante?
Oh rios, bolved atras
I montes, id adelante!

A Encantados dizen. B Encantados. F Encantados todos dizen. — 935—936 *Em* A *fallão todos juntos mas de* 937—939 *é Anton quem continua.* — *Em* F 935—939 *fallão todos.* — 937 B Como quieres tu que cante. — 938 A corred atras. — 939 BEF Vos montes.

A

No veis con que ansia suspira?
ne hermoso i que bien dispuesto!
eis lo alla vuelto tan presto!
eis lo que vuelto aca mira.

Alejo 2.

A toda parte, pensando
r te, miro i no te veo.
no muere este deseo,
rir me he io deseando.

Juan pastor.

Segun suenan sus palabras
os digo d'este muchacho:
le amor (parece) empacho
el no guarda aqui otras cabras.

Amor cruel, (i no tal
o el de falso se nombra)
lo deja a sol ni a sombra.
ze, como suele, mal.

Alejo 3.

El mi corazon malsano
e se me no sé tras quien.
o se buscan tambien
s ojos tristes en vano.

B

3. Anton.

Quiza si es asombramiento?
Ni veo que otro ser pudo,
Que no se via entre ciento
Otro zagal tan sesudo.

4. Juan.

Mozo para dar consejo
No es cosa mui segura;
Mal asiento haze locura
En la cabeza del viejo.

5. Alejo 2.

Los mis deseos sandios,
Que adrede a su mal se dieran!
Para vos que nunca vieran
Guardan estos ojos mios.

6. Toribio.

Oh buen de mi i que bueno!
Que cosas dezir se deja.
Quien del mal tan bien se queja
No está de si mui ajeno.

7. Alejo 3.

Que remedios se convienen
A tan varios pensamientos?
Que unos se van con los vientos,
Otros con ellos se vienen.

F

3. Anton.

Quizas, si es asombramiento?
Ni entiendo que otro ser pudo,
Que no se via entre ciento
Otro zagal tan sesudo.

4. Juan pastor.

Mozo pera dar consejo
No es maña mucho segura,
Mal asiento haze locura
En la cabeza del viejo.

5. Alejo 2.

Este mi mal tan estraño
Si os viese, i aunque maior,
Nunca seria dolor
Por mucho que fuese el daño.

6. Toribio.

Oh bien de mi i que bueno!
Que cosas dezir se deja!
Quien del mal tan bien se queja
No está de si mui ajeno.

7. Anton.

Ai con que ansia sospira!
Que hermoso i que bien dispuesto!
Veis lo alla vuelto tan presto,
Veis que otra vez aca mira.

Toribio.

El bosque arde al derredor!
Tira Amor tiros a pares!
Piedad, oh piedad señor,
Quando mas crueldad pensares,
Miembra te que eres Amor.

940 F El monte arde al derredor. — 940—944 *Em A é J. p. quem fala.* — 942 BE Piedad piedad señor. — 944 Miembre te.

A

8. Anton.

Io no sé que d'esto crea;
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

9. Alejo 4.

Aquel gran golpe por medio
Que el mi pecho tierno abrió,
A quantos males me dió
No me dió solo un remedio.

10. Toribio.

Cata, cata, Juan pastor,
A otas! bien lo entendiste!
Viendo lo luego dijiste
Que el su mal era de amor!

11. Alejo 5.

Por el bosque tan sombrio,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros
Que descuido es este mio?

12. Juan pastor.

Si ia la vista no se embrusca,
(Fui me alzando el sobrecejo)
I este es el hijo que el viejo
Sancho nuestro ha dias busca.

13. Alejo 6.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto i fatiga!
Pues la ventura enemiga
Pues amor quiere, asi sea.

14. Anton.

Habló contigo? o con quien?
Juan no ves que este zagal
Asi se queja del mal
Soncas que parece bien.

B

8. Anton.

No veis con que ansia sospira!
Que hermoso! que bien dispuesto!
Veis lo allá vuelto tan presto
Veis lo que vuelto aca mira.

9. Alejo 4.

A todas partes, pensando
Ver te, miro, i no te veo.
Si no muere este deseo
Morir me he io deseando.

10. Juan.

Segun suenan las palabras,
Amigos, d'este muchacho,
Es que da le amor empacho
Ni el busca aqui otras cabras.

11. Alejo 5.

El mi corazon liviano
Fue se me, no sé tras quien;
Van buscando este su bien
Tras el los ojos en vano.

12. Anton.

Ora ved lo que he pensado
En esto que vi que es poco,
Empero nunca vi loco
Que no fuese enamorado.

13. Alejo 6.

Este mi mal tan estraño,
Esta mi cuida, si os viese,
No puede ser que doliese
Por mucho que fuese el daño.

14. Juan.

Io os digo esto en mi tino,
Escuchá me ora si os plaze,
Cierto, Amor mucho mal haze
Pero sabed que es divino.

F

8. Alejo 3.

A todas partes, pensan
Ver te, miro i no te ve
Si no muere este deseo,
Morir me he io deseand

9. Juan.

Segun suenan las palab
Amigos, d'este muchach
Es que da le Amor empac
Ni el no busca aqui ot cabras.

10.

Amor malvado, (i no
Por cierto, como el s nombra,
No lo deja a sol ni a som
Hace como suele mal.

11. Alejo 4.

El mi corazon liviano
Fue se me, no sé tras qui
Van buscando este su bi
Tras el los ojos en vanc

12. Anton.

Io os digo en mi tino,
Escuchá me ora si os pl
Cierto, Amor mucho mal h
Mas dizen me que es divi
(= B 1

13.

Muchos se lo han pensa
I io vi del mundo algun po
Mas nunca conoci loco
Que no fuese enamorado

14. Alejo 5.

Que la mi vida se ve
En tanta cuita i fatiga!
Pues la ventura inimiga
Pues Amor quiere ansi se
(= A 13 *e* B 1

Pelaio.

111. Por estos buenos abrigos
Ai que zagala Leonor!
Sean los ojos testigos!
Reine, biva i venza Amor
I mueran sus inimigos!

945 Por *falta no MS.* — 946 A Clarenza. E Vi zagala Lionor. — 947 B Son me los ojos testigos (1784 Son malos o. t.). — 948 A Reine Amor i biva i venza. B Biva, reine, i venza A. F Reine i biva i venza A.

A

Toribio.
nora mala esta sea!
lo puede ver sin duelo?
no havia aqui mozuelo
sesudo en toda aldea.

Juan pastor.
ozo para dar consejo
es cosa de mucha tura.
asiento haze locura
a cabeza del viejo.

Pelaio.
amos su padre a llamar.

Juan pastor.
, carillo, te ruego,
os a buscar un crego
lo venga a esconjurar.

Pelaio.
o es tiempo de otra respuesta
que a la fuente te espero.
corres compañero
o que va sobre apuesta.

Juan pastor.
s a que van corriendo,
a prisa i tal porfia?

Anton.
en a la fuente fria.
do de sed en la viendo.

Juan pastor.
odos nos vamos alla
nunca tuve tal sed.
la mato, sabed
ella a mi me matara.

B

15. Alejo 7.
Que la mi vida se vea
En tanta cuita i fatiga!
Pues la ventura enemiga
Pues Amor quiere, ansi sea!
(= A 13.)

16. Anton.
Amor malvado, (i no tal
Como del dizen i se nombra,)
No lo deja a sol ni a sombra,
Haze, como suele, mal.

17. Alejo 8.
Por un bosque tan sombrío,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuido es este mio?

18. Toribio.
Catad, catad mis pastores,
Por cierto bien lo entendiste,
Juan, quando luego dijiste
Que su mal era de amores.

19. Alejo 9.
Sea pues lo que se fuere,
Corazon mio engañado;
Que este sobervio cuidado
Todo lo que quiere, quiere.

20. Pelaio.
No se puede mas burlar,
Que a la fe que no es buen juego;
Vamos a buscar un crego
Que lo venga a esconjurar.

F

15. Toribio.
Cata, cata, Juan pastor,
A otas, bien lo entendiste,
Lo que en llegando dijiste.
Confessado ha que es amor.

16. Pelaio.
No se puede quellotrar,
Mas ello en fin no es buen juego;
Vamos a buscar un crego
Que lo venga a esconjurar.

17. Alejo 6.
Aquel cuidado por medio
Que mi pecho i alma abrió,
De quantos males me dió,
No me dió solo un remedio.

18. Anton.
Habló contigo o con quien?
No ves que dijo el zagal?
Ansi se queja del mal
Que me semeja que es bien.
(= A 14 *e* B 22.)

19. Juan pastor.
Mirava a la clara fuente
Que tan hermosa en la peña
Biva del alto se despeña,
Alla te espero, pariente.
(= B 23.)

20. Alejo 7.
Sea pues lo que se fuere,
Corazon mio engañado,
Que este sobervio cuidado
Todo lo que quiere, quiere.
(= B 19.)

Juan pastor.

Huerte ceguedad malsana
Que nos a todos destruie!
Vedes que es incierta i vana,
Vedes que la vida fuie:
Andais vos d'hoi en mañana.

949—950 *Em* E *e na Ed. de* 1784 *falta a rubrica:* Juan. — 950 AE Fuerte ceguedad humana. BF Fuerte ceguedad erstraña. — 951 *e* 952 B Vemos. — 954 A Andais os. B I andamos. E Mandad. F Andá os.

A

B

21. Alejo io.

Aquel cuidado que en medio
De mi pecho el alma abrió
A quantos males me dió,
No me dió un solo remedio.

22. Anton.

Habló contigo? o con quien?
No ves que dijo el sagal?
Ansi se queja del mal
Que me semeja que es bien.
(= A 14.)

23. Juan.

Mirava a la clara fuente
Que tan hermosa en la peña
Biva del alto despeña;
Alla te espero, pariente.

24. Toribio.

Io tambien alla me iré,
Que nunca tuve tal sed;
Si no la mato, sabed,
Que muerto d'ella seré.

25. Pelaio.

Tu tambien corres, Anton.
No veis la priesa que lleva?

Anton.

No me ternán que no beva
Quantos en el mundo son.

26. Pelaio.

Que es esto? miedo he que ciegue
De sed antes de bever.
No hago sino correr,
I no sé quando alla llegue.

F

21. Pelaio.

Tu tambien corres Anto
No veis que priesa que llev

Anton.

No me ternán a que no be
Quantos en el mundo so

22. Pelaio.

Que es esto? miedo i que ciegu
Antes que llegue, de sed
Ora los mis pies corredl
Que no sé quando alla llegu
(= B 2

Egloga II.

Basto.

108.

Dedicatoria

A Nuno Alvarez Pereira.

1. Polas ribeiras de ums rios
Por onde cantão as aves,
Por esses bosques sombrios,
Despois de contos mais graves,
Ouvi d'estes meus baldios.
E porque eu tambem me afasto
Do povo, que me não reja
Ou tras si me leve a rasto,
Vede em que do tempo gasto
O que me ás vezes sobeja.

2. Em quanto um joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega,

J f. 87. — A f. 90v A Nuno Alvarez Pereira (*i. e.* Dedicatoria a N. A. P.); f. 91 Egloga (II). — B f. 93 A Nunalverez Pereira Egloga Oitava: Basto. — F f. 81 A Nunalvarez Pereira Epistola. (*Tem a N. M.:* Sá Miranda 8º) f. 81v Egloga. — (*N. M.* 8º *É fragmento e acaba com o verso* 420.) *O leitor encontrará mais adiante na Pe* 3ª (*No.* 116) *outra redacção completamente differente d'esta Egloga que tiramos tambem do nosso MS. e conferimos com* F (*onde se encontra de fol.* 91 *até* 95 *sob o titulo:* Dialogo); *e mais outra redacção nova na Pe* 4ª (*secção* 2ª *No.* 164) *que copiámos de* E. — 2—5 A Como dizem os cantares E pelos bosques sombrios Dando lugar aos pesares, Ouvi meus contos baldios. — 3 B Por entre b. s. — 4 B Despois. F cantos. — 5 B Ouvi d'estes mais baldios. — 6 A m'eu t. a. — 8 B E tras si. — 9 B V. do tempo em que g. — 10 A Tambem o que me sobeja.

Outro murmura na praça
E co mal d'estes se rega,
Co bem d'estoutros s'embaça,
Um de si se preza tanto
Que sô cuida que enche as festas,
Outro sospira e faz pranto:
f. 30. Coa natureza entretanto
Falemos pelas florestas.

3. Grande sinal de saude
É têr tudo aparte posto,
Olho sômente á virtude,
Ledo e triste um mesmo rosto
Que não ha quem vo-lo mude.
Quem sabe por onde vai,
Leva sua conta feita,
Nunca do caminho sai,
Não olha a quem diz: *tomai*
A esquerda ou a dereita.

4. A virtude é paga igual
De si mesma sem mais troca.
Mas tratemos ora d'al:
Sabe se que vos não troca
O bem nem menos o mal.

13—15 A Tantos murmurão na praça, Outro, quanto affirma ou nega, Com juras tudo embaraça, De si tanto outro se preza. — 14 B d'este. — 15 B E co bem d'estoutro embaça. — 18—20 A Outro pelas ruas reza, Falemos coa nátureza Andando pelas florestas. — 23 AB Olhos. — 24 AB Ledo ou triste. — 26 F a sua conta. — 26—30 A Sabeis sem outra mais troca Que é ela assi paga igual, Por isso não vos trastroca O coração nem a boca O bem nem menos o mal. B Por demais tudo aporfia C'um peito tam livre e são Que tomou tam certa guia; D'aqui nace a presumpção, Cuidão que da fidalguia. — 31—40 A *tem os primeiros* 5 *versos iguais aos* 26—30 *de* B (Por demais *até* fidalguia) *os outros aos* 26—30 *do MS.* (Quem sabe *até* dereita). B *tem os primeiros* 5 *iguais aos* 31—35 *do MS.* (A virtude *até* mal) *e os outros aos* 26—30 *tambem do MS.* (Quem sabe *até* dereita). — 34 F se não troca.

São a vos vindos pastores
Que antre si tem diferença:
São panos de muitas côres.
Vos ouvi os contendores,
Outrem parta a diferença!

---

40 AB *acrecentão mais uma estrophe que diz:*

Ambos nos temos á banda
De Gil que aqui (B ahi) vos envio
Por onde a menos gente anda;
Eu porem não aporfio
Que a cada um seu gosto manda.
Não falecem (B Mas não faltão) contendores,
Seja a razão a que vença;
Estêm (B Estêm se) a parte os favores
Ouvi os vossos (B os meus) pastores,
Outrem parta a deferença (B desavença).

Egloga.

Basto.

Pastores da Egloga:

Basto Representador.
Bieito } Contendores.
Gil }

Basto.

1. Como corre e como atura
Quem vai apos o seu gosto,
Quer por frio, quer quentura
E no suor do seu rosto!
Busca ás vezes da mâ ventura,
Sem guia e sem esconjuro
Cos medos se desafia,
Sô vai afouto e seguro
De noite polo escuro,
Por montes ermos de dia.

2. Este apetito que digo
Quem o desse a mâ maleita,
Que traz mil artes consigo!
Guar-te d'ele, que te espreita
Por dar d'avesso contigo.
Rosto ó si e rosto ó não,
A fortuna é feita assi;

A Basto representador de quem se toma o nome, Bieito Gil pastores. B Pastores da Egloga: Bieito. Gil. Basto. F Pastores da Egloga: Bieito Gil. — 3—4 A Não sente frio ou quentura Mas no senhor (*sic! Err. Leia-se:* suor) do seu rosto. — 5 ABF Busca ás vezes mâ ventura.

Mal a conhece o vilão.
Cuidas que a tens na mão:
Está se rindo de ti.

3. Onde quer cho demo jaz!
Pera haver d'embicar nele,
Topei c'um lobo rapaz,
Dei me cos meus cães tras ele,
Tive da fadiga asaz!
Eis que traspõi, e eis que assoma!
Desfazia me correndo:
Toma aqui, cão, ali toma.
Cego da perfia em soma
Fui me traspondo e perdendo.

f. 30 v. 4. Isto a quem não acontece?
Seja porem na mâ ora!
Que ha de vir e não se estrece.
Estão se rindo os de fora,
A nos não no-lo parece.
A correr e a dar á choca
Este desafia mil;
Vende aquele, compra ę troca;
Outro traz graças na boca,
Faz falar seu arrabil.

5. Cuida que as namora todas,
Não sei quem che, por fermoso,
Vai se ás festas, vai se ás bodas;
Tenho me eu co dadivoso:
Que unta o carro, andão as rodas.

19—20 A Cuida que a tem na mão Ela sorri se entre si. — 21 B o demo. — 23 A Fui topar c'um mao lobaz. BE Topei c'um lobo roaz. — 24 B Fui me. — 25 AB de fadiga. — 26 A Eis desparece, eis que assoma. BF eis q. a. — 29—30 A Som caçador, fui me em soma Assi traspondo e perdendo. — 33 AB O tempo desaparece. — 38 A Aquel outro vende e troca. — 40 A D'outro chia o arrabil. B D'outro fala o arrabil. — 42 B *escreve literalmente:* nã sey quẽ che he prẽ fermoso. *e tem a N. M.:* Errata: Hum que se tem por fermoso. *E é assim que escreve a edição de* 1784. — 45 *O MS. escreve:* anda o carro.

Grandes cousas, capa em colo
Conta, (se elas são assi)
Que me dão volta ao miolo;
Deve me de ter por tolo,
Eu a ele outro que si.

6. Como lontra jaz no rio
Um que o seu gado mal passa,
Ele pesca, ora co fio
Ora cana, ora com naça;
Outro anda sempre em cio,
(E não sei como se chama),
Parte e deixa a molher nova
Dando voltas pola cama,
Ele por neve e por lama
Corre cos seus cães a prova.

7. Vai assi ja muitos dias
Que não torna atras ninguem;
Bebemos das bemquerias
Que cada um comsigo tem,
Damos d'essas rezões frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Vem um, vem outro alvoroço:
Co seu fardel ó pescoço
A ser pastor se acolhera.

8. Ora ele assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo

---

46 A Cap' emcolo. — 47 AB se elas assi são. — 49 A Devem. — 50 AB E eu (B Eu) a ele por que não? *Mas a lista de Erratas de* A *quer que se leia* eles. — 52 A e o seu gado. — 53 B com fio. — 54 A e ora nassa. B Com cana ora. — 55 A Outro que anda. B O outro anda. — 55—56 A D'aquell' outro a esposa crama (*sic!*) Ve se desejosa e nova. — 55 B Outro resfriada a chama. — 59 B E por neve e pola lama. F Ele por neves e por calma. — 61 AB ja ha m. d. — 62 A Que não volve. — 68 A Passa um, passa outro alvoroço. BF Vendo um, vendo outro alvoroço. — 69 A O seu f. ao p. — 70 A Por bom parceiro escolhera. — 72 A Se primeiro estava mal.

Antre nos que era outro igual.
Tambem se foi delambendo!
Ũa vez lama, outra poo,
Sempre homem anda achacado!
Fez inda mais outro voo:
Por milhor houve andar soo
Que assi mal acompanhado.

9. Era grande amigo seu
Bieito, e vendo a tal mania,
Consigo acinte la deu.
Tiverão grande porfia,
Um rezõis deu, outro deu:
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos.
Antes dez quedas que emenda!
Contar vos hei da contenda
Sem meter verbas nos meos:

Bieito.

I. 31. 10. Que é isto, Gil, que assi triste
Te nos fez este ano abril?
Não sei que demo tu viste,
Que tu não pareces Gil.
Di me e u te nos sumiste?
U-lo aquele grande amigo
U-lo dos bofes lavados
D'aqueles do tempo antigo?

---

74 ABF Antre nos che (B que) era outro tal. — 77 A Sempre te achas achacado. — 78 A Inda deu. B Deu inda. — 82 B e vendo a mania. — 83 ABF Consigo um dia la deu. *N. M. de F.:* Quasi teve por sandeu. — 88 A Antes mais quedas. — 90 B versos, *o que se encontra corrigido em:* verbos *na lista das Erratas.* F *diz tambem:* verbos. — 91—92 A Que é isto Gil que andas triste Despois que entrou este abril. — 93 A te viste. B tuviste. — 94 BF Que ja não pareces Gil. — 95 A Amigo, onde te sumiste? B Dize onde te nos sumiste? F Di me e u se te nos sumiste? — 97 A De limpos bofes lavados. BF Ulos os bofes lavados. *O MS. escreve:* Ulos dos. — 98 A D'aquele bom tempo antigo.

Que o siguro e o perigo
Não mos trazia encubados.

11. Assi tão soo te vieste?
Tomaste forte borrão!
Tantos amigos vendeste,
Por não sei que nem que não,
Que nem a mi o disseste.
Ora di me, se te praz,
Depois de tanto sol posto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal, que traz
Sempre consigo mao rosto.

12. Tu olhas me de traves?
Parece que a mal o tomas,
Mas se tu inda este es,
Não hei medo que me comas
Por mais mudado que estês.
Que inda que certo hajas feito,
Ũa tamanha mudança,
Que te tem como desfeito,
D'este nome de Bieito
Sequer has de ter lembrança.

13. Muitas vezes esmagino,
Gil amigo, em ti cuidando,
Na brandura e bom ensino
Que departias estando
Duas oras c'um menino;

99—100 A Que assi falava comtigo, Tu comigo os teus cuidados. B Que o segredo e o perigo Não nos trazia encubados. — 102 A· Forte burrão foi o teu. — 103—106 A Tanto d'amigo esqueceste Como aqui tinhas de teu Nem a mim não mo disseste. — 105 BF Que nem a mi sô o dixeste (F disseste). — 106 A apraz. B Ora dize se te apraz. — 110 A Sempre a memoria mao rosto. — 113 AB Mas se Gil tu (B tu Gil) inda este es. — 115 A Por anojado que estês. — 116—120 A Posto que por mao acerto Fezeste forte mudança, Ja tanto to não referto: Mas de um amigo tam certo Deveras ter mais lembrança. — 117 BF Ũa tam forte mudança. — 121 B imagino. — 123—124 A Na tua brandura e ensino Que falarias estando.

Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais e não iguais,
Dás que em ti falem os mais
Quando estavas bem com todos.

14. Que se fez do teu cantar?
Ninguem não cantava assi.
Mas, para que é preguntar
Se não que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora um tanto espaço
Quando Ginebra casou
Com Gregorio teu colaço,
Quem teve rosto ós do paço?
Quem tangeu e quem cantou?

15. Morreu do gado miudo?
Foi um andaço geral!
Não se pode lograr tudo,
Virá bem apos o mal.
Sofre, que sofre o sesudo.
Arrenega dos assanhos,
Ia os devias ter provados;
Não são os males tamanhos!
Se não foi o inverno de anhos
Outros virão melhorados.

Gil.

f. 31 v. 16. Seja, amigo meu Bieito,
Esta vinda, em ora boa.
Eu digo amigo escolheito
Como quem o leite coa
Que deça limpo ó seu peito,

126 A Ora olha bem o que fais. — 129—130 AB Quando estavas bem cos mais, Dás que em ti falar a todos. — 136 B Não ha ora tanto espaço. — 137 A Janebra. B Genebra. — 141 AB Morreu te gado meudo (B o g. m.). — 142—144 A Assi vai de grao em grao, Não se pode salvar tudo, Vem bom tempo apos o mao. — 149 AB Se este março não foi de anhos. — 152 A A ta vinda. — 155 A Que ha d'ir por dentr' ao seu peito.

E, respondendo ó que dizes:
Ves me fardel e cajado;
Não vou armando a buizes;
Bem sei que ha muitos juizes,
Ando tras este meu gado

17. E espreito andando o que quer,
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por estes andurriais.
Faça como lhe aprouver.
Que por certo homem dirá
Nas cousas que não são certas,
Eis nos ca e eis nos la.
A's vezes no pior se da,
A's vezes tambem acertas.

18. Do mais que pesa e val
(Ca a nos parece nos muito)
Diz Toribio, diz Pascual
Palavras vans e sem fruito,
E ás vezes inda sem sal.
Quando a bibora no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Não temas que inche e que engorde,
Não hajas medo que acorde
Bradando pola triaga.

19. Ves tu cousa que estê queda?
Ora é noite, ora amanhece,
Ora corre ũa moeda,

---

156 A Mas. — 157—160 A Ves me cajado e fardel, Bem sei que ha muitos juizes, Não caçador de perdizes, E muito poucos sem fel. — 158—159 B Bom sinal é que ás perdizes Não vou armando boizes. — 160 BF Ando apos este meu gado. — 161—170 *Faltão em* A. — 161 BF Espreito. — 164 BF esses. — 170 F A's vezes no pior acertas. — 171 A Mas em fim que pesa ou val. B O mais que pesa ou que val. F Do mais que pesa ou que val. — 172 A A nos parece que muito. BF A nos parece nos muito. — 173 BF e diz Pascual. — 175 B A's vezes. — 176 A bibera. — 178 A que eu inche e engorde. B que inche ou que engorde.

Ora outra; tudo envelhece,
Tudo tem no cabo a queda.
Nas vilas um bailo dançāo
Em que todos ó som andāo,
Ums ca, outros la se lançāo;
Como ó tanger nāo alcançāo
Mais pês nem braços nāo mandāo.

20. Do leite e sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Corre e salta polo prado,
Despois lavra perguiçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias e co trabalho
O brincar d'antes lhe esquece,
Nāo é ja o que era almalho,
Venda se pera o talho
Que este boi velho enfraquece!

21. No começo os erros têm
Bom remedio, ao diante
Têm o mao; se nāo vas bem,
Pior irás mais avante,
f. 32. Torna atras que te convem.
Nāo o tenhas por amigo
Quem te anda sempre a vontade
Dissimulando contigo.
Olha aquele dito antigo:
Que enfada muito a verdade.

186—190 A E nos a ter māo na conta Errada, sejamos velhos, Quer meninos, que mais monta? O presente todo afronta, A vida vai se em conselhos. — 191 B Do sangue e leite e. — 193—195 A Vai brincando polo prado, Despois eis que priguiçoso Ora ó carro, ora ó arado. — 197 A O saltar. — 199—200 B Corte se, leve se ao talho O boi velho que enfraquece. — 201 AB *É Bieito quem continua.* — 204 A Pior muito irás avante. F mais adiante (*riscado*). — 207—208 A Quem fala sempre á vontade Que dissimula contigo. — 209 A Lembra te d'um dito antigo. B Lembre te do d. a.

22. Mal vai quem sempre empiora!
E que lingua a dos pastores!
Um olho ri, outro chora,
Este diz que são amores,
Outro mais que é mal de fora.
Um se torce, o outro diz:
(É mao jogo este das linguas)
Ou tal fiz ou tal não fiz.
A cada canto um juiz!
Entre tanto á praça as minguas.

23. O moço que entra em terreiro
E não toca o chão de leve,
Polo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreve
Ele sô com seu parceiro,
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, va, pase adiante,
Este voltee, este espante,
Este dê penas e pene!

24. Mas quem ja se vêm das pontas,
Não acha o que soía em si,
Começa entrar noutras contas:
Ouvi ja milhor e vi,
Suar e passar afrontas.
Vai se o tempo, tudo foge,
Corre o dia apos o dia;
Queres que homem não se anoje?

---

212 A E que meninos pastores. — 213 A e outro ch. — 214 AB Vem um, diz. — 215 B Outro diz. — 216 A Um se torce, outro moteja. — 218—219 A Ou seja maldade, ou seja Nossa amiga à triste enveja. — 220 AB Vêm se em tanto á praça as minguas. — 221 AB Gil. — 222 A em chão. — 224 B A toda. — 228 AB Corra, voe e passe avante. — 229 A Este cos saltos espante. — 230 A despontas. — 232 A Nem. — 233 A Começa a tomar se contas. B Comece entrar. — 236 AB Ves o tempo como foge. — 237—238 A Que parece que não toca. Não queres que homem se anoje.

Que me não conheci hoje
Nũa fonte em que bebia.

25. E porque ora te conte
De como te aconteceu:
Quando me eu tal vi de fronte,
Dos olhos agua correu
Mais que corria da fonte.
Passou se me a sede em fim
Que me aquela agua mostrara,
E a tal desacordo vim,
Quando ja tornei em mim,
Grande espaço o sol andara.

Bieito.

26. Come de toda a vianda,
Não andes nesses entejos,
Vai te por onde o carro anda,
Tem te ás voltas com desejos.
Passa o mal cedo ou abranda.
Ves como os mundos são feitos?
Somos muitos, tu sô es,
Poucos são os satisfeitos.
Um esquerdo, outros dereitos,
Parece que anda ao reves.

27. Dia de maio choveu:
A quantos a agua alcançou,
f. 32 v. A tantos endoudeceu,
Houve um sô que se salvou,

---

240 A Na fonte em que pus a boca. — 241 A E porque t'eu ora conte. B E porque tudo te conte. — 242 A D. c. me aconteceu. B De quanto me aconteceu. — 243 B me tal vi. — 247 A trouvera. B trouxera. — 249 AB Que quando tornei em mim. — 250 A Bom espaço o sol correra. B Grande espaço o sol correra. — 253 AB Não sejas tam vindo á banda. — 254 AB cos d. — 255 AB Anda por onde o carro anda. — 258 A Por isso em todos seus geitos. — 259 A antre direitos. B entre os direitos. — 263 A O miolo revolveu.

Assi então lhe pareceu.
Dera vista ás sameadas,
Essas que tinha mais perto,
Viu armar as trevoadas,
Alongou mais as passadas,
Foi se acolhendo ao cuberto.

28. Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz;
Vinha outro que o escornava;
I tambem era o juiz
Que de riso se finava;
Bradava ele: *homens, olhai;*
Ião lhe co dedo ao olho.
Disse então: e assi che vai?
Não creo logo em meu pai
Se me d'esta agua não molho.

29. Apaixonado qual vinha
Achou num charco que farte.
O conselho havido o tinha,
Molhou se de toda parte,
Tomou a como mezinha.
Como o vírão la corrérão.
Um que salta, outro que trota,
Quantas graças que i fizérão,
Logo todos se entendérão:
Eis los, vão nũa chacota.

Gil.

30. Tu sabes que eu me abrigara
A esta vida de pastor:
Vinha mui corrido á vara,

---

265 B lho pareceu. — 265—267 A Que ao cuberto se acolheu, Dera vista ás semeadas A's que tinha mais vezinhas. — 268 A torvoadas. B trovoadas. — 269—270 A Acolhe se ás bem vedadas Das suas baixas casinhas. — 271 F A o. d. — 274 AB Ahi. F Eu. — 275 A Que se de riso finava. — 276 A homens estai. — 278 AB pois assi vai. F e assi lhe vai. — 286 A Quantos vírão. — 288 A Q. g. i fizérão. B que fizérão. — 291 BF que me obrigara. — 293 A Viera corrido á vara.

Cuidei que era ela milhor
Como quem a não provara.
Detreminava de ja
Andar tras estas ovelhas.
A conta saiu me mâ.
Mâs fadas vão ca e la
Que bem cho dizem as velhas.

31. Um vento apos outro vem:
Andara muitos lugares,
Vira ja muito, e porem
O que não eisprimentares,
Não cuides que o sabes bem!
Quando, Bieito, ja cuidamos
Que algũa cousa entendemos,
A' cabra cega jugamos.
Achei vos ca fortes amos,
Querem que os adoremos.

32. Para cousas que acontecem,
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecem.
Ao trosquiar achas dono,
A's pressas não te conhecem.
Tudo lhes o demo deu!
Quantos suspiros em vão!
Quando te hão mister, es seu,
Quando os has mister, es teu,
Que não tens amos então.

---

294 A esta. — 295 A Que ouvira e não a provara. — 296—297 AB Determinava me ja De andar com minhas ovelhas. — 298 *O MS. escreve:* mal. — 299—300 A Mas tambem ca como la Fadas ha, dizem-no as velhas. B Mas fadas ha ca e la Como bem dizem as velhas. — 300 F E bem o dizem as velhas. — 301—303 AB Andei d'aquem pera alem, Vira terras e lugares, (B Terras vi e vi lugares) Tudo seus avessos tem. — 304 A espermentares. B exprimentares. — 306 AB E ás vezes quando cuidamos. — 307 A Que esprimentado o ja temos. — 311—313 A Pera o mal que te acontece Buscas o amo, ora o sono Ora al que nunca falece. — 311 BF Para as cousas que acontecem. — 315 B Nas pressas não te conhecem. — 317 AB Té razõis mâs que nos dão. — 318 *e* 319 A mester. — 320 F donos.

f. 33. 33. Essa vez que saem á rua,
Estremece toda a aldea,
Eles bebem, homem sua;
Doi lhes pouco a dor alhea;
Querem que nos doa a sua.
Inda que o dano é em grosso,
Podera o dissimular,
Isto, parceiro, não posso;
O entendimento que é nosso,
Não no-lo querem deixar.

34. Polo qual co meu fardel
Fugi das vossas aldeas;
Não trago nos beiços mel,
Que não são cresta colmeas,
Nem posso ser ministrel.
A suidade não se estrece,
Porem sofra o coração,
(Que este é o que mais me empece),
Se outro senhor não conhece
Salvo justiça e rezão.

35. Então queixo me te logo,
Que em casos que acontecérão,
Vi me por eles no fogo,
Bradei, e não me valérão
Nem os brados nem o rogo.
Ali me saí meu quedo
A quedo, e fará um dia

---

323 B e homem sua. — 326—328 A Inda que é o dano em grosso, Fora de dissimular No mais, mas nisto não posso. — 333 A Nunca fui cresta colmeas. *O MS. escreve:* crestas. — 334 A Nem tr. n. b. m. — 335 *Falta em* A. — 337—338 AB Mas caiu me um coração Em sorte que muito empece. — 339—340 A Outro senhor não conhece, Sômente a boa razão. — 339 B Que outro. — 341 A Porem queixo me te logo. B Então queixo me a ti logo. — 343 A por ela. — 345 A Brados, queixumes nem rogo. — 346 A Então. B Assi. F Ahí. — 347 A e fará algum dia. B E quedo.

O que outro não fez, e hei medo
De ver môr vingança cedo
Do que ja 'gora queria.

Bieito.

36. Trouxeste me ora á lembrança
Aquele amigo fuão
Que, ó tempo d'essa mudança
Tua, foi te assi á mão
Como quem os dados lança.
E lembra me ora bem tudo,
(Que era eu i no tal ensejo
Inda que então me fiz mudo)
Falou te como sesudo;
Parece me ora que o vejo.

37. Disse: *muito em ora boa,*
Mas eu antre este meu gado
Dizem, de vespora a noa,
Cada ora me acho enganado.
Não é tudo como soa,
Dir te hei o que me acontece:
Quando n'este vale estou,
Qualquer outro que aparece
Muito milhor me parece,
Não é assi quando la vou.

38. Agora, Gil, o que eu digo:
A la fe, que hei mui bom medo,
Quando debates contigo,
Que te estêm mostrando ao dedo
Pedro, Giraldo e Rodrigo.

---

350 F té 'gora. — 351 A Pelaio: (*Leia-se:* Bieito) Tornaste me. — 352 A Um teu amigo foão. — 355 AB Como a quem. — 361 AB Seja (disse ele) a boa ora (B em b. o.). — 362 A Mas eu tambem co meu gado. B Que eu tambem entre este gado. — 363 A Faço assi contas cada ora. B Fazendo contas cada ora. — 364 AB D'esta esperança trêdora. — 366 A Dir te hei como. B E dir te hei que. — 371—372 AB Assi disse aquele amigo, Agora digo eu que hei medo. — 375 AB Gomez, Gonçalo e Rodrigo.

Não queiras ir muito ao fundo
Inda que ora tanto entendas,
Não has de emendar o mundo.
Nesta sô rezão me fundo
Por mais que d'elas despendas.

f. 33 v. 39. Perigosa é a dianteira!
Deixa ir diante os mais velhos!
Com a paixão tençoeira
Nunca hajas os teus conselhos,
Sempre foi mâ conselheira.
Quem consigo traz rancor
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se o bem igual não for,
Seja o coração igual.

Gil.

40. Se cos teus olhos não vejo
Nem ouço cos teus ouvidos,
Todo o debate é sobejo;
Reges te por teus sentidos,
Tambem polos meus me rejo;
Comes tubaras da terra,
Eu não as posso comer:
Para que é sobre isto guerra?
Nem um, nem outro não erra.
Come o que te bem souber.

41. Não porque cada um faça
Quanto lhe á vontade vem,
(Que essa seria mâ graça)

378—380 A Nesta razão te me fundo Não has de mudar o mundo Por mais razões que despendas. B Nesta sô rezão me fundo Não has de emendar o mundo Por mais rezões q. d. — 386—387 A De contino anda ao pior Sempre adevinhando o mal. — 389 A Mas se tudo igual não foi (*Leia-se:* for). — 393—395 A Por meus sentidos me rejo E tu pelos teus sentidos, Todo o debate é sobejo. — 398—399 AB *têm estes versos transpostos.* — 399 F nem o outro erra. — 400 A bem te souber. — 401—403 A E não te digo que faças Quanto a apetito te vem, Não entro tanto nas graças. — 401 B Não digo que cada um faça.

Mas entendo o *saber bem*
Do que se vende na praça.
Porque o tempo fez abalo
E somos em forte ensejo,
Inda alevanto outro valo
Que nos doentes não falo
A que mata o seu desejo.

42. Bem vejo que a verdade era
Ir polo fio da gente;
Cos outros te respondera,
E o amigo e o parente
Que murmurar não tivera.
Porem assi sô não minto,
Não finjo, não lisonjeo,
Som farto ou que som faminto.
Que mal é o meu distinto
Antes seguir que o alheo?

43. Vou fugindo ás armadilhas
Que via armar e tecer;
Não quero ouvir maravilhas
A's vezes mui mâs de crer.
E contão d'elas em pilhas!
Querem que homem ouça e crea;
Não ja eu! crea o nosso Jane,
Crea o baboso d'aldea,
Que traz sempre a boca chea
Das filhas de dom Beltrane!

44. Olha se a rezão concrude:
Es doente, teu pai não?

405 A D'isto que anda pelas praças. — 410 A Os quais. — 411 A Bem digo. — 413 A Cos mais, mais forças houvera. B Cos muitos te respondera. — 416 A a mim sô. — 417 A Não dobro, não lisonjeo. — 418 A o que era faminto. B Se sou farto ou sou faminto. — 420 *Aqui acaba o MS. de Luis Franco.* 422 AB Que vi com manha esconder. — 425 AB Da mâ mãi nacem mâs filhas. — 427—430 A E que estê a boca aberta Não posso, e de aqui se atea A's vezes a mâ estrea Que a cada passo está certa. — 428 B o nosso Joane.

Digo outro tal da virtude:
Pola ventura es tu são
Porque teu pai tem saude?
Não, que cumpre outra mezinha.
Olhe cada um por si!
O bem não é como a tinha,
Não se apega tam azinha,
O mal pode ser que si!

f. 34. 45. Lê me primeiro outra lenda:
Deixárão te os teus passados
Do gado e vinhas de renda.
Olha que vão misturados
Encargos coa fazenda.
Cumpre a cada um que arrive
Por si se deseja a honra;
Não dizer: boms donos tive;
Que quem como eles não vive,
Antes lhe sai em deshonra.

Bieito.

46. Pois contigo a rezão val,
Vejamos quem mais conjunta.
Olha que todo animal,
Forte ou fraco, aos seus se ajunta
Por destinto natural.
Voão as pombas em bandas,
Altos vão os grous em haz,
Não querem de nos viandas
Altas andurinhas brandas,
Querem companhia e paz.

---

438 B como tinha. — 439 A Que se apegue t. a. — 441 A esta lenda. — 443 A Terra e vinhas degenda (*A lista das erratas muda:* degenda *em* de renda). *O MS. tambem escreve:* degenda. — 444 AB Olha. B que andão mesturados. — 445 B Os encargos. — 447 A se desejas honra. — 448 *O MS. escreve:* daños *em lugar de:* donos. A Não te abasta donos tive. — 450 AB Tanto mais sua deshonra. — 453 *O MS. escreve:* que em t. a. — 454 B. Fraco ou forte. — 456 AB As pombas andão em bandas. — 457 A Voão grous postos em haz. — 458—459 AB Estas andorinhas brandas Não querem de nos viandas.

47. Toma esemplo no teu fato
Que o trazes junto em rebanho,
Não rez e rez polo mato;
Té o carneiro tamanho
Se atras fica, é lambiato.
Mas inda hão mister mastins,
Inda funda e cajado hão,
Que a estes lobos ruins
Que decem dos montesins
Te ajudem sentar a mão.

48. Eu vi ja sobre isto apostas.
Conta se do alifante
O que traz torres ás costas
Que ha mister quem o levante
Se dá consigo de costas.
Se não fosse esta prestança
Da fala e rezão do homem,
Per forças ele que alcança?

---

464 *O MS. escreve:* Tem. — 466 B E inda. — 469 *O MS. escreve:* montes fins. B Que decem d'outros confins. — 470 B assentar. — 472 B elefante. — 473 B a torre. — 476 B essa. — 461—490 A (v. 511—530):

Como no mundo apontamos,
Do ventre em terra caimos,
Como de nosso choramos,
D'outrem que ajudar pedimos;
Nos sôs para que prestamos?
Então ver a fantesia
Dos nossos leves zagais,
A quem inda mais diria,
Que não hei por companhia
Salvante a dos meus iguais.

Um bacorote honradiço
Foi ver o gado ovelhum:
Pô-lo todo a seu serviço
Trombejava ali um e um,
Que espantá-lo era o seu viço.
Vem um dia o lobo e apanha
O bacorote engrifado,
Abrandou lhe aquela sanha,

Mister ha fazer liança
Se não maos bichos o comem.

49. Em esta liança tal
Que digo, ainda não meto
Salvante a do meu igual,
Dos outros não me antremeto,
Digo falando em geral.
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra caimos,
Dos choros nos ajudamos;
Antão para que prestamos?
Socorro e ajuda pedimos.

50. Fui um dia a vila, Gil,
E logo, ó sair da casa,
Mais verde que um perrexil
Cuidei que matava a brasa
De galante e de gentil.
Bem passei cos viandantes
Mas despois la, quando cheas
Vi ruas de outros galantes,
Se eu viera ufano de antes,
Não tornei tal ás aldeas.

Brada ele, em pressa tamanha
Cada um de si tem cuidado.

Vinhão os porcos d'aldea
Atras, e grunhir ouvirão.
Um escuma, outro esbravea,
Estes si que lhe acudirão,
Perde o lobo a sua cea.
Olhou ele e viu tremer
Da lã branca o gado, e olhando
De longe se pôi a ver,
Disse: Antes mandado ser,
Que a tal perigo tal mando.

482 B Que te digo inda n. m. — 485 B Mas fique dito em geral. — 488 B Do chorar. — 489—490 B Socorro e ajuda pedimos; Nos sôs pera que prestamos? — 492 *O MS. escreve:* Em logo. A Eu logo. B E logo. — 498 A Vi as ruas de galantes.

f. 34 v.

51. Dezia um vendo me assi:
Bom vai o do barretinho!
Outros dar os olhos vi,
Outros chamar me ratinho,
Tanto tê que me escondi.
Finalmente por acerto
Vi algums nossos de ca,
Deixei os chegar mais perto,
Meti me antre eles por certo.
Que tarde me acolhem la!

52. Um bacorote orgulhoso
Deu vista ó gado ovelhum,
De quexiquer espantoso
Trombejava ele um e um,
Andava todo bravoso.
Vem o lobo um dia e apanha
Polo pescoço o doudete,
Abrandou lhe aquela sanha,
Brada *ai dos meus;* em tamanha
Pressa ninguem arremete.

53. Vinhão os porcos da aldea
Mais atras, grunhir ouvírão;
Cada um d'eles esbravea,
Estes si que lhe acudírão:
Perde o lobo a sua cea.
Ele solto, viu que o gado
Da lã branca estava olhando
De longe, ainda amedrontado.
Antes, disse, *ser mandado,*
Que a tal perigo tal mando.

---

501 A Em quanto um diz, outro ri. — 503—505 AB Nunca o tam figadal vi; Chamavão me outros ratinho, Ums assi, outros assi. — 507 A Vinhão se dos nossos ja. — 508 A ao perto. — 509 A I passei como encuberto. — 510 A Mas tarde. B me colhem la. — 511—530 *Faltão em* A. — 516 B Vem um dia o lobo e apanha. — 517 B Pela cabeça. — 520 B ah dos meus. — 523 B Um escuma outro esbravea. — 525 B Perdeu. — 530 B Que em tal perigo t. m.

Gil.

54. Falas me nos animais
A que nos brutos chamamos
Que guardão leis naturais,
Nos outros não-nas guardamos,
A isso obrigados mais.
Estes homens com quem tratão,
Piores que liõis bravos,
Por força tudo rematão;
Os liõis não se resgatão,
Não se prendem por escravos.

55. Pera que mandem nem rejão,
Não vão ás aguas tengidas
Do seu sangue; se pelejão,
Não alção forcas erguidas
Onde ás aves manjar sejão;
Não têm repartida a terra
Por marcos tam desiguais
Onde por possança perra
Um tenha de serra a serra,
Outro nada ou dous tojais.

56. É cousa pera espantar
Da irmandade das gralhas
Que vendo a ũa queixar
Decem gritando em batalhas,
Matão se pola salvar.
O que te digo, é assi:
Quem diz o que viu, não mente;

---

537 A Não homens mas l. br. B Homens não mas l. br. — 539 A não te resgatão. — 540 A Não te vendem. B Nem se vendem. — 544 A forças erguidas. B forcas esguidas (*Err.*). — 548—549 A De sangue e fogo por guerra Um possue de serra a serra. B Por sangue, por fogo e guerra Com que um tem de serra a serra. — 551 A Espanto é desigual. — 552 AB Da lei que entre si têm gralhas. — 553 A Vendo ũa que passa mal. — 554 B Decem correndo em batalhas. — 555 A Não tratão estonces de al. — 556 AB Ora te direi assi.

Guar te de embicar aqui,
Que verás passar por ti
O amigo e o parente:

f. 35. 57. Que nunca ouvi um rifão
Mais corrente, mais usado
Que *darem todos de mão*
Se jaz o carro entornado,
Quantos vêm e quantos vão.
Falo porem em geral
Que a alma, dizendo isto, afronta;
Não quero que cuideis al;
Amigos do meu sinal
Não vão eles nesta conta.

58. Andando assi não me empecem
Maos olhos nem mâs palavras,
Nem me empecem se engafecem
Por outros fatos as cabras;
Curo as quando adoecem.

---

558 A G. t. de cair aqui. B Guarda d. e. a. — 561 A Nunca ora ouvi u. r. B Quem nunca ouviu u. r. — 562 A Mais sabido e mais usado. — 562—565 B Mais corrente e mais usado Que é darem todos de mão Quantos vêm e quantos vão Ao carro que está entornado. — 565—570 A Os que vêm e os que vão. Falo porem geralmente, Não tomes outra sospeita (Que é mui sospeitosa a gente), O meu amigo fervente Não entra nesta receita. — 568 B cuides. — 570—571 AB *têm aqui intercalada a estrophe seguinte:*

Muitos dos vaos apalpei,
Aos trabalhos me despus,
Des que cuidei e cuidei,
Disse comigo: ora sus,
Se erros fiz, erros paguei:
Cuida homem que bem escolhe
A's singelas sô consigo,
Não sei quem te a vista tolhe!
Fujo como quem se acolhe
Donde ve certo o perigo.

B Eu não sei por que se tolhe
O fugir a quem se acolhe
Donde vem certo o perigo.

571 AB Andando sô. — 573 A Nem se apega s. e. B Não me empecem s. e. — 575 A se me adoecem. B quando m. a.

Porque tudo diga em soma,
Não me temo que o cabrito
Me esconda o vezinho e coma.
Aqui se a paixão me toma,
Posso cantar voz em grito

59. Que me não ouça ninguem,
Sômente as aves (que tais
Duas aventagens tem
D'esses outros animais,
Voar e cantar tambem),
Ou o som da augua que cai
Rompendo polos penedos,
Dece ao fundo, e ó alto sai,
Parte, e a grande pressa vai:
Eles por sempre ali quedos!

60. Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda, assi
A mudo eu. Guiomar nem Ana
Não dão volta por aqui,
Cantando se a muliana
Com dos outros seus solaos,
Que me fação merecer
Muitas d'estas varapaos
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de tolher.

61. Deixa me ver este ceo,
E o sol em que vai tal lume
Que a vista nunca sofreu.

577—578 B Não hei medo que o cabrito Me furte o vezinho e coma. — 579 A se paixão. — 580 B Posso bradar. — 584 A d'estes. — 588 B ao alto sai. — 589 A Ela que a gram pressa vai. B Ela a grande pressa vai. — 590 AB Eles para sempre quedos. — 591 *No MS. falta:* a. A: as minhas cabanas. — 592—593 A Se o vento se muda assi A revezo eu; Aldas nem Anas. — 594 AB voltas. — 595—596 AB Mais leves que ao vento canas (B cana) Cantando dos seus solaos. — 598 B Muitos d'estes v. — 600 A bons de volver. — 601—610 *Faltão em* A.

Aquilo é uso e costume,
Que tantos tempos correu!
Que claridade tamanha,
Que fogo nele aparece:
Quanto raio o acompanha!
Dize se que o mar d'Espanha
Ferve quando nele dece.

62. Des i cobre se d'estrelas
Tudo quanto arriba vemos,
Poem se d'elas, nacem d'elas,
Té que d'outra parte as vemos,
E a lũa fermosa antre elas
Que se renova e reveza,
Ora um fio, ora crecente,
Ora em sua redondeza,
Cada mes com que certeza!
Semelha a da nossa gente.

f. 35 v. 63. Do mais dezia Pascual:
Sabeis que é o que nos come?
São mimos, que não são al;

---

609 B Dizem que. — 611—620 A O sol de dia, as estrelas De noite quantas que vemos Nacem d'elas, poem se d'elas Olhamos mais que entendemos E a lũa fermosa entre elas Que se renova e reveza Ora um fio, ora mais chea Ora em sua redondeza Cada mes (com que certeza!) Semelha á da nossa aldea. — 611—615 B Cobre se logo d'estrelas Tudo quanto d'ele vemos, Nacem d'elas, poem se d'elas, Olhamos, mas que entendemos? Nem da lũa que está entr' elas. — 617 B Ora em fio, ora em crecente. — 620—621 A *intercala uma estrophe que se encontra um pouco mais adiante tambem em* B (630—631):

Do que ao meu gado sobeja
Vou vivendo ano por ano,
Pouco ou muito que ele seja
A ninguem não faço dano,
E (B Que) não se ha ao povo (B ao pouco) enveja.
Parece vida (B a vida) em verdade
Dos mastins, gado e pastor
Como de comunidade,
Com tal fome (A Conta a f.) e frieldade
Tudo rege (B pode), e manda Amor.

622 AB Sabes. — 623 A Mâ cobiça que não al. B que não é al.

Onde quer se mata a fome,
Matão se apetitos mal.
Pola calma e pola neve
Natureza, a grande madre,
Que em fim tambem no-lo deve,
A tudo acudir se atreve
Por mais que este ventre ladre.

64. Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Vir me hão ver os meus amigos,
O' sol nos estenderemos
Falando em tempos antigos.
E despois dos meses mil
Quiçais inda dirá alguem
Olhando este meu covil:
Por aqui cantava Gil
Sem queixia de ninguem.

65. Quando tudo era falante,
Pacia o cervo um bom prado,
E veu um cavalo andante,
Quis comer algum bocado;
Pos se lhe o cervo diante,

625 AB apetites. — 626 AB Polo sol e pela neve. — 628 B Que aos filhos tambem cho deve. — 630—631 A *introduz aqui uma estrophe nova,* B *duas cuja primeira é identica áquela que* A *intercalára entre* 620 *e* 621; *a outra, comum aos dois textos, diz:*

AB Meu gado levo, esse sigo,
(B Levo o meu gado, ele sigo,)
Que inda são mais embaraços
Do (B Dos) que eu quisera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar sômente é perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? sou pastor.
Ca nunca chega apelido
De fogo nem de arroido,
Mal se for, mal se não for.

633 A Virão ver me os bons amigos. — 637 B Quiçais que. — 643 A Ahi v. o cavalo a. B Hi v. um cavallo a.

Não que o prado fosse seu,
(Que erão pacigos gerais)
Mas tinha pontas e deu.
Este quero e posso me eu
Tanto ha ja que nos fez tais.

66. Vendo tam pouca prestança
O cavalo de antes forro,
Com desejo de vingança,
Pediu ao homem socorro;
Por terra aos seus pês se lança.
Não pode á justa querela
Negar se, (é caso tam feo),
Mas foi necessaria a sela;
Põi lha e faz se forte nela,
Toma a redea, e prova o freo.

67. Assi dão volta ó imigo
O qual, como ao homem viu,
Entendeu o seu perigo,
Deixou o campo e fugiu.
Foi buscar outro pacigo.
O cavallo vencedor
Corre o verde, corre o seco.
Fora, fora o contendor!
Ficou lhe porem senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.

---

646 AB Outra razão lhe não (B não lhe) deu. — 648—649 AB Salvo posso e quero o meu (B é meu). Este meu e este teu. — 654 AB Pedindo. — 657 AB Deixar de se pôr no meo. — 659 A Fez se o homem forte nela. B Pos lha e fez se forte nela. — 660 AB prova. — 662—664 AB O cervo quando tal viu Homem ao cavalo amigo Deixou lhe o c. e. f. — 667 AB e corre. — 670—671 AB *acrecentão a estrophe seguinte:*

Quem ha tal medo á pobreza,
Tal á fome e frialdade,
Que por ouro e por riqueza
Dá a sô rica liberdade,
E mais outrem que a si (B assi) preza.
Se lhe ves herdades largas,
Não lhe hajas enveja á troca,

68. Tu olhas como o sol anda;
Folga ora, amigo, esta tarde,
Estê se á parte a demanda,
Que se co' ella o peito arde,
A cea fará mais branda.
Com dous peixinhos passarás
Do rio, não d'almocreves,
Que as vilas fazem tam caras.
Beberás nas fontes claras,
Sonharás sonhos mais leves.

Bieito.

f. 36. 69. Volves me as cousas do inves;
Bem ou mal, ques que te crea
O que tu quiças não cres.
O coração é na aldea,
La me hão de levar os pês.
E tu dize o que quiseres,
Torce ca e torce la;
Defende teus pareceres,
Mas onde i não ha molheres,
Sabe que i vida não ha!

70. Aquela graciosa idade,
O parecer que nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta,
Não é de todo vaidade.

Que embarəção as roupas largas.
Faz sangue o freo na boca.
As esporas nas ilhargas.

Os ultimos tres versos faltão em A *que diz em nota:* não se acha o que falta; *e só andam em* B.

671 A Mas tu olhas o sol que anda. B Mas ja ves como o sol anda. — 672—674 AB Amigo que é tarde (B é tarde), folga ora; Deixemos esta demanda Mal avinda para outra ora. — 675 A fora. B será. — 679 A das fontes. — 681 A de enves. — 682 AB Ques por força que te crea. — 684 A Sabe que alma é ja na aldea. — 685 A lavar (*Err.?*) — 690 AB Vida nem gosto não ha. — 692 A Que ós olhos vistos nos furta. — 694 B Que tanto o j. e.

Sospiraste! ora eu te entendo;
Nos falaremos despois.
Por ora a deus te encomendo.

Gil.

Não te quero estar detendo.

Bieito.

Vou me (que é tarde) ós meus bois.

Basto.

71. Contou se isto pola terra
Em as juntas dos pastores
Eis que logo um outro aferra
Sobre quais rezõis milhores
São, quem acerta, e quem erra.
Porem todo o calendario
Lido, e contas recolheitas,
Fica assi posto em sumario:
De Gil: que é um voluntario,
Homem Bieito ás direitas.

---

697 A E ver nos hemos d. B Nos nos veremos d. — 701—704 A Contou se isto pola aldea De pastores em pastores. Logo foi a terra chea. Então quais erão melhores. — 702—703 B Em juntas d'outros pastores Ex logo um, logo outro aferra. — 705 A *Falta.* B Deu, quem acerta ou quem erra. — 706 A Mas revolto o calendario. B Porem lido o calendario. — 707 AB Visto tudo, e contas feitas. — 708 AB Fica assentado um (B em) sumario. — 709 AB Gil por homem voluntario.

Cartas.

O nosso MS. diz: Estas são as cartas tambem seguindo a Oracio.

104.

Carta I.

A El Rei nosso senhor.

1. Rei de muitos reis, ser me hia,
Se vos ocupar me atrevo,
Contado á vã demasia,
E ó bem commum não teria
O respeito que ter devo;
Que em outras partes da esfera,
Em outros ceos diferentes
Que deus té agora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vossos mandados espera.

f. 36 v. 2. Que sois vos tal que eles sôs,
Justo e poderoso rei,
Ou lhes desdão os seus nôs,
Ou cortão como antre nos,
Que sois nossa viva lei.

A f. 17 Carta I. A el rei dom João nosso senhor. B f. 102 A el rei dom João terceiro. Carta I. C f. 162 Carta a el rei nosso senhor. F f. 292. *N. M.:* Esta q̃ he a pª carta de Sâ Miranda não está inteira por q̃ lhe tirarão algũas folhas ao principio. *O fragmento vai da linha* 271 *até o fim.* — *Todos estes textos repartem as decimas em quintilhas.* — 1 *O MS. escreve:* Reis d. m. reis. ABC Rei d. m. r. se um dia. — 2—3 AB Se ũa ora sô mal me atrevo Ocupar vos, mal faria. C Se ũa sô ora me atrevo Ocupar vos, erraria. — 5 B Os respeitos. — 6 C em outra parte. — 7—9 C Em outro ceo diferente Que nos deus ante escondera Outra terra e outra gente. — 9—10 A Cada ũa de tantas gentes Vossos despachos espera. — 11 A Porque senhor eles sôs. C Que são os remedios sôs. — 13—14 A Desdão ou lhe cortão nôs Como tambem entre nos. C Que lhes desatão seus nôs Como fazem antre nos. — 13—15 B Ou lhes desdais os seus nôs Ou cortais porque entre nos Vos sois nossa viva lei.

Onde ha homens, ha cobiça,
Ca e la tudo ela empeca,
Se a santa igual justiça
Não corta ou não desempeça
Quanto a malicia enliça.

3. Senhor, que é cousa atrevida,
E onde ela nôs cegos deu,
Cortar é cousa devida.
Exemplo o jugo de Mida
Que el Rei, vosso avoo fez seu.
Ora eu que, respeito havendo
O' tempo mais que ó estilo,
Irei fugindo o que entendo,
Farei como os cãis do Nilo
Que correm e vão bebendo.

4. A denidade real
Que o mundo a dereito tem,
(Sem ela ter se hia mal),
É sagrada, e não leal
Quem limpo ante ela não vem.
Não falemos nos tiranos,
Falemos nos reis ungidos.
Remedio de nossos danos
Castigão os atrevidos,
Cortão polos maos enganos.

---

17 C La e ca. — 18 B Se a santa, se a i. j. — 20 ABC O que a mâ malicia enliça. — 21 ABC Senhor que é muito atrevida. — 23 C Cortá-los cousa é devida. — 26 C Mas eu. — 28 B ao. C ó. — 32 AC Que tem o mundo a direito. — 34 AC É sagrada, é natural. — 35 A Deixemos medo e proveito. C Afora m. e. pr. — 36—40 *Faltão em* AC. — 38—39 B Remedeão nossos danos, Socorrem os afligidos. — 40—41 ABC *intercalão aqui uma quintilha:* AB *dizem:*

Ás vossas velas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão
Gente de algum rei solta
(B Gente d'outro algum r. s.).
Sem cabeça o corpo é vão.

5. A tempo o bom rei perdoa,
A tempo o ferro é meizinha;
Forças e condição boa
Derão ao lião coroa
Da sua grei montesinha.
Aves que vão d'outro bando,
D'outra liga e d'outra lei,
Porque sobe mais voando,
Lhes derão a aguia por rei
Que atura ao sol olhando.

6. Dinidade alta suprema!
Quem será que o não conheça?
Viu se em Marco Antonio tema
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.
Que o nome de emperador
A qualquer seu capitão
Que tinha em armas louvor
Dava Roma; e era então
Mais consul, mais ditador.

C *diz:* As vossas velas que vão
Quasi dando á terra volta,
Gentes de tanta feição,
Pouca ou nenhũa achão solta
De algũa jurisdição.

41—50 *Faltão em* ABC. — 51 AB alta e suprema. — 52 ABC Quem ha que a não reconheça (C o não conheça). — 54—55 A De a Cesar pôr diadema Real sobre a cabeça. — 56—60 AB Que o nome de emperador D'antes a Cesar se dera, Sem sospeita e sem temor Que inda então muito mais era Ser consul, ser ditador. C Que nome de emperador Ja a muitos d'antes se dera; Era um nome de louvor Que cada um mais ser quisera Ou consul ou ditador. — 60—61 C *intercala:*

Dos grandes dous africanos
O maior inda direi:
Por ventura dos romanos
Agravada de tiranos
Ergueu Espanha por rei.
Estimou ele o sinal
De amor, e houve d'eles doo

7. Um rei ó reino convem:
Vemos que alumeia o mundo
Um sol, um deus o sostem.
Certa a queda e o fim tem
O reino onde ha rei segundo.
Não ó sabor das orelhas
Arenga cuidada abranda;
Abastem as rezões velhas:
A cabeça os membros manda,
Seu rei seguem as abelhas!

f. 37. 8. Quanto que sempre guardou
David lealdade e fe
A Saul, quanto o chorou,
Quantas maldições lançou
O's montes de Gelboé,
Onde caira o escudo
Do seu rei, inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo,
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo!

9. O senhor da natureza
De que o ceo e a terra é chea,

Que a dinidade real
Era sobre todas soo
Imiga ós Romanos mortal.

62 AB alumia. — 64 A a fim. C Certa a sua queda tem. — 66 AC a sabor. — 67 AC Arenga cudada e branda. B Arenga estudada é branda. — 68 BC Abastão. — 69 C o corpo. — 70—71 ABC *collocão aqui a estrophe que no MS. vai de* 41 *a* 50. *Tem as variantes seguintes:* 41 A A seu tempo o rei perdoa. — 42 C ferro. — 43—44 A Grandeza e condição boa Ao lião derão coroa. — 45 AC Entre a gente montesinha. — 46—48 AB A's aves (tamanho bando D'outra liga e d'outra lei) Por vencer todas voando. — 46 C A's aves que vão voando. — 48 C Por se ir ao ceo mais alçando. — 49 AB A aguia (B Aguia) foi dada por Rei Que o sol claro atura olhando. — 50 C Que a não cega o sol olhando. — 71—73 C Quanto que David guardou A seu rei verdade e fe! Em fim quanto o chorou! — 74 B Quanta maldição. — 77 C Posto que. — 78 C Mortal e ja mal sesudo. — 80 C Ja ungido a mandar tudo. — 82 B De quem ceo e terra é ch. C Que veu a esta nossa aldea.

Vindo a esta nossa baixeza,
De real sangue se preça,
Por rei na cruz se nomea!
Sobre obrigaçõis tamanhas,
Velem se com tudo os reis
Dos falsos rostos e manhas
Com que trabalhão das leis
Fazerem teas de aranhas!

10. Que, se não podem fazer
Por manha, por força, ou graça
Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamão valer
O que lhes não val na praça.
E por muito que os reis olhem,
Vão por fora mil inchaços
Que ante vos, senhor, se encolhem,
D'ums gigantes de cem braços
Com que dão e com que tolhem.

11. Quem graça ante o rei alcança
E i fala o que não deve,
(Mal grande da mâ privança!)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe!
Quem joga onde engano vai,
Em vão corre e torna atras,

---

83 A Vestido em nossa baixeza. C Louvando tanto a pobreza. — 84 B Do r. s. — 86—88 C Mas com quanto são tamanhas As obrigaçõis aos reis, Tenha ele sempre olho ás manhas. — 87 B Valem se. — 88 A Dos rostos falsos e manhas. B Dos rostros falsos das manhas. — 89 AC Com que lhes (C lhe) fazem das leis. B Com que lhe querem das leis. — 90 AC Fracas teas das aranhas. B Fazer teas das aranhas. — 91 AB pode. — 92 AB Por arte. — 94 AB não chamão poder. — 95 AB Salvo o (B ao) que lhes val na praça. — 91—95 C Onde se moscas vão têr, I deixão o corpo e vida, As cousas de môr poder, Cada ũa por onde quer, Passa a tea, em valde ordida. — 101 B el rei. — 102 C E que i fala. — 103 A de mâ privança. — 107 C Tudo em vão é quanto faz.

Em vão sobre a face cai.
Mal hajão as manhas mâs
De que tanto dano sai!

12. Homem d'um sô parecer,
D'um sô rosto e d'ũa fe,
D'antes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas de corte homem não é.
Gracejar ouço de ca
Dos que inteiros vêm e vão
Nem se contrafazem la:
Como este vem aldeão!
Que cortesão tornará.

13. As santidades da praça,
Aqueles rostos tristonhos
Com que este e aquele caça,
Pera deus, senhor, é graça,
Pera nos tudo são sonhos.
O' soltar, e que fazemos?
Pode ser, pode não ser,
Mais avante o saberemos,
Estamos um pouco a ver,
Des i todos nos sabemos!

108—110 C Nunca por nunca lhe sai O que cuida; ah graças mâs Donde tanto dano cai. — 110 B Donde t. engano s. — 112 B ũa sô fe. — 113 B que torcer. — 114 B Ele tudo pode ser. — 116 AC Ouço gracejar de ca. — 117—118 ABC De quem vai inteiro e são, Nem se contrafaz mais la. — 120 AC Que não (C nem) sabe onde se está. — 121—125 A As publicas santidades, Estes rostos trasportados, Não em ermos, mas cidades, Para deus são vaidades, Para nos vão rebuçados. C Que fazem as santidades? Que os rostos trasportados Pelo meo das cidades? Quanto a deus são vaidades, Quanto a nos vão rebuçados. — 123 B Cos quais este. — 126 A Mas despois que lhes fazemos? B E ós discursos que fazemos? C Então porem que fazemos? — 127 B não pode ser. — 128 AC Adiante o saberemos. B Mais diante o entenderemos. — 129—130 B Agora mortos por ver, Então todos nos veremos. — 129 C Pomo-nos um pouco a ver. — 130 AC Cai lhes o rebuço e vemos.

f. 37 v.

14. Senhor, hei vos de falar
(Vossa mansidão me esforça)
Craro o que posso alcançar:
Andão pera vos tomar
Por manhas, que não por força.
Por minas trazem suas hazes,
Os rostos de tintoreiros.
Falsas guerras! falsas pazes!
De fora mansos cordeiros,
De dentro lobos robazes!

15. Tudo seu remedio tem;
Que é assi, bem o sabeis,
E o remedio tambem.
Querei-los conhecer bem:
No fruito os conhecereis.
Obras que palavras não!
Porem, senhor, somos muitos,
E entre tanta obrigação
Trasmalhamos nossos fruitos
Que não saibais cujos são.

16. Um que por outro se vende,
Lança a pedra, a mão esconde,
O' dano longe, se estende.
Aquele a quem doi, se entende,
Com sôs sospiros responde.

---

131 C Senhor venho a vos falar. — 135 AC manha. — 136 C Por minas ordenão hazes. — 137 A Encubertos seus assanhos. C Mordem como sorrateiros. — 139 A De fora são mansos agnos. C Peles de m. c. — 140 BC roazes. — 141 A Tudo sua cura tem. — 142 B E que (*i. é.* que é) assi. — 142—143 C Vos senhor o entendereis Muito milhor que ninguem. — 143 B ao remedio. — 147 C Mas nos s. s. m. — 148 B E entre tanta multidão. C E antre tanta ocupação. — 149 A Tresmalhamos vos os fruitos. B Tresmalhão se vos os fruitos. — 150 B sabeis. — 152 AB e a mão esconde. — 153 B Do ano ao longe se estende. *Esta lição não pode deixar de ser errada; e os editores de* 1784 *emendaram com razão em:* Do dano longe. — 154 A entende. B o entende. — 155 B Com sô s. r.

A vida desaparece;
Entretanto geme e jaz
O que caiu! e acontece
Que d'um mal que se lhe faz,
Môr despois se lhe recrece.

17. Pena e galardão igual
O mundo em peso sostem.
É ũa regra geral
Que a pena se deve ao mal,
O galardão ao bem.
Se algũa ora aconteceu
Na paz, muito mais na guerra,
Que d'esta lei se torceu,
Faz se engano ás leis da terra,
Nunca se faz ás do ceo.

18. Antre os Lombardos havia
Lei escrita, lei usada,
(Como se ve hoje em dia)
Onde a prova falecia,
Que o provasse a espada.
Ali no campo ás singelas
Em fim morrer ou vencer!
Fosse qual quisesse d'elas,
Não era milhor morrer
A ferro que de cautelas? —

---

157 B E entretanto. — 158 C Não ousa mais. — 159 C que então se faz. — 160 A Muito mais. B Outro môr. C Outro e outro. — 162—163 B O mundo a direito tem; Ha ũa regra geral. C Direita a balança tem, Seja dito isto em geral. — 164 A A pena. — 164—165 C Mais vezes dão pena ao mal Que galardão dão ao bem. — 165 B E o galardão. — 167—168 C Na paz, cada ora na guerra Que esta balança gemeu. — 168 *O MS. escreve:* Quem. AB Que a balança mais pendeu. — 170 A se fez. — 172 AB e lei usada. — 173 A Como inda hoje parecia. B Como se sabe hoje em dia. C Que inda aparece hoje em dia. — 174 B Que onde. — 175 C Que a fizesse a espada. — 177 C Morrer em fim ou vencer. — 180 C que a más cautelas.

19. Ao nosso alto, excelente
Dom Denis, rei tam louvado,
Tam justo, a deus tam temente,
Falsa e maliciosamente
Foi grande aleive asacado.
Ele posto em tal perigo,
Rei que reis fez e desfez,
Contra o malicioso imigo
Foi lhe forçado essa vez
Chamar se a esta lei que digo,

f. 38. 20. E ás vilas e cidades,
A que cumpriu de acudir
Polas suas lealdades.
Tanto são mâs as verdades
A's vezes de descubrir.
Neste meo quem mal cai
Mal jaz, e dizem que á luz
Co tempo a verdade sai ....
Entretanto poem na cruz
O justo, e o ladrão se vai.

21. Da mesma casa real
Em verdade um grande infante,
Tratado ás escuras mal,
Bradava por campo igual
E imigos claros diante.

---

181 A A um nosso rei exçelente. B Ao nosso alto e excelente. — 181—182 C Aquele nosso excelente Rei dom Diniz tam louvado. — 182 A Dom Diniz tam acabado. — 184 C Foi lhe atreiçoadamente. — 188 A Coas manhas do falso imigo. — 188—189 C Não podendo a dôr consigo Foi lhe forçado essa vez. — 190 A C A' lei chamar se que digo. — 191 A E ás vilas e ás cidades. B E juntamente ás cidades. — 192 B A quem. — 194 B Que tam mâs s. a. v. — 196—200 *Faltão em* A C. — 196 B Neste tempo. — 198 B Por tempo. — 200 B O justo, o ladrão s. v. — 202 C Dom Pedro um tamanho infante. — 203 A C Tratado por (C com) manhas mal.

Mas em fim, a manha e arte
Vendo o que podem, chamou
Um leal conde a departe,
D'este sô se contentou,
Foi viver a milhor parte,

22. Onde tudo é certo e craro,
Onde são sempre ũas leis.
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Forão tres seus filhos reis.
Oh senhor, quantos suores
Passa o corpo e a alma em vão
Em poder d'envolvedores!
E emfim, batalhas que são
Salvo desafios môres?

23. Coa mão sobre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes
Como quem tinha sabido
Por fazer certo o fingido
Quantas que se buscão d'artes.

206—207 ABC Em fim vendo a astucia (B industria) e arte Quanto que pode (B podem), chamou. — 208 B de parte. C Um grande conde a departe. — 209 AB Sô com ele se apartou. C Ao mundo as costas voltou. — 217 A Sua o corpo. C Passa um limpo coração. — 219 B Em fim. — 220 A Salvo ums desafios môres. — 220—221 C *intercala:*

Aquilo foi lealdade,
Tornando outra vez ao conde,
Aquilo foi têr verdade
Que ó senhor e á dinidade
De companheiro responde:
Se estas almas servem la,
Disse, gram nova me dais,
A minha vos servirá.
Que fazemos aqui mais?
Partamos que tardo ja.

221 C Cũa. — 223 AB Como quem tinha entendido. C Tinha visto e tinha lido. — 225 C Quantas manhas, quantas artes.

Guardava lhe aquele inteiro
A' parte não inda ouvida.
Não vai nada em ser primeiro;
Quem muito sabe, duvida;
Sô deus é o verdadeiro!

24. A tudo dão novas cores
Com que envolvem peitos puros,
E falão sempre em primores.
Ante os reis vossos senhores
Vindes cos rostos seguros,
Contais, gabais, estendeis
Serviços e lealdades.
Olhai que as conserveis!
Falai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis!

25. Senhor mal pecara Adão,
Por em chama o o gram juiz:
Tenha que dizer ou não
I sua fraca rezão,
Tambem fracamente diz.

---

226 A Guardava ele aquele inteiro. BC Guardava ele o outro inteiro. — 227 AC Para a parte não ouvida. — 228 *O MS. e* A *escrevem:* va. — 231—240 *Faltão em* C. — 232 A Envolvendo os peitos puros. — 232—233 B Com que enleão os sentidos Ha mãos, ha enliçadores. — 235 A com. B Andais com rostros fingidos. — 237 A lealdade. — 238 A Olhai que a não daneis. B Olhai que não nos daneis. — 239 A verdade. — 240 A a deveis. — 241 AB Senhor nosso padre Adão. — 241—245 C O nosso primeiro padre, Pecou, chama o o gram juiz, Enganara o nossa madre. Que ó medo coração ladre Tudo claramente diz. — 242 A Pecara, chama o o juiz. B Pecou, chamou o juiz. — 245 AB Por em livremente diz. — 245—246 C *intercala:*

Pecou seu filho Caim!
Quam prestes tudo se dana,
Busca rodeos sem fim,
Mas tal juiz não se engana
Com *eu não fui, eu não vim.*
Nos outros ca que não vemos
Nem tudo o que a vista alcança,

Sempre foi, sempre ha de ser
Onde ũa sô parte fala
Que a outra haja de gemer.
Se em jogo todo se iguala
As leis que devem fazer?

f. 38v. 26. Vidas e honras tomais
De baixo de vosso emparo
D'estranhos e naturais.
Sospirão, não podem mais,
E ás vezes não muito craro.
Apos estas, senhor, arde
A cobiça da fazenda,
Por mais que se vele e guarde
Tem ela milhor emenda
Se não viesse tam tarde.

27. Em verdade é presuntuosa
Espanha, e d'isso se preça,
Gente ousada e belicosa;
Culpão-na de cobiçosa:
Tudo sabe vossa alteza.
Pensamentos nunca cheos!
Não têm fundo aqueles sacos.
Inda mal com tantos meos
Pera viver dos mais fracos
E dos suores alheos.

Quanto papel que envolvemos
Por maos exemplos que temos
Que nos dão certa esperança.

246 C Ah que por força ha de ser. — 247 B Que, onde. — 248 AC Sempre a outra haja (C ha) de gemer. — 249 ABC Se um jogo todos (B a todos) iguala. — 251 B guardais. C Honras e vidas guardais. — 255 A isto mal claro. C inda não claro. — 256 AB Tambem tras (B apos) aquela arde. C Tambem apos esta arde. — 257 A Tam estimada a fazenda. — 258 C Não sei quem não se acovarde. — 259 B Tinha ela m. e. — 260 AB Se não fosse mal e tarde. C Mas é comunmente ao tarde. — 261 AB Geralmente é presuntuosa. — 261—263 C Em geral é presuntuosa Vossa gente, inda se preza D'isto muito, é grandiosa. — 268 B porque tem meos.

28. Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores
Com nome e rosto de honrados
Andar quentes e forrados
De pelos de lavradores.
E senhor, não me creais
Se não as achão mais finas
Que as dos lobos cervais,
Que arminhos nem zebelinas.
Custão menos, valem mais.

29. Ah senhor, que vos direi
Que acode mais vento ás velas?
Nunca se descuide o rei,
Que inda não é feita a lei,
Ja lhe são feitas cautelas.
Então tristes das molheres,
Tristes dos orfãos cuitados,
E a pobreza dos mesteres!
Que nem falar são ousados
Diante os môres poderes.

30. Os quais quem os assim quer
Quem os negocea assi,
Que fará quando os houver?
Nossos houverão de ser,
Buscárão nos pera si.

---

271 *É aqui que começa o fragmento de* F. — 274 A Vão quentes, andão forrados. C Outros vejo andar forrados. — 275 AF De peles. B Das peles. ABF dos lavradores. — 276 C Outra ora me não creais. — 277 ABF Se as não a. m. f. — 278 B de lobos cervais. — 279 A e zebelinas. BC que zebelinas. F que zibelinas. — 285 AC Ja se lhe buscão (C armão) cautelas. — 286 F de mulheres. — 287 C roubados. — 288—290 C Tristes dos fracos mesteres Oprimidos e asombrados Dos que têm vossos poderes. — 291 C Polos quais quem tanto da. — 293 *O MS. escreve:* ouvir. A Que fará des que os houver. B Que fará quando os tiver. C Havidos que nos fará? — 294—295 C O que pera nos se da, Houvérão-no pera si. — 295 B Tomárão nos para si.

Ora ja que as conciencias
O tempo as levou consigo,
Venhamos ás penitencias;
Senhor, se eu visse castigo,
Boas são as residencias.

31. Mas eu vejo ca na aldea,
Nos enterros abastados,
Quanto padre que passea
Emfim ventre e bolsa chea
E asoltos de seus pecados.
Se querem reconciliar
Ums cos outros têm seu trato,
Abasta lhes acenar;
Não nos fazem tal barato
O' tempo de confessar.

f. 39. 32. Senhor, esta vossa vara,
Em quais mãos anda, tal é.
A justa é cousa mui rara;
Antes se busque mais cara
E tenha vontade e fe.

296—310 *Faltão em* A. — 296 C Ora pois que as conciencias. — 299 B se eu vira. C se houvesse. — 303 B Muito padre. — 305 B Absoltos. — 306 B Se se hão de reconciliar. — 307 C têm seus meos. — 308 B Basta lhes sô acenar. — 309 B tam barato. — 309—310 C Quanto são danos alheos Leves de se perdoar. — 310 B Ao tempo do confessar. — 311—315 C Esta vossa real vara Na mão em que anda, tal é, A direita é cousa rara, Quem a achasse! nunca é cara, Que fosse muita a mercé. — 312 A Como as mãos em que anda é. — 313—315 AB A boa é ave mui rara Crede (B Sabei) que esta nunca é cara, Que seja muita a mercé. — 314 F busca. — 315 F bondade e fe. — 315—316 ABC *intercalão duas quintilhas, que em* AB *dizem:*

Livre de toda a cobiça,
A deus temente e a vos,
Sem respeitos, (B respeito e) sem perguiça,
Varas direitas (B Vara direita) sem nôs,
Se quereis que haja i justiça,
Tomai, senhor, o conselho
Do bom Jetro, ao genro amigo:

Que estas leis justinianas,
Se não ha quem as bem reja
Fora de paixõis humanas,
São um campo de peleja
Com rezõis fracas e ufanas.

33. Morre o nobre Corradino
Co duque d'Austria outro tal,
Cada um de tal morte indino,
Polo pesado malino
Doutor que intrepetra mal.
Diz o teixto: *o sangue cesse*
Por batalha a guerra finda.
Vêm com grosa, outro interesse
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certa os tivesse!

É verdade, é evangelho,
(Como disse aquele velho)
Humilmente assi vos digo.

C *diz:*

Não se faça per si grosa,
Tenha sempre olhos a vos,
O que pode, isso sô possa
Toda direita e sem nôs;
Olhai que esta obra é vossa.
E se algum mao oficial
De seu oficio a estraga
Cobiçoso ou parcial
Em cousa que tanto val
Que emenda ha i nem que paga?

316—320 C E estas leis justinianas Se não ha quem as defenda A tantas grossa tiranas São um campo de contenda De contradiçõis humanas. — 320 B francas (*Err. por* fracas). — 322 AB Co parceiro em todo igual. CF Co parceiro igual em tudo. — 324 A Porque o duro ou o malino. BF Pelo pesado ou malino. C Porque a peita do malino. — 325 A Doutor interpreta mal. B Doutor interpreta agudo. — 326 A Diz Agostinho sómente. C Diz o bom texto sômente. — 327 AC Cesse o sangue a guerra finda. — 328—330 A Diz mais d'algums maiormente Vem grosas: que corra ainda O real sangue inocente. C É de Carlo o reino e gente, Diz que dura a guerra ainda, Verta se o sangue inocente. — 330 B certo o tivesse.

34. Mas senhor, milhor o temos:
Sendo vos o que mandais,
Todos nos revolveremos
Os que tanto não podemos,
E aqueles que podem mais.
Verdadeira liberdade
Não é nome errado ou novo
A quem serve de vontade;
Não tem rei amor de povo
Tanto em toda a cristandade.

35. Aqui não vemos soldados,
Aqui não toa atambor;

330—331 C *intercala:*

Não é assaz serem vencidos?
Não por desastrada sorte,
Serem presos, serem tidos
Em dura prisão metidos?
Se não em fim cruel morte?
Que mais julgara Dragão
(No nome como nas leis
Suas que de sangue são)?
Fação a vontade os reis
Não fação força á rezão.
Ah diferente bondade
D'outro Carlo, que em poder
Teve nesta nossa idade
Tal rei! deu lhe liberdade
E tal irmã por molher!
Isto é conquistar o ceo
Em vida, e viver por fama
Sempre; quem nunca tal creu?
Quis ser Cesar que se chama,
E que nisto inda venceu.

331 F Mas oh senhor milhor temos. — 331—332 C Nos ca bem nos aviremos Pois vos sois o que mandais. — 336—338 ABC Quem por amor se encadea, Não é nome errado ou novo Se por livre se nomea. — 339—340 AB Não tem tanto (B rei) amor de povo Rei (B Tanto) em quanto o mar rodea. C Não se ve amor de povo Tal em quanto o sol rodea. — 339 F do povo. — 341 A Não asoberbão soldados. C Não esbraveão soldados. — 342 AC Aqui nem soa atambor. B soa. F atoa.

Outros reis os seus estados
Guardão de armas rodeados,
Vos rodeado de amor.
Achar nos hão as divinas
No meo dos coraçõis
Entalhadas vossas quinas;
Estas são as garniçõis,
E as covas altas sem minas.

36. É na verdade o frances
O' seu rei de amor aceso,
Não o nega o portugues,
Porem traz guarda escoces
Que não é de pouco peso.
O santo padre assi faz,
A quem certo se devia
Alto asossego, alta paz;
Mas tem guardas todo dia
Com que vai temido e jaz.

37. Que se pode ir mais avante
Com quanto pode o sentido
Sem ferro ou fogo que espante.
Com duas canas diante
Is amado e is temido.
Ums sobre outros corremos
A morrer por vos com gosto;
Grandes testemunhas temos
Com que mãos e com que rosto
Por deus e por vos morremos!

343 A Os outros reis seus estados. — 345 *Falta no MS.* — 347 C A todos nos coraçõis. — 348 AC Esculpidas vossas quinas. — 350 AB De vos e dos vossos dinas. C Dos vossos não peregrinas. — 351 AC É sem duvida o frances. B Tem na verdade o frances. — 352 AC A seu rei d. a. a. B A seu rei amor aceso. — 353 ABC lho. C de leve peso. — 354 AC Traz porem g. es. — 356 ABC O padre santo. — 359 A E tem guardas todavia. B Mas tem guarda todavia. C E tem guarda todavia. F Mas tem guardas todo o dia. — 360 ABC seguro e jaz. — 362 AC Cos olhos nem co sentido. B Com quanto alcança o sentido. — 363 A e fogo. C Sem fogo e ferro. — 365 C Is acatado e temido. — 366 ABCF sobre os outros.

f. 39v. 38. Outrosi para os revezes
(Queira deus que não releve)
Em vos têm os portugueses
O bom rei de Atenieses
Codro, que outro alguem não teve.
Do vosso nome um gram rei
Neste reino lusitano.
Se pos essa mesma lei:
Que diz o seu pelicano:
Pola lei e pola grei.

39. Mas eu som de ums guardacabras
Que se vão de ponto em ponto,
Querem sôs duas palavras,
Que dos gados e das lavras;
Despois não têm fim nem conto.
Assi que seja aqui fim,
Tornem as praticas vivas.
Perdestes mea ora em mim
Das que chamão sosessivas
Estes que sabem latim.

---

373 C Têm em vos. — 374—375 A Codro dos Athenienses, Decios que sô Roma teve. — 375 B Codro que outrem alguem não teve. C Codro que outrem ninguem teve. — 378 B esta. C esta estreita lei. — 379 *Em* A *falta o:* o. — 381—383 A um guardacabras, Vão se assi de ponto em ponto, Queria sô duas palavras. — 383 ABF sô. — 384 BÇ que das lavras. F Quer dos gados, quer das lavras. — 385 A Seja cabo quanto a mim. — 386 A a fim. — 388 F meia honra (*Err.*).

105.

Carta II.

A João Ruiz de Sâ de Menezes.

1\. Dos nossos Sâs Coluneses
Gram tronco, nobre coluna,
Grosso ramo dos Menezes
Em sangue e em bens de fortuna,
Que é tudo antre os portugueses!
Mas vos que sempre vos ristes
Do povo que não ve mais,
Ricamente a alma vestistes:
O mais tendes por demais!

2\. Aos grandes, aos valerosos
Passados de quem herdastes
Sobrenomes tam famosos,
Des que nas armas pagastes,
Não fostes dos ociosos.
Bem podéreis descansar,
Que forão tempos de paz,
Podéreis rir e jugar
Como se na terra faz.

A f. 25 Carta (II) A João Roiz de Sâ de Menezes. *As estrophes vão repartidas em quintilhas e redondilhas.* B f. 115v Carta IV A João Rodriguez de Sâ de Menezes. — 3 A Grande ramo. — 4 AB Em sangue e bems de f. — 12 AB tam lustrosos. — 13 A pegastes. — 15 A Podéreis tambem folgar. — 16 B Que tempos forão de paz.

3. Mas entrastes noutra afronta,
I fizestes novo emprego,
Com desejos de dar conta
Tambem de vosso asessego,
Como de Catão se conta.
As letras que i não achastes,
Vos as metestes na terra;
A' nobreza as ajuntastes
Com que d'antes tinhão guerra.

f. 40. 4. Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabião lêr,
Erão bons, erão ousados.
Eu não louvo o não saber
Como algums ás graças dados;
Louvo muito os seus custumes,
Doi me se hoje não são tais;
Mas, das letras ou perfumes,
Donde veu o dano mais?

5. Estes mimos indianos
Hei gram medo a Portugal
Que venhão fazer os danos
Que Capua fez a Anibal,
Vencedor de tantos anos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Capua viçosa
Desfez em tempo pequeno.

---

20 B D'outra nobre sede cego. — 21 A Desejando de. B Desejastes de. — 22 A Tambem d'aquele. — 24 B que não a. — 25 A Trouxestes de fora á terra. — 31 B Eu não gabo. — 34 A Louvo muito os bons custumes. B Gabo muito os seus custumes. — 35—36 A Mas as letras ou perfumes Quais no-los danarão mais? — 36 B De quais veu. — 37 AB D'estes. — 39 A Que nos recreçam tais danos. B Que venhão a fazer lhe os danos. — 40 A Como os de Capua a Anibal. Que Capua fez a Anibal. — 45 AB Venceu em tempo pequeno. B *diz:* campo, *o que na lista das Err. se muda em:* tempo.

6. O marques de Santilhana,
Homem de braço e saber.
Antre a gente castelhana,
Da lança soía a dizer
Coas letras que se não dana,
A quem o bom João de Mena
Fez grande coroação
Quando ja tinha alta a pena,
Bem aparada inda não.

7. Dous vencedores do mundo
Cesar, Alexandre o grande,
Nas letras forão té o fundo
Em que fortuna o não mande.
Ponho aqui Bruto segundo,
Ponho mais dous Cipiõis.
Fim (como dizem) fatal,
Assi ponho os dous Catõis,
Podera pôr Anibal.

8. A fortaleza louvada
Anda em braços com a prudencia

45—46 B *tem de mais uma estrophe:*
Dom Afonso d'Aragão,
Rei, nunca louvado assaz,
D'animo e de coração
Tratava os livros na paz,
As armas na ocasião.
Ouvindo d'um rei que a mal
Tinha aos reis que fossem lidos:
Dito é (dixe) *de animal,*
Não de rei dos escolhidos.

46—50 B Um marquez de grande conta Por seu esforço e saber Para a paz e para afronta, A lança soía dizer, Cos livros não se desponta. — 48 A a nação. — 49 A soía dizer. — 51 AB Este é (B era) a quem João de Mena. — 52 A Fez alta coroação. B Fez grande veneração (coroação *N. M.*). — 53—54 A Tinha ele ja grande pena, Mas aparada inda não. — 56 AB C. e A. — 57 B Das letras. — 58 A a fortuna. B não mande. *Uma N. M. diz:* o mande. — 59 AB o segundo. — 60 A E os grandes dous Cipiõis. B E ponho os dous C. — 62 AB De Cartago e dous Catõis.

Irmã sua muito amada;
Poem-na avante a expiriencia:
Tudo sem governo é nada.
Coas forças pouco podemos,
Isso que é, do saber veu:
O erro jaz nos estremos,
O bem todo está no meo.

9. Os poetas tocão tudo:
Jaz porem mais alto o cravo
Olhando polo miudo.
O grande Archilis o bravo
Regeu o Centauro sesudo
Que lhe amanse aquela sanha
Sua natural, que é muita;
Nũa cova soterranha
Canta o velho, o moço escuita.

f. 40v. 10. Veados correm co vento
Em contenda, e os liõis
Têm força de um para cento
De nos, têm seus coraçõis:
Nos temos entendimento:
Por isso antre nos devemos
Estimar aqueles sôs
Que na parte em que vencemos,
Nos vencem eles a nos.

11. Quando dava homens a terra
O que ja tanto não faz,

---

68 B sem saber. — 69 A Pouco por forças podemos. B Por forças nos que podemos? — 70 A por saber. — 71—72 A Todo o mal jaz nos estremos, O bem todo jaz no meo. B O bem todo está no meo O mal todo nos estremos. — 73—74 A Os poetas vão a tudo Buscando por alto o cravo. — 76 AB O seu grande Achiles bravo. — 77 A Rege o Centauro sesudo. B Ensina o Chiron sesudo. — 78 AB Que lhe abrande aquela sanha. — 79 A Natural sua. — 81 A Tange o velho. — 83 B Igualmente e dos leõis. — 84 A Têm força e atrevimento. B Um sô tem força por cento. — 85 A Têm seus bravos coraçõis. — 87 AB Por onde. — 89 A Que naquilo.

Da paz tratavão na guerra,
Tratavão da guerra em paz.
Agora em tudo nos erra,
Que, tirando algum abrigo
Mui raro, no mais de fraca
Semeais, e esperais trigo,
Colheis joio e ervilhaca.

12. Diogenes, craro o dia,
Buscava andando á candea,
O que ninguem não sabia
Em Atenas (em que aldea!);
Indo e vindo assi dezia:
Vou me por aqui buscando
Antre tantos homens um.
Neste vão trabalho ando;
Inda não achei nenhum.

13. Deixemos queixas antigas!
Quero vos dizer de mim,
Que d'estas vossas amigas,
Digo as letras, para o fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto:
No dezembro que bailasse,
Pois cantara em agosto!

14. Perdido tudo no mar,
Saindo o gram Azeno a nado,
Vendo a fazenda afundar,

94 B Tambem da guerra na paz. — 95—97 A Em tudo ja 'gora s'erra. (Adeparte algum abrigo) De mal lavrada ou de fraça. — 98 AB S., esperais. — 99 AB Nace joio e e. — 101 B em claro dia (*N. M.:* claro o dia). — 102 B Ia buscando á candea. — 103 A Que nunca a cabeça erguia. B O que ninguem o sabia. — 104 A Ja cansado, assi dezia. — 107 B vão cansaço. — 108 A Qu'inda. — 110 A Dar vos hei conta de mim. — 116 B Em dezembro. — 117 A no agosto. B Pois que. — 119 AB Zeno. — 120 AB ondejar.

Assi, disse, *despejado*
Me mandão filosofar.
Ora eu ja sinto algum fruito,
Cada ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fez me gram mal á cabeza.

15. Cura me filosofia
Que me promete saude;
Dei lhe a mão, ela me guia,
Ouço falar da virtude;
Se a visse, sarar me hia.
Diz Platão, que é dos milhores,
Quem posesse os olhos nela,
Que verdadeiros amores
Sempre traria com ela.

f. 41. 16. Como digo, eu sô de ouvir
Ando como homem pasmado,
Desejoso de a seguir,
Chorando todo o passado,
Temendo todo o porvir.
De fora ha muitos perigos
A cuja lembrança temo,
Em casa aqueles imigos
Que eu mais que os de fora temo.

17. Aquela guia o assento
De viver assi ca fora
Louva e faz me atrevimento

---

121 A Parece que assi despojado. — 123 AB Ja vou sentindo (A: sentido *Err.*) algum fruito. — 125 B o vento. — 127 AB a filosofia. — 129 A Dou lhe a noite, dou lhe o dia. B Dá me a mão, ela me guia. — 130 B a virtude. — 133 B Que de sô pôr olhos nela. — 134 A Qu'altos, que acesos amores. B Altos e acesos amores. — 135 B teria. — 137 A Ando assi como pasmado. — 139 *e* 140 B tudo. — 141 AB Em toda a parte ha perigos. — 142 AB tremo. — 143—144 AB Mais ao perto ums maos imigos De casa, que (B a que) muito temo. — 145 A Aquela mestra o assento. B A minha guia este assento. — 147 B e dá me a.

De ir avante ora por ora,
Em que assi cego e a tento.
Sobre tudo os bons doutores
Santos louvão este abrigo
Pera cuidar nos amores
Que ja muitas vezes digo.

18. Quem tantas forças houvesse
Como cumpre á vida autiva,
Que ós encontros se tivesse!
Virtude era ela mais viva,
Inda de mais interesse!
Que com mais fruito responda
Lia, por Rachel servi;
Por achar onde me esconda
Voaria inda d'aqui.

19. Entre tantos conselheiros
Busco que andem ás verdades
D'estes livros meus parceiros,
Não da praça e das cidades
Amigos aventureiros
E das brandas louvaminhas.
Anda como grimpa o peito
Co vento, e como andorinhas
Vão e vem co tempo feito!

20. Sofistas me são defesos
Com seus bandos, suas cismas.
Ei-los soltos, ei-los presos!

149 A Inda que assi c. e. atento. — 150 A Sobre todos os doutores. — 151 AB Santos louvão tal tenção. — 153 AB Tam certos no galardão. — 154 A Em quem tanta força houvesse. B Quem tanta força tivesse. — 158 AB De mais fruito e interesse. — 159—162 AB Por Rachel, (B Raquel) que não por Lia Sete e sete anos servi; Pode ser por ela um dia Que inda voasse d'aqui. — 163 A Entretanto. B E entre tantos. — 165 A Estes. B Nestes. — 166 A Não das praças e cidades. B Não nas praças das cidades. — 167 A Dos passeos nos terreiros. — 168—170 AB Amigos de louvaminhas Como grimpa ao vento o peito Fazem como as andorinhas. — 173 A Com todas as suas cismas. B Com seus enganos e cismas.

De fe, que não de sofismas
Quer deus os peitos acesos!
Que nas auguas encharcadas
I se ajuntão como rãs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo são palavras vãs.

21. As musas me não defendem;
Não falo nalgums montantes
Que todo são peito ofendem!
Mandão me rir de inhorantes
Que falam mais do que entendem.
Entendimentos diversos,
Com quais artes vos encantão!
Salmos que são se não versos,
E os inos que a deus se cantão?

f. 41 v. 22. Aqueles cantares finos,
A que *liricos* disserão
Os Gregos e os Latinos,
Digão me donde os houverão
Salvo dos livros divinos?
Quantos que d'ahi ao seu
Trouxerão auguas á mão.
Regou Pindaro e Alceu,
E em môres prados Platão!

23. Mas é o que ora aprendo
Ler por eles de giolhos,
De que sei quam pouco entendo.
Mas fossem dinos meus olhos,
De cegar sobre eles lendo!

---

182 AB Deixemos as demasias. — 183 A Que a toda boa alma ofendem. B Que a todo o são p. o. — 184—185 AB Mandão rir de cousas frias D'algums que agudezas vendem. — 187 AB Com que artes vos (B nos) encantão? — 191 B A quem. — 193 B Dizei me. — 194 B Se não. — 195—197 A Quanto que i se limou, Levão as aguas á mão, Safo, Pindaro regou. — 195—196 B Quantos que d'eles ao seu Trouxerão as aguas á mão. — 197 AB Regou seus campos Platão. — 199—201 AB Mas o que (B que eu) por ora aprendo É ler livros de giolhos, Divinos que mal entendo. — 203 AB de seus.

Que, dos seus misterios altos
Assi lubrigando vejo
Que não são pera tais saltos:
Gemo sômente e desejo.

24. Fui posto em gram diferença
Se casaria, se não?
Houve de sair sentença
Que a sô ũa desse a mão,
A's outras boa licença.
Isto assentado, Amor deu
Claro sinal que era ali;
Eu o som do coldre, eu
O som das setas ouvi.

25. Amor, que estás sempre avindo
E junto á propia verdade,
Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade,
Que entrego em te aqui sentindo.
Põi do teu fogo a esta casa!
Arça sempre e nunca abrande,
Que deus é fogo que abrasa:
Sei o de um privado grande!

---

204 AB de seus m. a. — 205 AB sou. — 206 AB Porem sospiro e desejo. — 207 AB Era em grande diferença. — 208 A ou se não. — 210 AB Que a sô ũa o coração. — 211 A A amores desse licenca (*Mudado na lista das Err. em:* E ás mais). B Desse e desse ás mais licença. — 213—215 AB Isto dito Amor mais raro Deu sinal (B sinais) como era ali; Outro som do coldre claro, Outro das (B dez *Err.*) frechas ouvi. — 218 A Co aquela pura verdade. B Com deus que é a pura verdade. — 223 AB Faze quanto nela ha teu. — 225 AB Sei o de um privado seu.

106.

Carta III.

A Pero Carvalho.

1. No lugar onde me vistes
De agua e do monte cercado
E de outros males que ouvistes,
Tenho mais dias contado
De ledos que não de tristes.
Isto que ora ouvis de mim,
Não sei se ouvireis d'alguem.
Buscai, perguntai sem fim
No desejado Almeirim
No farto de Santarem.

2. Que tenção todos tomastes
A' terra que me criou
De que tanto praguejastes?
Por que? Que vos acoutou
Da peste com que i chegastes.
Fostes mal agasalhados?
Não, certo, que té as fazendas

A f. 29v Carta (III) A Pero Carvalho. B f. 118 A Pero Carvalho Carta V. F f. 293—295 Carta II a Pero Carvalho. — 2 A de montes cercado. B do monte apertado. F de monte cercado. — 3 B E d'outras paixõis que ouvistes. — 7 B Olhai se ouvis la d'alguem. — 11 A Que guerra que lhe fizestes. B Que atenção todos tomastes. — 13 A De quem tanto ás linguas destes. B De quem t. pr. — 14 B Por que? porque vos livrou. — 15 A i viestes. — 16 A Certo não.

Vos davão parvos honrados.
f. 42. Pois, por que? Porque os privados
Tinheis longe vossas rendas?

3. O que eu por parcialidade
Nem outros respeitos digo:
Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo,
Som porem mais da verdade.
Como vos partistes de i,
Logo abrigados achei
Em que me desencolhi.
Seguramente dormi,
Seguramente velei.

4. Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro
Que ainda vimos com espanto,
Ha tam pouco, todo inteiro
Dos anos que podem tanto.
Rei a quem deus se mostrou,
Rei que tantos reis venceu,
Rei que tais reis nos deixou;
O bom filho i se lançou
Que té Sivilha correu.

20—21 B *tem de mais duas quintilhas que dizem:*

Homens que sempre aos proveitos
E a vosso interesse andais,
Vestidos de falsos peitos,
Quam pouco que nos lembrais
Dos sãos, dos comuns respeitos.
Por esta causa se ve
Diferença nos conselhos
E chega inda o mal até
Desacreditar nos velhos
A sã prudencia e a fe.

22 AB outro respeito. — 24 *e* 25 ABF Sou. — 26 AB d'ahi. — 28 AB Onde me d. — 33 AF inda. — 34 B Ha tam pouco tempo inteiro. — 36 B se deus. — 40 BF até.

5. Outro rei, tanto sem mal
Que lhe empeceu a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teve ele outra cidade
Tam constante e tam leal?
Qual a sua fe salvou
Por tanto perigo e medo?
Tais estremos esperou?
Primeiro as chaves mandou
O' rei ja morto em Toledo.

6. Mas torno áquele abrigado
Em que me acolhi aos ventos.
I despois de em mim tornado
Que rir! que esmorecimentos
De tempo tam mal gastado!
E os fogos que ora se acendem,
As prestezas das mudanças,
Males que longe se estendem
A's vidas curtas defendem
Tomar longas esperanças.

7. Gigues na grande abastança
Que de toda a parte ajunta,
Cuidando em tanta possança,
Inchado a Apolo pergunta
Pola bemaventurança.
Tal fumo Apolo entendendo,
Julgou por milhor estado

---

41 AB Outro Rei nosso s. m. — 42 A A que empeceu. — 45 AB Que lhe fosse tam leal. — 47 A Por tanto trabalho e medo? — 48 A Em fim nunca se entregou. — 48—50 B Qual outra tanto esperou, Qual outra as chaves mandou, Ao Rei ja morto em Toledo? — 50 A Ao seu rei m. e. T. — 51 AB Mas tornando ao abrigado. — 52 AF Em que me furtei aos ventos. B Onde me furtei aos ventos. — 53 B de mi (*Err.*). — 55 B Do tempo. — 56 AB E o fogo que ora se (B se ora) acende. — 57 AB A presteza. — 58 AB Mal que mui (B tam) longe se estende. — 59 A A' vida curta. AB defende. — 61 AB Giges na sua abastança. F Giges. — 62 AF de toda parte. — 63—64 B Inchado em tanta bonança Apolo um dia pergunta. — 67 A Pos avante ao seu estado. *Falta em* F.

O de Aglão que, pastor sendo,
Se vai cantando e tangendo
Olhos sômente ó seu gado.

8. Oh ricos! que esta riqueza
Está no contentamento.
Mais tem quem mais a despreza.
Não foge o rico avarento,
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde mais pode caber,
f. 42 v. Sinal é de lugar vão
Que trabalhão polo encher;
Que os coraçõis hão de ser
Ricos, que os cofres não.

9. Por faminto que venhais,
Morto de sede e de frio,
Fogo onde quer o achais,
Dá vos da sua augua o rio,
E ás vezes de que comais.
A cobiça sem detença,
Ũa mão toma, outra pede;
Nunca espereis que se vença;
Sinal de ũa mâ doença,
Quanto mais agua, mais sede!

10. Cobiça da boca aberta,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto alerta,
Luz de fora e resplandece,
Dentro não ha cousa certa.

---

68 A Aglao que sô pastor sendo. B O de Glao (*N. M.* Aglao) que pastor sendo. F Aglao. — 69 A Ia. B Se ia. — 70 B Olho. F em seu gado. — 73 F quem mais despreza. — 76 A pode mais. — 77 A Sinal é que fica i vão. — 78 A Que se pode mal encher. B Que se pode ainda encher. — 79 A E os. B Os. F Dos. — 82 AB com sede ou com frio. — 83—84 AB Do fogo onde quer achais Vai muita agua polo rio. — 85 A A terra dá que comais. B O monte dá que comais. — 86 AB Quem a apetitos (B Q. apetites) dá crença. — 91 AF Cobiça a da b. a. B Tem cobiça a b. a. — 92 F aparece.

O juizo e rezão ata,
Tudo fica escuro e em erro,
A's leis e a deus desacata,
Do tam mole ouro e da prata
Faz duras prisõis de ferro.

11. Entrada por nossos peitos,
Fez neles estragos tais
Que ermos jazem, desfeitos,
Abertos de mil portais,
A todo vento sujeitos.
Que não fará quem trocar
Nos fez a paz pola guerra?
Fez ums os outros matar?
Passou de vivenda ó mar
Homens naturais da terra?

12. Escravos mais que os escravos,
Por rezão e por justiça
Deixai vos de vossos gabos,
Que vos vendeu a cobiça
A mar bravo e a ventos bravos!
Espritos vindos do ceo,
Postos em lanços na praça,
Com que nadas vos venceu!
Por que nadas vos vendeu!
Milhor fora antes de graça!

13. Metais de tam baixa liga,
Que nos tam alto escondera
Natureza mai e amiga,

---

96 B e a rezão. — 97 B Tudo deixa escuro. — 98 B As leis de deus desacata. — 99 A Do brando ouro e da prata. — 100 B Fez. — 101 AB Esta entrada em nossos peitos. — 102 F Faz. — 103 AF e desfeitos. B Que ermos ficão e desfeitos. — 104 AB Abertos por mil portais. — 105 A A qualquer rumor sojeitos. — 106 B pois trocar. — 107 ABF Faz ums a (B os; F aos) outros matar. — 113 B de tantos gabos. F de vossos gados (*Err.*). — 114 B nos. — 117 ABF aos lanços. — 119 B nada. — 122 AB Que nos na terra escondera. F abscondera.

Antre nos e eles posera
Tanto cansaço e fadiga.
Assi maior apetito
Disserão cobiça e enveja
Em fim seu feito e seu dito!
Criado pera al o esprito
Isto sô sonha e deseja.

14. E porem, que são? Engano!
Que mais ũa mai fizera?
Afastava nos o dano
O's filhos que á vida dera,
f. 43. Acesa do amor humano.
Mas que pode aproveitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora revolvendo o mar,
Ora revolvendo a terra?

15. Nas minas altas que digo,
Buscando a terra té o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso la dentro,
Com tal trabalho e perigo?
Que cegueira e que porfia!
Haja vergonha a rezão!
Haja a alma que mais devia!
Que deixão atras o dia,
Pola noite avante vão.

16. Não têm cabo homens ousando
Da rezão em desemparo.

---

124 A E antre. — 125 AB Tanto trabalho. — 126—127 B Serviu de môr apetito Disserão fortuna, é enveja. — 128—129 AB E. f. seu feito, seu dito, Pera al criado o sprito. — 135 A D'este amor aceso humano. B Acesa de amor humano. — 138 F trafegar. — 142 AB Revolta. F té ao centro. — 144 B De seu repouso. — 145 F Em. — 146 AB Debaixo da terra fria. — 149 B Que deixando. F Deixão. — 151 AB Não têm termo homens ousando Do seu siso ao (B em) desemparo.

Tudo forão apalpando:
Por este ar solto e raro,
Houve quem fosse voando.
Gente que não teme nada
Com tudo se desafia;
Por mares sem fundo nada,
Passou a zona torrada,
Anda por passar a fria.

17. Não é pera tanto a vida!
Quanto milhor escolheu
Quem na dorna ao sol volvida
Muito mais rico morreu
Que Creso, que Crasso e Mida!
Fugindo Crates ao ouro,
(Como um covardo ao ferro
E ás cousas de mao agouro)
Lançou ao mar gram tisouro;
Quem fará agora tal erro?

18. Por força a cidade entrada,
Que responde ao seu imigo
Bias, que tem tudo em nada?
Tudo o meu levo comigo.
Deixa a fortuna espantada.
O's d'Esparta naturais,
Responde Apolo a seu rogo:
Se a liberdade estimais,
Velai vos d'este ouro mais
Que do ferro nem do fogo.

19. Do grande Epiteto o nobre
Spirito, o sô livre e franco,

---

154 A tam solto e raro. B Té pelo ar solto e raro. — 157 B Cos medos se desafia. — 158 A fundos. F vada. — 164 AB Viveu mais rico e morreu. — 165 B Que Crasso, que Creso e Mida. — 166 A Fugia. — 167 B Mais que um covarde do ferro. — 171 AB havida. — 172 A Que responde a seu imigo. B Respondeu ao enemigo. — 173 AB Bias a que (B quem) fica a vida. — 175 AB Fica (B Deixo) a fortuna corrida. F Deixa fortuna espantada. — 180 F de fogo.

Num corpo coitado e pobre,
Escravo, e ainda manco,
Quanta de riqueza encobre!
Da sua baixa casinha
Ledo sai, ledo a ela torna,
O mesmo que ía, esse vinha.
Casa que porta não tinha,
Que mais montava que a dorna?

f. 43 v. 20. Jesu Cristo busca obreiros,
(Deixemos contos passados)
Os seus quer de todo inteiros;
Dos coraçõis alugados,
Poucos são os verdadeiros.
Gente de vontade dura
Brada ele, *que não andais*
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura,
Antes que vos acolhais!

21. Não seria eu, isto vendo,
De juizo e rezão sã,
Andar me os dias perdendo?
Comecei de ante menhã,
Não sei que andava fazendo,
Ía me enjoado assi
O' tom por onde os mais andão.
Olhe cada um por si,
Que estes bens falsos de aqui
Se não são mandados, mandão.

22. Não se põi ao haver termo,
A esperança é saborosa.

---

185 A Quanta d'abastança encobre. F Quanto. — 186 AB fraca casinha. — 187 F Ledo sai e ledo ele torna. — 190 AB que dorna. — 192 AB Não os (B -nos) quer espedaçados (B desp.). — 193 AB Quer os seus d. t. i. — 197 B Diz ele. — 198 F nos. — 203 A Andar me o dia perdendo. B Andar mais dias perdendo. — 204 AB Comecei antemenhã. — 206 F Vira me. — 207 B Ao som. F os outros a. — 208 B Olhe bem c. u. p. s. — 211 AB Os desejos são sem termo.

Eu contentei me d'este ermo
Pola rezão da raposa
Que deu ó lião enfermo:
Amigo, senhor lião,
Olho ca e olho la,
Vejo pegadas no chão
Que todas pera la vão,
Nenhũa vem pera ca.

23. Essa Circes feiticeira
Da corte tudo trasanda;
Um faz ũa onça ligeira,
Outro faz lobo que manda,
Outro cão que a caça cheira.
Cantão ó passar sereas
Que fazem adormecer.
Correndo todas as veas
De sono e tal sabor cheas,
Não se pode homem erguier.

24. Som rico se isto sostenho,
Não como o estoico entende,
(Inda a tanto ser não venho)
Que inteiro de si sô pende:
Eu no que tenho assaz tenho,

214—215 B Pola rezão que a raposa Deu ao leão que era enfermo. — 215 F Que viu o lião enfermo. — 216 AB Meu rei, meu senhor lião. — 221 A Esta. — 222 A Todos os peitos trasanda. — 223 AB Este (B D'este) faz onça ligeira. — 224 AB Lobo outro que á carniça anda. — 225 A Outro cão que empraza e cheira. — 225—226 AB *intercalão uma quintilha que diz:*

Algums papagaios vão,
Outro usso direito em pé,
Cada um de sua feição,
Outro gatinho ermitão
D'estes que vem de Guiné.

226—230 *Faltão em* A. — 229—230 B De tal sono as deixão cheas Que se não pode homem erguer. — 230—235 AB Vou co pensamento e venho, Devo ao meu medo muito (B E ao meu medo devo muito) Por quem assi (B livre) me sostenho, Pelo que vi e que escuito Niso que tenho, assaz tenho.

Mas do com que folgo, rim
Outros, terão sua escusa.
Ja vos dei muitas por mim
E estas cousas são em fim
Como d'elas homem usa.

25. Sejão rezõis poderosas:
Olhai que o ferro se deu,
Pera cousas proveitosas;
Despois este meu e teu
Fez d'ele as armas danosas.
f. 44. O fogo que nos foi dado
A's tantas necessidades,
Que ser não pode estimado,
Fará, e fez no passado,
Em pô ja muitas cidades.

26. D'este engenho que diremos
De que nos tais gabos damos,
Com que tudo cometemos?
Quantas vezes d'ele usamos
Mal, e como não devemos!
Dom do ceo nosso especial!
E veu a ser todavia
Este homem recional
Tam agudo no seu mal
Como foi na artelharia.

27. De tantos inconvinientes
Quem será livre, em que acorde?

236—237 AB Do com que (B que eu) folgo, outros rim, Cadaum terá sua escusa. — 238 A Dei vos ja m. p. m. — 239 B Estas. — 245 A Fez d'ele armas tam danosas. — 248 A Não quis que fosse apreçado. B Que ser não pode apreçado. — 250 F muitas mil cidades *(Verso hypercatalectico).* — 252 F De que tais enganos damos. — 253 AB quem. ABF acometemos. — 258 *O MS. escreve:* hom. — 259 A Tam engenhoso em seu mal. — 260 AB Como hontem na artilharia (B artelheria). — 261—262 A A tantos e tantos males Que remedio, se acontecem? B A fins tam desordenados Que remedios se oferecem?

Diz são Paulo: *Ponde mentes*
Se um ao outro assi morde
Que vos desfareis aos dentes.
O nome da ociosidade
Soa mal, mas se ela é sã,
Bem empregada em vontade,
Socrates da liberdade
Sempre lhe chamou irmã!

28. Dou vos Enio por autor:
Quem não sabe usar do ocio
Cansa e anda d'arredor,
Que vem a têr mais negocio
Que um grande negociador.
Que ó menos sabe apos que anda,
Estoutro a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.

29. Ve-lo ir, ve-lo tornar,
Ve-lo cansar e gemer
E em busca de si andar,
Cobrar a cor e perder.
Que se não pode topar!
Mas eu, porque passa assi,
Que seja muito, direi:
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escrevi,
Inda me não enfadei.

263—265 AB Diz são Paulo: homens errados Se os odios antre vos crecem Comer vos heis a (B aos) bocados. — 265 F desfazeis. — 267—268 A Soa mal, á boa e sã E mais ja sobre a idade. B Soa mal, mas se ela sã Bem ocupada, é bondade. — 268 F Vem empregada em bondade. — 270 AB Lhe chamava sempre irmã. — 272 A Quem usar não sabe do ocio. — 273 B derredor. F Cansado anda ao redor. — 274 A E vem a ter mais n. B Vem a ter maior negocio. — 276 AB Porque este sabe apos que anda. — 277 AB Aquele a si (B assi). — 287 F deixei. — 288 F vi (?) (*mal legivel*).

107.

Carta IV.

A seu irmão Mem de Sâ.

1. Em quanto de ũa esperança
Em outra esperança andais,
Trazer vos quero á lembrança
Como é leve e não se alcança,
Que sempre ha diante e mais.
Cuida homem que é ja com ela
Quando mais assi parece,
E quer ja lançar mão d'ela,
Mete remos e mete vela:
Num ponto desaparece!

f. 44 v. 2. Mas não pode o coração
Solta-la assi livremente!
Tamanha deleitação,
Ah que a tinha na mão
Se fora mais diligente!
Dos alquimistas se diz
Que é doce a despesa vã

A f. 35 v Carta (IV) A seu Irmão Mem de Sâ. B f. 111 v Carta III (*id.*). — 3 A Fazer vos quero lembrança. — 4—5 B Que é muito leve e não s'alcança, Voa sempre avante mais. — 5 A Que sempre adiante é mais. — 6—9 AB Cuidais que sois (B está; *N. M.* estais) ja com ela Quando vo-lo mais parece E quereis l. m. d'ela M. r., m. v. — 10 A Vai rindo e desaparece. — 11 A Mas não sofre o coração. — 12 AB Soltal-la (B Soltar) assi levemente. — 14 B tive. — 17 A Despesa é fadiga vã. B Que é doce a fadiga vã.

Nunca a parte é bom juiz:
Deixai, que se hoje não fiz
Eu o farei amenhã.

3. Não lhes val ver a fazenda
Ir se apos as esperiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha pera a tenda;
D'assoprar fazem ciencias!
Aperfiou e caiu
Faetão do carro do dia
Que ele por seu mal pediu.
O ceo e a terra o sentiu
E um reino de Lombardia.

4. Não soube Icaro reger
As azas que lhe o pai deu,
Quis sobir, veu a decer,
Aos peixes deu de comer
E ó mar do seu nome deu.
Nos tras o que ha de cair
Por alevantar andamos
Que nos não deixa dormir;
A' alma que pode sobir,
A esta as azas quebramos.

5. Em quanto um busca os seus danos
E outro ja té os olhos jaz,
Por muitas sortes d'enganos
Morte que não conta os anos
Vem e apanha o que lhe apraz.

---

18 A Cobiça é cego juiz. B O desejo é mao juiz. — 19 A o não fiz. B D. que o que hoje não fiz. — 20 A Fa-lo hei logo amenhã. — 22 A Ir apos. B Perdida apos experiencias. — 25 B D'assopros. — 26 B e sobiu. — 27 B no carro. — 28 A Que ao pai por seu mal pediu. — 29—30 AB Sentiu (B Sentiu o) a terra; sentiu (B e sentiu) Um rio da (B de) Lombardia. — 32 AB As asas que houve de seu. — 33 A Subindo, veu a decer. — 35 A E ao mar novo nome deu. B Ao mar o seu nome deu. — 36 AB Apos o que ha de cair. — 38 B Sem repousar, sem dormir. — 41 AB seus danos. — 42 B Outro. *O MS. escreve:* ten os olhos. — 45 AB Vem e leva.

Quantos, a que era devida
Dos nossos (deixo os alheos)
Ao menos, por nos, mais vida,
Que por conta não sabida
Tinhão ja seus dias cheos!

6. Vistes ũa craridade
Que de ca té la correu
Como raio? em tal idade
Tanto saber e bondade
Num momento escureceu?
Alma bemaventurada
D'aquele senhor tam nobre,
Chegastes á alta assomada
Tudo vos pareceu nada
Quanto se de ali descobre!

7. Um conde que inda alumea,
Assi morto o reino e lingua,
Outros despois de alta vea,
Tinhão sua conta chea
No tempo da nossa mingua,
Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vêm,
Que soi a terra de os dar;
É o vao mao d'acertar,
Ficamos muitos d'aquem.

f. 45. 8. O que não sofre rezão
Que passe o bom Lasso assi
E que passe o bom Boscão

---

48 A Ao menos mais longa vida. — 50 A Tinhão perto os dias cheos. B Tinhão ja seus anos cheos. — 54—55 AB tal bondade Assi desapareceu? — 57 AB D'aquele moço tam nobre. — 58 A A ũa mui alta assomada. B Chegou a ũa alta assomada. — 59 AB Tudo lhe p. n. — 61—63 A Dous condes d'ũa alta vea Que alumião reino e lingua, Em dano e em perda alhea. — 62 B e a lingua. — 63 B Outro. — 68 A Que os soi a terra de dar. — 69 *O MS. escreve:* acejtar. A O passo é m. d. a. B O vao é m. d. a. — 70 B Se não-no mostrar alguem. — 71—80 *Faltão em* AB.

Por quem mil gritos se dão;
Não respondem por aqui.
Ah gram perda! e assi são idos!
Quam cedo tudo em fim arde!
Quais forão dias compridos.
A ums engenhos subidos
Que vêm tam de tarde em tarde!

9. Polo qual a este abrigo,
Onde me acolhi cansado
E ja com assaz perigo,
A essas letras que sigo,
Devo que nunca me enfado,
Devo a minha muito amada
E prezada liberdade
Que tive aos dados jugada.
Aqui sômente é mandada
Da rezão boa e verdade.

10. Nas cortes não pode ser!
Vedes os tempos que correm!
E assi vemos té morrer
Irem muitos a correr
Por fugirem d'onde morrem.
Ora pôr peito á corrente,
Que sejais forçoso e são,
E de sangue inda fervente,
Gram nadador, claramente
É quebrar braços em vão.

11. · Buscar e sonhar privanças,
Dar de entrada a liberdade '

---

81 B Polo que. — 83 AB E mais inda a gram perigo (B com perigo). — 84 AB E áquelas letras q. s. — 86—87 AB a muito minha amada E sô rica liberdade. — 89 A A que. — 90 B Da rezão e da verdade. — 92 B Os tempos vedes que correm. — 93—95 A Vedes fugir e correr Por fugirem té morrer Dos lugares donde morrem. B Vedes que a todo correr Vão muitos até morrer Por fugirem donde morrem. — 101 AB Cansar e s. p. — 102 B Dar de golpe. AB á liberdade.

Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças
Passem coa mocidade.
Ando alimpando a pousada,
Lembra me quem diz que está
Ante a porta, bate e brada;
Se a vir limpa e despejada
Certo que aceitará.

12. *Olhai as aves do ar,*
(Diz o senhor que enriquece
O ceo, a terra e o mar).
Vede las ledas cantar,
Dizei me: que lhes falece?
Fracos de fe! e de fraqueza
Vêm estes nossos suores,
Estes medos á proveza.
Olhai como a natureza
Veste ricamente as flores.

13. Andando assi neste enlheo
Em quantos erros caimos
Sem conto, sem fim, sem meo;
Dormimos o sono alheo
O nosso não o durmimos;
Queremos o que outrem quer,
O que não quer engeitamos!
Estamos sômente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E ás vezes quando choramos.

103 B Rica por v. esp. — 105 B Passão. — 109–110 AB Se a sentir despejada Pola ventura (B Por v. que) entrará. — 112—113 B Almas a quem nunca esquece Este haver, este ajuntar. — 116 A Da muita vossa fraqueza. B Fracos de fe; de fraqueza. — 117 A tantos suores. B vossos suores. — 119 A Vedes como. — 121 AB Andando nestes enleos. — 123 AB sem meos. — 124 AB Dormimos sonos alheos. — 125 AB Os nossos não os (B -nos dormimos). — 128 A Dizei me como isto é ser. — 130 AB E ainda (B inda) q. ch.

f. 45 v. 14. Como de casa saía,
Sempre dos seus olhos augua
A Heraclito corria
Polo que ouvia e que via,
De que tudo tinha magoa.
Em fim, vendo o povo incerto
Que pressa a errar levava,
Não sofreu tal desconcerto.
Fugiu pera o campo aberto,
Livre, sem muro e sem cava.

15. São Jeronimo, alumiado
D'aquela divina luz,
Foi se ao despovoado
Das letras acompanhado
Que nos consagrou a cruz.
Aquele peito seguro
A que todo o mundo é riso,
Lugares altos de muro
Carcer lhes chamava escuro,
Aquele ermo um paraiso.

16. Da nossa tam rica herança
Cegos, que rezão daremos?

---

132 B de seus olhos. — 135 AB Que de tudo t. m. — 137 B A pressa que a errar levava. — 140—141 B *tem mais duas quintilhas que dizem:*

Anaxagoras que vião
Ter cos povoados guerra,
Seus cidadõis reprendião
Porque a um tal homem não vião
Lembranças da sua terra.
Da para quem eu nasci
Tenho grande (respondeu):
Não me julgueis por d'aqui.
E dizendo lhes assi
Mostrava co dedo o ceo.

142 A Da clara e divina luz. — 143 AB Passava a vida apartado. — 144 B consagrão. — 147 A A quem o mundo era riso. B A quem todo o mundo é riso. — 148 AB A's torres altas e ó muro. — 149 AB lhe. — 150 AB E áquele ermo um paraiso (B *sem* um). — 151 A tam clara herança.

Como nos não faz lembrança
Ũa tamanha ordenança
Do ceo e do sol que vemos?
Ele posto, e a noite traz
Tantas figuras de estrelas
De que se fermosa faz;
Qual descuido pode em paz
Erguer os olhos a elas?

17. Não se gaste mais pavio
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do senhorio.
Tornemos atras ao fio
D'esta a que chamamos vida!
Ponhamo-nos em rezão.
Cousa é que verá quem quer.
Queremos repouso ou não?
Queremos responderão
Em fim ninguem o não quer.

18. Dizei me e quando será
Que nos lembre e que nos doa
Quam certa que a queda está
Seguindo a mentira mâ,
Deixando a verdade boa?
Vejamos os que vendemos
Cousas sem preço por preço
Que lhes tam baixo posemos,
A que estado nos decemos,
E de quam alto começo!

19. A primeiro, antre animais
Não se houverão por seguros

154 AB Ũa tam certa ordenança. — 155 B Do sol e do ceo q. v. — 156 A Este posto. AB a noite traz. — 157 AB Consigo tantas estrelas. — 158 AB De (B Com) que fermosa se faz. — 160 AB Alçar. B a ve-las. — 167 AB C. é q. verá um cego. -- 169 AB todos dirão. — 170 A Ninguem não quer asossego. B E ninguem busca asossego. — 171 B D. m. quando será. — 176 AB Que vejamos como (B os que) demos. — 178 AB lhe. — 181 AB Antre os brutos animais.

Os homens racionais.
Vírão-nos bravos e mais,
Fizérão armas e muros.
Agora, por que vos conte
O que vi, tudo é mudado;
Quando me acolhi ó monte,
Por meus imigos de fronte
Vi lobos no povoado.

f. 46. 20. Um rato usado á cidade
A noite o tomou por fora;
(Quem foge á necessidade?)
Lembrou lhe a velha amizade
D'outro rato que ahi mora.
O qual assi salteado
De um tamanho cidadão
Por lhe fazer gasalhado
Dá mil voltas o coitado
Que não põi os pés no chão.

21. Faz homem a conta errada,
(Que mil vezes acontece)
Creceu me muito a jornada,
Diz, entrando na pousada
O cidadão que aparece.
Estoutro poendo lhe a mezinha,
Põi lhe nela algum legume;

184 AB Erão bravos, e erão mais. — 185 B F. as armas e os muros. — 187 AB Quanto vi. — 189 AB Por meus vizinhos de fronte. — 191 A Um rato d'ũa cidade. — 192 AB Tomou o a noite por fora. — 195 A D'outro que i no monte mora. B ali. — 196—200 *Faltão em* AB. — 201—203 A Saiu me a conta errada (Muitas vezes acontece) Creceu me a minha jornada. — 201—205 B Faz um homem a conta errada Muitas vezes, e acontece Crecimento na jornada (Diz), e entrando na pousada Cidadão logo parece. — 205 A Logo cidadão parece. — 206—210 AB *têm em lugar d'estes cinco versos os quinze seguintes:*

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadão (B cortesão)
Em busca d'algum bocado

Mesura quando ía e vinha,
Deu lhe tudo quanto tinha,
Pede perdão por custume.

22. Cumpre muito aquela mesa
Mais da fome que da gula;
Faz claro a fogueira acesa;
Mostra bom rosto á despesa.
Vem o outro e dissimula.
E está dizendo consigo:
Este não foi pera mais!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o enxempro antigo
Que os dedos não são iguais!

23. Ora despois de comer,
Jazendo detras o lar,

Vai e vem muito (B sempre) apressado
Que não punha os pés no chão
(B Sem tocar cos pés no chão).
(206—210) Ordena a sua mezinha
Inda tinha (B Pos lhe nela) algum legume,
Inda algum poo de farinha
(B Mesura quando ía e vinha)
Pos lhe i tudo quanto tinha,
(B Deu lhe tudo quanto tinha,)
Pede perdão por custume.
Diz: quem tal adevinhara
(Contra o cortesão severo)
Tanto revolvera e andara
(B Que tanto andara e buscara)
Que (B Té que) algũa cousa buscara (B achara)
A quem tanto devo e quero.

211—212 B Cumpre porem nesta mesa Que haja mais fome que gula. — 213 AB Tem (B Tem lhe) a fogueirinha acesa. — 214 AB Faz rosto ledo á despesa. — 215 A Co trabalho dissimula. B Ve a o outro e dissimula. — 216 A Diz o cidadão consigo. B E dizendo está consigo. — 217 AB Que gente ha d'entre penedos! — 218 B Quanto ha de Pedro a Rodrigo (*N. M.:* Que vai). — 219 A Bem disse o bom sengo antigo. B Que bem diz o e. a. (*N. M.:* Bem diz o bom sengo antigo). — 220 AB Que não são iguais os dedos. — 221—222 A Despois do fraco comer Estando detras o lar. — 222* B Jazendo detras do lar.

Começa o rico a dizer:
Dous dias que has de viver
Aqui os queres passar?
Na secura de um deserto
Que não sei quem o soporte,
De urzes e tojos cuberto,
Sendo tudo tam incerto
E tam certa sô a morte?

24. Vive, amigo, a teu sabor;
Mais é que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior.
Vai te comigo onde eu for,
La verás que cousa é vida.
Des que um e outro provares,
(Que eu de outrem não adevinho)
Quando te não contentares,
Aqui tens os teus manjares
I tambem tens o caminho.

25. Assi disse! Eis o villão,
Em alvoroço e balança,
Ía e vinha o coração
Ora si, e ora não.
Venceu porem esperança!
E que deve i al fazer?
Vive de tanto suor!
Inda não pode viver,
Não pode o ano vencer,
Sempre a saida é milhor.

---

223 B o nobre. — 226 AB Na aspereza do deserto. — 230 B Sendo sô tam certa a morte. — 233 A toma o pior. — 236 A Quando as ambas provares. B E despois que ambas provares. — 238 AB Quando te enganado achares. — 239—240 A Ahi ficão teus manjares, Ahi tens tambem o caminho. — 241 B Ai disse (*N. M.* Assi). — 246 AB pode. — 247 A V. com tanto cansaço. B V. com tanto suor. — 248 B E mal pode inda viver. — 249 B Mal pode. — 250 A Que lhe assi corre despaço. B Sempre a saida é maior (*Err.*).

f. 46 v.

26. E diz: Quem não se aventura,
Não ganha! Rezõis contadas,
Escolhem ora segura,
Entrão por ũa abertura;
O rico sabe as entradas.
Vão se por paços dourados,
Todos cheirosos da cea.
Tristes dos casais coitados
Do sol e vento torrados!
Pobre e faminta da aldea!

27. Vou me por meu conto avante:
Amostra o cidadão tudo
Que traz no bucho um infante;
Vão os seus gabos diante,
Pasmado o outro anda mudo,
Que tam sômente em provar
Das cousas que i mais lhe aprazem,
Ja começão de engeitar;
Fartos pera arrebentar
Sobre bons tapetes jazem.

28. Nisto o despenseiro chega
(Que estes bens não durão tanto);
Ve os ele, a pressa o cega,
Um lanço e dous mal emprega,
Corre os de canto em canto,

---

252 AB quem é (B ha) que o negue? — 253 B Escolhérão (*Err.*). — 254—255 AB Era (B Forão) pela noite escura, Guia o rico, o outro (B o pobre) segue. — 256—258 AB Entrão por paços dourados Cheirosos inda da cea. — 258—260 A Fiquem os casais colmados, Por sempre do sol torrados, Fique a faminta da aldea. B Tristes dos casais colmados, Do sol, do vento queimados, Pobre e faminta d'aldea! — 262 B Mostra lhe. — 264—265 AB Quem quereis que não (B nos *Err.*) s'espante? Anda o vilãozinho mudo. — 266 *O MS. escreve:* prova. — 267 AB que mais. — 268 A Começão ja d'engeitar. — 269—270 A Começão de bocejar, Em finos tapetes jazem. — 270 B Em lãs estrangeiras jazem. — 271 A Ora o d. ch. — 273 AB Sente os (B Ve os) mas a pressa o cega. — 274 A Um tiro e d. m. e. B Um tiro ou d. m. e. – 275 A Segue os.

Os cäis á volta se erguérão,
Ládrão, (que é alto o serão)
As casas estremecérão,
Ums e outros i corrérão:
Foi dita que os gatos não!

29. Sabia o maior da manha,
Sabia a casa, e fogiu;
O' ratinho da montanha.
O's pés em pressa tamanha
O coração lhe caiu.
Mas espaçado o perigo
E a morte que ante si vira,
O coitado assi consigo,
Por seu asessego antigo
Que mal deixara, sospira:

30. Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A vos torne? e esta riqueza,
Mal que tanto o mundo preza,
Fuja (se poder) voando?
Ai baldias esperanças!
Meu entendimento fraco!
Que al temos das abastanças?
La guardai vossas mostranças,
Deus me torne ao meu buraco!

---

276 A corrérão. — 277 AB é alto serão. — 279 A Ums e os outros B Todos juntos la corrérão. — 280 A Quis deus que o. g. n. — 281 AB Sabia o de casa a manha. — 282 A Sabia os passos, fugiu. B Sabia o paço e f. — 286 B Em fim passado o perigo. — 287 AB Da morte. — 288 B sô comsigo. — 289 AB Polo seu repouso antigo. — 293 A A ti torne. — 294 A todo o mundo. B o mundo tanto. — 296—300 A Mal tomadas esperanças, A paga aqui não me tome. Traças, que não abastanças! Assaz vi das vossas danças. Deus me torne á minha fome. — 298—299 B Deixemos tais abastanças, Tais riquezas, tais mostranças.

108.

Carta V.

A Antonio Pereira.

1. Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam maos
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta ora os olhos ergui
A' casa antiga e á torre
Dizendo comigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!

f. 47. 2. Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
O' longe va, mao agouro

A f. 41v (Carta V) A Antonio Pereira Senhor do Basto quando se partiu para a corte coa casa toda. B f. 107 A Antonio Pereira Senhor do Basto. Carta II. *Ambos em Quintilhas.* — 3 A Crecerem cercas e o gasto. — 5 AB e t. r. — 6 A Logo os meus olhos ergui. B Nessa ora. — 8 A E disse. — 9 A Se deus nos não val aqui. — 12 A Donde inda guerra n. s. B Onde guerra inda n. s. — 16 AB e caia. — 17 A Afora va. B Longe va o m. a.

Falar por aquela praia
Na riqueza de Cambaia,
Narsinga das torres de ouro.

3. Ouves, Viriato, o estrago
Que ca vai dos teus custumes:
Os leitos, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu olios trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos de pastores
Em que saistes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as envejas!

4. É entrada polos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Ums doentes, outros mortos,
Outro polas ruas sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Vencer caje a natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

5. Penedos sobre penedos
De que as serras ca são cheas,
Vistas se vos fazem feas.

---

18 B Falando por essa praia. — 19 A Da grandeza. B Das riquezas. — 20 B Narsinga das serras d'ouro. — 22 B nos teus custumes. — 23 AB e os lumes. — 26 A E ao bom trajo dos p. B Nisto os trajos dos p. — 27 AB Com que saiste á peleja. — 28—30 A Dos Romãos tam vencedores São mudados os louvores, Não ha la quem te haja enveja. — 29—30 B São trocados e aos louvores Não ha ja quem te haja enveja. — 31—32 A Entrou dias ha peçonha Clara pelos nossos portos. — 34 A Ums dormentes. — 35 A Alguem. — 36—37 AB Fez no começo a pobreza Vencer os ventos e o mar. — 38 AB quasi. — 40 A venha. — 41—43 A Estas serras e penedos Fazem se vos vistas feas, Ja torceis o rosto ás aldeas. B Estas serras e os penedos Vistas se vos fazem feas, Ja torceis rostro ás aldeas.

Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar se lhe aprouvesse,
Despois, nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) *enforcado*
Quem a forca assi merecesse.

6. A's vozeiras montarias
Derribar aves que vão
Cantando inverno e verão,
Que al é se não remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
Os de vilãos mal criados,
Os de vilãos mal cubertos,
Os de vilãos pouco certos,
Muito desarrezoados,

7. Direis, e não vo-lo nego;
Porem quereis que vo-lo diga?
Este mundo é armado em briga,
Não achais nele asossego
Nem naquela ermida antiga.
Mas porem ha diferenças
Antre o de ca e de la:
Ca nas mais das desavenças
Vos ereis o das sentenças,
La embaixo outrem as dá.

f. 47 v. 8. Em troca tereis manjares,
Composiçõis delicadas,

50 AB Que. — 54 A salvo remir dias. — 57 A De vilãos desentoados. — 59 A E o que é pior, pouco certos. — 61 A e eu. — 62 A Mas quereis tambem que diga? B Porem quereis que vos diga? — 64 AB Não busqueis. — 65 AB Nem nũa alta ermida antiga. — 66 A Todavia ha d. B Mas com tudo ha d. — 67 A e o de la. B Entre os de ca e os de la. — 69 A Ereis mestre d. s. B *como o nosso MS., N. M. como* A. — 70 A Para onde is, outrem as da. — 71 AB Tereis em troca m.

Ũas sobre outras grosadas,
Por perigos, por pesares
Primeiramente compradas.
Convites de quem convida!
Amostrão vos suas tendas.
Quanta cousa é i perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas mâs das fazendas.

9. De isto o cheiro, de isto a cor
Que não tem preço igual.
Milagres de Portugal!
Cousas de tanto sabor,
Todas a saberem mal.
Onde se ha de lançar tanto?
Aquilo é pagar o pato!
Em fim, quando me levanto,
Ou hei de morrer d'espanto,
Ou se não me espanto, mato.

10. Que contas vão tam erradas!
Enfastia o que sobeja!
Quem come o que não deseja?
Soíão ser as convidadas
Vontades, agora é enveja.
Entra comnosco a manhã,
É ja dia, e pedis velas.
A tal cea cortesã
Quanta inguaria vã
A fora a das escudelas.

---

73 A Ũas por outras g. B Do ar do paço ajudadas. — 74 AB Pelos (B E por) tempestuosos mares. — 75 AB A gram perigo (B Com mil perigos) buscadas. — 76 B i suas tendas. — 77 A i é. B é ali. — 80 AB mais. — 82 AB Que preço não tem igual. — 85 A Para saberem tam mal. B *como o nosso MS., N. M. como* A. — 88 A m'alevanto. — 96 AB comvosco. — 97—100 A Falão se muitas linguages Na tal cea cortesã, Quanta mestura vai vã A fora as novas potages! — 98 B Na tal c. c. 99 B Q. iguaria que ha vã.

11. Os bons convites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Erão pera conversar
Os parentes e os amigos,
Que não pera arrebentar.
E de viver juntamente
Houverão convites nome,
Soltos ós olhos da gente
Que vissem quam santamente
Ali se matava a fome.

12. Aquela ufana rainha,
Irmã do vil Ptolemeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente á cozinha
De um grande banquete seu,
Vendo tudo ir se a perder
Todavia convidava,
Ja porem não de viver,
Mas de assi juntos morrer
O's tais convites chamava!

13. A' vossa fonte tam fria
Da Barroca em julho e agosto
(Inda me é presente o gosto)
Quam bem que nos i sabia
Quanto na mesa era posto!
Ali não mordia a graça,
Erão iguais os juizes,
Não vinha nada da praça,
Ali da vossa cachaça,
Ali das vossas perdizes!

f. 48. 14. Ali das fruitas da terra,
(Que dá cada tempo a sua)

---

108 B Claros. *O MS. escreve:* de gente. — 109 AB Porque vissem que sômente. — 115 A Num grande. — 117 AB Os amigos convidava. — 118—120 B Não ja pera os ver comer, Mas pera juntos morrer A tal convite os chamava. — 120 A Na sua lingua os chamava. — 121 AB A vossa. — 132 AB Que tem cada mes (B tempo) a sua.

Colhida á mão cada ũa!
Nunca o sabor a vista erra,
Cheirosa, formosa, e nua.
Oh ceas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala da nossa ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença!

15. Des i, o gosto chamando
A outros môres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando,
E da Arcadia os bons pastores.
Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto avante fora,
Mas não diz ora com ora:
Vão se como ó fogo a cera!

16. Que troca ver la Pasquinos
Portugueses cento a cento
(Quem o ve sem sentimento?)

---

133 AB Colhida em sazão cada ũa. — 134 A Nunca o sabor á cor erra. B Nunca á vista o saber erra. — 135 AB Nem ao (B o) nome de nenhũa. — 138 AB Sem fala trocada ou riso. — 139 A de siso. — 142 A A môres outros sabores. — 144 A Tam bem escritos d'Orlando. — 145 AB Envoltos em tantas flores. — 145—146 AB *intercalão:*

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tam raro
Nestes derradeiros anos,
Cos (B E os) pastores italianos
Do bom velho Sanazaro.
Liamos polo alto (B ao brando) Lasso
E (B Com) seu amigo Boscão
Honra d'Espanha que são
(B Que honrárão a sua nação)
Ia me meu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão.

150 A Vai se. B como ao fogo cera. — 152 AB D'esta terra.

Tratar os livros divinos,
Com tal desacatamento!
E o que não podem ousar
De ler se em giolhos não,
(Que graças pera chorar!)
Torcem fazendo falar
O' som da sua paixão,

17. Esquecidos do conselho,
Pudera dizer mandado,
Sendo por quem foi vedado
No santisimo evangelho:
O's cãis não deis o sagrado.
Almas que ós sonhos andais,
O muito não o troqueis
Por nadas, como o trocais;
As perlas orientais
O's porcos as não lanceis.

18. Mal sem emenda é o jogo
Antre os seus males maiores.
Um rei de grandes louvores
Mandou que pusessem fogo
A' casa e ós jugadores.

---

156 A E o que não devem d'ousar. B O que se não deve ousar. — 157 A Dizer, se. B A ler se. — 160 B de sua paixão. — 162 *O MS. escreve erradamente:* sagrado. A Mas que digo eu? do mandado. — 163 B Sendo o porque foi v. — 166 AB Peitos (B Almas) que sonhando andais. — 169 B perolas. — 170 B não-nas. — 170—171 AB *intercalão:*

Jugareis? Oh razão (B oh gente) cega,
Sempre o jogo fiz (B foi) defeso,
Que tem noite e dia (B todo o dia) preso
O triste que assi o (B que nele) emprega
O seu tempo todo em peso.
E des o grou (B des do) té (B té a) folosa
Homens de seiscentas cores,
Sô no jogo não tem grosa,
Conversação perigosa,
Misa d'arrenegadores.

172 B Entre seus m. m. — 173—174 A de grandes primores Dos nossos mandou pôr fogo.

Das santas leis jogo imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre assi consigo,
Vai caminho das eternas.

19. Deixemos mil outros jogos
Que la vão, mil outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes pera Pilatos.
E aquele grande alvoroço
De atambor que á guerra chama,
Leva o velho, leva o moço;
Primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.

f. 48v. 20. Ah vida dos lavradores,
Se eles aconhecessèm bem
As avantagens que têm
Aqueles santos suores
Que santamente os mantêm,
Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Não entre engano ou mâ liga)
Por seu custume se obriga
A tornar mais do que deve.

21. Vedes como aqueles nossos
Antigos padres primeiros
Erão no começo inteiros,
Erão santamente grossos,
Sem mal como os seus cordeiros,

176 AB Das leis antigas imigo. — 179 A Dores sempre. AB aqui consigo. — 181 A Passemos por outros jogos. — 182 A por outros tratos. — 189—190 A Que entrão primeiro em destroço Que percão. — 189 B E primeiro. — 191 AB Oh vida. — 192 AB Se eles conhecessem bem. — 194 A Co aqueles. — 195 A Que a si e ó mundo mantem. — 199 A Singelamente se obriga. — 200 AB pagar. — 201 AB Aqueles maiores nossos.

Regidos da natureza;
Não tanto papel escrito
De que um reza e outro reza
Té cansarem sem certeza
Donde jaz sômente o fito.

22. Foi sem malicia e mao erro
A boa idade dourada,
Seguiu logo a prateada;
Não tardou nada a de ferro
Que tudo trouve á espada.
Quanta sombra aqui aparece!
Tapai me a boca com as mãos!
Ora atras, que não me esquece,
Tambem por ca adoece,
Vão porem ares mais sãos.

23. Por isso a gentilidade
Com sua filosofia
Ao deus da saude erguia
Templo fora da cidade
Onde os seus votos lhe ouvia.
E aquele Virbio a quem
Tornara a vida, ja ás festas
Nem ás cidades não vem,
Sempre sô por fora o vêm
Caçando polas florestas.

24. I que encontre um lobo cão,
Um usso que se erga em pe,

207 A Nem. — 208 A Vem um, reza. — 209—210 A Sem cansar e sem certeza Buscão, nunca achão o fito. — 211 B e sem erro. — 213 A Apressou se a prateada. — 214 B Não tardou muito. — 215 A pós á espada. B trouxe. — 216 AB Quanta sombra que aparece! — 219 AB se adoece. — 220 A aires. — 222 AB Que em tudo filosofava. — 223 AB alçava. — 225 AB I por ela se ofertava. — 227 A Dera vida, nunca ás festas. B Tornara a vida, nem ás festas. — 228 A Nunca ás cidades vem. B Nem á cidade mais vem. — 231 AB c'um lião. — 231 AB C'um usso. A que anda ao traves.

Isso menos mal não é,
Que onde eles tam bastos são
Que antre eles se dorme e sé,
Da cousa mâ claramente
Logo quem a ve, se vela,
Chega se á que branda sente;
Por isso á ántiga serpente
Pintão rosto de donzela.

25. Nossos maiores se alguem
Louvavão, não de senhor,
Não de rico era o louvor,
Chamavão lhe homem de bem,
E ainda bom lavrador.
A nossa gente que quis
Arremedar nos louvores
Que agora parecem vis,
Aos bons reis Sancho e Denis
Chamavão lhe lavradores.

f. 49. 26. Os valerosos romanos
Antes que o tino perdessem,
Donde cuidais que escolhessem
Cincinatos e os Serranos
Que ante si em campo pusessem?
E aquela sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza
Sobrenomes de riqueza
Não pós, se não da lavoura.

27. Inda hoje vemos que em França
Vivem nisto mais á antiga;

233—235 A Traz consigo a seus librés Com que lhe o caminho dão, Não é aquela a sua res. — 233 B Certo que menos mal é. — 335 B se durma e cee (*sic*). — 241 AB Quando os antigos a alguem. — 243 A Nem. — 247 AB os louvores. — 250 AB Chamárão. — 251 B Os prudentes dos romanos. — 252 A Que um tempo o mundo regérão. — 253 A que escolhérão. — 254 A e Serranos. — 255 A puserão. — 259 A da riqueza. — 260 AB Não pós, antes da lavoura.

Na vila o vilão se abriga
Onde tem nome e herança,
Vive i da sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro
O' tempo que o galo canta;
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronceiro
Que saia de baixo da manta.

28. Vive a nobreza por fora
Segura, despovoados
Corre cos loubos ousados,
Por d'arredor donde mora
Mantem livre o campo aos gados,
Da mâ gente aventureira
Que ás escuras traz seu trato
Que possa livre quem queira
Cantando ir de noite á feira
Ou dormindo no mulato.

29. Bom tempo quando segura
A cabeza se encostava,
Onde o sono a convidava,
Contente da cobertura
Que lhe o fermoso ceo dava!
Bebião da agua coas mãos
Nas fontes inda em velhice,
Milhor que por vasos vãos.
Lavava a agua os peitos sãos
Antes da gargantoice.

30. Natureza nos posera
(Como os olhos nos abriu)

---

263 A A' vila. — 264—265 AB Donde traz (B Onde tem) nome de herança Mantem o a sua fadiga. — 266 A Juntamente e o galo canta. — 270 AB Que inda se envolve na manta. — 272 AB os despovoados. — 273 B Correndo os lobos ousados. — 275 A o monte ós gados. — 277 B tem seu trato. — 285 AB Tam rica que lhe o ceo dava. — 286—87 A Bebião tomada ás mãos D'agua que, fosse em velhice. — 288 AB Lavava ela. — 291—310 *As estrophes* 30 *e* 31 *estão transpostas em* AB.

Diante tudo o que viu
Que necessario nos era;
Do mais todo se sorriu.
Como? ũa ave ja vezada
A toda delicadeza
É milhor ajuizada?
Foje a gaiola dourada,
Vai buscar a natureza.

31. Jacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado,
Qual andava assi antre o gado,
Passou o rio Jurdão
Na ajuda do bom cajado.
Como o sol no mar deceu,
Levaria o seu fardel,
Da agua no rio bebeu,
Sobre pedra adormeceu,
Pós nome ó lugar Betel.

f. 49v. 32. Ũa disposição mâ,
Longa enfermidade e dôr
Que de mal vai em pior,
Onde remedio achará
Se á natureza não for?
Leda da minha fadiga
Que em vão tantas rezõis gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Is vos apos a madrasta.

293 A Ao perto. — 295 B De tudo o mais s. s. — 296 B avezada. — 297 B A toda a delicadeza. — 303 AB Pastor ao campo usado (B avezado). — 305 AB do seu cajado. — 306 A ao mar. — 307 AB Comeria do fardel. — 309 A Nũa. B Sobre ũa. — 312 A enfirmidade. B infirmidade. — 313 A Que vai de mal e. p. — 316 AB Cega da minha porfia (B fadiga). — 317 A tanta razão. — 318—319 B Que fazeis que vos obriga Deixar e. m. a.? — 320 A Is vos buscar. B E ir buscar.

33. Por toda esta grande Espanha
Froais que soíão chamar,
Fez em Pereiras mudar
Não do rei mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.
Do qual não ha muitos anos
Um que aqui Braga regeu,
Pondo aparte os longos panos,
O passo dos castelhanos
A' espada o defendeu.

34. Ao reino cumpre em todo ele
Ter a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o peso, e com ele
Mete o barco na agua a proa.
E mais is vos muito ao ponto
Pera qualquer apetito.
Então ja eu ouvi um conto:
A quem espreita e está pronto,
Não vades mudar o fito.

35. Tereis la conversaçõis,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas;

320—321 AB *intercalão:*

Dos vossos nobres avós
As cruzes em sangue abertas
Vos poem obrigaçõis certas
Que não-nas deixeis ca sôs
A ser do musgo cubertas!
O que porem não dirão,
Em quanto ca tem tal feira
Como é a de (B d'um) tal irmão
Que não houve o nome em vão
De (B Do gram) Nuno Alvarez Pereira.

327 A Que um. — 329 A Um passo aos castelhanos. B Um p. dos c. — 330 A B A' espada defendeu (*N. M. de* B: sô defendeu). — 334 A Que é muito. — 336 B a ponto. — 338 B E eu ja ouvi u. c. — 339 B Que a quem. — 343 A adubadas.

Passarão derivaçõis
Se ja a todos são passadas.
Trasposerão os amores,
Deixárão o paço ás cegas,
Saem atraves mantedores,
Rousinois asoviadores
Polas hortas d'Enxobregas.

36. Vereis barcos ir a vela
Ums que vão, outros que vêm
Como que se desavem
C'ũa viração singela;
Tanta força a arte tem.
Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção,
Nas enxarcias dos navios
Volteão como bogios
Inda que vos al pareçam.

37. Não hei por perda esta leve.
Que sejão palavras tudo
Mas ó coração acudo.
Se não, dizei quem se atreve
A dor esperá-la mudo.
São elas porem ja muitas,
Fe-las ir crecendo a magoa,
Lembro vos as vossas fruitas!
Lembro vos as vossas truitas!
Que andão ja por vossas na agua.

344—345 A E ás vezes das pregaçõis Com muito gosto furtadas. — 345 B Se ja não forem passadas. — 347 B ás agoas (*Err.*). — 348 B Ficarão por mantedores. — 348—350 A Saem de novo mantedores, Continuos murmuradores, Pola praia d'Enxobregas. — 355 B e arte. — 358 A Polas cordas. B Pelas xarcias. — 359—360 B O que são se não bugios Posto que v. a. p. — 368 *e* 369 B Lembrem vos. — 369 *Falta no MS.*

f. 50. **109.**

Carta VI.

A Dom Fernando de Menezes.

Guadalquebir arriba a rica praia
Vistes tam perigosa, e as maravilhas,
De que escreveis, que ouvindo homem desmaia!
Vistes armadas tantas armadilhas
Aos olhos, e antre os outros antremeses
Pescar com redes de ouro das Antilhas!
Senhor meu dom Fernando de Menezes,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão
Em tempo de Espanhois e de Franceses,
Os jardins de Valença de Aragão
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão.
Mas isto (caje direi) que mais parece
A's cousas de Sevilha soterranhas
Onde a vida em prazer desaparece.

O MS. continua: No conto e medida italiana. — A f. 49v. Carta (VI) A' maneira italiana a dom Fernando de Menezes em reposta do que lhe escreveu de Sevilha. B f. 121v. Carta VI. A Dom Fernando de Menezes. — 2 A Que vistes, os perigos e armadilhas. — 3 B De que contais. A D. q. e., ouvindo h. d. — 4—6 A Vistes nũa Sevilha mil Sevilhas; Guarde se da fortuna e dos reveses, Que assi creceu co este ouro das Antilhas. — 5 B e entre outros entremeses. — 8 A Eu vi Roma, Veneza e vi Milão. — 11 A Em que Amor vive e reina e forças ganha. B Onde Amor. — 13 A Mas isso (assi direi) mais ja parece. B Mas isso assi, direi que mais parece. — 14 A A cova da Sibila sobterranha. B As covas de Sevilha soterranhas.

Quem não dirá tambem que são patranhas
As cousas que ali vistes em verdade?
Sabeis de que lhe vem? de ser tamanhas!
Espreita onde ve rica ociosidade
Amor, e a seus prazeres solta e vã
Desenfreada prodigalidade,
Imiga das leis santas, e da sã,
Da boa temperança e vida pura,
D'essoutra vida sevilhana irmã.
Aqueles são seus parques, i segura
O seu estado grande e a sua corte,
De um poderoso deus qual a pintura.
Minino e cego que com fachas corte
Eu digo co as de ferro, co as de fogo
Acenda e tiros traz de toda a sorte.
De quem se ele apodera, entrando logo
A liberdade foge e nunca mais
Em quanto o i sente, torna em siso ou jogo.
Mas outra vez ás novas que me dais
Das senhoras, das casas, e das sedas,
Pedraria que cega os avençais,
Pera onde correm todas as moedas,
As de ouro poderoso, e prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem se ahi chega ós lanços, desatina.
A primeira aventura é a do siso,

16—18 A Se cousa é pera crer e não patranha, Mas isso, assi não fosse ele verdade Como é, sabei que Amor usa de manha. — 17 B que ali vistes ser verdade. — 19 B a rica ociosidade. — 20 A I enarvora bandeira, solta a vã. B Amor a seus prazeres solta e a vã. — 23 B E boa. — 24 A Mas d'essa sevilhana amada irmã. — 25 AB asegura. — 26 A (Eu digo Amor) o seu estado e cortes. B Os seus estados grandes, as suas cortes. — 27 AB Ali é gram senhor dure (B dura) o que dura. — 28—30 AB Por i (B ahi) passea e vai a seus deportes, Vive ali salamandra no seu fogo Que a ele vida (B a vida) dá, aos (B e aos) seus mil mortes. — 31—33 A Minino e cego (oh risos); foge logo A doce liberdade e nunca mais Em quanto o sente i, torna, nem em jogo. — 33 B torna a risa ou jogo. — 34 AB Mas tornemos ás novas que me dais. — 37 A Per onde. — 40 A Quem vem a estar aos l. d. B ali.

Que logo perde o tempo e detremina.
Ali sospiros, ali o brando aviso,
As boas manhas, todas quantas são,
Nobreza, parecer, é tudo um riso.
Vendendo elas o seu tanto a pregão,
Cousas que se achão nas tendas por nada
Regateiras crueis, por quanto as dão?
Ai que cegueira tam acustumada
De todo estado, toda lei e idade
Quem mais leva na bolsa, esse arrecada.
Não falemos naquela enfermedade
Dos seus privados, que é como se acerta
Por apetitos sôs, por liviandade.
Que se não pode dar i regra certa
Se não que assi lhe apraz a quem se obriga,
Dos outros é cada um como se oferta.
Quem o crerá? que nisto a gente antiga
Que tanto viu, viu pouco, do custume
Cega, e d'esta baixa humana liga.
Correndo mais o tempo, correu mais lume
f. 50v. Sospirou se melhor, veu outra gente
De que o Petrarca fez tam rico ordume.
Eu digo os provençais, que inda se sente
O som das brandas rimas que entoárão
De novo assi d'amor tam altamente

---

42 AB tudo á banda inclina. — 43 B Ali o saber. — 44 B As boas partes. — 45 B e parecer. — 46 A ao pregão. B sempre em pregão. — 47 B Cousas que em tendas se achão por um nada. — 49 A Mas que c. B Que cegueira esta é ja tam custumada. — 50 A Em todo e. B Em todo tempo, em toda lei e idade. — 53 B De seus validos. — 54 B sô. A e liviandade. — 55—56 A Onde pôr não se pode regra certa, Sômente assi lhe apraz a quem se obriga. — 55 B Que não se pode dar. — 57 B Que dos mais é. — 59 *No MS. falta o segundo:* viu. 61 A Despois coa melhor lei, entrou mais lume. B Entrando o tempo mais, entrou m. l. — 63 A Petrarca. — 64—66 A Eu digo os proençais de que ao presente Inda ritmas ouvimos que entoárão As musas delicadas altamente. — 65—66 B O som dos brandos versos que entoárão As suas musas brandas, brandamente.

Despois (ah que vergonha!) em fim tornárão
A cair muitos neste amor vicioso;
O fino os finos peitos o salvárão.
Escrevem de um filosofo famoso
Que tentado por Laïs (por quem se chama
O porto de Corinto perigoso),
Vinhão de toda a parte ali por fama
Da sua fermosura. Ele foi tal
Que vencedor ficou, vencida a dama,
E mais quando o perdão era geral
Naquele caso a todos: tanto a usança
A dar culpa e desculpa pode e val.
Porem de ũa tamanha confiança
De si e com a constancia tais amores
(Qu'um sô seja aqui dito em abastança.)
Enxamea este mundo, e dá das flores,
Torna inverno e verão da natureza.
Dos santos não me meto em seus louvores,
Que não se atreve a tanto esta rudeza
Do meu estilo, e minha fraca vea,
Que entendo e não me engana a sua pobreza.
Ora sois ja na corte onde se atea
Para vos outra fragua, outras contendas,
Outra prisão mais nobre, outra cadea.
Donde não derão chave as grandes rendas
Nem as negociaçõis, que isso seria

67—79 A Aqueles Dantes que versos danárão Perdoem, ah que o digo vergonhoso Com dô de bons engenhos que enganárão. — 69 B Os peitos finos. — 70—71 A Todavia Xenocrates famoso Saiu rindo de Lais (por quem se chama. B Escrevem que um f. f. Tentado d'essa Lais etc. — 73—75 B D'essa a quem todos ver vinhão por fama De sua fermosura, ficou tal Que vencedor tornou v. a d. — 76 A sendo o perdão assi geral. — 77 A Naquele tempo a todos. B A todos neste caso. — 80 A De si e coa virtude, tais amores. — 80—81 B De si, de tal constancia, em tais amores De um sô s. a. d. e. a. — 82 AB Como lhe apraz á grande natureza. — 86 A Do baixo estilo e m. f. v. B Do b. e. meu, da f. v. — 88 B Ora estais. — 89 A outra chama. B outra contenda. — 91 A Digna de vos, não tem a chave as rendas. B Onde nem tudo leva a grande renda. — 92 A Não neg. B Nem a negociação.

Dar o mando e poder todo ás fazendas.
  Amor é senhor grande e não se guia
Por interesses que haja em terra e ó mar,
Não entra em tratos de mercadoria;
  Um bem que corre sem nunca cansar
Que não sabe pôr nodoas de sospeitas
Na fe, não enquerir, nem duvidar;
  Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos ás tardes nuvens raras,
Em pouco espaço feitas e desfeitas;
  Não tem contrasinais, nem almenaras;
Não manda escuitas fora, ali é paz boa;
Das limpas fontes correm aguas craras.
  Quam longe d'outro cego que ó ar voa
Todo desasossegos e queixumes!
Cuidais que is vento a popa, is vento a proa.
  Todo desconfiança e mais ciumes,
Ums nadas que porem ferem de agudo,
Reina no povo, segue os seus custumes,
  Todo palavras, quasi estoutro é mudo
Oução se os coraçõis que ouvidos têm
Mais certos e outros olhos que vêm tudo.
  E os peitos passão da banda de alem
Como o sol dando faz nũa vidraça
Os craros coraçõis craros se vêm.
  Verdade é que estes tempos não dão graça
Aquela que dar soía no passado

93 A Tirar o poder a amor, da-lo ás fazendas. B Tirar poder ao amor da-lo á fazenda. — 95 AB Por interesses vis, dar e tomar. — 96 A Amor noites não tem que todo é dia. B E seu trato não é de mercançia. — 97 A Amor que nunca sabe atras olhar. B Amor é um bem que corre sem parar. — 99 A não em querer (*Err. P*). — 103 A Não traz c. B tem almenaras. — 104 B ahi. — 105 A Das fontes limpas. B Correm das fontes claras a. claras. — 106 AB do outro. — 109 A Mandão-no desconfianças e ciumes. B Tudo desconfianças e ciumes. — 110 B fendem d'agudo. — 111 A guarda os s. c. B e segue. — 112 A Todo é palavras, estoutro casi é mudo. B Este tudo é falar, o outro é mudo. — 115 *O MS. escreve:* passando. B Que os peitos pasão d. b. d. a. — 118—119 A Verdade que não dão os tempos graça, Tanta como eles davão no passado. — 119 B Essa que.

Que sair os não deixa tanto á praça,
Teme se de um imigo apoderado
Da rezão, que sô sonha India e Brasil,
Té que cada um de la torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil
f. 51. E mil este interesse que haja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo ele vil!
Os momos, os seraos de Portugal,
Tam falados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?
Dos motos o primor, e altos sentidos?
Ums ditos delicados cortesãos,
Que é d'eles? Quem lhes dá sômente ouvidos?
Mas deixemos andar queixumes vãos!
Assi foi sempre! assi sempre será!
Vão trocando se os tempos antre as mãos
Não vedes quantas voltas o sol dá
Ora aparece, ora desaparece.
Debaixo d'este ceo quedo que está?
O que hontem muito aprouve, hoje aborrece,
Dão volta as cousas todas a reveses,
Num poço um balde sobe, outro dece;
Porem, oh bom dom João, o de Menezes,
E oh Manoel, que tais tempos lograstes
Chamar vos hei ditosos muitas vezes,
Que com tanto louvor aqui cantastes

120 A Anda encolheita, não sai tanto á praça. B Que sair não-no deixa. — 121 A amigo (*Err.?*). B enemigo. — 122 A Do tempo que os sonha I. e B. — 127 B serões. — 130 AB motes. — 131 A Os ditos. B Os ditos avisados cortesãos. — 133—134 A Mas deixem de tratar os aldeãos Da Corte. Sempre foi, sempre será. — 133 B Mas deixemos ora ir. — 135 AB Trocão se os tempos, fogem d'antre as mãos. — 136 B que o sol dá. — 138 B Que debaixo do ceo quedo está? — 140—141 A As que agora erão faces; são ja enveses Nos poços sobe um balde, o outro dece. — 141 B Num poço sobe um balde e o. d. — 142—143 B Mas vos oh bom dom João, vos de Menezes Dom Manoel. — 144 A Dous condes nos amores tam corteses. — 145 A Vos dias, vos as noites suspirastes.

E com tal rezão dado, inda alcancei
O derradeiro som que ó ar soltastes!
  Depois de fora parte aqui escutei
E ouvi cantares, forão eles tais
Que trasportado assi cantando andei!
  Ora outra vez a vos, senhor que andais
Naquela viva chama d'essa idade,
De que os amores se 'podérão mais,
  Não me seja contado isto a vaidade,
Mas, eu não vejo aqui cousa mundana
Que tam pouco pareça á humanidade!
  Quem cuidado terá por obra humana
Quando tam altamente alma se escora
Que está queda a fortuna, e não a abana.
  Alça se o esprito e vai de fora em fora;
De todos os sentidos sô por si
Ouve e ve de que vive ora por ora.
  De tudo o mais que o mundo preza ri;
Tudo lhe é, como dizemos, nevoa e vento;
Passou se a corpo alheo, e vive ali;
  Buscou e pós tam alto o fundamento
Que por cousa que veja e que aconteça
O mesmo é no prazer que no tormento.

146—147 A Com tanto louvor vosso. Ind' eu ouvi Os queixumes finais que ao ar soltastes. B E com tal voz que ainda eu alcancei Os derradeiros ecos que deixastes. — 148—150 A Depois de fora parte, por aqui Se ouvem cantares, não dos naturais Mas estrangeiros, ja eu cantara assi. — 150 B Que eu tambem trasportado os meus cantei. — 152 B viva força. — 153 AB apoderão. — 155 A não vejo ca. — 156 A Que tanto suba sobre a humanidade. — 157—159 A Quem cuidando será por força humana Com que tam altamente a alma se escora, Que esperança nem medo a não abana. B Quem cuidando terá por obra humana Ũa alma que tam firmemente escora Que o poder, da fortuna não-na abana. — 160—162 A Alça se o tempo, e vai de foz em fora, Dos sentidos convem todos se alive, E que ouça, veja e viva, ora por ora. — 160 B Alça se o esprito e vai de foz em fora. — 163—165 A De tudo (que ja muito me detive) Faz a conta que faz de nevoa e vento, Passou se a corpo alheo e ali se vive. — 163 B De tudo quanto o m. p. r. — 164 B (como dizem). — 167 A Que por cousa nenhũa que aconteça. — 168—169 *Faltão no MS.*

I se acaba o seu bem onde começa:
Faz como a aguia aos filhos que os engeita
Se a vista ao sol de algum ve que enfraqueça.
Assi toma ós cuidados conta estreita,
E aquele que o seu bem craro não ve,
Não é dos seus, a conta em nada é feita.
Ali se abraça sô com a sua fe
Não quer de tudo mais, i se adormenta.
Que riqueza grandisima aquela é
De que ũa parte vive e outra o não senta!

173 B E aquele que ser bom claro não ve. — 174 A num nada a conta é feita. — 175—176 B E assi sô abraçado com sua fe, Sem querer nada mais i se adormenta. — 176 A N'ela s'envolve, n'ela se adormenta. — 178 A De que outrem viver possa e ela o não senta. B Que ũa parte sô viva, outra não senta.

Parte Terceira.

Poesias que Sâ de Miranda mandou ao Principe Dom João

pela terceira vez.

O nosso MS. diz: Outra parte de obras de Francisco de Sâ que tambem mandou ao principe nosso senhor.

110.

Soneto XXIII.

Tardei, e cuido que me julgão mal,
Que emendo muito e que emendando, dano.
Senhor, que hei grande medo ao desengano,
D'este amor que a nos temos desigual.

f. 51 v. Todos a tudo o seu logo achão sal:
Eu risco e risco, vou me de ano em ano.
C'um dos seus olhos sô vai mais ufano
Felipe, assi Sertorio, assi Anibal.

Ando cos meus papeis em diferenças!
São perceitos de Horacio, me dirão.
Não posso em al, sigo o em aparenças.

Quem muito pelejou, como irá são?
Quantos ledores, tantas as sentenças.
C'um vento velas vêm, e velas vão!

J f. 30 v. A f. 2 A tercera vez mandando-lhe (v. Son. I) mais obras. B f. 1 v. *Sem rubrica alguma.* — 3 A Senhor por que hei gram medo ao mao engano. B Ah senhor que hei gram medo ao mao engano. — 4 A que nos temos. *N. M. de* A: Ne possim meis conceptis aliquid perdere. — 8 A Philippo. — 11 AB Em al não posso. — 13 B Tantos ledores.

Fabula do Mondego.

III.

Fabula do Mondego.

A el Rei nosso senhor.

1. Inclito Rei que d'este al otro polo
De trofeos enchis, abriendo, al Nilo
Del Tajo, nueva luz i nuevo dia
Mudando en esto la natura estilo,
Dando os Neptuno el mar, dando os Eolo
Los vientos, armas Marte, a la porfia,
Por la zona que ardia
(Dizen) continuamente,
Vuestra animosa gente,
Los portugueses, a que nada espanta,
A vos, señor, los ojos i a la santa
Empresa lealtad propria i de abuelos.
Que los miedos encanta
Gran denuedo venció grandes recelos.

2. Mientras al mar vermejo el otomano
Poder, usado tanto a vencimientos

J f. 36v. A f. 68—81v *e* B f. 9—22v Fabula do Mondego. A el Rei dom João o III. *Val por Egloga I.* — 1 B que de uno al otro polo. — 2 A Enchistes de trofeos. — 3 AB Desde el Tajo luz nueva i nuevo dia. — 4 B Trocando. — 6 AB Sus vientos i a. M. — 8 A En brava, continuamente. B Volando osadamente. — 10 B a quien nada espanta. *O MS. escreve:* na. — 11 B En vos señor, los ojos i en l. s. — 12 AB i lealtad. — 13 A Contra amenaza tanta. B Que a los miedos encanta. — 14 A tantos recelos. — 15 A Ora mientra al mar rojo el otomano. B nel mar. — 16 A Sobervio de los muchos vencimientos. B Usado a tantos vencimientos.

Por culpa ajena mas que virtud suia,
Ata las llagas, trueca pensamientos,
Temiendo de la vuestra armada mano
Como se empare, como o por do huia
Antes que lo concluia
Del todo i buelva en nada
La vitoriosa espada,
En el comun plazer no haia ninguno
Que no os venga a servir uno i uno!
Io tambien tropezando hasta que caia,
Favor pidiendo alguno
Al estrellado Pan con que a vos vaya!

3. I viendo que bajais vuestros oidos
Por esa tan humana mansidumbre
Al canto pastoril ia hecho osado,
Quiza moveré mas hazia la cumbre
De aquel alto Parnaso, por olvido
I malos tiempos ia medio olvidado.
El bueno, el alabado
Titiro mantuano,
Alzando el cantar llano
Del campo, nos dejó sobrada escusa
D'irmos tras el i aquella ufana musa
Quanto las fuerzas podran sostener,
Como vemos que se usa,
Reconociendo al tiempo el su poder.

---

19 AB Tiembla pensando a vuestra armada mano. — 20 A Busca donde se esconda, por do huia. B Como s'ampare, o como d'ella huia. — 23—24 A La vuestra luenga espada Alto señor, no falte aqui ninguno. — 24—25 B En el comun plazer ninguno quede Que no os venga a servir con lo que puede. — 25 A a uno a uno. — 27 B Veré si me concede. — 28 B Nuestro e. P. — 30 A amable mansedumbre. — 31 A medio dañado. — 33—34 A Del mui alto Parnaso por olvidos Malos i malos tiempos olvidado. B D'aquel alto Parnaso mis sentidos Que d'el estava ia medio olvidado. — 35 A Aquel tan alabado. — 39 A De irmos tras la su Talia ufana musa. B De correr tras su leda, ufana musa. — 40 A podrán abranjer. B pueden sostener. — 41 A Haremos lo que se usa. — 42 B el tiempo i su poder.

1. Entre el gran Tajo i Duero, el buen Mondego
En tiempo *Munda* asi de limpia agua i clara
Va se por su campo paseando
f. 52. Que sale donde el monte lo apretara;
El trabajo vencido, entra el sosiego
I como vencedor va triunfando
Ado agora cantando
Juntas las nueve hermanas,
Del favor vuestro ufanas,
Acordadas se mueven i en concierto
Salen de aquel ñublado al aire abierto
Cantando el vuestro nombre, i subil-lo han
Al cielo, su alto puerto,
Do tales reis por tales obras van.

2. Ribera d'este caudaloso rio,
Riquisimo de pastos i ganado
Huvo un noble donzel de nacimiento,
En edad tierna huerfano dejado,
Sin padre i madre, sin hermano o tio,
Libre señor de un largo heredamiento.
El, visto antre otros ciento
Hermoso, apuesto, i tal
Que a ser el principal

1 A Duero i Tajo. B i el Duero. — 2 A Ia Munda (que es dezir clara agua i pura). B Un tiempo Munda (tal es su agua clara). — 3 A Se va por los sus campos paseando. B Iendo se por sus campos paseando. — 4 A Parece que saliendo d'estrechura. B Saliendo donde el monte le apretara. — 5 B en sosiego. — 6—8 A I quedo a su ciubdad (*sic*) muestra va dando Donde aora cantando Las hermosas hermanas. — 10—11 A Se mueven juntas en cuento i concierto Que salen del ñublado al descubierto. — 11 B Saliendo del ñublado. — 13 B Del cielo al alto puerto. — 15 B Riberas. — 17 A zagal. — 18 A sin padre dejado. — 19 B o madre. — 19—23 A Sin madre, sin hermano, en señorio Libremente del largo heredamiento: El puesto entre otros ciento Donzel apuesto i tal A ser el principal.

No gesto, o cuerpo, o gracia le faltava.
Antiga fama que era lo arraiava
De sangre de Gerion que a tantas lides
Ante sus greis se armava,
Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides,

3. Cuia venida ado aquella agua baña
Los campos de Coimbra, por nembranza
Una alta torre de Hercol lo publica,
Por suia i tambien nuestra alabanza,
Como aquellas colunas que la España
De Africa parten en distancia chica.
Tras esta multiplica
Otra i otra señal,
Un arco triunfal,
Las grotas i edificios romanos,
Los luengos, aquedutos, ia mal sanos,
Que la han de antiguedad enoblecida,
Segun las nuestras manos
A sus obras mal dan años de vida.

4. Mas sobre todo que la enriqueció,
La antiga tierra mia, es el tesoro
Del santo cuerpo de su rei primero
Que en un dia venció tanto rei moro
Quando aquel rei maior le apareció
Erjido qual estuvo en el madero
Por el padre heredero

24 AB No cuerpo, gesto. — 25 A Antiga i comun fama lo arraiava. B Antiquisima fama le a. — 27 B su grei. — 28 B fuerte Alcides. — 29 A donde. — 30—32 AB ha i tal memoria De una alta torre de su nombre rica Por suia juntamente i nuestra gloria. — *O MS. anda falto do verso* 32 *que devia acabar em ansa. A lição que introduzimos no texto é hypothese nossa.* — 33 A Como las dos colunas que esta España. B Como aquellas columnas que a la España. — 34 B con distancia chica. — 36—39 B Una i otra señal: Tanto arco triunfal, Tantas las grutas i e. r. Tantos los aquedutos ia m. s. — 42 B dan mal. — 43 *O MS. escreve:* so sobre. B lo que enriqueció. — 44 A A la noble ciudad e. e. t. — 46—49 A Que en el campo venció t. r. m. Quando otro rei maior le apareció Por nosotros erguido en el madero I aquel padre primero. — 49 B Por el padre primero.

Que con el bien no pudo,
Causa que en vuestro escudo
Real se ven pinturas tan divinas
De tales, tan catolicos reis dinas.
El buen hijo cabe el quiso iazer
Que desplegó las quinas;
Sangre a Guadalquebir hizo correr.

5. Bolvamos al Mondego que en tal parte
Tanto a su sabor va que no se siente,
Bien como otro Meandro en sus rodeos.
Ende, en un bosque cabe de una fuente,
Rica de la natura i pobre de arte
Vió se una ninfa tambien sin arreos
Que aciende de altos deseos.
Graciosamente andando,
Graciosamente estando,
f. 52v. Como que recogia el aire al lleno;
Iva cantando con vulto sereno,
Tejiendo una guirlanda de flores
De que el bosque era lleno
Sobre verde variado en mil colores.

6. Ca todo era ende, do se detuviera
La ninfa hermosisima, cubierto
De arboledos floridos que se alzavan

51—53 AB Por lo qual vuestro escudo Real lleva pinturas tan divinas De tales reis i tal misterio dinas. — 52 tan *falta no MS.* — 56 B I a Guadalquibir sangre hizo correr. — 57—59 A que a esta parte Ora a aquella se va suavemente, Otro nuestro Meandro en sus rodeos. — 60 AB Ende al pasar de un bosque i d'una fuente (B *sem:* i). — 63 AB Divina en sus meneos. — 64 *e* 65 AB *Têm os 2 versos transpostos.* — 66—69 AB Un blando (B Blando) aire respirava al (B el) prado ameno; Ella cantava i juntamente el seno Enchiendo se iva de diversas flores De que el campo (B el prado) era lleno. — 70 A de mil flores. *O verso entrou por erro de imprensa na estrophe seguinte como se fosse o 4º d'ella; e a lista das Erratas não emenda bem dizendo:* Falta a regra seguinte: Sobre verde variado en mil colores. — 71 A Al fresco bosque en la calor se entrara. B Que todo. — 73—74 A De sauces que en el alto se abrazavan (*bis. A segunda vez:* lo alto).

Mucho, casi a medida i cuento cierto.
Del rio de una parte, i del monte era
De otra cercado que lo rodeavan;
Las aves convidavan
Con sus blandos cantares
Tomar alli a pesares
Puerto, quien a sazon mejor arriba;
La fuente mana de una peña biva,
Escondida a pastores i al ganado,
Que dulcemente se iva,
No sé que murmurando por el prado.

7. Viene la ninfa vestida de nieve,
Entretejidas de oro flores raras,
Al viento las madejas de oro fino;
Vencen sus ojos las estrellas claras,
Los delicados pies por flores mueve:
Quanto ve se i no ve, todo es divino.
Un cuerpo mortal dino
Nunca fue de tal ver,
I quando hubo de ser
Nunca se aconteció sin grave daño:
Enjemplo es de Acteon el caso estraño,
Que trasformado en ciervo, corre el campo
Un cazador tamaño
Huiendo al su Panfago i su Melampo.

8. Ella cantava aquel cuento famoso
De la blanca Diana i rojo Apolo,

---

74 B Todos quasi en medida. — 74—76 A Quasi en cierta medida i cuento cierto. D'un cabo el monte, d'otro el agua clara Como a perfia que lo rodeavan. — 78—82 A Con su dulce armonia Tomar Amor por guia Al que en el bosque solitario arriba; Una fuente manava en peña biva, Escondida a los hombres i al ganado. — 81 B piedra viva. — 82 B a ganado. — 85 AB Nieve la Ninfa, el vestido de nieve (B i el vestido nieve). — 87 B En las sueltas madejas d'oro fino. — 89 A Los blanquisimos pies. — 90 A Quanto ves i no ves. B Quanto se ve i no ve. — 93 A Si hubo de acontecer. — 96 A Que en ciervo transformado. — 98 A el su Pamphago. B i al su Melampo. — 99 AB cantar famoso. — 100 A i el r. A.

Hermosisimo parto de Latona,
Que no le dan con tales hijos solo
(Siquier por breve espacio) algun reposo.
La triste i sin aiuda de persona!
Tuvieron la corona
De crudos i villanos
Los Licios aldeanos,
Ranas agora viles que han tal hecho,
Turbando el agua, de comun derecho
Devida a todos; pide la en merced,
Sus dos hijos al pecho,
De calor muerta, de cansacio i sed.

9. Diego (que tal nombre el mozo habia)
Acaso alli llegó, busca sosiego
Viniendo de sus cazas fatigado.
Ah triste! adonde vas? Todo ende es fuego!
El bosque, rio, aquella fuente fria
Son llamas bivas! Buelve atras cuitado!
De su suerte llevado,
La ninfa en oteando,
— Como aqui vine o quando?
(Dijo) o ado me estoi? Ojos, que veis?
f. 53. Oidos que a tan alto os estendeis!
Ai dioses inmortales, no me sea,
Contra todas las leis,
Por culpa habido aqui cosa que vea!

102 A con los sus niños. — 104 A Perseguida sin le aiudar persona. B Aflita sin aiuda de persona. — 105—108 A Comun fama apregona Que las que ora son ranas En fin siempre villanas Licios malsines que le habian hecho. — 108 *O MS. escreve:* agora agora. — 109 B Negando. — 110—112 B que ella de merced Con sus hijos al pecho Les pide muerta de cansacio i sed. — 111 A Tales hijos al pecho. — 113 A (que el donzel tal nombre habia). — 114 A arribó. — 115 A Que bajava del monte fatigado. — 117 AB el rio. B i esa fuente fria. — 118 A Todo arde en llamas. — 122 A o do. B io donde estoi? — 123 *O MS. escreve:* entendeis. B Sentidos que tan alto os estendeis. — 126 *O MS. escreve:* q̄ aiudo. B havida.

10. Ora ella, que sintió de ojos mortales
Su divina beldad ser ofendida,
Gimió, dejando el canto, contra el cielo,
De la su cara la color perdida,
I juntamente todas las señales
Del plazer fuidizo idas a vuelo.
I como hizo el mozuelo
Troiano, no pudiendo
Sufrir su cuita, ardiendo
Echó se al agua. Alla por lo escondido
A los ojos fuió, que no se vido
Despues aca antre nos en parte alguna:
Diego esvanecido
Como una piedra mira a la laguna.

11. Habia Amor dispuesta a la sazon
El pecho, en antes duro i zahareño,
Avezado a las cazas de las fieras,
Que Amor tenia en nada de pequeño.
Por lo qual a su tiempo i ocasion,
Vengativo qual es, dió le de veras.
Diziendo: — Ora tu que eras
Tan atrevido i loco,
Ternás en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga.
Vengó se el niño ciego. Ora te venga
Si tanto puedes. — Frio Diego está,
Oió la curta arenga,
Sintió el gran golpe. Amor burlando va.

---

127 AB La ninfa que. — 128 AB Su beldad inmortal. — 129 A Dejado el campo gimió. B Gimió dejando el canto. — 130 AB Del gesto hermoso. — 131—132 B vueltos los señales Del plazer fuidizo en pena i duelo. — 132 A vuelto en duelo. — 133 A I como aquel mozuelo. — 139—140 A El mozo esvanecido Sin ojos mecer, mira a la laguna. — 142 B de antes. — 143—144 A Usado a cazas de las bravas fieras Despreciando amor desde pequeño. B Avezado a la caza d. l. f. Ia despreciar Amor dende pequeño. — 145 AB Por lo qual acechando la ocasion. — 147 A Mas tu q. e. — 152 A Diego frio está. — 153 A la dura a. B la cruda a. — 154 *O MS. escreve:* bulando. A bolando.

12. Despues, como de sueño alto despierto,
Aca buelve ojos, buelve alla pasmado,
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano;
I qual ir vemos un desasisado,
Asi se mueve cómo por acierto:
Ora corre, ora para i grita en vano!
Goza se Amor villano
De como, en poco trecho,
De Diego un otro ha hecho,
De como por el agua entra sin tino
Quanto entrar puede. No sabe el mesquino
Lo que haze o que haga a aquella cuita suia,
A aquel furor divino
Donde o como lo atienda, o por do fuia.

13. Dezia a mil sospiros: Puede haver
Lugar adonde quepa un bien tamaño
En todo este cercado aca del cielo?
Aquel bien solo que igualava el daño,
La tanta claridad donde esconder
Se puede por mi cuita i desconsuelo?
Quien me alzaria a vuelo
f. 53v. Que busque este aire todo?
Quien me dará algun modo
De todas rebolver las aguas dentro?
Quien me abrirá la tierra hasta su centro
Que siempre vaia, i nunca vuelte atras

156 AB Los ojos buelve aca i alla pasmado. — 159—160 A Alli se mueve el triste sin concierto, Ora para, ora corre i g. e. v. — 161 B Gozó se. — 164 B Viendo le por el agua entrar sin tino. — 165 A Todo turbado, no sabe el m. — 165—166 B que no sabe el mezquino Lo que hazer deva a aquella cuita suia. — 168 A En que modo lo atienda. — 169 AB Dezia a gritos: Como i pudo haver. — 170 A Lugar en que cupiese. B Lugar a do cupiese. — 172 B del suelo. — 174 A A tanta claridad. B como esconder. — 175 A Se pudo con igual mi desconsuelo? 177—180 A Para que este aire todo Busque i que tenga modo De entrar i rebolver las aguas dentro? Quien me abrirá caminos hasta el centro Que vaia siempre i nunca buelva atras. — 177 B Buscando el arte (*Err.?*) todo. — 180 B buelva atras.

Por feo o duro encuentro,
Hasta que llegue a dar donde tu estás?

14. Que podeis ia aqui ver, ojos coitados?
Ora mas alto, ora mas bajo el rio,
Ora al amigo mal, ora al pariente,
Ora grande calor, ora gran frio,
Las roñas, los mil males de ganados,
Las renzillas que van continuamente,
El luengo año que miente
A tantos de sudores
De pobres labradores,
No basta trabajados, mas hambrientos;
Ielos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida i grave niebla, aire corruto,
Tantos desabrimientos,
Del tiempo o mui lluvioso, o mui enjuto.

15. Todo quanto este mundo en precio tiene
Oro, plata, riquezas que ansi aplazen,
Toda aquella beldad nos es estraña,
Sola costumbre afuera que nos hazen,
Que nada o poco d'ellas nos conviene.
El fuego hermoso todo quema i daña;
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Alla quanto aparece

---

181 B Por fiero i duro encuentro. — 181—182 A Por malo o bueno encuentro Hasta que vaia a dar donde tu estás? — 184 AB Salvo ora bajo, ora mas alto el rio? — 185 A Ora mal al amigo. — 187 A I roñas comun mal de los ganados? B Las roñas, los mas males d. g. — 191 A De nuestros labradores. — 193 B Truenos, ielos. — 194 A i grave lluvia, aires corrutos. — 196 A De tiempos lluviosos, ora enjutos. — 198—201 A Las flores, las verduras, claras fuentes Que hierven al nacer, es como estraña Aquella beldad, si parais mientes Que o nada o poco d'ello nos conviene. — 198 B Riqueza, i flores, fuentes que ansi aplazen. — 200—201 B Por costumbre es la fuerza que nos hazen Que poco d'ello o nada nos conviene. — 205 A B Alla arriba aparece.

De estrellas suso que la noche muestra,
Estan tan altas; es rica la muestra,
Si, mas estraña a nos. No lo era aquella
Que vi i asi presta
Fuió, ai, diosa cierto, i no donzella.

16. A mi mismo soi hecho una enojosa
I mui pesada carga: en igualdad
Me falta ansi lo mio como ajeno.
Pobre en mis bienes que es de haver piedad!
Que basta al corazon que no reposa?
Quien la mano metió dentro en mi seno?
Que se hizo el tiempo bueno
Que me iva a las riberas,
Que me iva tras las fieras
Al rio i al monte? Ai dulce porfia!
Partia ledo, ledo me bolvia.
Como las cosas van mudando el ser!
Ora con que alegria
A casa bolveré? con que plazer? —

17. Iva se Diego ansi devaneando
Por sus locuras que fin no tenian,
Muchos cansacios sin algun provecho,
Idos los unos, otros que venian,
Consigo de contino peleando.
f. 54. Va batalla cruel dentro en su pecho;
De amor i de despecho
Aca i alla llevado,

206—209 AB Tanta d'estrella, que la noche muestra Mas estan altas: es rica la muestra, Estraña a nos; pero no lo era aquella Que vi i ansi tan presta. — 210 A Se fue: ninfa inmortal, que no donzella. — 212—213 A I grave carga: ai que en igualdad Soi falto de lo mio i de lo ajeno. — 215 A abasta. — 216 A Quien tal fuego encendió dentro en mi pecho (*Err. por* seno). — 218—221 A Tras peces por los rios, Por los bosques sombrios Tras de las fieras: que alegre porfia! Viniendo ledo, mas ledo bolvia. — 220 B A cazar i pescar, con que porfia! — 226—228 A que cabo no tienen. Unos i otros cansancios sin provecho Los unos idos, los otros que vienen. — 227 B sin ningun provecho. — 232 A A revezes llevado.

Ora vence un cuidado,
Ora vence otro, el triste hecho pedaços,
Con sus contrarios siempre, siempre a braços,
No viendo que consejo deje o siga,
Confuso de embarazos,
A la fortuna se rende enemiga.

18. Un dia por alivio de su mal,
Ende venido con la su vihuela
Que otro tiempo preciada ser solia,
No como ser solia se consuela,
Mas descordado el triste i desigual
Dejava ora el tañer, ora tañia.
Puesto en tal agonia
Huvo de comenzar
El lloroso cantar
De Euridice i de Orfeo, antigo cuento.
Caen lagrimas vanas, lleva el viento
Muchos sospiros, tiempos mui diversos
Traiendo al pensamiento.
En fin soltó la lengua en estos versos:

19. — Huiendo el atrevido de Aristeo
Euridice en el prado peligroso
Mordida cae. Cruelisimo aperto
A buenas ninfas, mortal al quejoso,
Al solo, al lastimado, al triste Orfeo
Que entre muertos la sigue antes de muerto.

235—238 A Con tal contrario lidiando a brazos, No viendo que camino deje o siga, Envuelto en embarazos A la fortuna se rinde su enemiga. — 235 B Con sus contrarios lidiando a brazos. — 237 B entre embarazos. — 238 A su enemiga. B Riendo-se (*Leia-se:* riende-se) a la fortuna su enemiga (*N. M.:* Rindió se). — 239 AB U. d. (vano alivio de su mal). — 240—244 A Alli viniendo con la su preciada Sampoña (que otro tiempo ser solia), Estuvo un rato en haver la acordada, Desacordado el triste i desigual: Deja o. e. t. — 240 B Alli venido. — 252 B Al fin. — 254 AB al. — 254 AB ponzoñoso. — 255 AB cruel caso por cierto. — 256 A A las sus ninfas; cruel al quejoso. — 256—258 B Dejando al triste, dejando al quejoso, Al pobre, al lastimado solo Orfeo Que entre muertos la busca antes de muerto.

Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce i tan liviana-
Mente tocó como el, su mal cantando,
Como el tañendo, Euridice llamando!
Euridice en respuesta el valle da!
Quando se asienta, i quando
A las lagrimas buelve, i quando va.

20. De una merced de Amor (dijo) forzado
Si ante tiempo me haveis, como fizistes,
(A vos mismas juzgar, sombras, lo dejo,)
Si os mueven a piedad las cosas tristes,
Un solo corazon a entramos dado,
Partistes me lo ansi? d'esto me quejo.
Si el sol de que me alejo
Que ve todo, ver pudo
Tan feo caso i crudo,
No tengo nada ni sea nada el daño.
Amor me trae aca, trata me engaño
Deseo que esperando se consuela.
No os parezca estraño:
Tiempo os pido i no mas, poco i que vuela.

21. Todo se os deve en fin; corre a la muerte
O cedo, o tarde quanto alla aparece,
I nuestro cedo o tarde a vos que es? nada.
A mi que al alborando se escurece
(Ah crueldad!) mostraran me mi suerte
Por lastimar me, mas luego tomada.
Ver una frol pisada

263 A i Euridice llamando. — 267 B dize, privado. — 270 B los casos tristes. — 272 B Quitardes me lo ansi. — 273—275 A Si aquel sol que atras dejo Que todo ve, ver pudo Jamas caso tan crudo. — 273 B quien. — 274 B Que vió tanto v. p. — 276 AB No tengo en nada ni sea nada el daño. — 277 B trae me engaño. — 280 B Tiempo os pido no mas. — 282 B parece. — 283 A I el nuestro c. o t. — 284—285 AB A mi que amaneciendo me anochece Fue me amostrada (B mostrada) la mi rica suerte. — 286 A Que entre vel-la i no ver fue quitada. B I entre ver i no ver me fue quitada.

Primero de cogida,
f. 54v. Ver la fruita caida
Que al buen primero odor mal tiempo estraga,
Mieses de algun turbion o de arte maga
Dañadas cansa en ver la vista i ciega.
Mirad la cruel llaga
Que os muestra Amor por mi piadoso i ruega.

22. Que no me trae aca codicia estraña
De los vuestros tesoros encubiertos,
No loco atrevimiento, i no maldad
D'espiar los caminos i los puertos
Escuros que el gran lago estigio baña:
Trae me solo amor! busco piedad!
Si sola crueldad
Aca so tierra se usa,
Que no me valga escusa
I no me valgan lagrimas ni ruego,
Sombras que os vais por aire seguro i ciego
I que ia de mi la maior parte haveis,
Dezid que es esto, os ruego?
Porque una no quereis, otra quereis?

23. No me lo haiais echado a presuncion
Mas a gran cuita que me fuerza i guia;
Venza esta noche la mi llama buena!
Si aca de amor conocimiento havia
Como alla suso, oió me a tal sazon

288 AB que cogida. — 289 AB perdida. — 290—292 A Que al primer buen odor el viento estraga, Miese del temporal o de arte maga Tollida, es daño que la vista ciega. — 295 B aqui. — 297 B ni maldad. — 298 B o los puertos. — 299 B Del reino que. — 300 A trae impiedad (*Err.?*). — 301 B Si tanta crueldad. — 301—302 A I si tal crueldad En estas partes se usa. — 304 AB Que no m. v. — 305 A Sombras que os is por estos aires ciegos. — 306 AB Que ia de mi la maior (B mejor) parte huvistes. — 307 A A fuegos o sosiegos. — 308 A otra quesistes. B i otra quisistes? — 309 B No me lo echeis por dios a presuncion. — 311 A De amor forzado i de su llama buena. — 313 A No sé que ia d'esto oí me a tal sazon. — 313 B Como vimos alla nel gran Pluton.

Que del gran nombre suio oiera apena.
Mas claro alla se suena
El como, donde, i quando,
Proserpina buscando,
La madre aca abajó, i satisfecha
Bolvió, (siquiera en parte) d'esta estrecha
Ansia. Respire triste un poco aqui.
Mi mal que os aprovecha?
Del bien no os cuesta mas el no que el si.

24. Al son de las palabras piedosas
I de la vihuela i voz divina
Que de su mano Amor todo acordara,
Todo lo enternece por donde camina:
Bajaron las sus crines espantosas
Las tres hermanas; Caron lo esperara
Con mas amiga cara,
La su barca asegura;
De fea acatadura
Por tres bocas huviando el can Cerbero,
Oiendo el dulce, oiendo el lastimero
Llanto, lloró, dejando aquella puerta,
De que era antes portero
Tan duro, de piedad al viento abierta.

25. Estuvo luego queda aquella rueda
Del padre de Centauros; las hermanas
Con los sus vasos ninguna acudió

314 B Que del mostró tener no poca pena. — 315 A Alla suso se suena. — 316—318 A Aca bajo llorando Ceres, aca buscando Su dulce fija bajó que satisfecha. — 315—316 B Claro entre nos se suena De donde, como i quanto. — 320 A Pena: respire aqui. — 322 AB Del bien que os. — 324 A D'aquella lira dulce i v. d. B I de la lira blanda i v. d. — 326 A Todo enternece por donde encamina. B Todo lo enterneció por do camina. — 328—331 A Las sus (*Leia-se:* tres) hermanas, blando se le para Caront, sin vela o vara, Pasó sin remos la barca segura De fea catadura. — 329—331 B Serenando la cara De fea catadura En su barca segura. — 333 A Oiendo al dulce, oiendo al lastimero. B Oiendo el triste. — 336 A por piedad. — 338—339 AB Del centauro atrevido: las hermanas, Nietas de Belo, ninguna acudió.

Al vano oficio; quedas las manzanas
De Tantalo, i la su agua estuvo queda,
Su sed, su sangre, todo se aquedó;
El butre no comió
De Ticio las entrañas.
Vino a las soterrañas
Casas de Pluto, palacios reales;
Cantó, tañió, lloró tan bien sus males
f. 55. Que Euridice le fue dada, con lei
Que en reinos, infernales
No mire atras. Asi le plugo al rei.

26. Todo promete amor, todo lo espera
Cumplir, pueda o no pueda. Buelve ledo,
Sigue callada Euridice tras el,
Ora denantes quien tanto de miedo,
Tanto trabajo por amor venciera,
Venció lo amor, no se fie nado del.
Voltó se! i solo aquel
Aire escuro abrazando,
En vano va llamando
Por ella que esvanece. Amor ingrato
Juega estos juegos. No puede el contrato
Real quebrar se, no la lei firmada.
Dize de rato en rato:
Quanto fuera mejor nunca haver nada!

27. Echado de alla dentro, ante las puertas
De duros diamantes, luengamente
Dijo a si mismo mal, i a los muros

---

341 A la su agua. B i su agua. — 342 AB su hambre. B todo se aquietó. — 343 A no tragó. B no roió. — 346 B Casas del gran Pluton palacios reales. — 347 AB Tañió, cantó. — 353 A Euridice callada. — 354 A Ora aquel que denantes tanto miedo. B Ora aquel que antes d'esto tanto medio. — 356 A Burló lo en fin. AB nadie. — 357 A Voltó se a ella; i aquel. B Bolvió se. — 359—360 A En vano suspirando La sigue que esvanece. — 362 A su lei. — 365 B aquellas puertas. — 366 AB De firmes diamantes. — 367 A Maldijo aquellas cuevas i altos muros. B Maldijo muchas vezes i a los muros.

Altos echó la vihuela impaciente
Quanto mas lejos pudo; aquellas muertas
Sombras crudas llamó, reinos escuros,
Los dones mal seguros
En tal parte alcanzados.
De dioses nunca usados,
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Sabeis qual es firmeza? i qual verdad?
Mirar con que intencion otren os ofende
Amor i humanidad,
Qual es aquel cruel que lo defiende? —

28. Ansi cantava Diego, i no pudiendo
Con la gran cuita que a desora crece,
A mas vanos remedios se acogia.
Cae se la vihuela, i no se estrece
Que no viese visiones. Va corriendo
Como furioso de malenconia,
Miente le toda espia,
Nunca cuenta concluie;
Del campo a casa fuie,
De casa fuie por los campos llanos.
Tomados tantas vezes a las manos
Mis engaños (dezia) o lo que es esto?
Conozco os por vanos
I bolveis me a burlar luego tan presto?

29. Bien veo que los dioses ofendidos
De mi se vengan como mas les plaze,

368—373 A La vihuela echó lejos impaciente, I mil vezes llamó sombras inciertas I aquellos dioses mil vezes escuros, Los dones mal seguros Por demas alcanzados, En reinos nunca usados. — 368—369 B Arrojó la vihuela impaciente Quanto mas recio pudo, i aquellas muertas. — 375—376 B Ni saben que es firmeza i que verdad Ni mirar la intencion si les ofende. — 376 A Ver bien con que intencion otre os ofende. — 381 AB mil remedios vanos. — 382 AB Olvida la sampoña i no s'estrece. — 383—384 A eis corriendo Va como furioso a la porfia. — 387 B a caso (*Err. P*). — 390 A o que se es esto. — 392 B a engañar. — 394 A como a ellos plaze.

No midiendo la pena con el ierro.
Io que puedo ende hazer? el alma iaze
Como por muerta, iazen los sentidos
Cargados d'este mal como de hierro.
A las sabiendas ierro,
No lo puedo enmendar.
Ia fuera de pasar
Quanto mal entre dia se me ofrece,
Mas, ido el sol que todo se escurece,
f. 55 v. Forzado buelvo a casa, i luego al lecho
Que vuelta se recrece!
Que sobresaltos van dentro en mi pecho!

30. Los mis ojos gran tiempo ha que pusieron
El buen sueño en destierro, i si ende llega
Alla de fuera, el buen reposo deja,
Va se volando por la noche ciega.
En su lugar visiones sucedieron
Todas de miedo que mucho me aqueja.
El alma se me aleja
A mui grandes jornadas.
Seran presto acabadas
Estas pendencias. Diran los pastores
Unos que fue locura, otros que amores,
Maldicion otros, quiza asombramiento
I si ha i males peores
Haran, triste de mi, cuentos sin cuento.

31. Quantos votos se hizieron i que aiunos,
Estrañas devaciones desusadas!
Quantos cuerpos de cera se ofrecieron!

401—402 B Pudiera ia pasar Todo el mal que. — 404 A Forzado de ir me a casa, i triste al lecho. — 407 B pusieran. — 408 A en degredo. — 409 A De fuera lejos, el reposo deja. — 411 B I en su lugar visiones sucedieran. — 416—417 A Estas pendencias vanas: los pastores Diran que fue locura. — 418 A Contaran otros que fue asombramiento. B Otros que maldicion o asombramiento. — 420 A Haran cuentos de mi, triste, sin cuento. — 421 B se hizieran. — 422 A Que devociones tan exprimentadas. B Que estrañas. — 423 B se ofrecieran.

Quantos de tierra por encruzijadas!
Mas los dioses, a ruegos importunos
Sordos, hazia otra parte se bolvieron.
Que altura no subieron
Por montes sin caminos
Los rimances divinos,
Cantando do la nieve el monte esmalta
A todo tiempo, que en parte tan alta
Crên ser oidas mejor las sus prezes.
Nunca esperanza falta,
Falta lo que se espera muchas vezes.

32. Como un pino en el monte, combatido
Del impetuoso viento en la tormenta,
A quantos lo ven pone en recelo,
Los truenos amenazan, arrebienta,
El fuego por las nubes eis-lo erguido,
Eis-lo como que va caiendo al suelo,
Hasta tanto que el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo i no viendo
El bravo raio en sus vueltas desciende.
A aquel postrero mal quien se defiende?
Queda un tronco quemado i cuento breve
A quien pasa por ende
O busca alli quiza que a casa lleve.

33. Los males que pasando el tiempo cura
(Como vemos que el haze), pues que va

424 A en las encruzijadas. — 426 A Hazia. — 427 AB Que alturas. B Que altura no subieran. — 428 A De montes. — 429 A rhitmances. B romances. — 430 AB el suelo. — 430—434 A Quiza pensando en parte tan alta Seren oidas mejor las sus prezes, Pero la suerte es falta, Esperanza no falta Mas falta lo esperado muchas vezes. — 435 A Como un pino alto al m. c. B el pino. — 437 AB que lo ven. — 438—440 A llueve i venta, Va creciendo el pavor con el ruido, Por el feo aire van ramas a vuelo. — 440 B Ex lo corvo. — 444 A El fiero raio. B en vueltas mil desciende. — 446 *O MS. escreve:* Que de. AB un cuento breve.

A tal priesa, dezia, no son males;
Este sí, que este es mal, que ansi se está
Aqui de espacio, i del tiempo no cura,
Un tan cierto remedio a los mortales.
I si las inmortales
Almas, de aqui partidas,
Del todo escaecidas
Van de quanto aqui vieron por baldio,
Este amor o que se es, este mal mio
Do quiera que io de aqui sea llevado,
f. 56. De olvido el hondo rio
Seguro pasará junto a mi lado.

34. I si lo que esta tierra no fue dina
Poseer mas luengamente, anda cantando
Fuera d'este aire grueso en otro claro
I por otras riberas paseando
Que digan con la su beldad divina,
A que estoi me aqui mas? A que me paro?
Que no busco aquel raro
Lugar que ella esclarece,
A do nunca aparece
O niebla, o sombra, mas siempre es de dia?
Ella me fuese la mi buena guia
De aqui partiendo que siquiera vea
Que una ora amanecia
Tras una noche tan larga i tan fea! —

---

452 B aqui se está. — 453 B Tanto a despacio. — 456 AB de aca partidas. — 458—459 A Se van de quanto vieron por baldio, Todavia este amor, este mal mio. — 458 B aca vieran. — 460 B fuere llevado. — 461—462 A El soterraño rio D'olvido pasará junto a mi lado. — 464 AB Tener mas luengamente, anda cantando. — 465 A grueso, escuro, amaro. — 466 A Por otras sus r. p. — 467 A la tal beldad d. — 468—472 A Que m'estoi aqui mas? A que me paro Sin buscar aquel claro Aire que ella esclarece, Donde nunca aparece Una ora escura, i siempre el claro dia? — 472—474 B Sombra ni niebla i siempre es claro dia; Ella me sea pues mi buena guia Partiendo me de aqui se quier que vea. — 475—476 A Que en fin le amanecia Despues de tanta noche escura i fea. — 476 B tanto larga i fea.

35. Fueron oidos inciertos i estraños
Sones por el callado de las noches
Que de los lechos sueño afuientavan;
Fueron vistas fantasmas de sonoches
Que oiendo i viendo niños tiernos de años
A pechos de las madres se apretavan;
Alto dia volavan
Las aves inimigas
De luz, con sus antigas
Desaplazibles gritas i alaridos;
En las manadas bueis davan bramidos,
Que era una piedad solo en oil-lo,
Bavados i transidos
Desde el toro maior hasta el novillo.

36. Los gruesos campos sembrados de trigo
Bueno i escogido davan vana avena
I joio que la gente embovecia;
Quien sembró mucho i quien no tanto, la pena
(La fama que no muere, me es testigo)
Con la simiente nunca respondia;
Alzava se i ponia
El sol sin claridad;
Temió se aquella edad
De una noche sin fin o mucho luenga.
Quien quereis por seguro que se tenga
Entre tantos de males por camino,

477—483 A Fueron oidos como uvios estraños Por el callado de las luengas noches Que el sueño por gran rato afuientaron, Fueron vistas visiones de sonoches Que espantados los niños tiernos de años A pechos de sus madres se apretaron, Alto dia volaron. — 477—480 B Fueran oidos inciertos i estraños Sones por el silencio de las noches Que el sueño de los lechos ahuientavan, Fueran vistas visiones de sonoches. — 485—486 A De luz, con sus cantigas Poco agradables, antes alaridos. — 486 B Desapazibles. — 488 A vel-lo i oil-lo. B solo el oil-lo. — 490 B Dende. — 492 A Candial hermoso. — 494 *Todos os textos escrevem:* a pena. A O que mucho sembrase, o mucho (*Err. por* poco?) a pena. — 496 A La su propria semiente recogia. — 500 A o al menos luenga. — 502 A de contino? B Entre tanto cuidado tan contino?

De tanta de contienda?
En fin quando le plugo, el hado vino.

37. Ve te, buen Diego, en paz que en esta tierra
El plazer de hoi no dura hasta mañana,
I dura mucho quando te desplaze.
Alla agora no ves la vision vana
Que tanto te aqui hizo luenga guerra
Ardiendo el pecho que ora frio iaze.
Lo que los satisfaze
A tus mas claros ojos
No son vanos antojos
De que ha i por estos cerros muchedumbre,
Mas siempre una paz buena i clara lumbre.
Contentamiento cierto te acompaña,
No tanta pesadumbre
Del rio, de la valle i la montaña.

f. 56v. 38. El acontecimiento piedoso
Sabido por los lugares vezinos,
Aiuntó se la gente a nuevo llanto
I nuevas alabanzas: los caminos,
Eran llenos de madres sin reposo
Timiendo de sus hijos que aman tanto.
A todos hizo espanto
Que lo han oido i visto
Un mal tanto mal quisto,

---

503 A Llevado asi a la luenga. B Entre una tal contienda. — 504 A Al fin determinado el hado vino. B En fin, quando le plugo al hado, vino. — 506 A Si ha i plazer hoi. — 507 B quanto desaplaze. — 508 A Agora ia no ves la sombra vana. — 509 A Que tanto aqui te f. l. g. B Que aca viniendo te hizo tanta guerra. — 510 B el cuerpo. — 511—512 B Lo que alla satisfaze A tus ia claros ojos. — 514—518 A Que veas i no veas juntamente, Mas siempre la paz buena alli se siente: Cierto contentamiento te acompaña No tanto de acidente De quantos van por esta tierra estraña. — 515 B en clara lumbre. — 518 B Como aca va por esta tierra estraña. — 519 AB doloroso. — 520 A Sabido por los lugares convezinos (*Leia-se:* por lugares). B Sabido por lugares convezinos. — 521 AB Aiuntó luego gente a n. ll. — 525 A causa espanto. — 526—527 AB Que lo han visto i oido Un mal no conocido.

Un mal que nunca vió se entre los males.
Dizen como pasmados los zagales:
Diego es muerto! divinos cônsejos!
Si van se ansi los tales,
Que será de nosotros zagalejos?

39. Havian ende erjido de maderos
Como una tumba, havian la cubierto
De rama escura toda, al derredor
Teas de pino por el campo abierto
Que van haziendo de fuego carreros
Voltando una mas breve, otra maior.
Pasado aquel fúror,
Plañido asaz i asaz,
Estando un poco en paz,
De aquella escura tumba al edificio
Dió se le fuego, como en sacrificio.
Llevantan se alaridos desiguales;
Dijo uno, que es su oficio,
A las cenizas palabras finales

40. Las quales, recogidas luego alli,
En alto las pusieron. Puson mas
La vihuela i caiado i honda (luego
Que el tirando dejava el viento atras).
I todo junto el verso dijo ansi:

---

531 B Si ansi se van los tales. — 533—534 A Havian se ende erguido que dijeras Que era un gran monte, havian cubierto. — 535 A todo. B Toda de rama oscura al derredor. — 536—538 A Teas de pino ardian sin concierto Por esos campos, no claras lumbreras, Señal a todos del comun dolor. — 537 B Quando fuego haziendo mil carreros (*Leia-se:* Que ivan de). — 540—543 A Des que plañido asaz, Un poco estando en paz, Dió se le fuego al monte de la cumbre, Ardiendo baja aquella pesadumbre. — 542—543 B el edificio Al fuego dió se c. e. s. — 545 A Dijo uno por costumbre. — 546 B Ruegos a la ceniza funerales (*Mudado na lista das Err. em:* a las cenizas). — 547—550 A Despues cogidas ellas luego alli En alto las pusieron, puson mas La sampoña i caiado, puson luego La honda que dejava el viento atras. — 548—549 B Fueran puestas en alto i fueran mas Caiado, honda i vigüela puestas luego. — 551 A B un verso.

Despojos ante tiempo del buen Diego.
Ia que esto huvo sosiego,
Porfiaron pastores
A cantar sus loores,
De amor i muerte acendidos en saña.
Aiudados de ingenio i buena maña,
Colgaron se epitafios diversos.
De la nuestra montaña
Vino un pastor, tañió, puso estos versos:

Epitafio:

41. Buen Diego, el inimigo a las postreras
Tus honras vino: Amor. Ende quemó
El arco i las sus flechas lastimeras,
Lloroso i desarmado se partió.
Secaron se laureles i las heras,
El ganado a pacer no se bajó.
Todo te da señal de su tristura,
Los hombres lloros i la sepultura.

A el-Rei.

f. 57. Cantado havemos la vida i la muerte
De Diego, luengamente alli plañido.
Lloró la ninfa Neiva i ninfa Lima,
Esta que fue llamada agua de olvido,
Esotra, de su fuente hasta do vierte
Su vasillo en la mar, de mucha estima.
La fama por encima

556—558 A De amor i muerte plasmando tal saña, Mandó los sus ingenios toda España; Huvo epitafios varios i diversos. — 556 B Condenando de muerte i amor la saña. — 559 A De aca d'esta montaña. — 561 A el tu enemigo. — 561—563 B El enemigo Amor a tus postreras Honras vino buen Diego i alli quemó Su arco. — 565 B Secaran se. — 567—568 A Todos dieron señal de su tristura, Los hombres esta negra sepultura. — 568 B Plantas, hombres, ganado i sepultura. — 569 A Señor el ia cantado duro acierto. B Cantado os he, señor, la vida i muerte. — 571 B Por las hermosas ninfas Neiva i Lima. — 572—574 A Esta llamada el agua del olvido, Estotra del comienzo hasta su puerto Do se entra por la mar, de mucha estima. — 573 B Estotra.

De montes i de rios
A estraños señorios,
Contando el caso, voló sin sosiego.
Ora del rio Munda i del buen Diego,
Por su luzillo tanto alli cercano,
Es agora *Mondego*
Que parte el vuestro reino lusitano.

43. Por grande prueva del antigo cuento
Conforme a lo que os he, señor, contado,
Parece de Coimbra en el pendon
Qual lo vemos al aire desplegado,
La ninfa a modo de un encantamiento,
Que la guardan un drago i un leon.
I por justo blason
Si el reino lo apregona
Que es alli su corona,
A la ninfa corona fue añadida
Que por el agua va medio metida
Quanto mano pintar la pudo hermosa,
Pero como ofendida,
Toda alterada i toda desdeñosa.

44. Otros dan tal pintura a la donzella
Que nombre dió a los montes Perineos,
De Hercol por amor despedazada;
El cuerpo de alimañas, de deseos

578—581 A Voló el caso contando sin sosiego. Ora del claro Munda i del Diego El su lusillo erguido alli cercano Mudó el nombre al Mondego. B Llevó volando el caso sin sosiego. Ora del claro Munda i del buen Diego Por su losigo alli tanto cercano Trocó el nombre en Mondego. — 583 A Por nueva prueva. B Por cierta prueva. — 584—586 A Que mi flaca Talia os ha cantado Conservó lo Coimbra en su pendon Como hoi cada año al aire desplegado. — 587 AB en forma de u. e. — 588 AB guarda. — 588—589 B un gran drago i u. l. I confuso blason. — 590 AB Pues que el r. pregona. — 593 A Que hermosa va por el agua metida. — 596 AB Turbada toda i toda desdeñosa. — 598 AB Que dió nombre. — 599 AB Hercules. A con amor. — 600 AB El cuerpo de las fieras, de deseos.

El alma, mientras busca i se querella
I, buscando lo a el, no teme nada.
Otros que fuese una hada
Quieren, medio serpiente
Que el mismo en oriente
De si incinta dejó: dejó le un vaso
Rico por que bevia. Ora del caso
Vos sabeis todo, a quien nada se escaece,
Musas del gran Parnaso;
A nos el tiempo todo lo escurece!

601—602 AB El alma, mientras sola se querella, I que (B Que) buscando lo a el, no teme nada (*Na lista das Err. de* B *dis se:* buscando lo a el *diga:* Porque estando con el). — 603 A Otros a aquella hadada. B Otros a aquella hada. — 604 AB Que fue medio serpiente. — 605 A I que el contra oriente. — 606 AB en cinta. — 607—608 A Por que bevia. En fin qual fuese el caso Vos lo sabeis a quien nada escuece.

Egloga III.

Celia.

19*

112.

Ao Infante Dom Luis.

1. Serenisimo infante, a quien se deve
Hervor de Esmirna o Mantua, a quien el mio
Quando mas se alza es una fria nieve
Del siempre helado Boote i del tardio,
(Mas vemos que en las partes do no llueve
Es deseada la niebla, es el rocio,
I no se puede de contino andar
Armado por la tierra i por la mar),

2. Las musas, quando Vuestra Alteza andava
Buscando las empresas de si dinas,
Que juntamente tremia i sudava
f. 57v. Africa toda en ver las altas quinas
De aquel real guion, quando asomava,
Alla que os cantarian mas vezinas,
Oiste las quiza cantar de veras:
Oil-las heis aca como estranjeras.

J f. 50. A f. 97v—105 Egloga (III) Celia. Ao Iffante Dom Luis. B f. 22v—32 Celia. Ao Iffante Dom Luis. Egloga Segunda. E f. 17—27 Egloga (III) Ao Infante Dom Luis. *Está porem em redacção tão differente das tres outras que vai como nova na P. IV No.* 165. — 2 A Fuego de Esmirna. B Calor de Esmirna. — 3 AB Quando mas arde. — 5—6 AB Mas, gran señor, en partes do no llueve La niebla se desea i el rocio (B o algun rocio). — 7—8 A I no se puede continuamente estar, En armas i atalaia, i pelear. — 10 A A las altas empresas de si dinas. — 11—14 B Que temblando toda Africa sudava Quando del real guion las santas quinas Via que a sus confines asomava, A sus fuentes las vistes mas vezinas. — 13—14 A De su real guion q. a. Vistes las a sus fuentes mas vezinas. — 15 AB Entonadas mejor i mas de veras.

3. Por ora pasar se ha Tunes entrado
A fuerza de armas, i dende fuido
Qual va el tirano, todo arrabiado
Del miedo i de las mañas socorrido.
De Hercol un ladron Caco infamado
Por honra haver deviera ser vencido.
En fuegos se embolvia i fumos vanos,
Fiava se en los pies mas que en las manos.

4. Al santo Rei Luis, con tanta gente
Cruzada, i Carlo el quarto denegó se
(De Francia entramos) lo que hasta el presente
A Carlo quinto i Luis reservó se.
La vezina Cartago juntamente
De sus antigos daños recordó se,
Temblavan africanos corazones
Viendo venir a si dos Cipiones.

5. Ah los juizios ciegos de cristianos!
Ah furias infernales! ah pecados!
Que en vuestra sangre ensuziais las manos
A tanto sabor de arrenegados!
Havia os Jesu Christo hecho hermanos;
Deshazeis os crueles a bocados.
Tantas banderas, tantos capitanes
I dejais la ciudad santa a los canes!

---

17 AB callar se ha. — 18 A escondido. — 18—22 B A pura fuerza i el tirano huido Todo lleno de miedo arrabiado, I solo de sus mañas socorrido: Por honra aquel ladron Caco afamado Tener deviera ser de Hercol vencido. — 19—20 A Qual va huiendo el tirano apretado De las fuerzas maiores constreñido. — 21 A De Hercules u. l. Caco afamado. — 23—24 A En humo se embolvia i fuegos vanos, Fiava se en huir. — 24 B Fiando se en los pies. — 25—30 B Lo que al santo Luis con tanta gente Cruzada i a Carlos quarto denegó se, No solos ellos mas todo el poniente, A nuestros Luis i Carlos reservó se. La antigua i gran Cartago impaciente De sus pasados daños recordó se. — 26 A i Carlo quarto. — 27—30 A lo que ora al presente A vos en nuestra gloria reservó se. La antiga i gran Cartago juntamente De los daños pasados recordó se. — 32 B Viendo juntos venir d. C. — 33 B Mas ah, juizios. — 36 A tamaño. B A tan grande. — 37 A Aviáros (*Err.*). B Haviendo os. — 38 AB Deshazei vos. — 40 *O MS. escreve:* tanta.

6. Quando será aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda fortuna
Que algo de envidia a tanta gloria muestra?
Quando será que io vea una laguna
De sangre infiel vertida d'esa diestra,
Io que lo cante al sol, cante a la luna?
Triunfos, quanto a vos, mucho devidos,
Deseos, quanto a mi, mucho atrevidos!

7. Finalmente, señor, puesta a de parte
La espada un poco, el alto, el mui entero
Juizio nos lo bolvé a estotra parte
Do se entra por la mar turbado el Duero.
Poco aca, mas con fe, mas con poca arte
Cantan pastores al modo estranjero.
Corren lagrimas justas sin parar
Mientras Neiva tambien corre a la mar.

---

42 A Armada mano se rinda la fortuna (*Leia-se:* se rinda fortuna). B Mano armada se rinda la fortuna. — 45 A vertido. — 49 B puesta de parte. — 50 AB Por un poco la espada, el verdadero. — 51 A I alto juizio buelva a aquesta parte. B Juizio nos bolved a estotra parte. — 52 AB Donde entra. — 53 AB I donde con gran fe.

Egloga.

Celia.

Pastores: Aurelio; Mauricio; Amaro.

Aurelio.

1. Que quiere, oh mi Mauricio, dezir tal
Uviar de perros, como a la porfia?
No sé que se han. Cierto es que algun gran mal!
Aves de noche vuelan entre dia,
Lobos sangrientos, tan bravo animal,
Vien se al poblado de la serrania.
No ves el mal gusano? i que pesares
Se ha hecho de las huertas i pomares?

f. 58. 2. Una mula ha parido en nuestra aldea
I las vacas no paren; er caió
Del cielo un breve que no ha i quien lo lea
Son crego o fraile que misa cantó;
Con dos cabezas (cosa estraña i fea)
Un borrego i seis pies diz que nació;
Como gallos nos cantan las gallinas;
No se vieron hogaño golondrinas.

---

3 B sean. Cierto es algun gran mal. — 4 AB Aves nocturnas. A dentre dia. — 5 AB Lobos tan bravos de su natural. — 6 A Vienen se a la aldea de la serrania. B Bajan a la aldea d. l. s. — 8 B viñas i pomares. — 11 A i no ha i q. l. l. — 12 A Son fraile o crego. AB que ia misa cantó. — 14 A Un poldro con seis p. B Un potro i con s. p. — 15 A Como gallos cantaron las g. — 16 A No vinieron. B I no se vieran.

3. Vemos muertos caer se los bezerros,
Caen las madres de otra parte muertas,
Tantas desaventuras, tantos ierros,
Del todo son las causas encubiertas!
Llamas de fuego por los altos cierros
Caen, corre el mal hasta las puertas,
Señales que de ver nunca pensamos;
Guarde dios de peligro a nuestros amos!

4. Ca dizen que ferió por su cabaña
Un raio; caió luego ende un zagal,
Si lo que muchos cuentan no me engaña.
Ai, no nos haga dios tanto de mal!
Venza la su piedad la justa saña
Que tiene contra nos i da señal.
No miras quantas vezes se estremece
La tierra firme, como se enflaquece?

5. Que el noble donzel que aqui cercano
Con tanta nuestra esperanza creció
Quando el la voz divina con la mano
Tambien divina tañiendo acordó.
Luego alli nos dijo un viejo anciano
(Ai de lo porvenir quanto que vió!):
Presto que te arrepientes, cruel hado:
Quando das tanto don, de havel-lo dado.

---

17 AB los borregos. — 19 AB Los ojos que tal ven, paran se ciegos. — 20 A De todo. B Que las causas del todo son encubiertas. — 21—22 AB Vuelan de noche por los aires fuegos Que carreras atras dejan abiertas. — 23—24 A Cosas que nunca vimos ni pensamos; Dios nos guarde de mal los nuestros amos! — 25 B Ca se dize que hirió. AB por la cabaña. — 26—32 AB Del buen Alonso un raio, aquel pastor Que apacienta lo mas de la montaña. Ah no nos tenga el cielo tal rancor! No parece sino que dios se ensaña: Amor en nos no ve, prueva el temor. No ves quantas de vezes se estremece La tierra? Antes tan firme, ora enflaquece. — 33 A Aquel noble zagal. B Aquel noble donzel. — 34 B Con tal nuestra esperanza se crió. — 37 AB Luego a vozes lo dijo un viejo cano. — 39 AB Quan presto te a. — 40 A En dando un grande don de havel-le dado. B Quando das tanto bien.

6. En verdad que io lo vi que no quisiera
Havel-lo visto; llevó lo el palacio;
Crecia a ojo. Ai ai quanto que fuera
Mejor i mas seguro ir se de espacio.
Cuentan espantos del, fuer de manera;
Mas a tal priesa cierto está el cansacio:
Sea del cuerpo, esprito o de ventura
A acabar presto va quien se apresura.

7. Mas bolviendo à nosotros, pastor bueno,
Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de maldad tanta el mundo lleno,
Alla los viejos van, van los zagales,
Estoi confuso, mal duermo i mal ceno.
Temiendo tantas culpas capitales,
He miedo (mira bien en lo que digo)
Que quando espero mas, crezca en castigo.

Mauricio.

8. Agora acabo de entender que solo
Eres que aun no sabe el grave daño
D'este nuestro concejo, que asoló lo
Todo por tierra; tanto es mal tamaño!
f. 58 v. Aquel todo su bien muerte llevó lo!
Quanto aqui vemos, como es todo engaño!

---

41 A *É Mauricio quem continua.* AB Por cierto que io lo vi. — 42 A llevó se lo e. p. — 43 AB Crecia en todo a ojo. Quanto fuera. — 44 B a despacio. — 45 AB Cuentan milagros del des que alla fuera. — 47 A Sea de cuerpo, spiritu. B Sea de sprito o cuerpo. — 48 AB A cansar presto va. — 51 B Q. de tal maldad el m. ll. — 52 A i los zagales. B Que alla. — 53 B i mal duermo. — 54 *O MS. parece dizer:* Teniendo. — 54—56 AB Temiendo a nuestras culpas desiguales, Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda Que imos siempre a correr suelta la rienda. — 57 *A repete aqui* Mauricio, *o que faz presumir ou que a estrophe antecedente pertence a Aurelio ou que a rubrica:* Mauricio *antes da estr.* 6 *é Errata.* — 57—58 AB Agora, Aurelio, entiendo que tu solo Eres el que aun no sabe (B que no sabe) el grande (B grave) daño. — 60 AB Como por tierra un caso duro i estraño. — 61 A Aquel bien suio, la muerte llevó lo. — 62 AB Quien pensó ver tan presto un mal tamaño?

Ai nuestra Celia es muerta! Ai breve cuento!
Tan dina de infinito sentimiento!

Aurelio.

9. Como! i es muerta Celia! i pudo muerte
Hazer aunque cruel, tal crueldad?
Como? Iva se todo asi por suerte
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto, asi a desora, se convierte
En nada todo, en humo, i en vanidad?
Triste de mi! De vida ia Celia es fuera!
Quien pude tal oir que no se muera!

10. Dejemos la beldad que ella tenia
Por cosa vana, (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado via;
Mas en cuerpo tan sano alma tan sana
Que para nos, no para si bivia.
Como la muerte fue tanto villana!
Cortó la tela ante tiempo, sañuda!
Dejó tanta de gente aca desnuda.

11. De Amaro i que será? solo dejado
Por claro enjemplo de una escura vida,
Como por muestra, como por dechado?
A nos será ella corta, a el mui complida.
Quan presto tanto bien se ha trastornado!
Aquella nuestra esperanza, ado se es ida?

---

63 A Nuestra. B La nuestra. — 64 A Tan dino. B Mas dino. — 65 A Asi que es muerta Celia? B Como! que es muerta Celia. — 67 A Como? i todo va se a. p. s. B Pues como? va se todo ansi por suerte? — 69 AB Tan presto tanta gloria se convierte. — 70 A En nada? estado fuerza i fresca edad? B En humo, en nada estado i fresca edad? — 72 AB Quien oie tal tambien que no se muera? — 78 B Que pudo muerte ser tanto villana? — 79 B ordiendo se sañuda. — 80 A Deja. B Dejando tanta gente a. d.? — 82 AB Por raro ejemplo de una triste vida. — 83 B i como p. d. — 84 AB a el complida. — 86 A Ai bienes falsos, ai vana i fingida. B Ai bienes falsos, ai muestra fingida.

En un punto asi vuelta en viento, en llanto?
El vel-lo no aprovecha tanto o quanto.

Mauricio.

12. Pues aun no sabes bien lo que pasé
Alli con el; combate desigual,
Era el dolor devido, pero fue
El impetu primero irracional,
(No de hombre maguer barbaro i sin fe,)
Sin alma, sin razon, todo infernal.
Quiso bolver se a si como enemigo
Son que huvo de lidiar antes comigo.

13. Quanta vez que el esprito vi cuitado
Partir se tras el santo suio d'ella,
Quedar se el cuerpo alli desmamperado
Del todo, como que era ido tras ella.
Dende a buen rato, todo trabajado
Bolver de nuevo alli! quanta querella
I que de gritos dava tan sin tino,
Los unos tras los otros de contino!

14. Cruel Celia, dizia, ansi me dejas?
Quien te me hizo cruel? no me responde!

87—88 A Muestra que a la desora buelve en daño, Va nos ansi engañando d'año en año. B Que ansi nos va engañando de año en año I siempre al recoger se buelve en daño. — 90 A Digo con el combate desigual. — 90—91 B Con el en el combate desigual; Era justo el dolor, empero fue. — 93 AB No (B I no) de hombre aunque barbaro i sin fe. — 94 A Sin alma i sin razon, todo bestial. B Sin alma, sin razon, bruto i bestial. — 96 A Son que lidiar cumplió le antes comigo. B Mas huvo de lidiar antes comigo. — 97—100 A Quantas vezes que el alma vi cuitada Partir se tras la santa suia d'ella, Dejando el cuerpo alli como un nonada Solo tendido como que iva a vel-la. — 97—104 B Quantas vezes que al alma del cuitado Visto he partir tras l'alma santa d'ella, Dejando el cuerpo alli desamparado Solo tendido como que iva a vel-la. Dende a buen rato el triste en si tornado Vuelto de nuevo al llanto i a la querella, Gritos mil iva dando alto i sin tino, Unos tras otros siempre de contino. — 101 A toda trabajada. — 103—104 A I que gritos tan altos, tan sin tino Unos tras otros dava de contino.

Señal que ia no·las oie, estas mis quejas!
Tan lejos la llevaron! (Triste, adonde
Te me han llevado?) Celia, ansi te alejas
f. 59. Sin memoria de mi? quien te me esconde?
Quien huiendo se va, dezid me, oh quien
Huiendo se me va con tanto bien?

15. Luego bolvia: eis que mas piedosa
I blanda como siempre, nunca esquiva
Me buelve a ver; mas como tan pensosa?
Dejad me alla salir, que cierto es biva
Si no me engaña esta alma porfiosa.
Que es esto? Ado se fue? mudada que iva
I quanto, oh triste! toda de otra mente
De la Celia que io vi primeramente.

16. Quantos de desvarios! que sin cuento
De desconciertos dijo! i que de antojos!
Que de fantasmas via andar se al viento!
Siempre enjutos i tiesos los sus ojos,
Parece del sobrado sentimiento.
Havian traspasado los enojos
De a quanto llegar suele el dolor malo:
Era contino furor sin intervalo.

Aurelio.

17. Ai Celia! quantas lagrimas devidas
Te son! i quantas, si remedio diesen

---

109 A Te me han, Celia, llevado? a. t. a.? B Celia te me han llevado? a. t. a.? — 110 AB Sin mas piedad de mi? — 113—114 A Luego bolvia: veis que piadosa Veis como siempre blanda i nunca esquiva. — 114 B Como siempre mas blanda i nunca esquiva. — 115—117 AB Me buelve a ver? mas como tan cuidosa? Dejad me alla salir (B llegar) a ver si es biva O si (B se) me engaña esta alma deseosa. — 123—125 AB I de (B Que de) fantasmas veia en un momento, Tiesos i siempre enjutos los sus ojos, Dezian (B Parece) que del mucho sentimiento. — 126 *Falta en* A. B El humor congelaran los enojos. — 127—128 A Todo i en todo dado al dolor malo, Un contino furor sin intervalo. B Al fin dado del todo al dolor malo Era el rezio furor sin intervalo. — 129 AB Oh Celia. — 130 AB I quantas te eran si lagrimas nos diesen.

A cosa alguna de mas a las vidas
Por quien costumbre quiso se vertiesen
En vano tantos tiempos, si no havidas
De los mas sabios por flaqueza fuesen.
No digo mas de si ni mas de no
Son que causa terná quien nos las dió.

18. Aquel dolor que va turbando dentro
De cuerpo i d'alma todos los sentidos,
Pasando al corazon que es el su centro,
Las lagrimas de alla manda i gemidos
Que abran camiños a aquel duro encuentro;
Sino, que es fuerza, siendo detenidos,
Con el fuego encerrado i las centellas
Ardan las casas i el señor con ellas.

19. Mas en quanto se van nuestras manadas
A su sabor, nos de Celia cantemos;
Si las zampoñas estan acordadas?
Si no que presto las acordaremos.
Despues de nos vernan muchas vegadas
Pastores de que nada ora sabemos;
I cantar lo han a sombra de estos pinos,
De alto responderán montes vezinos.

---

131 A Remedio alguno de mas a l. v. B Remedio alguno a las pasadas vidas. — 132—134 A I de otra parte si havidas no fuesen De los mas sabios por mal entendidas I aun por flaqueza si ge lo creiesen. B I si por otra parte ellas no fuesen De los que saben mas mal recebidas I si a flaqueza no las atribuiesen. — 136 AB Soncas causas terná. — 138—141 A El cuerpo todo con los sus sentidos I pasa al corazon que es el su centro, Lagrimas de alla manda i los gemidos Que abren caminos. — 138—139 B Del cuerpo, el alma, i todos los sentidos I pasa al corazon. — 141 B Que los caminos abren al duro encuentro. — 143 AB Que alla encerrado el fuego i las centellas. — 145—149 A Por tanto, amigo, ruego te, (acordadas Nuestras sampoñas que aqui las tenemos) Mientras que van buscando las manadas Algo que coman, nos Celia cantemos; Que despues cantaran muchas vegadas. — 146—149 B Paciendo a su sabor, Celia cantemos; Si no estan las sampoñas acordadas, Luego con brevedad acordar las hemos; (*N. M.:* las acordemos) Que despues cantaran otras vegadas. — 151 A Cantaran. B Cantar le han. AB a la sombra.

Mauricio.

20. Que podria, oh mi Aurelio, hazer por ti
Que mas de grado hiziese, aunque estoi roco
Del llorar mucho i poco que dormi?
Cierto no me falta nada de loco,
f. 59v. Pero cantemos, pues mandas ansi.
Mucho el deseo, lo que puedo es poco
Mas, sin andarmos por otras escusas,
Diré con la su aiuda i de las musas:

Canta:

21. Sorriendo se está Celia de quan ciega
Es la vista mortal i quanto enferma,
Semejante a aquel juego que se juega
De ojos cubiertos que tan mal aherma!
Ella ve todo, i juntamente ruega
Por la su gente i diz le que no duerma.
Con estrañable amor diz que es pequeño,
Es un no nada el plazo, es alto el sueño.

22. Ve plazeres de aca, ve los enojos
Como son vanos; pienso cierto e creo
Que a menudo hazia aca buelva sus ojos
Donde de si dejó tanto deseo

---

153 AB Que podria io, Aurelio. — 154 A aunque estoi tal. B aunque tan roco. — 156—160 A De mi parte no sé; mas tal o qual Cumpla se todo por amor de ti! Que aventuro contigo en bien ni en mal? Pero comenzaré sin mas escusas Con buena aiuda d'ella i de las musas. B Que no me falta nada para loco. Mas cantemos, pues tu quieres ansi, Que el deseo es grande, si el poder es poco. Luego comenzaré sin mas escusas Con buena aiuda de ella i de las musas. — 160—161 *A rubrica:* Canta *falta no MS.* — 161—162 A Está sorriendo Celia de la ciega Nuestra vista mortal atanto enferma. — 162 B Es nuestra mortal vista i quan enferma. — 164 AB aterma. — 166 A i dize que n. d. — 167—168 AB De contino amonesta que es pequeño Es (B Que es) un nonada el plazo, es (B i) grande el sueño. — 169—170 AB Bien ve que los plazeres, los enojos Nuestros son vanos, pienso cierto o creo (B i creo). — 172 A Donde dejó de si. B A do dejó de si t. d.

I aquellos sus riquisimos despòjos,
El cuerpo; aquel precioso i grande arreo,
Sus hijos (como en vida ella dezia),
Aquel su amor tan dulce parecia.

23. I viendo quantas lagrimas por ella
Derramamos aca sin algun fruto
Inchiendo este aire de tanta querella,
Mesando nos, cubriendo nos de luto,
Sabiendo si llegasemos a vel-la
Que luego todo se veria enjuto:
Buscais me alla en la tierra, dize, *i errais,*
Do buscar me deveis, no me buscais.

24. *Mi bien o que plañis? No la turbeis*
Amigos, la mi paz, sola esta es vida,
Muerte esa que por vida alla teneis;
Un punto, un no sé que, la mas complida;
En vanas esperanzas no os fieis.
La estada incierta, cierta la partida.
De muerte en muerte andais i veis quan presto
Una lleva la vida, olvido el resto.

25. *Hasta quando sereis niños chiquitos*
Que se andan trebejando sin parar?
Cubre se uno la cara, alzan los gritos
Los otros con tal ronca hasta pasmar;

173—176 A I donde aquellos sus altos despojos Del cuerpo, donde sus joias i arreo, Los hijos (como en vida ella dezia) I donde la fiel su compañia. — 174—176 B A su cuerpo, a sus hijos i su arreo Que ser ellos en vida, (ella dezia,) I su tan fiel i dulce compañia. — 178 AB Se derraman aca. A tanto mas fruto (*Leia-se:* tanto sem fruto?). B sin ningun fruto. — 179 A Enchiendo el aire. B Enchiendo todo este aire de querella. — 180 B i cubriendo. — 182 B bolveria enjuto. — 183 AB alla tan bajo (dize) errais. — 189—190 A En vanos pensamientos no os fieis. Ai quan cedo que alla todo se olvida. — 190 B es cierta l. p. — 191 A no veis. — 192 AB Una la vida mata, olvido el resto. — 193 A Quanto tiempo sereis niños chiquitos. — 194—195 AB De los (B D'estos) que andan burlando a su plazer? Tiñe se uno la cara, eis (B eis que) alzan gritos. — 196 A De miedo i van corriendo al mas correr. B Los otros van le huiendo a mas correr.

Descubre se el, los niños mozalvitos
Caen se todos de risa a la par:
De las rugas burlais, blanco el cabello,
Burlais miedo al morir, que es como aquello.

26. *Lo que de mi preciais, es poca tierra*
Que ia nada siente, es lo que siempre fue.
En vos sentidos vencen paz i guerra,
Son en sus manos; va sola la fe.
Qual de vosotros sus sueños aferra?
I soñais todavia, a no sé que
Deseos, vanamente asi estimados;
Que matan deseando i alcanzados!

f. 60. 27. Estés por siempre, buena Celia, en gloria
I siempre en fama qual dejaste aqui;
Deve se tal corona a tal vitoria
Del enemigo, del mundo, i de ti,
Duros contrarios que en nuestra memoria
No sé vencidos quien los haia ansi:
Derechamente corriste a la palma,
Dejaste el cuerpo atras, avante el alma.

28. No como aquella Atalanta ligera
Que perdió la vitoria del correr
Por el engaño que se le fiziera
Con que soñó con oro i hermoso haver,
Ricas manzanas, una, otra, i tercera.
Diran que engaño fue mas que vencer.
Mas que aprovecha ligereza al moro
De su grado metido en hierros de oro?

197—198 AB Lava se el gesto, buelven los loquitos Riendo (B Riendo se) hasta de risa se caer. — 200 B Mostrais miedo. — 203—205 AB Lo menos cierto os haze cierta guerra, Is vos tras lo que veis, no tras la fe; Qual de vosotros sus sueños aferra? — 206 AB no sé que. — 208 A i ia alcanzados. — 210 AB Alla i en fama qual dejaste aqui. — 211 AB Devió se. — 213 AB Tales contrarios. — 214 A vencido. — 215 B tu fuiste. — 216 B Dejando. — 217—224 *Faltão em* AB.

Aurelio.

29. Ai compañero, i con que mezina
Ungiste la mi llaga honda i cruel;
Que brevage tan dulce i que divina,
Que remedio a medida i por nivel.
D'aquel mal que me huviera muerto aina,
Tu me libraste de las manos del!
Hiriera me el dolor que haia mal grado,
Haias lo bueno tu que me has curado!

30. Ora (que es la mi deuda), amigo, escucha
Quiero ver mi zampoña si ha tambien
Cobrado aliento de la angustia mucha,
Que arrevezes se van el mal i el bien.
Caiendo i llevantando como en lucha
Las mieses con el viento van i vien.
Ora la nuestra Celia me llevante
Para que d'ella taña i d'ella cante.

Canta:

31. Alzó se d'estos bajos Celia a vuelo,
Dejó la tierra como aborrecida,
Sobre las nuves pasó cielo a cielo,
Mató la sed en la fuente escondida.

---

225 A Oh buen Mauricio. AB medecina. — 226 A honda, cruel. — 227 A Con tan dulce brevage. AB i tan divina. — 228 AB Que me diste (B Me) por medida i por nivel. — 229 A A'quel (*i. e.* A aquel) mal muerto que me huviera aina. B El mal que ansi me huviera muerto aina. — 230 A Tu me salvaste. — 232 A sanado. B librado. — 233—235 A Agora pues tal es, amigo, escucha, Provaré la zampoña se ha tambien Cobrado aliento tras la angustia mucha. — 233 B Ora pues que es mi deuda. — 234—236 B si tambien Cobrado ha aliento de la angustia mucha, Que a las vezes se van el mal i el bien. — 238 AB Las ondas. — 239 A Ora la buena Celia se levante. B Enfin la nuestra Celia me llevante. — 240—241 *A Rubrica falta no MS.* — 241 AB d'este bajo. — 242—244 A Dejó la tierra que d'ella era indina Pasó, nuves, pasó de cielo a cielo, Mató la sed en la fuente divina. B De todo de la tierra aborrecida Pasó las nuves, pasó cielo i cielo Mató la sed en la fuente de la vida (*Leia-se:* de vida).

Cesen los llantos, cese el desconsuelo
Que ella a fiestas nos llama i nos convida:
No se oigan aqui mas si no cantares,
Dezid me los a cientos i a millares!

32. Oigan pues todos, oh! que Celia es nuestra,
Hoimas es de mortal hecha inmortal!
Quien no lo ve? a quien no lo demuestra
Claramente tal vida i muerte tal?
Quan diferentes tierras que le muestra
Iendo la su guia angelical.
Bolved todos por ende en vuestras menguas
A aquella el corazon, bolved las lenguas.

f. 60v. 33. Oh buena, oh santa Celia! estos estremos
Que viste i de alla ves de temporales!
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni aun a nos, si no nos vales.
Quanto hogaño sudamos, lo perdemos,
Trabajo i costa a tanto de los males.
De alla arriba remedio nos alcanza
De todo nuestro bien, todo esperanza.

34. Demuestra de alla aquel amor tan santo
Que de nos estos tuios te encendia,

---

246 A Que ella nos llama a fiestas i encamina. — 247 A N. s. o. mas aqui salvo cantares. — 249—250 A Oian me todos que la Celia nuestra Es hecha, de mortal que era, inmortal. B Oí, pastores todos, Celia nuestra De mortal que era, es hecha ia inmortal. — 253 A fiestas. B cosas. — 254 A Su guia (a toda parte) angelical. B Alla su santa guia angelical. — 255 B Bolvamos todos pues en nuestras menguas. — 256 AB A Celia el corazon. B bolvamos lenguas. — 257—258 B Socorre, oh santa Celia, a estos estremos Que van aca entre nos de temporales. — 258 A i ves de alla. — 260 AB ni para que, si tu no vales. — 261—264 A Quanto sudamos, quanto que hecho havemos, Todo fue por demas; a tantos males De dios algun remedio nos alcanza, A los tuios hoimas cierta esperanza. B Todo quanto sudamos, lo perdemos Que por demas es todo, en tantos males De dios algun remedio nos alcanza, De todo nuestro bien cierta esperanza. — 265—266 AB Demuestra nos de alla, Celia, aquel santo Amor que de los tuios te encendia.

A buen troque de amor que era otro tanto.
Nuestro bien, nuestro mal en ti se via,
Con quanta angustia el mal, el bien, con quanto
Celo de caridad, con que alegria!
Como en la iglesia ve se al grande espejo
El que entra ledo o triste, el mozo, el viejo.

35. A quien iran hoimas en los clamores
Con las sus rogativas i demandas,
Celia, si a ti no, los tus pastores
Con las pastoras, partidas en bandas,
Arrevezes cantando tus loores?
Ellos callados, tejiendo guirlandas
Como a porfia quales mas devotos:
Comieza a costumbrar te a nuestros votos!

36. Ergued aqui conmigo un memorial
Donde a ciertos tiempos de los años
El viejo todo blanco, i el buen zagal
Vengan a ofrecer te sus rebaños
Que ge los guardes de cagion i mal
I malos ojos que hazen tantos daños!
Vernan en su color las zagalejas
Las bocas, las sus caras, las sus cejas.

---

267 A Que amaste tanto i te amaron tanto. B Que tanto te aman, que tu amaste tanto. — 268—269 AB En (B Que en) ti el su mal, en (B que en) ti el su bien se via I con que angustia. — 271 AB Como en la casa. — 273—277 A A quien iran con fiuza en los clamores En las s. r. i d., Son que a ti, buena Celia, tus pastores I las zagalas, partidas en bandas? Ellas cantando d'ellos sus loores. — 273 B de hoi mas con sus clamores. — 275—280 B Si a ti no, santa Celia, tus pastores, I las pastoras, todos en sus bandas Cantando te unos i otros tus loores Tejiendo te unos i otros mil guirlandas, Los unos i los otros tus devotos. Empieza a c. t. a n. v. — 279 A Ellos i ellas todos tus devotos. — 282—286 A Que a cierto tiempo vengan por los años El buen viejo anciano, i buen zagal I juntamente vernan (con) sus rebaños Que de mala cagion guardes i mal De malos ojos q. h. t. d. B Adonde a cierto tiempo de los años El buen viejo anciano i el buen zagal Vengan, Celia, ofrecer te sus rebaños Para seren por ti libres del mal De malos ojos que hazen tantos daños. — 287 A Vernan honestas i buenas zagalas. B Vernan buenas i honestas las zagalas. — 288 AB Manda el bosque vedar, Celia, a las malas.

37. Mas oh que la mui cierta embajadora
Vieja del arco beve a la laguna!
Aguas se esperan luego ora por ora!
Ia de noche lo vi claro a la luna.
Quien lo enarca asi? quien lo colora?
Cuentan (es cierto) que en la gran fortuna
Que de las aguas todo se cobrió,
Dios, por recuerdo i paz, nos lo dejó.

38. Que es esto? O si me engaña el gran deseo?
O cierto que las aguas deseadas
Caeran presto, o soncas que io mal veo:
Las grazas de las aguas apartadas
Como tristes se estan! otras oteo
Entre las nuves ir se, al aire alzadas.
Van se los altos de niebla cubriendo,
Va se el sol emboscado trasponiendo.

Mauricio.

39. Como quien atraviesa un monte ergido
Sin sombras i sin agua a la calor
f. 61. De julio i agosto, un mes i otro cumplido,
Por el demasiado i bivo ardor,
A tanto mal cansacio añadido,
Corre no tibio, mas frio el sudor;
Al fin por una peña agua que caia,
Buelve de muerte a vida el que desmaia:

289—296 *Faltão em* AB. — 299 AB C. p. que señales veo. — 300—302 AB Las garzas van volando en alto alzadas, Mueve se la floresta, a lo que oteo Muestra la luna manchas asombradas. — 303—304 B Los altos van (*sic*) la niebla ia cubriendo I el sol se va en las nuves escondiendo. — 304 A El sol envuelto en nuves escondiendo. — 306 AB en las calores. — 308 A I quando son en toda parte ardores. B I quando en toda a parte (*sic*) hierven ardores. — 309 *O MS. escreve:* un sacio. — 309—310 AB aun añadido Falta el aliento, crecen los sudores. — 311 AB En fin. — 312 A Se buelve luego a vida el que desmaia. B La vida buelve luego al que desmaia.

40. Tanto tus dulces rimas me pluguieron,
I tanto tuvon de fuerza i poder
Que otro me han hecho. Como se perdieron
Entre nos el cantar? como el tañer
Que tanto nombre a los pasados dieron?
Mas dizen me que vienen a correr
Ciertos zagales del Estremadura
Que ora ora asomaran por esa altura.

41. Venid, buenos zagales; con favor
De aquellas blandas musas de Parnaso,
Inchid nuestros collados de sabor
De la suave lira hallada a caso,
Don de los dioses. Vueltos en su loor
Cobrireis de ierva verde el monte raso,
Las claras fuentes de sombras i flores,
De espanto los oidos de pastores.

Aurelio.

42. Oies? o quiza no, Mauricio hermano?
Aquellos gritos son del triste Amaro
Que con la muerte se va mano a mano
Pasado de dolor, de claro en claro.
Han lo como metido a sacomano
Amor i muerte, cierto ejemplo raro
De la fortuna o cruda o invidiosa,
Que aca no le dejó cosa con cosa.

---

313 AB tus dulces versos. B me pluguieran. — 314 *O MS. escreve:* tuvieron. B Tanta fuerza tuvieran i tal poder. — 315 B ah como se perdieran. — 317 AB Que tanta fama a los pastores dieron (B dieran). — 318 *O MS. escreve:* dize dizem. A Mas dizen me que alla vienen a correr. — 319 A Ciertos pastores del E. B Ciertos zagales de la E. — 320 AB Que d'este aire echaron (B echaran) la niebla escura. — 321—328 *Faltão em* A. — 323 B del sabor. — 324 B De la lira suave. — 325 B Cantando a nuestra Celia en su loor. — 327—328 B I a las fuentes de sombras i de flores I d'espanto el oido a los pastores. — 330 *No MS. falta:* gritos. A Aquel por cierto se es el triste Amaro. — 331 AB Que con la muerte va peleando en vano. — 332 AB del dolor. — 334 AB fecho (B i hecho) ejemplo raro. — 335—336 A De la fortuna i de sus embarazos, Con el bravo dolor anda a los brazos. B De la fortuna avara i codiciosa Que no ha dejado en el cosa con cosa.

Amaro.

43. A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñará? o que hago aqui
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entramas se ajuntáran contra mi.
Quedé me ciego, quedé me sin guia!
Parece os este amor dejar me ansi?
Nunca han quesido consigo llevar me,
Nunca tornar me a ver ni a consolar me!

44. Como en el fuego por el monte ardiendo
Vuela alto un lambion, i no aparece,
Mas como a dezir viendo i no viendo,
El humo turbio solo remanece,
Aqui tal claridad resplandeciendo,
Mientras mirava, como se esvanece
Toda tan presto? triste ado me iré
Sin ti? i alla sin ti que me veré?

45. Lastimado de mi! que do solia
Ver te i do me eras cada ora presente,
I todo aquello que entre compañia
Me era vida, me es muerte estando ausente!
f. 61 v. Ojos quebrados i ceguera mia,
Mal que a muerte me hiere a man teniente,

---

338 B io que hago aqui? — 339 B Sin alguna. — 340 A ajuntaron. — 341 A Dejan me ciego, dejan me sin guia. B Solo dejado me han, ciego i sin guia. — 342 B esto. — 343—344 B Consigo no quisieran alla llevar me Ni vuelto me han a ver ni a consolar me. — 345 AB Como una llama. B ardiente. — 346 AB Que presto en alto vuela i no aparece (B parece). — 347—351 A Sale de vista asi viendo i no viendo, El humo solo turbio remanece, Ora tal claridad resplandeciendo Agora, agora como se escurece Ansi tan presto? — 347—352 B De vista se nos pierde encontinente I el humo turbio solo remanece, Otra tal claridad resplandeciente Mientras mirando estava, eis se escurece, Ansi tan presto? triste adonde iré, Sin ti i alla sin ti triste que haré? — 353—354 AB Cuitado! i los (B los) lugares do te via I donde me eras cada ora (B tu siempre) presente. — 355—356 A en tu compañia Me era vida i salud; son me otramente Son ansias, soledad, i cuita mia; Huiendo se va el corazon doliente. B I lo mas que contigo me solia Dar vida, ora la quita crudamente, Con ansia i soledad en compañia Huiendo va se el corazon doliente.

Dejad me ir a buscal-la! i si no viene,
Terná tambien a mi quien me la tiene!

Mauricio.

46. Sintió nos, compañero, i no ha parado!
Mas donde parará quien de si fuie?
Bien como herido corre el gran venado,
Crece corriendo el mal que lo destruie
Con el tiro mortal avenelado,
I ansi, perdiendo la vida, concluie.
No pudiendo alli mas, caer se deja,
Pone a la vida fin, pone a la queja.

47. Mas vamos al lugar religioso,
Que siempre nos será, mientras huir
I tornar el sol veas sin reposo,
Lo que no pudo con Celia subir,
Io digo, aquel su cuerpo glorioso.
Mas que letrero! pon te me a oir.
A que fiestas te llamo i que plazeres!
A las lagrimas tien te si pudieres:

Epitafio.

48. *Santa alma que este cuerpo aca dejaste*
No pudiendo sufrir mas tiempo el peso.

---

359 AB a buscal-lo. — 360 AB Tenga tambien a mi quien me lo tiene. — 362 A Como pararia i ado quien d. s. f.? B Mas como parará. — 363 B Ansi como si herido va el venado. — 365—367 A Que labra el hierro i tiro avelenado Tanto mas con el trabajo la vida concluie Ia que no puede mas, caer se deja. B Que labra el hierro crudo avelenado, I a mas correr la vida mas concluie; Caer, mas no pudiendo, al fin se deja. — 369 B ia religioso. — 370—374 A Ia agora i será en el siempre por venir (*sic*) A todos donde en paz iaze i reposo Lo que de Celia no pudo subir Por ora al cielo; mas oh que sabroso Letrero, Aurelio! Pon te me a oir. B Que en este tiempo i en el que ha de venir Venerado será donde en reposo Iaze el cuerpo que no pudo subir Con Celia al cielo. Mas oh que sabroso Letrero! Para te ora, Aurelio, a oir. — 375—376 AB Verás poner seiscientos por aqui: Tal deseo dejó Celia de si. — 377 A Buena alma que la carne aca dejaste.

No del mundo con que en brega siempre andaste,
De mí piedad te mueva que aqui preso
Al amor de las cosas que tu amaste
Estar me mandas! Ah no basta el seso
A tanta cuita; todo pruevo en vano!
Estiende me de alla, Celia, la mano!

49. Ora abalemos pera el nuestro abrigo,
Que ia silvan, i comiezan las sus cabras
Urriar Pedro, Benito, i Rodrigo;
Otros sueltan los bueis, dejan las labras.

Aurelio.

Si, que es tiempo; mas primero, amigo,
Digamos le aquellas antigas palabras:
Sea te, oh Celia, la tierra liviana,
Nazcan flores aqui! nazca la grana!

---

379 AB Suio, con quien en bregas siempre andaste. — 381 A que aca amaste. — 384—385 AB *intercalão:*

Aurelio.

Este sacó lo Amor de las entrañas
De aquel preciado tamaño pastor;
(B De aquel tan preciado i gran pastor)
No pudieron (B pudieran) las fuerzas ser tamañas
En otro sprito, ni tan raro amor.
Vernan pastores de nuestras montañas
A provar sus zampoñas i valor;
(B Los pastores vendran de las montañas
Provar de sus zampoñas el valor)
Mas quien quieres (B quereis) que iguale, o taña, o cante,
A quien amando asi pasa adelante?

Em ambos os textos é Aurelio quem continua, Mauricio quem acaba a Egloga. — 385—388 B Al fin bolvamo-nos para el abrigo Que ia urriar d'aqui siento las cabras I las ovejas ia Sancho i Rodrigo, Otros sueltan los boies (*sic*), dejan las labras. — 386—387 A Que ia me parece que urrian las cabras, I las ovejas, Toribio i Rodrigo. — 389—390 B Tiempo es de ir, mas primero, Aurelio amigo, Digamos le estas ultimas palabras. — 390 A Digamos le estas devidas palabras. — 392 A rosas. B lirios.

Egloga IV.

Andres.

113.

Egloga Andrés.

Ao duque d'Aveiro.
Neto de el Rei dom João o segundo de Portugal.

1. El congojoso llanto, el temerario
Furor de nuestro Andres, la maravilla
Que al hato lo bolvió, todo al contrario,
Es de saber: callado i sin renzilla
(Demudado todo iva i solitario
f. 62. Sin quejas, mucho mas mueve a manzilla)
Mientras io canto, cante aqui comigo
Amor aunque cruel, aunque inimigo,

2. El primero amor suio, el primer fuego,
Las sus feas tormientas sin ver puertos.
Centellavan sus ojos de ira, i luego
De amarisimas lagrimas cubiertos
Por malos celos arrabiado i ciego,
Quando brazos cruzados, quando abiertos,

J f. 59v. A f. 105 Andres. Egloga (IV) ao duque d'Aveiro. B f. 32 Andres. Ao duque d'Aveiro. Egloga Terceira. E f. 9—17 Egloga (II) Ao duque d'Aveiro. F f. 106—112v Egloga (V) Andres. *N. M.:* Sâ Miranda 3ª. — 2 A Amor del n. A. — 3 E bolvia. — 4 A Que dantes era, ia manso i sin renzilla. B Que d'antes era blando i sin renzilla. — 5 AB Tanto que medio mudo i solitario. EF Todavia demudado i solitario. — 6 A Que solo vel-lo mueve a haver manzilla. — 10—14 A I los primeros suios desconciertos. Centellan los sus ojos sin sosiego A desora de lagrimas cubiertos; De malos celos i de furia ciego Va se brazos cruzados, quando abiertos. — 10—11 B De quien con rabia huiera a los desiertos Centellando los ojos. — 11 EF Centellavan los ojos. — 13 B De crudos celos i de furia ciego.

Que no se dava siquier un pequeño
Del dia o de la noche al dulce sueño.

3. Señor, i no os sea en menosprecio
La musica de Pan, dios de pastores,
Tenida antigamente en tanto precio
De los medianos i de los maiores.
No podemos a Codro, a Mucio, i a Decio
Padre i hijo cantar, no los señores,
Los reis vuestros pasados i presentes
Esforzados en guerra, en paz prudentes.

4. A vos, señor, no os cupo en suerte guerra:
Estamo-nos aqui como en vedado
Por el buen rei que en paz rige la tierra,
Numa aqui a nos, fuera Romulo armado
Que los infieles tan lejos destierra:
Testigo Diu tenido i gañado.
Entre tanto abris llanos caminos
Por los libros humanos i divinos.

5. Entre los quales tienen su lugar
Las blandas musas que alivian el peso
Del siempre estar atento a especular,
Que sufrir no lo puede humano seso.

15—16 A Que reposo no da se, ni un pequeño D'espacio ni al comer ni al dulce sueño. — 15 B Sin siquiera al comer dar un pequeño. — 17 B I vos señor no os sea. EF Señor i no vos sea. — 18 AB La zampoña de Pan dios de pastores. — 20 AB Tambien entre los principes maiores. — 21 *O nosso MS. e* EF *escrevem:* a Decio i a Decio. F No pude mas. — 22 A Todos cantar, no los altos señores. B Todos cantar los reies i altos señores. F Padre e hijo a cantar, no los altos señores. — 23 B Vuestros antepasados i presentes. — 27 AB Por el gran rei que en paz rige su tierra. — 28 A A nos un Numa, Romulo grande armado. B Que a nos es Numa, i es Romulo armado. — 29—30 AB A los infieles que (B que el) lejos destierra Temido d'ellos, de nos mucho amado. — 31 A Entretanto os abris altos caminos. B Vos entretanto abris largos caminos. — 35 A Del mucho estar a tento a e. EF i especular. — 36 A Que aturar no lo puede.

Mas alto buelve que solia estar
El ramo que algo iuso estuvo preso,
I puede se mejor, voltando un trecho,
Subir al monte que luego al derecho.

6. Pudierades pasar la juventud
Como otros grandes principes andando
A pasatiempos, a la multitud
De sus sabores, onde, como i quando
Hiziese os mas hermosa la virtud,
Asi como ella va de flaco bando!
Tan presto conocistes los afeites
I el falso resplandor de los deleites.

7. Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercol o Belorfonte, en despoblado
Por agra via de una vieja dura,
Por llana de una moza encaminado.
Aquella espinos muestra i brava altura,
Fuentes, flores estotra i verde prado;
Mas qual de los dos fuese, no desmaia,
Por las alturas va, deja la plaia.

8. Ora otra vez a Andrés! que va se enmientes
Huiendo a los pastores, i lugares,

---

37 A Mas alto se alza que solia estar. — 38 B Un ramo. — 39—40 B a trechos A los altos subir que por derechos. — 40 *O MS. escreve:* el derecho. F que luego derecho. — 43 AB i a la multitud. — 44 A De los deleites. B De sus plazeres. — 46 B Ansi qual ella va. F defloreando. — 47 E conociste efeites. — 50 E Belorfuente. — 50—51 AB De Hercules quando mozo en despoblado Por hierta via de una vieja dura (B i dura). — 52—54 A De una moza por llana encaminado. La vieja espinos muestra hasta el altura, Flores, fuentes la moza por el prado. — 53 B Aquella espinas muestra, aspera altura. — 55—56 AB Mas aquel corazon que no desmaia Por el monte agro va, deja la plaia. — 55 F d'ellas dos. — 56 F do va. — 57—58 A Ora otra vez a Andres que va fuiendo De los otros pastores i lugares. B Ora otra vez a Andres que va sin mientes Huiendo los apriscos i lugares.

f. 62 v. I quanto ve pisado de las gentes,
Añadiendo cansacio a los pesares.
Ah loco! i de quien huies? No lo sientes
Que das' mas viento al fuego? si mirares,
Oh loco, otra vez loco, otra vez loco,
Vas corriendo al tu mal! vé poco a poco.

9. Tu mientras que los otros apacientan
Los sus rebaños, Juan, Pedro i Rodrigo
I en duro pedernal fuego arrebientan,
De los vientos hurtados al abrigo
De sus ganados i canes recuentan,
Tu solo debatiendo vas contigo.
Mientras tañiendo estan, mientras cantando,
Por los montes te vas devaneando:

10. — Pascuala, cruel sierpe, no ofendida
A lo menos de mi, mas inflamada
De tu veleno, das de arremetida,
El cuello, el pecho i la cabeza alzada,
En tres partes la lengua repartida
Como llama de fuego apresurada.
Que es esto? oie Pascuala, ah que me quieres?
Cruel, la mas cruel de las mujeres.

59—60 A I aun los caminos, cuitado, añadiendo Vanamente cansacio a los pesares. — 59 B I a todo lo pisado de las gentes. — 61—64 A Ah loco i de quien fuies? vas corriendo, Vas dando viento al fuego, i si mirares, Arde la llama mas; otra vez loco Porque corres al mal, ve poco a poco. — 62 EF sin mirares. — 62—64 B sin pensares, Loco loco una vez, otra vez loco Ia que vas a tu mal, va poco a poco. — 66 B A sus rebaños. E Rodrigo. — 67 A En duro. B Mientras nel pedernal. — 68—69 A I furtados al viento en buen abrigo De los pasados sus cuentos recuentan. B Hurtados de los vientos al abrigo Do sus pasados casos re recuentan. — 70 AB Tu debatiendo vas solo contigo. — 72 A Tu solo asi te vas devaneando. B Tu vas te ansi i ansi devaneando. — 74 AB toda inflamada. E toda inflamada *e em N. M.* mas inflamada. F iamas inflamada. — 75 AB De su veleno da d'arremetida. — 77 B Silvando la su lengua en tres partida. — 79 A Que es esto? que es lo que hize? B Que es esto? que te he hecho?

11. Querida sobre todas las zagalas,
Mas adorada, con que encantamiento
I dura fuerza de palabras malas
Ansi te han hecho sin conocimiento!
Bien pintan al Amor con luengas alas!
Alzó se presto i tan liviano al viento!
Io tras el de asomada en asomada
No sé tras que me voi, voi me tras nada!

12. I nunca quiero entrar comigo en cuenta
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa por que esta alma aqui se afrenta,
Otre sigue, sin mas mientes poner.
Amor calladamiente que consienta
Me dize; vine a un ser como no ser.
Fuio e fuio a suerte i a la ventura.
Que bien remedio: a locura locura!

13. Aun las fieras salvajes quantas son
Vencer se dejan de humanidad buena;
El toro bravo, el mas bravo leon
Con tiempo muestran que pierden la pena,
El uno en iugo, el otro en la prision.
Si la voz conocida al aire suena
Del halconero, abaja desde el cielo
A prender se el halcon mas que de vuelo.

---

82 A O que hechizos o que encantamento. — 82—84 B Que hechizo ha sido? di, que encantamiento Que dura fuerza de palabras malas Las que trocar te hizieran el pensamiento? *N. M.:* Que te hizieron trocar el pensamiento. — 85 AB ciego i con alas. — 88 AB Que no sé tras que voi. — 89 F Nunca. — 91—93 AB ansi se afrenta Que a nadie mas que a si deve querer; Amor como enemigo que consienta. — 94 EF Me disse. — 94—96 A Me dize, vine triste a un cierto ser. No sé a quien fuio, fuio mi ventura. Que buen remedio: locura a locura! B Me dize, i que podia io ende hazer? Quien puede huir (cuitado!) a su ventura? Mal remedia locura a la locura. — 97 AB como son. — 99 A el tan bravo leon. — 100 AB que no sienten pena. — 103 AB D. h., luego desde el cielo. F baja. — 104 A Oiendo la el halcon, baja de vuelo. B A prender se el halcon, baja de vuelo.

14. Todo lo vience el tiempo i la porfia:
En marmol duro si el agua desciende,
Ella tan blanda cava todavia;
Es duro el hierro, gasta se por ende;
Lo que no puede un dia, haze otro dia.
A las sus fuerzas, quien se le defiende?
Durisima Pascuala quanto en ti
De amor, trabajo, fe, tiempo perdi!

f. 63. 15. Vemos la golondrina vuelto el pecho
Al viento como un raio ir se volando,
Ora en cielo, ora en tierra, a trecho a trecho,
Que la vista la va mal devisando.
Contra la vena de agua por derecho
Van truchas las azudas trespasando.
Con quantas aves de entre dia vuelan,
Otras la noche escura se desvelan.

16. Ha i animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidos del mal frio,
Otros no vence estonces, como juegos;
Aves del cielo biven por el rio,
Otros se esconden por la tierra ciegos;
Biven del fuego, biven del rocio:

---

106 A En piedras duras. B En piedra dura el agua si desciende. — 107 B Aunque ella es blanda c. t. — 109 A Lo que un dia no puede. B Lo que no haze un dia. — 111 *O MS. escreve:* quanto. — 112 A Amor, trabajo. B De amor, trabajo i fe. — 115 AB el cuerpo estrecho. — 116 A Sin las alas mecer, son quando en quando. B Las alas pocas vezes meneando. — 117—118 AB va al derecho La trucha aun las azudas (B las azudas) traspasando. — 119—120 A mientras dia vuelan, Otras ha i que las noches se desuelan. B Aves ha i que de dia nunca vuelan I por la noche oscura se desuelan. — 123—124 AB Otros nos huien, son como unos juegos; Unos al monte van se (B buscan) otros al rio. *N. M. de* B: Unos buscan al monte. — 125 E vencen (*Err.*). F Otros mueren se. — 125—126 A Otros por dentro de la tierra ciegos Ende se biven, otros del rocio. B Biven dentro otros de la tierra ciegos, Unos del fuego, otros del rocio.

No sé de condicion que eres Pascuala
Pero no de mujer, no de zagala,

17. Mas antes de zagala i de mujer!
Que debajo de aquella vista hermosa,
Tan llegada al divino parecer,
Escondió la natura artificiosa
El maior mal que pueden ojos ver,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponzoña de gran fuerza! mata el vel-las,
Mata el oil-las, mata el oir d'ellas!

18. Oh que haias mucho de mal grado, Amor
Que ansi nos turbas el entendimiento!
Al maior daño diste mas sabor,
Errado el peso, la medida, el cuento,
Donde se sigue que de tal error
Se vengan recreciendo ciento a ciento,
Qual fuente avelenada perenal
Donde mana despues tanto de mal!

19. Suerte mucho cruel que tal consiente!
De monte en monte voi, de valle en valle
Ajuntando al pasado el mal presente
Para que solo grite, i solo calle.
Amor se vien tras mi porfiadamente.
Cruel quien me le enseña a que me falle?

127—128 A Otros del fuego: no tienes Pascuala Condicion de mujer, no de zagala. B No sé que condicion tienes Pascuala, Cierto no de mujer, no de zagala. — 129 A o de mujer. — 131 A a divina al parecer. B al divino en parecer. E aparecer. — 132 E I vos con Dio (*Err. por:* I escondió?) la natural artificiosa. — 134 B Daño que haze. — 136 F el aire d'ellas. — 137 E del mal grado Amor. — 139 AB En lo que es mas dañoso, ha i mas sabor. E mal sabor (*Err.*). — 140 A i el cuento. — 141 A que de aquel error. B que de un tal error. — 142 B Se vaian. A ciento i ciento. — 144 E del mal. — 145 A Suerte triste i cruel. B Suerte dura i cruel. — 147 AB Huiendo lo pisado de la gente. — 148 E *Sem:* i. — 149 AB vien se. — 150 AB Que no (B Que io no) sé quien lo enseña a que me falle.

Ia tiempo ser devia a que dejase
Este Andres triste, i otro Andres buscase,

20. Al qual como a zagal mucho sandio
Mostrase blandos los hermosos ojos
Que de un medio mirar lo dejen frio
Inchiendo lo de mil vanos antojos,
De un crer, de un esperar mas que baldio,
Plazeres luego vueltos en cordojos;
Enfin como se dize en viejos cuentos:
Los aires llevan los encantamientos.

21. Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Las plaias, las riberas deleitosas,
Aquellas tantas riquezas sin dueños,
Rubines, esmeraldas preciosas,
Diversos vultos, diversos ingeños,
f. 63v. Fuentes tan claras, flores i verduras
Monte bravo a desora, i peñas duras.

22. Mas eia! que ansi manda aquel tirano
Aquel ciego, aquel niño i malos celos
Que vaia a ver un mundo siempre cano
De blancas nieves i continos ielos,

---

151 A que dejase. B Ia tiempo ser devria que dejase. — 152 ABE i que otro A. b. — 153 AB A quien. B vano i sandio. — 154—157 A Mostrase que en bolviendo los sus ojos Tan blandamente, no deja alvedrio Inchiendo el aire de vanos antojos, De un querer. — 154—156 B Mostrando con blandura los sus ojos, Turbase juntamente el alvedrio Enchiendo le de mil vanos antojos. — 156 F Inchiendo se. — 158 AB Gozos inciertos, ciertos los enojos. — 159 E como dizen. — 160 AB El aire lleva l. e. — 163 A Aquellas plaias tanto deleitosas. — 164 B Las sus riquezas tantas i sin dueños. — 165—166 AB Tantas sin precio piedras preciosas, Las naves viento a popa, vanos leños. — 167 A Las fuentes claras, tan frescas verduras. B Las fuentes claras, verdes las verduras. — 168 AB A desora (no veis?) son peñas duras. E a desoras. — 169 A villano. — 170—172 AB Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos Que vaia a donde (B donde) el mundo, el (B es) siempre cano De nieves blancas, de continos (B perpetuos) ielos.

(Las aguas presas, el sol cansa· en vano,
Que lo cubren de nieblas gruesos velos)
A ver si esfriaran llamas tamañas
Como se alzaron dentro en mis entrañas.

23. O por ventura si será mejor
Buscar, no fuir fuego? ir me a do vea
Andar me este sol siempre al derredor
Que no se esconda, como que esto sea
Si no remedio, alivio a mi dolor
De que esta alma vencida devanea?
Loco de otre podrás quiza fuir,
De ti do te podrás descabullir?

24. Si una ora no podria estar sin ti,
Como podré pasar me los tamaños
Dias, como ora vienen sobre mi?
Como las noches, antes luengos años,
Si ia todo, si a mi mismo aborreci
Despues que supe mas d'estos mis danos?
Ora desengañado, aqui que atiendo?
Que me conseja Amor? que aun no lo entiendo.

25. Con que viene de nuevo esta malsana,
(No sé si es alma) la que me detiene

173 EF i el sol. — 173—174 B Do presa el agua está aun nel verano, Do suelen siempre ser turbios los cielos. — 174—176 A Siempre ñublados i turbios los cielos, Como se alzaron en las mis entrañas A ver si resfriaran llamas tamañas. — 175 BEF si resfriaran. — 196 B alzaran. E se causaran. — 177 A seria mejor. B si seria mejor. — 178 F no huir luego? — 178—179 AB Ir me hazia estotra parte adonde vea El sol andar me (B se) siempre al derredor. — 181 A Siquiera algun alivio a mi dolor. — 181—184 B Si no remedio, alivio aquel dolor Con que el alma v. d. De otro quiza pudiera, triste, huir. De mi, do me podré descabollir? — 183 EF Loco que de otro podrás quizas huir. — 183—184 A Triste d'otre quiza podrás fuir De ti, como podrás descabullir? — 184 E escapulir. F escabulir. — 185 ABEF podia. — 186 AB pasar por los tamaños. — 187 B que aora. — 188 AB Como las tristes noches, (B noches tristes) que son años? — 189 AB Si todo. — 190 EF supo. — 192 A aconseja. ABF que no lo entiendo.

De noche haviendo miedo a la mañana,
De dia a la gran noche quando viene.
Ora fuie, ora buelve la liviana
Por como algun antojo sobreviene.
Donde no se dejó remedio alguno,
A que me ando a proval-los uno a uno?

26. Que mas quereis de mi muerto a la luenga,
Tanto tiempo mal dado a las querellas?
Ora no mas ver me he Elvira i Menga,
Que me envian a dezir que vaia a vel-las,
Las mis amigas buenas; i no es luenga
Jornada; haré lo todo antes de estrellas.
No lleveis me alla, no, que dios os vala,
Que no está como suele ende Pascoala.

27. Mudó los pensamientos que solia
Tener la mi Pascuala, antes ajena,
Antes toda otra cosa que no mia.
Pregunte por la Brusca i la Jimena
Quien la fuere buscar, de compañia
La Sancha, la Toribia, la Morena,

---

196 A De dia a la su noche. B I de dia a la noche. EF I de dia a la gran noche. — 197 A O. buelve a mi liviana. E Oras fuie, oras buelve loca i vana. — 197—200 B O. a mi buelve liviana Ansi como el antojo sobreviene. Adonde no quedó remedio alguno, A que proval-los ando a uno a uno? — 198 E Segun que el sobresalto sobreviene. — 199—200 A Ia que no ve se aqui remedio alguno A que provando los anda uno a uno? — 201—203 A Ai que quereis de mi, muerto a la luenga? Quanto tiempo que mal gasto en querellas. Dejad me ir ver primero Blanca i Menga. B Si mas me quereis ver muerto a luenga (*V. M.:* a la luenga) Tanto tiempo mal dando a las querellas! Dejá-me i iré a ver Elvira i Menga. — 204 ABEF Que me envian dezir. — 205 AB buenas amigas. B que no es luenga. — 206 E Hazer lo todo. — 207 B Mas no, no me dejeis. E No lleves. — 208 A solia. — 209 BEF los pasatiempos. — 209—210 A Mudó los pasatiempos que tenia Aquella ia mi Pascuala. — 212 AB Quien la quisiere (B quisiera) hallar, busque Jimena. — 213 A Busque Ana la su buena compañia. B Su nueva i su agradable compañia. E a buscar. — 214 AB i la Morena.

Enseñadas a hazer por mis pesares
De un solo corazon muchos manjares.

28. Mas io de quien me quejo? el de culpar
Io soi. Porque me engaño? si me andava
f. 64. Con tanta diligencia a me burlar!
Io me era el que traía, el que llevava,
Fuese i fuese al sabor del paladar!
No via, no entendia, no escuchava.
Que mas sordo ni ciego puede ser
Del que no quiere oir ni quiere ver?

29. Dejad me ir a los montes, que un cingial,
Un oso, un lobo mientras los persigo
Quiza un dia daran fin a mi mal:
Murió en el monte Adonis de enemigo
Colmillo a fuerza herido. I que zagal,
De tan hermosa diosa hermoso amigo!
Ella lo tiene en brazos; quien los viere,
A pena juzgará qual de ellos muere.

30. Qual vida, qual salud se le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella?
Que oiendo i respondiendo se partiera,
Los ojos al fuir de vista en ella

215—216 AB por mis pecados De un solo corazon muchos guisados. — 217 A a quien me aquejo? — 218 A Io soi: de quien me quejo pues que andava. B Io soi que io era el mismo que me andava. — 219 AB Con tanta diligencia a me engañar. — 220 A Si m'era el que traía i que llevava. B Io era el que traía i el que llevava. — 221 AB (Qual dizen) al sabor del paladar. — 223 A Que mas ciego o mas sordo. B Que mas ciego ni sordo. — 224 A De aquel que ia nada oir quiere ni ver. B Que aquel que nada oir quiere ni ver. E ni quiere oir. — 225 *As estrophes* 29 *e* 30 *andão transpostas em* A, *mas com erro manifesto.* F un cerval. — 228 E del enemigo. — 229 A Colmillo en furia herido. B Colmillo herido el triste. — 232 AB A penas. — 236 A al quebrar de vista. B al quebrar la vista. F Los ojos al fuir de la vista bella.

Que cogia la niebla postrimera
D'ellos que quanto puede alzava a vel-la.
Vé te buen mozo en paz vitorioso,
Nunca buelvas atras tu gesto hermoso!

31. I quando fuese que en los montes frios
Peligros ni cansacios me venciesen,
Ni me llevasen impetuosos rios
Que de las sierras inchados caiesen,
Quiza seria que los canes mios
Vencidos de grande hambre me comiesen,
O por diversos acontecimientos ....
Como niño cuidava i creía en cuentos!

32. Quien te sabrá dezir, cierto que sea,
En que parte del mundo, en agua, en tierra
Te desafia muerte a la pelea
Final, con quien tenemos tanta guerra?
Quien los oidos, ... sea lo que sea!
No es mejor aferrar, quien ojos cierra?
Vamos, que traerá despues la suerte
Justa venganza a la mi injusta muerte.

237—240 B Que d'ellos recogia la postrera la muerta luz que antes cegava en vel-la. Vé te, buen mozo, en paz con sus despojos I no buelvas atras nunca los ojos. — 238—240 A De los sus ojos que aun alzava a vel-la. Vé te en paz, mozo, con tales despojos Que no buelvan atras nunca tus ojos. — 243—248 A I que los hielos por los hondos rios Por su dureza pasada me diesen, Acertar se hia que los canes mios De rabia o quiza de hambre, me comiesen, Por los diversos acontecimientos Que nos hazen creer los viejos cuentos. — 243—244 B Ni me anegasen impetuosos rios Que inchados de las sierras se caiesen. — 246—248 B De rabia o hambre, a caso me comiesen O por otros algunos instrumentos De aquellos que se cuentan en viejos cuentos. — 248 E i cria en vientos. — 249 A Quien te sabrá dezir cierto, sin falla. B Quien me sabrá dezir que cierto sea. — 250 AB o tierra. — 251 A Te desafia la muerte a la batalla? B Me desafia la muerte a la pelea? E i la pelea. — 252 AB Que siempre amenazando a un punto aferra (B cierra). — 253 *e* 254 *Estão transpostos em* EF. — 253—254 A Como le aplaze, mejor es sin falla Anteviniendo dar fin a la guerra. B Mas si ha de ser, mejor será que io vea Prevenida por mi su dura guerra.

33. Alla me llama Amor de aquella altura;
Tambien a volar voi! veré si ansi
Podrá fin dar se a mi loca locura.
Pasaran los pastores por aqui
Cantando de la mi corta ventura,
Cruel llamando amor, cuitado a mi,
A prisa por salir del val priado,
Por la muerte de Andres mal estrenado.

34. Los unos a los otros cantaran:
Huid la valle do iaze el zagal.
Los otros asi mismo bolveran:
Huid la valle do iaze el zagal.
I luego juntos mas añadiran:
Que por amar tan bien murió tan mal.
f. 64 v. *Que por amar tan bien, tan mal murió,*
De esta peña alta Amor lo despeñó.

35. 'Si iran cantando aqui por la floresta
Despues de muchos tiempos los pastores
Este mi cuento amaro i negra fiesta,
Los faltos de ventura mis amores,
A las fuentes sombrias por la siesta
Al sol, des que pasadas las calores.
Quanto descansaran los huesos frios
Sintiendo compasion de males mios!'

---

258 AB A volar tras el voi. F voi a volar. — 259 A a aquesta mi locura. B Pondré fin a la vida i a la locura. EF en mi loca locura. — 261 B mi cruel corta ventura. — 265 B gritaran. — 266 B Huie del valle ado. — 266 *e* 268 F el valle. — 267 A Los otros tanto le responderan. B I los otros tambien responderan. — 268 B Huie el valle a do iaze el z. — 269 AB I todos juntos m. a. — 270 *e* 271 E amor. — 272 A De esa peña tan alta. BEF D'esa peña alta. E amor le ora despeñó. — 273 A Si cantaran quiza por las florestas. B I quiza cantaran por las florestas. E Iran. — 274 AB En tiempos por venir buenos pastores. F de mucho tiempo. — 275 A El cuento mio i las duras requestas. B El triste cuento mio i mis requestas. — 276—278 A En verano a las sombras por las siestas, Al fuego o sol pasadas las calores. B En las fuentes sombrias por las siestas, Al sol despues pasadas las calores. — 279—280 AB Que refrigerio havran los huesos frios Sintiendo ansi acordar (B renovar) los casos mios.

36. Los quales a su tiempo no tuvieron
Tal suerte, antes corridos de fortuna
A quien mas lo causó, menos dolieron.
Dura zagala, sin piedad alguna
Mas de quantas seran, de quantas fueron,
Dejo testigo el sol, dejo la luna!
Ai las mis esperanzas lijonjeras
Pasais a mengua de otras verdaderas.

37. Dijo, i teñido de color de muerte
Va se subiendo por la brava peña. —
Amor aqui los mis versos concierte
Si a los suios i a mi versos enseña;
Aunque seria bien de aquella suerte
Que dizen: *al mar agua, al monte leña,*
En versos añadir mas a las cosas
I a las obras de Amor maravillosas.

38. Agora que me haré? que me aconsejas
La mi zampoña tanto ida adelante?
Las musas, delicadas zagalejas,
Demudadas se paran al semblante,
Bajos los ojos, bajas las sus cejas.
Sonrió se Apolo, i manda me que cante!
Por fuerza es que se cumpla su mandado,
Si no que mal me tiene amenazado!

39. En la gran peña una alta cueva havia
No de manos humanas, i arteficio

281—288 *Faltão em* A. — 281 B no tuvieran. — 283 B los cansó (*Leia-se:* causó) menos dolieran. — 285 B fueran. — 286 B Hago testigo al sol, hago a la luna. — 287 B I las mis esp. lisonjeras. — 290 AE brava breña. B A subir empezó la brava peña. — 298 B Mi zampoña ia tanto i. a. — 299 AB vergonzosas zagalejas. F Las nuestras delicadas zagalejas. — 300 AB Todas se me demudan al (en el) semblante. — 301 A Los ojos bajos. B Todos los ojos bajos i las cejas. — 302 AB Mas Apolo el maior manda (B quiere) que cante. — 305 A honda cueva. B Una cueva en la peña se escondia. — 306 A No por fuerzas humanas ni exercicio. B No de manos humanas ni exercicio.

Natura, gran maestra, la tenia
Alli escondida, ansi que es el su vicio
Para quando un tal caso acontecia.
Pensava Andres al propio sacrificio
Suio (como ia dije). Eis que acontece
Creciendo el mal que a las vezes guarece.

40. Fuese vision, locura, o sueño, Andres
Mirando abajo, vido por la cueva
Tañiendo que movian los sus pies
Silvanos i los Faunos! cosa nueva,
Antes no vista, no vista despues;
Crean los por venir que harto es gran prueva
Vel-lo de loco cuerdo, ver que alguna
Noche cantava ansi solo a la luna:

Canta Andres:

41. Cantavan i bailavan las sus fiestas
Los Silvanos i Faunos; io estordido
De lo que via, con mi mal a cuestas,
f. 65. Caí por tierra (ser me ha mal creido!).
En derredor bolvian las florestas,
Boltava juntamente el mi sentido.

307—308 A La natura alli escondida la tenia, Obra de las sus manos i arteficio. B Humano alli labrada, hecho la havia De natura la industria i el artificio. — 310—312 A Ora Andres que al su proprio sacrificio Pensava, ende arribó; diz que acontece Tal vez creciendo el mal que se guarece. B Como el de Andres que al proprio sacrificio (Como dije) pasava; eis que acontece Tal vez creciendo el mal que se guarece. — 311 F el proprio sacrificio. — 313 AB Fuese verdad, o fuese sueño, Andres. — 314 A Vió dentro o pensó ver d'aquella cueva. B Vió claro o pensó ver dentro en la cueva. — 315—316 AB Satiros que cantavan cabripies I Faunos i Silvanos cosa nueva. — 317 A Antes no vista, que io sepa, ni despues. B No vista nunca de antes ni despues. — 318 B que es harta prueva. — 319 AB Vel-lo de loco sano ver (B i ver) que alguna. — 320 A Noche el caso cantó a la luna. — 321 *O MS. diz:* Cantava. A Diziendo enfin: Saltavan las sus fiestas. B en las sus fiestas (*N. M.:* en sus fiestas). — 322 AB Nuestros rusticos dioses. B io atordido. — 325 AB boltavan. — 326 B mi sentido.

Los unos de una parte ansi dezian,
Los otros de otra ansi respondian.

Silvanos.

42. Pasife (ah que vergüenza) va buscando
El toro hermoso, va se a las manadas
De las sus vacas, sola sospirando:
— Teneis me aca el mi bien; tan mal miradas
Que no me lo enseñais, i veis qual ando,
(Dezia, de mil lagrimas regadas
Las sus blancas mejillas) ai cruel
Que se anda tras vosotras, io tras el.

Faunos.

43. Rodeava las aguas una a una,
Del blanco cisne enamorada, Leda.
Alzado a vuelo, ella sin ninguna
Color de biva, un blanco marmol queda;
El, que traspone ora aquella laguna,
Ora aquel rio, quanto aturar pueda
A mil sospiros busca, a mil lo llama.
Acende i no resfria agua tal llama!

Silvanos.

44. A quien su corazon la gran guerrera
Semiramis dará salvo al ardiente

327 AB A revezes cantando unos dezian. — 328 A Los otros despues, otros respondian. B A revezes los otros respondian. E de otras a. r. F de la otra r. — 329 AB Satiros. — 331 B De las vacas a solas suspirando. — 332 AB el mi amor? F mi amor. — 333 A Que me forzais del mio i veis qual ando. — 335 A mejillas blancas. B Sus hermosas mejillas. — 339 A Alza se a vuelo. B El se alza a vuelo. — 341—342 B Mirando fixo como la laguna Traspone i el rio, quanto aturar pueda. — 342—344 A quanto mirar pueda, Con mil sospiros busca siempre en lloro, Alla va el corazon tras su tesoro. — 343—344 B Despues que no le ve, deshecha en lloro Envia el corazon tras su tesoro. 345—360 *As estrophes* 44 *e* 45 *faltão em* E. — 345—346 B A quien dará su amor la gran guerrera Simiramis? a quien? salvo al ardiente.

Cavallo de armas que ella conociera
Ardid corriendo al freno obediente?
A quien los pies calzara, un blanco i abriera
Por medio la orgullosa i alta frente?
I aquella que por si no teme cosa,
Por el a la batalla entra medrosa!

Faunos.

45. Fueron las nietas de Belo cincuenta
I cincuenta los nietos; ajuntó
El casamiento a todos; tal se cuenta
Que de un tal deudo limpias, si una no
Las manos no guardara. Ai mui sangrienta
I cruel noche que tal encubrió!
Tardava el sol a ver el caso indino,
Quando huvo de venir, cubierto vino.

Silvanos.

46. Un pastor bravo de luengos cabellos
Ante quien no paravan los leones,

347—348 A Cavallo que en las armas conociera Corriendo ardid. B Cavallo que en la lide conociera De mas furor, al freno obediente. — 349 A A quien los pies, a quien un blanco abriera. — 349—352 B A quien los pies calzara, a quien abriera Un blanco la orgullosa i alta frente. Aquella que por sí no ha miedo a cosa Por el en la batalla entra medrosa. — 351 A no teme a cosa. — 353 AB Satiros. B Fueran. — 355—357 A de tal cuenta De la su sangre limpias no guardó Las manos salvo que una. Mui sangrienta. — 355—358 B En casamiento a todos; de tal cuenta Las manos limpias, sola una guardó. Desastrada, cruel noche sangrienta Que tanta crueldad vió i encubrió! — 360—361 AB *intercalão:*

Faunos.

Beldad, sangre, tesoros, arte i estrellas (B *sem:* i)
Todo lo tuvo en su favor Medea.
Aqui perdonen las nobles donzellas
(B Perdonen aora aqui nobles donzellas,)
Si del su amor se cuenta obra tan fea,
(Que buen remedio de las sus querellas!
Quasi lugar no deja a que se crea)
(B Buen remedio por cierto a unas querellas,
A un mal que no ha i lugar de que se crea)

Quantas injurias por amores bellos,
Mas que buenos pasó, quantas prisiones!
Perdió los ojos, merecian lo ellos.
No sé como ansi son sus corazones
Al reves: por bien mal, por el mal bien,
No miran como, no por que o a quien.

Faunos.

f. 65 v. 47. La joia d'Irifila, que escondia
Tantos de daños en la su riqueza,
Sobre los otros muchos que hecho havia
Hizo aquella infamada i gran vileza,
I contra un tal marido que antevia
Todo. Mas que aprovecha a la dureza
Del hado la prudencia ni saber,
Si por fuerza ha de ser lo que ha de ser?

Silvanos.

48. Esta nuestra riqueza aunque aldeana,
Ofrecida pero, quien la desecha?
El don hermoso de la blanca lana
Bien sabe el nuestro Pan quanto aprovecha.

A los sus hijos tiernos airada puso
(B Airada en sus hijuelos tiernos puso)
Manos devidas mas a rueca i huso.

361—365 B fuerte, mas de flaco aviso Delante quien huian los leones A Dalida malvada el bien que quiso Causa le fue de injurias i prisiones, De muerte al fin; pasava lo ella em riso. — 361 E de bellos cabellos. — 363 EF por amores d'ellos. — 364 F mereciendo lo ellos. — 365 A I en fin la muerte que no ve los sellos. — 367—368 B Quieren por el bien mal, por el mal bien Sin saber como, ni por que, ni a quien. — 369 AB Satiros. AB Erifile. — 370 A Tantos de males. B Tan grandes daños. — 371 A los otros tantos. B Por cima de los mas que hechos tenia. — 372 AB crueza. — 373 AB La muerte d'Amphiarao que toda via (B todo via). F que antes via. — 374—375 A Mas no pudo, pero con la dureza Del hado tal prudencia i tal saber. B Mas que aprovecha contra la dureza Del hado, la prudencia ni el saber? — 376 A Todo venció codicia de mujer. B I que contra codicia de mujer? — 377 AB Faunos. A ansi aldeana.

O que ella fuese o pareció Diana,
Era altá la floresta, huvo sospecha.
No burlo, mas de veras, como es esto?
Quien mas cargado va, llega mas presto?

Faunos.

49. Galo, aquel buen pastor, aquel que tanto
Gran Titiro alabó por su Licores,
Pastora ingrata, todo en cuita i llanto
Como muerto se está matando amores?
Ella sigue las armas, que ni tanto
Ni quanto mira a quejas de pastores;
Socorre se el coitado a la zampoña,
No remedio a aquel mal, antes ponzoña.

Silvanos.

50. Las dos Janillas, tan ricas zagalas
De pastos, de ganado, i de tesoro
(Que en todas partes ha i de las Pascuales!)
Colgó el su amigo Andres de un cordon de oro
Que ella labrava por sus manos malas
A fin tan amoroso; esotra en lloro
I sangre concluía el su amor breve:
El Sebeto lo sabe i quien lo beve.

---

385 AB Aquel Galo pastor. EF Galo aquel pastor. — 386 A El Titiro alabara por licores (*sic*). B El Titero alabó p. s. L. — 387—388 A Zagala ingrata, todo en cuita i llanto Como muerto quedó matando amores. — 387 B Como, zagala ingrata, en cuita i ll. — 390 A O quanto a lloros mira de pastores. B a lloros de pastores. — 391 A Socorrió se. — 393 AB *São os Faunos que continuão.* BEF Juanillas. — 393—396 A Las sus parientas tan ricas zagalas De tanto ganado i de tesoro (En todas partes se ha i de las Pascualas Colgó su amigo A. — 394—396 B De pastos, de ganados, de tesoro Que en' cada parte se ha i de las P. Colgó un su amigo A. — 394 E De pastores. — 395 E ha i bellas P. — 397 AB labrara. — 398—399 A La maior, la segunda siempre en lloro I sangre concluía el su amor breve. B La maior d'ellas, la menor en lloro I en sangre rematara el su amor breve.

Faunos.

51. Cabe del turbio Tibre que rebaños
Ha i de zagalas mas que deven sueltas,
Que biven de doblezes i de engaños,
Palabras dulces en pozoña envueltas,
Con que a los mozos i a los viejos de años
Hazen en derredor ir dando vueltas!
Que isla de Circes mala alli vereis,
Unos tornados puercos, otros bueis!

Todos juntos.

52. Quien bastará contar cuentos sin cuento?
Lo sin medida quien cansa en medir?
Armar las redes que no huia el viento,
En el arena sembrar i cobrir,
Ia veis que es mas que loco pensamiento.
Las leis comunes han se de sufrir
f. 66. Mas que acusar; a vezes se sostienen
Las cosas; unas van se, otras vienen.

Pan.

53. Pusieron estes dioses fin al canto.
Al nombre de Pascuala i de otro Andres

---

401 AB *São os Silvanos que continuão.* A A cab' del turbio T. B Junto del t. T. — 403 EF de doblez. E ahi vereis. — 405 AB con que a viejos de años (B viejos años). — 406—407 AB Hazen que ciegos van dando mil vueltas. Isla de Circes mala: alli vereis. — 408 AF i otros bueis. — 409 AB Todos. BEF a contar. A cosas sin cuento. — 410 A quien piensa medir. *O MS. escreve:* Los s. m. quien cansa de m. *O* de *viciaria a medida do verso.* — 411 F saia el v. E huian el v. B Quien coger en las redes quiera el viento. *As ed. post. á de* 1614 *e feitas sobre ella escrevem:* querrá. — 412—413 A En blanca arena sembrar i cubrir? Bien ve se que es mui vano pensamiento. B Quien sembrar en la arena i quien cubrir: Cierto que es mas que loco pensamiento. — 414 A cumplir. — 415 AB Mas que enmendar. B mil cosas se sostienen. — 416 A que unas van i otras vienen. B Porque unas van a si, porque otras vienen. E otras se vienen. — 417 *A estrophe* 53 *falta em* E. A Autor. B *sem rubrica alguma.*

Dizen que en si tornó lleno de espanto
Andres zagal. Que veo? dijo o que es
Esto que oigo? lugar vedado o santo.
Besó la tierra, descalzó los pies,
Fue se al agua corriente, ende bañado
Bolvió se al hato pensoso i callado.

---

417 A Siguió se d'este mal grande provecho,
Que oiendo de Pascuala i de Andres
Hablar, ergui me a fuerza en gran despecho,
Mas vuelto a mi, diziendo: Esto como es?
Si sueño? o vanamente si sospecho?
Beso la tierra; i dando de los pies
Voi me a una agua corriente, ende lavado,
Bolvi me al hato: huelgo ansi apartado.

B Nació d'este gran mal grande provecho,
Que Pascuala nombrar oiendo i Andres,
Bolviendo en mi alzé me i con despecho
I maravilla dije: esto como es?
Si sueño vanamente, o si sospecho?
Besé la tierra, i di luego a los pies,
Fui me a una agua corriente, ende lavado
Bolvi sin queja al hato i sin cuidado.

F Dezia concluiendo: Este provecho
Seguió se que Pascuala oiendo i Andres
Ergui me como pude, a mi despecho
Diziendo: Aquesto como de dios es.
Si sueño o si no sueño? Bati el pecho,
Besé la tierra, di luego de pies,
Voi me a una agua corriente; ende bañado
Bolvi me al hato luego aqui apartado,

Elegia.

114.

Elegia.

A ũa senhora muito lida em nome de um seu servidor.

Cuidando em vos, senhora, no alto engenho,
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei com que ousadia ante vos venho,
Vendo vos claramente tanto emcima
De tudo o que aqui temos descuberto
A que é tam necessaria a vossa lima.
Ocasiõis esperando, algum acerto,
(Que o mundo é todo de acontecimentos)
Quanto mal que passei! quam encuberto!
As esperanças idas são cos ventos
Ja ha dias; se eu tivera vista algũa . . .
Mas assi é bem que vam vãos fundamentos.
Senhora, quanto sol e quanta lũa
Em quanto espero e temo se me vão
Vivendo em balde sem vida nenhũa.
Cuidava que valia esta rezão

A f. 53v. *A rubrica é igual á do nosso MS.* B f. 125v. Carta VII. A ũa senhora muito lida em nome de certo servidor seu. — 4 AB Por dom da natureza posta emcima (B a cima). — 5 AB vemos descuberto. — 6 A vossa lima. — 7 AB e algum acerto. — 8 AB (Que tudo é cheo d'acontecimentos). — 9 AB Quantos males passei quam incuberto? — 10 AB As esperanças foram se cos ventos. — 11 A Ja a dias. B Dias ha. — 12 AB Mas assi é bem que vão (B Mas bem é que assi vam) vãos pensamentos. — 14 AB eu cuido e temo. — 15 AB Vivendo triste s. v. n. — 16 A que valesse. B eu que valesse.

A' que tanto se dá; val pouco em fim.
Nomes vistosos, que remedios não!
Comigo a braços a que estado vim,
Noite e dia em peleia, eles quebrados!
Ums me mostrão ó dedo, outros se rim.
São fogos como os que vemos pintados;
Não chego a dizer mais, digo o que posso,
Os vivos são os da alma, inda calados.
Não sei como não vistes este vosso
Esprito (em tanto tempo) onde assi val
Este nome de meu, inda o de nosso,
Como tanto andais cuidando em al
Que não vedes esta alma ha tantos dias
Que a vos sô ve, seu bem? tendes lho a mal?
E não se vos mostrou por tantas vias
Tanta verdade, por esperiencia tanta,
Apurada em tais fogos e agonias?
Aquela vista que a todos espanta,
f. 66 v. Aquele entendimento tam profundo,
Não sei quem nisto o tolhe ou quem o encanta.
Hercules tam falado polo mundo,
Quantos trabalhos venceu! mas a dura
Madrasta nem por isso se quebranta:
Ve o ja arder no fogo, inda assegura
Nele os seus olhos; quanto ás imortais
Honras que se lhe devem, torna escura.

17—18 B Com quem tanto ela val; val pouco em fim, Nomes custosos, que remedio não. — 19 A aos braços. — 20 AB Lidando noite e dia, eles (B em fim) quebrados. — 21 A o. sorrim. — 24 A Os d'alma são os vivos, e os calados. B Os d'alma sô são os v. e o. c. — 27 A e inda o de nosso. B e inda de nosso. — 28 A E como. B Nem como andais cuidando tanto em al. — 29 AB Que não vistes. B em tantos dias. — 30 B Que a vos sô tem por bem seu principal. — 32 B Tanta verdade, experiencia tanta. — 34 B Essa vista que o mundo todo espanta. — 36 A o cega ou que o encanta. B Quem o cega assi nisto, quem o encanta? — 38—39 B Que trabalhos venceu; porem a dura Madrasta não cansou té ver lhe o fundo. — 40—41 A Em fim veo (*sic*) no fogo, inda assegura Seus olhos farta e quanto ás imortais. B Em fim vendo o no fogo, ja segura Seus olhos farta, mas ás imortais.

Julgão se as cousas polos seus sinais
Milhor que por palavras. Que farei?
Tudo me lembra e tudo por demais.
Tirania cruel, aspera lei
Que assi quer o que quer! brava opinião
Abasta: *assi me praz, assi mandei,*
Menosprezando de todo a rezão.
Seja a culpa de Amor que envolve tudo
Deixar chamar os seus por ele em vão,
O duro, o brando, o sem siso, o sesudo;
O velho com suas lagrimas piedosas,
O moço ós sobresaltos branco e mudo!
Amor tem postas armas vitoriosas
Ao perto, ao longe; todo ao derredor
Tem cheo de façanhas gloriosas,
Poderoso, ausoluto e sô senhor.
Os deuses têm os fados sobre si,
Livremente o que quer sô pode Amor.
Os santos juramentos, ora assi,
Ora assi feitos, todos passa em riso,
Té da lagoa estigia se sorri.
Não se pode falar estando em siso
Nas grandezas de Amor; cumpre que esté
O entendimento do corpo diviso.
Ao baixo olivel nosso, o que se ve
Tudo tambem é baixo, e os sentidos
Facilmente enganados não dão fe.
Os remos na agua parecem torcidos;
A vista nos enlhea um jogo leve
Das mãos; assi se enganão os ouvidos.
Senhora, bem sabeis o que se escreve,

49—50 B Tirando seu lugar sempre á rezão Mas a culpa é d'Amor. — 51 AB Deixai. — 55—57 AB Amor tem cheo d'armas vitoriosas Em padrõis altos tudo ao derredor Polas fazanhas suas espantosas. — 62—63 AB passa em graça e riso Té da lagoa subterranha ri. — 67 B O que ao baixo olivel nosso se ve. — 68—69 AB estes sentidos Levemente e. — 71—72 AB Os olhos nos enlea um jogo leve De mãos e assi. — 73 B Bem sabeis vos senhora.

De grandes dous pintores a perfia
Em que cada um vencer o outro se atreve.
Pintou fruita o primeiro que de dia
Descião aves a ela; e o outro um veo
Pintou como que o mais dentro cobria.
Ali vista e saber lhe não valeu,
E manda que o tal veo se lhe alevante,
Que quer ver a pintura crara ó ceo.
Então o vencedor: — Se tam possante
Foste a enganar aves, adevinha
Se quem te engana assi, passa adiante! —
Aquele grego leve que ía e vinha
Com tanta ligeireza e tal fervor
Que, os pes correndo, quedo o corpo tinha;
Quando cuidavão que havia de traspôr,
Inda d'esse lugar se não movera
De que esperava mercés e louvor.
El Rei Agisilao que não pusera
f. 67. Nisso cuidado, mais não dixe então,
Sômente que jogral lhe parecera.
Ora tornando atras, certo mais são
Os nossos olhos que os de amorcegos
Que ũa sô causa vêm, as outras não.
Os seus tisouros, os ricos empregos
Alcanção se por sorte grande e rara;
Jazem em profundos e altos pegos.

---

74 AB De dous pintores nobres a porfia. — 76—84 AB Fruitas pintou um d'eles que de dia Vinhão aves (B as aves) comer; outro de um veo Pintado fez que a sua obra encobria. Vede quanto a arte pode! Não valeu Ali vista e saber, o veo de diante Mandava alevantar o que perdeu. Diz ledo o vencedor: foste bastante A enganar aves (B a vez *Err.!*)! Que vitoria a minha Enganando um pintor tam posto avante. — 85 AB Aquele leve grego. — 87 AB Que os pes voavão. B e quedo o corpo tinha. — 89 B não se m. — 90 B premio apos louvor. — 92 A Nisto. — 93 B Que afirmar que jogral lhe parecera. — 94 B pouco mais são. — 95 A que os dos morcegos. B que esses dos morcegos. — 96 A Que ũa cousa sô vêm, as outras não. B Pois que ũas cousas vêm e as outras não. — 97 B Seus tesouros e seus r. e. — 99 AB Jazem em mui profundos e altos pegos.

Tanto ha que canso que me desempara
O mesmo esprito, as forças desfalecem.
Quanto que custa ũa esperança cara
Assi tomada ás cegas! e acontecem
Despois tantas cegueiras, a alma o sente
E estes olhos coitados que amolecem.
Entretanto que cuida a leve gente
Que não sabem para onde vêm nem vão,
Regidos sô do caso e accidente?
Assi afirmão o que é como o que não;
Em debates que ferem ás escuras
E sem certeza polos ares dão.
Estas serião as desaventuras
Que Heraclito chorava em vida andando
E Democrito ria por loucuras
Com muitas outras que fazem gram brando,
Mas havião de ser as principais
Dos que perdendo vão se outrem buscando.
Meus desatinos, onde me levais
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andurriais?
Tomastes me jazendo á minha fonte;
O caminho não mingua, antes mais crece
Por muito que a rezão clara desconte.
E não me abasta o mal que me acontece
No meu quinhão, mas inda a vergonha
Que de mim mesmo e de outrem me recrece.
Que sorte tam estranha de peçonha!

---

101 AB O mesmo tempo. — 102 AB Ai quanto custa. — 103—104 A A algums queixumes de fora parecem E talvez o serão, sô a alma o sente. B Queixas a algums de fora, isto parecem E quizais que o serão, sô alma o sente. — 107 AB D'estes (B D'esses) que vemos tantos a milhares. — 108 A do sô caso. B e do accidente. — 109—111 AB Ondas que aos ventos vão correndo os mares Andabatas (*sic*) que ferem ás escuras, E sem certeza dão por esses ares. — 117 A Pero sempre hão de ser a. p. B Posto que serão sempre a. p. — 118 A Dos que perdendo. B As dos que assi se perdem. — 124 B bastar. — 125 A (Que é tanto em meu quinhão) inda a vergonha. B Que é tanto em dano meu senão a vergonha. — 126 AB Que de mim e que d'outrem m. r.

Ando em busca de mim, não sei por onde,
Em quanto esta alma tresvalia e sonha.
Aqui sômente a vã Eco responde
Que parece tambem que anda ela em busca,
Não sei por que cavernas se me esconde.
Quando se parte o sol e este ar se embrusca,
Ela sô me acompanha, ah crueldade!
Tambem dirá por mim: este que busca?
Triste que eu ja não ando por piedade!
Som em poder da dor, entendo o erro,
Entendo o engano, entendo a vaidade,
Sigo ũas sombras que ja nunca aferro,
De ũa sô folha que atrevesse tremo.
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro:
Por mim ja nada, por vos tudo temo!

133—134 AB Quando o mundo esclarece e quando embrusca Suspirando eu (B Se eu suspiro) suspira; ah crueldade. — 136 AB Triste que ja não ando apos piedade. — 138 AB Entendo o dano. — 139 AB ũas sombras vãs que nunca aferro. — 140 AB atravessa.

Egloga V.

Nemoroso.

115.

f. 68 v.

Egloga.

Nemoroso.

A Antonio Pereira.

1. De los nobles Froais
En Pereiras mudados
Tronco, aca de real mano enjerido,
Que tanto os trabajais
Como a vuestros pasados,
Tales en guerra i en paz, era devido,
(Un cuento tan cumplido
De sucesion derecha
I noble antiguidad
Desde una i otra edad!),
Si esto al gran corazon algo aprovecha,
Oid los mis pastores
Que riñen i otros cuentan sus amores.

J f. 102 v. Egloga a A. P. senhor do Basto. *O MS. diz:* A A. P. chamada Nemoroso. A f. 114. Egloga V Nemoroso. A Antonio Pereira senhor do Lamegal e do Basto. B f. 55 v. Nemoroso. A Ant. Per. senhor do Basto. Egloga Quinta. E f. 38—48. Egloga V de Frco de Sà de Miranda. A Antonio Pereira. *Sobre a ordem das folhas no nosso MS. veja se a nota correspondente.* — 1—13 AB De los nobles Floiais En Pereiras mudados Derecho tronco sin algun contrasto, Que por nombre contais Todos vuestros pasados Del tiempo del buen rei Alonso, (B Alfonso) el Casto: Tan bivo se halla el rasto De sucesion derecha I noble antiguedad Hasta esta nuestra edad, Si al grande (B Si esto al gran) corazon algo aprovecha, Oid vuestros pastores Que riñen, i otros cantan sus amores. — 7 E En cuento. — 10 E en otra edad. — 13 E i otros cantan s. a.

2. Espero que algun dia
Aun se oiga en lejos parte
(Si no que este deseo grande engaña)
Otra zampoña mia
En loor vuestro, mas rica i de mas arte,
I no de flaca caña.
Agora en mi cabaña,
Donde al tiempo importuno
Me vine recogiendo,
Que mal, si estoi tañiendo
A las musas i a vos? daño ninguno!
Contento ansi estuviera,
Son que acuden aca males de fuera!

3. El vulgo incierto i vano
Cuenta que de un peral
Vido un rei moro estar crucificado
Nuestro rei soberano:
Ia su casa real
Apellido i la cruz dende ha tomado.
Fue un tiempo tan osado
Que cubrió de patrañas
Por qualquiera ocasion
Maiormente el blason,
f. 69. Maiormente en la Francia i las Españas.
Andaron a las sueltas,
Ora venciendo van mas a las vueltas.

14—26 AB Espero que algun dia Aun se oiga en lejos parte (Sino que el gran deseo siempre engaña) Otra zampoña mia Labrada con mas arte, De fino box, i no de flaca caña. Agora en mi cabaña Adonde al importuno Tiempo me vine huiendo, Que mal si estoi tañiendo Rusticamente i no ofiendo a ninguno? (B i no ofendo alguno) Que abrigado este fuera, Son que (B Sino que) entran aca vientos de fuera! — 27—39 *Faltão em* AB. — 31 E Ia en su casa real. — 35 *O nosso MS. escreve:* Por quiera ocasion. E: Por qualquira ocasion. — 36 *Parece que este verso está errado, mas acha se repetido em* E. — 37 E Que en la Francia i las Españas. — 39 E Ora vencidas van nos a las vueltas.

4. Mucho tiempo perdi
Bien hecha la mi cuenta:
Vi tierras, vi costumbres diferentes,
Estonces, vuelto a mi,
Entrado en nueva afruenta,
Sobreestuve i dejé correr las gentes
Por los inconvenientes
De fuera ver mejor.
Segura, dulce i santa
Vida de fuera! i quanta
Vana fatiga vi! quanto sudor!
I ansi cansado i todo
Aqui lleno arribé de polvo i lodo.

5. Bien pudiera jugar
Noche i dia al tablero
Con la suerte engañosa porfiando;
Pudiera negociar,
Los ojos al dinero,
Como a mi dios jurando i perjurando.
Io vine desviando
A peligros de aldea,
Digamos de la villa
Tras la verdad senzilla.
No nos matemos, mas, sea o no sea,
Enviaste me el buen Laso,
Iré paseando asi mi paso a paso.

40—52 AB Quanto tiempo perdi! No sé por donde anduve. Vi tierras, vi costumbres diferentes, Ia tardo buelvo (B vuelto) en mi; Un poco sobreestuve Arrimado i dejé correr las gentes Por los inconvenientes Ver con ojos mejores. Segura dulce i santa Vida del monte! ah quanta Vana fatiga vi! quantos sudores! I ansi cansado i muerto De polvo llegué aqui todo cubierto. — 42 E Vi tierras i costumbres diferentes. — 43 E Entonces vuelto en mi. — 46 E Por los convinientes (*Leia-se:* inconv.). — 49 E ah quanta. — 53 AB Todo el dia. — 55 AB trasfegar. — 57 AB Por el jurando, por el (B siempre i) perjurando. — 58—65 AB Mas fui me sosacando A peligros de villas I embates del concejo. Busca abrigo el buei viejo! No es tanto el mal de aca, (B *Sem:* de) no las renzillas. Enviastes me el buen Laso, Iré pagando asi mi paso a paso! (B Con el pasando iré mi paso a paso). — 59 *O MS. escreve:* Viene desviando. E Viene d. — 65 E pagando.

6. Al qual gran don io quanto
Devo, sabreis; que ardia
Temiendo i deseando juntamente.
Luego Alejo que tanto
Al bosque se escondia,
Perdido el miedo, acometió la gente,
Dejada la su fuente,
A los otros silvando
Que ia alla tambien son fuera,
Lo que antes no venciera
La sobervia amenaza
O el ruego blando.
Agora que mas oso,
Paguemos juntamente a Nemoroso.

---

66 E Al qual don (*Leia-se como no texto*). — 67 AE sabeis. — 69—71 A No me atrevia a tanto Que el son que me plazia Por mim (*Leia-se:* mi) aplazer fiziese a nuestra gente. — 66—71 A El qual gran don io quanto Por os pagar ardia, Sabeis; mas recelava juntamente No me atreviendo a tanto Que el son que me aplazia Por mi hiziese aplazer a nuestra gente. — 72—79 AB Aqui cabe esta (B junto a mi) fuente Jugava solo el juego: Sacais me alla a la clara, Lo que antes no acabara La sobervia amenaza o el blando ruego. En compañia tal El bien será mas bien, menos el mal. — 78 E ia mas. — 79 E juntamiente al Nemoroso.

Pastores da Egloga:

Pelaio. Salicio.
Sancho. Blas.
Rodrigo. Serrano.

Pelaio.

Di me, pastor de cabras alquilado,
(No te me enojes por la tal demanda
Que parece que estás como turbado,)
A quien envió Toribia la guirlanda
Que ella trujiera sobre sus cabellos,
f. 69. Cantando con que voz clara i quan blanda?
A quien enviava juntamente aquellos
Sus ojos que de amor son corredores
Que se va el corazon perdiendo entre ellos?
Mañana de san Juan quando a las flores
I al agua todos salen, quien tal gala
Vió i tal desenvoltura entre pastores?
Ora, que parecia alli Pascuala,
I Menga que? i que Costanza i Antona?
Antona, que a su ver quien se le iguala?

---

2 E No me te enojes. — 2—3 AB I no te enojes con la tal demanda Que me echas un mal ojo atravesado. — 5 AB traía. — 6 A i con que voz. — 7 AB I a quien. — 9 A I que el mismo se va biviendo d'ellos. B Que se iva el mismo Amor envuelto en ellos. E Que se vea. — 12 A Vió nunca i sus desdenes matadores. B Vió nunca i tal donaire entre pastores? — 14 *O MS. escreve:* oj que Costana. A I Menga? que Constanza i la Perona? B I Menga que? Costanza i la Perona? — 15 AB Aquellas que a su ver quien las iguala?

Que gracia! que ademanos! que persona!
Que color de una rosa a la mañana
Que se abre toda fresca i se corona.

Sancho.

Soldada tuia fue, cabeza vana,
Todo ese cuento; sirves años i años:
En fin poco ganado i poca lana!
Simple, que no percundes los engaños!
Pasa volando el tiempo i no se ve,
f. 67v. Huien los bienes, vienen se los daños.
O tu duermes tendido nunca, en pie
Como la grulla? Sigue la noche al dia;
Tu no sabes lo que es, ni lo que fue.
Pelado! oh oh, que erré! Pelaio, es mia
Una ora, es otra tuia, otra verná;
Que se empujan, mi fe, como a porfia.
I siempre el tiempo que recogido ha
Espacio, a maior furia todo asuela.
Viento, granizo, piedra por do va;
El feo torbelino rueda i vuela,
Al pino, al roble, al fresno, al olmo aferra,
Amenaza la villa i el aldeahuela.

---

16 A Que gracia! que frescura i que persona! B Que gracia! que blandura i que persona! — 18 A Se muestra al sol que se abre i se corona. B Que al despuntar del sol se abre i corona. — 19 *A rubrica:* Sancho *falta no MS.* — 21 B I al fin. — 23—27 AB D'esas demostraciones aparentes Vestidas por de fuera en verdes paños. Tu duermes i no duermen los parientes, No los amigos, no quien cada dia A tus locuras claras (B claras locuras) para mientes. — 25 E I tu duermes tendido, i nunca en pie. — 30 AB De otros que ansi se truecan a porfia. — 31 AB Quando el tiempo sereno i claro está. — 31—32 E I siempre el tiempo que corrido ha Despacio. — 32 A Mas que no suele, recogiendo asuela. B A vezes se recoge i luego asuela! — 33—34 AB Todo con su tormenta (B con gran t.) por do va, El feo turbion i oscuro (B *sem:* i) vuela. — 33 E Vientos. — 34 E torboliño. — 35 A Todo embuelve consigo quanto aferra. B Todo lleva consigo quanto aferra. E al olmo aserra. — 36 *Parece que um original de que procede o nosso MS. e o MS.* E *estava aqui mal legivel. O nosso MS. escreve:* aldea velha *e* E aldea lleua.

Mudada la paz blanda en dura guerra,
Supitamente el bien esvanecido,
Quien eres no sabras ni de que tierra.
Mas como un hormigon de alas vestido
Alzó se al viento, vino un temporal,
No consejo tomar sabe o partido.
Correr no puede un rio siempre igual,
Ni estar soplando siempre un viento quedo,
Aora corre el bien, aora el mal.
Va liedo, va seguro, va sin miedo,
Sobervio, inchado, loco va, que asi
Se cae a ser mas triste de mas liedo!

Pelaio.

A vos gracias mis ojos con que vi
Uno que piensa ser ia del concejo:
Iazia sin saber parte de si,
Iazia como en el lazo el conejo
Que no se le podia escapolir!
No tiene para si; quier dar consejo.

Sancho.

Que locura podreis soncas oir
Maior ia, mis oidos, de un bravoso
Que cre que amor nunca le ha de mentir?

---

37 E Muda. — 37—39 AB Mudado aquel sosiego en tanta guerra Toma (B Tome) te descuidado el temporal Ni quien eres sabras ni de que tierra. — 40—42 *Faltão em* AB. — 41 *O MS. escreve:* el vento. — 43 AB siempre el rio. — 44 *No MS. falta:* siempre. — 44 A Ni el viento soplar manso, blando, i quedo. B Ni soplar puede siempre un viento quedo. — 45 AB Mas durar (mal pecado) suele el mal. — 47 AB Sobervio, todo inchado va que ansi. E vano que ansi. — 48 A que antes ledo. B Se viene a ser. — 49—51 AB A vos gracias mis ojos con que vi Uno que anda por ser ia del concejo (B consejo) I iaze sin saber parte de si. — 52—54 A Cierto no se llotrava (*Leia-se:* quellotrava) de buen rejo; Fazia unos pasmar, otros reñir; No lo tien para si, quier dar consejo. B En el lazo se está como un conejo Sin poder se d'alli descabollir; Para si no lo tiene, i da consejo. — 54 E que era dar consejo (*Err.*). — 55 *Em* A *falta por engano a rubrica:* Sancho. — 55 E Que locuras. — 55—57 AB Que locura podeis maior oir, Oidos pacientes que un bavoso Crer que fortuna siempre le haia a reir. — 56 E bavoso. — 57 E Que crer que nunca amor lo haia mentido (*sic*).

Será por mas galan, por mas donoso,
Por maioral de toda nuestra aldea?
No, no, son por mas lindo i mas hermoso!
Mi fe, pro te haga, por tu bien sea!
Por las ijadas de envidia rebiente
El que tal asma! son venga, oiga i vea!
Toribia o que diré? brava serpiente
Puede tener amor? antes terná
De invierno el rio inchado su corriente,
I en seco los sus pejes dejará
El Tajo i aun la mar. Ah que buen cuento!
Destempló se el reloj quantas que da.

Pelaio.

Todo se mude, vaia en alto al viento
Volando el galapago, ponga boca
A la gaita el borrico i cobre aliento,
Baile el buei perezoso, pues tan poca
Ha i de vergüenza i boca tan osada
Que tan sin discrecion con lengua toca.
Mas muerde, sierpe mala arrabiada!

58—59 A Que no pueda estar queda; por donoso. Por mas sabido de toda el aldea. B Siempre le ha de estar queda por donoso? Por el sabido mas de nuestra aldea? — 60 B mas por mas lindo. — 61—63 AB En fin pro te haga, por tu bien te sea, Zagal nacido en ora tan plaziente Si (B Si tu) confianza a mal (B el mal) no te acarrea. — 61 E por te haga. — 63 E arma, son venga oie i vea. — 64 E lo que diré. — 66 A Lloviendo el rio inchado, su corriente. B El rio inchado queda su corriente. E inchado el rio. — 67 B a sus peces. — 68 A Cada uno de los rios Tajo i Duero. B Cada uno de los dos el Tajo i el Duero. E ai que buen cuento. — 69 E quantos que da. — 70 *Em* E *(como no nosso texto) é* Sancho *quem continua a fallar. Porem alli acaba na linha* 87, *começando então* Pelaio *que só deixa de fallar ao intervir* Rodrigo. — 70—75 AB Pelaio. Todo se mude, vaia al ventisquero Volando el galapago, i ponga boca A la gaita el novillo plazentero; Baile el buei perezoso i viejo en poca De plaza, pues hai lengua tan osada (B Plaza pues que ha i una lengua tan osada) Tan atrevida, tan dañada i loca. — 71—72 E ponga boca (*i. e.* pong' a boca) La gaita. — 73 *O nosso MS. escreve:* al bon *em lugar de:* el buei. — 75 E *mal legivel. Parece dizer:* i la lengua roca.

Haz lo que sueles, que será quien fuere
Toribia siempre hermosa i siempre amada!
Quan propio se es de un perro a quanto ve
f. 68. Reñir, ladrar, morder sin discrecion,
Correr aca e alla, no sabe a que!
Mas vea, aqui do pongo el mi zurron,
Tomo el caiado, salgo a campo a quien
En algo tocar pueda esta question:
Toribia (ha i quien lo niegue?) es quanto bien
Aqui tenemos (ha i quien lo contradiga?)
En beldad, en bondad digo tambien.

Sancho.

Tus palabras, parlero, una hormiga
A viento alzal-las ha, no pesan mas;
La tu propia locura te castiga.
Pero por que, loquillo, inchado estás?
Al contrario diré que esa perjura
De quantas por ahi vemos queda atras:
De zagala no tiene son la figura,
Con que engaña a los ojos; un bien tiene
Que, sea mucho el mal, mucho no dura,
Que tan liviana cosa no sostiene
Reposo alguno. Mas viene Rodrigo!
Otro tiempo será que te lo apene.

---

77 AB Seas quien sueles que será quien fue. — 78 E sierpe hermosa. — 79—81 AB El perro por costumbre a quanto ve I no ve ladra sin mas dilacion (B ladrar va s. d.) Corre aca, corre alla. — 81 *O MS. escreve:* a quem. — 82 AB eis aqui que pongo. E Mas veis aqui do pongo mi zurron. — 83 A salga a campo quien. B salga al campo quien. E salgo al campo a quien. — 84 A Defender me quisiere otra tencion. B Defender me quisiere esta question. — 86 AB Tenemos (ha i quiza q. c.?). — 87 A En bondad i beldad. B En bondad i en beldad. *Falta em* E. — 89 ABE Al viento alzal-las ha. E no piensa mas (*Err.*). — 90 AB locura propria. — 92 AB Solamente diré. — 93 AB Pensar ni hablar mas d'ella es por demas. — 94 A Que de mujer no tien son la figura. B No tiene de mujer mas que figura. *Está corrupta em* E *onde diz:* Zagala no tiengo sino la figura. — 95 *O MS. repete as ultimas duas palavras da linha antecedente.* AB Con que engaña los ojos. — 96 B tura. — 97 AB La tan liviana c. n. s. E Que tal liviana c. n. s. — 99 B Otro dia. E Aun tiempo.

Rodrigo.

Io voi cantando. Va solo *comigo*
El mi *enemigo*, Amor, siempre *reniendo*,
(Que no lo *entiendo* aunque harto lo he *tratado*)
Todo *turbado*, siempre *murmurando*,
Briegas *armando*, lleno de *sospechas*,
Cuentas *estrechas*. Venga, esté me o *vaia*,
En *atalaia* está, que siempre *otea*
Porque io no *sea* solo una ora *mio*.
Si me *desvio* i fuio a la *montaña*,
El me *acompaña* en la mi *soledad*.
Mas que *verdad* de los que eran por *mi*
Dejar me *ansi* con quien tomado ha a *pecho*
De a mi *despecho* hazer me *compañia*?
Mal de *entredia*, de entrenoche *mal!*
Todo *animal*, toda otra biva *cosa*
Duerme i *reposa;* solo io, triste *io*,
Io solo *no*. Basta que Amor no *quiere!*
Ah quien me *oiere*, en mi mal *escarmiente;*
Huia la *gente*, huia; sus *carreras*

105 E venga me este o vaia. — 106 E quien siempre otea. — 109 E a la mi soledad. — 113 E i entre noche mal.

100—154 *Em lugar d'estes* 54 *versos* AB *têm* 26 *completamente differentes que dizem:*

Io voi huiendo va (B i va) solo *comigo*
Este *enemigo* Amor siempre *riñiendo*
Que no lo (B le) *entiendo*, aunque harto le (B le) he *tratado*,
Siempre *enojado*, siempre *murmurando*,
Causas *buscando* para sus *sospechas*,
(B Siempre causas buscando a s. s.)
Cuentas *estrechas* de celos *pesados* (B celos tan pesados)
Por mis *pecados*, como a Amor (B a el le) *pluguiera*.
Un bien me *diera* en que pensar *pudiese*
Siquiera *fuese* acompañado o *solo;*
Luego *turbó lo* aquel plazer *tamaño*
Un caso *estraño*, que en el pecho *traio:*
Era por *maio* el tiempo, i mis *amores*
Llevavan *flores*, vino un cierzo *frio*,
En (B Que en) daño *mio* todo lo ha *quemado*.
Ah bien *pasado!* quando alzé mis *ojos*

Antre las *fieras* busque, entre ellas *ande!*
Dios bueno i *grande!* no se ve *lisiado,*
I no *cansado* de la lengua *alguno.*
Corre *importuno* el cojo; va sin *tino*
Por tal *camino* el malsano i *viejo.*
Que buen *consejo* de *naturaleza:*
En *fortaleza* i torre *aviudada,*
Aprisionada, la lengua nos *dió,*
Los ojos *no,* no manos, no *oidos,*
Libres *sentidos* como veis, i a *pares!*
Ai mis *cantares,* que aqui me *traeis?*
Que mas *quereis?* Un tiempo Amor me *diera*
Por la *ribera* en que pensar *pudiese,*
f. 68 v. Si quiera *fuese* acompañado o *solo;*
Luego *turbó lo* aquel mi bien *tamaño*
Un caso *estraño* que encubierto *traio:*
Era por *maio* el año, i mi *amorio*
En daño *mio* todo lo ha *quemado.*

---

119 *O nosso MS. escreve:* Amtre las fieras busqe estrelhas ande! — 120 *É esta uma das poucas palavras que não soubemos decifrar. Parece dizer no nosso MS.:* Ojo i bueno. *No de Evora:* dios bueno. — 125—126 E En fortaleza ai torre abaxada En percionada la lengua nos dió (*Lição corrupta*). — 127 E i no oidos. — 128 *O nosso MS. escreve:* sentindo. E como veis, a pares. — 129 E que me aqui traeis. — 130 *O nosso MS. escreve:* dió *em lugar de* diera. — 132 E i solo. — 135—136 E i mis amores En mis dolores.

Secos abrojos *vide,* que otro *no.*
Quien lo *mudó* asi todo de *otra mente?*
Quien la mi *fuente* turbó limpia i *clara,*
(B Quien mi fuente turbó tan l. i cl.)
Do me *mirara* i vi la gloria *mia*
Quando *huia* el tiempo a tal *sabor?*
(B Adonde hallara aquella gloria mia
Aquella mi alegria en tal sabor)
Mientras a *Amor* le plugo (B que pl. a Amor) i mi (B a mi) [*ventura*
Poco *segura,* huidiza i *vana,*
Suerte *villana* . . . . mas io quien *oteo?*
Zagales *veo,* Amor *enemigo!* (B Amor crudo enemigo)
En buen *abrigo* me faltó el *reposo.*
Menesteroso aqui i en toda *parte.* (B toda a parte. *Leia-se:* toda parte).

Quando huve *alzado* los mis tristes *ojos*,
Secos *abrojos* vi de *solamente.*
Quien la mi *fuente* me embolvió tan *clara*
Do me *mirára* i vi la gloria *mia*
Mientras *huía* el tiempo al sabor *grande;*
Agora que *ande* cumple me en *destierros,*
No ia por *ierros,* salvo si gran *fe*
Grande ierro *fue!* ai la penà *grave!*
Oh que tan *suave* ia fue que *ardia*
Mientras *plazia* a Amor i *fortuna.*
Una a *una* contar antes *puedo*
Mostrando al *dedo* todas las *estrellas*
Que las *querellas* de la mi *ventura*
f. 69 v. Poco *segura,* fuidiza i *vana.*
Suerte *villana!* mas io canes *veo.*
Fuio i *peleo* por demas *comigo.*
Ai buen *abrigo* me falta i el *reposo,*
Menesteroso aqui i en toda *parte!*

Pelaio.

Rodrigo, *guar-te!* No te haia traido
La mala suerte, quando ivas huiendo
Los hombres, donde el drago era escondido,
Adonde con la su lengua esgrimiendo
A grandes ni a pequeños nos perdona,
Siempre pensando mal, siempre diziendo.

Sancho.

El si, es el que por dragon se apregona
Diziendo mal, que bien hablar no sabe.
Su gesto lo declara i su persona.

138 E vide solamiente. — 142—143 E en destierro No ia por hierros (*sic*). — 144 E ai la mi pena grave. — 145 E Que tan suavemente. — 146 E i a la fortuna. — 147 E A una a una. — 151 E Mas io quien es veo (*Leia-se:* canes *em lugar de:* quien es). — 153 E En buen abrigo me faltó el reposo. — 156 E ías. — 157 *O MS. escreve:* dragon. — 159 A A bivos ni a los muertos no perdona. B Ni a los bivos, ni a muertos no perdona. E no perdona. — 160 AB Ora pensando mal, ora diziendo. — 161—162 A El mismo soncas es que se apregona Hablando asi. B El mismo es que por drago se pregona Hablando a si (*Leia-se:* asi). — 163 AB lo descubre.

Pelaio.

Ah ah, no cale mas que otro se alabe
Ni que a otro desprecie, que hoi tal dia
Se puede todo ver antes que acabe.
Si quiere que partamos la porfia
A cantar i bailar, si quiere a lucha,
O si quiere puñadas, venga via.
Si no canta i no baila i no lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca.
Quiera a tañer, tañamos i tu escucha.

Rodrigo.

Holá tené-os! que discrecion poca
Es esta vuestra! soncas bien tuvistes
De tiempo a la question villana i loca?
I si por mi esperando os estuvistes
Justo era que primero de vos sepa
El como i por que causa ambos reñistes.

Sancho.

Io me estava arrimado a aquesta cepa
Pensando (te confieso) al rifran viejo
Que cada qual en su pelejo quepa,

---

164 AB que asi se alabe. E Ha, ha! que no cale. — 165 A otre. B Ni que desprecie a otro. — 167 AB Si manda. — 168 E i a bailar, si quiere la lucha. — 169 AB O si a puñadas mas que plazer me haria (B me hia). E No se quiere (*Leia-se:* O si quiere). — 170 B Si no canta, no baila. E i si no baila. ABE i si no lucha. — 172 AB Quiere a tañer. E Quiere tañer. AB tu juzga i nos escucha. — 173—175 E Holá tené-os! Que descrecion tan poca Es esta vuestra! soncha bien tuvistes El tiempo a la quistion villana i loca. — 174 *e* 175 *O MS. escreve:* vuestras *e* Do tiempo la question. — 174—175 B tiempo no tuvistes Sin mi a la locura que ora os toca? — 175 A De tiempo a la locura que ora os toca. — 176—178 A Si como adrede esperando estuvistes Por mim (*Leia-se:* Por mi) justo es tambien, que de vos sepa A punto por qual causa ansi reñistes. B I si adrede esperando me estuvistes Juso será tambien que de vos sepa Por que causa o razon ansi reñistes. — 178 E años tenistes (*corrupto*). — 179 E arrimando aquesta cepa. — 180—181 A D'este fresno pensando al refran viejo Que en su pellejo cada uno se quepa. B Pensando a la verdad nel refran viejo Que cada uno en el su pellejo quepa. — 181 E quequa (*Leia-se:* quepa).

Vino se este loquillo zagalejo,
Habló como quien es de buena entrada,
I cierto que el no cupo en su pellejo.

Rodrigo.

A mal se vaia el mal, dé se pasada
A toda furia i todo encendimiento
Que la pasion es ciega i no ve nada.
Sancho i tu deves tener mas tiento
Que eres maior de dias; i tu es bien
f. 70. Que le tengas, Pelaio, acatamiento.
Mas oigo una zampoña i no sé quien
A nos se viene; parece Salicio,
El se es buen pastor; i Blas tambien.

Salicio.

Mientras io ardo, Amor, i el fuego *aticio,*
En tu *servicio* acometo i *temo,*
Mientras que *temo* i ardo *juntamente,*
(Que lo *consiente* ansi suerte *inimiga,*)
Mientras me *obliga* Amor a *desamar me*
Que ni *dejar me* ni tener me *puedo*
Sin nunca *ledo* ver solo un *momento,*
En tal *tormento,* i tal furor que *aguardo?*
Ora ia *tardo!* por locura o *suerte*
De tanta *muerte* no tomaria *alguna?*
Sabe la *luna,* el sol i las *estrellas*
De mis *querellas* i mucha ansia *mia*

---

182 E loquezillo (*Leia-se:* loquillo). — 184 AB I no cupo por cierto en su pellejo. — 185 A Al mal. B El mal se vaia al mal. E Al mal se vaia el mal, dé-le pasada. — 186 B a todo encendimiento. — 188 A Sancho i tu deves de. B Tu devieras tener, Sancho mas tiento. E I Sancho tu deves de tener mas tiempo (*Leia-se:* tiento). — 190 E a Pelaio. — 192—193 A Lo acompaña cantando, al que parece Salicio i Bras, el uno i el otro bien. B Cantando la acompaña Blas parece I Salicio el que canta, entrambos bien. — 194—222 *Faltão em* AB. — 198 *O nosso MS. escreve:* amor desamar me. — 199 E Quejar me ni tener me puedo. — 202 E Ora ia que tardo. — 203 E no tomar alguna. — 205 E Las mis querellas i mucha ansia mia. *O nosso MS. escreve:* i mi ansia mucha.

Quien me *diria* de que vas *inchado*,
Amor? Asi *atado* de manos i *pies*
En tierra *ves* un triste que te *mira*
Solo i *sospira:* en tal los tus *poderes*
Mostrar *quieres*, sobrano i *desdeñoso!*
Un *malicioso* i que te tiene en *poco*,
De niño *loco* te trata i ha te *juego*.
Por eso *ciego* te pintó el *pintor*
Que bien *amor* provó, con (?) el *pinzel*
Por cierto *aquel* tuvo miravel *mano*.
Que tan *liviano* volando a las *ciegas*
De nos te *juegas*, de nos burlas *hazes*,
Bravo en las *pazes*, blando niño en *guerras*
Son que nunca *ierras* estos tristes *pechos*
Do tan *derechos* los tus tiros *mandas*.
Quejas, *demandas* eres i *mudanzas*,
Burlas i *danzas:* ai que ciertas *leis!*

Blas.

Valles *sabeis*, los montes, sed me *aqui*
Vos testigos *si* nunca estos mis *ojos*
Sin mil *enojos*, sin lagrimas *vistes!*
Ojos mas *tristes* que nunca *nacieron*
Que luego *fueron* en se abriendo *ciegos*
I que mis *fuegos* dobláran *llorando*.

---

207 E si atado. — 208 E que a ti mira. — 210 E sobervio i desdeñoso. — 211 E i que tiene en poco (*Err.*). — 212 E De niño i loco te trata i haze juego. — 214 *O nosso MS. escreve:* oren el pinzel *o que nem dá sentido nem satisfaz as exigencias do metro.* E *escreve:* el pinzel. — 215 E miseravel (*Leia-se:* miravel). — 216 E Tan de nos. — 219 *O nosso MS. escreve:* ieruas *em lugar de:* ierras *e* distos *em lugar de:* tristes. — 223—253 AB *atribuem esta passagem a* Salicio. —
223—228 AB Quando se pone el sol, quando *amañece*
Siempre *anochece* en este valle *aqui.*
Triste de *mi!* de doze o treze *estios*
Los ojos *mios* quando enjutos *vistes?*
Ojos tan *tristes* de lagrimas *ciegos*
Que tantos *fuegos* acendeis llorando.
224 E Testigos. — 228 E doblaron.

Coitado! i *quando* pensé que eran *muertos*,
Siendo *cubiertos* de tanta i tanta *agua*,
En la gran *fragua* alzó se maior *fuego*.
Dezid me os *ruego*, de que *pedernal*
Se enciende *tal* hoguera que tanto *arde?*
Quando mas *tarde*, quando todo *falta*
Ve se mas *alta*, ve que mas se *esfuerza*.
Toda otra *fuerza* o vence o mengua el *dia*,
Esta *porfia* i mal quanto ha que *dura!*
Pasa la *oscura*, noche, el dia *viene*,
No lo *detiene* desconcierto o *acierto*.
Vemos *cubierto* el sol, todo *añublado*,
Luego *arraiado* hermoso i claro *queda;*
f. 70v. Una ora *leda*, sigue airada otra *ora*,
A la *traidora* sigue otra ora mas *blanda;*
Es rueda que *anda!* io siempre empleito *en guerra*
Huí por *tierra*, huí por la *mar*,
Nunca *aportar* a parte pude *estraña*,
Nunca a *tamaña* de aire *diferencia*
Que esta *dolencia*, amor, locura, o que *era*
Ende *primeramente* no *arribase*
I me *mostrase* que era por *demas*
Bolver *atras*, ni descapulir por *pies*.
Prové *despues* la mi paciencia *luenga*,
Mas a la *luenga* todo se *quebranta*.

230 *O MS. escreve:* descubiertos *em lugar de:* cubiertos. B con tanta. — 233 AE Se aciende t. h. i que tanto arde? — 234 A Tanto a la tarde que. B Tan tarde ia que. E Quanto mas tarde, quanto todo falta. — 235 AB Llama mas alta sube i mas se esfuerza. *O MS. escreve:* me esfuerza. — 236 B o mengue o venza el dia. — 237 A Sola esta mia congoja está dura. B Esta congoja mia solo atura. — 238—239 A Ai la ventura como vas burlando Bien esperando si ierra, mal no si ierra. B Ai como la ventura va burlando Como esperando va si ierra o no ierra. — 239 E *Está corrupto:* Vemos cubertos todo in nublado (*sic*). — 240—244 *Faltão em* AB. — 242 E sigue otra mas blanda. *O MS. escreve:* airado. — 245 B Huiendo por la tierra o por la mar. E Huí por la tierra, huí por la mar. *O MS. escreve:* huuj por mar. — 246 B fui tan estraña. — 249 B Alli. — 251 B Bolver me atras o. AB escabullir. E escabolir. — 253 AB todo a faltar viene. E lengua (*Leia-se:* luenga) todo se aquebranta.

Rodrigo.

Ea ca *levanta* amigo; oh mis zagales.
Cesen las quejas pues que os trajo dios.
Sé que siempre havrá tiempo a quejar males.

Pelaio.

Por aora ha i defirencias antre nos
Que todos cesaran con tal venida.
Hazé-os mas aca soncas los dos.

Salicio.

Tu buena voluntad sea complida.
Rodrigo, estés con bien; Sancho i Pelaio
Todos haiais plazer i larga vida!

Rodrigo.

I a vos, siempre por siempre el luengo maio,
Corto os lo hagan los plazeres buenos
Con que el tiempo se huia como un raio.
Aca nuestros amigos estan llenos
(Delante ge lo digo) de mal rencor,
I de celos rabiosos quando menos.

Pelaio.

Duro, sobervio, toda otra cosa amor,
Mas que no amor, mal sin resguardo alguno,
Antes saña, antes rabia, antes furor,

---

254 AB Aca se vienen mis buenos hermanos. E D'aca llevanta o mi zagales (*Leia-se:* amigo. Oh mis z.). — 255—256 A Quantas de quejas van de los amores Las quejas vanas, los amores vanos. B Oh quantas quejas ha i d'estos amores Que nunca vanas son, i ellos son vanos. — 255 E pues os trajo dios. — 256 E hará el tiempo. — 257 *Em* ABE *é* Rodrigo *quem continua.* — 257—259 AB Duelen mas que de veras sus dolores. Sea mucho en buen' ora la venida (B Mas sea en ora buena l. v.) Llegá-os mas aca, buenos pastores. — 258 E secaron. — 259 E Azeis (Hazeis) mas aca conchas (*i. e.* çoncas). — 260 AB Sea la voluntad tuia (B vuestra) cumplida. — 261 E Delante luego digo. — 262 A Todos plazer haiais. B Todos plazer tengais. — 263 AB I a vos, amigos el cumplido maio. — 265 A se huie. B nos huie. — 267—268 AB Ansi lo digo a entrambos de consuno De celos arrabiados quando menos. — 269—271 *Faltão em* AB. — 269 *O MS. escreve:* Puro. — 271 E sañas.

Dejemos, los pastores, que ninguno
Sin quejas de amor va. Dad me a las aves,
Dad peces i animales uno a uno.
Todos iazen debajo de sus llaves,
I los dioses tambien; por este Apolo
Enchió los bosques de sus quejas graves.
Pobre pastor de Admeto, oió lo i vió lo
Con zurron i zampoña el rio Anfriso
Sopuesto el caiado, triste i solo.
Quantas lagrimas por un medio riso
Siquier nonada! mas son quejas viejas:
Guai de quien por señor lo quiere i quiso!

Salicio.

Mi fe si no me engañan las orejas
Al tañer i cantar oigo Serrano;
Balando le responden sus ovejas.
Que zampoña! que voz! que buena mano!

Serrano.

Arraiad ojos ia por las alturas,
De aquestos montes, salga el su luzero
A nos, huian de aqui sombras escuras.
Oh buena Delia, nazca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, i nuestro dia
I nuestro resplandor claro que espero.

---

273 AB Dad me las aves. E Dá-me las aves. — 277 A Inchió los campos de cantos suaves. B Al aire derramó cantos suaves. E Inche. — 280 A Su caiado sopuesto. B Arrimado al caiado. E el su caiado. — 281 A Quantos de lloros por no sé que riso. B Quantos los lloros son, quan poco el riso. E Tantas lagrimas. — 282 A Siquier nonadas. B Antes nonadas. — 283 ABE o quiso. — 284 A Oh si no me engañan las orejas. B Oh si no me engañasen las orejas! — 285 AB No me engañan por cierto; este es Serrano. — 286 *O nosso MS. escreve:* Bailando. — 187 AB que suelta mano! — 288 A los ojos. — 289 B D'estos montes, mostrad vuestro luzero. E el gran luzero. *O nosso MS. escreve:* lezero *em lugar de:* luzero. — 290 AB Huian hoi mas de aqui sombras escuras (B de hoi mas).

Hermosa Delia, alta seña i guia
f. 71. Aparece a los tuios que desmaian
Sin ti, todo posee la muerte fria.
Socorran los' tus ojos que se vaian
Reverdeciendo bosques i ribera:
A todos da remedio, antes que caian.
Si amaneciere, será primavera,
Todo llevará flores quanto alcanza
La vista tuia, quiera ella o no quiera.
Que aunque no quiera, do sus raios lanza,
Todo se lo enriquece; aun que matando
Todos los bienes da, salvo esperanza.
Por donde asomaran? que en asomando
Esos tus ojos, de las fuentes frias
Las ninfas se veran al sol peinando;
Luego las Drias i las Amadrias
A pasear saldran por las florestas,
Como las vimos ia quando nos vias;
I las Oreas por los montes puestas
A ver los ojos quales no se vieron
Otros en tierra: estar se ha todo en fiestas.
Mas io que veo? no, que descubrieron

---

294 A real seña. — 296 A I amenazados de la muerte fria. B Amenazados ia de m. f. E posea. — 297—298 AB Los ojos tuios socorriendo vaian A quien de otro no bive, ni otro espera. — 300 E Si amaneciesen. — 300—302 AB Si amanecieses seria primavera I llevaria flores quanto alcanza Aquella claridad relampaguera. — 301 E Todo llevar flores todo quanto alcanza. — 303—304 A Quiera ella o no, do los sus ojos lanza (Fue le dado tal don,) vida va dando. B La qual que quiera o no por donde lanza Su raio, a todos va la vida dando. — 307 A Estos. B que sus fuentes frias. E de las tus fuentes frias. — 308 A Saldran sus ninfas al sol ir se han peinando (*Risque-se o:* sus). B Las ninfas por los ver no van dejando? — 309 *O nosso MS. escreve:* Drias i Amadrias. — 310 B Paseando se saldran por las florestas. — 310—311 A Iran se paseando las florestas Como quando entre nos aparecias. — 312 AB Ver se han Oreas por sus montes puestas. E arenas (*Leia-se:* Oreas). — 313 B vieran. — 314 AB Jamas en tierra. A i estar se ha. — 315 A Mas io que veo? con que me firieron. B Mas io que veo aqui? oh que me hirieran. E Mas io si veo?

Mis ojos una luz como de raio
Con que la vista del todo perdieron.
Oh Delia, mientras los avezo i ensaio
A tanta claridad los ojos mios,
Poco a poco los muestra, que desmaio.
Ablanda esos tus ojos, que estan frios
Unos de ver te, estan se otros ardiendo,
Desatinados del todo i sandios.
Sea paz en tus ojos que, en rompiendo
Su luz por nuestra noche, lo arrebatan
Todo quanto aqui vén viendo i no viendo.
Ojos son estos que ansi desbaratan:
Comiezan de alegrar, — quitan sosiego;
Comiezan a dar vida — i luego matan.
Cubre, Delia, esos ojos, que tal fuego
Se mueve al su bolver que todo enciende,
I quien no se desvia, a la ora es ciego.
Oh Delia, que el poder tuio se estiende
A mas de lo que quieres, no los abras;
Trato entre ti i Amor que no se entiende.
Ai, que diré? si las mismas palabras
Me dejan ia? i fuego se derrama
Por los bosques, los montes i las labras?

---

316 AB Subito de una luz como de raio. — 317 A Con que mis ojos la suia perdieron. B Con que mis ojos ia su luz perdieran. — 319—320 AB que no sostengo Deten te que o me muero o me desmaio (B que me muero i me d.). — 321—323 *Faltão em* AB. — 324—325 A Sea paz con tus ojos que no tengo De aliento tanto; ai que desbaratan. B Ah paz paz con tus ojos que no tengo Aliento ia, que todo desbaratan. — 326 AB Si no te vengo a ver, triste a que vengo? — 327 B Ojos son esos tuios que arrebatan. — 328 B Comienzan alegrar. — 330—332 AB Cubre, oh (B ah) cubre esos ojos que tal fuego Alzan al su bolver que luego (B que todo) enciende Quien no se les (B le) desvia esa ora (B al ora) es ciego. — 331 E Se enciende. — 332 E a esa ora es ciego. — 333 A suio. — 334 AB piensas. — 335 A Trato entre ellos i amor. B Tienen trato con amor. — 336 A Mas que diré s. l. m. p. B Que puedo mas dezir si mis palabras. — 337 AB si f. s. d. — 338 A Por montes, por los prados, por las labras. B Por los montes, por prados, por las labras.

Ojos, ia ojos no, mas biva llama
Que todo abrasa de ardientes deseos,
Do bive i reina Amor, ama i desama.
Quien sufre aquestos ojos meduseos
Que en piedras nos trasforman con su brio?
Por cierto monstro i por tal beldad feos,
Si se puede dezir tal desvario.

Salicio.

Oh buen Serrano, a tal tiempo venido
Por buena suerte, no sea esta obra vana.
Llega te, amigo, aca; da me el sentido.
Por esos mismos ojos, mas que humana
f. 71 v. Beldad i con razon tanto alabados,
Delante quien no para alma villana,
Aiuda nos, que somos parejados
Contigo ansi cantar como aqui estamos,
Por pares digo, i no por igualados.
Defienden nos del sol los spesos ramos
De la floresta, tal sombra convida
I tal acierto a que agasajo haiamos.
Del dia grande la maior partida
Pasó se en quejas; ruego os, mis pastores,
Que sea en paz siquier la despedida.

339—340 AB Que no son ojos no, mas biva llama De fuego que siempre arde en sus meneos. — 341 A Bive ende i r. A. B En ellos r. A. — 342 A Quien aguarda estos o. m. B Quien espera estos o. m. — 344 AB Por mucha i desusada beldad feos. E i por gran beldad feos. — 346 etc. *Em* ABE *é* Rodrigo *a quem pertencem as linhas* 346—350 (*em* AB *pertencem lhe mais tres outras que nem andão no nosso MS. nem em* E). — 346—348 AB Oh buen Serrano a buen tiempo arribado Sea por suerte buena i no por vana, Da me la mano aca de bien llegado. — 350 AB tan alto erguidos. — 352 AB que somos repartidos. *O MS. escreve:* aparejados. — 353 ABE asi a cantar. — 354 AB A pares, lo demas juzguen oidos. — 355 AB los verdes ramos. — 356 A El agua clara i dulce son convida. B Del agua clara el dulce son convida. — 357 AE I tal acierto a que gasajo haiamos. B I la ocasion a que gasajo haiamos. — 358—360 A Del dia, pienso, la maior partida Pasó se en quejas i parte en renzillas; Sea ora en paz siquier la despedida. B Del dia, pienso la maior partida En quejas se ha pasado i en renzillas, Sea agora en paz siquier la despedida. — 360 *O MS. escreve:* siquier a d. — E siquiera la d.

Serrano.

Cantando un tiempo fui los mis amores
Que todo este gran cielo el sol corria;
Despues cantava con los ruisiñores.
Ai buenas avezillas, que a porfia
Unas con otras en pendencia vana
Cantavais, io tambien de compañia.
Son quando de color de biva grana
Abriendo se los cielos al oriente
Las aves saludavan la mañana.

Salicio.

Los milagros de amor quien no los siente?
Quien lisiado no está? quien no quejoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.
Hoi cumple el año del buen Nemoroso
Que solos nos dejó; mas quanto aina
El fue se al deseado su reposo!

360—361 AB *intercalão:*
Dejemos las questiones a las villas,
Cantemos i tañamos, los pastores,
Entretanto de amor las maravillas.

361 *É aqui que em* ABE *principia* Serrano *em quanto no nosso MS. é* Salicio *quem continua e vai seguindo até* 382, *o que é impossivel admitir-se.* — 361 E con tiempo. — 362—363 A Todo este grande cielo el sol corria, Despues las noches con los ruiseñores. B Quando todo este cielo el sol cubria, Despues la luna con los ruiseñores. — 365 A en pendencia ufana. — 366 AB Cantastes. E i tambien de compañia. — 367 AB Hasta que de color de roja grana. — 368 AB al naciente. — 369 *O nosso MS. escreve:* a la montaña. — 370 AB *atribuem a* Rodrigo *as linhas* 370 *até* 378 *e mais outras tres que faltão em* DF. E *atribue-lhe só as primeiras tres* (370—372) *e as outras a* Salicio. *Mas como o ultimo que falla antes da linha* 379 *deve ser* Salicio (*no nosso texto e em* E) *segundo o testemunho indubitavel do texto, puzemos todo este trecho na boca de* Salicio; *parecendo-nos provavel que a mesma pessoa que diz que não se ha de cantar de amor, diga tambem qual ha de ser o objeto dos cantares.* — 371 AB Quien no está (B es) escarmentado i no quejoso? — 373 AB Cumplido el año del buen Nemoroso. — 374—375 B i tan aina Iendo se al deseado su reposo.

Que podemos hazer cosa mas dina
Del i de nos, de mas vos que sois tales,
Que cantar del? I veis que ia el sol se inclina.

Serrano.

Oh, mi Salicio, que no son iguales
Nuestras zampoñas i (por mi lo digo)
A un tal pastor nos somos zagales.

Salicio.

Bien saber deves aquel dicho antigo
Que buena voluntad todo lo adoba
I todo lo haze dulce un pecho amigo.
Con quanta fuerza la voluntad roba
Uno que nos ofrece el corazon
De veras, aunque con la lengua bova!

Serrano.

Es gran verdad; tomemos conclusion:
Uno cante, otro taña, a quien la suerte
Cupiere, sin requiesta i sin question.

376—378 B Que cosa se podria hazer mas dina Del i de nos sus buenos naturales Que cantar del agora i a la contina? — 377—378 A Del i de nos (que somos naturales) Que cantar del agora a la contina. — 378—379 AB *intercalão:*

Quedará por ejemplo a los zagales
Que de los semejantes hagan fiesta
I tambien hagan ellos por ser tales.
(B I que tambien trabajen por ser tales.)

mas faltão-lhes as linhas 379—387. — 379 *O nosso MS. e* E *estão sem rubrica, mas dos versos seguintes pode-se concluir que é* Serrano *quem falla.* — 381 E A u. t. p. porque no somos zagales (*Leia-se:* Porque a un t. p. nos s. z. — 382 E *anda falto da rubrica.* — 384 E Que todo. — 388—390 AB Salicio.

No puede ser la causa mas honesta,
Uno taña, otro cante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa i sin requesta (B respuesta).

388 E concluzon. — 389 E i otro taña. — 390 *Falta em* E.

Rodrigo.

Digo que sea ansi, sin mal, sin muerte:
A quien la mas larga, ese nos taña,
I cante a quien la mas pequeña acierte.

Serrano.

La maior cupo a Blas! como es tamaña!
La pequeña a Salicio.

Blas.

De arte usas!

Serrano.

Engañado se vea el que te engaña!

Rodrigo.

Suso, suso a cantar, sin mas escusas!

Salicio.

Taña Blas, que io diré del Laso nuestro
Con buena aiuda suia i de las musas,
Con grande perdon suio i grande vuestro.

**En la muerte del pastor Nemoroso
Laso de la Vega.**

Salicio.

f. 72. 1. Rezien subido al cielo
Pastor, tan raro aca

391—393 AB Serrano.
Ora que sea ansi; sin mal, sin muerte,
A quien la mas cumplida, ese nos taña,
I cante aquel a quien la corta acierte.

391 *O MS. escreve:* i sin muerte. — 392 E A quien la mas cumplida. — 394 AB Rodrigo. E que como es tamaña. — 395 AB Blas. Artes usas? — 396 AB Rodrigo. E Serrano. *O nosso MS. está sem rubrica.* — 397 A Suso a cantar. — 398 A Taña Bras, io diré. — 400 E Con gran perdon. — 401 A Salicio. En la muerte del buen pastor Nemoroso Laso de la Vega. B Salicio. En la muerte del pastor Garcilaso de la Vega. E Salicio en la muerte del gran pastor Laso de la Vega.

Entre tantos que mal pacen la sierra,
Que ansi te alza a vuelo?
A ti en sazon quiza,
A nos por cierto no, ni a la tierra!
Tu rige el seso que ierra
I el falso entendimiento,
Que sin aiuda de arte
Se dispone a loar te
Solos sospiros esparziendo al viento,
Despedazadas quejas,
Que en memoria de ti tantas nos dejas.

2. El pastor Nemoroso
Que las musas de España
A sus regalos havian criado,
Dejado el buen reposo,
Llevó lo a tierra estraña
El hado, el corazon, i Marte airado,
La su zampoña al lado
Con que dado le fuera
A la muerte poder
Cantando enternecer
Si ni a la muerte suplicar supiera.
Mas antes, quando vió la,
Airado i todo fuego acometió la.

---

403 A De muchos que entre nos. B Entre los mas que aqui. — 404 AB te alzaste. E Quien sin te alzaste a vuelo. — 405 E A ti en sacion quiza. — 405—406 A En tiempo a ti quiza A nos por cierto estraño i esta tu tierra. — 406 BE ni a la tu tierra. — 407—408 AB Temor el seso aferra I flaco entendimiento. — 411 AB derramando al viento. E Solo sospiro espargiendo al viento. — 412 ABE I espedazadas. — 413 AB solas nos dejas. — 414 AB El nuestro Nemoroso. — 416 A En mil regalos h. c. B Havian con regalos mil criado. — 419 A De Marte el corazon, o fuese el hado. B O fuese el fiero Marte o fuese el hado. — 420 *O nosso MS. escreve:* en mano *em lugar de:* al lado. B Con su z. a. l. — 421 AB Con que fuerzas huviera (B tuviera). — 422 AB De a la muerte poder. — 424 E Si a la m. s. s. — 425—426 A Mas quando asi la vió Airada i toda fuego, arremetió. — 426 BE Airada i toda fuego acometió la.

3. No fueron los ganados
Dignos, i menos nos
Pastores d'esta tierra, ingrata gente,
Por los nuestros pecados
Que nos dejase dios
Gozar de tanto bien permaneciente,
Que tan suavemente
Cantando en la ribera
Del Tajo los sus males
A peces i a animales,
Con la su dulce voz sabor pusiera.
I mientras el cantava
Apolo el su pastor de alto mirava.

4. Naiadas por las manos
I las Napeas blandas
Al son sus pasos ciertos señalavan,
Los Faunos, los Silvanos,
Dejadas sus demandas,
Las sobrecejas spesas enarcavan;
Las aves que volavan
Rompiendo el aire puro
Por do subia el son,
Bajavan de rondon
Dejando el cielo por el suelo duro.
Cercavan en derredor
El melro i la callandra, el ruiseñor.

---

427 B fueran. — 428 AB no fuimos nos. — 429 AB de la tierra. — 434—437 A Del Tajo a la ribera I por do quiera que iva, A toda cosa biva Con la su dulce voz enterneciera. — 439 AB escuchava. — 440—445 AB Las ninfas, por las manos Naiadas i Napees, Al son andavan, al son desandavan; Los Faunos i Silvanos, Satiros, Cabripies, Las bastas sobrancejas enarcavan. — 442 E se andavan. — 445 E Las sombracejas bastas inarcando (*Leia-se:* enarcavan). — 447 A Partiendo el aire puro. — 451 A Oiendo lo a sabor. B Cercando lo al redor. E Cercavan lo derredor. — 452 AB El merlo, la calandria i el ruiseñor. E El merlo, la callandra, el ruisinhor. — 452—453 AB *intercalão:*

Mas aquel claro pecho
Do tanta de vista huvo
(B Ado tanta vista huvo)

f. 72 v. 5. Pastor, por esos altos
No van los corazones
Siempre en sospecha i nuevos pensamientos;
Alla no ha i sobresaltos,
No vanas opiniones
Seguidas siempre de arrepentimientos,
I no torres de vientos
Que amenazan caida;
Siempre mas una suerte,
Segura de la muerte
I de cansacios d'esta triste vida
I tiempo, apresurado
A bolver te a quitar quanto te ha dado.

6. Por otros verdes mirtos
I sauzes mas crecidos,
Otras iervas mas frescas i otras fuentes
Van los altos espirtos
Que adelante son idos,
De los que aca dejaste diferentes.
Que nuevo gozô sientes

Por esta nuestra noche escura todo via
(B Que todo en esta oscura noche via)
Todo tuvo en despecho,
Todo en nada lo tuvo,
Salvo dos llamas en que su alma ardia:
Una de que (B de que el) tañia
La su dulce zampoña,
Otra de su valor,
Aquel i aqueste amor,
A la su corta vida una ponzoña.
Mas parate me ledo (*Leia-se:* Mas partió se ledo)
(B I ansi se partió ledo)
Que siempre gran virtud se acabó cedo.

453 AB Alla por esos altos. — 455 A S. dudando i en n. p. B S. en dubdas i en n. p. — 458 AB Pagadas. — 461 A Mas cierta i fiel suerte. B Mas cierta i buena suerte. — 463 ABE estrecha vida. — 464 B aparejado. — 466 AB frescos mirtos. — 468 E Otras iedras. — 468—471 AB Otros mas verdes prados, otras fuentes Entre raros ėspritos Que adelante eran idos D'estos que aca dejaste diferentes. — 470 E son oidos.

En compañia viendo
Aquel buen Sanazaro,
De un Sebeto mas claro
Por la fresca ribera departiendo
Con el su Meliseo,
De nuestro tiempo uno Lino, el otro Orfeo.

7. Dos pastores toscanos
Que en tiempos antigos,
Laura uno, otro Fiameta aca han cantado,
Saldran, a ti las manos
Tendiendo como amigos,
Honra de la zampoña i del caiado;
I aquellos que han alzado
Sena i Florencia tanto
Por noble sangre i lengua,
(Ai grave daño, ai mengua
Que no la pudo igualar el llanto,
Aunque fuera de lei)
Juan Rucellai, Lattanzio Tolomei!

473—474 AB A ti gozoso viendo Venir el Sanazaro. — 475—476 A Don (*Leia-se:* De un) Sebeto mas claro Por la su orilla fresca repartiendo. B Que el Sebeto mas claro Haze ir por sus orillas discurriendo. — 476 E Por la fresca ribera repartiendo. — 478 AB Del reino resplandor Partinopeo. *Falta em* E. — 479—485 AB Quanto pastor toscano Que Arno en la deleitosa Ribera suia oió como han cantado, Vendran (B Veran) aquella mano Tocar aventurosa (B tan venturosa) Que honrava ora la espada, ora el caiado! Dos que agora han alzado. — 480 E Que en tiempos mas antiguos. — 483 E Teniendo. — 488 AB Daño tan grande i mengua. — 489 A Que nunca pudo igualal-la el llanto. B Que igualal-la no pudo nunca el llanto. — 491 *O nosso MS. escreve*: Ruscilaj. Ptolomei. A Juan Ruscula i Lactancio i Tolomæi. B Juan Ruscula i Lactancio Tolomei. E Juan Ruscelai Lactancio i Tholomei. — 491—492 AB *intercalão:*

Que daño incomparable
De ingenios (B Ingenios) tan subidos,
Enviados aca tan raramente!
I la suerte no mudable
(B La suerte inevitable)
A todos los nacidos,
No les perdona como a esta gente!
(B Lleva sin perdonar con la mas gente).

8. Mal por los tus zagales
Aca solos dejados
Sin fiestas, sin tañeres, sin cantares!
De mas, de los naturales
Quien en versos rimados
Irá aliviando hoi mas los sus pesares?
Quien los nuestros lugares
Será que venga a ver?
Quien las nuestras majadas
De ti desmemparadas?
Pudiste nos hazer i deshazer,
Que tu fuiste el primero
Que enchiste el bosque del son estranjero.

f. 73. 9. Alzaste el tu Toledo;
Correr mas claro hiziste
El grande Tajo al mar Oceano.
Mostrar se ha siempre al dedo
El lugar do caiste.
Ah ah golpe cruel! barbara mano!
Que se iva el Tajo ufano
De tu naturaleza
Mas que del gran tesoro

Suerte que tal consiente!
Quan poco ha que los viera,
Agora, agora, agora
Tan subito, a desora
Mas (B Nos) son de vista i d'esperanza fuera.
Ai fuidiza i vana
Que huies de la noche (B dende l. n.) a la mañana.

492—497 AB Pero buen Nemoroso, Mal por los tus pastores, Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares Dejados sin reposo, Quien cantará de amores? Quien las (B de las) ninfas, i quien otros (B quien de otros) cantares? — 497 E Mas. — 499 B Havrá. — 501 AB Antes sin ti nonadas. — 503—504 AB Pues nos por (B sin) ti que haremos? Si no se puede mas, que sospiremos. — 504 E Que entraste en el bosque de nos estranjero. — 507 AB El noble Tajo al gran padre oceano. E El noble Tajo al gran mar oceano. — 509 *O MS. escreve:* do do caiste. — 511—512 A Que hazia el Tajo ufano Comun naturaleza. — 512 B De su. — 513 A Mas que el rico tesoro.

De las arenas de oro
Con que al mar va envuelto en su riqueza
Regando el buen terron
De nuestra Lusitania hasta Aragon!

10. Al mui antigo aprisco
De los Lasos de Vega
Por suerte el de los Sâs viste juntado.
Si cae el mal pedrisco
Abrigando se allega
I canta ende el pastor, huelga el ganado.
Elisa, el tu cuidado
Que aca tanto plañiste
Por muerte (ai suerte) falta,
Plañiendo la en voz alta,
Quien no plañió despues do la subiste?
Ora ella al cielo erguida
Dejas la muerte atras, vas te a la vida!

11. En esto, oh buen pastor, que te va a ti?
El mal todo es de España
Si enriquecen tus huesos tierra estraña.

---

515 *O MS. escreve:* Con que el mar va de coro I envuelto en su riqueza. *É provavel que no MS. original* decoro *fosse variante de:* envuelto. ABE al mar llega. — 516—517 AB Que de Numancia abona Hasta la antigua noble i gran Lisbona. — 518 B Al tan a. a. — 519—520 AB De Lasos de la Vega Tuio el nuestro de Sâ viste ajuntado. — 521 A Buen tiempo o mal pedrisco. — 522 AE Abrigando se allega. — 522 B Al abrigado llega. — 522—523 *O nosso MS. que anda muito corrupto em toda esta estrophe escreve:* Obrigado sea. logua I canto ende el buen pastor, h. e. g. — 523 B El pastor, canta alli, h. e. g. E I canta i ende el pastor, h. e. g. — 524 *O MS. escreve:* Olisa. — 526—527 AB Quejoso de la muerte Cruel, ai dura suerte. — 529 *O nosso MS. e* E *escrevem:* oreja del ciello. AB Ora ella en alto erguida. — 531 AB En lo demas pastor que te va a ti. — 532 A Todo el daño. B Todo el mal. *O nosso MS. põe aqui:* Fim. E *mete* Finis *entre a linha* 530—531.

Egloga VI.

(Inedita.)

Basto.

Os MSS. não indicão titulo para esta Egloga.

116.

Egloga.

Pastores: Gil e Bento.

1. Foi assi pola ventura
Que, andando ora aquele dią
Afogado da quentura
Por terra que não sabia,
Que, aquela menhã, correndo
Polo monte, em quanto provo
Ums cãis que houvera de novo,
Fui me trespondo e perdendo.

2. Levou me um lobo apos si;
Eu como doudo corria;
Toma aqui, toma ali!
Ele desaparecia.
Cuidando de lhe atalhar,
Pelo alto atravessei;
Tanto corri, tanto andei
Que me não soube atinar.

A rubrica do MS. continua: Que é a mesma que Frco de Sâ mandou a Nuno Alvarez Pereira mas emendada em muitas partes. — F f. 91—95: Dialogo de dous pastores Gil e Bento por Fr. de Şâ de Miranda. — *Diz-se em N. M.:* Sâ Miranda 6; não anda. — *Ja dissemos que é uma redacção nova da Egloga que vai como segunda na Pe II No.* 103. — 2 *O MS. escreve em lugar de:* Qu'andando Quando eu. — 3 F de quentura. — 4 Aquella menhã. — 11 e toma ali. — 16 Que me (*bis*) não soube tornar.

f. 73v. 3. Fui me de outeiro em outeiro
Por ver se inda algum cão tinha:
Hao Rodado! hao Monteiro!
Dou ó demo se algum vinha!
Assi ca e la andando
Pela rara e gram floresta,
Vi pastores ter a sesta:
Fui pera eles chegando.

4. Algums que d'alem da serra
Das feiras me conhecião,
Basto! Basto! áquella terra!
Todo apupando dezião.
Eu que não tinha ja pes,
Não sabia pera onde ir.
Se folguei de os ouvir,
Isso não mo pergunteis!

5. Ali ninguem poder teve
Pera que me detivesse
Nũa fonte como a neve
Que meu rosto não metesse.
Antes que a cabeça alçasse,
A fonte quaje sequei.
Posso dizer que cansei
Porem não que me fartasse.

6. Detiverão me comsigo,
Não falecérão mil fruitas,
A maçã branca, e o figo
Preto, branco, e outras muitas;
Comia, e tornava em todas.
A' fonte como ós invites;

18 se ainda. — 19 Hão Rabado! hão Monteiro! — 21 q̃ lá (*Err.*). — 24 Fui me p. e ch. — 26 Nas feiras me conhecérão. — 28 Todos pupando dixerão. — 29—30 E eu que não tinha ja pees Nem sabia por donde ir. — 33 Ahi. — 36 o rostro. — 38 quasi. — 40 Mas não ja que me fartasse. — 44 e branco. — 45 Comia e eu tornava a todos.

Vão ser ao sol os convites
E os manjares das vodas.

7. Ora eu de que mais não pude,
Quando dar graças quisera,
Cada um fez sua virtude
E falou como quem era.
Des i viemos ás chaças
Em quanto o gado folgava;
Cada um suas cousas gabava,
Eu tambem as minhas caças.

8. Então um de mais idade
(Por Lourenço o nomeavão)
Pela sua autoridade
Falou: todos se calavão.
E assi disse: — Sempre topo
Sem que ums mais que outros condane
Rindo Lopo de Joane,
Rindo Joane de Lopo!

9. E (seguiu) que lhe chamemos
Vontade, quer apetito,
Quer natural, todos cremos
Que sô a nossa cobre o fito:
f. 74. Todos somos seus cativos.
Pedro mal e sempre canta;
Jorge não tapa a garganta,
Diz dos mortos, diz dos vivos;

10. Belo coma molher fia;
Vasco baba, e joga á choca;
Gonzalo meia noite e dia
Nunca tira a mão da boca;

---

47 Vão se ao sol os teus convites. — 54 Em quando. — 56 E eu tam bem as minhas praças. — 65 Quer seguro que lhe ch. (*sic*). — 67 Todos qui cremos. — 68 sobre. — 73 *Ambos os MSS. são aqui mal legiveis. Olhando sô pelo valor das letras o nosso MS. parece antes dizer:* Belo toma mulher feea. F Belo como mulher fuia. — 74 baba, joga. — 75 a nocte e dia. — 76 e nunca acerta.

Simão cada ora ũa vena,
Nunca assenta, nunca acerta;
Outro morto á boca aberta
Bebe os ventos por Elena.

11. E tal cuida que ele é tudo
Que não é carne nem peixe;
Outro anda surdo e mudo;
Outro que bons caldo mexe!
Sancho quer viver de graças;
Paio sempre em terra foca,
Antão nunca sai da choca,
Marta nunca sai das praças.

12. Por dous peixes que ha no rio
Bras dos seus anos desperde;
Ora esté quedo com frio,
Ora va de verde a verde.
Outro deixa a molher nova
Dando voltas pola cama,
Ele por neve e por lama
Cos coelhos corre a prova. —

13. Aqui vendo eu tal geito
De que me ele así tocava,
Bati co punho em meu peito
Como que me confessava!
Começava ja de rir
Vendo minha contrição,
Mas eu pus na boca a mão;
Tornou ele a porseguir:

14. — Outro fala sempre espantos,
Faz de toda a gente cega;
Outro faz se um papasantos,
Outro deles arrenega.

78 Martinho não sai das praças. — 89 ha i. — 93 O outro. — 98 Do que me ele. — 100 Como quem se confesava. — 101 Começavão.

Tu a fugir paixõis andas,
Deixas o teu antes perder;
Este não sabe viver
Se não tem vinte demandas. —

15. E assi foi de ponto em ponto
Por enxemplos verdadeiros
Té que veu áquele conto
De Bento e de Gil parceiros.
Eu que ouvira ja outra ora
Do mesmo caso falar,
f. 74 v. Que nos quisesse contar,
Lhe roguei de como fora.

16. Ele então sobre seu braço
Todo cuidoso encostando se,
Calado um grande pedaço,
Se esteve como lembrando se;
Depois que se asegurou
Como quem para com medo,
Contra nos com rosto ledo
Assi de novo tornou:

17. — A contenda antre Bento
E Gil foi cousa sabida:
A um era a vida Bento,
Ao outro Bento era a vida.
Gil na sua mocidade
Muita da terra correra,
Depois pastor se fizera,
Cuidou que essa era a verdade!

18. Ora ele assi pastor sendo,
Se primeiro estava mal,

---

110 E deixas o teu perder. — 113 Assi foi. — 116 De Bento e Gil, os parceiros. — 121 Ele sobre o seu braço. — 122 Cuidoso todo. — 126 passara medo. — 127 Contar nos. — 129 d'antre. — 132 era o vento vida (*sic*). — 134 Muito. — 136 Cuidando que era a verdade. — 137 Ora ele pastor sendo.

Foi apalpando, foi vendo
Antre nos ser outro tal!
Em fim deu aqui um voo,
Apartou se do seu gado,
Viu se mal acompanhado
Tomou por vida andar soo.

19. Bento, grande amigo seu
Que não tinha outro como ele,
Comsigo um dia la deu
A saber que era d'ele
E meteu lhe a mão no seo.
Tudo vos ora direi
Que de meu i não porei
Ũa sô verba no meo:

Bento.

20. Que é isto? que andas triste
Depois que entrou este abril!
Não sei que demo tu viste
Que tu não pareces Gil.
Cuidava eu, vendo te assi,
Na morte do teu bezerro.
Perda foi, mas é môr erro
Perder apos ele a ti!

21. Tu olhas me de traves,
Pareces como anojado!

---

142 com seu gado. — 148 o que era d'ele. — 151 do meu. — 153 Fala Bento. — 157 Cuidava vendo te assi. — 160—161 F *intercala:*

Eu olho este teu gado
Que é fermoso e bom rebanho.
Deus seja sempre louvado,
Não foi ora o mal tamanho.
Falo, irmão e amigo,
U me não chamão; porem,
Sèja mal, ou seja bem,
Eu a ti por bem to digo.

Cuida quem são e quem es,
Não te fiz desaguisado.
O mal andando encuberto
Certo é que faz mais dano,
E em fim la pelo ano
Tudo vem ser descuberto.

Gil.

f. 75. 22. Como? has por sem rezão
Que me doa eu do meu gado?
Que sou pastor, e que não
Ter devo i môr cuidado.
Porem não cuidava agora
No bezerro, mas na pega;
O cuidado se apega
Ũa ora mais que outra ora.

Bento.

23. No começo um erro leve
Adiante sai pesado,
E homem dá se mais que deve
Muitas vezes ó cuidado.
Digo te assi e arreceo,
Que me haias por desmedido,
Não queiras ser reprendido,
Toma as cousas em seu meo.

24. Foges a toda a companhia
E murmurão os pastores.
Não sei quem me ora tal dia
Disse que isso erão amores.
Não sei que seja, que não seja
Mas o tempo agora é tal

163—164 Cuida em quem são e quem es, Não sejas desaguisado. (*N. M.:* Não te fies do teu gado). — 170 doa do m. g. — 171—172 Quer seja pastor, quer não Devo ter outro cuidado? — 175 Do cuidado. — 181—182 Digo te sem arreceo Quer me hajas por desmedido. — 184 Toma as cousas sempre em meo. — 185 Foges toda companhia. — 187—190 Não sei ora em que dia Disse eu que isso erão amores. Não seja (e que nunca seja) Mas o tempo ora é tal.

Que se cre milhor o mal
Que outra cousa que homem veja!

25. Faze tu ora, irmão, sequer
Esta mudança mais manso;
Não dés a imigos plazer
E a teus amigos canso!
Digo te assi de minha alma,
Peleja com a vontade,
E em fim, esta é a verdade
Que tua alma tua palma.

Gil.

26. Cuido, Bento, que me falas
Do mundo que agora é tal.
Ouço falar quatro falas
As tres d'elas vão a mal;
De muitas maldades cheas
Andão sempre as presunçõis
E por seus maos coraçõis
Estão julgando os alheos.

27. Ves tu cousa nesta vida
Por que deva de ser ledo?
Eu a tenho comprendida
Inda mal, que foi tam cedo.
Que em fim a verdade era
Ir polo fio da gente.
Não vai mal quem vai contente.
Quem assi ora ir podera!

f. 75 v. 28. Tu sabes como escolhi
Esta vida de pastor.
Polo mal que fora vi,
Cuidei que esta era a milhor.

---

193 Faze ora. — 196 Nem aos teus a. c. — 197 da m. a. — 199—200 Por que em fim é gram verdade: Tua alma ser tua palma. — 201 Creo. — 203 Ousas falar (*Leia-se:* Ouças). — 204 Das tres d'elas. — 212 *O MS. escreve:* porque.

Detreminava de ja
Viver antre estas ovelhas,
Mas bem soem dizer as velhas:
La e ca mâs fadas ha!

29. Andarás muitos lugares,
Verás muito, e porem
O que não esprementares,
Não cudes que o sabes bem.
Cuidei de sair da guerra,
Não sabemos tras que andamos.
Que eis que achei ca tais amos
Que se têm por deus da terra.

30. Mandão em despovoado,
Não lhe vai ninguem a mão;
Usão muito do cajado
Com rezão e sem rezão.
Cuidão que para eles sôs
Fez deus a noite e o dia;
Mas lembrar se lhe devia
Que são homens como nos.

31. Vivem dos nossos suores,
O como não digo eu;
Ou bem ou mal, são senhores
E o demo tudo lhes deu.
Ja o al podera passar.
Isto, meu irmão, não posso:
O entendimento que é nosso
Não no-lo querem deixar.

32. Comem trigo e nos d'avea,
Eles bebem, homem sua,

222—224 Viver com estas ovelhas, Mas vejo dizer as velhas: Ca e la màs fadas ha. — 225 Andara. — 226—228 Vira tudo, mas porem O que não esprimentares, Não cuides que o sabes bem. — 230 *O MS. escreve:* sabeno *em lugar de:* sabemos. — 231 Que vos achei. — 244 O demo. — 246 Isto sô, irmão, n. p. — 250 e homem sua.

Doi lhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a sua.
Isso como pode ser?
Mal pola parte mais fraca!
Têm o queijo, têm a faca,
Cortão d'ele a seu plazer.

33. Dormem tam cheo seu sono
Que ás vezes mortos parecem.
Ao trosquiar achas dono,
Nas pressas não te conhecem;
E que pesar de rezão:
Quando te hão mister, es seu,
Quando os has mister es teu,
Que não tens amos então!

34. Quem me furtava o meu leite,
Furta me agora dobrado
D'ele, quem contra mim peite
D'ele come descansado.
Mas com todos seus vagares,
f. 76. Deus, que inda sê onde sia,
Acharás que não dormia
Quando te não percatares.

35. De nos te digo outro tanto:
Somos tais o dia d'hoge
Que muitas vezes me espanto
Do sol, que de nos não foge,
E dos vales e dos montes
Que dão herva aos armantios,
E que não tornão os rios
Atras pera as suas fontes.

---

251 *Ambos os textos escrevem:* Do lhes. — 253 Isto. — 257 Dormem e enchem o seu sono. — 259 tresquiar. — 260 A's pressas. — 261 Que prazer e que rezão. — 263 E quando. — 264 donos. — 270 Deus que ainda see onde seia. — 278 armentios.

36. Pelo qual, com meu fardel
Fugi das vossas aldeas.
Não trago nos beiços mel
Que não são crestascolmeas.
Des i tenho um coração
(Que isto é o que mais me empece)
Que outro senhor não conhece
Salvo verdade e rezão.

37. Porem faço te a saber,
Que em casos que acontecérão,
Ja os houve muito mister,
Amigo, não me valérão.
Ora asinala este dia
Em que te digo que hei medo
De ver a vingança cedo
Muito mais do que eu queria.

38. O meu bom Ribeiro amigo,
Que em milhor parte ora sê,
Conheceu bem o perigo,
Logo fez atras um pe.
Travavão mil cousas d'ele,
Poz os hombros, poz os braços,
Passou por mil embaraços,
Deixou i porem a pele.

Bento.

39. Cuidava estando comigo
Emmentes, irmão, fallavas
O que então passei contigo
Quando pastor te tornavas.

281 Pelo que. — 282 Fujo das nossas aldeas. — 284 crestacolmeas. — 285 Diz. — 289 Pero. — 291–292 Assaz os houve mister, Amigos não me valérão. — 300 E logo pus atras um pe. — 305–307 Cuidava estando assi Em quanto, irmão, falamos O que então passei ali.

Lembra me quando e onde era,
E foi no mes de janeiro
Debaixo de um castanheiro
Velho rodeado de hera.

40. Longa conta ali me deste
E acabando de ma dar,
Finalmente me disseste:
— Irmão, quero descansar,
Que andei por muitos lugares,
Muita da terra corri. —
Disse eu antão em mi:
— Bem será de descansares. —

f. 76 v. 41. Que eu não andei por la fora,
Mas aqui antre este gado
Faço mil contas cada ora,
Cada ora me acho enganado.
Quando neste vale estou,
Todo outro que aparece,
Muito milhor me parece:
Não é assi quando la vou.

42. Porem, falemos verdade,
Esse teu apartamento
É paixão ou novidade?
Não queiras furtar me o vento,
Que estes males são gerais,
Todos têm seu quinhão d'eles.
Onde irás fugindo d'eles
Que não aches muitos mais?

---

312 cuberto de hera. — 315 dixeste. — 318 E muita terra corri. — 319 então assi. — 320 se descansares. — 321 *O nosso MS. escreve:* por la por fora. F la por fora. — 326 Todo outro que tresverdece. — 328 E não. — 330 Este. — 331 É de pouco e novidade. — 333 Estes. — 334 neles. — 336 Que não caias noutros mais.

43. Não has tu sô de enmendar
O mundo; e o meu conselho
Seria dissimular,
Que o bom remedio é mui velho.

Gil.

Não são a mais obrigado;
Farei nisso o que poder.
Cada um busque seu prazer:
Eu folgo assi apartado.

Bento.

44. Que bem pode vir de andar
Sô murmurando comsigo?
E mais quero inda falar,
Hei o por mui gram perigo,
Que não te deve ser novo
Que a res que anda apartada,
Gil amigo, da manada,
De ventura escapa ao lobo!

Gil.

45. Bento, maos lobos são homens
E mais os d'essas montanhas,
Que ha cem mil lobishomens.
Cuidava eu que erão patranhas!

Bento.

Que digo? Que seja assi,
Pero tanto mais devias
Buscar boas companhias,
Não fazer corpo por ti.

337—340 O remedio (é o meu conselho) Seria dissimular; Que é mui bom remedio e velho Não curar d'aprofiar. — 344 Que eu. — 345 E que bem pode andar. — 348 Que o hei por gram perigo. — 350 dorme apartada. — 354 d'estas. — 355 Que ha qui mil lobishomens. — 358 E por tanto m. d.

Gil.

46. Será planeta em que ando:
Mudar se ha, mudar me hei eu.

Bento.

f. 77. Perdoa se me desmando
Ja te ouvi chamar sandeu.

Gil.

Eu que o são, certamente!
E é milhor por isso, irmão,
Andar sô assi, por não
Lançar as pedras á gente!

Bento.

47. Cuidas de te escapulir
Fugindo pera o deserto!
A olhos podes fugir,
Mas ás bocas não por certo,
E mais de certos babosos
Que não têm pedra de sal,
Dizendo e cuidando mal
Todo dia ociosos.

Gil.

48. Essas são as companhias
Pera que me i convidas?
Antes quero aqui tres dias
Viver que antre esses tres vidas.
Onde a rezão é corrida,
É acosada a verdade,
Onde i não ha amizade,
Como pode haver vida?

---

365 E eu. — 366 É milhor. — 371 Aos olhos. — 372—373 Mas á lingua não, por certo. E mais desertos (*Err. por* de certos). — 378 Pera que me tu convidas. — 380 que nessas tres vidas. — 381—384 Onde a rezão não é ouvida, Nem conhecida a verdade, Onde não ha amizade, Não pode i haver boa liga.

49. Deixai me andar co meu gado.
Onde vejo que os rafeiros
Têm tal amor e cuidado
Com as mãis dos seus cordeiros
Que poem as vidas por eles,
Vencem a fome e o sono.
Dorme, descansa seu dono,
Não entra descanso neles.

50. Eu olho, vejo que as gralhas
Por qualquer d'elas que vejão,
Passar mal, poem se em batalhas,
Todas por ũa pelejão.
E sentindo algum grunhir
Os porcos, que porcos são,
Se ajuntão, Bento; e que não
Fazem por lhe acudir?

51. Ũa bibora, ũa côbra
Que são sem juizo algum,
Se lhe não fazem mâ obra
Não te fazem mal nenhum.
Um lião que é animal
Fero, bravo e denodado,
Vendo te em terra lançado,
Dizem que não te faz mal.

f. 77v. 52. Mas tu guar-te d'embicar
Antre os homens, que eu te digo
Que verás por ti passar
O parente e o amigo.
Muitos te darão de mão?
Não a mão, nem outra ajuda!

---

385 Deixa me andar com meu gado. — 388 e seus cordeiros. *V. M.:* dos s. c. — 389 E poem a vida por eles. — 391 e descansa. — 393 e vejo. — 397 E em sentindo. — 399—400 Bento irmão, Todos prestos a lh'acudir. — 403 lhes. — 405 Um lião é animal. — 408 te não. — 410 Entre homens. — 413—414 Eles te darão de mão, Outros não mão nem ajuda.

Algum fará que te ajuda,
Mas será a lançar no chão.

53. O pai contra o filho vai,
O irmão contra o irmao,
O filho vai contra o pai,
Um mao contra outro mao!
A casa não tem segura,
Nem a mesa, nem a cama.
Quem cuidas que te mais ama,
Esse môr mal te procura.

54. Finalmente, os animais,
A que nos brutos chamamos,
Guardão as leis naturais,
Nosoutros não as guardamos.
Haver me has por perdoado
Se tens outro parecer,
Mas eu não chamo viver
Ao som de tanto cajado.

55. Vejo o sol aqui tam perto
Cada dia a nos tornar
Ou cuberto ou descuberto;
Nunca um dia ha de falhar.
Vejo a lũa nova e chea
Que ora mingua, ora crece,
E quando toda parece
Que toda a noite alumea.

56. Certos meses do ano vejo
O setcestrelo fermoso,
Meu mestre por quem me rejo
Do ano enxuto e chuvoso.

415—416 Outro fará que te ajuda, Dará contigo no chão. — 417 os filhos. — 418 irmão. — 419 Os filhos vão. — 420 Ũa mão contra outra mão. — 422 Não a mesa nem a cama. — 423—424 E quem cuidas que te ama Pela tua pele jura. — 426 Que nos ca brutos chamamos. — 428 Que nosoutros não guardamos. — 429 Havemos te perdoado. — 434 Cada vez. — 436 ha de passar. — 439 aparece. — 444 ou chuvoso.

Ũa estrela d'alvorada
Que està menhã reluzia,
Mensaje nos traz do dia:
Nunca no-la traz errada.

57. Vejo no norte firmeza,
Na barca que o rodea
Muita verdade e certeza,
Mui pouca na vossa aldea.
Os dias d'este ano vão
Aos outros em igualdade,
Esses me falão verdade,
Amigo, que os homens não.

f. 78. 58. Podeis me a isto dizer
Que assi é em todo lugar,
A todos deve abranger;
Quem to pode a ti negar?
Porem a gente enfrascada
Nos conselhos e nas praças,
A's porras andão e ás chaças,
Nisto olhão pouco ou nada.

59. Este gado meu parceiro
Me fartará do seu leite
De um até outro janeiro
Sem que o compre nem peite.
Acho do pão onde quer
A troco ou d'outra maneira;
Levo isca e pederneira;
Vinho não-no hei mister.

60. Tudo nos daria a terra,
Somos maos de contentar:

---

445 A estrela. — 447—448 Que nos mostra o novo dia Nunca ja vem desmanchada. — 455 Estes. — 457 Podes. — 459 E a todos. — 463 A's porras andão e ás maças. — 465 é meu parceiro. — 466 Que me fartará do seu leite (*sic*). — 467 Des um.

Sospiraste! ora eu te entendo
Nos falaremos outro ora.

Gil.

A deus, irmão, por agora.

Bento.

A deus, irmão, te encomendo!

F *distribue os versos de* 521 *até o fim de uma maneira impossivel de aceitar-se:* 521—524 Bento; 525—532 Gil; 533—535 Bento; 536 Gil. *No nosso MS. falta diante do verso* 536 *a rubrica:* Bento.

Egloga VII.

(Inedita.)

Montano.

117.

Egloga.

Pastores: Silvestre e Montano.

Silvestre.

1. Dize, Montano amigo,
Porque andas ca apartado
Em este despovoado,
Assi sô mesmo comtigo
Sem ti e sem o teu gado?
Vejo te a cor mudada,
Sem o teu saio de festa,
A pessoa maltratada:
Gram paixão deve ser esta
Que tens esta madrugada!

f. 79. 2. Folgavas quando me vias;
Não me queres ver agora;
Mudou se o tempo e a ora
Contra ti, que não soías
Ser tam triste ca de fora.

O MS. tem a rubrica seguinte: Egloga de Frco de Sâ. Pastores Silvestre e Montano; é de Fdo de Morais. F f. 95—97v. Egloga do mesmo (*i. e. Sâ de Miranda*). Silvestre e Montano interlocutores. *N. M.:* não anda e he de Sâ Mir. — 2 F Como andas. — 7 *O nosso MS. escreve:* desesta. F da festa. — 10 *O nosso MS. escreve:* deve de ser. — 13 e ora.

Fizeste grande mudança,
Cada vez pera pior;
Trazes a vida em balança.
Guar-te, Montano pastor,
Porque o mal presto se alcança.

3. Pesa me de assi te ver
Quanto me pode pesar.
Co sentir e co chorar
Se te podesse valer,
Poder te hias descansar.
Mas ai coitado de mi!
Cada vez que te mais vejo,
A vida não a desejo
Pois a morte vejo em ti
Com tal tromento sobejo.

4. Lembra m'ora que ogano
Andando la pola serra
Ouvi dizer d'esta guerra
Tua, (se tu es Montano,
Natural da minha terra).
E como tal cousa ouvi,
Logo me este mal doeu;
Por tua causa o senti
Tanto que me pareceu
Que fosse fora de mi.

5. Se este teu nojo é d'amores,
Gram trabalho, gram perigo
Te vejo; mas, meu amigo,
Guar-te das cousas piores
Que estas são, se mal não digo.

---

20 prestes. — 23 Co s. e co ch. — 25 *O nosso MS. escreve:* ia. F me ias. — 26 Mas eu coitado. — 28 Vida eu não a desejo. — 31—32 Lembra me a ora do ano Andando eu pela serra. — 36 Como. — 40 Que fôra fora de mi. *O MS. escreve:* Que saisse. — 42 Em gram trabalho e gram perigo (*Leia-se:* e perigo).

Que amores não guardão lei,
Nem rezão querem por si.
Ja contra eles pelejei:
Um tempo vencérão me a mi,
Outro d'eles me guardei.

6. Pelo qual d'este engano
Tu não sejas enganado;
Que se te dás ao cuidado,
Tu não ves o fim ao ano
Pera ser desenganado.
Mas porem d'este desterro
Que tu ca trazes comtigo,
De ti saber o espero
Como de pastor amigo
A que, certo, muito quero.

Montano.

f. 79v. 7. Silvestre, tu saberás
Que este meu apartamento
Não se faz sem fundamento
Que em gram paixão me traz
Assim ás voltas co vento.
Que nestes tempos d'agora
La por esse povoado,
Não se vive sô ũa ora;
Pera menos enganado
Ando assi ca de fora.

8. E porem, sabes que digo
Pera que milhor me entendas,
Fugi as grandes contendas
Como ogano fez Rodrigo,
Por que nele me comprendas;

---

54 do ano. — 59 *O nosso MS. escreve:* Como p. a. — 60 quem. — 63 fez. — 66 E nestes. — 70 por ca. — 71 Porem sabes o que digo. — 75 Porque a ele menos reprendas.

Porque este mundo é tal
Que é milhor ca nos desertos
Sofrer e calar o mal
Que descobrir os secretos
D'este nosso Portugal.

Silvestre.

9\. Quem sabe do mal fugir.
Muito faz em se apartar;
Que o cuidado e o cuidar
Fazem mil vezes cair
E tambem desesperar,
E a vida sempre sostem.
Mas isto não é d'agora.
Se ahi ha mal, assi ha bem.
Se tudo junto não fora,
Não foras tu nem ninguem.

Montano.

10\. Bem sei isso, meu amigo,
Andando sô nesta serra,
Mas não deixa de ir comigo
Um cuidado e um perigo
Em que vejo toda a terra.
Os tempos vão de mudanças,
De rezão mui diferentes.
Os seguros de acidentes
Nas maiores esperanças
Se achão menos contentes.

11\. Pelo qual ves levantadas
Gentes mesmo contra gentes,
Com as vontades danadas,

80 temporal. — 83 do cuidar. — 84 Faz. — 86 E a vista sempre a tem. — 88 Se ha i mal e sahi bem (*i. e.* se ha i). — 89 todo. — 94 do perigo. — 101 Pelo que ves levantadas. — 102 Gentes contra mesmas gentes. — 103 Coas vontades condenadas.

Sem respeito de inocentes,
Com as almas condenadas.
Tal não posso comprender,
Não sei que diga ao fado.
Que possa tanto o pecado
Que o justo venha a morrer
Por culpas do condenado.

f. 80. 12. Quando nisto cuido eu
E em tam gram diferença,
Quero me tornar sandeu
Porque foi a môr sentença
Que antre tudo se nos deu.
Por tanto dou estes brados.
Ouça me quem tem sentidos!
Assi vão tempos perdidos,
Que os maos são levantados
E os bons são destruidos.

13. Não te pareça, pastor,
Que me diz isto a paixão
Nem nenhum outro rancor,
Mas de ver ir a rezão
Cada vez de mal em pior?

Silvestre.

Assi é certo, Montano,
Bem dizes; deus nos proveja!
Que neste mundo de enveja
Ha nele tanto engano
Que não sei quem ledo seja.

Montano.

14. Ainda mais te direi
Silvestre, pastor amigo:

---

105 E com as almas danadas. — 107 Nem. — 116 E por tanto. — 119 E os maos. — 122 Que me da isso paixão. — 123 Nem outro nenhum rancor. — 124 Mas de ver eu a rezão.

Encubrir nada te sei:
Não ha ja amigo de amigo
Nem ninguem vive por lei.
Se andas pola verdade,
Tudo acharás mentira;
Em vão vive, em vão sospira,
Porque as cousas da vontade
Fazem se todas com ira.

15. Tempo é de opiniõis
De pastores não discretos;
Vão mil grandes confusõis,
Que se buscas passos certos
A cada passo ha ladrõis.
E o que é pior do que isto,
Que não se querem encobrir.
O furto é de todos visto,
E não-nos vejo punir!
Não sei a que ha de vir isto.

16. O pobre do zagalejo
Não tem onde se acolher
Quando se quer defender;
O que tem mais de sobejo
Não-no consente viver.
Se algum *justiça* brada,
Que lhe roubão seu rebanho
Ou lho levão da manada,
Porque seja môr o dano,
Ninguem lhe responde nada.

f. 80 v. 17. E se por ventura alguem
Lhe responde, é de traves.
Em fim, pastor, quanto ves

134 Não ha amigo. — 135 nenhum. — 138 O bom viver ja sospira. — 143 mui grandes. — 144—145 Se buscais paraisos certos Cada passo ha i ladrõis. — 145—150 *Faltão em* F. — 151 E o pobre zagalejo. — 158 *O nosso MS. escreve:* Ou lhão levão.

O mais é mal e não bem
Que tudo anda ao reves.
Que esses satrapas maiores
Que governão grandes prados,
Usão tanto dos cajados
Que são lobos, não pastores
Por nossos grandes pecados.

18. E porem deus, aonde está,
Tambem dá suas pancadas
A quem não vive bem ca
Assi ás longas jornadas,
Como vistes que fez ja.
Pois mais claro has de ver
(Se eu não erro) o que digo,
Perto vejo seu perigo,
De mui cedo se perder
Seu curral e seu abrigo.

19. Que a vingança divinal,
Tarde ou cedo, aparece.
A quem fez mal, faz lhe mal;
De ponto nenhum lhe esquece
Por ser a todos igual.
Ouvi ja o outro dia
Na aldea dizer a Bras
Como se o mundo perdia.
E, olhando por detras,
Assi falando dezia:

20. — Eu vejo vir o gram Cão
Por cima d'este montado
Como perro mui danado.

---

166 estes. — 169 Que lobos são, não pastores. — 177 Que s'eu não erro. — 178 o teu testigo. — 179 De se mais cedo perder. — 181 E a vingança devinal. — 182 Tarde ou perto. — 183 E a quem. — 184 Que ponto a nenhum esquece. — 186 Eu vi. — 187 Mui claro dizer a Bras. — 188 Como se homem perdia. — 189 Olhando pera detras.

Com danado coração
Nos roubará nosso gado
Que assi fizera ó verão
La polos campos d'Ungria;
Deu no curral de Juão
Por ũa negra porfia
Que teve Andre com Beltrão.

21. Por mâ guarda dos rafeiros
Perde o pastor as manadas
Que andão todas derramadas
Por cima d'estes outeiros
Perdidas, desabrigadas. —
Quando isto nos contava
Assi coitado chorando,
Muitas vezes sospirava,
Cansado de quando em quando
Em seu bordão se encostava.

f. 81. 22. Muitas cousas disse ali
Do porvir e do passado
E despois, de ja cansado,
Volveu seus olhos a mi
Com um sobejo cuidado.
E disse me: — Oh Montano
Pois es zagal entendido,
Fuge, fuge a tanto dano,
Antes de ser mais crecido
Que te roube o seu engano. —

23. Por isso ca me apartei
Como tu, Silvestre, ves
Não o fiz em que me pes,

195 Nos roubar o n. g. — 196 Assi fez ja o verão. — 203 tam derramadas. — 204 d'esses. — 205 desbaratadas. — 207 O coutado assi chorando. — 213 de ir ja cansado. — 216 E disse assi: Montano. — 219 Antes d'ele ser ferido. — 220 seu engano.

Mas parece que acertei
Nos passos que dei cos pés.
Que fugi aduladores
Em fugir adulaçõis.
Estes montes são milhores
Que as praças das confusõis
Nas quais os erros são môres.

24. Andem pelos povoados
Os que em muito têm a vida,
Porque é cousa sabida
Que os que têm grandes estados
Dão consigo môr caida.
Sabes como anda tudo
Sem concerto e sem direito.
A deus não se tem respeito,
Quem presume mais d'agudo
Não quer ter nenhum sogeito.

25. O que vive mais errado
Nesta vida emprestada,
Esse tem maior soldada,
Mas, quando for condenado,
Ela será condenada.
Que o que é vertuoso,
Não-no deixão descansar
Nem com vida, nem repouso.
Se me deixassem falar . . .
Mas falar, pastor, não ouso,

26. Porque dizer a verdade
Livremente, sem engano,
Traz consigo tanto dano

226 *O nosso MS. escreve:* aduladuladores. — 227 a dilações. — 232 *O nosso MS. escreve:* os que tem muito tem a vida. — 241 F *diz:* arado. — 243 Este. — 247 leixão. — 249 *O nosso MS. escreve:* sem me. — 250 ouso *falta no nosso MS.* — 251 hei de dizer verdade. — 252 e sem engano.

Que pode tanto a maldade
Que faz mal ao desengano.
Quem falar pontos devidos
O's que deus quis e mandou,
O tal logo brasfemou;
Que reprender aos perdidos
A muitos santos matou.

f. 81 v. 27. Donde os nossos pregoeiros
Não curão ja de dar brados,
Se não como lijongeiros
Dissimulão os pecados
Que vão por esses outeiros.
Quanta gente infernal
Que regra nem orden tem,
O mal lhes parece bem,
O bem lhes parece mal
Porque não sentem nem vêm.

28. Assi vivem sem vergonha
Vestidos de mansidão,
Mas dentro no coração
Anda escondida a peçonha,
Que por mezinha nos dão.
Não sei ja o que te diga:
Todo o mal é da panela
Se ela dá e se dão nela
D'ela sô é a fadiga,
D'ela sô é a querela.

29. Tudo é contra os piquenos!
D'estas leis tais arrenego!
A justiça não a vemos,

---

254 E pode. — 256 Quem fala pontos devidos. *O nosso MS. escreve:* que fadar. — 258 ou perdidos. — 266 Esta gente. — 268 lhe. — 269 E o bem lhe. — 272 *O nosso MS. escreve:* maldição. — 276 F *repete inutilmente que é Montano quem fala:* o que digo (*Leia-se:* diga). — 282 Eu do demo arrenego.

Se não no manco ou no cego.
Em nos que pouco podemos!

Silvestre.

Calar me quero, Montano,
Por não dizer o que sento
Do teu dano e do meu dano.

Montano.

Silvestre, tenho tormento
Porque sei o desengano.

30. Por nossos grandes pecados
Quer deus que tal não vejamos,
E ja ves em nossos amos
Como andão acossados
Porque o tambem andamos.
Mal no vale, mal na serra,
Em toda a parte vai mal;
Dá grandes brados a terra,
Falta nos o temporal,
Mas não pestes, mas não guerra.

31. Isto fazem volvedores
E muitos pecados feos
E os suores alheos.
Que ves roubar roubadores
Sem justiça e sem bons meos;
Pelo qual ja ves que digo,
Minhas redes encolhendo,
— Sobre tudo vem castigo
Como tu verás, vivendo,
Meu Silvestre e meu amigo.

285—290 Assi que tudo perdemos. Quero me calar, amigo, Por não dizer o que sento De teus danos e perigo. Silvestre tenho tormento E desenganos comigo. — 286 *e* 289 *As rubricas S. e M. faltão tanto no nosso MS. como em* F; *são porem indispensaveis.* — 292 que tais nos vejamos. — 293 Que. — 298 *O nosso MS. escreve:* dão. — 300 Mas não com peste nem guerra. — 302 embolvedores. — 307 As minhas redes colhendo.

32. Que ja viste do passado
Como nos deus castigou:
f. 82. Na cabeça nos tocou
Deixando o corpo aleijado
Mais do que nunca ficou.
Ora canso de falar,
Não te quero mais dizer
Porque dizem que o calar
Moderado sem falar
Vem de mui grande saber.

---

312 deus nos. — 314 Leixando. — 319 *e* 320 Vem do mui grande saber. Não ha quem possa acabar.

Poesias ditas

de

Felipe de Aguilar.

(Ineditas.)

118.

Cantiga XXXIII.

1\. Foi se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos:
Do mal ficárão me os danos,
E do bem sô a lembrança.

2\. O mundo bem e mal tem,
E porem é ele tal
Que dá poucas vezes bem,
Se não é pera môr mal.
E o que mais certo se alcança
D'ele em fim de muitos anos
É do mal todos os danos,
E do bem sô a lembrança.

3\. Vejo sempre o mal presente,
E o bem vir ou passado.
Do passado estou ausente!
Do porvir desesperado!
Vejo no bem mil enganos,
E no mal nenhũa mudança
Se não dobrar se os danos
Com ter do bem sô lembrança.

4\. S'em tal vida tanto duro,
Isto nela me sostem,
Vivo, de mais mal seguro;
Não me haja 'qui outro bem.

---

24 *O MS. escreve:* nam maja qui que o. b.

Triste quem mais não alcança
Que viver tam longos anos,
Vendo do mal novos danos
E do bem sô a lembrança!

5. Quanto mal receei, vi
E todo o bem que desejo!
Porem o mal foi em mi,
E o bem noutrem o vejo!
Ah fortuna! ah tristes anos!
Ah tempo! sem ter mudança
Acrecentai mais nos danos,
Do bem tirai a lembrança.

6. O mal como me chegou,
Logo fez em mim assento;
O bem passou como vento
E a esperança me levou.
f. 82 v. Julgai se sem esperança
Me serão as oras anos,
Tendo do mal sempre os danos,
E do bem sô a lembrança!

119.

Trova III.

Os epigramas vos mando
Que tresladei de Marcial.
Se vos parecerem mal,
Desculpai me com calando,
Ou culpado me deixai;
Que quem ja gosto não tem,
Não lhe dará do que vem
Pois lhe não dá do que vai.

O MS. acrescenta: Que mandou Felipe d'Aguilar a Jeronimo Corte-real mandando lhe dous Epigramas de Marcial.

120.

Martialis Epigramma I.

Femina praeferri potuit tibi nulla, Lycori:
Praeferri Glyceræ femina nulla potest.
Haec erit hoc quod tu: tu non potes esse quod haec est.
Tempora quid faciunt! hanc volo, te volui.

Nunca a ti chegou ninguem,
Oh Licore, em fermosura;
E á que Gliceria tem,
Não chega ninguem agora.
Como a ti vê-la ainda espero,
Mas não como ela a ti:
Que da o tempo de si
Que a ti qüis, e a ela quero.

V. Martial. VI 40. *O texto latino está muito corrupto no MS. tanto n'este como no Epigramma seguinte.* — 8 *No MS. falta:* ninguem.

121.

Epigramma II.

Casta suo gladium cum traderet Arria Paeto,
Quem de visceribus strinxerat ipsa suis,
Si qua fides, vulnus quod feci non dolet, inquit,
Sed quod tu facies hoc mihi, Paete, dolet.

Seu fermoso e casto peito
Sem dô Arrie atrevessou
C'um cutelo que, isto feito,
Logo a seu Peito entregou.
E ja morrendo lhe diz:
Se fe ha (que é a questão)
Não me doi o que em mi fiz,
O que has de fazer me doi.

V. Martial. I 13. — 1 *O MS. escreve:* Sou.

122.

Soneto XXIV.

A' morte de dona Mª de Tavora dama da rainha.

Triste quem naceu em tal idade!
Triste quem acertou tempo tam forte!
Que o mal é certo, certa é a morte,
E na vida não ha segura idade.

Que aproveitão virtudes nem bondade?
Estranha fermosura (ah dura sorte)
Graça, brandura, ser, preço da corte,
Grave e atenta da moçidade,

f. 83. Tinha este tesouro a natureza
Guardado todo junto nũa menina,
Cuja injusta morte não temia.

Muito . . . . da humana fraqueza,
Muito podem fados, muito a mofina,
Muito bem se perde num sô dia.

---

12 *Entre:* muito *e* da *faltão duas syllabas, que não sabemos restituir.*

123.

Soneto XXV.

A ũa sua filha muito fermosa.

Espirto que voaste desatado
Do corpo em que mais a natureza
Mostrou sua perfeição, arte, pureza,
A ser antre os divinos colocado;

O MS. acrescenta: Do mesmo.

Cedo te seguirei da dor levado,
Que injusto será, e será crueza
Faltar a morte em tanta tristeza
A quem ha de viver tam magoado.

Conceda, oh justo ceo, que va buscar
O triste pai a filha tam querida,
Não sofras que o detenha a crua sorte!

Que querrá, quanto pode, nele usar
Co remate do mal, e têr em vida
A quem todo seu bem o levou a morte.

9 *O MS. diz:* Concede.

124.

Soneto XXVI.

A ũa dama aspera e fermosa.

Por medo ou por amor soem os tiranos
Seus reinos e senhorios sustentar;
Os que por temor se querem preservar
Mostrão se em tudo crueis e deshumanos.

Mas os que são de peitos mais humanos,
Sô por amor se pertendem conservar,
E com amor os seus se fazem amar
Mais seguros ficando assi dos danos.

Mas vos, tirana de centas vontades,
Não esteis de crueza apercebida
Que nos rendidos é mal empregada.

Desnecessarias são as crueldades
Não ha mister, senhora, ser temida
Quem ha de ser por força tam amada.

Diz o MS.: Do mesmo.

125.

Soneto XXVII.

Ao tempo.

Tempo que tam ligeiro te mostraste
Até que a tantos males me trouxeste,
Depois que nele posto me tiveste,
Como tam vagaroso te tornaste?

Muito com teu vagar me magoaste,
Muito coa ligeireza me ofendeste;
Quando te arreceei , logo vieste,
E se te desejei, nunca chegaste.

Nada tens ja em mi que esprimentar,
Nada tenho de ti ja que temer:
Seguro estou de mais, mal que te pes.

Que não me podes ja mais mal fazer,
Pois não tenho de ti bem que esperar,
Por mais voltas que ó mundo causardes.

Todas as linhas excepto a primeira estão riscadas e são mal legiveis.
11 *O MS. escreve:* em que te pes.

126.

Cantiga XXXIV.

f. 83 v. 1. Si tardas en desposar te,
Juan gallardo, con Domingas,
Despues, por mas que le digas,
Quiza no querrá tomar te.

2. Bien sabes, amigo Juan,
Que es tan linda esta zagala
Que ninguna se le iguala
De quantas son ni seran.

Si tu la quieres, i te quier,
No tardes en desposar te,
Que es hermosa, i es mujer,
Despues no querrá tomar te.

3. Dilatar contentamientos
No lo tengo por buen seso,
Que el tiempo es mal i travieso,
Suele hazer mil desconciertos.
Si amas, acaba ia,
Amigo, de asegurar te,
Pues tiempo venir podrá
Que no quiera ella tomar te.

4. Por contentamiento ajeno
Mira que el tuio no dejes,
Que despues, aunque te quejes,
Nadie te podrá ser bueno
Siempre serás lastimado,
Nunca podrás alegrar te
Si vieres, Juan, empleado
Tanto bien en otra parte.

5. O que hazes, Juan? o que esperas?
No sabes que cada i quando
Que quisiere a otro burlando,
La querran cien mil de veras.
Pues te sobra, engañado,
La cordura, no te farte!
Mira, emplea te a tu grado
Que lo mas es engañar te.

6. Pluguiera a dios que tuviera
Io tal consejo primero

---

9 *O MS. diz:* Si te quieres tu la quieres. — 11 *O MS. diz:* e son mujeres. — 33—34 *O MS. diz:* pues te sobras e ganado la cordura no te falta.

Aunque custado me huviera
Todo mi rebaño intero,
Cre lo que te digo, hermano,
Que, de errar el emplear te,
El pesar será en tu mano,
Pero no el aprovechar te.

Fim.

Dialogo em Prosa.

(Inedito.)

O MS. não diz quem seja o autor d'este Dialogo em Prosa.

127.

f. 84. **Da mentira e desqueriçāo.**

Disqueriçāo. Inda que vou de pressa, querria saber que molher é esta que embuçada vem tam continuamente falar a el Rei, sem lhe nunca tolherem a porta; antes a vejo entrar diante dos mais privados; e nāo sômente aqui, mas em cortes onde me achei, com a mesma audacia, sempre assi embuçada, a tenho vista muitas vezes no dia falar com os principais. E o que me mais espanta é que, sendo as pessoas embuçadas tam odiosas em toda a parte, nunca creo que achou quem a quisesse conhecer, porque em Espanha e França onde a eu ja vi, perguntei quem era e todos me respondérāo que ą nāo conhecião nem a queriam conhecer. E o mesmo me respondérāo na corte do Papa onde mais como de casa com todos a vi tratar mui particularmente e ir cada dia falar ao Papa. E sempre lhe dava audiencia inda que dezião que nāo folgava de a ouvir, mas ela nāo deixava de lhe falar. E quaje cadavez de novo trajo vestida! E quero, pois ja estou detreminada, pôr em obra meu desejo.

Mentira. Que cousa é esta que nāo posso dar passada? E se a dou, é tam certo o empeçar como se o fizesse acinte. Nāo sei que isto possa ser, se nāo se por ventura alguem me quer conhecer; e sem duvida assi é porque esta que aqũi vem é a desqueriçāo, minha mortal inimiga. E pois querer eu fugir a quem conhecer me quer, é escusado, aqui antre esta gente quero esperar e verei se sua tençāo é a de que eu tanto arreceo.

f. 84v. Disqueriçāo. Bem creo pois me esperastes, que vos nāo pesará dizerdes quem sois?

Mentira. Antes nāo ha cousa que de pior vontade faça, e, porque vejais que tenho rezāo, me quero desembuçar.

Disqueriçāo. Agora que te conheço e sei que es a mentira, te rogo que me respondas ao que perguntar te quero.

Mentira. Forçado é que diga a verdade pois al nāo posso fazer.

Disqueriçāo. Sobre isso quero fazer a primeira pergunta: Como sendo tu a mesma mentira podes dizer a verdade? e quem te força a dizé-la pois tu confessas que o nāo fazes por tua vontade?

Mentira. Faço te a saber, desqueriçāo, que naturalmente sou inclinada a nunca falar verdade, mas a divina providencia pera remedio do dano que, de me nāo conhecerem, seguir se podia, e pera maior vergonha pera os que de mim se aproveitarem, me obrigou para que eu propia dissesse a verdade confessando a quem sabé-lo quisesse que sou eu a mesma mentira; mas aos que nāo trabalharem por me conhecer, nāo tenho obrigaçāo de lhe dizer quem sou.

Disqueriçāo. Eu me dou por satisfeita quanto a isso, ainda que podera perguntar que dano se pode seguir aos que te nāo conhecessem? e que vergonha agora se segue aos que de ti se aproveitāo? Mas porque bem sabes quam necessaria sou em muitas partes, me nāo quero deter nisto, mas rogo te que me digas: se tanto te pesa de dizer verdade, como te glorias (e tens rezāo) porque, quando alguem conhecer te quer, nāo f. 85. foges? e se foges vas tam de vagar que nāo sinto nenhum manco que te nāo alcançe, sendo tam veloce que com deficuldade a vista comparar se te pode?

Mentira. Creo que tambem d'esta pergunta ficarás satisfeita se ouvir me quiseres; porque has de saber que eu sou manca, como tu ves, de um pe e sobre o outro deficilmente me posso ter. E esta é a rezāo

porque fugir não posso quando eu queria e ainda que o trabalho muito.

Disquerição. Ja vejo isso que es aleijada, e por isso me espanto muito mais de ver com quanta diligencia andas em muitas partes onde te eu achei.

Mentira. Eu te direi: quando isso é, eu trago sempre comigo muitos enganos os quais me trazem no ar e me ajudão a andar con tanta presteza e celeridade como tu ves. E porque, como tu sabes, os enganos a todo o mundo aborrecem, trabalho por os trazer o mais incubertos que posso e de maneira que não sejão sentidos, porque se algum é visto, logo é desfeito, e se acertão de ser todos vistos, todos são desfeitos e eu fico sem ter quem me ajude a andar e sem me poder bolir, como tu me achaste.

Disquerição. Ũa nova duvida me poseste nesta tua resposta.

Mentira. Pera te tirar de la é necessario saber qual é.

Disquerição. Tu disseste que trazias comtigo muitos enganos e que eles te ajudavão a andar.

Mentira. É verdade! Mas que escrupulo te ficou a ti d'isso? Desejo em estremo de o saber.

f. 85v. Disquerição. Eu to direi: A meu parecer bastáram pera te levarem onde tu quiseras cinco ou seis porque, se forem mais, ums aos outros se estrovarão. Isto é o que não entendo, dizeres que trazes muitos havendo mister para isto tam poucos.

Mentira. Por certo, tu atentas te bem e eu falei descuidadamente em te não dizer que trazia muitos porque os havia mister para muitas cousas, assi pera me ajudarem como pera me acompanharem, ums indo diante pera me aparelharem a pousada, outros vindo de tras. E trago os assi repartidos porque ha i lugares onde eu não poderia entrar se não fosse polos enganos que vão diante, e outros onde não poderia sair sem ser conhecida se não fosse polos enganos que vêm de tras, que estes detêm que não vam apos de mim; de maneira que nunca ando sem eles.

Disqueriçáo. Cousa velha e certa é: quem malas manhas ha, não as perde em quinze dias.

Mentira. Que quer isso dizer? que não entendo o porque o dizes.

Disqueriçāo. Agora o verás. Digo, porque sendo de teu natural mentir, mal podes falar verdade.

Mentira. E que mentira te tenho eu dita?

Disqueriçāo. Que dizeres que nunca andas sem enganos e eu vejo agora o contrairo: não os ver contigo.

Mentira. Grande trabalho é o teu se por tudo has de atentar, mas quero te tirar esta sospeita que tens, declarando te o que disse e como o disse. Que foi d'esta maneira *que nunca andava sem enganos*.

Disqueriçāo. Isso é o que eu digo que me parece men-
f. 86. tira por que te vejo sem eles.

Mentira. Segundo isso não fazes diferença do *andar* ao *estar*? pois faço te a saber que quando eu estou queda como agora e não ando, não é se não por falta de enganos.

Disqueriçāo. Não te espantes, a mentira, de pôr duvida ao que dizes pois sabes quanta rezão para te não crer nada todo o mundo tem. E dize me se os enganos te deixão ou tu a eles?

Mentira. Eles são os que me deixão que eu não os queria deixar; e as rezõis porque o fazem, antes que mas perguntes, taş quero dizer por se posso abreviar o tempo; porque, assi como tu, desqueriçāo, em muitas partes es necessaria, assi eu em algũas tambem o pareço ser.

Disqueriçāo. Não te apresses, porque agora que sei que me has de falar verdade, mais de vagar te perguntarei algũas cousas que queria saber. E a primeira será porque te deixão os enganos tendo tu tanta necessidade d'eles.

Mentira. Deixão me por duas rezõis: ũa d'elas é que qualquer pessoa que os ve, como a mortais imigos os

desfaz porque, como tu sabes, em estremo são mal quistos. E a outra rezão é porque diante de ti, que es a desquerição, não pode estar nem haver engano, e por isso, vendo te eles vir pera ca, fugirão deixando me como ves por me não conheceres.

Disquerição. E porque desejas tu tanto de te esconder? Queria que mo dissesses, que bem vejo que isso te faz sempre ir embuçada que é cousa que a todos parece tam trabalhosa.

f.86v. Mentira. As rezõis por que me eu escondo e ando sempre embuçada são estas: saber certo que não ha ninguem que, conhecendo me, folgasse de me tratar e conversar; o porque escusado será dizer to, pois tu ves que sou negra e manca, tam fea que os que me vêm se espantão.

Disquerição. Tudo isso vejo em ti e outras cousas que tu calas, mas rogo te que me digas como, sendo tam vil i desvalida, es tam rica que cada ora te vejo de novo vestida.

Mentira. Assaz velhos e antigos são os vestidos que eu trago, mas o usarem se pouco os faz parecer novos como os ves.

Disquerição. Pois como deixas tu de trazer sempre vestidos tam bons tendo tanta necessidade de cubrir tua fealdade que em ti ha? E se os trazes, como dizes que se usão pouco?

Mentira. Eu te direi como isso é por que milhor o entendas. Faço te a saber que estes vestidos não são meus mas olheos. E por isso os não trago sempre, e digo que se usão pouco porque cujos sao não os traz.

Disquerição. Não se deve de prezar pouco de si quem assi despreza tais vestidos pelo, qual te rogo me digas cujos são.

Mentira. A môr parte d'eles são da verdade mas tambem trago ás vezes os da obrigação e da amizade

porque elas prezam se muito de andar nuas e descubertas.

Disquerição. Ora te digo que em estremo me espanto com usares tam facilmente cousas dos môres inimigos que tens, porque claro está que o natural contrairo da mentira é a verdade; pois em verdadeira amizade e licita obrigação quem viu mentira? pelo qual cada vez mais e mais me espanto de assi domesticamente usares esses vestidos, assi que para meu desenleo te rogo dizer me queiras: isto como é?

f. 87. Mentira. Como te eu ja disse? eu sou fea e negra e manca e finalmente tam torpe que muitos me têm por estremo de fealdade e torpeza, de maneira que, pera cobrir estas tachas que em mim conheço haver, era necessario andar vestida; e achando me sem vestidos, detreminei a alguem os furtar; e ja nisto detreminada, correu me á memoria que, pera effeituar meus desejos, nenhums trajos erão milhores que os que menos meus parecessem. Assi que, isto considerado, achei erão certos os da verdade. A qual causa conhecendo, detreminei de palpar todas as vias que para os haver achasse. E foi me nisto a fortuna tam favoravel que com pouco trabalho pus em obra meu desejo porque, como deus criou a verdade tam fermosa e clara, preza se muito d'andar despida pera milhor se enxergarem suas perfeiçõis, e o mesmo fazem a obrigação e amizade, que tambem estimão pouco estes vestidos, assi que eu tenho tempo pera os poder furtar pera me d'eles aproveitar quando d'eles tenho necessidade.

Disquerição. Tambem queria saber, se te aprouvesse, de que são estes vestidos? e como se chamão?

Mentira. Estes vestidos são de boas palavras, perfeitas oraçõis que soão bem ás orelhas; chamão lhe algums eloquencia, outros oratoria. E finalmente outros lhe chamão: saber exprimir os conceitos da vontade.

179–180 *O MS. escreve:* como niçares.

Disqueriçāo. Assaz de contente estou do que sei de teus trajos; queria agora saber donde naceste? e quem gerou tam torpe cousa?

Mentira. A mim fizerāo me os homens, minha mai foi a desculpa. E fica te embora, que nāo posso mais deter me, que vejo la vir quem me destruirá se me achar.

Disqueriçāo. Torna ca, mentira, dize me de que foges?

Mentira. Ou tu es cega ou nāo es a desqueriçāo como eu cuidava! Pois nāo ves a pressa com que o tempo vem trazendo a verdade ás costas? polo qual eu nāo posso mais aguardar.

f. 87v. Disqueriçāo. Vai embora! que assaz de pouco juizo tem quem te ouve, e menos quem te cre, e nenhum quem comtigo trata. Que posto que ás vezes tarde em lhe dar o pago, a ousadas, que nāo vāo sem lho dares como sua bestialidade merece, por se abraçarem comtigo deixando a verdade, em cuja busca eu tanto tempo tenho andado, sem em nenhuma parte a achar. E pois aqui vem, quero a ir receber e abraçar como é rezāo que faça, todas as vezes que a vir, e mais sendo esta a primeira.

Fim.

Parte Quarta

composta de

Poesias de Sâ de Miranda

não incluidas no nosso manuscripto

i. e.

que não mandou ao principe dom João.

A.

Poesias de Sâ de Miranda

colligidas de

Textos ja impressos em outra parte.

128.

Glosa II.

A esta Cantiga

de Ferreira:

1. *Congojas, tristes cuidados,*
Pensamientos desiguales,
Llorando presentes males,
Me acuerdan bienes pasados.

2. *Mudanzas que no pensé,*
Ni tu pensar las devrias,
Me hazen ver que veré
Mui cedo el fin de mis dias.
Ansi que los olvidados
Mis servicios desiguales,
Llorando presentes males,
Me acuerdan bienes pasados.

Glosa.

3. Pues veo de mi fuir
Los bienes tan bien ganados,
Mientra no puedo morir
Forzado me es de sufrir
Congojas, tristes cuidados.
Ca grave angustia es venida
I grande estremo de males,

O texto foi tirado se do C. de R. f. 109c (K. II p. 318); *as variantes são de* E f. 57v. — R: Grosa do doutor Francisco de Sâ a esta cantiga. — E: Gloza de Frco de Sâ de Miranda a esta cantiga. *Falta porem a cantiga glossada.* — 18 E Que.

I con dolor sin medida
Fatigan mi triste vida
Pensamientos desiguales.

4. Porque a la pasada gloria
De bienes tan principales
Es le dado tal vitoria
Que lastimen mi memoria
Llorando presentes males.
Que fueron mis alegrias,
Señora, si no cuidados,
Pues las noches i los dias
Llorando las penas mias
Me acuerdan bienes pasados?

5. I caso que cierto creo
Que sabes bien el porque,
Vida i muerte del deseo
Es la causa por que veo
Mudanzas que no pensé.
Ca pues que mi pensamiento,
Señora, tu lo regias
Sin nunca hazer movimiento,
Por justo comedimiento
Ni tu pensar lo devrias.

6. I porque mejor me creas
Bien querer, celos i fe
Entre tan crudas peleas,
La muerte que me deseas
Me hazen ver que veré.
Ca seren pasadas ia
Mis glorias i alegrias
Tan triste vida me da
Que cierto sé que verná
Mui cedo el fin de mis dias.

---

27 presientes. — 32 M'acuerden. — 34 Que sabeis. — 38 Que. — 45 tantas. — 48 Que.

7. Ansi que esta mi tristura,
Ansi que los mis pecados,
Ansi que mi desventura,
Ansi que tu desmesura,
Ansi que los olvidados
Tus prometimientos vanos
I falsos, i desleales
Me haran morir a tus manos,
Pues juzgas por tan livianos
Mis servicios desiguales.

Fin.

8. I pues al triste de mi
Das mil penas, de las quales
Ninguna te mereci,
Suspiro el bien que perdi,
Llorando presentes males.
I aunque io quiera, no puedo
Tenel-los disimulado,
Porque a mi que ia fui ledo
Los tormientos en que ruedo
Me acuerdan bienes pasados.

53 tristeza (*Leia-se:* tristura). — 60 Me hizieron.

129.

Cantiga XXXIV.

Ai que vida tan esquiva
Do, por enemiga suerte,
Por lloro i dolor se arriva,
Do se bive en pena biva
I se sale por la muerte!

Texto: C. de R. f. 109e (K. II 321). — *Var.:* E f. 50. — 1 A que.

Por do io, desventurado
Que juzgo mi desventura,
Con deseo he deseado
Que huviera sido llevado
Del vientre a la sepultura.
Cala mi alma cativa
Do quiera que se convierte;
Cercada de pena esquiva,
No ve por donde reciba
Menos mal que por la muerte.

7 Que jugo mi desventura. — 8 Que un. — 11 Calla. — 12 Do quiere.

130.

Cantiga XXXV.

Triste de mi desdichado,
Que aquellos con quien naci,
Por vos, o por mi pecado,
Los unos me han dejado,
Los otros son contra mi.

Dejó me mi libertad
I el amor que a mi tenia,
Dejó me mi alegria,
Dejó me mi voluntad,
Mi corazon lastimado,
Los ojos con que vos vi.
Vida, memoria i cuidado,
Estos nunca me han dejado
Por seren mas contra mi.

Texto: C. de R. f. 110a (K. II 324). — *Var.:* E f. 51. — 7 que en mi tenia. — 11 os vi.

131.

Cantiga XXXVI.

Antre temor e desejo,
Vã esperança, e vã dor,
Antre amor e desamor
Meu triste coração vejo.

Nestes estremos cativo
Ando sem fazer mudança,
E ja vivi d'esperanca,
E agora de choro vivo!
Contra mi mesmo pelejo;
Vem d'ũa dor outra dor,
E d'um desejo maior
Nace outro môr desejo.

Texto: C. de R. f. 109f (K. II 322). — *Var.:* E f. 50. B f. 151v. — 2 E e vão amor. — 7 B Se ja vivi. — 8 B Agora de chorar vivo. — 11 B Vem d'um mal outro mal môr. — 12 B De um desejo môr desejo. E Nace outro maior desejo.

132.

Esparsa XI.

Cerra a serpente os ouvidos
A' voz do encantador;
Eu não e agora com dor
Quero perder meus sentidos.
Os que mais sabem do mar
Fogem d'ouvir as sereas,
Eu não me soube guardar:
Fui vos ouvir nomear,
Fiz minha alma e vida alheas.

Texto: C. de R. f. 110a (K. II 324). — *Var.:* B f. 145. — 2 B A's vozes. — 3 Eu não que fora milhor. — 4 Porque agora meus sentidos. — 4—5 B *intercala:* Quero perder com tal dor. — 7 me pude. — 8 a ver e escuitar.

183.

Cantiga XXXVII.

1. De quem me devo queixar?
De vos (que podera ser)?
Não vos sabe a alma culpar;
Fica sômente o sofrer,
Se mais fica, é sospirar.

2. Os meus sospiros té agora
Quasi erão contentamentos:
Tambem de prazer se chora!
Entrárão males de fora,
Não um, não dois, mas seiscentos.
Não lhes abastou entrar,
Mas inda sempre crecer.
Onde ha de ir isto a parar?
Não fica se não sofrer
E o mudo do sospirar.

3. Ora os sospiros que são
Salvo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão,
Deixão tudo ao entendimento.
Que m'eu quisesse queixar,
Quem me poderia crer?
Deixai! e venha o pesar!
Que pode o pouco empecer?
Que pode o muito durar?

J f. 15v. — *Texto:* A f. 159. — *Var.:* B f. 151. — 3 alma. — 11 E não lhes bastou. — 12 a crecer. — 13 Onde ha isto d'ir parar? — 15 *Ambos os textos escrevem:* Ao *em lugar de:* E o. — 23 ja venha.

134.

Vilancete XXVIII.

VELHO:

1. *Di me tu, señora, di,*
Si me fuere d'esta tierra
Si te acordáras de mi?

2. Los mis pensamientos faltos
Que, a desora erguidos, caen
Por tierra, siempre me traen
En dubdas i sobresaltos.
Pasados montes tan altos,
Que será? lo que es aqui:
No sabran parte de mi.

3. Con quanto ia desatino,
En esto no devaneo:
Alla males del camino
No los que por aqui veo.
Mas el alma i el deseo,
Quien los llevará de aqui
Que no dan nada por mi?

4. Que estraña merced me fuera
En la triste ausencia mia
Solo el crer que se sabia
(Quando ojos aca huviera,
Ia fuese en burla siquiera)
Los lugares do te vi,
Te hiziesen mencion de mi!

5. Buelvo a lo en que havia errado
Por mis locuras me voi,
Que ni sabes quien me soi,

J f. 17. — *Texto:* A f. 159v. A este villancete velho. — *Var.:* B f. 156v. Alheo. — 10 No havrá memoria de mi. — 20 Solo crer. — 21 bolviera. — A *escreve:* mim *no fim de todas as estrophes.*

Entre quantos te han mirado,
Salvo si es por mas cuitado
Sin memoria otra de mi.
Mas ia fuese, i fuese ansi!

135.

Vilancete XXIX.

DE PERO D'ANDRADE CAMINHA:

1. *Que posso de vos dizer,*
Pois que não posso chegar
Co desejo a vos louvar?

2. Esta vaidade minha
Que tam ousada começa,
Está sem pés nem cabeça,
Nem deu começo ao que vinha
A vã, que sô se mantinha
Como camaleão do ar;
Não se atreve a desejar.

3. Forças, que vos enganais
Cuidando a tam altos vôs,
Ja nestes começos tais
Imos acabando nos!
Senhora, a quem vos la poz
Tam alta ha graças que dar,
E a vos de nos perdoar.

4. Quem será de ver vos dino?
Vi vos, foi a alma pasmada
Fui assi como um menino

J f. 17v. Vilancete de Pero d'Andrade Caminha á senhora dona Margarida da Silveira que entitulou Receo de louvor. — *Texto:* A f. 159v. A este Vilancete de Pero d'Andrade Caminha em louvor da senhora Dona Margarida da Silveira que intitulou Receo de louvor. — *Var.:* B f. 156v. Alheo. — 4 B Esta vã vaidade minha. — 7 Não. — 12 em t. a. v. — 17 que nos perdoar.

Que ve, que se espanta, e brada.
Não sabe mais dizer nada,
Pode se a ver vos chegar:
O mais é tudo pasmar.

136.

Vilancete XXX.

A ESTE CANTAR ALHEO:

1. *Quien viese aquel dia*
Quando, quando, quando
Saliese mi vida
De tanto bando!

3. Los mis tristes ojos,
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,
Un plazer no vistes.

3. Vistes añadida
A mi pena pena,
I en tan luenga vida
Nunca una ora buena;

4. Si a la suerte mia
Pluguiese, pluguiese,
Que viese ora el dia
Con que mas no viese!

J f. 18v. A este cantar velho a quem ajudárão muitos Ajuda de Frco de Sâ de Miranda. — *Texto:* A f. 160v. A um cantar alheo. — *Var.:* B f. 157. Alheo. — 4 B Ia de tanto bando. — 5 Ai mis tristes ojos. A *escreve:* Los tristes ojos. — 7 mil enojos. — 14 pluguiese, ah pluguiese. — 16 En que.

137.

Vilancete XXXI.

ALHEO:

No pregunteis a mis males
Que tales son!
Preguntaldo al corazon!

Por mis bienes preguntais,
Entiendo que por mis penas,
Que siempre tuve por buenas.
Vos ved como las llamais,
Que ansi como las nombrais,
Ansi confieso que son
Los bienes del corazon.

J f. 23. Vilancete alheo. — B f. 152 v.

188.

Soneto XXVIII.

Amor tirando va por cielo i tierra
Mil flechas de oro, mil de plomo helado:
Ha muerto, ha mal herido, ha lastimado
A muchos, i (dize el) de buena guerra.

Ojos ia no tenia, oidos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado!
Duro flechero, al mal tanto avezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe ierra!

Dize le la su madre: De las quejas
Quantas oigo de ti, (burlando un dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea? —

Besó la el en los ojos i madejas
De oro, respondiendo: — Oh madre mia,
Como quieres si soi ciego que vea?

J f. 29. — *Texto:* A f. 15. — *Var.:* B f. 6. — 3 ha mal llagado. — 6 Las manos malas solo le han quedado. — 7 Cruel flechero al mal tan avezado. — 8 Que a caso tira i nunca el golpe ierra! — 13 i respondió le. — 14 Como quereis.

139.

Soneto XXIX.

A do se bolverá que no se espante
De nuevo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o a la pasada?
O que esperanza me lleva adelante?

Que me aprovecha que llore o que cante?
Que grite noche i dia, en fin que es? Nada.
Ir porfiando por la via errada
Antes es vanidad que ser constante.

No fuera mucho descudarme un poco,
Mas ir perdiendo el dia pieza a pieza,
Que esfria i sobreviene noche escura!

En fin para que es mas? Cierto, soi loco.
De quien confiaré la mi cabeza
Que me la cure de clara locura?

J f. 32. — *Texto:* A f. 15 v. — *Var.:* B f. 6. — 4 B Que esperanza me haze ir tan adelante? — 5 Que aprovecha que llore, i que que cante? — 7 Porfiar i seguir la via errada. — 9 descuidar me. — 11 Quando ia sobreviene noche escura. — 12 Que cosa puede ser, si no es ser loco? — 13 Ah de quien. — 14 Que me haia de curar tanta locura.

140.

Soneto XXX.

Reposta a um Soneto de Pero d'Andrade de Caminha.

Assi que me mandaveis atrever
A versos ja das musas aselados,
E áquela grande Silvia consagrados?
Icaro me põi·medo e Lucifer!

J f. 31 v. Soneto em reposta de Pero d'Andrade polos consoantes. — *Texto:* A f. 16 v. Reposta de Francisco de Sâ pelos mesmos consoantes como fez o Petrarca.. — *Var.:* B f. 8. Reposta do Autor.

Os meus, se nunca acabo de os lamber,
Como ussa os filhos mal proporcionados,
(Ah passatempos vãos! ah vãos cuidados!)
A quem posso porem nisso ofender?

Tudo cabe no tempo, entrego ao ano;
Depois á perda, diga me esta gente:
Qual anda o furioso assi emendado?

Torno ás cousas sagradas? que um profano
Leigo como eu tocá-las tam sômente
Não é de siso são, mas de abalado.

5 aos filhos. — 9 B entregue do dano. — 12 Deixo as cousas sagradas. — 13 como em tocá-las. — 14 mas abalado. — *Veja-se o Soneto de Andrade Caminha ao qual este responde na Parte V. No.* 189.

141.

Soneto XXXI.

Quando eu, senhora, em vos os olhos ponho
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que houvesse ca, recolhe se a alma a si
E vou tresvaliando como em sonho.

Isto passado, quando me desponho
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado e duvidoso do que vi,
M'espanto ás vezes, outras m'avergonho.

Que, tornando ante vos, senhora, tal,
Quando m'era mister tant' outra ajuda,
De que me valerei se a alma não val?

Esperando por ela que me acuda,
(E não me acode, e está cuidando em al!)
Afronta o coração, a lingua é muda.

Texto: A f. 14v. — *Var.:* B f. 4. — 3 B em si. — 4 E vai. — 8 me envergonho. — 10 Quando havia mister. — 13 acode, está.

142.

Soneto XXXII.

Este retrato vosso é o sinal
Ao longe do que sois, por desemparo
D'estes olhos de ca, porque um tam claro
Lume não pode ver vista mortal.

Quem tirou nunca o sol por natural?
Nem viu, se nuvens não fazem reparo,
Em noite escura ao longe aceso um faro?
Agora se não ve, ora ve mal.

Para ums tais olhos. que ninguem espera
De face a face, gram remedio fora
Acertar o pintor ver vos dormindo.

Mas inda assi não sei que ele fizera,
Que a graça em vos não dorme em nenhũa ora.
Falando que fará? que fará rindo?

B f. 7 v.

143.

Soneto XXXIII.

A' morte de sua molher.

Aquele esprito, ja tam bem pagado
Como ele merecia, claro e puro,
Deixou de boa vontade o vale escuro,
De tudo o que ca viu como anojado.

Aquele esprito que, do mar irado
D'esta vida mortal posto em seguro,
Da gloria que la tem de herdade e juro
Ca nos deixou o caminho abalisado.

B f. 7 v.

Alma aqui vinda nesta nosso idade
De ferro que tornaste a antiga de ouro
Em quanto ca regeste a humanidade,

Em chegando ajuntaste tal tesouro
Que para sempre dura! Ah vaidade!
Ricas areas d'este Tejo e Douro!

144.

Soneto XXXIV.

A Diogo Bernardes.

Neste começo d'ano em tam bom dia,
Tam claro, porque não faleça nada,
Me foi da vossa parte apresentada
Vossa composição boa a porfia.

De que espanto me encheu quanto ali via!
E mais em parte ca tam desviada
Sempre até 'gora da direita estrada
De Clio, de Caliope e Talia.

Oh que enveja vos hei a esse correr
Pola praia do Lima abaixo e arriva
Que tem tanta virtude de esquecer,

O que estes tristes coraçõis aliva,
Do pesar igualmente e do prazer
Passado, que não quer que inda homem viva.

Texto: B f. 7. — *Var.: O Lyma de Bernardes* (*Lisboa* 1820. *p.* 124). — 1 e tam bom dia. — 4 Aquela composição. — 5 E d'ela me espantou tudo o que lia. — 6 assi tam desviada. — 8 e de Talia. — 13 Igualmente do pesar. — *Este Soneto responde a uma Carta de Bernardes que se verá na Parte V. No.* 183.

145.

Epistola

a Antonio Pereira, senhor do Basto.

1. Estas nuestras zampoñas, las primeras
Que por aqui cantaran, bien o mal
Como pudieran, rimas estranjeras,
Envia las el nuestro maioral
Que a ver os vengan en todas maneras,
Que, a mas de ser el dia festival,
Supo por ser venido el maior hijo
Que anda toda esta casa en regozijo.

2. Teneis mil bienes en que os emplear,
No andeis tan pesaroso en vuestros daños,
Que el vado es alto i ciego de pasar;
Tratad vuestros pesares con engaños.
Bolvió quien vuestra casa ha de heredar,
Tan grande capitan en tiernos años.
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando venció el hijo segundo.

3. Del qual caso espantoso dicho sea
Solamente de una ave que iva a vuelo
Aca i alla por la mortal pelea
Sin tener de algun mal algun recelo,
No siendo nunca vista tal relea
Todo agua, todo fuego, todo cielo.
Seas pues bien venido, hermoso agüero!
Buelvan nuestros milagros de primero!

4. El mas mozo que está como en el nido,
Antes de tiempo ser sus alas prueva,
Con el deseo grande en alto erguido,
Que apenas le teneis que no se mueva.

J f. 67v. — B f. 77v. — *Precede a Egloga I. Alejo* (*No.* 102).

De dentro quanto asi está cumplido,
Pero de fuera aun la pluma es nueva.
Esto todos lo ven que no son cuentos:
Abrid el pecho pues a los contentos!

5. Un raio que desciende en sus desvios,
Hiere los astros con la baja gente,
No tiene cuenta, dize estos son mios,
I luego el primer trueno que arrebiente.
Dejad los charcos turbios llovedios,
Beved de pechos en la pura fuente,
Poned la confianza toda en dios:
Lo que ha de hazer el tiempo, hazeldo vos.

6. Entrar se ha aqui un zagal muerto d'amores
Sin que el lo sepa bien. Mas no os turbeis,
Que a mas ha sucedido que a pastores.
Nunca de Amor, ni con Amor burleis:
Quando no lo pensais, se alza a maiores,
Desobligado de todas las leis.
No ha i caso tan dudoso e incierto a ser
Que aiudado de Amor no se haga crer.

146.

Carta VII.

Reposta de Francisco de Sá de Miranda á outra Carta de Montemaior.

Montemaior, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Trujieses dulces aguas de Pegaso

Texto: A f. 64 v. — *Var.:* B f. 128 v. F f. 102 v — 105. — A Reposta de Francisco de Sâ de Miranda. — B Carta VIII. A Jorge de Montemaior em reposta de outra que lhe escreveu que deve andar impressa nas suas obras. F f. 102 v — 105. Reposta do doutor Frco de Sâ de Miranda. F *traz no Indice a N. M.:* Sâ Miranda. carta 8ª. — *Veja-se a carta á qual esta responde na Parte V. No.* 188. — 2 F al túio.

Que haré? que al responder tiembla la mano.
Trabajé por escusa si la hallara!
Buscando lo que no ha i, cansa se en vano.
No disimularé la verdad clara:
Iendo te a responder, atras bolvia,
Viendo tu pluma quanto que me alzara;
Temia (lo que aun temo) que diria
El que oidos alzara a la respuesta:
La tierra tan preñada que paria?
Soltó se en risa todo; tanto cuesta
Esperar mucho viendo por de antojos.
Quanto a mi, quien me loa, me amonesta,
Poniendo me delante de los ojos
Como en pintura lo que seguir devo;
Que en traje de loores son abrojos.
Forzado a responder te en fin me muevo,
Ierro a sabiendas, van i vien sudores,
Agora el huelgo, ora la pluma pruevo.
Si con Montemaior trato de amores,
Quando lo alcanzaré? va de corrida,
De laurel coronado, iedra i flores.
I si antes quiero tratar de la vida
Que sola es vida perpetua i segura,
La entrada es alta, ciega la salida.
Oh buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra a Neptuno pagas el tributo
Devido, como huviste gran ventura!
Al fin, diré, del mundo has dado un fruto
Que lo inche de odor todo, i que levanta

---

8 B a te responder. F por responder te. — 10 F Timiendo. — 11 B alzase. — 12 *N. M. de* A: Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus. — 13 B todo en risa. — 14 BF por antojos. — 18 B I en traje. F En traje. — 19 BF al fin. — 20 B vienen, van sudores. — 21 B La pluma agora, agora el huelgo pruevo. F el fuego (*Err.?*). — 24 B de iedra. — 25 F tratar quiero. — 25—26 B I si tratar quisiese de la vida Que solo es vida cierta i tan segura. — 29 F su tributo. — 31 B Que al fin del mundo agora has d. u. f. F Al fin, diré al mundo. — 32 BF olor *e* llevanta.

Del campo i sierras niebla, el campo a enjuto.
  Mientras tañiendo va, mientras el canta
La su Marfida por los campos llanos
De tus aguas regados, quien no espanta?
  Por donde (un tiempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargió sin alvedrio
De amor atado alli de pies i manos.
  Estotro con mejor suerte el tu rio
Pasó, los altos puertos, buelve lleno
De mucha gloria al nido suio i mio.
  Todo este se hizo mas sereno:
La nuestra Lusitana a lejos tierras
Se va de boca en boca, seno en seno!
  Fue Montemaior ia mentado en guerras
Del santo abad Don Juan (cuenta se asi);
Agora deja atras aguas i sierras.
  Quando los moros lanzavan de aqui,
(Ah los muchos pecados de cristianos!)
Quedó se el leal monte en salvo alli.
  Marsilio de gran nombre entre paganos
Del Ebro a la ribera puso silla
Ia raia entre Cartago i los Romanos.
  Entraron Maometanos por Castilla,
De Amor i Marte fiero huvo aventuras:
Quien cre, quien no lo cre, se maravilla.
  Grandes cosas se cuentan como a escuras

---

33 B La niebla de la sierra i el campo à (*i. e.* ha) enjuto. F i todo enjuto. — 34 B mientras que el canta. — 35—36 F por campos llanos (*Leia-se:* por los c. ll.) Que las tus aguas riegan; quien no espanta? — 36 B Regados de tu agua; a quien no espanta? — 38 BF esparzió. — 39 A *escreve:* D'amontado. B Atado 'alli de amor de pies i manos. F De amor atado alli sus pies i manos. — 40 B Con mejor suerte estotro del tu rio. — 42—45 B De gloria al patrio nido suio i mio Haziendo como el aire tan sereno De nuestra Lusitania en lejos tierras Quede de boca en boca. — 43 F Todo el aire se hizo mas sereno. — 44 F Lusitania. — 46 B nombrado. — 49 B Quando moros podian tanto aqui. — 54 F I raia. — 56 B De Amor, de Marte. — 57 B no las cre. — 58 A *escreve:* de como *erro que ficou emendado na lista das Err.* B De tan escuros tiempos, tan escuras.

De aquellos tiempos, de vista Turpino:
(A estraños cuentos orejas seguras)
El hadado Roldan, Reinaldo, dino
Que le fuera fortuna mas cortes
De sus riquezas, a un tal paladino;
Rogel, del ingenioso Ferrares
Tanto alabado en tan sabroso estilo;
Astolfo, aventurero i vano Ingles,
Que dió la muerte al fabuloso Horrilo;
Vió lo el blanco Grifon, vió lo Aquilante
Negro, (hermanos,) ribera del Nilo;
Dos guerreras, Marfisa i Bradamante,
En campo armadas, tormenta i terror
Por enemigas hazes adelante ....
Hasta tanto llegué por tu sabor
Que todo es en Marfida! he te servido
Si mal no deprendi las leis de amor.
Vezino a aquel tu Monte do has nacido,
Cogi este aire de vida, i del Mondego
Tan clara i tan sabrosa agua he bevido.
Asiento de las musas, tras el ciego
Niño que vuela, perdi el tiempo andando,
Uno de los sus locos, no lo niego.
I aun aora, la memoria quando
Buelvo por las pisadas que atras dejo,
Lo que me hago no sé si ando o desando.
A tal sazon quiza de amor me quejo,
Si viste algunos de los mis renglones;
Triste Andres, triste Diego, triste Alejo!

---

59 B Cosas de vista cuenta el buen Turpino. — 63 B De su riqueza a un tal paladino. F De sus tesoros a un t. p. *O a falta em* A. — 64 B Ruger. — 65 BF Tan alabado. — 66 F i inglez. — 67—69 F al monstruoso Orilo Quasi imortal, vió lo el negro Aquilante, Grifon el blanco ribera del Nilo. — 69 B El negro en la ribera alla del Nilo. — 71 B espanto i terror. — 74 B Que está todo en Marfida. — 75 A *escreve:* leies. — 77 BF el aire. F del Mondego. — 78 B La clara. — 82—84 B I aqui parado estando agora, quando Contemplo las pisadas que atras dejo, Cierto que entiendo mal si ando o desando. — 84 F si desando. — 85 B I en tal. — 87 BF i triste Alejo.

Que haremos a estos nuestros corazones
Si se nos hurtan toda vez que quieren?
Van se como acogiendo a sus prisiones.
Bien ves que estos sentidos en hos mueren,
Biven en otra parte alla pasados,
Alla nos llaman, de alla nos requieren.
I mas con que blandura! amenazados
Como esclavos huidizos noche i dia!
Duras leis, duros fuegos, duros hados!
Hasta el mal de otro tiempo desafia
La vida, i con deseos de presencia
Se buelve a codiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto de ausencia,
Esprito tan gentil, tan mal tratado,
A mal tan asp'ro tanta de paciencia,
Nacido para amar i ser amado;
Mas es amor cruel naturalmente
Tanto en contrario al nombre que le han dado.
Oh ciegos, ciegos! qual razon consiente
Que lo que os aquejava alla cada ora,
Aca con su deseo os atormente?
Quien no sabe que Amor al que lo adora
I mas de vientos beve por sus cosas,
Por una vez si rie, quantas que llora?
Que muestras son las suias tan lustrosas!
Que pintadas, que lejos tan divinos,
Aguas que caen de alto tan hermosas!

89—90 B Que hurtando se de nos quando ellos quieren Acogiendo se van a sus prisiones. — 89 F cada vez. — 90 F visiones. — 92—93 B i alli pasados De alla nos llaman siempre i nos requieren. — 92 F a otra parte. — 94 F Mas. — 95 B Como a esclavos que huieran noche i dia. — 97 B Hasta el mal que pasó aun desafia. — 98 F deseo. — 102 B En tan terrible mal tanta paciencia. — 105 B Tan contrario del nombre. F Tanto al contrario del nombre. — 106 B Oh ciegos, que razon sufre i consiente. — 109—110 B Quien no sabe que aquel que amor adora I que mas vientos beve. — 111 B se ri. F se rie quantas llora. — 113—114 B Que lejos de pintura tan divinos! Que aguas que de alto caen tan hermosas! — 114 F Que pinturas.

Que soledades de unos altos pinos
Como del monte Menalio, a las estrellas
(Licencia haian palabras!) tan vezinos,
Que los cantares, antes las querellas
De sus pastores oien! en tal parte,
Parece que responden al fin de ellas.
Demos vuelta al archero que reparte
Tan mal sus flechas, van lo acompañar
Por la razon que ende ha i, Venus i Marte.
Con que palabras te podré rogar
(Sea con gran perdon de quien te llama)
Que no nos quieras tan presto dejar?
Marfida, el fuego tuio i dulce llama
Havrá por bien de ser aca cantada;
Do no vino en persona, venga en fama!
Sabe, bien que la muerte toda airada
Amenazó quanto nace, i no perdona
A cosa biva, i todo buelve en nada,
Enterneciste esta brava leona
A los cantares de tu ingenio raro
Con gran favor del hijo de Latona.
Levanta los sentidos al amparo
Tan seguro i tan aito, como tienes
De esta princesa nuestra, un sol tan claro;
No seas como muchos que sus bienes
Bien no conocen; mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te avienes.
Io digo con tu suerte, que esclarece
Por la casa real en todo estado
Do, por costumbre antigua, envidia crece.

---

115 B de los. — 116 B Que en el monte Menalio. — 117 B son vezinos. — 119 B i en tal parte. — 121 F que parte. — 122 B le. — 125—126 B sea con perdon de quien te llama Que tan presto nos no quieras dejar. — 128 F Consentirá. — 130—132 B Bien sabe que la muerte fiera airada Quanto nace, amenaza, i no perdona Que a todo lo que bive, buelve en nada. — 133 B Tu solo enterneciste esta leona. — 134 B Con los. — 135 B Con el favor. — 136 F Llevanta. — 136—138 B Llevanta tus sentidos al amparo Tan alto i tan seguro, como tienes De la princesa nuestra. — 142 B Con la suerte que huviste que esclarece.

En fin las musas teman el cuidado
Del su poeta, que lo quieren tanto
Como a quien de años tiernos han criado.
Al son de sus vihuelas i al su canto
Lo entonan siempre, ve se clara prueva
Cantando el: mueve a gozo, mueve a llanto.
D'estos mui cuerdos no me es cosa nueva
Que esten burlando, esclavos del provecho
Onde aparece, o que arda el cielo o llueva,
Esforzando se siempre, o con derecho
O sin derecho, (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa hasta el su techo.
El oro blando a todo abre el camino
Mas que el hierro, i solo el es dicho haver:
Nadie inquiere despues de donde vino.
Las buenas musas basta les tener
Lo necesario. Para' que es afan
Vano i sin fin? que poco es menester.
No ves los dias que prisa se dan
Unos tras otros? pocos son los ledos!
I todos juntos pero, que seran?
Humos i vientos que nunca estan quedos,
Ese poco de vida i breve instante,
Lleno de sobresaltos i de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante;
A Laura hizo el Petrarca tan famosa
Que suena d'este mar al de levante,
Bocacio alzó Fiameta en verso i prosa;
De Pistoia el buen Cino a su Selvaja!

145—146 B Mas las musas en fin tendran cuidado De su poeta pues le quieren tanto. — 146—147 F De su poeta, que le quieren tanto Que de los tiernos años le han criado. — 148 A *escreve:* las sus vihuelas. F de sus laudes. — 148—150 B Al son de sus vihuelas, de su canto Entonando lo siempre de que es prueva Mover el quando canta a gozo i a llanto. — 149 F vemos cl. pr. — 153 B Ado parece. — 156 BF hasta su techo. — 157 B abre camino. — 158 BF i solo es dicho. — 159 F donde te vino. — 162 B Vano si en fin tan poco es menester. F has menester. — 165 B Que piensas todos juntos que seran. — 167 F Este. — 170 F A Laura el gran Petrarca hizo famosa. — 172 F en prosa. — 173 F Salvagia.

Ah buenos años! buena edad dichosa!
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria
De toda parte i como que se nos cuaja.
A ti las diosas de la poesia
I a tu Marfida os haran inmortales:
Que nunca le anochezca al vuestro dia!
En lo del cuerpo d'estos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos
En un sentido; mas otros iguales
Hemos de confesar, que no queramos!

---

176 F se enfria. — 177 BF como que se cuaja. — 178 F los dioses. — 179 F I a tí Marfida. B haran ser imortales. — 180 B a vuestro dia. — 181 F de los animales. — 181—183 B En quanto al cuerpo d'estos animales Que llaman brutos mucho atras quedamos, Mas que en sentidos no nos son iguales. — 183 F mas n'otros iguales. — 184 *Em A a carta vem assignada polo poeta segundo o costume d'aquelles tempos:* Francisco de Sâ de Miranda.

147.

Elegia II.

A Antonio Ferreira em reposta de outra sua.

Esta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço e tal
Que vai fugindo ante ela a nevoa grossa,
Bem vejo que era a empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor recente
Tempo esperava, cura mais geral.
Quanto que áquela vea assi corrente
Se deve! áquele engenho pronto e raro
Que assi sente, assi diz tudo o que sente!

A f. 59. A A. F. em reposta da sua. B f. 132. Ao Doutor Antonio Ferreira em reposta d'outra sua que anda impressa coas suas obras (*Veja-se na Parte V. No.* 185). — 7 aquela.

E mais em tal sazão, tal tempo, avaro
De louvores alheos, em gram dano
Dos engenhos que se achão sem amparo.
Vem um dando á cabeza e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chamas
Polas que fez: todo al lhe é claro engano.
Andão se ás razõis frias polas ramas
Um vilancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invençõis, motes ás damas,
Ũa pregunta escura, esparsa triste!
Tudo bom! quem o nega? mas porque,
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
E como, esta era a ajuda? esta a mercê?
(Deixemos ja as mercês) este o bom rosto?
De menos custa em fim que este tal é?
E logo aqui tam perto, com que gosto
De todos Boscão, Lasso, erguérão bando,
Fizerão dia, ja quasi sol posto!
Ah que não tornão mais! vão se cantando
De vale em vale de ar mais lumioso
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nos choroso!
Furtando m'ía á dor que inda ameaça
Como um parto ao fugir mais perigoso.
Não ouso inda a falar tanto de praça,
Falo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça.
Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer pola fe, se assi cumprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade):
— Tu vas pelo caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta!
Sem perigos quem se acha que subisse?
De tempo que assi foge, que te monta
Vinte anos, trinta mais? que montão cento?

10 tempo tam avaro. — 11 em tal dano. — 13 A *escreve:* entra ufano. — 19 Ũa esparsa triste. — 20 quem lh'o nega? — 23 Deixemos as mercês. — 24 Que menos. — 29 em ar. — 44 Vinte ou trinta anos mais?

Ergueu a vista a mim alegre e pronta,
  Sospirando por ser la num momento,
Se ser pudesse! tam de pressa os fados
Corrião! nomes vãos, sem fundamento!
  Então o encarreguei d'estes cuidados:
Deus e logo honra, logo o capitão.
Quam prestes a cumprir foi tais mandados!
  Parece que os levou no coração,
Não soltos por defora nos ouvidos,
(Como outros fazem, que perdendo os vão.)
  Do corpo aqueles espertos sentidos,
Mais inda os da alma tam limpa e tam pura.
Ja agora os bons desejos são cumpridos.
  Viu onde a deixaria em paz segura,
De pressa á occasião arremeteu,
Não quis mais esperar outra ventura.
  No dia do começo a conta encheu,
Seguro viu a morte, espanto antigo.
Nos sonhamos aqui, tu vas te ao ceu.
  Ditoso aquele mestre dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho e deu ao corpo em morte abrigo.
  Era ela conta igual que quem entrou
Antes á vida, saisse primeiro?
Eu sou que devera ir! quem nos trocou?
  Cordeiro, ante o trono alto do cordeiro,
Lavado irás no teu sangue sem magua.
Oh quem como era pai, fora parceiro!
  A Paulo, da fe nossa ardente fragua,
Que pera o filho o pai ponha em tesouro,
Parece natural um correr d'agua.
  Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao gram mar se lança escuro

51 Quam de pressa. — 55—56 Tinha do corpo espertos os sentidos, Os da alma muito mais, mais limpa e pura. — 60 esperar mais. — 68 Primeiro á vida, fosse se primeiro? — 69 quem. — 73 Diz Paulo. — 74 faça tesouro. — 76—77 Não assi aqui perto abaixa o Douro Ao contrario, no mar se lança escuro.

Mondego e Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer: vim, vi, venci,
Cerrando e abrindo a mão posto em seguro.
Não se vejão mais lagrimas aqui,
Salvo se por nos forem que em tais trevas
E tam cega prisão deixaste assi.
Vai te a boa ora; não tens de que devas
Temer; la tudo é paz, tudo assossego!
Quem leva um tal seguro qual tu levas?
Ditoso, que não viste de dor cego
Por senhor um imigo da tua lei!
A tanta pressa fora um certo emprego.
Quantas graças, meu deus, quantas te dei
Sabendo da alma que era libre e viva;
Sem ela ao corpo de que temerei?
Sabia a sua condição altiva
(Nesta sô parte, no mais branda, humana,);
Era para morrer, não ser cativa.
A sepultura que os olhos engana
É levissima perda; assi tambem
É lodo, é terra, é pô, terra africana.
Que tam estreito mar antre si tem
Abila e Calpe, foi tempo um sômente,
Dous agora, um d'aquem, outro d'alem,
Nos quais duas columnas poz de fronte
Hercules, que ali entrada ao gram mar deu.
Falece antes quem crea que quem conte.
Os Gregos no que escrevem poem de seu
A's vezes muito e ha quem diz que chamadas
Ja forão as columnas de Briareu.
Acabemos nas bemaventuradas
Almas subidas para sempre á luz

84 Em tam c. p. — 85 Vai te embora que ja não tens que devas. — 87 A quem leva o seguro que tu levas. — 89 de tua lei. — 90 Que a tanta pressa fora injusto emprego. — 94 Sabia aquela condição sua altiva. — 95 e humana. — 96 Que era. — 97 O sepulcro com quem se a vista engana. — 98 que tambem. — 106 do seu. — 107 e dizem que chamadas.

Sem trevas, rindo la dos nossos nadas:
  Um sô, que em sangue aberta traz a cruz
Branca por armas, deu deus á cidade,
Milagre que em sinais claros reluz.
  Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, mouros a milhares,
Morde se a enveja as mãos, ri se a verdade.
  Para as festas divinas que lugares
Tam claros i ganhastes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.

---

111 Onde rindo se estão dos nossos nadas. — 117 Morde enveja as suas mãos. — 120 Ledos correndo a tanta gloria a pares. — 121 A *escreve:* mudança.

148.

Elegia III.

A' morte do Principe dom João Filho del Rei Dom João o Terceiro.

  O principe dom João de Portugal
É morto! ouça o a grande natureza
Que no-lo dera em mostras d'immortal.
  Como pode cair tanta grandeza?
Como podérão os pecados tanto?
(Que alcança a perda a toda a redondeza)
  Eu digo os nossos, que no peito santo
Nunca pecado entrou, nunca entrou erro:
Bem se ve da sua gloria e nosso pranto.
  Nesta, terra ja não, antes desterro,
Dai lagrimas sem fim ao mal infindo,
Idade pouco ha d'ouro, hoje de ferro.

Segundo a Ed. de 1614 B f. 134v *que é a unica que apresenta esta poesia.*

Que mais vos pede a tea que em se urdindo
Cortada foi, debuxo e obra tam prima,
Num sô momento tudo á terra é vindo.
Ah que das cousas de tamanha estima
Não somos dignos! mostrão se sômente
Para subir por elas ao de cima;
Seus olhos alevanta então a gente
Ao ceo co aquele espanto, ergue o sentido
E cuida no porvir, deixa o presente.
Aquele real corpo bem nacido,
Entendimento muito mais que humano,
Subitamente desaparecido?
O grande e rico reino lusitano
Em tam pequeno espaço, hoje tam pobre?
Para que foi tal bem para tal dano?
Vãmente os olhos buscão aquela nobre,
Aquela sô real mostra, em verdade,
Que escurissima nuvem no-la encobre.
Tudo é cheo de dor e de saudade,
Tudo de confusão, tudo é patranha
E tudo o que ca vemos é vaidade.
A nossa grande e rica sorte estranha
Tal enveja te fez, oh fado duro?
(Nossa não sô mas de toda esta Espanha
A quem contra infieis fora alto muro!)
Ora envolvão se as fontes e aguas claras!
Seja na terra tudo triste e escuro!
Que longes tam fermosos, que almenaras
Mostravas! mais cruel quando assi ofendes,
Menos mal se de longe ameaçaras!
Quando prometes mais, mais te arrependes.
Contra nos manha e força exercitaste;
Quando será, cruel, que no-lo emendes?
Cruel fado, por certo, que mudaste
Ũa tal claridade em noite escura,
Porque contra nos tanto te assanhaste?
Aquela mais perfeita criatura
Que nunca entre nos houve, ah grave dor,

Meteste a nũa negra sepultura.
Oh que vitoria a tua! oh que valor!
Contra um corpo tam tenro e tenros anos,
Inda pediste ajuda ao cègo Amor.
Oh mundo tudo vento e tudo enganos,
Que é de aqueles triumphos, que é das festas
Que havião de tornar cedo em mais danos?
Sabe quem tudo ve, que logo eu d'estas
Outras que se seguírão me temi,
Andando polas sombras das florestas
E polos bosques (onde me escondi
Ha tanto ja) guiado da influencia
Quando d'aquele Ingles malvado ouvi.
— Altissimo senhor, tua paciencia
Não se pode vencer, posto na cruz.
Sofreste agora e então sem resistencia.
Então perdeu o sol sua clara luz,
E agora este sol nosso aborreceu
A terra e fugiu d'ela e ja não luz. —
Assi me queixava eu, quando do ceo
Me senti reprender, qual Job jazendo
Com grave dor, mas dor môr me venceu.
De cima um ar singelo ir se movendo
Ouvi, claro dizer: — Ora que queres,
Queixumes vãos vãmente ao ar perdendo?
Aquele entre os nacidos das mulheres
Principe santo, foi se a seu lugar,
Vossos vados deixou, foi se aos prazeres.
Vos la de baixo, que podeis julgar,
Nesse vale de lagrimas e dores
Onde o mais que sabeis é o chorar?
Gentes queixosas, vãos murmuradores,
Pois não alcançais o grande, o alto conselho?
Convertei os queixumes em louvores,
E os olhos levantai áquele espelho
Que, nesta gram tormenta, como um faro
Vedes nas mãos d'aquele honrado velho,
O qual coa·alta rainha, exemplo raro

De virtude, o menino oferecera
A' santa protecção, ao firme emparo
D'um santo natural nosso, a que erguera
De novo um templo, claro tanto em tudo
Que as nevoas d'Amarante esclarecera,
Donde a deus torna em voz louvando o mudo;
E o que pedras lançando vinha á gente,
Repousado tambem torna, e sesudo;
Torna o aleijado são, torna o doente;
Milagres ums sobre outros á porfia:
A fonte mana e não agua corrente.
E lembrai vos tambem d'aquele dia
Aquele santo martir consagrado
Que é vosso protetor na epidimia,
Que esse reino vos tem d'ela emparado;
Não se vos pode dar mais clara prova
Que o proprio braço seu a el Rei mandado.
Dos altos ceos, o ceo geração nova
Vos torna a dar, e tudo o que falece
No mundo, que com ela se renova.
Este avô tal que tudo a deus merece,
Antes os dous avôs d'ambas as partes,
Lhe irão caminho abrindo em quanto crece,
Despregando a bom tempo os estandartes
Para lh'os entregarem vitoriosos,
Dous Romulos, dous Numas e dous Martes,
Se devo comparar cos fabulosos
Os altos feitos de que será herdeiro
Cos reais cinco escudos gloriosos,
De que o seu lhe esmaltou o rei primeiro
Que a altissima visão viu, (como vira
Constantino a cruz alta co letreiro)
O que logo no Tibre se cumprira
Contra o tirano que impaciente jaz,
Onde inda agua parece os corpos vira.
Deniz cos outros passo, em guerra e em paz
Honra das armas, honra dos costumes
Que ao novo sucesor gram lugar faz,

E, deixando no filho os seus queixumes,
(Que erros forão porem da mocidade
No mais esclarecido e de mil lumes)
Assegurou em Espanha a christandade
Vencendo os mouros, vencendo a cobiça
De tam rico despojo; (oh gram bondade!),
Pedro que amores teve coa justiça,
Real e não cruel inclinação:
Fez Moises, fez Samuel justa carniça!
A justiça conforma coa rezão,
E quer Sam Paulo que se tenha aos reis
Temor, não vai diante o estoque em vão.
Muda o tempo custume, muda as leis
Humanas, está firme o natural.
Isentos, olhai bem como viveis;
Não vos isentão para fazer mal,
Deixai vos d'esses vossos argumentos,
Que não val ante deus o que la val.
Ora a ti torno; não brades aos ventos!
A antigua busca, busca a nova historia:
Toda ela é chea d'acontecimentos.
Finalmente João da boa memoria
Conhecerá o quinto neto augusto
Digno Sebastião de tanta gloria.
Por justissima lei, titulo justo,
Do pai tudo era; passou se a milhor vida,
E d'essa la não quis mais pelo custo.
Não te nego porem que era devida
Magoa a tal perda; mas entende e cre me:
Põi em deus teu cuidado, alma esquecida,
E sômente a deus ama e d'ele treme.

149.

Canção.

A' Festa da Annunciação de Nossa Senhora.

1. Dia gracioso e claro,
Prometido de tanto
Tempo á gente por deus escolhida
Para ser nosso emparo!
Ah misterio tam santo
Que nos tolheu a morte e deu a vida,
Mercé não merecida
Que o entendimento abate!
Celeste mensageiro
Que ao longo captiveiro
Nos trouxe hoge do ceo um tal resgate,
Sejais na minha ajuda,
Socorrei em tal pressa a lingua muda!

2. Fizera se tirano
A cabeça da enveja
(Não sei o que me logo entrando digo)
Do novo estado humano,
Que, d'altivez sobeja,
Tantos dos seus perdera ali comsigo
Um odio tam antigo,
De jornada em jornada
Que avante cada ora ía.
Quem remedio i poria
Se não quem por nos fez tudo de nada?
Na culpa entrou molher,
Assi convinha no remedio ser.

3. Virgem sagrada e pura
Que a natureza esmalta,
E tanto atras de si tudo deixou,

B f. 141.

Perfeita criatura,
Posta em parte tam alta
Que nunca culpa algũa la chegou,
Comnosco conversou
No mundo por seu meo
O verbo divinal;
Por nos feito mortal,
Coa cruz ás costas, de tam longe veu,
E com tais armas sôs
Tais imigos venceu sô para nos.

4. Foi o primeiro Adão
De limo virgem feito,
Inspirando lhe ali divino esprito.
Assi estava em rezão
Que estoutro mais perfeito
De ventre virginal saia bendito,
Isento do delito
Em que a serpente antiga
A todos envolvera.
O ceo que Eva perdera,
Quem no-lo abriu, ficou fora de briga;
Foi lhe hoge entregue a chave,
Foi lhe o nome mudado d'Eva em Ave.

5. O embaixador divino
Com tal acatamento
Propos, como o menor ante o maior;
A virgem indo a tino
Regia o pensamento,
Deixando nas mãos tudo do senhor.
Divino resplandor!
Divina claridade!
Em noite escura ali tam claro dia!
Quanto em gloria subia,
Tanto descia mais em humildade;
Temia e confiava,
Cuidando ora no ceo, ora onde estava.

6. Contemplava cada ora
Que havia de parir
Ũa virgem, sinal dado na lei.
Sempre diz: ah quem fora
Digna de a servir,
Virgem e madre de um tam alto rei!
Pecador, que direi
Em misterios tam altos?
Filho no ceo sem mãi?
Filho em terra sem pai?
A tais escuridõis, tais sobresaltos,
Este pô, terra indigna,
Quando cuida que atina, desatina.

7. Se á tua grande, mas pobre vontade
Fora dada igual graça,
Sair puderas, canção minha, á praça!

Egloga VIII.

Encantamento.

150.

Egloga Encantamento.

A Dom Manuel de Portugal.

1. Filho d'aquele nobre e valeroso
Conde, mais junto á casa alta real,
Abastára dizer do Vimioso,
Senhor dom Manuel de Portugal,
Lume do paço, das musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal:
Quando homem cuida que no cabo estais,
Tornando olhos a vos, por vos passais.

2. Em que vos servirei ca d'este monte?
Ũa mercé, na terra pouco usada,
Tanto em outra aqui logo de fronte,
Aquela egloga vossa me foi dada,
Encostado jazendo á minha fonte.
De versos estrangeiros variada,
Parecia que andava a colher flores
Coas musas, coas graças, cos amores.

A f. 124 v. Egloga VI. B f. 41 v. A Dom Manoel de Portugal. Egloga IV. *Não tem titulo algum. — A Egloga á qual esta responde, acha se na Parte V.* — 2—3 B á gram casa real Que abastára. — 10—11 Tal mercé nesta terra pouco usada Mas muito noutra ali logo de fronte.

3. Então, tornando em mim, disse comigo:
— Certamente eu trazia errada a conta,
Que inda ha quem nos renove o tempo antigo
De que tanto se escreve e tanto conta.
Agora me reprendo e me castigo,
Fazia á nossa Lusitania afronta:
Cudei que sô buscava prata e ouro!
Buscastes me no meu escondedouro!

4. Andando apos a paga, houve aos sisos
Gram medo (que o confesso) e a ums pontosos
De rostos carregados e de ums risos
Sardonios ou, mais claro, maliciosos.
Quem tantos tentos, quem tantos avisos
Terá que empare os golpes perigosos,
E acostumado ora entre pastores?
Que vos venhão cantando os seus amores!

5. Querem vos por senhor, não por juiz.
Rigores a departe, que são dignos
De perdão os começos. Ja que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquele, um sô dos liricos latinos.
Provemos ja esta nossa linguagem
E, ao dar da vela ao vento: boa viagem!

---

17 dixe. — 22 Que fiz. — 26 Medo (que assi o confesso). — 31—32 Em fim senhor, pastores se adiantem, E quanto mal vier, cantando espantem! — 39—40 Ora provemos ja a nova linguagem E ao dar a vela ao vento: boa viagem! A *escreve:* esta nossa nossa.

Pastores da Egloga:

Gonçalo. Bieito.
Ines. Beatriz.

Gonçalo.

Quantas cousas, Ines madrinha e tia,
Se me vão descobrindo de ora em ora!
Inda que faça corpo e gesto, e ria,
Pola alma de quem mais não pode, afora
Outros respeitos, cumpre haver paciencia
Té que seja da vida ou da dor fora.
Aos erros é devida a penitencia
Por seu conto e medida e por balança,
Pelo que sabe a propria conciencia.
Pero quando, ao contrario da esperança,
Em vez de galardão acode a pena,
Quem terá sofrimento em abastança?
Amor que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dá, nem da fe santa
Quebrada ou tida, gram culpa ou pequena.
Faz ũa e outra pousa o galo e canta:
Ora eis me ós pés, ora eis me á cabeceira,
Té que o cansaço vence e me alevanta.

---

3 eu faça. — 4 corpo, gesto. — 5 ter paciencia. — 8—9 Por conta, por medida, por balança Seja juiz a propria conciencia. — 10 E porem (*Leia-se:* Porem). — 11 acode pena. *N. M.:* Em vez do galardão acode a pena. — 14—15 Bem pouco se lhe dá de que a fe santa Se quebre com gram culpa ou com piquena. — 17 Eu eis me aos pes. — 18 Té que o mesmo trabalho me levanta.

E vou me ao meu fuzil e pederneira,
Em fogo aceso o fogo acendo, e ando
Do quente ao frio, do frio á fogueira.
Assi de ca de la cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelhão,
De claro em claro o coração passando.
Os fracos dos sentidos ajoelhão
Trabalhão por soltar se, aperta o laço
Em poder da mâ dor, mal se aconselhão.

Ines.

Afilhado e sobrinho, juras faço
Que d'isso mais não sei certo que seja,
Sô que perdeste muito em pouco espaço.
Quem não morria por aqui d'enveja
De ti, Gonçalo? em tudo o que fazias,
Que graça, manha e força te sobeja!
Todos nas festas onde aparecias,
Um rosto, outro tenção logo mudava,
Ciscava se outro pelas companhias.
Onde cantavas, ninguem mais cantava,
Onde tangias, ninguem mais tangia,

---

19 e á pederneira. — 22 Assi vãmente triste porfiando. — 23 me atormentão. — 24—25 B *intercala:*

As que nos berços sangue novo aventão,
Vierão ter ao meu, (chamão lhe Estrias
Que a tantas de crianças arrefentão),
E disserão por mi: viva algums dias
Que assi lh'apraz aos fados, e tiverão
As mãos quedas em si e as unhas frias.
Mas que falsa de mim piedade houverão!
Quanto milhor me fora que num ponto
Em paz d'essoutra parte me puserão!
Despois seguiu se um conto e outro conto,
Tempos tam desvairados que assemelhão
Mais da fortuna os jogos que não conto.

25—27 Os fracos coraçõis logo ajoelhão, Desmaião logo, vendo se em tal laço, Em poder da mâ dor, mal se aconselhão. — 32 De ti sobrinho. — 33 Que em tudo manha e graça te sobeja. — 35 Um cor. — 36 E soma se outro entre as companhias. — 38 mais ninguem.

Onde te espias, ninguem mais lutava.
  E lembra me que, estando ora qual dia
Comigo Andresa, Joana e Beatriz,
Tinhamos antre nos certa porfia.
  Como ves que ũa diz e que outra diz,
Naquele proprio ensejo eis que passavas.
Passando disseste alto: *Eu que lhe fiz?*
  Parece que comtigo aporfiavas
Como acontece, que ías bracejando
Sem dar vagar algum, nem o tomavas.
  Vi te, ouvi te, mas calei me senão quando
Disse ũa contra mim: — Qual vai Gonçalo? —
— Como muitos, disse eu, vai fadejando. —
  — Tudo aquilo são mimos, e fez calo,
Disse outra, nums assanhos de mimoso,
Ou que olho mao lhe fez algum abalo? —
  Quando eu ja aquilo ouvi: — S'ele é pontoso
Ou se ha na aldea samica outro tal
Contemo-lo antre nos por trabalhoso. —
  A primeira tornou como um coral,
A companheira toda descôrada,
Parece que ambas o tomárão mal.
  Tanto te sei dizer: é pouco ou nada,
Salvo que ás vezes estes nadas são
Muito ao miolo que ja traz pancada.

Gonçalo.

  Quantos sonhos que vêm, quantos que vão!
Coitado do dormente que assi jaz,
Ora torcendo se, ora rindo em vão.

---

39 Onde tu te despias, quem lutava? — 41 Comigo Grimanesa e Beatriz. — 46—48 Parece que comtigo peleijavas Como acontece ás vezes, bracejando, Que não davas vagar nem o tomavas. — 49 Vi te ouvi te, calei me. — 51 Vai, disse eu, como muitos fadejando. — 52 ja fez calo. — 54 Ou se. — 55—57 Quando eu aquilo vi: ja perigoso Achastes vos, lhe disse, outro zagal A quem chamardes vão, a quem pontoso? — 58 ficou. — 59 A segunda de todo descôrada. — 60 a mal. — 61 Mas tudo isto, sobrinho, é pouco ou nada.

Quanta conta se faz e se desfaz,
Erradas as piquenas e as maiores,
Feitas em desavença e inda em paz.

Ines.

Certo, mal comedidos são pastores,
(Haja de ti perdão) sempre queixosos;
Não os entendo nestes seus amores.
Chamão isto, entre nos, são rovinhosos;
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre agravados, sempre sospeitosos.

Gonçalo.

Mal te saberia ora por ninguem
Nem por mim responder, seja o que for,
Corram ventos d'aquem, corram d'alem.
Mas di me, tia, pelo meu amor,
Isso das mais louçãs de toda a terra
Quanto ha que foi? lembra me a minha dor.

Ines.

Por certo, se a memoria me não erra,
Contando, o sol despois não se escondeu
A nos dez vezes, e dez deu vista á terra.
Inda te mais direi: que aconteceu,
(O que ja disse) por sinal, em logo
Onde tu ja cantaste, outrem gemeu.
Dia de muito riso e muito jogo,
Venceste á luta e á choca, e avantejado
Correste, e em fim cantaste a nosso rogo,
E mais aquele teu cantar gabado
De todos, tam sentido, e tam queixoso:
Onde me acolherei? tudo é tomado.

---

67 quanta desfaz. — 69 Ou feitas com queixumes, ou com paz. — 71 Haja eu. — 72—73 Não-nos posso entender em seus amores, Tam maos de contentar; tam ravinhosos. — 79 Mas dize tia. — 80 Isso das mais gabadas d'esta terra. — 81 renova a minha dor. — 83 Voltando. — 84 vezes, dez. — 85—86 Inda te digo mais que aconteceu; O que te disse, ali naquele logo. — 89—92 Venceste á luta, ao pario, e ao cajado, E despois nos cantastes a nosso rogo. O teu cantar tam brando e tam gabado No som e nas palavras tam queixoso.

Gonçalo.

Como fazendo vai o sol trigoso
Tantas mudanças! quanto dos cantares
E quanto do cantar fui cobiçoso,
De todos me esqueci, muitos a pares!
Até as vontades muda o tempo e leva
Comsigo, e do prazer faz maos pesares.
Ele é o em que vai tudo o que releva;
Faz, desfaz a desora as agonias:
Não olhes mais se chove, venta, ou neva.
Mas quanto ora ao cantar que antes dezias,
D'isso me lembro bem: era em setembro
Quando as noites voltão sobre os dias.
Do cantar provarei se me ora alembro.

Canta em oitava rima:

1. Onde me acolherei? tudo é tomado,
Não aparece esperança nenhũa;
Sombras negras e feas, mal pecado,
Estas si que aparecem; cousa algũa
Não ficou por fazer; tudo é provado,
E tudo por demais. Ouça me a lũa,
Delgada que traspõi pelo alto monte;
Seus trabalhos cos meus coteje e conte!

2. E se nos velhos solaos ha verdade,
Bem sabe ela por prova como Amor
Magóa, e haveria de mim piedade:
Endimio tam falado e tal pastor

94—96 Como este sol dá voltas tam trigoso! Quanto que ja folguei de ouvir cantares E quanto de os cantar fui cobiçoso! — 97 tantos a pares. — 98 e tudo leva. — 101 Ele faz e desfaz as agonias. — 103—106 Mas quanto ao meu cantar que antes dizias, Isso me lembra bem que era em setembro Quando dão volta as noites sobre os dias; De mais quero provar se inda me alembro. — 108—109 Não parece esperança aqui nenhũa, Sombras feas e negras. — 111—112 como o passado Será o que é por vir. — 115 Que se os velhos solaos falão verdade. — 117 e haverá de mi piedade. — 118 Endimião tam fermoso e tal pastor.

Entre as flores dormia em flor da idade,
Ela olhando do ceo mudava a côr,
Té das flores ciosa e agua clara
Que o seu fermoso Amor lhe adormentara.

3. Cantão e contão mais que houve um tirano
De poder grande e muito grande haver;
Vendo a moça e minina em corpo humano
Que andava a colher rosas e a prazer,
Salteou a, robou a e foi se ufano:
Por força ou por vontade houve de ser.
Riquezas mâs, injusto senhorio
Que ajuntais á vontade o poderio!

4. Ora a mãi preguntando longamente
Por um sô bem que tinha, onde o achará,
De ũa gente passando em outra gente,
Tambem os deuses culpa. Ah sorte mâ
E justiça maior, que tal consente!
Buscando por demais tudo o de ca,
Acha a no reino de sombras escuras,
Correm lagrimas vãs, fazem leis duras.

5. Partem o tempo de todo devido
A' mãi triste e roubada á que é dos reis;
(D'ali veu este nome de partido,
Em que seja forçado e contra as leis.)
Que se pode fazer do ja perdido?
As vossas lagrimas, que as enxugueis;
Como poderdes fugireis o fado.
Onde me acolherei? tudo é tomado.

---

119 em fresca idade. — 120 Olhando ela do ceo, perdia a côr. — 121 e d'agua clara. — 124—125 De grande poderio e grande haver Que, vendo a bela moça em corpo humano. — 126 rosas a prazer. — 127 foi se ufano. — 130 A *escreve:* senhorio. — 134 aos deuses. — 137—138 No reino a achou de sombras vãs cuberto Ex co genro cruel vem a concerto. — 139—143 Partem o tempo entre si que era devido (*sic*) De todo amay roubada, a que dos reis, (*sic*) Que d'ali veu o nome de partido, Que sempre forçado é e contra as leis, Mas que fará quem tudo tem perdido. *A Pontuação é conforme á de* B. — 145 Triste quem poderá fugir ao fado.

Ines.

Não te deixárão ũa e outra fonte
D'esses teus olhos sômente acabar,
E os meus que ja tambem punhão se a monte.
Andamos em tormenta, como em mar,
Com outrem e comnosco em diferenças,
Cuidando o tempo que ha de melhorar.
Pera o corpo se achárão mil doenças
E pera a alma cem mil inda piores.
Tantos acordos, tantas desavenças!
Governão essa vã idade amores,
Estendem se inda ás vezes té a velhice,
Quando ja tudo é pressa e tudo dores.
Que lhes falece de clara doudice?
As mãos, os olhos, desasossegados,
Choros e gritos, como em meninice?
Aqueles seus sospiros apressados,
Aos ventos, que ouvindo homem desatina,
Aqueles seus imigos, seus cudados?

Gonçalo.

Passou ora qual dia um sanfonina
Pola aldea cantando, era ele cego,
Guiava o loura e bela ũa minina.
Tambem aquele não tinha asossego!
Chegamo-nos a ouvir certos pastores:
Pelaio, Pedro, João, Gil e Diego.

---

147 *Em* A *fica a poesia incompleta acabando em:* poderdes *e segundo se collige das palavras de* Ines, *intencionalmente.* — 148—149 Dos teus olhos cantar mais por agora E os meus ja aqui tambem punhão se a monte. — 150—152 Andamo-nos assi de foz em fora De nosso porto, sempre em diferenças, Sempre esperando em vão ver milhor ora. — 154 outras piores. — 156 A mocidade vã governão amores (*Leia-se:* Governão a vã mocidade amores). — 157 A *escreve:* Estende se. — 158 tudo dores. — 159 Que cousa falta ali para doudice? — 163—164 Aquele ir e tornar, que nada atina, Aqueles seus imigos, seus cuidados. — 165 ũa çomphonina. — 166 ele era cego.

Parece que suava inda suores
Mortais; do peito sospiros saîão
Aos pares, cantou bem, mas mal de amores,
Fez nos entristecer quantos o ouvião.

Cantiga do Cego:

1. Un tiempo miró me Elena
Sospeché que eramos, mas
Nunca cosa hize tan buena
Como no miral-la mas.

2. Amor anda en sus consejas,
Mas bien seria gran loco
Quien de sus mañas tan viejas
Mucho fiase ni poco.
Alma de lastimas llena,
A que vienes i a que vas?
Que puedes negar Elena,
A quien los tus ojos das?

3. Enemiga i suerte triste,
Has me la vida quitado,
I a, quien piensas que la diste,
Quiza que nada le has dado!
Harto mal! peor se ordena!
Mas que debato io mas?
Si aun de ti apena, apena,
No sé si lo negarás.

172—173 Mortais e que do peito lhe saião Sospiros mil; cantou males d'amores. — 174 quantos ouvião. — 176 AB *escrevem:* Sospeché que eramos mas, *lição que para nos fica incomprehensivel. O poeta escreveria acaso:* que era amor? — 177—178 Juré no miral-la mas, Nunca cosa hize tan buena. — 180 seria io loco. — 181 Si en sus malas mañas viejas. — 187 Enemiga suerte triste. — 188 Haz (*Leia-se:* Has). — 189 pienso; *na lista das Err. fica emendado em:* piensas. — 193—194 Que tu misma aun apena Pienso que lo negarás.

4. I estos ojos de mis juras,
Si se burlan, a la fe
No se fien en locuras,
Caten que los quebraré.
Esta culpa sea ajena,
Otras son mias asaz,
Por razon va que en la pena
Venza lo que pena mas.

Ines.

Razõis d'impetu cheas e paixão,
Não quero ora dizer que seja engano,
Mas que ás vezes por si mesmas vão.
Não faças longo com queixumes o ano,
Tem te como arvore aos ventos em pe,
Dá tempo, dá lugar ao desengano.

Gonçalo.

Não me dirás, madrinha Ines, até
Quando esperar me mandas um ingrato
Que dizem que não ouve e que não ve?
Esperei e sofri, fiz mal barato
De mim; e quem mal cai diz que mal jaz.
A deus, madrinha: torno me ao fato.

Ines.

Quisera te dizer: vai te ora em paz!
Porem com que esperança? Mas quem vejo
La vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonçalo.

Este vos é Bieito, e bom varejo
Dizem que ele houve ogano e anda a caça;
Ai! que não sei de mim e outrem correjo.

---

200 Que otras. — 202 Venza aquel q. p. m. — 203—206 Palavras cheas d'impetu e paixão, Não quero mais dizer, cheas d'engano, Que elas mesmas por si dizem o que são. Não faças suspirando longo o ano. — 212 mao barato. — 214 Exemplos velhos são, torno me ao fato. — 219—220 Dizem que houve ele ogano, ora anda a caça. Triste, de mim não sei, outrem correjo. A B *escrevem:* o gano, *em lugar de* ogano.

Neste mundo d'escarnio tudo é graça,
Não sabemos o quando, o como, o quanto;
A's vezes muito bem mal te ameaça;
Oferte se cada um, tia, a bom *santo!*

Bieito.

Quem deu a Amor *quebranto* e o fez *cruel?*
Quem tornou tudo *fel* quanto *aprazia?*
Que se fez d'este *dia* hoje tam *claro?*
Como se vendem *caro* os *pensamentos?*
Que foi d'aqueles *ventos* de ora em *ante?*
Manda me Amor que *cante* a frauta *branda?*
Que jogos faz em que *anda* á custa *alhea?*
Adeus por sempre, *aldea,* té que *caia*
Debaixo ou d'esta *faia,* ou d'este *freixo*
Por onde me ora *queixo,* andando em *vão.*
Ali se *acabarão* muitas *contendas.*
Vai se a agua polas *fendas,* feita é a *conta:*
Um pouco mais que *monta* de tal *vida?*
Toda cousa *nascida,* quantas *são,*
Naturalmente *dão* do seu *perigo*
Sinal, como a *imigo,* porque *seja*
Aviso a quem o *veja* que não *tarde.*
Vemos ó fogo que *arde* ir lhe *diante*
Fumo escuro que *espante.* Ante a *tormenta*
Pelas devesas *venta levemente.*
Ameaçando a *enchente,* vem *soando,*
Vem de brava *escumando,* abate, *estronca.*
O mar de longe *ronca,* alça se *inchado,*
Logo a algum *abrigado* pola *terra*
O pescador *aferra,* com gram *pressa.*

222 o como. — 223 E ás vezes. — 225 A *escreve:* e fez cruel. — 228 se comprão caro nevoas, ventos. — 229—230 Que incertos fundamentos d'esperanças Trocadas as mostranças de ora em ante? — 231 Passatempos em que anda. — 233 Debaixo d'esta faia. — 235 Então se acabarão tantas contendas. — 236 feita é conta. — 238—240 Queixa da razão tida sem razão, Que as cousas todas dão de seu perigo Sinal como de imigo, porque seja. — 244 Polas defesas. — 247 O mar primeiro ronca. — 248 Logo algum abrigado junto á terra.

Polo monte *atravessa* o mao *faminto*
Do lobo, por *destinto* o gado *entende*,
Ajuda se, *defende*, e *agasalha*,
Ordena se em *batalha*. Um usso *erguido*,
Corre logo o *apelido*, e sai sem *côr*
Da cabana o *pastor* que todo *treme;*
·Do dano o medo *empreme*, antes do *dano*.
Ora este amor *humano*, que assi *apraz*
No começo, e assi em *paz* a alma *repousa*,
Ũa tam branda *cousa*, com que *empece*
Isto como *acontece* á *natureza*
Que de certa se *preza?* quem *diria*
Onde, triste, *trazia* isto escondido?

Ines.

Traspos, e em vento é ido como tudo!
Soar fazia a ribeira tambem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonçalo.

Ves ali o que faz. Mas eu com quem
M'estou, tia, falando?

Ines.

Inda lhe ouvi
Suidades do meu mal, todo meu bem.

Gonçalo.

E tu não cudarás qu'isto é assi?
Diz que são queixas vãs! como vos dais
A môr parte a André! fosse ora assi!

---

252 Ajunta se, defende se, agasalha. — 253 ao usso erguido. — 254 Vai diante o apelido, sai sem côr. — 256 oprime (*N. M.:* opreme). — 258 que em paz. — 259 como empece. — 263 Traspos em vento. — 264 Como soar fazia o rio bem. — 267 Estou. — 269 que é aquilo assi. — 270—271 E a nossas queixas vãs todas chamais! Prouvera a deus; madrinha, fora assi! — 270 A *andava falto de uma syllaba dizendo:* Que são etc.

Ines.

Tambem vosoutros todos vos queixais
(Como ja disse) muito; e mais costume
Parece que rezão que ora tenhais.
Cada um se chama facha ardente, e lume,
E fragua onde se prova sua fineza;
E d'estes tais queixume apos queixume.
Quisera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quisera mais singelos
E mais dissimulada esta tristeza.
Não os queria assi tam amarelos,
Nem tam achacadiços: este geme,
D'estoutro chorão os seus olhos belos,
Outro por julho e por agosto treme,
Arde em dezembro, foge a claridade,
Sospeitoso de si mesmo se teme.
Mas emprendia ora eu outra vaidade!
Deixar nos hemos d'estar mais ás chaças,
(Cuido em fazer te mal) bem á vontade.

Gonçalo.

Oh tia prazer hajas, que assi o faças
No que poderes, seja sem trespasso,
E quanto a mim mas que inda me desfaças.

Ines.

Um pouco se nos vai fazendo escasso
O tempo; porem peito á montanha!
Crecem as sombras, va crecendo o passo.

273—274 e por costume E não razão nem causa que tenhais. — 275 ou lume. — 279 Quero dizer, quisera os m. s. — 281 Não vos quisera assi. — 283 chorão sempre os olhos belos. — 286 de si proprio se teme. — 287—288 Mas emprendia ora eu boa vaidade! Deixemo-nos d'estar mais nestas chaças. — 290 Assi tenhas prazer, tia, que o faças. — 292 A mim não olhes, nem que me desfaças. — 293—295 Um pouco nos vai sendo o tempo escasso; Por isso cumpre pôr peito á montanha; Não ves como o sol foge? estende o passo.

Gonçalo.

Passadas dizes? ora olha esta tamanha
Que aqui te dou, logo outra e outra aperto.
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines.

Tenho sospeita que erão em concerto
De fazer romaria as mais louçãs;
Pode ser e não ser, valha o acerto.
E que nos saião as passadas vãs,
Não serão ja as primeiras, mal pecado,
Nem dizem sempre as tardes coas manhãs.

Gonçalo.

Como logo s'enxerga o bom cuidado;
Inda somos a tempo: é bom sinal
Tanto amarelo, azul, tanto lavrado!

Ines.

Olha que em tudo o sofrimento val:
A cabeça não corra mais que os pés,
Quem guia sempre seja a principal.

Gonçalo.

Oh boa tia, grande amiga Ines,
Tu me guia e governa, que eu não rejo;
Não sei, tu sabes; não vejo, tu ves.

Ines.

Olha que não te empeça o ser sobejo,
Que se ũa ora aproveita, muitas dana;
Benze te do diabo e do desejo.

296—297 Que estenda o passo eu? como? olha camanha Passada que aqui dou: logo outra perto. — 299—301 Eu sospeitei, que andavão em concerto De certa romaria as mais louçãs; Pode ser que seja erro, ou seja acerto. — 302—303 Mas posto que as passadas saião vãs, Não serão as primeiras, meu sobrinho. — 305—307 Melhor fruto espero eu d'este caminho Porque, ou mal vejo, ou vejo bom sinal Tanta faixa de côr, tanto sainho. — 310 Seja a razão a guia principal. — 311 Oh minha tia e boa amiga Ines. — 314 Pois olha não te e. o s. s.

Cada ũa d'estas moças anda ufana:
Cuidão que o sol lhes baila; são gabadas,
E ja não ha quem cuide que se engana.
Guardemo-nos d'essas oras minguadas:
Se nos sentirem logo hão de pôr selo
Qu'eu sou a que ando nas mexericadas.
Mas, afilhado, tornas te amarelo,
E branca a boca como esta toalha,
Tens as mãos frias como um caramelo.

Gonçalo.

O tamanho alvoroço a tudo atalha;
Muito mais o prazer que a paixão toma
Poder do coração posto em batalha.
Esforça, que ũa moça o adufe em soma
Começa de tanger com tanta graça,
Parece que traspõi, ora que assoma.
Ora eu por fiador, a alguem prol faça,
S'ela tam bem cantar como parece
E como soi, que inda ela hoje nos faça
D'esta tarde que é ja, quando amanhece.

---

318 Cuida que o sol lhe baila. — 319 E não ha ja. — 320—322 Não tenham aqui (*sic. Leia-se:* qui) poder oras minguadas Que se nos sentem logo, hão de dar côr Que eu sou a que ando nestas espreitadas. — 322—323 B *intercala:*

Gonçalo.

Se soubesses o frio e o pavor,
Que me tomou, madrinha, esforçar me hias
Tanto ao contrario de pôr me temor.

323—325 Em verdade: que tens, moço, as mãos frias E branca a boca mais que esta toalha; Possas sofrer o bem, se o mal podias. — 328 nesta batalha. — 329—331 Esforça, que Beatriz o adufe toma E começa a tanger com tanta graça Que ũa ora o som traspõi, outra ora assoma. — 332 que a alguem prol faça. — 334—335 que inda hoje nos faça Parecer esta tarde que amanhece.

Beatriz.

Canta.

Canção do Encantamento:

1. Em tempo antigo, longe, em terra estranha,
Um rei e ũa rainha
Houverão filhas: a primeira veu
De beldade tamanha
Que algũa igual não tinha,
Sômente a que despois foi a do meo.
Mas logo sobreveu
Inda outra, que estas fez como ás estrelas
Faz o sol claro tanto que aparece.
Falavão cavaleiros e donzelas
Como nas cousas raras acontece.
A gente se lhe ofrece
Como a deosa imortal:
Te do bem o sobejo sempre é mal!

2. Não sofreu tal ofensa Amor altivo
Que fosse ás deusas feita;
Seu arco encorda, os tiros apurou,
De chumbo e d'ouro vivo.

335—336 B *intercala:*

Canta Beatriz:

Dura necessidade, quando engrossa
Como agua na ribeira,
Quem não foge podendo, vendo a vir?
Quem ha porem que possa?
Cumpre de ter maneira
Ou de pôr peito á agua, ou de fugir.
Forçado a mim me é ir
Buscando polos vãos contos passados
De que cante: que hei medo ao mao ensino
Maior que a cantar mal versos rimados.
Emfim direi de Amor cego e menino,
Por desastre malino
Como lhe aconteceu
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.

339 De beleza tamanha. — 343 que a estas faz. — 351 aos deuses. — 352 Seu arco toma.

Voando ao ar se deita,
Num momento tudo atravessou.
Mas muito se enganou,
Que, quando aquela ifante ante si viu,
Fugiu lhe o coração, a frecha cai
E no pe que diante ia o feriu.
Chora o mimoso. e grita pola mãi.
Com tal conselho sai:
Faz um parque encantado,
I geme, ali sospira magoado.

3. Ja d'antes de isto, áquela acesa fama
Da fermosa princeza,
A grande Venus toda receosa,
Os seus archeiros chama
Em secreta defesa,
(As mostras são porem de andar ciosa)
Quando pola ámorosa
E delicada praia rumor corre,
Incerto assi do povo,
Que o poderoso Amor de amores morre!
Mas outra e outra vez torna de novo;
A mãi, com tal renovo,
Põi atras tudo, e ceva
A moça de alto sono e ao parque a leva.

4. Cai a noite do ceo, mas é de lumes
Vencida, e fazem dia:
Ali acordada ve vivas pinturas;
Ardem ricos perfumes;

---

355 E num. — 356—357 Mas enleado ficou Quando tal fermosura ante si viu. — 358 a seta cai. — 360 Chora o menino. — 362 um bosque. — 363 Ali geme e sospira magoado. — 364 áquela grande fama. — 366 A belissima Venus receosa. — 369 d'estar ciosa. A *escreve:* ociosa. — 372 Primeiro sem autor e sem certeza. — 374—377 Mas logo se afirmou ja com clareza, Coa qual a mãi despreza Todo o respeito e ceva De brando sono a moça e la lha leva. — 378 dos lumes. — 379 e fica dia. — 380 Com que (acordando) viu ricas pinturas.

Os cantares que ouvia,
Erão pera abrandar as pedras duras.
Poem-se a mesa: figuras
Correm de vasos sem preço e sem conto;
Mansamente ordenado e sem peleja,
Tudo se faz ali prestes num ponto.
Que banquete quereis que o de Amor seja?
Não acha ali a enveja
Que possa desdenhar
Nem apetitos que mais desejar.

5. Mas eu porque me vou ora detendo
Por cousas que o sentido
Deixa por um tamanho espaço atras?
Respeito ao sol havendo,
Direi d'um sô partido
Que Amor logo tirou, mas duro assaz.
Disse: *Não me verás!*
Contente te o que ves. A sorte esquerda
Tudo acomete. Va tal pensamento:
Em pedaços ao vento cuida a perda
De se esvaecer tudo em um momento.
Ha mister sofrimento
O mal, e é o bem
Pouco estimado d'aquele que o tem.

6. Promete do porvir ousadamente.
Fazem se comprimentos
Em abastança, têm se despois mal!
Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Quer lhe mostrar andando o tal e o tal:

385 com vasos ricos e sem conto. — 386 ordenadas. — 391 Nem o apetite mais que desejar. — 392—394 Mas porque me vou eu ora detendo Em cousas que o sentido Deixão por um tam longo espaço atraz? — 399—402 Ah sorte esquerda! Cruel e cobiçoso pensamento! Representou se ao Amor a grande perda Do parque esvaecido num momento. — 404 e o bem. — 405 sô de quem o tem. — 408 Que depois se cumprirão muito mal. — 409 Deseja ela a sua gente.

Cousa que tanto val
Cos nossos coraçõizinhos pequenos!
Ora, indo assi crecendo estes desejos,
A fermosura cada vez é menos:
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos.
— Emfim (diz) bens sobejos,
Sem as minhas irmãs
Não sois riquezas, não, mas visõis vãs. —

7. Ouviu e estremeceu Amor; com tudo
Houve de dar licença
E diz no cabo: — Pois ela assi quer . . . .
(Por um pedaço mudo
Esteve) e porem vença,
(Tornou) usada assi sempre a vencer! —
Vêm-na as irmãs ver,
Mas vendo i tanto de que haver enveja,
Mais tristes que antes, dizem: — Mal fadadas,
Co que se perde aqui, co que sobeja
Foramos todas bemaventuradas!
Nadas, menos que nadas
Nossas fracas riquezas!
Como esta as chamará tudo pobrezas. —

8. A moça amostra ca e amostra la;
Do que não vêm, lhes conta.
Andava se á face toda, elas d'enves.
Não sofrem ver mais ja,
Não podem coa afronta,
Com tudo, e cedo, irão dar a traves.
O sol anda de pés
E juntamente prazeres desandão.

---

420 Ouviu, estremeceu Amor, porem. — 422—428 Dizendo de vagar: — Pois assi quer Razão é que tambem Agora nisso vença Quem sempre em tudo soi de vencer. — Vêm-na as irmãs a ver E vendo i tanto de que ter enveja Confusas dizem: tristes malfadadas. — 432—433 Nossas ricas riquezas, Como esta as chamará pobres pobrezas! — 436 Toda de face andava, elas de enves. — 441 Os prazeres tambem co ele desandão.

Tambem as que fingião, sospiravão.
Quem sabe os coraçõis alheos que andão
Fazendo? Se quereis, inda choravão,
Mas, donde se entornavão
Aqueles vasos de agua,
Parecia irmandade: ela era magoa!

9. Não se pode mais ter ũa: — E em tal vida
Que gosto podes ter,
Disse, nossa irmã triste, assi enganada?
Chorámos te perdida,
Vinhamos te ora a ver,
Tornamos te a chorar por mal achada. —
E feita mais ousada,
Tomou lhe a mão essoutra: — E quem seria
(Disse) que cuidasse al? se te ama tanto,
E se tal fosse, ele s'amostraria.
Respondes, que não quer: d'isso m'espanto.
Ora eu não to levanto,
Mas dizem neste lago
Que ás sonoites se ve voando um drago. —

10. Não disse mais. Os olhos, não sei mais
E os geitos, que disserão,
Fazendo casos. A moça enfraquece,
Vão suores mortais.
Todas nisto vierão
Que, quando ha tempo, o dilatar empece.
Eis a barca aparece
Em que se hão de ir. Deixão lhe um lume aceso,
Ordenão o que faça antes que vão se:

445 onde. — 448 Não se podem ter mais: — Ora em tal vida. — 450 (Disse) ũa (*Leia-se:* (Disse ũa)) triste irmã nossa enganada? — 452 E vindo te assi ver. — 454—457 A outra mais ousada Tomando a mão lhe disse: — Quem seria Que outra cousa cuidasse? se ele tanto Te amasse e se tal fosse, mostrar se hia. — 459-461 não-no levanto Mas diz que nesto lago Se ve ás noites vir voando um drago. — 466 Todas em fim vierão. — 469 Deixão lhe lume aceso. — 470 Ordenão lhe.

— Veja se em todo caso o tam defeso
Esposo e tam gabado; então descanse. —
Outra vez as mãos dão se,
Soltão ao vento a vela,
Fogem elas co barco, coa praia ela.

11. Ora ja noite, chega Amor cansado,
Lança se no seu leito,
Lança se á boa fe e dorme quedo.
Da ifante o delicado,
Singelo e brando peito
Vence se ora de amor, ora de medo.
Descobre se o segredo
De Amor, cousa divina! Olhos humanos
Como ter se podião ao resplandor?
Malina enveja, que causou tais danos!
Deixa o dormir: dormisse sempre Amor!
A simple com temor
Os passos desconcerta:
Cai lhe no peito o fogo, ele desperta!

12. Quantos e que sospiros i de novo,
Que gritos amiuda!
O jardim deleitoso em um momento
Em brejo escuro e covo
(Quem o crerá?) se muda.
Que se fez de tam rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Assi se tornão em nada a desora.
As mâs irmãs, mâs furias infernais,
Como assanhadas bichas lanção fora,

472 E tam gabado esposo. — 478 A boa fe descansa e dorme quedo. — 486 Deixa o dormir! ah durma sempre Amor. — 487 simples. — 489 Deu lhe o fogo no peito, ele desperta. — 490—491 dá de novo, Os gritos amiuda. — 497 Sempre em nada se tornão assi a desora. — 499 Como assanhadas bichas lança fora. A *escreve:* Com' bichas assanhadas.

De si mesmas a paga hajão as tais.
A moça ensinou mais
Simpreza santa e jouve,
E chorando em terra um tempo, perdão houve.

13. Esta canção que eu fiz,
Cantando, minha em parte,
Ja algũa acena, e diz:
— Não sei que eu d'isto ouvi em todo ou em parte. —
Perdão! de parte a parte.
Vos mesmas m'ensinastes
Que do que outr' ora ouvistes nos cantastes.

500—503 A mesma paga sempre hajão as tais. A moça que errou mais (*Leia-se:* , mas) Com singeleza, jouve Chorando em terra um tempo e perdão houve. — 506 Ja algum acena e diz. — 508—509 ja noutra parte. Vos, Musas, me ensinastes.

E g l o g a IX.

Epitalamio.

151.

Epitalamio Pastoril.

A Antonio de Sâ no casamento de sua filha a Senhora Dona Camila de Sâ.

1. Derecho sucesor, firme coluna
De esta casa de Sâ que, siempre entera
De las edades corriendo cada una,
Por si segura i tan constante espera,
Que reja o no reja la fortuna,
Cojida o desplegada la bandera:
En vos quanto esperar se puede, sobra
En quien corren a par deseo i la obra;

2. I no qual por aqui pechos ufanos
De sus blasones i escudos pintados,
Cuentos inciertos quiza i algunos vanos,
Porque pueden pasar, mucho ha pasados!
Quien hizo diferencia de villanos
A cavalleros blandos i enseñados
Si no proezas i buena crianza?
Toman las fuerzas al tomar de lanza.

A f. 137. Egloga (VII). Epitalamio Pastoril etc. B f. 65. Egloga VI. etc. — 3—5 (Edades discurriendo a una a una) Los movimientos tan segura espera, (Que ria o que no ria la fortuna,). — 6 su bandera. — 7 Quanto esperar se puede, i en vos sobra. — 8 deseo i obra. — 11—12 (De cuentos viejos quiza, algunos vanos) (I por poder pasar) mucho ha pasados. A *escreve:* porque puedan. — 15—16 Salvo esfuerzo, valor, buena crianza I el saber abajar i erguer la lanza?

3. Vos, aunque tantos costados contais,
Noble de toda parte, como aqui
Bollicio algun se siente, alla volais:
Testigo es Cepta, testigo Safi.
Con quanta diligencia que buscais
Grandes afrentas, i no a la vuelta ansi,
Mas en reposo todos los recelos,
Que reposo no os dan vuestros abuelos!

4. Cuenta se d'estas fiestas con espanto
Alla entre nos. Mandad nos dar la puerta!
Cantar os ha esta gente aqui, entretanto
Que el maior regozijo se concierta,
Aunque al palacio no convenga tanto
La zampoña aldeana, aun poco abierta,
I en fin un Pitalamio otros cantores.
Ah de los mios Amores, Amores!

---

17 V. a. abuelos tantos os contais. — 18 Nobles. — 20 Testigo puede ser Ceuta i Safi. — 22—24 i a la vuelta ansi Porque, en reposo todos los recelos, No os dejan bien dormir vuestros abuelos. — 24—25 B *intercala:*

Vuelto de aquella empresa valerosa
Contra los Turcos que van desmaiados,
Dais hoi la hija al ierno por esposa,
Cercano en deudo, cercano en estados.
Quien puede dió licencia graciosa,
El gran pastor de los siete collados.
Vernan nietos a vos ojos alzando,
I a los suios de ledos alagando.

25 de las fiestas. — 26 Aca entre nos. — 27—28 Oireis nuestra gente alla entretanto Que otra fiesta maior se os concierta. — 30—31 La musica aldeana, aun mal abierta, Cantaran a su fuero los pastores.

Pastores del Epitalamio:

Nuño i Toribio.

Nuño.

A do te llevan, Toribio, los pies?
Mas io que digo? Eres tu este o no?
Ni si te veo sé, ni si me ves.
Tal te paraste? quien te demudó?
Mal espantado me has i no se estrece,
Que alguna escura sombra te asombró.
No sé de mi quiza que te parece;
Puede ser que otro tanto, mas, pariente,
En ti mui poco de ti remanece.

Toribio.

Piensas que con los pies i no otramente
Somos aca i alla soncas llevados
Como los mas se piensan d'esta gente?
Eres en mui gran ierro, i si guiados
Cuidas que somos de los nuestros ojos,
Los nuestros guiadores son cuidados

B Nuño i Toribio. Ribero i Gil. Zagales i Zagalas. — 2 ni sé si eres ese? — 4—6 ***Faltão em*** **B. — 7—9 Ni de mi sé tambien si te parece Otro tanto quiza; pero pariente En ti poco de ti ia remanece. — 11—12 Aca somos i alla, Nuño, llevados Como piensa lo mas d'esotra gente. — 13—15 Eres en grande error, i si guiados Piensas que imos tambien de nuestros ojos, Los que nos guian son nuestros cuidados.**

Que de antojos nos llevan en antojos
Como plumas que alzadas lleva el viento,
Si una vez de plazer, muchas de enojos.
A mi lleva me ora asi sin tiento
No (como dije) pies, mas no sé que,
Que a pocas no me sobra entendimiento.

Nuño.

Lo que io, pariente, diria que fue:
La tu alma, enajenada en fuerte punto,
Pasó se a cuerpo ajeno i de alla ve,
De alla responde a lo que te pregunto;
A ti mismo eres fecho como estraño,
Bives en otre, en ti i eres defunto.
Una mala dolencia, un claro engaño,
Antojadizo, sin juizio o tino
Hoi mal i cras, peor al mes i al año.
Io no soi escolar, mas adevino,
Que bien indilgaré sin errar nada
Como un ciego que está cabe el camino.
Mas es fatiga vana i mal tomada,
Por un ierro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dejan la estrada.
Atien te, si me cres, a las señales
Mas que a palabras de estos trasportados
Que mucho mas que el bien precian sus males.
Dize se en general que enamorados
A todos juzgan los otros por ciegos,
I al contrario ellos son de ojos quebrados.

---

17 que a vuelo lleva el viento. — 18 con plazer, mil con enojos. — 19 llevava. — 20 No, como dizes, pies. A *escreve:* no se quien. — 22—23 Lo que, pariente, io diria que fue Es que esa alma ia tuia en fuerte punto. — 27—28 Biviendo en otro, en ti iazes defunto. Mala dolencia, peligroso engaño. — 30 Hoi mal, al mes peor, peor al año. — 32 A *escreve:* indalgaré *erro que se podia emendar lendo ou* indilgaré *ou* indagaré. *Damos a preferencia a* indilgar *porque esta palavra se encontra tambem na lição correspondente de* B. — 32—33 D'ese mal tuio la carrera errada Que al crego que indilgar suele el camino (*Leia-se:* Qual ciego). — 37 Atente. — 41 A todos los demas juzgan por ciegos.

Bien entiendo, pariente, aquesos juegos.
Juegos son i digo . . . o que? digo locuras
De los pastores i aun de palaciegos.
No sé dar me a consejo, voi me a escuras,
Hasta que estos antojos iuso caian
I a plaza vengan sueños i solturas.

Nuño.

Ciertos brevajes sé, con tanto que haian
A ti en aiuda, si los beves a tragos
Io fio que la puerta al quicio traian.

Toribio.

Quien sabe que podrá? son cuentos largos
Los mios; va mi mal mui de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos.

Nuño.

Que poquedad es esa? eres varon?
Ves la vergüenza, que es peor que el mal;
Levanta te a pesar del corazon.
Toma a la soledad odio mortal,
No te engañen lugares deleitosos,
Abrigados al cierzo i vendaval.
Los prados con las sus fuentes hermosos,
Flores i arroios que van discurriendo
Con los sus pejecicos bulliciosos,
Abejas que andan la su miel cogiendo
Con el zunido sordo por las flores,
I no ves que alli falte, ellas partiendo.

43—44 Bien veo, si esto es ver, aquesos juegos Dije juegos o que? antes locuras. — 50 A ti en aiuda, con bever dos tragos. A *escreve:* A ti mismo en aiuda si los beves, *lição evidentemente corrupta que nós mudamos conforme ás leis da rima, tomando como base a lição de* B. — 56 Ve. — 57 Llevanta te. — 58 Gana. — 59 las partes deleitosas. — 60 i al vendaval. — 61--63 flores hermosas, Las fuentes i arroiuelos discurriendo Con las sus ondecillas bulliciosas. — 64 dulce miel cogiendo.

I luego buelves sospirando: Amores
Sin que os coste nada, me podreis
Hazer el maioral de los pastores.
Tiene por cierto Amor estrañas leis
Mas lo que con paz tuia dicho sea:
Tomado lo haveis tal, tal lo teneis.
Aviso te tambien, quando alborea,
Tus oidos atapa al cantar blando
Del ruiseñor que el aire i el bosque arrea.
Ruego, requiero i si mas puedo, mando
Que arrojes lejos de ti la zampoña,
Los tus cantares no vas recordando.
Trae cada cantar su carantoña.
No podrás con la carga i grave peso,
Es musica a aquel mal clara ponzoña.
No confies, te aviso, del tu seso;
Al tu peligro busca compañia
Que te aiude a soltar, ia que estás preso.
Del buen amigo todo lo confia,
Descarga te seguro en sus oidos,
Que en noche tan escura cumple guia.
Va pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuios ia ves que los perdiste,
No te pierdas tambien tras los perdidos.
Mas, pecador de mi, que no me oiste!
Estoi te hablando; pero que aprovecha?
El cuerpo aqui se está, tu trasposiste.

Toribio.

Conviene me pasar la puente estrecha
I (como dizen) *bevel-la o vertel-la.*

68—72 Quanto sin costa vuestra, me podreis Hazer el rico mas de los pastores. Tiene amor en verdad estrañas leis. Mas con paz de vosotros dicho sea Pues lo tomastes tal, tal lo teneis. — 74 Los oidos. — 75—76 Del merlo i ruiseñor que al bosque arrea. Mucho te ruego i si puedo mando. — 77 de ti lejos. — 78 Ni vaias los tus versos recordando. — 80—81 Que ajunta sobre el alma un grave peso; Es musica a tu mal clara ponzoña. — 83—84 I busca a tus peligros compañia Que te aiude a librar de do estás preso.

En fin que fue verdad la tu sospecha,
El alma mia a aquesta parte i a aquella
En un punto llevada, mal podria
Estar queda, segura i sin querella.

Nuño.

Toribio, contra el mal de fantasia,
Que es ligero i acomete hombre a desora,
Cumple vela, atalaia, escucha, i espia,
I no dejar te trasportar cada ora
Diziendo: — Oh que iva Olaia tan lozana!
D'aquellos ojos, quien no se enamora? —
Si es fresca, tan apuesta i tan galana,
Como no es tal a Diego, i es lo Elena?
I a Pedro Elena no, es lo Juana?
I ese tu cuerpo grande como acena
A caer se cansado! arde el pavilo,
Ve se la llama, la candela apena.
Aiuda te, zagal; airado di lo
Contra ti mismo, haias de ti vergüenza!
Como un bovo no estés preso de un filo.
Ves que amor al peor siempre enderenza,
Despierta la razon, lidien a brazos,
Aiuda la, siquier que una ora venza.

Toribio.

Ai las mis cuentas, antes embarazos,
Aqui estoi mal, peor si la mi tierra
Me dejo, haziendo el corazon pedazos,
Que, mirando despues de aquella sierra
Házia esta, pienso quan triste diria:
Quien me lanza de ti? quien me destierra?

---

102 escucha, espia. — 104—106 Ai como iva Pascuala tan lozana! De tales ojos, quien no se enamora? — Di me si es fresca, apuesta i tan galana. — 109 Ese tu cuerpo. — 110 Cada paso a caer se. — 113 i ten de ti vergüenza. — 114 Como bovo. — 116 Despierte la razon, lidien los brazos. — 118 Que cuentas son las mias, que embarazos? — 122 con que ansia diria. — 123 Quien me aparta de?

Ado me lleva Amor, que es la mi guia?
El fuese el buen juez! pesase el ierro!
El pesase el tormento i cuita mia!
Ansi pasando mal de cerro en cerro,
Ora mirando aca, ora aculla,
Todo se es aguzar hierro con hierro.

Nuño.

Por demas son remedios, mi fe, ia
A quien oil-los no quiere, ni vel-los:
Vasija rota que toda se va.
No se puede salvar ni por cabellos
Son quien se aiuda, i aun ese con fatiga;
Quien remedios quisiere, ande tras ellos.
Da te, da te al trabajo, el cuerpo obliga,
Sobe que reina amor en ocio blando:
Luengo i duro trabajo lo castiga.
Toma el azada, va despedazando
La tierra no mollida; enjiere i planta;
Ve la siebe, i pared i vallo alzando;
Desuela te la noche; el lobo espanta,
Aticia los canes como si vieses
Ia la oveja aferrar por la garganta.
Despues cansado vela que no ceses,
Al fuego trabajando en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que murieses.
Nunca falta al pastor que bien se amaña
En que se pase la noche sombria
I el trabajo tal vez cantando engaña.

---

125 el hierro. — 130 A *escreve:* mi fe ha. — 131—132 A quien no quier oil-los ni aun vel-los. Quien echa el olio en vaso que se va? — 133—134 No se saca del mal por los cabellos Sino a quien se aiuda, i aun con fatiga. — 139 vee. — 140 La dura tierra, labra, injiere i planta. — 141 Vee la siebe, pared i el valo. — 143 Aticia le los perros qual si vieses. A *escreve:* como si lo vieses. — 145—146 I si cansares, vela i nunca ceses De trabajar al fuego en tu cabaña. — 149—150 En que pase la noche oscura i fea Alivia se cantando i el tiempo engaña.

Refresque siempre la melanconia,
Los desabridos desprecios i brios
Que amor pasando va de dia endia.
No te convido con brevajes frios
Hechizos suzios, magicos cantares,
Vanos remedios, antes desvarios,
Iervas de allende de los nuestros mares,
Cogidas a la luna, en las entrañas,
Buenas a quitar vidas, no pesares.
Cuentan las viejas en las sus patrañas
De cierta encantadera que bolvia
Los que arribavan ende en alimañas.
Era una isla en la mar, alli gruñia
El puerco, huviava el perro, el oso tanto
Temido, el leon bravo ende rujia.

Toribio.

Oh buen amigo, tu no ves que, en quanto
Nos despartimos, sube una avezilla,
No sé ni si es cantar, no sé si es llanto,
Subió que malavez aturo a oil-la
Ni vel-la son de quando en quando apena,
Digo en buena verdad que huve manzilla.
Parecia espiritillo que anda en pena
Por esos aires, Nuño, si la oieras!

Nuño.

Dizen por eso tal: Hija sei buena.

Toribio.

Ora, Nuño, ora di, cuenta de veras
Que de veras te escucho, i estoi me atento:
Cuenta me mas de aquellas hechizeras.

151—153 No cantos que el pesar triste acarrea Mas descuidados, sueltos i vazios: Si es verde la ribera, verde sea! — 154 a los brevajes frios. — 156 Que remedios no son, son desvarios. — 158 en las montañas. — 160 entre sus patrañas. — 163 i alli gruñia. — 164—165 el oso espanto Dava erguiendo se en pie, el leon rogia. — 168—169 Cantando al cielo, o mas parece llanto, La va tan alto que no aturo a oil-la. — 172 espertillo. — 173 si le oieras. — 174 *Sic!* — 175—176 i estoi te a tiento Parece que me hablavas de hechizeras.

Nuño.

Seria eso tener mano en el viento,
Si no hablo mal; empero si lo has gana,
Otro te contaré, dejo aquel cuento.

Toribio.

Perdona, amigo, a la cuita villana,
Que comigo arremete i sobresalta
Esta alma mia malcuerda i malsana,
I faze me caer cada ora en falta.
Mas cuenta, Nuño, que atento estaré
Aunque en el pecho el corazon me falta.

Nuño.

De Ribero has sabido bien quien fue,
Quanto pudo en tañer, quanto en cantar.
Del i Gil otro tal te contaré.
I quando otro tal digo, has de pensar
En algun gran pastor de nuestros hatos
Que con el ser oido pudo a par.
Acuerdo me, a la sombra de unos latos
De sauzes altos, verdes i graciosos
Se ajuntavan pastores muchos ratos.
Como ves que acontece a los ociosos
Hablar d'esto i de aquello, i mas zagales
Que son parleros i son porfiosos,
En fin los sus conciertos fueron tales:
Cada uno d'estos cante su cancion,
Uno bienes de amor, otro los males.

178—179 Contar de ellas será tener el viento Que no huia, con la mano; mas si has gana. — 181—183 Perdona, que esta mi cuita villana Cada paso arremete i sobresalta Al alma ia malcuerda i quasi insana. — 185—186 Mas cuenta en fin, que atento escucharé Aunque del pecho el corazon me salta. — 191—192 Que no fuese el peor de nuestros hatos Pues que ambos los pusieran a la par. — 195 Do se juntan pastores muchos ratos. — 198 Parleros por natura i porfiosos. — 199 A *escreve:* En fin fin los conciertos. — 199—201 Concluieran al fin que estos dos tales Nos cantase cada uno su cancion: Los bienes de amor uno, otro los males.

Es de saber, Ribero, en la prision
De Amor, sus quejas nos representase,
Las sus grandezas Gil al mismo son.

Toribio.

Ai mi buen compañero, no traspase
Tamaña ocasion al mi deseo:
Dar me has la vida que anda al pase pase.
Comigo, hermano, hasta agora peleo,
Agora pelearé soncas contigo
Que muchos dias ha que lo deseo.

Nuño.

A la ribera de un gracioso rio
Quantos aquella vez eran presentes!
Ribero todo demudado i frio
Cantó temblando los versos siguientes.

Canta Ribero los males de Amor:

1. Mandais me ora que cante:
Triste, que cantaré?
I mas de amores que enemigos son?
Mandad me que levante
Sospiros, que esto sé
Conformando me al tiempo i a la razon:
Pues, atinando al son,
Quejoso de mis daños,
Diré mil desconciertos
O que serán, mas ciertos
De amor i, como quier, por cierto estraños.
Que me han este malsano
Pecho todo metido a sacomano.

202—204 A, Ribero que andava en su prision Se encargó que las quejas nos cantase, I las dulzuras Gil al mismo son. — 206 Esta buena ocasion al deseo mio. — 208—210 *Faltão em* B. — 212 A quantos d'esta vez fuimos presentes. — 214 Temblando nos cantó versos siguientes. — 218 Mandá,me que llevante. — 219 que esto haré. — 223 mis desconciertos. — 225 mas como quier.

2. Esto que amor llamais
(Del qual me haveis forzado
Entre vos a dezer), mas razon fuera,
Si a las obras mirais,
De el ser antes nombrado
Enemigo cruel, son que io me muera.
Sabeis de que manera:
Por bosques solitarios
Nos lleva dando gritos,
Sospiros infinitos
De que son nuestros pechos tributarios.
Si aquella es la su cura,
Por sus remedios, vereis que es locura.

3. Despues mirad sus fuegos,
Sus mudanzas tan prestas,
Sus gestos, sobresaltos i meneos,
En verdad que son juegos
Que corren sobre apuestas,
Llevados de los locos sus deseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, mal teñidos,
Los gestos trasportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vista consumidos;
Muerde se uno arrabiado,
Otro, estatua de piedra, anda pasmado.

4. Viene otro murmurando
Consigo i no se entiende;
Todos se burlan d'el i el no los ve;
Van lo al dedo indilgando,
No espereis que se emiende,

---

230 Cantando ora tratar. — 231—232 Si a sus obras mirais, Que el fuese antes llamado. — 233 sino que io muera. — 234—235 Bien sabeis la manera Que en bosques solitarios. — 240 Bien muestran los remedios que es locura. — 241 Mirad pues a sus fuegos. — 246 Llevadas. — 248 no teñidos. — 256 no lo ve. — 257—258 Otro versos rimando A la vihuela atiende.

Siempre esto asi será, siempre asi fue.
Como me aiuntaré,
En tan poco de espacio,
Tantas diversidades
De las sus liviandades
Que aun pensar no se pueden sin cansacio?
Diré solo esto poco
Que a tantos de mil locos, manda un loco.

5. Tambien io, mal pecado,
Ende voi de consuno,
Que ni lo que hago sé, ni lo que digo.
Hemos mal barajado,
Io comigo importuno,
Como enemigo con otro enemigo.
Quando se siembra el trigo,
Quando anda por las eras,
Pasa uno i pasa otro año,
No sientes el engaño
Son quando ia del todo desesperas,
Sin ia, triste, en ti ser
Ir adelante mas ni de bolver.

6. Que valles no corri?
Que bosques no busqué?
Que peñas, que escondrijos de animales
Por me furtar a mi?
Qual d'estos cerros fue
Que no sepa mis quejas desiguales?
De que rios caudales
No rebolvi riberas?
Ora arriba, ora aiuso,

---

261 En un tan breve espacio. — 263 De sus liviandades. — 264 mal se pueden. — 265 este. — 266 Que a todos estos locos manda un loco. — 268 Alla voi de consuno. — 270—272 Tambien desacordado Quiza mas que ninguno, Doi fuerzas contra mi a mi enemigo. — 277 Sino quando del todo desesperas. — 279 ni atras bolver. — 283 Para me hurtar a mi. — 285 Que no oiese.

Qual monte no respuso
A mis finales vozes lastimeras
Tan claro que io bolvia
Ojos atras por ver quien respondia?

7. Engaño poderoso!
Meter io mismo en seno
Un fuego que ende alzó llama tan brava?
Amor tan gracioso,
Amor tan blando i bueno,
Como tanto de mal disimulava?
Que cada ora me lava
De lagrimas el gesto,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido
Esperal-lo lavar soncas tan presto.
Onde esperanza pone,
Corriendo alla me lleva: ella traspone.

8. En infierno ha i quien cuenta
Por un monte alto arriba
Que, un canto a cuestas, sube un condenado;
Jamas, jamas se asienta;
Quando que a lo alto arriba,
Resvala i buelve el peso atras priado;
Prestamente el cuitado
Torna a la su demanda;
Eis lo, sube del hondo
Con su canto redondo
Que otra i otra vez cae, i en balde anda:
Igual embaimiento
Lleva i trae el amante en tal tormento.

---

289 repuso. — 298 Como en si tanto mal disimulava? — 303 nunca o tan presto. — 306—310 Del infierno ha i quien cuenta Que por un monte arriba, Un canto a cuestas, sube un condenado; Nunca el triste se asienta I quando que a lo alto arriba. — 309 A *escreve:* Jamas, por jamas. — 315—316 Con el canto redondo Eis lo, que otra vez cae, i en balde anda. — 318 en su tormento.

9. Que vos diré de Amor que no sepais?
Enemigo cruel,
Que los mas suios, mas se quejan del.

Ansi cantó Ribero i vimos claro
Mientras cantava que lo interrompian
Muchos sollozos del su pecho amaro.
Lagrimas de los ojos le caían,
Unas tras otras, por la cara aiuso
Con harta compasion de los que oían.

Toribio.

Io vide algunos versos que el compuso,
Quasi todos llorosos, tuvo vena
Blandisima i aun mas blanda con el uso.
Mas Gil, por la tu fe, si no te pena,
Que vino de la su parte arguiendo?
No le havia a faltar gracia ni lena.

Nuño.

Primero huvo que hazer, unos diziendo
Que el su mal proprio cantara Ribero
No los de Amor, los otros defendiendo
Que ansi dezian: quien se paga el fuero,
Sabe sus males de toda manera,
Del caudal, de las geras i dinero.
Con todo, Gil bien vimos que quisiera
Descabullir se al reto porfiado,
Por buena voluntad no falleciera.
En fin tomó el rabel como forzado
I afinando lo estuvo cuerda a cuerda,
El arquillo volava, i ansi afinado,
Acudia apuntando con la esquierda:

---

319 Que he de dezir. — 324 Tristes sollozos. — 325—326 Tras lagrimas mas lagrimas caían Sin parar por el pecho i barba aiuso. — 328 Io vi. — 331—333 Mas de Gil, que me cuentas? fue tan buena La respuesta que alli vino arguiendo? Pues que no te faltó gracia ni lena. — 336 I no de amor. — 337—339 Afirmavan que aquel que paga el fuero Es quien mas siente el mal, i la manera De perder al afan tiempo i dinero. — 342 I por su voluntad. — 343 Al fin.

Canta Gil los loores de Amor.

1. No veis como al cantar
De Amor el sol se aclara?
Las avesiñas a vuelo se erguieron?
No veis regozijar
Los peces al agua clara?
Luego aca, luego alla se arremetieron.
Mas ah que me huieron
El aliento i la lengua,
Dubdando a la empresa alta!
A tal tiempo, tal falta!
A quien bolver me devo en tanta mengua
Son al fresco mozuelo
De Amor que siento andar cercano a vuelo?

2. Amor que en un momento
Visita este aire puro,
Del nombre solo quien no se enternece?
Comun consentimiento
Le dió deidad de juro,
I niñez que jamas no se envejece.
Todo desaparece,
I todo aprisa fuie
Para no bolver mas;
Ia fuera todo atras
Son que Amor, su merced, lo restituie,
De nuevo refaziendo,
(Quien lo puede negar?) siempre aplaziendo.

3. En primavera ufana
Mirad que se enamora
La misma tierra! Ved como se arrea
De oro i plata i grana.

B **Canta Gil loores de Amor.** — 349 Como a vuelo los pajaros se erguieran. — 351—352 Peces nel agua clara? I como aca i alla se arremetieran. — 353 huieran. — 358 Sino. — 359 Que aqui siento cercano andar a vuelo. — 365 que jamas nunca envejece. — 370—372 Sino que solo Amor lo restituie, De nuevo a nos bolviendo Aquello con que el tiempo se iva huiendo. — 375 Vé. — 376 De oro, de plata i grana.

Viene Pomona i Flora
Que la cubren vestiendo la a su librea.
Verá quienquier que vea
Toda cosa criada,
De Amor favorecida,
De nuevo ir dando vida
En rios, en la tierra, i en mar salada,
Saltar peces tan altos
Que mas parecen vuelos que no saltos.

4. Las aves i las fieras
Que nacen tan armadas,
Luego en poder de Amor se paran blandas,
Mas antes lisonjeras,
Las fuerzas olvidadas,
Ronceando se van en sus demandas.
Señor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra aldea,
Inche la toda de amor i odios quita,
Que, por mui buena suerte,
Todo eres vida, Amor, desamor muerte.

5. Entre flores suaves,
Si estás contra tu grado,
No te podran tener ni aun en cadenas.
Ai quanto que son graves
Las fiestas al forzado!
Quanto bien ende vien, buelve se en penas.
Malas cosas i buenas
Haze amor i deshaze
De absoluto poder.

---

379 I cada una la viste a su librea. — 382—384 Cobrando nueva vida, Los rios i la tierra, i mar salada, Saltan. — 389 halagueras. — 390 Las sañas olvidadas. — 396—397 Abrasa la de amor, los odios quita, Que por dichosa suerte. — 401 fuertes cadenas. — 402 Pesadas son i graves. — 404 No son plazer para el, antes son penas.

Quereis lo claro ver?
No llamamos plazer son lo que aplaze.
Quanta noche esclarece!
I quantos dias que Amor escurece!

6. Ciertos embolvedores,
Falsos i fementidos,
Entran hurtados (siendo Amor ausente)
Al arraial de amores;
Ende desconocidos
Toman a engaño al simple, al inocente,
Causa que tanta gente
Vaia con voz llorosa
Demandando piedad.
Tornad en vos! tornad!
Que aun trabajos de Amor son dulce cosa!
Catad que esos mozuelos
Que por Amor pasais, son malos celos.

7. Amor nunca alabado,
Por mucho que sea, asaz
Si a lo que se le deve se miró,
Quien al mal prolongado,
O fuese en guerra, o en paz,
Puso dulce esperanza si Amor no?
Quien el palacio enchió
De ricos atavios?
Aquellas opiniones
De galas e invenciones
Que serian sin el son desvarios?
El puso ende las damas,
Arde el palacio todo en bivas llamas.

409 sino al que aplaze. — 411 I quanto dia amor claro escurece. — 415—416 El arraial de amores, I ansi desconocidos. — 417 el simple, el inocente. — 424 teneis. — 430 Venció con sufrimiento si amor no? — 434 Las galas.

8. I a nos, quien nos sostiene,
Entre tantos sudores
D'esta vida cansada aca de fuera,
Salvo este Amor que viene
Con los sus lamedores
A esforzar uno a uno que no muera?
Templad de una manera
En sus iguales modos
Estos nuestros rabés.
Tocad uno despues,
Sin que otros no toqueis, responden todos.
Amor, que no podrá,
Si tanta fuerza a los conciertos da?

9. Es trabajo sin fin que me haveis dado;
Que alabanza maior
No quier dios de nos mas que solo Amor.

Ansi nos cantó Gil, i a nos bolvido
Dijo: esto fue cumplir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.

Toribio.

Oh mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con las tus buenas canciones,
Menudamente de todo acordado.

Nuño.

Si ansi, Toribio, te plugon sus sones,
Oiendo los a ellos que hizieras?
No pude mas, conviene me perdones.
Mas tu quizas no ves las cantaderas
Que alla parecen? que frescas zagalas,
Vestidas como a guisa de estranjeras!

448 Sin tocar los demas responden todos. — 453 No nos pide dios mas que solo Amor. — 458—459 La vida con tus dos dulces canciones, Todo tan bien tañido i bien cantado. — 460—461 Si tan alto, Toribio, ansi las pones, Oiendo las a ellos lo que hizieras? — 463 Mas o no sé si ves las cantaderas. — 464 aparecen.

Dos Mengas, dos Elviras, dos Pascualas!
Semejan entre mil como escogidas
En cuerpos, gestos, gracias i en las galas.
A fiestas deven de ir tan guarnecidas
I tan acompañadas. Abalemos.

Toribio.

Ah Nuño, como? i a fiestas me convidas?

Nuño.

Otros atantos de zagales vemos
A la porfia contra les teniendo.
No lo sufre razon que tal dejemos
Pasar, carillo, viendo i no lo viendo.

Zagalas.

Razon ha i que tal sufra? una donzella,
Criada a mil regalos en el seno
De su madre, ella zahareña i bella,
Que venga uno de fuera, un como ajeno,
I que la lleve, mientras se querella,
El gesto todo de lagrimas lleno?
Que se puede pensar cosa mas fea?
Entrada de enemigos el aldea?
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagales.

Padres, madres, hermanos son vencidos
En los proprios amores verdaderos

---

471 Ah Nuño, Nuño. — 471—472 B *intercala:* Vaian se a su plazer, no las turbemos. — 472—475 Otros tantos zagales respondiendo Como a porfia vienen; ah no dejemos Huir lo que razon está ofreciendo. Anda, vamos a ver, no nos paremos. — 476 Ha i razon que. — 478—482 zahareña, hermosa i bella Flor no tocada, que venga un ageno I que la coja, mientras se querella? De lagrimas el gesto hermoso lleno! Que cosa suceder podrá mas fea! — 484—485 *Este estribilho falta em* B *em todas as estrophes, excepto na ultima.* — 487 En sus proprios.

D'estos esclavos que llamais maridos,
Hasta la muerte sanos compañeros.
Pero los suegros, como embovecidos
Del plazer grande, piden nuevos fueros.
Dad, que gelos deveis, nietos a pares
De que donaires cuenten a millares.
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagalas.

Ai, zagalejas nuestras tan preciadas,
I vos que lo pensais, por ende altivas
Andais, al parecer glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas bivas;
Perdeis lo todo como sois casadas,
Pasais vos de señoras a cativas.
Quien lo puede negar? i en tanto daño
A pesar de razon vence el engaño!
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagales.

No se puede negar que todo fuie,
Quanto mas las livianas voluntades!
Este tiempo gloton todo destruie,
Las duras peñas, quanto mas beldades
Tan delicadas! Quien lo restituie
Todo si amor no por sus bondades?
El solo nos defiende a la fortuna,
A las vueltas del sol i de la luna.
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

489—493 Vuestros cautivos mas que compañeros. Todo dejan por vos embovecidos, Porque no os contentais con menos fueros. Con una muestra blanda, una terneza Venceis vigor, constancia i fortaleza. — 509—511 No paran peñas, pararan beldades? Mas quien los daños del nos restituie Sino solo el amor por sus bondades?

Zagalas.

Esa restitucion de que acenais
(Que son los hijos), ai las sus fatigas!
Ah los trabajos grandes que callais,
Disimulando cuitas tan antigas!
Que vosotros sabeis que las causais,
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parceria. Juzgue amor!
La parte flaca mas, pasa peor.
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagales.

Pasais desgradecidas como en juego
Tantos sospiros de los servidores.
Oia me el turbio Duero, oia el Mondego,
Cada uno con la su fuente de amores.
No sabeis como va derecha al fuego
Arbol sin fruto aunque lleve flores?
I dize el que la riega i que la escava:
Que quiero mas aqui d'esta arbol brava?
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagalas.

Oh dulce libertad como te vas
Asi cubierta de nombres pintados!
Que nunca buelves ni apareces mas!
Corre el engaño todos los estados.
Si pudiesen bolver tiempos atras,
Como no pueden ni consienten hados,

---

523 lleva el peor. — 526 Pasais, dezid ingratas, como en juego. — 529 I cada uno en la su fuente de amores. — 532 el que la cria. — 537 Envuelta en nombres vanos i pintados.

Haverian lugar buenos consejos,
Seriamos a nos buenos espejos.
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

Zagales.

Relampaguean fuegos que nos ciegan!
Veis quanta gente? veis quanta señal?
I todos de alegria aca se allegan
A nos, que no será soncas por mal.
Estas lo que mas desean, mas niegan;
Los sus esposos, no les creais tal!
No os engañen fingidos sus enojos,
No las lagrimas falsas de sus ojos.
Sâ, Sâ por aire, tierra i mar resuena
En comun alegria i buena estrena.

542—543 Tendrian su lugar buenos consejos Siendo nos nos a nos mismas espejos. — 548 A *escreve:* I todas de alegria que saltan i se allegan. — 550—553 Lo que estas mas desean, eso mas niegan: Por eso, esposos, no les creais tal; No os engañen los falsos sus enojos, No lagrimas fingidas de sus ojos. — 550 A *escreve:* desean, niegan. — 554—555 Sâ Sâ por cielo i tierra i mar se suena, En comun alegria i buena estrena.

No. 152. *Omittimos o No.* 152 (Egloga X. A João Rodrigues de Sâ de Menezes.) *que deveria aqui ter cabimento, porque não obtivemos a tempo um exemplar das* Satyras, *unica fonte litteraria em que ella se acha. Irá mais adiante, ficando-lhe porém reservado aqui o respectivo numero de ordem, para evitar erros de referencia nos numeros fixados desde a primeira folha, com a esperança de vermos o exemplar das* Satyras *a tempo.*

153.

Carta

a seu cunhado Manuel Machado de Azevedo em reposta (segundo se colige) de outra em que le pedia escrevesse algo de familias.

1. É, senhor, grande trabalho
Escrever de geraçõis!
Nem todos são Scipiõis,
E podem cheirar ao alho
Ricoshomens e infançõis.

2. Se dizeis verdade a todos,
De nenhum estais seguro,
Que não ha sangue tam puro,
Nem para avôs tantos godos
Que um não achem no monturo!

3. Escrever com louvaminhas,
Não é minha profissão;
Tirar unhas ao lião
Para pô-las nas galinhas,
Outros o façam, que eu não.

4. No tempo dos reis primeiros
Era a corte nestes montes;
Vim bever de suas fontes,
Que ha la por baixo atoleiros
Que não tem barcas nem pontes.

Memorial del Marques de Montebelo (1642) *segundo o* Boletim de Bibliographia portugueza *No. I.*

5. Dinheiro, oficios, privanças
A nobreza nos desterra:
Judeus e mouros á terra
Nos trazem suas lianças,
Que é nesta paz môr guerra.

6. Estes querem tingir tudo
Com poder mais soberano,
Quem não veste do seu pano,
Convem lhe fazer se mudo
Por evitar maior dano.

7. Os del Rei Sancho, guardai,
Que bom testemunho dão:
Cante a cigarra o verão,
Mas o inverno lhe aguardai,
Que vos virão ter á mão;

8. Então sem contradiçõis
Vossos avôs mostrareis
Que reis derão e forão reis.
Deixai lhes dourar brasõis,
Que vos lhos desdourareis.

9. Se nove Torres tirárão
Que guardavão tres Machados,
Com dous mais bem vos pagárão,
Pois Torres Novas entrárão,
Martim cos quatro criados.

10. Se o primaz os ajudou
Com informaçõis erradas,
Outro primaz nos deixou
Por suas cartas firmadas
O que Sancho confessou.

11. Por mais que queiram, senhor,
Nada vos hão de empecer,
Que não leva o jugador
Mais paos por mais se torcer,
Se lança a bola peor.

---

25 *O texto diz:* maior.

154.

O r a ç ã o

aos Reis D. João III e rainha D. Catharina na cidade de Coimbra que fez Francisco de Sá no anno de 1527.

Muitas vezes nos mostrou Nosso Senhor manifestamente que tinha cuidado e lembrança particular d'estes vossos reinos, de que parece que nos tinha dado como em arrefem as vossas armas reais, que, certo, não são aguias, nem leõis, nem onças, mas são cinco chagas de Jesu Christo, verdadeiro deus e verdadeiro homem; são a sua santa cruz; são aqueles trinta dinheiros por que ele quiz ser apreçado e vendido; são finalmente as principais memorias de sua sacratissima paixão: pelo qual, por vezes que estes reinos estiverão pera se perder per guerras, ou para se mesturar com outros reinos comarcãos per casamentos, sempre vimos que deus ahi meteu sua mão e se quiz lembrar dos portuguezes como de gente que traz sobre si e debaixo de sua bandeira. Isto que digo se viu muitas vezes nos tempos passados e quem algũa ora, e ainda nas obras de deus, é cousa certa e clara. (*Sic!*)

Mas quem poderia, senhor, ser em vossos feitos tam descuidado e tam dormente que não visse que nos fostes dado pela mão de deus? que o vosso saber e a vossa

---

Tirada do Diccionario Bibliographico Portuguez (*Innocencio da Silva*) *vol. IX p.* 371 *s. v. Francisco de Sá de Miranda; e conferida com Th. Braga* Historia dos Quinhentistas *p.* 59. *Ambos a publicaram por uma copia fornecida do Museu Britannico (que possue o original) ao Snr. J. Ignacio de Brito Rebello.*

mansidão, a vossa temperança e o vosso regimento, tudo nesta vossa idade por milagres os tenho eu, que não vos hei, senhor, por tam grande que tenhais tanta parte na Europa e tanta na Asia, nem por terdes tantos reis vossos subditos e tributarios, nem por que as vossas mãos tenham dado volta inteira quasi a toda a terra e navegado quasi todo o mar; nem porque tenhais descuberto os antipodas, cousa que aos mais dos antigos pareceu patranha ouciosa, e viste-la vos, senhor, fazer tamanha verdade; nem porque ensinais aos vossos pilotos a navegar sem norte, e nos descobrisseis não tam sômente mares e homens novos mas ceo novo a nos e estrellas novas.

Espantem se d'isto os estrangeiros e aqueles que não sabem quantas môres cousas temos descubertas em vos que vos no mundo, e a vossa grandeza, senhor, e o vosso espanto dentro em vos estão, e vossa propria é.

Por mui dificil cousa houverão todos os que escreverão que se podesse achar um rei a que devessem obedecer as terras e os mares, e per cujo parecer se houvessem de fazer as guerras e assentar as condiçõis das pazes, e a quem se houvesse, neste mundo, de entregar poder enteiro sobre os homens, igual quasi ao de deus ós homens, pera quem ele tudo creara e por quem despois tudo fez.

Isto que assim (como ja disse) pareceu deficultoso áqueles grandes sabedores, e a grande experiencia dos tempos longos no-lo faz parecer ainda despois muito mais até que vos senhor fostes dado por deus (que assim o torne a dizer), e vos mostrastes em vos, o que outros sempre desejárão e outros reinos desejão ainda agora, que despois que fostes posto nesta altura, donde podeis ver bem quam longe vosso poder se estende, jamais olhastes salvo até onde se ele devia estender. Quanto mais vistes que poderieis tudo o que desejasseis, tanto menos desejastes. Quanto mais vos vistes posto sobre os homens, tanto mais vos lembrastes sempre que todavia ereis homem. A's leis que vos podieis fazer como mais vos aprouvesse, destes por vossa vontade inteiro poder sobre vos.

Aos senhores vossos irmãos, a que todavia era grande louvor ser bom irmão, quisestes vos ser sempre não menos que bom pai.

Donde, senhor, vos veu que os môres principes do mundo, com os quais tinheis tam estreitas obrigaçõis de sangue, todos as quiserão acrecentar comvosco de novo per casamentos tais que, não tam sômente a vossos reinos dão certa confiança de repouso, mas á toda a christãdade asossegasse os coraçõis desasossegados de tanto tempo;

Donde, senhor, vos veu dar vos deus tal molher (se molher se pode chamar) que assim vos ama e a quem vos assim amais e que assim merece ser amada, tamanha parte da bemaventurança d'este mundo, e esperança tam certa para o outro;

Donde, senhor, vos veu que este vosso povo tirasse todo o amor de si mesmo e de seus proprios filhos e casas e fazendas e ainda das proprias vidas, e o asentasse todo em vos. E assim como vos, senhor, quisestes seguir em ele aquele exemplo novo da natureza das abelhas, assim o quer todo ele seguir comvosco, que todo anda apos vos, como vedes, vivendo de vossa vista, e os que vos não podem seguir com os corpos, seguem vos com as vontades;

Donde finalmente veu que esta mui antiga e mui nobre, sempre leal cidade de Coimbra nunca é alegre verdadeiramente, se não com vossas alegrias.

Dixi.

B.

Poesias de Sâ de Miranda

incluidas nas tres primeiras partes

mas em redacção diversa.

155.

Redacção primeira da Glossa I.

CANTIGA DE DOM JORGE MANRIQUE:

1. *No sé porque me fatigo*
Pues con razon me venci,
No siendo nadie comigo
I vos i io contra mi.

2. *Io por haver os querido*
I vos a mi desamado,
Con vuestra fuerza i mi grado,
Havemos a mi vencido.
I pues fui mi enemigo
En me dar como me di,
Quien quererá ser amigo
Del enemigo de si?

Grossa.

3. Viendo me tan lastimado,
Muchas vezes me maldigo
Como hombre desventurado,
Mas, despues de bien mirado,
No sé porque me fatigo.

Texto: C. de R. f. 109a (K. II p. 316) Do doutor Francisco de Sâ. Cantiga de dom Jorge Manrique. — *Var.:* F. f. 57. Glosa de Francisco de Sâ de Miranda. A esta cantiga. *A cantiga glossada falta porem.* 12—13 R *tem a rubrica seguinte:* Do doutor Francisco de Sâ grosando esta cantiga de dom Jorge Manrique. — *V. No.* 2.

Que, aunque siento gran pesar
Desde el dia en que vos vi,
Quando os buelvo a mirar,
No sé de que me quejar
Pues con razon me venci.

4. I si vos me cativastes,
Vos misma sed el testigo
De lo poco que acabastes,
Quanto mas que me tomastes
No siendo nadie comigo.
I aun esto no abastó,
Mas quando ell alma vos di,
Que a vuestras manos morió,
No era comigo io
I vos i io contra mi.

5. Que es lo que io no faré
Por vos, pues, por vos perdido,
En gran prueva de mi fe
A mi mismo desamé
Io por haver os querido.
Aqueste comienzo tal
Han mis amores llevado,
Mas que fin tan desigual
Que he io querido mi mal
I vos a mi desamado!

6. Vuestra vida me robó,
(Ai de mi desventurado!)
Lo que mi querer os dió,
I quedé robado io
Con vuestra fuerza i mi grado.

---

28 E bastó. — 29 E el alma os di. — 34 R *escreve enganadamente:* perdyo.

Ved que milagro tamaño
Si, estando desprecebido
(Triste de mi) de mi daño,
Comigo i con vuestro engaño
Havemos a mi vencido.

7. Do fallaré piedad?
En quien emparo i abrigo
Pues que de mi voluntad
Me fize tal crueldad
I pues fui mi enemigo?
Mi triste vida i querella
Quien pueden fallar por si,
Pues fui por cruel estrella
Contra mi i contra ella
En me dar como me di?

Fim.

8. Pues solo, por mi pecado
I por ajeno castigo,
Lloraré io mi cuidado
Ca de hombre tan mal mirado
Quien quererá ser amigo?
Qual será la voluntad,
Aunque ia tarde lo vi,
Do reine tal ceguedad,
Que no fuia ell amistad
Del enemigo de si?

---

49 E despercebido. — 66 E Que. — 71 E el amistad.

156.

Redacção primeira da Esparsa I.

Porque podera abafar,
Senhora, o mudo se ouvira,
A natureza lhe tira
O ouvir e o falar.
Pois se havia de nacer
De ouvir, tal desejo em mi,
Coitado, pera que ouvi
Pois que vos não posso ver?

C. de R. f. 109f (K. II 322). — *V. No.* 4.

157.

Redacção primeira da Cantiga II.

Oid i juzgad mi suerte,
Señora, que sois tan cruda
Que por vos pedir ajuda
Antes la pido a la muerte.

A vos a quien he servido,
Harto de mas razon fuera
Que io, triste, me socorriera,
Que no a quien me he socorrido.
Mas sois tan sorda i tan cruda,
O es tan cruda mi suerte,
Que me hazeis pidir ajuda
Contra la muerte a la muerte.

C. de R. f. 110a (K. II 323). — *V. No.* 5.

158.

Redacção primeira da Cantiga III.

Coitado, quem me dará
Novas de mim onde estou?
Pois dizeis que não som la,
E ca comigo não vou!

Todo este tempo, senhora,
Sempre por vos preguntei;
Mas que farei, que ja agora
De vos nem de mim não sei?
Olhe vossa mercé la
(Se me tem) se me matou,
Porque eu vos juro que ca
Morto nem vivo não vou.

C. de R. f. 109f (K. II 323) *e* Crisfal p. 19. — *V. No.* 6 *e* 159. — 4 Cr. E que.

159.

Outra redacção da Cantiga III.

Que é isto? onde me lançou
Esta tempestade mâ?
Que é de mi, se não sou la
E ca comigo não vou?

Inda que me eu ca não via,
(Tudo vos confessarei)
Onde a vos e a mi deixei,
Cuidava que me acharia.
Agora quem donde estou
Novas de mi me trará?
Pois dizeis que não sou la,
Não sei sem mi onde vou.

A f. 149*v*. B f. 145. — *V. No.* 6 *e* 158.

160.

Redacção primeira da Esparsa II.

Craro está meu perdimento!
Não sinto nenhum tormento
A meu tormento igual,
Mas veu cedo este mal
E tarde o conhecimento.
Perdido e desesperado,
De toda parte cercado
De agravos e desfavores,
Tendes me posto em estado
Que posso doer ás dores
E dar cuidado ó cuidado.

C. de R. f. 110b (K. II 325). — *V. No.* 8.

161.

Redacção primeira da Cantiga V.

Que remedio tomarei?
Pois tam certa a morte está
Que a dor que tal dor me dá,
Se me segue matar me ha,
Se me deixa matar me hei.

Não é em poder humano
Escusar ma ja ninguem,
Pois ela tomado tem
Meu remedio e meu dano.
Senhora, onde me irei?
Pois ondequer que me va,
Tam certa esta morte está
Que comvosco matar me ha
E sem vos não vivirei.

Texto: C. de R. f. 109c (K. II 321) Outra sua. — *Var.:* E f. 49v. — *V. No.* 9. — 3 E Que a dor. — 7 E Escusar me.

162.

Outra redacção do Soneto XIII.

(Inedita.)

Não sei que em vos mais vejo, e não sei que
Mais ouço, e me dá mais em que cuidar
Do que ouço e do que vejo? e no calar
Que entendo? e, vos partida, a alma que ve?

Isto é bom entender que anda esta fe
Em toda parte ocupada em vos pintar,
Mas, triste, aquele vosso suspirar
Caladamente, em vos que direi que é?

Enfim é me escondido! assi isto que anda
Por antre nos, que ar chamão, me parece
Que é fogo d'outra sorte e d'outra lei.

Por ventura este amor que tudo manda,
Os olhos embaraça e resplandece?
Ora, o que eu tam mal sei, mal o direi.

J f. 27. — *V. No.* 89.

163.

Outra redacção da Canção a nossa senhora.

1. Virgem fermosa que achastes a graça
Por Eva antes perdida, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fe.
Dai lume á escura vista, antes á cega
Que pela nevoa grossa se embaraça
Buscando o que, ante si tendo, não ve.
Sem saber atinar como ou porque,
Rodeado de imigos,
Entrei por tais perigos

Ed. C. p. 179: Por aquela Canção do Petrarca: Virgine bella. — *V. No.* 100.

Alço os olhos a vos, vos me valei!
Vos que nos destes claro a tanto escuro,
Socorro a tanta mingua,
Me dareis lingua e coração seguro.

2. Virgem clara, sem magoa, inteira e pura
E sem sombra d'algũa culpa alhea,
Na nossa humanidade em seu começo
Clara luz que o gram sol todo alumea,
Santissima e perfeita criatura
Ante quem de mim fujo e me aborreço,
Hei medo a quanto fiz, todo estremeço,
Dos meus erros me espanto
Que me aprazião tanto,
E agora á sô lembrança desfaleço!
Esforçai me, senhora, que fizestes
Paz antre deus e nos
E a quem por vos chamou, sempre a mão destes.

3. Virgem, porto seguro, certo abrigo
Nas môres tempestades, ah que tinha
Dos ventos em poder a vida posta,
De tudo descuidado em tal perigo,
Sem pôr mentes pera onde ía ou vinha,
Surdo aos conselhos pela brava coita!
Mova os a piedade a mal desposta
Alma que em terra jaz
E ja do mundo traz
Por tantas vezes ũa mâ reposta.
Em mim quem sois, em vos quem sois se veja!
Vença vossa bondade
Tanta maldade e faça ao imigo enveja!

4. Virgem, do mar estrela que em tal lago
E tam escura noite nos sois guia,
Nos sois tam claro e tam seguro norte,
Quem sem vos atinar, quem poderia
Volver os olhos a tamanho estrago
Como atras leixa sem piedade a morte?

Quem proa me daria com que corte
Por tam fea tormenta?
De toda a parte venta,
De toda o temporal se faz mais forte;
E porem que será? por mal que acuda,
Mais inda que ameaça,
Sô vossa graça que prometa ajuda!

5. Virgem sagrada, do gram templo santo
Porta que Ezequiel cerrada via
A' parte que responde ao oriente,
Silvado que em chama alta acesa ardia
Sem ofensa, visão digna de espanto,
E foi tal testemunha ali presente,
Velo de Gideão, divinamente
Na sua eira igual,
Que, o orvalho celestial
Tudo cobrindo, ele sô o não sente.
Senhora, que podeis, em tal afronta
Restitui me a mim
Antes da fim, que o sol vai se e transmonta.

6. Virgem e madre juntamente! quem
Tal nunca ouviu nem d'antes nem despois,
Sômente em vos que o santo esprito obrou?
Vos mai, vos filha, vos esposa sois
D'aquele que apertado os braços tem
Ao santissimo peito que o criou.
Vossa humildade grande derribou
O soberbo tirano
Que com enveja e engano
Tam longa guerra contra nos armou.
Molher deu causa a tanto dano nosso:
Quem d'ele nos remiu,
De vos saiu, senhora: o preço é vosso!

7. Virgem, tam alto e tam profundo poço
Da agua, antes da vida, que d'ahi corre,
Onde se matão pera sempre as sedes,

De Nembrot não, mas de David a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço
Em tamanhó perigo como vedes;
De 'nde tam grossas, tam altas paredes,
E sem conto os meus erros,
Carregado de ferros,
Chamo por vos, envolto em tantas redes.
Porem assi sinais inda algums tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos chamando por piedade venho.

8. Virgem, do sol vestida, e dos seus raios
Cuberta toda, croada d'estrelas
Clarissimas, debaixo os pés a lũa,
São vindas contra mi grandes querelas.
Valede me, senhora, ós meus desmaios,
Que a choros fosse desfazendo algũa!
Não me deixárão desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos;
Lançárão me os desejos
Antre esperanças vãs; foi se ũa e ũa.
Quem tormenta correu por toda a praia,
Cos ventos contrastando,
Saia nadando coa vida, e saia!

9. Virgem, fonte selada, horto defeso,
Ramo da raiz seca de Jessé
Que milagrosamente enfloreceu,
Custodia sacratissima da fe,
Que inteira sô estivestes toda em peso,
Quando um, quando outro sol su luz perdeu,
Esta alma a quem o corpo aconteceu
Em sorte, que aqui mora,
Brada, sospira, e chora,
Olhou se toda e não se conheceu.
Não queria, perdendo o mes e o ano,
Por esta vida incerta
Coa morte certa ir brincando e co dano.

10. Virgem ja ca na terra celestial,
E ao ceo passada toda inteira
Sem mais ser vista ca de olhos humanos,
Junto do filho em segunda cadeira,
Dos outros todos sem algũa igual,
Um sô remedio a tantos nossos danos,
Seja contra os demonios meridianos,
Seja da noite escura;
Esperança segura
Nos vossos, contra tais mestres d'enganos.
Com vosso esforço por terra e por mar
Não digo eu ja haver medo,
Mas sair ledo ao campo e pelejar.

11. Virgem das virgens, como os dias voão
Pera não tornar mais!
Com tantos de sinais
Quantos gemidos pela terra soão!
Quantas lagrimas vão mal derramadas!
Mas posto de giolhos,
A vos os olhos: tudo mais são nadas.

Acaba com: Laus deo.

164.

Redacção nova da Egloga II

(Inedita.)

Basto.

1. Quem vai apos o seu gosto,
A que mal não se aventura!
Nem o sol quente d'agosto,
Nem a tempestade escura

F f. 1—8. Egloga (I) de Francisco de Sâ de Miranda. Basta. ***É outra terceira redacção da E. II bastante parecida á segunda que se leu na Parte III sob o No.*** **116.**

Lho tolhe, e sô vai ousado,
Acompanhado e seguro
De noite pelo escuro,
De dia em despovoado.

2. E porem haja por certo
O que muito o seguir,
Que está o perigo aberto,
Tarde ou cedo ha de cair.
Estes cãis que ora afago,
Sabem que verdade digo.
Dir vos hei do meu perigo
Cum lobo um dia azinhago.

3. Ondequer o demo jaz
Pera homem nele embicar!
Fui dar cum lobo robaz,
Cuidei de o despachar.
Mas era o dia mofino
Ou eu, (que é môr verdade)
Pusemos pés á herdade,
Vereis nos voar varzino.

4. Cuidei que na mão o tinha.
Ora cãis! ora felpuda!
Ora meus pés d'andorinha!
Mas o demo os seus ajuda.
Desfazia me correndo,
Os meus cãis outro que si.
Toma aqui! mas toma ali!
Fui me traspondo e moendo.

5. Traspunhão indo a portela,
Vou me la no seu alcanço.
Fumo de cão nem cadela,
Nem lobo d'olhos alcanço.
Vi em seu logo um rocim,
Dei raivoso salto nele,
Pelo que lhe eu fiz da pele,
Terá que falar de mim.

6. Fui me de outeiro em outeiro,
Paixão me levava cego.
Ali varzino! hão monteiro
Ali! demo que arrenego.
Assi ca e la bradando
Pelo monte chamuscado,
Vi pastores com seu gado
Estar a sesta passando.

7. Decendo para onde estavão,
Eles olhando estiverão.
Basto! Basto! algums bradavão;
Basto! os outros responderão.
Não podia ja piar,
Nem sabia a que parte ir.
Se folguei de os ouvir,
Não é pera preguntar.

8. Antre a canseira e a calma
Que era grande e o sol ardia,
Não se tinha em nada esta alma,
Antes se me despedia;
Porque eu era ia rouco
Bradando, e cego de sede.
Cansado e morto me crede,
Ou me falecia pouco.

9. Mas quis deus, que tudo empara,
Em chegando a vi e ouvi,
Ũa fonte fresca e clara
Em que té olhos meti.
Antes que a cabeza alçasse,
A fonte mea sequei;
Posso dizer que cansei,
Porem não que me fartasse.

10. Comi das papas mexidas,
Tinhão fruitas, provei todas,
Mao grado pera as entridas
E os morteiros das vodas.

Que vida agora me apraz
Lembrando como a fome
Aduba quanto homem come,
E a sede que beber faz.

11. Não sendo ja a pressa muita,
(E começava a engeitar)
Vem um e furta me a fruita,
Vem outro e quer gracejar.
Deitei mão polo que pude.
Deixa! toma! solta! prende!
Em quanto o riso se acende,
Cada um fez sua vertude!

12. Nunca vi tam boa gente!
Ora comendo, ora rindo
Passou se o meu accidente
Como o mao lobo fugindo.
Des i, de amor ás chaças,
Em quanto o gado folgava,
Cada um suas cousas gabava
Eu tambem as minhas caças.

13. E logo um sobre a idade
(Ves que ums e outros falárão)
Pola sua autoridade
Falou, todos se calárão.
E assim disse: — Sempre topo
Este que estoutro condane,
Ri se de Lopo Joane,
Ri se de Joane Lopo.

14. E quer lhe ora nos chamemos
Natural, quer apetito,
Quer condição, todos cremos
Que a nossa sô toca o fito.
A correr e a dar á choca
Mil o Curto desafia;
O Taganta noite e dia
Nunca tapa aquela boca,

15. Paio faz mil fundamentos,
Dou ó demo o que ele acerta;
Por Elena bebe os ventos
Gomes, sua boca aberta;
Aires todas as namora,
Cuida se ele que é fermoso;
Tenho m'eu co dadivoso
Que este vem sempre á boa ora.

16. Grandes casos o Bartolo
Conta, se eles são assi,
Que me dão volta ao miolo
Do que fala sempre em mi;
Perantão quer ser juiz,
Casou hontem, e é um riso
Ve-lo assi falar de siso;
Ele sô faz, ele diz.

17. Como lontra jaz no rio
Bras, e o seu gado mal passa,
Ele pesca ora co fio,
Ora cana, e ora coa nassa;
Nuno deixa a molher nova
Dando voltas pola cama,
Ele por neve e por lama
Corre cos seus cãis a prova. —

18. Aqui, vendo eu o tal geito
De que me o velho pungia,
Bati co punho em meu peito
Como quem culpas dizia.
Começavão de sorrir
Vendo a minha contrição,
Mas dei na boca coa mão,
Tornou ele a departir.

19. E assi foi, de ponto em ponto,
Por exemplos verdadeiros
Té que veu áquele conto
De Bieito e Gil parceiros.

E como eu ouvido houvesse
Do caso, muito folguei!
Disse, fiz e aprefiei
Que no-lo contar fizesse.

20. O velho, a mão encostando se
E asentando em terra um braço,
Esteve como lembrando se
Assi calado um pedaço.
E des que bem se afirmava,
Saido d'aquele medo,
Contra nos co rosto ledo
Em som de contar tornou.

21. Cada um tendo a boca aberta,
Começa: — Não foi patranha
De Gil e Bieito a referta,
Que soou toda a montanha.
Gil na sua mocidade
Muita da terra correra,
Depois pastor se fizera,
Cuidou de dar na verdade.

22. Ora ele assi pastor sendo,
Se primeiro estava mal,
Foi apalpando, foi vendo
Entre nos que era outro tal.
Em fim deu d'aqui um voo,
Apartou se co seu gado,
Viu se mal acompanhado,
Tomou por vida andar soo.

23. Espantados de tal feito
Cada um dava sua sentença.
Foi se um dia la Bieito
Por lhe saber a doença;
E meteu lhe a mão no seo.
Tudo vos ora direi,
Que do meu i não porei
Ũa sô verba no meo.

Bieito.

24. Que é isto Gil que andas triste
Des que entrou o mes de abril?
Não sei que ouviste ou que viste,
Que tu não pareces Gil.
Assi tam sô te vieste,
Tomaste forte burrão;
O que é ou o que não,
Nem a mim tu mo dissestc.

25. Tu olhas me de traves?
Parece que a mal o tomas;
Mas se tu inda Gil es,
Não hei medo que me comas.
E, o cuidado encuberto,
Algum ha de arrebentar!
Que te aproveita encubar
Se da face es descuberto?

26. Muitas vezes esmagino,
Gil amigo, em ti cuidando
Que estarias cum menino
Como cum homem falando
Todo o dia, e per bons modos:
Todos fazias iguais.
Quando estavas bem cos mais,
Dás que em ti falar a todos.

27. Que se fez do teu cantar?
Ninguem não cantava assi;
Mas para que al preguntar
Se não que se fez de ti?
Quando Genebra casou,
Inda mal, com teu colaço,
E acodiu gente do paço,
Gil tangeu e Gil cantou.

28. O mal quam presto se atea!
O bem como desfalece!

Tu nos enchias a aldea,
Sem ti ermo nos parece!
Cuidava eu, vendo te tal,
Na morte do teu bezerro,
Mas não farias tal erro
Ajuntar lhe ainda mais mal.

Gil.

29. Bieito, se não sou ledo
Nem ando qual soía andar,
Não o deveras por cedo,
Antes por tarde, estranhar.
Têm as cousas seu começo,
Têm sua fouce e vencelho;
Vou me ja fazendo velho
E a mim mesmo me aborreço.

30. Ja é tempo de cobrar siso,
Deixar meninices vãs.
Sabe que se seca o riso
Vendo assi crecer as cãs.
Ver as forças ir minguando,
Ver os dentes descarnar se,
Ver Gil noutro Gil tornar se,
Abrindo a mão e cerrando!

Bieito.

31. No começo os erros têm
Bom remedio, ao diante
Têm-no mao, se não vas bem,
Não vas polo mal avante.
Sempre vem d'um erro outro
Se logo lhe não acodem,
Depois quando mais não podem,
Isto foi, mais aquel outro.

32. Mal vai quem sempre empiora!
E que lingua é dos pastores,
Um diz que tens mal de fora,
Outro que é mal d'amores,

Chama lhe outro mal dichaço.
As linguas ca e la voão,
E sabes que não perdoão
Nem a nosso amo, o do paço.

33. Sô andas, sô apacentas,
Os outros outro que si.
Se d'eles te não contentas,
Não se contentão de ti,
D'aqui vêm á praça as minguas.
Que assi seja ou não seja,
Melhor é em boa peleja
Morrer que a poder de linguas.

34. O moço que entra em terreiro
E não toca o chão, de leve,
Sô ele co seu parceiro
A toda a festa se atreve,
Este tal jogos ordene,
Este nas aldeas more,
Este balhe, este namore,
Este dé penas e pene;

35. Este os seus contentamentos
Diga em cantares nas vodas,
Este nos ajuntamentos
Dé mil voltas, no ar todas,
Este quando lhe aconteça
Que em Filipa ou em Marta sonha,
O's domingos feitos ponha
Ou das malvas na cabeça;

36. Deixe o gado sô no monte
Em perigo, e corra a terra
Por saber quem vai á fonte
Depois que a noite se cerra;
Este tenha e perca arrufos,
Este logre abril e maio,
Este dé golpes no saio
E todo se empole em tufos!

37. Mas quem cuida e lança contas
Que tanto e tanto relevão,
Que fará? tu não te afrontas
Coa pressa que as vidas levão?
Passa pera sempre o dia,
Passa o ano, tudo foge,
Que me não conhecia hoje
Vendo me quando bebia;

38. Antes, quando ía beber
Sequioso e mui cansado,
Houvera d'esmorecer
Vendo me assi tam mudado.
Andava a cabeça a rodo,
Passou se me a sede em fim.
Quando tornei sobre mim,
Molhárão me os olhos todo.

39. Preguntas me quem me mudou?
Não o ves polos sinais?
O tempo que ja passou
Pera nunca passar mais!
Se brincas e ris, andando,
De semelhantes pesares,
Quando te não precatares,
Tomar te ha a morte brincando.

Bieito.

40. Queres, Gil saber o que
Fazes, s'é feito a recado,
Olha os mais que d'eles é:
O menos é môr julgado.
Desde a cabeça até os pés,
.É Marcos frio em seu geito,
Por esquerdo entre direito
Parece que anda ao reves.

41. Dia de maio choveu;
A quantos agua alcançou,

O miolo lhes tolheu;
Houve um sô que lhe escapou,
O qual, vendo a casa perto
E que vinha a çarração,
Pelo si e pelo não
Acolheu se te ao cuberto.

42. A outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz,
Vinha outro que o escornava;
Em tambem era o juiz,
Que te ía co dedo ao olho.
Vendo o ele, (assi se vai,)
Não creo, disse, em meu pai
Se me d'esta agua não molho.

43. Achou d'ela inda que farte,
E como porco xudreiro,
Bem envolto d'ũa parte,
Deu a volta ó corpo enteiro.
Logo os outros la corrérão,
Foi gram festa e grande riso,
Ja tambem perdera o siso,
Des i todos se entendérão!

Gil.

44. Tu sabes qu'eu m'acoutara
A esta vida de pastor
Pelo mal que fora achara;
Cuidei que era ela milhor.
Antre vos cuidava ja
D'olhar por minhas ovelhas.
Mas bem disserão as velhas:
Ca e la mâs fadas ha.

45. Correra muitos lugares,
Vira ja muito, e porem
O que não espermentares,
Não cuides que o sabes bem.

Que ás vezes pior fazemos
Em cuidando que emendamos.
Achei vos ca fortes amos,
Quaji que os adoremos.

46. Antre comer e o sono
Passa o tempo, e não parece.
Ao trosquiar achas dono,
E ás pressas não te conhece.
E que prazer de rezão:
Quando te hão mister es seu,
Quando os has mister es teu,
Que não tens amos então!

47. Prezão mais um estorninho
Que em cantar se desfaz,
Mais um gato meo mansinho
Que lhes mil biocos faz.
Poder se hia isto passar,
Ũa sô cousa não posso,
Entendimento que é vosso,
Não vo-lo querem deixar!

48. Forão á Estremadura
Algums e têm la poder,
Que da sô acatadura
Fazem suar e tremer.
Nunca pior rezão vi!
Ja tambem forão piquenos;
A nosoutros os somenos
Porque nos olhão assi?

49. Pelo qual com meu fardel
Fugi das vossas aldeas,
Não trago nos beiços mel
Que não sou crestacolmeas.
Des i tenho um coração
(Que isto é que mais me empece)
Que outro senhor não conhece
Salvo verdade e rezão,

50. Com quanto me queixo logo;
Que em casos que acontécerão,
Vi me por eles no fogo,
Bradei e não me valérão.
Mas o que não faz um dia,
Faz o outro e hei bom medo
De haver môr vingança cedo
Do que ja 'gora queria.

Bieito.

51. Tornaste me ora á lembrança
Um amigo do Torrão
Que ao tempo d'essa mudança
Tambem 'si te foi á mão.
Ora eu i no tal ensejo,
Escutei (lembra me tudo):
Falou te como sesudo,
Parece me ora que o vejo.

52. Longa conta ali lhe deste
Do passado e por passar,
Em fim quando tu disseste
Que querias descansar
E dar cabo a mil pesares,
Ele, seus olhos no ceo,
Suspirando respondeu:
Bem será, se repousares;

53. *Seja porem na boa ora!*
Mas antre este meu gado
Faço mil contas cada ora,
Cada ora me acho enganado.
Quando neste valle estou,
Todo o outro que aparece,
Muito milhor me parece,
Não é 'si quando la vou.

54. Ele assi; e ora ao ponto
D'este teu apartamento

Em que ja muito t'aponto:
Andas por furtar me o vento.
Se não sou de todo mouco
Samicas me lembrará
Que não falo em muito ha,
Falo no d'agora ha pouco.

55. Quero te aconselhar,
Pagarei o que mandares:
Gram siso é dessimular
Os prazeres e os pesares!
Se andas escolhendo o mal,
Cada vida assaz mal tem;
Se não foi igual o bem,
Seja o coração igual.

56. Que remedio achas em indo
Sô debatendo comtigo?
Que te estão mofando e rindo
Pedro, Gonçalo e Rodrigo.
Dizem grandes e pequenos
Que andas com a vida em dança,
E eu: o teu saber alcança
Ou é que alcança menos.

Gil.

57. Em fim, Bieito, es de juizo;
Quantas culpas me dás, tenho;
Mas, se faço perjuizo
A mi, comigo me avenho.
Bem vejo que a verdade era
Ir tras o fio da gente.
Não vai mal quem vai contente.
Quem assim ora ir podera!

58. Que farei se não me apraz
O semsabor de Pedrancho,
Os jogos de Patanas,
As festas que faz o Sancho?

E o que inda pior sabe,
É ver gabar seu bisdono
Quem não perde muito o sono
Porque seu bisneto o gabe.

59. São doente, meu pai não.
Digo outro tal da vertude:
Pola ventura sou são
Porque meu pai tem saude?
Não, que cumpre outra mezinha,
Que o bem não se apega assi;
O mal pode ser que si,
Por ventura, mais azinha.

Bieito.

60. Pois comtigo a rezão val,
Quanto me dezias d'antes,
Não ves que todo animal
Se junta a seus semelhantes?
Vé-lh' has ca por onde andas,
Quando menos, dous e dous,
Em arenga vão os grous,
Os cervos pacem em bandas.

61. Ves estorninhos com quanta
Presteza, andando em vela,
Se estendem como ũa manta,
Ora ajuntão, ũa pela.
Juntos sempre em qualquer sorte
Des entom que vão mudando;
Como algum se sai do bando,
Sai direito á sua morte.

62. Terás visto, a terra andando,
(Eu não, mas ouvi contar)
O que fazem em passando
As aves alem do mar.

---

461 *O MS. escreve:* E o que me da p. s. — 462 *O MS. escreve:* Caer *em lugar de:* é ver. — 486 *O MS. escreve:* De sento *em lugar de:* des entom.

Tanto que sobre ele asomão
As que primeiro vierão,
Pelas que atras vêm, esperão,
Des que juntas ó vô tornão.

Bieito.

63. Ũa sô cousa que presta,
Nem te esfria nem te encalma:
Dizem que não se faz festa
Onde mais não vai d'ũa alma.
Conta se que o alifante
Tudo rompe donde vai,
Conta se tambem, se cai
Que ha mister quem o alevante.

64. Quanto mais nós que nacemos
Fracos, nus e desarmados
Convem que nos ajuntemos
Como ves nos povoados.
E inda te direi mais:
O al tudo é fantesia,
Que não hei por companhia
Salvante a dos meus iguais.

65. Fui á vila ũa vez, Gil,
Eu, logo ao sair da casa,
De galante e de gentil
Cuidei que matava a brasa.
Quando la vi ruas cheas
E a praça de outros galantes,
Se eu ledo saíra antes,
Não tornei tal ás aldeas.

Gil.

66. Falas me nos animais
A que nos brutos chamamos,
E guardão leis naturais
Nosoutros não as guardamos,

Mais crueis que liõis bravos
Que entre si guerras não tratão,
Não se perdem nem se matão
Nem se vendem por escravos.

67. Não vão as aguas tingidas
Do seu sangue, se pelejão.
Não vêm as forcas erguidas
Onde as aves menjar sejão.
Por mercés tam desiguais
Não têm repartido a terra
Que um tenha de serra a serra,
Outro tenha dous tojais.

68. Não ves que, por ũa gralha
Que outras vêm que se querela,
Acodem mil em batalha
Juntos por salvar aquela?
Em ouvindo algum grunhir
Os porcos, que porcos são,
Não ves com que estrondo vão
Correndo por lhe acudir?

69. Vem voando á morte certa
Por todas a ousada abelha.
Quando a dor o filho aperta,
Embravece a mansa ovelha.
Entre nos verás ao pai
Guerra ó filho, e, ao contrairo,
O pai ao filho é contrairo
Contra irmão outro irmão vai.

70. Muito vi, tudo apalpei,
Mil cousas ante mi pus;
Des que cuidei e cuidei,
Disse um dia: Ora Gil, sus!

---

543 *No MS. falta o:* com. — 447 *O MS. escreve:* quando a mor q̃ filho aperta. — 550 *O MS. escreve:* qu'era *em lugar de:* guerra.

Fuge como quem se acolhe
Donde ve certo perigo,
Se não vou mais longe, amigo,
Este meu gado mo tolhe.

71. Andando assi não me empecem
Maos olhos nem mâs palavras,
Nem me temo se engafecem
Entre nosoutros as cabras,
Nem menos que o meu cabrito
Me furte o vezinho e coma;
Aqui, se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito,

72. Com estas aves, que tais
Duas aventagens têm
D'esses outros animais,
Voar e cantar tam bem,
Ou ao som d'agua que cai
Rompendo polos penedos,
Eles que sempre estão quedos,
Ela que a gram pressa vai.

73. Dá me de que me mantenha
Este meu gado com leite,
Acho polo monte lenha,
Acho abrigo onde me deite
E faça quanto quiser.
E a noite tras a fogueira
Trago isca e pederneira,
Vinho não-no hei mester.

74. Ves tu a minha cabana?
Como o tempo acode, assi
A mudo. Nem Guiomar nem Ana
Não dão voltas por aqui,
Que me façam merecer
Muitas d'estas varapaos
Com seus olhos vaganaos
Bons de dar, bons de tolher.

75. Passado o frio e a neve,
Quando ó gado é cousa sã
Andar trosquiado e leve,
Visto me da sua lã.
Abasta me o seu sobejo
Pera tudo que hei mister;
Assi como o ano quer,
Assim com ele me rejo.

76. Para cousas que acontecem,
Trago comigo rafeiros
Que outras suas mãis parecem
Das mãis dos seus cordeiros.
Inda que se a ovelha esqueça
A trasparida e maltreita,
O cão cab' ela se deita
Té que eu em busca apareça.

77. Deixa me ver este ceo
E o sol como vai fermoso.
Que gram caminho correu
Desd' hoje e quam espaçoso.
Vai seguindo a outra parte,
Irá ver gente estranha,
Outra terra, outras montanhas
Que de nos não sabem parte.

78. Deixa me ver estas flores
Tantas que nacem de seu!
Que este é o meu mal d'amores,
Ou de fora, ou de sandeu,
E mais, se inda mais quiseres.
Sicais que será verdade.
Porem tenha eu liberdade!
Dé vos deus muitos prazeres!

---

595 *O MS. parece antes dizer:* deve. — 607 *O MS. diz:* o são cappella se deita.

79. Aqui não sou com vezinhos
Cada ora aos empuxõis,
Nem sei sômente o caminho
Da vila e seus são Judõis,
Que, em vez de matar, avivão
Outra vez as diferenças.
Que te aproveita que venças
Se vencendo te cativão?

80. De pontas um cervo armado
Num campo verde passea:
Sô o cavalo ahi era ousado
De vir, com ele corria;
Não que o prado fosse seu,
Mas porque podia mais.
Tanto ha que nos fez tais
O doce nome de meu.

81. O cavalo franco e forro,
Co desejo de vingança,
Pedindo ó homem socorro,
Em terra a seus pés se lança.
Contou lhe a sua querela,
Fez lhe o caso estranho e feo,
Ali recebeu o freo
Na boca e no lombo a sela.

82. E fazem volta ao imigo,
O qual, como os assim viu,
Entendeu o seu perigo
Deixou lhe o campo e fugiu;
O cavalo ledo, ufano
Salta, rincha vencedor,
Ficou lhe des i senhor:
Não foi tanto o outro dano!

83. Quem ha tal medo á pobreza,
A' fome e á frieldade
Que, por nenhũa riqueza,
Troca a rica liberdade

Se lhe ves herdades largas,
Não lhe hajas enveja a troca,
Que terá chagas na boca,
Terá sangue nas ilhargas.

84. O vento aqui não se arrenda,
E outras mâs coimas sem fim
Não m'apenão, porque venda
O que hei mister pera mim.
Aqui fogueira não faço,
Ao senhor mais proveitosa
Que a mi, nem pago luitosa.
Cruel fogo e triste o passo!

85. Não me forção pola geira
Pera cavar a gram vinha
Por toda a somana inteira
Quando hei de cavar a minha.
Por aqui seguro estou
De ca chegar apelido
De fogo nem d'arroido:
Mal se vou, mal se não vou.

86. O comer que nos mais come,
É cobiça do sobejo;
Onde quer se mata a fome,
Mata se mal o desejo.
Tenho assaz pera de cote,
Se mais quiser vesigar,
Tambem sei laços armar,
Tambem tirar com virote.

87. E cavarei sem preguiça
Ao pe da fonte neste ermo
Onde terei hortaliça,
Sã ó são, sã ó enfermo.
Assim gentares e ceas
Farei sem me custar nada.
Queres mais? nesta abrigada
Em renga porei colmeas.

88. Tudo a terra nos daria,
Nós manjaradas queremos;
Vimos d'ela, ela nos cria,
Cedo a ela tornaremos.
E, di me, fontes tam claras
Que, sendo de inverno quentes,
No verão quebrão os dentes,
Com que vinho as comparas?

89. Em toda a parte ha pesares.
Aqui confesso, Bieito,
Que hei tal saudade aos cantares
Que se aperta a alma no peito,
E ós tangeres que adouto
Havia, como bem sabes.
Então ao cantar das aves,
Como ja disse, m'acouto.

90. Falando o tempo passou!
Folga, que as oras são vindas.
Verás que cea te dou
E que mais rezõis enfindas.

Bieito.

Das rezõis tais ou quejandas
Inda tantas não quisera;
Da cea o feito não era
Muitas nem poucas viandas.

91. Mas se esperar mais pudera
(Que eu pola unha adivinho),
Um par de nôs mais te houvera
De dar no dedo mendinho.
Volves me as cousas d'enves.
Mal ou bem qués que te crea.
O coração é na aldea,
La me hão de levar os pés.

92. E tu dize o que quiseres.
Que eu assi ca pola grossa

Onde não houver mulheres,
Não sei bem que ahi haver possa.
Suspiraste! ora eu te entendo!
Nos falaremos outr' ora.
A deus, irmão, por agora!

Gil.

A deus, irmão, te encomendo! —

Basto.

93. Aqui fez fim nosso velho.
Eis na mão logo o debate
Qual d'estes era o conselho
Que milhor ate ou desate.
Porem, suas contas feitas,
Nũa vez outra e mil,
Por doudo julgárão Gil,
Por homem Bieito ás direitas.

165.

Redacção nova da Egloga III.

Celia.

(Inedita.)

Ao Infante Dom Luis.

1. Serenisimo infante, a quien se deve
Ardor de Esmirna o Mantua, a quien el mio
Quanto mas arde, es una fria nieve
Del siempre helado Boote i del tardio;
(Mas, gran señor, en partes do no llueve,
Deseada es la nieve i el rocio,
I no se puede a monte siempre andar,
Estar en armas siempre i pelear);

E f. 17v—27. Egloga III. *Vejam-se as 3 outras redacções d'esta Egloga na Parte III No.* 112. — 4 *O original escreve:* de. — 5 *O original escreve:* Mas señor do no llueve.

2. Las musas, mientra vuestra alteza andava
A las altas empresas de si dinas,
(Tremia juntamente i sudava
Africa toda en ver las altas quinas,
Vuestro real guion, quando asomava)
A la su fuente Castalia vezinas
Se entonavan mejor i mas de veras:
Oí de ellas aqui como estranjeras.

3. Por ora callar se ha Tunes entrado
A fuerza de armas i dende, escondido,
Qual va huiendo el tirano turbado,
A sus antiguas artes retraido.
Un ladron Caco, de Hercol apartado,
En humo, fuegos vanos consumido,
Poco igual en fuerzas i en prudencia
I esfuerzo, no sufrió vuestra presencia.

4. Al santo rei Luis con tanta gente
El tal triunfo i gloria denegó se,
I a otro Carlos i armas del poniente,
Con quien Italia juntamente armó se,
Por odio hereditario antigamente.
A vos en vuestra gloria reservó se
I a Carlo Imperador nunca vencido,
A quien aun otro imperio es prometido!

5. Ai los juizios ciegos de cristianos!
Ai furias infernales! ai pecados!
Que en vuestro sangre ensuciais las manos!
Ai tan grande plazer de renegados!
Una casa i una mesa os hizo hermanos,
Crueles deshazeis os a bocados;
Tantos armados! tantos capitanes,
I dejais la ciudad santa a los canes.

---

11 *O original escreve:* i quien sudava. — 13 *A primeira palavra está pouco legivel; pareceu nos uma abreviatura de:* vuestro (vtro).

6. Quando será aquel dia que a la vuestra
Grandeza alargue mano la fortuna
Que muestra algo de envidia a tan gran nuestra?
Quando será que io vea una laguna
De sangre infiel con esa real diestra,
Io que lo cante al sol, cante a la luna?
Que, aunque el son sea bajo i que sea roco,
Vos lo ireis aclarando poco a poco.

7. Entretanto el juizio alto, severo
Que a engeños grande pone sobrevienta,
Bajad señor, un poco al Miño i al Duero
Alli donde el ganado ora apacienta.
Un pastor vuestro escuchá; el estranjero,
El rei de Francia haze del tal cuenta!
El gran Carlo escuchava (oh muerte ciega),
Cantando Nemoroso de la Vega!

Pastores de la Egloga:

Aurelio. Mauricio. Amaro.

Aurelio.

1. Que quiere, oh mi Mauricio, dezir tal
Uviar de canes juntos a porfia?
No sé que sienten contra natural!
Aves de noche vuelan a porfia.
Dos lobos (puede ser peor señal)
Entraron por la villa aquel dia.
No ves el mal gusano? i que pesares
Hizo de bivas huertas i pomares?

2. Una mula ha parido en nuestra aldea;
Dizen los mestres viejos que no oieron
Nunca tal cosa que por mal no sea;
Con dos cabezas un novillo vieron,

---

51 *O original escreve:* al miño aldevero. *A nossa restituição é problematica; introduzimol-a porém, por nos parecer a mais aceitavel.*

Dizen algunos, si ha i quien tal les crea;
Las lunas quantas son que agua no dieron?
Como gallos nos cantan las gallinas
Que de algun mal nos son siempre adevinas.

3. Vemos muertos caer los tiernos años,
De enfermedades añas encubiertas,
D'ellos mueren mamando, (ai nuestros daños!),
Las madres de otra parte caen muertas;
Las vacas, los novillos ia tamaños
Solas las pieles traen por cubiertas;
Vemos cosas de que nunca pensamos:
Dios nos guarde de mal a nuestros amos!

4. Dizen me que ferió por la cabaña
De nuestro Alonso un raio, aquel pastor
Que de ganado blanco en la montaña
(No quiero dezir mas) es el maior.
No parece si no que dios se ensaña,
I que, no hallando amor, pone temor.
No ves quantas vegadas se estremece
La tierra que era firme? ora enflaquece.

5. Aquel zagal hermoso que cantava
De todos con espanto aqui cercano,
A quien oiendo i viendo no encantava
La su voz acordada a la su mano,
La gracia que de sus ojos manava?
Llorando, cuentan, dijo un viejo anciano:
— Quan presto te arrepiendes, cruel hado,
Quando das un tal don de havel-lo dado! —

Mauricio.

6. Por cierto, que io lo vi, que no quisiera
Havel-lo visto, que es ido al palacio.
Creció tan presto, va de tal manera
Que era mas natural ir se despacio.
Cuentan milagros del los que de fuera
Vienen; fortuna, he miedo al tu cansacio

Tantos tus dones, tantos de natura,
Si duran mucho, será gran ventura.

Aurelio.

7. Agora, amigo suio i pastor bueno,
Pensando quanto veo, no ando en mi.
El sol es amarillo i mal sereno,
La luna escura que nunca tal vi.
Quien es, la mano metiendo en su seno,
Que no se tema i no turbe entre si?
Nuestra maldad es mucha, es sin emienda;
Por fuerza es que la paga se nos rienda.

8. No veis este nuestro ojo a los provechos,
Sea mal, sea bien, sin diferencia?
Quien nos abriese estes nuestros pechos,
Quan diversos que son del apariencia!
I los jurados, ciegos de cohechos,
No ven la ajena con su dolencia.
A su peligro corre i fiere el lobo,
I solo el ladron va seguro al robo.

Mauricio.

9. Ai mi Aurelio, a quanto alcanzo, solo
Eres el que no sabe el grave mal,
El grave daño que en tierra ha abatido
Este nuestro concejo en general,
El su bien todo la muerte llevó lo
(Que ser deviera por cierto inmortal)!
Nuestra Celia es muerta! ai que te cuento?
Pasó se como sueño en un momento.

Aurelio.

10. Asi que es muerto Celia? i pudo muerte
Hazer, aunque cruel, tal crueldad?
No sé como asi va todo por suerte
I no por orden, no por igualdad!

Tan presto tanta gloria se convierte
En nada, estando en fuerte i fresca edad?
Quanta de la otra gente queda aca,
I Celia es muerta que tal menga hará?

11. Dejemos la beldad que ella tenia
Por cosa vana (como cierto es vana)
De que a los otros tal cuidado via,
Mas en cuerpo tan sano alma tan sana,
Que para nos, no para si bivia,
Como la muerte fue tan inhumana
Que en medio de sus dias ida ansi,
Dejando de lo suio tanto aqui.

12. Triste del nuestro Amaro aca dejado
Por solo ejemplo de vana, amara vida!
Oh que será de ti, desamparado?
Querias ir delante! ora ella es ida.
Quan presto tanta cuenta has rematado!
Ai bienes falsos! ai muestra finjida!
Aquel contentamiento i bien tamaño
Tuio, en fin que fue si no mas daño?

Mauricio.

13. Pues aun no sabes bien lo que pasé
Alli con el? combate desigual!
Divido era el dolor, mas cierto fue
Aquel primer impetu irracional,
No de hombre, fuese barbaro o sin fe,
Mas de herido leon, bravo animal:
Poner quiso en si manos de enemigo
Si no que a lidiar huvo antes comigo.

14. Alli tambien llamó me a mi cruel,
Lanzando de la parte de sus males
Que a compasion no me movia del
En medio de sus cuitas desiguales.

---

77 *O original escreve:* tal gloria.

— No llore aqui comigo, dijo, aquel
Que inimigo parece en las señales.
Si me quiere tener bivo en el fuego,
A que bien me convida i a que asosiego? —

15. Quantas vezes el alma vi coitada
Partir se en pos la santa sua d'ella,
Dejar el cuerpo sin sentir ia nada,
Frio i como muerto ir se tras ella;
Dende a buen rato, como en si tornado,
Bolver al cuerpo: alli quanta querella!
I que gritos tan altos! tan sin tino
Que dava unos tras otros de contino.

16. — Cruel Celia, dizia, ansi me dejas?
Quien te me hizo cruel? No me responde!
Señal que ia no las oie, estas mis quejas.
Tan lejos la llevaron! triste, adonde
Te me han llevado, Celia? ansi te alejas
Sin cuidado de mi? Quien te me esconde?
Quien huiendo se va? dezid me, ah! quien
Huiendo se me va con tanto bien?

17. Veis la, veis la do buelve! piadosa
Mas que io pensava de la vista esquiva.
Ciego! antes mortal cuita rabiosa!
Dejad me alla salir, que Celia es biva,
I ella me buelve a ver toda pensosa.
Que es d'ella? a do se fue? Suerte cativa,
Porque no se me deja oir de veras
I responder palavras verdaderas? —

18. Que desvarios dijo! i que sin cuento
De desconciertos, todo oras i antojos!
Quantas visiones via en un momento!
De lagrimas enjutos los sus ojos,
Dezian que del mucho sentimiento!
Llevado aca i alla de sus enojos,
Dado todo el sentido al dolor malo,
Un contino furor, no de intervalo!

Aurelio.

19. Ai Celia, quantas lagrimas devidas
Te son en la muerte, si ellas diesen
Algun remedio al mal, des que esparjidas,
Si no fuesen por vanas, si no fuesen
Aun sobre todo por flaqueza havidas,
Si de ellas los mui sabios no se riesen.
Io no sé que les diga. Mi fe ha:
Natura que las dió, causa terná.

20. Bien como, quando te sientes sobrado
De un mal amor que todo el cuerpo hiere,
Natura madre, viendo te aquejado,
Con todos sus remedios te requiere;
Alli se allega al tu lecho apartado
Por dar te aquel alivio que pudiere,
I tanto aca i alla te va voltando
Que muchas vezes te sana sudando;

21. Ansi el dolor que va turbando dentro
D'esta alma i d'este cuerpo los sentidos,
Despues naturalmente alla del centro
Manda lagrimas, manda los gemidos
Que abren lugar al grave i duro encuentro,
Son que es forzado, siendo detenidos
Las lagrimas, sospiros i querella,
O que el alma los mande, o que salga ella.

22. Mas digo mejor: es bien, acordadas
Nuestras zampoñas, que nos esforzemos.
Mientras que aun van buscando las manadas
Algo que coman, nos Celia cantemos
Con las ranas en aguas encharcadas,
Pues otras aves por aqui no vemos,
A la sombra asentados d'estos pinos.
Celia responderan montes vezinos.

---

150 *O original escreve:* nos regisen. — 154 *Ficámos em duvida se haviamos de lêr* umor *ou* amor.

Mauricio.

23. Que poderia, Aurelio, hazer por ti
Que mas de grado hiziese, aunque estoi roco
Del lloro; juntamente, no dormi,
Que tambien io grité, tambien soi loco
De aquel punto que nuestra Celia vi
Ir la vista perdiendo, poco a poco.
Pero comenzaré sin mas escusas,
Con buena aiuda suia i de las musas:

24. — Está se riendo Celia de la ciega
Nuestra vista mortal, tan corta i enferma,
Que tanto i tanto aca d'ella no llega.
Por esta mal poblada tierra ierma,
Io digo de virtud sola, ella ruega,
I despues aca vuelta: — que no duerma,
No devanee, dize, que es pequeno,
Es un nonada el plazo, es grande el sueño. —

25. Ella ve desde alla nuestros enojos
Como son vanos; pienso cierto i creo
Que a menudo házia ca buelva sus ojos
Donde de si dejó tanto deseo,
Donde el su santo cuerpo, altos despojos,
Adonde dejó el proprio i rico arreo,
Sus hijos, como en vida ella dizia,
I la buena i fiel su compañia.

26. I viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca sin algun fruto,
Enchiendo este aire de tanta querella,
Mesando nos, vestiendo nos de luto,
Si los ojos alzasemos a vel-la,
Adesora ia seria el lloro enjuto:
— Buscais me alla en la tierra, dize, i errais,
Do buscar me deveis, no me buscais.

---

177 *A rubrica:* Mauricio *falta no original.*

27. Mi bien o que plañis? no la turbeis,
Amigos, la mi paz; que aquesta es vida,
Muerte es esa que por vida la teneis;
Un punto, un no sé que la mas complida.
En pensamientos vanos no os fieis.
Ai quan presto que alla todo se olvida!
De muerte en muerte andais; como i que es esto?
Una se lleva el cuerpo, olvido el resto.

28. Hasta quando sereis niños de un año
Que os espanten nonadas adesora.
Si uno d'ellos se cubre, veis camaño
Mal! que a todos espanta i descolora
Quantos burlavan de antes tal engaño.
Reis vos de la muerte alla cada ora;
Vienen arrugas, burlais, blanco el cabello;
Burlais no del morir que es como aquello.

29. Lo que de mi preciais es poca tierra
Que nada siente, que es lo que siempre fue.
Opinion falsa los ojos vos cierra,
Alumbrados con otros, de la fe
De vista buena i clara; esa siempre ierra
Tras unos no sé que ni sé porque,
Tan vanamiente en mucho tenidos,
Que matan deseando i poseidos.

30. Estés por siempre, oh buena Celia, en gloria
I gozo alla, i en fama eterna aqui;
Divida era esa paz a tal vitoria
Del inimigo, del mundo e de ti!
Tales contrarios que en nuestra memoria
No sé vencidos quien los haia ansi.
En vasos flacos atraemos la vida,
De tierra mal lavrada i mal cozida.

Aurelio.

31. Oh buen Mauricio amigo, i con que unguento
Ungistes la mi llaga honda i cruel.

Estava como muerto; ia mal no siento.
Fue el remedio a medida i por nivel,
La vista abriendo del entendimiento,
Que no sé panal fresco de miel
Tan dulce; es agua en grande calor d'estio
De fuente clara, i aun aire suave i frio.

32. Agora ansi esforzado, amigo, escucha,
Provaré la zampoña si ha cobrado
Tambien aliento tras la angustia mucha.
Que a revezes se van de grado en grado,
Las cosas todas que andan como en lucha.
Caiera me el corazon, has me lo alzado!
Agora tambien Celia me llevante
Para que de ella taña i de ella cante!

33. Alzó se de este bajo Celia a vuelo,
Dejó la tierra que de ella era indina,
Pasó las nuves, uno i otro cielo,
Mató su sed en la fuente divina.
El llanto cese, buelva se en consuelo,
Que ella vos llama a fiestas i encamina.
No se oigan aqui mas si no cantares!
Dezid me los a cientos i a millares!

34. Aqui que hazen los lloros? Celia nuestra,
Aquella Celia nuestra es inmortal!
Ciegos de nos, a quien no lo demuestra
Claramente tal vida i muerte tal!
Que fiestas diferentes que le muestra
Su guia a toda parte angelical!
Buelven todos por ende en nuestras menguas
A Celia el corazon, buelven las lenguas!

35. Oh buena, oh santa Celia, estos estremos,
Que viste i de la ves, de temporales!
No lavramos la tierra, no tenemos
Con quien! ves nuestros bienes como andan tales?
Lo que he sembrado, quanto que hecho havemos,
Todo fue en vano: a tantos nuestros males,

En que nos queda sola esta esperanza,
De dios algun remedio nos·alcanza.

36. Demuestra aquella tu caridad tanta
Que nos mostrar solias, encendida
De zelo bueno i humanidad santa;
Que el bien de otro i el mal en ti se via,
Con que pasion el mal, el bien con quanta
Buena consolacion, quanta alegria,
Como en la iglesia en el su espejo grande
Que tanto se ve en el quanto en ella anda!

37. A quien iran nombrando en los clamores
Oh Celia, por las sus justas demandas,
Quien, Celia, si a ti no los tus pastores?
Que a ti, ves, van partidos en dos bandas,
A revezes cantando tus loores,
A revezes tejendo te grinaldas;
Ver se han mas verdes todos estes sotos:
Comienza, i acostumbra te a nuestros votos.

38. Erged aqui comigo un memorial
Adonde los pastores por los años
Se ajunten, el bien viejo i el buen zagal;
I juntamente con los sus rebaños,
Aqui se acataran de todo mal,
Aqui se partiran libres de daños;
De otra parte vernan buenas zagalas:
Manda el bosque vedar, Celia, a las malas.

39. Que es esto? se me engaña el gran deseo
Como acostumbra muchas de vegadas?
Que todo escrito i claro veo:
Nieblas sobre la mar que han engrosadas,
Los humos házia riba van arreo,
Vereis las tierras del cielo regadas,
Van se las cumbres del monte cargando,
El sol escuro se va sumergiendo.

40. Como quien atraviesa un monte ergido
Sin sombra i sin emparo a las calores

De agosto i julío, un i otro cumplido,
Quando las sedes son i los sudores,
A los dos males cansacio añadido,
Faltando van de todo los humores:
Alli de una alta peña agua que caia,
No puede aplazer mas al que desmaia.

41. Quien podria dizer quanto tuvieron
Los versos tuios vertud i poder
De consolar me? Como ansi se fueron
Perdiendo el buen cantar i el buen tañer!
Las buenas manos desaparecieron,
Las malas vienen a todo correr:
Cantava Laso en el Andaluzia,
Sincero aun lejos aca se oía!

Aurelio.

42. Que gritos son aquellos digo, hermano?
Oí los bien.

Mauricio.

Ser deve el triste Amaro
Que como loco da vozes en vano!
Han lo pasado ansi de claro en claro,
Han lo como metido a sacomano
Amor i muerte, a gran desemparo
De si, que oir no quier consejos sanos;
Es con el su dolor grande a las manos.

Amaro.

43. A que parte se es ido esta alma mia?
Quien me le enseñará? lo que hago aqui
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Una tras otra fuera se asi!
Solo i ciego dejáran me, i sin guia.
Parece os este amor? triste de mi!
Nunca han querido consigo llevar me,
Nunca tornar me a ver i consolar me.

---

333 *O original escreve:* An lo cometido a saco mano.

44. Como una llama grande, el monte ardiendo,
Tal vez alzó se junta i no aparece
Ni sabes a do se fue, viendo i no viendo;
El humo turbio solo remanece:
Tal claridad aqui resplandeciendo,
Agora, agora, como se escurece
A toda parte? aqui que atender
Si no te espero mas, Celia, de ver?

45. Veré los lugares do la veía
Adonde me aparece incontinente,
Mas no, ai! aquella Celia que solia,
Antes, triste de mi, quan diferente!
I todo aquello que en su compañia
Me era agradable aora haze doliente.
Deja me ir a buscar la, i si no viene,
Terná tambien a mi quien me la tiene.

Mauricio.

46. Digo si nos sentió? que no ha parado.
Mas como parará quien de si huie?
Bien como va corriendo el gran venado
Herido, i cada vez mas se destruie,
Labra entretanto el hierro enerbelado.
Junto el correr i la vida concluie:
Bramando en la tierra caer se deja,
Pone a la vida fin, pone a la queja.

47. Mas vamos al lugar, religioso
A nos i que será al tiempo por venir
A nuestras nietas, do iaze en reposo
Lo que de Celia no puede subir
Por ora al cielo. Mas oh que sabroso
Letrero, hermano! pon te me a oir.

Aurelio.

Antes son dos; Amaro hizo el primero,
Esotro algun amigo verdadero.

---

350 *O original escreve:* como se escriviesse.

Epitafio I:

48. *Esprito que la carne aca dejaste,*
No pudiendo el vagar sufrir ni el peso
Del cuerpo con que en brigas siempre andaste,
De mí piedad te mueva, que aqui preso
Al amor de las cosas que tu amaste
Estar me mandas! Ai no basta el zelo
A tanta carga. Todo pruevo en vano.
Estiende me de alla, Celia, la mano.

Epitafio II:

49. *Aquella buena Celia, a quien la tierra*
Toda no merecia, iaze ansi,
No Celia, antes ceniza i poca tierra.
Pastores, que pasades por aqui,
Bolved aca, bajad la santa tierra
Que tan gran tesoro esconde en si.
Cojed d'ella, pastoras i pastores,
Que nos será remedio a mil dolores.

Aurelio.

50. Abalemos, Mauricio, a nuestro abrigo,
Muevan se las ovejas i las cabras;
Urriando las van Pedro i Rodrigo,
Otros sueltan los bueis, dejan las labras.

Mauricio.

Si, que es ora, pero primero, amigo,
Digamos le de las buenas palabras:
Seas, tierra, liviana al cuerpo santo!
Violas por aqui nazcan i acanto!

---

396 *O original escreve:* sueltan las cabras. *Cfr. No.* 112 *verso* 388.

C.

Poesias Ineditas

de

Sâ de Miranda

collegidas de varios Manuscriptos.

166.

Décima

de

Frco de Sâ de Miranda en nombre ajeno.

Si puede mas el amor
Aficionar el deseo?
Pues ansi mi mal granjeo
Que no daria el dolor
Por quantos plazeres veo!
I si algun plazer pudiera
Valer me en tal desventura,
A efeto, no biviera.
Con nueva de tal ventura,
De sobresalto muriera!

E f. 121.

167.

Sétima.

Que cosas se pueden contar tan estrañas!
Que crer no se deban: io, necio, no creía
Que del basilisco la vista ofendia
Las aves del cielo i las alimañas!
Pues como se abrasan todas mis entrañas
Por vos cada ora, i nunca os via?
Que cosas se pueden contar tan estrañas!

E f. 60 v.

168.

Trovas III.

1. Al son de los vientos que van murmurando,
Al son de aquesta agua tan clara i tan pura
Que va discurriendo sobre la verdura,
Al son de las aves que se van quejando,
Se va mi rabí i mi voz entonando
Porque con las aves mis males quejemos,
Lloremos con la agua, porque sospiremos
Al son de los vientos que van murmurando.

2. Ansi acordados los suspiros mios,
Mis lloros i quejas crecerán los vientos;
I los de las aves, con los mis lamientos;
I con las mis lagrimas creceran los rios.
Sean de aqui lejos los rios sandios;
Todo devaneo de aqui se aleje,
Huia el plazer porque salir deje
Ansi acordados los suspiros mios.

3. Los bosques sombrios, los sombrios valles,
Los montes, las peñas, mis lamentaciones
Escuchen, i quebren se los corazones
Oiendo, i oian me los animales;
Los hombres no me oian i sean mis males
Tan solamente al hombre encubiertos.
Que a ellos huiendo busqué los desiertos,
Los bosques sombrios, los sombrios valles.

4. Ai generacion perversa i malvada,
No te maravilles si mi mal descubro
A las alimañas i de ti me encubro,
Ca su crueldad ante ti no es nada.
Pasaron los hombres, la fe ia es pasada,
Amor ia no reina, reinan niñerias.
Si oieses mis daños, como te ririas,
Ai generacion perversa i malvada,

E f. 59.

5. Si vieses de lagrimas los mis ojos llenos
I llena la cara, i solo devidas!
El mal cativa las fuerzas caidas,
Tornados en noches los dias serenos.
Quan poco valdrian sospiros ajenos!
. . . .
Antes me ternias por simples i loco
Si vieses de lagrimas los mis ojos llenos.

6. Vengan i lloren las musas comigo,
I tomen gran parte d'este mi dolor,
I lloren siquiera con el su pastor
Que está aqui tan solo llorando consigo.
Sabeis antre quantos contrarios letigo:
Deseo d'un cabo, d'otro medrosia,
De todos la muerte; pues nestá agonia
Vengan i lloren las musas comigo.

7. Ai como fortuna me tiene rancor!
Que tapa la sierpe fuerte sus orejas.
(Ansi lo he oido dezir a las viejas)
En contra las vozes del encantador.
Natura ha puesto distinto i temor
En todo animal contra la su muerte:
En mi no los puso! Ai que dura suerte!
Ai como fortuna me tiene rancor!

8. Provió la natura que sordo naciese
El que nació mudo, porque no podria,
Con aquellotro i malenconia,
Oiendo, sufrir se que no respondiese.
Si estava tan cierto que oiendo, viese
Turbar se mi anima, que ver deseó
Lo que ver no puede, triste, porque no
Provió la natura que sordo naciese?

9. Afin que no oiesen cantar las serenas,
Los navegantes cierran sus oidos,
Porque si las oien, a esa ora adormidos
Caen en la mar desde las entenas.

Huien de sus cantos por huir sus penas
Segun que lo cuentan nuestros viejos tios.
Porque no he serrado, triste, io los mios
A fin que no oiesen cantar las serenas?

169.

Trova IV.

Ao Amor e á fortuna.

Amor e fortuna são
Dous deuses que os antigos
Ambos os pintárão cegos:
Ambos não seguem rezão;
Ambos aos môres amigos
Dão môres desassossegos;
Ambos são sem piedade;
Ambos não lhe tomais tino
Do querer ou não querer;
Ambos não falão verdade:
Amor é cego minino,
Fortuna é cega molher.

E f. 60v. — Outra Trova sua.

170.

Elegia IV.

Olvidado de ti, por este llano
La vida se me esconde en larga queja,
Pidiendo la respuesta al aire vano.
El amor del engaño no se aleja,
Mas con la confusion de su tromiento
Ora tiene esperanza, ora la deja.

O texto tirou se de F f. 84v.; *as variantes são de* E f. 140 (*e de outra repetição das primeiras* 6 *linhas no mesmo MS. a* f. 166v.). — F Elegia do mesmo. — *Tem tres notas marginaes de letras differentes e dizem:* 1) não está nos impressos. 2) é de Sâ Miranda. 3) Miranda. — 4 El alma.

En esta soledad i apartamiento
El intratado monte voi pisando,
Ofreciendo la voz al fresco viento.
Como se muestra el sol, que penetrando
Va de la grave tierra al frio enseno,
La descuidada noche despertando
Hasta que con semblante mas sereno
La luna con su vuelo vagaroso
Asoma por el monte de hierva lleno,
No tengo solo una ora de reposo,
Temiendo tantas oras de cuidado
Que ia todo el bivir me es enojoso;
I si por este valle, descuidado,
El paso voi moviendo, enflaquecido,
Del duro pensamiento fatigado,
Luego se me presenta en el sentido
Quan lejos estarás de mis enojos,
Quan cerca de isenciones i de olvido!
No pueden resistir aqui los ojos,
Aqui me va dejando la esperanza
Colgando me en el alma sus despojos.
Mas contra todo el tiempo i su mudanza,
Rompiendo del recelo el pesadumbre,
Me buelvo a la firmeza i seguranza.
Al trasponer del sol en la alta cumbre
Que haze el horizonte mas hermoso,
Coronando ta tierra de su lumbre,
Estoi mirando el cielo en su reposo,
El manso rio, el monte i la llanura,
Mas todo esto sin ti me es enojoso.
Del valle que produze la verdura,
El ganado solicito se cria,
I de la fuente el valle i la espesura

---

9 *Em* F *falta* al. — 11 el frio seno. — 17 F *escreve:* descuidado. — 18 *e* 19 *Faltão em* E. — 22 F *escreve:* representa. — 24 F *escreve:* de incessiones. — 27 los despojos. — 29 Rompiendo el recelo del pesadumbre. — 36 F *escreve:* enojo *em lugar de:* enojoso. E: sentir *em lugar de:* sin ti. — 39 F *escreve:* I la de la fuente el valle i la frescura.

Siempre naturaleza se varia:
Ora se muestra el sol, ora anochece,
Ora viene tristeza, ora alegria.
Si el horrido invierno permanece,
I si el campo las flores va perdiendo,
Despues con el verano reverdece:
Ansi todas las cosas van siguiendo,
Un termino esperando de su daño;
Io solo sin tenel-lo estoi muriendo!
Que ni la dulce fuerza del engaño
Me aparta del cuidado riguroso,
Ni la terrible voz del desengaño.
El tiempo infatigable i vagaroso
Noche i dia camina sin recelo;
El paso va moviendo sin reposo
El mar, la tierra, el aire, el alto cielo;
Varian se las oras; los momentos
Apresurando van el tardo vuelo;
Inclina la montaña sus cimientos,
Los robles antiquisimos perdiendo;
Hallan se en todas cosas movimientos;
Hasta mi Galatea, conociendo
La razon d'esta queja, se ha mudado:
Io solo con firmeza estoi muriendo!
I pues, señora mia, que olvidado
Me tienes, tan contento d'esta suerte
Que ia como plazer lo has vedado,
Permite que el morir pueda aplazer te
En tu fiero deseo embevecida,
Que solo por alivio de la muerte
Quiero mi voluntad contra mi vida.

---

40 F *escreve:* natureza *em lugar de:* naturaleza. — 44 E: I el. — 45 E: I despues. — 47 E: esperado. — 56 E: i momentos. — 59 F *diz:* los arboles, *palavra que viciaria a medida do verso.* — 65 tan *falta em* F. — 66 E: lo hazes vedado. — 67 F *diz com erro manifesto:* aplazer me. — 68 E: indurecida. — 69 F *escreve:* de morir me.

171.

Elegia V.

Buelve, Filis hermosa, a este llano
Ado estes olmos verdes i sombrios
Por ti sospiran longamente en vano.
Buelve aora que de los ielos frios
Ia por aquestos florecidos prados
Sueltos i desatados van los rios:
De aqui verás los campos rociados
Quando amanece, i con el aurora
Hazeren se los cielos colorados;
Verás del dia a la primera ora
Salir el ganado i quien lo guarde
I despues lo recoje adonde mora;
De aqui verás quando el monte arde
Por abrotar de nuevo, i juntamente
Verás los horizontes de la tarde;
Dejando otras tierras i otra gente,
De sus raios cercado, claro i puro,
Verás salir el sol de oriente;
Verás como se pone, i queda oscuro
El mundo triste, intratable i frio
I deja la gente el trabajo duro;
Verás tambien nel medio del estio
El agradable viento al sol puesto
Como viene encrespando el manso rio.
Tu, dulce i hermosa Filis, verás esto,
I io, de la mañana hasta que anochezca,
Miraré tus ojos, tu blando gesto.
Viendo te no tem'ré que embravezca
La mar, ni que la tierra se destruia
I el mundo en fin todo perezca,

J f. 54 da Miscellanea. Elegia em louvor da vida rustica. Dom Manoel de Portugal. — F f. 85 v. — *Tem duas notas marginaes de letra differente:* 1) Sà Miranda (M. *riscado*). 2) não está.

No sentiré, por mas que el tiempo huia,
Ni que sobre si venga vagaroso,
Como es natural costumbre suia.
No veré de que pueda ser quejoso,
I mis daños presentes i pasados
Se bolverán, oh Filis, en reposo.
Si io te veo venir por estes prados,
Con grinaldas cubiertos tus cabellos,
O sin orden al viento desatados,
Mis pensamientos i alma, que con ellos
Biven, se alevantan viendo te tanto
Que otra cosa no pueda haver sobre ellos.
Daré fin de todo al triste llanto!
Aprendido en tus divinos ojos
Cantaré nuevo i desusado canto!
No cantaré ia de los mis enojos
Ni como en tu ausencia pensando
Se me bolvian las flores abrojos.
En los tus claros ojos comezando
Será siempre tu canto detenido
I en ellos tambien se irá acabando.
Con la voz andaré en el sentido,
Enseñando al amor tu dulce nombre,
A estos montes i campo florecido;
No havrá haia que este valle asombre
En que versos por ti no sean escritos,
Ni ora en que mil vezes no te nombre.
Contigo guardaré los verdes mirtos;
La tempestad escucharé contigo,
I las aves del mar darán sus gritos.
Ah cuidado! do me llevó consigo
El deseo a dezir sin fundamiento
Las palavras insanas que aqui digo?

31 que *falta no MS.* — 40 *O MS. escreve:* s'alevantaron. — 46 los *falta no MS.* — 48 *O MS. escreve:* em abrojos. — 49 los *falta no MS.* — 53 *O MS. escreve:* Enseñado. — 55 *Atrevemo-nos a mudar a lição do MS. que nos pareceu corrupta. Diz:* No havrá valle que este valle alumbre. — 58 te *falta no MS.* — 60 *O MS. escreve:* de la mar. — 63 *O MS. escreve:* Estas palavras.

Pera que enciendo mas el pensamiento
Haziendo que se llevante i se encumbre
Do despues cae i se deshaze en viento?
Filis d'aquella sierra i alta cumbre
Pasó, i allen de su dura voluntad
Ha puesto contra mí tiempo i costumbre.
Por iso el consejo bueno i la verdad
Será estar en mi, pronto i despierto,
Hasta que muera en aquella beldad
Do tengo el morir seguro i cierto.

172.

Soneto XXXV.

Con sollozos profundos i gemidos
Que a las fieras movieron a tristura,
Vi llorar un pastor su desventura,
En dos fuentes sus ojos convertidos.

Unos aies dava el tan sentidos,
Mostrando que su mal no tiene cura,
Que en su ademan mostrava i su figura
Del profundo del alma ser salidos.

Dezia c'un sospiro doloroso
Que el alma le guiava para el cielo,
Con un agudo acento i lastimoso:

— Ai mal! que a ti no ha i cura en este suelo!
Ai alma! se tuviese algun reposo!
Ai muerte! se me dieses un consuelo! —

F f. 113. — 5 el *falta no MS.*

173.
Soneto XXXVI.

No sé que desventura, que destino
Me trajo donde io, señora, os viese,
Que mucho mejor fuera si viniese
La muerte quando tal desdicha vino.

No sé quien me enseñó tan mal camino
Para que nunca del salir pudiese;
No sé quien me llevó donde perdiese
La vida i todo el bien que no convino.

Si fuerais vos, señora, tan piedosa
Quan linda i bella i de valor entero,
No fuera tal mi dicha qual escrivo.

Mas mi ventura os hizo desdeñosa
Para que io muriese como muero
I para que io biviese como bivo.

F f. 113.

174.
Soneto XXXVII.

Queriendo la pintora dar pintura
Que fuese de la suia entera muestra,
El divino pinzel tomó en la diestra
I en la siniestra mano su figura.

Despues de haver juntado hermosura.
Virtud, gracia, valor, la gran maestra
Una pintura hizo que nos muestra
Ser quasi soberana su hechura.

La obra fue tan alta que vencida
Quedó de amores d'ella la pintora,
De haver la hecho casi arrepentida.

I para que lo entienda quien lo ignora,
En estas cinco letras esculpidas
Verá la que del mundo es vencedora.

F f. 113v.

175.
Soneto XXXVIII.

Señora mia, ia no está en mi mano,
Ni está en la vuestra, ni en otra alguna,
Ni puede el gran poder de la fortuna
Quitar de mi un amor tan soberano.

Por el me perdi a mi, por el me gano;
Rendido estoi a el desde la cuna;
No ha i cosa ia debajo de la luna
Que pueda solo un punto hazel-lo vano.

Pues si es verdad, asi dezid, señora.
Que va en dezir al cuerpo que se vaia
Si el alma ha de morar do siempre mora?

No veis que el cuerpo solo se desmaia?
Dejalde ia bivir siquiera una ora
Pues le teneis el alma, que dios haia.

F f. 114v.

176.
Soneto XXXIX.

Nunca se vió en el mundo que una rama
Dos aves diferentes compadezca,
Ni se puede encender mojada iesca,
Ni estar en un sujeto frio i llama.

Quien ama i es amado de su dama,
Puesto que algun rancor les acontezca,
Como el amor antigo prevalezca,
Lanza del corazon lo que desama.

Para que mas la pira encienda el fuego,
El artifex le suele echar del agua,
I ansi con su contrario crece luego.

El verdadero amor no se desagua,
I puesto que haia enojo el niño ciego,
Con el despues enciende mas la fragua.

F f. 115v.

177.

Soneto XL.

Ai! de quan ricas esperanzas vengo
Al deseo mas pobre i encogido,
Que jamas encerró pecho herido
De llaga tan mortal como io tengo!

Ia de mi bien, ia de mi amor tan luengo,
Que File sabe bien quan firme ha sido,
Ia del grave dolor con que he bivido
Con que la vida a mi pesar sostengo,

Otro mas dulce galardon no espero
Sino que File un poco alze sus ojos
Por ver lo que mi rostro le figura.

Que, si los alza i su color primero
No muda, i aun quiza moja los ojos,
Bien será mas que piedra ielada i dura.

F f. 116v.

178.

Soneto XLI.

De que vitoria combatiente humano
Gozar pudo jamas en esta vida?
Que gloria se vió nunca tan subida,
Que gozo, que plazer tan soberano?

Que corona de lauro algun romano
De buena guerra tuvo merecida?
Que bienaventuranza poseida
Pudo hazer un hombre tan ufano

Que, viendo se en la cumbre sublimado,
Pudiese su contento en algun dia
Al que me dió el amor, ser comparado?

El qual fue dar me vos, señora mia,
Una sortija tal que ha metigado
La pena que me dais, con alegria.

F f. 117.

179.

Soneto XLII.

El avariento guarda su riqueza,
El prodigo disipa lo que tiene,
El rico de riqueza se mantiene,
El pobre se mantiene de pobreza.

Unos tienen plazer, otros tristeza,
A unos bien, a otros mal aviene,
A unos vida, a otros muerte viene,
A unos gloria, a otros aspereza.

A unos tierra, a otros mar encierra,
Unos parando estan, otros corriendo,
Unos estan en paz, otros en guerra.

I io solo estoi de una arte que no entiendo
Si estoi en fuego, viento, mar o tierra,
Ni sé si estoi llorando o si riendo.

F f. 118 v.

180.

Soneto XLIII.

Aquel que las culebras, niño tierno,
Mató, (para su edad caso espantable!);
Aquel que de la piel del indomable
Leon vestió la suia (caso eterno!);

Aquel que al de la puerta del infierno
Con tres cabezas guarda hizo afable;
Aquel que a la serpiente abominable
Hidra por nombre, dió fin sempiterno;

Aquel que con sus hombros tuvo al mundo;
Aquel que al gran centauro flecha tira;
Aquel que a Anteo i Caco dió la muerte:

Miraldo quan metido en el profundo
Está, en el blando amor de Deianira!
Oh sexo feminil terrible i fuerte!

F f. 142.

181.

Soneto XLIV.

A las iervas tornava sus colores
El sol, saliendo ia por los collados,
A los campos bolvian los ganados,
I las abejas a buscar sus flores,

Quando Salicio por campos no tratados,
Por valles no seguidos de pastores
Estos versos ansi desordenados
Dizia, enloquecido en sus amores:

— Si por aquestos montes adelante
O si por ventura, olvidada d'ellos,
Anda Filis por esta tierra llana,

Los raios del sol traen sus cabellos,
Trae la primavera en su semblante,
I en los sus ojos trae la mañana! —

J f. 29v. — 5 *Sic.* — 11 *O MS. escreve:* por la tierra.

182.

Soneto XLV.

Secan se los campos en el estio,
Despues con otro tiempo retoñecen,
I las arboles que pierden con el frio
Las hojas, con el verano reverdecen;

Oras veo turbio, oras claro el rio;
Menguan las fuentes, otras vezes crecen
Con lluvia; con nieve, con rocio
Las tierras que estan secas humedecen.

Pera todas las cosas se ordenáran
En fin remedios ciertos i continos,
Si no pera mi mal que estos faltáran:

Io solo naci en menguados sinos
I en dias tristes, pera mi cerráran
Los duros hados todos sus caminos.

J f. 29v.

183.

Soneto XLVI.

D'este luengo mal que por vos poseo,
No espero remedio ni templanza;
Aborrezco el reposo i la esperanza,
Los cuidados, la vida, i el deseo.

Lo que dudo me anoja, i lo que creo,
I todo me haze crer desconfianza;
Duele me del pasado la lembranza,
Lo por venir me duele, i lo que veo.

Todo hago ia quanto el dolor me manda,
(Pesada mas la noche, pesado el dia!)
Nunca cosa en fin mas agradable,

Despues que tu condicion dulce i branda
Heziste contra mi, señora mia,
Aspera, dificil e intratable.

J f. 30.

184.

Soneto XLVII.

Hermosa ninfa, siempre primavera
Tengan vuestros campos de iedra rodeados,
Ni dejen de ser verdes vuestros prados
Mientras el sol hiziere su carrera;

Vaian vuestros rios siempre en su manera
Sin seren de tempestad inturbiados;
Eternamente esteis nesta ribera,
Sin dolor, sin fatiga, sin cuidados,

Si con Filis hazeis que a mi dolor
Dé ia fin o termino, acordando le
Aquella ninfa que, por su aspereza,

No la moviendo fe ni luengo amor,
En piedra se bolvió, quedando le
En pago de ser dura mas dureza!

J f. 30v.

185.

Soneto XLVIII.

Quando vos vi, senhora, vi tam alto
Estar meu bem, e logo em vos vendo
O achei juntamente e o fui perdendo,
Ficando num momento rico e falto!

E tal foi de vos ver o sobresalto
Que, os olhos outra vez a vos erguendo,
Foi se me a vista e o spir'to falecendo
Quando me olhei e me vi posto tam alto.

Ficou de sua prizão a alma tam leda,
E os olhos de vos verem tam soberbos,
Que toda outra cousa desprezárão.

Ja os não quero p'ra mais que pera ver vos:
Tudo al lhe defende o amor e veda.
E vos não os culpeis, pois vos olhárão!

J f. 35.

186.

Soneto XLIX.

Ni la memoria que por ti me olvida,
Ni el ingenio puede lo que quiere.
Mas vaia mi razon por donde fuere
Pues ia pera mi bien está perdida!

Tras esto va tambien por ti la vida;
Que quien havrá que d'ella mas espere?
En ti se acabe, en ti, pues por ti muere,
I, muerto io, a ti mi voz ha de ir movida.

A ti llamando ha de ir, doña Guimar,
Mi diosa i en hermosura sola una,
Gran precio de natura estudiosa.

Humilde te será la gente humana,
Humildes los planetas i fortuna:
Del Mondego al Gange irás vitoriosa.

J f. 35.

187.

Soneto L.

Si gran gloria me viene de mirar te,
Es pena desigual dejar de ver te;
Si presumo con obras merecer te,
Gran paga d'este engaño es desear te;

Si quiero, por quien eres, alabar te,
Es cierto, por quien soi, el ofender te;
Si mal me quiero a mi por bien querer te,
Que premio quiero mas que solo amar te?

I si el amor tan raro se prefiere
Al humano tesoro i dulce gloria,
Que quiere mas el alma que te quiere?

Escrita bivirás en mi memoria;
El alma bivirá que por ti muere,
Que al fin de la batalla es la vitoria.

J f. 35 v. — 7 *O MS. escreve:* I si etc. — 14 *O MS. escreve:* Que nel etc.

188.

Soneto LI.

Do enganoso bem que tam ufano,
Tam ledo e altivo me fazia
E que tanto me encheu a fantesia
D'um alto pensamento soberano,

Agora por meu mal me desengano;
Que aquele bem tamanho pretendia
Vir sô pera fugir, e sô queria
Mostrar me tanto bem pera môr dano!

Mal entendi o bem d'aquela gloria
Que me fora milhor que nunca fora,
Pois pera maior mal então a via!

Porque o cruel tormento e mal d'agora
Podião se fundar sô na memoria
D'aquele bem passado em que me via.

J f. 36.

189.

Soneto LII.

No bañes mas tus ojos, ni derretiendo
Estés la vida, pues lloros no han podido
Redemir el cuerpo en tierra tendido,
Ni dal-le fuerza que tu estás perdiendo.

Consola te, señora, que está cogiendo
El fruto del sacrificio havido:
Alla no desea lo que aca ha perdido
Si tus gritos el no estuviese oiendo.

Contempla tu dios que lo ordenó,
I con esto da alivio al pensamiento!
No rompas el aire con tus gemidos,

Pues ia no aprovecha al que murió.
Bive, que ia no pueden con tormento
Tus ojos llorosos, tan afligidos.

J f. 36. *Parece escrito este soneto á sua mulher depois da morte do filho.* — 13 *O MS. escreve:* que no puede. — 14 *O MS. escreve:* i tan afligidos.

190.

Vilancete XXXII.

A ESTE CANTAR DE MOÇAS:

1\. *Menina fermosa,*
Que nos meus olhos andais,
Dizei: por que mos quebrais?

2\. Em vos vendo vo-los dei,
Logo vos passastes i,
Nunca mais olhos abri,
Nunca mais olhos çarrei.
Vos lhe sois regra, vos lei;
Não fazem menos nem mais
D'aquilo que lhe mandais.

J f. 19.

3. Em pago d'esta verdade
Que estranhais porque não se usa,
Quebrais, mas a alma confusa
Não sabe quebrar vontade.
Menina, contra a idade,
Contra todos os sinais
Cruel sois cada vez mais.

4. Tomais vingança da fe
Que sempre comvosco tive
Onde quer, da alma que vive
Por vos, onde quer que esté.
Dizei, menina, por que
Tam vossos olhos quebrais?
Não vo-los referto mais.

---

17 sois *falta no MS.*

Parte Quinta.

Poesias dedicadas

a

Sâ de Miranda.

191.

BERNARDIM RIBEIRO.

E g l o g a.

Interlocutores: Jano e Franco.

1. Dizem que havia um pastor
Antre Tejo e Odiana
Que era perdido de amor
Por ũa moça Joana.
Joana patas guardava
Pela ribeira do Tejo,
Seu pai acerca morava,
E o pastor de Alemtejo
Era, e Jano se chamava.

2. Quando as fomes grandes forão
Que Alemtejo foi perdido
Da aldea que chamão Torrão
Foi este pastor fugido.
Levava um pouco de gado
Que lhe ficou de outro muito
Que lhe morreu de cansado;
Que Alemtejo era enxuto
De agua e mui seco de prado.

Bernardim Ribeiro, Saudades ed. 1645 f. 132v. *É a segunda das Eglogas.*

3. Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo sô
Achava o gado guarida:
Ver Alemtejo era um dô.
E Jano, pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar.
E se um cuidado levou,
Outro foi ele la achar.

4. O dia que ali chegou
Com seu gado e com seu fato,
Com tudo se agasalhou
Em ũa bicada de um mato.
E levando o a pacer
O outro dia á ribeira,
Joana acertou de i ver
Que andava pela ribeira
Do Tejo a flores colher.

5. Vestido branco trazia,
Um pouco afrontada andava,
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem-na olhava.
Jano, em vendo a, foi pasmado,
Mas, por ver que ela fazia,
Escondeu se entre um prado:
Joana flores colhia,
Jano colhia cuidado!

6. Depois que ela teve as flores
Ja colhidas e escolhidas,
As desvariadas flores
Com rosas entremetidas,
Fez d'elas ũa capela
E soltou os seus cabelos
Que erão tam longos como ela;
E de cada um a Jano em ve-los
Lhe nacia ũa querela.

7. E em quanto aquesto fazia
Joana, o seu gado andava
Por dentro da agua fria
Todo apos quem o guiava:
Um pato grande era guia,
E todo junto em carreira
Ora rio acima ia,
Ora na mesma maneira
O rio abaixo descia.

8. Joana como assentou
A capela, foi coa mão
A' cabeça e atentou
Se estava em bõa feição.
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partiu se d'ali direita
Pera onde o rio fazia
D'agua ũa mansa colheita.

9. Chegando á beira do rio,
As patas logo vierão
Todas ũa e ũa em fio,
Que toda a agua movérão.
De quanto ela ja folgou
Com aquestes gasalhados,
Tanto entonces lhe pesou,
E com pedras e com brados
D'ali longe as enxotou.

Jano.

10. Agora hei vinte e um anos,
E nunca inda té agora
Me acorda de sentir danos,
Os d'este meu gado em fora.
Hoje por caso estranho
(Não sei em que ora aqui vim)
Cobrei cuidado tamanho
Que aos outros todos poz fim;
Eu mesmo a mi mesmo estranho.

11. Antes que este mal viesse
Que me tantos vai mostrando,
Que algums cuidados tivesse,
Não me matavão cuidando.
Agora por meus pecados
E segundo em mim vou vendo,
Não podem ser outros fados.
Meus cuidados não entendo,
Moiro me assi de cuidados.

12. Dentro de meu pensâmento
Ha tanta contrariedade,
Que sento contra o que sento
Vontade e contravontade;
Estou em tanto desvairo
Que não me entendo comigo.
Donde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo
E muito môr o contrairo.

13. Quem me trouxe a esta terra
Alhea, onde guardada
Me estava tamanha guerra
E a esperança levada?
Comigo me estou espantando
Como em tam pouco me dei,
Mas cuidando nisto estando,
Os olhos com que outrem olhei
De mi se estavão vingando.

14. E por meu mal ser môr inda
De mi tenho o agravo môr
Que da minha magua infinda
Eu fui parte e causador.
Que se me não levantara
D'antre as hervas onde estava,
Mais dos meus olhos gozara,
E ja que assi se ordenava
Isto ao menos me ficara!

15. Desastres, cuidava eu ja
Quando eu aqui hontem cheguei,
Que a vos e á ventura mâ
Ambos acabava! e errei!
Triste, que me parecia
Que, o meu gado remediado,
Comigo bem me haveria!
E estava me ordenado
Estoutro mal que inda havia!

16. O mal não vos sabe a vos
Quem me vos a mi causou,
Tristes dos meus olhos sôs
Que trouvérão aonde estou.
Olhos, a certo logar,
Ribeira môr das ribeiras
Que levão as aguas ao mar,
Vos me sereis verdadeiras
Testimunhas do pesar. —

Autor.

17. E em dizendo isto, parece
Tresportou se no seu mal
E como a quem o ar falece,
Caiu n'aquele areal.
Grande espaço se passou
Que esteve ali sem sentido;
E neste meo chegou
Um pastor seu conhecido,
E que dormia cuidou.

18. *Franco de Sandovir* era
O seu nome, e buscava
Ũa frauta que perdera
Que ele mais que a si amava.
Este era aquele pastor
A quem Celia muito amou,
Ninfa do maior primor
Que em Mondego se banhou
E que cantava melhor.

19. E a frauta sua era aquela
Que lhe Celia dera quando
O desterrarão por ela,
Chorando ele, ela chorando.
Viera ele ali morar
Porque achou aquelas terras
Mais conformes ao cuidar:
D'ambas partes cercão serras,
No meo campos pera olhar.

20. De outro tempo conhecidos
Estes dous pastores erão,
D'estranhas terras nacidos
Não no bem que se quiserão.
E por aquesta razão
Tornou Franco a lhe notar
Como jazia no chão,
E deu lhe que sospeitar
O lugar e a feição.

21. Muito esteve duvidando
O que aqui Franco faria;
Indo se e Jano deixando
O coração lhe doía.
Tambem pera o acordar
Não sabia se acertava,
Que Jano era no lugar
Novo, e arreceava
Em cabo de o anojar.

22. Naquela duvida estando
Jano estava emborcado;
Dixe, um suspiro dando:
— Ai cuidado e mais cuidado! —
Ouvindo lhe isto dizer
Franco se ficou pasmado
E tornando a melhor ver
De sob seu esquerdo lado
Sem sentido o viu jazer.

23. Sospeitou logo o que era,
(Que era tambem namorado)
E no que Jano dixera,
Se houve por certificado.
Naquesto Jano acordou.
Quando viu Franco estar,
Sem fala um pouco ficou.
Franco, apos o saudar,
Falar lhe assi começou:

24. — Cuidava eu agora, Jano,
Que estavas em outra parte;
E, pelo teu, aqueste ano
Me pesava ir por esta arte.
Desejava ver te aqui
Quando me contava alguem
A seca grande que ahi ha
Em Alemtejo, e porem
Não quisera eu ver te assi.

25. Conta me, que mal foi este
Que tam demudado estás?
O que houveste? ou que perdeste?
Se ha remedio, havé-lo has. —
Fez Jano então por se erguer;
Não podendo de cansado
Foi lhe a mão Franco estender,
E, a um freixo encostado,
Lhe começou a responder.

Jano.

26. Vim a estes campos que vejo
Por dar vida a este meu gado.
Vi acabado um desejo,
Outro maior começado.
A's minhas vacas dei vida
E a mim a fui tirar!
A profecia é cumprida

Que me Pierio fui dar
Vendo me a barba pungida. —

27. — De Pierio vai gram fama
(Disse Franco) entre os pastores;
Todos por amigos chama
E dizem que é dado a amores.
Rogo te, Jano, me digas
Pois te ele avisou primeiro,
Como cobraste fadigas?
Que ouço que é mui verdadeiro
Pera amigos e amigas.

Jano.

28. Tam cansado (respondeu)
D'um cuidado, Franco, me acho
Que me agora aqui naceu
Que até na voz tenho empacho.
Não te posso encarecer
A grande dor que me obriga
A calando padecer
Porque de minha fadiga
É sô descanso o morrer.

29. Mas porque, Franco, comtigo
Desabafo eu em falar
Porque sei que es meu amigo,
Tudo te quero contar.
Nem remedio nem conforto
Não te hei, Franco, de pedir,
Que do mal em que estou posto
Não me espero de remir
Se não despois que for morto,

30. Dia era de um gram vodo
Que a um santo se fazia,
Onde ía o povo todo
Por ver e por romaria.

Lembra me que andava eu então
Vestido todo de novo,
Ao hombro um chapeirão
Que pasmava todo o povo,
Com um cajado na mão.

31. Tomando me pelo braço
Pierio, então me levou
D'ali um grande pedaço
Onde melhor sombra achou.
E, mandando me assentar,
Ele tambem se assentou,
E antes de começar
Pera mim um pouco olhou,
E á voltas de chorar.

Pierio.

32. Vejo te, (disse ele) Jano,
Dos bens do mundo abastado,
Mas, contando ano e ano,
Fico de todo cortado:
Vejo te ca pela idade
De nuve negra cercado,
Vejo te sem liberdade,
De tua terra desterrado
E mais de tua vontade.

33. Em terra que inda não viste,
Pelo que nela has de ver,
Vejo te o coração triste
Pera em dias que viver.
Has de morrer de ũa dor
De que agora andas bem fora.
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquela ora
Em que lhe ha de vir o amor.

34. Não pode ja longe vir,
Jano, aquisto que te digo;
Vejo te a barba pungir,
Olha como andas comtigo.
A terra estranha irás
Por teu gado não perderes,
Longos males passarás
Por ums mui breves prazeres
Que verás ou não verás.

35. (E dando um pouco á cabeça
A maneira d'anojado)
Por teu bem porem te creça
A barba (disse) de honrado.
Treslada o no coração
Isto que te aqui direi,
Que ainda algums tempos virão,
Jano, que te alembrarei;
Mande deus que seja em vão!

36. Por cobrares a fazenda,
A ti mesmo perderás,
Perda que não tem emenda
Depois quando o saberás.
Nos campos de ũa ribeira
Onde vales ha a lugares
Te está guardada a primeira
Causa d'estes teus pesares,
Noutra parte a derradeira.

37. Geitos em cousas pequenas,
Louros cabelos ondados
Porão pera sempre em penas
A ti e a teus cuidados.
Falas cheas de desdem,
De presunção cheas d'elas,
Cousas que outras cousas têm
Te causarão as querelas
De que morrer te convem.

Jano.

38. De todo o que te hei contado
Todo quasi aconteceu,
Que o que ainda não é passado
Pelo passado se creu.
Agora d'antes pouco ha
Vírão meus olhos (que forão)
Quem mos leva apos si la;
A alma e vida se me forão,
Desprezão se de mim ja. —

Autor.

39. Um cão que Franco trazia,
De grande faro, entramentes
Deu com a frauta onde jazia
E trouxe a então entre os dentes.
Vendo a Franco alvoroçou se
E foi correndo ao cão
Que nos pés alevantou se
E deu lhe a frauta na mão,
E apos aquilo espojou se.

40. Escontra Jano tornou
Então Franco, assi dizendo:
— Quem vé o que desejou,
Não se lembra de al em o vendo.
Fui te a palavra cortar,
Mas de aquisto dá tu a culpa
A quem a eu não posso dar;
Ou, Jano, por ti me desculpa
Pois sabes que é desejar. —

Jano.

41. — De cousa que muito queiras
Deve essa frauta de ser?
Disse Jano. — São primeiras,
Lhe tornou Franco a dizer. —

— Quem te tal dom otorgou,
(Lhe disse Jano apos isto)
A muito a ti te obrigou;
A la fe, gram mestre nisto
Deves ser, se o cão não errou.

42. Canta, Franco, algũa cousa;
Ama a musica a tristeza!
Veremos se me repousa
Onde a magoa tem firmeza. —
Disse Franco: — Certamente
Cantarei pela vontade
Te fazer, como a doente,
Inda, Jano, que á verdade
A minha é chorar sômente.

43. Quero te cantar aquela
Que hontem, depois que perdi
A frauta, cantei sem ela
A' noite. Quando me vi
Cansado de não-na achar
Mais muito que de buscá-la,
Me fui eu hontem lançar.
Mas, Jano, faço te fala
Que não pude olho cerrar.

44. La, depois da noite mea,
Quando tudo se calava,
Comecei em fala chea;
Um mocho me acompanhava;
De longe me parecia.
Não sei se me enganava eu
Que ele a mim me respondia
Com um ai! grande como o meu;
Mas o canto assi dizia:

Cantiga:

45. Perdido e desterrado
Que farei? onde me irei?
Depois de desesperado
Outra môr magua achei.

46. Desconsolado de mim,
Em terra alhea alongado,
Onde por remedio vim
E reparo do meu gado.
Mas oh malaventurado
De mim, sem consolação,
Temo que ha de ser forçado,
Pois que fui tam malfadado,
Matar me com minha mão.

47. Que conta darei eu agora
A quem não ma ha de pedir?
Que desculpa porei ora
A quem não ma ha de ouvir?
Frauta, dom da mais querida
Que cobre esta noite escura,
Frauta minha, sois perdida!
Façam me ũa sepultura,
Que muito ha que estou sem vida.

48. Inda que não queira nada,
Tudo é menos de passar,
Que la os olhos soem levar.

Fugírão cantando os dias,
Fizerão se as noites sôs
Pera os tristes como nos. —

49. Jano, esta é a cantiga
Ca a derradeira cri que era,
E, por sair de fadiga,
Confesso te que o quisera.

Mas pera poder amor
Sustentar mais minha magua,
Entre o fogo e seu ardor
Conserva dos olhos a agua,
Eternizando me a dor.

192.

DOM MANOEL DE PORTUGAL.

Egloga

ao Doutor Francisco de Sâ.

(Inedita.)

Interlocutores:

Medoro. Senucio. Diserto.

Dejando los ganados rumiando
Cerca de unos arboles echados,
Escuidos de natura proveida
Que de raios del sol los defendian,
Medoro i Senucio, en compañia
Del triste de Diserto i olvidado,
Házia unas rocas van, llenos de espanto
Por su incomparable i gran altura
I mui despedazado rompimiento;
A las quales llegado, un estraño
Paso hallaron, i por el metidos,
Los ojos juntamente i pies pusieron
En un ameno valle i umbroso,
Como puesto en prision naquella
De que todo al entorno era cercado.
Adornava aqueste suave sitio
La liberalidad de una fuente

E f. 114—117v. — *Veja-se o soneto que anda ligado a esta Egloga e a Resposta de Sâ de Miranda na Primeira Parte. No.* 91 *e* 92.

Que lloviendo de aquella altura estava,
Saltando de unas en otras piedras
El sabroso licor, que repartia
Con larga mano por gran parte d'ellas.
I dejando las todas satisfechas,
Resumiendo se, en bajo discurriera
Por el hermoso prado florecido,
Sustentando la ierva en su verdura.
I ansi como a los ojos, los oidos
Con el su dulce murmurar confuso
Alegrava aquel curso variable
Del agua que corria derramada,
Que ora argento, ora nieve parecia.
El aire entonando con sus vozes
Que alegre se mostrava, viendo el canto
Que natura contino alli cantava.
Visto el lugar venerable i dino
De solo Amor ser habitado,
Por tal lo reputaron las pastores
Ponderando la su dulce estrañeza.
— Amor, la soledad i el gran sosiego,
Dijo Senucio, nos mueve i constringe
A que neste lugar lo celebremos.
Canta, Medoro, tu, despues Diserto,
Mientras la cornamusa io sonar,
Con su son no cubriendo el que oimos,
Que tiempo havrá despues para que cante.

Medoro.

1. El trabajo me trae
En la afrenta el dia;
Trae me solo alas la tristeza
La noche quando cae
Que aflige el alma mia
Cubriendo la de espanto i de aspereza.
Si en tanta estrecheza
Procura el duro sueño
Reposar mi sentido,

Quedo, partiendo se, mas afligido;
Que aqueste intervalo, aunque pequeño,
Mucho mas me atormienta,
De nuevo entrando con mi estado en cuenta.

2. De una en otra flor,
De vuelo, recogiendo
Va la abeja lo puro i lo sabroso:
Ansi anduvo lo mejor
Natura escogiendo
De uno en otro parecer hermoso.
Compuso aquel reposo,
Oh Filis, agradable
En tu alta hermosura.
Aquesto solo devo a mi ventura:
Ia que mi estado hizo miserable,
Tus ojos ha escogido
Con que fuese de mi lo que ha sido.

3. Pues fue todo mi mal
Con tanta beldad hecho,
Porque, oh Filis tu lo despreciaste?
Tu gesto al natural
Nel medio de mi pecho
Blandiendo los tus ojos figuraste;
Con ellos traspasaste
Mi alma i la detienes
Sin que de ti se aparte
Por mas lejos que esté a toda parte.
De ti tan llenos tienes
Mis ojos, que no veo
Sino tu hermoso gesto i tu meneo.

4. Quando el sol se llevanta,
De nuevo ilustrando
Lo que supo inventar natura hermosa,
De tu beldad que espanta
Un aire viene dando

Aquella su luz pura i graciosa;
I si purpurea rosa
En valle esparzida
Sobre la nieve veo,
Represienta me quando mi deseo
Te quise declarar, i tu encendida
Huiste de mí airada
Dejando me el alma i voz cortada.

5. Pensava hallar camino
Por donde provocava
Tu brava condicion ir se amansando!
Si mi crudo destino
Una ora repara
Los golpes que fortuna me está dando?
Mas mi alma, dejando
El cuerpo en los tormientos,
Espera socegada,
Hasta tu claro gesto arrebatada,
Dando a tu beldad entendimientos,
Estar eternamiente
Gozando de te ver resplandeciente. —

6. El aire, por do el son fue esparzido
Doliendo se con humano sentimiento.
A todo entretejiendo su ruido,
Los arboles con blando movimiento
Murmurando entre si de esto, quedaron
Heridos de aquel sensible viento.
En esto de Diserto se soltaron
Las quejas, por Medoro sostenidas,
Como aguas a que el curso represaron
Que ajuntando se crecen ofendidas,
Sobrepujan i rompen el reparo
I corren con furor engrandecidas.
Quejava se asi en su desemparo:

112 *O MS. escreve:* entres ticiendo.

Diserto.

7. Cruel Silvia airada,
Pues termino pusiste
A un tan alto bien con tal dolor,
Dejáras acabada
La vida que me diste
Do pensavas dejar tan grande amor!
Llenos de disfavor
No viera estos lugares
Que de antes llenos via
De gosto, de amor i de alegria!
Quan gran espacio diste a los pesares
En mi pecho i en su centro,
Que alli io te tenia i mas adentro!

8. Con las plantas umbrosas
Las parras no celebran
La fertil alianza que solian;
Apartan se las cosas,
Unas i otras quiebran
Los fuertos nodos que las sostenian;
La iedra con que se havian
Los ramos recostado
En la umbrosa espesura,
De defender el paso al sol no cura,
Que su estrecha amistad han aflojado:
I todo esto hiziste
Con la pura concordia que rompiste!

9. Los mis sobervios toros
Que, ante ti lidiando,
Verdes coronas de lauro alcanzavan,
I a los silvestres coros
Alteros se mostrando
I vezes de su vitoria alegrando,
Por te agradar juntavan

130 estos *falta no MS.*

Las sus armadas frentes,
Muriendo en tu servicio,
Hecho les ha mudar este exercicio
En continos bramidos, pues no sientes
Haver me asi dejado!
I llorando io, soi d'ellos llorado.

10. Color triste esparzida
Deja en nuestro horizonte
A su partir el sol, des que te fuiste;
En su nueva salida
Ia no raia del monte
Con aquel resplandor, con que lo viste!
. . . .
La fuente, en que solias
Mirar te, se ha secado.
I haviendo me de todo despojado,
Dejaste me el amor que me tenias,
Porque, cruel, huiendo
Con doblado amor quede muriendo!

11. Oh quien cerrar pudiese
De todo mi memoria,
Que de contino, a mi despecho, está,
Como si nada hiziese,
Recontando mi historia,
Por donde comenzó, i adonde va.
A cada paso que da
Por esto el pensamiento,
En llanto me destilo!
Conmigo todo mal alzó su estilo!
Declarado, allega al sentimiento
Todo el fingido engaño
Que procura aiudar me en mal tamaño!

Medoro.

Senucio, pues cantámos sin *contienda*,
No olvides la *prenda* que has *dado*
De cantar, *acabado* nuestro *canto*.

---

156 *O MS. escreve:* Sus *em lugar de:* Las sus.

Senucio.

Movido haveis a *llanto* el alma *mia*
Con la triste *agonia* en que os *veo,*
Tu, de ardiente *deseo combatido,*
Medoro, i *afligido* sin *esperar*
Una ora *respirar,* i tu *Diserto,*
Tu que nel *puerto* quieto *estavas.*
Por donde no *pensavas, sobrevino*
El rezio *trovellino,* que te ha *echado*
Nel alto mar *airado* del *tormiento.*
I con el *sentimiento* que a esto *devo,*
A cantar no me *atrevo;* mas *cantaré*
Lo que oido *he* no ha muchos *dias*
I en las entrañas *mias* i en mi *oido*
Quedó ansi *esculpido* el son i el *canto*
Que dura *entretanto* io *durar!*
Montano oí *cantar* sin que me *viese;*
I como que *estuviese confiado*
De ser *amado* d'aquella que amava,
Dulce i blandamiente ansi cantava:

Tuio es este valle i por ti atiende,
Intratado, florido i oloroso,
Que el ganado ni abeja no lo ofende.

Esta agua con su curso vagaroso
Que apenas parece que se mueve,
Atiende para ver tu gesto hermoso;

El viento respirando no se atreve
A mover con rigor esta espesura:
Que esta veneracion a ti se deve.

Iamas no abandona esta verdura
Primavera, i la abiva entretanto
Que no viene a lo hazer tu hermosura.

Por aqui no se oie triste llanto
De pastor que se queje o de ave,
Que todos de plazer se dan al canto.

No ha i quien sea molesto o sea grave,
Esperando que vengas cada ora;
De la esterilidad no ha i quien se agrave.

Todo en estas partes se mejora!
Vino a dezir que viene la alegria,
I solo de plazer se trata aora.

Contigo no se engaña el alma mia;
Por do quiera que muevas tus pasadas,
Tu voluntad a mi sé que las guia;

De flores candidas i coloradas
Pera mi sé que tu teces guirlandas,
En amoroso mirto renestadas;

I sé que por me ver tambien padeces
Odiando el lugar de mi ausente;
Sé que has de venir, mas no pareces.

Pero la gloria que mi alma siente
Esparziendo se está por mi deseo
Porque todo el bien tengo presente.

Parece, Marfisa, que ir te veo
Huiendo a la calor ardiente estiva,
Vestida de liviano i blanco arreo;

Sobre un velo sotil cinto de oliva
De hermosos cabellos cobijada:
No semejas mortal persona biva.

Por la lluvia de flores, ia entrada
De los arboles del bosque ia ameno,
Sobre ti olorosas derramada,

---

224 *Pouco legivel. Parece dizer:* eluanto. — 235 *O MS. escreve:* que te guirlandas.

Io alli de tan grande gusto lleno,
Mostrando te la fuente mas sabrosa,
Mas clara i fija de aquel terreno,

A ella nos iremos: tu deseosa
De refrescar te alli algun tanto,
Io de te ver contenta i gozosa.

Alli vendran las ninfas, entretanto
Que el estivo calor fueres perdiendo,
Sintiendo de tu vista dulce espanto,

En vasos de cristal fruitas traziendo.
Como con ellas fueres refrescada,
En sus fuentes seran vueltas sonriendo.

Io viendo te, Marfisa, alli sentada,
Cerca de ti siempre será mi asiento,
Pasaremos la siesta sosegada.

Los gustos de amor seran sin cuento
I aun añadiremos inventando
Curiosidades de sentimiento.

Ansi nos tendrá amor en paz amando
Con una voluntad conforme, amiga,
Lo que el uno, el otro deseando;

No temeremos que nos mas persiga
La acechanza de gente importuna,
Por pura pesadumbre enemiga,

I poseer nos hemos a la luna,
I al mas ardiente sol, i al contrastar
De los robles al viento quando puna.

El pecho inquieto no puede amansar
De envidia que de mi tengo aora
A quando tanta gloria esprimentar.

---

265 *O MS. escreve:* Cerca de ti será mi asiento.

I en aquella mas escura ora
Del dia que, partiendo el sol traspuesto,
Aprecebir nos va la nueva aurora,

Entonces, convidando nos el presto
Vuelo de aves que a posar iran se
Do su albergue natura ha puesto,

Al nuestro iremos como ellas van se
Variando el lugar i los sabores,
Porque nuestro plazer iamas no canse.

La noche desbotando las colores
Claras veremos i, a su abrigo,
Recoger lo ganado los pastores.

Quejando se iran unos consigo
De amor i de los sus vanos antojos,
O con el aprovado i raro amigo;

I otros, con mas rusticos enojos,
Mustios i tristes por la res perdida,
Tendiendo a la otra parte luengos ojos.

Tu, de sus infortunios condolida,
El dulce estado, libre i quieto
Alabarás de nuestra mansa vida.

Que al rabioso diente está sujeto
De fieras el que tiene gran rebaño,
No el que en ti solo tiene su respeto.

Injuria no le puede hazer el año
Quando mas el ganado i ierva muere,
Que fuera del limite está el daño

Con que fortuna amenaza i hiere,
Mostrando se terrible i poderosa
Al que su voluntad por si tuviere.

Iendo nos por la vera delejtosa
Del Tajo ameno, en esto hablando,
De los rojos lirios ornada i hermosa,

Hasta que, a estos olmos allegando,
Verás escrito en la su cortez,
La iedra de los troncos apartando,

Qual fue nuestro amor en la ternez
De nuestros años, como fue creciendo
Con tu hermosura dende la niñez.

Tu nombre escrito en todo irás viendo!
Pera lo recebir todo se ofrece;
Los roboles se van con el creciendo.

A esculpir tu nombre se enternece
Tambien la piedra dura i, esculpido,
Para lo sustentar mas se endurece;

— Las fieras dejan su furor crecido;
(En una haia lerás) i para el viento
En siendo de tu nombre el aire herido.

Si por aqui asoma el portamiento
De la tu hermosisima figura,
Las peñas dejan su firme asiento,

I abandonarán la espesura
Los arboles, las aves i las fieras,
Conduzidas tras ti de tu hermosura:

— Quales de nos seremos los primeros
A que toque el raio de tus ojos?
Quales a tu partir verás postreros?

Viene ia recoger nuestros despojos!
Aunque no te seran de gran provecho,
Seran de ti poseidos sin enojos. —

I despues que el aire, escuro hecho,
Los mas cegados viersos te escondiere,
Echar nos hemos so el verde techo

---

339 *O MS. escreve:* ia coger.

Del mirto espeso que mas floreciere,
O rosa, házia la amena parte
En que la ierva mas viciosa fuere.

Pensando en como podré alegrar te
Nel venidero dia, te adormirás,
Dejando en mi albedrio el despertar te.

En alegre vision claro verás
Con invisibles ojos lo que el dia;
Nel dormir, nel velar te alegrarás.

Quan ufano estaré, Marfisa mia,
Guardando se el sueño que ia rompiste,
Tomado de lo que por ti sentia!

Nunca tu dos amadas aves viste
Con un tal regozijo estar tratando se,
I ni de tan gran plazer hablar oiste.

Qual alli sentiré, por mi estando se,
Poseiendo se aquella amada vista,
I a todo mi afan reposo dando se.

Antes que el verde campo se desvista
Del manto que cada año se renueva
I la espesa niebla al sol resista,

Espero de sentir nul mal, por prueva
Que propicio el cielo ia parece
I con claras señales nos lo aprueva. —

Montano esto cantó do enmudece
Con su siniestro lado el llano hermoso
El Tajo, i lo . . . .

Hasta que discurriendo poderoso,
De las deshechas nieves aiudado,
Colando va el campo ruinoso,

Esparziendo se las hazes que ha juntado
De todas las corrientes, obligadas
Por natura a acudir a su mandado.

Nesta parte del dia eran sembladas
Las vozes del pastor al fresco viento
Por el, quando ivan mal formadas
Hasta las deshazer su movimiento.

193.

Dom Manoel de Portugal.

Soneto.

Ás Obras de Francisco de Sâ.

Alma felize, a nos alto decoro
De virtude, por quem os reis deixaste,
Ao som de teu esprito a que 'cantaste,
Nunca assi respondeu eco sonoro.

Indo d'esta regiâo donde inda moro,
Saudoso de ti que amando voaste
A essa de luz, magino, desque entraste,
Que versos cantarás no eterno coro.

Tua voz acordando e teu conceito
Com um e outro espirito que em seu canto
Do que sempre assi ve, sempre se admira!

Recebe o que de ti sente este peito
Por devido louvor, e estima quanto
Ora te faz soar uma culta lira.

Obras de Sâ: A f. 4 (*das innumeradas*). B f. 4 (*das innumeradas*).

194.

DIOGO BERNARDES.

Egloga.

Sâ.

Pastores: Serrano; Alpino.

Serrano.

Ves aquela agua saudosa e branda
Que parece que vai gram dor sentindo?
Aquela, Alpino, aqui chorar me manda,
Aqui onde ja ledo estive ouvindo
A' sombra d'este freixo o canto brando
De Sâ que está no ceo, da terra rindo.

Alpino.

Ah que perda tamanha! ah bom Sâ! quando
Cuido que te perdemos, esmoreço,
E pois o cuido sempre, em mim não ando.

Serrano.

Meu mestre, esta capela que urdo e teço
De verde murta e de cheirosas flores,
Aqui onde cantaste te offereço.
Ornar de mil dõis vejo a mil pastores
O teu sepulcro, vejo te cantando
De Apolo, das irmãs e dos amores.

Alpino.

Eu, Sâ, não posso dar te em tal estado
Se não tristes suspiros, triste pranto:
Assi o quis o teu, assi meu fado.
Mas tu, Serrano, aqui agora, em quanto
A calma nos detem á sombra fria,
A seus louvores dá teu doce canto.

O Lima de Bernardes: *Egloga VII.*

A branda voz que nosso mestre ouvia
Com tam alegre rostro, livre voe
Fazendo a meus suspiros companhia!
Soe teu som no ceo, e triste soe
Por estes vales ca, por estes montes!
Assi Febo de louro te coroe!

Serrano.

Se tu ves os meus olhos feitos fontes
De lagrimas que de si em fio deitão,
Como queres que cante? Ah não m'afrontes!
A ti convem cantar, que não t'engeitão
As brandas musas; tu lhe canta, Alpino,
Os teus versos a Febo mais deleitão.

Alpino.

E qual doce cantor, qual peregrino
Engenho sentes tu que o verso iguale
A'quele alto louvor de que ele é dino.

Serrano.

O bosque chora, o rio, o monte, o vale,
Toda ave, toda flor, toda herva e planta.
Quem pode ser tam duro que se cale?
Toma, pastor, a lira: ou tange, ou canta!
Olha quam doce soa; eu a lavrei,
Tal a fiz d'hera, quem a ve s'espanta.

Alpino.

Pois que me fazes força, cantarei,
E minha baixa voz Febo levante.
Começa de tanger e seguir te hei.
Oh musas, vos me dai versos que cante!

Canta:

1. Importuna, cruel, e surda, e cega,
Causa de tanta dor, tanto queixume,
Triste morte, tua fouce porque sega
As boas hervas? ah seu duro gume

Por que razão ás mâs se troce e nega?
Por que nos deixa os maos, os bons consume?
Quem d'isto me dará melhor certeza?
Quem não s'espantará de tal crueza?

2. Um tirano cruel, um avarento
Que sô vive de força, sô d'engano,
Contando armentios cento a cento
Que de novo ó curral trazem cada anno,
Que pastor pobre, por neve, chuva e vento
Com trabalho criou para seu dano,
Estes vemos viver, seu gado crece!
Triste do virtuoso que padece!

3. O nosso Sâ Miranda que entendeu
A semrazão do mundo, a tirania,
Aqui antre estes montes s'escondeu
Onde senhor de si, livre vivia,
Vivia esses bons anos que viveu,
Pois que não esperava nem temia.
Ah discreto pastor, quem te seguisse
Tuas pisadas ca! quem la te visse!

4. O teu suave som, e grave, e brando
Que engano á morte faz! dá vida ó nome
Teu som que vai do tempo triumfando,
Por mais que tudo vença, tudo dome.
O caminho do ceo nos vai mostrando;
Quem não quiser errar, por guia o tome,
A ti siga, bom Sâ, por ti se guie,
Desconfie de si, em ti confie!

5. Os bravos touros tua doce lira
Trazia ao manso jugo, ao duro arado:
Dos lobos amansava a cruel ira;
Detinha os rios; não negava ao gado,
Ao triste gado que por ti suspira,
Nem agua a fonte, nem verdura o prado;
Não vejo agora aqui (tudo se perde!)
Nem agua clara ja, nem herva verde.

6. Tu nos bosques as plantas, tu nas serras
As pedras abrandavas com teu canto,
Trazido ca por ti d'estranhas terras,
Com grande enveja d'ums, d'outros espanto:
Agora em longo sono os olhos cerras,
Agora estes meus abres ao pranto,
Mas eu não choro sô, que chorão montes,
Vales, bosques, e prados, rios, fontes.

7. Por ti aves e feras chorar vejo,
Os satiros, os faunos, os pastores,
Minho, Douro, Mondego, Lima e Tejo;
A folha o louro perde, o campo as flores;
As louras ninfas deixão, com desejo
Saudoso de ver te, seus lavores,
E pola triste praia em grito solto
Teu nome com sospiros vai envolto.

8. Da sua musgosa fonte o Neiva fora,
O doce Neiva teu que docemente
Tam ledo correu ja, que corre agora
Tam turvo e triste que Neptuno o sente?
A ti, bom Sâ, chorou, a ti, Sâ, chora,
A ti sospira e chama, mas vãmente.
— Ah Sâ, meu bom Sâ! grita, quem t'esconde? —
Ah, sem mais responder, Eco responde.

9. Aquele humor contino que derrama,
Em lagrimas o muda a triste sorte;
Iroso e surdo ao ceo, e cruel chama
A' dura parca, ó fado duro e forte.
Pois a meu nome deste eterna fama,
Pranto eterno darei á tua morte;
Nunca ó mar levarei alegres aguas,
Lagrimas tristes sim e tristes maguas.

10. E se por caso (diz) a voz chorosa,
Inda que rouca e triste, tal qual for,
Soar la onde alegre, onde amorosa
A tua soa no ceo que rege amor,

Alma ditosa ca, la mais ditosa,
Não turve a teu repouso minha dor,
Goza do bem eterno que alcançaste
E deixa me chorar pois me deixaste.

11. Ah! ninfas da Castalia que perdestes
O gram poeta que vos tanto honrou,
Como, fermosas ninfas, não vencestes
Cantando morte cruel quando o robou?
Se mil frescas capelas lhe tecestes
De que Febo sua fronte rodeou,
Môr premio merecérão seus escritos
Que de heras, que de louros, que de mirtos.

12. Quem subirá comvosco ao vosso monte?
(Vede se com razão me desconsolo)
Quem o doce licor da vossa fonte
Derramará d'um polo a outro polo?
Dos ceos, da terra, quem quereis que conte
Misterios altos? Quebre a lira Apolo,
A frauta quebre Pan, Amor as setas!
E vos, musas, chorai! chorai, poetas!

Não posso ja mais cantar e estou ja rouco.
Quanto me queixo mais, a dor mais crece.
A voz foi me faltando pouco a pouco.

Serrano.

A lira e mão tambem ja m'enfraquece,
Vai se escondendo o sol, vem sombra escura;
Vamos em quanto mais não escurece
Cubrir de louro a sua sepultura!

195.

DIOGO BERNARDES.

Carta VIII.

Ao Doutor Francisco de Sâ de Miranda.

Lume das nove irmãs, mais que o sol claro,
Francisco, em cujo peito Apolo inspira
Um saber peregrino, um canto raro,
Ha muito ja, se tam alto subira
O baixo ingenho meu, que no gram Pindo
Com Febo mão por mão cantar te vira,
Que fora a minha musa descubrindo
A sua pobre vea, em teu louvor
Outros versos tecendo, outros urdindo.
Julguei sempre o silencio por melhor
Por fugir da peçonha que derrama
A lingua mâ do mao murmurador.
O bom esprito que pretende fama
Ser louvado do poco não deseja,
Que sempre ao menos sabeu mais a fama.
Queres que de meus versos juiz seja
Um mao, um inorante? d'ambos temo,
A inorancia d'um, d'outro a enveja.
Trabalho por sair a vela e a remo
D'antre Escila e Caribdes; não queria
Por fugir d'este, dar naquele estremo.
O doce estilo teu tomo por guia:
Escrevo, leo, e risco, vejo quantas
Vezes s'engana quem de si se fia.
Se guardo teus preceitos, que t'espantas
De não me conhecer? mas certo espanto
Recebe o mundo todo do que cantas.
Eu ja um novo templo te levanto
Dentro na minha idea, onde offereço

O Lima de Bernardes: *Carta I. Veja-se a Resposta de Sâ de Miranda na Parte IV No.* 144.

A teu imortal nome este meu canto.
  Não te contarei nele de começo
Qual minha vida foi por não cansar te,
Contrario efeito de quanto ás musas peço.
  Isto sô te direi: a melhor parte
D'ele levou amor la onde o Tejo
Perde o sabor das aguas com que 'parte.
  Ali me convertia o vão desejo
Em agua, em fogo, em fera, em pedra, em planta.
Agora vejo tudo, porque vejo:
  Amor não usa d'hervas quando encanta,
Nem cura das palavras nem dos sinos
De Circe de quem tanto Homero canta.
  Ja livre de tamanhos desatinos,
O fogo morto, rotas as cadeas,
Canto alegre ao ceo odas e hinos.
  Cobrei, desque bebi nestas leteas
Aguas do patrio Lima, o ser perdido:
Esta verdade quero que me creas.
  Do tempo mal gastado arrependido,
Queria (se podesse), o que me fica
Que fosse em melhor uso despendido.
  Por isso não se afaste a tua rica
Musa de dar a mão á minha pobre
Que no caminho do Parnasso embica.
  Que se fez das medalhas d'ouro e cobre,
Das estatuas de pedra e de metal?
O tempo gasta tudo, tudo cobre;
  No mundo aqueles têm fama imortal
De quem nos canta um peregrino ingenho;
O mais, bem sabes tu que pouco val.
  D'alguns cantarei eu, se por ti venho
A levantar me tanto que na fonte
Castalia mate o grande ardor que tenho.
  Cingida de louro verde a branca fronte,
Então ouvirás tu mais alta rima,
Ledo que por ti cante e por ti conte.
  Agora rio abaixo, rio acima

Que vai suavemente murmurando,
Sô me vou pola beira do meu Lima.
Ora enganos de amor lhe vou contando,
Outra ora de sereno, claro e puro
O vou como costumo celebrando;
Da loura e branda ninfa o pastor duro
No bosque ouço queixar sem lhe valer:
D'ambos me rio ja, posto em seguro!
Que môr contentamento pode haver
Que ver se livre quem no mundo vive
Sem têr ja que esperar nem que temer?
O cobiçoso e cego se cative
De seu ouro sem deus, ajunte e guarde,
Que nunca guardar muito por bom tive!
É peito sem ventura aquele que arde
Neste fogo cruel que tanto lavra
Que mata cedo, e quando morre é tarde.
Em fim, por não gastar tanta palavra
Na traça do desejo, no retrato
Que tu, Francisco, ves sem que mais s'abra,
Queria boamente sem mao trato
Passar por esta vida de maneira
Que fosse ao ceo aceito, á terra grato.
Tu que seguindo vas a verdadeira
Via que do ceo mesmo te faz dino,
Com fama sempre clara, sempre inteira,
Diz me por onde vâ! O peregrino
Quando pisando vai terras estranhas,
Ha mister certa guia, certo ensino.
Não te dérão os ceos graças tamanhas
Pera sô as lograres, mas por seres
Bom mestre d'artes boas, boas manhas.
Se te roubou a morte os teus prazeres,
O tempo (como dizes) força e gosto,
O melhor te deixárão. Que mais queres?
Em rico diamante escrito, e posto
No templo da segura eternidade,
Teu nome vejo a todos anteposto.

Nem morte contra ti nem longa idade
Tem ja poder nenhum, podes te rir
Das suas forças, da sua crueldade.
Podem se derrubar, podem cair
Os edificios de que tu m'escreves,
Teu nome não, que sempre se ha de ouvir.
Se te devem as musas, se lhe deves,
Não sei determinar: tu as honraste,
Elas não te negárão azas leves
Com que da terra ao ceo te levantaste!

196.

Diogo Bernardes.

Soneto.

É este o Neiva do nosso Sâ Miranda,
Inda que tam pequeno, tam cantado?
É este o monte que foi ás musas dado
Em quanto nele andou quem nos ceos anda?

O claro rio onde chorar me manda
Saudosa lembrança do passado?
O monte, o vale, o bosque, o verde prado
Onde sospira Apolo, Amor se abranda?

Aqui na tenra flor, na pedra dura
Escrevi, ninfas, e no cristal puro
Estes versos que Febo m'inspirou.

Aqui cantava Sâ, d'aqui seguro,
Livre do mortal peso, ao ceo voou:
Pastores, vinde honrar a sepultura!

Flores do Lima: Soneto XC.

197.

ANTONIO FERREIRA.

Elegia.

Ao senhor Francisco de Sâ de Miranda
A' morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sâ.

Não chores, mas alegra te, Elegia,
Força agora o costume e natureza,
Inda que de chorares causa havia.
A parte vas onde ha nojo e tristeza,
Mas com aquele nojo, que é forçado,
Junto está gram prazer, gram fortaleza.
Verás um pai a quem o duro fado
Desemparou d'um filho, em que esperava
Ver seu nome nos ceos alevantado;
Verás a mãi que tanto o filho amava
Que, partindo a sua alma pelo meo,
A metade lhe deu, a outra ficava,
Dizendo: — Filho, vivirei em receo
Em quanto te não vir! — E ele partido,
Eis que subitamente a morte veu.
Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bem não s'enxugavão,
Inda não tinham d'ele nova ouvido,
E a primeira nova que lhe davão,
Era de morte! porem morte qual
Ele quis sempre, e a que eles o mandavão.
O primeiro acidente é natural,
Com este não podérão, que ós mais fortes
Como aos mais fracos soi ser igual.
Mas de que virão bem as iguais sortes
Que nos outros caírão, em si tornárão
Vendo chorar a todos tantas mortes.
As lagrimas alheas consolárão

Não anda nas obras d'este Autor. — Acha se na Ed. A das Obras de Miranda *a* f. 56. *Veja-se a Resposta de Sâ na Parte IV No.* 147.

As suas que ja deixão de lançar!
Ja agora rim os olhos que chorárão!
   Verás ambos ja agora tais estar
Que, por mais que tu vas triste e chorando,
Rindo te hão de ver ja, rindo falar.
   Começa te ja agora ir espantando
D'aquela fortaleza com que o pai
Seu nojo tam cruel foi temperando.
   Na alma o sentiu sômente, que la vai
A verdadeira dor, mas não se ouviu
De sua boca algum sospiro ou ai!
   De pura dor a triste alma se abriu,
Mas acudiu o siso e a prudencia
Com que aquele alboroço se encubriu;
   Acudiu á ferida igual paciencia,
Armou se contra a carne logo o esprito
Esforçado do tempo e experiencia.
   Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co aquele coração prudente e forte
Qual em seu rosto verás logo escrito,
   Disse: — Sabia que obrigado á morte
O gerei! — e calou se. Oh gloriosa
Voz! oh bem vinda e bem ditosa sorte!
   Eu vejo despedir se a tam fermosa
Purpurea alma do corpo e ir voando
Coroada de louro, e tam lustrosa
   Como ũa bela estrela, alumiando
Os ceos e dando lume ca na terra
Em que seu raio está reverberando.
   Oh alma bem nacida que em tal guerra
Ganhaste ũa tal vida, honra e gloria,
Quem morte lhe chamar, contra ti erra.
   Teu vencimento foi tua vitoria,
Teu sangre rico esmalte da tua alma,
Tua morte te deu vida e memoria.
   Quam bem compraste aquela pela palma
Com que estás la nos ceos, fazendo enveja
A quem ca está temendo frio e calma.

Qual aquele será, por mais que seja
De sua vida amigo, que não queira
Ser tu? e que tal morte não deseja?
A todos está ũa ora derradeira
Esperando, ha de vir e ha de chegar;
O quando deus o sabe, e a maneira.
Pois oh! que trabalho é sempre esperar
Tam incerta certeza, mas maior
É d'ela se esquecer ou descuidar.
E quem não quererá de tal temor,
De tal perigo livre estar, seguro,
Com deus em gloria, em fama ca e louvor?
Ditoso aquele que do ferro duro
Traspassado caiu, pois foi levado
Seu sprito onde está tam claro e puro!
Ditosos pais de que foste gerado!
Glorioso mancebo! e boa estrela
Em que naceste, e glorioso fado!
Seguiste aquele bem pera que t'ela
Sempre inflamou, e seguindo o alcançaste
E a coroa que ja vias nela.
Mas oh! estrela cruel, ja que mostrate
Tam grande esprito ao mundo, porque assi,
Mostrado, d'antre nos logo o levaste?
Morte cruel! queixemos nos de ti
Que sempre andas roubando o melhor que ha;
Sempre o ouvi dizer, agora o cri.
Levára lo em nascendo, ou, pois que ja
Quiseste que o nos vissemos, quiseras
Que d'ele nos logrâramos mais ca.
Não déras a seus pais tal dor, não déras
Tamanha perda a quem d'ele esperava
As cousas que tu nunca desfazéras.
Para ele sô a fortuna se guardava.
Que enveja houveste, morte! é nossa terra
Que outro Marcello neste nos criava.
Aquele fora outro raio de guerra
Se os fados o deixáram; duros fados,

Quem vos cuida fugir, oh quanto erra!
   Mas estes dias seus serão contados
Por muitos e mui grandes: grande é a vida
Dos que em virtude e honra são louvados.
   Aquella vida sô se diz perdida,
Aquella sô devia ser chorada
Aquella sô por triste e breve tida,
   Dos que em morrendo assi fica apagada .
Que memoria não deixa nem sinal
Em testemunho da que lhe foi dada.
   Igual á de um bruto é tal vida, igual
A' d'ũa planta, ao pô, á sombra, ao vento
E a qualquer cousa, se a ha, que menos val.
   Que de que vem que, aqui morrendo cento,
Se fale mais de um sô? porque vivia
E em bem morrer trazia o pensamento;
   Dos outros outra vida não se via
Se não dos corpos, a estes igualmente
A morte e vida os nomes lh' encubria.
   Vive teu nome claro e excelente,
Glorioso mancebo, e vivirá
Em quanto i houver vida e houver gente.
   Ouvi-lo ha o Tejo, ouvi-lo ha
O Indo, o Ganges, la será escuitado
O som que em ti teu pai levantará.
   Dignamente serás d'ele cantado,
E em todo mundo com prazer ouvido,
Por ele mais glorioso e envejado.
   Muito de ti dirá, mas muito crido
Será de ti; muitos desejarão
Tal nome ter e tam bem merecido.
   Tambem as belas ninfas cantarão,
As belas ninfas do Minho e do Douro,
Teu nome, e a todo o mundo o levarão.
   Alegres andão co cabelo d'ouro
Ao vento solto, rindo e não chorando,
De palma coroadas e de louro.
   Todas esta tua morte festejando

Como teu nascimento festejárão
Por isto que de ti ião esperando.
Para esta morte tua te criárão,
Com ela estão agora tam contentes
Que mais agora te amão do que amárão.
Pois tu que la nos ceos onde estás, sentes
A gloria que la tens e a que te damos,
(Por que chorar por ti ninguem consentes)
Esta é a causa porque não choramos,
Elegia, esta morte gloriosa;
Mas vida gloriosa lhe chamamos!
Por tanto tu, não triste nem chorosa,
Mas rindo vai alegre ver aqueles
Pai e mãi seus, e a terra que ditosa
Fizerão por tal causa sair d'eles.

Vai assignada: Emende. Antonio Ferreira. Bejo as mãos a v. m.

198.

ANTONIO FERREIRA.

Carta

a Francisco de Sâ de Miranda.

Antes que minha sorte impida ou mude
A ocasião de praticar comtigo,
Mestre das musas, mestre da virtude,
Antes que o tempo, a todo bem imigo,
Me desvie forçado onde eu ja vejo
Minha vida sem gosto, alma em perigo,
Consente me fartar este desejo,
Oh Francisco sô livre e sô ditoso,
Em quanto a carta ao longe não tem pejo.
O tempo escuro e triste e tempestoso
Mal ameaça; assi viste o passado
E ves inda o porvir mais perigoso.

Obras de Ferreira: Carta IX. do Livro II.

Chamar te hei sempre bemaventurado,
Que tanto ha que em bom porto co essas santas
Musas te estás em santo ocio apartado.
Não esperas, nem temes, nem te espantas,
Sempre em bom ocio, sempre em sãos cuidados,
A ti sô vives la, e a ti sô cantas.
Os olhos sòltos pelos verdes prados,
O pensamento livre e nos ceos posto,
Seguros passos dás e bem contados.
Trazes ũa alma sempre num sô rosto,
Nèm o ano te muda, nem o dia:
Um te deixa dezembro, um te acha agosto.
Quam alta, quam cristã filosofia,
De poucos entendida, nos mostraste!
Que caminho do ceo! que certa guia!
De ti fugiste e la de ti voaste,
La longe onde teu esprito alto sobindo
Achou esse alto bem que tanto amaste.
Novo mundo, bom Sâ, nos foste abrindo
Com tua vida e com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descubrindo,
Não resplandecia antes o sol tanto,
Não era antes o ceo tam lumioso,
Nem nos erguia o esprito em seu espanto:
Comtigo nos nace o ano mais fermoso,
Mais rousada e mais loura a primavera,
Co seo de alvas flores mais cheiroso;
Por toda a parte o louro abraça a hera,
Por toda a parte rios e aguas claras
E outra môr natureza ja da que era;
Tu as fontes abriste, os ceos aclaras,
A's estrelas dás luz, vida aos amores,
Santos amores d'ũas ninfas raras;
Levantas sobre reis e emperadores
Ao som da lira doce e grave e branda
A humildade inocente dos pastores:
Por onde vai teu esprito, por i anda
Sempre firme teu pe e o peito inteiro;

Obedece a vontade, a razão manda;
  Nem ao rei, nem ao povo lisongeiro
Nem odioso ao rei, nem leve ao povo,
Nem comtigo inconstante ou tençoeiro.
  Neste mundo por ti ja claro e novo
Ja ums espritos s'erguem no teu lume,
Por quem eu, meu Sâ, vejo e meus pés movo.
  Ja contra a tirania do costume,
Que té qui como escravos em cadeas
Os tinha, subir tentão ao alto cume
  Do teu sagrado monte, donde as veas
D'esse licor riquissimas abriste
De que ja correm mil ribeiras cheas.
  Ali teus passos, por onde subiste
A tam alta virtude e tanta gloria,
Medindo irião como os tu mediste.
  Inda seguindo a tua clara historia
Que em vida de ti lemos, algum esprito
Com teu nome honraria sua memoria.
  Mas ah tempos crueis! (soe meu grito
Por todo o mundo!) Mas ah tempos duros
Em que não soa bem o bom escrito!
  Eu vejo um vale e um monte onde seguros,
Onde sãos e quietos os meus dias
Teria em ocio bom, cuidados puros.
  Mas chama o mundo vãs filosofias
A virtude, o repouso, a liberdade,
E as santas musas são fabulas frias.
  É fraqueza do esprito a humildade;
O ser do homem são honras, são riquezas
E subir onde mais voa a vontade;
  Levantar os espritos a grandezas,
Entrar cidades e mostrar vencidos
Imigos mil, queimando as fortalezas;
  Ser de principes grandes conhecidos,
Ao rei aceitos, á gente espantosos,
Ou por temor, ou por amor seguidos.
  Duros trabalhos fizerão famosos

Alexandres e Julios, Cipiões,
Não os bosques sombrios saudosos.
Aos que não bastárão os corações
A subir alto, té os nomes perdérão:
Alevanta fortuna altas tenções.
Outros suas terras em boa paz regérão,
Armando as com boas leis e bons preceitos
Com que igual honra ás armas merecérão.
— Como? e é pouca gloria a dos direitos
Juizes que, guardando as iguais leis,
Têm té os que podem mais a si sujeitos,
Em quem os seus poderes põem os reis,
Por quem se rege o mundo e se sustenta?
Assi ociosos a honra fugireis.
Nem com dita cada um sua sorte tenta!
Sentou se o que temeu, mas quem ousou
O rosto e peito ter firme á tormenta,
Co generoso esprito ao fim chegou. —
Isto me diz o povo. Eu lhe respondo:
— Vá quem sua leda sorte alto chamou.
Besta de mil cabeças, eu me escondo
Não dos trabalhos de honra, mas de ti
Que cegamente estás pondo e despondo.
Ja eu os olhos a virtude ergui,
Ja levantei o esprito á gloria e fama,
Mas dentro inda de mim logo cai.
Este bom povo que a honra ca assi ama,
Que assi de honra enche a boca, sô proveito,
Sô doce ganho estima; este honra chama.
Ouro, primeiro (este é seu preceito)
Ouro, despois virtude; ouro honra dá,
Ouro ao rei faz e aos homens ser aceito.
Logo, quem nada tem, nada terá?
Essa é ca a ordem, essa a regra e meo?
Logo, a quem muito tem, mais se dará?
Logo em vão um esprito ao mundo veu,
Simpres, nu, puro, aceso em fogo vivo,
De virtude e de amor de gloria cheo?

Oh cega multidão! e assi captivo
Querels fazer á baixa fez da terra
Um alto ingenho? assi enterra-lo vivo?
Quem á gloria e á honra assi o nome erra,
Que honras dará, e quem tam ociosa
Acha a virtude pera paz e guerra?
Onde a livre verdade, a tam fermosa
Se vende por vil ganho e mao engano,
E a quem a segue e ama, é mais danosa?
Onde mais justo chamão o môr tirano
E a cega afeição, juizo certo,
E o teu entendimento te é môr dano?
Tenhas fe, tenhas lingua, e peito aberto,
Se te falta o mais baixo e que mais val,
Como na cinza o fogo estás cuberto.
Quanto é mais justo, quanto mais igual
Dos mininos o jogo: será rei
Quem o melhor fizer, preso quem mal!
Pois oh! porque de ti não fugirei,
Povo e cruel e cego? que esperança
Me dás? que nem mentir, nem servir sei.
Quem dos ceos um socego bom alcança
Mais não deseje! é livre, é rei, é rico,
E tem da vida a bemaventurança.
Que aproveita o que ajunto, o que edifico,
Por agua e fogo pondo a vida a preço
Se, quanto ajunto mais, mais pobre fico?
Porque a alma, tam custosa a deus, ofreço
Ao baixo ganho, se um momento de ora
Como ũa sombra ao sol desapareço?
Quanto vivem melhor os que estão fora,
Contentes do que são, mais não desejão,
Vivem dia por dia, ora por ora.
Sejam chamados ociosos, sejam!
Bom é o ocioso que do mal aparta,
Inda que outros mais bens nele não vejam.
Este desejo que se nunca farta,
Ali mais obedece á natureza

Que quer que o bem por todos se reparta?
Mais magnifica ás vezes é a pobreza
De um que os tesouros d'outro; a alta tenção
Estima deus, as obras vãs despreza.
Tudo se torna em bem no que está são;
O doce e aproveitoso amarga ao doente;
Erra com cor de bem o povo vão.
Sô andava Cipião, fugindo á gente,
Então mais ocupado quando menos,
Fabricio pobre sô, Fabio paciente.
O campo ensina ser justo ós pequenos,
Desprezador dos maos, sô no bem forte,
De si contente e a si sô somenos.
Não acha, quando vem armada a morte,
Mais que o seu vil despojo. Oh serra, oh monte,
Ditoso aquele a que caiste em sorte!
La me escondas, la onde ninguem conte
Minhas ditosas oras; la sem nome
No mundo, coma o fruito, e beba a fonte.
Antes co duro arado a terra dome
E d'ela as mâs espinhas arrancando
Do meu trabalho santo exemplo tome.
A alma de maos desejos apartando
Nela e na terra sãs raizes plante
Que vão fermoso fruito levantando.
A ti Marilia, a ti e ás musas cante
Ali, meu todo e teu; livre e seguro,
Nada me ofenda, nada turve ou espante.
Em mim metido e forte em meu bom muro,
Nem o exemplo do mao me mude ou dane,
Nem me seja do povo o riso duro.
Antes que eu erre, antes que m'engane
A ti, Sâ, siga, que me estás dizendo:
Fuge antes que o mao vulgo te profane!
A vos, oh castas deusas, me encomendo,
Vos me livrai em paz, vos me apartai
Onde comvosco ledo esté vivendo,
E o vosso bom Francisco me mostrai!

199.

ANTONIO FERREIRA.

Egloga.

Miranda.

Pastores: Alcipo; Androgeo.

Alcipo.

Quanto tempo, oh Androgeo, não cantámos?

Androgeo.

Fugiu nos o prazer e torna tarde:
Saudosos por ele sospiramos.
Ves o mundo que vai? ves que fogo arde
Por tanto campo la, por tanta serra,
Que a nossa ca ameaça?

Alcipo.

Deus a guarde!

Androgeo.

Mal nacidos pastores! triste terra
Tanto tempo queimada! crueis mãos!
Contra vossas entranhas moveis guerra?
Tomai, pastores, conselhos mais sãos,
Olhai o lobo que la está em espreita
E o melhor leva sempre d'entre as mãos.
Junto num corpo o gado por direita
Estrada, em sangue tinto um sô seguindo,
Que jornada fareis aos ceos aceita!
Ir se vos hia (eu o vejo) o mar abrindo,
Abaixando se serras. Que hervas e aguas
Irieis e que campos descobrindo!

Alcipo.

Não lembremos, Androgeó, tantas maguas.
Corre o mundo ja assi tras seu mal cego,
Ardem no peito d'ira vivas fraguas.

Obras de Ferreira: Egloga I.

Môres rios la vejo, não to nego,
Mais espaçosos campos; mas ditoso
Quem seu gado apacenta em bom socego!
Em quanto o nosso gado aqui mimoso
Bebe do doce Tejo a agua corrente,
Não lhe queiramos bem mais deleitoso;
Vivamos e cantemos ledamente
E aquela divindade celebremos
Que á fonte agua nos dá, fruito á semente.

Androgeo.

E a que ouvidos me mandas que cantemos?

Alcipo.

De Marilia, de Delia e dos amores.
Nem o povo nos ame nem o amemos.

Androgeo.

Surdos ouvidos, barbaros pastores,
Quam mal bebeis do Tejo as aguas claras!
Quam mal pisais as bem nacidas flores!

Alcipo.

Quantos tu, claro Febo, desemparas,
Venham buscar o teu divino lume
Nos brandos olhos de duas ninfas raras.

Androgeo.

Quem de Pindo subir ao alto cume . . .
Não posso erguer a voz; e a noite ao dia
Cantando ajuntei ja, tudo é custume.

Alcipo.

Arde em chamas o peito, a lingua é fria,
As lagrimas são fogo, o rosto neve.
Quem juntamente assi me queima e esfria?

Androgeo.

Algum vento amoroso, brando, e leve
Ajude minha voz e m'a levante,
E parte d'ela á branda Delia leve!

Alcipo, eu não posso ir mais por diante,
Foge me a voz, carrega se me o esprito,
E não sei quem me manda que não cante.

Alcipo.

Eu vejo áquele alto ulmo, Androgeo, escrito:
De fresco ferro está (vem vér) talhado.
Eis que todo tremeu e soou um grito.

Androgeo.

Algum segredo, Alcipo, aqui guardado
Está de fauno ou ninfa. Lé.

Alcipo.

Divino
Verso é, e não de humana mão cortado.

Androgeo.

Ninfas sagradas, ninfas, não sou dino
De ver vossos segredos. Tu me ajuda.
Tu me sê, brando Apolo, ora benino:

Aquela lira, a cujo som se veu
Do Tibre e de Arno Apolo a Neiva e Lima,
Por quem verde era o campo, o rio cheo
Corria á voz da nova Tosca rima,
Despois que o bom Miranda, em cujo seo
O santo fogo ardeu, se foi acima,
Pendurou aqui Febo: aqui guardada
Manda ser, dos pastores sempre honrada.

Alcipo.

Feriste me a alma de ũa ponta aguda,
Androgeo: é morto o nosso bom Miranda?

Androgeo.

Isto fazia a minha lingua muda.

Alcipo.

Oh bom poeta, e ja a tua doce e branda
Voz se calou? ja por aqui não soa,
Nem os ventos serena, o mar abranda?

Androgeo.

Ah ja aquela inocencia santa e boa
Do bom velho, aquela alta e sã doutrina
Nos deixou! Quam de pressa o melhor voa!

Alcipo.

Oh santo velho, de mil anos dina
Era tu vida, e inda mil anos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?
Ja não do pe da faia ou do penedo
Muscoso te ouvirá o campo e o vale
Cantar da terra e ceos o alto segredo.
O rio seque e o campo, Apolo cale,
Chorem ás tristes irmãs, nem ja aqui soe
Frauta, pois nenhũa ha que a tua iguale;
Nem pastor cante, nem louros coroe,
Nem tenha hera ou loureiro ja verdura;
Nem ninfa d'agua saia ou ave voe!
Perdeste, Apolo, ja tua fermosura,
Do teu poeta sempre tam cantada;
Perdeste, Amor, teu fogo e tua brandura.
Oh doce e grave lira, temperada
D'aquela mão que assi te fez famosa,
Não consintas ser de outra mão tocada!
A nossa idade que tu tam ditosa
Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame
Pois por ti será sempre gloriosa.
E quem ha ja que co som brando chame
As belas ninfas a lugar sombrio,
E pelo verde chão flores derrame?
Quem vestirá dos ulmos ja o rio?
Quem cubrirá de sombra as claras fontes?
E os tenros mirtos guardará do frio?
Aquele som que enchia de herva os montes,
Que o gado derramado a si juntava,
E que os rios detinha nas suas pontes,
Aquele som que tam doce soava
Por toda a parte ah! ja morreu comtigo.

Que fará quem ouvir te desejava?
Ah meu bom mestre! ah pastor meu amigo!
Como minha alma e olhos se estendião
Por ver te, e o duro tempo foi me imigo.
Mas inda que os meus olhos te não vião,
Ca te tinha minha alma, e os teus bons cantos
La me levavam e de ti todo enchião.
Dai ao vosso poeta tristes prantos,
Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana!
Oh Nilo, oh Gange, dai lhe la outros tantos!

Androgeo.

Não pode á obrigação, Alcipo, humana
Fugir o bom Miranda: aos ceos é ido:
Nunca do campo aos ceos o passo engana.
Mas quando poderás ser esquecido?
Estar te hão tigres e liõis chamando,
Será de tigres teu bom canto ouvido.

Alcipo.

Vejo vir nosso Sacio la chorando,
Sacio que docemente assi pendias
De aquela boca e som suave e brando.
Vive tu la, Miranda, imortais dias,
Da coroa de louro ido á da gloria,
E em quanto com tua luz de la nos guias,
Recebe isto que canto em tua memoria:

Aqui Neiva, aqui Lima triste chora,
Quebra seu arco Amor, Apolo a lira,
Seca a fonte Hipocrene, os louros Flora,
O bom canto emudece, Eco suspira.
Mas no ceo leda a inocente alma mora
Do bom Miranda que de la inspira
Santo fogo de amor e santa paz:
La estás, Miranda; aqui sô terra jaz.

200.

JORGE DE MONTEMAYOR.

Carta.

Ao senhor Francisco de Sâ de Miranda.

Aora es digna cosa, oh pluma mia,
Que os afineis, mostrando mis concetos
Con arte, ingenio, estilo i melodia;
Conformen se a la causa los efetos,
Prevengan luego aqui la eterna mano
Con terminos sutiles i discretos.
No escrivo la grandeza de Octaviano,
No los triunfos de Cesar, no la gloria
Que en conquistar ganó Alexandre Magno,
No las pompas de Dario, no la historia
Del divino Cipion, no la riqueza
De Antiocho, ni de Manlio la vitoria;
No escrivo a Ciceron que en sutileza
Con su pluma llegó al sumo grado,
Ni del poeta heroico la biveza:
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas que siempre anda
En la corte de Apolo sublimado:
A Francisco de Sâ el de Miranda
Escrivo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas de lo que puede se desmanda.
I si a vos, pluma mia, os enflaquece
El temor de la empresa, enfin fortuna
En los maiores casos favorece.
Estad ia sin temor de cosa alguna,
Que, por bajo que sea nuestro estilo,

Texto: Miranda. A f. 61v. — *Var.:* F f. 100—102. Epistola de Monte maior a Francisco de Sâ de Miranda. (*N. M.:* de Miranda não anda). *Veja-se a Resposta de Sâ na Parte IV No.* 146. — F 2 que te afines. — 5 Prevenga. — 9 Que en batallas ganó. — 10 no la gloria. — 20 mi *falta em* A. — 23 El temor de la pena. — 26 que sea vuestro estilo.

La causa lo alzará que es qual ninguna.
I pues mi ingenio veis que en esto afilo,
Que es sin comparacion, podeis creer me
Que Atropos no podrá cortar me el hilo.
Enfin, señor ilustre, he de meter me
So tu amparo i favor, por sublimar me
I al mundo podré luego anteponer me.
Que pierdes de tu ingenio en levantar me?
Ha de menguar por dicha tu gran ciencia
Por la pequeña mia acrecentar me?
Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mundo
Publique tu alto estilo i gran prudencia?
Puedes dejar de ser el mas profundo
En ciencia, erudicion que alguno ha sido?
O tu ingenio podrá hallar segundo?
No, cierto, que tan alto te ha subido
Que te pierdo de vista, i no es posible
Poder dejar de ser lo que ha sido:
Pues luego claro está que te es posible
Hazer me rico a mi sin quedar pobre.
Que quien podrá vencer al invencible?
Harás que a poca costa tuia cobre
Tal arte, tal ingenio i fundamento
Que oro buelva io mi bajo cobre.
Doi te cuenta de mi que es argumento
De me hazer tan tuio como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso io me obligo
A contar te lo, en breve, aunque mas breve
Fortuna se mostró para comigo.
Comigo se estrechó, i no se mueve

---

28 que en otro afilo. — 32—33 Debajo tu favor por sublimar me I luego podré al mundo anteponer me. — 39 Pregone de tus dichos la excelencia. — 43 has ia subido. — 44 i es imposible. — 45 Dejar de ser aquello que huvo sido. — 48 Que a quien podrá temer el invencible. — 53 De quedar por tan tuio como digo. — 57 Fortuna se estrechó.

A me subir a mas que a un cierto grado,
I a me pasar de alli iamas se atreve.
No en la estudiosa Atenas fui criado,
Ni aun en la insigne i grande Babilonia,
Ni la superba Troia he paseado,
Ni en la justa i real Lacedemonia,
Ni en la bellica Tebas, ni en Cartago,
Ni en la grande Paris, Sena o Bolonia,
Ni en la triunfante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre i fuego,
Que en Africa, Asia, Europa hizo estrago:
Riberas me crié del rio Mondego,
Ado jamas sembró el fiero Marte
Del Rei Marsilio aca desasosiego.
De ciencia alli alcanzé mui poca parte
I por sola esta parte juzgo el todo
De mi ciencia i estilo, ingenio i arte.
En musica gasté mi tiempo todo;
Previno dios en mi por esta via
Para me sustentar por algun modo.
No se fió, señor, de la poesia,
Porque vió poca en mi, i aunque mas viera,
Vió ser pasado el tiempo en que valia.
El rio de Mondego i su ribera
Con otros mis iguales paseava,
Sujeto al crudo amor i su bandera.
Con ellos el cantar exercitava
I bien sabe el amor que mi Marfida
La entonces sin la ver me lastimava.
Aquella tierra fue de mí querida;
Dejé la, aunque no quise, porque veía
Llegado el tiempo ia de buscar vida.

62 en la antigua i grande Babilonia. — 68 De tantos hechos, armas. — 69 Que en Asia, Africa, Europa. — 71 Adonde no sembró. — 75 ciencia, estilo. — 78 Para que de bivir tuviese un modo. — 80—82 Porque mui poca es i, aunque mas fuera, Pasó de presto el tiempo en que valia. El claro rio Mondego. — 86 I sabe el crudo amor. — 88 Aquella patria. — 89 porque via. — 90 Llegar se etc.

Para la gran Hesperia fue la via
Ado me encaminava mi ventura
I ado senti que amor hiere i porfia.
Alli me nostró amor una figura;
Con la flecha apuntando dijo: aquella!
I luego me tiró con fuerza dura.
A mi Marfida vi mas i mas bella
Que quantas nos mostró naturaleza
Pues todo lo de todas puso en ella.
El mar de perfecion i gentileza,
Fida por la mas fiel que nadie vido,
Suma lealtad de fe i de firmeza.
Mas ia que el crudo amor me huvo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores
Que io fui vencedor siendo vencido.
Alli senti de amor tales dolores
Que hasta los de aora no creía
Que los pudiera dar amor maiores.
Pero despues que un mal en mi porfia,
El qual se llama ausencia, es quasi nada
El otro grave mal que antes sufria.
En este medio tiempo la estremada
De nuestra Lusitania gran princeza
En quien la fama siempre está ocupada,
Tuvo, señor, por bien de mi rudeza
Servir se, un bajo ser alevantando
Con su saber estraño i su grandeza,
En cuia casa estoi ora, pasando
Con mi cansada musa ora en esto,
Ora de amor i ausencia estoi quejando,
Ora mi mal al mundo manifiesto;
Ora ordeno partir me, ora me quedo;

92—94 Do me encaminó luego mi ventura I ado senti de amor quanto porfia. Mostró me luego en ella una figura. — 101—112 que alguno vido Suma de lealtad, de fe i firmeza. — 104—105 Quedó tan preso el de sus amores Que no fui solo i de ella vencido. — 108 Que los podia dar. — 110 El qual llaman ausencia. — 115 Tuvo se. — 118 aora. — 119 el tiempo en esto. — 122 Ora ordeno partidas, ora quedo.

En una ora mil vezes mudo el puesto;
Ora, a hurto de Amor, me finjo ledo;
Ora me veo tan triste que me muero;
Ora querria morir me i nunca puedo.
Mil vezes me pregunto que me quiero
I no sé responder me ni sentir me:
Enfin me hallo tal que desespero.
Si con tu musa quieres acudir me,
Gran Francisco de Sâ, darás me vida,
Que de la mia estoi para partir me.
De tu ciencia en el mundo florecida
Me comunica el fruto deseado,
I mi musa será favorecida.
Pues entre el Duero i Miño está encerrado
De Minerva el tesoro, a quien iremos
Si no es a ti do está bien empleado?
En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente
Los que alcanzar lo cierto pretendemos.
Dejar deve el arroio el que la fuente
De agua limpia i pura ve manando,
Delgada, dulce, clara i excelente.
Mui confiado estoi, de ti esperando
Respondas a mi letra por honrar me
Pues d'escrevir te io me estoi honrando.
No quiero importunar te ni alargar me,
Que do ha i prolixidad, no falta vicio.
Escrive me, señor, por consolar me
Que a mi harás merced, a dios servicio.

---

126 mas no puedo. — 127 io que quiero. — 128 ni aun sentirme. — 132 Que de la mia estoi para partir me. — 137 a do iremos. — 139 I nadie llegar pudo a tus estremos; *Com este verso acaba o MS.* F.

201.

Pedro de Andrade Caminha.

Soneto

a Sâ de Miranda.

Não ousárão até 'gora aparecer
Estes versos, de si desconfiados,
Porque, de mal compostos e ordenados,
Assaz têm por que devam de temer.

Vão vos pedir, senhor, que os queirais ver
E riscar e emendar, porque, emendados
Por vos, possam andar mais confiados
Do que por meus podérão merecer.

Vai i Androgeo triste, e vai Serrano;
Queixa se este presente, aquele ausente,
No Mondego, por vos ja celebrado.

Queixão se Ninfas d'ele aqui do dano
Que por Silvia se ve nele, e se sente
Triste, d'ela e de vos desemparado.

J f. 31. Soneto de Pero d'Andrade Caminha a Frco de Sâ com ũa Egloga. — *Texto:* A f. 16. De Pero d'Andrade que lhe mandou com ũa Egloga. — *Var.:* B f. 8. De Pero d'Andrade Caminha. — *Não anda nas* Obras de Caminha. *Veja-se a resposta de Sâ na Parte IV No.* 140. — 9 B *sem* e. — 12 B ahi do dano.

202.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

Egloga.

Filis.

Serrano. Androgeo. Pierio.

Serrano.

Acaso dous pastores se juntárão,
Quando mais seu ardor o sol mostrava,
Nũa sombra onde o gado refrescárão.
Um Pierio, outro Androgeo se chamava.
Por Filis este em vivo fogo ardia,
De Filis todo tempo o outro cantava.
O mal Androgeo chora noute e dia
Que lhe a vida por Filis tem gastada,
E o descuido que nela d'ele havia.
De Pierio sempre era sô cantada
A mesma Filis cuja fermosura
De ninguem pode ser assaz louvada.
Eu que d'ũa grave pena, aspera e dura
Por ũa e outra parte era levado,
Trazido pera ali fui da ventura.
D'eles fui visto, d'eles fui chamado.
— Se podes, dizem, repousar, Serrano,
Aqui estarás quieto e repousado.
E aqui (se pode ser) ao grande dano
Que inquieto te traz, farás, amigo,
Com teus amigos, algum leve engano.

Na unica edição das obras d'este poeta (Lisboa, Typ. Acad. 1791) *é esta Egloga a primeira. Não se diz que fosse dedicada á Sâ de Miranda. É porem a unica em que fallam Androgeo e Serrano, isto é os interlocutores da Egloga que Andrade mandara a Sâ. Podia pois ser esta a Egloga mandada com o soneto antecedente, ainda que em forma modificada posteriormente. Porque é verdade que na lição do nosso texto não figuram nem o Mondego, nem as Ninfas, nem Silvia.*

Aqui acharás á calma doce abrigo
Se abrigo pode achar em algũa cousa
Quem traz a vida em dor, a alma em perigo. —
Eu, inda que meu mal buscar não ousa
Alivio, ali com eles me detive;
Mas ah que em nada a grande dor repousa!
Quem sômente á vontade alhea vive,
Nunca de sua tem um sô momento;
Assi eu té qui da minha nunca o tive.
Achei os ambos e cada um atento
Em Filis que mil vezes nomeavão
O' som d'um pastoril doce instrumento.
Docemente alternados o tocavão
E áquele som suave, docemente
Alternados de Filis sô cantavão,
E do que ouvi me lembra isto sômente:

Androgeo.

1. Asperissima Filis a meus danos,
De que eu por aprazer te mais desejo,
Não sei s'isto é verdade ou são enganos:
Ouço dizer que es branda, não o vejo!
Acrecenta me, Filis, a tristeza
Mudares para mim tua natureza.

Pierio.

2. Fermosissima Filis, s'eu tivera
Do gram Titiro a frauta, a voz e o canto,
A frauta, a voz e o canto a ti sô dera
Co mesmo amor com que ora a ti sô canto.
Mas isto, Filis, é pura verdade
Que muito mais te dá minha vontade.

Androgeo.

3. Amo te, Filis, quanto amar te posso,
Vejo que quanto posso te aborreço;
Escondido la tens o lume nosso,
Sem ele nem me vejo nem conheço.
Deixa te, Filis, ver; ah, não te escondas
Sô porque mal a meu amor respondas!

Pierio.

4. Canto te, Filis, quanto sei cantar te,
Sempre a teu canto dou tudo o que entendo.
A meus versos não busco estilo ou arte
Pois nunca hão de chegar ó que pretendo.
D'isto ha, Filis, em mim continua queixa
Mas assi como sei, cantar te deixa.

Androgeo.

5. Inda, Filis, que na alma com que te amo,
Sempre te tenho, se não posso ver te,
Dos olhos tristes lagrimas derramo
Que a abrandar te não bastão nem mover te.
Mas se a lagrimas, Filis, não te abrandas,
Não tens as condiçõis, como ouço, brandas.

Pierio.

6. Inda, Filis, que sempre a alma te canta,
Se á voz teu canto ás vezes se m'estrova,
Se cobre o esprito de tristeza tanta
Que se enche d'ũa dor aspera e nova.
E não se gasta, Filis, esta pena
Té que outra vez ó canto a voz se ordena.

Androgeo.

7. Todo um ano não é, Filis, tam grande
Quanto a mim sem te ver um breve espaço.
Nem ha quem minha grave dor m'abrande
Sem a vista em que sô me satisfaço.
Dão teus olhos á pena, Filis, termo;
Sem eles quanto vejo é escuro e ermo.

Pierio.

8. Não é, Filis, tam grande ũa triste vida
Quanto a mim sem cantar te um espaço breve.
De mim sô a voz que de ti canta é ouvida,
Sô cantado de mim quem de ti escreve.
Enche teu nome, Filis, meus ouvidos,
Tenho todos os outros esquecidos.

Androgeo.

9. Filis, não é tam aspero e tam duro
O bravo Boreas na maior tormenta,
Nem é o triste inverno tam escuro
Quando a sua môr furia apresenta,
Quanto a mim, Filis, é danoso e forte
Ver de ti desprezada minha sorte.

Pierio.

10. Filis, não é tam doce nem tam brando
Zefiro quando mais brando o sintimos,
Nem tam alegre e claro o verão quando
Mais fermoso e mais claro e alegre o vimos,
Quanto, Filis, a todo peso grave
Tua branda voz sempre é doce e suave.

Androgeo.

11. Minha tristeza, Filis, grave seja
Quando não vejo os teus olhos fermosos:
Outra vez em alegria nova veja
Os meus do que em ti vião saudosos:
A dor com eles, Filis, se desterra
E sem eles a paz se muda em guerra.

Pierio.

12. De flores seja o campo, Filis, cheo
De cores ria o bosque, o prado e o vale
Meta se o duro tempo logo em meo,
Tudo seque, destrua, mova e abale:
Se te vas, Filis, flor e cor perece,
Se tornas, logo tudo reverdece.

Androgeo.

13. Por mil arvores vou, Filis fermosa,
Contando quanto te amo e me desamas.
Ver se ha nelas a pena rigurosa
Que este peito m'acende em vivas chamas,
Porque, quando a voz, Filis, me faleça,
Nelas este amor e odio se conheça.

Pierio.

14. Por mil arvores, Filis, o teu nome
Tenho (como em meu peito está) esculpido.
Nelas digo que não ha quem asome
O' louvor que de todos te é devido,
Porque, quando eu cantar te ja não possa,
De mim se ouça inda o bem da idade nossa.

Serrano.

15. Estes versos ali forão cantados.
Não cuidei que em tal parte tal ouvisse.
Vendo os ambos em Filis transformados,
Com desejo e amor e dor lhes disse:
Crea Filis, Androgeo, teus amores!
De tua voz ouça, Pierio, seus louvores!

203.

PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

O d a.

Aos anos de Sá de Miranda.

1. Pierides sagradas,
Em vindo o claro dia
Que com justa alegria
Celebreis, de hera e louro coroadas,
E em danças concertadas
A som de concertados instrumentos,
Em nossas claras fontes,
Ribeiras, vales, prados, bosques, montes
Mostreis mil sentimentos
Alegres com alegres movimentos!

2. Esta é aquela ditosa
Luz clara em que naceu
Quem vos mais alto ergueu
Que toda a antiquidade tam famosa;
Esta é aquela fermosa

Obras de Caminha p. 194. Oda II.

Luz que té 'gora mais vos lumiou,
Que ó mundo deu o divino
Francisco e co ele ingenho peregrino,
Com que té o ceo se alçou
E a nos e á patria e lingua tanto honrou.

3. Sempre este dia tereis
Por nossa maior gloria.
Este é cuja memoria
Devidamente sempre cantareis;
Este levantareis
Em alto, em desusado, em grave canto,
Memoria merecida,
O' rarissimo ingenho tam devida
Que, com gloria e espanto
Vosso, tem dado ó mundo de si tanto!

4. Ja tudo está mostrando
De vos ouvir desejo;
O vento que sobejo
Com furia estava tudo ameaçando,
De todo está ja brando;
O ceo claro e sereno e assi corado
Se mostra que parece
Que a este nosso dia favorece.
Tudo aqui está calado,
Tudo vos quer ouvir assocegado.

5. Cantá-lo heis, tam cedo
Subido ó alto Parnasso,
Banhado no Pegaso,
De todo esprito turvação e medo.
Amor venha aqui ledo
Ouvir louvores seus, d'ele entoados,
Glorie se que ouviu
Quem assi o entendeu, assi o sintiu;
Que forão bem cantados
D'ele seus bens, seus males bem chorados.

6. Cantá-lo heis tambem
Desde o dia primeiro
Que o ceo, em tudo inteiro,
O deu ós bons ingenhos por gram bem,
Té o tempo que ora o tem,
Felicissimo tempo! boa idade!
O' ceo levantai Sâ,
Musas! no mundo sô seu nome vá,
Louvado justamente
De vos, de amor, de nos, de toda a gente.

7. Os ceos que te nos derão,
Francisco claro e puro,
Te tenham tam seguro
Como té aqui (nossa honra) te tiverão.
Os anos que te esperão,
Sejam inda outros muitos, e tais sejão
Quais todos desejamos
Os que d'alma tua alma e vida amamos!
E glorioso te vejam
Em si depois os ceos que te desejão.

204.

PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

O d a.

A Francisco de Sâ de Miranda.

1. Louvarão muitos esta gram cidade,
Esta nobre Lisboa,
Raro Francisco, esta que do occidente
Com grande nome em toda parte soa
E soará com gram nome em toda idade,
Que dá leis ó meo dia e ó oriente.

Obras p. 203. Oda VII. *Tambem aos annos do poeta? Veja-se o ultimo verso.*

2. Seus espantos verão, suas grandezas,
Seus nobres edificios
D'obra antiga e moderna, as variedades
Dos estados, das obras, dos oficios,
Dos negocios, dos tratos, das riquezas,
Dos costumes, das leis e das vontades.

3. Com alegre louvor verão partidas
D'aqui armadas nossas;
Prosperas as verão depois entradas,
Cheas de mil despojos, presas grossas,
Com bandeiras triunfais ó ceo erguidas,
Com bandeiras d'imigos derribadas.

4. Tributos verão vir todos os anos
D'Indos, Arabes, Persas
E d'outras mil regiõis, d'outras mil gentes
De varios nomes e de leis diversas,
Conquistadas per nos, não com enganos,
Com justas armas, com rezõis prudendes.

5. Verão ricos retornos, grossos ganhos
De ricas mercancias
Que esta terra a outras dá, e d'outras aceita;
Novidades verão todos os dias
Em que os sentidos e olhos s'achem estranhos,
Inda que o apetito nada engeita.

6. Tudo isto louvarão muitos, e a vida
Toda aqui passarião
Neste inutil cuidado e gosto vão;
Sô d'estas vaidades penderião,
Desprezada de todo e esquecida
Toda outra mais alta ocupação.

7. Mas tu que com mais são esprito e raro
Ves, conheces e entendes
O que deve fugir se, o que buscar se,

Mas tu que nunca ó mal, sempre ó bem pendes,
Com douto juizo puro, livre e claro
Escolheste o que sempre deve amar se.

8. O santo ocio escolheste, as musas quietas,
Musas castas e brandas;
Coas divinas historias, coas humanas
Temperas o prazer, o nojo abrandas
Teu ou de teus amigos, não te inquietas
Com nada, vives livre, e não te enganas.

9. Ouves de longe, ves de longe o mundo;
Parece te inda perto.
Tudo al á quietação santa aborrece.
Ah santa quietação! quanto mais certo
Está em ti o repouso! como ó fundo
Se vai quem por ti tudo não esquece!

10. Ah prudente Francisco! desprezaste
Sempre as cidades vãs,
Cheas de maos enganos, vãos negocios!
Louvas teu doce Neiva, as agoas sãs
Da tua fonte, as fruitas que plantaste,
As aves que ouves, os teus santos ocios.

11. Como te ris de nos, como navegas
Seguro pera a praia
Onde se acaba o medo da tormenta,
Que tantas vezes tristes nos desmaia,
Tristes, detidos d'esperanças cegas,
Mal que enganosamente nos contenta.

12. D'estas vãs esperanças, que enganados
Nos levão, estás seguro:
Não temes, não esperas, não desejas.
Co esse animo constante e peito puro,
Co esses espritos sobre o mundo alçados
Muitos anos e sãos inda te vejas!

205.

PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

Epitafio.

A Francisco de Sâ de Miranda.

A alma no ceo repousa eternamente,
Chea do que ca tinha merecido.
O nome voando vai de gente em gente,
Com inveja e amor e espanto ouvido.
O corpo fraco jaz aqui sômente,
Da alma á força de idade despedido.
A morte desfaz tudo, mas Miranda
Vivo é no ceo, e vivo na terra anda.

Obras de Caminha p. 266. Epitafio XIV.

206.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE.

Soneto.

A Francisco de Sâ de Miranda mandando lhe uns versos.

Cria ũa terra d'ouro a doce vea,
Outra d'estanho e cobre se faz rica;
Em ũa o louro trigo multiplica,
Em outra a esteril e infelice avea.

De tudo a natureza se orna e arrea,
E de quem dá o que pode, alegre fica.
E por isso Artaxerxes alegre fica
Da pouca agua da rustica mão chea.

Tirado das Obras d'este Poeta (p. 92) *publicadas em Coimbra em mil oitocentos sessenta e tantos. São incompletas e sem titulo e anno.* — 6—7 *Ja o Editor notou que os dous hemistichios finaes d'estes versos estão errados, provavelmente por descuido do copista.*

Illustre Sâ d'alto sangue e engenho,
A vos humildes versos offereço,
D'estilo inculto e grande estrilidade;

Mas, em que pouco dou, pois é o que tenho,
Se este ser pouco em fim lhe abate o preço,
Ante vos o abone a sã verdade.

207.

André Falcão de Resende.

Soneto.

A ũa dama que lia por o livro de Francisco de Sâ de Miranda.

Quem não louvará muito em toda a ora
O Sâ Miranda, nunca assaz louvado,
D'engenho, estudo, estilo alto e apurado,
E sobre tudo tam ditoso agora

Que é do puro alabastro assim, senhora,
De vossas delicadas mãos tocado,
D'essa voz doce ora pronunciado,
No seo d'alva neve posto outr' ora!

Piramides, sepulcros sumptuosos,
Edificios que em fim o tempo gasta,
Tanto sem fim não fazem sua memoria

Quanto a luz d'esses olhos tam formosos
Que graça e vida dar a tudo basta,
E a mim dão vida e morte, pena e gloria!

Obras p. 87.

208.

MANOEL MACHADO DE AZEVEDO.

Carta

a seu cunhado Francisco de Sá de Miranda.

1. Respondendo á vossa, digo,
Amigo, senhor e irmão,
Que entre tanta confusão
Não ha carta sem perigo.

2. Em que corra avesso tudo,
Tudo correrá direito
Se lhe sabe andar a geito
O prudente e o sesudo.

3. Quando dém couce os planetas,
Tem mais altos poderios
Aquele que o mar e os rios
Enfrea e pica os poetas.

4. Fez o homem diferente
De qualquer outro animal;
Se ele do bem usa mal
E do mal bem, ele o sente.

5. Deu lhe livre a eleição
Que outros chamão escolhimento;
Poz na mão do homem tento
Do seu ganho ou perdição.

6. Vos quereis com descripçõis
E com vossas letras grandes
Que em Italia, Espanha e Frandes
Vos reconheçam as naçõis.

Vida de Manoel Machado de Azevedo p. el Marques de Montebello su bisnieto. 1660 Madrid. p. 16.

7. Eu quisera que os saloios
Vos estimassem sômente
Porque da vossa semente
Sempre colhereis mais moios.

8. Ha de enfrear sua pena
Como um potro desatado
Quem quiser ser mais medrado
Que Camões e João de Mena.

9. Não queirais emendar tudo
No mundo e seu desconcerto,
De cujos erros é certo
Ouvir, calar, ou ser mudo.

10. Sô a penna e lingua são
As que causão maior pena,
Que sô deus julga e condena
As culpas do coração.

11. Se da lingua ou do tinteiro
As palavras saem á praça,
Ja, por graça ou por desgraça,
Não lhes falta pregoeiro.

12. Põe se em mui gram perigo
Quem descobre todo o peito;
Por um bom dito ou conceito
Não perdais nenhum amigo.

13. Os Carvalhos e os Carneiros
Da Beira, Entre Douro e Minho,
São mui bons ca no seu ninho
Aos fidalgos e escudeiros.

14. A quem d'eles se aproveita,
São de proveito e sustento;
Mas la, com seu valimento
Sô vive quem os respeita.

15. Vosso parente e amigo,
Joane de Sa-ber tanto
Descantou tanto em seu canto
Que deu num canto comsigo.

16. Descoseu linhas a tantos
(Se bem mais canonisou)!
Mas um d'esses se vingou
Sem lhe valer estes santos.

17. Se se diz bem dos ingratos,
Cuidão que tudo lhes devem;
Se a poderosos se atrevem,
Dão unhadas como gatos.

18. Assim sou de parecer
Que nem bem nem mal digamos
Nesta era em que estamos
Para poder bem viver.

19. A verdade e bom conselho
São hoge grande dilito.
Mame na ovelha o cabrito
E na raposa o coelho!

20. O grande afeito me ordena
Que aconselhe a um letrado.
Perdoai me, que um Machado
Não apara bem a pena.

209.

MANOEL MACHADO DE AZEVEDO.

Outra Carta.

Ao mesmo.

1\. Dizem me que estais doente,
Pesa me porque não posso
Ir ver vos ja de presente,
Porque tive um accidente
De amor não, mas de humor grosso.

2\. Este medico sandeu
Quer que seja humor da corte.
Cada um conhece o seu;
Eu conheço o mal que é meu,
Que o d'ela sempre é mais forte.

3\. De medicos nem sangrias
Nesta idade não curemos.
Boas são as romarias
De mais longe e sem Marias
Porque não nos mareemos.

4\. Os santos de longas terras
Sempre forão mais buscados,
Os da nossa estão cansados.
Busquemos santos das serras
Que estão mais desocupados,

5\. Sigamos nossa nação!
A quem todo o seu parece
De menos estimação,
Ele faz mais devoção
O' que menos se conhece.

Ibidem p. 86. — *É fragmento.*

210.

D. Sebastianus d'Alfaro.

Carmina.

I.

Mirandus coelo et terris Miranda, Maronem
Excellens, cecinit pascua, rura, duces.

211.

II.

Quid nisi mirandum potuit Miranda futuris
Totus mirandus scribere temporibus?
Sed quae mirandum laudabunt carmina vatem?
Mensuram tanti nominis implet opus.

212.

Martim Gonçalvez da Camara.

Epitaphium.

Francisci de Saa de Miranda.

Rustica quae fuerat solis vix cognita silvis,
Aulica Miranda musa canente fuit.
Maturosque jocos et ludrica seria ludens
Divina humanum miscuit arte melos.
Cum posset gladio transcendere nomen avorum
Maluit arguti militiam calami.
Posthabuit fasces et inertis laudis honores
Ac docuit plectro promeruisse decus
Omnia mirandus Miranda pulvere in ipso est
Pulvere in hoc patriae gloria scripta manet.

I *e* II *tirarão-se de:* A f. 3v (*das inn.*). III *de:* B f. 9 (*das inn.*).

152.

Carta Dedicatoria

a

João Rodriguez de Sâ e Menezes.

1. Por estas verdes florestas
Onde correm aguas suaves,
Por aquelas partes e estas
Aonde cantão as aves
Suas e minhas requestas,
Fugindo do povoado
Me acolhi para esta serra.
Sei, fui mal aconselhado.
Mas não tenhamos nós guerra
Sobre quem foi acertado.

S. f. 218. „Em hum cartapacio antigo que se achou no Porto das obras de Francisco de Sâ de Miranda, está a Egloga ou Satyra que se segue, e por esta razão, e por ser dirigida a João Rodrigues de Sâ de Menezes, seu grande amigo, e ter versos enteiros que o mesmo poeta pos em outros lugares, e seu estilo nesta materia e genero de verso ser inimitavel, parece a muitos tambem ser sua.“ —

Em lugar de uma Egloga nova (X), como foi dito sob o No. 152, *achará aqui o leitor só tres estrophes d'introducção dirigidas a J. R. de Sâ e Menezes, porque a Egloga a que ellas se ligam nas Satyras, não é outra senão a nossa VII, ja communicada sob o No.* 117 *sobre dois manuscriptos. Reconhecemos isso por uma copia feita ha cerca de* 30 *annos pelo Sr. Visconde de Juromenha e que o benemerito escriptor nos confiou. A Egl. de que se trata, consiste n'um dialogo entre os pastores Bieito e Montano que corresponde, na essencia, ao dialogo ja impresso entre Silvestre e Montano* (*No.* 117) *offerecendo porém trechos inteiros extrahidos da redacção anterior da mesma Egloga, communicada sob o No.* 103, *e alem d'isso outras variantes notaveis que o leitor encontrará no „Appendice“:* **Variantes** (*No.* 217). — *A copia do Sr. Visconde está incompleta, infelizmente; e abrange* 12 *estrophes alem das tres da Dedicatoria, em vez de* 32, *como deveriam existir, a julgar pela Egl. VII e pelas citações de Bluteau no seu Diccionario s. vv.:*

„saio andurriaes rancor punir zagalejo montado derramado passado volver soldada perlonga volvedores.“

2. Que imudece a fantesia
Ver tanta contradição;
Perde a verdade a valia;
Anda corrida a rezão;
Prevalece a hypocresia;
Crece o dano e não se cura;
Todos gemem e nenhum fala;
Polos cantos se murmura;
A honra, a vida se escala,
Nenhũa cousa é segura.

3. Cuidar no que hontem se via,
Nos magóa o coração;
Foge de nos alegria;
Em tamanha confusão
Determinar venceria!
Mas tornemos aos pastores
Que vos querem por juiz:
Deixemos de contar dores,
Vereis o que cada um diz,
Mas não se queixão d'amores.

Appendice.

Variantes

tiradas

do MS. J.

3. 1 *Como* AEP. — 2 A los bienes. — 5 De la mi vida no sé. — 8 Todo por do fuiste fue. — 10 ergui.

4. 6 De ouvir em mi tal desejo. — 7 Se não vos vejo.

5. 1 huid *(lição que pode ser mais do que uma variante puramente orthographica).* — 3 Que por no os pedir piedad. — 5—7 Ha al mi corazon caido. (Pues que nunca os ha movido) Que ante la muerte lo traho. — 10 *Como* ABE.

6. 1 Agora. — 4 Que eu. — 5 Inda que me ca não cria. — 8 A vos e a mim acharia. —

8. 2 Em fim de tanto tormento. — 4—5 Transportado do meu mal Ficou me o conhecimento. — 7 Inda vêm males maiores. — 8 sou.

9. 2 A conta ja feita está. — 4 sigue. — 7 *Como* B. — 10 Em vão com ella cansei. — 11—12 *Intercala:* Ja agora descansarei.

10. 9 que a ser veu. — 10 Crecendo a dor tal (*Leia-se:* Crecendo a dor a ser tal.).

11. 2 sou. — 6 Antes que ela assi crecesse.

14. 9 *Como* BEP. — 10 Onde me acolherei. — *A ultima estrophe falta em* J.

15. 7 a toda cousa. — 14 *Como* AB. — 16 *Como* ABP. — 18 esperança. — 19 *Como* ABP. — 21 *Como* ABP.

20. 10 Todo mais fora mal vão.

21. 2 *Como* AB. — 6 E eu sempre este cuidado. — 6—7 *Intercala:* Que nunca será mudado. — 9—10 *Como* A. — 12 *Como* A.

23. 2 Os males. — 4 o que o sabeis. — 6 E o mais que ainda espero. — 10 Tempos e anos farão.

25. 1 *Como* AB. — 2 De ver tanta vaidade. — 5 Que poderá um claro imigo. — 6 *Como* AB. — 8 *Como* ABP. — Olhos atras da verdade. — 12 Tam cega guia, assi guia.

26. 3—4 Quantas buelven, triste io, Todas afirmen se bien. — 6 *Como* AB. — 7 Que haré desdichado io?

27. 3 Seja perdido o perdido.

28. 2 Não te mudes, não te abales. — 3 *Falta.* — 6—7 Não te engane o que parece. Isto é sonho, é mostra vã. — 10 *Falta.* — 12 Desatinado apos ti. — 13 *Como* E. — 14 Não me mandas ver mais vales.

29. 2 os meus amores. — 4 Um só bem, ũa esperança. — 6 *Como* A. — 8—9 Em que nos males maiores Passando ía as minhas dores. — 9—10 *A ordem das estrophes é igual á de* AB. — 12 No tempo. — 14 Que engano é este ou que enleo. — 18 *Como* ABE. — 20 podera.

30. 1 estiveste. — 2 deste.

31. 2 Apos a paz vem a guerra. — 9 o meu mal.

32. 1 um grande agravo. — 2 Ser me hía mui mal de crer. — 3 *Como* AB. — 6 *Como* B. — 9 Que remedio ao que é feito. — 10—12 Por quem pode e por quem quer, Fica sômente o gemer Calado ainda em meu peito.

35. 1—4 *Como* AB. — 10 *Como* AB. — 11 Por quem com culpa se sente. — 12 Morra o sem culpa a tormento.

36. 2 *Como* A. — 6 *Como* ABEP. — 8 Vos não sentis ao presente. — 11 Mas se a peço em medida. — 12 *Como* E. — 15—16 *Como* AB. — 17 *Como* A.

37. 1—2 Seguro em males sem cura, Em cansaços descansado. — 8 *Como* B. — 13—15 Assi cheguei a este estado Que em muita desaventura Mouro bemaventurado.

38. 3 *Como* AB.

41. 2 *Como* AB. — 3 *Como* A. — 7 grande (*Err. por* gram). — 8 Ai meu fraco entendimento. — 10 Que me então não socorrestes. — *A estrophe* 3ª *falta.*

43. 6 *Como* AB. — 7 *Como* AB. — 8 *Como* BE..

44. 4 *Como* AB. — 5 *Como* ABE. — 6 *Como* A.

45. 7 *As estrophes estão transpostas como em* A. — 6 Una sola ora. — 8—9 De quanto me veo aqui, De quanto he visto alguna ora. — 12 io que veo. = 13 Por que la muerte no quiera? — 16 Mas a mi, muerto de absencia. — 19 Tan lejos de do deseo.

47. 4 Que házia otra parte regias. — 6 Te espera tierra sin ti. — 8 *Como* AB.

49. 2 Espaço de cuidar nele. — 3 *Como* B. — 7 *Como* AB.

50. *Por falta da folha antecedente no MS.* J *principia com a linha* 8. — 16 Que en fin en fin me han de matar.

51. *A primeira estrophe não tem rubrica especial, o que quer dizer, que se atribue a Sá de Miranda; a rubrica da segunda diz:* Respondeu a senhora Dona Leenor Mascarenhas; *a da terceira:* Tornou Bernaldim Ribeiro. — 3 Razão tenho de cuidar. — 4 *Como* A. — 5 *Como* A. — 6 De suas cul-

pas. — 7 *Como* A. — 8 Que não som pera estas cousas. — 9 Fora razão não cuidar.

52. 2 O ceo arde, treme a terra, Achárão fados caminho. — 6 Nunca são sinais de vida. — 6—7 Respondeu a mesma. — 8 *Como* A. — 11 *Como* A. — 12—13 Tornárão outra vez. — 13 Começarei. — 16 *Como* A. — 17—18 Se acabáram os cuidados Quando se acabara a vida! — *No fim acha se a nota seguinte:* Outro Dialogo ás damas. E puz isto aqui polo d'ela porque saiba V. A. que tambem Portugal teve a sua marqueza de Pescara.

53. 4 De quedar ansi qual quedo. — 5 puede. — 6 Otros lloran con plazer. — 7 Ora si un corazon ledo.

54. J (*assim como* E) *faz das duas primeiras linhas do nosso texto uma unica que diz:* Naquela serra quero ir morar *e continua* Quem me bem quiser, Quem me quiser bem, La me irá buscar. — 5—6 São os povoados Todos de requestas. — *O MS.* J *não dá mais que as primeiras* 9 *linhas porque falta a folha que devia trazer a continuação.*

55. 6 Que por vontade segui. — 9 *Como* AB. — 10 Não sei o que era ou que não. — 12 *Como* B. — 15 Ora o prazer, ora o medo. — 17—18 Mâ sorte! quantos bens dana Brandar (*Leia-se:* Bradar) e queixar em vão. — 27 Dá se toda por de Antão.

56. 1 *Como* AB. — 2 *Como* P. — 3—4 Ajuda. — 4—5 I si mientras devaneo Pensando a lo que alla vi. — 8 Debato, fuio i peleo.

57. 7 Cousas que não vão (*Leia-se:* vêm) nem vão. — 8 *Como* P. — 10 Quanto antes tinha de seu. — 11 Tudo tendes em poder. — 12 *Como* ABE. — 12 Nem olhos que al posso ver. — 15 *Como* BE. — 17 *Como* AB.

58. 2—3 *Como* AEP. — 7 Veo vos nel pensamiento. — *Por falta da folha seguinte o Cantar acaba com a rubrica inicial da estrophe* 2ª *das voltas; que diz:* Francisco de Saa de Miranda.

59. 1—2 Saudade minha, quando Quando vos veria? — 9 Que mais que aperfia?. — 18 *Como* AB. — 22 Inda a boca fria.

60. 1 *Como* A. — 5 *Como* EP. — 6 La sierra responde. — 10 *Falta porque a folha está muito aparada.* — 11 *Como* AB. — 17 *Seguem mais duas estrophes que dizem:*

Enterneci fieras
A quien me dejaste;
Solo te ensañaste
Tu, que no divieras.

Hierro si me dieras,
Si me dieras fuego,
Dieras me sosiego.

Mas por esta breña
Muerte, a tu pesar,
No puede faltar
De alguna alta peña.
Siempre amor se sueña
Gracioso luego,
Despues en tal fuego.

61. 4 *Como* AP. — 7 Saíeis. — 8—10 Que estou tremendo ainda agora, Sendo meu erro entendido, Do mal que me era devido.

62. 2 Da parte do coração. — 3 JBP Com ũa desperação. — 4 A conta cerrada e chea. — 9 *Como* ABE.

63. 2 Que me persegue e eu sigo. — 8 Hei medo de o cuidar.

64. 3 *Como* AB. — 4 Si pruevo a querer, no puedo. — 6 Lo que comieza, no atura.

66. *Ainda que não o dissessemos no logar competente, encontra-se este Vilancete no MS.* J *a f.* 14. *Está incompleto das primeiras* 6 *linhas por falta da folha antecedente. As estrophes estão transpostas como em* AB. — 4—5 No sé con que me consuele Que otro mas remedio aguarde. — 6 tarda. — 7 *Como* A. — 14 Creció ansi andando encubierto. — 17 Que no sé parte de mi. *É pois muito provavel que em* ABE *tambem se deva lêr:* sé *em lugar de:* se.

67. 6 É sômente um nome vão. — 6 *Como* AB. — 12 *Como* E. — 12 *Como* BP.

68. 3 Do la tienes escondida? — 3—4 Ajuda de Frco de Sâ de Menezes. — 10—11 Ajuda de Frco de Sâ de Miranda. — 11 *Como* ABEP. — 12 Siendo tu la su riqueza. — 15 En desemparo, miseria i en pobreza. *É claro que ou a palavra:* desemparo, *ou a palavra:* miseria *se ha de riscar.* — 22—23 Vas con tus desasosiegos (*Leia-se:* Vascos i d.) Dejas en lugar de vida. — 25 Las iervas, las fuentes frias. — 26 *Como* AB. — 28 avelanado. — 31 *Como* ABP.

70. 1—2 Polo bem mal me fizestes, Mas nunca eu tenha prazer. — 3 *Como* BE. — 8 *Como* E. — 9 Do que soi acontecer. — 10 *Como* A.

71. 3 *Como* P. — 3—4 J *cita a mesma estrophe que* A *intercala aqui. Em ambos os textos vai atribuida a Frco de Sâ de Menezes.* J *tem porém algumas variantes:* 1 diste *em*

lugar de: viste; 2 i viento *em lugar de:* i de viento; 7 tuvo *em lugar de:* tuve. — 6 *Como* AB. — 8 *Como* A. — 9—10 *Como* A.

72. 2 *Como* ABEP. — 3 Mientras el mal me destruie. — 5 A de fuera el alma fuie. — 6 *Como* AB. — 7 ABEPJ *escrevem:* acompañe. — 11 Puse me el pandero en mano. — 12 *Como* B. — 14—15 Dejó me en tal agonia, I en la cuita mortal.

73. 2 *Como* AP. — 4 Com muitos d' ali me parto. — *As estrophes estão transpostas como em* AB. — 5 *Como* AB. — 7 Os ventos, nevoas, e sonhos. — 10 Por sinais claros reparto. — 12 De quem nunca os olhos parto. — 16—19 Feitas cada ora e desfeitas. O' grande desasossego, Com que venho e com que parto, E o ver tanto e ser tam cego. — 21 *Como* AB. — 22 Esperei algum repouso. — 24 *Como* AB.

74. *As Sextinas de* J *differem tanto das lições das outras fontes que julgamos dever repetil-as.*

1. Não posso tornar os olhos
Donde os não leva a razão.
Quem porá lei á vontade,
Ajudada do costume,
Vontade que ás suas leis
Manda defender por força?

2.' Isto que al é se não força
Que me fazem estes olhos?
Quebrantadores de lei
Brada apos mim a razão.
Por demais! vence o costume,
Vence a vencida vontade.

3. Aquela izenta vontade
Caiu ante a maior força,
Segue cativa o costume.
Não posso sômente os olhos
Alevantar á razão
Que faz e desfaz as leis.

4. Alçou se amor e fez leis
Como foi sua vontade,
A' gram mingua da razão.
Queira ou não queira, é por força
Que la se me vam os olhos
Onde se vão por costume.

5. Não valem leis sem costume,
Val costume contra as leis.
Coitados d'estes meus olhos
Que assi seguem a vontade!
Por tirania e por força
Não val nem ousa a razão.

6. Não sei que faz a razão?
Desatinou ao costume.
Que farei á maior força?
Hajam piedade as leis
De quem, entregue á vontade,
Vai em poder de sus olhos.

7. Olhos apos á vontade;
As leis apos o costume,
Apos a força a razão!

75. 1 Franco e Florido. — 2 Buscais outros que vos roão. — 4 *Como* B. — 5 soão. — 7 Que é autor pera alegar. — 8 em qual cantar. — 9 Quem comia do meu pão. — 11—12 Que graça que me dissérão (Isto si) d'um Castelhano. — 14—15 Muitas vezes lhe fizerão No seu pão e no seu pano. — 16 Veu a sua sorte e achou. — 19—20 lhe apanhou; Foge então aos seus criados.

77. 2—5 Era serviço escusado! Mais do tempo erão uvas, Vinagre branco rosado. Certo, mais do tempo fora!

78. *A lição de* J *que se diz „emendada" differe muito das outras licões.* E *diz:*

Tam desacustumado sofrimento,
De tanto tempo, em pena tam esquiva?
Sempre em poder da morte? e que inda viva?
E que haja tal descanso em tal tormento?

Não parece que humano entendimento
Possa nisso cair. Alma cativa,
Vendo que sempre crece e nunca aliva,
Quem não presumirá que é tudo vento?

Bem sei ums olhos que têm toda a culpa,
E são os meus que a toda a parte vêm
Por que me esquece tudo e me desculpa.

Minhas altas visõis! um meu sô bem!
Quem vos não chega a ver, esse me culpa!
E ai! sô som que as vejo — outrem ninguem!

79. 1 por fazerde doje *[sic]*. — 4 E quanto. — *Esta lição poderá acceptar-se como verdadeira, unicamente quando se achar outro MS. cuja linha segunda diga:* Se é vã. — 5 *Como* AFP. — 7 Que tem ja que me alegre. — 11 Gritando acrecentei muito em meus danos. — 14 *Como* F.

80. 3 Ja de muito tempo. — 4 *Como* A. — 8 tudo está desfeito. — 10 quando os traz.

81. 4 Conta feita em poo tudo bebido. — 8 Tempo lançado a longe mal vivido.

82. 4 tudo é um ar. — 7 e a lei estreita. — 11 e da vontade (*Erro manifesto. Leia-se:* verdade). — 12 Qual.

83. *A lição de* J *está cheia de erros, e de lacunas. Uma nota marginal da letra do copista diz:* Este soneto tem algumas faltas. — 2 Ũa vontade sempre tam segura *e em N. M.:* A vontade tam *limpa e* tam sem mag*ua*. *As margens estão aparadas de maneira que falta o que vai em grifo.* — 3 *Como* P. — 5 Aquela presunção *e em N. M.:* confiança. — 6 *Como* B. — *A linha* 9 *falta. Uma N. M. diz: De que me* aproveitou? não de *al* por certo *Que de* um sô nome tam leve *e tam* vão *Custoso* ao rosto e tam cus*toso* á vida. — 10 um sô nome leve e vão. — 12 Dei que falar de mim ao longe, ao perto. — 13 a alma coitada (*Leia-se:* corrida).

84. 5 diera. — 6 tan longa profia. — 7 *Anda muito errado. O texto diz:* Hagan esienta fueguo aquesa fiera. (*Leia-se:* Hagan que sienta fuego aquesa fria). — 14 *Errado.* En gran desdicha mia enuida epecho.

85. 1 al nuestro tal oufano (*Leia-se:* Tajo ufano). — 4 *Como* BP. — 10 En su trabajo i loca porfia. — 11 heis-lo caido. — 14 Bolver me (*i. e.* me he) i aloquear como solia.

86. 1 Ia no. — 4 *Como* P. — 6 *Como* P. — 8 I es verguënza el tal dar (*Leia-se:* el tardar) tan luengamiente.

88. 6 el velo alzado. — 10 *O Amor responde:* Hierro *em lugar de:* ierro *o que quer dizer que o copista saltou da ultima palavra da linha* 10 (ierro) *á ultima da linha* 13 (hierro), *de maneira que* 11 12 13 *faltam.*

89. 3 *Como* AB. — 5 aonde quer que esté. — 6 Olhe o ceo, olhe a terra, olhe o mar. — 8 *Como* AB. — 9 E em verdade não sei nem isto que anda. — 10 *Como* AB. — 12 *Como* A. — 13 *Como* AB. — 14 *Como* P.

90. 1—2 Al famoso Elesponto i crudo estrecho Lidiando con las aguas sin sosiego. — 4 Lagrimas i suspiros sin provecho. — 5 alza el pecho. — 7—12 Que luze en la

torre alta. Ai amor ciego! Has visto tal crueldad, antes la has hecho. Rompia mientras pudo házia la playa De Sesto, por su mal deseado puerto, Adonde descansando el cuerpo caia. En fin, (dijo) venceis, ondas, cubierto.

91. 1 de ser. — 8 E as estancias incultas desordenadas. — 10 *Como* AB. — 13 em um tam baixo tempo.

92. 1—6 Tantas mercés tam pouco acostumadas, Como servirei eu dividamente? Provarei d'aiuntar algum presente, De um rustico aprendendo antre as manadas Que agua ofereceu em mãos lavadas A Xerxes, que bebeu e santamente. — 8 por copas delicadas. — 12 vãmente apreçada. — 13—14 O falado tesouro de Veneza La se acha: que eu ós meus palmos me meço.

93. 3—8 Lo que en las otras cosas no nos suele De acontecer, locura mas que estraña. Toda cosa mas engañada mal se engaña, O que por tierra vaia o al aire buele; Antes vemos despues que se recele Siempre jamas del caso i de la maña. — 10—13 tantas vezes llegado a la muerte! Como lo pone tan presto en olvido? Quanto, ai, quanto fue dado a la suerte! — 14 Que por ver te soi tal, i buelvo a ver te.

94. 3 De Pirrho sin piedad el brazo erguido. — 5—9 Diziendo: a quanta cuita e quanta pena Pornás fin ora, oh golpe bien venido, Lejando el cuerpo libre aqui tendido Cabe la grande Troia, ia Troia apena! I luego la su vista valerosa. — 11—14 Dijo, de sus despojos recelosa: Trocad los a la triste madre mia A gritos, que ia no le queda otra cosa, Que oro os dava por nos quando podia.

96. 3 que de alto cai. — 7 E passa assi um dia. — 8 Incerto muito mais. — 10 Vira fruita.

97. 3 os apostolos fugidos. — 5 Assi. — 12 *Como* AB.

102. *As variantes de J são tantas e tão importantes que julgamos dever repetir a Egloga na integra.* — Interlocutores: Alexo. Sancho. La Ninfa de la Fuente. Juan pastor. Anton. Juan. Pastor. *[sic]* Turbio. *[sic]* Pelaio.

Alexo.

1. Io vengo como pasmado
I no sé lo que me digo,
Que el corazon enemigo
Va de cuidado en cuidado.
Ah dios mio, i que pecado
Pudo este ser tan estraño?
Io no soi el que era antaño.
Han me como barajado.

2. Dias ha que no me entiendo,
Ca no sey (*Leia-se:* soi) el que me suelo,
Ora frio como un ielo,
Ora todo en huego ardiendo.
Voi me ansi el tiempo perdiendo
Como si nada perdiese,
I qual si de otro fuiese,
Ansi de mi voi fuiendo.

3. Ha me aborrecido el hato,
Los apriscos i majadas;
Ando apos unos nonadas,
No sé tras ellos que cato.
Que ganancia i niegro trato
Perder el tiempo en porfias!
Mal las noches, mal los dias,
Peor siempre a cada rato.

4. De un tal aprieto i dolor,
Que cierto en razon no cabe,
La benzedera que sabe
Si quellotrará mejor?
No toma en nada sabor
El corazon sin ventura.
Quiza puede ser locura?
O quiza si fuese amor?

5. Si aqui estuviera mi hermana,
(Que nos la llevó su esposo)
Quiza que huviera reposo
Esta alma mia mal sana.
Fantasia loca i vana!
Que me pasava tan presto
De la mañana al sol puesto,
Del sol puesto a la mañana.

6. No turan las cosas, no!
Llevaron la lejos tierra!
Por el valle i por la sierra
Todo se me escureció,
El corazon me caió,
Soncas, en tal desemparo
Que a pensar ratos me paro
Si soi o si no soi io.

7. Hablar de otro no sabia:
De dos hermanas contava.

Con que sabor escuchava
Quanto de ellas me dizia!
Era como a la porfia!
De ellas siempre ella contando,
Io no sabia escuchando
Si era noche o si era dia.

8. Un dia de estos pasados
Fue grande iunta de hermanos,
Corren todos levianos
Mas con diversos cuidados;
Los mis albogues usados
Llevando, a tañer empiezo;
Uno i otro en gran destuerzo
Corrian como pasmados.

9. Entre otros vino un peraire,
(Que trasquilan las ovejas)
Dijo me: unas malas viejas
Te buscan volando al aire.
Era fecho como flaire,
Mas barvudo; mientras canto,
De mi hablava entretanto;
Mas tomé me lo en donaire.

10. Soncas, si fue asombramiento
De estos cuerpos huidizos?
O me dieron bevedizos
Que ando asi de viento en viento?
Acudió me al pensamiento,
Que en las bodas de Guimar
Quan ledo dije el cantar:
Buelve aca, pastor sin tiento.

11. Pero pues que me acordé
De un tal acontecimiento,
En quanto me envio al viento
Suspiros, descansaré.
Dias ha que no canté,
Con el corazon no puedo.
Estonces cantava ledo:
Ora como cantaré?

Diz outra:

12. Buelve aca, pastor sin tiento,
Buelve, que a peligro vas,
No te engañe el pensamiento,
Cata que te perderás.

13. Porque asi te acucias, di,
Las mentes enajenadas?
Cata que a pocas pasadas
No havrá memoria de ti.
Digo que buelvas atras;
I pero que haias voltado,
Solo en ver ado has llegado,
De pasmo te morirás.

14. Aun estonces io era sano.
Fue (me acuerdo) por el maio:
Luché, corri como un raio,
Ria me bien del verano.
Despues este mal villano
A pocas muerto me tiene,
Bien dizen que se nos viene
El mal de süio a la mano.

15. Mas que hermosa agua correr
Veo de la biva peña!
Como quien con oro sueña
I no lo acaba de crer.
Quiero me un poco tender
En las flores i ierva fresca.
Puede ser que me adormezca
Sentiendo el agua caer.

Sancho busca Alexo que duerme, i no se ven.

Sancho.

16. A la fe, en vano afanaste,
Viejo, a lo que me parece,
Por quanta tierra buscaste!
Quantas vezes me esto he hecho
Sin provecho!
Aqui va, por alli va!
I loqueando un buen trecho,
Otro lo vido aculla.

17. Con el hijo juntamente
Te nace mucha fatiga.
Como topera se obliga
A su trabajo la gente.
Que descansos tras que andamos!
Como erramos!
(Por mí lo digo a lo menos)
Mal con hijos que engendramos
I mas con hijos ajenos.

18. Aconteció suerte estraña,
Diré, por desdicha mia.
Del tiempo a casa fuía
Por el pie de la montaña.
En verdad hize gran prueva,
Ca fue nueva
Cosa lo que digo agora:
Acogiendo me a una cueva,
Senti que ende un niño llora.

19. Ciertamente se le deve
Al ganado amor mui grande
I que el pastor sobre el ande,
Que truene, que llueva o nieve.
Digo os de una cabra, cierto
Que cubierto
Me tenia el niño tierno,
Que aina me huviera muerto
Dando de uno i de otro cuerno.

20. Era envuelto en tales paños,
Tambien el niño era tal
Que harto alli jazian mal.
Pienso que ha diez i nueve años.
Quien del tiempo no se vela,
Como vuela!
Traspone viendo i no viendo;
Dando de azote i de espuela
Fuie desapareciendo.

21. Trajo (Tajo) lo a las mis Tiresas,
(Una madre, otra hija es).
Veis lo que anda en quatro pies,
Veis lo que se ergue a las mesas;
Luego a maiores alcanza
En crianza,
Sesos, salados donaires;
De tanta nuestra esperanza
Que nos dejaron los aires?

22. Mil vezes me santigué,
Comigo hablando de veras,
Diziendo: nunca antre fieras
Tu naciste ado te hallé.
Era pera dar consejo
Zagalejo,

Aiudava a misa al crego,
(Aunque este es el mal mui viejo
Seres con tus hijos ciego.) —

23. Dijo me uno que lo vido
Pera esta parte venir.
Por mi se puede dezir
Perdido tras el perdido.
Pasado de los setenta!
Buena cuenta
Daré de tanto camino.
El mi perro como aventa!
A la fe, tras mi se vino,

24. I tu, hijo, huiendo vas
De mi que buscar devias
Por fieras i peñas frias:
Trocado a todos nos has.
Sigues consejos levianos,
No los sanos
De quien más te ama que padre,
Olvidaste los hermanos
I la vieja de tu madre.

25. Ha me dicho un escolar
Que sabe de encantaciones:
(Anda el siempre por los nones)
Rios siete has de pasar
I nadar por la laguna
A llena luna,
Buscar nueve bivas fuentes
De todo año, i en cada una
Lavar te a cobrar las mentes.

26. Ha i quien tenga tal sospecha,
I quien otras, dicho me han
Muchas i muchas dirán;
Mas sin ti que me aprovecha?
La vejez, por cierto, es cosa
Enojosa,
Niñez sin saber alguno,
Mozedad tan peligrosa
Que de ciento no escapa uno.

27. Este flaco cuerpo cansa.
De deslumbrado no veo,
Mas puede tanto el deseo

Que algo el corazon descansa.
Quiero dar vuelta al lugar
I llamar
Sancho! por do quier que fuere;
Todo lo quiero provar
Antes que me desespère.

La Ninfa de la Fuente.

28. Duerme el hermoso donzel,
No zagal, por cierto no;
Mientras al sueño se dió,
Mi alma dió se le a el.
Va se el sol, ido es con el
Des nuestro dia buen trecho;
De mi no sé que se es hecho:
Será lo que fuere del.

29. Que no los puedo tener,
Los ojos, tal cosa viendo.
Quien tanto aplaze, dormiendo,
Despierto que será de crer?
Quise desaparecer,
No sé quien me buelve aqui.
Ah quan tarde lo entendi
Que peligro es cometer!

30. Enfin mi agua encanté
Que cause su vista sed.
Fue de Amor la su merced,
Como el lo mandó, asi fue.
Mas agora, a la mi fe,
Es la mi cuita mortal;
Pudiera sufrir mi mal,
El suio como podré?

31. Ora mis ojos, dejeis
Pagar a Amor su tributo:
No quede aqui nada enjuto!
Llorad, que ge lo deveis.
Aves, que os ansi sabeis
Pienso que aliviar cantando,
Mientras me voi lamentando,
Ruego os que me aiudeis.

Canta partiendo:

32. Amor, aquel niño ciego,
Es a lo menos cruel;
Si en tal fuente alzó tal fuego,
Quien podrá valer se del?

De las sus mañas i males
Quien salvar se poderia?
Si io, que en mi agua bivia,
Bivo agora en huegos tales?

Amor leviano, Amor ciego,
Hermoso, mas todo un hiel,
Guerra de sangre i de fuego,
Tal es el, tal dizen del.

Alexo despierta:

33. Soncas dormi? que soñava
Que me via por unas breñas,
De toda parte altas peñas,
Io que solo caminava;
I des que en vano provava
Las mis fuerzas una a una,
Quejoso de la fortuna,
A gritos me despertava.

34. Mi fe, sea lo que fuere!
Mal parece i mal será,
El corazon me lo da:
Haga dios lo que quisiere.
Fuertemente me requiere
Partiendo me el mi deseo,
Mal a todas partes veo,
Sufrir me he lo que pudiere.

35. El corazon se me encierra,
Ni recebe ia mas consejos.
Adios, mi tierra i mis viejos!
Gran mal de vos me destierra.
Si moriré en otra tierra,
Aca los huesos me traian.
Que mundos piensas que vaian
Detras de aquella alta sierra?

36. Matar me he la sed de nuevo
(Nunca la tuve qual tengo).
Con que secura a ti vengo,
Fuente que en mi alma llevo!

Si tal ventura me pruevo
Que, pasando por aqui,
Beviese mas ledo en ti
De lo que agora me bevo.

Encantado dize:

37. Valan me santos de dios!
Soncas parece otro mundo;
Hasta de mi no percundo
Si soi uno, o si soi dos.
Pues agora qual de nos
Ha de aceptar el partido?
Io me era el de ser huido,
No de ser fuida vos.

Anton.

38. Suspirado has, compañero?

Juan Pastor.

No sé como no llorava!
Sabes porque suspirava?
Porque aqui cantó Ribero,
Aqui nuestro amo escuchava,
Rodeavan lo pastores,
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca
Que le dió tantos loores,
Quan presto se los apoca!

Anton.

39. Eso falta, Juan Pastor,
Digo porque suspirar?
A que se pueden alzar
Nuestros ojos sin dolor,
I a que se pueden bajar
Adelante o cara atras?
Las tierras niegan los frutos.
Amigo soncas verás?
Seguieron se aires corrutos,
Los hombres cada vez mas.

Juan.

40. Ora quejas a departe,
De aquel amigo tratemos;
Sabes que traido havemos

Sampoñas de estraña parte,
No sé que de ellas queremos.
E dir te he como pasó:
Acertó se que io tañese
Aquel modo, i el cantó,
Rogó me que respondiese.

Anton.

Ia, ia, ia, comienzo io
Como si Ribero fuese.

Canta:

41. Traspuso huiendo mi alegria,
Bien como un breve sueño sin sentido.
El tiempo i la razon piden olvido
I no se parte amor d' esta alma mia.
Zagala, aunque estés toda embevida
En amar un zagal que bien ha luchado,
Pero io que ansi soi desechado,
Tu siempre eres mi muerte, tu la vida.

Juan pastor.

42. Tu siempre eres mi muerte, tu la vida,
Que ansi lo quiso amor i no razon.
Lo que hazer deviera el corazon,
En viendo que te ve, luego se olvida.
Zagala, bien que el tormento se agrave
A tuerto otro zagal viendo delante,
No porque mejor baile o mejor cante,
Tu la mi prision eres, tu la llave.

Anton.

43. Tu la mi prision eres, tu la llave,
Tu la mi tempestad, tu el mi abrigo.
Lo que es mejor viendo, el peor sigo.
Qual es el pecho en que tal erro cabe?
Qual es el animal que a la su muerte
I al su daño no huia al mas correr?
Io corro tras el mio! i puede ser
Desdicha tan estraña i mala suerte?

Juan pastor.

44. Desdicha tan estraña i mala suerte,
A quien te sigue, huies, i siguiendo
A quien te huies, vas; aqui atiendo
No seré en mi mal tan firme i fuerte.

Ansi vaia el carro ante los bueis
I los peces vengan (a) pacer al prado,
A los rios i al mar corra el pescado:
Oido havia amor d' estas tus leis.

Anton.

45. Amor burlando va, muerto me deja,
Tiene de que por cierto; a su merced
Como de señor vine; armó la red,
Puso me en prision dura, ende me aqueja;
Cada ora mas se aleja
De mi, mucho cruel. Quien me desmiente?
Ah que lo saben todos! quien ganó
El precio de la lucha, ese perdió!
Enemigo señor que tal consiente!

Juan Pastor.

46. Enemigo cruel que tal consiente,
Mas antes favorece tal maldad.
Todo se rije por la voluntad;
Si esto alguna ora fue, es lo al presente,
Un pastor inocente
La sampoña tañia en regla estrecha
Del tañer afinado i ansi cantava;
Plugo mas un zagal que ende silvava!
Ved razon entre Amor quanto aprovecha!

Anton.

47. Ved razon entre Amor quanto aprovecha!
Mozuelo antojadizo i voluntario,
Al servidor maior, maior contrario;
Turbado i siempre lleno de sospecha,
Uno porque cohecha?
Otro por atrevido i mal criado,
Otro por no sé que, quien lo adivina?
Quien lo piensa, enloquece i se esmagina.
Sin ventura que hará quien lo ha provado?

Juan pastor.

48. Sin ventura que hará quien lo ha provado
I lo prueva cada ora? Estraña suerte:
Pudo haver quien asi corra a la muerte,
De otro cuidoso, de si descuidado?
Zagala hermosa, pero fementida,
Amor cruel te ha dado
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien el alma llevó, lleve la vida.

Anton.

49. Con el tiempo perdi lo que se deve
Al servir luengo con tan buena fe.
Quien te dirá el porque del sin porque?
Quien terná que no fuia el viento leve?
Hoimas la blanca nieve
Se buelva como pez, que no peleo
Que al medio dia aqui nos anochezca;
Por estraño que sea, no os parezca,
Que quanto no pensava, agora veo.

Juan Pastor.

50. No se me acuerda de mas
Ni de mi ni de Ribero.
Amigo i buen compañero
Quan presto dejado me has!
Bien pensé que mas despacio
Duraria
Nuestra dulce compañia.
Fue la tu muerte el palacio.

Toribio.

51. Como os vi venir entramos,
Seguido os he de un buen cacho.
Dejé me el hato al muchachô
En son que iva a ver los amos.
Luego entre mi lo pensé:
Estos que van
Solos, quiza cantarán,
Oh si tal fuese! i tal fue!

Anton.

52. Toribio, vengas en paz,
Todo bien de aquestos hatos;
Llega te, hayamos solaz
(Que acontece pocos ratos)
I como a quien se le entiende,
Te pergunto:
Como pareció te a punto
Nuestra musica por ende?

Toribio.

53. Amigo, io fui a la villa
(Que es menester mas palabras),
Dieron me una escudilla
De unos como pies de cabras.

Luego no pude comel-los,
Mas despues
Comi uno, i dos, i tres,
Comi las manos tras ellos.

Anton.

54. A todo se va por pruevas
Quien sabe bien lo que escoje;
Aplazen las cosas nuevas,
O que ansi sea, o se antoje.

Toribio.

Verdad es, pero concluio
Que no luego;
Primero se asopla el fuego,
Despues el arde de suio.

Anton.

55. Lo que de mas gana havemos,
Si tu Toribio mandases,
Pues nós ia cantado havemos,
Tu tambien que nos cantases.
No estemos en mas debates;
Sé del todo
Que cantas en qualquier modo:
A deseos no nos mates.

Toribio.

56. No lo digo porque quiera
Mas palabras ni mas ruegos,
Mas porque en toda manera
Io me veo entre dos fuegos.
No cantar crianza es mala,
I cantar mal
El se lo dize que es mal!
Vuestra mesura me vala.

Canta:

57. Del mi tormento vencido,
Lo que sé, lo que no sé,
Quanto mandardes, diré.

58. Mas mirá que, si dijese
Lo que io nunca pensara,
Que esta crueldad es clara;
No pensé que en vos la huviese.

Quereis saber lo que fuese:
D' esta manera, a la fe,
Sabreis lo que nunca fue.

59. En pena que tanto obliga
Que no me deja ni avaga;
Haré, que mandais que haga,
Diré, que mandais que diga.
Lo que seguieré, se siga;
Que en tal tormento, a la fe,
Lo que haga o diga no sé.

Anton.

60. No te quiero dar loores,
Amigo, ni dizir mas
Si no que con tus amores
De amores muerto me has.
Hablo ansi como lo entiendo,
Hable el Maestro!

Juan Pastor.

Si callando no lo muestro,
Menos mostraré diziendo.

Anton.

61. Pues io, quanto a mi, de presto
Ge lo digo ansi delante,
Que he de ser villano en esto
Porfiando que mas cante;
Aiuda me ora a rogal-lo,
Juan, te ruego;
Quando no bastar el ruego,
Aiuda me ora a forzal-lo.

Juan Pastor.

62. De los sus cantares buenos,
A quanto por prueva veo,
Viene a ser la culpa menos
Que nos causa este deseo.

Toribio.

Fuerza es esta, a la fe mia,
Soi tomado;
Bastara vuestro mandado,
Cumpra se vuestra porfia.

Canta:

63. Mientras io tanto a los ojos
Todo me obligo engañado,
Ved Amor qual me ha parado!

64. En la verdad, que soi muerto
Ni pensé que era el mal tanto;
Han me traido en concierto,
Soltó se todo en mas llanto.
Descuidé me i, entretanto
Que Amor me vió descuidado,
Vió tiempo i tuvo cuidado.

65. Trastornaron me mi pecho
Sin dejar cosa en su ser;
Es suio, pueden lo hazer,
Mas gran crueldad han hecho.
Cruelmente lo han pensado;
Io a tal lide que aprovecho?
Que mejor fuera acabado.

Juan Pastor.

66. Si a las tales mañas buenas
Se diesen nuestros pastores,
No se irian los loores
Todos a tierras ajenas;
Mas pero que el cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiembla en el invierno.

Anton.

67. Bolvamos a los cantares
Dejando ora esas semejas;
No son razones parejas
En contrarios paladares.
Algun cantar estranjero
Le cantemos,
Lo uno es que pagaremos,
Otro será sin dinero.

Juan Pastor.

68. La te entiendo! Por estrañas
Majadas pasé los puertos;
Por caminos encubiertos
Busqué las altas montañas;

Vine a una grande aiunta
De sampoñas,
Que por aquello en que soñas,
La lengua siempre pergunta.

69. Tambien ende un viejo cano
Vino, corremos a ver,
Tomó una sampoña en mano,
Provó, bolvió la a poner.
Todos, sobre todos io,
Le pedimos
Que cantase, enfin vencimos,
I el buen viejo ansi cantó:

Canta el Viejo:

70. Mantien se de los tristes corazones,
En nuestros ojos beve como en fuentes
Amor; i son le mui suaves sones
Altos suspiros de los inocentes,
Tan mal tratados en sus prisiones.
Quejando van se del todas las gentes.
Miedos, celos i quejas, de esto os da!
Lo que no tiene Amor, como os dará?

71. No veis qual va desnudo? i que no lleva
Con que haga si mal no, bien, no, ninguno?
El arco i las saetas con que os prueva,
Antojadizo, leviano, importuno?
Unos a otros os is dando la nueva
Gritando, sin quedar en salvo alguno!
Locos, que os diré mas? locos perdidos,
Ojos si no teneis, tened oidos.

72. No os engañen sus espantos vanos,
Vientos i fumos que luego esvanece.
A tanto que con el sois a las manos,
Huie a desora i en ligereza crece.
Engaño i mal comun de los humanos
Que los sentidos todos enloquece.
Quereis su gloria ver maravillosa?
Abrid los ojos bien! no vereis cosa.

73. E tu, que enfingimiento es este tuio
Niño, vergüenza nuestra atado, i ciego?
Huies si voi a ti? sigues si te huio?
Vencedor i vencido luego i luego?

Pobrisimo no tien nada de suio!
Que hará si no como haze? entrar se a ruego?
Niebla que un viento abaja, otro allevanta,
Niño que como si niños espanta.

74. Cantado que el buen viejo huvo,
Toda aquella nuestra gente
Como personaje estuvo,
Io tambien por conseguiente.
Mas no es bien que esto ansi pase;
(Todos ia cantado havemos)
Si Anton sin cantar quedase,
A fe, que nos quejaremos.

Anton.

75. Haveis tan criados sido,
Uno i luego otro despues,
Que, aunque haia de quedar corrido,
Sea, antes que descortes.
Empero que os cantaran
Mis albogues i rabé?
Enfin, d' estos chistes que
Por nuestras majadas van.

Canta:

76. Quando a Gil tu alabas, Clara,
Que por luchar se desnuda,
La triste de la mi cara
Quantas de colores muda.

77. Es pintada su figura
Al pinzel, pieza por pieza,
Todo gracia i hermosura
De los pies a la cabeza.
El alma me desampara,
Ansando el pecho amenuda,
Todo mi pasion declara,
Sola la mi lengua es muda.

78. Los sus cabellos son de oro,
El su despartir suave,
Las fuerzas como de un toro,
La ligereza de una ave.
Ve se de presto en tu cara,
Si la suerte no lo aiuda;
Luego tu pasion despara
I al gesto sale desnuda.

79. De amigos i de enemigos
Los mis vascos i los huegos
Serán mui claros testigos,
Que los ven hasta los ciegos.
El solo nombre de *Clara*
Se quedó que no se muda,
Ora contra ti tan clara,
Ora contra mi tan cruda.

80. Entre dos males tamaños
Que no sé d' ellos qual venza,
Grande afrenta de mis daños,
Grande de la mi vergüenza,
Si de todo me pasmara
(Que era de pasmar sin duda),
Mal fuera que me aiudara,
Mas todo me desaiuda.

Pelaio.

81. Qual pensais, digo, que vengo?
Mi fe, espantado, i no poco
De un zagal; quanto a mi tengo
Por lo que oí que anda loco.
Mas porque son mui diversos
Los modos que se enloquece,
Este, a quanto me parece,
Anda componiendo versos.

Juan Pastor.

82. Da lo por mal remediado;
Que antes, si esa es su dolencia,
Morder se ha como arrabiado
Sin punto de paciencia.
Si tiemblas o arden sin medio
Destempladas las tus venas,
Pera todo ha i cosas buenas,
No tiene ese mal remedio.

Pelaio.

83. Veis lo que anda zahareño!
Ora aca, ora alla mira.
En espacio tan pequeño
Quantas vezes que suspira!

Alexo.

A todas partes, pensando
Ver te, miro i no te veo;
Si no muere este deseo,
Morir me he io deseando.

Toribio.

84. En ora mala ella sea!
Este es Alexo, el de Sancho.
No havia de luengo en ancho
Tal mozo en toda el aldea.

Alexo.

El mi corazon mal sano
Fue se me, no sé tras quien;
Lo mismo buscan tambien
Mis locos ojos en vano.

Juan Pastor.

85. Mozo para dar consejo,
No fies en tal (cordura) locura.
Mas asiento haze cordura
En la cabeza del viejo.

Alexo.

Mal haia un mal tan estraño!
Ver os pienso i nunca os veo.
Quanto que devo al deseo
I quan poco al desengaño!

Juan Pastor.

86. Si se juzga por palavras,
Io diria del mozuelo
Que el nada en amor sin suelo,
Ni el guarda aqui otras cabras.

Alexo.

Aquel gran golpe por medio
Que este mi pecho me abrió,
No me dió solo un remedio
A quantos males me dió.

Anton.

87. Pido perdon si le toco
A alguno que aqui estuviese,
Mas nunca conoci loco
Que enamorado no fuese.

Juan Pastor.

Era enemigo mortal
El que por amor se nombra;
No lo deja a sol ni a sombra,
Haze, como suele, mal.

Alexo.

88. Aunque nunca fueron buenos
Estos mis ojos sandios,
Otros eran quando mios,
Otros quando son agenos.

Juan Pastor.

Del dolor ha i obras feas
I que vienen por maldades,
Descubren se las verdades
Toda via en las peleas.

Alexo.

89. Remedios no se convienen
A tan vanos pensamientos;
Unos se van con los vientos,
Otros con ellos se vienen.

Pelaio.

Que havemos mas de esperar?
No lo veis tan sin sosiego?
Vamos a llamar el crego
Que lo venga a esconjurar.

Alexo.

90. Este mi mal tan estraño,
Si os viese, aunque maior,
El no seria dolor
Por mucho que fuese el daño.

Anton.

Ca é, a la mi fe, gran fiesta;
Voi me a aquella agua, mi hermano.

Juan Pastor.

Como correis tan leviano!
Parece que es sobre apuesta.

Pelaio.

91. Corriendo al agua van se.
No veis la prisa que llevan?
Miedo he toda me la bevan
Segun la acucia que dan se.

Toribio.

Lejos que esta fuente está,
Mucho me aqueja la sed.
Si no la mato, sabed
Que ella a mi me matará.

92. No ha i cierto paciente
En las cosas deseadas!
No veis las bocas entradas
En el agua hasta la frente?

Dizem encantados:

Anton.

93. Viste jurar Violante,
Viste que fue por demas.
Como quies triste que cante?
Ah rios, corred atras!
Montes, pasad adelante!

Pelaio.

94. Por estos buenos abrigos
Ah que zagala Clarenza!
Sean los ojos testigos!
Biva Amor, reine i venza,
Mueran los sus enemigos!

Toribio.

95. El monte arde al darredor!
Tira Amor tiros a pares;
Piedad! oh piedad, señor,
Quando mas crueldad pensares,
Niembre te, que eres Amor!

Juan Pastor.

96. Mal de que ninguno sana,
Ceguedad que nos destruie;
Vemos que es incierta i vana,
Vemos que la vida fuie,
Andamos de hoi en mañana!

103. Dedicatoria. 2—3 Como dizem os cantares Velhos, por bosques sombrios. — 4—5 *Como* A. — 7 *Parece dizer* veja *em lugar de* reja. — 10 Aquilo que me sobeja. — 11—13 Em quanto um dorme, outro caça, Outro joga, outro trasfega, Outro está ás moscas na praça. — 14—16 *Como* A. — 18—20 *Como* A. — 21—22 Gram sinal é de saude Têr tudo de parte posto. — 23 *Como*

AB. — 24 *Como* AB. — 26 Sabeis sem venda nem troca. — 27—30 *Como* A. — 31—40 *Como* A. *Em lugar de:* Não olha *ambos os textos* (J *e* A) *dizem:* Nunca olha. J *acrescenta a mesma estrophe de* AB (*igual á lição de* A); *diz porem em lugar de:* Que a c. u. s. g. m. Que cada um seu gosto manda; *em lugar de:* Estêm a parte: A departe estêm; *e em lugar de:* Ouví os vossos pastores *diz:* Vos, ouví vossos pastores.

Rubrica da Egloga: Basto Representador. Bieito, Gil. — 1 Como come, corre e atura. (?) — 3 *Como* A. — 5 *Como* ABF. — 6—8 Sô vai afouto e seguro; Cos medos se desafia Polos cercados de muro. — 13 mil manhas. — 19 *Como* A. — 20 Está se rindo entre si. — 21 *Como* B. — 23—24 Dei me hoje c'um mao lobaz, Forão se os meus cãis tras ele. — 25 *Como* AB. — 26 *Como* BF. — 29 Pera que é mais? fui me em soma. — 30 *Como* A. — 32 Cada dia e cada ora. — 33 *Como* AB. — 34—35 Vem tudo os que estão de fora, Mas o conselho aborrece. — 37 Paio desafia mil. — 38 *Como* A. — 39—40 Traz fuão graças na boca, Chia e fala o arrabil. — 42 quem é. — 46 torcicolo. — 47 *e* 50 *Como* AB. — 52 Braz e o s. g. m. p. — 54—55 Ora covão, ora nassa, Polo quente e pollo frio. — 56—57 D' outro a esposa se chama Sem ventura, fresca e nova. — 60 á cova. — 61 *Como* AB. — 62 Que não se emenda ninguem. — 65 nossas razõis frias. — 68—70 Ora um, ora outro alvoroço; Por derradeiro ó pescoço Co fardel ca se acolhera. — 71—75 Des i co seu fato andando, Se la fora estava mal, Foi vendo, foi apalpando Entre nos que era outro tal: Então fesse (*Leia-se:* Foi se) noutro bando. — 77—80 Sempre ha de que ir achacado; Houve inda a dar outro voo E quis antes andar soo Que não mal acompanhado. — 82 vendo tal mania. — 83 *Como* ABF. — 86—90 Não ha i quem não defenda Seu parecer dos alheos: Antes mais quedas que emenda. Foi chãmente esta contenda Sem meter verbas nos meos. — 91—93 Que é isto, Gil, que tam triste Andas des que entrou abril? Não sei que viste ou ouviste. — 95—100 Não sei onde te sumiste? Que é d'aquele meu amigo Claro, de bofes lavados Como os do bom tempo antigo, Que soo falava comigo, Eu com ele os meus cuidados? — 101—110 Tantos parceiros deixaste, Não sei por que nem que não! Co teu gado te apartaste! Se o conselho não foi são, Contigo te aconselhaste. Vem, ouve se te apraz: Não é sempre homem desposto, Ora se ergue, ora jaz, Nunca tem cos tempos

paz, Nunca co seu mesmo gosto. — 113 *Como* A. — 115 *Como* A. — 116—120 Sabe se ao longe e ao perto, Gil, d'esta mudança tua; Julga se por desacerto, E assi parece por certo. Sempre a verdade foi crua. — 123 Na graça e teu bom ensino. — 124 *Como* A. — 126 Ora bem. — 128 Cos iguais, cos não iguais. — 129 *Como* A. — 130 Deste em que falar a todos. — 131 *Como* A. — 142 Assi se passa este vao. — 144 *Como* A. — 145 Sofre o que sofre o sesudo. — 149 Se este ano não foi bem d'anhos. — 151—160 Venhas, Bieito, a boa ora; Do meu erro me conheço, Bem vejo o que melhor fora, Mas se o não fiz no começo, Inda pode ser agora. Apertou comigo muito Ũa mâ paixão malsim De que sempre saiu mao fruito. Vou e cada passo escuito Se ainda ca vem apos mim. — 161—180 *Faltam.* — 185 Andamos de queda em queda. — 186—190 Nós a fazer novas contas, Meninos, moços e velhos. Eu vou te a mão, tu me apontas; A vida chea de afrontas Vai se nos todo em conselhos. — 190—191 *Intercala:* É uma velha doença Que cada um traz de seu dono. Tudo é feito em diferença: No por que este perde o sono, Faz outro pouca detença. Eu pareço doudo áquele, Ele parece mo a mim, Um a outro corte a pele. Diz de mim, eu digo d'ele: Somo-lo todos em fim! — 201 *Como em* AB *é Bieito quem continua.* — 211 quem mal empiora. — 217 É mao trato. — 221 *É Gil quem continua, como em* AB. — 229 Este volte. — 232 *Como* A. — 233 *Como* A. — 234—238 Ja melhor ouvi e vi, Ja as forças não são tam prontas. Não ves como o tempo foge? Tudo entre tanto se troca; Não queres que homem se anoje? — 240 Nũa fonte em que puz boca? — 241—242 *Como* A. — 243 Quando me eu i vi de fronte. — 247 Que me ali morto trouvera. — 249 Que antes que tornasse em mim. — 250 *Como* B. — 241—250 *Falta em* J. — 252—253 Deixa te d'esses entejos E não pendas tanto a banda. — 254 *Como* AB. — 255 Vai te por onde o carro anda. — 256 Não dés a todos de peitos. — 258 Que por isso até nos geitos. — 263—264 O miolo lhe envolveu; Um sômente em si ficou. — 265 *Como* A. — 266—269 Fora meter agua ao prado Que lha tornavão cada ora. Viu o ceo todo torvado, Acolheu se ao povoado, Sarrou a porta ós de fora. — 276 *Como* B. — 278 e assi se vai. — 286 Todos juntos la corrérão. — 288 *Como* B. — 290 Eis que vão. — 291 me acolhera. — 292—295 E estaá (*Leia-se:* A esta) vida pastoril; Corrido á vara viera; Morreu me o coração

vil, Eu cuidei que me valera. — 296 *Como* AB. — 297 De andar apos as ovelhas. — 299—300 *Mas ca e la fadas ha,* Bem cho dissérão as velhas. — 301 *Como* A. — 302—303 Os prazeres e os pesares, Tudo seus avessos tem. — 306—308 Inda ás vezes assentamos Nũa cousa que a sabemos E á cabra cega jugamos. — 311 *Como* BF. — 312—313 Que os hajas mester, ou sono, Ou al, razões não falecem. — 316—317 Tudo o mao demo lhes deu, Que seja justiça ou não. — 326—327 Inda que o engano é em grosso, Ja fora siso calar. — 333—339 Nunca fui bom ministrel; Não som d'ums crestacolmeas Que trazem nos beiços mel. Falo no que me acontece, Caiu me em meu quinhão Ũa arte que muito empece, Que senhor não reconhece. — 341 *Como* A. — 345 *Como* B. — 346—347 Fui me então meu quedo e quedo Saindo, e fará algum dia. — 351 *Como* A. — 352 Teu amigo o do Torrão. — 355—356 Como a quem as sortes lança. E lembra me mui bem tudo. — 361—363 Seja (disse ele) embora, Mas eu assi co meu gado Faço mil contas cada ora. — 365 *Como* AB. — 366 *Como* B. — 371—372 Assi [disse] aquele amigo; Agora eu, Gil, hei te medo. — 375 O amigo e o imigo. — 376 tanto ao fundo. — 377 muito entendas. — 378 Não es primeiro ou segundo. — 379—380 *Como* A. — 385—389 Que é ũa mâ conselheira; Nunca lhe falece dor, Sempre vai se atendo ó mal E do mal inda ó pior, Mas se a sorte igual não for. — 393—394 *Como* A. — 395 O mais debate é sobejo. — 398—399 Quem dirá qual de nos erra. Pera que é sobre isto guerra? — 401—410 Não digo porem que faças Quanto te pede o apetito, Que não entro nessas graças; Não me vas mudando o fito, Por andaremos ás chaças (?) — Que eu não falo no desejo Que tem o que em cama jaz, Perigoso em tal ensejo, Mas no que enxergo e vejo Que mal consigo não traz. — 411 Por ventura a verdade era. — 413—417 Como a formiga fizera. Não vai mal quem vai contente. Quem assim ora ir pudera! Todavia aqui não minto, A outrem não lisonjeo. — 419 Ora que erro é, meu distinto. — 422 armar e esconder. — 423 Contão de sim maravilhas. — 425—430 E apertão muito das cilhas. Em fim querem que homem crea, Que fique inda á boca aberta! Eu não, de que se arrecea Quem tem clara a prova e chea Que haja sobre isso referta. — 443 Terras e vinhas de renda. — 444 enfeixados. — 447 e que aferre á honra. — 448 Não basta: bons donos tive. — 456—458

Andão as pombas em bandas, Voão os grous postos em hazes, As andorinhas tam brandas. — 459 *Como* A. — 460 e pazes. — 461—510 *Em lugar d'estas* 5 *estrophes,* J *apresenta uma unica que diz:* Como no mundo apontamos, Que ás mãis na terra caimos, Nosso mal adivinhamos, Chorando ajuda pedimos. Nós sôs pera que prestamos? Então ver a fantesia D'estes doudinhos zagais, Quanto cada um em si cria! E emfim não ha companhia Se não a dos seus iguais. — 511—520 Um bacorote honradiço Foi ver o seu gado ovelhum; Pô-lo todo a seu serviço, Afocinhava cada um, Que espantá-lo era o seu viço. — Vem um dia o lobo e apanha Vosso bacoro d'antre eles; Abrandou lhe aquela sanha; Do gado a pressa é tamanha Que o demo vai apos eles. — 523 *Como* B. — 525 a boa cea. — 526—528 Solto ele, acertou de ver Os seus que se vão salvando Quem se mais pode acolher. — 529 diz, mandado ser. — 530—531 *É aqui que* J *intercala as estrophes que no nosso texto são a* 50ª *e* 51ª. — 496 caminhantes. — 497—500 (Se bom rosto não engana) Mas vi la tantos galantes, Se viera ufano antes, Não tornei tal á cabana. — 501 *Como* A. — 503 Nunca o tam castiço vi. — 304 *Como* AB. — 505 Não sei como não morri. — 507—508 *Como* A. — 509—510 Assi passei encuberto, Nunca mais me acolhem la! — 531 Falaste nos animais. — 537 Hão se mais que liõis bravos. — 538 Se escapais que vos não matão, Tomão vos por seus escravos. — 541—550 e rejão Cada ora as aguas tingidas Do seu sangue, se pelejão, Nos montes forcas erguidas Onde ós corvos manjar sejão. Era de todos a terra; Temo-la assi demarcada Por força e por cruel guerra: Um possue de serra a serra, Outro dous tojais ou nada. — 551—560 Ves vir decendo em batalhas, Quando se ũa gralha queixa, Quantas ouvem, tantas gralhas Lhe acodem. Na tua reixa, Quem dá por ti duas palhas? Nunca ora vi um rifão Mais corrente e praticado Dos que vêm e dos que vão Que darem todos de mão (Dizem) ao carro entornado. — 561—570 Vou falando geralmente. Ves tu tanto servidor E cadum tam diligente Como estancar o favor, Alhe (?) d'estancar a gente. Para onde corre a ventura, La vão todos de giolhos; Um se atravessa, outro fura; E quanto o condão lhes dura, Tanto durão os seus olhos. — 570—571 J *intercala a mesma estrophe que* AB. *Diz porem em lugar de:* „Eis que cuidei e cuidei. Disse comigo: ora sus.“ — A la fe des que cansei, Contra mim disse: ora sus!, *em lugar de:* „erros paguei“ bem os pa-

guei *e em lugar das ultimas* 5 *linhas:* A's vezes toma o perigo Quando homem cuida que escolhe; E crê me ora o que te digo. Se não som mais longe, amigo, Este meu gado mo tolhe. — 571 *Como* AB. — 573 *Como* A. — 575 Não sei que é, mas ca chorecem. — 579 *Como* A. — 580 Posso alçar a voz em grito. — 582 Oução me as aves. — 586 E ó rumor d'agua que cai. — 589 *Como* A. — 590 Eles que sempre estão quedos. — 591—593 Ves esta minha cabana? Como o tempo vira, assi A viro eu. — 594 *Como* AB. — 595 Chamando ũa a outra mana. — 596 *Como* AB. — 598 *Como* B. — 599 Cos. — 600 *Como* A. — 600—601 J *intercala aqui a estrophe que* A *mete entre* 620 *e* 621, B *entre* 630 *e* 631. *A linha* 4 *diz:* É havido sem engano. 5 Não trago quem me haja enveja. 6 *Como* A. 9 *Como* B. 10 *Como* A. — 600—620 *Faltam.* — 621—625 dizia Lourenço; Sabes o que nos mal trata E que a tudo nos faz renço? Apetito que nos mata! Com quequer a fome venço. — 626 *Como* AB. — 628 Dos filhos cuidados teve. — 631—640 *Falta.* — 641—642 Um prado d'erva abundante Pacia, diz, que um veado. — 643 *Como* B. — 644 Quis comer, vinha cansado. — 645 estoutro diante. — 648—650 Era um: quero e posso me eu! Tanto ha que este meu e teu Nos fez como sabes tais. — 652 livre e forro. — 654 *Como* AB. — 656—660 É assaz justa a querela; Tam justo fora o receo De tomar no lombo a sela E subir o homem nela, Receber na boca o freo. — 661—662 O veado quando os viu, Conheceu logo o perigo. — 664 *Como* AB. — 667 Corre ca e la ufano. — 669 Fica. — 670 o outro dano. — 670—671 J *intercala a mesma estrophe como* AB. *Diz porem nas linhas* 3—10 Que por ninhũa riqueza Troca a rica liberdade, E mais quem quer a si preza. D'este a quem inveja toca Por lhe ver mangas mais largas, Não lhe haja inveja á tal troca! Que terá chagas na boca, Terá sangue nas ilhargas. *E continua com as linhas* 631—640 *do nosso texto, mudando os versos* 8—10 *d'esta estrophe em:* Em vendo este covil: Por aqui ja cantou Gil Sem têr queixa de ninguem. — 671—675 Tu olhas o sol como anda! Folga por hoje e repousa. Deixaremos a demanda. Farei prestes qualquer cousa Com que seja a cea branda. — 678 De dinheiradas tam caras. — 679 *Como* A. — 682 *Como* AB. — 687—688 Faças bom, faças mao rosto O's alheos pareceres. — 690 I não ha vida nem gosto. — 691—694 A graça da mocidade, Que entra com nosco e nos furta. A nossa propria vontade, O proprio juizo

encurta. — 696—697 Suspiraste! a bem virás. Nós nos veremos despois. — 698—699 Gil. Ora tu, Bieito, que has? Que tanta pressa te das. — 700 Bieito. Vou me que tardo ós meus bois. — 701—710 Basto Representador. Contou se isto polas festas. E que meninos pastores! Ei-los todos em requestas Quais razõis erão melhores, Olhada ũa e ũa d'estas. Ao que um diz, outro é contrario. Porem, suas contas feitas, Ficou como por sumario: Gil foi pastor voluntario, Homem Bieito á direitas.

Esta Egloga deve encontrar-se, segundo todas as apparencias, nas Satyras, *como parece resultar* 1º) *das palavras de Innocencio da Silva:* „Segue-se (ás Cartas) a ecloga dedicada a Nuno Alvares Pereira: Polas ribeiras de um rios" (Dicc. Bibl. III p. 55); 2º) *do testemunho do Sr. Visconde de Juromenha:* „Segue-se a Egloga: Pelas ribeiras de huns rios"; 3º) *das citações de Bluteau, tiradas d'uma Egl. que elle chama Egl. I e tambem Egl. a Nunalvares Pereira. Como não vimos exemplar impresso das Satyras e não temos copia manuscripta completa da lição d'este rarissimo volume, não pudemos collecciaos Variantes, mas sabemos do pouco que Bluteau extractou, que as ha, ainda que a lição das Satyras se approxime muito da de* B.

110. 3 ao cego engano. — 4 Da feição que nos temos desigual. — 5 A's couşas todas suas achão sal. — 7 sôs. — 8 Sertorio, assi Felipe, assi Anibal. — 9 com meus papeis. — 11 *Como* A. — 11 Como quem pelejou muito, irá são? — 13 leitores.

111. Dedicatoria. 1 *Como* B. — 2 *Como* B. — 4 *Como* B. — 5 Dió vos Neptuno el mar, dió vos Eolo. — 7—13 Por la grande osadia De vuestra osada gente, Que por la zona ardiente Pasó sin miedo tanta fortuna i tanta Por vos servir, de mas iendo en tan santa Empresa por bondad propria i de abuelos, Que los miedos espanta. — 17 mas que por virtud suia *(Err. Risque-se o:* por?). — 18 Ata sus llagas, ata pensamientos, Temiendo se de vuestra armada mano. — 24—25 Vuestra, al comun plazer no falte alguno, Vengan a vos servir por si cada uno. — 27—28 A musas importuno, Pidiendo algun favor con que a vos vaia. — 30 Por esa tanto real mansedumbre. — 31 mas hecho osado. — 32—34 Quiza que abalaré hazia la cumbre Del gran Parnaso, por malos oidos I agenos tiempos ia quasi olvidado. — 35 *Como* A. — 38—39 nos dejó su ejemplo escusa De iremos como atinando a la su musa. — 41. Vaiamos por do se usa.

Fabula. 1—14 Sale el Mondego de luenga estrechura; Parece por sus campos que descansa, Bien como otro Meandro en vueltas iendo, Aquella suave agua clara i mansa, De arena blanca orlada i de verdura. Como que a su ciudad muestra va haziendo, Do cantando i tañiendo Las buenas nueve hermanas, Del favor vuestro ufanas, Se mueven acordadas por las manos, Saliendo del ñublado a aires mas sanos, Cantan el vuestro nombre que pornan Entre los soberanos Reis que sempre por fama biviran. — 15 Ora ribera del gracioso rio. — 17 Huvo un zagal de grande nacimiento — 19 *Como* B. — 20 de un heradamiento (*Leia-se:* heredamiento). — 22—26 Grande de cuerpo i tal Que, a ser por principal Juzgado, cosa alguna no faltava. La fama antiga mas aun lo arraiava De sangre de Gedeon que a tantas lides etc. — 29—30 Cuia venida donde aquella agua topa En Coimbra cibdad por tal memoria. — 32 Que en estos tiempos se cuenta por gloria. — 33 la Europa. — 35—36 Tras estas multiplica Aun otra i otra señal. — 38 Mil grutas, mil edificios romanos. — 43—44 Mas sobre todo nos la enriqueció De aquella terra mia el gran tesoro. — 46 en una lid. — 47 aquel rei de reis. — 48 Enclavado i tendido en el madero. — 52—53 Real se vean pinturas divinas De reis que la fe suia ensanchan dinas. — 57—63 Demos vuelta al Mondego que en tal parte Qual dixe a plazer va, que no se siente, Como un otro Meandro en sus rodeos. Ha i cabe el un bosquete, ha i una fuente Rica de natural i pobre de arte, Deporte de una ninfa sin arreos Que aciende altos deseos. — 64 *Falta.* — 66—67 Como que refrescava el aire ameno, Ella cantava con gesto sereno. — 69 era el bosque. — 71 do se recogiera. — 72 La ninfa divinissima. — 74 Quasi a cierta medida i cuento cierto. — 76. vedado. — 80 a mejor sazon. — 82 i a ganado. — 83 Que blandamente se iva. — 85 Nieve la ninfa, el vestido era nieve. — 90 se ve i no ve. — 91 Un hombre mortal. — 99 Ora ella canta aquel cuento famoso. — 100 De la su blanca Diana. — 103—109 Un breve espacio para algun resposo; Cuitada i sin aiuda de persona! Huvieron la corona De barbaros villanos Los de Licia aldeanos, Ranas agora ab(?) viles que han tal hecho, Turbar el agua etc. — 111 Los sus hijos al pecho. — 114 buscar sosiego. — 115 Venia; — 116—119 Triste, adonde te vas? Todo ende es huego! El bosque, el rio, aquella fuente fria. Ai buelve triste! buelve atras cuitado. Con todo alla llevado. — 123 *Como* A. —

127—128 Ella como sintió de ojos mortales Su belleza inmortal ser ofendida. — 130 *Como* AB. — 131 todo-los señales. — 132 idos. — 135 Con la gran cuita ardiendo. — 136 i alla. — 140 Sin mover ojos mira a la laguna. — 143 a la caza. — 146 como es. — 152 Veamos lo que puedes. Muerto está. — 154 *Como* A. — 156 Aca los ojos buelve i alla pasmado. — 158 un desatinado. — 160 Con pasos desiguales cansa en vano. — 162 Como ansi en poco trecho. — 166 en esta cuita suia. — 169 Diziendo. — 173—274 La tanta claridad escurecer Quien pudo? ah mi gran cuita i desconsuelo! — 178 De las aguas buscar todas adentro? — 180—81 Que vaia siempre i Nunca buelva atras? Por fuerte o duro encuentro. — 183 ojos cansados. — 184 Son ora bajo, ora mas alto el rio. — 185 *Como* A. — 187 Las roñas que ansi apocan los ganados. — 190 A los santos sudores. — 193 I ielos. — 194 aires corrutos. — 196 (De) tiempos ora lluviosos, ora enxutos *(tem una sillaba a mais)*. — 198—202 Oro, plata i las piedras preciosas, Parece que el juizio nos engaña; Son ellas en las sus muestras vistosas, Mas a nosotros en que les conviene? De cada una se cuenta una patraña. — 205—210 Quanta estrella aparece Por todo el cielo que la noche os muestra, Estan tan lejos; no tienen de nuestra Hechura nada, que esta en si tenia. Ah mi suerte siniestra! Que no sé lo que vi quando la via. — 211—212 Tras ella se fue todo. Ah que vil cosa Me soi a mi mismo io, que en igualdad. — 218—221 Quien tal huego metió dentro en mi seno? A dios mi tiempo bueno, Los montes i riberas, Por onde las tierras (*Leia-se* tras las fieras), Tras las aves corria libre i ledo, En maiores peligros, mas sin miedo. — 223—224 Agora apenas puedo Este mi cuerpo cansado traer. — 227—228 Unos i otros cansacios sin provecho, Estos idos, los otros que venian. — 235—238 Eis que vence un cudado, Eis que vence otro; i el triste hecho pedazos Con la muerte lidiando siempre a brazos, No viendo lo que deje o lo que siga, En tantos embarazos Rende se a la fortuna, su enemiga. — 239—244 Siquier por vano alivio de su mal Un dia vino alli con su zampoña, Con que otro tiempo el agua detenia Que iva corriendo; i como hombre que soña, Cuitado, sin acuerdo, i desigual Comenzava a tañer, no porseguia. — 250 acuden diversos Casos al pensamiento. — 253 al. — 254—256 Euridice, del aspe ponzoñoso Mordida cae; tan estraño acierto A sus iguales, mas al desdichoso. — 263 *Como* A. — 272 Partirdes me lo asi. —

275 Tan fiero caso i crudo. — 276 No digo nada ni sea nada el daño. — 278 No sé bien que esperando me consuela. — 279 vos. — 264 que en alborando me anochece. — 286 No sé si me la vi; fue me robada. — 288 *Como* AB. — 290 *Como* A. — 291—294 Mieses, de un mal turbion o de arte maga Tollidas, en ver tal, la vista ciega, Mira mi cruel llaga Que os la muestra e Amor i por mi ruega. — 300 trae piedad. — 301—302 I si tal crueldad En las tinieblas se usa. — 304 Que no me valgan lagrimas ni ruegos, Sombras que esvaneceis en aires ciegos. — 306—308 la mejor parte huvistes En los escuros fuegos, Porque una no quereis si otra quisistes? — 311 este escuro. — 313—316 Si ojos aca teneis, si corazon, No sé, voi perguntando en tierra ajena. Alla toda ella es llena Del como, donde i cuando. — 317—319 Su madre aca bajó, i satisfecha Tornara en parte. Ora d'esta ansia estrecha, Siquiera respirar pudiese ansi. — 320 Ni mal (*Leia-se:* Mi mal). — 321 Del bien lo mismo os cuesta el no que el si. — 324—332 De la vihuela blanda i voz divina Que de su mano Amor blando acordara, Todo enternece por donde camina. Bajaron sus guedejas espantosas Las tres bravas hermanas; esperara Caron con blanda cara, I su barca segura; De fera acatadura Por tres bocas ladrando el can Cerbero. — 335—336 De que es duro portero. Por no usada piedad al viento abierta. — 337—342 Huvo asosiego aquella brava rueda Del atrevido Ixion, i las hermanas Conjuradas ninguna acudió Al su trabajo vano; las manzanas De Tantalo no fuien; estuvo queda El agua fuidiza i no fuió. — 346 lloró sus males. — 350 Atras no mire etc. — 351 i todo lo espera. — 354—361 Ora quien antes tanto espanto i miedo, Tantos trabajos por Amor venciera, Burló Amor: no se fie nadie del! Voltó se a ella, i aquel Escuro aire abrazando, La sigue i va gritando. Por demas! que esvanece. Amor ingrato Juega sus juegos etc. — 362 no lei tan firmada. — 366—369 (Que eran de diamante) luengamente Maldijo los fosados i altos muros, Arrojó la sampoña impaciente, A todos los llamó sombras inciertas, Los dioses vanos, sus reinos escuros. — 371—372 En tal tierra alcanzados, Señores nunca usados (Dizia) ni a merced ni haver piedad. — 376 Ver bien con que intencion etc. — 380 que se le recrece. — 381—385 A remedios mas vanos se bolvia; Camina impaciente i no se estrece Que visiones no via, va corriendo, Desatinado de melenconia; Anda de dia en dia. — 390 *Como* A. — 395 Midiendo mal. — 403 el sol ido. —

404 Forzado de ir me a casa i luego al lecho. — 407—409 Los mis ojos, gran tiempo ha, condenaron El buen sueño a destierro, i si ende llega, Alla por fuera el su reposo deja. — 412 Todas de miedo; de una i de otra queja. — 415—417 Ora presto acabadas Seran estas pendencias; los pastores Diran que fue locura, otros que amores. — 418 *Como* A. — 420 Deste mio se haran cuentos sin cuento. — 421—422 i que aiunos Estraños! devociones invocadas. — 426 *Como* A. — 427—432 Que alturas no subieron Por montes sin caminos, De clamores divinos Cantando por do el ielo el monte esmalta De todo tiempo, que en parte tan alta Pensan oidas ser mejor sus preces. — 435—442 Como un mui alto pino combatido Del impetuoso viento en gran tormenta A quantos que lo ven, pone en recelo; Espantan truenos, huego arrebienta Entre las nubes, Eis lo que abatido, Las ramas van barriendo por el suelo, Eis lo que se ergue al cielo Hasta que el raio ardiendo, Entre viendo i no viendo, Con gran ruido en sus vueltas deciende. — 448 I busca etc. — 449 Los males que el tiempo por si cura. — 453—454 De espacio i poco del tiempo se cura, Remedio de los hombres i animales. — 456 de aca partidas. — 458 De quanto vieron van, como baldio. — 461 Si ha i de olvido algun rio. — 463 quien *em lugar de* lo que. — 465 Qual io la vi por otro aire mas claro. — 468 *Como* A. — 471—472 *Como* A. — 473 Nublado alguno: siempre es claro dia. — 474—475 De aqui partiendo porque una ora vea Siquier que amanecia. — 476 *Como* A. — 478 Sonidos al callado de las noches. — 479 *e* 480 ***Faltam.*** — 481 Desemejados niños, tiernos de años. — 482 se apertaron. — 483 Dia claro volaron. — 486 Acostumbradas quejas i alaridos. — 488 Que era vel-lo piedad, piedad oil-lo. — 491—504 *A estrophe* 30. *falta.* — 507 Ves te. — 509—518 I mucho todo lo que te desplaze; Alla no te será la vision vana Siempre delante, una tan luenga guerra Del pecho tuio que frio ora iaze. No te haze ni deshaze A desora el deseo. Puedes dezir: io veo,. Io me oigo lo que vieres i que oieres, Que ia no te engañan los falsos plazeres; La verdad clara i cierta te acompaña Por do quiera que fueres; Lo que plaze una vez, nunca mas daña. — 520 los poblados vezinos. — 525 *Como* A. — 526—529 Un mal que no se vido Jamas, jamas oido Ante quien otros males no eran males. Dizen turbados todos los zagales. — 533—535 Havian ende erguido de madera Una alta tumba; havian la cubierto De rama escura; todo era

dolor. — 537—538 Acienden las mochachos de una hoguera; Van las voltando al viento en derredor. — 542—546 Dió se le el huego a aquel triste edificio; Cae del alto todo en precipicio; Llevantan se discordes alaridos. Dijo uno de su oficio: Id vos i poned fin a los gemidos. — 537—560 Cogidas las cenizas luego alli, En alto las pusieron: mas se puso La sampoña, el caiado i la bozina Con que (ja) llamó los suios i respuso, Pidiendo cuenta i dando la de si. De lejos si no viene tanto aina Un retul dijo ansina (Que en rededor ceñia) Lo que ende se ponio: Despojos del buen Diego. Los pastores Provaran a cantar de sus loores. Pusieron se epitafios diversos De los competidores. Uno vino a cantar, puso estes versos. — 561 *Como* A. — 563 El su arco. — 565—566 Quantos laureles por aqui pusieras, Secaron se, el ganado desmedró. — 567 tu tristura. — 568 Nos lagrimas, nos triste sepultura. — 569 Señor, hemos cantado amor i muerte. — 571—575 Llorando las ninfas Neiva i Lima, Esta que fue llamada (la) agua de olvido, Aquella etc. — 578 Siempre creciendo voló sin sosiego. — 580 *Como* A. — 581—582 Agora es ia Mondego Que el vuestro reina parte lusitano. — *Aqui acaba a lição do MS. Juromenha. As linhas* 583—610 *faltam.*

112. Dedicatoria. 2 Smirna i Mantua. — 3 *Como* AB. — 5 Mas, señor, en las partes do no llueve. — 6 La niebla es deseada. — 8 En armas por la tierra i por la mar. — 17 *Como* AB. — 18—24 A escala vista, callar se ha fuido Aquel barbaro tirano arrabiado, Con el gran miedo a mañas recogido. Un publico ladron, Caco infamado! Grande honra le era ser de Hercol vencido. En humos se embolviera i fuegos vanos, Mas confiado en mañas que en las manos. — 25—30 Lo que el (*Leia-se:* al) Rei santo Luis con tanta gente Cruzada, i Carlo quarto denegó se; Al grande Carlo quinto hasta al presente I al nuestro Luis grande reservó se. Cartago ali vezina juntamente De sus antigos daños recordó se. — 33 *Como* B. — 33 *e* 34 Ai *em lugar de:* ah. — 36 Con tamaño. — 37 Havia vos. — 39 Tantos alferes. — 40 *Como* AB. — 41 Quando verná aquel dia que a esa vuestra. — 42 *Como* A; (rienda *em lugar de:* rinda). — 50—55 Por un poco la espada en buen agüero Que al mundo dé reposo al (*Leia-se:* el) fiero Marte, Mirad con claro gesto al turbio Duero, Mirad al Miño que estes reinos parte. Cantan pastores ende el estrangero Modo, lagrimas corren sin parar.

Egloga Celia. Interlocutores: Aurelio, Mauricio, Amaro. — 3—8 nadie les haze mal. Lobos hambrientos de la serrania Bajan al valle. Que negra señal! Aves de noche vuelan entre dia, El mal gusano bien ves que pesares Haze de nuestras huertas i pomares. — 10—11 I no paren las vacas; er caió Un breve del cielo etc. — 12 flaire. — 14—16 I no sé quantos pies diz que nació Un puerco de señales montesinas, Las aguas verdes, blancas las campinas. — 17 Vemos caer se muertos los borregos. — 19—21 Los ojos que tal ven turbios i ciegos Se paran; son las causas encubiertas, Corren de noche por el cielo fuegos. — 22 *Como* AB. — 23 Cosas que no vimos ni aun alcançamos. — 24 *Como* AB. — 33 Aquel noble garzon etc. — 34 creciera. — 35 Quando a la voz divina etc. — 36 acudiera. — 38—39 (No sé que, que antes oir no quisiera) Quan presto que arrepentes cruel hado. — 40 *Como* B. — 41 Por cierto, hermano mio, no quisiera. — 43 Crecia como al ojo. Ái quanto fuera. — 45—46 Cuentan milagros del fuer de manera Mas a tal prisa temo de cansacio. — 48 *Como* AB. — 49 Ansi que ando pasmado, pastor bueno. — 50 tantos de señales. — 51 I de tanta maldad el mundo lleno. — 53—56 Ando confuso, mal duermo i mal ceno, De tantas cosas temiendo me i tales. Ora las mentes pon a lo que digo: Quanto mal tarda mas, crece el castigo. — 57—63 Aurelio, acabo de entender que solo Eres el que aun no sabe el grave daño Que este consejo del todo asoló lo. Quien a lloros tornase en mal tamaño! Todo el bien vuestro la muerte llevó lo! Quanto aqui vemos, todo es burla i engaño. En fin que es muerta Celia! ai breve cuento. — 64 *Como* A. — 65—70 La grande Celia es muerta? i pudo muerte Hazer brava i cruel tal crueldad? Ah que esto solo no deviera ser te Licito contra una tan a'ta bondad! Ai por que lo consiente ansi la suerte Que seamos igualmente vanidad? — 72 Quien oie tal que tambien no se muera? — 73 la bondad (*Err.*). — 79 *Como* B. — 81—88 De Amaro que será? Cuitado entregue A la enemiga suia, la fortuna Que tanto i tanto llorará que ciegue, Al sol, i por las sombras i a la luna, Sin esperanza que se desafuegue Aquella ansia cruel suia, importuna. Tanta aquella esperanza, aquel bien tanto, A desora mudado es todo en llanto. — 90 al impetu primero. — 92—95 El encuentro cruel de leon fiero, No de hombre, aunque fuera hombre sin fe; No valia razon salvo: ansi quiero. Quiso en si poner manos de enemigo. — 97—104 Quantas

vezes senti que iva el cuitado Su sprito tras el santo suio d'ella, Quedar se el cuerpo alli como finado, Mientras el alma alla se para a vel-la. De rato en rato como recordado Bolver al llanto alli! quanta querella! Quantos de gritos dava! quan sin tino. — 106 ia no responde. — 108—112 Tan lejos te han llevado! Triste a donde A que parte? Ah que no sé porque te alejas! Espera me que ia voi! quien te me esconde? — 114—115 Como ella siempre fue i nunca esquiva, Me buelve a ver; mas como ansi cudosa? — 117—120 estotra alma engañosa. Que es d'ella? ado se fue? mudada que iva! Antes, coitado, quanto diferente De Celia que io vi primeramente. — 121 Ai quantos devaneos! quan sin cuenta. — 124—128 I lo que es de espantar, secos los ojos, Dizian que del mucho sentimiento. Trespasado de cuitas i de enojos, Fuera de si, en poder del dolor malo, Un contino dolor sin intervalo. — 131 i menos a las vidas. — 132—136 Por quien licencia dió que se vertiesen, Licencia, i si de todos no tenidas A todo tiempo por flaqueza fuesen; Mas en esto ni si digo, ni no, Sus causas se terná quien nos la dió. — 138 Del cuerpo. — 145 se estan. — 146—147 Acogidas del sol, Celia cantemos, Si estan nuestras sampoñas acordadas. — 149 Vernan despues de nos muchas vegadas. — 151 Aqui cantando a la sombra (*Leia-se:* a sombra) d'estos pinos. — 153—156 Que me podria, Aurelio, hazer por ti Que mas de grado hiziese, aunque mal toco, Aunque estas noches todas no dormi I por mucho dolor quasi soi loco. — 158 Deseo mucho, empero puedo poco; De Celia cantaré sin mas escusas Con buena aiuda suia i de las musas. — 163—167 Quanto cuda alcanzar! quan poco llega, Ve todo ella de alla, ve la tierra ierma, Cubierta d'esta gente por que ruega, I amonesta mil vezes que no duerma Asi pesadamente, que es pequeño. — 169—170 Nuestros plazeres ve, nuestros enojos Como son vanos; por mui acierto creo. — 173—176 Adonde sus bellisimos despojos, Con los sus hijos, dulce i rico arreo, Aquel su amor primero, aquel final En quien nunca manzilla huvo de mal. — 181 *Falta.* — 184 Alzad los ojos mas si me buscais. — 193 *Falta:* chiquitos. — 194 Que andando en sus trebejos a plazer. — 195 Tienen se uno la cara *em lugar de:* Tiñe se uno. — 196—198 Van fuiendo de miedo al mas correr; El mismo que se lave, los loquitos Dejan se luego de risa caer. — 199—200 i del cabello Blanco, miedo al morir que es como aquello. — 202 Que nada siente. — 203—207 Por vanas opi-

niones teneis guerra Con la verdad, que va sola i la fe. Qual de vos nunca sus sueños aferra? Todavia soñais, no sabeis que. — 210 I aca en tal fama. — 211 Tal corona se deve. — 212 i de si. — 213 *Como* AB. — 214 *Como* A. — 217—224 No como Atalanta hermosa i tan ligera Que con los vientos osara correr, I aun pensando quiza que los venciera, Venció la el oro: tanto es su poder! Manzanas ricas, una, otra, i tercera! Corazones escuros de entender! Nobleza, amor, beldad, lagrimas vanas, I pudieron lo acabar las tres manzanas. — 225 medicina. — 226—227 Curaste esta mi llaga honda i cruel. Ai que brevage tan sabrosa i fina. — 229 Un gran mal que huviere muerto aina. — 231 Heria. — 233—234 Ora suso a mi paga, amigo! escucha; Veamos la mi sampoña si ha tambien. — 235 ala su angustia mucha. — 237 allevantando. — 238—239 Cumple me grande aiuda; mas de quien? La nuestra buena Celia me llevante. — 241—243 Alzó se d'este bajo i tomó vuelo, Dejó la tierra, d'ella aborrecida, Celia i pasó del uno al otro cielo. — 246 fiesta. — 248 i a los millares. — 249—250 Ah que nuevas nos trajo Celia nuestra? Es hecha de mortal cosa inmortal. — 252 Juntamente. — 254 D'esta nuestra su guia angelical. — 256 A Celia el corazon. — 258 Que de tan lejos ves. — 260—263 (Lo que es peor) con que, si no nos vales, El trabajo i la costa nos perdemos Uno tras otro: a las tantos de males Remedio de alla arriba nos alcanza. — 264 *Como* B. — 265—271 En tal estrecha valga el amor santo Que de todos nosotros te encendia, A trueco de otro tal i de otro tanto. El nuestro mal en ti quien lo via (*Leia-se:* veia)? I quien no el nuestro bien? el mal con quanto Dolor, el bien con quanta de alegria? Como el altar se ve claro al espejo. — 273 en sus clamores. — 274 Las buenas rogativas i demandas. — 276—278 En dias señalados, partidos en bandas (*Leia-se* E. d. s. en dos bandas Cantando i respondiendo en tus loores, Otros callados, teciendo guirlandas. — 281—288 *Faltão em* J. — 289 Mas oh que aquella de agua embajadora. — 291—295 Buena avogada nuestra a la señora Que debajo a los pies tiene la luna. Quien buelve este arco ansi? quien lo colora? Tien se por cierto que en la gran fortuna, Quando los montes el agua cobrió, Dios en señal de paz nos lo dejó. — 297 Que es esto? si etc. — 299—300 Caieron presto si io mal no veo. Las gracias (*sic. Leia-se:* garzas), de sus rios apartadas, Como estan sin plazer etc. — 302 al vuelo alzadas. — 303—304 Van se las cumbres de montes

cobriendo De niebla, va se el sol turbio poniendo. — 305—308 Como quien atraviesa un monte erguido Sin aguas i sin sombras, sin verdura, Que el seco estio todo lo ha cozido, I tiembla el aire en la gran secura. — 309 *Como* AB. — 310—312 La vida en tal aprieto no asegura: Una agua perenal de ato (*Leia-se:* alto) caida Da muerte a la su sed, vida a la vida. — 313—318 Atanto los tus viersos me pusieron De esfuerzo i fuerza, pude se mal crer Lo que en mi han hecho. Como se perdieron Entre nos el cantar bueno i tañer Que los pasados en tanto tuvieron? — 320 asonaron (?) — 322 grandes musas. — 323 Inchid nos estos valles de sabor. — 324 divina lira. — 325 suio es el loor. — 326 de verdura. — 327—328 De sombras i de flores claras fuentes, De espanto los oidos de las gentes. — 329—330 Oies, Mauricio? o no? digo te, hermano, Que aquellos gritos deven ser de Amaro. — 335 cruda i envidiosa. — 340—344 Conjuraron se entreambas contra mi: Quedé me solo i ciego, voi sin guia. Parece se esto amor, dejar me ansi? Nunca quesiste llevar me contigo. Triste, ansi como puedo, ansi te sigo. — 345 en gran fuego. — 346 un lambion grande. — 347 Ni sabeis por do fue etc. — 350—351 Agora, agora como se escurece A toda parte etc. — 356 Vida era, agora es muerte a manteniente. — 358 Qual es la crueldad que tal consiente? — 363—367 Bien como si ferido va el gran venado, Huiendo el, crece el mal que lo destruie; Labra el tiro cruel avelenado, I ansi corriendo la vida concluie. Ia no pudiendo mas, caer se deja. — 369—372 Mas vamos ver aquel lugar dichoso, A quien en suerte cupo de poseer Tanta riqueza, mientras sin reposo El sol no deja de ir i de bolver. — 374 Mas que epitafio! vamos a lo leer. — 375 i a que plazeres! — 377 Alma biendita, que el cuerpo dejaste. — 379 Suio, con que en contiendas siempre andaste. — 381 que aca amaste. — 385—387 Las lagrimas dejemos, buen amigo, Que traz las sus ovejas i las cabras Turbio i Santo van; va se Rodrigo. — 389 Si, que es ia tiempo. — 390 Soncas digamos las buenas palabras. — 392 Flores vean se aqui tarde i mañana.

113. 3 mucho al contrario. — 4—6 Callado, sin rancor i sin renzilla, Pensoso, apartadizo, i solitario, Que de la vista os mueve a haver manzilla. — 9—15 Aquel su amor primero, las querellas Inciertas, los consejos mas inciertos, Fuego en los ojos suben las centellas I, de lagrimas mil luego cubiertos, Al sol se queja, queja a las estrellas, Ora

brazos cerrados, ora abiertos; No se dava siquiera algun pequeño. — 17 *Como* E. — 18 *Como* AB. — 19—24 Tenida en lo pasado en tanto precio, Ni despedida de los sus loores. No podemos a Bruto i al sexto Decio Cantando erguer-nos reis i altos señores, Vuestros antepasados i presentes, En la guerra esforzados, en paz prudentes. — 27 *Como* AB. — 28—31 A nos un Numa en sy, (*sic*) Romulo armado Que lanza los infieles de la tierra, Si no, diga lo Diu ensangrentado. Entretanto os abris nuevos caminos. — 34—36 Las castas musas que levian el peso Del estar siempre atento a espicular, Que no lo puede comportar el seso. — 37 sube. — 38—40 Un ramo que, forzado, estuvo preso; I podemos mejor, voltando a trechos, A los altos subir que iendo derechos. — 41—56 *Faltam em* J. — 57—58 Mas vengamos a Andres que va, las mentes Enagenadas, huiendo lugares. — 59 I todo lo pisado de las gentes. — 60 trabajo. — 61—63 De quien huies, cuitado? no lo sientes Que acrecientas al huego, si mirares. Ado te vas, ah loco? otra vez loco. — 64 *Como* B. — 65—66 juntos cantan Con sus rebaños, Juan, Pedro, Rodrigo. — 67 huego llevantan. — 68—72 Hurtados del mal tiempo al buen abrigo, De los sus casos a todos espantan, Debatiendo te vas solo contigo. Ellos unos con otros trespasando, Tu, triste, asi te vas devaneando. — 73—77 Pascoala, mas sierpe no ofendida, A lo menos de mi, antes amada; Quien te me fizo tan desconocida? El pecho, el cuello, i la cabeza alzada, Esgrimiendo la lengua repartida? — 79 Que es esto? En que te erré? que es lo que quieres? — 82 Con que fechizos? con que encantamiento? — 84—86 Ansi trocaron el tu entendimiento. Bien sé dize que tiene el Amor alas! Tan leviano se alzó i tan alto al viento. — 88 tras lo que voi. — 89—96 I nunca quiero comigo entrar en cuenta De lo que deve ser i que no ser, Porque la mi alma ansi triste se afrenta; Que si la pienso un poco detener, En lagrimas i gritos arrebienta. Ni sé lo que me quier dar a entender. En fin huiendo voi me a ventura. Ah que remedio! ah locura, locura! — 97 Las fieras alimañas como son. — 99 Una onza, un oso, una sierpe, un leon Se prende, i con blandura se encadena Aquel denuedo tal i presunzon Que fue de tanta furia i tanta lena. Conocida la voz, baja del cielo El libre i esquivo falcon, va se al señuelo. — 105—110 Todo lo vience el tiempo i lo concluie. Si en duro marmol blanda agua desciende, Con la continuacion lo diminuie; El hierro,

el rezio acero se le riende. I si un dia no lo riende, otro destruie; Quando el uno te deja, otro te priende. — 111 zagala. — 113 el pecho vuelto. — 114 Al impetuoso viento ir lo partiendo. — 115 el cuerpo suelto. — 116 Tan presto que se va mal discerniendo. — 117—120 Contra la vena de agua, el rio envuelto, La truta va las azudas venciendo; Las aves tantas que los dias vuelan, Noches escuras otras se desvelan. — 123—125 Otros rompiendo por la tierra ciegos Van como pueden, otros en el rio. Cosas diversas que parecen juegos. — 127 de que natura. — 128 *Como* B. — 131—135 Soncas, i tan divina al parecer, Se escondieron por maña arteficiosa Tantos de males; pueden se mal crer. Echa la ponzoña deleitosa, (*sic*) Engaña de gran fuerza, etc. — 139—147 Siempre llamando a la parte peor Con tus engaños, que no tienen cuento, En maiores peligros mas sabor, Armadas altas torres sobre el viento; Sueños al despertar, lejos corridos, Encantamientos desaparecidos. — *Entre* 144 *e* 145 J *intercala a nossa estrophe* 21 (161—168). *As variantes mais abaixo.* — 145 Cruel destino mio lo consiente! — 147 Del pasado quejoso i del presente. — 149 Mas va se Amor t. m. p. — 150 *Como* AB (No sé etc.). — 151—152 Bien seria ora mas que se dejase D'este Andres triste i que otro Andres buscase. — 155 *Como* AB. — 154—156 Mostrando aquellos verdes de sus ojos Que con un medio voltar lo dejan frio, Todo lleno de engaño i de antojos. — 157 de un confiar etc. — 158—160 Rosas i flores vueltas en abrojos, Como, en fin de patrañas, por dineros Dizen: sembré los por eses oteros. — 161 tan vistosas. — 163—168 Los bosques i las praias deleitosas, Aquellas tantas riquezas sin dueños, Las perlas i las piedras preciosas, Las aguas aplazibles, los engeños, Las ninfas cabe sus fuentes en danzas! Con los aires se van las esperanzas. — 169 Mas ia que. — 170—174 El ciego causador de malos celos, Que vaia en busca de otro mundo cano, De nieves blancas i luzientes ielos; Do los mis ojos al sol erga en vano, De espesas nieblas cubiertos los cielos. — 175 *O MS.* J *escreve:* esfrian *em lugar de* esfriaran. — 176 Como estas que me abrasan mis entrañas. — 177—180 O soncas si seria antes mejor Que vaia estotra parte, donde vea Ardiendo todo en fuego al derredor I el sol hermoso, como que esto sea. — 181 *Como* A. — 182—184 O que esmagine, o crea o que no crea, Para que es mas? sabeis lo que querria? Todo otro mal que fuese, a bien lo havria! — 193—200

46*

Con que me acude agora esta malsana, Mi alma, (si es ella la que me detiene), Llamando toda noche a la mañana, Todo el dia la noche que no viene? Ora va se, ora buelve la leviana Que en parte alguna reposo no tiene. Todo perdido, sin remedio alguno! En que se anda etc. — 201 quieres. — 209 los pasatiempos que solia. — 213 *Como* E. — 214 *Como* AB. — 217 Mas io que me quejo? — 221 saber. — 226 Un lobo, un oso. — 231 Quien lo viere. — 232 *Como* AB. — 235 *Está errado no MS.* J: que huiendo ires por diende se partiera. — 249 *Falta o:* te. — 250 o en tierra. — 253 Quien los oidos atapa? — 258 a ver se ansi. — 261 *Falta:* de. — 262 *Está errado e diz:* Cuitado Amor cruel llamando a mi. — 266 *Como* F. — 268 del valle. — 269 I luego todos juntos. *Ou* luego *ou* todos *ha de se riscar.* — 273—280 I si ansi mismo por otras florestas Cantando irian estraños pastores El triste cuento de las niegras fiestas I suerte tan cruel de mis amores, Cabe las fuentes frias en las siestas, Al sol ia que pasadas las calores, Tales recuerdos, aunque tan tardios, Que reposo ternan los huesos mios? — 281 al su tiempo. — 282 mas seguidos de fortuna. — 283 A compasion de si nadie movieron. — 284 Cruel zagala. — 286 en testigo. — 287—288 Ai mis consolaciones lisongeras, Pasais en cuenta de las verdaderas. — 289—290 Dijo i, su gesto de color de muerte, Corrió derechamente a la gran breña. — 292 Si a los suios quiza versos enseña. — 295—296 En versos querer mas subir las cosas I las obras de Amor maravillosas. — 297—320 *Em lugar das estrophes* 38, 39 *e* 40 J *offerece uma unica que diz:*

Lo que luego diré del si supiera?
Que al hato se bolvió callado i manso
A quanto parecia por de fuera.
Vino tras la tormenta algun remanso.
Cada uno no se es ia lo que antes era,
Lo que cansancio fue, torna en descanso.
Enfin, no pensando él que fuese oido,
Fue lo, que ansi cantava en escondido.

321—324 Canta Andres: Saltavan nuestros satiros sus fiestas; Los Faunos de otra parte vi los io, Iendo con mal cuidado triste a cuestas. Caí por tierra! el mundo escureció. — 325 voltavan. — 326—328 Ni sé si estava en mi soncas, si no; De las mugeres unos murmuravan; De otra parte los otros que aiudavan. —

329—336 Satiros:

Pasife (ah que vergüenza!) va buscando
Aquel su hermoso toro en las manadas.
Reina, cuitada, muerta, suspirando
(Tantas de lagrimas tan mal derramadas):
— Robastes me lo asi! veis qual ando!
Las riberas por mi todas pisadas,
I en vano (que es peor)! Amor cruel,
Que lo lleva tras vos, i a mi tras el! —

Estrophe 43 (337—344) *falta.* — 345—350

Faunos:

Semiramis, en quien, peleando fiera,
Porná el su amor si no fuere el ardiente
Cavallo de armas, que por prueva viera,
Ardid corriendo, tenido obediente?
Los pies balsanos i delante ahiera (*sic*)
De alto a bajo i aquel blanco de alta frente.

Estrophe 45 (353—360) *falta.* — 361—365

Satiros:

Cuenta se de un pastor como gigante
Que osos descarillava i los leones,
De fuerza i corazon tanto abastante;
Huir no pudo d'estos galardones,
Engañó lo una suia falsa amante. —

367 Quieren por el bien mal etc. — *Estrophe* 47 (369—376) *falta.* — 377 Faunos. pobreza. — 379 El don gracioso. — 381 semejó. — 382 Era mui alto el bosque. — 383 No parece posible i es manifiesto. — 384 Quien va cargado mas etc. — *Estrophe* 49 (385—392) *falta.* — 393—416 Satiros. — 393—395 Las dos de aer Juanillas, que zagalas De tanto i buen ganado i de tesoro! (Que en toda parte se ha i d'estas Pascualas!). — 397 de sus etc. — 398—399 La maior d'estas; otra en sangre i lloro Dava fin i comienzo al cuento breve. — 401—408 Cabe aquel turbio Tibre que garzonas I quan graciosas! ai pero quan sueltas! Que gestos, que meneos, que personas! Bocados dulces en ponzoña envueltas! Palombas brancas, dentro que leonas! Contiendas, homizillos, i revueltas! Otra isla qual de Circe. Ende vereis Unos tornados puercos i otros bueis. — 409 a contar casos. — 410 quien basta a medir? — 413 Es mucho mas que

loco pensamiento. — 416 unas van i otras vienen. — 417—423 *É* Andres *quem continua:*

Tal vez sale del mal mucho provecho
I fue ansi; que nombrar oiendo Andres
I Pascoalas, ergui me a mi despecho
Como fuera de mi. Dije: esto que es?
Que havia de pensar? Batí me el pecho,
Besé la tierra, di me andar de pies,
. . . .
Torné me al hato. Huelgo ansi apartado.

115. 1 Froiais. — 3 Tronco derecho, buen señor de Basto. — 4 *Como* AB. — 5—7 Vuestros antepasados Desde el tiempo del Rei Alonso el Casto, Tan cierto se halla el rasto. — 10 Hasta la nuestra edad. — 11 eso. — 12 *Como* AB. — 12—13 *Intercala:* Dejad un poco cuidados maiores. — 13 *Como* AB. — 16 Si no que siempre el gran deseo engaña. — 18 *Como* AB. — 19 De buxo fino i no de flaca caña. — 21 *Como* AB. — 22 Invierno vine huiendo. — 24 no daño a alguno. — 25 Contento aqui estuviera. — 26 *Como* B. — *A estrophe* 3 (27—39) *falta em* J, *como em* AB. — 40—41 Ah que tiempos perdi! No sé por do me anduve! — 43 *Como* B. — 44 Al mi caiado estuve Arrimado i dejé correr las gentes. — 49 Vida del campo! ai quanta. — 51—52 Tomó me un miedo, un frio, Por aqui me embosqué medio sandio. — 53 *Como* AB. — 55 *Como* AB. — 57 *Como* AB. — 59—65 Vine me aqui amparando A males de las villas I embates del consejo. No busques al buei viejo Abrigo, no; ha i aca tantas renzillas! Enviaste me del Laso Los sus pastores con que el tiempo paso. — 67 *Como* AE. — 69 *Como* A. — 70—71 Que lo que me aplazia Solo a plazer hiziese a nuestra gente. — 72—74 *Como* AB. — *Com o verso* 74 *acaba a ultima pagina do* MS. J, (*numerada antigamente* 102) *que bem se vê está truncado. Acham-se porém no principio d'elle, fora do seu lugar.* 6 *folhas* (105—110) *que fazem parte d'esta Egloga. — Principiam com a linha* 25. — 25—27 Tu duermes i no duermen maldizientes, Que acechando nos van dia por dia Enemigos, amigos i parientes. 30—35 No es siempre la sazon caliente o fria, Mas ora asi, ora asi, i quando está Mucho en buen ser, recogiendo se, asuela Quanto que halla delante por do va. El turbion feo, el mucho escuro vuela, Todo lleva consigo quanto aferra. — 37—38 Mudando ansina aquel sosiego en guerra, Trocado el blando en bravo temporal. —

39 *Como* AB. — 40—42 *Faltam em* J, *como em* AB. — 43—45 No puede siempre estar el vado igual Ni el tiempo soplar siempre manso i quedo. Mal pecado! turar mas suele el mal. — 47 *Como* AB. — 48 mui triste de mui ledo. — 50 Uno que se anda en ser ia del consejo (*Leia-se:* concejo). — 51 I iaze etc. — 52 *Como* A; *até tem o mesmo erro* (sellotrava *por* quellotrava). — 53—54 Quando unos i otros hazia reir; No tiene para si i dava consejo. — 55—56 *Como* AB. — 57 Pensar que siempre un tiempo haia a servir. — 58—60 Tu lo emendáras todo! por donoso, Quiza por mas sabiendo, del aldea. No, no; ia sé porque! por mas hermoso! — 61—63 Buena pro te haga; por tu bien te sea! Ai zagal bien nacido a la creciente De luna, quando el sol media la vea (*sic*). — 66 Queda el rio inchado su corriente. — 69 El rico Tajo, el impetuoso Duero. — 70—72 Todo se mude! corra mui ligero, Salte el sapo, ponga le la boca A la gaita el asnillo, tu parcero! — 73—75 i dan se en poca De plaza pues ha i lengua tan malvada, Tan atrevida, tan dañada i loca. — 77 *Como* AB. — 78 Hermosa siempre, Toribio, i alabada. — 79—81 *Como* AB. descricion *em lugar de:* dilacion. — 82 Mas es aqui que dejo el mi zurron. — 83 *Como* B. — 84 Defender me quisiere otra opinion. — 86 ha i quien contradiga? — 90 *Como* AB. — 91 loquillo, porque etc. — 92—94 Sobre todo diré que esa perjura El pensar o hablar d'ella es por demas. Spirito malo en aquella figura. — 96 tura. — 97—99 A tan leviana cosa no conviene Reposo, alguno; mas este es Rodrigo, Cierto, a mal tiempo! bien cantando viene. — 100—154 *A lição de* J *é quasi identica á de* AB; *as variantes são poucas* 6—7

de sueños *baldios*
Pecados *mios*. —

12 i los amores. — 13 un cierto frio. — 14—15

todo quemado *havia.*
Por ver que *via* etc.

17 Quien lo *pensó!* Suerte que tal *consiente*

19—28 i viera la mi *gloria,*
Que no ha i *memoria* que se tenga al *lloro.*
Ah que *tesoro* i de quanto *sabor,*
Mientras a *Amor* plugo i a mi *ventura*
Poco *segura,* fuidiza i *vana!*
Suerte *villana,* cruel *enemiga*
Que a tanto *obliga!* mas io quien *oteo?*
Zagales *veo.* Todo es de mal *lleno;*

En lugar *bueno* me falta el *reposo*,
Menesteroso aqui i en toda aparte (*Leia-se:* parte).

156 la desventura. — 158 I donde. — 159 *Como* A. — 160 Oras pensando mal, oras diziendo. — 161 *Como* A. — 162—163 I ladra asi, que bien hablar no sabe. Luego lo dije el gesto i la persona. — 169 I si a puñadas, mas plazer me haria. — 170 i menos lucha. — 171 que no tenga lengua. — 172 *Como* AB. — 173—178 Hola tené-os; la descrizon mengua: Tené-os, digo, soncas bien tuvistes Tiempo, sin esperar quando me amengua. Si, porque os espartiese, ansi estuvistes Por mí esperando, es bien que de vos sepa La causa porque vos desavenistes. — 180 *Como* A. — 181 Que es bien cada uno que en su pelejo quepa. — 184 I por cierto no cupo en su pelejo. — 188 *Como* A. — 189—190 tu tambien Que le tengas, Pelaio, acatamento. — 191—193 Mas oigo una sampoña; ai i quan bien Cantando acompañada; uno parece Salicio, el otro Braz; quien i mas quien! — 144—222 *Faltam em* J *como em* AB. — 223—226

Quando se pone el sol, quando *aparece*,
Siempre *anochece* por el valle *escuro*.
Por Amor *juro* que en los quinze *estios*
Los ojos *mios* nunca enjutos *vistes*. —

228 Que tantos huegos acienden llorando. — 230 Pues que cubierto eran de tanta agua. — 233 *Como* AE. — 234 *Como* A. — 235 Tanto mas alta llama i mas se esfuerza. — 237—244 Sola esta mia ansia comigo atura. Falsa ventura que nos vas burlando! Bien esperando se ierra, el mal no se ierra. J *offerece sô estas* 3 *linhas em lugar das* 8 *dos outros textos*. — 245 huí me por la mar. — 247 Tanto i tamaña de aire diferencia. — 251 *Como* A. — 253 todo disminuie. — 254—259 El tiempo fuie. Rodrigo: Ai los mis hermanos, Quantas de quejas van de los amores! Las quejas vanas, los amores vanos! Duelen mas que de veras sus dolores. Sea mucho en buena hora tal acierto; Llegá-os aca mas, buenos pastores. — 260—262 Sea a tu voluntad todo por cierto. Rodrigo, estés con bien, Sancho i Pelaio! Braz: Todos esteis en paz i buen concierto. — 263 *Como* AB. — 265 se huie el tiempo. — 267 *Como* AB. — 268 Con celos del juizio suio agenos. — 269—271 *Faltam em* J *como em* AB. — 273 Sin bregas de Amor va. Dad me las aves. — 274 animales por caduno. — 277 Inchió los campos de quejas suaves. — 280 *Como* E. — 281—282 Dejado el gran

Parnaso, un paraiso. Pero no mas de Amor! son quejas viejas. — 284 Ai si etc. — 285 I los ojos tambien, este es Serrano. — 289 el buen luzero. — 293 I todo el resplandor d'este emisfero. — 294 *Como* A. — 295 Aparece ia. — 296 Desafiados de la muerte fria. — 297 *Como* A. — 298 *Como* A (de otro *por* otro). — 299 A todos los remedia. — 300 *Como* A. — 301—304 Todo serian flores i bonanza I todo claridad relampaguera. Ca no quiera ella o quiera, quanto alcanza Con los sus ojos va la vida dando. — 307 En ese punto. — 308 *Como* A. — 310—314 Paseando iran se por las sus florestas, Bolver se han nuestras noches claros dias. Con tu presencia estar se ha todo en fiestas Hasta los viejos canos que ia te vieron I las Oreas por los montes puestas. — 315—317 *Como* A. — 319—329 *Como* A. — 334 *Como* AB. — 335 *Como* A. — 336—375 J *Concorda absolutamente com* A. — *A Egloga que está incompleta no MS.* J, *acaba alli com o verso* 375.

116. *Este* Dialogo *acha-se nas* Satyras, *pelo que vemos na copia* J, *e segundo o testemunho d'alguns extractos que Bluteau inseriu no seu Diccionario s. vv.:* „desaguisado travez mais aveia furtar corpo lubishomem sal perlonga alvorada enfrascado zagaleto negro traspor." — *Nas Satyras a Egloga é precedida pelas palavras seguintes:*

„Entre hums papeis em que andavam escritas de mão as obras de Francisco de Sâ de Miranda, os quaes forão da Condessa de Linhares D. Brites de Sâ sua sobrinha, filha de seu irmão Mem de Sâ, se achou o Dialogo ou Satyra que se segue, polla qual rezão (porque o estilo e a graça de sua compostura saem mui conformes ao que se considera e estima nas que andam impressas), pareceo que se lhe nam podia negar a companhia d'ellas, e que como obra da mesma mão se devia imprimir juntamente em graça dos curiosos e respeito de seu autor, cuyos escritos estam merecendo que se imprimão muitas vezes e que por este meio se procure neste Reino sua conservação e perpetuidade pela excelencia d'elles e pollo novo lustro que derão á lingua Portugueza."

Falta-lhe a Epistola Dedicatoria *como tambem a* Introducção do Representador; *começa com o Dialogo propriamente dito, entre Bento e Gil, o qual offerece as variantes seguintes:* 156 Que ja não pareces Gil. — 160—161 *Intercala a mesma estrophe como* F. 1 aqueste teu gado. 5 Eu falo, irmão amigo. — 163 *Como* F. —

160 – 191 *Faltam.* — *A copia do snr. visconde de J diz:* „Falta aqui uma folha.“ *Mas a falta podia ser ou unicamente d'aquelle exemplar impresso sobre o qual se fez a sua copia, ou de todos os exemplares, i. e. do MS. sobre o qual se fez a impressão.* — 193 Faze me ora. — 195—196 Dás a amigos desprazer, (*bis*) Dás a enemigos descanso. — 197 assim da minha alma. — 199—200 Em fim esta é gram verdade Que a tua alma é tua palma. — 201 *Como* F. — 203 Ouças. — 212 Inda mal que não foi cedo. — 217 Ja sabes. — 220 era milhor. — 223 Mas bem o dizem as velhas. — 225 *Como* F. — 226 Vira ja muito. — 228 Não cuides sabé-lo bem. — 230 Não sabem. — 231 Vim e achei ca fortes amos. — 235 *Como* F; de cajado. — 239 lhes. — 241 de nossos suores. — 249 Comem o trigo, nos d'avea (*sic*). — 250 Eles bebem e homem sua. — 257 Dormem em cheo seu sono. — 259 trusquiar. — 260 E ás pressas. — 261 E usão d'esta rezão. — 266 Furta mo. — 270 ó onde soía. — 273 De mim. — 278 *Como* F. — 280 para suas fontes. — 281—288 *Faltam.* — 289 *Como* F. — 290 *Como* F. — 291 Os houve muito mister. — 298 ora é. — 318—319 Muito da terra corri. Disse te eu então assi. — 320 *Como* F. — 330—331 *Como* F. — 332 furtar o vento. — 333 *Como* F. — 334 *Como* F. — 336 muito mais. — 338—340 por meu conselho Bom será dissimular, Que é um remedio bem velho. — 347 Mais. — 348 Hei o por grande perigo. — 349 te não. — 350 se anda apartada. — 351 de manada. — 354 *Como* F. — 355 Que ha i cem mil lobishomens. — 357—358 Digo te que seja assi E por isso mais devias. — 364 Ja t'eu vi. — 365 *Como* F. — 366 *Como* F. — 367 assi sô. — 368 das pedras. — 371 *Como* F. — 372 Mas ás linguas não por certo. — 376 De dia ao sol ociosos. — 377—378 Duras são as companhias Para que tu me convidas. — 383—384 Onde ahi não ha amizade, Como pode ahi haver vida? — 385 *Como* F. — 388 de seus cordeiros. — 393 *Como* F. — 399—400 Bento, e que vão Juntos pera lhe acudir. — 408 *Como* F. — 410 que t'eu digo. — 413 Todos te darão de mão. — 418 Irmão. — 419 *Como* F. — 421 não se segura. — 424 *Como* F. — 426 bravos. — 428 as não guardamos. — 434 *Como* F. — 435 Encuberto ou descuberto. — 436 faltar. — 438 e ora crece. — 444 *Como* F. — 445 d'arvorada. — 450 E na barca. — 454 Aos d'outro. — 455 *Como* F. — 459 E a todos pode abranger. — 463 *Como* F. — 464

Ganhão muito pouco ou nada. — 468 nem que o peite. — 471 Trago. — 477 dão nos. — 478 E ás vezes nos dão fruito. — 479 *Como* F. — 480 Dá em que. — 484 Visto me de sua lá. — 489 Ponho me agora a tratar. — 491—492 Com quem não sabe falar Se não ou d'aquele ou d'este. — 494 de seu dono. — 495 Que nunca perdem seu sono. — 502 se pega. — 504 Por ventura mais azinha. — 509 *Como* F. — 512 O que os honra, os deshonra. — 515 *Como* F. — 518 prolongas. — 519 Faz. — 520 Traspondo. — 523 *Como* F. — 524 mungido. — 535 *Ainda pertence a Bento.* — 536 *Pertence a Gil.*

117. *Já dissemos sob o No.* 152 (*p.* 675) *que esta Egloga se acha nas* Satyras, *precedida de tres estrophes (dedicatoria a João Rodrigues de Sá e Menezes) e que não era inedita. O que deviamos dizer é que era desconhecida até* 1875, *anno em que o Senhòr Theophilo Braga a publicou* (*Antologia Portugueza p.* 174) *pelo MS. de Luis Franco, dizendo-a tambem inedita, por falta de conhecimento das Satyras. A sua edição é porem insufficiente pela omissão de linhas inteiras, falta de divisão estrophica e numerosos erros de leitura, que prejudicam sensivelmente a intelligencia do texto. — Nas Satyras é precedida da seguinte declaração:* „Em hum cartapacio antigo que se achou no Porto das obras de Francisco de Sá de Miranda, está a Egloga ou Satyra que se segue, e por esta razão e por ser dirigida a João Rodrigues de Sá de Menezes, seu grande amigo, e ter versos enteiros que o mesmo poeta pos em outros lugares, e seu estilo nesta materia e genero de verso ser ininimitavel, parece a muitos tambem ser sua."

As variantes que tiramos da copia J (*estrophes* 1—12), *são as seguintes:* 1 Que é isto, Montano amigo. — 2 *Como* F. — 4—5 Assi sômente comtigo Em companhia do gado? — 15 Andar tam triste ca fora. — 19—20 Guar-te, amigo meu pastor, Porque o mal de si se alcança. — 21—30 *Faltam.* — 32—34 Andando eu fora da serra Ouvi d'esta tua guerra; Se tu es inda Montano. — 36—40 Assi tam sô te vieste! Tomaste forte aburrão, Tantos amigos vendeste! Não sei por que nem que não, Pois que a mim não mo dissseste. (*cfr. No.* 103 *v.* 101—105). — 41—50 Que inda que ûa tal mudança, Feita a torto ou a direito, Assi te tenha desfeito, Sequer has de ter lembrança, D'este nome de Bieito. Mas porem d'este desterro, Que tu ca trazes comtigo, De ti saber o espero Como de maior amigo E que entre tantos mais quero. (*cfr. No.* 103

v. 115—120 *e as respectivas variantes*). — *As estrophes seguintes* (8—9) *são quasi iguaes á* 16ª *e* 17ª *do No.* 103; *e dizem:*

Montano.

Seja a vinda em ora boa,
Meu tam amigo Bieito;
Eu digo amigo escolheito
Como quem o leite coa
Que deça limpo a seu peito.
E respondendo ao que dizes:
Ves me fardel e cajado,
Não vou armando a boizes,
Ando tras este meu gado;
Bem sei que ha muitos juizes.

Parece que folga mais
(Eu folgo co que ele quer)
Por agora de pacer
Por esses andurriais.
Faça como lhe aprouver!
Que por certo homem dirá
Nas cousas que não são certas:
Eis nos ca e eis nos la.
A's vezes tambem acertas,
Mas ás mais no pior se dá.

Estrophe 10. *Os* 5 *primeiros versos são muito parecidos aos* 170—175 *do No.* 103: A nos parece nos muito O que não pesa nem val. Diz Toribio e diz Pascoal Palavras vãs e sem fruito E ás vezes tambem sem sal. *Os ulti-* 5 *são muito parecidos aos* 66—70 *do No.* 117: Em fim nos tempos d'agora La por esse povoado Não se vive ũa sô ora; E assi menos enganado Ando andando ca por fora. — *Estrophe* 11 *é igual a* 71—80 *de* 117; *diz porem o verso* 6: Agora o mundo vai tal *e* 10 (*como* F) D'este nosso temporal. — *Estrophe* 12 (Bieito) = 81—90 *de* 117; 4—6 Bastão para destruir O que mais firme se achar, A vida sempre sostem. 8 Ahi vai mal i ha bem. — *Estrophe* 13 (Montano) = 95—105 *de* 117; 2 Da rezão. 5 *Como* F Se achão. — *Estrophe* 14 = 106—115 *de* 117; 7 Em tam grande diferença. 10 antre todos. — *Estrophe* 15 = 116—125 *de* 117; 2 quem tem ouvidos. 10 Sempre de mal em pior.

Dos trechos citados por Bluteau s. vv.: „rancor punir zagalejo montado passado volver soldada perlongas volve-

dores" *tira se o mesmo resultado; i. e. fica certo que a Egloga a J. R. de Sâ e Menezes é a nossa VIIª, ainda que com variantes.*

133. 3 Não vos sei, triste, culpar. — 10 Não um, não dez, mais centos. — 15 E o mudo do sospirar. — 16 Mas os suspiros que são. — 18 *Falta.* — 19—23 Os ouvidos la não vão; Vai apena o entendimento. Que m'eu possesse a queixar, Para o que é, que pode ser? Venha a dor, venha o pesar.

134. *Fol.* 16*v acaba com as palavras:* Este vilancete velho; *f.* 17 *principia:* Los mis pensamientos faltos. *Faltariam pois as tres linhas do mote, ou (o que é mais provavel) falta uma folha.* — 6 Continuamente me traem. — 7 dudas. — 8 Pasados los montes altos. — 11—15 Bien cuido que es desatino Fuir a lo que deseo; Mas por males de camino Trocaré los que aqui veo. Empero alma i deseo etc. — 18—24 *Faltam.* — 25 Hago lo acostumbrado. — 27 Que no sabes.

135. 3—4 Ajuda de Frco de Sâ de Miranda. — 6 No seu desejo se empeça. — 9 no ar. — 10 a começar. — 11—13 Forças que não podeis mais, Não vos enganeis por vos, Que nos sôs começos tais. — 16 ha. — 17 *Como* B.

136. *Differe muito, e diz:*

A este Cantar velho a quem ajudárão muitos
Ajuda de Frco de Sâ de Miranda.

1. *Quien viese aquel dia*
Quando, quando, quando
Saliese mi vida
De tanto bando!

Frco de Sâ de Miranda.

2. Los mis tristes ojos,
Tan tristes, tan tristes,
Quantos mil enojos,
Que plazeres vistes!

3. Vistes añadidas
A mis penas penas,
Vistes muchas vidas
Vistes mas agenas.

4. Consejos me dieron
Tan sanos, tan sanos

Que aiña me huvieron
Muerto a las mis manos!

5. A las manos mias;
Por cierto, por cierto,
Manos no sandias,
Si me huvieron muerto!

6. A la suerte mia
Pluguiese, pluguiese
Que viese un dia,
I otro mas no viese!

187. 3—4 J *intercala uma estrophe:*

De Antonio Pereira:

Ah! se o coração falara,
Como o soubera dizer!
Porem, que lhe aproveitara
Se não lho houvereis de crer?
Pois não podeis entender
Bens que tam claros ja são,
Estêm se no coração.

188. *Differe muito:*

Amor volando va por cielo i tierra.
De oro mil flechas, mil de plomo al lado,
Ha muerto, ha mal herido, ha desbaratado
Dioses i hombres dize el, de buena guerra.

Ojos ia no tenia, oidos cierra,
Las manos malas, esas le han quedado.
Duro inimigo que tanto ha tirado,
Parece que no ve, nunca el golpe ierra.

Dizia le su madre: — Ai quantas quejas,
Hijo, de ti me vienen noche i dia!
Como no quieres que alguna no crea? —

Besó le el los sus ojos i madejas,
Respondiendo: — Señora i madre mia,
Como quieres, si soi ciego, que vea? —

189. 2—4 Esta alma tantas vezes lastimada? A la cuita presente o la pasada? O la que tanto ve cierta, adelante? — 5—7 Que me aprovecha si en triste semblante Llore las noches i dias, que es nada? Ir todavia por aviesa estrada. 9 descuidar se. — 10 el tiempo. — 11 I venir sobre mi la noche escura. — 12 *Falta:* cierto.

140. 1—2 *A primeira linha anda errada dizendo:* Assi que mandaveis atee ver. — 2—4 A versos por das musas asellados. I á mui alta Silvia consegrados? Mas Icaro voou, foi se a perder? — 7 meus vãos cuidados. — 8 empecer. — 9—10 Tudo cae no tempo, entrego ao ano. Aquela perda, diga me esta gente etc. — 12—14 que ao profano Leigo como eu chegar se lhe sômente Não é de siso são, mas de abalado.

145. A Antonio Pereira senhor de Basto. Egloga Primeira. — 2 cantaron. — 3 pudieron. — 4 Envia os las. — 6 De mas. — 10—14 No os andeis pesaroso en vuestros daños: El vado es alto, es ciego de pasar; Tratad a vuestros pesares engaños. Tornó quien esa casa ha de heredar, Tan grande capitan, tan mozo de años. — 17 Del qual caso espantoso. — 19—24 Mientras que ardia la fiera pelea Sin resguardo de daño i sin recelo, Aca ni alla no vista tal ralea, Todo agua, todo fuego i todo cielo. Seas el buen venido, hermoso agüero, Tornan nuestros milagros de primero! — 26 Antes del tiempo las sus alas prueva. — 29—30 De dentro para si como cumplido, De fuera (como el es) la pluma nueva. — 32 Abrid el pecho a los contentamientos. — 34 Hiere los altos. — 36 al primer trueno. — 42—43 Mas no lo sabe él bien, no os espanteis, Que a mas aconteció que a los pastores. — 45 eis lo a maiores.

171. 2—5 Onde estes verdes olmos i sombrios Sospiran por ti longamente en vano. Buelve i verás (*Intercale-se:* que de) los ielos frios Aqui por estos floridos (*Leia-se:* florecidos) prados. — 8 Quando amaneciere i con la aurora. — 11 El ganado salir. — 12 ado mora. — 13 I verás (*Leia-se:* De aqui verás). — 22 De aqui verás en medio del estio. — 23 de sol puesto. — 30 Ni que el en fin de todo se perezca. — 31—33 Ni sentiré, por mas que el tiempo huia, Si se pasa temprano o vagaroso, Lo que es natural costumbre suia. — 34 Ni terné. — 37—39 Si te viere venir por estos prados Con grinaldas envueltos tus cabellos, I sin orden al viento desatados. — 42 Que otra cosa no poderá haver sobre ellos. — 43 Aqui pondré fin a mi triste llanto. — 45—52 Comenzaré nuevo i deseado canto: No cantaré ia mas de mis enojos, Ni como con tu ausencia desdichado Se me bolviéran flores en abrojos, I ansi en ellos siempre comenzando (*Leia-se:* comenzado) Será mi canto alegre i detenido, Dirán ellos (*Leia-se:* E irá en ellos) tambien ser acabado. Con vozes

andaré i con el sentido. — 54 Por estos montes i campos florecidos (*Leia-se:* campo florecido). — 55 No havrá alimo que el valle asombre. — 58 Para ti. — 59 La soledad (*sic*) escucharé contigo I las aves del mar que dan sus gritos; Mas, triste, do me lleva consigo (*sic*) Este vano i loco pensamiento Ad izer isto que aqui digo (*sic*)? — 66—68 Donde todo d'este .... se haze viento. Filis n'aquella sierra i alta cumbre Bive etc. — 70—72 Por iso lo consejo i la verdad Será estar en mi mal pronto i`despierto, I esa que muera nesta soledad (*sic*).

201. 4 Assaz têm de que devam de temer. — 5 Vão vos, senhor, pedir. — 7 Riscar. — 9 Vai i Androgio, triste vai Serrano. — 12—13 Queixão se Ninfas suas do gram dano Seu, pola grande Silvia, ele o sente.

NOTAS.

Parte Primeira.

No. 1 (p. 3) **Ao principe nosso senhor.** — Cfr. Nos 101, 110 e 148. — V. Annaes p. 426 ss. — Andrada Pe III cap. 42 e Pe IV cap. 38. — FS. Egl. VI, vol. V p. 191. — Souza III p. 545—563. — Schäfer III p. 353 e 364. — Braga, Hist. da Litt. *passim.* — O principe D. João, a quem Sá de Miranda dedicou as suas poesias, era filho d'El Rei D. João III e seu unico herdeiro, de seis filhos varões que tivera. A sua notavel educação litteraria, em verdes annos, explica-se pelo meio em que foi educado, n'uma côrte, celebre pelos seus grandes principes, pelos seus sabios prelados, pelos seus afamados poetas, reunidos em admiravel convivio em saraus litterarios que eram fallados na Europa. O exemplo dos Infantes D. Luiz e D. Duarte, ambos poetas, da Infanta D. Maria, de celebre memoria; as lições dos mestres mais escolhidos, como Manoel Barata (cuja „ditosa penna" Camões cantou), Diogo Sigêo (pae de Angela e Luiza Sigea), Antonio Pinheiro, o magnanimo bispo de Miranda e outros concorreram para esse resultado. Como prova do seu precoce desenvolvimento bastará citar a scena da audiencia em que o legado do papa depositou nas suas mãos a rosa de ouro (Teive p. 163). Outra prova mais clara ainda deu-a elle na protecção que dispensou, desde os 13 annos, aos poetas mais notaveis do seu tempo, que elle apreciava com rara intelligencia. A nação toda tinha os olhos fitos n'elle como n'um exemplo claro em que as prendas naturaes se alliavam aos elevados dotes do espirito. Os maiores poetas nacionaes commentaram a sua vida e ainda mais a sua morte nos termos mais saudosos; todos são concordes na sua *„gentileza, capaz descrição, reaes condições, divina incrinação, virtuoso zelo, humana affabilidade, amoroso tratamento pera com os subditos e animoso esprito."* Nascido a 3 de junho de 1537, jurado „principe" nas côrtes de Almeirim (1543), com casa propria aos 13 annos completos, tomou armas a 5 de agosto de 1552 no novellesco Torneio de Xabregas [V. Ferr. Vasc. Mem. cap. 47 e 48]. A 5 de dezembro de 1552 casou com sua prima, a Infanta D. Joanna, filha do Imperador Carlos V; e „morreu de amores" (como dizia o povo) a 2 de janeiro de 1554, na flor da idade, 18 dias antes do nascimento do infeliz D. Sebastião. A sua morte não foi menos chorada do que a do Principe D. Affonso em 1491. Mas em quanto este se tornou o assumpto de romances populares, aquelle foi accompanhado ao tumulo pelas novas creações palacianas da escola

italiana. Todos os quinhentistas que haviam saudado o seu consorcio com Epithalamios, cobriram-no de louvores em Epicedios e Epitaphios [V. Sâ No. 148 Eleg.; Camões Egl. I; DB. Egl. I e II, e Eleg. I; Ferreira Carta I, Eleg. I, Oda III; Epitaph., Egl. I, II e VII; Andr. Cam. Eleg. II; Ferr. Vasc. Mem. p. 360 Romance; Montemayor fl. 43v. Trovas e 87v. Soneto; Teive p. 123 Oratio, 149 Carmen, 157 Orat. Funeb., 145 Tragoedia; Costa p. 462 Epital.]. — Foi depois de 1549, depois d'El Rei ter nomeado Francisco de Sâ de Menezes seu Camareiro mór, e de ter dado livre entrada a D. Manoel de Portugal junto ao Principe, que este, guiado pela influencia dos dois fidalgos poetas „lumes do paço, das musas mimosos" mostrou o seu vivo interesse pela poesia, tentando recolher, pouco a pouco, n'um vasto Cancioneiro os trabalhos dispersos dos poetas contemporaneos. A 4 de março de 1551 pede a D. Fernão da Silveira as suas obras, hoje perdidas [Barb. Mach. I]; a 29 de janeiro de 1552 manda copiál-as pelo seu moço de camara Luis Vicente. Mais tarde acceita a dedicatoria da comedia *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, da comedia *Bristo* do Dr. Antonio Ferreira e das Obras de Jorge de Montemayor [Anvers 1554]. O primeiro pedido que elle fez, dirigil-o-hia porém a Sâ de Miranda, principe dos poetas do seu tempo, e chefe da Escola Nova; deve pois ser datado antes de março de 1551; e a remessa das suas obras, *por tres vezes*, deve ser calculada entre 1551 e 1554. Que entre a primeira e a ultima medeiaram annos, dil-o o poeta [No. 110].

Tanto o nome do destinatario como a remessa de poesias, por tres vezes successivas, eram factos sabidos e reconhecidos, declarados expressamente por Domingos Fernandez (Ed. 1614) nos seguintes termos: *Bem se mostra polos primeiros tres sonetos d'estes papeis que o principe Dom João, filho d'el Rei D. João III, os mandou pedir ao seu autor por outras tantas vezes, e que elle lhos mandou assi divididos; quais de cada ũa não pude alcançar.* Causa-nos por isso surpreza ver datas em parte falsas e contradictorias sobre estes dous pontos no ultimo biographo do poeta, Th. Braga [Quinh. p. 20, 102, 229, 290; B. Rib. 27; Hist. de Cam. I 183, II 79; Manual 271 e Theoria 3ª ed. p. 120]. O nosso MS. D (e para a Parte Iª tambem o MS. P) confirma plenamente a declaração de D. Fernandes e habilita-nos a resolver a duvida expressa no ultimo periodo: sobre o contheudo de cada uma das partes.

Glossas. Cantigas. Vilancetes. Esparsas. Sextina[s]. Redondilhas. Dialogos. Epitafios. Separámos este gruppo, i. e. todas as poesias menores da Parte Iª em metro octosyllabo, do gruppo dos Sonetos, de accordo com o Poeta, cujo plano, aliás não completamente executado, seria reunir as Redondilhas n'uma especie de *Cancioneiro*, seguindo o exemplo de Boscan [1543]. Aquelle que quizer acabar de construir este „Cancioneiro" deverá juntar aos Nos 1—77 os seg. 98, 99, 102—108, 116, 117—121, 126, 128—137, 153, 155—161, 164, 166 e 169. Nas rubricas das differentes poesias conservámos as designações da especie, tal qual se acham no MS.; não desconhecemos todavia que seria possivel simplificál-as. V. a Introd. Achamos singular a phrase seguinte do Poeta,

se d'elle é (MS. P): *Cantigas Vilancetes Esparsas Cançðis e Sonetos que arremedando Horatio tudo pode passar por odas*, mesmo suppondo que elle quizesse inventar um nome generico, de um lado para as Cantigas, Esparsas etc., do outro lado para os Sonetos, i. e. para *todas as poesias menores juntas*, e que tivesse em vista reunir *as poesias maiores*, as Eglogas, Cartas e Capitulos, sob o titulo de *Satyras* (cfr. p. 185): como fez Horacio, subordinando ao termo *Carmina* poesias menores de varias formas metricas, e ao termo *Satyras* outras mais extensas. A imitação existe apenas quanto ao *nome*, porque as Redondilhas são na forma exclusivamente nacionaes, e na idêa um echo da poesia trovadoresca, em quanto os sonetos são de origem italiana. — Não é menos singular a rubrica da Ed. **A** *Glosas Cantigas e Chistes ao modo italiano*. Qual dos primeiros 77 numeros é um chiste? e qual d'elles é escripto *ao modo italiano*? exceptuando a Sextina, que nem sequer é bem italiana.

No. **2** (p. 7) **Jorge Manrique.** Cfr. No. 147, 64. É, depois de Garcisanchez de Badajoz o poeta hespanhol mais festejado, mais frequentemente citado, glossado e imitado entre todos os que pertencem á antiga escola poetica dos „Cancioneiros". Nas Redondilhas quebradas do Cancioneiro de Resende ha uma constante imitação da forma estrophica das celebres *Coplas a la muerte de su padre* que começam: *Recuerde el alma adormida* (Böhl I p. 147). Sobejam provas da extraordinaria acceitação d'estas Coplas elegiacas em Portugal não só por causa da sua forma, mas ainda pelo seu valor intrinseco: D. João II declarava n'uma conversa nocturna, muito caracteristica, com o seu moço de camara Garcia de Resende (Chron. cap. CCI) *„que tão necessario era a um homem sabellas como saber o Pater noster"* e Resende correspondeu logo á ideia do principe, recitando-lhe, diante do leito, toda a serie! João de Barros declama contra os pregadores que recitam no pulpito versos de Manrique e Badajoz (Rhopica pneuma p. 94). Um quinhentista anonymo deixou-nos uma *Pavana ao sanctissimo Sacramento* que começa: *Recuerde el cristiano su alma dormida* (Miscell. J f. 59); outro uma imitação satyrica das primeiras 23 estrophes (Canc. L. Franco fl. 198 v. *Glosa de Recuerde el alma dormida, Sobre la India de Portugal,* communicada por Th. Braga, Hist. de Cam. I p. 424); Ferreira de Vasconcellos (Aulegr. fl. 69), Camões (Carta em prosa) e D. Francisco de Portugal (Cartas p. 41) citam a primeira linha; os musicos Gabriel Dias e Phelippe Rogier fizeram dois „Villancicos de Natividad" sobre o texto de *„Recuerde el alma dormida"*, perdidos com a Bibl. de D. João IV; etc. — As suas cantigas tambem gosavam de merecida fama: a que foi glossada por Miranda acha-se no Canc. gen. de 1511 a fl. 125 v, no de 1557 a fl. 180 v e, segundo K. Vollmöller (Gröber III p. 84) tambem no Canc. d'Oxford a fl. 52 v; Boscan glossou o mesmo thema (Canc. de Nagera No. XL). Cfr. Garcisanchez de Badajoz: Infierno de Amor, estr. 13 (C. G. de 1557 a fl. 166), a qual diz

Don Jorge Manrique andava
con gran congoja y tormento;
de pensar no se hartava,

pensando en el pensamiento
que pensar mas le agradava,
diziendo entre si consigo:
„siempre seré mi enemigo,
pues en darme me perdi;
mas si yo mismo me di,
no sé porque me fatigo,
pues con razon me venci.“

A orthographia do ms. é aqui mais archaica do que o costume; e o grande numero de erros de escripta indica que o texto original, fundido de certo sobre apontamentos de epocas mui distantes umas das outras, não offerecia a necessaria clareza. Emendámos 2 *venci* (por *vemdj*) 6 *desamado* (por *derramado*) 10 *Em* (por *E em*) 11 *Quien osará* (por *qui enposara*) 12 *enemigo* (por *nemiguo*) e *daño* (por *dano*).

A rubrica „*Glosza como n'aquelle tempo se costumava*“ (a qual falta naturalmente no Canc. de Res.) mostra a distancia que separava o poeta do estylo da Escola velha (1516) no momento em que reuniu (dep. de 1550) os papeis dispersos da sua mocidade por amor ao Principe D. João. Não podemos acceitar o que diz Th. Braga, Quinh. p. 28 „que o poeta tivesse voltado ás *Glossas* no meado do seculo XVI“, ainda que fosse por curiosidade.

58 Leia-se: *natural* (e. l. d.: *natural,*).

No. **3** (p. 10). Não será a estrophe 3ª de **B** antes uma variante á 2ª? As repetições são demasiado sensiveis para se poderem considerar intencionaes. O editor se descuidou por acaso de um *vel vel* do MS.

4 (p. 11). 5—8 Cfr. No. 168, estr. 8. — Sobre o sentido e a origem das Esparsas ou Coplas esparsas, que em Portugal variam de 8 a 16 linhas, chegando a ter 26 em D. M. de Portugal, veja-se: Leys d'Amors I p. 252 e Bartsch, Jb. II p. 285.

6 (p. 12). Cinco mss. differentes attribuiram esta Cantiga IIIª, como tambem a VIIª, a Sâ de Miranda; não se pode por isso duvidar da sua authenticidade: enganam-se pois os que as attribuem a Christovam Falcão. As *Cantigas Esparsas e Sextinas* d'este ultimo foram impressas pela primeira vez em Colonia em 1559, como appendice á *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro e, ao nosso parecer, provavelmente sobre mss. que pertenceriam a este. B. Ribeiro, amigo intimo tanto de Miranda como de Falcão, collecionaria talvez as primeiras poesias dos dous, e as suas, quando todos tres frequentavam a côrte de D. Manoel; elle, ou os seus editores, attribuiriam mais tarde, por engano, a um o que pertencia ao outro? D'este modo talvez se explique a attribuição de duas cantigas de Miranda e de tres de B. Ribeiro a Ch. Falcão (v. Canc. de Res. fl. 211d e e: *Antre mim mesmo e mim; Antre tamanhas mudanças* e *Senhora n'esse amarello* e Obras de Chr. Fal. p. 23, 24 e 29).

8 (p. 13). 9—10 são citadas por Frco. de Port. (Pris. p. 28) O editor não reconheceu a citação, alias tel-a-hia marcado a griffo.

10 (p. 14). 5 Leia-se: *esperar* (e. l. d.: *esperrar*).

11 (p. 15). Foi traduzido em allemão por W. Hoffmann, Blüthen p. 25.

13 (p. 16). **Cantiga feita nos grandes campos de Roma.** É uma das pouquissimas reminiscencias claras das viagens de Miranda na Italia.

14 (p. 16). Sobre o mesmo mote fez voltas o Camões, J. IV p. 168. Cfr. No. 107, 296 var. — 13 Leia-se: *cuidados!* (e. l. d.: *cuidadas!*).

15 (p. 17). 20 O copista do nosso original tinha posto *fizesse*; emendou depois: *tibesse*. Os outros mss. dizem: *temesse*, lição que adoptámos.

19 (p. 20). Todas as vezes que o poeta faz voltas a um *mote velho* (i. e. popular) ou *alheio* (i. e. palaciano) achamos no MS. repetido o nome Francisco de Sâ, particularidade que omittimos. Tudo o que pertence a outros, seja mote, ou ajuda, foi por nós marcado a griffo. — O poeta D. Fernando de Lima é-nos desconhecido. Será por ventura o fidalgo do mesmo nome, citado por Gil Vicente na sua Tragicomedia „*Nao d'Amores*" (II p. 318) como presente no serão em que esta obra foi representada (1527)? D. Franc. de Port. fez sobre o mesmo mote duas bonitas voltas (Pris. p. 1) cujo sentido explica, dizendo: „*Se se vive a donde se ama, não sey que guardão estes guardas; e se vós tendes a minha alma, tudo o mais não são prisoens.*"

20 (p. 21). 6 *passárão é* pret. perf.; 9 *ficárão* pret. mais que perf.

21 (p. 21). 10 *Tras* = lat. *trans*? ou = *elle traz* (de *trazer*: trahere)?

23 (p. 22). O ms. divide esta cantiga em tres *quadras*, o que é contra a regra.

24 (p. 23). 3 var. B Leia-se: *Dejá* (e. l. d.: *Deja*).

25 (p. 24). 6 Leia-se: *coração* (e. l. d.: *coração.*). — 12 **Minha Guia cega, guia.** O cego que guia, citado no Evangelho Matth. 15, 14 apparece muito frequentemente nos apologos da Edade-media (p. ex. Lucanor XXXIV), e d'ahi passou para os Emblemas de Alciato. É figura obrigada em quasi todos os nossos quinhentistas.

26 (p. 24). A cantiga, donde Miranda tirou o Mote, acha-se, segundo F. Wolf, no Canc. gen. (Seg. Pe. a fl. 187v: *Coplas de nuestra Señora la virgen Maria*) e n'um Pliego suelto, segundo Duran (Catal. p. LXXI). A lição de **AB**: *Todos vienen de la* **villa** é errada, attendendo a essas velhas fontes, que escrevem como o nosso ms.: **vela.**

28 (p. 25). 4 Leia-se: *d'aqui,* (e. l. d.: *d'aqui*).

36 (p. 30). 10 Cfr. No. 103, 649.

39 (p. 32). 10 O adagio diz: *Quem muito abarca, nada aperta.* Sobre Hero e Leandro veja-se No. 90. — No texto **B** faltam as linhas 9 e 10.

44 (p. 35). 3 serviu de mote a Frco de Port. (Div. y hum. p. 59). Elle lê: *Se me* **falárão** *verdade?*

45 (p. 36). De *João Crú* não temos noticia alguma. — 10 No ms. lê-se: *Mi esperensa lisongea,* com erro manifesto por: *Mi esperanza lisongera.* — Falta-lhe a linha 11, introduzida por nós, em conformidade com **PEJ**; e tambem com **AB**, que porém andam faltos da 7ª. — Julgamos que todos os textos estão errados, e que a estrophe devia dizer:

Triste, que ha de ser de mi?
Cansado i corrido ansi
De lo que me veo aqui,
Como bivo solo una ora?
Mi esperanza lisonjera,
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis? que no veo
Porque ia la vida quiera.

porque só assim é que ella corresponde á 3ª, em quanto ao numero das linhas, e á ligação das rimas. — Não ha exemplo de uma cantiga de 9 linhas [abaabcddc]. — A linha 5ª que n'esta nossa redacção omittimos (*I lo que he visto alguna ora* ou *I qual me he visto alguna ora* ou *De lo que he visto alguna ora*) seria uma variante marginal d'aquella que diz: *Como bivo solo una ora.*

Pedraza que no Cancioneiro geral [de Castella] se chama Costancio ou Constancio. Cfr. No. 47. Um poeta *Costancio* pertence ao Canc. gen. Seg. Pe. fl. 100—102 (segundo F. Wolf em Ticknor II 536); o seu appellido é porem *Costana*, e não *Pedraza*. Um poeta *Pedraza*, mas com o prenome de *Garcia* (*de*), pertence ao Canc. MS. VII A 3 da Bibl. Patr. de S. M. (segundo Am. de los Rios VI p. 590).

46 (p. 37). 9 O termo de esgrima: *mao sopê e mâ dereita* ou *ereita* faz suppôr que estes versos nasceram na prisão, depois de algum duello. Encontramol-o repetido na comedia „Os Estrangeiros", esc. ult.: *não me valeo co' elle ereita nem sopee.* Nasceram talvez no mesmo lugar os Nos. 19, 62 e 63. A Canção á Virgem (No. 100), imitada de Petrarca, falla tambem de prisão, mas accusa uma epoca mais moderna.*

51 e **52** (v. 39). *D. Lianor Mascarenhas comparada á marqueza de Pescara.* Estes dous dialogos, nos quaes tomam parte Miranda, B. Ribeiro e D. Lianor, são duplamente interessantes, como um echo immediato da epoca dos trovadores e como mais uma prova das intimas relações de Miranda com B. Ribeiro, o qual pertencia á familia dos Mascarenhas, como tambem D. Leonor. Sâ de Miranda não podia fazer a esta dama maior elogio do que comparál-a com Vittoria Colonna (1490—1547), cujas altas qualidades de intelligencia e de coração de certo conheceu no trato *pessoal.* Pelo lado paterno filha de Fabrizio Colonna e depois casada com Ferrante d'Avalos, Marquez de Pescára, nomes igualmente illustres que pertencem aos annaes militares da Italia, era Vittoria Colonna ainda apparentada com Sâ de Miranda. Quando este viajou pela Italia *„em tempo de Hespanhoes e de Francezes"* estava vivo o marquez, e a fama e gloria de Vittoria attrahiam a Napoles, Ischia e Roma todos os homens eminentes do seu tempo: entre elles Bembo, Castiglione e Ariosto; mas talvez visse ainda o luto da viuva (1525). É possivel que depois, em Portugal, tivesse o poeta ulteriores noticias da vida da illustre poetisa (citada no C. G. de 1557 a fl. 336) pelo pintor Francisco de Hollanda; dos seus esforços a favor da reforma religiosa no circulo de Occhini, Sadoleto, Morone, Polo, Contarini; da sua affeição ideal pelo velho Miguel Angelo (1536—47);

e das inolvidaveis conferencias no convento de S. Silvestre em Roma, em que eram parte obrigada o grande artista, o nosso Hollanda, Lattanzio Tolommei e outros. De Lattanzio Tolommei sabemos que foi amigo do nosso poeta; e é provavel que Francisco de Hollanda, lançando no papel em 1548 e 49 as suas recordações de viagem (Da Pintura antiga: Dialogos) avivasse a memoria de todos estes casos, determinando assim a nota marginal de 1550: a comparação de D. Lianor Mascarenhas com a Marqueza de Pescara. As poesias de Vittoria Colonna, admiraveis sonetos ao *amor divino*, publicadas em 1538 e seguidas de varias edições, foram vistas provavelmente por Sâ de Miranda, como tambem é provavel que tivesse tido noticia da sua morte, occorrida em 1547. — Sobre D. Lianor restam-nos apenas as noticias do Canc. de Res. (I p. 110; II 14 e 18; III 190) que a pintam como uma das bellezas mais festejadas, mas mais esquivas, da corte de D. Manoel, alvo das attenções dos mais galantes cavalleiros, como D. João de Menezes, Fernam da Silveira e outros que lhe dedicaram seus versos. Diz-se que era dama da Rainha D. Maria (1500—1517). Os unicos versos seus, que conhecemos, são os restos conservados por Miranda.

Sobre B. Ribeiro veja-se a nota 102. — A forma metrica dos Dialogos lembra as rimas dissolutas (Leys d'Amors I 164) e as coblas recordativas (I 284) dos trovadores provençaes. As estrophes do 1º dialogo acabam todas com as seguintes palavras: ¹eu ²cousas ³cuidar ⁴cuidado ⁵outrem ⁶perdão; a primeira e a segunda repetem ainda, no meio dos versos, as palavras: ¹⁻²cousa ¹⁻²cuidar ³ᵉ⁴rezão e ⁶culpas. As estrophes do dialogo 2º acabam em: ¹grande ²terra ³caminho ⁴perder ⁵cuidados [estr. 1 demasiados) ⁶vida.

51, 8 var. Leia-se: **AP** (e. l. d.: **AB**).

53 (p. 41). **Secaron me los pesares.** Segundo K. Vollmöller (Gröber III 82 e 85) a cantiga de Garci ou Graci Sanchez de Badajoz não está no Canc. Ger. de 1511, mas sim no Canc. d'Oxford. a fl. 330v. Acha-se ainda no Canc. Ger. de 1557 a fl. 229v. e n'um *pliego suelto* citado por Salvá (Cat. No. 27) como tambem no Canc. d'Evora (No. 16), onde o mote diz: *Sacaron-me los pesares Los ojos por el corazon* etc. Foi reimpresso modernamente por C. M. (Antologia p. 29). | O mesmo mote foi glossado por Frco. de Port. (Div. y hum. versos p. 61 *Secaron-me los pesares Los ojos* **del** *corazon*).

Garci Sanchez, o autor do *Infierno de amor*, foi muito festejado em Portugal pelas suas poesias, que Lope de Vega chamou *incomparaveis*, e talvez ainda mais em virtude da tradição que diz morrera doudo de amor. As suas *composições* concorreram ainda para a sua popularidade, se é que „Badajoz el Musico" que assigna poesias no Canc. Ger. de 1557 a fl. 230v. e 291v., e cujos *sons* foram louvados por Resende, Gil Vicente III 137 e Prestes, e o poeta Garci Sanchez de Badajoz são o mesmo individuo, como já foi asseverado por alguem. — Em outro logar (Gröber IV 609) provámos que uma volta, attribuida a Camões pelo visconde de Juromenha, pertence a Garci Sanchez.

54 (p. 42). A cantiga popular em endeixas *„que as moças cantavam polas ruas em dialogo e ao adufe“* é infelizmente perdida. — Agost. da Cruz (p. 156) fez voltas ao mesmo mote.

55 (p. 43). As **Coplas de Anton Vaquerizo** ou del **Vaquero de Morana,** conservadas em varios *pliegos sueltos* do seculo XVI (Duran Cat. p. LXVIII e LXXI) provocaram tambem o apparecimento de uma comedia de Lope de Vega, intitulada: *El Vaquero de Morana* (Comedias Pe 8a).

56 (p. 45). O mote é de facto do celebre Lopo Furtado [de Mendonça], o qual por varias vezes foi embaixador de Castella na côrte de Portugal (cfr. Santarem Quadro II 67 e 94, XV 2, 24 e Annaes 426). Acha-se o dito mote ou Rifam *„que mandou de Castela, hyndo de quaa, aa senhora dona Joana Manuel“* no Canc. de Res. III 301 e diz: *De la tierra donde vine Vy mas bien que pude* **ser,** *Alhaa me quyero bolver.*

57 (p. 45). O ms. **J** attribue as *voltas* de Miranda ao Infante-Cardeal, isto é D. Affonso, filho de D. Manoel (1509—1540 ou 1537), a quem o papa Leão X fizera cardeal com 7 annos. É sabido que o intelligente discipulo de Ayres Barbosa e Nicolao Clenardo era poeta (v. Goes. Chron. I p. 471). Sobre o autor do *mote,* nada sabemos, fosse elle Manoel d'Oliveira ou Manoel de Leiva. Da insigne familia hespanhola de Leiva sahiram muitos poetas, como é bem sabido, p. e. João (Canc. Gen. de 1511). V. Souza III p. 417, André de Rez. Vida.

58 (p. 46). Sobre o Conde de Sortelha D. Luiz da Silveira, intimo d'El Rei D. João III, em quanto principe, v. Th. Braga: Poet. Pal. p. 386; e Canc. de Res. I 114, II 456—472, III 16. 33. 50. 68. 258. 265. 273 etc.; sobre D. João da Silveira Th. Braga P. Pal. p. 414 e Canc. de Res. III 19. 43. 56. 72. 244. 251. 356—359. 598—603.

59 (p. 47). Este mote, resto d'um cantar velho muito popular, foi glosado por Leitão Andr. (Misc. p. 338); Camões (J. IV p. 126); Frco de Port. (Div. y hum. vers. p. 60) e Luiz Velez de Guevara no seu drama sobre Ines de Castro (*Reinar despues de morir*). Segundo Barrera y Leyrado (p. 647) acha-se o cantar velho, dito villancico, com a musica no vol. II dos *Bailes mss.* da Bibliotheca do senhor Aureliano Fernandez Guerra y Orbe.

60 (p. 48). Segundo Duran (Cat. p. LXX e LXXI) o vilancete popular, donde Miranda tirou o mote, acha-se em dous *Pliegos sueltos* do sec. XVI. N'um d'elles diz-se: *Villancico de este mismo Rodrigo Diego de Reinosa: Sola me dejaste*; no outro: *Coplas que [R. D. de R.] hizo sobre el villancico: Sola me dejaste en versos de endechas que dicen: „Buscastes crueldad“.* É pois provavel que o tal Reinosa, de quem F. Wolf trata (Prager Fl. Bl. p. 117 e 126), não seja o autor, mas simplesmente um dos glossadores ao vilancete. Cfr. em D. B. Egl. IX a passagem seguinte:

Rod. *E eu de cantar muito ando já rouco,*
Mas não me hei de rogar; dis tu qual diga.
Ines. *Aquella que começa em „amor louco“.*

Fer. *Antes de la „dulce mi enemiga".*
Ines. *Mas „sola me deixaste e naquel ermo".*
Rod. *Guarde-me deos* **de cousa tam antiga!**
Fer. *As que são boas nunca fazem termo,*
Dizia o môr cantor d'estas montanhas,
Sendo bem velho já e bem enferno.
Rod. *Pois esse m'ensinou mil das estranhas.*

Parece-nos que „o môr pastor", gabador dos cantares velhos, é o nosso Sâ de Miranda. — D. B. glossou o mote nas Flores do Lima p. 154. — As voltas de Sâ são das mais estimadas: foram traduzidas em allemão por Geibel (p. 33 e 188); Böhl de Faber inseriu-as na sua Floresta (No. 266) e d'alli foram copiadas por Duran (Canc. y Rom. p. 65) e por C. M. (Antol. p. 104). As emendas ao texto **B** (9 **Io** *llorando ciego* por **Que** *llorando c.* 16—17 **Pecho con tal** *fuego* por *Vos pecho de fuego*) que se acham nas tres reimpressões, foram feitas por Böhl, como muitas outras. — 3 Th. Braga (Theoria 3ª ed. p. 184) faz notar que Sâ de Miranda se serve do nome *„gallego"* no sentido pejorativo.

1 Leia-se: *Sola* (e. l. d.: *Sota*). 17 var. Leia-se: **A** *Quando havran sosiego?* **B** *Quando havreis sosiego?*

65 (p. 50). Eis o mote:

La bella mal maridada
De las mas lindas que vi, (ou *que io vi*)
Si habeis (ou *has*) *de tomar amores,*
Vida no dejeis (ou *dejes*) *a mi.*

O romance da *„doña bella"* (como diz Sâ de Miranda, e mais ninguem), ou da *donzella, bella* ou *gentil mal maridada; casada sem piedade, senhora mal empregada, fermosa mal empregada,* ou *mal casadilla* é um dos mais celebres, mais populares e mais antigos romances amorosos da tradição oral. Foi tantas vezes imitado, glosado, parodiado e citado proverbialmente por poetas hespanhoes e portuguezes que já em 1550 Gregorio Silvestre lastimava a sua triste sorte, cantando:

Oh bella mal maridada,
A que manos has venido!
Mal casada y mal glosada,
De los poetas tratada
Peor que de tu marïdo!

(V. C. G. de 1557 fl. 391 v.). O velho romance apparece glossado em muitos *Pliegos sueltos* do sec. XVI (3 descriptos por Duran. Cat. p. LXVIII e LXIX; 1 por Salvá No. 108; 1 por F. Wolf: Prager Fl. Bl. No. LVII), que podem ser anteriores ao Romanceiro, que o recolheu pela primeira vez (Rom. de Sepulv. Anvers 1551). Porém os testemunhos mais antigos que comprovam a existencia do romance, acham-se no Canc. de Res. e procedem do fim do seculo XV. Eil-os:

a) I p. 250 Nuno Pereyra á señora dona Lianor da Sylva porque em tempo que elle a seruia se casou. Estr. 4, 6 **Donzella mal marydada.**

b) I p. 255 Ajuda de Jorge da Silveira á mesma D. Lianor 21 Por vos fizestes lembrar **A gentil mal marydada.**

c) III p. 576 De Garcia de Resende a Manuel de Goyos; diz na estr. 10, n'uma allusão á mesma senhora: *A que sabeys que casou Que diz que é* **mal maridada.**

O romance inteiro foi impresso por Duran (No. 1459) e Böhl (No. 122), sobre o Romancero de Sepulveda, e com algumas correcções, tiradas de um *Pliego suelto.* — Todos os poetas palacianos que fizeram voltas sobre a *Bella mal maridada,* apontam apenas as quatro linhas supracitadas, que formam a 1. 2. 5 e 6 do texto de Duran (faz excepção Castillejo, cujo mote se compõe das linhas 1—4 de Duran). — Eis as citações, voltas, e parodias que conhecemos. — Sá de Miranda, Os Estrangeiros A. III Esc. III. — G. V. II 333, 485—486; II 27, 29; III 293, 294. — Prestes p. 113, 216, 303, 448. — Chiado, Auto d. Regat. fl. 4v. — Jorge Pinto, Auto R. e M. p. 270. — Christ. Falc. p. 21 Esparsa. — B. Ribeiro, M. M. fl. 89 e 158. — Fr. Ml. de Mello, Tersicore p. 71 „Bindilla mal maridada" (Rom. burlesco). — Montemayor fl. 42; e 163 A una fea que mandó glossar la bella mal maridada. — Camões, J. IV p. 71 „Formosa e mal empregada". — Castillejo, B. d. A. E. vol. 32 p. 130. — Mendoza, ibid. p. 99 (e Knapp p. 414). — G. Silvestre, ibid. p. 130 e C. G. de 1557 fl. 391 v. — Coloma, Canc. de Nag. p. 509.

Th. Braga cita a proposito da „Bella mal maridada" os romances de Bernal Francez que descrevem uma situação similhante (Arch. Açor. p. 408 e Theoria p. 52). — Uma outra serie de çitações nas quaes se repetem as phrases *„casada sem piedade"* e *„la que io vi por mi mal"* ou *„que eu vi pelo meu mal"* tem por origem talvez uma variante do mesmo romance popular, ou outro similhante, hoje perdido. — Cfr. G. V. I 139: *„Fernando, por meu mal te vi, Como lá diz a cantiga".* — Christ. Falc. p. 21: *Casada sem piedade.* — Camões, J. IV 59: *„Amores de huma casada Que eu vi pelo meu mal"* e Amph. I 6: *Casada sem piedade* e mais abaixo: *Onde casada puzestes, Dizei, porque não dissestes* **„La que io vi por mi mal".** — Compare-se: F. Wolf, Prager Fl. Bl. p. 22 Ensalada: *„por mi mal te vi".* — É quasi escusado dizer que Lope de Vega, poeta que não esqueceu uma só das tradições verdadeiramente populares, aproveitou tambem a da Bella mal maridada (Com. P° 2ª).

66. No Appendice já se disse que um fragmento d'este Vilancete se encontra no MS. J a f. 14.

68 (p. 53). **D. Simão da Silveira.** A respeito de dous poetas differentes d'este nome, cfr. Braga, P. Pal. p. 401 ss., Hist. de Cam. II 295—306; Barb. Mach., e Storck I p. 367, II 422. Concordamos com Th. Braga em que o amigo de Camões deve ser differente do seu homonymo (um seu tio?) no Canc. de Res. Não é porém possivel decidir *a priori* ao qual dos dous pertence o Vilancete, pois todos os adeptos da Escola nova escreveram tambem Redondilhas no gosto da Escola velha, com unica exepção do dr. A. Ferreira. De entre o circulo d'aquelles quinhentistas, cujos motes octosyllabos Sá de Miranda glossou,

apesar de escreverem principalmente ao modo italiano, basta citar Pedro d'Andrade Caminha e Francisco de Sâ de Menezes. — D. Manoel de Portugal fez umas voltas ao mesmo mote, conservadas na Misc. J fl. 3.

Francisco de Sâ de Menezes. Pertence a uma das familias da nobreza que mais se distinguiram nos reinados de D. João II, D. Manoel, D. João III e D. Sebastião pelos seus serviços politicos e pelos talentos litterarios dos seus membros. Os Menezes e Sâs formam com os Vimiosos uma trilogia que domina a situação nos campos de batalha e nos Serões. Francisco de Sâ de Menezes revela-se nos Nos. 68 e 71 como poeta lyrico da Escola velha e do No. 97 conhece-se que foi partidario da Escola nova. Seu pae João Rodriguez, seu avô Anrique de Sâ, ambos poetas do Canc. de Res., seu sobrinho e homonymo, autor da Malacca conquistada illustraram-se como poetas e protectores das letras. Francisco partilhou infelizmente a sorte de muitos dos poetas portuguezes, seus contemporaneos, que, tendo gosado em vida da maior fama, foram esquecidos pelos posteros. A perda total de muitos manuscriptos e a circumstancia de terem ficado ineditos até hoje os poucos textos que se salvaram, explica este abandono, alias injustificavel em face do merecimento real d'elles e dos extraordinarios e unanimes louvores de todos os quinhentistas ao poeta de que fallamos. N'elle dá-se ainda uma outra circumstancia desfavoravel, o terem sido confundidas as suas poesias (e aquellas que lhe dedicaram), com as de outros homonymos: por ex. as de seu primo, o poeta epico, e as de Sâ de Miranda, seu parente e amigo, que ambos assignavam simplesmente Francisco de Sâ, sem a particula de Menezes ou de Miranda. Ninguem se lembrou pois de reivindicar para Francisco de Sâ de Menezes o lugar de honra que lhe pertence na escola de Sâ de Miranda, ao lado de Diogo Bernardes, e D. Manoel de Portugal. A questão da homonymia teve ainda outra consequencia: com a confusão das poesias corre parelhas a confusão das pessoas. Todos os modernos historiadores as baralharam sem critica: o poeta lyrico Fr. de Sâ de M. é confundido ora com o poeta epico, ora com seu pae João Rodriguez, ora com Miranda. A confusão revela-se em geral nas relações genealogicas da grande familia dos Menezes e Sâs (relação dos Sâ de Menezes com Sâ de Miranda, ligação com os Colonnas etc.). D'ahi contradições interminaveis que não podemos corrigir aqui miudamente. Como simples amostra queira o leitor verificar algumas passagens dos seguintes autores, que se referem a varios Sâs e Menezes (Th. Braga, Quinh. p. 6, 8, 33, 68, 131, 177, 194, 290 e Manual 309, 382; Castilho, Ant. Ferreira I p. 58, 99; C. C. Branco 49 e 281; Fonseca, Cat. p. CLXXVIII b) e que são insustentaveis em face da taboa genealogica que organisámos com o maior escrupulo sobre as melhores fontes:

Francisco de Sâ de Menezes, o lyrico, é pois filho do grande João Rodriguez e de D. Camilla de Noronha, neto de Anrique, irmão de Antonio, e tão proximo parente de Sâ de Miranda que o 3° avô d'este é o 4° avô d'aquelle. Os differentes episodios da sua vida politica são conhecidos: os da sua vida na côrte são os seguintes: em 1537 criado do recemnascido principe D. João e em 1549 seu aio e camareiro môr; em 1543 um dos embaixadores que accompanharam a Princeza D. Maria a Castella; em 1554 por pouco tempo „mestre" de D. Sebastião; em 1558 seu camareiro môr e logo depois Capitão da Guarda real, Conselheiro do estado e Governador do reino nas ausencias de El Rei, servindo de medianeiro nas discordias entre D. Catharina e seu neto; em 1578 camareiro môr de D. Henrique; em 1580 Conde de Mattosinhos, lugar onde morreu em 1584, depois d'alguns annos dedicados ao nobre ocio das letras. — Posto que casado duas vezes não deixou descendentes (Andrada IV c. 38; Souza III 547; XII 65, 577; Barb. Mach. II 247 e Memorias, passim). A sua vida como poeta é completamente desconhecida e difficilmente se prestará a uma reconstrucção. Calculando com probabilidade o seu nascimento entre 1513 e 1515, podemos suppôr a sua entrada na côrte de D. João III — que Sâ de Mir. ainda frequentaria — cerca de 1530. Os Nos. 68 e 71 mostram-no em relações com este e como poeta da Escola velha; duas redondilhas citadas por Barb. Mach. (1° Red. que compoz quando se retirou ultimamente da Côrte [i. e. 1580] que principião: *„A tudo quanto desejo, Acho atalhadas as vias, Intentos e fantesias."* 2° Red. ao rio Leça: *Oh rio de Leça, Como corres manso! Se eu tiver descanso, Em ti se começa!*), provam que este genero de poesia foi cultivado por elle até ao fim da sua vida. Mas, seguindo as pisadas de Miranda, poetou tambem nos metros italianos: pela rubrica do No. 97 sabe-se que fez um „Capitulo a Madalena"; Ferreira gaba as suas „elegias brandas"; um soneto dedicado á morte d'este quinhentista, acha-se nas obras d'elle. Tudo o mais pode considerar-se perdido (p. ex. um codice inteiro, em tempos pertencente a Manoel Severim de Faria) ou então inedito, como 66 Sonetos na Bibl. d'Evora (Cod. CIV d 1—4) que no Catalogo são attribuidos a um Francisco de Sâ, e que, em todo o caso, não pertencem a Sâ de Miranda, a julgar pelo estylo e pelo assumpto; mais alguns versos nos Cod. CXIV 2—2 a fl. 89 e 90 e CXXX 1—7 a fl. 181 ss. da mesma Bibliotheca; e emfim 4 poesias no Cancioneiro de L. Franco a fl. 141. 142. 142v. 143. Um certo numero de composições correm, em nosso parecer sob outros nomes, como já dissemos. Sâ de Menezes é o cantor de uma certa Filis, como se prova por uma passagem de Ferreira e por algums dos sonetos do codice CIVd d'Evora; devemos pois prestar especial attenção a todas as poesias de qualquer Francisco de Sâ que celebram uma Filis, como são os Nos. 170. 171. 181 e 184 d'este volume, que julgamos serem antes de Menezes do que de Miranda. Vejam-se mais pormenores sob estes numeros. Em conclusão: ainda quando nos faltasse todo e qualquer documento do seu talento poetico, deveriamos ajuizar favoravelmente da sua capacidade litteraria, taes e tantos são os louvores prestados á sua „doce frauta",

sua „**musa alta e suave**“ etc. por Ferreira (vol. I Son. LII, Ode III, Elegias I, II e III; vol. II Carta XIII), Diogo Bernardes (Lima, Carta XVI, Carta VII, Egl. XVI e passagens na Egl. I; Flores, Son. CV e CVI), Andrade Caminha (Elegia II), Teive (p. 271 e 285) e Falcão de Resende (Son. LXVIII e Epist. V).

70 (p. 55). Duvidamos que Antonio d'Azevedo, autor do Vilancete, seja o mesmo de quem Barb. Machado diz: que foi „poeta comico dos mais insignes que floreceram no feliz reinado del Rei D. João o III“ (I 213). Um fragmento deste Vilancete encontra-se no MS. **E** fl. 53, como fazendo parte do No. 68, Vil. XXIV (e não XXIII).

71 (p. 55). O conhecido vilancete de Juan del Enzina tambem foi glossado por Montemôr (fl. 2v. e Duran, Canc. p. 240). Compare-se a Farsa I de Lucas Fernandez. — Enzina e Montemôr escrevem: *Quien te hizo, Juan, pastor?* Sâ porém diz: *Quien te hizo, Juan pastor, Sin gasajo* etc.? Cfr. Rubrica da estr. 3ª e No. 102, como tambem Canc. d'Evora p. 46 etc.

Na estrophe intercalada que pertence a Frco de Sâ de Menezes, leia-se 3—4: *Mostrava contentamiento* (e. l. d.; *M. contentamiento.*).

72 (p. 57). **Taño os io, mi pandero, Taño os i pienso en al.** Em Böhl de Faber (Floresta No. 237) encontra-se um delicioso vilancete que principia com os dous versos citados e que é attribuido a Alvaro Fernandez d'Almeida; d'ahi passou para a Antologia de C. M.; e a traducção allemã de Geibel (p. 26 e 188) foi feita provavelmente pelo mesmo texto. A fonte de Böhl, porém, é o proprio Canc. de Res. (III 367), de sorte que ainda no presente caso se prova, que esta flor da antiga poesia lyrica hespanhola (como muitas outras, que adornam os Cancioneros de Hespanha) procede de origem portugueza. Böhl omittiu tres estrophes, realçando assim o effeito do antigo vilancete, com prejuizo da authenticidade. — A rubrica do Canc. de Res. [*outras* (*voltas*) *suas a este vilancete que diz* etc.] prova que A. Fernandez d'Almeida tirou o mote de uma velha poesia popular. Nem as voltas de Sâ de Miranda, nem outras de D. Bernardes (Flores p. 164) sobrelevam ás do antigo texto. — Andrade Caminha cita o mote na sua Elegia XXI (p. 177); Ferr. de Vasconcellos faz o mesmo na Aulegraphia fl. 12.

7 **ABEP** escrevem: *acompañe.*

73 (p. 57). 21 *Nas cousas que* por *nas cousas nas quaes* etc.

74 (p. 58). **Sextina.** A rubrica inicial dos mss. **D** e **P** (*ũa maneira de canção italiana que chamão sextina, porem no nosso e medida*), alias pouco clara, por certo significa (como se prova comparando-a com a do MS. **J**: *na nossa medida*), que a sextina foi feita á maneira italiana, porem na medida usual portugueza, i. é octosyllaba. É pois um compromisso entre o gosto italiano e o portuguez. — Nem os trovadores portuguezes dos tres grandes Cancioneiros, nem os poetas do Canc. de Res. se serviram d'esta forma poetica, inventada por Arnaut Daniel, modificada por Guillem Peire e aperfeiçoada pelos italianos (Petrarca etc.). Esta Sextina de Miranda é, com outra, tambem octosyllaba, de Christovam

Falcão (p. 39) a mais antiga em lingua portugueza. Depois foi aproveitada por D. Bernardes (Flores p. 69 e R. ao Bom Jesus 145); por seu amigo D. Gonçalo Coutinho, o supposto autor da Vida de Sâ de Miranda, por Falcão de Resende e por Camões. Aquillo que D. Manoel de Portugal chama Seistina (Obras p. 277 v.), costuma-se classificar, com mais razão, de sexta-rima ou de sextilha (6 estrophes, de seis versos hendecasyllabos cada uma; as rimas alternam em cada estrophe a b a b c c). — Tambem a nota final dos mss. **D** e **P** (*esta composição das seistinas é a de mais artefício de quantas em Italia se usão, e pois que tudo ha de ir*), é assaz obscura. Deve-se suppôr ou que a phrase ficou incompleta, ou que as palavras „*e pois que tudo ha de ir*" querem dizer: *e* (*por isso*) *ha de ir depois de tudo* i. é *no fim* (sc. das Redondilhas).

1—2 **AB** offerecem a variante seguinte: *Não posso tirar os olhos Donde os não leva a rezão.* Isto pretende pois dizer: *Não posso despegar os olhos de onde a rezão não quer que mirem* ou *quer que não mirem*; em quanto o nosso texto diz: *Não posso volver os olhos para onde a razão o manda.* 8—9 podem lêr-se tambem: „*Quebrantadores das leis*" *Brada apos mim a rezão* (Veja-se a Var. do MS. **J**).

75 (p. 60). **Antonio de Sâ e Menezes.** V. a Tab. Geneal. Foi de certo muito mais velho do que seu irmão Francisco (nascido 1515) porque parece que pouco depois de 1535 „vuelto de aquella empresa valerosa Contra los Turcos que van desmaiados" casou sua filha D. Camilla. Deve ser por isso, ainda que os biographos o não digam, filho (unico) do primeiro matrimonio de seu pae João Rodriguez, sendo o segundo com D. Camilla de Noronha, filha do Conde D. Martinho de Portimão, realisado entre 1513 e 1515 quando Antonio já era crescido. Cfr. Canc. de Res. III 575: *De Garcia de Resende estando el rrey em Almeyrim a Manuel de Goyos* etc., onde diz:

Dona Camyla casou
com Joam Rroiz de Saa;
no outro dia a levou,
nysto muitas cousas haa
de que vos conta nam dou.
Convydou as damas todas
hum dia ante das vodas
dom Martinho a gentar,
ouv' ahy tal que casar
desejou mais qu'aves gordas.

O MS. **J** é o unico que nos dá a noticia de Antonio ter sido Alcaidemór do Porto. É pouco provavel, porque morreu antes de seu pae, que occupava este logar. Sâ de Miranda exalta o seu valor nas armas:

Testigo Cepta, testigo Safi (No. 151);

Ferreira (Carta IV do livro I; Carta V do livro II; o de V do livro II) e Andrade Caminha (na Oda V e Elegia V) pintam-no como amigo e protector de poetas; escriptores modernos como Th. Braga (Cat. dos Poetos lyricos do sec. XVI, No. 35) e Castilho (I 90) pretendem que tambem elle

proprio foi poeta. — Casou com uma senhora da casa de Noronha que alguns chamam D. Ignez, outros D. Beatriz, mas que provavelmente era aquella D. Angela, cuja morte choraram Ferreira (em dous epitaphios, II p. 155 e um Son., XXII do L. I, vol. I p. 83) e D. Bernardes (Canção: Bom Jesus 128; e Soneto: ibid. 132; cfr. Camões Son. 186). Cfr. Castilho I cap. XX. Morreu ainda em vida de seu pae, como dissemos, o que se conhece do Epitaphio de Ferreira (II p. 130), isto é antes de 1579, depois de ter soffrido bastantes desgostos a que alludem as poesias que lhe foram dedicadas: Não teve filho varão e seu neto, filho de D. Camilla e de D. João Rodriguez o moço, morreu cedo.

As linhas 6—7 foram imitadas por Andr. Caminha na Epist. XXII, onde diz: *O psalmista no-lo ensina, Homem é elle para crer*; a 9 por D. Fr. Ml de Mello p. 209 nas Quintilhas XXIII estr. 6; e diz: *Direis que são meus criados Pois me comem o meu pão.* — 11 Leia-se: *Que graça me ja contárão* (e. l. d.: *Que graça me ja o cantarão*).

76 (p. 61). **Manoel Machado d'Azevedo.** O cunhado de Sá de Miranda, Manoel Machado d'Azevedo, Senhor das Casas de Crasto (hoje Castro), Vasconcellos e Barroso e dos Solares d'ellas, como das terras de Entre-Homem-e-Cavado etc., é um typo muito caracteristico, modello do perfeito cavalleiro do seu tempo. As datas da sua vida são desconhecidas. Morreu com 80 annos, tendo nascido entrando o seculo. A sua amizade com Sá de Miranda data do tempo em que ambos, e mais dous irmãos de Manoel (Simão e Bernardim), cursavam a Universidade e accompanhavam a côrte de el Rei D. Manoel, e mais tarde a de D. João III. Um gosto commum pela poesia e a musica estreitou os vinculos d'esta amizade, quando se retiraram para o Minho, um para o solar do Crasto, o outro para a sua Commenda Das Duas Igrejas, fazendo parte da mesma freguezia, de Sam Martinho de Carrazedo (hoje Bouro). Manoel Machado foi cultor das bellas artes: pintava bem, cantava com voz suave, e tangia com destreza varios instrumentos, p. e. o alaude. Os seus contemporaneos não louvavam menos a sua bizarria nas armas, na caça, nos torneios e nos bailes dos saraos. A sua valentia combinava-se com um vivo sentimento da justiça que o fazia amar de seus subditos: aboliu por exemplo nas suas terras a *luctuosa* que dizia impia, substituindo-a por uma *plazenterosa* (cfr. No. 164, 671), e fizera mesmo voto de não aceitar cargo algum em que houvesse de condenar á morte. Aos seus reis tributava respeito filial de tal modo que nunca entrava na sala dos retratos reaes do seu solar sem se descubrir. Era pessoa grata junto a D. João III e particular amigo dos Infantes Cardeal D. Henrique e D. Luiz, assistindo estes dois até ao baptizado do seu filho primogenito. O seu biographo descreve-o como fidalgo de boas letras e de viva intelligencia, celebre pelas suas promptas e agudas respostas. Nas suas festas costumava haver fogos, touros, cannas, mascaras, musicas, sortes, danças, folias; improvisavam-se tambem comedias em prosa. As noites passavam-se em familia ao pé da lareira, fazendo perguntas do genero das que se usavam nos serões de D. Manoel — recordação das côrtes de amor da Provença — e respondendo com

mais ou menos subtileza e facilidade. Foi poeta, escrevendo *á Miranda*, isso é *a lo sayaguez*, entremeiando sentenças, proverbios e termos rusticos. O que resta dos seus versos são unicamente duas poesias pouco importantes, os nossos Nos. 208 e 209. Miranda offereceu-lhe outras duas (No. 76 e 153) com muitas cartas em prosa, infelizmente perdidas. — A fonte d'estes apontamentos é um raro e precioso livrinho, bem digno de ser reimpresso, escripto por seu bisneto, o marques de Montebello (Vida de M. Machado de Azevedo. — 1660. V. Fontes). Extractos em Barb. Mach. III 300, e principalmente em Th. Braga, Quinh. 106, Hist. de Cam. I 162 e Theatro do sec. XVI Cap. IX p. 277.

As allusões a um da Vale (3 e 15) e outro Ribeiro (25) já não podem ser descifradas; o sentido geral d'estas Redondilhas humoristicas é porem facil de adivinhar. — 29 e 31 vem citadas por D. Frco de Port. (Prisões p. 14): *Mas sempre se fartou a impiedade na innocencia e deixa andar os encartados, que têm cheos os caminhos de virotes ouriçados. Que a não ser assim, não tivera a tyrannia nome.* O mesmo D. Frco cita as linhas 43 e 44 a p. 4 e accrescenta: „*He força que leais esse motte de hum discreto daquelles que honrados nos fazem saudade do que foy.*"

22 Leia-se: *condene*, (e. l. d. *i condene*).

77 (p. 63). **Pero Carvalho.** O fidalgo d'este nome, a quem Miranda dedicou esta Esparsa, e mais a Carta 3a (No. 116), é talvez a pessoa que em 1518, na occasião do terceiro casamento d'El Rei D. Manoel com D. Leonor, irmã de Carlos V, antes prometida em casamento ao principe D. João (III), beijou no paço a mão a el Rei, junto com Damião de Goes, andando ambos em pelote „porque nesta casa se não permetio entrarem em pelote mais que nos ambos" (Goes, Chron. II p. 473). Em 1532 figura como guardaroupa del Rei D. João III, mais tarde como provedor môr das obras e do Conselho del Rei e em 1548 como védor da Casa da Princeza D. Joanna, então noiva do infeliz Principe (Souza, Provas II p. 312, 347, 838; e III p. 54 e 517).

Antes da agua da prata quer dizer antes de 1543, porque foi n'este anno que se concluiram as obras de reedificação do antigo aqueducto de Sertorio, pelo qual se conduziu a Evora a agua da fonte da prata. Tinham sido começadas em 1533, na presença d'El Rei. — Resende (Chron. p. 271) conta que ja em 1495 D. João II tinha ordenado o aproveitamento d'essa fonte cujas „aguas nitidas de argento" Camões gaba nos Lusiadas (III estr. 63). O descobridor das velhas ruinas do aqueducto romano foi o celebre antiquario André de Resende, sendo promotor das obras (segundo Francisco d'Hollanda, Fabr. p. 13, 41, XII e XV das Notas; Souza, Pr. III p. 488; Barros, Paneg. p. 95 e Andr. IV 543) el Rei D. João III, secundado (segundo Goes, Chron. II p. 146) pelo Cardeal Infante. Sobre a questão das ruinas, travada entre A. de Resende e o grande Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva (amigo de Bembo, Sadoleto, Giovio e Castiglione) veja-se Barb. Mach. I p. 169, III p. 484 e Resende, Hist. d'Evora cap. III.

Esta alegre Esparsa é uma prova das amigaveis relações entre Miranda e Pero Carvalho. Uma prova de relações contrarias acha Th. Braga na Carta 3ª, „em que Miranda censura os fidalgos que no tempo da peste (1527) se refugiaram em Coimbra, e, depois de se utilisarem da fazenda dos habitantes, foram dizer mal da terra." Não negamos que d'esta carta fortemente satyrica podesse resultar inimizade entre os dous, dado o caso que P. Carvalho, o guardaroupa del Rei, participasse das culpas verberadas por Miranda -- o que ninguem pode provar. — A graciosidade d'esta Esparsa foi justamente apreciada, como se prova por duas imitações, uma de Falcão de Resende (p. 462), que diz:

A um fidalgo amigo, mandando-lhe uns cachos d'uvas.

Mandar em tal tempo luvas
Se houve por escusado,
Havendo que é mandar uvas
Mais louvado. etc.

e a outra de D. Frco Ml de Mello (p. 235 Epigramma LXXII *A hum Amigo, mandando-lhe tres melões de inverno para que se lembrasse de hũas luvas que lhe havia prometido.*), que começa:

Mandar em tal tempo luvas
fora presente louvado,
mais que o vinagre rozado
e que o mesmo prato de uvas
do nosso Sâ celebrado. etc.

O mesmo autor aproveita-se da linha 6 no seu Epigr. LXVIII: *cada qual dá do que tem.*

79 (p. 68). 1 **AB** *por fazer desd'hoje.* -- Leia-se: *Alma,* (e. l. d.: *Alma*).

80 (p. 68). Este Soneto foi publicado por Th. Braga na sua edição de Camões (Bibl. da Act. vol. I p. 174 No. 325, e Parnasso vol. I No. 326), como obra d'este poeta e como inedito, sobre o MS. de L. Franco fl. 128 v. W. Storck traduziu d'esta fonte, reconhecendo porém a errada attribuição, e restituindo-o a Sâ de Miranda (II p. 355). A lição de L. Fr. não offerece variantes: nas linhas 10 e 11 lê-se, como no MS. **P**: *quando os traz* e *semrazões.* O sentido do Soneto é, quanto a nós, differente da interpretação que lhe dá o traductor allemão e teria, litteralmente fallando, o teor seguinte: „Wilde Liebe und Vernunft führen in meiner Brust ungleichen Kampf. Die Liebe, die schon seit lange darinnen wohnt, herrscht (einerseits) und thut was sie will, nach Lust und Laune. Sie hört nicht auf die Vernunft: sie ist ganz Tyrannei, ganz Stolz und ganz Gewalt; nach Willkür schafft und vernichtet sie; den Frieden kennt sie nicht, muss man an ihn glauben, so ist sie todt. Andererseits erspäht die Vernunft jene Zeiten, die nur dann und wann das Uebermass der (Liebes)-thorheit und eine glückliche Stunde bringt. Denn die Liebe hat keinen festen Stand, wo jene (die Vernunft) sie treffe. Dann aber (wenn sie sie einmal trifft) spinnt jene Verrath. In dieser Qual, da alles brennt, was soll ich thun?" — Parece-nos pois conveniente pôr ponto depois de *treições*

(l. 13[a]) e continuar: *Nesta agonia*, etc. — Linha 6 Verso cumprido. Leia-se com **ABP** (e L. Franco): *faz, desfaz.*

81 (p. 69). 11 O leitor reconhecerá, á primeira vista, que a particula composta *coa* (*com a*) tem de ser considerada como representando duas syllabas, na segunda vez. — Nas variantes leia-se: 11 **A** (e. l. d.: **B**).

82 (p. 70). 13 *Cai* = *Cal.*

83 (p. 71). 3 *em fogó* **a** *fragoa.* Julgamos este *a* ser a forma popular e minhota da conjuncção *e*. V. Glossario. — 11 **P** *Custoso á alma e custoso á vida.*

84 (p. 71). Este Soneto, que pertence indubitavelmente a Sâ de Miranda, é attribuido a Camões, desde o tempo de FS., e está incluido nas suas obras (Ed. J. 222, Ed. Br. 258). A lição de FS. offerece variantes muito consideraveis e que não se encontram em nenhum dos cinco textos de Miranda. Procedem talvez das modificações de FS. A construcção grammatical do segundo quarteto é comtudo inadmissivel, e admira que FS. não reparasse no defeito, pois escreve:

Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfia,
Con la triste memoria, y fantasia,
Del bien por quien mal tanto assi se siente!

Póde-se emendar ou em 1: *apartarme* por *apartado*, ou em 6: *que io siga* por *siguiendo.* — As outras variantes são: 1 *Ay quien dará a mis ojos u. f.* 2 *manen* 3 *la alma mia* 4 *lo pasado i lo presente* 10 *El duro agrabio que el Amor me ha hecho* 11 *Donde t. p.* 12 *Q. m. a. profundamente el pecho?* 13 *Do está escrito el s. etc.* 14 *Con tanto dolor mio a mi despecho?*

No nosso texto leia-se 9—10: *iguale, Quejando me* (e. l. d.: *iguale Quejando me,*). A construcção é pouco correcta; o poeta quer dizer: Quem me dará palavras com que eu possa descrever (igualar) o mal que amor me ha feito, queixando-me d'elle?

88 (p. 74). As **poesias em Echo** são uma especie rara em Portugal até ao tempo de Sâ de Miranda. Em G. V. acha-se uma (II 59) e havia outra no Cancioneiro de P. Ribeiro, attribuida a B. R. Depois são frequentes.

89 (p. 75). Em versos a g u d o s, como os sonetos 92, 122 e 149 de Camões, Ed. J. (cfr. Storck II p. 365), certas famosas octavas de Calderon na Cena de Baltasar, e outras poesias menos conhecidas.

90 (p. 76). A antiga fabula de **Hero e Leandro**, de que se serviram quasi todos os poetas da Renascença, em poesias especiaes, ou accidentalmente, como episodio, foi aproveitada por Sâ de Miranda tambem no No. 39. Pondo de parte os poemas narrativos de Bernardo Tasso, Boscan, D. Francisco Trillo y Figueroa e D. Francisco Nieto y Molina, que imitam mais ou menos o fabulista grego Musaios, assim como os romances burlescos de Gongora e D. Frco Manoel de Mello (Seg. Tres Musas p. 118), que parodiam os já citados; e abstrahindo tambem das comedias de Lope de Vega e Mira de Amescua, como de tudo que é mera tra-

ducção ou simples episodio em outros poemas (DB. Lima p. 129 e 228); considerando só os sonetos hespanhoes e portuguezes que procedem, como o de Miranda, do Epigramma XXV de Marcial, devemos citar os onze seguintes: o 29º de Garcilaso (publicado já em 1536 n'uma folha volante portugueza, segundo Braga, B. R. p. 67, que o attribue erradamente a Boscan); o 15º de Gutierre de Cetina; o 55º de Juan de Arguijo (B. d. A. Esp. vol. 32 p. 35, 42 e 401); um de Valdes y Melendez; outro de Mateo Vazquez de Leça; outro de D. Hipolita de Narvaez (ibid. vol. 42 p. 6, 12, 30 e repetido a p. 544); outro de Juan de Coloma (Canc. de Nag. CIII); outro de DB. (Flores, Son. 87); outro na Miscell. de Leitão Andrada (p. 259); outro de Montemayor (fl. 94); outro de um anonymo no C. G. de 1557 (fl. 366v). Nas obras de Camões ha a citar dous, um conhecido de ha muito (No. 85) e outro publicado por Th. Braga no Parnasso (No. 374), como Inedito, mas que realmente não o é, nem póde ser de Camões, sendo publicado já em 1557 no Canc. Gen. a fl. 400v como Soneto viejo. Na Misc. J. faz parte de um cyclo de cinco sonetos, alias ineditos. — O Soneto No. 280 de Camões não entra em conta, postoque se refira a Leandro. — D. Fr^co^ de Port. allude na sua Carta (p. 40) a mais um, que não conhecemos quando diz: „Obrigado delles sigo ora hũa bandeira a pedaços verde, ora hũa pequena luz por estas ondas, sem ser a com que

Ero el puerto y la torre señalava
Passando dias crueles, noches enemigas.“

Nas Prisoens cita este mesmo autor (p. 38) as duas primeiras linhas do tão admirado soneto de Miranda, o qual tambem em Hespanha conquistou admiradores desde logo. Herrera falla d'elle nos seus Commentarios a Garcilaso, escriptos em 1580 (p. 250), isto é muito antes de publicadas as Obras do autor. — Segundo Almeida-Garrett „o erudito Ribeiro dos Santos tanto gustou do Soneto que o traduziu em portuguez e — cousa singular em tal homem! — o deu por seu“ (Parn. Lusit. I p. XIX).

7 B *Que en la alta torre luze* etc.

91 (p. 77). **Dom Manoel de Portugal.** Cfr. Barb. Mach. III p. 345. — Innoc. da Silva VI p. 87. — Faria e Sousa III p. 160. — Th. Braga, Hist. de Cam. II p. 75—96 e Manual p. 283. — Souza X p. 793. — Este fidalgo pertence a uma das maiores casas do reino, a uma familia igualmente illustre nas lettras e nas armas, em que „la ciencia no embota el hierro de la lanza ni haze floxa la espada en la mano del caballero“. Tres Vimiosos merecem ser aqui especialmente citados: Primeiro o pae de D. Manoel, D. Francisco de Portugal (1485—1549) 1º Conde do Vimioso e 3º neto de D. João I; foi afamado poeta do Canc. de Res. (II p. 109—154, e 591) e autor das „Sentenças“, que lhe valeram o nome de „Catão portuguez“ conservado por Damião de Goes (Chron. do Princ. D. João cap. 17). Segundo, outro D. Francisco, sobrinho-neto do nosso D. Manoel, † em 1632, autor da Arte de Galanteria, dos Divinos y Humanos Versos e das Prisoens e Cartas, as quaes tantas vezes citamos n'estas notas, porque estão cheias de reminiscencias e trechos

tirados das Obras de Miranda. Em terceiro logar o nosso D. Manoel, filho terceiro do primeiro Conde e da altiva D. Joanna de Vilhena que Garcia de Resende, pouco antes do casamento com seu primo, pintava do seguinte modo (II 578):

Huma de sangue rreal
que se cryou em Castela,
sendo nossa natural,
nam anda ninguem co' ela
nem casa em Portugual.
Faz mesuras de cabeça,
nam acha quem lhe mereça
mesura d'outra feyçam
se nam primo comirmão
ou outrem que o pareça.

Th. Braga pretende ver n'esta dama a mimosa „Menina e Moça, a decantada Aonia de Bernardim Ribeiro". D. Manoel nasceu em 1520. É possivel que em 1535 figurasse na jornada de Tunis, ao lado de D. Affonso, seu irmão primogenito, no sequito do Infante D. Luiz (Andr. III cap. XV). D. João III franqueou-lhe em 1549 a entrada nos aposentos do joven principe D. João; e D. Sebastião enviou-o como embaixador a Castella. Depois do desastre de Alcacer-Quebir (onde se acharam sete varões da casa Vimioso, e entre estes D. Henrique, filho de D. Manoel) tomou, com todos os seus, o partido do Prior do Crato, motivo pelo qual soffreram depois os maiores vexames da parte de Felipe II. Sabe-se que foi durante certo tempo pretendente á mão de D. Francisca de Aragão, (protectora de Camões e Andrade Caminha) o que não o impediu de casar duas vezes. No fim da sua vida fez-se mystico e ascetico. Morreu em 1606, tendo dado á luz um anno antes um grosso volume de „Obras Espirituaes", em que figuram todos os artificios da eschola italiana e bem assim todos os generos da Eschola velha hespanhola. As suas obras mysticas são comtudo monotonas; o pouco que resta das suas poesias amorosas profanas, infelizmente ineditas e provavelmente perdidas (Barb. Mach. cita tres Mss. hoje descenhecidos) justifica os altos louvores que mereceu a Miranda, Camões (Ode VIII) e Falcão de Resende (Son. LXVII e LXVIII). O leitor poderá julgar do seu merito pela Egloga que no texto publicamos como inedita (No. 192), e que foi por elle mandada a Sâ de Miranda com o presente Soneto dedicatorio. Deve ser um dos primeiros, se não o primeiro ensaio na maneira italiana. Não é possivel fixar a epoca em que D. Manoel se relacionou com o nosso poeta e começou a escrever nos metros estrangeiros; o que não offerece duvida é que foi antes da primeira remessa de poesias ao principe, e que D. Manoel deve ser contado no numero dos primeiros imitadores de Sâ de Miranda. Elle e D. Francisco de Sâ de Menezes prestariam, como ja dissemos, um serviço relevante ao nosso poeta, recommendando as suas obras ao Principe.

Acham-se ineditos seus 1º no Cancioneiro de L. Franco a fl. 118, 119v, 120, 135v, 230v—252 „Cantos, Tercetos, Sonetos, Eclogas e

Odas de D. M. de Port. a D. Francisca de Aragão"; 2º no Codice de Evora $\frac{CXIV}{2-2}$ a fl. 91, 114, 122v, 123, e 3º na Misc. J. a fl. 3—7. Com estes fragmentos poder-se-hia compôr uma pequena collecção, incompleta de certo, mas que mesmo assim daria uma ideia mais adequada do amigo e Mecenas de Camões, o saudoso namorado de D. Francisca de Aragão, do que as suas obras mysticas.

Cfr. Nos 92, 150, 192 e 193.

Var. 8 **E** Para o verso ficar certo é preciso pronunciar *stancias* (e. l. d.: *Estancias*).

92 (p. 77). **Reposta polos consoantes.** É bem conhecida a maneira de compôr respostas poeticas em conformidade com perguntas poeticas, na mesma construcção e rima, pelo estylo dos Sirventeses provençaes, imitado nos *seguires* dos velhos trovadores portuguezes do Cancioneiro da Vaticana, e d'ahi transplantado para o Cancioneiro de Resende. Não seria pois licito chamar este artificio de Miranda, muito usado tambem nos Cancioneiros hespanhoes (C. G. fl. 234v—251v Preguntas y Respuestas), uma imitação de Petrarca, se elle mesmo não dissesse claramente nas rubricas d'este Soneto, que os sonetos de Petrarca feitas sulle rime lhe serviram de modelo. A lição de **A** „*seguindo o P. tambem nas suas rezões*" parece ser errada: nós, ao menos, não conhecemos Soneto algum do poeta italiano com significação parecida. — A allusão ao *rustico pastor d'antre as manadas que d'agua offreceu em mãos lavadas a Xerxes* (alias Dario ou Artaxerxes) reapparece sempre que um poeta pretende humilhar-se aos olhos do Mecenas que a sua poesia glorifica. Cfr. Barros, Pan. p. 177; Teive p. 10; Falcão de Resende, Son. XIII e XIV (No. 206 d'este vol.); Dr. Frco Ml de Mello p. 79. Seg. Tres Musas.

5 **B** *por mãos lavadas.*

93 (p. 78). 8 O MS. **D** escreve n'uma lettra de difficil leitura: *I aun es segura toma de arte i maña*; o MS. **P**: *I aun en seguro tema de arte i maña.* Nem um nem outro dão um sentido satisfactorio. Suppômos que o original, commum a ambos, diria: *I aun en seguro tema* (sbj. de temer) *de arte i maña.* Não nos atrevemos porém a collocar esta emenda no texto. O que alli se vê, foi restituido sobre a lição de **AB**.

94 (p. 79). 12—14 Cfr. Ovid. Met. XIII 471: genetrici corpus inemptum Reddite; neve auro redimat ius triste sepulchri, Sed lacrimas. Tunc cum poterat, redimebat et auro. — 12 **B** *a ruegos de la madre mia.*

95 (p. 80). Cfr. as notas aos Nos 170, 171, 180 e 181.

96 (p. 81). Este bello Soneto traduziu para allemão W. Hoffmann (Blüthen p. 29). Elle julga reconhecer nas primeiras linhas a descripção d'uma *tarde* de estio, e traduz n'esta conformidade: Die Sonne sinkt (?); der Vöglein Melodien Verhallen (?); Abendlüfte wehen linde (?), quando o poeta descreve um bello *dia*, de inverno ou de outono. Procura um

sitio querido, onde ja vira sombras e flores e ouvira o canto do rouxinol, e encontra-o seco e mudo.

11 *ruiseñor* por *rouxinol,* hispanismo.

97 (p. 81). Sobre Frco de Sâ de Menezes veja-se o Nº. 68; sobre seu irmão Antonio o Nº. 75. O „Capitulo sobre a Madanela" parece perdido. É possivel que fosse identico á „Elegia sobre a Madanela", do Canc. de P. Ribeiro, attribuida por Barb. Mach. a Francisco de Sâ de Miranda, e que começava: „A Magdalena o seu esposo busca". — Existem duas poesias portuguezas em tercetos sobre o mesmo assumpto, uma de A. Ferreira (Elegia IX), outra de Jorge da Silva (Canc. d'Evora No. 56 Omilia feita a Madalena tirada de origine), mas não ha razão para contestar a paternidade d'estes autores.

11 No MS. lê-se: *todos os doutores*; a repetição d'esta locução na rima faz suspeitar neste verso algum erro de copista. Emendámos como vae no texto, porque assim se lê em **PJAB**.

98 (p. 82). Os mss. **DP** têm a rubrica inicial: *Trovas feitas em Alcalá, onde então estavão os infantes, e porque estas levárão o preço, que foi um crucifixo de ouro, forão ca enviadas.* A ed. **A** tem a nota final: *Forão mandadas estas trovas atras de Castela ao Senhor D. Duarte. Fez lhe Frco de Sâ outras tantas na mesma sorte de trova.* (o No. 99). Estas notas são difficeis de harmonizar. Talvez seja licito suppôr que as primeiras trovas (98) de Miranda foram enviadas para Alcalá de Henares n'uma occasião festiva quando alli estavam „Infantes"; que as trovas levaram o preço e que os Infantes, gostando d'ellas, e alegres com o triumpho do seu compatriota, as mandaram de Castella para Portugal ao senhor D. Duarte, tendo por certo que este sabia estimar taes obras. Eis porque Frco de Sâ fez outras tantas ao tal D. Duarte na mesma sorte de trovas (No. 99). — Quem são porém os Infantes? e quem é o Senhor D. Duarte? Das viagens de Infantes portuguezes n'esta epoca, isto é dos filhos de D. Manoel, não sabemos senão das do Infante D. Luiz, que esteve por tres vezes em Castella: 1535 na ida para Tunis, e em 1537 e 1538, sob o pretexto de uma visita a sua irmã a Imperatriz D. Isabel († 1539) mas em verdade com um fim politico: a ida de 1537 a Barcelona foi para tratar com o Imperador Carlos V „que mêo se podia ter com el Rey de França, Francisco I em tantos males como Francezes fazião ao reino de Portugal, dizendo que os mares e conquistas erão commums a toda a gente, e passando cartas de marca a quantos lhas pedião contra Portugal"; a de 1538 foi como medianeiro da paz para „persuadir ao Emperador que fizesse paz com El Rey de França pollo grande perigo em que então estava a christandade" (liga de Francisco I com os Turcos); D. Luiz levava tenção de passar a França para o mesmo effeito, se o não estrovárão as tregoas que os capitães d'ambos entre si fizerão (Nizza e Aiguesmortes). Cfr. Santarem, Quadro II 75 e 77; III 269 e 272; Annaes p. 400 e 460; Andrada IV p. 484—485; Frco d'Hollanda, Des. p. 12 e p. 20 [i. é 41 e 47v do ms. orig.] e XIX das Notas. A data da visita do Infante em Alcalá pode fixar-se mais provavelmente em 1538 do que em

1537, porque a Imperatriz estava n'aquelle anno, depois da morte de sua irmã D. Beatriz de Saboya († a 8 de Jan. de 1538), a pouca distancia, em Valhadolid, onde D. Luiz foi vêl-a, segundo Hollanda. Temos de abstrahir completamente da data 1535 pela extraordinaria rapidez da jornada (em 7 dias (13—20 de Mayo) de Evora até Barcelona; a volta a Lisboa foi por mar). A data 1538 é pois a mais provavel para a confecção das trovas. Por ordem de D. João III° o Infante foi accompanhado n'esta ultima jornada pelo Duque d'Aveiro, D. João de Lancastre (e não a Tunis, nem na jornada de 1536; cfr. Fr. Holl., Des. p. 20). A palavra Infantes poderá talvez referir-se a estes dous principes.

Em 1538 só podem entrar em conta duas pessoas do nome de D. Duarte: o Infante D. Duarte (1521—1543), filho mais novo de D. Manoel; e o Senhor D. Duarte, filho illegitimo de D. João III° (1521—1543). Existe um terceiro D. Duarte, filho posthumo do Infante (1541—1577), e o mais conhecido dos tres pelas poesias que Antonio Ferreira (Oda I do Livro II; Carta XIII do L. II) e Andrade Caminha, seu camareiro môr e guardaroupa, lhe dedicaram (Egl. III; Epist. I, III, IV; Ode I, IV etc.), mas que não pode entrar no calculo, porque só nasceu em 1541. Miranda parece ter tido relações com os dous primeiros: ao Infante dedicou a comedia dos Vilhalpandos, segundo um MS. existente na Bibliotheca publica Eborense ($\frac{CXIV}{2-2}$ a fl. 61), no qual se acha a respectiva Carta Dedicatoria, que é, de resto, posta sempre até hoje em relação com o Cardeal D. Henrique. A dedicatoria d'estas trovas religiosas devia ser, naturalmente, agradavel a um principe de cuja devoção André de Resende nos dá testemunho eloquente (v. Res., Vida de D. Duarte; Souza III p. 421; Goes, Chron. II p. 350). O filho illegitimo de D. João III, Senhor D. Duarte, tinha em 1538 17 annos, e era ainda discipulo do Mosteiro da Costa da Ordem de S. Jeronymo (em Guimarães) onde aprendeu humanidades, rhetorica, filosofia, theologia, e as artes liberaes, latim, grego etc. É certo porém que já então conhecia algumas das obras de Miranda (as Cartas a D. João III, Pero Carvalho e J. Rodriguez de Sá e Menezes), como se vê de uma serie de citações e referencias que se acham na docta Oração por elle recitada em louvor da Filosofia no seu Collegio (Souza, Provas III p. 40). Em o No. 107 dedica o nosso poeta mui sentidas palavras á sua morte repentina, occorrida logo depois da sua entrada na corte (1543). Como só a este ultimo D. Duarte cabe o titulo Senhor, e ao outro o de Infante, é logico concluir que se trata do primeiro nas trovas que commentamos.

99 (p. 84). 42 Leia-se: *ajena* (e. l. d.: *ajena,*).

100 (p. 87). **Canção a Nossa Senhora, feita por aquella do Petrarca: „Vergine bella".** Neste caso não se trata de uma vaga reminiscencia a Petrarca, como no No. 92, mas sim de uma imitação positiva, embora livre, como o consciencioso poeta confessa no seu ms. Por isso mesmo não entendemos como Francisco Dias Gomes (Memorias IV p. 26 e 79), o critico que mais detidamente analysou o estylo, a linguagem e o valor poetico do nosso autor, escolheu exactamente esta canção para

objecto da sua Memoria. Concordamos que o assumpto foi tratado magistralmente e que a Canção de Miranda excede em muito o seu modelo, quanto á profunda expressão e intensidade do sentimento; não obstante tudo isto, parece-nos a sentença „a composição mais sublime que se encontra nas poesias de Sâ" um tanto duvidosa. A canção de Miranda imita, quanto á construcção e ao numero das estrophes, ao metro e á rima a Canzone VIII in Morte di Madonna Laura, e repete mesmo algumas phrases de Petrarca: *Fammi, che puoi, della sua grazia degna* = *Senhora, que podeis, em tal afronta, Restituid me a mi.* — *Ben sempre rispose Chi la chiamó con fede* = *E a quem por vós chamou, sempre a mão destes.* — *Si corre il tempo e vola* = *como o tempo voa*, a não se contarem phrases correntes como: *di sol vestita*; *coronata di stelle*; *figliuola e madre*; *d'ogni grazia plena*; *di questo tempestoso mare stella.* Ambas as canções contam 10 estrophes de 13 versos, dos quaes só 8, 9 e 12 são septenarios [abcbac-cd'd'cef'(f)e]; terminam com um cabo de 7 linhas; todas ellas começam com a palavra *Vergine* = *Virgem.* A admiravel linguagem symbolica dos hymnos latinos da Edade media á Virgem, com que Miranda sobredourou a poesia de Petrarca, é de todos tão conhecida e tão pouco particular sua, que não ha motivo para lhe tributar por isso especiaes louvores, a não ser sobre a sua applicação adequada. *Porta que Ezequiel cerrada via*; *Alto silvado que todo ele ardia*; *Velo de Gideão*; *Do mar estrella*; *Não de Nembrot, mas de David a torre*; *Horto cercado alto e defeso*; *Rico ramo do tronco de Jessé*; *a graça antes perdida por Eva*, i. e. *porta clausa*; *rubus Moysi*; *Vellus Gideonis*; *maris stella*; *turris davidica*; *hortus conclusus*; *Virga Aaron* ou *Isai* são alguns dos symbolos da virgindade e da conceição immaculada, de que os poetas e pintores de toda a Europa catholica fizeram uso innumeras vezes, desde que a antiga hymnologia os recolheu da Biblia (Canticum Canticorum) e dos Santos Padres (Ireneo).

Nas obras de D. Bernardes (Bom Jesus p. 40 Cançam a N. S.), Perestrello (Ode a N. S., Obras Ineditas I p. 11) e Aires Telles de Menezes (ibid. II p. 36 Ode a N. S.) acham-se reminiscencias que se referem mais a Miranda do que a Petrarca. Não comprehendemos as duvidas de Th. Br. sobre a authenticidade d'esta canção (Quinh. p. 71), da qual se falla até na Vida da Ed. B.: „devotissimo, em particular da Virgem Nossa Senhora, em cujo louvor compos as duas Canções que nestes papeis se vem em seu nome." — Parece ella ter sido escripta na prisão: datamol-a cerca de 1530, apos a sua volta de Italia, e feita em seguida á intriga que o affastou da côrte.

Os versos 1—3 vem citados por D. Frco de Port. (Pris. p. 3) *aonde não chega o fraco entendimento, chegue a fé*, como tambem os 85—89 n'uma lição, determinada talvez por um lapsus memoriae, pois que diz

De entre tão grossas, tão altas paredes,
de ferros carregado
hum coração coytado
chama por vos envolto em baixas redes
hũas sobre outras.

Bluteau copia esta citação s. v. *coitado* e gaba a sua muita elegancia, attribuindo-a porém erradamente ao Autor das Prisoens.

62 Ainda que todos os textos escrevam *sente*, julgamos deva lêr-se *lente* (humido), o que formaria um bom contraste com *enxuto*.

59 Fizemos mal em substituir a lição *verlo* do MS. **D** por *vello*, como escrevem **AB**. Encontra-se esta forma do latim *villus* tambem no Canc. de Res. I p. 295; e em Goes, Chron. II p. 75 (cfr. a. fr. *verle*; Gröber IV 379).

Parte Segunda.

101 (p. 95). 1 *a menos parte* não é de modo algum licão erronea, mas antes corrente nos Quinhentistas hespanhoes e portuguezes. Cfr. Camões, Soneto II 11 *Contentar-me-hei dizendo a menos parte*; Eleg. VII 60 *Na menos parte sua imaginando*; Egl. VI 56 *Se não sabem cantar a menos parte*; Canc. Nagera III 19 *Dió os tales partes de si Que es la menos ser hermosa*; Canc. Gen. de 1557 fl. 213r⁰ a *El menos mal que yo tengo.*

9 Errámos substituindo a lição do nosso ms. „*capitão*" pela lição de **ABF**, que diz „*Cipião*". Substituição identica, e egualmente inutil, se deu na edição dos Lusiadas, chamada a segunda; onde a primeira traz *capitão* (VIII estr. 32), diz a segunda *Cipião*. Em Miranda (não em Cam.) deve-se pronunciar *cap'tão*, como tambem em GV. II 305 „*Patron y capitan mayor*" e II 327 „*Y fue el capitan principal*". Casos parecidos, nos quaes se faz a elisão de uma vogal sem accento, entre duas mudas, ou muda e liquida, ou liquida e muda são tão frequentes nos antigos e modernos escriptores, que é inutil citar exemplos para provar a possibilidade da lição sujeita. Os antigos, incluindo Miranda, escrevem porém muitissimas vezes: *poderoso perigoso pera experiencia ocolos macula idolo Perineos differente esperança clerigo mereceu follego coroa camara Pereira Alvarez corregidor paraiso cerimonias querer poderá assolverei*, mesmo nos casos em que o verso exige que se leia *podroso prigoso pra expriencia Alvrez Preira* etc., em quanto os modernos empregam a apostrophe e dizem *esp'rança esp'rar temp'rar f'rida c'roa mer'cer par'cer fol'go* etc. — *O môr cap'tão* refere-se a Julio Cesar, e não a Scipião Africano; v. DB. Carta XXIX 58—63.

102 (p. 99—150). **Alejo.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. Falta o numero 70 na margem. — 73 Leia-se: *aporfiado*, (e. l. d.: *a porfiado*,). — 195 *I tú, hijo*, (e. l. d.: *I tu hijo*). — A construcção grammatical da estrophe 34 é incorrecta; é pouco provavel que a linha 281 fosse escripta pelo poeta tal qual vae no texto; acha-se porém assim nos MSS. **D E** e **F**. Ponha-se ; depois de *mi* na l. 285. — 429 Leia-se: *estos?* (e. l. d.: *estos*). — 431 *prestos*, (e. l. d.: *prestos*). — 455 *consiente!* (e. l. d.: *consiente*). — 471 *encante?* (e. l. d.: *encante*). — 489 *mujeres*, (e. l. d.: *mujeres*). — 532 e 535

É esta a unica vez em que Miranda forma o plural das palavras em *ei* (*lei grei buei*) á moda hespanhola; i. é em *es* (*leies*). — 625 Leia-se: *fué*. (e. l. d.: *fue*). — 731 *mentes*. (e. l. d.: *mentes,*). — 737 *aiuno* (e. l. d.: *ajuno*). — 831 Verso cumprido. A lição de **ABEF** é a que se deve acceitar.

b) Variantes. p. 99 l. 6 das Var. Leia-se: *verá*. — Onde se acha **39** leia-se **41**. — 83 *Luchi* em lugar de *luché* podrá ser mais alguma cousa do que um lapso do copista, isto é um galleguismo do autor. No entanto não se acham n'este volume mais exemplos da forma gallega do perfeito (prim. conj.). — 105—108 leia-se 105—112. — 124 **A** Ponha-se . depois de: *enojos*. — 168 **E** *I era locura pensar*. — 196 **BE** *de valle*. — 203—204 É evidente que a estrophe aqui intercalada por **F** não é mais do que uma variante da nossa 27ª. — 238 O MS. escreve: *no te lotras no quellotras* é emenda nossa. — 279—280 Ponha-se . depois *asi*, na l. 4ª da estr. intercalada por **BF**. — 307 O MS. escreve: *tal se dizen del*. É claro que a emenda *tal se diz del* não seria menos acceitavel do que a nossa para *tal dizen del*. Escolhemos esta ultima porque é a lição de **BEF**. — 350 Os. MSS. **EF** são mal legiveis; parecem dizer antes *oviejas* do que *mis viejos*. É claro que quem acceitar a lição *oviejas* deve mudar na linha antecedente *consejos* para *consejas*. — 356 O MS. escreve: *calhe*. — 396 **B** *pondrás*. — 404—406 A variante pertence á Ed. **A**. — 455—463 A pontunção é de **A**, **B**'põe , depois de *inocente*. — 464 O MS. escreve *antre* (forma antig. de *ante*). — 543 O copista tinha posto primeiramente *tarrde*; emendou depois para *darrde* (e. l. d. pôr *dar-te*). — 544 O MS. repete *d'esta* e na l. 546 *fin*. — 584 **E** *A ti en todo se entiende*. — 686—693 Na primeira das tres estrophes, com que **F** substitue a nossa 80ª, ha de se lêr, sem duvida alguma: *El que duerme al que no duerme; Trabaja* etc. — A ultima das estrophes anda bastante viciada.

Está provado que se devem suppôr figuras conhecidas os protogonistas das poesias bucolicas modernas, cujos nomes legitimos transparecem muitas vezes atraves dos cryptonomes (anagrammas etc.) com quanto tambem haja casos em que não existe relação alguma entre os nomes verdadeiros e os poeticos. Se fosse necessario dar alguma prova com relação a Sâ de Miranda, citariamos as palavras do seu mais antigo biographo, o qual diz, fallando das suas poesias pastoris: „*compos todas ou as mais dellas sobre casos particulares que succederam na corte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas daquelles que entam vivião, de que ainda temos algumas tradições e vestigios derivados a nós dos contemporaneos que o venceram em dias*"; e em outro lugar diz, entrando na questão particular a esta Egloga I: „*Mas nam foy isto sempre (o bom acolhimento digo que achou no poder), porque ainda que o nosso poeta podera ser em seu modo mayor que a enveja (como Quinto Cursio diz que o foy Alexandre no seu), nam quis ella perdoarlhe, concitando em seu danno hũa pessoa muito poderosa daquella era, em desprazer de*

quem se interpretava mal polla mesma enveja hum lugar da sua Egloga Aleixo, o que sentindo elle, nem querendo declararse milhor, nem esperar á vista os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Mestrado de Christo, que chamão as duas Igrejas, no Arcebispado de Braga, junto a Ponte de Lima, recolheose a hũa quinta que tambem tinha ahi perto, chamada a Tapada etc." D'estas palavras se podem tirar uma serie de factos que se agrupam em torno da Egloga I; 1º o motivo do odio que levou o nosso poeta a um desterro voluntario e talvez á prisão e aos ferros, que lhe inspiraram a formosa Canção á Virgem No. 100; 2º que d'este modo a Egloga citada deve ser anterior a todas as restantes, que são datadas com mais ou menos clareza da Quinta da Tapada. Não ha razões intrinsecas que contradigam esta supposição, antes a vemos confirmada por outros signaes: Sá de Miranda diz por exemplo, mais tarde, referindo-se á Egloga de Aleixo: *Estas nuestras zampoñas, las primeras que por aqui cantaran, bien o mal* (No. 145, 1). Em quanto á data precisa da sua composição, é impossivel fixál-a; deverá, comtudo, recahir entre 1527 e 1534; e de algumas passagens (l. 383, 402, 420 e 21), parece resultar que foi *representada* na côrte na estação calmosa, n'um certo e determinado dia festivo, talvez o anniversario d'El-Rei (6 de junho).

A difficuldade de explicar as allusões que foram causa do desterro de Miranda, levou Th. Braga (Quinh. p. 71) a declarar como a poesia fatal outra Egloga, cujas allusões a certos episodios da côrte são transparentes. Dizem ellas respeito ao casamento do Infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho e á affronta feita ao primeiro marido d'esta dama, D. João de Lencastre, primeiro duque d'Aveiro, casado clandestinamente. Esta explicação é inadmissivel. Em a Nota á Egloga Andrés (No. 113) provaremos que esta poesia não podia provocar o ostracismo do autor, e que foi escripta já na Quinta da Tapada, após o casamento de Miranda, e annos depois da morte de todos os que podiam offender-se com as allusões, que Th. Braga decifrou muito bem, de resto. O facto de não se conhecer o fio da intriga palaciana que foi o thema da Egloga Aleixo, não autorisa ninguem a dar, sem mais nem menos, como falsas as explicações supracitadas de D. Gonçalo Coutinho. — Não sabemos rasgar o veu das allusões; offerecemos porém uma hypothese que talvez se confirme mais tarde por algum documento coevo: A scena fatal parece-nos ser a entre Antão e João Pastor (estr. 46—62), a unica que contém allusões pessoaes, a unica que cita um nome que nos pode servir de indicio. Este nome „Ribero" reapparece varias vezes n'esta e n'outras poesias de Miranda, e por algumas variantes que especializam Ribero como „amigo do Torrão" se conhece claramente que o poeta designa com o tal nome de Ribero o seu amigo Bernardim, o saudoso antor da Menina e Moça. Os differentes elementos para a biographia d'este ultimo serão reunidos n'uma nota especial á linha 387. Aqui bastará dizer que o modo como Miranda falla d'elle, a coragem com que accusa „um gram senhor" de crueldade e inconstancia para com o seu amigo, podia muito bem pro-

vocar as iras d'aquelle tambem contra o generoso defensor. O que entendemos das palavras de Miranda é o seguinte: Bernardim Ribeiro, outrora bemquisto na côrte, cahiu no desagrado real e sahiu da patria, seguindo o exemplo e talvez a companhia de Sâ de Miranda (438 e 39); correu paizes estrangeiros (Hespanha e Italia!); no regresso ao reino Miranda volta á côrte, ficando B. Ribeiro na provincia. Então o generoso amigo atreve-se a lembrar a memoria do desterrado, precisamente no logar do delicto (420 e 21), irritando assim muito mais o rival, ainda vivo e talvez presente. Quem é porém essa „pessoa muito poderosa, em desprazer de quem se interpretava mal hum lugar da sua Egloga Aleixo"? e qual é este logar? Um acaso favoreceu-nos com a solução provavel do enigma. N'um exemplar da 2ª edição das obras de Miranda (1614) pertencente á Bibliotheca Real d'Ajuda encontra-se a fl. 83v ao lado da estrophe 49 uma nota de lettra do principio do sec. XVII, que diz: *inde a occasião do sentimento dos Attaides.* O annotador viu pois na passagem „*De aquel gran pino a la sombra la ves quanto que ensanchó* (ou *Que a tal dicha se plantó*) *Que el prado i zarzas cobrió I los vezinos asombra*" a causa do ostracismo de Miranda. O *pino* porém é antes um *castanheiro*, isto é D. Antonio de Attaide, neto de uma Maria Pinheiro (hesp. *pino*) e primeiro conde de Castanheira (desde 1532), o valido omnipotente de D. João III, que serviu 28 annos o cargo de vêdor da fazenda, não perdendo nunca as boas graças do seu amo, apesar de lhe fallar com grande franqueza. Foi de indole altiva, de compleição melancolica, vingativo e mal visto de muitos „*adorado como deus e temido como o diabo, esfaimado de cobiça, de soberba e de inveja*", conforme dizem as trovas satyricas, falsamente attribuidas a seu inimigo Damião de Goes (v. C. C. Branco p. 313), e que, a pesar de inspiradas por um odio profundo, talvez tivessem plausivel fundamento. — Eis o que soubemos investigar.

Sâ de Miranda parece affirmar ainda em outro logar que foi Bernardim Ribeiro a causa do seu voluntario desterro; concluimos isto da Egl. 2ª, na qual o poeta conta, na pessoa do pastor Gil, como foi abandonado por todos (103, 351 ss.), e faz responder o companheiro, Bento: „*Trouxeste me ora á lembrança Aquele amigo fulão* (ou *Teu amigo o do Turrão*) *Que, ó tempo d'essa mudança Tua, foi te assim á mão Como quem os dados lança.*

Resumindo a questão: a Egloga Alejo é a primeira em data; foi composta entre 1527—1536, talvez pouco antes ou pouco depois da creação do Condado da Castanheira (1532); e motivou, por incluir a defeza de Bernardim Ribeiro, a ira do poderoso e orgulhosissimo valido, obrigando o autor a sahir da côrte. Ao anno de 1531 alludem os phenomenos naturaes (terramotos e tempestades), citados pelos pastores nas linhas 495 e 496 e que tiveram lugar em 1531, como se prova pela Miscellanea de Resende (estr. 289—299) e pela Carta que Gil Vicente mandou de Santarem a El Rei D. João III „estando S. A. em Palmella sôbre o tremor de terra, que foi a 26 de Janeiro de 1531" (III 385). — Cfr. Celia No. 112.

A Epistola Dedicatoria No. 145 que se acha em duas das seis fontes do nosso texto, foi, sem duvida, escripta posteriormente á Egloga, para uma nova refundição do texto, dedicado na nova forma a Antonio Pereira.

25 e 41 As estrophes 4 e 6 offerecem um pequeno subsidio para a historia das superstições portuguezas. Mais adiante indicaremos outros. — É mao 1º passar sobre pão embrulhado em cabellos de alguem; 2º passar sobre finados sem rezar por elles (cfr. C. Pedroso V No. 365); 3º ser assombrado por „*cuerpos huidizos*" (ib.); 4º ser encantado por bevedizos. — A antiga formula romana do „*mao olho*" (fascinum oculorum) ainda hoje figura notavelmente na imaginação do povo portuguez. Em Sá de Miranda são innumeras as allusões. Cfr. C. Pedroso IV No. 183.

45 De todas as festas, a que o pastor portuguez assiste, relembra de preferencia „*as bodas*". V. No. 103, 137 e DB., Egl. XII e XVI p. 66 e 100.

109 (e 204 e 327) O typo classico de todos os donzeis de que as Nayades e Nymphas se enamoram, arrastando-o para as profundezas das aguas, é o bello Hylas, roubado na Mysia (expedição dos Argonautas). O seu padrinho Hercules procura-o, deplorando-o, como aqui faz o velho Sancho com relação ao seu filho adoptivo Aleixo. Hylas ouve a voz de Hercules, como tambem Aleixo a de Sancho (327). Cfr. Theok. XIII; Verg. VI 43.

203 e 204 parecem um echo de um romance popular (perdido?).

205--212 Mais um subsidio para a historia das superstições: Para quebrar um encanto é preciso 1º passar sette rios caudales; 2º banhar-se com lua nova, ou, segundo o MS. **J** (p. 691), com lua cheia; 3º lavar-se em sette fontes vivas, ou, outra vez segundo o MS. **J**, em nove fontes vivas de todo o anno. Cfr. C. Pedr. III p. 15: „*Na madrugada de S. João [Celorico da Beira] antes de o sol nascer devem correr-se sette fontes para beber a agua dellas. É ao que se chama beber a agua das sette fontes. O mesmo costume se encontra em Oliveira do Hospital e ainda em outros pontos do paiz.*" Nas **Constituições** de Evora de 1534 deffende-se que nenhuma pessoa passe o Douro e Minho tres vezes. Cfr. Lope de Rueda, Comedia Medora (Böhl, Teat. p. 403 e 434): „*le ha dicho le traiga agua de siete fuentes y la tierra de siete muertos para hacer ciertas cosas.*"

240—255 W. Hoffmann traduziu para allemão estas duas estrophes (Blüthen p. 28).

381 estr. 46. **Bernardim Ribeiro.** Cfr. Nos 51 e 52; No. 102, 381--545; No. 103, 351—370 e 419; No. 116, 297—304; No. 151, 187; No. 164, 401—424; No. 191. — Pede-se ao leitor para confrontar todas estas passagens, em que se allude ao autor da Menina e Moça, com o que dissemos na Introducção a esta Egloga (p. 765--66), assim como com o volume de Theophilo Braga „B. R. e os Bucolistas" onde, se trata (a p. 55—60) das relações dos dous poetas. D'este confronto resultará que as noticias de Miranda ácerca do seu amigo confirmam alguns dos factos conhecidos da sua vida e desmentem outros, sem preencher a lacuna que d'ahi resulta com dados positivos. O que se apura é o seguinte:

1º Que B. R. foi natural da villa do Torrão (103, 352 MS. J).

2º Que Sá de M. e B. R., que já conhecemos como amigos de D. Leonor de Mascarenhas (N.os 51 e 52) se fizeram mutuos confidentes dos seus amores, como bons camaradas (191, 154—175). Miranda chama a Bernardim „o meu bom Ribeiro amigo" ou „amigo i buen compañero".

3º Que B. R. estava em Portugal na época em que Miranda sahiu da côrte (1532) e que influiu sobre esta retirada (103, 351—370; 164, 401—424).

4º Que a infeliz sorte de B. R. teve por origem intrigas da côrte (162, 540) onde até certo tempo foi bem visto por todos (151, 322 ss.).

5º Que a sua tristeza já era notada nos paços reaes.

6º Que soube ainda desprender-se a tempo e virilmente dos laços que o prendiam á vida aulica „deixando porém a pelle", e que encontrou em alguma parte um asylo seguro (116, 297).

7º Que Ribeiro, do mesmo modo que Miranda, andou por fora do paiz e cantou ao modo estrangeiro i. é italiano (102, 439), Miranda põe na sua boca dous especimens, uma canção (151, 215) e um leixaprem em hendecasyllabos (102, 445).

8º Que Miranda, apesar dos louvores que concede aos seus „versos chorosos", á sua „vena blandísima", nunca allude a elle como mestre ou antecessor; antes o trata como um seu camarada e companheiro, collocando-se n'uma posição totalmente differente d'aquella que toma em frente de Garcilaso, seu verdadeiro mestre.

Por muito modestos que sejam estes resultados biographicos, têm comtudo bastante importancia para duas conclusões: por uma parte destroem um grupo de pontos capitaes da biographia de B. R., hoje acceites; por outra augmentam a probabilidade de um facto, e este litterario, que tem sido negado. — Eis a questão biographica.

B., sendo na sua mocidade amigo de Miranda, não póde ter nascido em 1475, a differença de annos entre os dous seria d'este modo de 20; nem póde datar de 1495 o conflicto amoroso, que determinou a sua sorte, visto ter sido communicado desde logo, como confidencia, ao seu amigo que então teria um anno, e que no momento da confidencia já amára e cantára uma nympha do Mondego — Celia — e já tinha dado noticia d'esses amores ao mesmo Bernardim. — Vejamos os indicios que levaram Th. Braga a assentar estas datas e a sustentar a plausibilidade do novo romance de B. R.

Diz elle que o poeta veio para Lisboa em 1496 na idade de 21 annos „com a barba pungida", começando então a seu idyllio erotico. Para isso cita as seguintes passagens importantes da Egloga II (No. 191, 10—13; 17—22:

„Quando as fomes grandes foram,
Que o Alemtejo foi perdido
Da aldeia que chamão Torrão,
Foi este pastor fugido.

. . . .

Que Alemtejo era enchuto
De agua e mui seco de prado.
Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Ver Alemtejo era um dó.

e a linha 82: *Agora hei vinte e um anos* etc."

Esta allusão ás secas e fomes explica Th. Braga pela grande peste que assolou o paiz (incl. Lisboa) durante dezasette a dezoite annos (1478—96) e da qual escrevem largamente Ruy de Pina (Chron. de D. Aff. I p. 597), Fr. Fernando da Soledade (Hist. Seraf. III p. 342, 415; II p. 547 etc.); Fr. Manoel da Esperança (Hist. Seraf. III p. 547); Damião de Goes I p. 15 e 29; Resende Chron. p. 37, 99, 158, 164, 187, 239 etc. etc. — Meirelles coordena todas estas citações (p. 228—55). — Nenhum dos antigos autores diz porém que o povo fugira para Lisboa pedindo socorro, e n'esta parte as palavras de Th. Br.: „*mas a peste que causou mais estragos e que determinou a emigração da nobreza e de muito povo para Lisboa foi a de* 1490" não são exactas (B. R. p. 32). A unica fome e peste (entre as muitas havidas) em que se deu essa circumstancia (fugida para Lisboa) é a de 1521—1522, que determinou a morte de D. Manoel. Frei Luiz de Souza descreve-a por miudo e diz expressamente (p. 44): „*Os pobres do Reyno acudião todos a Lisboa arrastando comsigo suas tristes familias, persuadidos da força da necessidade que poderião achar remedio onde estavão o Rey e os grandes.*" Note-se ainda que a data 1496 é o anno que assignala o fim da desgraça; seria singular que um pastor se lembrasse de fugir do logar onde soffrera 16 a 18 annos no proprio momento em que o mal estava extincto.

A querermos aproveitar as referencias do texto de B. R. para a sua autobiographia — o que é logico —, devemos fixar o anno de 1521 ou 1522 como o que marca a sua entrada em Lisboa com 21 annos, segundo a sua propria declaração.

A base em que Th. Braga assenta a sua interpretação, (alias muito engenhosa e convidativa) todo o idyllio com D. Joanna de Vilhena, cae por terra, se B. R. nasceu, como crêmos, em 1500, sendo por tanto mais novo 17 annos do que D. Joanna que já era casada em 1516. Que figura deverá substituir esta dama? Uma outra D. Joanna (Aonia)? mas qual? Ou teremos de acceitar de novo a antiga legenda da Infanta D. Beatriz? Não o sabemos. Esta Infanta, que nasceu em 1504, sahe de Portugal em 1521 para casar com o Duque de Saboya, datas que explicam tãopouco satisfactoriamente a questão, porque o idyllio teria então durado só alguns mezes.

Este é o gruppo de factos, hoje correntes, que não podemos reconhecer.

Entre parenthese diremos que a amizade de B. R. com Miranda data d'uma época anterior á fugida para Lisboa (1521 ou 22). Na Egl. autobiographica (No. 191, 172 ss.) diz o primeiro expressamente, fallando de si e de Franco de Sandovir:

„De outro tempo conhecidos
Estes dous pastores erão etc.“

e ambos, como bem se sabe, assignam poesias no Canc. de Res. É pois provavel que convivessem já antes de 1516 na côrte de D. Manoel, quer fosse em Evora, quer em Almeirim ou em Santarem, ainda que por pouco tempo, compondo juntamente as suas precoces poesias juvenis.

Passemos agora a fallar dos factos litterarios que têm sido negados, ou explicados d'um modo differente. Como já fizemos notar Miranda affirma-que B. andou por terras extranhas e attribue-lhe composições no estylo da eschola nova, em hendecasyllabos. É pois provavel que o talento de B. tivesse passado no estrangeiro por uma metamorphose. Torna-se por tanto necessario examinar attentamente os restos de uma Canção conservada por FS. (V 312, 248 e 270) e reproduzida por Juromenha (III 418 e 439). bem como as Eglogas XIV e XVI de Camões que Estevam Rodriguez de Castro achou com os iniciaes D. B. R. (Vid. L. Caminha, Ineditos II 197 e 207), e mais algumas peças (Sonetos, Balatas etc.).

A rectificação dos factos biographicos (ut supra) daria em resultado novos pontos de vista para as relações entre Christovam Falcão de um lado, Sâ e B. R. do outro. Chrisfal viria a ser o creador do genero bucolico, B. R. seria o seu primeiro successor e imitador; Miranda (quer fosse o mais velho, como crêmos, quer fosse o mais novo dos tres) iria apoz os dous, conservando porém toda a sua alta originalidade. A deliciosa Egloga de Crisfal e ao menos duas das cinco, não menos bellas, de B. R. antecederam, segundo nós, as primeiras de Miranda, e que são, como se sabe, as unicas que elle metrificou em Redondilhas. A imitação não vae mais longe.

Muito teriamos que dizer sobre B. R., porém não é este o lugar apropriado: a unica cousa que accrescentaremos será que a historia de B. R. como mestre de capella em Toledo (B. R. p. 81—82) é uma pura fabula. Em uma carta do Snr. D. Francisco Asenjo Barbieri ao Snr. Joaquim de Vasconcellos (18 de Junho de 1872) com noticias que completam a informação de Eslava (Lyra sacro-hispana vol. I do sec. XVI Ap. Biogr.) lê-se o seguinte: *„voy á contestar a su carta, diciendole que Bernardino de Ribera no era portugués sino español por todos cuatro costados, segun consta en la informacion de su limpieza de sangre, que mandó instruir el Cabildo toledano en* 26 *de Febrero de* 1563 *para admitirlo como racionero y maestro de capilla de aquella celebre catedral. Por esta informacion que fue aprobada con fecha* 15 *de Abril del mismo año consta que Bernardino de Ribera nació en la cuidad de Játiva, siendo sus padres Pedro de Ribera natural de Sevilla y Beatriz Andresa, natural de Játiva. Abuelos paternos Alonso Garcia de Ribera y Ana Rodriguez naturales de Sevilla, y maternos Juan Andrés y Castellana Ciprés naturales de la dicha Játiva.“* O Snr. Th. Braga não quiz infelizmente esperar a informação do Snr. Barbieri, apesar de advertido, quando viu em mão do Snr. Vasconcellos o exemplar da Lyra (unico então existente

em Portugal). — A morte de B. R. foi determinada pelo proprio Th. Braga antes de 1554.

398—401 As molestias contagiosas, pestes e fomes que devastaram Portugal no sec. XVI, foram tantas que é difficil determinar todas as allusões que a ellas se referem nas obras dos quinhentistas. Sabendo-se porem 1º que Miranda escreveu esta Egloga pouco depois da sua volta de Italia (1526) e antes da sahida da côrte (dep. de 1532), 2º que o paiz foi affligido de 27 a 29 d'uma pestilencia, é provavel que o poeta se refira a esta ultima, a mais proxima á data da Egloga.

412 A situação em que um pastor repete uma Cantiga que ouviu recitar a outro, é muito vulgar e uma reminiscencia de Verg. Ec. V 13 e X 53. Cfr. Cam., Egl. V 47.

416 e 417 Cfr. Verg. Ec. IX 45 *Numeros memini; si verba tenerem.* A mesma situação se repete frequentes vezes em outras Eglogas portuguezas, depois do exemplo dado por Sâ de Miranda.

446—490 A forma metrica d'estas estrophes, os primeiros hendecasyllabos á moda italiana feitos no reino, é um echo da poesia trobadoresca em Portugal. O artificio consiste em repetir o ultimo verso de cada estrophe no principio da seguinte. As Leys d'amors chamavam a poesia que usava d'este characteristico *canson* ou *cobla redonda, capfinida* ou *capcaudada*; as Poeticas gallezianas davam a este artificio o nome de *arte de leixa-pren* (Carta do Marques de Santillana), nome que os castelhanos receberam da Galliza: *dexa-prende* ou *lexa-prende* (cfr. Canc. de Baena No. 340, I p. 179 e 253, II 311). No Cancioneiro da Ajuda temos um exemplo do *Leixaprem.* É o No. 290 da nova edição, 568 da Vaticana e acha-se reimpresso na Antologia de Th. Braga, No. 54. Outros devem se encontrar nos Cancioneiros hespanhoes. Não é impossivel que Sâ de Miranda, que falla em mais de um lugar do talento poetico de D. Diniz, visse em Roma, em casa do Cardeal Bembo ou do sabio Colocci, o Cancioneiro, chamado hoje da Vaticana, e conservasse assim a lembrança da velha forma estrophica. Tambem pode ser que imitasse directamente o modelo original, os provençaes, ou o poeta italiano Sanazzaro (Egl. II 19). Esta ultima hypothese é a mais provavel, se attendemos á linha 567 e ás palavras de introducção do Canto, que alludem á sua viagem na Italia, dizendo:

El cantar que aqui cantamos,
Fue, sabes, de estraña parte
Donde anduvimos entramos.

É singular que as regras do Leixaprem sejam observadas unicamente nas 5 primeiras estrophes, e desprezadas nas restantes. Tambem na lição, muito mais formosa, do Ms. J (que varia muito) as estrophes formam dous gruppos; o primeiro compõe-se de quatro estrophes de leixaprem; o segundo de outras tantas de leixaprem e uma quinta que não se sujeita ao artificio (p. 695).

454 *Enemigo señor que tal consiente* (nos textos **AB**; e *Enemigo cruel q. t. c.* no MS. J). Th. Braga (B. R. p. 60) pretende vêr n'estas pa-

lavras uma allusão a D. Manoel que obrigaria D. Joanna de Vilhena a casar com o Conde de Vimioso, quebrando a fé a B. Ribeiro. Ainda quando admittissemos a legenda com D. Joanna, a variante do nosso MS., que diz: „*Ciego y cruel amor que tal consiente*", desmintiria a interpretação do verso citado.

459—463 Th. Braga (B. R. p. 59) pretende que estes versos, contando o caso de B. R.: „*são o entrecho da Menina e Moça*".

463 serviu a D. Frco Ml. de Mello para introducção d'um Soneto (S. T. Musas p. 31 Son. LXI).

532 Segundo o exemplo de Theokrito I 130—134 e de Vergilio I 59—63, VIII 27—28 e 51—55 tornou-se typico na poesia bucolica que todo o pastor que desespera da sua sorte, conjure „um mundo ás avessas". Cfr. No. 115, 70—73; San. Egl. II 65; Cam. Egl. II 537.

559 Vem citado por D. Frco de Port. na sua Carta p. 38.

576 Fabula I. Provavelmente da invenção de Miranda. O aproveitamento de fabulas tradicionaes, ou de invenção propria, ou de mythos classicos, em Cartas e Eglogas, é uma das predilecções de Sâ de Miranda, o admirador enthusiasta de Horacio, a qual foi seguida entre os seus imitadores principalmente por DB. e Mello. Do primeiro citaremos Lima, Carta XIV *Canis per fluvium carnem ferens, Rana rupta*; Carta V *Formica et cicada*; Carta II *Gigues*; Carta XXXI *Orpheo e Euridice*; do segundo (S. T. Musas p. 66, 77, 91, 93 e 100) *Ranæ et lepora*; *Vulpes et caper* etc.

600 A variante de B offerece a Fabula II: *A raposa e as uvas.* Aesop. 33; Phædrus IV 3.

615 Var.: „*Qual diré: Amor en que anda? No! mas la de mi tormento.* Passagens identicas em que um pastor hesita sobre o thema da sua canção, e intercala a proposito uma lista mais ou menos grande de canções populares conhecidas, encontram-se em G. V. II 27; DB. Lima, Egl. IX p. 40; Mello, Fid. Apr. p. 247. Cfr. San., Egl. II.

645 Nos autores antigos tambem é vulgar a tradição de um poeta renitente ser obrigado a cantar, quando não cede aos pedidos. V. DB. Egl. XVII p. 106.

669 A repetição do Mote no fim de cada estrophe do Vilancete não é usada: o MS. porém repete-o n'esta cantiga e n'uma outra ulterior (estr. 92—96).

688—689 D. Frco de Port., Carta p. 40 cita: „*Mas tudo isto he porque se quer igualar el que duerme al que no duerme.*" O editor esqueceu-se de distinguir typographicamente a citação, n'este e em muitos outros casos.

726 Serão estas outavas rimas de facto: „*robo*" e „*de lo ajeno*", isto é: traducção ou imitação, como se diz por duas vezes (708 e 835)? Não pudemos descobrir o modelo.

831—832 vêm citados por D. Frco de Port., Carta p. 39.

838 *En la conseja es el lobo.* A superstição que pretende que o aspecto de um lobo rouba a falla ao que o avista primeiro, parece ser só

conhecida pela classe mais illustrada em Portugal. A fonte onde Miranda a foi achar é por isso provavelmente classica, Theocrito XIV 22 ou Vergilio IX 53—54 ou Plin., Nat. Hist. VIII 34: *In Italia quoque creditur luporum visus esse nocius, vocemque homini quem priores contemplentur adimere ad præsens.* A redacção da phrase parece provir de Terencio, Adelphi IV 1 *Lupus in fabula.* Sanazzaro offerece um exemplo no italiano (Prosa VI); a tragicomedia Lisandro y Roselia outro em hespanhol (p. 147). — Sâ de Miranda repete o proverbio na comedia „Os Estrangeiros" IV 3: *Valeo-me que o vi primeiro que elle a mi. D'outra maneira (como dizendo do lobo) tolhera-me a falla de todo.*

891 A mesma ideia repete-se muito frequentemente nos Cancioneiros sem que se possa suppôr que houve uma imitação intencional.

924 Var. *Carillo, carilla,* tambem escripto frequentes vezes com *r* duplo nos velhos Cancioneiros hispano-portuguezes, é simplesmente um diminutivo familiar de *caro.* A explicação dada por Hardung (Canc. d'Evora p. 14) de que Carrilho seria n'estes casos um appellido e o nome do autor é inadmissivel.

108 (p. 153—183). **Basto.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. Dedic. 37 Leia-se: *têm* (e. l. d.: *tem*). — Egl. 5 Risque-se: *da.* — 96 *amigo?* (e. l. d.: *amigo*). — 116 *feito* (e. l. d.: *feito,*). — 147 *Ja* (e. l. d.: *Ia*). — 152 *vinda* (e. l. d.: *vinda,*). — 702 *pastores;* (e. l. d.: *pastores*).

Variantes. Dedic. 4 Leia-se: *Depois* (e. l. d.: *Despois*). — Egl. 36 **B** *A correr e dar á choca.* — 49 **B** *Deve de me ter por tolo.* — 55—56 O sic não quer dizer que a lição *crama* seja um erro, mas sim chamar a attenção do lector para esta forma pouco usada. V. o Glossario. — 59 **F** Verso cumprido; para salvar a medida, devia se pronunciar *El,* licença poetica que não é rara; a rima incorrecta e feia, *cama calma* demonstra porém que o texto está errado. — 225 **B** *co seu parceiro.* — 259 A lição de **AB** é preferivel á do nosso MS. — 408 **B** *levanto.* — 410 **A** *quem.* — 419 **B** *mao.* — 452 **B** *qual.* — 491 **B** *Fui me.* — 497 **B** *quando la.* — 532 **B** *quem.* — 545 **B** *Em* (e. l. d.: *onde*). — 655 **B** *a seus pês.*

Nunalvares Pereira, o amigo congenial, a quem Sâ de Miranda mandou esta Egloga, é o filho mais novo de João Rodriguez Pereira, Senhor de Cabeceiras de **Basto** (de alcunha o Marramaque), e irmão de Antonio Pereira, ambos intimamente ligados ao nosso poeta. Antonio succedeu na casa de seu pae; Nunalvarez não teve estado. Cfr. Souza XII 412; e em No. 108 as estrophes intercaladas entre 320 e 321 sobre as edições **AB**. No No. 108 damos pormenores sobre a familia Pereira.

A Egloga **Basto,** cujo titulo lembra o destinatario, é a segunda, tanto na ordem chronologica, como na disposição ordinal. Se a primeira revela a influencia cortezã, a segunda reflecte já o quietude do doce sentimento contemplativo da vida campestre. Foi escripta, segundo todas as probabilidades, pouco despois da retirada da côrte, e sem duvida antes

de 1536. Tem importancia especial como manifesto da nova vida serena e constante de Miranda e do pezar, ainda não extincto, pelo sacrificio a que foi obrigado, deixando a côrte, e trocando assim os riscos, mas tambem a gloria da vida activa, conforme a exigia o seculo, com a paz e o ocio da vida contemplativa. É evidente que o coração do poeta ainda sangrava das ultimas feridas; comtudo já sentimos n'este dialogo a fina ironia horaciana em que o seu levantado espirito desabafa antigas desillusões, e que mais apurada ainda se revela nas suas Satyras ou Cartas, que serão lidas, em quanto houver sentimento do bello. Estas Satyras ou Cartas e o Dialogo entre Bieito, o homem ás direitas, e Gil, o doudo ou voluntario (o qual tem em alguns mss. o titulo de Satyra, e não sem razão) pertencem á mesma epoca (1530—1540); é facil demonstrar numerosas concordancias entre o Dialogo e as Cartas: o assumpto é sempre o elogio da vida rustica, em tosco estylo antigo, a descripção das delicias do campo, o louvor da verdade ainda que amargue, da sobriedade e da modestia, contra os impulsos da ambição e do egoismo, e a admiração pelas maravilhas e raridades da vida dos animaes, passando (cousa singular!), desapercebido o reino vegetal, as flores e suas bellezas. — Em nosso parecer esta Egloga Segunda é, entre todas as de Sâ de Miranda, a mais valiosa, por ser a mais original, e porque nos offerece o retrato mais fiel do autor, reflectindo as altas qualidades do seu elevado caracter, a espontaneidade da inspiração, o amor á alma popular, a franqueza sem rodeios, e a força da sua convicção

„que outro senhor não conhece
salvo verdade e razão."

É a Egloga, do mesmo modo que as Cartas, um desabafo necessario, uma poetisação de factos particulares da vida de Miranda, e por isso mesmo livre de qualquer feição imitativa, posto que fosse escripta no periodo em que já escrevia á italiana. A linguagem, a metrificação, os personagens, tudo é genuinamente nacional e, n'este caso, pode dizer-se um perfeito exemplar do genero Miranda (*a lo sayaguez*), representado não menos bem nas Cartas. Estas e a Egloga em questão serviram por isso de modelo aos imitadores, como adiante se verá. É de estranhar o que os criticos modernos disseram d'ella, reparando pedantescamente nos *„termos montesinhos, agallegados"*. Apenas Faria e Sousa, que de resto qualificou todas as outras Eglogas de „muy malas" chama a esta „muy estimable" (Rim. Var. V p. 160).

Como prova da importancia excepcional que o proprio poeta ligava a esta composição, cheia de intimas confidencias, bastará dizer que conhecemos 14 lições d'ella, mais ou menos variadas, que se podem classificar em 4 gruppos, todos elles representados n'este volume sob os Nos 103, 116, 117 e 164. Dous dos gruppos (Nos 103 e 117) têm mais estreita relação, pela forma metrica e pela data: são os mais antigos e ambos escriptos em decimas. Os dous restantes, Nos 116 e 164, foram reduzidos a estrophes de oito versos. Os protagonistas são em tres gruppos Gil e Bieito, e no quarto gruppo (No. 117) Silvestre e Montano; a ligação

entre estes nomes reconhece-se n'um dos tres mss. que são as fontes do quarto gruppo, i. e. nas Satyras de 1626, em que figuram Bieito e Montano (No. 152 pp. 675 e 731). O No. 117 ainda se distingue em ser dedicado a João Rodriguez de Sâ e Menezes, e não a Antonio Pereira, o que indica que o proprio Miranda o considera como uma composição nova, differente da que foi offerecida ao ultimo. Os Nos 103, 116 e 164 têm uma Introducção pelo Representador Basto, que apparece nos dous ultimos n'uma forma muito mais clara e intelligivel. No citado No. 117 falta tambem esta Introducção.

O No. 103, representante do primeiro gruppo, e que se compõe de 70 a 75 décimas, dá-nos, segundo todas as probabilidades, a redacção mais antiga; depois experimentou o poeta o seu effeito, ora ampliando-a (No. 164), ora reduzindo-a (No. 116). Temos d'ella seis lições, conservadas nas seguintes seis fontes: o MS. F. Denis, o MS. Juromenha, o MS. Luiz Franco, as Edições de 1595 e 1614 e as Satyras de 1626. Todas ellas offerecem variantes mais ou menos notaveis. **ABF** (e talvez **S**) parecem pertencer á redacção primitiva; **D** será uma lição corrigida e limada só para o Principe, **J** uma lição posterior.

O No. 116, representante do segundo gruppo, que se compõe de 60 a 68 Redondilhas (das quais faltam no texto as 20 primeiras, que formam a Introducção), é uma redacção notavelmente reduzida de 103, ficando cada estrophe com só oito linhas,. e refundido o estylo. Acha-se no MS. **D** (onde se diz „muito emendada"), no MS. **F** e nas Satyras.

O No. 117, representante do terceiro gruppo, que se compõe de 32 decimas, é antes, como foi dito, uma composição nova, uma phantasia sobre o thema antigo, do que um texto emendado. Temol-a nas mesmas tres fontes do No. anterior, isso é em **D F** e **S**, com differenças pouco sensiveis.

O No. 164, representante do quarto gruppo, que se compõe de 93 estrophes de oito linhas e se conserva no unico MS. **E**, approxima-se ora de 103, ora de 116. Chronologicamente é a ultima, e pelo seu valor litterario, a primeira, a mais valiosa de todas as lições.

Pedimos ao leitor, no seu proprio interesse, de não se descuidar na comparação dos quatro textos, e de conferir as nossas observações, infelizmente dispersas (V. p. 523, 675, 712, 729 e 731).

Dedicatoria 1—2 *Polas ribeiras de ums rios, Como dizem os cantares.* É pouco provavel que esta allusão (se allusão ha) se refira ao Romance de Avalor que começa: „*Pola ribeira de um rio*", porque a *Menina e Moça* (Pe IIa cap. XI), que o contém, ainda não era concluida em 1536, e portanto devia ser desconhecido. Poderá antes referir-se a uma canção de Pero Gonçales de Mendoça, avô do marques de Santillana, a qual vem citada na celebre carta d'este ultimo ao Condestavel de Portugal. Começava: „A las ribeiras de um rio".

Egloga 3. Cfr. Mello p. 99: *Quer por frio, quer por calma.*

4—5. Cfr. Leitão, Miscell. p. 135: „*Porque, como diz Francisco de Sâ de Miranda no seu livro, que muitas vezes busca o homem com suor*

de seu rosto sua mâ ventura." Por esta citação se conhece que Leitão punha um ponto apoz *quentura*, e continuava: *E no suor do seu rosto Busca ás vezes mâ ventura.*

12 A cacophonia *mâ maleita*, que mereceu um indiscreto reparo aos editores do Parn. Lus. (II p. 262), escandalizados ainda com o estylo „incorrecto e escuro" da Egloga, não incommodava os ouvidos dos Portuguezes de 1500. *Dar a* (ou *á*) *mâ maleita* era uma phrase vulgar, mas muito usada e que encontramos a cada passo na litteratura de cordel. — Cfr. G. V. I 266 e III 17 *mâ mazela* e Sâ No. 104, 20 *mâ malicia.*

16 *Rosto ao sim e rosto ao não.* É assim que o verso é citado por D. Fr[co] de Port., Pris. p. 28.

21—22 são citados pelo mesmo auctor na Carta a p. 40.

36 *dar á choca.* Cfr. 150, 89. O jogo popular da *choca* que consiste no lançar de uma bola, com o auxilio de um cajado ou de uma raqueta, que é a verdadeira *chóca* (posto que hoje se dê [e ja no seculo XVI se dava] este ultimo nome tambem á bola) é, segundo Dozy, de origem arabe. Cfr. FS. V p. 168, o qual, explicando os versos de Camões:

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,

conta a historia succedida com D. Pedro de Menezes em 1415 em Ceuta. Não havendo capitão que se offerecesse a El-Rei D. João I para a guarda da praça, sahiu-se D. Pedro n'uma occasião em que jogava a *chóca*, com a seguinte declaração: „com este só (o cajado) me atrevo a defender esta praça contra todo o poder de Africa." — O viajante hespanhol Pero Tafur observou este jogo, que elle chama *juego de la raya*, na côrte do Sultão de Babylonia em 1535. Descreve-o dizendo (I p. 80): „... *despues de comer fezieron un juego que ellos acostumbran en esta manera: ponen una bola en mitad del campo e ponen-se de una parte mill de cavallo, ó mas ó menos, é fazen sendas rayas delante de si, é cada uno tiene en la mano uno como maçuelo de madero enastado en una vara, é arremeten los unos é los otros ygualmente á la bola, é los unos por la echar de la otra parte de la raya, é los otros por semejante á los otros, ansi que los que echan ganan.*" O moderno editor da relação de Pero Tafur nota (II p. 579) que (segundo Barbosa) o mesmo jogo é ainda usado no reino de Cambaya e é alli chamado *chueca*, nome que elle diz ser de origem araucana. Conta tambem que um jogo parecidissimo está hoje em voga em algumas comarcas chilenas: „*que consiste en impeler con una especie de cayados, llamados chuecos (torcidos, encorvados) una bola colocada en el suelo, cuya suerte se disputan con ahinco y ardor los jugadores, reunidos al efecto en numerosas cuadrillas.*" — Em Portugal era muito popular; da descripção da Miscell. resulta que se jogava do mesmo modo que hoje se usa no Chile e se usou na côrte do Sultão de Babylonia. V. Miscell. p. 346: „... *nos vossos jogos de choca que aqui no inverno quasi cada domingo jogaes trinta com trinta, e mais e menos, e solteiros contra casados e com trombetas e premios a quem ou a quaes metem primeiro tres*

vezes a choca pola boca daquella rua abaixo." Na Galliza e na região do Bierzo é ainda hoje um jogo favorito, conhecido sob o nome *cocha* (metathese). V. Berc. p. 208 onde se encontra ainda uma descripção d'elle.

46 *capa em colo,* locução que Sá usa ainda na Comedia „Os Estrangeiros" (III 2 p. 110), significa um sujecto que, sem razão, presume muito de si, um fanfarrão, um bramarbas. Os editores do Parn. Lus. interpretam a phrase como: *rafado, indigente,* em conformidade com o Dicc. de Dom. Vieira, que explica: *miseravel, pobretão.*

94 Cfr. Sanaz. VIII 3: „*Questi non par Clonico*"; Mello p. 70: „*Não sey ora que tomaste, Cremente, desne este Mayo que tanto te demudaste*", e Mingo Revulgo 1—9.

210 Dito antigo, proverbio.

239—245 Um parallelo com uma scena dos antigos idyllios e suas imitações modernas, em que um pastor, mirando-se na agua se espanta da sua belleza: Theocr. IV 34; Verg. II 25.

251—290 Fabula III: *Da Chuva de Maio.* Cfr. Sismondi IV p. 299. Esta fabula original e satyrica, unica do genero na litteratura provençal, que foi conservada pelo trovador Peire Cardinal, seria recolhida por Sá de Miranda das obras do proprio trovador. Uma citação do Canc. de Res. prova porém que era já anteriormente conhecida em Portugal, e talvez popular. V. II 514:

Poys se eu em tays desordens
soo quiser ser ordenado,
ey de ser apedrejado
sem me valerem as ordeens.
Molhar-m'ey, em que me pes,
polo tempo & sazam.

O texto provençal póde lêr-se em Raynouard IV 366; Sismondi I 190; Bartsch p. 171; Braga, Trov. 243. — O modo gracioso e jovial como Sá tracta a fabula, que apparece mais abbreviada em o No. 164, 320, mereceu a D. Frco Ml. de Mello as seguintes allusões:

1º a p. 66:

Molhar das aguas de Mayo,
revolver antre a chacota,
voltar nella como rayo,
não tenho por bom ensayo
para quem mudanças nota.

2º a p. 117:

Molhar das aguas de Mayo
o grande Sá deixou dito
que era prudencia tão util
qual fugir do sol no estio.

A superstição popular attribue entre nós, como em todas as partes, effeitos maravilhosos ás chuvas de mayo. O povo accredita que fazem bonito a quem as apanha. Pedroso No. 351.

274 é citado por Mello a p. 95.

283 Th. Braga, Ant. No. 116 lê *avido* por *havido*. Talvez tivesse em vista o adj. *ávido?*

290 As palavras „*Eis los, vão nũa chacota*“ fazem crêr que a representação da Egloga (porque representadas foram ellas todas) foi aqui interrompida para dar lugar a uma folía (bailado). Não offerecemos essa explicação como cousa certa.

299 A autoridade das „velhas“ ou do „bom sengo antigo“ é invocada frequentemente por Sâ. O proverbio „Cá e lá más (ou mais) fadas ha“ ainda hoje é muito usado.

308 *cabra-cega*, jogo conhecidissimo (Blinde Kuh).

320 É citado pelo Padre Vieira no Sermão de S. Roque (vol. IV p. 488).

323 acha-se em Mello a p. 144.

352 Já dissemos que o MS. J lê „*teu amigo do Turrão*“ (cfr. 164, 401), em lugar de „*aquele amigo fulão*“, variante que prova que Sâ falla aqui do seu amigo Bernardim Ribeiro.

389—390 Cfr. 164, 440. Citadas por D. Frco de Port., Pris. p. 9.

396 Cfr. G. V. III 149 e Mello p. 58 (Come das tuas chicorias, deixa-me as minhas alfaçes).

427 *Não ja eu; crea-o nosso Jane* etc. Cfr. Hor., Sat. I 5, 100: *Credat Iudæus Apella. Non ego.*

430 „*Das filhas de dom Beltrane*“ parece alludir a um romance antigo, hoje desconhecido.

446—450 Cfr. Mello p. 99 e a Carta a Machado, No. 153.

472—475 alifante. V. 164, 501. Cfr. Prestes p. 252.

491—510 Fabula IV: *Gil Ratinho*. V. 164, 513. Uma fabula d'uma encantadora simplicidade, talvez inventada pelo proprio autor. *Ratinho* na linha 504 significa o homem escaço e cainho, ridiculo, aspirante ao que não merece. É typo vulgar nos autos e farças dos seculos XVI e XVII, principalmente em G. V. e em Prestes. A figura procede da Beira, a julgar pelo que diz Leitão d'Andrade sobre a etymologia do termo. V. Miscell. p. 245 onde diz: „*os Ratinhos, que sendo o concelho de Rates huma só freguezia de quatorze ou quinze lugarinhos ou aldeias e estes sos sejão os Ratinhos, delles se estendeo o nome a quasi toda a Beira que quer dizer bordas de mar.*“ Todos os modernos seguiram a indicação de Leitão e dizem que o Ratinho é um typo *beirão* (Braga; Bluteau). Devemos notar porém que só ha um Rates em Portugal, e este no *Minho* proximo da Povoa de Varzim.

511—530 Fabula V: *O Bacoro Ovelheiro*. É omittido nos Nos 116 e 164. Esta fabula, contada com o primor que é natural no poeta, parece recolhida da tradição popular. Na linha 514 Th. Braga (Ant. No. 117) lê: *Trombejava ali: hum! e hum!* — Não entendemos o sentido das duas ultimas linhas.

573 Cfr. Verg. I 50: *nec mala vicini pecoris contagia lædent.*

595 *Cantar-se a muliana*. A julgar por esta passagem e por outra de G. V. (II 27), em que a Ama de Rubena cita, entre as varias cantigas

que sabe cantar, uma que começa: „*Muliana, Muliana*" deveria ter sido a *muliana* uma canção popular, perdida mais tarde e reduzida a uma simples locução. Os modernos diccionarios ao menos assim o entendem, explicando a phrase *cantar a muliana* ou *moliana* no sentido de *pregar um sermão a alguem, dar-lhe uma ensinadella*; referendo-se n'isto á Acc. dos Sing. 2, 393. Theophilo Braga (Theoria 1ª ed. p. 48) deduz a origem da locução de uma anecdota bastante piccaresca sobre o alcaide Fernão Gonçalves de Sousa. É contada na Chronica do Condestavel cap. 37, e tracta de uma cantiga que este Alcaide cantou contra sua mulher Mariana ou Marina na entrega do castello de Portel ao Condestavel. Começa „*Poys Marina balhou, Tome o que ganou*", frase que se fez proverbial em Hespanha. Cfr. Seg. Celestina p. 91, 179 e 256: „*Si Marina bailó, que tome lo que halló.*" — Antigamente os Hespanhoes tinham uma canção de baile chamada Mariona da qual falla Sarmiento, Mem. para la Hist. de la Poes. p. 231. — Os romances sobre a mora Moraina ou Moriana são bem conhecidos, mas por ora é duvidoso se estão ligados á *Mariona* hespanhola d'um lado, e do outro ás *mulianas molianas* (*Marianas*?) portuguezas.

596 *Cantando dos seus solaos.* D'esta passagem resulta que o *solao* era cantado; em outra parte porém diz Sâ que era *recitado* (No. 150, 115 *Que se os velhos solaos falão verdade*), e allude ao assumpto de um solao que era narrativo; a fabula de Endymião. Ha ainda outras passagens em varios auctores quinhentistas em que este genero poetico é citado; podemos até offerecer quattro especimens:

1º Bernardim Ribeiro, M. e M. cap. XXI: „*E começou ella entam contra a menina que estava pensando contar-lhe um cantar á maneira de solao que era o que nas cousas tristes se acostumava n'estas partes.*" O que a Ama canta é um romance em cujas quadras o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo com o quarto.

2º Jorge Ferreira de Vasconcellos, diz na Aulegraphia a fl. 4v: „*... os moços de esporas que soiam cantar de solao a vezes:*

Quebra, coração, quebra,
Quebra que não es de pedra

e outras do theor."

3º O mesmo auctor falla na Eufrosina a fl. 187 das lavadeiras que cantam de solao.

4º D. Manoel de Portugal traz nas suas Obras a p. 281v. um poema intitulado solao e que é elegiaco; compoem-se cada estrophe de tres hendecasyllabos, o primeiro dos quaes não tem rima; os dous restantes rimam entre si.

Estes expecimens tão differentes uns dos outros difficultam uma explicação definitiva do que fosse o solao (alias desconhecido nas litteraturas provençal e hespanhola). A definição dada modernamente por Garrett sobre um unico texto (o de B. Rib.) é bastante hypothetica e vaga (Rom. II p. 128): „*Eu inclino-me a crer que o solao é um canto epico ornado*

em que as effusões lyricas accompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles do que para os contar ponto por ponto"; provocou porém a publicação de um volume de „*Solaos*" de Serpa Pimentel, de formas muito variadas. Do mesmo modo a explicação etymologica dada por Bluteau e Moraes do latim: *solatium*, não offerece garantia. As tentativas de interpretação de Th. Braga são engenhosas, mas inverosimis e contrarias ás regras phoneticas. Do que elle diz na Hist. da P. P. p. 79; Trov. p. 249—255; Manual p. 222 e 239; Cam. II p. 93; Ant. § 67; Theoria 3ª ed. p. 186, resulta o seguinte, que aqui condensamos: Na sua opinião o solao é de origem puramente provençal, e dos generos poeticos provençaes o que mais profundamente se apoderou do gosto litterario em Portugal (!); como a *serenada* era um canto da noite, a *alvorada* ou *alba* o canto da madrugada, o *solau* (de *sol*) seria um canto diurno. A' forma antiga franceza *solau(s)* = soleil corresponderia uma forma provençal *solats*. Parece que ambas passaram para Portugal! Todas as vezes que os trobadores provençaes e portuguezes (como Bonifacio Calvo, Lourenço Jograr, Giraud Riquier etc.), empregão a palavra *solats* (que, seja dito, nunca teve outra significação se não a do latim *solatium*), alluderiam ao tal cantar diurno „que é um cantar de amor com caracter narrativo" ou „uma canção elegiaca em que o trobador desabafa em um monologo consolando-se, e que se chama *solao*." Mais ainda! cada canção em que se encontra a tal palavra *solats* é um *solao*. — Dito isto, entende-se o motivo por que Th. Braga deu o nome de solao ao No. 203 do Canc. da Vat. (No. 60 da Ant.) cujas estrophes terminam com as palavras: *E este é o meu solaz*; a razão que o levou a dar o mesmo titulo ao No. 505 da mesma collecção (No. 30 da Ant.) não se percebe. — E com que ideia traria elle a campo os *cantares solariegos de Quevedo*?

630 *Por mais que este ventre ladre*. Cfr. Hor., Sat. II 2, 18: latrantem stomachum.

630—631 A ultima linha da estrophe intercalada por **AB** é citada por D. Frco de Port., Pris. p. 7.

641—670 Fabula VI: *O cavallo e o cervo*. Cfr. 164, 633. É de origem antiga. Diz-se ser de Stesichoro e dirigida por elle aos Hymerenses para aconselhar-lhes de se não sujeitarem ao tyranno Gelão, segundo Conon (Narr. 42), e ao tyranno Phalaris, segundo Aristoteles (Rhet. II c. 20, 5). Cfr. Phædrus 175 e 175b: Ἵππος καὶ ἔλαφος; Aesop. IV 4: Equuus et aper; e Hor., Epist. I, X 34—38. — O começo da fabula „*Quando tudo era falante*" repete-se em outra fabula de Mello (p. 93 A raposa e o lobo = Phædrus IV 9). A estrophe final, intercalada por **AB** entre as linhas 670 e 671, é uma paraphrase da passagem de Horacio: „*Sic qui pauperiem veritus potiore metallis Libertate caret, dominum vehit improbus atque Serviet æternum quia parvo nesciet uti.*" Epist. I, X 39—41. — Th. Braga que transcreveu esta fabula da Ed. B. para a sua Antologia (No. 118) poz duvida na linha „*Que embaração as roupas largas*" e mudou-a para „*Que embaração as alpargas*" indevidamente, porque é licito tractar a nasal como uma vogal pura.

671—680 Os idyllios classicos acabam quasi por via de regra ao pôr do sol com o convite feito por um dos pastores, chamando o outro á merenda e offerecendo-lhe pousada nocturna.

684 D. Frco de Port. aproveitou estas palavras na Carta a p. 42 onde diz: *ainda que o corpo anda embarcado „o coração jaz na aldea"* e acrescenta: *Versos do Sâ nem dilidos como aqui os offereço a V. M. enfastião.*

As Cartas (p. 185). **Estas são as cartas, tambem seguindo a Oracio.** Cfr. p. 741. — É evidente a relação de affinidade entre as Cartas do poeta e as Epistolas e Satyras ou Sermones de Horacio: todavia a imitação não é tão directa como em Ferreira, Bernardes, e Falcão de Resende, os quaes muitas mais vezes do que Miranda traduzem trechos inteiros do „melhor dos lyricos latinos". Nas notas que vão lêr-se, apontamos só as reminiscencias evidentes de certas sentenças horacianas.

104 (p. 187—204). **Carta a El Rei nosso senhor.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 17 Leia-se: *empeça* (e. l. d.: *empeca*). — 291 *Os quais, quem os assim quer,* (e. l. d.: *Os quais quem os assim quer*). — 295 *nos* em *buscárão nos* pode ser o accusativo de qualquer d'estes dous casos: pronome ou da primeira pessoa (*nos*) ou da terceira (*os*). — 307 *outros,* (e. l. d.: *outros*). — 377 *lusitano* (e. l. d.: *lusitano.*). — 389 A orthographia *sosessivas* adoptada por nós, porque é a do ms., não é boa: mais valia escrever *sosecivas* para indicar a etymologia do latim *subsecivus* (de *subsecare*), palavra que porém mesmo em lat. se escreveu de muitas maneiras (*subcisivus succisivus subsicivus subsecivus*).

b) Variantes. 109—110 **A** *Mal hajão as graças mâs De que tanto engano sai.* — 118 O MS. escreve: *Nem se contrafazem ca*; emendámos como vae no texto, por causa da rima. — 153 **A** *O dano longe se estende* (lição que modifica sensivelmente o sentido da phrase). — 228 *Va* é forma antiquada por *vai,* que não deviamos ter alterado. — 242 A lição de **B** é errada. É preciso lêr: *chamou o o juiz.* — 245—46 *Vim* por *vi* (*vidi*) é um galleguismo. — 273 **F** rostros. — 280 **AB** *Custão menos, cobrem mais.* — 318 **C** Leia-se: *grossas* (e. l. d.: *grossa*). — 386 (e não 385) A variante pertence á Ed. **C** e não á Ed. **A**.

Não é nosso proposito dar aqui uma biographia d'El Rei D. João III (1521—1557), de cuja vida se tem feito juizos tão encontrados. Uns pintaram-no como muito affeiçoado á sciencia e á arte já no tempo em que era principe, apesar dos poucos dótes naturaes que a sorte lhe destinara. (O seu biographo Frei Luiz de Souza apenas lhe concede „uma boa inclinação para lettras e lettrados".) Outros ainda recordam o afan com que copiava o Clarimundo do seu amigo João de Barros, a sua activa correspondencia com Damião de Goes, os esforços que fizera para chamar a Portugal mestres como Clenardo, Vaseo e Erasmo — emfim o seu pro-

jecto de reforma da Universidade com a ajuda dos Gouveas, de Buchanam, Fabricio, Teive etc. A estes esforços do monarcha na esphera intellectual correspondia de algum modo o seu caracter privado: os Panegyricos, as Orações festivas, as poesias dos contemporaneos fallam a cada passo da sua natural bondade, da sua clemencia, da sua affabilidade. Outros porém pintam-no como estupido e attribuem-lhe um caracter sombrio, dissimulado e vingativo; recordam que foi elle que extinguiu a alegria do paço, que acabou com os serões do tempo de D. Manuel e transformou as salas em capellas, o canto jovial em ladainha, a poesia em sermão fanatico; que chamou os Jesuitas ao reino e os fez insolentes com a sua humildade; que firmou a inquisição, destruindo com estas medidas a obra da regeneração, que elle proprio havia iniciado. Juntam a estas culpas o abandono das praças de Africa, a ruina da Feitoria de Flandres, o egoismo com que sacrificou aos seus caprichos a existencia moral de seus irmãos, o Infante D. Luiz e a Infanta D. Maria, porque invejava os talentos do primeiro e cubiçava o immenso dote da segunda, não merecendo, de maneira alguma, o nome de „pae de seus irmãos" que os contemporaneos lhe puzeram. — Vejam-se: Andrada, Chronica; Fr. Luiz de Souza, Annaes; Souza III 479 ss.; Schäfer III p. 334 ss.; Res., Miscell. estr. 260—287; Santarem, Quadro II, III, XV—XVII; Vasconcellos, Anacephal. I p. 467—509; Teive; Costa; Barros, Paneg.

Não é facil caracterisar as relações que existiam entre D. João III e Sâ de Miranda. O seu mais antigo biographo (e depois os successores) affirma que o monarcha o favorecera; e diz: *„deteve-se algum tempo na corte del Rey D. João III que ja havia muito que reinava e alli coas calidades de sua pessoa e boas partes que nelle concorrião, sem outra algũa ajuda das que costumão levantar ainda os indignos, se fez tamanho lugar que foy sem controversia se não o mayor hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teve por ventura, e isto não só dos companheiros mas del Rey e dos Principes etc."* O periodo da sua residencia na Côrte deve fixar-se entre 1526 e 1534; é porém provavel que ja gozasse da sympathia do monarcha antes d'este subir ao throno (de 1513—1521). No momento em que os Reis fugiram de Lisboa, diante da peste de 1527, pronunciou talvez, em Coimbra, a Oração que incluimos n'este volume (No. 154) e provavelmente dedicou na mesma occasião a D. João III a sua bella Fabula do Mondego. Parece que a sua retirada da côrte, que o monarcha não quiz ou não pôde impedir, não alterou a boa opinião d'El Rei, porque de outro modo nem este tomaria parte activa no seu casamento, em que figurou como intermediario, nem lhe daria a Commenda das Duas Igrejas, nem o poeta se atreveria a escrever a El-Rei a celebre Carta, em que não sabemos o que se ha de admirar mais, se a nobreza da linguagem, se a alma do patriota, se o grande caracter do fidalgo, se a ironia aguda do moralista. A carta é, em nosso parecer, como que a sua despedida, quasi contemporanea á Egloga II e pouco anterior á epistola a Pero Carvalho. Em nenhuma das poesias dedicadas a D. João III dá a palavra á lisonja, apesar de

encarecer na Fabula o poder do principe que cingia a corôa, e o seu espirito pacifico.

Na Carta convida-o a uma acção energica, a ser intemerato na justiça, a não perdoar sempre, e a cortar o nó, porque nem sempre convém perder tempo em desfazél-o. Recommenda-lhe que se tenha em guarda contra os lobos que vestem de cordeiro, contra a impostura, a lisonja e o mau conselho que abusam da sua mansidão e o querem levar por manha onde possam satisfazer o seu egoismo. Isto que o poeta diz, o modo como o declara, explica de sobejo os cognomes tão vazios de sentido — pacifico, piedoso, temperado, reglado, comedido, triste, fradesco — que os contemporaneos repetem á saciedade.

A Carta contém de certo allusões a factos da vida publica, mas que são difficeis de adivinhar, e particularmente considerada, é um desforço contra a injustiça com que trataram o poeta, porque só ouviram os seus enemigos, e não lhe concederam mesmo o direito de pedir satisfacção pelas armas ao poderoso que o calumniou.

Devia apparecer no vol. IV da Filosofia de Principes, segundo a Taboada inserta no vol. I, mas não sahiu, porque a obra não passou do vol. II.

1—10 São uma paraphrase das quatro primeiras linhas da celebre epistola de Horacio a Augusto (II 1, 1—4):

Cum tot sustineas et tanta negotia solus,
Res Italas armis tuteris, moribus ornes,
Legibus emendes, in publica commoda peccem
Si longo sermone morer tua tempora, Caesar.

que tantas vezes foram imitadas (Cam., Oct. II estr. 2; Ferreira, Carta 1 do Livro I e 2 do II etc.).

20 var. **ABC**: *mâ malicia,* cfr. 103, 12 da Ded.

24—25 *Exemplo o jugo de Mida Que el Rei, vosso avoo, fez seu.* A expressão *jugo de Mida*, em lugar de *jugo gordiano* ou *nó gordiano,* não é bem exacta (nem se acha em outro auctor): o celebre nó que Alexandro Magno cortou no jugo do arado é referido geralmente ao rei Gordio e não a seu filho Mida (Plut., Alex. 18; Curtius 3, 1, 15; Arria. 2, 3, 1). O avô, de que falla o poeta, é Fernando de Aragão, por ser D. João III filho de D. Manoel e de sua 2ª mulher a Rainha D. Maria, filha dos Reis Catholicos. Todos os filhos de D. Manoel são chamados com preferencia „netos de D. Fernando“. É sabido que o celebre emblema de D. Fernando, inventado pelo humanista Antonio de Nebrija, representa um *„doble jugo y coyundas y un haz de flechas“* com o lema *„Tanto monta“*. Tambem é sabido que a significação d'este emblema tem sido muito discutida. Os contemporaneos interpretaram o caso em harmonia com a opinião do proprio Miranda, applicando lhe as palavras de Alexandre: *„tanto monta cortar como desatar“*, em vez de interpretar, como fizeram os posteros: *„Tanto monta Fernando como Isabel“* (cfr. Armería p. 96 e Jac. Typotius, Symbolæ fl. 30).

29—30 *Farei como os cãis do Nilo Que correm e vão bebendo.* Plin., Nat. Hist. VIII 148; Phædrus I, XXV. — Cfr. Mello p. 88:

Aqui temendo e esperando
Vivo por aquelle estilo,
Aprendendo e caminhando
Que o nosso Sâ venerando
La disse dos caens do Nilo.

41—42 *A tempo o bom Rei perdoa, A tempo o ferro é mezinha.* D. Frco de Port. cita estas palavras na lição do nosso ms., até hoje inedita, e que differe das edições impressas; por isso suppomos que se serviu da ed. das Satyras e que esta concorda, n'esta parte, com o nosso ms.

71—80 Fr. Fortunato de Bonaventura (Ined. I p. VIII) diz-nos que Miranda possuiu uma „*Traducção historiada do Antigo Testamento ou da Sagrada Escriptura em linguagem*", em ms. que esteve guardada até 1829 na Livraria Episcopal de Lamego e se extraviou depois. Ainda que este testemunho não existisse, a leitura das suas obras provaria que Miranda conhecia muito bem tanto o antigo como o novo testamento (os Evangelhos, principalmente o Sermão da Montanha), circumstancia que se dá rarissimas vezes com os contemporaneos: uma ou outra phrase biblica como *dar couces* ou *respingar contra o aguilhão, ser um Jó, uma sollicita Martha, um Herodes, ver a mão de Balthasar, ir de Poncio a Pilato, Babel e Zião* etc. prova unicamente que se usava d'ellas como lugar commum, e quasi sempre em tom faceto.

Como a leitura dos „*livros divinos*" (*do que se não deve ousar a ler se em giolhos não*) se revela principalmente nas Cartas, escriptas no meio das suas occupações campestres e durante a intima convivencia com Antonio Pereira Marramaque (entre 1530 e 1540), o qual, inspirado por algumas ideias da Reforma, pugnava pela vulgarisação da Biblia entre o povo, é provavel que fosse este amigo quem induziu Miranda ao estudo da Sagrada Escriptura, para o qual estava bem preparado pela sua viagem a Italia.

101—105 Cfr. No. 113, 143. Miranda lembrou-se aqui talvez das palavras de Lourenço de Caceres que se acham na Doutrina dedicada ao jovem Infante D. Luiz: „*Porque se alguem lançasse peçonha em alguma fonte publica ou poço de que todos bebessem, quem lhe não daria tormentos, e mortes novas? quem empeçonhenta ao principe e o enche de vãos louvores e erradas oppinioens e maos conselhos de que todos como de fonte limpa hão de beber a administração da justiça, que tormentos ou que merece?*" (Souza, Provas II 499). Ou pensariam ambos na anecdota 147 dos Gesta Romanorum?

111—115 Estas formosas palavras, com que Miranda se retrata, são as mais estimadas e conhecidas das suas obras; até no pulpito foram repetidas, p. ex. por Vieira no Sermão de Sta Madalena (vol. IV p. 461). Os proverbios „Antes quebrar que torcer" (port.) ou „Antes quebrar que doblar" (hesp.) são conhecidos.

137 A expressão *rostos de tintoreiros*, em que pinta com bastante propriedade os hypocritas, mereceu grave reparo a F. A. de Varnhagen (Panorama de 1841 p. 253) que a achou na ed. **B**. Na sua opinião representa uma interpolação grotesca de um editor inepto, e de modo algum uma ideia do autor. O nosso ms. prova porém que é genuina d'elle. Mello serve-se da palavra *tintoreiro* no mesmo sentido (p. 75 *Tomas, falso e tintureiro*); se como imitação ou como locução popular, não o podemos decidir.

156—157 e 169—170 Citadas por D. Frco de Port., Pris. p. 9, onde diz: „... *a semjustiça é um vicio de vicios, filha da tyrania, ruina d'alma e das monarchias. Que monstro como ˜a inocencia castigada por raiva ou por respeitos! Faz se engano ás leis da terra, nunca se faz ás do ceo. Mas nem isto consola. A vida desaparece, Entretanto geme e jaz o que caiu, ou os que derribárão; neste abafar, suspirão, não podem mais e ás vezes não muito claro.*"

171 Miranda defende e exalta as disposições das leis lombardas relativas ao duello e juizo de deus, que a maioria dos contemporaneos consideravam „pessima introducção" e „lei impia e abominavel". — Ainda aqui julgamos que transparecem motivos pessoaes.

181—195 Dom Dinis (1279—1325), *Rei que reis fez e desfez* ou *que reinos deu e tirou* (Ferreira, Castro), qualificação que lhe dão com preferencia todos os quinhentistas, em opposição á opinião popular que o appelidou *lavrador* e *pae da patria* ou *o que fez tudo o que quiz*. É citado aqui por causa da lucta que sustentou com seu irmão D. Affonso, no principio do seu reinado, e tambem, no fim de sua vida, com seu filho do mesmo nome. Miranda faz menção d'elle ainda mais vezes, mas a proposito de outros casos: No. 108, 249 como rei lavrador, No. 109, 222 como o poeta mais antigo de Portugal. (V. Schäfer I 297 ss. — Livros de Linh. p. 256).

201—210 Ainda quando a ed. **C** não citasse o nome do „grande Infante" (*Dom Pedro um tamanho infante*), não poderia haver duvida sobre a pessoa a que se allude. É o duque de Coimbra, quarto filho de D. João I, e regente d'estes reinos na minoridade de seu sobrinho D. Affonso V, o grande viajante, cujas peregrinações pelas sette partidas do mundo (1524—28) foram transformadas em relação maravilhosa pela imaginação popular, nos livros de cordel (Zaragoza 1570; Lisboa 1739 e 1767; Porto 1790 e 1875 „Livro do Infante D. Pedro de Portugal" etc.), poeta do Canc. de Res. (II p. 70—73), amigo e admirador de João de Mena, lidador de Ceuta (1415), finalmente o vencido ou antes a victima da traição de Alfarrobeira (20 de maio de 1449), chamado o ultimo cavalleiro portuguez, e que entrou com razão na immortalidade dos Lusiadas (VIII 37 e 38). Vejam-se: Pina cap. 100—122. — Souza II 69. — Schäfer II 450. — Braga, P. Pal. p. 110—156 e 192. — Rev. Occidental II p. 295—315.

O leal conde, que cahiu com elle no combate, é D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches, que recebeu a morte ao grito: *Fartar vil-*

lanagem! ou *vingar villanagem!* ou *fartar rapazes* (Pina). As palavras que Sá attribue ao Conde (var. da ed. C)

Se estas almas servem la etc.

são historicas: „*e se deos ordenar que deste mundo vossa alma se parta, sede certo que a mynha seguirá logo a vossa, e se as almas no outro mundo podem receber servyço humas das outras, a mynha nesse dia hirá acompanhar e servir pera sempre a vossa*" e „*E emfim vencido ja de muyto trabalho e longo cansaço disse em altas vozes: Oh corpo, ja sento que nom podes. mais, e tú mynha alma ja tardas*" (Pina cap. XXII).

215 *Foram tres seus filhos reis*, i. e.: 1º Pedro Rey de Aragão e Condestavel de Portugal, o mesmo a quem o Marques de Santillana dedicou a celebre Carta, (V. Braga, P. Pal. p. 157—176); 2º João, Rei de Chipre; 3º Isabel rainha de Portugal, mulher de D. Affonso V (Goes, Chron. II p. 19).

221—230 *Coa mão sobre hum ouvido Ouvia Alexandre as partes.* Cfr. Plutar., Alex. cap. 42. — João de Barros dá o mesmo conselho a D. João III (Paneg. p. 8): „*Com o mesmo respeito sohia dizer Alexandre Magno que o bom Rey devia sempre ter huma orelha aberta para quem quizesse acusar e outra guardada para quem era accusado.*"

241—245 mereceram a attenção de Sismondi (IV 301). Mello no seu Memorial a D. João IV aproveitou a mesma ideia, quasi com as palavras de Miranda: „*deus que não só ouviu as desculpas que Adão não tinha que lhe dar, mas ainda chamou para que lhas desse*" (p. 8).

254—255 D. Frco de Port., Pris. p. 9 cita estas linhas na passagem acima (156) referida.

261 *Em verdade é presuntuosa Hespanha*, cfr. Schiller: Stolz will ich den Spanier (Don Carlos). O termo Hespanha abrangia a peninsula toda: no sec. XVI, principalmente no estrangeiro, muitas vezes não se fazia distincção entre Hespanhoes e Portuguezes. Na peninsula distinguia-se entre Castelhanos e Portuguezes.

278 *Lobo cerval* = *lynce* (chamado *lobo* provavelmente por uivar como os lobos. E por que lobo *cerval*? acaso porque come veados?). Existia e existe em raros exemplares ainda hoje nos Pyreneos e n'algumas serras de Hespanha e Portugal (Gerez). A sua caça é perigosissima, e a quem matava um d'estes animaes, davam-se grandes premios. A sua pelle é e era muito estimada, vendendo-se por alto preço, e julgando-se inferior unicamente á do *arminho* e da *marta zibellina*. Miranda, que foi grande caçador de lobos, talvez matasse um ou outro lynce, que iria ornar as vestes dos seus amigos de Lisboa. — Alguns autores identificam sem razão o *lobo cerval* com a *onça* e até com o *chacal*. (V. Bibl. de Aut. Esp. vol. 51 p. 7).

282 Citada por D. Frco de Port., Carta p. 41.

301—310 Talvez a unica palavra de censura aos padres, que sahiu dos labios de Miranda. Elle era, segundo o seu biographo, „pio e catholico christão, devotissimo em particular da Virgem".

315—316 var. *Jethro* é o genro de Moises (Exod. cap. 18). Mello allude a éstas linhas quando diz (p. 54): *„manda o nosso Saa Miranda aos velhos ser evangelhos"*. V. tambem Prestes p. 253: *„verbos antigos, emque não sejam Evangelhos, serão bordões para os velhos"*.

316—320 São phrases do homem de leis, que algumas vezes se revela na forma e nas figuras do discurso.

321—330 *Conradim,* o ultimo dos Hohenstaufen. O *duque d'Austria* só póde ser o amigo e parceiro de Conradim, Frederico de Baden, o qual como marido d'uma princeza austriaca pretendia ao throno de Habsburgo. *O pesado, duro e malino doutor que interpreta mal e agudo* é Roberto de Bari, o unico dos juizes, nomeados por Carlos de Anjou para o processo, que sentenciou em Napoles contra os dous prisioneiros (1268). — Não conhecemos a passagem de S. Agostinho que diz que *„o sangue cesse por batalha a guerra finda"*.

331—350 Os contemporaneos são concordes sobre o affecto que El-Rei D. João III merecia ao povo. Miranda não é o unico que refere com orgulho que o seu rei não precisa de uma guarda, como o de França e o Papa, para dormir descansado. Cfr. Barros, Pan. p. 78 e Costa p. 458: *„Desinant igitur mirari exteræ nationes quod rex noster Joannes nullis spiculatoribus, nulla armatorum militum custodia septus, in publicum procederet. Quæ enim tutior custodia nostro principi esse potuisset quam ipsius innocentiæ singularis civium amor?"*

330—331 var. de C: *Ah diferente bondade D'outro Carlo que em poder Teve nesta nossa idade Tal rei! deu lhe liberdade E tal irmã por mulher.* É claro que se allude á generosidade de Carlos V para com Francisco I, a quem deu em casamento depois da victoria de Pavia (1525) sua irmã D. Leonor, viuva de El Rei D. Manoel. — O casamento, projectado já em 1522, foi concertado e ajustado no Tratado de Madrid (1526) e posto em effeito em 1530 (depois da paz das Damas, Cambray). — Eis porque a data da Carta de Miranda (ao menos na redacção C) só poderá fixar-se depois de 1530.

372 *Queira deus que não releve;* em forma mais popular diz o poeta em 107, 17 *Ao longe vá mao agouro: Absit omen.* (Cfr. Estrangeiros I 2).

375 *Codro.* Este rei offereceu-se em expiação pelo seu povo. Vestido de simples soldado correu á batalha, porque o oraculo havia predicto que só a sua morte poderia livrar o paiz da invasão dos Dorios. Esta lenda, já referida por Herodoto, passou de Valerio Maximo aos Gesta Romanorum (No. 51) e a outros Livros de Enxemplos da Edade media.

380 *Pola lei e pola grei,* alias *Pro lege et pro grege.* É a bella divisa de D. João II que illustra o seu emblema: um pelicano alimentando os filhos *pollos,* com o proprio sangue.

381 O *guardacabras* é o symbolo da rudeza. Cfr. Bernardes, Egl. IX: *Como quereis que cante um guardacabras?*

105 (p. 205—213). **Carta II a João Ruiz (Rodriguez) de Sâ de Menezes.** Cfr. No. 152, p. 675 e No. 208, 57—64.

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 47 Leia-se: *saber* (e. l. d.: *saber.*). — 92 *ja* = *já ha* contrahido. — 119 Conservámos a forma *Azeno* em vez de *Zeno*, como *Archilis* (76) em vez de *Achilles*; *Aglão* e *Glao* por *Aglao* 106, 68: é sabido que o portuguez antigo modificou livremente os nomes proprios classicos como se pertencessem ao seu fundo popular. Cfr. *Sifo* por *Sysipho*; *Thucide* por *Thucydides*; *Driana* por *Ariadne*; *Ciçarram* por *Cicerão*. — 123—126 não devem estar em griffo, porque não pertencem á citação de Zeno. — 171 Leia-se: *vêm* (e. l. d.: *vem*). — 196 *mão!* (e. l. d.: *mão*).

Variantes. 27 **A** *quem*. — Onde diz: **34**, leia-se: **33**. — 44 **A** *viciosa*. — 112 **A** *a fim*. — 125—126 **B** diz: *Andei fora, o vento muito Fez me gram mal á cabeza.*

Sobre as relações de João Rodriguez „flor dos portuguezes" com os Colonnas, com Antonio e Francisco de Sâ e Menezes d'um lado, e com Sâ de Miranda d'outro lado, veja-se a Taboa Genealogica a p. 749, onde já se deu um breve summario da sua vida. Nascido pouco depois de 1460 foi educado em Italia debaixo da direcção de Angelo Poliziano e trouxe comsigo as novas aspirações do Renascimento. Foi o primeiro que apontou para a necessidade de uma educação superior intellectual da nobreza: *„nec contentus opibus paternis et avitis, ut omnium fere generosorum hac nostra tempestate natura est, sed literis ita vigilanter prosequitur tum legendo, tum peritiores siccitando ac si per illas foret sibi victus quærundus"* (Cataldus Siculus). Damião de Goes, que ainda criança soube captivar a sua affeição, elogia em 1550 „a [sua] muita e varia lição e doctrina nas artes liberaes e philosophia e experiencia das cousas que de seu tempo aconteceram" (II p. 497). João Rodriguez era então octogenario, mas ainda viveu mais 30 annos, retirado da côrte, e de todos os empregos politicos, n'uma sua quinta de Mattosinhos, rodeado de filhos, netos e bisnetos, em trato intimo com os seus autores favoritos e com os seus amigos, accompanhando com sympathia o movimento litterario e dispensando a sua valiosa protecção aos talentos mais notaveis da Eschola nova que o appellidam „antigo pai das musas" (Ferreira, Carta VI do Liv. I; Caminha, Epist. XXII; Bernardes, Carta VII, XVI e XXXII). — Os seus conhecimentos da litteratura antiga, grega e romana, eram muito gabados, e levaram-no a traduzir algumas Heroicas de Ovidio. As suas poesias acham-se no Canc. de Res. vol. II p. 358—455 em grupo, alem d'outras, dispersas na mesma obra.

1—27 O quanto nobreza e bens de fortuna valeram em Portugal antes de João Rodriguez, e quão pouco sciencias e artes, attesta-o a seguinte passagem de Frei Luiz de Souza (Annaes p. 7): *Para dar lição de escrever ao principe mandou el-Rey D. Manoel vir ao paço hum pobre homem Martim Affonso, porque não havia homem nobre que fosse perito n'esta arte. Davão-se em aquelle tempo todos os nobres tanto ás armas*

e tão pouco ás letras como se fora verdade que a pena embotasse a lança: vicio e culpa que neste reino durou muitos annos e cujo remedio devemos só a este principe." — Os Vimiosos, os Menezes e outros faziam porém já antes honrosa excepção á regra.

3 *Grosso ramo dos Menezes.* Cfr. Mello f. 6 das innum.

21—23 Todo aquelle que alliava valor guerreiro á sciencia e a uma cultura fina de espirito era comparado no Renascimento a Catão Maior (Priscus).

24—27 Estas palavras serviram de rubrica, não muito propria, posta por Varnhagen á frente da biographia de Miranda (Panorama de 1841). Não se pode negar que Miranda revela profundos conhecimentos dos classicos e que annotava o seu Homero em grego: isto não autorisa porém a dizer que foi elle quem introduziu as lettras em Portugal; porque outros, antes d'elle, e muitos com elle, cultivaram as sciencias. Bastará citar os pensionistas de D. João II em Italia e os de D. Manuel em França.

25 A variante da ed. **A** „*Trouxestes de fora á terra*" em lugar de „*Vos as metestes na terra*" allude talvez á estada em Italia de João Rodriguez.

28—45 Citadas por Sismondi IV 301 pela sua concisão e espirito laconico.

30 e 31 Citadas por D. Frco de Port., Pris. p. 28, n'uma passagem em que condensa differentes trechos de Sâ, dispersos pelas suas obras. E diz: *Tudo desajuda esta despedaçada patria; mas se os filhos lhe virão as costas, que muito que lhas virem os fados? No parece sino que dios se ensaña; Amor en vos no ve, prueva el temor* [No. 112, 29 e 30 **AB**]. *Sempre occasionárão grandes ruinas novidades no governo, tão defendidas dos mais sãos legisladores; aquellas mossas de pao, por onde os nossos velhos governavão com aquella santa inteireza, rosto ao sim e rosto ao não* [No. 103, 16], *erão bons, erão honrados* [sic]. *Eu não gabo o não saber.* — *Honrados* em lugar de *ousados* é talvez a lição das Satyras. — O editor só reconheceu uma parte das citações.

35—45 Cfr. No. 107, 14 e 15. Nas obras de Bernardes, Caminha e principalmente de Ferreira, e até mesmo já em Gil Vicente, achamos identicas queixas sobre as funestas perturbações que as riquezas da India trouxeram a Portugal, e o tempo provou que os poetas tinham razão. Os *mimos indianos*, o *cheiro da canella* e *o ouro do Brazil* embalaram o paiz n'um ocio e n'uma somnolencia tão fatal aos nossos, como as delicias de Capua aos Carthagineses de Hannibal, os vencedores de Trebia (218), do lago de Trasimena (217), e de Canas (216).

46—50 O marques de Santillana, Iñigo Lopez de Mendoza, bisavó de Garcilaso (1398—1458) é um dos poetas castelhanos que maior acção litteraria exerceram entre nós. Já antes de 1449 enviara ao Condestavel D. Pedro de Portugal um exemplar das suas obras, accompanhado da famosa carta, que já citámos varias vezes. Pouco depois já é manifesta a influencia da sua Comedieta de Ponza, e mais tarde a dos Sonetos, e

de tudo o mais que compoz no genero italiano, introduzido por Francisco Imperial. (Obras, ed. Amador de los Rios, Madrid 1852; Rimas Ineditas, ed. Ochoa, Paris 1844). A sentença a que Miranda se refere é a seguinte: *La ciencia non embota el fierro de la lança ni haze floxa la espada en la mano del caballero.* Acha-se no Prologo aos Proverbios, dirigido ao Principe D. Enrique, mas reapparece ainda mais vezes nas suas obras em varia forma, como *Letras non embotan armas* ou *No embota el saber la lanza al guerrero.* Em Portugal, onde ella produziu um effeito fulminante, os fidalgos, que podiam applicál-a sem córar de pejo, serviram-se da sentença a cada passo, p. ex. o proprio João Rodriguez na Pergunta a Ayres Telez quando o duque hia a Zamor (1513), Canc. de Res. II 453, 18: *Nunca a Febo Marte foy descortes* e 31 *Poys nom bota a lança, ante a faz aguda a disciplina da philosophia.* Garcilaso e Camões lhe deram uma forma mais concisa como: *Tomando ora la espada, ora la pluma* e *Nũa mão a espada, noutra a penna; Nũa mão a lança, noutra a penna; Nũa mão livros, noutra ferro e aço,* lembrando-se talvez de Ovidio, Her. XI 3 *Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum.* — V. tambem Cervantes, D. Quij. I cap. 16: *Nunca la lanza embotó la pluma, ni la pluma la lanza.*

51—52 A „Coronacion" do erudito Juan de Mena (1411—1456) que ainda no sec. XV foi impressa varias vezes (V. Salvà No. 786), é um extenso poema de cem *quintilhas,* em que o poeta descreve a sua viagem ao Parnasso para assistir á apotheose do marques de Santillana. „Las Trescientas" alias „Labirinto", outro poema do mesmo autor, que foi muito lido em Portugal (como se prova por numerosos exemplares commentados e glossados, que se encontram ainda hoje nas nossas bibliothecas), é escripto em *versos de arte mayor.* Por esta popularidade das Trescientas explica-se talvez o que Miranda subentende, quando diz:

Quando ja tinha alta a pena,
Bem aparada inda não,

reprovando a „Coronacion" por ser escripta em *versos de arte menor.* — Cfr. Mello f. 3 das inn. *„Hũa sò cousa vos lembro que me deveis hum grande dezejo de resucitar o grave estillo de nossos passados. Não aquelle cuja aspereza já [é] para muitos desagradavel como no antigo Mena condenou o grande Sà."*

45—46 var. É claro que se trata, na estrophe intercalada por B, do illustre e sabio monarcha D. Affonso V de Napoles e Aragão († 1458), *unicus doctorum hominum cultor suæ tempestatis,* que figura notavelmente em todas as obras que tratam do seculo da Renascença (Burckhardt, ed. Geiger I 267). Nos autores portuguezes contam-se alguns factos da sua vida, que têm sua origem na obra de A. Panormita: *De dictis et factis Regis Alfonsi Libri IV,* e que, referidos anonymamente, merecem ser aqui apontados. D. Affonso dava como perdido o dia em que não tinha lido alguma cousa; diariamente e mesmo em campanha, ouvia commentar Tito Livio; a Biblia, que lêra 14 vezes, sabia-a quasi de cór etc. — O seu emblema era um livro aberto; a sentença, a que Miranda allude, diz:

Un principe ignorante no es mas que un burro coronado. — Th. Braga, Quinh. p. 27 e 105, engana-se, suppondo que se trata aqui de Affonso X de Castella, o Sabio.

71—72 *Todo o mal jaz nos estremos, O bem todo jaz no meo.* Cfr. Horacio: *Est modus in rebus; aurea mediocritas; virtus est medium vitiorum* (Epist. I 18, 9).

76—81 „O grande Archilis" é accusativo; o Centauro nominativo. — Achilles foi educado na cova pelethronia (região montanhosa da Thessalia habitada por Lapithos e Centauros) por Chiron, perito na musica, medicina e nos augurios. Cfr. Camões Ed. Braga, Ode VIII 1—20 e Ode X 1—5.

91—92 *Quando dava homens a terra O que ja* (ja ha) *tanto não faz:* uma queixa que vem de longe, de Virgilio, Juvenal e até de Homero.

100—108 Sobre o cynico Diogenes veja-se Diog. Laërt. VI 2, 6. — Cfr. No. 106, 162.

111—117 Fabula VI: *A formiga e a cigarra* (Aesop. 401 e 401[b]). Infelizmente não é contada in extenso, mas só resumida. Ainda hoje anda na boca do povo portuguez, em forma levemente variada porque a *cegarrega* foi substituida pelo *melro.* — Cfr. No. 153, 33 e D. Bernardes, Flores, Carta V, 137.

118—122 A anecdota do stoico Zeno é contada em Plutarcho tres vezes (*πῶς ἄν τις ὑπ' ἐχθρῶν ὠφελοῖτο* p. 87 A; *περὶ εὐθυμίας* p. 467 D e *περὶ φυγῆς* p. 603 D), em Diog. Laërt. VII 3, 3 e em Seneca, de tranq. an. cap. 14: *nuntiatio naufragio Zeno noster, cum omnia sua audiret submersa: iubet, inquit, me fortuna expeditius philosophari.*

132—145 A ideia encontra-se frequentes vezes em Platão; mas não pudémos achar a citação original.

154—162 Esta estrophe tem importancia para a characteristica de Miranda, porque n'ella confessa a força de attração da vida activa (Rahel), que abandonou, só por fugir aos perigos a que ella expõe e contra os quaes se quer preparar primeiro na vida contemplativa (Lia).

181—198 Miranda parece tomar partido contra aquelles que, não reconhecendo o altissimo valor poetico da Biblia, apenas extrahem d'ella as doutrinas para um secco dogmatismo. Por isso compara os Psalmos com as Odes de um Pindaro e Alceo, e até de uma Sapho, e com a excelsa prosa de Platão. Sob o termo „livros divinos" não entenderá a poesia hebraïca em particular, mas sim que toda a poesia serviu nos tempos primitivos para glorificação da religião, tanto na Grecia como em outros paizes.

208—225 D'este trecho concluimos que a Carta foi escripta pouco antes do poeta casar com D. Briolanja d'Azevedo, i. é cerca de 1536. O modo como falla da sua affeição, dando os parabens ao amor, e outros indicios ainda, levam a crêr que a noiva não era a matrona velha e feia, de que reza a tradição, divulgada pelo seu biographo e pelo marques de Montebello.

224—225 Contêm de certo uma allusão a um contemporaneo.

106 (p. 214—224). **Carta III a Pero Carvalho.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 9 Leia-se: *Almeirim,* (e. l. d.: *Almeirim*). — 58 *estendem,* (e. l. d.: *estendem*). — 127 *enveja.* (e. l. d.: *enveja*). — 276—285 deviam ser griffadas, porque pertencem á citação de Ennio.

b) Variantes. 252 **B** *quem.*

Sobre Pero Carvalho vide o que dissemos no No. 77. Quando a peste de 1527 assolou a capital, toda a côrte fugiu para Coimbra, indo tambem Pero Carvalho como guardaroupa de D. João III. A peste continuou a fazer estragos no Alemtejo, devastando Lisboa e Santarem com seus fertilissimos campos em 1528 e 1529, acabando só em 1530, como consta de documentos officiaes (Andrada II cap. XX; Annaes p. 206; Amatus Lusitanus). Não sabemos porém a demora que a côrte teve em Coimbra, e se a peste deu talvez lugar a pequenas excursões: em todo o caso é certo que el Rei passou o Natal em Lisboa, estava a 15 de Fevereiro de 1528 em Almeirim, e de Fevereiro a Junho de 1530 de volta em Lisboa. Um facto que até certo ponto comprova que a residencia de D. João III em Coimbra não foi constante, nem sequer em 1527, é a representação de varios Autos de Gil Vicente no mesmo anno de 1527 em differentes logares (Coimbra, Almeirim e Lisboa). — Resta tambem averiguar se Miranda, que frequentou a côrte de 1526—32 (ut supra), a accompanhou de Lisboa para Coimbra, ou se estava alli de passagem, ou emfim se veio de proposito de terras suas nas margens do Mondego para saudar o monarcha e a joven rainha, que visitava pela primeira vez „a mui antiga e mui nobre, sempre leal cidade de Coimbra". A ultima hypothese é a mais provavel, se admittirmos a authenticidade da Oração (No. 154), pronunciada por um Francisco de Sâ na recepção dos Reis, lembrando-nos de que Sâ de Miranda era conimbricense. — A nobreza da cidade fez quanto pôde para amenizar a estada aos fidalgos exigentes, acostumados ás montarias alegres e aventurosas de Almeirim e á regalada vida da farta Santarem. Gil Vicente compoz *ad hoc* a sua *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra,* a *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella* e talvez a *Farça dos Almocreves,* como tambem o *Dialogo sobre a Resurreição*; e sahiu frequentes vezes de Santarem para divertir a côrte com as representações dos seus Autos; foi provavelmente com as mesmas intenções que Miranda escreveu a sua Fabula do Mondego. „Parvos honrados" houve que n'essas folias aulicas perderam a sua fortuna, entre outros os paes de Luiz de Camões, se dermos credito a uma hypothese de Th. Braga (Hist. de Cam. I p. 63), e talvez o proprio Miranda, cujos avós viviam em Buarcos, e cujo pae residia em Coimbra. Nada satisfez porém os famelicos e insaciaveis cortezãos, e a cohorte de parasitas que arrastavam comsigo; até ao ultimo momento clamaram contra a vida parca e soturna da cidade, que os acoutava no emtanto da peste. — Cfr. Cortes de 1525 e 1535, Lisb. 1539, cap. 37, 98 e 157. — Miranda revoltou-se contra este ingrato procedimento, que feria o bom nome da sua terra

natal, e terminado o festim, deu largas á sua ironia, escrevendo a Pero Carvalho uma diatribe que devia amargar aos saqueadores.

A Carta, que se póde datar com verosimilhança pouco depois de 1527, é portando anterior ás duas primeiras.

1—2 *No lugar onde me vistes De agua e do monte cercado.* Esta passagem leva a crer que Miranda tinha em Coimbra, ou nos arredores, alguma pequena propriedade, situada nas ribeiras do Mondego e com a vista sobre a serra, obrigo e escondedouro, onde se acolheu de vez em quando, fugindo a quantos laços na côrte lhe armavam os acontecimentos, porque sabia que na sua solidão sempre contava „mais dias de ledos que não de tristes".

10 Cfr. Souza, Provas III p. 4: *Oração que fez Lopo Fernandes na entrada del Rey D. João III com a Rainha D. Catharina á primeira vez em Santarem* (1540). Dá o mesmo epitheton de *farta* á villa de Santarem, residencia favorita dos reis no verão.

12 Tanto na Fabula do Mondego 111, 43 como na Carta a Jorge de Montemôr 146, 76, Miranda declara que Coimbra era a terra da sua naturalidade, no que concorda o testemunho do seu primeiro biographo.

23—24 Cfr. *Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

31—35 Cfr. No. 111 estr. 4 da Fabula. El Rei D. Manoel, tendo visitado em 1502 as antigas sepulturas em que jaziam, no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, os restos do fundador da monarquia D. Affonso Henriques e do conquistador de Silves D. Sancho I, as achou mesquinhas para tão grandes homens (Goes, Chron. vol. I p. 167 e II p. 646), e mandou construir outras novas. Ficaram promptas em 1520. Sobre a trasladação dos cadaveres dos antigos para os novos tumulos existe uma memoria manuscripta de D. Timotheo dos Martyres, a qual foi extractada pelo autor do „Guia do Viajante em Coimbra" p. 47, e mais tarde pelo mesmo escriptor (A. M. Simões de Castro) no „Panorama Photographico de Portugal" No. 10 p. 85—98. E diz: *„No anno de* 1520 *em os* 16 *dias do mes de Julho, estando o Serenissimo Rei D. Manoel nesta cidade de Coimbra, veio a este seu real mosteiro á tarde e mandou abrir as sepulturas antigas dos primeiros dous Reys deste Reyno, seus predecessores. Achou o corpo do devoto Rey D. A. H. inteiro, incorrupto, a carne seca, e a cor palida e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo, do qual sahia cheiro suavissimo."* Segundo um testemunho menos authentico, D. Nicolau de Sancta Maria, Chronica dos Conegos Regrantes, a trasladação effeituar-se-hia em 1515. Sá de Miranda, que presenciou a ceremonia, diz em 1527

Cidade, rica do santo
Corpo do seu rei primeiro,
Que ainda vimos com espanto
Ha tam pouco todo inteiro
Dos anos que podem tanto,

o que faz crer que o primeiro testemunho é o mais veridico, por indicar uma data mais proxima de 1527, mas anterior, como deve ser, a 1521,

anno da morte de D. Manoel. O que não é admissivel, em caso algum, é a data de Th. Braga (1505; err. por 1515?), Quinh. p. 9 e Manual 267. A fixação da data da exhumação tem importancia para a biographia de Miranda, porque ajuda a provar que em 1520 estava em Portugal e ainda não havia emprehendido a sua viagem.

36 *Rei a quem deus se mostrou.* Cfr. 111, 47. — Allusão ao conhecido milagre da batalha de Ourique (25 de Julho de 1139). V. Herculano, Opusculos tom. III: A batalha de Ourique. O documento apocrypho em que D. Affonso testifica por juramento a sua visão, póde ver-se em Souza, Provas I No. 4. — Cam. Lus. III estr. 41—54 e VIII 11.

37 *Rei que tantos reis venceu.* Diz-se que só em Ourique vencera cinco; e o seu Epitaphio somma vinte ao todo.

39—40 Cfr. No. 111, 55—56. Sancho I 1185—1211. — Lus. III estr. 75.

41—50 Sancho II o Capello 1223—1248 „manso e descuidado que de outrem quem mandava era mandado“ (Lus. III 91) Quando seu irmão D. Affonso o Bravo lhe arrancou a coroa, o throno e quantas boas villas hi havia, apenas Coimbra lhe ficou fiel, cujo alcaide, Martim de Freitas, fechou as portas da cidade ao rei cheio de vida e de poder e levou as chaves d'ella ao rei sem vida e sem nada, morto entretanto em Toledo (Livros de Linh. p. 256. — Souza, Provas I No. 22 e 23).

61—70 Esta historiazinha de um Rei de Lydia, chamado *Gyges*, um pastor psophidico *Aglaus* e o deus delphico *Apollo*, contada por Plinio, Nat. hist. VII 46 (47) foi repetida bastantes vezes em Portugal, p. ex. pelo Condestavel D. Pedro (Canc. de Res. II 93), que a tirou porém de uma outra fonte (latim medieval?), porque transforma o nome *Aglaus* em *Clodio*; mais tarde por D. Duarte, o filho natural del Rei D. João III, na sua Oração em louvor da philosophia (Souza, Provas III p. 49); depois por D. Bernardes (Lima, Carta II) que a conta de memoria, confundindo os personagens. Acha-se tambem nos „Gesta Romanorum“ (cap. 166 p. 551, 29—40), bastante deturpada: *Gigues* é chamado *gigas quidam nomine Arius;* o nome do pastor é escripto *Agalaus.*

154—155 Miranda allude provavelmente ao aërostata italiano João Baptista Dante (sec. XV), porque o portuguez Barth. Lourenço de Guzmão é do seculo XVII.

163—165 *Quem na dorna ao sol volvida Muito mais rico morreu Que Creso, que Crasso e Mida:* é Diogenes que vivendo pobre e nú numa pipa, pedia a Alexandre o Magno que não lhe tirasse o sol com a sua sombra, como a maior mercê, que lhe podia fazer! Cfr. Diog. Laërt. IV 2, 3. — Tambem é um dos typos populares na Edade Media (Gesta Rom. No. 183). — *Creso,* rei da Lydia que, soberbo pelos immensos bens de fortuna que possuia, dirigiu a Solon a mesma pergunta sobre a bem-aventurança, que Gigues dirigira a Apollo; *Crasso,* o avaro vencedor dos Parthes, a quem ja os contemporaneos chamaram *Dives*; e *Mida,* o Phrygio a quem Dionysos dera o condão de converter em ouro tudo o que tocasse: eis os tres typos que symbolizam a riqueza.

166 Sobre o extremo desprendimento de todos os bens, de que o cynico Krates (não o adepto de Platão do mesmo nome) deu prova, vide Diog. Laërt. VI 5, 4. Seu mestre Diogenes levou-o a atirar ao mar tudo o que possuia. D. Duarte, que muitas vezes segue os passos de Miranda, como já fizemos notar, conta tambem esta anecdota sem comtudo citar o nome do protagonista. Souza, Provas III 49: *Antes dizem d'um que como por deos inspirado para se mais entregar á philosophia, lançou quanto tinha no mar.*

173—174 Conta-se que Bias de Priene, na Ionia, um dos sette sabios da Grecia, ao abandonar a cidade natal, presa dos Persas, dissera a um dos seus patricios, que se admirava de o ver sahir sem nada: *Omnia mea mecum porto.* — Cfr. D. Duarte p. 43.

176 O oraculo declarado aos Lacedemonios por Apollo dizia *φιλοχρηματία Σπάρταν ὄλει ἄλλο δὲ οὐδέν.* João de Barros, Pan. p. 103, traduz a palavra *φιλοχρηματία* em *avareza* no sentido de *escasseza*, Miranda porém entendeu *cobiça*, a julgar pelos seus versos.

181 Simplicio, commentador de Epikteto não diz (Epicteteae philosophiae monumm. ed. Schweighaeuser IV 65) que a casa carecia de porta, mas sim que a porta carecia de ferrolho. — Conheceria Miranda o bello Epigramma:

Δοῦλος Ἐπίκτητος γενόμην καὶ σῶμ' ἀνάπηρος.
καὶ πενίην Ἶρος καὶ φίλος ἀθανάθοις.

„Sou Epicteto, o escravo, o aleijado, o mendigo, o querido dos immortais."

191—200 Una reminiscencia do Evangelho de S. Marco 13, 33.

210 *Se não são mandados mandão* = Horat. Ep. I 10, 47 *Imperat aut servit collecta pecunia cuique.*

214—220 Fabula VII: *O leão enfermo.* A relação de Miranda concorda completamente com a de Horacio Ep. I 173—75, já antes contada por Lucilio. A fonte commum é Esopo Nº 246.

221 *Circes* cfr. *Lethes* e *Psiques*, formas muito usadas entre os Quinhentistas.

225—226 var. *Um gatinho ermitão* D'estes *que vem de Guiné.* Da Guiné *vinham os gatos d'Algalia*, chamados tambem *gatos meimões* (Elucid.) e *gatos da India* (civeta viverra) e que exhalam um cheiro fortissimo d'almiscar. V. Garcia da Orta p. 18v., Res. Miscell. estr. 59, e Ord. Man. 5 tit. 112 § 24.

244 *este meu e este teu.* — Cfr. No. 103, 649.

260 *artelharia.* Gil Vicente II 417, Resende (Cron. p. 256, Miscell. *estr.* 126 e 127) e outros attestam a profunda impressão que os novos e constantes inventos nas armas de fogo faziam sobre o publico. Na peninsula appareceram já no meado do seculo XIV; sendo celebres de 1393—1413 os armeiros de Barcelona (Pedro Burgues, Rodrigo de Almanza, Pedro Colomer etc.). V. a monographia de Fernandez Duro no *Museo español de antiguëdades* vol. V.

271—285 A citação da Iphigenia de Ennio que Miranda glossa, é referida por Gellio XIX 10. E diz: *Otio qui nescit uti | Plus negoti habet quam cum est negotium in negotio,*

Nam cui quod agat institutumst in illis negotium
Id agit, [id] studèt, ibi mentem atque ânimum delectat suum.
Otioso in otio animus nescit quid velit.
Hoc idem est; enim neque domi nunc nos nec militiæ sumus,
Imus huc, illuc hinc, cum illuc ventum est, ire illuc lubet,
Incerte errat animus; praeterpropter vitam vivitur.

107 (p. 225—236). **Carta IV a seu irmão Mem de Sâ.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 17 Leia-se: *vã;* (e. l. d.: *vã*). — 58 *assomada;* (e. l. d.: *assomada*). — 62 *morto,* (e. l. d.: *morto*). — 78 *cumpridos* (e. l. d.: *cumpridos.*). — 113 não devia estar em griffo. — 113 *vede-las* (e. l. d.: *vede las*). — 124 *alheo,* (e. l. d.: *alheo*). — 169 *reponderão,* (e. l. d.: *responderão*). — 211 *áquela* (e. l. d.: *aquela*). — 241 *villão* (e. l. d.: *villão,*). —

b) Variantes. 273 O MS. escreve: *os cega*; o que deve ser erro, porque se refere *ao despenseiro.* — 253 **B** *Escolhérão* não é errado, tendo a nazal o valor de uma vogal simples; cfr. l. 210 **B** onde *homem* equivale a *home.*

Mem ou **Mendes de Sâ.** É o unico de 8 irmãos de Sâ de Mizanda que é citado nas suas obras e o unico que a historia commemora. Foi o terceiro Governador geral do Brazil (1557—1571) e desempenhou este cargo com tal valor, tanta capacidade administrativa e honradez antiga que os historiadores ainda hoje não acham sufficiente galardão com que honrál-o. — „*Implantar o imperio da justiça entre gente totalmente avessa ás prescripções do direito e austeridade das leis; limpar de aventureiros e corsarios aquellas costas maritimas; assegurar a posse da formosa bahia do Rio de Janeiro, depois de a ter disputado valentemente á colonia franceza de Villegaignon n'ella estabelecida, tudo isto fez Mem de Sà e para muito mais lhe sobejaram brios se a morte não cortasse tão cedo os fios de tão preciosa existencia.*" A sua nomeação foi um dos ultimos actos do governo de D. João III, que Miranda ainda teve o gosto de presenciar. A carta que commentamos é, sem duvida alguma, anterior á nomeação de Mem de Sâ; d'outro modo não se comprehende o conselho de fugir aos escolhos da ambição e da vaidade, que o poeta faz a um funccionario que sustentou durante quatorze annos um cargo tão penoso, origem só de trabalhos, fadigas e desgostos, e que elle mesmo qualifica de *degradação.* Em nossa opinião a Carta deverá datar-se pouco depois de 1543, porque allude á morte do Senhor D. Duarte e de Boscan; porém não é possivel averiguar a posição que Mem de Sâ occupava então na côrte, e se teria pretensão a algum alto emprego que provocasse os receios de Miranda. Em 1533 era já Doutor do Desembargo d'El Rei D. João III, e como tal assignava dous documentos officiaes publicados

por Souza (X 548 e Provas V 643). — V. Canstatt p. 209; Carvalho p. 42 ss.

26—30 A lição *um rio* é preferivel á do nosso ms. (*um reino*) porque Phaetonte, filho de Apollo, cahiu no *rio* Eridano (Po), por não poder guiar os corseis do carro de seu pae. — (Ovid. Met. I 750, II 332. — Cfr. Lus. I estr. 46).

31—35 É sabido que Icaro cahiu na parte oriental do mar Egeo, (chamada posteriormente *mar Icario*), porque não seguiu o conselho de seu pae Dedalo, que lhe havia recommendado de não se aproximar muito do sol com as suas azas, feitas de pennas e de cera (Hom. Il. II 145).

46—80 A contrucção das linhas 46—50 não é clara. Miranda quer dizer: *Quantos dos nossos, aos quaes, por nosso bem, se devia vida mais comprida, morreram cedo, antes de terem a sua conta cheia.* — A conta seria a da Biblia, de 70 annos. — Depois passa a citar alguns exemplos de contemporaneos illustres, mortos em edade juvenil. O primeiro que cita, sem nomeál-o (51—60) é, segundo consta de Cunha, Hist. de Braga II 335, o Senhor D. Duarte, o joven filho natural de D. João III que morreu repentinamente em 1543, na edade de 22 annos. Fallámos d'elle sob o No. 98, assim como da sua *Oração em louvor da philosophia*, repleta de citações classicas e biblicas, na qual já reconhecémos uma notavel concordancia com Sá de Miranda (V. No. 106). — Não pudemos determinar qual o Conde, ou quaes os Condes, a que se allude depois, nas linhas 61—70. Os que mais se distinguiram como poetas, na primeira metade do seculo XVI, são o Conde de Tarouca, D. João de Menezes (Cfr. No. 109, 142) e o de Vimioso, D. Francisco de Portugal (Cfr. No. 91), mas nem um nem outro morreu joven; o segundo até estava vivo á data d'esta carta. — Como terceiro e quarto, ou antes quarto e quinto exemplo do triste caso, citam-se Garcilaso e Boscan. O primeiro falleceu em 1536 com só 33 annos; o segundo em 1543. A phrase „*por quem mil gritos se dão*" indica que a morte do poeta tão chorado, que representa em Hespanha o papel de Miranda, era recentissima.. Não morreu porém muito joven por isso que nasceu cerca de 1493.

111 Mais uma reminiscencia do Sermão da Montanha. Evang. Matth. 6, 26—28.

131—140: Heraclito. Cfr. Seneca, De ira II 10: *Heraclitus quoties prodierat et tantum circa se male viventium imo male pereuntium viderat, flebat, miserebatur omnium qui sibi læti felicesque occurrebant, miti animo sed nimis imbecillo, et ipse inter deplorandos erat.* V. tambem Lucian. *βίων πρᾶσις* c. 14 e *Fragmenta philosophorum grr. ed. Mullach.* Paris, Didot 1860, p. 334.

140—141 A bella sentença de Anaxagoras encontra-se em Diog. Laërt. II 5, 2. Quando lhe perguntavam se não cuidava da patria? respondeu, apontando para o ceu: Dize antes que cuido muito d'ella.

166—170 V. Horat. Ep. I 6, 29 *Quis recte vivere? Quis non?*

191—300 Fabula VIII: *O rato do campo e o rato da cidade.* Esta graciosa fabula é de origem grega, e da Grecia se espalhou por todo

o mundo sob o nome de Esopo (297 e 297b *μῦς ἀρουραῖος καὶ μῦς ἀστικός*) O primeiro que a repetiu, pondo-a em verso, foi Horacio, Sat. II 6, 79—117. Depois achamol-a nos antigos fabulistas francezes, ditos Isopetes (Fables inédites des XII, XIII e XIV siècles par Robert. Paris 1825) e é d'esta fonte que passau provavelmente ao *Libro de los Gatos* de um lado (XI *Enxemplo de los mures*) e do outro ás poesias do Arcipreste de Hita (estr. 1344—1360 *Enxiemplo del mur de Monferrado et del mur de Guadalaxara.* Cfr. Böhl, Floresta II p. 125, Nº 448 e Am. de los Rios IV 190, o qual diz que a fonte de Hita é o Pantscha-Tantra) onde se revestiu de formas admiraveis e genuinamente hespanholas. Das imitações modernas, de que conhecemos perto de 30, e entre ellas duas hespanholas, de Argensola e de Samaniego, a mais celebre é a de Lafontaine (traduzida em port. por Filinto Elysio). A mais valiosa é porém, ao nosso ver, a de Sâ de Miranda, sob o ponto de vista da espontaneidade, da graça natural e da travessura ingenua. Tem passado quasi desapercebida. — A comparação com Horacio e Lafontaine é facil e instructiva, depois das excellentes traducções de A. Luiz de Seabra e de Filinto Elysio. — Hoffmann (Blüthen p. 20) traduziu apenas as primeiras 40 linhas da Fabula portugueza, o que é para sentir. — Th. Braga inseriu-a por completo na sua Antologia, No. 115, segundo a edição **A**, mudando apenas, sem razão, a phrase *bom sengo antigo* em *bom senso antigo* (l. 219. Sobre *sengo* v. Glossario). — A moral da fabula resume-se no proverbio hespanhol: *Mas vale flaco en el mato Que gordo en el papo del gato.*

217 *Mucho va de Pedro á Pedro,* é um proverbio hespanhol. Cfr. Lisandro y Roselia p. 85.

220 O adagio portuguez, a que Miranda se refere, diz: *Os dedos da mão não são iguaes.*

108 (p. 237—250). **Carta V a Antonio Pereira.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 16 O copista do nosso ms. escreveu primeiramente *e caia,* depois intercalou a particula *ou* antes de *caia,* esquecendo-se de riscar o *e.* — 17 Leia-se: *agouro,* (e. l. d.: *agouro*). — 62 É de necessidade pronunciar: *qu'reis.* — 138 A lição do texto (*da nossa*) não é boa; se duas linhas mais adiante não se encontrasse a palavra *danada*, teriamos emendado *danosa.* — 159 *fazendo* equival aqui a *fazendo-o* (cfr. *alma* por *a alma*, *todo* por *todo o*, *toda* por *toda a*); nos velhos textos as vogaes absorvidas muitas vezes não se escrevem. — 164 Leia-se: *santissimo* (e. l. d.: *santisimo*). — 184 *fogos,* (e. l. d.: *fogos*). — 192 Verso cumprido. A lição de **AB** (*conhecessem* por *aconhecessem*) é a que se deve acceitar. — 272 O nosso ms. parece dizer: *dospovoados* (i. e. *dos povoados*). — 316 A lição do nosso ms. parece-nos inadmissivel. Leia-se: *Cega* como em **AB**. — 367 Leia-se: *magoa.* (e. l. d.: *magoa*).

b) Variantes. 39 **AB** *á riqueza.* — 65 **B** tem: *Nem em hũa alta ermida antiga*; é porém claro que para certeza da medida se deve pronunciar *nũa.* — 122 **AB** *barroca.* — 188 **B** *e leva o moço.* — 347 **B** *E deixárão.*

Antonio Pereira. É o irmão mais velho de Nunalvarez Pereira, que já conhecemos (v. No. 103) como um bom amigo de Sá de Miranda. Ambos são, como dissemos, filhos d'aquelle João Rodriguez Pereira, Senhor de Cabeceiras de Basto, a quem chamáram o Marramaque; e este appellido jocoso passou a seu herdeiro Antonio e a outros descendentes seus, como se fosse verdadeiramente o da sua familia. Não sabemos o que significa a alcunha (e a proposito diremos que em nenhum paiz se generalizou tanto o uso dos appellidos motejadores como em Portugal). Nenhum dos Diccionarios que consultámos, nenhum dos autores que fallam do pae ou do filho, dá noticia da origem d'esta alcunha. O que vae lêr-se não pretende ser mais do que uma tentativa d'explicação.

Encontramos a palavra *maromaque* no Livro das Linhagens do Conde D. Pedro (Mon. Script. I p. 285), onde significa certo tecido de seda e ouro (*fasiam nobre estrado de maromaques e d'outros panos d'ouro*).

Encontramos a palavra *marramaque* no Canc. de Res. III p. 101. É Francisco da Silveira quem se serve d'ella n'uma „Ajuda" á poesia jocosa que fez Nuno Pereira a uma dama *„da maneira que lhe havia de guarnecer uma mula em que fosse, partindo-se el Rey para Batalha, a fazer o saimento del Rey seu pai"*, o que foi no anno de 1499. E diz:

Segundo is aparelhada
de tudo o que me parece,
pera vos não minguar nada
d'abastado,
aquisto soo vos falece:
ó pescoço campainha,
por servidor marramaque,
fallar muito ante a rainha
com bespinha
e sacudir um gram traque.

Estas linhas que se acham, note-se bem, n'uma poesia d'um *Pereira* (Nuno), e na qual figura um *João Rodriguez Pereira* (a p. 99), levam-nos a suppôr que *Marramaque* deve ser considerado alli já como nome proprio, isto é como alcunha de um dos Pereiras. O que confirma esta hypothese é a coincidencia da pessoa do poeta João Rodriguez com o alcunhado, o qual pertenceu á casa de D. João II e figurou ainda na côrte de D. Manoel. Resende conta (Chron. p. 299) que accompanhou esse monarcha em 1497 a Castella *„duas ou tres jornadas, bem doente pera acabar hum requerimento, e a Rainha folgou tanto com elle que el Rey lhe deu dinheiro pera a ida e o levou consigo"* — Em mais parte alguma achamos a palavra *marramaque*.

Porém na mesma poesia dos Pereiras a p. 93 emprega-se a palavra *tarramaque:*

Os moços yram vestidos
de pelotes gyronados,
muy largos & muy compridos,
goarnecidos
de tarramaques bordados.

e em Cunha, Hist. Eccl. da Igreja de Lisboa II 88 *barramaque*:
duas capas de barramaques ... de que se servião os bispos de Lisboa nos pontificaes.

Ambas ellas designam antigos tecidos ou vestimentas de tela rica.

Suppômos que todas as quatro formas citadas: *marramaque, maromaque, tarramaque, barramaque* sahiram da raiz verbal arabe رقم *raqam*, mudada por metathese em رمق *ramaq*, forma que significa *bordar* e vive ainda no port. *recamar*, ital. *ricamare, ricamato*, ant. fr. *racamaz*, ant. hesp. *ricomas* (V. Dozy e Michel I 369, II 283) e no hesp. *margomar*. Se esta explicação é legitima, a alcunha de João Rodriguez teria por origem o seu excessivo luxo no trajar. —

Seu filho Antonio Pereira, pertencente á fidalguia de Entre-Douro e Minho, tinha em herança paterna as villas de Cabeceiras de Basto e Lamegal, com a velha casa solar, chamada Taipa (Comarca de Celorico de Basto), não muito longe da quinta de Sâ de Miranda. Era tido por homem mui douto e versado nas humanidades, entregue á vida placida do campo e ao estudo dos seus livros, fazendo vida filosofica. Julgava-se geralmente que fôra tambem poeta lyrico, como quasi todos os fidalgos da epoca; no emtanto a estrophe, com que *ajudou* o No. 137 d'este volume (v. retro p. 734) é o unico especimen que temos d'elle até hoje. O Indice Expurgatorio de 1624 chamou a attenção do publico para os seus escriptos sobre assumptos ecclesiasticos, contra os padres, e sobre a leitura da biblia, prohibindo „*um seu tratado de mão sobre aquelle verso do Psalmo* 81: *Lex domini immaculata, em que pretende persuader que a Biblia deve correr em lingua vulgar*" e outro tratado seu „*sobre o poder do Summo Pontifice na materia das Commendas*, e outro, *em que detrae o estado monachal*" (p. 93). Barbosa Machado aponta ainda mais escriptos seus, ecclesiasticos e profanos, que ficáram, infelizmente, ineditos: sobre o Evangelho de S. João; sobre a Reforma do estado ecclesiastico; sobre os feitos heroicos de seus avós e de outras familias illustres de Portugal; um Dialogo entre o gallo e outro animal, emfim uma obra entre erudita e amena, intitulada Tardes de Entre Douro e Minho. — (Cfr. Souza XII p. 413, I p. LXXXVII).

Parece que Miranda viveu intimamente com elle, como hospede assiduo da casa de Basto, no fertilissimo valle do Tamega, e que ahi adquiriu provavelmente o melhor conhecimento dos livros sagrados. Em todo o caso é certo que recebeu das mãos de Antonio Pereira o primeiro exemplar das obras de Garcilaso e de Boscan, e isto antes de 1536, manuscripto (1ª ed., de 1543) porque para o primeiro anniversario da morte de Garcilaso, occurrida a 24 de novembro ou 20 de septembro de 1536, compoz Miranda a sua Egloga Nemoroso (No. 115) que denuncia o mais intimo conhecimento da vida e das poesias do grande lyrico hespanhol. Em companhia de Pereira leu as obras dos dous innovadores hespanhoes e de Bembo, Sanazzaro e Ariosto; a elle communicou as impressões das suas viagens (Cartas perdidas!); a elle offereceu a citada Egloga Nemoroso, em signal de gratidão pelos serviços litterarios que recebera; e a outra Egloga

Alejo (V. No. 145). Ao irmão Nunalvarez dedicou o seu Basto: n'uma palavra o nome de Pereira encontra-se a cada passo nas obras de Miranda como o do seu melhor amigo.

1—10 Antonio Pereira parte com a casa toda para a côrte, deixando o solar antigo, o que magôa Sá de Miranda, pouco inclinado a cortezãos, como sabemos. O poeta faz amargas reflexões a este respeito. — Em que anno teve logar a partida? Em nossa opinião seria depois de 1540, i. é n'uma epoca em que Antonio Pereira começava a preoccupar-se do futuro de seus filhos, nascidos perto de 1530 (v. No. 145) e entendeu dever levál-os a Lisboa, talvez para frequentarem a Universidade. Outros indicios accusam porém uma data anterior (1536), e são as linhas 145—146 (var.), das quaes se conclue que ainda vivia Garcilaso; e a linha 151, que leva a suppôr estar vivo tambem Gil Vicente. — A mudança exigia despezas extraordinarias que Miranda reprova, vendo correr mal os pardaos. Acaso receava o poeta os perigos de uma tendencia natural da familia *Marramaque*, a do fausto?

14—15 Cfr. Mello p. 64:

Por esta e por outra aquella
Disse hũa certa pessoa,
Bem para allegar com ella,
Que o cheiro d'esta canella
O reino nos despovoa.

Sobre os desperdicios dos fidalgos, que vinham provocando desde D. João II a publicação de successivas leis sumptuarias v. No. 105, 35.

17 Cfr. 104, 372.

20 *Narsinga das torres d'ouro.* A variante de B *Narsinga das serras d'ouro* é preferivel, visto Narsinga ser cobiçada por causa de suas minas d'ouro e de diamantes. V. Goes, P. II cap. VI e Res., Miscell. estr. 117, onde diz, fallando d'El Rei de Narsinga:

Este he hum dos Reys do mundo
de mais ouro e pedraria
tanta de tam gram valia
que não tem cabo nem fundo,
nem se estimar poderia.
em seu reyno tem as minas
onde se acham pedras finas.

De *torres* d'ouro nem palavra.

21 Já então era uso celebrar o heroe nacional Viriato, que deffendêra a independencia da patria victoriosamente contra o poder de Roma (150—140 a. Chr.). V. Lus. VIII 5—6.

36 *a ousada avareza* = *auri sacra fames.* Esta expressão ou, para melhor dizer, toda a estrophe é variada de Horacio.

44—50 *Cineas.* Cfr. Plin. Nat. Hist. XIV 1 (3): *Ulmos quidem ubique exsuperant* [sc. *vites*] *miratumque altitudinem earum Ariciæ ferunt legatum regis Pyrrhi Cinean facete lusisse in austeriorem gustum vini, merito matrem eius pendere in tam alta cruce.*

106—107 *E de viver juntamente Houvérão convites nome.* Miranda usa bastantes vezes de explicações etymologicas similhantes. V. No. 111, 2 e 150, 141.

111—112 *Aquela ufana rainha, Irmã do vil Ptolemeo.* É Cleopatra, rainha de Egypto, irmã de Ptolemeo XII. Plinio (Nat. Hist. IX 119—121) falla da perola dissolvida em vinagre e depois bebida, que antes servira de pingente (brinco); e Plutarco (Antonio) descreve o ultimo banquete, em que, depois da batalha de Actium, Cleopatra se envenenou com uma aspide, depois de Antonio se ter enterrado na propria espada.

122 *Barroca* = rocha escarpada (zerklüfteter Felsblock). No nosso ms. emprega-se porém como nome proprio.

128 *Não vinha nada da praça.* Cfr. 102, 676 *Com dous peixinhos passarás Do rio, não de almocreves*; e Horat. Sat. II, 2, 120 *Non piscibus urbe petitis.*

136 *Oh ceas do paraiso* = Horat. Sat. II, 6, 65 *O noctesque cenaeque deum.*

141—145 Ariosto, Bembo, Sanazzaro, Boscan, Garcilaso. O Orlando furioso de Lodovico Ariosto (1474—1533), que é citado tambem no No. 146, 64, tinha tido já 17 edições desde 1516, anno de sua conclusão, até 1533, morte do poeta. — Os Assolanos „Degli Asolani libri tre" de Pietro Bembo (1470—1547), assim chamados por terem sido escriptos no celebre castello Asolo (Trevigiano), residencia da ex-rainha de Chipre, Catharina Cornaro, é uma mistura de prosa e poesia em italiano classico: Dialogos que versam sobre os sentimentos mais elevados e os fins mais ideaes da vida, principalmente sobre a natureza do amor. Sahiram pela primeira vez em 1505 e foram dedicadas a Madonna Lucrezia Borgia Estense. — Pietro Sanazzaro (1450—1530) é o poeta napolitano d'aquella „Arcadia" que mereceu ser reimpressa 60 vezes no seculo XVI, e da qual se aproveitaram mais tarde todos os Bucolistas italianos, hespanhoes e portuguezes. No No. 165, 328 Miranda cita-o com o seu nome academico Sincero.

É possivel que o poeta se relacionasse com todos os tres durante a sua viagem na Italia; relações pessoaes e amigaveis com Sanazzaro são provaveis, porque elle chama-o *o bom velho Sanazzaro* e *Aquel bom Sanazzaro* (115, 475). O que é certo é ter trazido Miranda a Portugal as obras d'estes tres poetas e as ter divulgado, gabado e imitado. A citação dos seus nomes não ajuda porém a fixar a data da carta. A referencia aos hespanhoes Boscan e Garcilaso ajuda mais alguma cousa. Se fosse permittido dar ás palavras: *Honra de Espanha são* um sentido actual (*que são vivos*), teriamos a data da carta: antes de 1536, ao menos na redacção A. Esta data é verosimil, se se admittir a seguinte supposição nossa: que Antonio Pereira já estava na côrte ao tempo em que Miranda lhe enviou a Egloga Nemoroso (v. supra e No. 115).

146—170 As innovações do poeta ja tinham sido vistas antes com bons olhos. Quererá elle dizer que a sua Egloga Alejo e a Fabula do Mondego, os seus primeiros ensaios bucolicos ao modo italiano, haviam

conseguido fama e admiração na côrte? mas que passára ao rol dos esquecidos desde a sua retirada para a provincia? e que outros haviam alcançado as boas graças da côrte, malquistando o poeta com os poderosos? Como seus adversarios devem entender-se os Pasquinos, que se atrevem a tirar das sagradas letras o elemento de seus autos hieraticos, liberrimos e grosseiros, salpicados de pilherias grotescas, que deviam repugnar sobremaneira ao animo severo de Sá de Miranda: isto é Gil Vicente e seus sequazes. P. ex. devia desagradar-lhe particularmente o Dialogo sobre a Resurreicção.

165 *O's cãis não deis o sagrado* e 169—170 *As perolas orientais O's porcos as não lanceis* v. Ev. Matth. 7, 6.

173 Foi D. João II quem mandou, com pregão de justiça, queimar a casa de um cavalleiro, chamado Diogo Pirez de Pé, de Lisboa, porque n'ella se jugavão dados, cartas e outros jogos. V. Res., Chron. cap. CX „*Da nova justiça que el Rey mandou fazer.*"

190 *Alfama,* celebre bairro de Lisboa, muito mais pequeno do que o actual do mesmo nome; o mais populoso talvez, o bairro turbulento da Universidade (Escolas Geraes nas casas do Infante D. Henrique), entre o do Castello (Alcaçova) e o da Ribeira, com as suas casarias dos ricassos da India. V. o plano de Braun, „Theatrum urbium præcipuarum". Miranda allude talvez nas linhas 186—88 á fundição de Artilheria (*Armamentorum vetus*), que, a julgar pela planta topographica de João Nunes Tinoco (1650), estava situada em frente do mosteiro de S. Vicente, e corria ao longo da muralha, descendo desde o postigo do Arcebispo e Porta da Cruz até á Ribeira. As linhas 189—190 significam que o estudante da epoca, com a vida que levava, já estava arruinado, antes de terminar os estudos, antes de perder de vista Alfama. Logo depois, em 1537, D. João III transferiu a Universidade para Coimbra, reformando-a.

191—195 Cfr. Verg. Georg. II 459 *Oh fortunatos nimium sua si bona norint agricolas,* uma das reflexões virgilianas, que se encontra repetida ainda em Camões, Eleg. I; Ferreira, Carta IV do Livro II e Bernardes, Carta XII.

223 *o deus da saude* = Esculapio, Asklepios, cujos templos estavam fóra das cidades, no meio de florestas sombrias, ao pé de fontes e thermas.

226 *Virbio* = Hippolyto redivivo. O malfadado filho de Theseu resistiu ás seducções da sua madrasta Phedra, que para se vingar, o calumniou a Theseu. Este invocou a vingança de seu pae Neptuno, o qual, lançando um monstro marinho ao encontro de Hippolyto, provocou a sua morte, causada pelos cavallos desenfreados. O deus da saude deu-lhe vida nova, e Diana transportou-o para o Lacio, onde reinou no bosque da nympha Egeria, perto de Aricia, sob o nome Virbio (vir = bis = homem duas vezes).

239 Talvez Miranda se recordasse dos frescos de Miguel Angelo na Sixtina, ou dos de Raphael na „*Stanza della Segnatura*". Na tentação de Eva, o diabo apparece na forma de uma mulher, que na metade inferior

do corpo tem figura de serpente, enroscando-se n'uma arvore. Uma outra illustração que concorda plenamente com o texto de Miranda — corpo inteiro de serpente só com rosto de donzella —, é a pintura a fresco de Masolino de Panicale (1385 até perto de 1435), mestre do illustre Masaccio, na Capella Brancacci da Egreja dos Carmelitas de Florença. Não é esta a unica representação da serpente com rosto de donzella, mas é provavel que um cyclo de pinturas tão notaveis como são os da capella Brancacci (Masolino, Masaccio e Filippino Lippi) lhe acudisse á memoria durante a escripta. É pouco provavel que o auctor conhecesse a Dança da Morte de Holbein (fol. 2).

249 D. Sancho I foi chamado o *Agricola* ou o *Povoador*, D. Diniz o *Lavrador*.

271—280 Já dissemos que Miranda era inclinado á caça dos lobos „que exercitava muitas vezes, indo a ella, foteado todo, e á gineta" (Coutinho). Cfr. No. 116 e 164.

261—270 Cfr. G. V. III p. 220.

289—290 *Gargantoïce* ou *gargantuïce* só póde ser uma derivação de *gargantoa gargantua*; e á primeira vista julgámos — e julgarão outros comnosco — poder concluir que Miranda já conhecia na data d'esta carta, 1536, o heroe de Rabelais, o filho immortal de *monsieur Grandgousier* e de *madame Gargamelle*, o qual foi publicamente baptizado entre 1533 e 35. Esta supposição é, comtudo, falsa, e não é acceitavel a seguinte, geralmente accreditada, que Rabelais derivou o nome *Gargantua*, *por sua conta*, da palavra *garganta* (languedoc. hesp. *e port.*); a sua explicação de „*que grand tu as* (sc. *le gousier*)" sendo apenas caçoada. A palavra *gargantua* é, ao contrario, assim como a derivação *gargantuïce*, portuguez velho e relho, e Rabelais, que conhecia bem as linguas (hespanhol, provençal etc.), tirou-a do portuguez, porque uma coïncidencia fortuita é inverosimil.

Gargantua e *gargantuice* encontram-se varias vezes na Collecção de Ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV, publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura, e com uma applicação que leva a crer que são termos antigos e populares. Por exemplo: no Catecismo de doutrina christã, composto, ao que se diz, por Fr. Zacharias de Paio de Pelle e cujo ms. data do fim do seculo XIV, faz-se relação dos sette peccados mortaes (a p. 144) que são: *vãgloria, enveja, sanha, tristeza, avareza, gargantuice e luxuria;* a p. 150 lê-se: *gargantuice he cobijça de muito comer por manteer o plazer da garganta com maneyra çuja;* e a p. 151 *Da gargantuice nascem estas filhas, scilicet: a alegria carnal que he quando o gargantom ou gargantoa quer spertar o talento da garganta.* — Cfr. Elucidario II 15 s. vv. *gargantom* e *garganiuice*; Pratica 413. — Em João de Barros o peccado da *garganiuice* ja tem o nome de *gula*, em forma popular *guloïce*. — Cfr. Catec. e Rhopica pneuma p. 26.

300—301 Jacob, fugindo diante de seu irmão Esau, funda o lugar Bethel. Gen. 28, 17.

321—325 *Froais Pereiras.* A familia illustre dos Pereiras procede da antiquissima e preclarissima dos Forjazes, Forjais, Froyaz ou Froais, os quaes, pelo Conde Dom Forjaz Bermuez, descendem dos reis de Leão (Fruela I), e vieram de Castella para Portugal em tempo de D. Sancho I (Liv. de Linh. p. 253. 268. 284. 292 etc.) Por isso Miranda se dirige nos seguintes termos a Antonio Pereira Marramaque (No. 115, 1):

De los nobles Floiais (Froais),
En Pereiras mudados,
Tronco, aca de real mano enjerido etc.

Tomaram o appellido de Pereiras de uma quinta sua d'este nome, situada no Minho, sobre as margens do rio Ave, em terras de Vermuim (cfr. Bermuez), a qual quinta D. Sancho I deu a D. Gonçalo Rodriguez, filho de D. Rodrigo Forjaz; e foi alli que este fundou o seu solar.

A patranha heraldica sobre a origem do nome Pereira e sobre a cruz de prata, floreteada, em campo de purpura, que são as armas da familia, foi conservada por João Rodriguez de Sâ e Menezes nas suas 49 Quintilhas em que declara „alguns escudos d'armas d'algumas linhagens de Portugal que sabia donde vinham" (Can. de Res. II 363). E diz

Pereiras.

A vera cruz verdadeira,
joia de nosso tesouro,
que apereceu ó rei mouro
per milagre na pereira,
da vitoria certo agouro,
Em titolos de valia
florece hoje este dia
antre a montanha e o mar,
em Cambra, Feira e Ovar
terra de santa Maria.

O proprio Miranda conta a historia de um modo um pouco mais claro ainda no No. 115 (estr. 3 da Ded.) onde diz: *El vulgo incierto i vano cuenta que de un peral Vido un rei moro estar crucificado Nuestro rei soberano* i. é Jesu Christo. Outros, que querem explicar unicamente o brasão, *as cruzes em sangue abertas,* sem fazer caso da mudança de nome, contam que na celebre batalha de Navas de Tolosa (1212) appareceu entre nuvens uma cruz vermelha, a qual muitos fidalgos alli presentes tomaram por armas, e entre elles D. Rodrigo Forjaz. Outra lição ainda refere que tal cruz appareceu a D. Affonso o Casto (V. No. 115, estr. 1 da Ded.), de Leão, estando com elle um Forjaz.

O condado da Feira, um dos melhores e maiores de Portugal, creado em 1515 por D. Manoel, pertencia a um ramo do tronco dos Pereiras. O seu dominio chamava-se antigamente Terra de Santa Maria, e depois Terra da Feira; faziam parte d'ella Cambra, Feira e Ovar, freguezias citadas nos versos de João Rodriguez. Miranda allude a este condado nas palavras: *„em quanto ca tem tal feira Como é a de tal irmão Que não houve o nome em vão De Nuno Alvarez Pereira* (o grande Condestavel).

326—330 Julgamos que se trata do avó do grande condestavel i. é de D. Gonçalo Pereira que regeu Braga como Arcebispo no meado do seculo XIV. Quando o Infante D. Pedro invadiu em 1354 as Provincias de Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes, para vingar a morte de D. Inez de Castro, accompanhado de seus cunhados D. Ruy de Castro e D. João de Castro, foi ao seu encontro o Arcebispo de Braga, que o havia advertido em tempos dos sinistros projectos de D. Affonso IV. O prelado apresentou-se como medianeiro para accalmar a contenda, e desviou o colerico Infante do Porto, por meio de um habil estratagema, narrado por Rebello da Costa (p. 295). Cfr. Cunha, Hist. Eccl. dos Arceb. de Braga Pe II p. 177—189; Schäfer I 398 e 401. — É singular que Miranda diga de acções, succedidas dous seculos antes, que passáram „*Não ha muitos annos*". A historia especial dos arcebispos de Braga não nos aponta porém outro Pereira que se illustrasse com feitos d'armas. Ou não contaria o poeta os annos n'uma familia, que seguia a sua genealogia até ao Rei lombardo Desiderio, senão por seculos?

334 Estas queixas sobre a affluencia de toda a fidalguia para Lisboa repetem-se innumeras vezes nos Quinhentistas.

365 Citada por D. Frco de Port., Pris. p. 15 *Por hy me leva a dôr, não sey por onde. Não ha esperalla mudo!*

109 (p. 251—258). **Carta VI a D. Fernando de Menezes.** Esta Poesia, uma das mais obscuras e mais difficeis de interpretar entre todas, sahiu infelizmente cheia de Erratas e mal ponctuada. Eis porque a repetimos aqui, pedindo ao leitor queira considerar valida só esta segunda impressão, onde julgamos ter acertado melhor na reconstituição de alguns versos viciados, no agrupamento das phrases syntacticas, e na ponctuação. Accrescentamos em nota algumas variantes omissas etc. Ainda assim fica com muitas passagens complicadas, que não nos atrevemos a interpretar.

Quadalquebir arriba, a rica praia
Vistes tam perigosa, e as maravilhas,
De que escreveis que ouvindo homem desmaia!
Vistes armadas tantas armadilhas
Aos olhos! e antre os outros antremeses,
Pescar com redes de ouro das Antilhas!
Senhor meu dom Fernando de Menezes,
Vi Roma, vi Veneza, vi Millão
Em tempo de Espanhois e de Franceses,
Os jardins de Valença de Aragão,
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão.
Mas isto assi direi que mais parece

---

12 B *embuçadas.* — 13 A lição *caje direi* do ms. D faz o verso cumprido; por isso não pode ser mais do que um erro do copista, a não ser que se haja de emendar: *Isto caje direi* etc.

Ás cousas de Sevilha soterranhas,
Onde a vida em prazer desaparece!
Quem não dirá tambem que são patranhas
As cousas que ali vistes em verdade?
Sabeis de que lhe vem? de ser tamanhas!
Espreita onde ve rica ociosidade
Amor, e a seus prazeres solta e vã,
Desenfreada prodigalidade,
(Imiga das leis santas, e da sã,
Da boa temperança e vida pura,)
D'essoutra vida sevilhana irmã.
Aqueles são seus parques; i segura
O seu estado grande e a sua corte,
De um poderoso deus qual a pintura,
Minino e cego, que com fachas corte,
(Eu digo coas de ferro), coas de fogo
Acenda, e tiros traz de toda a sorte.
De quem se ele apodera, entrando, logo
A liberdade foge e nunca mais,
Em quando o i sente, torna em siso ou jogo. —
Mas outra vez ás novas que me dais
Das senhoras, das casas e das sedas,
Pedraria que cega os avençais,
Pera onde correm todas as moedas,
As de ouro poderoso e prata fina.
Em ricas praças ricas almoedas!
Quem se ahi chega ós lanços, desatina.
A primeira aventura é a do siso,
Que logo perde o tempo e detremina.
Ali sospiros, ali o brando aviso,
As boas manhas todas, quantas são,
Nobreza, parecer, é tudo um riso.
Vendendo elas o seu tanto a pregão
(Cousas que se achão nas tendas por nada),
Regateiras crueis, por quanto as dão?
Ai que cegueira tam acustumada
De todo estado, toda lei e idade!
Quem mais leva na bolsa, esse arrecada. —
Não falemos naquela enfermedade

---

14 A repetição da palavra *cousas* na linha 17 faz provavel a leitura *covas* (B). — 20 O ms. escreve: *solto*, em lugar de *solta*. — 33 É possivel que o poeta não escrevesse *siso*, mas antes *riso*, como se acha em B. — 35 A escreve, com engano manifesto, *a das casas*. — 42 *Detreminar, determinar* deve ter aqui o sentido pouco usual de *terminar-se, acabar, gastar-se*.

Dos seus privados que é como se acerta
Por apetitos sôs, por liviandade;
Que se não pode dar i regra certa
Senão que „assi lhe apraz" a quem se obriga;
Dos outros é cada um como se oferta.
Quem o crerá? que nisto a gente antiga
Que tanto viu, viu pouco, do custume
Cega, e d'esta baixa humana liga.
Correndo mais o tempo, entrou mais lume,
Sospirou se melhor, veu outra gente,
De que o Petrarca fez tam rico ordume.
Eu digo os provençais, que inda se sente
O som das brandas rimas que entodrão
De novo assi d'amor tam altamente.
Despois (ah que vergonha!) em fim tornárão
A cair muitos neste amor vicioso:
O fino os peitos finos o salvárão. —
Escrevem de um filosofo famoso
Que, tentado por Lais, por quem se chama
O porto de Corinto perigoso,
(Vinhão de toda a parte ali por fama
Da sua fermosura) ele foi tal
Que vencedor ficou, vencida a dama;
E mais quando o perdão era geral
Naquele caso a todos! tanto a usança
A dar culpa e desculpa pode e val.
Porem de ũa tamanha confiança
De si e com a constancia tais amores
Qu'um sô seja aqui dito em abastança. —
Enxamea este mundo e dá das flores,
Torna inverno e verão da natureza.
Dos santos não me meto em seus louvores,
Que não se atreve a tanto esta rudeza
Do meu estilo, e minha fraca vea,
Que entendo, e não me engana a sua pobreza.
Ora sois ja na corte onde se atea
Para vos outra fragua, outras contendas,
Outra prisão mais nobre, outra cadea,
Donde não derão chave as grandes rendas
Nem as negociaçõis, que isso seria

---

57 Não comprehendemos. Parece que *offertar* não se póde tomar aqui (como querem os Diccionarios) no sentido de *fazer offertas, oblações,* senão no do verbo impessoal *offerecer-se, apresentar-se.* — 58 B *Quem dirá ora que nisto.* — 61 *correu mais lume,* como escrevemos a p. 253, é errata.

Dar o mando e poder todo ás fazendas.
Amor é senhor grande e não se guia
Por interesses que haja em terra e ó mar;
Não entra em tratos de mercadoria:
Um bem que corre sem nunca cansar,
Que não sabe pôr nodoas de sospeitas
Na fe, não enquerir, nem duvidar;
Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos ás tardes nuvens raras
Em pouco espaço feitas e desfeitas;
Não tem contrasinais, nem almenaras;
Não manda escuitas fora; ali é paz boa:
Das limpas fontes correm aguas craras.
Quam longe d'outro cego que ó ar voa,
Todo desasossegos e queixumes!
Cuidais que is vento a popa, is vento a proa.
Todo desconfiança e mais ciumes,
Ums nadas que porem ferem de agudo;
Reina no povo, segue os seus custumes;
Todo palavras — quasi estoutro é mudo!
Oução se os coraçõis que ouvidos têm
Mais certos, e outros olhos que vêm tudo
E os peitos passão da banda de alem,
Como o sol dando faz nũa vidraça;
Os craros coraçõis craros se vêm.
Verdade é que estes tempos não dão graça
Aquela que dar solam no passado,
Que sair os não deixa tanto á praça.
Teme se de um imigo apoderado
Da rezão, que sô sonha India e Brasil
Té que cada um de la torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil
E mil este interesse que haja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo ele vil!
Os momos, os seraos de Portugal,
Tam falados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?
Dos motos o primor, e altos sentidos?
Ums ditos delicados cortesãos,
Que é d'eles? Quem lhes dá sômente ouvidos?

---

97 *Um bem* etc. Entenda-se: *Amor é um bem.* — 103 A *almanaras.* — 106 *outro cego* = a paixão. — 117 B *claro se vêm.* — 118 B *dá graça* (Err.). — 119 *Solam* é emenda nossa; o MS. escreve *sola.* — 120 Th. Braga, Quinh. p. 82 muda a phrase em: *Quer sair, não me deixa tanto á praça.* — 122 *os* por *só* é err. da ed. de 1595.

Mas deixemos andar queixumes vãos!
Assi foi sempre! assi sempre será!
Vão trocando se os tempos antre as mãos.
Não vedes quantas voltas o sol dá?
Ora aparece, ora desaparece.
Debaixo d'este ceo quedo que está?
O que hontem muito aprouve, hoje aborrece;
Dão volta as cousas todas a reveses;
Num poço um balde sobe, outro dece.
Porem, oh bom dom João, o de Menezes,
E oh Manoel, que tais tempos lograstes,
Chamar vos hei ditosos muitas vezes,
Que com tanto louvor aqui cantastes;
E com tal resão, dado inda alcancei
O derradeiro som que ó ar soltastes!
Depois de foraparte aqui escutei
E ouvi cantares; forão eles tais
Que trasportado assi cantando andei! —
Ora outra vez a vos, senhor, que andais
Naquela viva chama d'essa idade
De que os amores se 'podérão mais,
Não me seja contado isto a vaidade,
Mas eu não vejo aqui cousa mundana
Que tam pouco pareça á humanidade!
Quem cuidado terá por obra humana,
Quando tam altamente alma se escora,
Que está queda a fortuna, e não a abana?
Alça se o esprito e vai de foz em fora;
De todos os sentidos só por si
Ouve e ve, de que vive ora por ora.
De tudo o mais que o mundo preza, ri;
Tudo lhe é, como dizem, nevoa e vento;
Passou se a corpo alheo e vive ali;
Buscou e pós tam alto o fundamento
Que, por cousa que veja e que aconteça,
O mesmo é no prazer que no tormento.
I se acaba o seu bem onde começa:
Faz como a aguia aos filhos, que os engeita
Se a vista ao sol de algum ve que enfraqueça.

140—141 Na variante de A ponha-se , depois de *faces* e . depois de *enveses*. — 148 B *escuitei*. — 159 Na var. de B risque-se a virgula depois de *poder*. — 160 A phrase *de foz em fora* é muito usada; porém a do nosso ms. (*de fora em fora*) não se acha em parte alguma. — 164 Na lição do ms. cresce uma syllaba na medida do verso. É por isso que mudámos *dizemos* em *dizem*. — 167 B *ou que aconteça*.

Assi toma ós cuidados conta estreita,
E aquele que o seu bem craro não ve,
Não é dos seus, a conta em nada é feita.
Ali se abraça só com a sua fé;
Não quer de tudo mais, i se adormenta.
Que riqueza grandisima aquela é
De que ũa parte vive e outra o não senta.

---

173 Talvez *seu* seja *ceo*, por má orthographia.

Não aventamos juizo sobre quem fosse o D. Fernando de Menezes, a quem se dirige esta carta, porque foi grande o numero de individuos d'este nome. O que se conclue da carta é que foi um amigo joven, que Miranda previne contra as seducções da formosa Sevilha „onde a vida em prazer desapparece" e „que tanto creceu co ouro das Antilhas". A cidade, dita (hyperbolicamente) a oitava maravilha do mundo, estava repleta de estrangeiros, principalmente de portuguezes enriquecidos pelo ouro das Indias e do Brazil, que faziam dizer a Alarcon: *„Es segunda maravilha Un caballero en Sevilla Sin ramo de mercader."* Era uma segunda Corintho, de que poucos sahiam a salvo. — A carta é uma resposta a outra de Menezes, escripta de Sevilha, que não conhecemos. Esta resposta suppõe o destinatario já na côrte hespanhola, e, ao que parece, entregue a uma profunda affeição ideal. — Miranda aviva na carta as saudosas lembranças d'aquelles felizes annos em que viu Roma, Veneza, Milão, Napoles, Florença e o milhor da Sicilia com vagar e curiosidade, assim como as saudades dos momos e serões de Portugal, a que assistiu, reinando D. Manoel.

10 Sobre os „jardins de Valença" veja-se Bibl. Crit. p. 102.

12 D. Frco de Port., que explora esta carta em sette partes differentes, aproveita esta linha para a applicar a uma descripção de Madrid, ou antes do passeio do Prado. O editor não percebeu que a phrase *„por onde tantas rebuçadas vão"* é uma citação alheia.

14 O poeta joga com as palavras *Sevilla* e *Sybilla*, e attende talvez a uma lenda sevilhana, segundo a qual o nome da cidade procederia do nome da prophetisa. É quasi escusado notar que o nome moderno da cidade é apenas a forma arabiga (Ischvilia) de Hispalis.

47—48 D. Frco de Port., Carta p. 41: *Que baratos vendem os seus muitos e aquelles nadas que se achão a cada canto! Regateiras crueis, por quanto as dão!*

51 *Quem mais leva na bolsa, esse arrecada* = Wer da hat, dem wird gegeben.

61 A transição das phrases sentenciosas sobre os laços armados em Sevilha por Amor e Mercurio, para a „gente antiga" que desprezava a poesia, até que os trovadores de novo a exaltaram, não é bem evidente.

64 *Eu digo os provençaes de que ao presente Inda ritmas ouvimos.* Quererá Miranda dizer que as poesias que então eram escriptas, i. é que

toda a lyrica palaciana do Cinquecento se fundava sobre a poesia dos trovadores? Ou quererá elle alludir a certas e determinadas poesias no gosto e ao modo provençal, e pensará no grande Cancioneiro de D. Diniz? Será verdadeira a hypothese de Th. Braga, que suppõe ter Miranda examinado este codice em Roma?

67—69 var. *Aqueles Dantes que versos danárão.* Th. Braga, Quinh. p. 150 commenta esta phrase dizendo: *„Sâ de Miranda condemnava Dante por ter feito decair a poesia provençal"*, lembrando-se talvez da conhecida passagem do Convito p. 95 *„Questi malvagi uomini d'Italia fanno vile lo parlare italico et precioso quello di Provenza."* — Uma censura a Dante parece-nos inverosimil na bocca de Miranda, principalmente n'esta Carta. Tentamos outra explicação lendo *d'antes* em lugar de *Dantes.*

69 Citada por D. Frco de Port., Pris. p. 22.

70 Tambem aqui notamos falta de transição. — *Lais, por quem se chama o porto de Corinto perigoso.* O dito allude ao proverbio grego (*οὐ παντὸς ἀνδρὸς ἐς Κόρινθον ἐσθ' ὁπλοῖς = Non cuivis homini contingit adire Corinthum*) e á sua interpretação usual, que o alto preço que Laïs e as outras hetairas punham aos seus favores, era inaccessivel a muitos. Cfr. Horat., Epist. I, XVII. — A edição **A** cita o nome do filosofo famoso, Xenokrates, que soube resistir aos feitiços de Laïs ou, segundo outros, de Phryne. V. A. Gell. I 8, 3—6; Diog. Laërt. IV 2, 3.

105 e 108 Citadas por D. Frco de Portugal, Pris. p. 22 e Cart. p. 38; em ambos os casos o editor não reconheceu a citação.

125—126 Citadas pelo mesmo autor, Pris. p. 4.

142 *Porém, oh bom dom João o de Menezes E oh Manuel.* Houve dous fidalgos do nome dom João de Menezes no fim do seculo XV e principio do seculo XVI, que se distinguiram pelos seus feitos em Africa, e pelo seu talento poetico nos serões: um foi Conde de Tarouca, e o outro filho do senhor de Cantanhede. Resta saber a qual dos dous Miranda se refere com tanta saudade e com um louvor, tanto mais singular, que é dado a mui poucos; de todos os poetas dos certames da côrte são citados só mais dous com D. João de Menezes, João Rodriguez e Bernardim Ribeiro. Ainda outros contemporaneos celebram um Dom João de Menezes, como flor e lume do seu tempo; p. ex. João de Barros, que o põe ao lado de Jorge Manrique e Garcisanchez (Rhopica pnefma p. 94); e Jorge Ferreira de Vasconcellos (Aulegraphia f. 123v. e 129), que diz expressamente: que ninguem fazia trovas, motes e glossas mais graciosas e agudas do que elle. — Devemos pois concluir que o fidalgo gabado foi um poeta de grande estro, no gosto, já se sabe, do Canc. de Res. — Th. Braga, Quinh. p. 14, Poet. Pal. p. 274, B. Rib. p. 6 declara positivamente que se trata aqui do Conde de Tarouca, e no Manual p. 268 que é o Conde (sic) de Cantanhede. Em outras passagens, em que o mesmo escriptor falla do „velho e celebre camareiro môr", ou do poeta de Azamor", não se entende á qual dos dous se refere, se a Tarouca, se a Cantanhede. Na „Lista dos Poetas que figuram no Cancioneiro Geral de Rezende" (P. Pal. p. 429) cita um unico João de Menezes, o Conde

de Tarouca (No. 74). Foi Barbosa Machado que induziu Theophilo Braga em erro, fundindo aqui, como em outras partes, as biographias de dous homonymos contemporaneos em uma unica completamente fabulosa. Caetano de Souza confunde tambem, de vez em quando, os dous Menezes (p. ex. III 125) e o mesmo succede a Juromenha, Storck e outros. — Goes, Osorio, Resende e Fr. Luiz de Souza habilitam-nos porém a restabelecer a verdade. Eis os factos:

I. D. João de Menezes Conde de Tarouca. Filho de D. Duarte de Menezes (Souza, Provas II p. 20; Goes I 123, 182 etc.) que foi 3º Conde de Vianna, Senhor de Tarouca etc. e que morreu a 20 de Janeiro de 1464 em Africa, despedaçado pelos mouros de maneira que se não pôde achar mais que um dedo d'elle (Souza V 398; Lus. VIII 38). D. João foi capitão e VII governador de Tangere, onde militou largos annos; e mordomo môr de D. João II e de D. Manoel (Res. Chron. 298; Goes I 123). Em 1496 foi por capitão da armada que el Rei mandou em ajuda dos Venezianos contra os Turcos, e, antes de partir, D. Manoel, por lhe gratificar os muitos serviços que d'elle tinha recebido, lhe deu o titulo da villa de Tarouca. Mais tarde recebeu o de Prior do Crato (Annaes 14), e é citado em toda a parte sempre com um d'estes dois titulos, e não com o nome só (G. V. III 351; Annaes 12, 21, 36). Parece que sobreviveu a seus filhos, dous dos quaes morreram em Alcacer; de outro modo não se explica o titulo de 2º Conde, dado ao neto. O que é certo é que em 1521 estava vivo, ainda que velho, porque na festa do levantamento de D. João III era elle „o velho Conde Prior", que ia a cavallo, um espaço diante do Infante D. Luiz, e levava o estandarte real, fazendo este officio por seu filho 2º D. Luiz, ausente na India, que era o verdadeiro alferez do Principe. O conde era poeta, como o prova o Canc. de Res. e foi, segundo Gil Vicente III 351 affeiçoado á musica. No Cancioneiro assigna (II 65) uma pequena poesia de 18 linhas, dirigida ao seu homonymo, o grande D. João de Menezes, em que diz:

A vos, que em cavalaria
e valentia
dais toque a Cepiam,
a vos, que em sabedoria
precedeis rei Salamam,
a vos so cujo poder
jaz tod' arte de trovar etc.

Esta poesia é a unica que lhe pertence no Cancioneiro, a unica conhecida d'elle: não podem pois referir-se a elle as palavras de Miranda, Barros e Ferreira de Vasconcellos, que só têm significação quando justificadas por um peculio poetico consideravel. Em todo o Canc. não ha verso que lhe seja dedicado, indicio de pouquissima importancia litteraria, nem os historiadores, que referem os seus feitos militares, alludem a trabalhos poeticos seus.

II. Dom João de Menezes (Cantanhede) não teve nem estado nem titulo; e por isso é sempre citado com o nome inteiro de familia, e,

de vez em quando, como tio de João Rodriguez de Sá e Menezes (V. Tav. Geneal.). É comtudo figura superior ao Conde, como caracter, como capitão e como poeta, e deveras um dos mais famosos capitaens e um dos mais afamados lyricos do seu tempo. Foi o filho mais novo de D. João de Menezes, V (?) Senhor de Cantanhede (Goes I 21).

Serviu como aio do Principe D. Affonso e assistiu á desgraça de 13 de Julho de 1491 que custou a vida ao principe. O aio inconsolavel sahiu da côrte, e só voltou quando D. Manoel o chamou para Governador e Camareiro môr de seu filho D. João III (Annaes 11; Souza III 161 e 496, X 148). Ganhou fama de grande capitão em repetidas expedições á Africa, onde ficou em 1501 como capitão e governador d'Arzilla, combatendo em Azamor em 1508 e em 1513 (Goes I 21, 117, 182 ss., 405; II 225, 249 ss. e 489). Ahi morreu a 15 de Maio de 1514 (Goes II 252; Schäfer III 103—127).

Este D. João, e não o Conde de Tarouca, é quem assigna no Canc. de Res. I 107—135 (e I 341, II 17, 66, 599, III 53, 58 71 98, 118, 224 e 232) uma longa serie de formosas poesias; é ainda o mesmo D. João que já de avançada edade, tomou parte no celebre pleito do Cuidar e Suspirar (1483) e de quem se incluiu uma „Cancion" no Cancionero General de Castella (ed. 1557; fl. 181). — Osorio (III 47) affirma positivamente este facto, dizendo, depois de contar a sua morte em Azamor: *„Quantas fossem as posses do engenho seu, bem o assinalão os versos que compoz em linguagem portugueza. Não se encontrão outros nem se imaginão mais engraçados, mais agudos."* A elle se referem os louvores de Miranda, Barros e Vasconcellos. —

Com D. João é citado um D. Manoel (de Menezes), em relação tão intima que devemos considerál-o como proximo parente. Este D. Manoel de Menezes assigna no Canc. de Res. uma unica estrophe (III 244). Juromenha (III 488), Storck (III 300) e Braga (Hist. de Cam. I 371) declaram que foi filho de D. João, sem destrinçar porém claramente as relações genealogicas, razão porque não nos damos por satisfeitos. — Não devia ser figura importante, pois não o achamos citado em parte alguma nem como diplomata, nem como capitão, por Goes, Osorio, Andrada, Fr. Luiz de Souza, nem nas poesias do Cancioneiro.

O titulo Condes, que é dado a dom João e dom Manoel de Menezes só pela edição **A**, é uma attribuição falsa, que não lhes compete: devemos considerar a lição como apocrypha. O primeiro Conde de Cantanhede é D. Pedro, irmão mais velho de D. João, nascido de um primeiro matrimonio. É o pae do celebre aio de D. Sebastião, Dom Aleixo de Menezes.

148 *Depois de foraparte aqui escutei E ouvi cantares.* Será licito interpretar: depois de D. João de Menezes soltar os seus queixumes finais, i. é depois de 1514, eu, Miranda, ouvi aqui, em Portugal, cantares vindos de fora da terra? E quaes seriam estes cantares? Allude o poeta aos ensaios bucolicos de Bernardim Ribeiro e de Christovam Falcão? ou ás poesias de Sanazzaro, Ariosto e Bembo? ou aos metros italianos de Boscan

e de Garcilaso? — A lição de **A**: *Depois de foraparte por aqui Se ouvem cantares, não dos naturais, Mas estrangeiros; ja eu cantara assi,* admittiria outra interpretação: que desde então (ou mais tarde) se ouviram em Portugal cantares ao modo estrangeiro, parecidos áquelles, ou imitações d'aquelles que eu introduzi.

160 Citada por D. Frco de Port., Pris. p. 6.

Parte Terceira.

110 (p. 261). Cfr. No. 1 e 101.

2 e 6 Cfr. No. 140, 5 e 6.

7—8 Felipe, pae de Alexandre o Magno, perdeu um olho com uma settada, no cerco de Methone; Hannibal na expedição atraves dos pantanos da Etruria; e Sertorio na guerra marsica. Cfr. Plutarco, Sertorio, cap. I; Plin. Nat. Hist. VII 24; e Barros, Dec. III, Prologo.

10 Os preceitos de Horacio, aos quaes Sá allude, podem-se resumir nas phrases: *Nonumque prematur in annum* (Ars Poet. 388); *limæ labor et mora* e *castigare ad unguem*. — Ferreira, que seguiu ainda mais de perto o seu modelo Horacio do que Miranda, recommenda estes preceitos aos seus amigos como o unico remedio para a poesia.

11 *Não posso em al, sigo o em apparenças.* Os admiradores de Miranda não concordarão com esta modesta professão de fé; antes dirão todos com A. L. de Seabra: *„soube de tal maneira apropriar-se o espirito e estylo de Horacio, que não conhecemos escriptor que mais se pareça com elle; dir-se-hia, se admitissemos a transmigração, que Horacio e Miranda não erão senão o mesmo poeta, fallando diversas linguas."*

13 *Quantos ledores, tantas as sentenças.* Cfr. Bernardes, Carta XV: *Tantas sentenças tem, quantos ledores, Assi Miranda o canta, assi o chora.*

111 (p. 265—290). **Fabula do Mondego.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. A syntaxe na primeira estrophe da Dedicatoria é complicadissima: ponha-se , depois de *dia* na l. 3, e depois de *empresa* na l. 12; substitua-se o ponto detras de *abuelos* por uma virgula; metta-se *Que los miedos encanta Gran denuedo* entre parenthesis, e o sentido, que damos ao trecho em questão, resaltará com mais clareza. — 29 e 33 (*oidos olvido*) Para exacção da rima é preciso emendar uma das duas palavras. **A** e **B** têm *olvidos*. — 3 da Egl. Leia-se: *el su campo*. — 39 *luengos* (e. l. d.: *luengos,*). — 141 *dispuesto* (e. l. d.: *dispuesta*). — 349 *reina* (e. l. d.: *reina,*). — 419 *peores,* (e. l. d.: *peores.*). — 522 *caminos* (e. l. d.: *caminos,*). — 572 *que ia fue* (e. l. d.: *que fue*).

b) Variantes. 105 **B** *tuvieran.* — 305 **B** *Sombras que vais.* — 310 **A** *que me trae i guia.* — 351 **B** *Vencer promete Amor.* — 378 **A** *Qual es tanto cruel que tal defiende.* — 398 **A** *Cargados d'este amor.* — 409 **B** *el su reposo deja.* — 426 **B** *bolvieran.* — 554 **B** *Porfiaran.*

Sobre D. João III v. No. 104. — Sobre a epoca provavel, em que esta Fabula foi escripta, elucida-nos o assumpto, e a passagem de linhas 15 a 25 da Dedicatoria. No reinado de D. João III não houve senão uma unica victoria naval de importancia, ganha sobre uma armada turca, que se recolheu, fugindo para o Mar Roxo. Foi isto em 1528, no Golfo Indico, sendo Governador Lopo Vaz de Sampayo e commandante da armada Antonio de Miranda. O Sultão havia equipado uma frota de proposito para expulsar os portuguezes definitivamente da India; foi porém destroçada (Andrada P. II cap. 29; Schäfer IV 41). Esta boa nova causou grande alegria; e para as festas mandou talvez Miranda a presente fabula, escolhendo para assumpto o brazão da Cidade de Coimbra, porque a côrte ainda estava na cidade, como já notámos (No. 106). Gil Vicente ja tinha inventado a sua „Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra": *„feita e representada ... ao muito alto, poderoso e não menos christianissimo Rei D. João terceiro em Portugal deste nome, estando na sua muito honrada, nobre e sempre leal cidade de Coimbra ... era do senhor de* 1527" (II p. 105), celebrando, segundo o seu costume, ora com verdadeiro humor, ora com sarcasmo, os fidalgos presentes, vindos com a côrte, ou residentes em Coimbra e seus arredores: os Castros, Silvas, Silveiras, Sousas, Pereiras, Mellos e Menezes. Esta comedia *„na qual se tracta o que deve significar aquella Princesa, Leão, e Serpente, e Calix, ou fonte que* [*Coimbra*] *tem por divisa, e assi este nome de Coimbra donde procede, e assi o nome do rio, e outras antiguidades de que não he sabido verdadeiramente sua origem"*, devia ser julgada por Miranda, costumado ao culto estylo italiano, uma farça grotesca, semsabor, e vulgar; e desafiou o poeta a provar ao representante da rude eschola nacional, de que maneira se deveria tratar o mesmo assumpto com mais arte e em estylo mais elevado.

Julgamos portanto dever collocar esta fabula, em forma de Canção petrarchesca, no anno de 1528 ou no immediato. Ella seria pois contemporanea e independente das primeiras tentativas hespanholas no estylo italiano, as quaes são, como é sabido, posteriores á entrevista de Andrea Navagiero com Boscan, que teve logar em 1526; seria tambem o primeiro ensayo portuguez no genero da bucolica italianizada, anterior áquella Egloga Aleixo (No. 102) que pozemos entre 1526 e 1532, inclinando porém a uma data muito proxima de 32, porque a consideramos a derradeira poesia que Miranda escreveu como cortezão, e a que foi causa do seu desterro voluntario. Dous indicios poderiam levar comtudo a suppôr — em opposição ao nosso parecer — que a Egloga Aleixo precedeu a Fabula; e são 1º que aquella contem só alguns trechos em metro italiano (outava rima), uma especie de amostra, para sondar os leitores, quando esta segue uni-

formemente a construcção rhytmica da Canção IV de Petrarcha „Nella stagion"; 2º que o proprio poeta declara ser o Aleixo a sua primeira Egloga em rimas estrangeiras (No. 145). — Contra o primeiro indicio nada sabemos produzir; quanto ao segundo notaremos que o poeta não quer que a Fabula se conte entre as Eglogas (como faz a ed. B que a dá como Egloga **primeira**), ainda que seja tambem canto pastoril e uma reminiscencia das Bucolicas de Vergilio. Diremos ainda que não ha differença intrinseca entre ella e as Eglogas de Miranda (p. ex. Andres). O nome que o poeta escolheu, foi o de Fabula porque quiz seguir o exemplo de Poliziano na „Favola di Orfeo", como mais tarde fizeram Boscan na „Historia de Leandro y Hero" Mendoza nas Fabulas de Adonis e de Atalante, Castillejo na Fabula de Narciso, Coloma na Fabula de Orfeo, Silvestre na Historia dos amores de Daphne e Apollo, etc., e como o proprio Miranda fez na mimosa Fabula de Psyche (No. 150).

29 da Ded. *I viendo que bajais* etc. Entenda-se: e se vejo que (ou, quando vier que) favoreceis este meu primeiro ensayo de canto pastoril, então quizas, feito mais ousado, me atreverei a seguir de perto os passos do grande Mantuano.

36 *Titiro mantuano.* Allude-se a Vergilio, que os poetas da epoca nunca citam de nome, mas denominam o „cysne ou cantor de Mantua", porque foi natural de Andes, perto de Mantua; ou então Titiro, que é um pastor da sua Egloga I e o seu proprio retrato (cfr. Verg. Ecl. I e III 20; V 12; VIII 54; Georg. 566).

Fabula 2: *Mondego, en tiempo Munda, asi de limpia agua i clara.* Mais uma etymologia. O poeta deriva o nome romano do Mondego, *Munda,* do adjectivo *mundus,* limpo, claro.

25 *Gerion.* A ilha fabulosa Erytheia, collocada pelos antigos no extremo occidente de Europa, na qual o gigante Geryon, „fuerte en tres cuerpos" pastava as suas manadas, é, na imaginação do povo portuguez, identico com o grupo d'ilhotas que hoje se chamam Berlengas. Um dos trabalhos de Alcides (Hercules, neto de Alceo) era roubar a Geryon os seus touros. Aportou á ilha no barco de Apollo e raptou o gado. É sabido que durante esta sua viagem, a mais longa e aventurosa das suas peregrinações, assentou as colunas de Hercules — *laborum Herculis metæ* — Abila e Calpe, no estreito de Gibraltar; e se enamorou na passagem dos Pyreneos da donzella Pyrene, filha de Bebryx, raptando-a (Plin. III 3, 8). Menos sabido porém é que fundou uma serie de cidades e torres nas Berlengas e ao longo da costa de Portugal, das quaes a imaginação popular conta maravilhas.

30 Miranda falla apenas das colunas que partem Africa e Europa, e da antiga torre romana, perto do Castello de Coimbra, que era então geralmente chamada „Torre de Hercules", mas não diz, como outros, que Hercules foi o fundador da cidade e que toda a vasta planicie que se estende ao longo do Mondego se chama „campos de H." — Cfr. Leitão, Miscell. p. 303.

35 O poeta não pretende attribuir a Hercules todos os restos architectonicos de Coimbra — o arco triunfal e os longos aqueductos etc. (Port. Pitt. vol. I p. 16, 29, 45) — que elle, muito ao contrario, diz serem romanos; aproveita apenas a occasião para recordar estas glorias da sua cidade natal. Algumas das ruinas ainda se encontram em planos de Coimbra do fim do sec. XVI e XVII (Braun).

43 Cfr. No. 106, 31.

51 Das *Quinas*, a que Miranda allude já em o No. 104, 348, e que os poetas nacionaes citam a cada passo, receberá o leitor estrangeiro uma clara ideia, lendo Lus. III estr. 53 e 54.

54 D. Sancho I jaz em verdade ao lado de seu pae em Santa Cruz de Coimbra, conforme o elle mandára no seu testamento: „*Monasterio Sanctæ Crucis ubi corpus meum sepeliri jubeo.*" — Cfr. No. 106, 31.

95 Sobre Acteon v. Ovid. Met. III 131—252.

99 *aquel cuento famoso de la blanca Diana i rojo Apolo.* V. Ovid. Met. VI 314—381. Latona, a joven mãe de Diana e de Apollo, foi perseguida pela ciosa Juno por toda a terra. Com os dous filhinhos nos braços chega sequiosa a um lago, junto do qual trabalham lavradores, os Licios, que não lhe concedem mitigar a sede. Para os castigar, transforma-os em rãs.

109 *El agua de comun derecho devida a todos* é tradução de Ovid., Met. VI 349: *usus communis aquarum est.* Compare-se com a superstição popular, que não se deve negar agua a ninguem, porque traz desgraça á pessoa que o faz (Pedr. No. 383).

192 Citada por D. Frco de Port., Pris. p. 32 levemente variada: *No basta castigado, mas hambriento.*

253 Miranda intercala aqui, em nove estrophes muito bonitas, a „Fabula de Orfeo". Na epoca do Renascimento chamava-se „Historia" ou „Fabula" uma poesia mais extensa, sem forma dramatica, que versava sobre assumpto classico e mythico. Boscan, que poetisou a fabula de Hero e Leandro em tres mil versos soltos, passa por ser o primeiro que compoz na peninsula uma poesia d'esta ordem. Miranda não podia porém, de modo algum, ter em 1528 noticia d'esta composição, mesmo quando fosse anterior a esta data. Assim como Boscan teve presente um modelo italiano, a „Favola di Leandro e d'Hero" de Bernardo Tasso. Miranda teve á vista a Favola d'Orfeo de Angelo Poliziano — com as Metamorphoses d'Ovidio X 1—63, e as Georgicas de Vergilio IV 454—527. A „Favola" do „omerico giovinetto" foi escripta antes de 1480, dramatisada pouco depois, impressa em 1494, e recebida com tanto enthusiasmo que mereceu ter dezanove edições até 1524. Foi ella de certo uma das joyas da poesia italiana que Miranda trouxe das suas viagens, apesar de não citar nunca o nome de Angelo Poliziano. Não o imita servilmente: apenas algumas phrases se podem considerar traduzidas; p. ex. l. 281 *Todo se os deve en fin* = Ovid. 32 *Omnia debentur vobis*; 282 *o cedo o tarde* — Ovid. 33 *serius aut citius*; 300 *Trae me solo Amor* = Pol. 251 *Pie-*

toso amore de' nostri passi è duce; 312 *Si aca de amor conocimiento havia* = Pol. 258 *Ma se memoria alcuna in voi se serba*; etc.

286 Citada por D. Frco de Port., Pris. p. 9 na lição da ed. B.

321—344 O paragrapho inteiro é uma imitação de Vergilio, Georg. IV 480—483; Ovid. Met. X 41; Pol. Fav. 230—238 e Trag. 257—268, modelos que muitos outros imitaram, e entre os Portuguezes, Diogo Bernardes nas suas Cartas XXVI e XXXI, e Camões na Ode III.

505—518 Sismondi III p. 310 copia estes versos como especimen do estylo hespanhol de Miranda.

570—571 O rio Lima, e algumas vezes tambem o rio Leça (Léthea), é equiparado pelos poetas portuguezes ao Lethe, Lethes, Lethêo, e dizem que fazia esquecer aos Romanos a lembrança da patria, depois de o transporem.

579 No conto, inventado por Miranda, o nome *Mondego* provém do rio *Múnda* e do jovem *Diego,* sepultado nas suas margens. Gil Vicente chama *Monderigon* ao heroe que deu o nome ao rio Mondego.

583 O poeta descreve o brasão d'armas de Coimbra, tal como se via no seu tempo no pendão da cidade e como ainda hoje se acha insculpido no Arco d'Almedina e na frente de muitas casas e fontes. V. Vilhena Barbosa II p. 129. N'elle se ve representada uma donzella coroada, com as mãos postas e erguidas, mettida n'uma copa, ou caliz, tendo de um lado um leão e do outro uma serpente, ou seja dragão. A donzella querem os historiadores, que acceitam a fabula forjada sobre a fundação de Coimbra por Fr. Bernardo de Brito, que seja a princeza Cindazunda, filha de Ermenerico, a serpe o rei dos Suevos, o leão Ataces, rei dos Alanos, fundador de Coimbra, a quem o rei Suevo, depois de vencido, offereceu a mão de sua filha. O caliz significaria o sacramento do matrimonio! — As outras fabulas extraordinarias, e as etymologias mais extraordinarias ainda, que foram inventadas para explicar a origem da cidade e os nomes Coimbra e Mondego, não cabem aqui. V. Leitão, Miscell. p. 251—304; G. V. II 106—36; G. Pereira, Ulyssea, Canto VIII; Guia de Coimbra p. 6—9; Pinho Leal II p. 315 e 316; Port. Pitt. I p. 12.

112 (p. 293—313). **Egloga III. Celia.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. Ded. 15 Leia-se: *Oiste-las* (e. l. d.: *Oiste las*). — 53 *Aca* significa talvez *ha ca.* — Egl. 36 Leia-se: *acordó,* (e. l. d.: *acordó.*). — 128 Verso cumprido. Póde-se emendar *un* por *era* (lição de **A**). — 164 Não conhecemos a palavra *aherma.* — 233 Leia-se: *escucha!* (e. l. d.: *escucha*). — 370 No ms. lê-se: *sera,* o que pode significar aqui *será* (cfr. as var. de **AB**) ou, por má orthographia, *cierra.* — 379 Verso cumprido. Póde-se emendar: *No del mundo con quien en brega andaste.* — 390 Verso cumprido: a medida fica certa, substituindo-se *aquellas* por *estas* (como escrevem **AB**).

b) Variantes. Egl. 10 **AB** *ayer.* — 108 O ms. escreve: *leueuarão.* — 171 **B** *hazia ca buelva los ojos.* — 178 **A** Leia-se: *sin* (e. l. d.: *sem*). — 212 **B** *Del nemigo.* — 237 **A** *levantando.* — 243 **A** Leia-se:

, *Pasó* (e. l. d.: *pasó,*). — 253 **A** *Que diferentes fiestas que ia le muestra.* — 297 **B** *o se me engaña* etc. — 340 **B** *Que entrambas.* — 366 **A** Sic! Verso cumprido; crescem tres syllabas.

Celia. Quem é Celia? Bernardim Ribeiro, amigo e companheiro do poeta, já falla na Egloga II No. 191, 154 (a qual, segundo Th. Braga, B. Rib. p. 64, foi escripta pouco antes de 1516) de *Franco de Sandovir* como de quem amava uma Celia, nympha do Mondego, e que foi causa do seu desterro (de Coimbra para as Escholas Geraes de Lisboa?). — *Franco de Sandovir* (e não *Sandomir,* como escrevem alguns autores) é um anagramma, imperfeito é verdade, mas transparente de *Sâ-de-Mir*(anda), formado sobre o typo *Chrisfal de Chris*(tovam) *Fal*(cão) (Cfr. *Salicio* = *Garcilaso*; *Sazio* = *Sâ de Menezes*; *Androgeo* — *Andrade*; *Limiano* = *D. Bernardes,* o poeta do *Lima*; *Bimnarder* e *Narbindel* = *Bernardim, Bernaldim*). Esta primeira e, segundo parece, unica affeição de Miranda do tempo de sua mocidade, dataria por tanto do anno 1512—1513, porque antes de maio de 1514, isto é antes da morte de D. João de Menezes, já o encontramos longe de Coimbra, na côrte. O intimo pesar, a profunda magoa, que sobresahe nos seus primeiros versos do Cancioneiro de Resende, ficaria assim naturalmente explicada por este amor infeliz, que exigiu o seu desterro. Este sentimento, vivo sempre e alimentado com uma rara constancia e intensidade, accompanhou o poeta em todos os lances da sua vida escolar, de cortezão e de viajante, e seguiu-o inclusive até ao remanso da sua vida campestre; se é que a Celia, que elle festejou com os seus versos em 1512, é a mesma pessoa cuja morte elle deplorou em 1536, n'um tom que não vinha desferido de uma corda gasta e meia extincta, mas do fundo da alma, temperado nas ineffaveis recordações de vinte e quatro annos de uma leal affeição.

Quem era porém a tal Celia? Estaria ella em alguma relação com o Infante D. Luiz? Isto explicaria a dedicatoria. Não é provavel que a coincidencia fortuita das duas datas, expedição de Tuniz e morte de Celia, tivesse influencia sobre a offerta da Egloga. Como o nome Celia não se encontra em Portugal, e como a maior parte dos nomes pastoris da poesia bucolica são anagrammas dos verdadeiros nomes das pessoas n'ella cantadas, é natural suppôr que Celia é um anagramma de Elisa. N'este caso seria o unico que apurámos nas obras de Miranda, o qual não adoptou este expediente, muito do gosto dos seus contemporaneos (Cfr. *Armia* = *Maria*; *Aonia* = *Joana*; *Lauro* = *Alv'ro*; *Almeno* = *Manoel*; *Belisa, Sibella* = *Isabel*; *Cruelsia* = *Lucrecia*; *Norelia* e *Lorenia* = *Lianore*; *Natercia* = *Caterina*; *Silvia* = *Luiza*; *Liso* = *Luis*; *Nise* = *Ines* etc.). — A tal Elisa, só a conheceremos bem quando tratarmos de uma figura do mesmo nome, citada nas obras de Garcilaso (No. 115).

O **Infante D. Luiz** (1505—1555) foi o mais notavel de todos os filhos de D. Manoel: para ser rei nada lhe faltou senão a coroa. Ainda em vida de D. João III, e vivendo ainda o Principe, a voz geral continuava a chamar o Infante a sacra anchora da nação, as delicias de Por-

tugal etc. Tudo o que os seus biographos nos contão (Conde de Vimioso, Vida; Goes, Chron. I p. 271—277; Andrada Pe IV cap. 115; Frei Luiz de Sousa, Annaes p. 387—396 e 460—463; Souza III p. 357—402; Santarem, Quadro XV Introd.), e mesmo os escriptores que d'elle fallam accidentalmente, como Frco de Hollanda, o Marques de Montebello, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Leitão etc., inspira sympathia; o unico reparo que os modernos lhe poderão fazer, versará sobre o seu fanatismo religioso, que era o resultado natural da influencia do meio, e da ociosidade forçada, a que esse grande e energico caracter, sequioso de gloria, foi condemnado por um irmão mesquinho e ciumento. No conselho como o subdito mais leal do rei — apesar de sugestões contrarias —, no torneio como cavalleiro, no sarau como poeta, no gabinete de estudo como digno discipulo de Pedro Nunez, Lourenço de Caceres, e Jeronymo Osorio, em toda a parte deu o melhor exemplo; e toda esta dedicação não valeu ao Infante um momento da suspirada liberdade, porque a gloria do dia de Tunes deveu-a elle só a uma audacia inaudita, á sua fuga de Evora. Apesar de ser conhecido como um desvelado protector das lettras e das artes (D. João de Castro; Francisco de Hollanda), quasi nada resta das suas obras litterarias. Abstrahindo de algumas Cartas em prosa, impressas em varias obras (cfr. Barb. Mach. III 49), e de dous tratados sobre mathematica, infelizmente em manuscripto, não é possivel determinar os seus trabalhos litterarios. Um dos dous Autos que lhe são attribuidos, „*o Auto de Dom Duardos*" anda nas obras de Gil Vicente (II 183); o outro, „Auto dos Captivos chamado de Dom Luiz e dos Turcos" (em que era talvez só o heróe, o libertador de vinte mil escravos christãos, e não o autor), perdeu-se (cfr. Th. Braga, Theatro vol. I p. 201), e foi prohibido nos Indices Expurgatorios de 1559 e 1624. Um cyclo de Sonetos sacros, que lhe deve ser restituido, segundo todas as probabilidades, acha-se nas Rimas de Camões (Storck II Son. 232 e Nota) e um soneto inedito no MS. CXIV 1—29 da Bibliotheca Eborense. Nada mais natural do que estes passatempos litterarios n'um principe educado por tantos homens notaveis, cujo nascimento foi logo festejado por Gil Vicente com um Sermão engraçadissimo (III 334), e que depois accompanhou de 1520—1534 com admiração e interesse o desinvolvimento litterario que o Plauto portuguez alimentou com as suas Comedias e Farças. No emtanto a paternidade d'esses trabalhos não está comprovada: a mais antiga fonte de noticias biographicas que conhecemos, „*a Informação feita pollo Secretario Pero d'Alcaçova e mandada ao Cardeal D. Henrique em* 17 *de Mayo de* 1573 *sobre o que se pode escrever da vida e feitos do Infante D. Luiz*" (Annaes p. 387 ff.), nada diz a este respeito. A dedicatoria de Miranda falla só do vencedor de Tunis.

A Egloga Celia foi escripta pouco depois d'essa jornada, que immortalizou o nome do Infante. No nosso ms. a rubrica diz *Ao Infante D. Luiz que deus tem.* A nota „*que deus tem*" deve ser da mão de um copista que escreveu depois de 1555. A redacção mais castigada e recente, que offerecemos em o No. 165, só pode ser posterior a 1536, porque falla

da morte de Garcilaso, da qual o Infante teve noticia directa na sua segunda viagem a Castella (1537).

Dedicatoria. 2 Smyrna, uma das sette cidades gregas que ambicionáram a honra de serem patria de Homero, foi considerada como tal na epoca do Renascimento. — Sobre *Mantua* cfr. No. 111, 36 (Ded.). — *Hervor de Esmirna ó Mantua* significa poesia homerica ou virgiliana, isto é uma epopeia, o que a estrophe 6 explica mais claramente.

13—16 Tunis está, com effeito, mais proxima das fontes das Musas (Aganippe, Hippocrene e Castalia) do que Portugal; parece-nos porém que o poeta allude antes ás modernas musas italianas, ou, em especial, aos poetas hespanhoes que accompanharam Carlos V a Tunis (Garcilaso de la Vega; Gutierre de Cetina; Fernando de Acuña).

17 **Tunis.** Carlos V mandára pedir auxilio a D. João III, e logo sahiram do porto de Lisboa vinte navios, duas naus, e um galeão, debaixo das ordens de Antonio de Saldanha. O Infante D. Luiz, a quem varias vezes fora promettido um commando, vendo-se mais uma vez burlado, perdeu a paciencia, e fugiu clandestinamente de Evora, onde estava a côrte. D. João III foi então obrigado a conceder-lhe a licença e mandar-lhe os necessarios recursos em homens, armas e bagagens. Entre os que requereram a honra de ir castigar os infieis, figurava um pequeno pagem de 10 a 11 annos, em que ninguem fez reparo: chamava-se Luiz de Camões. — Em 13 de Maio o Infante sahiu de Evora, chegando a Barcelona em 20 do mesmo mez; a 31 embarca na galé do Emperador; a 14 de Junho toma parte no cerco da Goleta, no qual o celebre galeão portuguez „*Botafogo*“ decidiu a victoria. Tratando-se logo depois em conselho se convinha ir sobre Tunis, prevaleceu o voto do Infante, que aconselhou a conquista, contra o parecer de todos os capitães (e o plano de Carlos V, diz Goes). Em 20 de Julho foi tomada a cidade „*e neste dia andou o Infante mui gentilhomem, caminhando com os seus Portuguezes por onde vinha jugando toda a força da artilheria.*“ A 17 de Agosto embarcou para Portugal; a 28 entrou em Palamós e foi por terra a Barcelona, embarcando alli, e estando de volta em Evora no mez de Outubro (cfr. Annaes). Pouco depois D. João III recebeu uma Carta autographa de Carlos V, na qual diz: „*no dexaré de dizir quanto contentamiento tengo de aver conocido su persona, non solo por las calidades que hay nelle, mas por haverme dado la vida con su compañia, pues ha tomado tanta parte del trabajo que me ha hecho poder sufrir el que yo he tenido: y todo con tanta prudencia y esfuerço quanto antes de agora tenia creido del; y en la soledad que tengo con su ausencia veo la razon que, señor, teniades en pesaros que se apartase de vos, y en la que yo tengo de haver holgado con tal compañero conozco la que teneis de dar gracias a dios con tal hermano*“ (Annaes p. 398). Cfr. Korr. K. Karl V, No. 405 e 411.

Miranda commemora a parte gloriosa, que o Infante teve na empreza, ainda no Prologo da Fama á Comedia „Os Vilhalpandos“, onde o appellida „*o verdadeiro capitão da gente portugueza que logo fez tremer aquella barba roxa.*“

25 Luiz IX, o Santo, falleceu em Tunis em 1270, ao terminar a ultima e ingloria cruzada, adoecendo de peste ao tempo em que os Sarracenos cercavam a cidade (a velha Carthago), conquistada pouco tempo antes pelos christãos. Accompanhava-o seu irmão Carlos d'Anjou; mas não é a este Carlos que Miranda allude. — Ha uma outra expedição a Tunis, em que figura um Rei de França do nome Carlos (mas é o sexto e não o quarto), o qual ajudou, posto que não em pessoa, os Genovezes na infeliz campanha de 1390 e é d'este Carlos que o poeta falla. — Cfr. No. 165, 27 e 28: *I a otro Carlos i armas del poniente Con quien Italia juntamente armó-se.* Miranda escreveu sem duvida um VI que os copistas mudáram por engano em IV; porque a historia não reza de empreza alguma de Carlos IV, o ultimo dos Capetingos, fallecido em 1328.

33—34 D. João III costumava dizer que a unica guerra permittida era contra os infieis, opinião partilhada por toda a nação, e revelada sobretudo pelos poetas. Miranda foi um dos muitos que deploraram o egoismo e a cegueira dos outros principes europeus. — Cfr. Ferreira, Ode IV do Livro I Aos Reis Christãos; Res., Miscell. estr. 1—6, e em particular 129, onde diz: *Nem lembra Jerusalem, Que os mouros têm em poder*; e Nic. Clenardus, Epist. ad Christianos.

Miranda sente como suas as desfeitas que o Infante soffreu porque D. João III não o deixou ir á empreza de Hungria, nem á Africa, nem á India — os tres grandes campos de batalha contra os infieis. Caminha allude á mesma inacção forçada do vencedor de Tunis, quando lembra na Epistola IV „*o mais qu'inda fizera, Se o tempo, avaro d'honras merecidas, A suas altas tenções não se opposera.*" O desejo, de cantar os feitos heroicos dos portuguezes, manifestado por Miranda aqui e em No. 115, 14—19, era uma aspiração de todos os poetas da epoca [D. Bernardes!], que só Camões teve a gloria de realizar dignamente.

52 e 56 O turvo Douro e, em especial, o Neiva são os rios, em cujas margens Miranda escreveu os seus versos; é por isso que os seus amigos o chamáram „poeta do Neiva" (cfr. 194, 103; 196, 1; 199, 62 e 133; 204, 58 etc.), como a Bernardes o cantor do Lima; Sá de Menezes o do Leça; Rodriguez Lobo e Soropita os do Liz; Camões o do Tejo; Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão os poetas de Entre-Tejo-e-Guadiana. Todas estas antonomasias são uma imitação da moda italiana que chamava a Petrarca o cantor do Sorga, e a Sanazzaro o do Sebetho. — O riozinho Neiva passa ao pé da Quinta da Tapada, entre Cavado e Lima, e desagua no Oceano. Cfr. 111, 571.

Com o Neiva, Miranda allude a si proprio; e julgamos que com os nomes Douro e Minho (No. 165, 51 e var. J a p. 717; cfr. tambem Nos 197, 137 e 200, 136) tambem não quer alludir senão ás provincias do mesmo nome, como sendo então o unico asylo da poesia bucolica ao modo estrangeiro. — Talvez outros sejam de parecer que o poeta quer antes alludir á scena da Egloga, ao logar onde Celia é chorada; e como Miranda é um dos que a deploram, esta explicação não será destituida de fundamento. „Mas, dirão elles, o logar da deploração poderia tambem

ser o logar do seu fallecimento, e a sua terra natal; é pois preciso procurar o original de Celia nos logares proximos do sitio *„do se entra por la mar turbado el Duero"*, isto é em Porto, Foz ou Mattosinhos. Ahi mesmo residiam os amigos intimos de Miranda, os Sâs de Menezes, familia a que pertencia aquella D. Angela, a mulher de Antonio de Sâ e Menezes, que Ferreira (Son. XXII do Livro II; Epitaphios XV e XVI), e Bernardes (D. B. Bom Jesus p. 132 e 128) e Camões (?) (v. Storck II No. 187) festejáram e gabáram tanto. Não seria ella a Celia de Miranda, pois que morreu — como esta — nova, em vida de seu marido e deixando-lhe filhos?" Respondemos que *não*, porque D. Angela deixou uma unica filha, D. Camilla de Sâ e Noronha (v. Tab. Geneal.), e morreu depois de 1550, em quanto que a dama, cantada por Miranda, foi mãe de varios filhos e morreu antes de 1536.

Egloga. 1—24 São maos agouros: 1) o uivar dos cães (cfr. Theok. II 35; Camões, Egl. IX 18); 2) o voar de aves nocturnas em claro dia; 3) o assalto de lobos contra as aldeias; 4) os bichos que destroem as hortas; 5) as chuvas de signaes desconhecidos (breves do ceo); 6) os fetos monstruosos; 7) o cantar das gallinhas á feição de gallo; 8) a ausencia das andorinhas; 9) a doença dos gados; 10) signaes igneos no ceo; 11) grande secca. — Os historiadores fallam de alguns d'estes signaes acontecidos em 1530, e que espantaram muito o povo portuguez. Resende p. ex. conta na Miscellanea, estr. 283 que n'este anno uma mula pariu em Punhete (cfr. Leitão, Misc. p. 425); e Petrus Martyr (p. 367 e 370) escreve do grande cometa que deu tambem que pensar ao mesmo Resende (Misc. estr. 284).

23—24 Citadas por D. Frco de Port., Pris. p. 13.

25—28 Cfr. No. 165, 25—28.

29—30 Citadas pelo mesmo autor das Prisões p. 28, na lição das edições **AB**.

31 e 32 Em 26 de Janeiro de 1531 soffreu o paiz, e particularmente a Estremadura, um terrivel terremoto, que Resende descreve miudamente em 11 estrophes (289—299 da Miscell.), e que provocou a formosa carta de Gil Vicente a D. João III, na qual attaca os frades que, em logar de socegar os espiritos aterrados, os desnorteavam ainda mais sobre as causas, os fins e as consequencias do tremor de terra (G. V. III p. 385).

33 Allusão a um illustre fidalgo e poeta (hespanhol? Garcilaso?), que não sabemos decifrar.

39—40 Glossadas por Diogo Bernardes nas Flores do Lima, p. 217, provavelmente sobre um ms., mas na lição de **B**.

217 Atalanta, a audaz e esquiva serva de Diana, desafiou todos os seus pretendentes a uma corrida, e venceu muitos que depois matou. Hippomenes porém venceu-a por manha, deixando cahir pelo caminho tres maçãs d'ouro. V. Ovid. Met. X 560 e Gesta Rom. cap. 60.

225 É uma das particularidades tradicionaes de toda a poesia bucolica que um pastor louve o effeito maravilhoso do doce canto d'um seu companheiro sobre a sua alma enferma, admirando-se da efficacidade da

cura. Cfr. Theok. I 4—8 e 144—146; Verg., Ecl. V 45 e 82; Camões, Egl. I 285.

290 *Vieja del arco.* O arco-iris, transformado em uma velha, é uma ideia desusada. O *arco da velha* ou *das velhas* é um modo de dizer usual; a *velha do arco* é desconhecida. A explicação vulgar do primeiro termo percebe-se, accrescentando a palavra *lei,* e lembrando-se o leitor da lenda biblica do Diluvio, a que Miranda tambem se refere nas linhas 294—96. Ou haverá aqui alguma das innumeras superstições nacionaes, um resto d'uma velha crença? O povo ainda hoje diz que o arco da velha mergulha nos rios para beber a agua que depois cae em forma de chuva, e accredita que „quando apparece o arco-iris, é signal que deus está bem comnosco". Alem disso „em quanto elle apparecer, o mundo não se acaba". — Os proverbios „*O arco das velhas, carregado de pedras; o arco das novas carregado de obras*"; e „*Arco das velhas, sahe-te d'aqui, Meninas bonitas não são para ti*"; ou *Arco da velha, Cordões de retroz, Meninas bonitas Não são para vós*; e *Arco da velha, Vae-te deitar Que ahi vem os ladrões Que te querem matar,* ouvem-se citar todas as vezes que se dá o phenomeno, mas sobre a sua significação não souberam dar-nos esclarecimentos.

Não achamos noticia de grandes seccas pelos annos de 1530—35, que podessem provocar estas preces.

318—328 Miranda tem noticia de que em Lisboa (Estremadura) appareceram novos poetas, que seguem as suas pisadas, poetando nos metros italianos; e sauda-os de longe cordialmente. É pois racional datar de 1536, ou dos annos immediatos, o augmento da nova eschola, que o poeta do Neiva fundára depois de 1526; os seus primeiros adeptos foram Caminha, Francisco de Sá e Menezes e D. Manoel de Portugal. A data dos primeiros ensaios italianos d'estes poetas, ensaios mandados em homenagem a Miranda, assim como a das respectivas respostas d'este, poderá pois fixar-se, com muita probabilidade, entre 1536 e 40. São os nossos Nos 91, 92, 97, 140, 150, 192, 201 e talvez 202.

324 *la suave lira hallada a caso:* Apollodoro conta que Mercurio achára a casca de uma tartaruga, ainda com alguns tendões que, desferidos, produziram sons: d'ahi a invenção da lyra (χελύς = *testudo* = *tartaruga*).

377 Epitaphios, como o que já encontrámos em No. 111, 561 são ainda uma particularidade das Eglogas em geral. V. Verg. V 13 e X 53; Sanaz. XII 625.

113 (p. 317—337). **Egloga IV. Andres.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 95 *a suerte* provavelmente não é mais do que um erro do copista, um lusitanismo involuntario (*á* por *a la*). — 120 **AB** imprimem *desuelan,* quando nós julgamos deva lêr-se: *desvelan.* — 150 *a que me falle* = *para que eu me o encontre, para que eu dé com elle.* — 169 Leia-se: *tirano,* (e. l. d.: *tirano*). — 190 *daños* e. l. d.: *danos* (lusitanismo do ms.). — 201 *mi,* (e. l. d.: *mi*). — 306 *hu-*

manas i artefício; (e. l. d.: *humanas, i artefício*). — 395 *Pascualas!* (e. l. d.: *Pascuales!*). — 420 *dijo,* (e. l. d.: *dijo*).

b) Variantes. 5 Na ed. **A** falta o indispensavel *que,* por erro de imprensa. — 22 Das lições de **F**, quasi metade não tem valor algum; apontamol-as unicamente para dar uma ideia exacta do deploravel estado em que se acha este, alias valiosissimo, ms. O leitor reconhecerá que, por exemplo, n'esta linha 22 o texto de **F** nem dá sentido, nem satisfaz as exigencias do metro. Outrotanto acontece nas linhas 46 e 74. — 27 **EF** *Por el buen rei que en paz rige su tierra.* — 31 **E** *Entretanto os abris llanos caminos.* — 45 **BEF** *Hizo se-os.* — 52 **E** *llano.* — 106 **EF** *El marmol* etc. — 132 A lição de **E** é errada, sem duvida alguma. — 150 **EF** *quien le enseña.* — 155 **EF** *dejan.* — 168 **BE** escrevem *penas* por *peñas.* — 170 O nosso ms. tem *cielos* por *celos.* — 176 Onde se diz 196, leia-se 176. — 178 No ms. está *fuirgo* por *fuir fuego.* — 183 **A** *Triste, d'otre quiza podrás fuir,* — 194 **B** *si el alma* etc. — 197 **A** e **B** Leia-se: *oras* (e. l. d.: *Oras*). — 273 **F** *Se irian.* — 276—278 Leia-se: 277—278. — 281 **B** *Los quales en su tiempo no tuvieran.* — 300 *en el* é lição de **B**. — 317 **A** sic. Podia-se lêr: *Que io sepa antes no vista, ni despues.* — 320 **A** *Noche el caso cantó solo a la luna.* — 324 **E** *ser me hia.* — 329 **A** *Pasiphae.* — 359 **B** *en ver* etc. — 360—361 A linha 7 da estrophe intercalada anda errada na ed. **A**. Podia-se ler: *Airada a los sus hijos tiernos puso.* — 365 **B** Leia-se: *en* (e. l. d.: *em*). — 373 *toda* na ed. **A** não póde ser mais do que um erro de imprensa. — 386 **EF** e o nosso ms. escrevem: *por sus licores!* — 388 **B** *Muerto quedado se ha, matando amores.* — 403 A lição *ahi vereis,* extrahida do ms. **E**, não pertence á esta linha, mas sim á 407[a].

O duque d'Aveiro. D. João de Lencastre, 1501—1571, Marquez de Torres-Novas por carta de 1520, e senhor d'Aveiro já antes de 1535, muito antes de se passarem as respectivas cartas, assignadas por D. João III só no ultimo anno do seu reinado (1557). V. Souza XI 45, III p. 493 e 566, Provas VI p. 34 e 45; Goes, Chron. I cap. 10; Res., Misc. estr. 274; Annaes p. 440; Andrada III p. 21 e IV p. 389. — Era neto de D. João II, filho primogenito de D. Jorge, duque de Coimbra, o velho mestre de Santiago e de Aviz († em 1550), com o qual veio á côrte em 1513. Era muito inclinado ás letras e dado ao estudo; no reinado pacifico de D. João III não teve occasião de se distinguir em empresas bellicosas. Em 1535 pediu com grande instancia, mas de balde, licença a el Rei para seguir ao Infante D. Luiz para Tunis. Em 1538, quando o Infante se avistou com o Emperador em Barcelona, andou accompanhado do Duque, por ordem d'el Rei (v. No. 98); em 1539 foi o Duque de novo a Castella para dar os pezames pela morte da Emperatriz D. Isabel; e em 1552 recebeu na raia a noiva do Principe D. João (Souza XI 41). — Foi tambem poeta: Faria e Sousa achou o Soneto *„Que fiz, Amor"*, que anda nas obras de Camões, n'um ms. com a rubrica *„Do duque d'Aveiro"* (v. Comm. vol. V

p. 278 e 336; e Storck II No. 306), e offerece ainda uma bonita redondilha que varios manuscriptos lhe attribuem. Dous Sonetos seus encontram-se ineditos no ms. CXIV 2—2 da Bibliotheca Eborense (a fl. 155 v). Ferreira dedicou-lhe a sua Egloga XII, e louva-o na I. Não é a elle como dizem varios autores, mas a seu filho, D. Jorge de Lencastre, 2º duque d'Aveiro, que o mesmo Ferreira mandou a *„Historia de Santa Comba dos Valles"*, e que Falcão de Resende offereceu a sua *„Microcosmographia"*.

O assumpto da Egloga *Andres*, que Faria e Sousa trata de *„muy mala"* (Comm. V p. 278), é uma desastrada historia amorosa, que originou um serio conflicto dos Lencastres com a casa reinante e que deu que fallar a todos os poetas da côrte, p. ex. a Christovam Falcão no Crisfal (v. FS., Comm. V p. 336) e a Camões na Egloga VI e talvez na VIII. El Rei D. Manoel deixou concertada em seu testamento (Souza, Provas II 349), a alliança de D. Guiomar Coutinho, a riquissima herdeira dos condados de Marialva e Loulé, com seu filho D. Fernando, que na occasião da morte de seu pae tinha 14 annos (Goes, Chron. II cap. XIX). D. João III, não querendo demorar a execução d'este tratado, mandou fazer as capitulações em 1522 (Souza, Provas II 572): oppoz-se porém D. João de Lencastre, então Marquez de Torres-Novas, declarando estar clandestinamente casado com D. Guiomar. O velho conde de Marialva pediu justiça a El Rei, o qual mandou prender D. João e desterrou seu pae, o venerando filho de D. João II (Provas VI p. 21). Durou a causa, e portanto o escandalo, quasi nove annos, mas como D. Guiomar teimasse em negar o casamento, foi dada a sentença contra D. João, e as bodas effectuaram-se com o Infante D. Fernando, em 1531 (Provas II 580). D'ahi em diante uma serie de fulminantes desastres para os recem-casados: morte do seu primeiro filho em agosto de 1534; morte da filha em outubro; morte da mãe em dezembro; e morte do pae poucos dias depois, ficando d'esta maneira extincta, a illustre casa de Marialva, *„subida tão alto para sentir mais a queda"*. Conta-se que um dia antes da morte da segunda criança sonhara D. Fernando que vira sahir de sua casa tres tumbas juntas e cubertas de negro. É claro que todos viram em estes successos o dedo de Deus que castigava e denunciava d'este modo a perfidia de D. Guiomar (v. No. 165, 25—28 da Egl.). A profunda dôr de D. João descreve-a Miranda de um modo transparente na situação desesperada do pastor Andres que a „cruel serpe Pascuala" atraiçoa com lingua viperina. Á data da Egloga, porém, já D. João havia serenado: mesmo assim foi só em 1547 que contrahiu novo matrimonio.

Já notámos sob o No. 102 que o commentario poetico a este enorme escandalo não foi a causa do ostracismo de Miranda, porque foi escripto só depois de 1538, isto é depois do primeiro cerco de Diu (v. l. 30), quando já eram fallecidas as pessoas directamente interessadas, e o poeta vivia longe da côrte no seu retiro campestre. Não é portanto exacto o que diz Th. Braga, Quinh. p. 74 que, alem d'isso, confunde as pessoas dos dous rivaes, e pretende ver na Egloga de Miranda funebres *pressentimentos* sobre *factos*, realizados quatro annos antes. Th. Braga diz

tambem que Miranda abraçou o partido do Infante! (ibid. p. 55—56, 69—78 e 83).

25 *A vos, señor, no os cupo en suerte guerra.* Esta linha prova que o Duque não tomou parte na expedição de Tunis, como alguns escriptores pretendem, mal informados sobre as tres viagens do Infante D. Luiz, que são motivo de geral confusão. Repetimos que o Duque accompanhou o Infante uma só vez, em 1538.

30 *Testigo Diu tenido i gañado* ou, segundo J. *Si no, diga-lo Diu ensangrentado.* A primeira defesa de Diu, sustentada heroicamente por Antonio da Silveira, sob o governo de D. Nuno da Cunha, teve logar em 1538 (v. Schäfer IV p. 70, 123, 157), a segunda, ainda mais heroica, em 1546 por D. João de Castro (v. Jacobi Tevii Commentarius de Rebus apud Dium Gestis; e Goes, De bello Cambaico primo, e De b. C. secundo). O texto não póde alludir á fundação da fortaleza, concedida voluntariamente aos portuguezes em 1533 pelo Sultão Badur, nem ás varias tentativas anteriores para conquistar a cidade, porque se falla de uma *victoria* sobre os infieis. — Miranda tambem allude ao 1º cerco no Prologo á comedia „Os Vilhalpandos", onde a Fama diz: *„Sabeis de quantas manhas usei estes dias passados n'aquella grande affronta de Dio? Quando vos não pude espantar cos Turcos, espantei os Turcos comvosco"*, palavras que indicam claramente que os Vilhalpandos foram tambem compostos pouco depois de 1538. V. Th. Braga, Theatro II p. 67 e I p. 324 e 325 onde ha alguns factos errados e contradictorios sobre as datas das duas comedias de Sá.

31—32 *Entretanto os abris llanos caminos Por los libros humanos i divinos.* Estas allusões explicam-se por um documento do processo de Damião de Goes, no qual se affirma que o deão da guarda Lucas d'Orta mandara ao duque d'Aveiro certos volumes (seis ou sette) de livros de Luthero e Ecolampadio sobre a sagrada escriptura, e mais um escripto de mão que tratava de uma nova opinião corrente em Italia, a saber *„de gratia, fide, et operibus"* (v. Mendoça, Damião de Goes e a Inquisição de Portugal. Annaes das Sciencias e Lettras II p. 353, Lisboa 1858).

41—48 Th. Braga, Quinh. p. 72 trocando as pessoas de D. Fernando e o Duque, reconhece n'esta estrophe o retrato do Infante!

49 **Hercules no bivio** entre o vicio (κακία), que lhe mostra o caminho do inferno, juncado de flores, e a virtude (ἀρετή), que lhe ensina a senda espinhosa do ceo, é uma fabula tão conhecida que dispensa commentarios (Aesop 158). O que é novo para nos é a sua applicação a *Bellerophonte.* O caso succedido a este heroe — *casto Bellerophonti* — em casa do Rei Preto, com a rainha Antea (ou Sthenobea) — *mulier perfida* — variante da historia de Joseph e Potiphar, ou de Hippolyto e Phedra, póde muito bem ser symbolizado na situação do bivio; mas não sabemos de illustração alguma, nem litteraria, nem artistica a este assumpto. No emtanto parece que Miranda tinha na mente a lembrança de alguma obra d'arte (gravura?), conhecida ao Duque d'Aveiro. O mytho de Hercules foi aproveitado varias vezes pelos grandes artistas italianos: do de

Bellerophonte, que na litteratura se cita a cada passo, não se póde dizer o mesmo. Vide porém nos Emblemas de Alciato o No. 14 que representa Bellerophonte montado sobre o Pegaso, no acto de matar a Chimera (1ª ed. de 1522).

73—80 Th. Braga, Quinh. p. 77, pretende ver n'esta estrophe uma allusão ao envenenamento de tres victimas, que seriam: D. Guiomar (*el cuello!*), a filhinha (*el pecho!*) e o Infante (*la cabeza!*). É inverosimil. Miranda não se prestaria a glorificar um triplice assassinato com a sua Egloga, dedicada ainda emcima ao reu.

143—144 Cfr. No. 104, 101.

159—160 *Enfin, come se dize; en viejos cuentos: „Los aires llevan los encantamientos"* ou *Como en fin de patrañas por dineros Dizen: „sembrélos por eses oteros"*. Talvez alguma phrase tradicional com que a phantasia popular costumava rematar os seus contos de *„Fadas e lobishomens"*.

216 Citada por D. Frco de Port., Carta p. 44, na lição das edições **AB**.

228 Provavelmente ainda uma reminiscencia de alguma pintura notavel vista em Italia, das muitas que representam este assumpto: Adonis morto nos braços de Venus.

260—264 Cfr. Verg., Ecl. X 31—34 e Sanaz., Egl. VIII.

265—272 Cfr. Bernardes, Egl. XX e XI p. 119 e 61 do Lima.

294 Al mar agua, al monte leña; adagio que lembra o proverbio grego *Noctuas Athenas levare*, e o hespanhol: *llevar hierro para Biscaya*.

313 Th. Braga, Quinh. p. 76 suppõe que ha aqui uma allusão ao sonho do Infante D. Fernando.

321 Andrés vê em sonhos uma serie de exemplos de mulheres impudicas, infieis e perfidas, que o curam do amor que ainda alimentava pela indigna Pascuala. Os Silvanos e Faunos cantam a paixão da mãe do Minotauro, de Pasiphae, pelo touro, enviado por Jupiter; a historia de Leda com o cysne; de Semiramis com o seu corcel (Plin., Nat. Hist. 8, 155); das cincuenta filhas de Danae, e netas de Belo, que assassinaram todos os seus maridos, filhos de Aegypto e netos de Belo — uma unica, Hypermenestra teve piedade de seu esposo Lynceo (cfr. Horat. carm. 3, 11. 25); de Medea que poz mão a seus dous filhos; de Samsão trahido por Dalila; de Eriphyle que, seduzida pelo fatal collar de Harmonia, levou seu marido, o adevinho e vate Amphiarao, a partir para o cêrco de Thebas, onde achou a morte (Odys. XI 326). Depois cantam os Faunos de Pan e Diana (cfr. D. Bern. Lima, Carta XX estr. 11); de Gallo e Lycoris; de D. Joana I de Napoles, Pascoala italiana que sacrificou o seu amigo Andres, e emfim de D. Joana II.

385 **Galo.** É o poeta elegiaco Cornelio Galo que Vergilio tanto celebrou nas suas Eglogas VI (64—73) e X. Em quanto elle combatia valerosamente na Italia, fugia-lhe sua amante Lycoris de Roma com outro general, enviado para as Gallias (cfr. Cam., Egl. II 495—97 e 518; Sanaz., Prosa X).

394 **Las dos Janillas.** A phrase está mal construida. As variantes dos textos **AB**, e a relação historica dos factos ajudam-nos a restabelecer

o sentido das palavras de Miranda: Das duas Juanillas uma, a mais velha, (*a maior*) estrangulou seu amigo Andres com um cordão de ouro; a outra (*esotra*) apunhalou os seus amantes. A primeira é D. Joana I de Napoles, da casa de Anjou-Hungria, neta do magnanimo rei Roberto, casada com o joven Andreazzo, irmão do Rei de Hungria D. Luiz, que de facto foi estrangulado em 1345. É a celebre formosura, casada quatro vezes, e cantada por Lope de Vega na sua Comedia: *Reina Juana de Napoles y marido bien ahorcado.* Em 1382 teve sorte igual á que preparou a seu primeiro marido. — D. Joana II, a mais nova das Janillas, foi filha de Carlos III de Hungria e Napoles, e sobrinha de D. Joana I. Era a ultima vergontea da casa Anjou-Hungria outr' ora tão poderosa. Falleceu em 1435. A sua vida desordenada no meio de seus varios maridos, varios favoritos e varios filhos adoptivos não póde ser aqui tratada. Sanazzaro (Prosa VII) passou-lhe o seguinte attestado: „*femmina la quale dalla naturale inconstanza e mobilità di animo incitata, agli altri suoi pessimi fatti questo aggiunse che coloro, i quali erano stati e dal padre, e dal fratello con sommo onore magnificati, ella esterminando ed umiliando annullò e quasi ad estrema perdizione ricondusse.*" — Não se deve confundir estas duas rainhas com outra D. Joana de Napoles († 1517) — a moderna Hecuba — que os romances castellanos nos apresentam em situações tragicas; foi irmã de D. Fernando de Aragão o Catholico, e viu morrer no curto espaço de um anno tres proximos parentes (v. Rom. de Duran No. 224 e Wolf, Prag. Fl. Blätter p. 58 ss.).

417 É o Autor quem intervem n'esta ultima estrophe. A rubrica *Pan* que se acha no nosso ms., parece-nos inadmissivel. Em **ABF** e **J** é *Andres* quem deve dizer a ultima estrophe, que varia muito do texto, postoque a edição **A** diga que é o Autor, e que **B** e **F** não tenham rubrica alguma.

114 (p. 341—346). **Elegia I a ũa senhora muito lida em nome de um seu servidor.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 32 Para rigor da medida é preciso pronunciar: *esp'riencia.* — 109—110 Leia-se: *não, Emdebates* (e. l. d.: *não; em debates*).

b) Variantes. 30 **A** *Que a vos sô ve seu bem, tendes lho a mal.* — 44 **AB** *Melhor que por palavras, que farei?* — 53 **B** *piadosas.* — 63 **B** *d'alagoa.* — 92 **A** e **B** poem virgula depois de *mais.* — 115 **AB** *bando* (e. l. d.: *brando*), lição que deve substituir a do nosso ms., que nos parece errada.

Quem será a dama, e quem o servidor? Não o sabemos. O poeta accumula perante a dama o maior numero possivel de enigmas eruditos.

38 *a dura madrasta* é *Juno duro vultu* de Ovidio Met. IX 260.

74 Os „*grandes dous pintores*" são Zeuxis e Parrhasio. Sobre o seu desafio artistico vide Plin., Nat. Hist XXXV 36, 10.

113—114 Sobre Heraclito v. No. 107, 131. Sobre Democrito, Seneca De ira II 10: *Democritum contra aiunt numquam sine risu in publico fuisse: adeo nihil illi videbatur serium eorum quæ serio gerebantur.*

118 Citada por D. Frco de Port., Carta p. 41.

115 (p. 349—378). **Egloga V. Nemoroso.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 6 da Egl. Leia-se: f. 69v. (e. l. d.: f. 69). — 86 Verso cumprido. Póde-se riscar o *lo.* — 94 Verso cumprido. Pódé-se lêr *tien* em vez de *tiene* (como em **A**) ou *son figura* em vez de *son la figura* (como em **B**). — 133 Leia-se: *, aquel mi bien tamaño,* (e. l. d.: *aquel mi bien tamaño*). — 205 *mia.* (e. l. d.: *mia*). — 238 *Pasa la oscura noche,* (e. l. d.: *Pasa la oscura, noche,*). — 242 Verso cumprido. Póde-se riscar *otra,* (ou *ora*). — 251 Para correcção do metro é preciso pronunciar *descap'lir* (ou *escapulir*). — 267 Verso cumprido. Riscar-se-ha o *mal.* — 308 *Veran* póde ser um lusitanismo involuntario do copista (*virão*) por *vernan vendran.* — 451 Sic. Leia-se: *en redor.* — 478 Sic. Póde-se lêr *otro* em lugar de *el otro.* — 495 Verso cumprido. Póde-se lêr: *Mas* em vez de *De mas.* — 525—526 Talvez seja preferivel ponctuar: (*ai suerte falta!*).

b) Variantes. 43 da Ded. Leia-se: *tarde* (e. l. d.: *tardo*). — 5 da Egl. **E** *trajiera.* — 61 O ms. escreve *plo* em lugar de *pro.* — 100—154 A passagem *Secos abrojos* até *parte* deve seguir-se logo depois de *ojos.* — Na terceira linha do trecho leia-se *lo* (**B** *le*) em lugar de *le* (**B** *le*). — 177 **B** *Justo* (e. l. d.: *Juso*). — 196 **E** *tremo.* — Onde se diz 216 **E** deve lêr-se 217 **E**. — 223 Leia-se: *amanece* (e. l. d.: *amañece*). — Onde se diz 261 **E** deve lêr-se 267 **E**. — 301 **E** sic. — Onde se diz 497 **E** deve lêr-se 492.

Esta Egloga, *a mais rica de arte* entre todas as onze do nosso poeta, canta a morte e celebra a immortal reputação do principe dos lyricos castelhanos, n'uma epoca, em que o seu nome era ainda mui pouco conhecido no estrangeiro. Foi composta para o 1º Anniversario da sua morte (20 de sept. ou 24 de nov. de 1536), muito antes da imprensa ter concorrido para a divulgação das suas obras (1543); e apesar d'isso revela um conhecimento tão profundo das Eglogas de Garcilaso, uma sciencia tão singular dos successos da sua vida que é natural suppôr relações directas do poeta hespanhol com o seu primeiro imitador portuguez. É possivel que Miranda tratasse, durante as suas viagens, com Boscan e Garcilaso, e se declarasse, tambem por influencia de Andrea Navagiero, e ao mesmo tempo que os visinhos hespanhoes, pelas novas formas italianas: não ha porém prova alguma positiva a favor d'esta hypothese. Mas o que não soffre duvida, é a existencia de dous pontos de contacto entre Garcilaso e Miranda, um pessoal e outro litterario. O primeiro é o seu parentesco com Garcilaso reconhecido já por Th. Braga, e a que o poeta allude com intima satisfacção no fim d'esta Egloga (518), porque tanto os Mirandas como os Garcilasos cruzáram-se com os Sotomayores. O avô materno de Mi-

randa foi um Soutomayor (v. Tab. Geneal.), e Garcilaso de la Vega o Velho, fallecido em 1351, bisavô do Marques de Santillana, casou com D. Tareja Rodriguez, filha de Rui Paes de Soutomayor, como diz o Livro das Linhagens do Conde D. Pedro (p. 274 e 387). Recordarêmos ainda que os solares das duas familias eram visinhos, nas Asturias. O segundo ponto de contacto é o presente das Obras de Garcilaso (e Boscan) a Miranda, recebido antes de 1536, das mãos do seu amigo Antonio Pereira Marramaque, como contámos mais atras (v. No. 108, 154 var. e linha 64 da Ded. d'esta Egloga), o qual na leitura dos versos hespanhoes passou com Miranda oras deliciosas. A noticia da morte de Garcilaso, victima das luctas entre Carlos V e Francisco I, foi trazida provavelmente da Hespanha pelo Infante D. Luiz, que voltava em 1537 da sua missão como medianeiro. Se o principe não assistiu á morte do poeta, presenciaria ao menos o lucto e as lagrimas, que ella custou a Carlos V. — A dedicação da Egloga Nemoroso a Antonio Pereira justifica-se pois plenamente.

Miranda chama a Garcilaso expressamente Nemoroso, tanto no titulo da Egloga, como nas linhas 79 (da Dedicatoria), 373 e 414 (da Egloga), e ainda na rubrica da Canção *„En la muerte del pastor Nemoroso Laso de la Vega"*, e emfim na Introducção á Egloga Celia; onde falla de *Nemoroso de la Vega* (165, 56). Appellida-o tambem *„cantor de Elisa"* na linha 534. O titulo Nemoroso, assim como o nome Elisa, são testemunhos muito importantes para a rectificação de alguns pontos biographicos e litterarios na vida de Garcilaso, testemunhos reforçados ainda pela seguinte passagem na Egloga II de Camões em que se juntam os dous nomes. E diz:

Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança queixar-se crua e fea
Da dura Galathea, tão formosa;
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,
Que sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. (221—227)

(cfr. Camões, Carta I em prosa; Filodemo V 6; Oct. I 25; e FS., Comm. vol. V p. 211), alludindo á Egloga primeira de Garcilaso, e á terceira, em que assignalamos o trecho seguinte:

Elisa soy, en cuyo nombre suena
Y se lamenta el monte cavernoso,
Testigo del dolor y grave pena
En que por mí se aflige Nemoroso,
Y llama á Elisa; Elisa á boca llena
Responde el Tajo, y lleva presuroso
Al mar de Lusitania el nombre mio,
Donde será escuchado, yo lo fio. (estr. 31).

As referencias de Miranda e Camões provam que laboram em erro os modernos historiadores que pretendem ver no pastor *Nemoroso* das Eglogas de Garcilaso o poeta Boscan, seguindo Cervantes, que no Dom

Quixote II cap. 67 diz „*Como ya el antiguo Boscan se llamó Nemoroso*"; e que tambem erram aquelles que, copiando Herrera, sustentam que, debaixo da mascara do pastor Nemoroso (que nas Eglogas I e III é identificado com o cantor de *Elisa*) se encobre o marido d'esta dama, D. Antonio da Fonseca. A errada opinião do primeiro gruppo funda-se unicamente na allusão ao nome *Boscan*, que se occultaria na palavra Nemoroso (do latin *nemus* = *bosque*); não repararam comtudo que na Egloga II este Boscan-Nemoroso se elogia a si proprio n'um longo discurso [Bibl. de A. E. vol. 31 p. 17]. O segundo gruppo não se lembrou que Garcilaso amava positivamente Elisa, isto é Doña Isabel Freyre, a formosa dama de honor da Infanta D. Isabel de Portugal, que casou em 1526 com Carlos V, levando a sua dama favorita para Castella; Faria e Sousa conta (não sabemos sobre que documentos) que a dama portugueza era de taes graças que a Infanta declarou que „*o no vendria, o la havian de dexar traer consigo a D. Isabel Freyre* (Comm. V p. 211—212). Esta não pôde corresponder ao amor do joven poeta cavalleiro, que ja estava casado com D. Helena de Zuñiga, dama da rainha D. Leonor. Ha provas d'este amor não correspondido. Citemos uma: A pequena Cancion *Culpa debe ser quereros*, que geralmente apparece com a rubrica „*Habiendose casado su dama*", tem no MS. Iriarte e no Cancionero Gayangos (v. Boehmer XIV p. 199) a epigraphe: *A doña Isabel Freyre porque se casó con un hombre fuera de su condicion*. Dada esta situação, parece impossivel que Garcilaso pozesse na bocca do marido d'aquella „*Bella mal maridada*" as dolorosas queixas de Nemoroso, que só competiam a elle, Garcilaso, que a amava sem esperança. Tanto Salicio (anagramma imperfeito de Gar(*cilaso*) que lastima na Egloga I a ausencia e o desdem de sua amante (Galatea), como Nemoroso, que na mesma chora a morte da sua (Elisa), são pseudonymos do poeta: e ambas as amantes são uma e a mesma pessoa, i. é D. Isabel Freyre, que morreu entre 1531 e 33, de parto, quando Garcilaso estava em Napoles e deixando varios filhos. Esta nossa opinião já foi enunciada por Faria e Sousa, sem que ninguem a recordasse até hoje para a approvar ou contradictar. Miranda, Antonio Pereira, e o Infante D. Luiz deviam ter forçosamente conhecido a infeliz Elisa „*antes de tiempo y como en flor cortada*" na côrte de D. Manoel e de D. João III; e ainda seguiriam com sympathia a sua vida ulterior na côrte hespanhola, tanto mais que sabiam ser ella idolatrada por um mancebo illustre, que o Infante conheceu em Tunis, e que Miranda, seu parente, considerava, sob muitos respeitos, como o seu modelo.

A' pergunta que acima fizemos (No. 112), sobre quem seria aquella *Celia-Elisa*, que Miranda deplora na Egloga, dedicada ao Infante D. Luiz, podemos agora responder, fundindo-a em uma com a Elisa de Garcilaso. O que se diz sobre Celia nos versos 79 e 173—176 do No. 112 e 87 e 197—200 do No. 165, a saber: que deixou marido e filhos, morrendo „*em meio de seus dias*", assim como a data da Egloga (logo depois de 1535) concorda com o que sabemos da vida de D. Isabel, que falleceu, como dissemos „*antes de tiempo dada a los agudos filos de la muerte*" e „*cor-*

tada inda em agraço", entre 1531 e 33, vivendo seu marido, D. Antonio da Fonseca, e alguns filhos. Uma prova de que a memoria de Garcilaso era inseparavel da de Elisa, encontra-se na propria Egloga que lhe é consagrada, e na qual o nome de Garcilaso é citado duas vezes (l. 56 da Ded., e 327 da Egl. No. 165).

Dedicatoria. 1—13 Sobre os „*nobres Froais, Em Pereiras mudados*" e sua relação com El Rei Alfonso o Casto de Leão, vide No. 108, 321.

14 Parece-nos conveniente antepôr a 3ª estrophe á 2ª.

30—52 Sobre as viagens de Miranda e sua vida solitaria já fallámos varias vezes.

53 *Tablero.* O biographo de Miranda diz: „*jugava o taboleiro, e nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que usa na ... Egloga de ... Nemoroso.*"

59—65 Allusão ás repetidas visitas de Miranda na casa da Taipa ou em Cabeceiras de Basto (cfr. No. 103 e 108). Th. Braga, Quinh. p. 96 diz: „*Vivendo no seu retiro das Duas Igrejas, Sâ de Miranda foi presenteado com um volume dos versos do poeta Garcilasso pelo seu visinho Antonio Pereira Marramaque, Senhor do Basto. Pela leitura da Egloga Nemoroso no prologo se conhece que foi esse brinde o principio das relações de amisade.*" A ultima affirmação é improvavel. A Egloga *Basto*, que data de uma epoca anterior aos seus estudos de Garcilaso, já é dedicada a um Pereira.

67—79 Estrophe de difficil interpretação. A' primeira vista julgámos que Miranda quereria dizer o seguinte: A viagem italiana suggeriu-lhe a ideia de transplantar para Portugal os generos poeticos novos; depois do regresso, *temiendo y deseando juntamente* — começou a escrever para si só Sonetos, Canções á Virgem, etc.; mas receiando mau exito, não divulgou os seus trabalhos, até que o exemplo de Garcilaso o animou a „sahir á praça". Na Egloga *Alejo*, dedicada a seu amigo como primeira prova do seu talento transformado, iniciou alguns trechos em estylo novo. — A serem verdadeiras as nossas hypotheses sobre a data da Egloga *Alejo*, as palavras do poeta não pódem, porém, significar o que acabamos de enunciar. A Egloga Alejo, em que não ha imitação de Garcilaso, foi composta sem duvida antes de Miranda conhecer as bucolicas do innovador hespanhol. Em nossa opinião pois, o nome Alejo é aqui apenas um pseudonymo do autor, o qual, depois de viver por annos escondido no seu asylo campestre, attrahia de novo a attenção da côrte, experimentando pela primeira vez se o som da frauta de Garcilaso, que tanto lhe agradára, repetido por elle, satisfaria tambem aos mais. A Egloga Nemoroso é pois a sua primeira imitação de Garcilaso e foi mandada á côrte, onde então vivia o seu amigo Pereira, e onde seria representada para dar gosto ao Infante.

Egloga. 1—9 A Egloga V de Theokrito, a III de Vergilio, e a IX de Sanazzaro principiam com uma rixa entre pastores. A scena de Miranda é imitada na Egloga IX de D. Bernardes e XIV de Camões.

10—11 *Mañana de san Juan, quando a las flores I al agua todos salen.* Estas palavras alludem a uma crença popular relativa á noite de S. João: *„Logo ao romper da alvorada raparigas e rapazes vão-se ao campo a colher as flores bentas e o orvalho da noite que possuem maravilhosas virtudes medicinaes, e servem para cortar feitiços.“* Cfr. Pedroso III.

70—74 O esconjuro de um mundo ás avessas, quando succede algum caso extraordinario, é um dos caracteristicos da poesia bucolica (v. Theok. I 130; Verg. Ecl. I 59, VII 27 e 51; Sanaz. II 65; Cam. II 537; Ferreira, Castro I sc. 3).

100 A applicação da rima encadeada é evidentemente uma imitação de Garcilaso, o qual se serve d'este artificio da poesia provençal (já conhecido ao latim medieval) na sua Egl. II, seguindo o exemplo de Sanazzaro I 61, II 19, X 79. Depois de Miranda applicaram com frequencia este processo de ligar a rima os poetas D. Manoel de Portugal, Diogo Bernardes, Camões etc.

173 A intervenção de um arbitro e medianeiro é o desfecho inevitavel das rixas dos pastores. V. Theok. IV e VIII 28; Verg. III 50.

276 Nas margens do rio Amphryso levou Apollo os gados do seu amigo Admeto, Rei de Perea, a pastar durante nove annos. Miranda explica esta singular dedicação por alguma aventura amorosa (v. Iliada II 763).

373 *Hoi cumple el año del buen Nemoroso.* A 20 de Septembro ou 24 de Novembro de 1536 expirou Garcilaso de la Vega em Niza, nos braços de seu amigo San Francisco de Borja, ferido mortalmente de uma pedrada, no cêrco de uma torre perto de Fréjus, defendida por aldeãos francezes. Assim morreu o joven heroe que havia escapado incolume da rendição de Pavia (1526; a batalha foi em 1525) do cêrco de Vienna, da campanha de Tunis e de tantas outras emprezas, vencidas *n'uma mão a espada, n'outra a lyra.* — A Egloga pertence pois, sem duvida alguma, ao anno de 1537, e foi representada provavelmente no primeiro anniversario da morte do heroe. — O pastor Salicio canta o elogio de Nemoroso em estrophes que são imitadas da Canção *„Quan bienaventurado“* (Egl. II; vide tambem *„Tratara de una parte“*, rimadas sobre a formula a'b'c a'b'c c'd'e'e'd f'f) de Garcilaso. É uma delicada homenagem, como de quem quer dar a entender que só o proprio Garcilaso poderia retratar-se condignamente.

389 Theokrito VIII 30 faz tirar a sorte sobre qual dos pastores ha de cantar primeiro.

434 A patria de Garcilaso é Toledo, nas margens do Tejo, que mais se ufana d'este seu filho do que do ouro das suas areias. V. l. 511.

469—491 Miranda cita aqui alguns dos *„altos espirtos que adelante eran idos“*, isto é alguns antecessores de Garcilaso, que a este serviram de modelo. Como porém o genero, que Garcilaso de novo introduziu em Hespanha, é a poesia bucolica em metros italianos, é natural a referencia a mestres que cultivaram este genero. São tres pares de poetas.

A' frente vemos dous napolitanos, João Joviano Pontano que só escreveu em latim; e seu discipulo Pietro Sanazzaro, que poetizou em

latim e italiano. Melisseo (Meliseus) é o pseudonymo que Pontano (1426—1503) adoptou na mais notavel das suas Eglogas, dedicada á memoria de sua mulher (Ed. 1531 Basil. p. 369); e que serviu ainda a Sanazzaro para o glorificar na Egloga XII da Arcadia; no seculo XVI foi conhecido principalmente por este nome, em qualquer das especialidades em que se illustrou (historia, politica e humanidades). Como latinista é um dos mais elegantes do Cinquecento. — Pietro Sanazzaro (1458—1530), que já encontrámos uma vez no texto de Miranda, como um dos seus autores favoritos (No. 108, 141), é o venerando mestre de todos os bucolistas hespanhoes e portuguezes. Garcilaso, Miranda, D. Manoel de Portugal, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz e Camões seguiram os seus passos em tudo o que diz respeito ao genero idyllico. Nas obras d'estes autores encontram-se reminiscencias vagas, imitações directas e até traducções litteraes de fragmentos das suas cinco Eglogas Piscatorias (latinas) e das doze italianas, pertencentes ao seu romance pastoril Arcadia. O seu nome encontra-se frequentes vezes na forma Sincero ou como cantor do Sebeto. Sincero é o nome arcadico com que entrou, por apresentação de Pontano, muito joven, na grande Academia de Napoles, fundada por Panormita e baptizada depois com o nome do seu mestre. Sebeto, hoje fiume della Maddalena, é um pequeno rio que atravessa Napoles, sua cidade natal (a antiga Parthenope), e que elle celebra nas suas Obras.

O segundo par são dous poetas toscanos, que deveriam preceder os já citados, pela sua maior antiguidade e superior valia, mas que são citados em segundo logar, por terem influido menos no genio de Garcilaso. Francesco Petrarca (1304—1373), cujos Sonetos e Canções immortalisaram Madonna Laura (de Noves, de Sade), o valle Vaucluse e as margens do Sorga, é a fonte primaria ou secundaria (pelos seus imitadores), de que se alimentaram todos os quinhentistas (cfr. No. 146, 170). — Tambem Bocaccio (1313—1374), não como creador do Decamerone, mas como autor do Ninfale d'Admeto (o romance pastoril mais antigo: mistura de prosa e de poesia) consagrado á gloria de Maria (Fiametta), filha do Rei Roberto de Napoles, influiu sobre Garcilaso (cfr. No. 146, 172).

O terceiro e ultimo par é representado por dous nomes, que illustraram Florença e Sena, e foram de grande importancia na época, mas cuja memoria ficou menos viva, por serem mais propriamente eruditos do que poetas. Miranda cita-os não com relação a Garcilaso e como seus modelos, mas por gratidão pelos serviços valiosos que lhes deveu durante a sua viagem na Italia. O florentino é Giovanni Rucellai (1475—1525 ou princ. de 26), um dos quatro filhos do sabio Bernardo Oricellario, de familia antiga, apparentada com os Medicis. Como sobrinho de Leão X e Clemente VII desempenhou altos cargos, p. ex. o de Governador do castello de Santo Angelo, desde 1523, posição em que podia prestar bons serviços ao nosso poeta. Giovanni Rucellai teve bastante influencia litteraria como introductor da tragedia grega em Italia, que elle fez reviver na sua Rosmunda e no seu Oreste, compostas pouco depois da Sopho-

nisba de Trissino. Hoje é conhecido principalmente pelo seu poema bucolico-didactico Le Api, imitação livre e caracteristica das Georgicas de Vergilio. O seu amigo e companheiro litterario é Lattanzio Tolommei, de Sena. — Os seus contemporaneos chamaram-n'o *l'uom di quattr' alme* porque sabia — caso talvez unico no seu tempo — alem do grego e latim, o hebraico e chaldaico. É parente do celebre Monsignor Claudio Tolommei (1492—1555), o erudito commentador de Vitruvio, e pertencia, como este, á selecta sociedade litteraria que rodeava Vittoria Colonna e Michel Angelo, na qual introduzia mais tarde o pintor portuguez Francisco de Hollanda. Este chama a Lattanzio „*o môr privado e amigo que Vittoria Colonna tinha*", e commemora os seus serviços na seguinte passagem do seu tratado „*Da Pintura Antiga, Livro Segundo, Dialogo da Pintura em a Cidade de Roma* (fol. 96 do ms.): „*Onde entre estes dias que eu assi naquella côrte passava, ouve um domingo de ir ver Messer Lactancio Tolomeo, como outros costumava, o qual, com ajuda de Messer Blosio, secretario do Papa, foi o que me a mi deu a amizade de Micael Angelo. E era este M. Lactancio pessoa mui grave, assi por nobreza de animo como de sangue, que sobrinho fora do cardeal de Senna, como por sapiencia de letras latinas e gregas e hebraicas, como por sua autoridade de annos e de costumes. .... E tambem esta senhora* (Vittoria Colonna) *devia eu á amizade de M. Lactancio.*" É pouco conhecido porque não deixou obras litterarias, mas devia ser muito estimado pelos contemporaneos, porque Ariosto o cita entre os maiores engenhos do seu tempo, e H. Pierio lhe dedicou o livro X dos seus Hieroglyphos. A citação de Miranda prova que o tratou pessoalmente. Gotti, Vita de Michelangelo Buonarroti, Firenze 1875, vol. I p. 244 fixa a sua morte em março de 1548, o que discorda com a data provavel de Miranda (antes de 1537); a ser exacta a primeira, teremos que concluir que Miranda foi mal informado. — Cfr. Grimm, Leben Michelangelos, Hannover 1873, II p. 496, nota 61.

503—504 A passagem prova que já os contemporaneos consideravam Garcilaso muito superior a Boscan, porque não é admissivel a hypothese de que Miranda conhecesse só as obras do primeiro. V. No. 108, 141—45.

505 V. l. 435.

508—509 *Mostrar se ha siempre al dedo El lugar do caiste.* Não sabemos se a prophecia de Miranda se cumpriu, se alguma mão piedosa levantou uma memoria no sitio, em que Garcilaso foi mortalmente ferido, entre Draguignan e Frejus; ou se a casa em que morreu em Niza ainda existe.

518 Sobre o parentesco dos Lasos de la Vega com os Mirandas v. a introducção a esta Egloga.

518—530 Esta ultima estrophe está cheia de allusões quasi indecifraveis, por mais que se combine a pontuação para esclarecél-as. As linhas 521—23 terão talvez a seguinte significação: Que o velho e decaido solar dos Mirandas nas Asturias, junto a Santo André (— a cruz d'este santo passou para o brazão dos Mirandas de Portugal: aspa vermelha entre quatro folhas de lises verdes —), está tão proximo do solar dos Lassos,

que os pastores correm de um para outro, para se abrigar do mau tempo, Ou haverá allusão a alguma ajuda que os Lassos prestariam aos Mirandas?

524 Acima ja dissemos que Elisa não póde acceitar o preito do poeta, e que morreu antes d'elle.

532—533 Um anno depois — 1538 — mandou D. Helena de Zuñiga buscar os restos de seu marido a San Domingos de Niza, e transportou-os, juntamente com os de um filho fallecido entretanto, para San Pedro Martir de Toledo, onde era o jazigo dos senhores de Batres. Estas linhas comprovam mais uma vez a exactidão da nossa data.

116 (p. 381—400). **Egloga VI. Basto.**

Queira o leitor comparar o que dissemos a p. 759; e ver a nota ao No. 103.

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 29 O nosso ms. escreve em logar de *pes, peseis* ou *piseis*. Tal substantivo não existe, nem caberia na medida do verso. O copista escreveria *pes*, reparando só depois que o seu original tinha a velha forma popular *peis*, frequentissima em Gil Vicente; ajuntou *eis*, esquecendo-se de riscar o *es*. — Restitua-se pois *peis*, que rima com *pergunteis*. — 45 *todas*, (e. l. d.: *todas*.). — 65 A primeira metade d'este verso é mal legivel em ambos os textos. — 86 O nosso ms. diz: *emterraa foca*. Haverá uma phrase *enterrar a foca* (*phoca*)? e que significa? — 88 Talvez *Marto*? ou não existe este nome? — 131 *vento* ou *Bento*? — 182 Leia-se: *hajas* (e. l. d.: *haias*). — 189 Verso cumprido. Podia-se emendar: *Não sei que seja ou não seja*. — 203 , depois de *falas*. — 417 sic. — 445 **F** escreve *arvorada*, forma que, segundo Bluteau, s. v. *alvorada*, tambem se acha nas Satyras, Dial. num. 37.

b) Variantes. 78 **F** *e nunca acerta*. — Onde se diz 78, deve lêr-se 88. — 92 **F** *de verde em verde*. — 204 *Das tres* não dá sentido; podia-se emendar *E as tres*. — 235 *de cajado*. — 238 *Faz*. — 266—267 *dobrado, D'ele que contra mim peite*, etc. — 487 *o que hão mester*. — 523 *trapalhado*.

---

355 *lobishomens*. Cfr. Pedroso II 16 e 17, autor que alias, já annunciou um artigo especial sobre o lobishomem na superstição portugueza.

117 (p. 403—414). **Egloga VII. Montano.**

Addenda et Corrigenda. 49 Verso cumprido. Póde-se emendar: *Um tempo vencêrão a mi*, como fez Th. Braga. — 123—124 Talvez seja melhor lêr: *Nem nenhum outro rancor Mais* etc. — 140 Na margem do nosso ms. ha aqui uma cruz. — 175 **F** *viste*. — 222 Leia-se: *ves*; (e. l. d.: *ves*). — 227 Ficámos em duvida se haviamos de escrever como o nosso ms. *adulações*, ou, como as Satyras, que o Snr visconde de Juromenha copiou, *adelações* i. é *a delações*, ou, com o MS. L. Franco *a dilações*.

Queira o leitar comparar pacientemente o que dissemos sobre as Fontes d'esta Egloga a pp. 675 e 731, e recorrer de novo á nota No. 103, para ter presente a nossa opinião sobre a data e sobre a relação d'affini-

dade d'esta Egloga com as outras poesias, que tratam o mesmo assumpto. Relembramos apenas que não é inedita, mas que a primeira impressão (nas Satyras) é absolutamente inaccessivel, e que a segunda (Th. Braga, Antologia No. 143) é insufficiente. .

Não sabemos como explicar a dupla attribuição do copista que depois de escrever á frente: „Egloga de Frco de Ssaa" ajunta a nota: *he de Fdo de Morais.* As provas em favor de Miranda parecem-nos concludentes: a edição das Satyras, o ms. L. Franco e o de F. Denis attribuem-lh'a; o assumpto, a metrificação, a linguagem, as ideias reforçam a attribuição, que podemos justificar ainda pela comparação com os Nos 103, 116 e 164. Fernando de Morais é pessoa totalmente desconhecida.

Este confronto demostra tambem que ella está repleta de allusões a acontecimentos e pessoas da epoca, que não podemos determinar satisfactoriamente. É possivel que Rodrigo (l. 74) que fugiu da côrte antes que Montano, seja Bernardim Ribeiro, ao qual se allude mais claramente nos Nos 103, 116 e 164. É possivel que o velho Bras (186 ss.), que prognostica futuras desgraças e aconselha a fuga, seja João Rodriguez de Sá e Menezes, de quem Machado diz que *„descantou tanto em seu canto Que deu num canto comsigo"* (No. 208, 59), phrase que se elucida pela estrophe 26 d'este No. 117. Podiamos ainda propôr mais soluções.

190 *Eu vejo vir o gram Cão* etc. — O *gram Cão* e os *campos de Hungria* lembram a terrivel catastrophe de Mohacz, na qual Luiz II, ultimo Rei de Hungria e Bohemia (1516—1526), perdeu a coroa e a vida, e que poz os Turcos ás portas de Vienna, 1529. É exacto o que diz Miranda, ter sido a batalha no verão (a 29 de Agosto de 1526). A ser certo que allude ao verão anterior, teriamos de datar a Egloga de 1526 a 27 (no inverno), e n'este caso seria escripta no retiro campestre cerca de Coimbra: o leitor, porém, já sabe que inclinámos a datál-a da Quinta da Tapada. O que é mais que provavel, em todo o caso, é que fosse composta ántes da tomada de Tunis, porque d'outro modo a impressão d'esta victoria sobre os infieis apagaria a lembrança dos desastres de Hungria e Austria. Sobre o gram Cão cfr. Res., Miscell. estr. 10 e 44 e 274. A nação portugueza, que mais do que nenhuma luctou contra o poder da meia lua, seguia com o maior interesse as differentes phases da lucta contra os Turcos. D. João III, o rei cujas armas nunca se movérão contra sangre christão, ajudou, apesar das suas precarias circumstancias, com dinheiro os hungaros, como mais tarde os hespanhoes em Tunis; e, se não fôra a opposição do rei, o Infante D. Luiz teria ido em pessoa á guerra de Hungria.

277—280 Um adagio portuguez diz: *„Costas são que levam, e não panellas que quebram."* Talvez Miranda se lembrasse da conhecida Fabula de Rufo Festo Avieno *„Ollae"* ou do Emblema 165 de Alciato.

298 Sobre os terremotos e as pestes que affligiram Portugal durante a vida de Miranda, já fallámos varias vezes. Cfr. No. 102 e 112.

313—315 Não adivinhamos a que desgraça nacional o poeta allude. Peste de 1521—22? Morte de D. Manoel?

Nos 118—126. A poesia anterior, a Egloga Montano, termina com a palavra „Fim". Logo depois, ainda na mesma pagina e com a mesma lettra e tinta lê-se *Cantigua de felipe daguilar*, e nas rubricas das oito poesias seguintes repete-se o mesmo nome, o que parece indicar que de facto não são de Miranda. N'este caso porque é que o copista as collocou, por assim dizer, em appendice ás Obras d'este? Depois segue apenas o Dialogo em prosa, que é anonymo. Formariam ellas já parte integrante do ultimo ms. enviado ao Principe D. João? Seriam ellas escriptas por Miranda, a pedido e em nome de Felipe de Aguilar? ou mandal-as hia o nosso poeta ao Principe como amostra do talento do autor, e recommendação? Quem o poderá dizer? O mais provavel é porém que o copista tirasse as rubricas de outro ms. mais antigo. Em todo o caso, apesar de não podermos decidir a questão, entendémos dever publicar as poesias, por serem ineditas, e pertencerem ao codice que serviu de base a esta edição; infelizmente estão muitissimo deturpadas.

Consideremos agora o nome do autor. Um Felipe de Aguilar é citado varias vezes nos documentos do seculo XVI, sem menção especial, e sempre na forma hespanhola *Aguilar*, nunca na portugueza *Aguiar*. Isto leva a suppôr que se trata de um castelhano, postoque todas as suas nove poesias, menos uma, sejam em portuguez, não muito elegante, é verdade, nem muito castiço. O nome Felipe de Aguilar acha-se citado do seguinte modo: 1º Entre os fidalgos que vieram para Portugal em 1525 com a Rainha D. Catharina, no seu estado (Annaes p. 233); 2º Nas obras de Andrade Caminha, que lhe dedicou o seu Epigramma CXC, recebendo de Aguilar uma resposta, No. CXCI; 3º Nas obras de Falcão de Resende, que lhe mandou a sua Epistola IV (em Redondilhas, fraca imitação das Cartas de Miranda) *em nome d'um fidalgo* (p. 378), e offereceu ainda a Aguilar uma Oitava e umas Trovas (p. 444 e 464), que foram tambem respondidas; 4º Emfim n'um documento de 1589, em que é citado como mestresala e cavalleiro do conselho de Felipe II (Souza, Provas VI p. 641). — Th. Braga inclue-o no Catalogo geral dos poetas do sec. XVI No. 166 (Hist. de Cam. II p. 589), fundando-se provavelmente só nas poesias das obras de Caminha e Falcão de Resende.

É possivel que todas estas citações se refiram a um só individuo, que seja identico ao citado no ms. de Miranda, o presumptivo autor das alias pouco importantes poesias No. 118—126. O que contribue para tornar mais provavel esta hypothese é o qualificar o ms. F. Denis o autor das ditas poesias como amigo de Jeronymo Cortereal, o qual teve relações intimas com Caminha e Falcão de Resende.

118 (p. 417). 24 Leia-se: *ha ja* (e. l. d.: *haja*).

121 (p. 419). 10 No ms. lê-se: *se fe ha qhe a queson*, lição que não forma sentido algum, e é erro visivel do copista. A emenda que aventuramos *se fe ha* (*que é a questão*) não satisfaz, porque não attende ás exigencias da rima, que demanda que a ultima palavra acabe em *oi*. Talvez deva lêr-se: *que é a que soi* (= solet).

122 (p. 420). 1 Para este verso ficar certo na medida, seria necessario desfazer o diphthongo *eu* de *naceu* em duas syllabas, liberdade de que os poetas d'aquelle tempo nunca usaram. Talvez se deva emendar: *Triste de quem naceu* etc. Compare-se porém a linha 2ª que principia *Triste quem* etc. — 12 Parece que ainda mesmo no codice, que serviu ao nosso copista se não achava escripta a palavra ou palavras que aqui faltam, e que por isso deixou um espaço em branco. — 14 Tambem n'este verso ha erro, porque está curto. Póde-se emendar: *Muito bem se perdeu em um só dia.*

A Dona Maria de Tavora, dama da Rainha (D. Catharina) de que se trata, é provavelmente identica a uma sua homonyma, que morreu joven, solteira, sendo dama de uma rainha, e que foi chorada por Caminha no seu Epitaphio XXI (p. 269) e por Camões no celebre Soneto 84 „*Que levas, Morte?*" — Cfr. Tav. Geneal. Nota 9; Storck II p. 383 e Gröber V p. 129.

123 (p. 420). 9 O ms. diz: *Concede o justo ceo,* o que julgamos deva interpretar-se *Concede, oh justo ceo,* ou emendar-se em *Conceda o justo ceo.* — É claro que *Conceda oh j. c.,* como se imprimiu, é simples Erratum.

124 (p. 421). Soneto muito viciado por erros de copista. — 2 Poderia salvar-se, fazendo monosyllabo o diphthongo *io,* liberdade muito usada pelos quinhentistas. O verso sahiria porém pouco harmonioso. — 3 Evidentemente ha erro, por ficar o verso cumprido. Satisfazer-se-hia tanto ao sentido, como á medida, riscando-se a primeira syllaba *os* e pondo-se um ponto e virgula depois de *preservar.* — 6—7 Ambos são errados por demasiado compridos. No primeiro ficaria salvo sentido e metro, escrevendo-se: *Por amor*; no segundo talvez deva ser elidida a nasal de *fazem.*

125 (p. 422). 8 No ms. vem: *Se te desejei,* ficando o verso curto. Emendámos como vae no texto. — 11 No ms. está *mal em que te pes* (e não *em que te pes,* como se imprimiu por erro de imprensa). É claro que podiamos escrever tanto *em que* (= êmque) como *mal que t. p.* — 14 É impossivel acceitar este verso tal qual está no ms.; não nos atrevemos porém a corrigil-o.

126 (p. 422). 24 Ponto depois de *bueno.*

127 (p. 427—433). **Dialogo em prosa.**

Corrigenda. 169 Leia-se: *alheos* (e. l. d.: *olheos*). — 170 *são* (e. l. d.: *sao*). — 173 , *pelo* (e. l. d.: *pelo,*). — 187 *disse:* (e. l. d.: *disse?*). — 231 *nenhũa* (e. l. d.: *nenhuma*).

Este Dialogo anonymo está claramente separado das poesias de Felipe de Aguilar, que terminam com a rubrica: „Fim", ficando em branco o resto da pagina. Seguem quatro folhas innumeradas, de outro caderno, sobre as quaes está escripto o Dialogo, com a mesma tinta, a mesma lettra, e sobre a mesma qualidade de papel. Póde muito bem ser de Miranda, emquanto á invenção, caracter dos pensamentos, e linguagem;

mas não temos prova positiva d'isso. Recorda um pouco outros Dialogos, de João de Barros (Rhopica pneuma; Viciosa Vergonha; Dialogo com seus filhos). A Disquerição diz na linha 10 que esteve em Hespanha e França, e mais adiante (l. 13) falla de Italia, da côrte do Papa. — Já sabemos que Miranda visitou estes paizes na viagem por terra (do mar não ha lembrança nas suas poesias).

Parte Quarta.

Os motivos que levariam Miranda a não incluir as Poesias d'esta Parte IV na tripartita collecção dedicada ao Principe, pódem ser varios. Ou não estavam ainda escriptas até 1554 (fallec. do Principe); ou não as tinha á mão (obras offerecidas e enviadas a varios amigos); ou não as quiz dar á luz por qualquer motivo particular, como imperfeitos, ou de caracter demasiado intimo. Na maior parte dos casos pudémos atinar com o motivo da exclusão; n'aquelles em que não seja possivel descobril-o, convem examinar com especial attenção a authenticidade das fontes, e não considerar essas poesias a priori como legitima propriedade do autor, e muito menos quando ineditas.

Nos **128—137.** São pequenas poesias no gosto da Eschola Velha, o que não significa que sejam todas da primeira epoca do poeta. O No. 135 p. ex. não é antigo; mas são do primeiro periodo os Nos 128—132, porque pertencem a um texto, que já estava impresso em 1516 (Canc. de Res.), e portanto á mão. O seu valor não é menor do que o das outras poesias d'este genero; pelo contrario, algumas são preciosas e das mais populares de Miranda. A revelação de successos intimos tambem não devia obstar á sua inserção, porque eram historias passadas havia tres a quatro decennios, e já do dominio publico. Não se comprehende pois o motivo porque Miranda excluiu essas memorias de um tempo passado, cheias de gratas saudades, e as poz de parte como *„manadas de engeitados os quaes El Rei não mandou chamar"*. Ou enganar-se-hia Resende na attribuição das poesias? Pertencem acaso a Bernardim Ribeiro ou a Christovam Falcão? É improvavel. O Canc. de Res. contém ao todo 13 poesias attribuidas a Miranda, das quaes oito se acham na Parte I da nossa edição, entrando as restantes cinco n'esta parte IV (Nos 128—132). Este gruppo de cinco decompõe-se em tres, que não se acham em nenhum manuscripto especial, mas pertencem á Miscellanea d'Evora; e em duas, que são da edição **B** e que figuravam portanto n'um dos originaes deixados por Miranda. — Os restantes Vilancetes e Cantigas (Nos 133—137), que não se acham em Resende, são communs á tres mss., menos a ultima que só se acha em dous.

128 (p. 439). O poeta Ferreira, cuja cantiga Miranda glossou, não tem mais poesia alguma no Canc. de Res., e é desconhecido. Não póde

ser Jorge Ferreira de Vasconcellos, porque este costuma ser' citado com todo o nome, ou então só Jorge de Vasconcellos. Nem póde ser o Doutor Antonio Ferreira porque só nasceu em 1528. — Na primeira linha das Variantes leia-se: *foi tirado* (e. l. d.: *foi tirado se*).

131 (p. 443). Traduzido para allemão por W. Hoffmann, Blüthen p. 27. Leu na linha 2ª *Va esperança e va dor* em lugar de *vã*, e traduz portanto: *Unter Fürchten und Verlangen Kommt die Hoffnung, kommt der Schmerz.* — Na linha 3ª leia-se: *esperança* (e. l. d.: *esperanca*).

132 (p. 443). Traduzido para allemão pelo mesmo Hoffmann, Blüthen p. 26. O mytho da serpente, que cerra os ouvidos á voz do encantador, é frequentissimo nos poetas portuguezes, p. ex. em Camões e Barros. Em Miranda volta ainda uma vez em o No. 168 estr. 7. — 6—9 Cfr. No. 168 estr. 9.

134 (p. 445). O cantar velho „*Di me tú, señora, di*" é citado por Gil Vicente II p. 27 como um dos mais populares em Portugal. A poesia inteira, de que Miranda tirou o seu mote, acha-se apparentemente no Cancionero de Juan Alvarez Gato (ms.) a fl. 66 v. Tem a rubrica: *Un cantar que dizen „Dime señora di", endereçado a Nuestra Señora.* A lição do mote varia levemente; e diz:

Dime, señora, di
Quando parta de esta tierra,
Si te acordarás de mi?

(Amad. de los Rios VI p. 564).

135 (p. 446). 16 Virgula depois de *alta.* — 19 Ponto e virgula depois de *pasmada.* — Pero ou Pedro de Andrade Caminha, poeta muito elogiado por Ferreira, Bernardes, Falcão de Resende, e tambem pelo nosso Sâ de Miranda, é porém bastante inferior aos outros predecessores de Camões. Não se sabe quando nasceu: devia ser antes de 1520, porque em 1541 (até 1577) já occupava o cargo de Camareiro môr do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte. Morreu em 1589. As suas Obras, escriptas quasi todas em louvor d'este principe, seu Mecenas, e de uma certa Filis, mas que ainda contêm uma serie de composições importantes para a historia do Cinquecento, ficaram ineditas até 1791. N'ellas falta o Vilancete, ao qual Miranda fez as voltas em questão, e que foi chamado „*Receo de louvor*", e dirigido á senhora D. Margarida da Silveira; como faltam ainda outras poesias do autor. Não sabemos quem fosse a dama tão festejada, e a influencia que exerceu sobre a vida de Caminha. A sua Ode XI e o Epithalamio II dão-n'o como amigo de um Vasco da Silveira (Obras p. 216—243); os Epitaphios X—XII como amigo de um Antonio de Silveira. Souza XI 750 cita uma D. Margarida da Silveira, mulher de Tristão da Cunha. Quanto ás relações de Caminha com Miranda, temos a repetir o que já dissemos dos outros contemporaneos: que o nosso poeta lhe serviu de modelo, *duca, signore* e *maestro.* Como prova apontaremos o seu primeiro ensaio no genero bucolico, mandado a Miranda com um Soneto de dedicatoria (No. 201), no qual pede ao poeta do

Neiva encarecidamente que o corrija. Mencionaremos ainda a Dedicação de duas Odes (v. Nos 203 e 204); a consagração do seu Epitaphio (No. 205); a imitação evidente da sua Epistola XXII e das suas Elegias e Eglogas. O nosso poeta respondeu á primeira Egloga com o Soneto No. 140, e allude sympathicamente a Caminha na Carta a Jorge de Montemayor, No. 146, 100—105. O vilancete data provavelmente de uma epoca anterior ás relações de amizade, determinadas pela adhesão de Caminha á Eschola Nova, entre 1536 e 1540. Nada sabemos porém sobre o motivo, a epoca e o logar em que foi escripto.

136 (p. 447). Geibel trasladou para allemão estas deliciosas Endechas (No. XXII dos Volkslieder und Romanzen) e exalta a profunda saudade que n'ellas se revela (p. 188 do vol. cit.). A variante, publicada a p. 733, pelo ms. **J**, ainda nos parece superior ás versões conhecidas até hoje. Não podemos adivinhar quem fossem os „muitos outros poetas" que glossaram o cantar velho. Duran (Canc. p. 66) e Böhl (Floresta No. 263) tambem engraçaram com esta poesia.

137 (p. 448). Vide retro p. 734.

140 (p. 449). Sobre Pero d'Andrade Caminha v. No. 135. O Soneto, a que este responde, é o No. 201 (e não 189). Silvia é figura que não apparece nas obras conhecidas de Caminha, mas sim nas de Bernardes, p. ex. na Carta XIV do Lima.

141 e **142** (p. 450—451). Parecem dirigidas a sua mulher D. Briolanja d'Azevedo, filha de Francisco Machado, Senhor da Lousã, de Crasto, da Rega e das terras d'Entre-Homem-e-Cavado, e de D. Joanna d'Azevedo; irmã de Manoel de Machado, que já conhecemos (No. 76). É descripta pelo biographo de 1614 como uma matrona pouco fermosa, mas de ricos dotes d'alma, termos repetidos ainda um seculo depois, pelo seu proprio descendente, o Marquez de Montebello. O primeiro conta: „*quando* [Miranda] *a pediu a seus irmãos ... não quiseram elles differirlhe ao casamento, sem que primeiro visse bem a noiva, e sendo lhe mostrada pollos irmãos, disse para ella: 'Castigaime, senhora, com esse bordão, porque vim tam tarde'.*" O segundo diz: „*Quiso este cavallero tomar estado, y por no errar el modo de pedir a Manoel Machado su hermana D. Briolanja de Azevedo, intentó que el rey Don Juan el Tercero, de quien era bien visto, le hablasse en ello; hizolo su Alteza, y tuvo luego efecto, y sin embargo de su edad mucha, poca hermosura, y la dote menos (que de todo le desengañó, como amigo, Manoel Machado), era tan entendida D. Br. que mereció que este insigne varon la quisiesse con tanto excesso, que murió de pena de haversele muerto*" (Vida de Ml. Machado p. 84). Ambos exaltam porém a sua bondade, prudencia e descrição, e pintam com vivas côres a dôr do marido pela sua perda. Th. Braga, Quinh. p. 116 considera a historia da velhice e fealdade de D. Briolanja uma lenda, cuja tradição se formou sobre a errada comprehensão do dito do poeta, offerecendo uma explicação que acceitamos. Miranda desculpar-se-hia com aquella phrase graciosa da sua propria idade (41 annos) e das

suas precoces cãs, ás quaes allude varias vezes nas suas poesias. É antes provavel que Miranda se chamasse a si proprio vergado ao peso da edade e encostado a um bastão. O que se deve suppòr é que D. Briolanja não seria uma menina, e que Miranda escolheria uma mulher em harmonia com a sua idade e o seu caracter. — Cfr. No. 105, 208—225.

142 (p. 451). 1 Braga (Ant. No. 151) emenda *é só signal* por *é o sinal.* — 9 Leia-se: *olhos,* (e. l. d.: *olhos.*).

O Soneto acha-se tambem no vol. II dos Ineditos de Lourenço Caminha, i. é na Collecção das Obras de Estevam Rodrigues de Castro a p. 172 (Son. XXVI), onde é, com razão, attribuido a Miranda. O texto offerece algumas variantes: 1 *Este retrato somente he sinal.* — 3 *que he um tanto claro.* — 4 *Não o pode soffrer vista mortal.* — 6 *Ou viu.* — 7 *Ao longe em noite escura* etc. — 12 *Inda com tudo não sei se podera.* — 13 *a nenhũa ora.*

143 (p. 451). 9 Leia-se: *nossa* (e. l. d.: *nosso*).

Este Soneto foi composto, sem duvida, depois da morte de D. Briolanja. A rubrica da ed. **B** o declara, e o antigo biographo o confirma. Diz: „*Morreolhe sua molher o anno de* 1555, *com o que elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios, tanto que vivendo ainda tres annos despois della, nam se acha que composesse mais que hum Soneto que fez á sua morte, que começa: Aquelle spirito ja tam bem pagado, e affirmão pessoas que o conheceram que nunca mais sahio de sua* (*hũa*) *casa, senam pera ouvir os officios Divinos, nem apparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escrevesse, até que acabou de todo.*" E tambem: „*O marido a amava de maneira que faltandolhe ella, faltou elle brevemente entre estremos de sentimento, senam dignos do animo de hum tam grande philosopho, devidos pollo menos á estimaçam que com seu profundo juizo fez daquella perda.*"

144 (p. 452). A Carta de Diogo Bernardes, a que Miranda responde com este Soneto, acha-se sob o numero 195 (e não 183). Queira o leitor examinal-a antes de lêr esta nota. — Não podemos sequer esboçar aqui a biographia do doce cantor do Lima, porque tanto para os factos caracteristicos da sua vida, como para a sua physiognomia litteraria ha ainda muito pouco material, e esse pouco não inspira confiança. Alem d'isso não podemos refutar aqui todos os pontos errados e problematicos do seu moderno e melhor biographo Th. Braga, Quinh. p. 244—310, o que exigiria consideravel espaço. Trataremos só das suas relações com Miranda. Desde já porém diremos que o consideramos um dos maiores poetas portuguezes do seculo XVI, e que regeitamos a fabula dos plagiatos e roubos feitos por elle a Camões.

O velho autor da biographia de 1614 cita Diogo Bernardes como um dos seus informadores, que trataram Miranda pessoalmente. Diz p. ex.: „*Contava D. B. (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o hia a ver, vivendo em Ponte de Lima, patria sua, lhe mandava tanger o filho em diversos instrumentos e o reprendia algũa vez de algum descuido.*"

Ambos tiveram por tanto relações bastante intimas, que os restos da sua correspondencia poetica illustram sufficientemente. A primeira poesia, em que Bernardes se confessa discipulo de Miranda, isto é partidario da Eschola Nova, foi escripta depois da morte do joven Gonçalo e de D. Briolanja, quando Sâ vivia solitario e viuvo com seu filho Jeronymo na Quinta da Tapada (No. 195, 100), e depois de haver dito a Bernardes que a edade lhe roubava *„força e gosto"*. O principio da amizade data pois, quando muito, de 1555, e durou só mais tres annos, até a morte do nosso poeta. A primeira Carta de Bernardes foi já resposta a algum passo dado por Miranda. Os factos parecem-nos ser os seguintes: Algum amigo commum e antigo — D. Manoel de Portugal, Francisco de Sâ e Menezes, ou talvez Caminha — gabára ao mestre as qualidades do joven „Limiano"; o grande poeta convidou-o então a mandar-lhe alguma prova do seu engenho, lastimando-se de não o haver conhecido ha mais tempo (No. 195 ls 25, 101 e 110). Abertas assim as relações, escreve Bernardes a sua primeira carta em hendecasyllabos (porque trata-se só de uma carta, e não de uma copia inteira das suas Flores do Lima, como pretende Th. Braga, Floresta p. XXI), que sahe a contento do autor e é mandada como mensagem de boas festas á Quinta da Tapada (1556). O mestre agradece logo a bella poesia com um Soneto (No. 144), em que o trata com consideração. D'ahi datam relações pessoaes, visitas á Quinta da Tapada, convivencia intima, conselhos litterarios, emfim verdadeira amizade. Em 1558 Bernardes commemora a morte do mestre (v. No. 194), e mais tarde aproveita sempre todo e qualquer ensejo para o glorificar (v. Egl. V e IX, Cartas XXI, XII e VII). Calculamos que Bernardes teria, no começo das relações, ao menos vinte annos, porque conta que ja *ha muito* (195, 22) deseja conhecer o mestre, que ha muito que se occupa de poesia, seguindo as pisadas de Miranda; e que gastou a melhor parte da sua juventude em emprezas amorosas *„la onde o Tejo perde o sabor das aguas com que parte"*, isto é em Lisboa; e que só depois de ter voltado ás *letheas aguas do patrio Lima* (Ponte de Lima) recuperou a sua liberdade e achou força e genio para novas creações.

8 Miranda enumera, além de Thalia, a graciosa musa dos idyllios, Clio, a musa da historia, e Calliope, a do canto epico, em resposta ás linhas 58—66 da Carta de Bernardes, em que este manifesta o desejo de conquistar maior fama, celebrando os feitos heroicos dos portuguezes n'uma epopeia (v. retro No. 112, 41).

As linhas 9 e 10 são resposta ás 46 e 47 do No. 195.

145 (p. 453). **Epistola a Antonio Pereira.** Das seis fontes, que conservam a Egloga Alejo (No. 102), apenas duas contêm esta Epistola Dedicatoria. O ms., enviado ao Principe, não a tem, provavelmente porque só foi composta depois de Abril de 1553, e ajuntada a uma nova redacção da Egloga (**B** ou **J**). Por isso diz Miranda, referindo-se á poesia que compozera, havia mais de trinta annos:

„Estas nuestras Zampoñas, las primeras
Que por aqui cantaran bien o mal."

A composição foi dedicada em nova redacção a Antonio Pereira, e representada em sua casa, no solar de Basto, ou no Porto (onde parece ter estado n'essa occasião) [v. 147, 113], para festejar a chegada do filho mais velho (linhas 7 e 13). Julgamos haver averiguado em que anno isto teve logar, e de que empreza regressava o joven heroe. O filho mais velho de Antonio Pereira, chamado João Rodriguez, depois Senhor de Cabeceiras de Basto etc., serviu, segundo Souza XII 413, em Ceuta, sendo Capitão Dom Pedro de Menezes. Com elle se achou quando o matáram no monte da Condessa (Souza V 264), succedendo-lhe no posto de Capitão de aquella praça. Assistiu portanto á desgraça de 18 de Abril de 1553 em que succumbiram, por traição do Alcaide mouro de Tetuão, trezentos fidalgos portuguezes, entre os quaes devemos citar o capitão D. Pedro de Menezes, e o filho do nosso poeta, Gonçalo Mendes de Sâ, e D. Antonio de Noronha, o illustre amigo de Camões, e Paulo da Silva e André Rodriguez de Beja, todos os tres amigos do Principe D. João e mantenedores do celebre torneio de Xabregas (v. J. Ferr. de Vasc., Memorial p. 359). Do desafio de Ceuta, em que 3000 mouros se lançaram perfidamente sobre 300 portuguezes, poucos sahiram com vida: *„i en la faldriquera de uno dellos se salvó el guion real"* (FS. I p. 34). Este afortunado cavalleiro foi João Rodriguez Pereira — *que em sangue aberta traz a cruz branca por armas* (147, 112; cfr. 108, 320), e que de certo por este feito e pela sua bravura proverbial succedeu no posto de Capitão de Ceuta: *Tan grande Capitan en tiernos años!* Ha uma allusão a este *„caso espantoso"* este *„milagre que em sinais claros reluz"* nas linhas 17—24 e em o No. 147, 112. Foi para festejar este *„formoso agouro"* e a volta a Portugal que Miranda escreveu as breves linhas d'esta Dedicatoria, vencendo por um momento a dòr que lhe opprimia o coração pela morte do filho. O poeta convida Antonio Pereira a abafar as magoas que o opprimem, e a dar graças ao ceo pela salvação de seu herdeiro.

15—16 Estas duas linhas devem ficar em parenthese, porque, como já provámos, a estrophe seguinte refere-se ao filho primogenito, isto é ás linhas anteriores, 13 e 14. — O segundo filho de Antonio Pereira, Gonçalo, chamado Marramaque, na relação da Aurea Chersoneso (Lisboa 1807 p. 136) como seu pae, passou á India, foi Capitão de Ormuz e morreu sem estado. Miranda deve pois alludir a uma victoria menor, alcançada sobre os Turcos, no mar Indico, pouco antes de 1553, e não á de Tunis, succedida vinte annos antes, como pretende Th. Braga, Quinh. p. 98, interpretando livremente uma passagem de Ticknor III p. 245 (II 177 da ed. allemã). É absolutamente impossivel que qualquer dos filhos assistisse á tomada de Tunis (1535), epoca em que o mais velho devia ser recemnascido, por isso que em 1553 ainda era „em tenros annos". É facto que dois Pereiras estiveram n'essa empreza d'Africa — *sem licença* — mas foram D. Leonis e D. João, ambos filhos do conde da Feira (Annaes p. 388). O que Th. Braga (Quinh. p. 98) diz sobre o facto „revelado por Ticknor" (commemoração da jornada de Tunis), prova que passou em claro a Epistola Dedicatoria, com quanto ella se ache na ed. **B**, e em

todas as suas reimpressões (1632, 1677, 1784), de que se serve a cada passo.

25 Souza não dá noticia de um terceiro filho de Antonio Pereira, que falleceu talvez na juventude.

35—36 Leia-se: *dize: „estos son mios", I luego el primer trueno que arrebiente!*

146 (p. 454—461). **Carta VII a Jorge de Montemayor.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 53 Leia-se: *silla,* (e. l. d.: *silla*). — 84 *sé,* (e. l. d.: *sé*). — 91 *nos* (e. l. d.: *hos*). — 131 Assim se acha na ed. **A**; é porém evidente haver erro, por ficar o verso cumprido. Deve-se lêr, com **B**: *Quanto nace, amenaza.* — 148 Talvez fizessemos mal em riscar *las*; é possivel que para Miranda *vihuelas* fosse dissyllabo. — 177 Tambem está errado; por ter uma syllaba de mais. Deve-se introduzir a lição de **BF**.

b) Variantes. 61 **A** escreve: *Reinaldo, Dino,* como se *dino* fosse um nome proprio.

A Carta a que Miranda responde, acha-se sob o No. 200 (e não 188). — Sobre Jorge de Montemôr ou Montemayor vide Barb. Mach. II 809; Nic. Ant., Bibl. Hisp. Nov. I 539; Joaquim de Vasconcellos, Os Musicos Portuguezes I p. 275; Baltasar Saldoni, Diccionario biogr. bibl. de Efemerides de Musicos Españoles, Madrid 1880, II p. 129.

Jorge de Montemôr nasceu decerto muito antes de 1520, porque em 1542 já tinha sido impressa a sua obra prima, a „Diana enamorada", em que idealiza successos da sua vida. Saldoni, seguindo o Calendario musical para 1860 por Roberto, i. é Soriano Fuertes (Barcelona), fixa o dia de seu nascimento a 19 de Março de 1523 (?). — Era de Montemôr o Velho, nas margens do Mondego, e é provavel que o nome de Montemôr lhe viesse d'esta sua terra natal e que o seu verdadeiro nome de familia cahisse em olvido. Ahi e em Formoselha passa a sua primeira juventude, sem verdadeira educação classica, occupado só com a musica e poesia. Sahiu cedo da patria, onde já o prendiam laços de amor, só *para buscar vida,* e *aunque no quiso,* o que parece dizer, obrigado pela necessidade. Diz-se que se alistou nos terços hespanhoes que então militavam nos Paizes-Baixos (v. Obras, ed. 1588, a fl. 56v *Soneto partiendo-se para la guerra,* e a fl. 57 *Soneto yendose el Autor a Flandes*); porém a sua autobiographia, inserta na Carta a Miranda (200, 61), não o declara; conta só que trocou o patrio ninho pela grande Hesperia, onde o Deus Cupido o sujeitou a novos tormentos. A tradição refere que uma formosa dama de Valencia de D. Juan em Leon, celebrada no seu romance sob o nome de Diana, lhe foi roubada durante sua ausencia, por imposição paterna, e dada a outro pretendente (v. Lope de Vega, Dorotea). O seu talento musical, unico favor que a Providencia lhe concedera, ajudou-o a viver, como musico da capella real de Carlos V e Felipe II, posição de que avançou em 1552, com uma mezada de 40 mil reis, para o posto de

aposentador da princeza D. Joanna, com a qual voltou para Portugal (Souza, Provas III p. 75 *Memoria das pessoas que vieram com a Princeza D. Joanna*). Esta Princeza, muito affeiçoada á arte, e que depois fundou a capella de musica no „*Monasterio de las descalsas franciscanas de Madrid*", protegeu-o especialmente (200, 112—20), mas o poeta, atormentado por saudades de longinquos amores, soffreou mal a sua impaciencia, até que a morte do Principe D. João lhe restituiu a liberdade, permittindo-lhe de voltar com a Princeza para Hespanha. Seguiu depois com Felipe II para Inglaterra (1555), Paizes-Baixos e Italia, morrendo em Turim (1561), em duello, segundo diz a tradição: em todo o caso a morte fôra „*arrebatada y pressurosa* (Eleg. de Frco Marcos). Antes de sahir de Portugal dedicou a 1a edição das suas Obras „*a los muy altos y muy poderosos señores don Juan y doña Juana, principes de Portogal*" (Anvers, Steelsio 1554; Salvá No. 295), a qual sahiu comtudo posterior ao fallecimento do Principe. Dedicou-lhes ainda uma Carta (ed. 1588, fl. 43v) e dous Epitaphios (ibid. a fl. 87v e 106). A sua gloria funda-se principalmente na sua Diana, o primeiro e genuino romance pastoril moderno (v. Dunlop-Liebrecht). O seu Cancioneiro compõe-se de poesias hespanholas e portuguezas, escriptas em grande parte em Redondilhas, sem que por isso o autor se declarasse contra a Eschola Nova e os metros italianos, que cultivou tambem. Não se póde dizer discipulo de Miranda, porque em 1552 (regresso a Portugal, e epoca, de que data a sua unica carta de homenagem a Miranda) já tinha alcançado uma reputação quasi europea com a Diana. O poeta responde com grandes louvores e n'um tom que só se emprega de egual para egual.

12 *Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus* Horat. Ars poet. 139. O proverbio original grego acha-se em Atheneo 146, e diz: *ὤδινεν ὄρος, Ζεὺς δ' ἐφοβεῖτο τὸ δ' ἔτεκεν μῦν.* — V. Phædrus, Fab. 4, 22.

35 *Marfida* e 70 *Marfisa*. Ambas as formas são usuaes, e mais outra, *Marfira* (empregada por exemplo por Diego Hurtado de Mendoza). Suppõe-se que debaixo d'este anagramma de *fis amar*, ou *fidamar*, se esconde o nome Margarida.

38 *El mi Diego*. Cfr. Fabula do Mondego No. 111.

42 *nido suio i mio*: Coimbra, ou antes a planicie do Mondego, o campo de Hercules, que envolve Montemôr, Coimbra, Buarcos e Formoselha, logares em que Miranda e Jorge de Montemôr passaram a sua mocidade. Nicolas Antonio (Bibl. Nov. I 539) engana-se dizendo que Miranda era oriundo de Montemôr.

43 *Sereno*, allusão ao nome pastoril com que Jorge de Montemôr se retrata na sua Diana.

46 O sancto abbade dom João é um famoso vulto legendario do seculo IX. Quando Abd-er-Rahman, califa de Cordova, sitiava em 843 a villa de Montemôr-o-Velho, com um poderoso exercito, o abbade do mosteiro de Lorvão, tio de D. Ramiro I de Leão, defendeu heroicamente o castello, cujo governador era. Mas vendo ser impossivel resistir por mais tempo, mandou aos habitantes da villa que degolassem mulheres,

crianças e velhos, para os subtrahir á fome e á escravidão. Depois d'este cruel sacrificio lançaram-se desesperadamente aos mouros, que foram desbaratados. Conta a lenda que, quando entraram de novo na villa, acharam resuscitados todos os que haviam degollado; e em commemoração d'este milagre celebra-se em Montemôr todos os annos a festa de Nossa Senhora da Victoria, alias *festa do abbade D. João*. — Miranda lisongeia o poeta, alludindo á maior gloria que adveio á villa pelo nascimento de Jorge Lusitano.

49 D. Fernando I o Magno, de Leão e Castella, tomou Montemôr no anno de 1040 depois da conquista de Coimbra, mandando arrazar o castello até aos fundamentos, para que os mouros nunca mais se podessem senhorear d'elle.

52—72 *Marsilio* (chamado *Marsirio* na Chronica fabulosa de Carlos-magno e seus paladinos, que se attribue falsamente ao Arcebispo Turpim, mas que Miranda decerto não conheceu, porque foi impressa só em 1566) é um rei mouro, legendario, de Hespanha, que reinou com seu irmão Beligandus na região do Ebro (Zaragoza) e succumbiu em Roncesvalles, ás mãos de Rolando.

Roldan-Orlando, Reinaldo-Rinaldo, Rogel-Ruggiero, Astolfo, Horrilo, Grifon e Aquilante são os heroes do „*Orlando furioso*" de Ariosto, e em parte tambem os protagonistas do seu antecessor Mattheo Maria Bojardo (1430—81), autor do „*Orlando innamorato*". Marfisa e Bradamante são as heroinas de ambos os poetas.

Miranda faz aqui alguns saltos mortaes, para pôr em relação a villa de Montemôr com a Marfida do poeta. Da villa Montemôr, reconquistada aos Sarracenos, salta a Marsilio, rei dos Sarracenos, e d'este ás figuras de Ariosto e Bojardo, fazendo sobresahir a de *Marfida*.

76—81 V. retro No. 106, 23 e 111, 43. Th. Braga, Quinh. 6 e 7 vê n'estes versos uma prova de que Miranda passou os primeiros annos da meninice em Buarcos, villa onde vivia seu avô paterno, e que está perto de Montemôr e Formoselha.

87 A ordem em que Miranda cita as tres poesias pastoris de Andres (No. 113), Diego (No. 111) e Alejo (No. 102), nada significa para a chronologia, porque foi determinada pelas exigencias do metro e da rima.

100—103 Sobre Andrade Caminha vide retro No. 135.

116 *Monte Menalio* (Meinãlos), montanha da Arcadia, sitio favorito do deus Pan, e por isso citado nos Idyllios de Theokrito e de Vergilio.

169—173 Miranda allude á immortalidade que Dante deu á sua *Beatrice* (Portinari), Petrarca á sua Laura, Boccaccio á sua Fiammetta, Cino da Pistoja á sua Selvaggia, para persuadir Jorge de Montemôr a ficar em Portugal, como quem diz: „console-se a tua Marfida com a immortalidade que tu lhe darás". Cino da Pistoja 1270—1336, celebre jurisconsulto, mestre de Bartolo, citado como grande legista a cada momento pelos autores portuguezes, é ao mesmo tempo o percursor mais notavel, mavioso, e elegante de Petrarca, e amigo de Dante 1265—1321. Selvaggia é a sua namorada.

147 (p. 461—465). **Elegia II a Antonio Ferreira.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 26 Leia-se: *todos, Boscão, Lasso* (e. l. d.: *todos Boscão, Lasso,*). — 34 **B** escreve: *de pressa,* lição errada, como se conhece pela rima. — 76—78 Não comprehendemos.

b) Variantes. 4 **B** *era empresa.*

A Carta, a que Miranda responde, é o No. 197 (e não 185). O doutor Antonio Ferreira, sobre o qual temos uma biographia muito apreciavel de Julio de Castilho (Livraria Classica voll. XI—XIII), e outra posterior de Th. Braga, Quinh. p. 180—214, não tratou pessoalmente Miranda, como elle mesmo o confessa (No. 199, 111—116), mas só por escripto, e ainda assim por pouco tempo. Ferreira, que voluntariamente se declara seu discipulo, dedicou-lhe duas Elegias ou Cartas (Nos 197 e 198) em sua vida, e depois da sua morte mais uma Egloga (No. 199). Miranda respondeu só á primeira Carta, na qual Ferreira tentára consolar o venerando mestre da perda do seu primogenito, que tam jovem morreu (16 annos)! Dias depois da sua chegada a Ceuta (18 de Abril de 1553; cfr. No. 145), cahiu morto ás lançadas dos mouros, ao lado de seu capitão, com mais trezentos cavalleiros, a flor da nobreza de Portugal „*que em Africa começavam dar fruyto temporão de sua natureza, morrendo a lançadas de imigos da fe, vendendo com muyto esforço as vidas, a preço de sangue pagão, e cumprindo com a obrigação de seus avós e as leis de sua animosa openião, com maior ousadia do que suas tenras idades requeriam*“, como diz um seu contemporaneo. Ferreira não conseguiu consolar de todo o poeta, que pressentia novas desgraças, a morte da esposa, que ficára inconsolavel, e talvez o proximo fim do seu joven Mecenas (v. ls. 32 e 33 e 198, 10—12), mas acalmou por momentos a sua dòr, e despertou mais uma vez os ecchos da sua musa. Miranda travou d'este modo relações com um partidario incondicional da Eschola Nova, que desde os 25 annos (1528—1569) se conservou sempre fiel á bandeira levantada pelo cantor do Neiva, defendendo com egual entusiasmo os primores da lingua materna e as bellezas do novo genero italiano. Era natural pois que Miranda o saudasse com viva sympathia, e esquecesse por momentos os ultimos tristes successos. Communica as suas impressões ao novo adepto, com franqueza e cordialidade desusada (10—30), declarando quanto mais estima um Soneto, uma Canção, uma Elegia do que

„*Um vilancete brando, ou seja um chiste,*
Letras ás invenções, motes ás damas,
Ũa pregunta escura, esparsa triste“,

dando de barato todo o peculio poetico dos bons tempos antigos. A dòr, mal reprimida, reapparece porém, e bem de pressa o desvia das placidas reflexões litterarias para as recordações funebres. A esta resposta do mestre corresponde Ferreira, que por acaso se achava perto, na cidade (talvez no Porto, como hospede dos Sá de Menezes, v. Castilho p. 57 ss.), com uma nova carta (No. 198); mas sobrevem logo os desastres que Miranda pressentira, e o poeta emmudece, pouco a pouco, perante a morte de

sua mulher, do Principe D. João, do Infante D. Luiz e de D. João III. As suas ultimas composições são uma Elegia á morte do Principe, um Soneto dedicado a sua mulher, e duas poesias a Diogo Bernardes, que tanto lhe era affeiçoado, e com isto dá por terminado o seu lavor poetico, como bem diz o biographo (v. retro). O que é certo é não ter respondido á segunda carta de Ferreira, nem á communicação de Falcão de Resende (No. 206). É natural pois o silencio do doutor Ferreira até a morte de Miranda, 15 de março de 1558, que provoca uma nova expansão, o No. 199.

1—6 O modo como entendemos esta phrase mal construida é o seguinte: „O fim principal com que me escreveste a tua branda Elegia, era desfazer a densa nevoa que me cobria o espirito; mas a ferida, que agora sangra, necessita de mais tempo e de mais longa cura, que só o tempo traz." — Parece-nos pouco provavel a interpretação de Th. Braga, Quinh. p. 16, que entende a allusão de outro modo: *a nevoa grossa que vai fugindo, significaria os partidarios dos vilancetes* etc. — Só na linha 8 é que começa o elogio dos serviços prestados por Ferreira á Eschola nova.

64 Rodrigo Manrique, Conde de Paredes (1416—1476) foi deplorado por seu filho, o celebre Jorge Manrique, em 1479 naquellas *„trovas muy elegantes en que hay virtudes poeticas y ricos esmaltes de ingenio y sentencias graves"*, conhecidas pelo seu primeiro verso *„Recuerde el alma adormida"*, e ás quaes já nos referímos no No. 1.

72 *A quem como foi pai, fora parceiro!* É assim que D. Frco de Port., Pris. p. 25 cita esta linha. E diz: *„mostra os poderes da predestinação hum espirito que, desprezando mimos de minino, busca pello caminho estreito e aspero* (cfr. l. 40) *a virtude a quem como etc."*

80 *Vim, vi, venci* = *veni, vidi, vici,* phrase com que Julio Cesar annunciou em Roma a sua victoria sobre o rei Pharnaces na Asia (Plut., Caes. p. 37).

97 *A sepultura que os olhos engana, é levissima perda.* Um exemplar da edição **A**, de que nos servimos, tem aqui a seguinte nota marginal: *„Facilis jactura sepulchri, parece me ser de* ouvido." Será Ovidio? Em todo o caso é erro, porque a citação é de Verg., Aen. II 646.

101 Sobre Abila e Calpe, Ceuta e Gibraltar, as columnas de Hercules, ou columnas de Briareu, vide retro No. 111, 33.

112 Miranda glorifica as victimas do heroico combate de Ceuta, e allude ao unico cavalleiro (portuense, *da cidade*) que escapou. Cfr. No. 145, 17—24.

148 (p. 465—469). **Elegia III. A' morte do Principe dom João.**

Addenda et Corrigenda. Texto. 14 Leia-se: *prima?* (e. l. d.: *prima,*). — 65 *Não se pode vencer; posto na cruz,* (e. l. d.: *Não se pode vencer, posto na cruz.*). — 78 **B** escreve: *uadas.* Erro que se deve emendar em *nadas,* e não em *vados,* como nós fizemos por engano. —

81 Leia-se: *sô chorar* (e. l. d.: *o chorar*). — 120 Risque-se o parenthese, que se ha de pôr só depois da linha 123 *vira.* — 149 *augusto,* (e. l. d.: *augusto.*).

Veja-se o que dissemos sobre o Principe dom João na Explicação previa a estas Notas (p. 739). Miranda, seguindo o exemplo dos contemporaneos, não escreveu esta Elegia immediatamente depois da morte do Principe, occorrida em dous de Janeiro, porque a todo o instante se esperava o nascimento de seu filho (calculado para o dia 10), que vinha minorar a perda soffrida. Faria e Sousa não tem pois motivo para zombar das tardias lagrimas do poeta (Comm. IV p. 118). A joven princeza só depois do parto é que teve noticia da morte de seu marido: toda a côrte encobriu a perda.

53—54 *Contra um corpo tam tenro e tenros annos Inda pediste ajuda ao cego Amor.* Th. Braga, Quinh. p. 129 pretende que os chronistas occultaram a causa da morte do Principe, o que não é exacto, porque Francisco d'Andrada a declara francamente. V. Chron. Pe IV cap. CVIII: „*adoeceu de huma infirmidade que os medicos disserão que se chamava hebetica passio*" etc.

56—57 Miranda allude ao brilhante e romantico Torneio de Xabregas (5 de agosto de 1552), que teve em Ceuta um triste epilogo, ou „*damnada determinação*" para usarmos da expressão de Jorge Ferreira de Vasconcellos (Tav. red. cap. 48) o qual lastima a „*temerosa conjuração das estrelas contra Portugal.*"

58—59 As outras festas que se seguirão (em Dez. de 1552) são as do esplendido recebimento da Princeza D. Joanna, e logo depois as do casamento (v. J. Ferr. de Vasc. l. c.).

62—63 Trata-se do sacrilegio commettido em Lisboa, pelo Inglez Robert Gardner com a hostia, na capella real, em presença de toda a côrte, e que provocou a Pastoral de 12 de Dez. do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos. Cfr. Francisco de Hollanda, Da fabrica etc. f. 29: „*ali onde foi do ereje tão mal tratado, na Sala d'El Rei vosso avô* (D. João III) *em o tempo das festas do casamento dos muito serenissimos principes D. João e D. Joanna, vossos gloriosos pai e mai*", e mais adiante: „*e pois o Santissimo Sacramento foi tão mal tratado de um torpe e abominavel ereje na Sala d'El Rei vosso avô*" etc. Veja-se tambem Vasconcellos, Anaceph. I p. 470 e Souza XII p. 130: „*Succedeo o execrando sacrilegio que commetteo na Capella real um estrangeiro, chamado Robert Gardner, Inglez, natural de Bristol ... lançando atrevido as mãos á SS. Hostia e Caliz do Altar e as poz violentas no Sacerdote que as tinha consagrado.*" A profunda impressão que este attentado causou, revela-se na tradição que diz não ter El Rei largado o lucto, que então tomou, todo o resto da sua vida. Hollanda escrevia a D. Sebastião que o unico modo de conciliar a ira da divinidade seria a construcção d'uma capella sumptuosa no proprio logar do desacato, „em louvor do Santissimo Sacramento" (Fabr. cap. XI). — É inacceitavel o que Th. Braga

diz a respeito das linhas que interpretamos, trazendo a campo Henrique VIII de Inglaterra, e o Infante D. Fernando (v. No. 113). Cfr. Quinh. p. 78 e 79; Manual p. 270. As questões de Henrique VIII com a curia (1533) são anteriores de vinte annos ás bodas dos Principes (1552). A data que Th. Braga fixa para a retirada de Miranda, realizada por causa das heresias del Rei de Inglaterra (1534), não tem pois o menor fundamento (v. Hist. de Cam. I 47; II 76; Quinh. p. 221).

85 *aquele espelho* = D. Sebastião; 87 *aquele honrado velho* = D. João III; 88 *a alta rainha* = D. Catharina.

91—99 *Um santo natural nosso.* O autor refere-se a S. Gonçalo, oriundo de Arriconha, que morreu a 10 de Janeiro de 1259 (ou 1262) na proxima villa de Amarante, concluindo uma carreira gloriosa, ainda depois illustrada por numerosos milagres. A fonte de S. Gonçalo, que corre detraz do convento de S. Domingos, cuja fundação se lhe attribue, curou ainda em tempos de Miranda mudos, loucos, e paralyticos, e conservou até hoje o nome do thaumaturgo. O dito de Miranda indica que o filho do Principe D. João era esperado no dia 10 de Janeiro, anniversario de S. Gonçalo, a *cuja santa protecção e firme emparo* D. João e D. Catharina offereceram o menino, unico herdeiro da corôa de Portugal. Nasceu porém mais tarde do que se julgava, no dia de S. Sebastião (20 de Jan.). O *templo* é a sumptuosa fabrica, levantada em 1540 por D. João III junto á fonte, na margem direita do Tamega, e continuada por D. Sebastião, que ficou devoto a este santo, cujo nome lhe fôra destinado.

100—105 O santo martyr, protector na epidemia é S. Sebastião. Miranda não diz que o braço d'este santo fosse mandado a Lisboa, de presente a D. João III, só depois do nascimento do Principe, baptizado com o nome Sebastião, e para festejar este successo; ao contrario, deve-se concluir das suas palavras que a santa reliquia já tinha obrado milagres em tempos de peste, isto é que já estava na capital na ultima pestilencia que affligira Portugal, o que foi de 1527—1529. Francisco d'Andrada confirma esta supposição d'uma data anterior a 1554, contando que no dia 20 de Janeiro: „*em que se celebrava a festa do glorioso martyr S. Sebastião, ás* 8 *oras da menham pouco mais ou menos, a tempo em que o seu braço vinha pella cidade em huma solene procissão, pario a princesa o desejado principe*" (Chron. IV p. 454). Faria e Sousa (Comm. IV p. 118) zomba pois mais uma vez levianamente das „*frioleiras*" de Sâ de Miranda, attribuindo-lhe um erro, e fazendo-o dizer, que o Papa Paulo IV (1555—1559!) mandára o braço a D. João III pelo motivo citado. O commentador de Camões affirma que o braço não foi presente de um papa, mas sim roubado em tempo de Clemente VII, durante o sacco de Roma, e logo depois trazido para Portugal, segundo dizia uma Chronica de El Rei D. Sebastião manuscripta e anonyma, composta em 1580. Elle acha a comprovação d'esta noticia nas seguintes palavras de Camões, Oct. III estr. 1

„*Já por ordem do ceo que o consentiu*
Tendes o braço seu" etc.

Não sabemos como isto (o *roubo*) se possa combinar com as palavras de Miranda „*o proprio braço seu a El Rei mandado*". No que porém concordam todos os autores, é na data do successo, ainda confirmada pela seguinte passagem de Francisco de Hollanda (Fabr. cap. X Da igreja de S. Sebast.), o qual disse em 1571: „*Com muita razão deve de honrar muito a cidade de Lisboa ... ao glorioso e triunfal cavaleiro e martyr de Jesu Christo S. Sebastião porque, além das altissimas mercês, que por meo do seu braço e reliquia Nosso Senhor tem feito a Lisboa, depois que a ella veo, guardando-a corenta anos da peste*", isto é de 1529, fim da peste de 1527 (sacco de Roma) até 1569; anno em que começou „*a grande peste*".

110 Os dous avôs são D. João III, do lado paterno, e Carlos V do lado materno.

117—119 Sobre os reaes cinco escudos, as Quinas, e o milagre de Ourique veja-se o que dissemos nas Notas 106, 34; 104, 348.

120 Miranda compara a lenda de Ourique com o seu modelo, a visão do Emperador romano Constantino, que viu uma cruz flammejante, abaixo do sol, com a inscripção: *ἐν τούτῳ νίκα*, i. é *in hoc signo vinces*; d'ahi veio a cruz para o estandarte de Constantino, o *labaro*. Logo depois (312) o Emperador venceu na Ponte Milvia sobre o Tibre o seu adversario Maxencio, o qual morreu afogado no rio. A nota de Miranda, „*no Tibre, onde inda agua parece os corpos vira*" é uma reminiscencia da sua visita em Roma, e talvez das admiraveis composições de Rafael no Vaticano (Sala di Constantino).

124 O poeta enumera os avôs mais illustres de D. Sebastião: Affonso Henriques, D. Diniz e seu filho D. Affonso o Bravo; D. Pedro o Justiçeiro, cuja crua severidade elle justifica com o exemplo de Moises e de Samuel; e na linha 148 D. João I de boa memoria. Este é o quinto avô de D. Sebastião, sendo o quarto El Rei D. Duarte, o terceiro o Infante D. Fernando; o bisavô D. Manoel; o avô D. João III e o pae o Principe D. João.

149 (p. 470—472). Esta Canção II data provavelmente da mesma epoca que a primeira. Não se percebe a razão por que Miranda a excluiu da Collecção offerecida ao Principe D. João.

150 (p. 475—497). **Egloga VIII. Encantamento.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 25 da Egl. Virgula depois de *ajoelhão*. — 49 Leia-se: *calei* (e. l. d.: *calei.*). — 56 Virg. depois de *tal*. — 112 *lũa* (e. l. d.: *lũa,*). — 175 Virg. depois de *Elena*. — 185 Virg. depois de *negar*. — 222 **A** tem: *o quando, como, o quanto*; é pois assim que deviamos ter imprimido. — 349 Leia-se: *Té* (e. l. d.: *Te*). — 440 Talvez *de pes*? — 503 Verso cumprido, a não se salvar o metro, tratando o nasal de *perdão*, como se fosse uma vogal pura: Achamos melhor lêr com a ed. **B**: *Chorando.*

b) Variantes. 139—145 A orthographia e a ponctuação de **A** differem um pouco da de **B**:

Partem o tempo de todo devido
A mãe triste e roubada, a que dos Reis
Dalli veo este nome de partido,
Em que seja forçado, e contra as leis,
Que se pode fazer do ja perdido,
As vossas lagrimas que as enxugueis,
Como poderdes, ...

Bem se ve que a estrophe, assim escripta e ponctuada, não dá sentido satisfactorio. Emendámos como vae no texto. — Nas linhas 139, 156 e 320 de **B** póde-se salvar a medida, tratando as nazaes de *partem, govern̄ão* e *tenham*, como vogaes puras. — 291 **B** *sempre sem trespasso*. — 320 **A** tem: *Guardemo-nos das horas mingoadas.* A emenda *d'essas* por *das* é nossa. A lição de **A** podia porém salvar-se, fazendo dieresis no diphthongo *oa* de *mingoadas*. — 384 **B** *e figuras*. — 390 **B** *desdanhar.*

Sobre **D. Manoel de Portugal** veja-se o No. 91. A Egloga, a que esta responde, é o No. 192. — Da Dedicatoria conhece-se que a Egloga de D. Manoel de Portugal é anterior a todas as de Caminha, Ferreira e Bernardes, e que o autor se apresentou, portanto, como o primeiro imitador de Miranda. Pelas linhas 13 e 24 vê-se que este ja vivia no seu „escondedouro" da Quinta da Tapada, e pela 59 que a sua resposta é o primeiro ensaio de uma Egloga ao modo italiano, escripta em portuguez; mas nada d'isto ajuda a fixar com algum rigor a data das duas composições (192 e 150). Se é porém certo o que dissemos no No. 112, que Miranda ouviu pouco depois de 1535 o primeiro echo do seu canto, vindo da Estremadura, teremos achado a data aproximada.

Ded. 4 Cfr. Camões Ode VI a D. Manoel de Portugal.

37 *„Fiz o que pude".* No Prologo á Comedia „*Os Estrangeiros*", composta pouco depois de 1526, Miranda enuncia uma ideia parecida, dizendo: *Eu não vou pedindo salvo perdão, esto, pelo proverbio grego, he devido no começo das cousas.* — O lyrico latino é, sem duvida alguma, Horacio, que se gaba com razão de ter introduzido as formas metricas da Grecia na sua patria *„princeps æolium carmen ad Italos deduxisse".*

Egloga 24—25 Var. **B**. Cfr. G. V. III p. 106. Miranda chama aqui, as *bruxas* com o nome classico de *estrias*, pouco proprio n'este logar, porque a superstição, a que allude, é vulgarissima em Portugal, e tão popular que ainda hoje se diz d'uma pessoa muito magra e macilenta que é *chupada das bruxas*. Consiglieri Pedroso extractou d'um velho manuscripto „Confissão de humas Bruxas que queymarão na Cidade de Lisboa Anno de 1559" algumas passagens relativas á crença de que as bruxas chupam o sangue ás crianças de mama (II p. 14 e 15). P. ex.: *„Quando* (as bruxas) *matam criança, he chupando-lhe ellas o sangue pela bocca, o qual ellas e o Demonio recolhem em certo vazo, e quando lhe chupam o sangue, apertam a criança pelo toutiço com tanta força que a matam; apertando-lhe tambem a garganta."*

93, 106 e 146 D. Frco Manoel de Mello glossa esta linha no seu Soneto LXI (p. 31 das Seg. Tres Musas).

115—143 Sobre o *solao* vide No. 103, 596. Miranda refere-se a um solao que contava a Fabula de Endymião e de Diana, a qual descia de noutę do seu carro de prata, para ver o joven filho de Jupiter adormecido n'uma gruta. Um outro solao contava o mytho da „Menina e Moça" (*κορή*) Proserpina, que o tyranno Plutão raptou quando colhia flores, levando-a para o seu reino subterraneo, onde impera sobre as sombras. Sua mãe Ceres foi em sua busca por toda a terra, pedindo a sua entrega; mas Jupiter e Plutão (*os reis* da 1a 140) respondem com a *dura lei* que permanecesse uma terça parte do anno no Hades, e duas terças na terra; *repartindo d'esta maneira o tempo, que era devido na sua totalidade á triste mãe e á infeliz Proserpina* (*á que é roubada*).

213 *Quem mal cahe, mal jaz,* exemplo velho i. é proverbio do bom sengo antigo.

225—262 Sobre os versos encadeados vide No. 115, 100. Segundo a opinião de Th. Braga, Quinh. p. 37, o trecho cantado por Bieito seria um solao. Este autor diz tambem que os editores de Sá de Miranda não notáram o artificio da rima encadeada. Mas como provál-o? O uso de dar ao verso encadeado um relevo typographico, imprimindo as rimas em typo diverso, é modernissimo e pouco usual. Como póde pois alguem suppór que a falta d'esse relevo prova a ignorancia do artificio metrico? (v. as Obras de Sanazzaro, Garcilaso, Camões etc.).

314—316 Citadas por Luiz de Abreu de Mello nos Avizos para o Paço (Lisboa 1659) a p. 40, onde diz no paragrapho sobre a Cortezia: „*Tam atractiva he ao applauso a cortesia, como della a escaces aborrecido escandalo; lá disse aquelle rayo do Mondego o nosso Saa de Miranda: Mas olha não te empeça*" etc. até *desejo.*

318 *O sol lhes baila.* É crença entre o povo portuguez que no dia de S. João o sol quando nasce, começa a dançar ou, segundo outra versão, que dá tres voltas. Mas vêl-o ha unicamente quem olhar por um crivo. Cfr. Pedroso III 16. Por isso em muitos sitios ha pessoas que se levantam de madrugada para presencearem tão extraordinario phenomeno. O caso é porém tão raro que a phrase „*cuida que o sol lhe baila*" se applica a um sujeito que se extrema pelas suas pretensões e vaidades.

336 *Canção do Encantamento.* É o conto mavioso de Amor e Psyche que Miranda escreve aqui com raro encanto, segundo a relação de Apuleio (Metam.), o qual fixou primeiro este conto vetustissimo da civilasação indo-germanica (v. Zinzow, „Psyche und Eros. Ein milesisches Märchen in der Darstellung und Auffassung des Apulejus beleuchtet und auf seinen mythologischen Zusammenhang, Gehalt und Ursprung zurückgeführt. Halle a. S. 1881). Póde ser que tambem n'este caso acudisse á memoria do nosso poeta o delicioso cyclo de Rafael na villa Chigi (1514). Os Indices Expurgatorios prohibirão a redacção latina de Apuleio, mas nada dizem da portugueza.

400—402 Comprehendemol-as da maneira seguinte: O Amor lembra-se de que a sorte envejosa acomete tudo; já cuida ver como tudo se perde, tudo se esvaece. *Ein solcher Gedanke kommt ihm* (*dass nämlich das neidische Geschick bald sein Glück zerstören wird*); *schon stellt er sich vor den Verlust, wie alles dahinschwinden wird, zerstückt, eine Beute des Windes, in einem Augenblick.*

504—510 É possivel que Miranda quizesse provar, pela phrase de Beatriz, que elle conhecia os contos populares portuguezes que tratam da Fabula de Psyche. Coelho (Cont. Pop. No. XLIV; v. p. XXIV e XXV) publicou um d'elles, e Pedroso affirma (Estudos de Mythographia Portugueza; Positiv. II p. 453) ter já colligido sette variantes do mesmo conto. — O Parn. Lus. III 155 publicou a *Canção do Encantamento*, accompanhada de grandes louvores, mas em redacção muito defeituosa.

151 (p. 501—523). **Egloga IX. Epitalamio Pastoril.**

Addenda et Corrigenda. a) Texto. 60 Virgula depois de *vendaval.* — 137 Leia-se: *Sabe* (e. l. d.: *Sobe*). — 153 *en dia.* (e. l. d.: *endia.*). — 230 *dezir* (e. l. d.: *dezer*). — 378 *vestiendo a su librea* (e. l. d.: *v. la a su librea*).

b) Variantes. 167 **B** *departimos.* — 469 *deven ir.* — 471—472 A linha intercalada por **B**, e que é demais na medida dos tercetos, decerto seria apenas uma variante da 470. — 486 *i hermanos.* — 522 *parçaria.* — 538 *pareces.* — 541 *Como no sufren.*

Sobre Antonio de Sá e Menezes vide o No. 75. A Taboa Genealogica mostra que sua filha D. Camilla casou com seu tio-avô João Rodriguez o *moço*, enlace para o qual foi necessario sollicitar a dispensa do Papa.

31 Com o termo *escolar* designava-se antigamente em Hespanha e Portugal um feiticeiro, encantador, adevinho, alquimista etc.; cfr. No. 102, 204. A Egloga está cheia de reminiscencias supersticiosas: na linha 49 falla-se de filtros, proprios para curar os „loucos de amor"; assim como na linha 154, onde se falla tambem de *iervas de allende de los nuestros mares, Cogidas a la luna*; na 142 de *espiritillos que andan en penas por esos aires* e na 177 de feiticeiras.

95 *bevella o vertella,* locução proverbial, que significa *fazer alguma cousa em bem ou em mal, com vontade ou sem vontade.* Cfr. G. V. III p. 443.

132 var. Evang. de S. Matth. IX 17.

159 Citada por D. Frco de Port., Carta p. 41: *As riquezas, os imperios do mundo, buenos a quitar vidas, no pesares, que são senão nadas?*

160 Por esta citação parece que Circe representou um tal ou qual papel nos contos portuguezes. Mas até hoje não appareceu relação alguma em que os homens fossem transformados em animaes pelas artes de uma feiticeira.

174 *Hija sei buena. Sei* por *sé* é hespanhol antigo. Miranda allude talvez ao proverbio nacional „*Filha, sê boa mãe, que aranha vae por aquella parede*“ (Delic. Adag. 79), como quem diz: „Tem cuidado, olha pelo futuro.“ O proverbio existe tambem em hespanhol: *Hija, sé buena madre.* Cfr. Lisandro y Roselia p. 41.

187 Sobre *Ribeiro* vide No. 102, 383. — Não sabemos a que Gil o poeta allude.

306 O reu condenado a empellir pela montanha acima uma pedra redonda, que continuamente resvala, é Sisypho.

484—485 Cfr. Diogo Bernardes, Lima, Egl. VIII. Cinco estrophes do Epithalamio terminam com o estribilho: *Luis ditoso viva com Joanna!*

500—501 Citadas por D. Frco de Port., Pris. p. 38.

528—529 Da *fonte de amores* do Mondego é escusado fallar, pois que tem fama europea pela bellissima estancia de Camões, Lus. III p. 135. A do Douro é muito menos conhecida, posto que seja tambem legendaria. Está perto da foz do rio, defronte da cidade do Porto, em Villa-Nova-de-Gaia, no valle dito *de Amores* ou tambem *de Piedade.* Nos seculos XVI e XVII tambem era chamada *Fonte do Rei Ramiro,* nome que conservava ainda no tempo de Almeida-Garrett, havendo perdido o primeiro. Este poeta que, quando criança, brincou junto d'ella, louva muito sua agua deliciosa. Hoje apenas poucas mulheres velhas de Villa Nova se lembram da fonte, e da antiga lenda que se liga a ambos os nomes, assim como á *Rua,* ao *Castello,* á *Quinta* e aos *Paços d'El Rei Ramiro.* É a lenda de *Miragaia* que aqui se passou, e que foi modernamente resuscitada por Garrett no seu Romanceiro (I p. 181). Infelizmente não se conservou nenhum romance popular, allusivo ao facto historico-legendario, que se conta em prosa nos velhos Livros de Linhagens (Mon. Script. I p. 180 e 246; Romania IX p. 438; Groeber V p. 173). Dahi, ou da tradição, foi recolhido por João Vaz no seu Romance em octava rima „*Gaia*“, modernamente reimpresso por Th. Braga (Coimbra 1868); por D. Bernarda Ferreira de Lacerda na *Hespanha Libertada,* canto VI; e tambem por Faria e Sousa na sua Egloga VI (cfr. Comm. III p. 37). Garrett serviu-se de João Vaz e da tradição, e intitulou o seu romance, não sem razão, *reconstrucção de um monumento antigo.* Ninguem averiguou porém, até hoje, em Portugal, qual a ramificação e antiguidade da lenda de Gaia e Ramiro e Zara ou Ortiga e Almançor, alias Alboazar, ou Abencadão, e quaes as suas relações de parentesco com outros grandes cyclos extra-nacionaes. Basta aqui citar o nome do cyclo: *Salomão e Morolf* (*Marcolfo*).

153 (p. 524—525). **Carta a Manoel Machado de Azevedo.**

Addenda et Corrigenda. Na rubrica inicial leia-se: *lhe pedia* (e. l. d.: *le pedia*). — 31 *Sancho* (e. l. d.: *Sancho,*).

O commentario que segue, e que se acha como a Carta no *Memorial del Marques de Montebello* foi por nós tirado da Bibliograph. port. I p. 5—7.

„En la primera copla muestra este Caton Portugues quan prejudicial es el escrivir Generaciones, por la desigualdad que en muchas ay de los Abuelos.

„En la segunda quanto la verdad es odiosa: los pocos amigos que adquiere, i lo que el tiempo levanta los hombres i Familias.

„Quiso dezir en la tercera, que no professava lisonjas, ni es conveniencia atribuir esplendores de valor a aquellos que por opuestos a el estan en olvido de la fama.

„Muestra en la quarta, como tuvo principio la Corte Portuguesa en la Ciudad de Braga, i Villa de Guimarães, tierra mas montuosa que la demas del Reyno, de donde todo lo restante del se ha conquistado: por cuyo respeto alli se hallan los primeros i mas antiguos solares de Portugal, i de mucha parte de España. El dezir que se fue a beber de sus fuentes, es qué buscó para casarse la sangre desta Casa de Machado por limpia i clara, como lo era la Doña Briolanja de Azevedo, hija de Francisco Machado, el primero i tercero Abuelo del Marques de Montebelo. I como la tierra de Lisboa es reputada por mas baxa que la de Entre Duero i Miño i ya en aquellos tiempos descompondria el dinero a alguna nobleza, como suele: llama a aquellos desaires del interes Baxos, Pantanos de la limpieza, intratables, sin barcas, ni puentes a los que estiman mas la sangre de sus descendientes, que sus proprias riquezas i comodidades.

„Muestra en la quinta, el poder que las riquezas tienen para contrastar a la Nobleza, los oficios superiores i las privanças de los Principes, cuya ambicion produce monstruosos casamientos: i que como pocos años antes se avian admitido en aquel Reyno los Hebreos podrian con el tiempo, por sus grandes logros i riquezas, removedores de la guerra, i inquietadores de la feliz paz, que en aquella sazon poseia el Reyno de Portugal, descomponer a esta, i provocar a aquella.

„En la sexta avisa quan dañoso es a los Reyes Nobleza, i Republica, el ocupar gente semejante grandes logares i puestos, para que estas no sean atropelladas, i aquellos mal servidos, i que es conveniencia el callar faltas a los Superiores por no perder su gracia, ni padecer los castigos de su vengança, una vez que no conviene mezclar con ellos su sangre para tenellos propicios, vistiendo de su misma librea, i faltas sus descendientes.

„Aquello de dezir en la setima, que guarde Manuel Machado los paños o tapizes del Señor Rey D. Sancho, para testigo de su ascendencia, considerada la clausula de su testamento, referida por el Dr. Fr. Antonio Brandam (Monar. Lusit. p. 3)*, en que trata de unos tapizes que tenia en la ciudad de Coimbra, i manda disponer dellos para sus Legados: i siendo el Arçobispo, electo de Braga, una de las personas a quien encargo la satisfacion de su alma, dá claras muestras, con lo que adelante se referirá de la viva tradicion que avia en aquella casa de ser dados por herencia i satisfacion a Martin Martinez Machado, por el Arçobispo de Braga. Acomoda en esta copla la fabula de la hormiga i la cigarra al Verano de los validos de aquel tiempo; que olvidados del Invierno de sus caidas, i de la esterilidad de las privanças, que con la demasia del calor del sol,*

representado por el principe, a vezes suele secar-se el arbol de sus siempre verdes esperanças, alçavan la voz en tono descompuesto, pudiendo de moderadas palabras hazer mayor tesoro, solicitando el animo de la Republica, que las hormigas symbolizan.

„Aconseja en la otava, que aunque sea valor, no dexa de ser gran yerro, querer mostrar quien es el que está desvalido, teniendo de sus emulos ocupados los superiores lugares, i que la mentira en estos, i la verdad en aquellos corren dudosas parejas: i muestra como de los solares del Marques de Montebelo descienden Reyes i por descendientes de Reyes fueron fabricados: i aconseja a Manuel Machado, que fiado en ello dexe blasonar a los que se le oponen, i que en tiempo mas oportuno poderá contradezirlos.

„Claramente se ve de la nona copla la mudança que huvo en las armas desta familia, i que la ocasion de tomarlas fue en la villa de Torres Vedras, i no en Santaren, ni Lisboa, como Losada i otros dizen.

„Vese de la dezima, que el Arçobispo que era de Braga entonces, devia dar alguna informacion a los Genealogistas, i a los que reformaron las armas en aquel tiempo, i se sospecha alteraron mucho el escrito del Conde Don Pedro. De lo ultimo desta copla se colige con mucha claridad que ocultamente el Señor Rey D. Sancho dexó al Arçobispo Electo de Braga declarado en su confesion, quiçá por no ponerlo en su testamento, que de Doña Maria Moñiz Tia de Doña Maria Paez de Ribera tenia a Martin Martinez por hijo.

„Compara en la ultima los que escriven con mucha malicia o con poca certeza al jugador de los bolos, que por mas que tuerçan unos las razones, otros el cuerpo, haze la verdad su camino, como la bola en el que la juega, por mas que se tuerça despues de averla echado mal.“

154 (p. 526—528). **Oração.** Cfr. Th. Braga, Quinh. p. 58—64. Está averiguado pela Carta a Pero Carvalho (No. 106), que Miranda esteve em Coimbra em 1527: é pois possivel que pronunciasse a presente oração, tanto mais que foi conimbricense; não ha porém prova concludente d'isso. Francisco de Sâ de Menezes, que assignava simplesmente Frco de Sâ (como Miranda), não póde entrar em conta, por ser nascido perto de 1515; e fóra d'este e do nosso poeta não conhecemos outro Francisco de Sâ, que estivesse em contacto com D. João III. O facto do manuscripto da Oração se ter guardado na livraria dos Marquezes de Abrantes, descendentes do poeta, como o affirma Barbosa Machado (II 247) ajuda a aceitar a attribuição como verosimil. Th. Braga, dando o caso como provado, conclue d'ahi que Miranda occupava em 1527 o logar principal na vereação de Coimbra. É possivel, mas mais uma vez — não provado. Ha no discurso varias passagens que poderiam attribuir-se á penna do nosso poeta, p. ex. o louvor das quinas, o elogio da temperança e mansidão de El Rei, a sua qualificação de „pae dos seus irmãos“, passagens que porém não destoariam em outros muitos autores. Mais especial e propria de Miranda é a allegoria ás abelhas, que elle empregou tambem na Carta a El Rei (No. 104, 70).

157, 3 e 11 Leia-se: *aiuda* (e. l. d.: *ajuda*).

164 (p. 541—563). **Redacção nova da Egloga II Basto.**

Addenda et Corrigenda. Na Rubrica das variantes leia-se: **E** em lugar de: **F**; e *Basto* (e. l. d.: *Basta*). — 60 *ja* (e. l. d.: *ia*). — 77 Sic. Talvez deva lêr-se: *inda*. — 305 Verso cumprido. Póde-se riscar o primeiro: *me*. — 496—497 A rubrica *Bieito*, que se acha no Ms., é inutil, pois que este pastor já falla desde a linha 473. A hypothese que Gil o interrompesse, não nos parece admissivel. — 604 Assim se acha no Ms. este verso, em que certamente o copista omittiu ou alterou alguma palavra, como accusa a falta no metro. O expediente de fazer dieresis no diphthongo *eu* ou *ãi* de *seus* ou *mãis* parece-nos absolutamente inadmissivel. Talvez deva pôr-se: *madres* em logar de *mãis*. — 651 Virgula depois de: *perigo*. — 698 O ms. tem: *maniuradas*. *Manjaradas* é emenda nossa.

A Egloga occupa uma posição intermedia entre as redacções Nos 103 e 116. Com o No. 103 tem de commum as tres fabulas da *Chuva de maio*; de *Gil Ratinho*; e do *cavallo e cervo*; a quarta do *bacorote* falta. Com o No. 116 tem de commum a forma estrophica, e o maior desenvolvimento da Introducção, a proposito da animada descripção da caçada ao lobo, que apenas se acha esboçada no outro numero. Outras particularidades ha que são peculiares d'esta redacção No. 164, que nos parece a melhor de todas.

24 e 43 *Varzino* é o nome de um cão de caça (de côr ruiva); como os outros: *felpuda* 26, *pés d'andorinha* 27, *monteiro* 43 e *rodado* 116, 19. Estes nomes representam talvez os proprios lebreus do nosso poeta, que foi grande amigo de animaes, como Camões o foi das flores.

279 e 280 O adorno de *feitos* ou *fetos* (filictus) e *malvas* (posto provavelmente no chapeu? ou debaixo do chapeu?) teve de certo uma significação particular, como o indica a escolha das plantas, porque ambas são do numero d'aquellas ás quaes se attribuem virtudes especiaes, principalmente a de attrahir o amor, na noite de S. João. Sobre o *feto real* vide Pedroso III 17 e S. Cypriano, Thesouro da Magica, Porto, Cruz Coutinho 1879, p. 33—37; sobre as *malvas* ibid. p. 126.

320 Fabula III da *Chuva de maio* v. retro 103, 261.

352 *Ca e la mâs fadas ha* v. retro 103, 299 e 116, 224.

401 *Um amigo do Torrão* cfr. 103, 352 var. do **Ms. J.**

459 *Jogos de Patanas* v. Glossario.

513 Fabula IV de *Gil Ratinho* v. retro 103, 491.

633 Fabula VI do *Cervo e do Cavallo* v. retro 103, 641.

665—680 Estas duas estrophes contra as *mâs coimas* são particulares d'esta redacção. O velho homem de leis reprovava usos e abusos antigos: foros, tributos, serviços e obsequios que o caseiro ou colono prestava ao senhor, já em voga havia seculos, accentuando como os mais nocivos o da *fogueira*, da *geira*, do *apellido* e da *lutuosa*. Sobre o direito da *fogueira* vide Elucidario s. vv. *fogaça* e *fogueira*, *casal*

e *reguengo*; sobre o tributo chamado *geira*, de que tratam as Ord. Man. I 44, 8 e Ord. Fil. I 65, 43, vide Elucidario e o Supplemento s. vv. *geira* e *geirom*; sobre o *apellido* (que era de *fogo, d'arroido* e de *guerra*), vide Elucidario, Schäfer I 263, e Ord. Fil. I 78, 1; sobre a *lutuosa* Elucid. s. v. *loitosa*, Schäfer I 275, F. Wolf, Rechtssymbolik 6 e 7. — *Lutuosa* (ant. germ. *Besthaupt*) significa „*certa peça ou pensão que se paga por morte de alguma pessoa, que por direito ou costume a deve*" ou „*a melhor joya ou peça movel, tambem chamada sinal, que o direito senhor recebe por morte do emphiteuta*". Mais tarde passaram de foro secular a serem foros ecclesiasticos que ainda hoje permanecem em uso em algumas partes de Portugal (cfr. Alberto Braga: A Lutuosa; Conto publ. no Occidente III Nos 51—54). Já dissemos que o cunhado do nosso poeta acabou com a *lutuosa* nas suas terras. A passagem allusiva, da biographia do Marquez de Montebelo, que explica o caracter do tributo no tempo de Miranda, diz:

„*Havia en aquella casa una pension o feudo que hoy se conserva en otras, y particularmente en conventos de aquella region; era esto una cosa de mucho rigor, pues en la muerte como otros en vida tenia su finca. Era que quando se moria algun casero que tuviesse casal de aquella casa, havia de llevarle en pension la mejor joya o pieza que se hallase en la suya, a que llaman lutuosa. Esto hizo quitar Manoel Machado de los plazos y libros de recibo de su hacienda, mandando a sus herederos, so pena de su maldicion, no cobrasen mas aquel impio derecho (exceptuando las que tocavan a propriedades de la corona, a que no podia poner leyes), porque aunque el interesse era grande, era mayor la pena que tenia de ver llorar huerfanos y viudas*" (p. 35).

165 (p. 563—577). **Redacção nova da Egloga III Celia.**

Addenda et Corrigenda. O texto está bastante adulterado. Já demos conta, nas notas das paginas, de onze emendas que fizemos. Justificamos aqui mais algumas, offerecemos ainda outras novas, e emendamos algumas erratas. — 18 da Egl. A palavra *aña* era mal legivel. Julgamos haver erro, mas não sabemos emendál-o. — 46 Ponha-se ponto depois de *cansacio*. — 62 Talvez se deva emendar: *con la su dolencia*. — 149 No ms. vem: *flaquezas*. — 166 No ms. vem: *I sonque*, ficando o verso comprido. Acaso o poeta escreveria *detidos* por *detenidos*? (lusitanismo). — 211 É evidente haver erro. Póde-se emendar *Muerte esa* ou *que por vida teneis*. — 218 Interrogação depois de *adesora*. — 222 No ms. vem *Recebis* em vez de *Reis vos*, como emendámos. — 257 Aurelio começa a cantar. — 276 Verso cumprido. Talvez o poeta empregasse aqui como em outras partes, o lusitanismo *bens*, em logar de *bienes*. Póde-se emendar *que* por *como*. — 281 O ms. diz: *claridad*. — 288 Para exactidão da rima é preciso emendar *ande* por *anda*. — 294 Leia-se: *tejiendo* (e. l. d.: *tejendo*). — 296 No ms. vem *Comunica* em vez de *Comiença* (como emendámos). — 311 A rima exige uma palavra em *-iendo*, talvez *cubriendo*. — 313 Falta aqui a Rubrica *Mauricio*. — 370 Verso cumprido. Talvez Miranda em-

pregasse ainda aqui um lusitanismo: *porvir* em vez de *porvenir*. Cfr. 112, 370 **A**. — 389 *Besad* parece mais proprio que *bajad*. Suppomos que no original estava a forma portugueza de *besad* i. é *beijad*, e que o copista lesse por engana *bajad*.

Ded. 37 *Una casa* = o templo; *una mesa* = o altar em que se administra o Sanctissimo Sacramento.

53—57 A relação da phrase: *Un pastor vuestro escuchá*, com a que segue, não é clara. O pastor que o Infante D. Luiz ha de escutar, é, sem duvida, Miranda; mas é impossivel que a phrase seguinte *el estranjero, El Rei de Francia haze del tal cuenta*, se refira a elle, como grammaticalmente havia de ser. Estas palavras devem pois entender-se de Nemoroso de la Vega i. é de Garcilaso, que o Rei de França conhecia e estimava decerto. É muito possivel que o visse em Madrid em 1526; depois a Rainha D. Leonor recordaria a memoria do poeta com os seus louvores, até que Garcilaso, estando como embaixador na côrte de França, em 1529, teve occasião de conquistar completamente as boas graças do monarcha francez. A nossa explicação não é pois improvavel sob o ponto de vista historico.

Egl. 25—28 Miranda refere-se provavelmente á desgraça que acabou com a casa do Conde de Marialva e Loulé em 1534. Cfr. No. 113.

327—328 Na redacção No. 112, que póde ser anterior ou posterior a esta, acham-se n'este logar os versos com que o poeta sauda, cheio de esperança, os jovens adeptos da Eschola Nova. Na occasião em que fez o presente texto, parece ainda não ter tido esperanças ou ter já perdido as illusões a este respeito. Os escriptos dos seus contemporaneos não contentam o velho reformador, que debalde procura um Garcilaso ou um Sanazzaro portuguez. O estro de Camões ainda não se havia revelado: de outro modo Miranda havel-o-hia saudado com o mesmo enthusiasmo e a mesma franqueza, com que reconhece a superioridade dos seus modelos estrangeiros.

166 É a unica poesia que Miranda escreveu *em nome alheo*, isto é a pedido de outrem, uso muito generalizado no seculo XV entre os poetas palacianos da côrte de D. João II de Castella, e que durou até ao seculo XVI. Vide p. ex. Boscan No. XXIV p. 100.

167 Suspeitamos que a esta *Septima* falta na segunda metade uma linha em *ia*; sendo a sua verdadeira forma metrica, como no numero seguinte, a da *oitava castelhana* (*abba acca*). É mesmo muito provavel que ella seja apenas uma estrophe de introducção ao No. 168. O artificio metrico dos dous numeros lembra as *coblas recordativas* dos provençaes, assim chamadas por causa da repetição da primeira palavra de cada verso no fim do mesmo verso, ou, como no nosso caso, da primeira linha de cada estrophe no fim da mesma estrophe (Leys d'amors I 284). As duas composições offerecem tambem os unicos exemplos, que ha nas Poesias de Miranda, de versos heroicos de doze syllabas, com accentos

na segunda, quinta, outava e undecima, tão usados no Cancioneiro da Vaticana e ainda no Canc. de Resende.

168 A palavra esdruxula (⏑ ⏑) *lagrima*, collocada no fim do primeiro hemistichio tem o valor de só duas syllabas nas linhas 12, 33 e 40, seguindo Miranda n'isto o velho uso hespanhol, abandonado depois pelos seus successores. — 50 Risque-se o ponto depois de *orejas*. — 50—52 Cfr. No. 132. — 57—60 Cfr. No. 4. — 65—72 *Serenas* V. Hom. Odyss. XII 39—55, 161—200; Gesta Rom. No. 237, e Alciat. Embl. 115. É natural suppôr que o povo portuguez, navegador como nenhum outro, inventasse contos sobre as sereias. Conhecemos apenas a lenda heraldica sobre a origem dos *Marinhos*, conservada no Nobiliario do Conde D. Pedro (Mon. Script. p. 383). — Gil Vicente introduziu tres *fadas marinhas* ou *sereas* no Auto das Fadas (III 92).

169 (p. 584) O que o ms. chama *Trova* é propriamente uma *Esparsa* (*abc abc def def*). Cfr. Canc. de Res. III 342.

170 (p. 584). **Elegia IV.**

Addenda et Corrigenda. 33 Leia-se: *la* (e. l. d.: *ta*). — 39 Ponto depois de *espesura*.

Julgamos que esta Elegia, que destoa no assumpto e nos sentimentos do estylo de Miranda, é obra da mesma penna que o numero seguinte.

171 (p. 587). **Elegia V.**

Addenda et Corrigenda. 2 Barbosa Machado II 249 cita: **Do** *estes olmos verdes* o *sombrios*. — 11 Talvez deva lêr-se: *El ganado salir* e na linha 27 *Tus ojos miraré*. — 28 Leia-se: *que se embraveza*. — 43 Talvez *a mi* em vez de *al*. — 47 Sic. — 70 Verso cumprido. Fica certo riscando-se a palavra *bueno*. — *Iso* por *eso* é um dos lusitanismos mais usuaes.

Variantes. Onde está 40 leia-se: 41, e onde está 58, 57.

Já dissemos no No. 68 que suspeitamos ser esta Elegia de *Sâ de Menezes*, e não de Sâ de Miranda. Entre os motivos extrinsecos, que nos obrigam a abstrahir aqui de Miranda, citaremos a indicação das fontes: a Elegia não se acha em nenhum dos manuscriptos especiaes de Miranda; apenas a conhecemos em duas Miscellaneas, a do Visconde de Juromenha, e a de Luiz Franco. D'estas duas só a ultima a attribue a Sâ de Miranda, mas nem esta mesmo sem alguma duvida. O seu texto diz apenas *Frco de Sâ*; as palavras *de Miranda* foram accrescentadas posteriormente por outra mão e depois riscadas de novo; ha por tanto tres lettras differentes. A outra Miscellanea tem abaixo do titulo escriptas as palavras *D. Ml. de Portugal*, sem a particula *de* ou *a*, que explique se é o autor da Elegia, ou só a pessoa que a recebeu. Logo depois segue um Soneto, sem nome de autor que começa „*Mil vezes entre sueños tu figura*", e que geralmente se attribue a Camões. Faria e Sousa diz porém tel-o encontrado n'um ms. sob o nome de Miranda. A este Soneto segue mais um,

com a rubrica *Otro Soneto de Freo de Sa* („*Quien dará a mis ojos una fuente*" No. 48), que de facto lhe pertence. — Barbosa Machado II 249 attribue a Elegia, de que se trata, a Francisco de Sâ e Menezes, sem duvida por alguma indicação manuscripta; o mesmo autor diz porém em outra parte, III 722, que o Cancioneiro de P. Ribeiro (de 1577) attribuia a Elegia a um Simão Rodriguez da Veiga. De tudo isto se conclue que o autor é incerto; mas duas fontes (Luiz Franco e Barb. Machado) concordam em que fosse de um Francisco de Sâ! A qual dos dous, Sâ de Miranda, ou Sâ de Menezes, deve attribuir-se com mais razão, é o que agora vamos examinar.

A favor do segundo temos a allegar motivos *intrinsecos*. A linguagem e o metro são um pouco mais correctos, puros e harmoniosos do que os de Miranda; e o conteudo destôa completamente do caracter das Elegias e Cartas do nosso poeta, que nunca fez versos propriamente amorosos, nem adorou nenhuma Filis. É verdade que encontramos uma vez este nome (muito usado por todos os bucolicos) na primeira Parte d'este volume (No. 95), entre as obras authenticas de Miranda, mas nem ahi mesmo se celebram os amores com uma Filis; trata-se apenas de um Dialogo entres duas ninfas, Filis e Nisa. De Sâ de Menezes sabemos, ao contrario, pelo testemunho dos seus contemporaneos, que foi um poeta elegiaco-amoroso e o cantor declarado de uma Filis. Ferreira dirige-lhe p. ex. os seguintes versos (Carta XIII do Livro II):

Sofrera-se melhor hũa elegia
Branda d'Amor, de ti tam bem cantado
Quando Filis tua doce frauta ouvia.

Esta citação, a passagem de Barbosa Machado e o attestado de Luiz Franco parecem-nos sufficientes para se dar a preferencia a Sâ de Menezes. — Cfr. Nos 177, 181 e 184.

172 (p. 589). 12 e 13 *Se* por *si*; lusitanismos que por engano não emendámos.

174 (p. 590). 5 Virgula depois de *hermosura*. — É evidente que n'este Soneto (las 12 e 13) se esconde um nome feminino, de cinco lettras. Qual? *Lionora* ou *Lianor* de *lo inora* (por *lo ignora*) tem sette ou seis lettras. Será a leitura *cinco* transcripção errada de uma cifra romana?

177 (p. 592). 2 Leia-se: *encogido*, (e. l. d.: *encogido.*). Tambem este Soneto, que tirámos do Canc. de L. Franco, celebra uma Filis e pertence provavelmente a Sâ de Menezes.

180 (p. 593). 1 *Aquel que las culebras* etc. = Hercules.

181 (p. 594). 5 Verso cumprido. Julgamos deva lêr-se *Sazio* em logar de *Salicio*. Este ultimo nome de pastor, transformado talvez só por engano em *Galicio* nas obras de D. Bernardes, é frequentemente usado pelos imitadores de Garcilaso, desde que elle mesmo o extrahiu do seu proprio nome. Cfr. No. 88 d'este volume. A circumstancia de o vermos aqui junto ao nome Filis leva-nos porém a identificál-o com *Sazio*, isto é com

Sá de Menezes, o cantor de Filis. É com este nome de Sazio que Ferreira o apresenta na Egloga II, onde deplora a morte de um Janio que é o seu pupillo, o Principe D. João, e na Egloga IX (No. 199, 126) onde chora o poeta do Neiva „de cuja boca, e som suave e brando pendia".

182 (p. 594). 3 e 4 são versos demasiado cumpridos, a não se fazer monosyllabica a formula *con el,* á moda portugueza. — 7 Verso curto; salvo com dieresis no diphthongo de *lluvia.* Emendando *i con rocio* ficaria certo o verso.

184 (. 595). Mais um Soneto que celebra Filis. Só se encontra no ms. J, que, como se sabe, é especial do poeta, e que por isso não dá a priori motivo a suspeitas. — 11—14 *Aquella ninfa que ... en piedra se bolvió* é Scylla. Vide Ovid. Metam. XVI 1—74.

186 (p. 596). 5 *Va* por *vaia,* lusitanismo. — Foi feito em Coimbra, a uma D. Guimar. Mas não sabemos quando. Que Miranda tambem passou por aventuras, entrando em duellos, prisões e desterros, mostram-n'o as suas poesias.

187 (p. 597). Este Soneto, que só se encontra no fidedigno ms. J, talvez pertence a Miranda. Acha-se, em redacção hespanhola, muito aproximada á do nosso poeta, na Miscellanea de Leitão Andrada p. 287, publicada em 1629, e tambem nas Obras de Pedro da Costa Perestrello (ed. Caminha, p. 88), as quaes foram colligidas sobre fontes hoje extraviadas, mas que pertenciam ao fim do sec. XVI ou principios do sec. XVII. As variantes de ambos os textos são insignificantes:

1 *vino* **L**. — 4 *premio del engaño* **L**; *obra del engaño* **P**. — 6 *de quien* **LP**. — 8 *quieres* **P**. — 9 *Si un* **LP**. — 11 *quieres mas del* **LP**. — 12 *Siempre firme estarás* **P**. — 13 *I el* **P**.

[A proposito diremos que nas obras de Perestrello ha mais quatro Sonetos, que andam tambem na Miscell. de Leitão, e que provavelmente a nenhum dos dous pertencem. Cfr. pp. 63, 80, 81 e 91 das Obras de P. com pp. 149, XVIII, 95 e 448 da Miscell.].

O mesmo Soneto foi incluido em 1616 por Domingos Fernandez nas Rimas de Camões em redacção portugueza; d'ahi passou, com algumas emendas, á edição de 1669 de Franco Barreto. Faria e Sousa e Alvares da Cunha accrescentaram-n'o ás suas respectivas edições de 1668 e 1685 em lições um pouco differentes, mas concordantes entre si. — A redacção de 1616 é uma traducção quasi litteral do texto de Miranda, feita miseravelmente, sem attenção ao metro e á rima e que, comparada com os textos hespanhoes, se denuncia claramente como *tradução,* que só um cego poderá attribuir a Camões. E diz:

Se grão gloria me vem de olharte (sic)
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grão pago de engano he desejarte.
Se quero por quem es louvarte, (sic)
Sei certo por quem sou offenderte, (sic)

Se mal me quero a mim por bem quererte
Que premio quero mais que so amarte.
Porque amor tam raro sempre fere (sic)
O humano tesouro doce gloria (sic)
Que quer mais a alma que te serve (sic)
Escrita estarás em minha memoria
E a alma vivirá que por ti morre (sic)
Que ao fim da batalha he a victoria.

O editor de 1669 emendou livremente os erros mais grosseiros, sem conhecer o original hespanhol:

1 *Se grande gloria me vem so de olharte.* — 4 *Grande paga da.* — 5 *talvez louvarte.* — 6 *que he of.* — 8 *quero eu mais que só o amarte.* — 9—14:

Estremos são de amor os que padeço.
O' humano thesouro, oh doce gloria,
E se cuido que acabo, então começo!
Assi te trago sempre na memoria
Nem sei se vivo, ou mouro, mas conheço
Que etc.

Faria e Sousa, que só podia conhecer a edição de 1616, porque morreu em 1649, limou e torneou habilmente o Soneto, segundo o seu costume, revendo-se depois na obra que elle chama *„muy galan y muy enamorada"*. A historia *„Hallêle mejorado en dos manuscritos y de ambos resultó el dexarle en limpio"* é inventada, em nosso parecer, como muitas outras do mesmo autor. Alvares da Cunha, que imprimiu o Soneto exactamente como Faria e Sousa, serviu-se provavelmente dos seus Commentarios, ainda ineditos em 1668. Ambos escrevem:

1 *Se me vem tanta gloria só de olharte.* — 4 *Grão paga de hum.* — 5 *Se aspiro por quem es a celebrarte.* — 6 *que hei de offenderte.* — 8 *Que premio querer posso mais que amarte.* — 8—14:

Porque hum tão raro amor não me **soccore?**
Oh humano thesouro! oh doce gloria,
Ditoso quem á morte por ti **corre!**
Sempre escrita estarás nesta memoria,
E esta alma vivirá que por ti morre
Porque etc.

Fallando d'este Soneto, attribuido a Camões e a Sâ de Miranda (exactamente como os Nos 80 e 84), lembramos um outro *„Mil veses entre sueños tu figura"*, que, segundo Faria e Sousa (vol. II p. 329 Son. XVIIe), é attribuido a Miranda [não será antes simplesmente a um Francisco de Sâ?] no unico ms. em que elle o achou, o que não impediu que o incluisse nas Rimas do grande epico, seu autor predilecto. Faria e Sousa diz no seu tom autoritario: *„El ms. dize que es de Frco de Sâ y Miranda este Soneto. Sus obras andan impressas, e yo no le veo entre ellas; ni quando entre ellas le viesse, le tuviera por suyo; porque no alcançó el*

jamas a escribir versos mayores tan limpios como estos." Ninguem poderá, em vista d'isto negar que um Francisco de Sâ tem mais direito ao Soneto do que Camões, porque é a elle que a unica fonte conhecida o attribue. Accresce ainda um pequeno indicio de outro ms., que concorre para tornar provavel a attribuição: na Miscell. de J. acha-se esta poesia, como já dissemos, entre a Elegia a Filis e um Soneto declarado de Miranda, que lhe pertence indubitavelmente. Julgamos dever incluil-o aqui, posto que já o publicassemos em Gröber V p. 135:

Mil vezes entre sueños tu figura
Se afegura, ninfa, en que te veo,
(Talvez: *Me assegura, oh ninfa,* etc.)
I quanto mas te miro, mas deseo
Gozar sin sueños tanta hermosura.
I en quanto este dulce engeño dura,
Vivo en toda gloria, pues posseo
Mas bien del que desea mi deseo;
I acuerdo para mas mi desventura.
Holgara (de) no acordar, por contemplarte,
Aunque sé que huelgas de no verme;
Holgara no te ver, por no mirarte;
Pues sé que con te ver he de perderte,
Al galardon espero por amarte,
Mas no serás bruquel para valerme.

188 e **189** (p. 597 e 598) podiam ser escriptos na occasião da morte de Gonçalo Mendes de Sâ, o filho do poeta.

190 (p. 598). **Menina fermosa.** Já conhecemos pelo No. 54 uma velha cantiga popular „*de moças que cantão na rua em dialogo*" i. é ao *descante* ou *desafio*. Este segundo especimen, o Cantar da *Menina fermosa*, ou antes os Cantares, porque apparentemente houve varios, parecem ter sido dos mais populares, postoque hoje estejam esquecidos. O que ficou d'elles é apenas uma reliquia do seculo XVI, e consiste em uma forma litteraria contrafeita. Conhecemol-a de uma folha volante do seculo XVIII „*Trovas da Menina formosa, obra novamente feita á maneira de Dialogo entre hum Amante e huma Dama; e no fim huma cantiga que diz: Na fonte está Leonor, e outra que diz: Isabel e mais Francisca. Lisboa, Frco Borges de Sousa,* 1761" mas-que é simples reimpressão d'outra de 1640, descripta por Salvá (Cat. No. 144). Modernamente foram publicadas estas Trovas por Th. Braga, na sua Antologia, No. 198, sobre uma Folha volante gothica sem datas, guardada na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Reserv. A—2—43). O seu titulo concorda completamente com o de 1640; o texto varia muito pouco d'aquelle que possuimos. O dialogo lembra as antigas Pastorellas do Norte da França e ainda a Xacara portugueza „*da linda pastorinha*" (Th. Braga, Rom. No. 51, e Almeida Garrett, Rom. III 187). As quatro primeiras linhas da Cantiga

„Menina fermosa,
Dizei do que vem
Que sejais irosa
Com quem vos quer bem?"

talvez o unico resto da forma verdadeiramente popular, foram glossadas por Camões (Storck I, CXXIII). Christovam Falcão (p. 28) fez voltas a outro mote muito parecido, que diz: *Menina, pois sois fermosa, Não sejais despiedosa.* O de Miranda varia muito; n'elle joga poeticamente com a palavra *menina,* que significa *rapariga* e a *pupilla do olho.*

Parte Quinta.

191 (p. 603—616). Sobre Bernardim Ribeiro vide o nosso No. 102, e o volume de Th. Braga: Bernardim Ribeiro e os Bucolistas.

330 Sic. — 355 Para a medida ser certa deve-se pronunciar: *no* (e. l. d.: *em o*). — 419—424 O emprego de duas *fiindas* (*cabos,* ou *fins*) no remate de uma cantiga não é usual.

As indicações geographicas *Antre Tejo e Guadiana* (8), *Alemtejo* (8), e *aldea do Torrão* (12) indicam que temos de reconhecer o proprio Bernardim Ribeiro na figura de Jano, fugido das seccas e fomes do Alemtejo para o campo do Tejo (20), em cujas ribeiras (6) encontra a pastora Joanna, guardando as suas patas, o que talvez contem uma allusão ao Paço da Ribeira. N'esta epoca Jano-Bernardim tinha 21 annos (83), e a barba pungida (234), e era abastado dos bens do mundo (281).

106—108 Th. Braga, Manual p. 254 quer reconhecer no *contrairo,* o presupposto rival de Bernardim Ribeiro, D. Francisco de Portugal; interpretação que não nos parece exacta. Votamos antes pela outra de Camillo Castello-Branco (Curso de Litt. p. 333), que *„no desvairamento em que (Jano-Bernardim) se vê, não atina com o remedio da sua desgraça; por quanto, se a sua paixão o expõe a grande risco, elle considera maior ainda o perigo, apartando-se da mulher que adora."*

154—166 Th. Braga acceita como facto provado que a Celia de que se trata, é identica com a que Miranda canta na sua Egloga do mesmo nome, e diz mesmo „que a *perda da flauta* symboliza a morte d'esta pastora". Esta ultima affirmação é inacceitavel, visto Miranda celebrar só em 1536, tempo da sua maior actividade poetica, a morte de Celia, emquanto a perda da flauta se deu em 1521 ou 22. A phrase alludida significará só um periodo passageiro de inactividade poetica, que podia ser muito bem a consequencia do seu desterro longe de Celia.

228 Th. Braga (B. R. p. 61) interpreta as palavras *desejo acabado* como se alludissem a um amor passado, de Jano, quando se trata apenas da esperança *já realizada* de dar vida ao seu gado.

192 (p. 616—628). **Egloga de Dom Manoel de Portugal.**

Addenda et Corrigenda. 30 Virgula depois de *parecia.* — 35 Verso curto. — 36 Leia-se: *los* (e. l. d.: *las*). — 61 Verso cumprido. Será licito pronunciar: *si* em logar de *ansi asi*? — 71 No ms. lê-se: *I pues.* — 81 No ms. vem: *la de ti.* — 111 Verso que parece ser demasiado cumprido, mas que póde salvar-se, elidindo o *n* de *con*, á moda portugueza, liberdade de que Miranda usa ás vezes. — Virgula depois de *sentimiento.* — 112 No ms. vem: *entres ticiendo.* Erro visivel, que emendámos para *entretejiendo* (port. *entretecendo*). A lição *entristeciendo* tambem seria possivel. — 118 A ultima palavra era mal legivel: *represaron* é hypothese nossa. — 129—130 No ms. vem: *No viera de disfavor Llenos estos logares.* Emendámos, transpondo como vae no texto. — 141 Leia-se: *fuertes* (e. l. d.: *fuertos*). — 181 Verso cumprido, ao que parece; ficaria porém salvo o metro, se se pronunciasse *câ* em lugar de *cada*, liberdade de que os antigos trovadores portuguezes usaram ás vezes. — 212 No ms. vem: *abejas.* — 269 O verso está errado, a não se salvar o metro, fazendo dieresis no diphthongo *io* de *curiosidades.* Não é de crer porém que o poeta lançasse mão de tal recurso. Talvez deva emendar-se: *Curiosidades mil de s.* — 331 No ms. faltava *la*, palavra que accrescentámos para correção do metro. — 370 No proprio ms. não se acham escriptas as palavras que aqui faltam. — 375 Pronuncie-se: *Sparziendo.*

D. Manoel de Portugal foi o primeiro, e entre os Quinhentistas, o unico portuguez que seguindo o exemplo de Boscan na sua Fabula de „Hero y Leandro", empregou o verso solto. Encontramol-o applicado nas suas Obras settenta e quatro vezes, isto é em toda parte, em que o autor toma a palavra, e onde outros poetas, como por exemplo Sanazzaro, teriam empregado a simples prosa. D. Manoel deu a estes trechos de verso solto o nome de Estancias.

194 (p. 629—633). **Egloga Sà, de Diogo Bernardes.** Cfr. No. 144. — É a Egloga VI do Lima, e não a VII. — 36 Interrogação depois de: *dino.* — 59 Verso cumprido. Vem assim em todas as edd. de Bernardes. — 143 Verso tambem cumprido. Podia-se emendar: *Não ja mais cantar posso e estou ja rouco.*

195 (p. 634—637). 14 Leia-se: *povo* (e. l. d.: *poco*).

197 (p. 638—642). **Elegia de Antonio Ferreira.** Cfr. No. 147. — 49 A phrase „*Sabia que obrigado á morte o gerei*" é attribuida ao philosopho Anaxagoras, que a pronunciára na morte de seus filhos. Outros attribuem-n'a a Solon, e ainda outros a Xenophon. V. Diog. Laert. II 9. — 94 Leia-se: *Levára-lo* (i. é *levaras o*). — 102 *outro Marcello* cfr. Verg., Aen. 8, 883 *Tu Marcellus eris.*

198 (642—647). Cfr. No. 147. O biographo e commentador de Antonio Ferreira, Julio de Castilho, diz (II 281) d'esta Carta: „*Apesar das exagerações de pessimo gosto que n'este escripto se lêem, n'elle demonstra o Ferreira o conceito que sempre lhe mereceu o grande mestre*

Sá de Miranda. A' muita erudição reune o poeta n'esta bella carta muita philosophia. É um dos seus mais energicos protestos de adhesão á introducção da escola italiana." As passagens, que se referem a Miranda, já foram commentadas. Emquanto ao resto v. Castilho. — 56 No anno de 1555 já a joven escola de Miranda tinha razão para reclamar a attenção do publico. Os poetas, a que Ferreira aqui allude como os que maior influencia exercéram sobre o seu talento, são Francisco de Sâ e Menezes e Caminha. — 190 Marilia é talvez D. Maria Pimentel, com a qual casou depois de 1558. — 198 Cfr. Horat. *Odi profanum vulgus.*

199 (648—652). A Egloga de Ferreira é a IX e não a I. — 85 Leia-se: *as* e. l. d.: *ás*). — Cfr. Castilho II p. 165. — Este editor suspeita que Ferreira dedicou a Miranda, alem das tres poesias d'este volume, ainda o Soneto XXXI do Livro II, *„em que debaixo do nome de Salicio o exhorta a escrever em portuguez"* (I p. 99 e II p. 29). O Salicio, de que se trata, o cantor de uma cruel Flerida, não pode ser de modo algum o nosso poeta, que já estava com um pé na cova, e no qual era mal applicado o conselho de Ferreira. O nome de Salicio leva naturalmente a pensar em Sâ de Menezes, Sazio (v. No. 181 e linha 126 d'este No. 199), cujos Sonetos (Evora) são quasi todos em hespanhol.

200 (p. 653—657). Cfr. No. 146. — 94 Leia-se: *mostró:* (e. l. d.: *nostró.*). — 100 Estas subtilezas não são raras. Cfr. Camões Son. VII: *Viola ante*; Christ. Falcão p. 7 *Lor Vão*; Machado No. 208, 58 d'este volume *Sâ-ber* etc.

201 (p. 658). Cfr. Nos 135 e 140. — 12 *Ninfas d'ele,* isto é do Mondego. — 13 O Mondego queixa-se por ser abandonado por Miranda e Silvia. Será Silvia = Isabel = Celia?

202 (p. 659—663). 13 Na edição das Obras d'este poeta lê-se *pura,* o que julgámos ser erro de imprensa. — 51 Ibid. lê-se *podes,* lição que nos parece inadmissivel. A nossa tentativa de emendar o que julgáramos errado, não satisfaz. O sentido exige *Vejo que quanto podes me aborreces,* mas a rima não admitte esta phrase. — Pero d'Andrade, seguindo, ao que parece, o exemplo de Garcilaso, que se retratou duplamente nas figuras de Nemoroso e Salicio, apresenta-se como Pierio e Androgeo. Se esta Egloga I não é a que Caminha dedicou a Miranda, devemos dál-a como perdida.

203 (p. 663—665). 20 Leia-se: *a* (e. l. d.: *á*).

204 (p. 665—667). 24 Leia-se: *prudentes* (e. l. d.: *prudendes*).

206 (p. 668). Sobre André Falcão de Resende veja-se Th. Braga, Hist. de Cam. II p. 34—74. Não podemos decidir quaes os versos que Falcão de Resende mandou á Quinta da Tapada, e em que epoca os remetteu, porque não os achamos nos mss. de Miranda. A falta de uma resposta, por parte do nosso poeta, leva a crêr que a remessa tivesse logar entre 1555 e 1558, depois da morte de D. Briolanja.

208 (p. 670—672). Sobre Manoel Machado de Azevedo veja-se o No. 77. O seu bisneto, o Marquez de Montebelo diz d'estes versos: „*No alabamos los versos d'estas coplas, pero la enseñança, las sentencias, los conceptos y lo politico dellas, aunque por terminos humildes y vozes groseras a lo Sayaguez, de que entonces se usava, no pueden dexar de alabarse; pues de casi todas se puede sacar doctrina, para que los cavalleros que viven o van a vivir a la corte sepan como se han de portar nella y poder conseguir el colmo de sus pretensiones*" etc. (p. 19 da Vida). A carta a que esta serve de resposta perdeu-se por incuria, com muitas outras, ás quaes se refere a seguinte passagem que „*toparan con gente moça, a quien las sentencias de los viejos parecen importunos documentos, e arrinconandolas sirvieron de crianza a los ratones, pudiendo serlo de principes*". — 21 Não sabemos a que *descripções e letras grandes* se allude. Alguma descripção das viagens de Miranda, em cartas aos amigos, escriptas n'uma epoca em que o estado social e politico, a elaboração litteraria e artistica dos paizes que visitou, desafiavam uma penna eloquente como a do nosso poeta? — 32 Ha divergencia sobre quem seja este Camões. O Visconde de Juromenha (I p. 28) e Julio de Castilho (I 117 e 120) pretendem ser o cantor dos Lusiadas; Th. Braga, ao contrario, vê n'elle (e n'este ponto damos-lhe plena razão) o terceiro avô do grande epico, o aulico e poeta Vasco Pires de Camões, de quem falla o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal. Este foi realmente um dos fidalgos do seu tempo (principios do sec. XV), que mais *medrou*, sendo doado por ElRei D. Fernando com a Quinta de Gestaçó e mais terras de Montemôr o Novo, bem como com as villas de Sardoal, Punhete, Marvão, Villa-Nova de Anços, as terras e herdades que a Infanta D. Beatriz possuia em Extremoz, Aviz e Evora, a Quinta do Judeu em Santarem, as Alcaidarias de Portalegre e Alemquer e o senhorio do Castello de Alcanede. Tantas mercês e doações o tornaram, por assim dizer, o typo proverbial do aulico favorito (v. Th. Braga, Hist. de Cam. I 45—46; Quinh. 325; Manual 69 e 70). A citação dos dous nomes juntos — Camões e João de Mena — leva naturalmente a crêr que se allude a um Camões contemporaneo do poeta cesareo de Henrique II de Castella, e tanto mais, que não achamos nas obras de Miranda o menor indicio de haver conhecido Luis de Camões. Este ultimo na data da carta (depois de 1536 e antes de 1558), bem podia já viver e poetar na côrte „farto, querido, estimado, e cheio de muitos favores e mercês de amigos e de damas", mas sem dar motivo a uma nota satyrica como a da Carta, e tambem sem ter até então provocado, por composições de primeira ordem, a attenção do velho patriarcha da poesia portugueza. — 49 Os Carvalhos e os Carneiros não pertenciam ainda ao numero dos fidalgos, cujo despeito Miranda tinha provocado com a sua „lingua desatada", pois que Machado lhe recommenda que se tenha em guarda e não comprometta antigas relações, embora um pouco esfriadas, só pelo prazer de um bom dito, como parece ter feito na carta a que Machado responde. Não achamos nenhuma allusão a pessoas da familia Carneiro nas obras de Miranda; apenas se

falla alli de um Pero Carvalho. Este recebeu pouco depois de 1527 a azeda satyra No. 108, que podia perturbar as relações entre os dous amigos (v. No. 79), mas n'este caso, o conselho na carta de Manoel Machado viria um pouco tarde, i. é posteriormente a 1536. Th. Braga abstrae d'ahi (Quinh. p. 83 e 110) a historia de umas perseguições, feitas pelos Carneiros e Carvalhos, que deram em resultado o desterro de Miranda. — 57 O parente e amigo Joane de Sâ, a quem se allude, é talvez João Rodriguez de Sâ e Menezes. Este grande fidalgo, habituado a manejar com egual destreza a espada e a penna, estabeleceu para gente de sua classe taes preceitos e poz tão alto o seu ideal de um verdadeiro fidalgo portuguez, que mui poucos o poderam attingir. D'ahi os seus *descantes*, as suas caçoadas acre-doces, e as suas „*Trovas das gerações*" que descontentaram muita gente (Souza VI 665 chama o autor d'estas Trovas por engano João Rodriguez de Sâ e M i r a n d a). É impossivel averiguar, no meio de tantos golpes, quem foi o principal enemigo de João Rodriguez. O que sabemos é que desde 1552 se retirou da côrte, vivendo ainda robusto, mas desempregado até 1579.

209 (p. 673). O Marquez de Montebelo (p. 86) chama este Fragmento de Carta „*coplas escritas a su cuñado Francisco de Sà en una enfermedad que tuvo en la Tapada*". — 14 *sem Marias*. Cfr. Montebello p. 115 „*de la quintilla tercera tambien se reconoce que Francisco de Sà su cuñado deseava que se apartasse d'aquella moça que llamavan Maria Colaço* (com quem vivia depois de viuvo), *nombre de que juega en los tres ultimos versos con galanteria Manoel Machado*". — 25 O mesmo autor diz „*mas proseguia en sus coplas, pero la ultima d'estas prueva nuestro intento*", isto é de affirmar que é um fraco da nação portugueza estimar e appetecer mais as cousas estrangeiras do que as que são nacionaes.

152 (p. 675—676). A introducção (linhas 6—7) indica que Miranda compoz a Egloga No. 117 longe da côrte, como já o provámos para toda a serie das Eglogas em Redondilhas (Nos 103, 116, 117 e 164).

Additamento ás Notas.

No. 2 *„Recuerde el alma dormida"* acha-se citado na Aulegraphia ed. 1619 a fl. 81v, e não a fl. 69 como dissemos. — Cfr. Eufrosina p. 18.

No. 26 No Cancioneiro de Montesino (Rivadeneyra 35, p. 419) ha uma imitação da velha cantiga donde Miranda tirou o seu mote. E diz:

Todos vienen de la cena
Y no viene mi vista buena.

Frco Rodriguez Lobo (Obras p. 741) ainda glossou a velha letra popular.

No. 39 D. Francisco de Portugal refere-se na sua Arte de Galanteria p. 92 a esta Esparsa, alludindo: *„áquella bulla de que dixe nuestro portugues*:

A nossa bulla de amor
Naõ he para toda a gente;
Perdoa culpa sómente,
Naõ a pena, nem a dor."

No. 51 **D. Lianor de Mascarenhas.** No livro das „Grandezas de la Villa de Madrid por Gil Gonzalez Davila", Madrid 1623, encontrámos a p. 287 uma pequena biographia d'esta illustre senhora, extrahida dos apontamentos de uma das primeiras religiosas do Convento de Santa-Maria-de-los-Angeles, que ella fundára em Madrid em 1564. Nasceu em Almada a 24 de Outubro de 1503, sendo filha de Fernão Martins de Almada e D. Isabel Pinheira. Ainda de mui pouca idade foi escolhida por El-Rei D. Manoel para dama da Rainha D. Maria, mas mesmo assim, suppondo talentos muito precozes, admira vêl-a compôr versos antes de 1516, e saber que foram acceites nos serões da côrte. Em 1526 a levou comsigo a infanta D. Isabel quando casou com Carlos V. Os monarchas de Hespánha gostaram tanto d'ella que em 1527 lhe confiaram o principe herdeiro, Felipe II, nomeando-a para aia d'elle; mais tarde serviu de segunda mãe ao infeliz infante D. Carlos. Era muita amiga sua a princeza D. Joanna, mãe de D. Sebastião; D. João III e D. Leonor de França, antes 3a mulher de D. Manoel, lhe escreveram muitas cartas, testemunhando-lhe intima confiança. Morreu em 1584, fiel ao voto de castidad, que tinha feito quando menina. Cfr. tambem o „Jardim de Portugal" do doutor frey Luiz dos Anjos, Coimbra 1626 a p. 340 No. 115.

Sobre *Vittoria Colonna* veja-se a formosa obra de Alfred de Reu-

mont „V. C., Leben, Dichten, Glauben im XVI. Jahrhundert" Freiburg i. Br. 1881.

D. Frco de Port. insere na sua Arte de Gal. p. 37 os dous dialogos No. 51 e 52 entre D. Lianor de Mascarenhas, Sâ de Miranda e Bernardim Ribeiro, como amostras de „verdades polidas". E diz: *Lo tosco enterri se con la verdad; lo polido deve se á la mentira, mas tambien encuentra se alguna verdad polida, desacreditada con esta capa, por buscada con la otra.* Parece que a transcripção dos dialogos foi feita sobre algum manuscripto hoje perdido, porque offerece certas variantes muito notaveis, as quaes porém se approximam visivelmente das que extractámos do valioso ms. **J** (p. 680—81). — Ei-las: as rubricas das estrophes dizem 1º *Francisco de Sâ a las damas*; 2º *Reposta da Dama.* 3º *Bernardim Ribeiro.* e no No. 52: 1º *De Francisco de Sâ outro dialogo*; 2º e 3º *Responde a dama.* Além d'isso temos a notar, na linha 3ª: *Razão tinha de a cuidar* (como **A**) — 4 *Dá-me* (como **AJ**) — 5 *Pois venho a pedir a outrem* — 7 *cuidava eu* — 8 *Que não sou para e. c.* (como **AP**) — 9 *Fora razão n. c.* (como **J**). — No. 52, 2—3 *O ceo arde, arde a terra, Achárão todos caminho* (cfr. **J**). — 8 *Nesta vida e n. t.* — 11 *Meus desejos.* — 13—14 *Chorarei o meu m. g. E gritos darei á t.*

No. **53** A glossa de D. Frco de Port. que já assignalámos, nos „Div. y hūm. versos" acha-se repetida na Arte de Gal., a p. 79. O mote lá diz, porém: „*Sacaron me los pesares Los ojos y el corazon.*"

No. **54** Jorge Ferreira de Vasconcellos cita esta letra antiga na sua comedia Ulysippo a fl. 245 „*Naquella serra Irei morar* etc."

No. **65** O romance da „Bella malmaridada" encontra-se tambem na „Primavera y Flor" de F. Wolf sob No. 142. O seu exordio é porém, um pouco differente da lição usual, porque diz:

La bella malmaridada
De las lindas que yo vi,
[Veo-te tan triste enojada,
La verdad di-la tú á mí.]
Si has de tomar amores
Por otro, no dejes á mí.

Cfr. ibid. No. 156, 32—33 *Si habeis de tomar amores, Por otro á mí no dejeis.* A's citações, voltas e parodias do lindo romance, que já apontei, posso agora ajuntar mais algumas: duas glossas na „Diana", Seg. P. de Alonso Perez, ed. 1662, fl. 381 e 381vº; tres glossas no „Cancionero de Padilla" p. 437, 438 e 440 da ed. 1880; uma contrafacção „á lo divino" de G. Silvestre (Rivad. 35, No. 883); duas citações nos „Locos de Valencia" de Lope de Vega; e outra na Eufrosina de Jorge F. de Vasconcellos.

No. **68** N'uma carta de Montemayor, fl. 4 da ed. 1588, a estrophe 5 principia

Tu deseada presencia,
donde está? que no la veo.

A' **Taboa Genealogica dos Sâs** tenho que accrescentar alguns factos novos, elucidados n'um interessante estudo de Camillo Castello Branco sobre Sâ de Miranda, „Historia e Sentimentalismo, vol. II", publicado no Porto em 1880, mas que só cheguei a ver em abril de 1882, quando a impressão da presente obra estava quasi concluida. Assevera elle, baseando-se sobre genealogias manuscriptas dos Sâs de Coimbra, que o pae do poeta, Gonçalo Mendes de Sâ, tivera dous irmãos, João de Sâ e D. Guiomar de Sâ (cfr. Nota No. 116, 518—520). Affirma mais ter tido o nosso poeta cinco irmãos, cujos nomes enumera identicos aos que nós mencionámos, chamando porém Henrique: conego de Coimbra; Fernão: manposteiro dos captivos; Manoel: prior de Nogueira; e dizendo de Gaspar que morreu na India. Das três irmãs, que Th. Braga conhece, não diz C. C. Branco palavra. Este autor não cahiu no erro de Costa-e-Silva, Varnhagen, Fernandes Pinheiro, e Theophilo Braga, os quaes todos chamam a D. Philippa de Sâ mãe do poeta; pelo contrario, considera a questão como nós. A' nora do poeta dá elle o appellido: da Silva e Menezes, accrescentando que depois da morte da primeira mulher, Jeronymo de Sâ casára, em segundas nupcias, com D. Joanna de Menezes, prima de D. Maria. Entre os descendentes modernos de Sâ de Miranda enumera tres, nos quaes „a electricidade poetica relampagueou": Theodoro de Sâ Coutinho (Cancioneiro Alegre p. 163), D. João d'Azevedo Sâ Coutinho † em 1854, e D. Amelia Vaz de Carvalho, a undecima neta de Miranda, que já mencionámos.

Outros factos novos ainda mais importantes, mas que se referem aos Sâs de Menezes, achámos nós n'uma obra hoje quasi desconhecida, e que não foi explorada por nenhum autor portuguez desde Barbosa Machado, nem mesmo por Innocencio da Silva, Th. Braga, C. C. Branco etc. E com tudo ha exemplares d'ella nas bibliothecas d'Ajuda, Porto e Braga. Intitula-se: „**Domus Sadica,** regiis lineis firmata, romanis Columniis nixa, Sadicis heroibus illustrata." O auctor é o celebre polygrapho Frei Francisco de Sancto Agostinho de Macedo; e sahiu em Londres em 1653. — Contém uma serie de tabellas genealogicas (21), das quaes a primeira (grande e gravada em cobre) é muito importante, representando a serie completa dos morgados da casa de Sever em linha recta por doze gerações, desde Pelayo Rodriguez de Sâ até Francisco Sâ de Menezes, 4º Conde de Penaguião (1300—1650).*)

*) 1. Payo ou Pelayo Rodriguez de Sâ, Alcaide-môr de Gaya, em tempo de D. Diniz (1300).
2. João Alphonso de Sâ, Ricohomem, casado com D. Theresa Ruiz de Berredo.
3. Rodrigueannes de Sâ, Alcaide-môr de Gaya, Senhor de Sever desde 1384; embraixador em Roma; cas. com D. Cecilia ou Julia Colonna.
4. João Rodriguez de Sâ, o das Galés, Senhor de Sever e Alcaide-môr de Porto desde 1392. Camareiro-môr de D. João I; cas. com D. Isabel Ruiz Pacheco.
5. Fernão de Sâ, Senhor de Sever e Alcaide-môr do Porto. Cama-

Não cita porém os collateraes dos Sâs de Coimbra e de Santarem. É verdade, entretanto, que no texto ha numerosas referencias ao nosso poeta; apontamentos genealogicos nenhuns. — Entre os nomes e datas da tabella e do texto não ha sempre concordancia. Rectificaremos em seguida porém só os pontos que se referem ás pessoas citadas na nossa tabella. Eis os factos novos, juntamente com as rectificações:

1. *Alliança dos Colonnas e Sâs.* Segundo Macedo, Rodrigueannes de Sâ foi mandado ao Papa Gregorio XI por D. Pedro o Justiceiro (1337—1367). O fim da embaixada teria sido remover os obstaculos que se oppunham á validação do casamento clandestino d'El-Rei com a fallecida D. Ines de Castro. O mesmo auctor tambem teve conhecimento vago da relação de affinidade entre os Colonnas e Sâs i. é do casamento de Rodrigueannes com D. Cecilia Colonna, a qual, segundo a fama corrente nos tempos de Macedo, era irmã ou sobrinha do legado Agapito Colonna que veiu a Portugal pouco tempo depois da embaixada do nosso fidalgo. O que confessa ignorar é se Rodrigueannes trouxe sua mulher de Italia, ou se ella veiu por mão do legado. Na tabella dá-lhe o nome de D. Cecilia, com todos os mais auctores, mas no texto chama-a D. Julia, talvez com mais razão, porque este mesmo nome apparece ainda em outro documento, muito curioso: em uma salva de allianças, de prata dourada, pertencente á Casa Real. A salva compõe-se de dous circulos concentricos, cada um com sette brasões dos Sâs Coloneses, e mais um grande central (escudo enxaquetado, sobre um manto enxaquetado, e este suspenso a duas colunas coroadas: *columna argentea, capitulo coronato et basi aureis in scuto rubro.* Imhof p. 217). Os escudos não seguem a ordem historica, mas

---

reiro-môr de D. João I, D. Duarte e de D. Affonso V; cas. com D. Philippa da Cunha; morreu em 1449 na catastrophe de Alfarrobeira.

6. João Rodriguez de Sâ, Senhor de Sever e Alcaide-môr do Porto; cavalleiro-fidalgo da casa de D. Affonso V; cas. 1º com D. Catharina de Menezes, filha de Luis de Azevedo, 2º com D. Margarida de Vilhena, 3º com D. Joanna de Albuquerque. Em 1449 ainda era vivo.

7. Henrique Sâ de Menezes, Senhor de Sever e Alcaide-môr do Porto; cas. com D. Beatriz de Menezes, morreu perto de 1524.

8. João Rodriguez de Sâ e Menezes; o Velho, 1464—1579, Senhor de Sever e Alcaide-môr do Porto. Cas. 1º com D. Catharina de Noronha, 2º com D. Camilla de Noronha, filha do Conde D. Martinho de Villanova-de-Portimão e Castellobranco.

9. Francisco de Sâ e Menezes, segundogenito; 1º Conde de Mattosinhos, 1515—1584; cas. 1º com D. A. de Mendoza; 2º com D. C. de Noronha, sua sobrinha neta. Morreu sem herdeiros.

10. João Rodrigues de Sâ e Menezes, filho do seu irmão Sebastião de Sâ, succedeu na casa de seu tio; Alcaide-môr do Porto e 1º Conde de Penaguião; cas. com D. Isabel de Mendoza.

11. Francisco de Sâ e Menezes, 2º Conde de Penaguião, Alcaide-môr do Porto, 1598—1647, cas. com D. Joanna de Castro.

12. João Rodrigues de Sâ e Menezes, 3º Conde de Penaguião; cas. com D. Luiza Maria de Faro.

13. Francisco de Sâ e Menezes, 4º Conde de Penaguião, 1º Marquez de Fontes; cas. com D. Joanna de Lancastre.

representam as allianças directas desde o segundo morgado da casa de Sever até ao decimo quinto, o 2º Marquez d'Abrantes. O escudo No. 3 apresenta os escaques e a coluna coroada, e os nomes *Roderici Juliæ.*

2. João Rodriguez de Sá casou, conforme as noticias do polygrapho tres vezes: 1º com D. Catharina de Menezes, 2º com D. Margarida de Vilhena, 3º com D. Joanna d'Albuquerque. D. Catharina era filha herdeira de Luis de Azevedo, o Vedor da Fazenda, e de D. Aldonça de Menezes, cujo pae, como dissemos, era o celebre D. Pedro de M., conde de Vianna e de Villareal. D. Aldonça instituiu um morgado para os seus desçendentes, os quaes se chamáram d'ahi por diante Sás *de Menezes.*

3. Henrique Sá de Menezes. Macedo sabe apenas de um casamento, seu, com D. Beatriz de Menezes (Cantanhede).

4. João Rodriguez de Sá e Menezes, o Velho. A tabella diz que casára duas vezes: 1º com D. Camilla de Noronha *„quæ ei plures liberos peperit etsi quidam immatura morte prærepti fuerint“* (p. 69); 2º com D. Catharina, de Noronha tambem, ordem esta que me parece invertida. O texto falla só de D. Camilla, a quem attribue todos os seis ou sette filhos que chegaram á idade adulta — declaração que nos parece inacceitavel.

5. Francisco de Sá e Menezes (p. 73—83). A tabella cita duas senhoras como mulheres d'elle: D. Antonia (em lugar de D. Anna) de Mendonça e D. Camilla (em lugar de D. Catharina) de Noronha. O texto diz porém, a p. 83, que casára por tres vezes: *tantis hic cum dotibus abundaret et thalamis (tertiam quippe uxorem duxit) caruit liberis.*

6. Antonio de Sá e Menezes (p. 63). Macedo diz que casára com D. Ines de Noronha, de quem teve uma filha D. Camilla, mais tarde mulher do Visconde de Ponte Lima. Isto é falso, com certeza. Mas é provavel que uma das quatro senhoras da casa de Noronha que casaram com Sás, pertencesse á familia dos viscondes de Ponte Lima (cfr. Ferreira, ed. Castilho I p. 65).

No. **71** Na Diana de Montemayor fl. 65 ha uma imitação do antigo vilancete. E diz:

Di, quien te ha hecho, pastora,
Sin gasajo y sin plazer,
Que tu alegre solias ser.

No. **72** Rubinstein escreveu uma composição musical para a lettra d'esta canção (trad. Geibel). — A citação da Aulegraphia acha-se a fl. 163; e não a fl. 12.

No. **77** O „assucar rosado em caniculares“, de que falla a comedia Ulysippo a fl. 118, talvez seja uma reminiscencia d'esta Esparsa.

No. **96** A nossa interpretação d'este Soneto parece ser, com effeito, a verdadeira; encontramo-nos n'este ponto com o Senhor C. Castello Branco em quanto á essencia, que a poesia descreve um dia calmoso de inverno ou de outono. Elle commenta este Soneto, dito „de reputação europea“ (porque Bouterweck, Sismondi e F. Denis o gabaram muito), com elementos

interessantes, colhidos dos manuscriptos do fallecido J. G. Monteiro. Eis o que convem apurar d'esses elementos: 1º que Bouterweck e Sismondi, tanto como Hoffmann, de que já fallámos e que o Senhor Camillo não conhece, entendem erradamente que na linha primeira se trata da descripção do crepusculo da tarde; 2º que o outomno e inverno de 1535, septembro até dezembro, foi extraordinariamente secco e quente, „todo estio", como diz umo testemunha fidedigna (cfr. No. 112, 290); 3º que o Senhor Camillo propõe na ultima linha a leitura:

Se tudo o mais renova, isto é sem cura,

alteração que julgo desnecessaria. Todos os mss. leem *E tudo* etc. — A minha ponctuação tambem é differente da do senhor C. C. Br. — P. ex. na linha 12—13 lê elle:

Mudo e secco é ja tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores

e subentende: *„Stumm und trocken ist jetzt alles, und mitten drunter* ou *und im Einklange damit, habe auch ich die Farben gewechselt."* Não me parece isto acceitavel. A phrase „de mistura" refere-se á natureza: o poeta allude á mudança e variedade de côres e de matizes dos arvoredos no outono.

No. **100**, 124—125 Sobre os demonios meridionaes (Psalm 91, 6) veja-se Consiglieri-Pedroso, Positivismo IV p. 45—51.

No. **102**, 540—541 Var **B**. Linhas citadas por D. Frcº de Port., na Arte de Gal. a p. 60; e accrescenta: *„no está lo discreto sino en lo medido, que bien dixo el poeta* etc.

776—77 Citadas ibid. a p. 24, em traducção portugueza, que diz

Se houver de ficar corrido
Seja antes que descortez.

838 Um intelligente e entendido investigador das superstições portuguezas, o Snr J. Leite de Vasconcellos, elucida-nos sobre a popularidade d'esta phrase. Nas suas Tradições da Atmosphera em Portugal diz elle: *„A respeito dos lobos ha muitas tradições no nosso paiz, principalmente na serra, p. ex: quando um lobo vê a gente, sem a gente o ver, a pessoa perde a falla* (Vimieiro etc.)" Era Nova p. 217.

103, 610 *Dize-se que o mar de Espanha*
Ferve quando (o sol) *nelle desce.*

Cfr. Strabo III 1, 5 *λέγειν γὰρ δή φησι Ποσειδώνιος τοὺς πολλοὺς μείζω δύνειν τὸν ἥλιον ἐν τῇ παρωκεανίτιδι [καὶ] μετὰ ψόφου παραπλησίως, ὡσανεὶ σίζοντος τοῦ πελάγους κατὰ σβέσιν αὐτοῦ διὰ τὸ ἐμπίπτειν εἰς τὸν βυθόν.* — Ausonius, epist. XIX

condiderat jam solis equos Tartesia Calpe
stridebatque freto Titan insignis Ibero. —

Florus 2, 17. — Tacit. Germ. 45. — Juvenal. Satyr. XIV 226.

Póde enunciar-se a questão se Sá de Miranda tirou esta superstição unicamente dos escriptores classicos, ou se talvez a encontrou no seio do povo. O ultimo caso parece provavel, pois que J. Leite de Vasconcellos ouviu

dizer á mãe de uns barqueiros do Porto *„que o sol mergulha no mar e que quando mergulha faz uma certa restolhada.“* V. Tradições Populares de Portugal. Porto 1882 p. 12.

No. **103**, 139—140 Citadas por Christovão Soares d'Abreu na sua Informação sobre a Arte de Gal., na qual julga do seguinte modo ácerca de D. Francisco de Port.: *„que com razão se lhe podem applicar aquelles versos de Francisco de Sá de Miranda*

Quem teve rosto etc.

595 A locução *cantar a moliana* ainda hoje se usa, como vejo pelos „Contos ao Soalheiro“ de Augusto Sarmento, Coimbra 1876 p. 65. O antigo proverbio, do qual sahiu a locução, encontrámol-o varias vezes nas comedias de Jorge Ferr. de Vasconcellos, aindaque numa forma deturpada pois que diz *„Se Maria bailou, tome o que gainhou“* (Euf. p. 95. Ulys. 45v). Alonso de Ledesma refere-se nos seus „Juegos-de-Noches Buenas“ (Rivad. 35 p. 160 No. 399) a um jogo da *„Moraina vieja“*. Talvez seja conveniente incluir esta formula no gruppo das phrases que precisam ser estudadas, como tambem o jogo *almolina*, de que falla Gil Vicente (I 133) e as duas palavras hespanholas *Marimorena e Moriana*. D'esta ultima diz Luiz Milan no Cortesano p. 35 *„vos sereis como Moriana, bien servida, y mal contenta de mis respuestas.“*

596 Será licito comparar o *solao* portuguez com o *soleá* gitano ou a *soledad* andaluza, generos de poesia, de que trata H. Schuchardt nos „Cantes Flamencos“ (Halle 1881)?

689—690 O Snr C. C. Branco pretende tirar d'estas duas linhas a conclução „que Miranda não foi descaroavel com as senhoras extra matrimonium“ (!).

104, 29—30 Aproveitadas por Macedo a p. 18.

137 Francisco de Moraes ainda emprega a palavra *„tintoreiro“* no sentido figurado. V. Dialogos p. 26.

221 Cfr. Jorge F. de Vasconcellos, Eufrosina, Prologo.

201—10 Sobre o Infante D. Pedro póde-se consultar tambem Th. Braga, Hist. de Camões II p. 434—436 e A. Balaguer y Merino „D. Pedro el Condestable de Portugal“ Gerona 1881.

390 Citado na Arte de Gal. a p. 64.

105 Macedo cita na Domus Sadica muitos trechos d'esta carta; p. ex. as linhas 1—5 a p. 4; 6—23 a p. 60; 24—27 a p. 54; 29 a p. 53. — A'cerca da estada de João Rodriguez em Italia, alimento eu fortes duvidas. Th. Braga affirma-a na Bibl. Crit. p. 105; mas a „Domus Sadica“ (p. 53—72) não diz palavra a este respeito.

3 Macedo (D. S. p. 4 e 48) explica o sentido do adjectivo *„grosso“* dizendo: *grosso ramo dos Menezes, „quod nempe ex duplici propagine conflatus ramus in majorem molem crevisset“* alludindo ao duplice enlace de João Rodriguez de Sá com a neta de Pedro de Menezes D. Catharina e de Henrique de Sá com D. Beatriz de Menezes, filha de João de M. (Cantanhede).

29—30 Esta linha acha-se citada por Christovam Soares d'Abreu na Informação sobre a Arte de Gal. — Mas diz erradamente *usados*, em logar de *ousados*.

31—32 D. Francisco de Portugal aproveita estes versos mais uma vez, na Arte de Gal. a p. 31.

46 O „Libro de los Dichos y Hechos del Rey D. Alonso" de J. Panormita appareceu em tradução hespanhola em 1527.

51 Parece que a opinião geral em Hespanha ainda hoje concorda com a critica de Miranda. Cfr. Saavedra-Fajardo; Rivad. 25 p. 396.

No. **106** Pero Carvalho. C. C. Branco p. 37 adoptou o parecer de Th. Braga sobre a inimizade d'este cavalleiro contra Miranda.

No. **107**, 218 O proverbio existe tambem em portuguez. Cfr. Eufr. p. 50 e 53: Quanto vai de Pedro a Pedro!

No. **108** *Marramaque*. No auto do Ave Maria de Antonio Prestes achamos a p. 48 a phrase

Ah senhor dom Marramaque!

mas não a comprehendemos. — Sobre João Rodriguez Pereira Marramaque vejam-se as „Lendas da India" passim, p. ex. II 593, 594, 595 como tambem Mendes Pinto, Peregrinações, e Couto, Decadas.

158 Cfr. Arte de Gal. p. 19 . . . *las (vilezas) que se dizen ofendiendo a Dios son gracias para llorar.*

146—170 Sobre a antipathia que devia existir entre o culto e erudito Sá de Miranda e o popular Gil Vicente, veja-se C. C. Branco p. 33. Este critico quer reconhecer na farça de folgar do „Clerigo da Beira" (G. V. III p. 227), representada perante El Rey D. João III em Almeirim, em 1526, uma satyra muito pessoal a Sâ de Miranda, que florecia então (depois da volta de Italia) na côrte, com grande voga de poeta.

316—330 O arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, jaz sepultado n'uma capella annexa á Sé de Braga, onde na inscripção tumular se lê ter elle morrido no anno de 1348. É pois impossivel que a lenda sobre a sua intervenção nas luctas de D. Pedro o Justiceiro e de Affonso IV (1354) seja veridica. Sâ de Miranda alludiria talvez a outras duas acções d'elle, em que figurou como medianeiro e pacificador, e que se contam no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (Mon. I p. 285). E diz: 1º *„este arçebispo partio a lide de Louras, que esteve em aazes paradas elrrey Dom Dinis com ho iffante dom Affonso, seu filho erdeyro, porque dizia que elrrey Dom Dinis queria fazer rrey dom Affonso Sanches, seu filho de gaanhadia que trazia comsigo e que elle muito amava. 2º este arçebispo foy o que pôs tregoas amtre este iffante dom Affonso o quarto que entom era rrey e elrrey dom Affonso o boom de Castella que filhou Aljazira a mouros, e outros muitos logares na frontaria dos mouros, e en esto fez gram serviço a Deus, porque a guerra era muy crua e muy danosa aos rreynos per mar e per terra, e despereçerom hi muytas gentes."*

349—350 Cfr. D. Frco de Port., Arte de Gal. p. 113, onde elle refere uma resposta de seu pae, o Conde de Vimioso, que diz: *„Tengo-me*

yo con los motes del Conde de Redondo, por quien dixo delgadamente nuestro poeta

Rouxinoes assoviadores
pellas hortas de Enxobregas."

Nem assim posso comprehender qual a allusão escondida n'estas linhas.

No. **109**, 10—14 Sobre as maravilhas de Sevilha e sobre os jardins de Valença veja-se a Aulegraphia a p. 71 e 76.

53—54 Citadas por D. Frco de Port. p. 40.

127—132 Citadas pelo mesmo auctor, na Arte de Gal. p. 84 na lição de **B**, aindaque com alguns erros. Antes de copiar as 5 linhas, diz: „*Aquello de sustentar-se de imaginaciones, regalarse con suspiros, dexar-se llevar de un ay, la grossaria nos dexó solo dello la soledad, falta que en mejor tiempo llorava ya el mejor ingenio de affectos.*"

142 *D. João de Menezes, Conde de Tarouca.* O facto do titulo de *Conde* não passar a seu filho, tem outra explicação: o titulo não era de juro de herdade. Seu filho, D. Duarte de Menezes, Governador da India, não teve titulo de Conde, nem seu neto D. João de Menezes, nem tambem seu bisneto D. Duarte de Menezes, mestre de Campo d'El Rey D. Sebastião, e cativo na batalha de Alcacer. Só no terceiro neto, D. Luiz de Menezes, renovou Elrey D. Filippe o titulo de Conde de Tarouca.

D. João de Menezes, Cantanhede. O pae do heroe de Azamor chamava-se D. João Tello de Menezes e era 4 Senhor de Cantanhede. Seu filho primogenito, D. Pedro de Menezes, 5 Senhor da Casa de seu pae, foi o primeiro que teve o titulo de Conde por mercê delrey D. Affonso o V, mas tambem sem juro e herdade. Nem seu filho D. Jorge, nem o neto D. João, nem o bisneto D. Pedro, nem o terceiro neto, D. Antonio foi conde. Só em 1618 no quarto neto D. Pedro é que o titulo foi renovado.

No. **112 Celia** 1—24; 31—32 e 289—304. Sobre os varios desastres e prodigios, annuncios de mayores desgraças, que affligiram Portugal nos annos de 1529, 1530, 1531 e 1535, veja-se a Chronica de Christovão Rodrigues Acenheiro a p. 353—364:

1. „O ano de 1529, e mes de Julho, na villa de Punhete pario hũa mula hum poldro que foi visto e criado.

2. E este ano de 1529 e Maio sobre a lũa muito conjunta se pôs hũa estrella.

3. Aos 5 dias de Outubro de 1530 foi gram eclise da lũa á mea noite, e assim foi outro eclise della a 12 dia de Novembro de 1529.

4. 1531 tempo de grande fome e peste.

5. O ano de Christo de 1531, quinta feira, hũa hora ante manhã, aos 26 dias do mes de Janeiro, foi grande terramoto em este Reino de Portugal etc.

6. E amtes de tremer a terra foi visto de pessoas hũa estrella cometa correr do ponente contra levante com raios de fogo grandes, que parecia que abria o ceo.

7. O Aguosto de 1531, segunda feira, 7 dias delle e ás oito da noite choveo foguo do ceo antre Veiros e Monforte que fês grande dano em trigos e prados e homens e de bestas, e isto foi notoreamente.

8. E loguo á quarta feira 9 d'Aguosto do dito ano de 1531 foi vista contra a parte oriental se alevamtar hũa gramde estrela cometa.

9. O ano de 1531 e 1532 forão fomes e pestes de maneira que nesta cidade d'Evora veio triguo das manchas d'Araguão, e doutras partes longe, e valia o alqueire a 200 e tantos reis que o havia o povo por estranho etc.

10. (p. 362) O Setembro de 1535 e Outubro, e Novembro, e Dezembro foi todo estio, e nom choveo, soo dous ou tres dias d'Outubro algũa travoada, com que se fizerão algũas sementeiras mal e seccas esperamdo o Janeiro; foi quemte e secco, pior que todos, guados mortos — anno sem esperança de novidade. Mantinha deos os campos em moluras e frios. Choveo Fevereiro dia de S. Bras, e Março pouco, e o Fevereiro se fizerão algũas sementeiras; e Abril a 19 e 20 dias delle choveo, e se remedeárão as ervas e campos milagrosamente (1536!). E se vendiam alcaçus espigados com sevada por erva, de maneira que se dobrou o campo em erva, trigo e sevada a maravilha, e vinhas e fruitas que desesperavão, se proveo este anno milagroso dado de deos!" etc.

Rectifique-se pois o que dissemos com relação á linha 290. O que nos levou a explorar a Chronica dos Reis de Portugal (Ineditos da Academia vol. V) foi certa nota que C. C. Branco p. 45 extractou dos papeis de J. Gomes Monteiro, e que continha a primeira metade da phrase copiada aqui sob 10.

No. **114** O mesmo critico falla a p. 38 da vida eremitica na Tapada, e diz: „*Querem que esse tedio do mundo procedesse de haver sido parcial do marquez de Torres Novas quando o infante lhe disputou e tirou a noiva clandestina D. Guiomar Coutinho. Isto não tem geito. Se Sá de Miranda alludisse na Ecloga Andres ao infante D. Fernando. João III e o principe e o cardeal não lhe dariam a commenda nem o honrariam com as suas cartas.* A allusão existe porém; mas data só de 1538, como provámos, isso é, foi feita annos depois da morte de D. Fernando, e depois de se ter verificado a mercê da Commenda.

394 Ha uma pequena correspondencia summamente characteristica entre D. Joanna de Napoles e D. Luis de Hungria. V. Epistolae Principum et Illustrium virorum (Amsterd. L. Elzevir. 1644) p. 169. — Cfr. Calderon El Monstruo de la Fortuna.

No. **115**, 375 A data 20 de Septembro acha-se no „Tratado de las Campañas de Carlos V por Martin Garcia Cerezeda (Soc. de Bibliofilos Esp. vol. XII).

469 Sobre Lattanzio Tolommei veja-se: A. de Reumont, Vittoria Colonna p. 166. Lattanzio tinha sido nuncio de Leão X na côrte de Henrique VIII d'Inglaterra; e por tres annos nuncio na côrte de Hespanha. Ao tempo da sua amizade com a marqueza estava em Roma como embaixador de Siena, junto de Clemente VII.

No. **116**, 355 O artigo de Consiglieri-Pedroso sobre o lobis-homem já sahiu no Positivismo III p. 241—256. Cfr. Coelho, Revista d'Ethnologia e de Glottologia I p. 179—183 e Leite de Vasconcellos, Tradições populares de Portugal p. 260—273.

518—520 Na revista illustrada que se intitula „O Occidente" (vol. I p. 158) encontrámos datas apparentemente fidedignas sobre um duplice enlace de um Laso de la Vega com dous membros da familia dos Sás. D. Brites de Sá, dama da imperatriz Isabel, (como D. Isabel de Freyre e D. Lianor de Mascarenhas) casou entre 1528 e 1539 em Hespanha com D. Pedro Lasso de la Vega, senhor dos Arcos e outras terras que elle perdera por ser um das *„communidades" „e por este casamento se lhe restituiran."* D. Beatriz morreu sem descendencia, e o viuvo casou, como ás escondidas, em segundas nupcias, com sua cunhada D. Isabel de Sá, a qual servia de camareira á imperatriz. Ambas as manas eram bisnetas do famoso João Rodriguez de Sá, o das Galês, sendo netas d'um João de Sá, filho illegitimo do celebre heroe, e filhas d'uma sua filha D. Guiomar de Sá e de Gaspar de Bettencourt.

No. **132** O mais antigo autor que allude ao mytho da serpente que cerra os ouvidos á voz do encantador, é o Psalmista (Ps. 58, 5—6).

No. **141 e 142**' C. C. Branco p. 39 é da nossa opinião. Propõe que se mude a lição *„com esse bordão"* em *com este bordão*, para que seja grammaticalmente possivel adjudicar o tal bordão ao poeta. Eu, por minha parte, acceito a proposta.

No. **146** K. Vollmöller (Gröber III 80) falla de uma edição da Diana que apparecêra já em 1530. Não a vi nem sabia da sua existencia.

Sobre a morte de Montemayor veja-se Salvá II p. 175. Bartolomé Ponce, autor da Primeira Parte „de la Clara Diana á lo divino" (1582 e 1599) diz no Prologo a esta obra que vira Montemayor em 1559, e accrescenta: *„Perdone dios su alma, que nunca mas le vi; antes de alli a pocos meses me dijeron como un muy amigo suyo le habia muerto por certos celos ó amores."* — Montemayor celebra a princesa D. Joanna tambem na sua Diana a fl. 92 da ed. de 1622, n'uma poesia que, sem duvida alguma, foi composta e intercalada nas suas obras depois de 1554.

46—51 O proprio Jorge de Montemayor cantou tambem as bellezas de Coimbra, o Mondêgo, e Montemór-o-Velho na sua Diana [fl. 155] e com mais fervor ainda na „Historia de Alcida e Silvano" [fl. 160]. É n'esta poesia que elle se refere ao sancto abbade D. João:

Mirava aquella cerca antiga i alta,
que por trofeo quedó de las hazañas
del santo abad Don Juan, en quien se esmalta
la honra, el lustre y prez de las Españas.
Alli la fuerza de Hector no hizo falta,
pues destruio su brazo las campanas
del Agareno rey que le seguia
i a su traidor sobrino Don Garcia.

Mirava aquel castillo inespugnable.
por tantas partes siempre combatido
de aquel falso Marsilio i detestable
i del traidor Zulema en él nacido.
Dezia alli entre si; Oh quan notable,
mi gran Montemayor, contino has sido
pues en tus altas torres fue guardada
la santa fe a fuerza de la espada!

Decia: oh alto monte y valeroso
Montemayor-el-viejo, tan nombrado,
y monte de fe lleno muy glorioso
Mayor, por mas valiente y señalado
Llaman te el viejo a ti por mas famoso,
Antigo, fuerte, alto celebrado,
ado Minerva i Marte se juntaron
I con la ciencia i armas te adornaron.

No dia do anniversario do abbade reprensentava-se annualmente em Montemór uma farça inedita dicta „do Abbade João", de Francisco de Pina e Mello † 1695. Ha mais uma comedia sobre o mesmo assumpto „Gloria de Montemór, S. João de Deus", de Luiz da Rocha; Lisboa 1754. Cfr. tambem „Jardim de Portugal" p. 139, No. 52.

No. **147**, 97 Cfr. Camões; Elegia IX, a D. Miguel de Menezes, linha 106:

„*Facil he a perda aqui da sepultura.*"

No. **148**, 21—23 com 49—51 vêm citadas na Domus Sadica a p. 73.

62—63 C. C. Branco p. 37 acceita a data 1534, fixada por Th. Braga, como a do ostracismo do nosso poeta.

150, 5 da Ded. Citada por D. Frco de Port. na Arte de Gal. a p. 90, onde gaba „aquelle grande espirito da côrte, D. Manoel de Portugal.

318 Cfr. Eufrosina p. 101.

No. **151**, 1—4 Domus Sadica p. 10.

13—15 Citadas por D. Frco de Port. Carta p. 47 (*dixo el nuestro gran poeta*).

17—42 Macedo, D. S. p. 63 cita estas linhas e mais as quatro primeiras da estrophe intercalada por **B**.

174 O proverbio portuguez vem citado p. ex. na Ulyssippo f. 25v.

528 Sobre a lenda de Salamão e Marcolfo na tradição portugueza veja-se „Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache" VIII 313.

170—171 Na margem da primeira elegia acha-se a nota: *Não está nos impressos*; alguem inferiu d'aqui que a poesia era de Sâ de Miranda e assentou: *he de Sâ Miranda*; mais tarde porém outra pessoa riscou *Miranda*; e um quarto individuo restabeleceu finalmente o nome de *Miranda*. A' margem da segunda elegia está *Sa Miranda*; o „*Miranda*" foi porém,

riscado; alguem juntou a nota *não está* e outrem restituiu de novo *Miranda*.

No. **200**, 100 Cfr. Vil-ão em Prestes p. 253.

No. **208**, 32 Moreto, na Comedia *No puede ser* cita Juan de Mena entre os poetas ricos.

No. **212** Macedo, Domus Sadica p. 16 affirma que o epitaphio latim do sepulcro de Miranda é do Padre João Freyre e que Martim Gonçalves da Camara não fez mais do que mandál-o inscrever na lapide.

Glossario

de

algumas palavras hoje antiquadas ou raras

ou

das que pareceram dignas de menção para a historia
da lingua em tempo de Sâ de Miranda.

Veja-se p. CXXXIV da Introducção.

A.

a por **e**, lat. *et*; forma antiga e popular (minhota?) 83, 3, conservada p. ex. na Prat. de tres Past. 29. 57. 113. 140. 151. 162, 175; no Lima de DB p. 115 (*Entre Douro a Minho*), nas Obras Metricas de Mello p. 75:

A, sendo per cousa sua
a dor nom dava mazella;
e *A, pois lá leixo a esperança,*
dou-ch'ó demo os desenganos;
e *Graviel, Amor hé ave*
a pousa-se ahi u elle quer;

e em algumas rimas populares, como

Quem de mim mal diz
Aqueime a lingua a mai-lo nariz.

Sobre *a mais* vide Romania X 79.

abalado: *muito commovido* 140, 10 [*siso abalado* : *fraco juizo*].

abalar, e **abalar-se**: *retirar-se, fugir*. 28, 2.

abalar: *retirar-se* 102 p. 142 var.; 112, 385; 151, 470. — *mover-se, subindo* 111, 32 p. 712.

abalo (**fazer** —): *abalar*, no sentido de *commover, agitar, perturbar, causar doença* 103, 406; 150, 54.

abargado: 102, 8 var. **E**, onde os outros textos põem **barajado**. Talvez simplesmente erro de copista por **abarajado**.

abasta alterna com **basta** 1, 14; 114, 4, 8 e 124; 150, 3 Ded.

abastança: *abundancia, riqueza* 106, 185 var.; **em** —: *abundante e copiosamente* 107, 298; 150, 12.

abastante por **bastante**: *abastado, rico* 113, 363 p. 725.

abeborado: *saciado, asedentado* scilicet *de vinho*, i. é *bebado* 75, 18.

abonar: *tornar-se bom, melhorar* 115, 516 var.

abondar por **abundar**: *bastar, ser sufficiente*; pop. *bondar* 102, 856.

abranjer: *abarcar, contêr, encerrar* 111, 40 Ded. var. — Cfr. 116, 459. — Lusitanismo.

abrigado s. m.: *abrigo, refugio, asylo* 106, 27 e 51.

abrir 113, 349: *cavallo de armas a quien los pies calzara un blanco i abriera por medio la orgullosa i alta frente*. Parece-nos que o poeta quer dizer que o cavallo era quatralvo e tinha malha branca na testa. — Vide **calzar**.

absencia por **ausencia** 45, 16 p. 680.

abuiz aboiz por **buiz boiz**: *armadilha*, laço, 103, 158 onde ha as phrases *armar a boizes* e *aboizes*.

aburrão por **burrão**: *abborecimento* 117, 37 p. 731. — Vide **borrão**.

acatadura e **catadura**: *aspecto* 111, 331.

acidente alterna com **accidente** 102, 479.

acierto part. adj. por **acertado** 112, 170 p. 719.

acinte: *de proposito, intencionalmente* 103, 83; 127, 22.

acoimar: fig. *censurar* 18, 6.

a las mil maravilhas, tamalavez, aldemenos, a cabo-la-mar etc.

a la fé 102, 194, 376, 624; **a fe** 102, 415; **mi fé** 102, 600—607 var.; **a la fe mia** 102, 655.

alborar por **alborear**: *amanhecer* 111, 284 [**alborear** 151, 73].

aldeahuela aldehuela por **aldegüela**: *pequena aldeia* 115, 36. — Cfr. o proverbio antigo: *En el aldehuela, mas mal ha que non suena.*

aleive vide **assacar.**

alembrar-se alterna com **lembrar-se** 150, 106. — Hoje na lingua litteraria e na conversação elegante não se diz: *alembrar assubir alevantar amostrar* etc.

alevantar por **levantar** 74, 17 p. 683; 100, 52; 103, 84; 107, 37; 150, 18; 164, 504.

Alfama 108, 190. Nome do bairro mais populoso, mais elegante, mas tambem mais perigoso da antiga Lisboa da Renascença.

alferes: plur. de *alferez* 112, 39 Ded. — Cam. Lus. IV 27 diz *alfereses.* Cfr. port. vulg. *os caliz* por *os calizes* (G. V. III 375); *feliz* por *felizes* (G. V. I 119); *os arraez* por *os arraeses* (G. Fructuoso); *os caeses* (Fr. d'Hollanda); *os ourives* ao lado de *os ouriveses*; *os eirozes* pop. por *os eirós* (plur. de *eiró*); *póses* em logar de *pós* (pl. de *pó*); *demetizes* por *dimitís* (pl. de *dimitil*); *cháses, maréses, paletóses* etc.; gall. *leises reises* em logar de *leis reis* (pl. de *lei rei*); e *manteses* por *mantês* (pl. de *mantel*); cast. *los seises de Toledo,* etc.

algũa por **alguma.** É a unica forma usada pelos Quinhentistas. 33, 4; 149, 32; 100, 97; 114, 11; 150, 108 em rima com *lũa nenhũa* e *ũa.* — A pronuncia das formas gallegas *unha algunha ningunha* approxima-se muito da antiga pronuncia portugueza, a qual se conservou inalterada na provincia do Minho. — Saco Arce 26 diz que o gallego gosta pouco de pronunciar *mui* nasalmente a letra *n.*

alifante por **elefante** 103, 472; 164, 501; forma pop. ainda hoje.

alimaña: *animal* (lat. *animalia*) 102, 484; 111, 600; 113, 97 p. 722; 151, 162; 167, 4; 168, 27. — Cfr. port. **almalho.**

álimo por **álamo** 171, 55 p. 736.

alivar por **aliviar**: *fazer* ou *tornar-se leve, abrandar, mitigar, consolar* 78, 2; 144, 12; 109, 161 var.

allevantar por **llevantar** 102, 593 p. 702; 112, 237 p. 720.

almalho: *bezerro, novilho* 103, 190. Cfr. port. *almaria* Vilhalp. II 2 e *alimaria* ibid. V 3; cast. *alimaña*; frc. *aumaille.*

aloquear por **loquear**: *dizer* ou *fazer locuras*; *enlouquecer* 85, 14 p. 685. — Cfr. 102, 123 p. 689.

alumear alterna com **alumiar** 104, 62; 107, 61; 116, 440.

alvedrío por **albedrío**: *alvitre* 113, 155 var.; 146, 38.

Alverez alterna com **Alvarez** 103 Rubr.

alvorada (estrella da —): *estrella d'alva, o planeta Venus* 116, 445.

Amadrias por **Amadriades** 115, 309.

amaro por **amargo** 111, 465 var.

amenguar por **menguar**: *minguar, faltar* 115, 175 p. 728.

amenhã por **amanhã**, pron. popular 107, 20.

amorcego alterna com **morcego** 114, 95.

amostrar por **mostrar** 111, 285 var.

ancanzar por **alcanzar**: *alcançar, encalçar* (lat. *incalciare* de *calx*) 2, 54.

andabata (lat.): *gladiador que combatia com uma faixa nos olhos* 114, 110 var. (vid. p. 830). — Coelho accentua *andabáta*. — Hier. adv. Hebr. 1, 3: *more andabatium gladium in tenebris ventilant.* — Vide **emdebate.**

andaço: *contagio, epidemia* 103, 142. — Cfr. gall. *andacio.*

andurinha por **andorinha,** simples var. orth. 103, 459; 164, 27, **pés d'andorinha**: nome d'um cão de caça.

andurrial (-iais): *logar* ou *caminho ermo e extraviado* 103, 164; 114, 120; 117 p. 732.

anho: *cordeiro* (lat. *agnus*) 103, 149.

anojado por **enojado nojado**: *enfastiado, desgostado* 103, 115 etc.

ansar por **ansiar**: *anhelar* (all. *keuchen*) 102, 620 p. 702). — Cfr. it. *ansare ansinare* (de lat. *anxius* e *asthma*).

ansi por **asi**: *assim* 102, 16; 111, 198; 112, 157 e 342.

ansina por **asi**: *assim* 111, 553 p. 717; 113, 37 p. 726.

antão por **então,** form. pop. 80, 13; 103, 489.

ante alg. por **adiante de alg.** 21, 4; 107, 108; 150, 243.

ante por **antes**: *até agora* 104, 8 var.

ante alg. por **delante de alg.** 102, 615 e 616 var.

antemenhã por **de antemenhã**: *antes de amanhecer* 106, 204 var.

antiguedad por **antigüedad**: *tempo antigo* 111, 40; 115, 9 var.

antiguidad por **antigüedad**: *antiguidade* 115, 9. — Lusitanismo.

antolhos: *caprichos* 150, 13.

antonces por **entonces** 102, 55. Vide **antão.**

antrambos por **entrambos**: *ambos* 2, 35.

antre por **entre,** forma pop. frequentissima em Portugal e Galliza 15, 2; 38, 5 e 8; 89, 10; 91, 4; 104, 14; 150, 42; 164, 349 e 361.

antre por **ante, delante**: *ante, adiante* 5, 8. Cfr. *adelantre,* que alterna com *adelante.*

antre por **entre** 102, 611.

antremes por **entremes** 109, 5.

antremeter-se por **entremeter-se**: *importar-se com alg. c.* 103, 484.

aotas por **ahotas**: *por certo, abofé, aousadas,* formula de juramento muito popular 102, 916. — Cfr. port. *afouto.*

apalpar vide **palpar.**

apartadizo: *solitario, misanthropo* 113, 5 p. 721.

apelido por **appellido**: *convocação clamorosa do povo contra o inimigo ou contra os ladrões, em occasião de fogo* etc. 164, 678. — Cfr. Nota p. 863.

apena por **apenas** 133, 20 p. 733. Vide **pena.**

apena por **apenas** 94, 8 p. 686; 150, 193. Vide **pena.**

apetito alterna com **apetite,** forma que hoje é a unica usual 103, 11 e 402 p. 709 e 625; 109, 54; 150, 391; 106, 126; 108, 337 em rima com *dito fito esprito.*

aplazer por **plazer**: *prazer* (verbo) 102, 250; 111, 198; 115, 70 var.; 165, 320; 170, 67.

apontar: *apparecer, mostrar-se, principiar a apparecer* 103, 486.

apos (de): *atraz de* 28, 12; 31, 2 p. 680; 127, 103; 103, 144, 297 e 301 p. 709 etc. etc.

aprazer por **prazer** verbo 17, 4; 109, 56; 127, 206; 150, 24 e 25 var.,

226 e 257; **aprouve** 40, 10, **aprouvesse** 154, 55, **prouvera** 150, 271 por *aprougue aprouguesse aprouguera* do lat. *placuit*.

apreflar alterna com **aperfiar perfiar aporfiar porfiar**; de **perfia**, lat. *perfidia* 59, 9 p. 681; 107, 26; 164, 151.

apregonar alterna com **pregonar**: *pregoar* 115, 161.

apuesto: *delicado, fino* 111, 22.

aquebrantar por **quebrantar**: *quebrar* 115, 253 var.

aqueduto por **acüeducto** 111, 39. Cfr. Tirso de Molina p. 123.

aquel' outro por **aquelloutro** pron. dem. 103, 56 var.; 164, 248 (*um ... outro ... aquelloutro*).

aquellotro (e **aquillotro**) subst. masc., nascido dos pron. *aquell'outro aquilloutro: paixão, malenconia, dó, certo não sei que; estado de animo irrequieto e desasocegado, difficil de caracterisar*. 168, 59. Vide **quellotrar**.

arça por **arda** (lat. *ardeat*) 105, 223.

Archilis por **Achiles Aquiles** 105, 76.

ardid adj. e adv., por **ardido ardidmente**: *briosamente, com brio* 113, 348. — Cfr. frc. *hardi* Diez EW. I 30.

arenga por **renga renque**: *fileira* 164, 479: *em arenga vão os grous*.

a revezes: *revezadamente, alternadamente* 111, 232 var.; 113, 327 e 328; 165, 252, 293, 294. — Lusitanismo.

armantio(s) alterna com **armentio** por *armento, rebanho* 116, 278 em rima com *rios*.

arrabil: instrumento pastoril de musica (arab. *ar-rabeb*), antiga forma de *rebeca* 103, 40. — Cfr. **rabé rabi**.

arraial 151, 415; *Entran hurtados, siendo Amor ausente, Al arraial de amores*. — A palavra, rarissima em Hespanha, significava antigamente, o mesmo que *rayano* (de *raya*), i. é *termino, confim* (port. *arraiano*). Em Portugal era e é usadissima, deriva de *real, arreal* e significava *o alojamento (real) do exercito em campanha, o campo militar, a agglomeração de povo em algum logar de festa, ou romaria*. — Cfr. Barros: *aquel arrayalde do demonio*, e Jorge Ferr. de Vasc., Eufros.: *todo o namorado peleja nos arrayaes de Cupido*. — É pois provàvel que Miranda se servisse em hesp. da palavra portugueza.

arraiado por **rayado**: *brilhante* 115, 241.

arraiar por **arrear**: *adornar, enfeitar* 111, 25. Cfr. p. 713; 115, 288.

arrear: *arrear, adornar, enfeitar* 151, 75.

arreoear alterna com **reoear** 103, 428 p. 709; 116, 181.

arrefentar: *tornar frio, matar chupando o sangue* 150, 24—25 var.

arrependir-se por **arrepentir-se**: *arrepender-se* 165, 39 (*arrepiendes*). — Lusitanismo. — Cfr. 112, 39 pr. 718 *arrepentes*.

arriva por **arriba** 144, 10.

arroido por **arruido ruido**: *gritaria, vozearia do povo em caso de motim* 103, 630—31 var.; 164, 679.

arrufo: *pequena dissensão, ira leve entre pessoas amigas* 164, 285.

arteficio por **artificio** 91, 10; 74 rubr. final.

arteficio por **artificio** 113, 306.

arteficioso por **artificioso** 113, 132 p. 723.
artelharia ao lado de **artelheria** **artilharia** 106, 260.
arvorada por **alvorada**: *alba* 116, 445 p. 730. — Vide p. 838.
asacar vide **assacar.**
asessego ao lado de **assossego** **socego,** forma antiga 105, 22; 107, 289.
asilvar por **silvar silbar**: *silbar assobiar* 102, 462.
asinha vide **azinha.**
asmar: *esmar, estimar, julgar* 115, 63.
asolto alterna com **absolto** 104, 305.
aspe s. m. por **aspid**: *aspide* 111, 254 p. 714.
assacar aleive a alg.: *levantar calumniosamente falso testemunho contra alg.* 104, 185.
assanho: *ira, raiva, paixão* 104, 137.
assento: *resolução, plano* 105, 145.
assi alterna continuadamente com **assim** d. ex. 57, 6.
assoalhar: *publicar, divulgar com ostentação, fazer soar e resoar em todas as partes* 150, 410.
assuada (d'): *juntos e em grande desordem, desordenada e tumultuariamente* 100, 95.
atambor por **tambor** 104, 342; 108, 187.
atan por **tan**: *tam, tão* 102, 6.
atanto por **tanto** 112, 313 p. 721; 151, 472.
Ateniese ao lado de **Ateniense** 104, 374 onde *atenieses* rima com *portuguezes* e *revezes.*
atento: mâ orthograph. de *a tento* 105, 149 var. — Vide **tento.**
atermar: *acabar, têr fim* ou *termo marcado, aprazado* ou *fixado.* 112, 164 var. Modismo antigo portuguez.
aticiar por **atizar**: *atiçar, espertar o fogo.* 115, 194 onde *aticio* rima com *servicio.*
atoleiro: *lodaçal, lamaçal* 153, 19.
atrapalhado alterna com **trapalhado** 116, 523: *leite* —: *leite preso e coalhado.* — Modismo Gall.
atreiçoadamente por **atraiçoadamente**: *por traição* 104, 184.
atrevessar por **atravessar** 121, 6.
aturar por **turar durar**: *durar*; *soffrer com paciencia*; *persistir, perseverar* 64, 6; 113, 342; 115, 237 p. 728; *chegar a, alcançar* 151, 169. — Cfr. o refram antigo: *Ture lo que turare como cuchara de pan.*
augua por **auga, agua** 1, 4; 83, 6; 92, 5; 105, 177 e 196; 106, 84; 107, 132. — Gall. *augua.*
a una a una, a uno a uno por **una a una, uno a uno** 113, 200 var.; 115, 147 var.; 151, 3 Ded. var.
ausoluto por **absoluto** 114, 48. — Cfr. Prestes 93, e *osoluto* em Res. I 245.
autivo por **activo** 105, 155. — Cfr. *pauto pacto, auto acto* etc.
autoridade: orth. phon. de **authoridade** 164, 99.
avagar por **vagar**: *ficar* ou *deixar livre, desocupado, em ocio* 102, 484 p. 699. — Lusitanismo.
avantagem alterna com **aventagem** e **vantagem,** como hoje se diz 108, 193; 164, 570.
avantejado forma antiga e popular por **avantajado,** hoje fixada na lingua litteraria: *avantajadamente, com vantagem* 150, 89.
avelanado por **avelenado**: *envenenado* 68, 28 p. 682.
avençal: *quem faz uma avença,* ou *convenção, um pacto de algum preço certo* 109, 36.
avenelado por **avelenado**:

envenenado 112, 365. — Cfr. ant. *embelinado*.

aventagem 103, 583. — Vide **avantagem.**

aventar: *farejar, perceber ao longe pelo cheiro* 150, 24—25 var.

avergonhar-se por **envergonhar-se** 141, 8.

avesiña por **avecilla**: *pequena ave, avezinha* 151, 349. — Lusitanismo.

avesso; ter seus avessos: *ter inconvenientes* ou *imperfeições* 103, 303 var.; **dar d'avesso com alg.**: *arruinal-o, perdel-o* 103, 15.

avez vide **malavez.**

avezado alterna com **vezado** 108, 296.

avindo: *em boa paz e harmonia* 105, 216; **malavindo**: *desagradavel* 15, 1.

avoo, avô: *avó* 104, 25; 148, 109 e 110. — Cfr. ber. *aboo*.

avorrecer por **aborrecer.** Na Égl. de Andrade Caminha 202, 50 e 51 lê-se na ed. de 1798:

Amo-te, Filis, quanto amar-te posso,
vejo que quanto podes, te avorreço,

phrase, cuja construcção, apparentemente falsa e contradictoria, nos pareceu inadmissivel e que mudámos em

vejo que, quanto posso, te avorreço,

deturpando d'esta maneira uma boa phrase portugueza, do genero equivoco. *Aborrecer* em port. tanto exprime *o ter* como *o ser tido em aversão*, i. é significa com relação activa *ter aborrecimento*, e com relação passiva *ser aborrecido de* ou *aborrecivel a alg.* — *Te avorreço* na phrase referida é identico a *tu me aborreces*.

Azeno por **Zeno** 105, 119.

azinha asinha: *depressa, ligeiramente* 12, 10; 103, 439; 164, 472. — Port. ant. *aginha*. Gall. *aixinha eixinha axiña*.

azinhago* 164, 16; **dia —**: *dia aziago, dia mofino, infausto nefando, de mao agouro.* — Será simples erro de copista por *aziago*?

B.

b por **v.** Havendo dous *vv* ou dous *bb* dentro da mesma palavra, era regra euphonica entre os Quinhentistas pronunciar-se o primeiro como *b*, e o segundo como *v*. — Cfr. *bavado, barvudo, bavoso, bever, bivo, embevecido, embolver, sobervia, bovo, embovecido* etc. etc.

baço: *de côr escura* 100, 5.

bacorote de **bacoro bacaro bacro**: *porco pequeno, leitão* 103, 511 e 517 p. 710. — Cfr. gall. *bacoro vacoro bacoriño vacoriño: leitão*; e *bacão: presunto*.

bailo por **baile,** forma antiga e ainda popular 103, 186. — Cfr. G. V. I 130 e 131; III 184, etc.

baldio: *inutil, ocioso, vão, futil* 103, 5 Ded.; 107, 296.

balhar por **bailar** 164, 271.

balsano 113, 349 p. 725: *los pies balsanos* dicto de um cavallo. — *Balzano* em ital., em port. *balsão*, em franc. *balzan* (ant. *bauçant*) significa um cavallo preto com signal branco nos pés. — Vide **abrir e calzar.**

banda por **bando**: *multidão* 103, 456 **pombas em bandas**; 164, 480 **bandas de cervos**; cfr. 104, 46 var. *aves que vão d'outro bando* — por *lado*, 109, 42 var. **tudo á banda inclina**; 103, 253 var. **vindo á banda**: *feito parcial, bandeado, isolado.*

barato 150, 212 **fazer mal barato de si**: *malbaratar-se, vender-se por baixo preço.*

barca 116, 450 *a constellação da ursa maior*, que entre os rusticos ainda hoje se chama: *a barca do Norte*. Diz-se tambem *carro, carreta, cassarola*, e *seteestrello do norte*.

barvudo por **barbudo** 102, 70 p. 688.

bavado por **babado.**

Belorfonte Belorfuente por **Bellerophonte** 113, 50.

bemquería 103, 63

Bebemos das bemquerías
Que cada um comsigo tem.

Todos os Diccionarios, seguindo a Bluteau, explicam a palavra por *bemquerer, bemquerença: amor, affecto, affeição*. — Não será antes uma forma popular por *bemquerida*? — Em todo o caso *as bemquerías*, de que os pastores de Miranda fallam, não pódem ser senão as *cabaças* de vinho, os vasos rusticos, que a gente costuma levar comsigo.

benzedeira por **bendicera bendicidera** (G. V. I 13): mulher que pretende curar doenças com formulas e bençõe superstíciosas 102, 35 e 27 p. 687. — Lusitanismo.

Bernaldim por **Bernardim** 51 rubr. Cfr. o anagramma *Narbindel* na Men. e Moça de B. Ribeiro.

bevedizo por **bebedizo**: *bebida que se dá por medicina*; *bebida que produz efeitos magicos* 102, 42 e 75 p. 688.

bever por **beber.**

bibera bibora por **vibora** (lat. *vipera*) 103, 176; 116, 401. — Cfr. Cam. Lus. V 11 *bivora*.

Bieito e **Bento**, formas pop. de **Benedicto** 103 pass.; 116 pass.; 150, 218; 164, 148, 163, 179, 706. — Cfr. port. *feitò* (*feito, fêto*) e gall. *fênto* de *filictus*.

biooo 164, 372; **fazer biocos**: *usar de maneiras affectadas e lisongeiras*; *simular beatice*.

bisdono: *bisavô, ascendente* 116, 508; 164, 462. — Cfr. Prestes 363.

bisneto: *descendente* (em sentido geral sem indicação do grao de parentela) 164, 464.

bivo por **vivo.**

bofe: *pulmão*, fig. *genio, caracter* 103, 97 *homem de bofes lavados*: singelo, franco.

bogío por **bugío**, var. orth. 108, 359.

bolir por **bulir** 127, 81.

bolver por **volver.**

bordão: *cajado* 117, 210.

borrão por **burrão**, como se costuma escrever: *enfado, amuo, tristeza, aborrecimento* 103, 102; 164, 190. — Vide **aburrão.**

box por **boj buxo**: *bucho* 115, 19 Ded. var. p. 350 e 726.

braços (**a** —) loc. adv.: *em briga, em luta* 174, 19 etc.

brando* 114, 115 *fazer gram brando*. Parece simples erro de copista por **bando.** — Vide **banda.**

Bras por **Blas**, pronuncia gallega, muito usada entre o povo castelhano 115, 193 e 398. — No Teatro antigo hesphanhol, nas obras de Encina, Rueda, Torres Naharro, Tirso de Molina ha innumeros casos da troca de *pl bl cl gl* em *pr br cr gr* (*pruma pobre diabro Crora igresia* etc.).

brasa 164, 516 **matar a brasa**: *avantajar-se a todos os outros em galanteria.*

brasfemar por **blasfemar** 117, 258.

brava 111, 8 var. **A**: **arder em brava.** Presumimos que em logar de *brava*, o ms. original dizesse *brasa*.

bravoso: *bravo, assanhado, raivoso* 103, 515.

bravoso: *bravo, fanfarrão* 115, 55 onde **ABC** leem **bavoso**: *tolo, simplorio, que não sabe o que diz.*

brevaje s. fem. por **brebaje** s. msc.: *beberagem* fem. 112, 227. [Masc. 151, 154.] — Lusitanismo. — Cast. ant. *el brevagio.*

briega por **brega**: *briga* 115, 104.

brusco: *turvo* 102 p. 146 var. de **F**: *Si la vista no es ia brusca,* onde todos os outros mss. lêem: *si la vista no se* (ó *no me*) *embrusca.*

bucho: *estomago dos animaes.* **Trazer um infante no bucho**: *ter grande presunção, andar muito inchado* 107, 263.

bueis por **bueyes**, plural monosyllabico de **buei**: *boi, bois* 111, 487; 112, 388; 113, 408; 165, 396. Só uma unica vez, no fim de dous versos 102, 532 e 535 encontramos as formas dissyllabas *bueies* e *leies*, sem acreditarmos, porém, que o autor as adoptase. Foram os copistas e os editores que as intercalaram. **A** tem *bueyes* e *leys*, **B** *bueyes* e *leyes*. — Cfr. 102, 368 p. 696.

burrão vide **borrão**.

butre por **buitre**: *abutre* 111, 343.

C.

c' i. é **co** por **con** 172, 9 **c'un**: *com um*; 182, 3 e 4, onde para certeza da medida é forçoso pronunciar **col** por **con el**.

ca: *que, porque* 128, 18 e 38; 155, 66; 168, 28. — Mayans 65. — Lusitanismo.

câ, contracção de **cada** 35, 4. Cfr. gall. *nâ mais* por *nada mais.*

cabdal adj. por **caudaloso**: *de abundante agua* 102, 534 (*rio* —). — Lusitanismo.

cabe a g. ou **alg. c.**: *perto de, ao pé de* 102, 110; 111, 54; **cabe de** 111, 60; 113, 401; **á cab'de** 113, 401 var.

cabeça; dar á cabeça: fig. *teimar, repetir sempre a mesma cousa, fanfarronear* 147, 13. — Cfr. Estrang. II 6; Vilhalp. II 7.

cabripié: *cábripede* 113, 315 var.; 115, 444 var.

cachaça, 108, 129 *vinho de borras?* Não será antes certa qualidade de *vinho campestre, saudavel e refrescante.*

cacho: *pedaço de tempo, rato* 102, 552.

cadum por **cadaum** 103, 563 p. 710.

cagion s. fem. por **occasião** no sentido portuguez de *desgraça desdita, mofina imprevista e repentina* 112, 285. Cfr. ant. port. *cajião cajam cajão* (s. masc.). — Lusitanismo.

caje alterna com **casi**, **quage**, **quagi** e **quasi**, pronuncia antiga, hoje vulgar, de *casi,* que foi reformado em *quasi* pelos eruditos, sobre o typo latino 108, 38; 109, 13 e 112 var.

cale: *convém, importa.* Forma hoje anticuada. Lat. *calet mihi.* 102, 185 *de si poco le cale*; 102, 356 *no cale*; 115, 164. — Cfr. G. V. II 63 e Diez EW. I.

calor fem. por **el calor**: *o calor.* 112, 306; 102, 600—607 var.; 113, 278 p. 724; 111, 71 var.

callandra ao lado de **calandria**: certa especie de *cotovia* (lat. *alauda calandria*) 115, 452. — G. V. III 119 *calhandra.*

calzar 113, 349 *cavallo de armas a quien los pies calzara un blanco* etc. — Em portuguez um *cavallo calçado* é geralmente o mesmo que *quatralvo,* i. é que tem os quatro

pés brancos; mas significa tambem todo o cavallo que tem os pés malhados de outra qualquer côr.

camanho: *quam grande*, lat. *quam magnus* 46, 1; 150, 296 var.

camiño por **camino**: *caminho* 112, 141. — Lusitanismo.

can por **perro**: *cão*; nome injurioso dado aos infieis 112, 40 Ded. — Lusitanismo? — Cfr. Mayans 113.

Can Cerbero 111, 332.

cansacio alterna com **cansancio**: *cançaço* 111, 227. — Lusitanismo.

cansado ao lado de **cançado** 150, 22.

canseira por **cançeira**: *trabalho, exercicio que causa cansaço* 164, 57.

cantadera, forma antiga e popular por **cantatriz** 151, 463.

cão 117, 191 o gram Cão por *o gram Khan*, chefe ou principe ottomano. — Cfr. Lus. X 16; Res. Miscell. p. 338; Tafur 453 etc.

capa em colo por **homem de capa em collo** 103, 46. — Cfr. Estr. III 2. Geralmente se explica por *pobretão, miseravel, quem só possue a capa que veste*. Não será antes, *quem toma ares de presunção; um fanfarrão, um Bramarbas, que á primeira vista, capa em collo, parece alguma cousa, não sendo nada?* O ms. J tem *torcicollo* (p. 707), quem torce o pescoço com ares de galante, ou tambem de hypocrita. — Cfr. Mello p. 53.

caramelo: *pedaço de gelo* (allem. *Eiszapfen*) 150, 325.

carcer por **carcere**, como hoje se diz 107, 149.

carcer por **carcel**: *carcere* 64, 6.

Carlo por **Carlos** 104, 328 var. C e 330—331 var. C. — Vide **Jesu**.

Carlo por **Carlos** 165, 55 Ded. — Vide **Jesu**.

carniça: *matança* 106, 224 var.; **lobo que á carniça vai** 148, 135.

carrero(s) por **carerra** 111, 537, onde rima com *madero(s)*: *carreiro, senda*. — Lusitanismo.

casi vide **caje**.

catadura vide **acatadura**.

cativo por **captivo**.

causo por **caso**. Um dos mss. que consultei, escreve ás vezes *causo* por *caso*. Cfr. berc. *acauso* por *acaso* (p. 263). Em Goes e nas Ord. Aff. I 51, 19 encontramos tambem esta forma, que em todo o caso é pouco vulgar. G. V. I 137 tem *caiso*.

centas por **cento cem** diante de um subst. fem.; forma irregular, formada talvez sobre o typo de *duzentos duzentas* pelo hespanhol Felipe de Aguilar. 124, 9. — Cfr. Res. I 61 *centa tantas vezes*.

cervo vide **venado**.

cidadõis pl. pouco usado e contrario á etymologia de *cidadão* (hesp. *cidadano*) 107, 140—141 var.

cingial, palavra talvez provincial, até hoje completamente desconhecida, que significa *javali* 113, 225. — Cfr. ital. *cinghiale*, frc. *sanglier* do lat. *singularis*: *solitario*. — Será italianismo.

Circes alterna com **Circe** como *Psique* com *Psiques*; *Lethe* com *Lethes*; *Marte* com *Martes* etc. 106, 221.

Circes ao lado de **Circe** 113, 407.

ciscar-se: *escapulir, fugir sorrateiramente* 150, 36.

co cos coa coas, formas contrahidas de **com o com os** etc. — Cfr. c' e gall. berc. *co ca cos cas*.

cobiça, variante puramente orth. de

cubiça (lat. *cupiditia*) 103, 16, 257; 106, 86, 91; 114, 127.

coldre: *carcas das settas* (greg. *kórytos*) 105, 215, onde a edição de 1784 lê: *cordel.*

color s. fem. por **color** masc.: *a côr* 111, 130; 113, 340. — Lusitanismo.

coluna, orthogr. phonetica de **columna,** como ás vezes se acha impresso, conforme o antigo uso. 105, 2. — Cfr. 147, 103 e 108.

com de dia por **de dia** 116, 526. — Cfr. G. V. I 277.

coma por **como,** antic. e vulg. 116, 73. — Cfr. gall. *coma.*

comezar por **comenzar**; port. *começar* 64, 6 p. 682.

comiezo subst., por **comienzo**: *começo, principio* 99, 10. — Lusitanismo?

comprender por **comprehender** 116, 211.

conciencia por **consciencia** 150, 9.

concluzon por **conclusion** 115, 388 var. — Vide **presunzon** e **prizon.**

concrudir por **concluir,** forma antiga 103, 431. — Cfr. G. V. I 231; Res. I 199.

condanar por **condenar**: *condemnar* 164, 102, onde *condane* rima com *Joane.*

condino orth. phon. de **condigno** 98, 50.

congruo (de): de gratificação, 98, 49 em contraposição com *de condino* : *por justiça.*

consegrado por **consagrado** 140, 3 p. 735.

consuno (de —): *juntamente, em commum* 115, 267 var.; 151, 268. Vide as antigas formas portuguezas: *suum sum, em sum, de sum, de com sum, de com suum, de consum,* que exprimem o mesmo que *ensembra.*

contino alterna com **contínuo** 106, 138.

contino por **continuo** 112, 128; 113, 172; 115, 376 var. **a la contina**: *continuamente*; 165, 144.

conto; *por (seu) conto e medida:* conforme o valor, phrase muito usual que alterna uma vez com *por conta e medida* 150, 8.

contrairo por **contrario** 82, 11; 127, 113 e 181; 164, 550 e 551; 191, 108.

coracõizinhos dimin. de **coraçõis,** plur. de **coração** 150, 413.

corpo 150, 3; **fazer corpo e gesto**: *fazer de tripas coração.*

Corradino por **Conradino** 104, 321.

correjo, ind. pres. de **corregir** por **corrigir,** como hoje se diz 150, 220 em rima com *vejo.* — Cfr. G. V. III 234, 235, 269.

corruto por **corrupto,** orth. phonetica, 102, 400; 111, 194, em rima com *enjuto fruto.*

cortez por **corteza**: *cortiça* 192, 36 em rima com *ternez* e *niñez* [D. Manoel de Portugal].

cortir a pelle: fig. *dizer mal de, maltractar alg.* 103, 190—191 p. 708.

costume s. fem., por **costumbre**: *costume* masc. 102, 125. — Lusitanismo?

cote, de —: *todos os dias, quotidianamente* (lat. *quotidie*) 164, 685. — Muito usado no Minho e na Galliza. Cfr. G. V. III 168 *de cotio, a cotio,* e cast. *cutiano.*

covão s. masc.: *covo, cesto comprido de vimes, usado na pescaria* 103, 54 p. 707.

covil: *cova, gruta; choupana, choça* 103, 638.

Ç.

Ch.

D.

em rima com *engano, humano, meridiano* e *ano*.

darredor (**al** —) por **al derredor**: *em torno* 102, 749 p. 706. — Cfr. **a d'arredor** nos Vilhap. II 4; e **d'arredor, derredor, ao redor** 106, 273.

decer por **descer** 103, 469; 164, 49. — Vide **crecer**.

deferença por **diferença differença** no sentido de *contenda desavença* 103, 40 Ded. var.

defirencia por **diferencia**.

defesa por **devesa** 150, 244.

defeso, part. adj.: *inaccessivel, incomprehensivel*; *onde se não póde entrar, como na defesa ou devesa* 100, 105; 105, 172; 108, 170 e 171 var.

deficilmente por **difficilmente** 127, 66.

deficuldade por **difficuldade** 127, 62.

deficultoso por **difficultoso** 154, 43.

degenda* 103, 443 var. **AD**. — Palavra desconhecida. — Talvez erro de copista por *de renda* ou por *quejenda*.

delamber-se: *lamber o corpo como quem escapou ou escoou d'um perigo* 103, 75.

denantes por **antes**: *ha pouco, ainda agora* 111, 354.

dende: *de alli, desde alli, desde* 112, 18 Ded.; 112, 101; 192, 320. — Cfr. Mayans 65 e G. V. I 279 *dende alli*.

denidade por **dinidade dignidade** 104, 31.

Denis Deniz alternam com **Diniz** (*Dionysio*) 104, 182; 148, 124.

de ora em ante: *de aqui por diante* 150, 229. — Frc. *dorénavant*.

deosa alterna com **deusa** 150, 348 e 351.

departe vide **adeparte**.

departe vide **adeparte**.

departir: *conversar, praticar, relatar* 103, 124; 151, 167 var. B p. 858; 164, 144.

deporte: *divertimento* 109, 28 var.

depos: *atraz de* 57, 8. Vide *apos*.

deprender: *aprender* 146, 75.

dereita, termo de esgrima. Vide **ereita**.

dereito alterna com **direito** 32, 4; 59, 18; 103, 30 Ded.; 103, 710; 104, 32 etc.

des por **desde** 164, 496 (**desque**); 164, 655 (**des i**).

des por **d'ese**? ou por **desde**? 102, 229 p. 692. — **desque** por **desde que** 102, 272 p. 693.

desaplazer por **desplazer**: *desaprazer, desprazer, desagradar* 111, 507 var. — Lusitanismo.

desarrezoado por **desarrazoado** 80, 1; 108, 60. — Vide **rezão**.

desasisado: *falto de siso, tino ou juizo* 111, 158. — Lusitanismo.

desavença: *dissensão, discordia* 108, 68; 150, 155.

descabullir descabollir, escabulir descapulir escapulir escapolir: *fugir, escapar apressuradamente, tomar as de Villadiogo* 113, 184; 115, 53; 115, 251; 151, 341. — Palavra popular muito usada em Hesp. e Port. Em Port. as formas *escapulir escabulir* são as mais frequentes; berc. *escabulir* (G. V. II 479; Leit. Andr. 239, 352, 451). — Cfr. *escapentar escabedar* e gall. *escafedar-se*. Duarte Nunes de Leão p. 73; Mem. de Litt. V 204; Mayans 56.

descarillar, mâ orthogr. por **descarrillar**: *desbaratar os queixos, desqueixar* 113, 362 p. 725.

descrecion por **discrecion**: *descrição, discrição* 115, 173 var.
descrizon por **descricion discrecion**: *descrição* 115, 173 p. 728. — Vide **presunzon**.
descuberto por **descoberto** var. orth. 154, 33; 164, 200.
descudar-se por **descuidar-se** 102, 666 var.; 139, 9. — Vide **cudar**. — Lusitanismo.
desdanhar por **desdenhar** (lat. *dedignari*) 150, 390 var. **B**. — Cfr. Canc. de Res. I p. 265 e 381.
desdar (um nó): *desatal-o* 104, 13.
desemparar por **desamparar** como hoje se diz 114, 100.
desemparo por **desamparo** 104, 214; 106, 152; 142, 2. — Vide **emparo**.
desempeçar: *desembaraçar, desenredar* 104, 19. — Cfr. Estrang. V 7.
desencolher-se: *perder o acanhamento, respirar, retomar as suas dimensões depois de um encolhimento qualquer* 106, 28.
desenleo: *desenredo* 127, 185.
desentoado: *fora de tom, semsaborão, sem graça* 108, 57.
desfalecer por **desfallecer**: *decahir, esmorecer* 16, 8.
desgradecido por **desagradecido** 151, 526.
desmamperado por **desamparado** 112, 99.
desmanchado: *deslocado, desregrado*, fig. *fora do tempo* 116, 448 var.
desmandar-se: *desregrar-se, sahir dos limites* 115, 363.
desmemperado por **desamparado** 115, 501. — Vide **desmemperado**.
desora (**a** —) 150, 101 e 497. — Cfr. 108, 6 **nesta ora, nessa ora**.
desora (a —) por **a deshora** (lat. *dis-hora*): *em tempo pouco opportuno, fora de horas, tarde* 111, 380; 112, 69; 112, 12 var. e 168; 134, 5; 151, 101. — **a la desora** 112, 87 var. Cfr. port. ant.: **aas desoras**. Parece-nos, porém, que ao lado d'estas locuções adverbiaes, que são conhecidissimas, por serem muita usadas em Hespanha e Portugal, existem outras, identicas no som, mas com significação differente, porque exprimem: *logo, immediata e instantaneamente*. E derivão de *ad essa ora* por *a essa ora* (lat. *ad ipsam horam*) [Vide **ad**]. — Temos esta formula **adesora** ou **a desora**, com má orthographica que pecca contra a etymologia, no No. 102, 582 p. 701; 115, 491—493 var.; 165, 206 e 218; 72, 5. — Cfr. **a esa hora** 168, 68; 115, 332 var., onde ha tambem as formulas **esa ora, a la ora** e **al ora**. — Cfr. G. V. **á deshora** II 131; **a deshora quando**: *logo que* II 187; **logo nessora** II 25; **logo essora** II 45, 398, 421, 441; III 275, 304; **nessora** II 397; **logo essas horas** II 357; **logo esse dia** II 428; **agora estora** II 427.
desparar por **disparar** 102, 629 p. 702.
despartir por **departir**: *conversar, praticar* 151, 167 onde **A** tem **departimos** 102, 624 p. 702.
desperação por **desesperação**: *desesperança* 62, 3 p. 682.
despois alterna com **depois** 103, 4, 636; 154, 45; 163, 67.
despontas* 103, 231 var. **A**. Não será senão erro de impresa por *das pontas*.
despôr por **dispôr** 141, 5.

doudinho dim. de **doudo** 103, 467 p. 710.

drago por **dragão** 150, 461.

drago por **dragon** 111, 588; 115, 157 e 161 var.

Drias por **Driadas Driades** 115, 309. — Vide **Amadrias.**

dubda ant. orth. etym. de **duda.** Mir. pronunciava **duda,** como se conhece pela rima 102, 827 var.

E.

E (lat. *et*) serve ás vezes para ligar proposições subordinadas com a proposição principal que complepletam. 104, 126; 107, 156; 150, 423. — Cfr. cast. *i* 102, 868 var.

e por **i y**: *e* (lat. *et*) 112, 170.

é* por **es**: *é, he,* como antigamente se escrevia. 102, 17 e 723 p. 705. — Lusitanismo? ou má orthographia por **he**: *hei.*

efeite(s)* 113, 47 var. do cod. **E.** Erro de Copista por **afeite**(s).

eis por **heis,** como geralmente se escreve. 111, 235 e 236 p. 714; 111, 439 e 444; 112, 113 e 195 var., 350 var.; 113, 311 var.; 115, 82. — Cfr. cast. **helo**; e port. *eilo,* de *eis-lo*; *eis eix* (Res. I 149) *es ex* do lat. *ecce.* — Vide tambem *veis* 102, 161 e 163 p. 690; 112, 113 var.

eisprimentar: orth. phon. de uma pronuncia vulgar de *experimentar*; alterna com **esprimentar, esprementar, espermentar, esprimentar.** 103, 304 e 307 var.; 116, 227; 164, 353.

eixecutor por **executor** 76, 41.

ell por **el,** diante de uma vogal.: 155, 29 *ell alma*; 155, 71 *ell amistad.* Forma popular do artigo definido. Muito usual na boca do povo, no sec. XVI. — Cfr. Tirso de Molina 33. 45. 332. 340 etc.

em as por **em-nas nas** 103, 702.

ẽm cast. **ende** (lat. *inde*) 164, 332. **por ẽm**: *por esta razão* 104, 242; no sentido moderno de *comtudo, não obstante* 104, 245 var.

ẽmque: *ainda que, inda que, posto que* 76, 24; 105, 85 e 149; 106, 262; 117, 223; 125, 11 (var.; vide p. 841); 150, 102. — Cfr. Zeitschr. f. rom. Phil. VII p. 106.

embaçar-se por **embaçar**: *tornar-se baço, pallido*; *ficar confundido, pasmado, sem falla* 103, 15 Ded.

embevecido por **embebecido.**

embora por **em boa ora**: *com felicidade, felismente* 103, 361 var. — Cfr. **em boa ora** 103, 361; **a boa ora** 103, 361 var. e 148, 85; **na boa ora** 164, 417.

embolvedor por **envolvedor.**

embolver por **envolver.**

embruscar por **embruscar-se** 114, 133.

embruscar embruscar-se: *embruscar-se, perturbar-se, anuviar-se, escurecer-se* (da vista, do ar etc.), 102, 867. — Lusitanismo. — Cfr. 114, 133.

emdebate, orthographia conforme a uma pronuncia aportuguezada do latim *andabăta.* 114, 10; vide p. 830. — Cfr. **andabata.**

emisfero por **hemispherio** 115, 293 em rima com *lusero.*

emmentes: *em quanto* 116, 306. — Mello p. 56. 58. 62 etc.; gall. *mentres mentras namentras entrementes.* Diez I. *mentre.* — Cfr. *somentes consoantes* etc. *quiçais soncas.* — Vide **enmientes.**

emparar forma ant. de **amparar** de *im-parare* 148, 103; 150, 3 Ded.; 164, 64.

emparar forma ant. de **amparar**: *favorecer, defender* 165, 314.

emparo por **amparo** 100, 27; 104, 252. — Cfr. **desemparo desmamperar.**

empeçar: *embaraçar, enredar* 73, 6; 104, 17. — Vide **desempeçar.**

empecer: *causar estorvo* ou *dano, embaraçar.* 103, 338 p. 709; 116, 286; 133, 24; 150, 314.

empeço(s): *embaraços, impedimentos* 43, 6.

emperador por **imperador** var. orth. 104, 56.

empero por **pero**: *porém, comtudo* 102, 585 var., 909 e 607 p. 702; 112, 91 var.; 134, 15 p. 733.

empiorar por **empeorar,** var. orth. 164, 249. — Vide **pior.**

empleito part. p.: *envolvido* (em guerra). Lat. *implic'tus* por *implicitus.* 115, 244. — Cfr. port. *empreita,* cast. *pleita*: *tira ou trança de esparto ou palma.*

empolado: *gordo, nutrido, inchado, ensoberbecido* (do lat. *ampulla*) 103, 191. — Cfr. *embóla* Res. I 184 e 201.

emprasar: *cercar, acantoar* (termo de caça) 106, 225 var. **cão que emprasa.**

empreme 3. pess. sing. do ind. pres. de **empremer** por **imprimir,** como hoje se diz. 150, 256 onde tem o sentido de *opprimir.*

emprender por **emprehender** 150, 287. — Cfr. *reprender comprender* etc.

emprender: *emprehender alg. c., começal-a* 150, 287.

emquerer vide **enquerir.**

en ... prefixo por **in** ... p. ex. em **encubar** por **incubar, encontinente** por **incontinente** etc.: simples variantes orthographicas, oscillando a pronuncia ainda hoje entre *i* e *e* surdo.

enarvorar por **arvorar** (p. ex. *uma bandeira*) 109, 20 var.

encartado: *banido ou desterrado por cartas, fixado em logares publicos* 76, 29. — Cfr. Vilhalp. II 2.

encestar* 102, 600 var. Talvez por **ensestar** i. é **sestar sestear**: *passar as horas da sesta dormindo*? Ou antes simples erro de copista por *sestear*?

encolheito part. pop. e ant. de **encolher**: *contrahido, estreitado, acanhado* 82, 6; 109, 120 var. — Vide **escolheito, recolheito, ereito, Bieito, maleita.**

encontinente incontinente: *prompta e instantaneamente* lat. *incontinenti* 112, 344 var. B; 165, 354.

encubado: *escondido, occulto* 103, 100; 164, 199.

ende: 1º) *de isto, contra isto* 102, 387 p. 696; 102, 717; 111, 396. — 2º) *de alli* 19, 11; 102, 136 e 141; 113, 423. — 3º) *alli* 111, 60 e 71; 116, 240, 447, 562; 102, 28, 142 p. 690. — Vide **ẽm** e **por ende**: *por tanto, por esta razão* 102, 586 var.; 112, 255; 113, 108. — Vide **por em** s. v. **ẽm.**

enderenzar por **enderezar**: *encaminhar* 151, 115 em rima com *vergüenza* e *venza.* — Cfr. port. *aderençar.*

Endimio por **Endimião** 150, 118. — Vide *drago* por *dragão.*

enfeixado: *junto em feixe* (do lat. *fascis*) 103, 444 p. 709.

enfengimiento enfingimiento por **infingimiento**: *fingimento* 102, 742 e 587 p. 701.

enfirmidade ao lado de **enfermidade** e **infirmidade**: *doença* 108, 312; 109, 52 onde **AB** têm **infirmidade.**

enfrascado em: *mettido em, implicado* 116, 461. — Cfr. Res. I 186.

engrifado: *quem tem as grifas armadas contra alg. para brigar; brigoso.* 103, 461—490 var. — Res. I 207 *engrifar-se.*

enjemplo por **ejemplo**: *exemplo* 111, 95; 112, 82. — Vide **enxemplo.**

enlear: *arrebatar, enlevar, hallucinar,* por *enleiar* de *aleinare* por *alienare?* ou *ligar, atar, tornar perplexo* por *enliar,* de *in-ligare?* 104, 232 var. B; 114, 71 var. onde o texto tem **enlhear.** Cfr. Res. I 29 e 43 *enlear* = *ligare*; ib. p. 63 *legar.*

enlhear alterna com **alhear**: *alienar, arrebatar, enlevar,* e com **enlear** 22, 6; 114, 71.

enlheo ao lado de **enleo**: *engano, intriga, duvida, illusão* 29, 14; 107, 121.

enliçador: *enlheeiro, urdimalas* 104, 233 var.

enliçar: *enredar, tramar, urdir* 104, 20. — Vide *enliço inliço* Res. I 191.

enmientes: *entretanto* 113, 57. — Vide **emmentes** e cfr. *enmentres* nas Ord. Affons. 2, 15; *emmentres* Res. I 453. — Lusitanismo.

enmientras ao lado de **mientras**: *entretanto que, emquanto que* 102, 324 var.

enquerir emquerer alterna com **inquirir** 109, 99 onde o texto tem **enquerir, B inquirir** e **A em querer** erro por **emquerer.** — Cfr. Vilhalp. III 5.

ensejo: *occasião, opportunidade,* de *ensejar* lat. *insidiari* 103, 357 e 407; 150, 44; 164, 405.

enseno por **seno**: *seio, regaço, logar interno e occulto, interior* 170, 11 **de la grave tierra el frio enseno.** — Cfr. port. *enseio* e *enseiada* (cast. *ensenada*): *golfo, espaço claro entre duas cousas altas,* p. ex. *quebrada entre dous rochedos.* — Lusitanismo. — Cfr. *endeble* por *debil*; *endoenças* por *doenças*; *enclenque* ao lado de *clenque*; *entejo* de *tædium.*

enteiro variante simplesmente orth. de **inteiro** 83, 4; 154, 40; 164, 340.

entejo: *nojo, aversão, fastio, esquisitice* lat. *tædium* 103, 252 (vide p. 708).

entitular alterna com **intitular** 135, rubr. inicial.

entom por **então** 164, 486.

entramos por **entrambos**: *ambos* 102, 425 p. 697; 111, 271; 112, 27 Ded. e 340.

entreambas por **entrambas** 112, 340 p. 721.

entregue por **entrego, entregado**: **entregue** (lat. *integre*) 112, 81 p. 718. — Lusitanismo.

entrida s. fem.: *manjar antigo dos lavradores portuguezes, talvez pão migado em vinho*; em todo o caso era uma especie de papas, julgadas por manjar appetitoso e delicado 164, 75. — Lat. *intrita,* part. pass. de *interere*: *migar esmigalhar.* Plin. IX 8, 9 (32): *sed et intrita panis e vino satiuntur.*

envolvedor: *enredador, urdimalas* 104, 218.

envolvedor embolvedor: *urdidor de maldades* 29, 1. — Lusitanismo.

enxeco: *damno, mal, difficuldade* 103, 670.

enxemplo } por *exemplo* (vulg.
enxempro } *exempro*) no sentido de *fabula, proverbio, anexim* 107, 219; 116, 114.

enxergar: *ver imperfeitamente* 103,

398 p. 709. Cfr. prov. *ensercar* lat. *in-circare.*

epidimia por **epidemia** 148, 102.

Epiteto orth. phon. de uma pronuncia aportuguezada de **Epicteto**; sendo mudo o *c* diante de *t* 106, 181.

er por **aer** ¡**aier ayer**: *hontem;* port. ant. *her* lat. *heri* 112, 10, — Cfr. berc. *antier.*

ereita ao lado de **dereita** (vide), termo de esgrima: *treta usada dos luctadores pera derribarem o contrario, levantando-o ao ar.* 46, 9: **mao sopê e mâ ereita.** Cfr. Estrang. V 7: **não me valeu ereita nem sopee** (Lat. *erecta.*)

erger erger-se ao lado de **erguer erguer-se** por *erguir*: *erguer,* cast. ant. *ercer,* lat. *erigere* 3, 10; 94, 3; 111, 48 e 533; 165, 313 e 297; 102, 162 (*erge* ao lado de *yergue* e *ergue*); 112, 305.

esbravear: *gritar com bravura e sanha* (do porco enraivado) 103, 523, e 483 var.; 104, 341 var. C.

escabullir 102, 105—106 var. — Vide **descabullir.**

escaecer: *olvidar* port. *esquecer* port. ant. *escaecer* lat. *ex-cad-escere** 111, 608. — Lusitanismo. — Cfr. G. V. I 281.

escalar: fig. *roubar, destruir, perverter* 152, 19 p. 676: **a honra, a vida se escala.**

escapolir 115, 53. — Vide **descabullir.**

escapulir 116, 369. — Vide **descabullir.** — Cfr. G. V. II 474 port.

escoces 104, 354: **guarda escoces.** *Guarda* no sentido de *corpo de guarda* é fem. em port.; *escoces* deve ser, pois um adj. de 2 generos.

escolar: *encantador, feiticeiro, bruxo, nigromante* (all. *Hexenmeister*) 102, 204 e 197 p. 691. — Cfr. Estrang. V 3 *escular*; Tirso de Molina p. 137; Eufrosina p. 100 etc.

escolheito part. ant. e pop. de *escolher,* formado sobre o typo latim *collectus correctus,* representado em port. por *correito escorreito colheito recolheito encolheito colheita* etc. -- **Escolheito** ainda está hoje em uso na Galliza, onde produziu, por analogia, outras formas participaes como **tolheito tulleito** por *tulhido*; **envolveito** por *envolvido*; e **coseito** por *cosido.* — Em port. antig. *coseito* por *cosido* (de *coser* = *consuere*) e *tolheito* por *tolhido* (de *tolher* = *tollere*) eram formas muito usuaes, encontradas a cada passo nos textos antigos. — Cfr. *feito, teito, peito, treito, contreito* (G. V. III 251), *maltreito, maleita, bieito, fieito, empleito* etc.

escondedouro: *esconderijo* 150, 24 Ded.

esconjurar por **conjurar** 102, 569 e 926. — Lusitanismo.

esconjuro por **conjuro**: *exorcismo, imprecação* 103, 6.

escorar e **escorar-se** em fig. *arrimar-se, estribar-se, fundar as suas esperanças em alg.* 109, 158.

escornar: *arremetter como o boi que dá com os cornos*; fig. *envilecer, fazer judiarias a alg.* 103, 273; 164, 331. — Cfr. Estrang. II 6.

escudela: *tigella, prato* 108, 100. — Termo usual no Bierzo.

escuido* por **escudo** (?) 192, 3. — Cfr. Vilhalp. III 2.

escuitar alterna com **escutar,** como hoje se diz na lingua litteraria

103, 159 p. 708; 105, 81; 106, 234 var.; 109, 148 onde **B** tem *escuitei*; 164, 406.

escumar: *deitar escuma pela bocca* (*o javali assanhado*) 103, 483 var.

escuro usa-se tanto no sentido real como no abstracto 79, 10; 100, 11; 106, 97; 164, 4 e 7.

esemplo orth. phon. de **exemplo** 103, 461.

esguido* 103, 544 var. **B**. Parece ser apenas erro de imprensa por **erguido**, como escrevem **AD**. Os editores do Parnaso lusitano acceitaram, comtudo, a palavra, explicando-a por *cumprido*. Talvez se lembrassem de *esgulo*: *longo, delgado*.

esmaginar alterna com **maginar** e **imaginar** 103, 121; 164, 201.

esmaginar por **imaginar** 102, 256, 471 var., 597 p. 696; 113, 182 p. 723,

esmorecer: *desmayar, desfallecer* 164, 299.

esmorecer-se: *desmayar* 2, 46. — Lusitanismo.

esmorecimento: *desmayo, accidente* 106, 54.

espaçar: *demorar, suspender* 107, 286.

espargir por **esparcir**: *derramar, espalhar* 146, 38; 165, 147. Port. *espargir* e *esparzir*.

espartir por **partir despartir**: *apartar, separar* 115, 176 p. 728.

esperiencia orth. phon. por **experiencia** 107, 22; 114, 32.

espertillo por **espirtillo espiritillo** dimin. de *espirito* 151, 172 var.

espicular por **especular** 113, 35 p. 722.

espir-se alterna com **despir-se** (lat. *de-ex-pedire*) 150, 39. — Gall. *ispir*.

espiritillo dim. de **espirito**: *alma de finado* 151, 172.

espreitada s. fem.: **espreita**, *acção de espreitar* (lat. *ex-plic-(i)tare*) 150, 322 var.

esprementar esprimentar: *experimentar* 116, 227. — Vide **eisprimentar**.

esprimentar por **experimentar** 192, 281. — Cfr. Mayans 72.

esprito por **espirto**, formas contrahidas, populares de **espirito** 106, 116 e 129; 109, 160. — 106, 182 *spirito*.

esprito por **espirto espirito** 102, 686—693 var.; 112, 47 e 97.

esquierdo por **isquierdo**: *esquerdo* 102, 515.

estamo-nos por **estamos nos** 113, 26. — Lusitanismo.

estancar: *deixar de correr* (*o liquido*), *seccar, exhaurir* 103, 564 e 565 p. 710.

estê estês estêm etc. formas anticuadas do pres. subjunctivo de *estar*, que correspondem ao latim *stem stes stet* etc. As formas modernas *esteja estejam*, que Miranda ainda não conhece, formaram-se por analogia com *seja* (*sedeam*). 89, 5; 103, 115, 181, 374, 427 var., 673; 114, 65. — Cfr. gall. *estea* e *estia* — *sea* e *sia*.

estonces por **então**. Forma hespanhola 103, 555 var.

estonces por **entonces**: *então* 102, 55 var., 81, 87 p. 688, e 101 p. 689; 113, 123; 115, 43 Ded. — Cfr. Mayans 66.

estordido alterna com *artodido*: *aturdido* 113, 322.

estrecer 103, 336: *a suidade não se estrece*, em rima com *empece*

e *conhece*; 103, 33 *que* [*isto*] *ha de vir e não se estrece*, em rima com *acontece* e *parece*. A palavra *estrecer*, ou antes a phrase impessoal *não se estrece*, cast. *no se estrece* é rara, anticuada, e desconhecida a todos os modernos; foi mal explicada pelos poucos que tentaram esclarecer-nos sobre a sua etymologia. Não tem nada de commum com *aterecer aterir* cast. ant. *terecer*: *tremer de medo ou de frio*, nem com o franc. *étrécir* ant. *estrecier* do lat. *strictiare*. O verbo impessoal *estrecer* é castelhano, e está por *estruece estuerce* 3. pess. sing. pres. de *estrocer estorcer*: *evitar, evadir, livrar*. Cfr. Arcipr. de Hita estr. 767 e 1646; Alex. estr. 716 e 1255; Danza de la M. estr. 16: *querria, si pudiese la muerte estorcer*. — *Não se estrece, no se estrece* significa: *não se evita, é inevitavel*; e não: *não acaba, não diminue, não se extingue, não se resfria*, como se lê nos Diccionarios, no Parnaso Lusitano II 275 etc. — O infinitivo do verbo é *estrocer*; e o povo ainda hoje diz *estrocer uma dôr* por *evitál-a*. Cfr. Prestes p. 143 *ougir dôr, estreguir dôr* (?), e Res. I 205 *estorcendo toda ora sem conto penar sobejo*.

estrecer 111, 382: *no se estrece que no viese visiones*; 151, 5 *i no se estrece que alguna escura sombra te asombró*. Em ambos os casos exprime *não se póde negar, é claro que, é* (ou *era*) *indispensavel, inevitavel*.

estrecha por **estrechura** s. fem.: *aperto, miseria* 112, 265 p. 720. — Vide **estreita**.

estreita s. fem.: *aperto, infortunio* 46, 1.

estremos ant. orth. phon. de **extremos** 106, 48; 127, 88, 141 e 179; 131, 5.

estria: *bruxa* lat. *striga* 150, 24—25 var. — Cfr. gall. *bruxas estricadas* Ros. p. 103. — Vide Diez I 403.

estrovar por **estorvar** 127, 91.

esvanecer por **desvanecer** 111, 305, 360 p. 715.

ex antiga forma de *eis* (lat. *ecce*). — Cfr. *eisprimentar* por *exprimentar* 103, 703 var.; 150, 138 var. — Cfr. G. V. I 177 e Vilhalp. V 8.

ex alterna com *eis* (lat. *ecce*) 111, 440 var.

expiriencia por **experiencia** 105, 67.

F.

f por **h** nas formas anticuadas **fazer ferir fechiço** etc.

facha de ferro: *machado* (nhd. *hacke*) 114, 28 e 29.

facha de fogo: *facho, tocha* (lat. *facula*) 109, 28 e 29; 150, 275 *facha ardente*.

fadejar: *passar o seu fadario*; *obedecer ao fado* 150, 51.

fais por **fazes** 2. pess. sing. pres. de *fazer* 103, 126. — Cfr. G. V. I 139; cast. ant.; gall. astur. moderno; *fai* = *facit*; berc. *fain* = *faciunt*.

falante por **fallante**; *dotado de falla* 103, 640.

falecer por **fallecer**: *faltar* 2, 45.

falla, sin — locução adverbial, antigamente muito usada: *sem falta* port. ant. *sem falha* (G. V. I 253) 102, 694; 113, 249 e 253 var.; em rima com *calla* e *batalla*.

fallar por **hallar**: *achar* 113, 150; 155, 53 e 59.

falto adj.: *defeituoso, fraco, baldio* 111, 232 var.: *la suerte es falta.*

fantesia forma popular por **fantasia** 103, 466 p. 710; 164, 510; 188, 3.

fantesia por **fantasia** 102, 57.

farte, que —: *o sufficiente para fartar alg.* 103, 282. — Cfr. Estrang. III 3; Vilhalp. V 6; Res. I 12 e 86. — O povo diz, por corrupção, *cofarte.*

fato: *rebanho.* Palavra rustica, mas usadissima entre os Quinhentistas 103, 461.

fazer por **hacer**: *fazer* 102, 287; 112, 219; **fecho** 102, 69 p. 688.

fe vide **a la fe.**

feito por **féto** como hoje se escreve; lat. *filictus.* 164, 279. — Cfr. gall. berc. *fieito* ao lado de *fênto.*

felpuda: *velluda* e *cabelluda* 164, 26. Nome d'uma cadella.

ferir alterna com **herir**: *ferir* 165, 63.

fermoso por **formoso**; é a unica forma usada pelos Quinhentistas 116, 160--161 var.; 150, 122 e 365; 164, 118 e 610.

feze por **fez** (*fecit*) 32, 10.

fezeste por **fizeste** (*fecisti*) 103, 117 var.

figadal adj.: *contento, satisfeito, cheio de alegria* 103, 503 var.

fim s. fem. 43, 8; 100, 65 e 116; 104, 386 var.

fin s. fem. 102, 68—69 var.; masc. 102, 164: *alfin* por *enfin.*

fio 103, 412; 107, 164; 164, 454. *ir polo* ou *ao* ou *tras o fio da gente: não seguir estremos; fazer e pensar como os mais.*

fito 116, 68; 164, 108: *tocar* ou *cobrar o fito: attingir o alvo.*

fiuza anticuado; por **fiucia** lat. *fiducia, confianza* 112, 273 var.

flaire por **fraile**: *frade* 102, 69 p. 688; 112, 12 p. 718. — Cfr. Arc. de Hita 1103, 1212 etc.

fo㌀o fuão por **fulano** 103, 352; 103, 39 p. 707. — Cfr. Estrang. IV 4. *fuão,* fem. *fuã.*

foca* 116, 86: *Paio sempre em terra foca.* Será *phoca*? e significará *o preguiçoso e mandrião, deitado ao sol n'um „dolce far niente"*? Vide p. 838.

fogir alterna com **fugir** 107, 282.

fogueira. Vide Comm. p. 862.

frieldade por **frialdade** 103, 620, 621 var.; 164, 658. — Cfr. *fialdade* por *fieldade* Estrang. I 3.

Frisa 102, 851—854 var.: *estarse un rei en Frisa.* — Talvez por *frisa: panno de lã?* um rei em *traje de villão?*

frol por **flor** 111, 287. — Lusitanismo? — Em port. antigo dizia-se constantemente *frol priol martel* etc. por *flor prior martyr* etc.

Frorído por **Florído,** nome proprio; hoje só ha *Flórido* 75, 1.

fruita por **fruta** 96, 10; 114, 76.

fruita por **fruta** 111, 289.

fruito por **fruto** fig.: *proveito* 103 174; 116, 478.

fuer por **fuero** 102, 481. **a fuer de**: *a modo de.* — Cfr. *a fôr de* G. V. I 195.

fuer por **fuera**: *fóra* 112, 45 (vide p. 718).

fuir por **huir**: *fugir* 102, 15, 16, 139; 111, 137 etc.

fumo fig.: *vestigio* 164, 35: *nem fumo de cão ou cadella.*

G.

gargantoíce: *gula,* e não: *achaque de garganta,* como explicam alguns lexicologos. 108, 290 (vide p. 804).

garnição por **guarnição**: *gente*

para guarnecer uma praça; frc. *garnison* 104, 349.

garsona: *donzella* 113, 401 p. 725.

gasajo alterna com **agasajo**: *agasalho* 115, 357 var.

gasalhado por **agasalhado**, como hoje se diz 107, 198.

gatinho ermitão: *gato de Algalia, gato de Guiné*; cast. *gato de la India* 106, 225—226 var.

Gedeon* por **Gerion** 111, 26 p. 713. Talvez erro de copista?

geira: *serviço, especie de foragem que consistiu, segundo parece, em certos trabalhos agricolas* 164, 673. Tambem significa *a porção de terra que o arado lavra n'um dia: jugeira* por *jujaira* lat. *jugaria?* Vide p. 863.

ge-lo ge-los por **le lo le los**: *lho lhos* 102, 291 e 251 p. 692; 102, 390, 644; 112, 134 var., e 285; 115, 267; 151, 492.

genela por **janela** 39, 8 var.

gentar por **jantar**, forma anticuada lat. *jentare* 164, 693.

gera 151, 339. Talvez seja a palavra portugueza **geira**, na segunda das significações acima indicadas s. v.

Ginebra Genebra Janebra, nome proprio feminino 103, 137.

giolho ant. por **joelho** lat. *genuc'lum* 100, 136; 105, 200 em rima com *olho*. — Cfr. mirandez *sinolho*; berc. *fiollo* de *foenuc'lum* por *foenic'lum* (port. *funcho* cast. *hinojo*).

golpe 164, 287: *dar golpes no saio: abrir talhos n'um vestido, para que se veja o forro de outra côr que está por baixo*; fig. *enfeitar-se, fazer-se fino*.

gram, forma abreviada, antigamente frequentissima, de *grande*. É de dous generos, i. é invariavel; erram, pois, os editores que põem *grão* como ms. e *grã* ou *gram* como fem. 41, 7; 104, 242; 105, 2; 106, 169; 104, 76 e 99 etc.

graza alterna com **garza**: *garça* (lat. *ardea?*) 112, 300 (vide p. 720 *las gracias*). — Cfr. Diez I 203.

greis pl. monosyllabico de **grei** (*grex gregis*) 111, 27. — Cfr. G.V. I 33. Vide **bueis leis reis.**

grimpa: *veleta* 105, 169: *como grimpa ao vento o peito.*

grinalda por **guirlanda** 171, 38 (vide p. 735).

grosa grossa glosa: formas populares por **glossa** 104, 328 e 318 var.; 108, 170—171 var.

grosar por **glossar** 108, 73.

grota por **gruta** 111, 38.

Guadalquebir Guadalquibir formas antigas de **Guadalquivir** 109, 1; 111, 56.

guar-te abreviatura por **guarda-te**, popular em Hespanha e Portugal. 103, 14. — Cfr. *tir-te, cal-te* por *tira-te, cala-te*; *ché-te* por *chega-te*; *far-te* por *farta-te*; e hesp. *defien-te* por *defiende-te.*

Guimar por **Guiomar** 102, 78 p. 688.

H.

h por **f** em *huego huerte* etc. por *fuego fuerte.*

hao e **hão**, cast. *ham*, *interjeições que imitam o ladrar dos cães, e com as quaes se chama por elles* 116, 19; 164, 43. — Cfr. G.V. III 12, 15, e Padron: *Ham ham huid que rabio.*

haver alterna com **haber**, a forma hoje usada 102, 72, 91; 111, 17.

has por **as** (port. e cast. antigo; do lat. *acies*): *bando, esquadrão* 103, 457 (vide p. 710); 104, 136.

heis por **haveis**, no futuro 106, 265 var.

hemos por **havemos**, no futuro 150, 228.

hemos por **havemos**, no futuro 102, 701 var.

Hercol por **Hercules** 111, 31 e 599; 112, 21 Ded.; 113, 50 Ded.; 165, 21 Ded.

hia por **havia** no tempo do condicional 32, 2; 96, 3; 104, 1 e 33; 105, 131; 117, 25; 164, 373.

hia por **havia**, no futuro 102, 29; 115, 169 var.

hiel s. masc.: *fel* masc. 102, 265 p. 693. — Lusitanismo.

hija sei buena 151, 174, vide p. 859 e **sei**.

hilo 102, 598: *salir del hilo*: apartar-se do uso geral, proceder de outro modo do que faria toda a gente. — Cfr. **fio**; e a loc. cast. *ir-se al hilo de la gente*.

hoimas: *hoje*; **de hoi mas**: *de hoje em diante* 102, 457; 112, 250, 264 var. e 273.

homizillo forma ant. e pop. por **homicidio** 113, 406 p. 725.

honradiço: *orgulhoso, fidalgote, pundonoroso* 103, 461—490 var. e 511—520 p. 710.

huego por **fuego**: *fogo* 111, 117 e 218 p. 713 e 714.

huertemente por **fuertemente**: *fortemente* 102, 344 var. e 951.

hum ant. orth. por **um**, que não adoptámos. — Na phrase **trombejava ali hum e hum** ou **trombejava ele (h)um e (h)um** (103, 474 var. **A** e 515) allusiva ao bacorote orgulhoso, **hum** podia ser a interjeição, que exprime o grunhir dos porcos: opinião partilhada p. ex. por Th. Braga (Ant. No. 117, 4). Nós não a seguímos, á vista do texto J que lê: **afocinhava cada um.** — *um e um* ou *hum e hum* na phrase de **DAB** equivale pois a: *um a um, um depois do outro.* — Cfr. **passo e passo, pouco e pouco, quedo e quedo.** — Vide G. V. I 114.

humilmente por **humildemente** 104, 315—316 var.

huviar uviar por **aullar** (lat. *ululare*): *soltar vozes agudas e lamentosas (os cães, lobos e raposos)* 111, 332; 112, 2; 151, 164; 165, 2. — Port. *uivar huivar uviar huviar*, gall. *oubear* de *ulu(l)ar ulvar?* — Lusitanismo.

hypocresia por **hypocrisia** 152, 15 p. 676.

I.

i hi por **aí ahí**, como se diz modernamente com **a** prosthetico, lat. *ibi* 105, 20, 24; 106, 26, 39, 53 etc.

ía por **iva iba**: *ia* Imperf. de *ir* 115, 156. — Lusitanismo.

ie por **e** p. ex. em *vience riende priende* por *vence rende prende.*

ifante por **infante** 150, 357 e 479.

imbidioso por **envidioso**: *envejoso* 65, 6.

imigo alterna com **inimigo** 104, 77, 188 e 205. Ambas as formas são populares.

impirio empireo por **empyreo** 100, 119.

imos por **vamos** 112, 56 var.

inchaço fig. por *enfatuação d'orgulho* 103, 108; 104, 97.

inchir por **enchir henchir**: *encher* 112, 323.

incinta alterna com **em cinta** 111, 606 var.

incontinente vide **encontinente** 165, 354.

inconviniente por **inconveniente** 106, 261,

incuberto por **encuberto** 127, 77.

inda, forma antigamente muito mais usada do que *ainda* 1, 2; 103, 466 etc. — **inda bem**: *felizmente*. Cfr. pop. *indebem* gall. *endeben*. — **indamal**: *infelizmente* 1, 8; 164, 214. Cfr. pop. *indemal* gall. *endemal*.

indilgar por **endilgar**: *guiar, ensinar o caminho* (lat. *indelego* de *indelegere*?) 151, 32 e 257. — Cfr. berc. *endilgar*: *ver apenas e rapidamente uma cousa*; *enxergal-a*.

indino por **indigno** orth. phon. conforme á pronuncia usual entre os Quinhentistas 104, 323; 149, 77.

indino por **indigno** 113, 359.

imudecer por **emmudecer**: *fazer mudo* 152, 11 p. 676.

Infinitivo variavel. Todos aquelles portuguezes que poetaram em hespanhol, transplantaram instinctivamente esta particularidade da lingua materna para o idioma castelhano. 3, 12; 102, 176; 111, 39 Ded., vide p. 712 *iremos* por *irmos*; 111, 272 p. 714 *partirdes*; 111, 431 var.; 112, 285 var.; 113, 62 var.; 128, 48; 171, 9; 184, 6. — Cfr. gall. Saco Arce 67; Ros. p. 122.

incuberto por **encuberto** 114, 9.

ingeño engeño por **ingenio** 113, 166.

inguaria por **iguaria eguaria**: *manjar, vianda delicada* 108, 99.

inhorante inorante, formas ant. e pop. que alternam com **ignorante**. Mir. só conheceria a pronuncia sem *g*; a com *g* foi reformada sobre o typo latino como em *digno*. 105, 184.

inimigo por **enemigo** 102, 921; 111, 484. — Lusitanismo.

ino orth. phon. de **hymno** 105, 189.

interpetrar forma vulgar de **interpretar** 104, 325.

inturbiado por **enturbiado** 184, 6.

inves alterna com **enves enveз**: *avesso* (lat. *in-versum*) 103, 681; 150, 436; 164, 725.

invite: *convite, offerecimento* 116, 46.

iocundo por **yucundo**: *jucundo* 98, 26.

Irifila por **Eryphile** 113, 369.

irmao por **irmão** 116, 417 em rima com *mao*. É possivel que, em logar de *irmao* e *mao* o original tivesse *irmão* e *mão*; comtudo, a forma pouco vulgar, que conservamos no texto, nada tem de excepcional e de irregular. De *germanus* sahiram as formas duplas *irmao* e *irmão*, como de *seranus* sahiram *sarao serao* e *serão*, gall. *serao sarau* e *seran saran*. Cfr. gall. *bacallau* e *bacallan*; *tabau* e *taban*; *liviau* e *livian*; *chau* e *chan* (*planus*); *vrau brau* e *vran* (*verão*: *veranus*); *Cibrian* e *Cibriau* etc. berc. *cercau* e *cercano*. O Mirandez diz *armano* por *irmão*: cast. *hermano*. — As formas em *ao* são frequentissimas nos antigos monumentos.

is por **ides**, como hoje-se costuma dizer 41, 7; 104, 365; 108, 70 var., 320 e 336. — Gall. mod. *is* e *ides*.

is por **vais** 102, 738; 112, 204 var.

isencion por **exencion** no sentido de *soberbia, desprecio* 170, 24. — Lusitanismo.

isentar por **exemptar**: *livrar* 148, 142.

isento izento por **exempto** 74, 13 p. 683; 148, 141.

iso por **eso** 171, 70 (p. 736). — Lusitanismo.

J.

Jane forma pop. do nome **João** 103, 427. — Vide **Joane Jano** e **Janilla.**

Janebra por **Genebra Ginebra** 103, 137; 167, 213.

Janilla por **Juanilla** 113, 393.

Jano por **João** 191, 9 etc. — Cfr. **Aonio** anagramma de **Janio** em Camões, B. Ribeiro etc.

jazer, verbo muito usado antigamente, no sentido de *estar, estar lançado, situado, deitado, de assento, continuar em alguma posição* etc. *jazer* 42, 10; 78, 7; 82, 13 **jaço**; 67, 10 **jará**; 80, 2; 103, 108; 105, 74; 108, 210 **jaz**; 150, 502 **jouve** por *jougue* (lat. *jaukit* por *jakuit jacuit.* Cfr. *prouve, aprouve*); 30, 2 **jouvestes.**

Jesu por **Jesus,** que é a forma usual 106, 191. — Vide **Carlos.** — Cfr. Res. I 210.

Jesu por **Jesus** 112, 37 Ded.

Joane por **João** 103, 427 var. (e não 428); 116, 63 e 64; 164, 103 e 104.

jogral: *chocarreiro* (lat. *jocularis*) 114, 93.

jouve } vide **jazer.** Cfr. Estrang.
jouvestes } Prol. **jouvemos.**

Juõis pl. de **Jução** por **João** 164, 628.

jura: *juramento* 103, 15 Ded. var.; 150, 195. — **fazer juras**: *jurar, empregando formulas de emprecação populares, e pouco cultas* 150, 28 e 195.

Jurdão por **Jordão** 108, 304.

juriami juriadiez ao lado de **juro a mi, juro a diez, jure a diez,** formulas pop. de juramento 102, 419 var., 546 e 786.

L.

la lo las los, 1º formas archaicas do artigo portuguez, que abundam nos documentos antigos; conservadas, hoje, na lingua litteraria, só em alguns modismos como *a la fe, a la moda, ElRey* etc., e nas formulas *pelo sobolo ulo.* Existe porém, e é usado exclusivamente no dialecto da ilha da Madeira. 2º antigas formas dos pronomes enclyticos **o a os as,** conservadas em alguns modismos (como no jogo do *dou-che-lo-vivo, dou-che-lo-morto*); e em todos os casos onde seguem immediatamente ás consoantes finaes *s* e *r*, as quaes se assimilavam: *r* em todos os infinitivos, p. ex. em *dal-o* ou *dal-lo* por *dar-lo*; *s* (ou *z*) p. ex. em *pôlo pô-lo* por *poz-lo* 103, 461 var.; *fe-las* 108, 367 por *fez-las*; *passai-lo* por *passais-lo* 36, 4; *querei-los* por *quereis-los* 104, 144; *ei-los* 105, 174; *no-los* 105, 36 var.; *vo-lo* 103, 25 Ded.; 17, 3; 23, 7; *no-lo* 103, 35; 149, 50; *vede-las* 107, 114; *ve-lo* 106, 281 e 282.*)

labra: *terra lavradia, cultivada, campo* 115, 338; 165, 396. — Vide port. *lavra.* — Lusitanismo.

lambiato lambeato part. pres. irregular e chulo de *lambear* (derivado de *lamber*): *comer, devorar* 104, 465. — Cfr. gall. *condenaito* por *condenado.*

lambion por **lampion,** port. *lampeão,* mas no sentido de *foguete,* e não de *lampada, candieiro, farol* 112, 346 vide p. 721.

lanço: 1º *tiro, arremesso, lance* 107, 274. — 2º *preço que se offerece em almoeda* 109, 40: **posto em lanços** (geralmente se diz *a* ou *aos lanços*): *posto em almoeda* ou *em leilão* 106, 177. — 3º *mao lanço*: *má sorte* Estrang.

*) 107, 94 *levára-lo* por *levára-lo* i. é *levárao lo.*

lato* s. masc.: *espaço amplo* (do adj. lat. *latus*: largo) 151, 193 **unos latos de sauzes altos.** — Cfr. port. *latada* e *largo* subst.: *espaço extenso em largura, pequena praça.* — Lusitanismo.

lavra: *terra lavradia, campo* 104, 384. — Vide **labra.**

lealtad por **lealdad** 111, 12.

ld por **dl** na 2. pess. pl. do imperativo, ao qual se ajuntou um pronome conjunctivo com a inicial *l*: *perdelde* por *perded-le* 102, 952 var.; *daldo* por *dad-lo* 102, 847; *preguntaldo* por *preguntad-lo* 137, 3; *haseldo* por *hased-lo* 145, 40; *dejalde* por *dejad-le* 145, 13; *miraldo* por *mirad-lo* 180, 12.

ledor por **leitor** 110, 13.

leis plur. monosyllabico de **lei** 111, 125; 113, 414; 115, 220 onde *leis* rima com *sabeis*; 145, 46 em rima com *burleis*; 146, 75 e 96; 151, 70. Cfr. G.V. I 282. — Todos os portuguezes do sec. XVI que escreveram em hespanhol, usaram só d'esta forma do plural. — O gallego moderno tem *leis reis* ao lado de *leises reises*; não existe, porém, o pl. *bueises*, mas unicamente *boi bois*.

leixar alterna com **deixar** (lat. *laxare*) 117, 247 e 314.

lejar alterna com **lajar**: *leixar deixar* (lat. *laxare*) 94, 7 p. 686.

lena: *alento* 102, 595; 113, 102 p. 722; 151, 333. — Cfr. it. e cat. *lena*, franc. *haleine*, prov. *alena* de *alenare* por *anhelare* (*aliento* de *anhelito*). — Caso não exista na linguagem popular port. a forma *lena* (o que resta averiguar), a palavra deve ser um italianismo de Miranda. — Cfr. **cingial.**

letigar por **litigar** 102, 3; 168, 45.

leviano por **liviano** (deriv. do lat. *levis*) 102, 59 p. 688, 192 p. 691, 264 p. 693, 574 p. 701, 725 p. 705; 113, 197 p. 724; 115, 97 p. 727 (ms. J). — Vide **llevano.**

leviar por **liviar aliviar** 113, 34 p. 722.

lhe por **lhes**: frequentissimo em todos os Quinhentistas, p. ex. 116, 239.

liança por **alliança** 103, 479 e 481; 153, 24.

Lianor por **Leonor,** forma ant. e pop. 51 rubr. — Cfr. G. V. II 27.

libre por **livre** 147, 92.

librés ou por **librees libreis,** i. é plur. de *librel*, cast. *lebrel* (lat. *leporarius*); ou simplesmente plur. de *livré libré,* formas que se acham ao lado das usuaes que são: *libreo lebreo lebreu* 108, 233 var. — Cfr. **rabés.**

lide por **lid**: *lide, batalha* 113, 347 var. — Lusitanismo.

liedo alterna com **ledo** 115, 46 e 48 em rima com *miedo.*

lijongeiro pronuncia vulgar de **lisongeiro** 117, 263. — Cfr. Res. I 191 *lijunja.*

lijonjero por **lisonjero** 113, 287.

linguage por **linguagem** 108, 97 var. — Vide **potage** ao lado de *potagem,* e **mensage.** Gall. *romaxe ferruxe* por port. *romagem ferrugem* etc.

Lisbona: **Lisboa** 115, 517 var.

lobas augm. de **lobo** 103, 23 var.

lobishomem por **lupishomem** 116, 355. — Cfr. Prestes p. 136; Res. I 211.

lobo cão: *lobo* (lat. *canis lupus*) 108, 231.

lobo e cão 38, 8: *antre* ou *entre lobo e cão*: *entre lus e fusco,* fig. *ás escuras.* — Cfr. Canc. de Res.

II 332 *fusco d'antre lobecão,* e gall. *lubrican*: *crepusculo matutino,* forma nascida debaixo da influencia de *lubrigar lubricar.*

lobrigar por **lubrigar**: *ver alguma cousa a distancia, imperfeitamente; perceber mal* 105, 205.

logo: **logar** 164, 37.

losigo* alterna com **lusillo** (por *lucillo* e *lusillo*): *tumulo, sepultura* (lat. *locellus* dim. de *loculus*). A palavra *losigo* que encontramos só no No. 111, 580 var. **B** é completamente desconhecida, e foi feita talvez por Miranda, ou pelo editor de **B**, sobre o typo *jasigo pacigo.* Representaria n'este caso a forma *locigoo* i. é *lociculus* e seria portuguez. A ed. 1784 emendou, pondo *lucillo* por *losigo,* acertando segundo a nossa opinião.

loubo por **lobo** 108, 273.

louvaminhas: *gabos lisongeiros.* Forma derivada de *louvar* sob a influencia d'um latim hypothetico *laudamen laudamina,* 105, 168; 153, 11. — Cfr. *choraminhar, choramingar.*

Lusitana* por **Lusitania** 146, 44. — Erro typographico?

lũa por **lua** 100, 94; 103, 615; 114, 13; 150, 112. — Forma muito usada entre os Quinhentistas; é popular ainda hoje, principalmente no Minho, mas desprezada na linguagem litteraria. — Cfr. **ũa algũa nenhũa.**

luchi por **luché** perf. de *luchar*: *lutar* 102, 83 var. — Talvez um galleguismo.

luz por **luze** de *luzir* 106, 94; 148, 69.

Ll.

llevano por **liviano** 88, 11: *deseos a que fin llevanos.* (Parece-nos impossivel lêr *llevan-os.*)

llevantar por **levantar** 111, 544; 112, 239; 151, 57 var.; 165, 255; 171, 65. — Vide **allevantar.**

llovedío por **llovediço**: *chovediço* 145, 37.

lluviscar por **lluviznar, lloviznar**: port. e gall. *chuviscar* 102, 133. — Lusitanismo.

M.

m diante de **n** em *columna damno somno* não se deve pronunciar, ainda que se ache escripto, por falta de methodo, na orthographia dos Quinhentistas.

Madanela por **Madalena**: *Magdalena* 97 rubrica.

magno 200, 9 em rima com *Otaviano* e *mano.* Pronuncie-se *mano.* Vide *digno indigno* etc.

maguer: *aindaque, postoque* 102, 817; 112, 93.

mai, sem nasal, alterna com **mãi**: *mãe* 107, 123; 116, 388; 150, 131; 164, 604 e 605. — Gall. *may, mâ* e *mai*; mirandez *mái.* — Cfr. 149, 74 onde *mãi* rima com *pai.*

mal de fóra: *mal de terra, nostalgia* 103, 215; 164, 620 e 251.

malavez 151, 169 **Subió** [la avecilla] **que malavez aturo a oilla ni vella.** — Parece que n'esta passagem exprime *com difficuldade, mal, apenas.* Em outras, p. ex. em G. V. II 31

Fui me moacha jeitar
A dormir mal-avesinho
A' beirinha do caminho

significa *infelizmente, por minha desgraça, em má ora,* e não *de má visinhança,* como explicam os editores de Gil Vicente. — Cfr. Romania X p. 76, mas tambem Diez II[b] 102 *aves abes* (cast. ant.) de lat. *ad vix* (?).

malas por **mâs** fem. plur. de *mau* 127, 105. — Cfr. *malas-artes* (*Pedro das malas-artes*) *malas-caras mala-ventura mala-stancia* etc.

maleita: *doença, febres intermittentes, seisões*, fig. *desgraça, estado desgraçado, mofina* 103, 12: **dar á má maleita**: *dar ao demo*. Cfr. G.V. I 112, 138, e Rodr. Lobo, Egl. III p. 617, e vide Comment. p. 776. — Não provém de *malatia*, como geralmente se lê, mas sim de *maledicta*, como *beneito* (*Beeito Bieito* e *Bento*) de *benedictus*: Berceo, S. Mill. 52 e 183 *maleita* por *maldicta* em rima com *benedicta*, e id., Mil. 76 *beneito* por *benedicto*.

malino por **maligno** 104, 325; 150, 135—136 var. e 483. — Vide **dino**.

malpecado: *por mal de nossos pecados* 116, 504; 150, 109, 303. Locução adverbial, muito usada entre os Quinhentistas, hoje popular na Galliza e no Bierzo, nas formas *malpecado malpocado* e *malpecadinho*.

malpecado 115, 45.

malsim adj. de 2. gen.: *desgraçado, malfadado, fatal* 103, 157 p. 708. — Cfr. Bluteau, e Prestes 408, 446.

malsin adj. de 2. gen.: *calumniador* (pl. *malsines*) 111, 108. — Cfr. Diez II[b].

maltreito, adj. part.: *maltratado, gasto, mal acolhido* 164, 606, em rima com *deita*. *Maltreito* por *maltraito* de *maletractus* como *feito* de *factus*, *peito* de *pactus*, *geito* de *jactus*, *contreito* de *contractus* (G.V. III 251). — Cfr. Pratica 196.

manjaradas: *grandes comesainas, comidas appetitosas* 164, 698. Derivado de *manja*: *comesaina*, (Estrang. V 7), como *uvarada moscarada bicharada bafarada chamarada milharada* etc. de *uva mosca bicho bafo chama milho*, formas que significam grande porção ou quantidade de uvas, moscas etc. — Vide **menjar**.

mansidumbre por **mansedumbre**: *mansidão* ant. *mansidõe* 115, 30 Ded.

mantedor: *mantendor, campeão, defensor* 108, 348.

manteniente, a — ou **a man teniente**: *agora, immediatamente* 112, 356 e 358 p. 721.

maofeitor alterna com **malfeitor** 76, 40.

marramaque 108 rubr. Vide p. 789.

mas: *antes* (*magis*) 113, 82.

matinada: *concerto matutino das aves, das rãs* etc.; fig. *estrondo, ruido* 105, 179.

medrosia: *cobardia* 168, 46.

meisinha: *remedio* 104, 42. Forma intermedia entre o classico *medicina medecina* e o vulgar *mesinha mesinha*. — Vide **mesinha**.

melenconia por **melancolia** 111, 384 p. 715.

melro por **merlo**: *melro* 115, 452. — Lusitanismo.

mendinho, dedo —: *dedo meminho* ou *meiminho, o mais pequeno, o minimo* 164, 724. A phrase *dar nós no d.* — deve significar *lêr a cartilha, cantar a muliana*.

Menga por **Domenga Dominga** 113, 203; 115, 141; 151, 466.

menga por **mengua**: *mingua, falta* 165, 80.

menjar por **manjar** s. m.: *comida* 164, 532.

menhã, forma popular por *manhã* 106, 204; 116, 5 e 446.

menos adj. de 2. gen. 101, 1 *a menos parte*: *menor*. — Cfr. Ztschr. für

mochacho por **muchacho**: *moço* 102, 462 e 896.

molher alterna com **mulher** 148, 76; 149, 32; 154, 66. Var. puramente ortographica.

mollido por **mullido**: *amollecido* (do lat. *mollis*) 151, 140.

montante s. m.: *espada, grande golpe d'esta espada*; fig. *cousa demasiadamente forte* e talvez tambem *demasia* 105, 182.

monte 150, 149: **pôr-se a monte.** Não sabemos dizer com certeza o que esta phrase significa.

monteiro: *caçador* 116, 43. Nome d'um *cão de caça*.

montesim plur. **montesins** por **montezinho montezinhos**: *lugares rusticos e montezes* 103, 469 em rima com *mastins*. — Na Galliza moderna e no Bierzo os suffixos *icin, cin, in* correspondem aos suffixos portuguezes *ezinho, zinho, inho*. O seu plural, porém, costuma ser em *iciños*, p. ex. em *camin camiños*; *vecin veciños*; *toucin toucinhos* etc. — Cfr. port. *porco espim* ao lado de *porco-espinho, torvellim* ao lado de *torvellinho*.

montesinho adj.: *rustico como a gente montez* 104, 45.

montesino adj. por **montes**: *rustico* 112, 15 p. 718. — Cfr. Fita 498.

morteiro 164, 76 **morteiros das vodas.** Cfr. 116, 48 **manjares das vodas.** Deve ser qualquer prato delicado, usual nas festas campestres.

mostrança: *mostra, apparencia luxuosa de grandeza* 107, 299; 150, 230 var.

moto alterna com **mote** 109, 130.

mouro, moura por **morro, morra** de *morir*, formas antigamente muito usadas (hesp. *muero* do lat. *morio(r)* 15, 24; 108, 257 em rima com *lavoura*.

mugido por **mungido,** p. p. de **mungir** lat. *mulgere*: *ordenhar* 116, 254, vide p. 731.

mulato: *mulo, macho* 108, 280.

muliana: *cantiga de baile e talvez uma dança antiga*. 103, 595 **cantar a muliana,** phrase que hoje exprime: *tomar a sua desforra*; *lêr a cartilha* ou *a lenda a alg.*; *dar-lhe uma ensinadella*. — Vide p. 779 e 881.

N.

na no nas nos. O **n** d'estes pronomes enclyticos representa o **l** das antigas formas **la lo las los,** assimilado a uma nasal precedente. Em Miranda temos p. ex. **não-no, não-na** etc. por **não lo, não la** nos Nos 33, 3; 48, 2 **B**; 106, 192; 107, 70, 125; 108, 170, 320—321; 109, 120, 159, tudo isso no texto **B**; 116, 472; 117, 149, 155, 247; 150, 72, 459 **B**; **quem-na** 191, 40; **fazem-na** 97, 10; **deixem-nos** 33, 9; **dizem-no** 103, 300 **A**; **vêm-na** 150, 426; **virão-nos** 107, 184; **culpão-no** 104, 264; **mandão-no** 109, 109 **A**; **poem-na** 105, 167; **houvérão-no** 104, 295 var. — Cfr. Saco Arce p. 150.

nado por **nadie** (do lat. *natus* como *nadie* de *nati*) 111, 365. — *Nado* como part. pass. de *nascer*, em logar de *nascido* é hoje ainda usual na Galliza.

Naiadas por **Nayades** 115, 440.

não ja: *nanja namja* 103, 427; 108, 118 var.; 116, 40 var. — Vide Ztschr. f. rom. Phil. VII p. 104.

Napêes por **Napeas** 115, 441 var., em rima com *cabripies* (sc. *cabripiees*).

natural s. masc. por **natura**: *natureza* 111, 61 p. 713.

nel por **en el** 111, 15 var. Ded.; 113, 173; 115, 180 var.; 151, 351 var. etc.

nembranza por **membranza**: *lembrança, memoria* 111, 30.

nembrar por **membrar**: *lembrar* (lat. *memorare*) 102, 133 e 753 p. 706.

nenhũa por **nenhuma** 106, 220; 109, 98; 114, 14; 150, 110. — Vide **algũa, lũa, ũa.**

ninhũa por **nenhũa**: *nenhuma* 103, 670—671 p. 711.

nô 104, 22: **nô cego**: *nô* (*nodus*) que não se desata facilmente 104, 22.

nonada s. f. e masc.; fem. 102, 19 **unas nonadas** (Fita 96); masc. 112, 99 e 168 var., **un nonada** e 102, 19 p. 687 **unos nonadas.** — Cfr. port. mod. *um nada,* ant. *uma nada* Res. I 113.

nones 102, 199 p. 691 *los nones* em rima com *constelaciones.* Talvez signifique *o algarismo nove,* e derive do lat. *nonus*; *nones* por *nònos* pl. de *nono*? — Ou significará *cifras impares,* provindo da formula de jogo portugueza: *pares ou nones* (ou *nunes*) = franc. *pair ou non* (*par* ou *impar*).

nul: *ninguem, nenhum* 192, 366. D. Manoel de Portugal.

Ñ.

ñublado por **nublado**: *enuvoado* 111, 11 var.; 113, 174 var.

O.

O que por **aquelle que** 164, 10.

ó ós: **ao aos,** formas contrahidas, antigamente muito usadas, e que hoje ainda existem na Galliza e no Bierzo. — 1, 6; 14, 12; 103, 16 etc. etc.

ofiendo alterna com **ofendo** 115, 24 Ded. var.

ogano, hesp. *hogaño* lat. *hoc anno: n'este anno que corre* 117, 31, 74; 150, 219 onde todas as edições põem *o gano.*

oian por **oigan** de **oir**: *ouçam* (lad. *audiant*) 112, 249 var.; 168, 20 e 21.

oiste-las por **oistes-las** 112, 15 Ded. Cfr. ant. hesp. **todalas** por **todas-las** e vide **estamonos.**

-õis por **-ões** plur. dos substantivos e adjectivos em **-ão** como **-ois** por **-oes** de **-ol**; antiga orthographia identica á pronuncia; hoje são usuaes entre os gallegos de Corunha e no Bierzo. — Vide **-ais.**

ojado, mal de — alterna com **aojado** (mal ojo): *mao olho* 102, 45.

olivel: **nivel** (lat. *libellum* por *libella,* com o artigo port. *o* prefixado) 114, 67. — Cfr. gall. *univel.*

ondejar: *fluctuar com as ondas, ondear* 105, 120 var. **AB.**

opreme por **oprime** de *opremer* por *oprimir* 150, 256, em rima com *treme.* — Vide **empreme.**

ora qual dia: *um bello dia, outro dia, os dias passados* 150, 40 e 165.

oras s. fem. pl.: *ouras, tonturas de cabeça* 165, 138. — Cfr. hesp. port. *orate: doudo, alienado,* e gall. *oura: sorte, fado, destino* (segundo Piñol).

ordir por **urdir** 112, 79 var.

Ordume: **ordidura urdidura** 109, 63. — Cfr. hesp. *urdimbre, urdiembre.*

Oreas por **Oreades** 115, 312.

otear: *mirar, ver, espreitar* (e não *ver desde um logar alto*) 112, 301; 115, 106 e 100—154 var.

oteo 102, 432; **a cada oteo**: *a cada olhar.*

otrem, otre por **otro**: port. *outrem* 102, 15, 475, 476; 111, 376; 113, 92, 183; 115, 185 var.; 151, 27. Port. ant. *otre* e *otri.* — Vide **outrem.**

oufano por **ufano** 85, 1 p. 685 onde talvez não seja mais do que erro de copista. *Oufano* existe comtudo.

oulhar por **olhar** (=*aolhar*) 117, 189.

ousadas, a —: *a la fé, certamente* 127, 228. Forma pop. de affirmação.

outrem: *outra pessoa* 51, 5, 11 e 17; 54, 20; 76, 22; 103, 40 Ded.; 107, 237; 108, 70; 114, 26. — **outrem ninguem**: *nenhuma outra pessoa* 78, 14; 104, 375.

outro que si por **outrosi**: *tambem, da mesma maneira, além de* 103, 50; 104, 371.

P.

pacer por **pascer**: *pastar* 103, 642.

pacigo por **pascigo**: *logar onde pasta o gado* 103, 647 e 665. — Cfr. G. V. I 113, II 423.

pagar* por **pegar**: *segurar, agarrar* (lat. *impicare*)? 105, 13. — Ou poderá ser o verbo **pagar** (lat. *pacare*) na phrase *desque nas armas pagastes?*

pai por **pae** 149, 74.

palheto alterna com **palheta**: *certa arma antiga de ferir,* pouco differente das *settas, virotas, e farpões* 76, 31.

palomba por **paloma**: *pomba* 113, 405 p. 725.

palpar por **apalpar**: *experimentar* 127, 197; 164, 171 e 553.

papas mexidas: *papas de farinha de milho* (?), *feitas em leite ou em agua, manjar de pastores* 164, 73.

paparote alterna com **piparote** cast. *papirote* 103, 272; 164, 330 (*chiquenaude*).

par por **por**, em algumas phrases de juramento como *pardes, parestas* 102, 128 var.; *par mi fe.*

par s. fem. 112, 198; 151, 192 var.: **a la par**: *ao mesmo tempo, juntos.*

parçaria por **parceria** 151, 522 var. **B** p. 858.

pardao: *antiga moeda da India, dinheiro* 108, 1.

parejar por **aparejar** 115, 352.

pario por **pareo**: *jogo em que dous, sahindo a par, corriam ao mesmo tempo para ganhar o premio, destinado a quem chegasse primeiro á meta* 150, 89 (all.: *Wettlauf*).

pasada por **paso**: port. *passo e passada* 102, 95 p. 689; 192, 232. — Cfr. Camões Elegia XVII 1: **De peña en peña muevo las passadas** (emendado por D. Lamberto Gil em **las pisadas**).

pasades por **pasais** (lat. *passatis*) 165, 388.

Pasife por **Pasiphaë** 113, 329. — Cfr. Res. I 309.

passada: **passo** 103, 269; 150, 296 e 302 var.

passo a passo 108, 145—146 var.: *Ía-me meu passo a passo: pouco e pouco, de vagar, não acceleradamente.*

Patanas* 164, 459: *jogos de Patanas. Patanás,* escripto com majuscula, e juxtaposto aos nomes *Pedrancho* e *Sancho,* parece ser nome proprio. Mas se o for, é rarissimo, porque não o pudémos descobrir em parte alguma, nem em obras antigas, nem em modernas. D'um jogo dicto „de Patanaz" tambem não ficou vestigio. Bluteau registou a palavra *pata-*

maz (com *m*), explicando-a por *santarrão, affectado, ou homem muito besta* (termo provincial ou do vulgo). Parece-me que ha engano n'isto, e que, tanto na passagem de Miranda como no artigo de Bluteau, se tracta de *patanaz*, i. é de um augmentativo em *-az* da palavra *patan: aldeão rustico, tosco* e *grosseiro*. A palavra conservou-se em hespanhol, e é usual entre o povileu da Galliza e do Minho. Seria alcunha de qualquer minhoto. — Cfr. Res. I 149 *patão*; Rim. de Pal. 335 *pataco*, berc. p. 388 *patarro*.

pega s. fem.: *contagio, epidemia, andaço* 116, 175.

peis por **pees** pl. do ant. **pei** por **pé** 116, 29 p. 838. — Cfr. G. V. I 101; berc. 229, 265, 271 etc. — Nas provincias transtaganas ainda hoje a pronuncia com *ei* é usual.

pelear: *contestar* 102, 413 p. 697.

peleijar por **pelejar** 116, 396 F.

pelejo por **pellejo**: *pelle* 115, 181 (vide p. 181) e 184: *Não caber na pelle, de soberbo ou contente*, por *estar mui inchado*, é phrase usadissima em Portugal.

pelengrino por **peregrino** 102, 764 var.: port. ant. *pelengrino*; gall. *pilingrin pilingriñar*.

pelo, lat. *pilus* por *pelle* lat. *pellis* 104, 275.

pena, a— por **apenas** 113, 232. Vide **apena**.

per alterna com **por** 103, 478; 154, 11 e 38.

pera alterna com **para** 18, 8; 20, 15; 104, 124; 150, 153 e 154. — Simples variantes orthographicas; a pronuncia oscilla entre *e* e *a*.

pera por **para** 102, 378 e 681; 112, 385 etc. — Lusitanismo.

peraire por **peraile pelaire** i. é **pelairo** de *pelario* deriv. de *pel piel: pelleiro*; *quem prepara pelles e as vende*, 102, 65 p. 688, onde significa *o tosquiador das ovelhas*, o qual seria o pelleiro official nas aldeias.

perceito por **preceito** 110, 10.

percundo percundes, 1ª e 2ª pess. sing. do presente de um infinitivo hypothetico **percundir***: *penetrar, comprehender* 102, 2*) e 302 (p. 694); 115, 22. — *Percundo* = *pergunto pregunto* do lat. *percontare percunctari*? ou antes de *percudir* lat. *percutere*? Cfr. o vocabulo *percollar*, usual entre o povo hespanhol, e empregado p. ex. por Tirso de Molina p. 29: *que mientras mas las percollo, menos las puedo entender*, e p. 90: *mal se pueden percollar estos quillotros de amor*. — *Percollo* por *percoño, percondio* i. é *percundio*, como antigamente se diria?

perfia alterna com **porfia**: *teimosia* (lat. *perfidia*) 103, 29; 114, 74.

perguiçoso por **preguiçoso** 103, 194. — Vide **priguiçoso**.

perla alterna com **perola** 108, 169.

perlonga(s): *prolongas, conversas extensas, razões largas*, que o povo chama *perlongas* e *parlengas*, lembrando-se das *longas lendas* que as velhas costumam contar e das *lenga-lengas* que ás vezes recitam (*parlando*) 116, 518. Vide p. 731.

pero: *mas, porém, comtudo* (lat. *per hoc*) 102, 49 var. — Vide **empero**. — **pero que**: *posto que, ainda que* 102, 98 e 535, p. 689 e 700.

---

*) B tem *pescudo* em logar de *percundo*, palavra que o editor de 1784 mudou em *penetro*.

perrexil (cast. *perejil*, lat. *petroselinum*): 1º *salsa*; 2º *enfeite de côr verde-viva*. 103, 493 **mais verde que um perrexil.**

perro adj.: *vil, injusto, obstinado* 103, 548 (*perro* : *cão*). — Vide *cão*.

perservar por **preservar** 98, 15.

pesadumbre s. masc.: *pesadume*, (masc.) *peso, carregume* 170, 29. — Lusitanismo. — Os poucos nomes em *-ume* (e *-ame*), que correspondem a outros (fem.) castelhanos em *-umbre* (*-ambre*), são masculinos em port.; cfr. *o costume* = *la costumbre*; *o legume* — *la legumbre*; *o queixume* = *la quejumbre*.

pescudar: *comprehender, pesquisar* 102, 10 var. — Esta palavra archaïca, que se encontra tambem na forma *pescuidar* (cfr. *cudar escudar*), significa *perguntar*, p. ex. 1º na Canção do Figueiral: *logo las pescudara, logo las pescudei* (phrases que Th. Braga Antol. No. 1 trocou, sem motivo, contra *percurara* e *percurei*); 2º em Tirso de Molina p. 120 e 209. — Cfr. Mayans 90. — (Lat. *perscrutari*?)

peso, em — loc. adv.: *todo inteiro*, 100, 109 *ter alg. c. toda em peso: carregar só com ella*; 108, 170—171 var. *o seu tempo todo em peso: todo inteiro*. — Cfr. Mello p. 60 e 62.

pez alterna com **peje**: *peixe*, lat. *piscis* 115, 274.

piadade alterna com **piedade** 74, 34.

piadoso por **piedoso** 102, 149—150 var.; 112, 113 var.; 165, 129.

pidir por **pedir** 157, 11.

pieza del dia: *parte, pedaço do dia* 102, 410.

pilhas, em —: *em grande quantidade*, phrase familiar 103, 425.

pior por **peor, peior,** ant. orth. phon. 21, 10; 103, 169; 164, 381.

piqueno, orth. phon. da pronuncia popular de **pequeno** 117, 281; 150, 15, 68; 164, 382.

pitalamio por **epitalamio** 151, 31 Ded. — Cfr. *pitafio* por *epitaphio*.

plasmar por **pasmar** do lat. (*s*)*pasmus* 111, 556 var. **pasmar alg. c.**: *espantar-se, assombrar-se de alg. c.* — Cfr. prov. *plasmar* e astur. *plasmar plasmable* (p. 41. 192). A palavra ant. portugueza, *prasmar* (Chron. do Condest. f. 2; Vat. 5) deriva de *blásphemar*, port. pop. *brasfemar*, mas parece ser influenciada por *plasmar*.

plugon por **pluguieron,** forma contrahida da 3ª pess. pl. perf. de **placer** 151, 460. Ant. e popular. — Cfr. Diez Gr. II 184, Mayans 94. — Tirso de Molina offerece a p. 317 *quijon* por *quijieron quisieron*. — Vide **puson tuvon.** Existem tambem *dijon trajon pudon* e *hison*. — Haveria ainda formas contrahidas do pret. mais que perf. *quisieran pluguieran hizieran* (*quisan plugan hizan* ou *quisian pluguian hizian*?), supposição, suscitada por versos como 112, 314 var. e 343; 113, 84 var.

poderar-se por **apoderar-se** 109, 153.

poem por **põem** 103, 613; 104, 199; 116, 389.

poldro por **potro**: *poldro, cavallo novo* 112, 14 var. — Lusitanismo.

polo alterna com **pelo** (*por lo, per lo*) como em todos os antigos escriptores. — Vide **per** e vide **la lo.**

Cfr. G. V. II 80, onde *puná* rima com *fortuna*.

punir: *castigar* 117, 149.

pupar alterna com **apupar** 116, 28.

puridade: *segredo* 147, 35 (lat. *puritas*, cast. ant. *puridad poridad*).

puson por **pusieron** 111, 548 e 549 var. — Vide **plugon** e **tuvon**.

Q.

quage 116, 38; 127, 17.

quagi 164, 360 formas vulgares de **quasi**. — Vide **caje**.

quedo e quedo (meu —) alterna com **quedo a quedo**: *mansamente* 103, 346. — Vide **passo a passo**.

queixía: *queixa, escandalo* 103, 640.

queixume: *queixa* 42, 13; 73, 3 e 4; 148, 75; 150, 206.

quejando adj.: *semelhante, feito assim, tal, de tal qualidade* 164, 717. — Cfr. Diez, ed. Scheler p. 749.

quellotrar quillotrar 102, 36, 238, 923; 115, 52. — Vide **aquelloutro** e cfr. os substantivos *quillotro aquestotro aquella* e os verbos *aquelar aqueloutrar enquilloutar* e *lloutrar-se* (verb.), palavras do fundo da linguagem popular, usadas frequentes vezes nas coplas de Mingo Revulgo, nos autos e nas comedias de Gil Vicente, Juan del Enzina, Lope de Rueda, Torres Naharro, Tirso de Molina, nas Eglogas de Fr^co^ Manoel de Mello etc.: emfim em todos os escriptores, cuja phraseologia tem o cunho nacional e popular. — *Quillotro* por *aquillo otro*, *quellotro* por *aquell' otro* dizia-se antigamente por *tal cosa* e *un cotal*; depois „no servia sino de arrimadero para los que no sabian ó no se acordaban del vocablo ó de la cosa que querian dizer" (Mayans p. 92); e finalmente chegou a exprimir o celebre *não sei que* cantado por todos os poetas peninsulares, i. é certo estado de espirito inexplicavel, uma exquisitice, mania e paixão, que transtorna ou modifica todas as faculdades.

No quellotra(s) de buen rejo diz-se a alguem, ou de alguma pessoa, a quem não se quer chamar simplesmente *um doudo varrido* (allem. *Du bist nicht recht in deinem Schick; du bist närrisch*). — O verbo *quellotrar quillotrar* pode-se traduzir com *pergeñar percollar* (allem. *austüfteln; ausfindig machen; ersinnen*).

Parece que em Portugal as phrases referidas nunca foram usuaes: todos os manuscriptos e todas as edições estropiam-nas, escrevendo: *que llorará, quello trará, quello será* em logar de *quellotrará* (fut.); *te lotras, te lloras, the lhoras* em logar de *quellotras*; e *aqui llorar, quello trar* por *quellotrar quillotrar* — corrupções que, de resto, encontramos tambem em textos castelhanos. [103, 3.

quentura: *calor* cast. *calentura*

quequer: *qualquer cousa* 103, 625 p. 711. — Vide *quexiquer*.

quer .. quer, conjuncção disjunctiva: *seja .. ou .. seja*. 104, 384 var.: *quer dos gados, quer das lavras*; 116, 65 var.: *quer seguro lhe chamemos, quer apetito, quer natural*; 103, 187—188 var. **A**: *sejamos velhos, quer meninos* por *quer sejamos velhos, quer meninos*.

quer: *ainda que* 164, 182 var.: *quer me hajas por desmedido*.

quês forma popul. contrahida de **queres** 103, 682. — Cfr. G. V.

I 172. 262 etc. Cast. *quies* por *quieres*; gall. *quês*. Port. *quei* por *querei* nos Autos de Prestes.

quesido por **querido** 112, 343. — Cfr. Mayans 66.

quesistes por **quisisteis**: *quisestes* 2, 48 (em rima com *tristes* e *vencistes* por *vencisteis*) 112, 343 p. 721.

quexiquer: *qualquer cousa, tudo o que se quer.* 103, 513: **de quexiquer espantoso.** — Cfr. gall. *xiquera* por *siquera*, cast. *siquiera* port. *sequer*.

'qui por **aqui** 2, 53; 116, 355.

quiçais quizais por **quizaes quizás**: *talvez* 103, 637 e 683; 114, 104 var. — De *quiza* i. é *qui sàb* (por *quem sabe*) com *s* paragogico; gall. *quizaves, quezayes, quisais, quixais*, ant. port. *quesais*.

quier por **quiere** 151, 453.

quies por **quieres** 102, 937 e 741 p. 706.

quillotrar vide **quellotrar.**

quistion por **question** 115, 175 var.

R.

Rabado: nome de um cão de caça, provavelmente de rabo grande 116, 19 var.

rabé por **rabel**: *rabl rabil arrabil* (arab. *rabâb*) 102, 686—693 var., em rima com *que*; 102, 608 p. 702; 102, 772; 151, 446 onde *rabés* pl. rima com *despues*. — Vide **rabel** 151, 343 e cfr. Arcip. de Hita 1203: *El rabé gritador con la su alta nota.*

rabi por **rabil**: *arrabl arrabil* 168, 5.

rama 147, 16 **andar pelas ramas**: *tratar superficialmente.*

rancor: *odio inveterado, aggravo, sanha* 117, 123.

rancor por **rencor**: *rancor* (lat. *rancor*) 102, 523 var.; 112, 28 var.; 113, 4 p. 721; 168, 49; 176, 6.

rapaz: *roubador*, por *rapace* (lat. *rapax*), como hoje se costuma dizer, para distinguir a palavra do homonymo *rapaz: moço* (de *rapare?*) 103, 23. — Em gallego moderno *lobo rapaz* ou *rabaz*, significa, segundo Cuveiro-Pinhol *o lobo cerval* (?). — Vide **roaz robaz.**

rassea* palavra desconhecida. 102, 831—838 var. **A.** — Talvez erro de imprensa por **ressabe, resabe**: *têm sabor.*

rasto por **rastro**: *rasto* 115, 7 Ded., p. 349 e 726. — Lusitanismo.

ratinho 103, 504: epitheto injurioso que se dá particularmente aos Beirões, que têm fama de *„morder o dinheiro"*. O *ratinho* é um typo popular, frequente nos antigos autos de Gil Vicente, Prestes etc. Fig. é *todo o homem escaço, calnho, illiberal, aspirante ao que não merece; o aldeão que quer passar por galante e cortesão; o simplorio que quer passar por fino e astuto.* Cfr. G. V. III 203. 211. 220. 237. 245; II 497. 245. 237; Prestes 5. 86. 88. 155. 239 etc.

ravinhoso alterna com **rovinhoso**: *rabujento, raivoso* (de *rabies*) 150, 73.

rebuçado: *embuçado, coberto com rebuço* (allem. *verkappt*) 104, 125 var.; 109, 12.

rebuço: *parte da capa que cobre meio rosto para se não conhecer quem vae rebuçado*; fig. *mascara, fingimento* 104, 130: **cai-lhes o rebuço.**

recender 102, 353—354 var. **el mal d'este aire reciende:** *emanar, exhalar cheiro*; *mani-*

festar-se por cheiro. — Lusitanismo.

recional alterna com **racional** 106, 258; cfr. 107, 183.

recolheito part. pass. pop. e ant. de *recolher* 103, 707: **contas recolheitas**: *contas feitas*.

referta s. fem.: *disputa, altercação* (do verbo *refertar*) 103, 430 p. 709; 164, 163. — Vide **refertar** e cfr. *referteiro* de *refractarius*.

refertar: *disputar, requerer* 190, 24; *reprovar, impugnar* 103, 118 var. [d'um typo hypothetico latino *refrac'tare refragitare*, iterativo de *refragare*].

regar-se com o mal d'alguem: *ter grande gosto e praser com o mal d'alguem* 103, 14 Ded.

reis plur. monosyllabico de *rei rey* 111, 14 e 53; 113, 23 (22 p. 722)*). Vide **bueis**, **greis**, **leis**. — Cfr. G. V. I 33. 34. 51.

reixa: *rixa, contenda* (lat. *rixa*) 103, 554 p. 710.

rejo 102, 238; 115, 52 var.; na phrase **no quellotrar de buen rejo**: *não percundir bem, não acertar.* (**Rejo**: *força, robusticidade* = *recio, rijo rigidus?*). — Cfr. Picara Justina p. 134.

relampagu'ero adj. 115, 302 var. **AB** (cfr. p. 729) **claridad relampaguera**: *claridade viva, mas rapida e passageira (como um relampago).*

relea por **ralea**: *relé, ralé, raça, natureza, especie, genero* 145, 21 (cfr. p. 735).

remanso: *remanso, recolhimento, tranquillidade, socego* 113, 297—320 p. 724. — Lusitanismo. — Cfr. Res. I 6.

renço por **ranço** 103, 624 p. 711 **fazer renço**: *damnificar, estragar, corromper.*

renestado 192, 236 (D. Manoel de Portugal) **de flores candidas i coloradas ... guirlandas en amoroso mirto renestadas**: *enxertadas, insertadas.* — Cfr. ital. *innestare* de *ins'tare insetare* do lat. *insitus* Diez IIa 40. — Italianismo? — Vide **cingial** e **lena**.

renga: *ala, fiada, carreira, renque, ordem, fileira* 164, 696 **em renga porei colmeas.** — Vide **arenga.** Ambas as palavras provêm, como o franc. *rang*, do ant. all. *hring.*

reniendo por **reñiendo riñiendo riñendo**, gerundio de **reñir** lat. *ringi* 115, 101.

reponder por **responder** 107, 169 p. 796.

reponder por **responder** 151, 289 var. **repuso respuso** (perf.).

reposta por **resposta** 163, 36; 140, 147; 109, 146 rubricas.

reprender por **reprehender** 148, 71; 150, 21 Ded.; 117, 75 var.

requesta: *contenda, disputa, briga* 54, 6.

requiesta alterna com **requesta**: *requerimento, disputa, queixa* 113, 275 var.; 115, 390.

residencia, termo juridico: *exame ou informação que se tira do procedimento d'um juis* 104, 300.

resprandecer forma popular por **resplandecer** 89, 13.

respuso perf. de **responder** 111, 550 p. 717; 151, 289.

retul por **rétulo rótulo** 111, 553 p. 717.

reves por **revez** 109, 5 var.: **os reveses da fortuna**: *as suas vicissitudes e alternativas.*

revezar: *alternar* 103, 593 var. e 616.

*) Na var. de **B** 22 *reies* é erro da antiga impressão.

resão por **rasão,** forma ant. e pop. 23, 11 e 12; 104, 68 e 244.
rezon por **razon** 2, 22. — Lusitanismo.
rie por **ri** 3. p. s. pres. de reir: *rir* 146, 111.
rifran por **refran**: *rifão, refão* 115, 180. — Diez I 345.
rimance rhitmance por **romance** lat. *romanice,* com visivel influencia de *rima ritma,* 111, 429.
risa por **riso** 109, 33 var. — Cfr. cast. e mirandez *risa riza.*
ritma alterna com **rima** 109, 65. — Diez I 351. — Vide **rimance rhitmance.**
roaz alterna com **robaz** e **rapaz** 103, 23: *lobo roas, lobo rapas* e *lobas*; 104, 140 *lobos robazes, lobos roazes*; 164, 19 *lobo robaz.* — Do ant. all. *roub* Diez I 354. — Vide **robaz** e **rapaz.** Cfr. G. V. II 307.
robaz: *roubador* 104, 140; 164, 19: **lobo robaz**: *lobo que rouba e come rezes.* — Cfr. Canc. de Baena ed. Leipzig I p. CI.
roboles por **robles** (lat. *quercus robur*) 192, 323 D. Manoel de Portugal.
roda 103, 45. *Unta o carro, andão as rodas* é um proverbio.
rodado: nome de um cão de caça, que talvez tivesse malhas redondas, em forma de roda 116, 19.
rodo 164, 301 **andar a rodo** (em rima com **todo**): *andar á roda, em redor, em torno, dando voltas como um peão.*
rogir por **rugir** 151, 165 var.
romão alterna com **romano** 108, 28 var.; 108, 251.
ronceiro: *sorreiro, vagaroso, tardo, preguiçoso* 108, 269.
rostro alterna com **rosto** 104, 88 var. e 235 var.; 108, 43 var.
rousinol por **rouxinol** 108, 349. — Cfr. G. V. III 117 e 284 *rousinol*; Prestes 3 e 255 *rossinol.*
ruisenhor ruiseñor por **rouxinol rouxinhol,** forma castelhana. 96, 11 em rima com *flor(es)* e *cor(es).*
ruisiñor ruisinhor por **ruiseñor**: *rouxinol* 115, 363 e 452 var.

S.

sabiendo por **sabiondo**: *sabichão* 115, 59 p. 727.
sacion por **sazon**: *sazão* (franc. *saison,* lat. *satio-nis*) 115, 405 var.
sacomano: *sacomão* 151, 227; 165, 332: **meter a —**: *saquear, saltear uma praça roubando-a e tomando-a*; ambas as vezes em sentido fig.
Salamão por **Salomão,** forma popular 75, 6. — Cfr. *san Salimão, Solimão* e *Suimão*; *sino samão* ou *saimão* etc.
salmo ant. orth. phon. por **psalmo** 105, 188.
Salvagia alterna com **Selvaja** ital. *Selvaggia,* nome da namorada de Cino da Pistoja 146, 173 var.
salvante: *salvo, salvando, excepto, senão* 103, 483; 103, 461—490 var.; 164, 512. — Cfr. Estrang. III 3.
samear forma pop. de **semear** 103, 266. — **sameadas** s. fem. pl.: *campos semeados.* — Cfr. Mello 71 e 100; Cam. Lus. VIII 10, 15.
samica samicas: *talvez, acaso, porventura* 150, 56; 164, 430. — Cfr. Ztschr. f. rom. Phil. IV 603.
samposña alterna com **zamposña** lat. *symphonia* 112, 147 var.
sanfonina s. m. *homem que toca sanfonina* 150, 165. — Vide **çomphonina.**
Santo por **Sancho** 112, 387 p. 721.
são por **sou** lat. *sum,* forma antiga,

hoje usual entre os minhotos 51, 8; 105, 206.

sardonio, riso — por **riso sardonico,** que é a forma usual. 150, 28 Ded.

sarrar vide **çarrar.**

sastifazer por **satisfazer,** forma popular 15, 21.

sazão, em —: *em tempo opportuno, de vez* 108, 133.

sé see: é (lat. *sedet* por *est*) 108, 235; 116, 270 e 298. — Cfr. *seer seendo*; *sejo, ses see*; *se sede*; *seja*; *siia*; *seerá seve,* formas antigamente muito usadas. — Diez Gr. I 189 e Port. Hofp. p. 115. — Cfr. os Proverbios: *Tu que sês na celda, qual fiseres, tal espera.* — *Quem bem see, nam se leve.* — *Vê o mar e sê na terra.* — Vide **sia.**

seguieron por **siguieron** 102, 327.

sei por **sé** (lat. *sedi* por *sede* imp. de *sedere* por *esse*) 151, 174. G. V. III 252 etc.

seistina orth. phon. de **sextina** 74 rubr. fin. — Cfr. Cam. Lus. V 2 e Res. I 229 *seista* por *sexta.*

semblar* por **sembrar**: *semear* lat. *seminare* 192, 378 D. Manoel de Portugal. — Talvez erro de um copista lusitano.

semeja s. fem.: *semelha, comparação, parabola* 102, 540 p. 700.

sengo s. m.: *sabedoria sentenciosa, como a de Seneca* 107, 219 var. — Cfr. Ztschr. f. rom. Phil. VII 99.

sentar por **assentar** 103, 470 **sentar a mão a alg.**: *pegar, agarrar, apoderar-se d'elle.*

señal s. masc.: *sinal* (masc.) 111, 131 var.; 112, 50 p. 718. — Lusitanismo.

serao seraos alterna com **serão serões** (augmentativos do lat. *serum: tarde*). Mais tarde as formas duplas differenciaram-se, de sorte que *serão sarão* significa as *altas horas da noite* e *o trabalho da noite*; e *sarao* (por *serao*) um *baile nocturno* 107, 277; 114, 127. — Vide **irmao.**

seteestrelo s. m.: ant. termo de astronomia popular. O *seteestrello,* chamado tambem *as sette estrellas,* significa a constellação das pleiadas, á qual se ligam varias crenças supersticiosas 116, 442. — Cfr. Canc. de Res. I 63; G. V. II 399; III 97; Prestes p. 219; Canc. de Baena I 243, Mello p. 115.

sesta 116, 23 **ter a sesta**: *dormir ou descansar, nas horas calmosas do meio dia.*

si por **sim** 103, 16, 440 e 524; 150, 110; 164, 30, 258 e 327 em rima com *ti, ali* etc.

'si por **assi assim** 164, 404 e 424.

'si por **asi** 113, 273.

sia e **seia** por **siia** lat. *sedebat,* imp. de *seer* (*sedere*) 116, 270.

sicais por **quizais quiçais quizaes, quizás quizá** (i. é *qui sab*; Poema del Cid 2509; Alex. 632) 164, 622. Forma popular, vulgarissima em G. V., Prestes etc. — Vide **quiçais.**

siebe s. f.: *sebe, tapume de rama secca ou viva para cercar e vedar a entrada n'uma quinta, vinha* etc. (lat. *sepes*) 151, 141. — Lusitanismo.

sigue por **segue** 3ª p. s. pres. de *seguir* 9, 4 p. 679.

siguí por **seguí** perf. de *seguir* 102, 252.

siguro alterna com **seguro,** variantes orthographicas 103, 99.

sim por **si,** como *mim* por *mi* 103, 423 p. 709.

simple adj. de 2. gen.: *ingenuo* 150, 487.

sospiro por **suspiro** 133, 6.

sosessivo ou **soccessivo** (B) **succesivo** (A) 104, 389: **horas sossessivas**: *horas de descanço, que sobram do trabalho e reservamos para recreação.* A melhor orthographia seria *sosecivas*, porque é o latim *subsecivus* (escripto tambem *subcisivus subsicivus succisivus*) e não *successivus subcessivus*.

soterranho, sobterranho, subterranho adj., forma antiga e popular de *subterraneo* 105, 80; 109, 14; 114, 63 var.

soterraño por **soterraneo** adj.: *soterranho* 111, 345 e 461 (A). — Fita 1399.

speso por **espeso**: *tapado, basto* 115, 355 e 445.

suidade var. orth. de **soïdade**, forma ant. de **saudade** (lat. *solitate*) 46, 4, 12; 54, 30; 59, 1; 103, 396; 150, 268.

supitamente por **subitamente** 102, 529; 115, 38.

sus, ora sus! 103, 570—571 var.; 164, 556. — Cfr. G. V. I 229; II 19, 44, 362, 364; III 221.

T.

ta por **tua**, como *sa* por *sua* 103, 152 var. — Res. I 230.

Taganta 164, 111. Nome proprio, ou talvez alcunha de certa pessoa (como **Marramaque** e **Patanas**). — Cfr. ant. port. *tagante: açoute*; G.V. II 51 *atagantado*; Prestes 31 e 164 *atagantar*.

Taresa por **Teresa**: ant. port. *Tareija Taresia Taresa* 102, 159.

té tê por **até** 67, 5; 103, 505; 104, 8; 107, 42; 114, 63; 164, 68.

tecer por **tejer** port. *tecer* 112, 278 p. 720. — Lusitanismo. — Cfr. *mejer* ao lado de *mecer*, port. *mexer* e vide 192, 112 *entreteciendo* ou *entreticiendo*.

teixto por **texto**, orth. phon. 104, 325. — Cfr. *seistina*; e Mello 100 *teistos*. — Res. I 40. 54 *teisto*.

tema: *teima, teimosia, vontade obstinada* ant. orth. de *teima* e *thema*, formas parallelas que, mais tarde, se differenciaram. 104, 53 em rima com *suprema* e *diadema*.

tengido por **tingido** 103, 542.

tento, a tento loc. adv.: *de vagar, pouco e pouco, apalpando* 105, 149.

tento, a tento ou **a tiento** alternam com **atento** 113, 35 var.; 151, 175 var. — Lusitanismo.

tento s. m.: *attenção, cuidado, cautela* 150, 29 Ded.

terné por **tendré**: *terei* 111, 149; 112, 136 p. 719; 113, 280 p. 724. — Cfr. **porné, verné**.

ternez por **terneza**: *ternura* 192, 318 (D. Manoel de Portugal), em rima com *niñez* e *cortez*.

tiento s. m.: *tento, juizo, cautela, cuidado* 102, 89 p. 688; 115, 188.

tinido por **tenido** part. pass. de **tener**: *ter*, no sentido de *segurar, ter preso* 56, 6.

timiendo por **temiendo** 146, 10 var.

tintoreiro: fig. *hypocrita* 104, 137. — Vide p. 758 e cfr. Res. I 217.

Tiresa por **Teresa, Taresa** 102, 161 p. 690.

tisouro ant. pronuncia e orth. de **tesouro, thesouro** 106, 169; 114, 97.

Titero por **Titiro** 113, 386.

tollido part. p. de **toller**: *tolher* no sentido de *estorvar, damnar, estragar* 111, 292 var. (p. 715). — Lusitanismo?

torbelino por **torbellino**: *torvellim, torvellinho* 115, 34.

torboliño por **torbellino** 115,

34 var. — Vide *torbelino* e *trovellino*.

torcicolo vide **capa em colo.**

torrada 106, 159: **zona torrada** em rima com *nada*. — Hoje diz-se *zona tórrida*.

traio traia por **traigo traiga**: *trago traga* pres. ind. e subj. de **traer**: *traxer* 5, 7 em rima com *desmaio**); 102, 353 onde *traian* rima com *vaian*; 102, 457; 115, 100—154 var. em rima com *maio*.

traje, trajo perf. de **traer** 102, 159 var., alternando com **truje, trujo** 102, 161 p. 690.

trapalhado 116, 523 var. **F** p. 838; **leite trapalhado**; vide **atrapalhado.**

tras por **traz atraz** 103, 24 e 297.

trasandar alterna com **tresandar**: *transtornar, confundir* 106, 222.

trasfegar alterna com **trafegar**: *traficar, negociar, lidar* 103, 12 Ded.; 106, 138.

trasfegar por **traficar trafagar**: *trasfegar, lidar* 115, 55 Ded. — Lusitanismo.

trasmalhar alterna com **tresmalhar**: *deixar escapar, soltar o peixe da rede d'entre as malhas della*; fig. *perder* 104, 149.

trasparida: *cordeirinho, ovelhinha que nasce muito tarde, depois de todas-as outras?* ou *a ovelha que pariu tarde?* 164, 606.

traspôr: *desapparecer, perder o caminho* 103, 26 e 30; 150, 113, 263 e 331.

trastrocar: *alterar, perturbar* 103, 28 Ded. var. **A**.

trazer á espada: *pôr ou passar á espada* 108, 215.

tredor tredora por **traidor traidora** 103, 364 var.

*) A variante *traho* é, pois, inacceitavel n'este logar.

treição por **traição** 80, 13.

tresladar por **trasladar** 119, 2.

trespassar: *passar, acabar* 54, 38.

trespasar por **traspasar**: *passar por meio de uma cousa* 113, 118.

trespasso: *demora, dilação* 150, 291.

trespôr-se por **traspôr-se**: *pôr-se por detras de alg. cousa, desapparecer, perder o caminho* 116, 8 e 520 (o sol); cfr. 164, 32.

tresquiar por **trosquiar tosquiar**: *aparar a lã das ovelhas* 116, 259 var. — Cast. *trasquilar, tresquilar, desquilar*. — Cfr. Mayans 68. — Vide **trosquiar.**

tresvaliar por **tresvariar trasvaliar**: *delirar, dizer disparates* 114, 129; 141, 4. — Cfr. Estrang. V 2.

tresverdecer*: palavra desconhecida 116, 326 var.

trevoada torvoada, formas populares, por **trovoada** 103, 268.

trigoso: *apressado, apressuradamente* 150, 94. — Cfr. G.V. I 192; Mello, Prestes etc.

trilha: *rasto, vestigio* (de carros etc.) 108, 5.

tristura: *tristeza* 111, 567 p. 717.

trocá por **trocad,** imper. de **trocar** 94, 12 na lição de **B** que não registamos. — Cfr. *escuchá* por *escuchad* 165, 63 Ded.

trombejar: *afocinhar, dar em alguem com a tromba, com o focinho* (o porco) 103, 514.

tromenta por **tormenta**: *tempestade* fig. 100, 102.

tromento alterna com **tormento** 117, 30.

tromiento por **tormiento, tormento** 170, 5.

troque por **trueque, trueco**: *troco* 112, 267.

trosquiar trusquiar, forma ant. e

pop. de **tosquiar** 103, 314; 116, 259 e 483 (cfr. p. 730); 164, 363.

trouve trouvera: *trouxe truxe truse, trouxera* etc. 103, 247 (p. 708); 108, 215. — *Trouve* por *trougue* por *tracuit*, como *jouve* de *jacuit*, *prouve* de *placuit*. — Gall. *trougue*. — Cfr. Estrang. II 3.

trovellino por **torbellino** 192, 198 D. Manoel de Portugal. — Vide **torbelino**.

tubaras da terra por **tubera**. 103, 396. Lat. *tuber tubera*; cfr. hesp. *turmas de tierra*; franc. *truffe*. — Cfr. G. V. III 149.

tufos s. pl.: *partes relevadas, inchadas, do fato*. 164, 288 **empolar-se em tufos**: *fazer extravagancias no vestuario*.

Tunes por **Tunis** 112, 17 Ded.; 165, 16 Ded.

tura por **dura** s. fem.: *duração* 102, 876 var. p. 727.

turar por **durar** 115, 45 e 96. — Cfr. Mayans 68.

Turbio: **Toribio**, nome proprio 112, 387 p. 721.

tuvon por **tuvieron** 112, 314. — Vide **puson plugon pudon**.

U.

u: *onde* lat. *ubi* franc. *ou*. 103, 95, 96, 97: *u-lo aquele grande amigo? u-lo dos bofes lavados* e *u te nos sumiste?*; 116, 160—161 var. — Cfr. G. V. I 113; III 69; Leitão Andr. p. 431. — Gall. *ulo ula* etc.; berc. *aulo aula*; cast. *adolo* 102, 61—64 var.: *onde está elle?*

ũa hũa: *uma huma*, forma constante ainda entre os quinhentistas. — 108, 133 *ũa* rima com *sua* (lat. *sudat*) e *nua* (*nuda*).

um vide **hum**.

ussa usso: *ursa urso*, formas antigas e pop., as unicas que Miranda empregou. 108, 232; 140, 6; 150, 253.

urriar: 1º *urrar, bramir*, dicto do gado ovelhum e cabrum; 2º *guiar o gado, chamando-o* 102, 134; 112, 387.

uvio s. m. **aullido**: *huivo uivo* 111, 477 var. — Lusitanismo. — Cfr. **huviar**.

V.

va por **vai vae** 104, 228; 150, 400. Ou será identico ao moderno *vá* (subj.): *seja, eu consinto!*

vadar*: *passar a vao* 106, 158 var. F. — Talvez simplesmente erro de copista por *nadar*.

vado* por **vao** 148, 78. É mais provavel que *vados* seja erro por *nadas*. — Vide p. 852 e cfr. **vadar**.

vaganao pl. **vaganaos**: *maroto, muito esperto, vivo e inquieto* 103, 599 e 164, 591: **olhos vaganaos**. — Cfr. o moderno (astur. *mangullon*) *maganão* (*manganão*) plur. *maganões* augmentativo de *magano*. *Olhos maganões* hoje valem por *um pouco lascivos*. Miranda nos Vilhalpandos II 1 emprega *vaganão* s. m. com a significação de *vadio, vagabundo*. — Vide **irmao** e **serao** e cfr. Prestes p. 131.

vala valas por **valga valgas** de *valer* 102, 5 e 615; 113, 207.

valde, em — por **em balde, de balde** 104, 95 var.

valle s. fem. 111, 518; 113, 267 e 268. Cfr. 76, 3 e 15 **o da Valle**.

valo por **vallo** 103, 408 *levantar vallo: fazer uma distincção*.

varapao s. fem.: **a vara pao** pl. **as varapaos**; hoje *o varapau* 103, 598; 164, 591. — Cast. *el varapalo*, Böhl, Ant. Teat. p. 361.

varejo: *colheita de azeitonas varejadas??* ou *faro farejo?* 150, 218.
varzino adj.: hesp. *barcino barceno* i. é *ruivo, acastanhado.* 164, 24 e 43 onde é o nome d'um cão de caça. — Cfr. Canc. de Res. II 227 *ruivo* (e não *raivo*) *como cão varzino*, e Miranda 102, 193 onde Sancho falla do seu cão „*vermejo*".
vas forma antiga por **vais** 127, 60; 147, 40; 164, 243 e 244. — Gall. *vas*. — Cfr. G. V. I 167.
vasque s. m. alterna com **vasco** (102, 632 p. 703) e **vasca** por **basca**, port. **vasca**: *movimento convulsivo, nausea, agonia, angustia* 102, 805 e 953.
ve vee por **vay** antiga forma de **va**, imper. de ir: *vai* (= lat. *vadi*) 113, 64, 239; 151, 139, 141.
vea* por **via**? ou por **vena**: *vea, veia?* 115, 63 p. 724 em rima com *sea* e *aldea*: **quando el sol media la vea** = *quando está no pino? no ponto culminante?*
vedes por **veis** 102, 952 e 953.
venado: *veado*; cast. usual *ciervo* 112, 363 e p. 721. — Fita 261. — Cfr. port. **cervo** por **veado**, que é a palavra usual, 103, 645.
vencelho por **vencilho** (lat. *vinciculum* de *vincire*): *atilho de palha para atar as paveas.* 164, 230 *Têm as cousas seu começo, têm sua fouce e vencelho: o seu fim.* — Cfr. *sem atilho nem vencilho*; e vide Mello p. 62 *vencelho*, p. 53 *envencilhar.*
ventisquero no sentido de **ventisca**: *vento forte, grande ventania* 115, 70 var. — Cfr. G.V. I 83 *pedrisquera.*
vera: *beira, ribeira, margem* 192, 312 D. Manoel de Portugal. — Estrem., gall. e astur. *vera.*
verba(s) } termos juridicos: *apostil-*
verbo(s) } *las* (lat. *verba* pl. de *verbum*) 103, 90 e p. 707; 116, 152; 164, 184.
verlo ant. forma de **vello** lat. *vellus* 100, 59 (vide p. 763); 163, 36. — Cfr. Canc. de Res. I 295; Goes, Chronica II p. 416. — Franc. ant. *verle.*
verné vernás por **vendré vendrás** 102, 423; 112, 41 Ded. p. 717; 115, 29. — Vide **porné, terné.**
vertude por **virtude**, variante simplesmente orthographica 164, 88 e 466.
vertuoso por **virtuoso** 117, 246.
vesigar 164, 686 onde parece significar: *comer.* — N'este caso derivar-se hia d'um typo latino-barbaro *vescicari* por *vesci.*
vespora por **vespera** 103, 363.
veu por **veio** (lat. *venit*) 150, 338.
vezado alterna com **avezado**: *acostumado* 108, 296.
vezinhança por **visinhança** 110, 133 var.
vezinho por **vizinho** 103, 578; 164, 566 e 625.
vezo: *vezo, vicio, mau costume* 102, 684. — Cfr. G. V. III 168 e Mayans 93.
vide vido por **vio vi**: *viu vi* lat. *vidit vidi* 102, 187 e 433; 111, 137; 113, 314; 115, 29 Ded.
vieja del arco: Iris, o arco-iris, personificado debaixo da forma de uma velha 112, 290. — Cfr. port. gall. *arco da velha.* — Lusitanismo.
vien por **vienen**: *vêm veem* 112, 6, 238; 146, 20. — Lusitanismo.
vierso por **verso** 112, 313 p. 721; 192, 343 D. Manoel de Portugal.
vim por **vi** 1. p. s. do perf. de *ver* 104, 245—246 var. em rima com *fim* e *Caim.* — Galleguismo. —

Gall. e berc. *vin din salin nacin* por *vi di sali naci* etc. Cfr. Pratica 255 s. v. *rabim*, e Mello p. 70 *fum* por *fu fui*.

vir no sentido de *convir*, *combinar* 150, 466.

vitoria, orth. phon. de **victoria** 148, 52.

vitorioso, orth. phon. de **victorioso** 114, 55; 148, 113.

vivenda: *domicilio, acto de viver domicilado em alg. logar* 106, 109.

vizino ant. por **vecino**: *vizinho* 88, 8 (lat. *vicinus*).

vodas: *festas* 116, 48; 164, 76 e 274.

volvedor por **envolvedor** 117, 301. — Vide **envolvedor embolvedor**.

voo alterna com **vô** 116, 144; 164, 173.

X.

xarcia alterna com **enxarcia** 108, 358.

xudreiro: adj. derivado de um simplex *xudro* por *xurdo*, que representa o latim *sordidus* 164, 338: **porco xodreiro**. — Cfr. *lã churda* = *lã não lavada*, suja e *enxodreiro enxurdeiro*: *lamaçal, lodaçal*; *enxurdar-se*: *revolver-se na lama*, e o proverbio *Janeiro porcos em xodreyro*. — Cfr. tambem cast. *cerdo* por *serdo suerdo sordo* do mesmo adj. latino *sordidus*.

Z.

zagalejo: *zagal, moço* 117, 151.

zagalejo: *moço, rapaz* 102, 175 p. 690.

zagaleto: *zagalejo, zagal, moço* 116, 493.

zapateta: *sapateta, o som que se faz saltando, e tocando os saltos das sapatas um no outro, como fazem dançarinos e bailadores de terreno*. 102, 686—693 var. **F**. Cfr. *a dança do sapateado*. — Vide G. V. III 183.

zebelina alterna com **zibelina** 104, 279. — Cfr. hesp. *cebellina*, Tafur p. 155 e 583.

zunido por **zumbido**: *zunido, o zum zum, o susurro das abelhas* 151, 65. — Lusitanismo.

Fontes

ou

Lista das Obras consultadas

e

citadas abreviadamente.

Adamson = John Adamson, Memoirs on the life and writings of Luis de Camoens, London 1820, 2 voll.

Ag. da Cruz = Fr. Agostinho da Cruz, Varias Poezias, Lisb. 1771.

Aires Telles de Menezes = Obras Ineditas publ. por A. Lourenço Caminha, Lisb. 1792. Vol. II: Obras Ineditas de Aires Telles de Menezes e de Estevão Rodrigues de Castro.

Alcazar = Baltasar de Alcazar, Poesías, em: Biblioteca de Autores Españoles. Vol. 32: Poetas líricos de los siglos XVI y XVII, Madr. 1854.

Alex. = El libro de Alexandre, em: Poetas Castellanos anteriores al siglo XV. — Bibl. de A. Esp., vol. 57.

Almeida Garrett = Obras do Visconde de Almeida-Garrett. Tomo IV: Romanceiro, Lisb. 1863, 3 voll.

Alvares do Oriente = Fernão Alvares do Oriente, Lusitania transformada, Lisboa 1781.

Am. de los Rios = D. José Amador de los Rios, Historia Crítica de la Literatura Española, Madr. 1861—65, 7 voll.

Andr(ada) = Francisco d'Andrada, Chronica de D. João III, Coimbra 1796, 4 voll.

Andr. Leit., v. Leitão.

Andr. Cam. = Poezias de Pedro de Andrade Caminha, publ. pela Academia, Lisb. 1791.

André de Resende = André de Resende, Vida do Infante D. Duarte, Lisb. 1789.

Annaes = Annaes de ElRei D. João III por Fr. Luiz de Sousa, publ. por A. Herculano, Lisb. 1844.

Arc. de Hita = Libro de Cantares de Joan Roiz, Arçipreste de Fita, em: Poet. Cast.; v. Alex.

A te de Gal. = D. Francisco de Portugal, Arte de Galanteria, Lisboa 1670.

Baena v. Canc. de Baena.
Barb. Mach. = Diogo Barbosa Machado, Bibliotheca Lusitana, Lisboa 1741—59, 4 voll.
Barb. Mach., Mem. = Diogo Barbosa Machado, Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo d'elrei D. Sebastião, Lisb. 1736—51, 4 voll.
Barrera y Leirado = D. Cayetano Alb. de la Barrera y Leirado, Catálogo Bibliográfico y biográfico del Teatro Antiguo Español, Madr. 1860.
Barros, Rhopica pneuma } = João de Barros, Compilação de varias obras,
Barros, Catec. } publ. pelo visconde de Azevedo, Porto 1869.
Barros, Pan. = Panegyricos do grande João de Barros, publ. por J. Fr. Monteiro de Campos Coelho e Souza, Lisb. 1791.
Barros, Dec. = Decadas da Asia de João de Barros, Lisb. 1777 e 78.
Bartsch = Karl Bartsch, Chrestomathie Provençale, Elberfeld 1868.
Berc. = Ensayos poeticos en dialecto berciano por D. A. Fernandez y Morales, Leon 1861.
Berceo = Maestre Gonzalo de Berceo, em: Poet. Cast. etc., v. Alex.
Berceo, S. Mill. = Estoria de Sennor Sant Millan, ibid.
Berceo, Mil. = id., Milagros de Nuestra Sennora, ibid.
Bibl. Crit. = Bibliographia Critica, publ. por F. A. Coelho, Porto 1875.
Bibl. d. A. E. = Biblioteca de Autores Españoles, Madrid Rivadeneyra.
Bluteau = D. Raphael Bluteau, Vocabulario Portuguez e Latino, Coimbra 1712—28, 8 voll. — Supplemento, Lisboa 1727—28, 2 voll.
Boav(entura) = Fr. Fortunato de S. Boaventura, Collecção de Ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV, Coimbra 1829, 3 voll.
Böhl, (Floresta) = D. Nicolas Böhl de Faber, Floresta de rimas antiguas castellanas, Hamburgo 1821—23, 3 voll.
Böhl, Teatro = id., Teatro Español anterior á Lope de Vega, Hamburgo 1832.
Boscan = Las obras de Juan Boscan, publ. por W. Knapp, Madr. 1875.
Br., Ant. = Theophilo Braga, Antologia Portugueza, Porto 1876.
Br., Arch. Açor. = id., Cantos populares do Archipelago Açoriano, Porto 1869.
Br., Bibl. Cam. = id., Bibliographia Camoniana, Lisb. 1880.
Br., B. R. = id., Bernardim Ribeiro e os Bucolistas, Porto 1872.
Br., Cam. = id., Historia de Camões, Porto 1873, 74, 75, 3 voll.
Br., Canc. = id., Cancioneiro Popular, Coimbra 1867.
Br., Cat. = id., Catalogo Geral dos Poetas Portuguezes no seculo XVI, em: Hist. de Cam. vol. 3, p. 584.
Br., Flor. = id., Floresta de varios romances, Coimbra 1868.
Br., Man. = id., Manual da Historia da Litteratura Portugueza, Porto 1875.
Br., P. Pal. = id., Poetas Palacianos, Porto 1872.
Br., Parnaso = id., Parnaso de Luiz de Camões, Porto 1880, 3 voll.
Br., P. Pop. = id., Historia da Poesia Popular Portugueza, Porto 1867.
Br., Quinh. = id., Historia dos Quinhentistas, Porto 1871.

Br., Rom. = Theophilo Braga, Romanceiro Geral, Coimbra 1867.
Br., Theatro = id., Historia do Theatro Portuguez, Porto 1870—71, 4 voll. (Vol. II: Theatro do sec. XVI).
Br., Theoria = id., Theoria da Historia da Litteratura Portugueza, Porto 1872; 3ª edição, Porto 1881.
Br., Trov. = id., Trovadores Galecio-portuguezes, Porto 1871.
B. Rib., M. M. = Bernardim Ribeiro, Menina e Moça, Colonia 1559.
Brito, El. = Fr. Bernardo de Brito, Elogios dos Reis de Portugal, Lisb. 1603.
Brito, Mon. Lus. = Fr. Bernardo de Brito, Monarchia Lusitana, Lisboa 1806.
Burckhardt = Jacob Burckhardt, Die Cultur der Renaissance in Italien, herausgeg. von L. Geiger, Leipzig 1877.
Caminha, v. Andr. Cam.
Camões, Amph. = Camões, Auto dos Amphitriões.
Camões, Ed. J. = Obras de Luiz de Camões, publ. pelo Visconde de Juromenha Lisb. 1860—69, 6 voll.
Camões, Ed. Br. = Obras completas de Luiz de Camões, publ. por Theophilo Braga, Porto 1874.
Canc. de Baena = El Cancionero de Juan Alfonso de Baena, publ. por Francisque Michel, Leipzig 1860, 2 voll.
Canc. d'Ev. = Cancioneiro d'Evora, publ. por V. E. Hardung, Lisb. 1875.
Canc. de Nag. = Cancionero general de obras nuevas, p. Est. de Nagera, publ. por A. Morel-Fatio, em: L'Espagne au XVIe et au XVIIe siècle, Heilbronn 1878.
Canc. de Res. = Cancioneiro Geral, Altport. Liedersammlung des Edlen Garcia de Resende, ed. E. H. v. Kausler, Stuttgart 1846. 48. 52, 3 voll.
Canstatt = Oscar Canstatt, Brasilien, Land und Leute, Berlin 1877.
Cardoso = Pe Luis Cardoso, Diccionario Geographico, 2 voll., Lisboa 1747 e 1752.
Carvalho = Aug. de Carvalho, O Brazil, Porto 1876.
Carvalho, Chor. = Carvalho da Costa, Chorographia Portugueza, Lisboa 1706—12, 3 voll.
Castilho, A. Ferreira = Julio de Castilho, Antonio Ferreira, poeta quinhentista, Rio de Janeiro 1875, 3 voll.
Castillejo = Cristóbal de Castillejo; v. Alcazar.
Cat. da Arm. = Catalogo de la Real Armeria por D. J. Maria Marchesi, Madr. 1849.
C. C. Branco = Camillo Castello Branco, Curso de Litteratura Portugueza, Lisb. 1876 (vol. II; o Io é de Andrade Ferreira; v. p. I).
C. G. = Cancionero General.
Chiado, Auto d. Regat. = Antonio Ribeiro, o Chiado, Auto das Regateiras. Folha vol. s. l. n. d.
Chorographia = J. M. Baptista, Chorographia Moderna do Reino de Portugal, Lisb. 1874—78, 6 voll.

Clenardo = Nicolai Clenardi Epistolæ, Hanoviæ 1606.
Chr(ist). Fal. = Obras de Christovam Falcão, publ. por Theoph. Braga, Porto 1871.
C. M., Ant. = C. Michaëlis, Antologia Española, Leipzig 1875.
Coelho, Contos = Contos Populares Portuguezes, coll. por F. A. Coelho, Lisb. 1879.
Costa = Emanuelis Costæ in celeberrimas iuris Cæsarei leges & paragraphos Commentarii etc., eiusdemque dulcissima varia carmina, Salamanca 1584.
C. Pedroso, v. Pedr(oso).
C. (de) R., v. Canc. de Res.
Danza de la M. = Danza de la Muerte, v. Alex.
D. B. (Egl.) = Diogo Bernardes, Rimas Varias, O Lyma (Eglogas e Cartas), Lisb. 1820.
D. B., Bom Jesus = Diogo Bernardes, Varias Rimas ao Bom Jesus, Lisb. 1770.
D. B., Flores = Diogo Bernardes, Flores do Lyma, Rimas Varias, Lisb. 1770.
D. Duarte = Oração do Senhor D. Duarte, a qual disse no Real Collegio da Costa. — Em: Souza, Provas da Hist. Gen. vol. III.
Delic. = P. Antonio Delicado, Adagios Portuguezes, Lisb. 1651.
Diez, (E. W.) = Friedrich Diez, Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen, 3. ed., Bonn 1869, 2 voll.
Diez, Gr. = id., Grammatik der Romanischen Sprachen, Bonn 1870, 3 voll.
Diez, Port. Hofp. = id., Ueber die erste portug. Kunst- und Hofpoesie, Bonn 1863.
Dom. Sad. = Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, Domus Sadica, Lond. 1653.
Dozy = R. Dozy et W. H. Engelmann, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'Arabe, Leyde 1869.
Duran, Canc. = D. Ag. Duran, Cancionero y Romancero de Coplas y Canciones de Arte Menor, Madrid 1829.
Duran, Cat. = id., Catálogo por órden alfabético de varios pliegos sueltos. (Faz parte da obra seguinte).
Duran, Rom. = id., Romancero General, 2 voll., Madr. 1851—54 (voll. X e XVI da Bibl. d. A. Esp.).
Elucidario = Santa Rosa de Viterbo, Elucidario das Palavras etc. que antigamente se usaram, Lisb. 1865, 2 voll. (2ª ed.).
Est(evam) Castro, v. Aires Telles de Menezes.
Estrang(eiros) = Os Estrangeiros, Comedia de Sá de Miranda, Obras, Lisb. 1784.
Falc. de Res. = André Falcão de Resende, Obras, Coimbra 186.? (s. l. n. d.).
Ferreira = Antonio Ferreira, Poemas Lusitanos, Lisb. 1829, 2 voll.
Ferr. Vasc., Aulegr. = Jorge Ferreira de Vasconcellos, Comedia Aulegraphia, Lisb. 1619.
Ferr. Vasc., Eufr. = id., Comedia Eufrosina, Lisb. 1786.

Ferr. Vasc., Mem.
Ferr. Vasc., Tav. Red. } = id., Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda, Lisb. 1867.

Ferr. Vasc., Ulys. = id., Comedia Ulysippo, Lisb. 1618.

Fil. de Princ. = B. J. de Souza Farinha, Filosofia de Principes, Lisboa 1786, 2 voll.

Fonseca, Cat. = „Catálogo dos Autores e Obras que se lérao e de que se tomárão as autoridades para Composição do Diccionario da Lingoa Portugueza" (precede o Dicc. da' Academia), Lisb. 1793.

Franc. Dias = Analyse e combinações filosoficas sobre a elocução e estylo de Sa de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões. — Memorias de Litteratura Portugueza. Tomo IV. Lisb. 1793.

Franc. d'Holl., Des.
Franc. d'Holl., Fabr. } = Francisco de Hollanda, Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa; e Da Sciencia do Desenho, publ. por Joaquim de Vasconcellos, Porto 1879.

Franc. de Port., Cart.
Franc. de Port., Div. y Hum.
Franc. de Port., Pris. } = D. Francisco de Portugal, 1º Divinos y Humanos Versos; 2º Prisoens e Solturas de huma alma; 3º Carta a hum amigo, Lisb. 1652.

Freire, Refl. = Frco José Freire, Reflexões sobre a Lingua Portugueza, Lisb. 1863, 3 voll.

Fr. Ml. de Mello, v. Mello.

F. S., Comm.
F. S., Rim. Var. } = Faria e Sousa, Rimas varias de Luis de Camoens, commentadas, Lisb. 1685—89, 5 voll.

F. Wolf, Prag. Fl. Bl. = F. Wolf, Ueber eine Sammlung spanischer Romanzen in fliegenden Blättern auf der Universitäts-Bibliothek zu Prag. Wien 1850.

F. Wolf, Romanzenpoesie = F. Wolf, Ueber die Romanzen-Poesie der Spanier, Wien 1847.

Garcilaso = Garcilaso de la Vega, v. Alcazar.

Geibel = Emanuel Geibel, Volkslieder und Romanzen der Spanier, Berlin 1843.

G. Fructuoso = Dr. Gaspar Fructuoso, Saudades da Terra, Funchal 1873.

Goes, Chron. = Damião de Goes, Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Emanuel, Coimbra 1790, 2 voll.

Goes, Chron. D. João = Damião de Goes, Chronica do Principe D. João Coimbra 1790.

Goes e a Inquis. = Lopes de Mendonça, Damião de Goes e a Inquisição de Portugal (em: Annaes das Sciencias e Lettras), Lisb. 1858.

Groeber = Zeitschrift für Romanische Philologie, herausgg. von G. Gröber, Halle 1877—85.

Guia = Aug. Mendes Simões de Castro, Guia Historico do viajante em Coimbra e Arredores, Coimbra 1880.

G. V. = Gil Vicente, Obras, publ. por J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro, Hamburg 1834.

Herculano = Alexandre Herculano, Historia de Portugal, Lisb. 1863.

Hoffmann = Friedr. Wilh. Hoffmann, Blüthen portugiesischer Poesie, Magdeburg 1863.

Hollanda v. Franc. d'Holl.

Inn(oc). (da Silva) = Innocencio da Silva, Diccionario bibliographico portuguez, Lisb. 1858—70, 9 voll.

Jb. = Jahrbuch für Romanische und Englische Litteratur, herausgg. von Adolf Ebert (voll. I—V) und L. Lemcke (voll. VI—XV), Leipzig 1859—76.

Jorge Pinto, Auto R. e M. = Auto de Rodrigo e Mendo, na Primeira Parte dos Autos e Comedías Portuguezas, publ. por Affonso Lopes, Lisb. 1587.

J(uromenha) v. Camões.

L. Caminha v. Aires Telles de Menezes; e v. Perestrello.

Karl V. = Korrespondenz Kaiser Karl's V., herausgg. v. K. Lanz, Leipzig 1845, 3 voll.

Leit. / Leit. Andr. Misc. = Miguel Leitão de Andrada, Miscellanea, Lisboa 1867.

Leys d'Amors = Las Leys d'Amors publ. par Gatien-Arnoult, Paris 1841.

Lisandro y Roselia = Tragicomedia Lisandro y Roselia. Tomo III da „Coleccion de Libros Raros ó Curiosos", Madrid 1872.

Livros de Linhagem v. Mon. Port.

Lus. = Camões, Os Lusiadas.

Mayans = D. Gregorio Mayans y Siscar, Orígenes de la lengua española, publ. por Hartzenbusch y Mier, Madrid 1873.

Meirelles = Ant. da Cunha Vieira de Meirelles, Memorias de Epidemologia Portugueza, Coimbra 1866.

Mello = D. Francisco Manoel de Mello, As segundas tres Musas do Melodino, 3ª Parte das „Obras Metricas", Leon de Francia 1665.

Mello, Apol. = id., Apologos Dialogaes, Lisb. 1721.

Mello, Cart. = id., Cartas Familiares, Roma 1663, Lisb. 1752.

Mello, Fid. Apr. = id., O Fidalgo Aprendiz, Auto ou Farça, em: Obras Metricas, 3ª Parte.

Mello, Hosp. = id., Hospital das Lettras v. Apologos Dialogaes.

Mello, Memorial = id., Memorial a ElRei D. João IV, em: Carta de Guia de Casados, publ. por C. C. Branco, Porto 1873.

Mello, Tersicore = id., El tercer Coro de las Musas, 4ª Parte das „Obras Metricas".

Memorias = Memorias de Litteratura Portugueza, publ. pela Acad., Lisb. 1792—1806, 7 voll.

Mendoza, Knapp = D. Diego Hurtado de Mendoza, publ. por W. Knapp, Madrid 1877.

Michel = Francisque Michel, Recherches sur les Étoffes de Soie d'or et d'argent, Paris 1852.

Ml. de Port. = D. Manoel de Portugal, Obras, Lisb. 1605.

Mon. Script. = Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores, Lisb. 1850.

Montebello, Memorial = Memorial del Marques de Montebello. 1642.

Montebello, Vida = Marques de Montebello, Fel. Machado da Silva Castro Vasconcellos, Vida de Manuel Machado de Azevedo, Madrid 1660.

Montemayor = Jorge de Montemayor, Cancioneiro, Madrid 1588.
Ord. Aff. = Ordenações de D. Affonso V, Coimbra 1786, 5 voll.
Ord. Man. = Ordenações de D. Manoel, Coimbra 1797, 6 voll.
Ord. Fil. = Ordenações de D. Filippe, Lisb. 1727.
Osorio = Jeronymo Osorio, Da Vida e Feitos d'El-Rei D. Manoel, vertidos em portuguez pelo P. Frco Manoel do Nascimento, Lisboa 1804, 3 voll.
Pan. Phot. = Panorama Photographico de Portugal, publ. por A. M. Simões de Castro, Coimbra 1871—72. Anno II No. 10.
Parn. Lus. = Parnaso Lusitano. Paris, Aillaud 1826, 5 voll.
Pedr.(oso) = Z. Consiglieri Pedroso, Contribuições para uma mythologia popular portugueza (tiragem á parte da Revista „O Positivismo"), Porto 1880—81.
Per(estrello) = Obras Ineditas publ. por A. Lourenço Caminha, Lisb. 1791. Vol. I: Obras Ineditas de Pedro da Costa Perestrello e Francisco Galvão.
Petrus Martyr = Petrus Martyr, Opus Epistolarum, Amsterdam 1670.
Pina = Ruy de Pina, Chronica do Senhor Rey D. Affonso V, publ. pela Acad., Lisb. 1790.
Pinho Leal = A. Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, 10 voll., Lisb. 1873—85.
Piñol = D. Juan Cuveiro Piñol, Diccionario Gallego, Barcelona 1876.
Port. Pitt. = Portugal Pittoresco, publ. por A. M. Simões de Castro, Coimbra 1878.
Prat. = C. M. de Vasconcellos, Ein portugiesisches Weihnachtsauto: Pratica de Tres Pastores. Braunschweig 1881.
Prestes = Autos de Antonio Prestes, publ. por Tito de Noronha, Porto 1871.
Raynouard = F. J. M. Raynouard, Choix des poésies originales des troubadours, 1816—21, 6 voll.
Rebello da Costa = Ag. Rebello da Costa, Descripção topographica e historica da cidade do Porto, Porto 1789.
Res. = Canc. de Res.
Res., Chron. }
Res., Misc. } = Garcia de Resende, Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey D. Joam II. Com outras obras etc., e vay acrescentada a sua „Miscellanea". Coimbra 1798.
Res., Hist. d'Evora = André de Resende, Historia da antiguidade da cidade de Evora, Lisb. 1783.
Rodr. Lobo = Obras de Francisco Rodrigues Lobo, Lisb. 1723.
Romania = Romania, Recueil trimestriel consacré à l'Étude des Langues et Littératures Romanes, publ. par Paul Meyer et Gaston Paris, 13 voll., Paris 1872—85.
Ros. = Rosalia Castro de Murguia, Cantares Gallegos, Madrid 1872.
Saco Arce = D. Juan A. Saco-Arce, Grammatica Gallega, Lugo 1868.
Salvá, Cat. = D. Pedro Salvá y Mallen, Catálogo de la Biblioteca de Salvá, Valencia 1872, 2 voll.

Santarem, Quadro = Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, publ. pelo Visconde de Santarem. Paris 1842—54, voll. 1—8 e 14—15; e por Rebello da Silva, Lisb. 1858—59, voll. 16—17.

Sanazzaro = Jacopo Sanazzaro, Arcadia, Milano 1806.

Schäfer = Dr. Heinrich Schäfer, Geschichte von Portugal, Hamburg 1836, 5 voll.

Sismondi = Sismonde de Sismondi, De la littérature du midi de l'Europe, Paris 1829, 4 voll.

Souza = P. Ant. Caetano de Sousa, Historia Genealogica da casa real portugueza, Lisb. 1735—48, 12 voll.

Souza, Pr(ovas) = id., Provas da Hist. Gen., Lisb. 1739—48, 6 voll.

Storck = Wilhelm Storck, Luis de Camoens' Sämmtliche Gedichte, zum ersten Male deutsch. Paderborn 1880—85, 6 voll.

Stuñiga = Cancionero de Stuñiga. Tomo IV da „Coleccion de Libros Españoles Raros ó Curiosos", Madrid 1872.

Tafur = Andanças e viajes de Pero Tafur. Tomo VIII da mesma Collecção. Madrid 1874.

Teive = Jacobi Tevii Opuscula, Parisiis 1762.

Tirso de Molina = Comedias de Tirso de Molina, Bibl. de A. Esp., vol. V.

Vasconcellos, Anaceph. = Ant. Vasconcellii Anacephalæoses et regni Lusitani Descriptio, Coimbra 1783, 2 voll.

Vida de D. Luiz = D. José Miguel João de Portugal, Vida do Infante D. Luiz, Lisb. 1735.

Vida de Ml. Machado v. Montebello.

Vilhalp. = Os Vilhalpandos, Comedia de Sâ de Miranda, Obras, Lisboa 1784.

Vilhena Barbosa = Cidades e Villas da Monarchia Portugueza, Lisboa 1860, 3 voll.

Zeitschr. } v. Groeber.
Ztschr. }

Lista das Principaes Erratas.

(Omittiram-se aqui as Erratas do Texto, já consignadas em as Notas d'esta edição.)[1]

	Erro.	Emenda.
p. IX, l. 42	por isso o mesmo	por isso mesmo
XI, 29	futis	futeis
XV, 31	Durante	Durante a
XIX, 20	aperfeiçoada	aperfeiçoado
XXXII, 32	donatorio	donatario
LXX, 6	**A**	A
LXXI, 2	á	a
LXXIII, 40	farão	forão
LXXIV, 29	latim	latino
LXXVI, 18—19	professional	profissional
LXXVII, 27	latim	latino
LXXIX, 27	peravilho	peralvilho
LXXIX, 36	despreciada	despreçada
LXXXVI, 31	até o	até ao
XCV, 7	quem	que
XCV, 14	reeditata	reeditada
XCVII, 10	E	É
CXXIV, 15	esse,	esse.[1])
CXXV, 17	um	uma
CXXXIV, 9	quel	que
13, 29	desânçarei	descançarei
18, 15	13	14
28, 21	2	3
47, 33	20	18
69, 14	12	11
115, 6	mengua	mengua?
115, 33	358	356

[1]) Chamamos a attenção do leitor para um erro de paginação do prefacio: o No. CXX, que está repetido depois de CXXI, deve lêr-se CXXII, o seguinte CXXIII; segue depois CXXIV e CXXV bem; depois leia-se CXXVI em logar de CXXIV, e CXXVII em logar de CXXV. De CXXVIII em diante continua certa a numeração.

	Erro.	Emenda.
125, 3	mi cierto	mí, cierto,
150, 7	erstraña	estraña
155, 15	os meus	vós os meus
158, 33	55—56	56—57
158, 34	55	57
164, 34	230	231
171, 37	428	427
172, 15	honra;	honra,
176, 12	ás	as
213, 25	licenca	licença
261, 5	desengano,	desengano
261, 17	tercera	terceira
352, 11—12	La sobervia amenaza O el ruego blando	La sobervia amenaza o el ruego blando
366, 19	alturas,	alturas
367, 2	desmaian	desmaian!
417, penult.	haja	ha já
450, 13	189	201
465, 24	redondeza	redondeza.
503, 8	estrece,	estrece
517, 7	salada,	salada
532, 20	querido.	querido?
557, 8	ás	as
557, 27	contrairo	contrairo;
560, ult.	liberdade	liberdade,
575, 1	julío	julio
579, 5	collegidas	colligidas
583, 18	orejas.	orejas
590, 32	esculpidas	esculpida
621, 6	llorando io,	llorando, io
684, 12	sus	seus
684, 26	licões	lições
712, 21	colleccioas	colleccionar as
715, 3	264	284
717, 6	537	547
717, 11	ponio	ponia
717, 22	reina	reino
719, 21	la	las
720, 25	las	los
734, 24	dize el	, dize el
736, 6	Ad izer	A dizer
748, 43	ao qual	a qual
752, penult.	Poetos	Poetas
758, 33	descenhecidos	desconhecidos
761, 12	1521—43	1515—40

	Erro.	Emenda.
763, 6	villus	vellus
763, 10	licão	lição
765, 42	antor	autor
771, 33	attendemos	attendermos
773, 43	o quietude	a quietude
775, 1	que	os quaes
777, 16	251—290	261—290
778, 5	essa	esta
782, 45	anterior	posterior
784, 13	Bonaventura	Boaventura
792, 40	residia	residira
793, 4	portando	portanto
793, 8	obrigo	abrigo
797, 11	contrucção	construcção
798, 5	passau	passou
798, 34	equival	equivale
800, 24	persuader	persuadir
802, 26	dedicadas	dedicados
815, 20	professão	profissão
817, 17	vier	vir
839, 28	inclinámos	nos inclinamos
841, 7	deixou	ficou
842, 12	imperfeitos	imperfeitas
857, 38	civilasação	civilisação
859, 42	como	com
864, 4	engana	engano
875, 29	muita	muito
898b, 31	hesphanhol	hespanhol
907b, 4	600 var.	615—616v.
920a, 25	iciños	iños.

Halle. Typographia de Ehrhardt Karras.

